PATRÍSTICA

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Comentário às Cartas de São Paulo/2

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

COMENTÁRIO ÀS CARTAS DE SÃO PAULO/2

Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios

Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios

Índice

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como "Padres da Igreja", ou "santos Padres", e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora *procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento.* Paulus Editora *quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.*

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da

“teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora *oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (…) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber,* Patrologia, *S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).*

A Editora

TOMO I

HOMILIAS SOBRE A PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS[1] DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

INTRODUÇÃO

Corinto, atualmente a cidade principal da Grécia, outrora possuía afluência de recursos terrenos e superava as demais cidades por suas abundantes riquezas. Por isso um dos escritores pagãos a denominara *Aphneion*, isto é, a opulenta. Situada no istmo do Peloponeso, oferecia ótimas oportunidades ao comércio. Achava-se a cidade repleta de oradores e filósofos e um dos chamados sete sábios era natural de Corinto. Não é por ostentação que o mencionamos, nem para exibir erudição. De que adianta tal conhecimento? Todavia, concorre para se entender o conteúdo da Carta. Paulo muito sofreu nesta cidade, e Cristo, que lhe apareceu aí, lhe disse: "Continua a falar, não te cales, pois tenho um povo numeroso nesta cidade" (At 18,9-10). E ele permaneceu ali dois anos. Ali também foi expulso o demônio, o qual maltratou os judeus que o exorcizavam. Ali também alguns, arrependidos, trouxeram para queimar os livros de magia e parece que eram cinquenta mil. Ali, finalmente, Paulo[2] foi açoitado, diante do tribunal do procônsul Galião (cf. At 18,17). Vê o diabo que aquela grande e populosa cidade, admirável pela riqueza e sabedoria, e capital da Grécia – Atenas e Esparta haviam perdido a antiga hegemonia e achavam-se miseravelmente prostradas – acolhera a verdade, e verifica que recebia de bom grado a palavra de Deus; então, o que faz? Lança a discórdia entre os homens, pois sabia que mesmo o reino mais poderoso, dividido em si mesmo, não pode subsistir. Ocasião oportuna para armar ciladas eram as riquezas e a sabedoria de seus habitantes. Então, estes se dividiram em facções e alguns se arrogaram por próprio arbítrio ficar à frente do povo. Uns aderiram a estes, outros àqueles, a uns como sendo mais ricos, a outros como mais sábios que podiam ensinar. Estes, reunindo seus partidários, gabavam-se de ensinar melhor do que o Apóstolo, conforme o que ele sugere, nesses termos: "*Não vos pude falar como a homens espirituais*" (1Cor 3,1). Certamente, se acontecia que eles não ouviam tratar de muitos assuntos, não era devido a uma carência de Paulo, mas à sua própria fraqueza, segundo a declaração: "*Já estais ricos, sem nós!*" (1Cor 4,8). E dividir a Igreja não é questão sem importância, e sim a mais perniciosa. Além disso, ali mesmo fora perpetrado outro crime: certo homem, que vivia com a mulher de seu pai, não fora exprobrado, mas ainda amotinara e induzira seus sequazes a se orgulharem disso. Por esta razão, declara o Apóstolo: "*E vós estais cheios de orgulho! Nem mesmo vos mergulhastes na tristeza*" (1Cor 5,2). Ademais, alguns que se diziam mais perfeitos, reclinados nos templos e pregustando por gula carnes imoladas aos ídolos, tudo punham a perder. Outros em disputas e contendas por questões pecuniárias, levavam suas causas a tribunais pagãos. Muitos também andavam no meio deles com cabelos compridos, e ele lhes ordena que os cortem. Havia ainda outro delito significativo: alguns isolados tomavam a refeição na igreja, e os necessitados não a partilhavam. Além disso, pecavam porque tinham em alta estima os carismas, e por causa disso havia emulação entre eles, o que dividia principalmente a Igreja. A doutrina sobre a ressurreição claudicava, porque uns, ainda atacados da loucura dos gregos, não acreditavam absolutamente na futura ressurreição dos corpos. Na verdade, tudo isto derivava da estultice da filosofia pagã, mãe de todos os males. Dividiam-se por causa do que haviam aprendido dos filósofos. Efetivamente, eles mutuamente entre si se opunham, sempre atacando a opinião dos outros por ambição de domínio e vanglória, e aplicavam-se a acrescentar coisas novas às antigas. Assim lhes

sucedia, porque se entregavam a seus raciocínios. Eles escreveram ao Apóstolo por intermédio de Fortunato, Estéfanas e Acaico, pelos quais ele também responde. Revela-o no fim da Carta, onde não fala de tudo, mas acerca do casamento e da virgindade. Dizia: *"Passemos aos pontos sobre os quais me escrevestes"* (1Cor 7,1). Por conseguinte, elaborou a Carta acerca do que eles haviam escrito e do que não haviam perguntado, porque tomara exato conhecimento das falhas deles. E enviou também Timóteo com a Carta, bem ciente de que as cartas têm grande força, e a presença do discípulo haveria de conferir não pequeno reforço. De fato, os que haviam dividido a Igreja, receosos de parecerem ter agido por ambição, excogitaram um pretexto para seu modo de agir, a saber, que ensinavam doutrinas mais elevadas e eram mais sábios que os demais; contra esta moléstia em primeiro lugar se insurge Paulo, abafando a raiz dos males, bem como a dissensão daí proveniente e emprega grande ousadia no falar. Com efeito, eles eram mais do que todos seus discípulos; por isso, diz: *"Ainda que para outros eu não seja apóstolo, para vós, ao menos, o sou; pois o selo do meu apostolado sois vós"* (1Cor 9,2), e eram mais fracos que os outros; por esta razão diz: *"Não vos pude falar como a homens espirituais... pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis"* (1Cor 3,1-2). Assim se exprime a fim de que não pensassem que ele se referia ao passado. Por esse motivo, acrescenta: *"Mas nem mesmo agora podeis"*. De resto, é provável que nem todos fossem corruptos, mas alguns dentre eles eram grandes santos. Assinala-o no meio da Carta, nesses termos: *"Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós"* (1Cor 4,3), e acrescenta: *"Eu me tomei como exemplo juntamente com Apolo"* (1Cor 4,6). Uma vez que os males todos eram gerados pela arrogância, e porque julgavam saber mais, cura sobretudo esse mal.

PRIMEIRA HOMILIA

Endereço e saudação. Ação de graças

1. *Paulo, chamado a ser apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e Sóstenes, o irmão,*

2. *à Igreja de Deus, que está em Corinto, àqueles que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, em qualquer lugar, deles e nosso.*

3. *Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!*

Vê como logo no início rejeita a arrogância, e projeta para longe toda a estima própria deles, declarando-se chamado. Com efeito, não inventei o que ensinei, nem o apreendi por minha própria sabedoria, mas quando perseguia a Igreja e a devastava, fui chamado. Nesta atuação, tudo provém de quem chama, nada do que é chamado, por assim dizer, senão obedecer. *"Em Cristo Jesus"*. Vosso mestre é Cristo; e vós, homens, vos erigis em prepostos ao ensino? *"Por vontade de Deus"*. Foi, de fato, assim que Deus quis vos salvar. Na verdade, nós nada fizemos de bom, mas encontramos a salvação *"por vontade de Deus"* e fomos chamados porque lhe aprouve, não porque fôssemos dignos.

Novamente age com modéstia, colocando-se na mesma altura que um muito inferior; de fato, havia muita distância entre Paulo e Sóstenes. Se quando a diferença era tão grande, colocou-se na mesma altura de um subordinado, o que podem alegar aqueles que desprezam os seus pares?

"À Igreja de Deus", não deste ou daquele, e sim *"de Deus. Que está em Corinto"*. Vês como cada expressão rebaixa o fausto deles, acostumando-os a elevar a mente ao céu em tudo? Denomina-a *"Igreja de Deus"*, mostrando que deve ser unida. Com efeito, se é de Deus, é unida e una, não apenas em Corinto, mas também em todo o orbe. De fato, o nome de Igreja não designa separação, mas união e concórdia. *"Àqueles que foram santificados em Cristo Jesus"*. Mais uma vez apresenta o nome de Jesus, e em parte alguma nomes humanos. O que é, porém, a santificação? O batismo, a purificação.

Relembra-lhes a impureza, da qual foram libertados, e persuade-os a ter pensamentos humildes, porque não foram santificados por suas boas obras, mas pela benignidade de Deus. *“Chamados a ser santos.”* Com efeito, o fato mesmo de serdes salvos pela fé não vem de vós; não fostes vós os primeiros a aceder, mas fostes chamados. Por conseguinte, nem este pequeno ato é todo vosso. Apesar de vos terdes aproximado, enquanto sujeitos a inúmeros males, nem por isso a graça seja atribuída a vós, e sim a Deus.

Por essa razão também, ao escrever aos efésios, disse: “Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós” (Ef 2,8). Nem a vossa fé é toda vossa. Não viestes a seu encontro primeiro, pela fé, mas obedecestes ao chamado. *“Com todos os que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo”*, não o nome deste ou daquele, porém, *“o nome do Senhor”. “Em qualquer lugar, deles e nosso.”* A carta foi escrita somente para os coríntios, mas relembra os fiéis de toda a terra; com isso evidencia que deve ser uma só a Igreja em todo o orbe, apesar de espalhada por muitos lugares, e mais ainda a Igreja em Corinto. Se o lugar separa, ao contrário o Senhor os congrega, porque é comum a todos. Por este motivo, reunindo-os, acrescenta: *“Deles e nosso”*. E isso é muito mais apropriado do que aquilo. Quando os que se encontram num só lugar têm muitos senhores que são adversários, ficam divididos, e o lugar em nada contribui para a concórdia, pois os senhores emitem ordens diferentes e os atraem a si (“Não podeis servir a Deus e ao dinheiro”, diz o evangelho, Mt 6,24); igualmente os que se acham em diversos lugares, se não tiverem senhores diferentes, mas um só, os lugares em nada prejudicam a concórdia, porque o único senhor os congrega. Não vos digo, portanto, diz ele, que, sendo coríntios, deveis estar concordes somente com os coríntios, mas com todos os que existem no orbe, porque tendes um comum Senhor. Daí o acréscimo em segundo lugar: *“Nosso”*. Tendo dito: *“O nome de nosso Senhor Jesus Cristo”*, para que aos estultos não parecesse que os separa, adita novamente: *“do Senhor, deles e nosso”*. No intuito de ficar mais claro o que digo, leia-se, conforme pede o sentido, da seguinte forma: Paulo e Sóstenes à Igreja de Deus, que está em Corinto, com todos os que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, em qualquer lugar, deles e nosso, seja em Roma, seja em qualquer lugar onde estiverem: *“Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!”* Ou ainda neste caso considero até melhor: Paulo e Sóstenes aos que estão em Corinto, àqueles que foram santificados, chamados a ser santos, com todos os que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, em qualquer lugar deles e nosso. Quer dizer: Graça e paz a vós, que estais em Corinto, santificados e chamados; não somente a vós, mas com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, nosso e deles. Se, na verdade, a paz se origina da graça, por que te ensoberbeces? Por que te enches de orgulho, uma vez que foste salvo pela graça? Efetivamente, se tens a paz com Deus, por que aderes a outros? Seria uma dissensão. O que seria se fizerdes a paz com este e com aquele e tiveres o seu favor? Eu, porém, peço que de Deus até vós proceda de ambas as maneiras: dele e junto dele. Não permaneceriam firmes, sem a graça do alto; e se não for junto dele, nada nos será de proveito. Se tivermos a paz com todos, e estivermos em luta contra Deus, de nada nos servirá, bem como nada nos prejudicará se formos atacados por todos e tivermos paz com Deus. Além disso, não há vantagem sermos agradáveis a todos e ofendermos ao Senhor, como também não há perigo algum se todos de nós se afastam e nos odeiam, e Deus nos aprova e ama. Efetivamente, a verdadeira graça e a verdadeira paz vêm de Deus. De fato, quem possui a graça de Deus, a ninguém teme, ainda que sofra inúmeros males graves; não digo da parte dos homens, mas nem mesmo do diabo. Quem, contudo, ofende a Deus, suspeita de todos, embora pareça estar em segurança. Pois o gênero humano é instável; e não somente amigos e irmãos, mas até pais, não raro por uma causa minúscula mudam de sentimentos e rejeitam os que eles geraram, procriaram, de modo pior do que a todos os inimigos; e filhos expulsaram os pais. Atenção!

Davi encontrou graça diante de Deus; Absalão diante dos homens. Conheceis que fim ambos tiveram e qual dos dois foi mais ilustre. Abraão encontrou graça diante de Deus, Faraó diante dos homens. Estes, de fato, para captar sua benevolência, lhe entregaram a esposa do justo; é evidente para todos qual o mais esplêndido, o mais feliz. E por que falo a respeito dos justos? Os israelitas encontraram graça junto de Deus e eram odiados pelos egípcios. Mas sabeis todos vós de que maneira notável superaram e dominaram aqueles que os odiavam. Esforcemo-nos todos por obter o seguinte: Se alguém é escravo, reze a fim de encontrar graça mais junto de Deus do que diante de seu dono. Se for mulher, procure antes a graça de Deus, seu Salvador, do que a do marido; se soldado, mais busque a benevolência do alto do que a do Imperador ou do príncipe; desta forma também será amável aos homens. Como, porém, encontrará alguém graça diante de Deus? De que outra maneira senão pela humildade? “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (1Pd 5,5); e: “Sacrifício a Deus é um espírito contrito, coração contrito e esmagado, ó Deus, tu não desprezas” (Sl 51,19). De fato, se entre os homens a humildade é tão desejável, muito mais diante de Deus. Assim, os oriundos dos gentios encontraram graça, e os judeus foram privados da graça. “Não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10,3). O humilde é aprazível e suave para todos, continuamente vive em paz, e não oferece ocasião alguma para lutas. E mesmo que o injuries, ofendas e digas o que for, cala-se e suporta com mansidão, e mantém paz inefável com todos, e ainda com Deus. Os preceitos de Deus, com efeito, tendem à paz entre os homens, e passamos a vida retamente se conservarmos a paz uns para com os outros. A Deus ninguém pode lesar; sua natureza é isenta do que é pernicioso e superior a todo sofrimento. Nada torna o cristão mais admirável do que a humildade. Escuta o que diz Abraão: “Eu sou poeira e cinza” (Gn 18,27). E Deus ainda afirma a respeito de Moisés que foi o mais manso de todos os homens. Ninguém foi mais humilde do que ele, o guia de tamanha multidão, que submergiu no mar o rei e todo o exército dos egípcios, como se fossem moscas, fez tantos milagres no Egito, tantos no mar Vermelho e no deserto, e apesar de tal testemunho, sentia-se como um homem do povo. E o genro era mais humilde que o sogro, e aceitou o conselho deste último. Não recebeu mal, não disse: O que é isto? Depois de tantos e tão ilustres feitos, vieste para nos dar conselho? É o que fazem muitos, pois, embora alguém dê um ótimo conselho, desprezam a humildade da pessoa. Entretanto, Moisés não agiu desta forma, mas por humildade pôs em prática tudo. Daí desprezar ele os palácios reais, porque era verdadeiramente humilde. A humildade produz uma mente sadia e elevada. Pensa na grandeza de prudência e de ânimo que possuía para desprezar a casa e a mesa do rei. De fato, os reis do Egito eram cultuados como deuses, e fruíam de milhares de riquezas e tesouros. No entanto, ele, renunciando a tudo, e lançando fora o cetro, correu para junto de cativos e oprimidos, que viviam no meio da argila e dos tijolos e aos quais os servos do rei abominavam (realmente, os egípcios deles tinham horror – cf. Ex 1,13). Acorreu para eles e preferiu-os aos senhores. Daí evidencia-se que era humilde, e era também excelente e magnânimo. De fato, a arrogância nasce de um espírito vil e de uma alma servil, e a moderação origina-se de um ânimo grande e excelso.

E se quiserdes, examinemos um e outro exemplo. Dize-me. Quem foi mais ilustre que Abraão? No entanto, era ele que dizia: “Eu sou poeira e cinza” (Gn 18,27); era ele que dizia: “Que não haja discórdia entre mim e ti” (Gn 13,8). Este homem humilde desprezou os espólios da Pérsia e menosprezou os troféus bárbaros. Assim agia devido à sua magnanimidade e celsitude. Na verdade, é sublime quem é sinceramente humilde, não adulador, nem zombeteiro. Daí se conclui que uma coisa é a magnanimidade, outra a arrogância. Se alguém considera a argila como argila e a menospreza, outro, porém, admira, julga que a argila é ouro e lhe dá importância, qual dos dois é magnânimo? Não será o que não admira a argila? Quem é vulgar e vil? Não será quem a admira e a tem em grande conta? Assim também Abraão pensa, porque, declarando ser ele poeira e cinza, é excelso, embora por

humildade o afirme; aquele, porém, que não se considera nem poeira, nem cinza, mas estima-se e cogita de grandezas a respeito de si mesmo, na verdade é vil, considerando grande o que é pequeno. Daí se manifesta que foi devido à sublimidade e magnanimidade que o patriarca proferiu estas palavras: "Eu sou poeira e cinza" (Gn 18,27). Foi por causa de seu elevado espírito, não por arrogância. Pois, relativamente aos corpos, uma coisa é estar bem e vigoroso, outra estar inchado, embora em ambos os casos aumente o volume da carne, mas num está corrupta, noutro sadia; assim também aqui, uma coisa é ser arrogante, isto é, inchado, outra ser sublime, isto é, vigoroso. Ainda, um possui alta estatura, outro é de baixa estatura, mas se este usar um salto fica mais alto. Pergunto: Qual dos dois denominamos alto e grande? Não é claro que é o de altura natural? O outro a adquire de fora, supera a inferioridade, e deste modo torna-se alto. Agem desta forma muitos homens, que se exaltam por causa das riquezas e da glória, o que não constitui sublimidade. Sublime é aquele que não precisa de nada, mas tudo despreza e tem em si mesmo a própria grandeza. Tornemo-nos humildes para nos transformarmos em elevados. "Aquele que se humilhar será exaltado" (Mt 23,12), diz a Escritura. Mas o que de tal modo é arrogante é o mais vil de todos. Também a pústula se incha, mas este inchaço não é sadio. Por isso dizemos que estes homens estão inchados. Os homens moderados nem acerca das coisas importantes cogita de grandezas, bem ciente de sua pequenez; o ignóbil até relativamente às coisas pequenas imagina grandezas. Galguemos, portanto, as alturas da humildade; perscrutemos a natureza humana, a fim de nos inflamarmos no desejo das realidades futuras. Não é possível tornar-se humilde senão através do amor das realidades divinas e desprezo das presentes. Se alguém está para se apossar do reino e logo em vez da púrpura alguém lhe oferecer uma honra vulgar, ele a terá por nada; também nós nos riremos de todas as dignidades presentes, se ambicionarmos aquela honra. Não vedes que os meninos brincam de regimentos e soldados, antepõem-se-lhes arautos e lictores e um deles marcha no meio como um general? A que ponto tudo isso é pueril! Tais são as realidades humanas, e até mais desprezíveis. Hoje existem e amanhã não existem mais. Estejamos acima de todas elas, e não somente não as desejemos, mas também sintamos vergonha se nos forem oferecidas. Desta forma, renunciando ao amor destes bens, conseguiremos o amor de Deus, e fruiremos da glória imortal. Possamos todos consegui-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDA HOMILIA

1,4. *Dou incessantemente graças a meu Deus a vosso respeito, em vista da graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus.*

5. *Pois fostes nele cumulados de todas as riquezas,*

O conteúdo da exortação que o Apóstolo dirigia a outros, nesses termos: "Apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela súplica, e em ação de graças" (Fl 4,6), ele próprio o praticava, ensinando-nos a sempre começar por aí e antes de tudo dar graças a Deus. Nada de mais aprazível a Deus do que sermos agradecidos, por nós e pelos outros. Por isso, em quase todas as cartas coloca o Apóstolo a ação de graças em primeiro lugar; aqui, porém, o faz por necessidade maior do que em outras cartas. Na verdade, quem dá graças, assim age tocado por um benefício, e retribui graça por graça. Com efeito, a graça não é um débito, nem recompensa, nem retribuição. Em toda parte importava assegurá-lo, mas principalmente aos coríntios, que estavam de acordo com aqueles que dividiam a Igreja. *"Meu Deus."* Por amor excessivo arrebata o bem que é de todos, dele se apropria; também os profetas costumavam repetir: "Deus, Deus meu". E exorta-os a que façam o mesmo. Pois quem assim se exprime, renuncia às realidades humanas e tende para Deus, a quem invoca com grande afeto.

Propriamente pode repeti-lo quem do ponto de partida dos bens deste mundo sobe para junto de Deus, sempre o prefere a tudo e continuamente dá graças, não somente pelos benefícios já concedidos, mas se ainda algo de bom acontece, por isso também emite louvores. Não disse, portanto, somente: *“Dou graças”*, mas também: *“Incessantemente a vosso respeito”*, instruindo-nos a sempre dar graças; a nenhum outro, porém, a não ser a Deus. *“Em vista da graça de Deus.”* Vês que em toda parte os corrige. Daí, se é graça, não são obras; onde são obras, não se trata mais da graça. Se, portanto, é graça, por que vos exaltais? Por que vos inchais de orgulho? *“Que vos foi dada.”* E por quem foi dada? Por mim, ou por outro apóstolo? Absolutamente não, mas por Jesus Cristo; a expressão: *“Em Cristo Jesus”*, tem este sentido. Vê que frequentemente se emprega: *“Em”* em vez de: *“Por quem”*. Não é menos: *“Em”* do que: *“Por”*.

“Pois fostes nele cumulados de todas as riquezas.” De novo, por quem? *“Nele”*, diz o Apóstolo. Não apenas vos tornastes ricos, mas: *“cumulados de todas”*. Por conseguinte, como se trata de riquezas, e riquezas de Deus, e de todas, e pelo Unigênito, pondera quão inefável é o tesouro.

Todas as da palavra e todas as do conhecimento

Não uma palavra externa, mas de Deus. De fato, existe ciência sem palavra, e existe ciência com palavra. Pois há muitos dotados de ciência, e não de palavra, como os iletrados, que não podem claramente exprimir aquilo que têm em mente. Vós, porém, não sois desses tais, diz ele, mas tendes a faculdade de pensar e de falar.

6. Em ordem aos louvores e às ações de graças, severamente os atinge. Não foi através da filosofia pagã, nem pela erudição externa que aprendestes, diz ele, os dogmas da verdade e fostes confirmados no testemunho do Senhor, isto é, no anúncio da palavra, mas pela graça de Deus, a riqueza da ciência e da palavra revelada por ele. Pois usufruístes de muitos sinais, de muitos milagres, de graça inefável para acolherdes o anúncio. Se, portanto, fostes confirmados por sinais e pela graça, por que vacilais? Palavras que servem simultaneamente para censurar e prevenir.

7. *a tal ponto que nenhum dom vos falte,*

Aqui se levanta difícil questão: Por que alguns são ricos em toda palavra, de sorte que nenhum dom lhes falte e são carnais? Se foram tais no princípio, muito mais agora. Como, então, os chama de carnais? “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão somente como a homens carnais” (1Cor 3,1). O que dizer? Que no início acreditaram, possuíam todos os carismas (e eram zelosos), e posteriormente se fizeram mais negligentes. Ou não é o caso, porque nem de todos se dizia uma coisa ou outra, mas uma era referente aos culpados, outra aos que mereciam elogios. Quanto ao fato de que ainda tinham os carismas, declara: “Cada um de vós pode cantar um cântico, proferir uma revelação, falar em línguas ou interpretá-las; mas que tudo se faça para a edificação!” (1Cor 14,26). E: “Quanto aos profetas, dois ou três tomem a palavra” (1Cor 14,29). É possível dizer coisa diversa. Segundo o nosso costume de que fale acerca de tudo quem é superior, assim também ele dispõe nesta passagem. Neste ponto julgo que insinua o que lhe é peculiar, conforme declara na Segunda Carta aos mesmos: “Os sinais que distinguem o apóstolo realizaram-se entre vós: paciência a toda a prova”; e ainda: “Que tivestes a menos do que as outras Igrejas” (2Cor 12,13)? Ou, conforme mencionei acima, lembra-lhes os seus próprios atos, ou também o afirma acerca daqueles que ainda eram comprovados. Havia, de fato, ali muitos santos, que se tinham dedicado ao serviço dos santos, e tornaram-se as primícias da Acaia, segundo o que declara no final. De outra forma, embora os louvores não fossem inteiramente de acordo com a verdade, no entanto são empregados com prudência a fim de preparar o caminho para o que há de dizer. Pois quem logo no começo proferir coisas importunas, fecha os ouvidos dos mais

fracos às restantes palavras. Se, portanto, os ouvintes forem de igual posição, irritam-se; se totalmente inferiores, sentem pesar. No intuito de que tal não suceda, ele inicia com palavras que parecem elogios. Com efeito, não era louvor dirigido a eles e sim à graça de Deus. Efetivamente, provinha de um dom do alto terem sido perdoados os seus pecados, e eles serem justificados. Por isso detém-se em citar provas da benignidade de Deus, a fim de curar-lhes mais facilmente a moléstia.

a vós que esperais a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo.

Por que vos agitais, diz ele, porque vos perturbais? Cristo não está presente? Está presente, realmente, e o dia já está às portas. E considera a sabedoria de Paulo, que faz com que abandonem as causas humanas, atemoriza ao mencionar o tremendo tribunal, e manifesta que se requer o início, e igualmente o fim. De posse destes carismas e de outras virtudes, importa rememorar aquele dia. Muito labor é necessário para se alcançar o fim.

Refere-se a uma revelação e manifesta que ela, apesar de invisível, existe, agora está presente, e então haverá de aparecer. Por conseguinte, é necessário ter paciência; aconteceram milagres a fim de permanecerdes firmes.

8. *É ele também que vos fortalecerá até o fim, para que sejais irrepreensíveis.*

Aqui parece acariciá-los; as declarações, contudo, são isentas de qualquer adulação. Sabe igualmente atacá-los, quando diz: “Julgando que eu não voltaria a ter convosco, alguns se encheram de orgulho”, e ainda: “Que preferis? Que eu os visite com vara ou com amor e em espírito de mansidão?” (1Cor 4,18.21) e: “Procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim” (2Cor 13,3)? Acusa-os implicitamente, ao dizer: “*Fortalecerá*” e: “*Irrepreensíveis*”, comprovando serem eles ainda vacilantes e culpados. Verifica que ele sempre apõe o nome de Cristo, e não de um homem, nem de apóstolo, nem de mestre, mas frequentemente menciona o nome amado, como se estivesse disposto a retirar alguns ébrios de certa embriaguez. Em nenhuma outra carta aparece tão frequentemente o nome de Cristo; aqui, em poucos versículos é empregado muitas vezes, e com este nome de certo modo tece a introdução. Considera, pois, mais acima: “*Paulo, chamado a ser apóstolo de Jesus Cristo aos santificados em Cristo Jesus, com todos os que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo! Dou incessantemente graças a meu Deus a vosso respeito, em vista da graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus. Na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, a vós que esperais a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. É ele também que vos fortalecerá até o fim, para que sejais irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo*”.

9. *É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com o seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.*

I. DIVISÕES E ESCÂNDALOS

1. OS PARTIDOS NA IGREJA DE CORINTO

As divisões entre fiéis

10. *Eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.*

Vês com que frequência cita o nome de Cristo? Daí se evidencia, até para os que são muito tolos, que ele não age em vão, ao acaso; mas a frequência deste belo nome desinflama o tumor deles, e expurga a podridão da doença. “*É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com o seu Filho.*” Ah! como é importante o que profere aqui! Exibe um dom magnânimo! Fostes chamados à comunhão com o Unigênito, e aderis a homens? Existe pior miséria? E de que maneira fostes chamados? Pelo Pai.

Uma vez que não raro tratava do Filho com as expressões: “por ele”, e “nele”, a fim de não se julgar ser ele menor que o Pai, atribui a ação ao Pai. Não fostes chamados por este ou por aquele, e sim pelo Pai; por ele fostes enriquecidos. Mais uma vez, fostes chamados, não viestes por iniciativa própria. O que significa a locução: *“À comunhão com o seu Filho”*? Ouve o que ele afirma com maior clareza em outra passagem: “Se com ele sofremos, com ele reinaremos. Se com ele morremos, com ele viveremos” (2Tm 2,12.11). Em seguida, tendo proferido significativa sentença, acrescentou um raciocínio seguro, sem contradição, pois assegurou: *“É fiel Deus”*, isto é, verdadeiro. Se é verdadeiro, cumprirá o que prometeu. Prometeu tornar-nos sócios do Filho Unigênito, chamando-nos, de fato. Pois seus dons e carismas são sem arrependimento, bem como o chamado de Deus. Agora, porém, em primeiro lugar, dispõe no discurso estes feitos, para evitar que, após uma acusação veemente, eles não caiam em desespero. Realmente, as promessas de Deus se cumprirão, a não ser que nos revoltemos excessivamente, à semelhança dos judeus que, chamados, não quiseram acolher tais bens.

De forma alguma ocasionou-o aquele que chamava, e sim a ingratidão deles. Deus, com efeito, queria dar, mas eles, por recusarem receber, acarretaram rejeição para si mesmos. Efetivamente, se Deus chamasse para uma ocupação laboriosa e rude, nem assim os refratários seriam dignos de perdão, mas ao menos teriam desculpa. Se, contudo, chama à purificação, à justiça, à santificação, à redenção, à graça, ao dom, aos bens reservados, que olho não viu, nem ouvido escutou e é Deus quem chama e chama por si mesmo, que perdão merece os que não acorrem? Ninguém, portanto, culpe a Deus. Não receber o depósito não depende de quem convida, mas dos refratários. Mas ele devia, replicas, arrastar mesmo contra a vontade. Ora esta! Deus não emprega força ou coação. De fato, quem convida para honrarias, coroas, banquetes e festas, e arrasta os convivas contra sua vontade e carregado de vínculos? Ninguém. Seria violência. Deus envia os homens a contragosto para a geena, chama para o reino os voluntários. Joga-os no fogo amarrados, apesar de seus gritos, mas não leva desta maneira para lá onde existem inúmeros bens. Pois isso tornaria odiosos os próprios bens, cuja natureza é tal que a eles se acorre livremente, e com a maior gratidão.

E por que, então, respondes, nem todos os escolhem? Por causa da própria fraqueza. E por que Deus não lhes tira a fraqueza? E por que motivo, dize-me, devia extirpá-la? Não fez a criatura consciente de sua benignidade e poder? Diz o salmista: “Os céus contam a glória de Deus” (Sl 19,2). Acaso não enviou profetas? Não os chamou e honrou? Não operou milagres? Não promulgou a lei, a positiva e a natural? Não enviou o Filho? E também os apóstolos? Não realizou prodígios? Não ameaçou com a geena? Não prometeu o reino? Não faz cada dia nascer o seu sol? Seus preceitos não são tão fáceis que muitos homens pela força de sua sabedoria vão além dos mandamentos? “Que me restava ainda fazer à minha vinha que eu não tenha feito?” (Is 5,4). E por que Deus não nos criou com conhecimento e virtude naturais? Quem diz isto? Um pagão ou um cristão? Ambos, na verdade, mas não por igual motivo. Um disputa por causa do conhecimento, outro, por causa do comportamento. Em primeiro lugar, responderemos a um dos nossos; não me interessam tanto os de fora quanto meus próprios membros. O que diz, portanto, o cristão? Devia ser inato em nós o conhecimento da virtude. Certamente é; se não fosse, como saberíamos o que importa fazer e o que não se deve praticar? Donde se originariam as leis e os tribunais? Mas, não me refiro ao conhecimento, e sim à prática. E que recompensa merecerias, se tudo viesse da parte de Deus? Dize-me. Deus castiga de modo semelhante a ti e o pagão que pecam? Absolutamente não. Entretanto, tens a confiança que deriva do conhecimento. Como então, se alguém te dissesse agora que tu e o pagão merecerias o mesmo por causa do conhecimento? Não te encolerizarias? Julgo que sim. Pois dirias que o pagão, quando poderia por si descobrir o conhecimento, não o quis. Se, portanto, ele dissesse que Deus deveria nos dar naturalmente a ciência, não ririas e lhe dirias: Por que não procuraste? Por que não te esforçaste como

eu? E demonstrarias muita ousadia, e afirmarias ser extrema loucura acusar a Deus por não ter infundido uma ciência natural. Dirias isto, porque em ti se encontram corretamente as realidades relativas à ciência. Assim também, se as questões atinentes às atitudes estivessem bem, não levantarias tal questão; na verdade, por seres preguiçoso e indolente a respeito da virtude, proferes palavras insensatas. Por que, de fato, necessariamente se praticaria o bem? Neste caso os animais rivalizariam conosco a respeito da virtude, porque certos instintos deles são mais equilibrados. Mas prefiro, dizes, ser forçosamente bom e ficar privado de qualquer recompensa, a ser mau pelo livre-arbítrio e ser punido e atormentado. Mas nunca se emprega coação para que alguém se torne bom. Se, portanto, ignoras o que deves fazer, manifesta que não sabes e então diremos o que for necessário dizer. Se sabes que a luxúria é má, porque não foges do mal? Não posso, respondes. Na verdade, outros que agiram de melhor maneira, acusar-te-ão, e fechar-te-ão a boca com vigor. Tu, que és casado, não talvez atues castamente; um solteiro, porém, conserva íntegra a castidade. Que defesa tens de não observares a temperança, enquanto um outro salta o fosso (da competição)? Mas, respondes, não tenho uma natureza corporal igual à dele, nem igual propósito da vontade. Porque não queres e não por ser impossível. Demonstro que todos são idôneos para a virtude. Pois, o que alguém não pode fazer, não poderá nem diante de necessidade imperiosa; se pode diante de imperiosa necessidade e não faz, é de propósito que não o faz. Por exemplo, é absolutamente impossível a um corpo pesado elevar-se e voar. O que acontecerá se o rei ordenar que isto se realize, e ameaçar de morte, dizendo: Ordeno que os homens que não voarem sejam dilacerados e queimados, ou coisa semelhante. Por acaso alguém obedecerá? De modo nenhum; a natureza não o comporta. Ao contrário, se estabelecer o mesmo a respeito da castidade e determinar que o perverso seja punido, queimado, flagelado e sofra mil tormentos, não obedecerão muitos ao edito? Não, dirás, pois atualmente existe uma lei que ordena não adulterar, e nem todos lhe obedecem. Não significa que é leve o medo, e sim que muitos esperam ficar ocultos. Se o legislador e o juiz estivessem presentes aos que iam se entregar à luxúria, poderia então o medo coibi-la. Vou tratar de um caso um pouco menos forçoso. Retiro um homem da amante, e o amarro e encarcero; poderá suportar e não se amargurar.

Não digamos que um homem é bom por natureza, e outro é mau por natureza. De fato, se é bom por natureza, jamais poderá se tornar mau; e si por natureza é mau, nunca poderá fazer-se bom. Agora, contudo, vemos rápidas mudanças, e transformar-se uma coisa em outra, e recair desta na primeira. E isto não se vê apenas nas Escrituras. Por exemplo, observamos publicanos se transformarem em apóstolos, e discípulos em traidores, e meretrizes em mulheres castas e ladrões agirem de maneira nobre, e magos adorarem, e ímpios se converterem à piedade, e isto tanto no Antigo quanto no Novo Testamento; ou melhor, vemos cotidianamente sucederem fatos semelhantes. Se isso fosse natural, não haveria mudanças. Uma vez que somos passíveis por natureza, jamais por esforço algum conseguiremos nos tornar impassíveis. O que é tal por natureza, jamais escapa desses caracteres naturais. Ninguém jamais se abstém de dormir, ninguém passa da corrupção à incorruptibilidade, ninguém ficou livre da fome de sorte que não passe mais penúria. Por conseguinte, nada disso é crime, nem nos exprobramos por esse motivo. Também não diria alguém ao acusar um outro: Ó mortal, sofredor; mas declaramos sempre que é réu de adultério, luxúria etc., e apresentamos aos juízes os criminosos para que sejam julgados e castigados, ou, ao contrário, serem honrados. Por conseguinte, de nossa atitude para com outro e da conduta deste para conosco quando julgados e das leis por nós escritas, por aquilo de que nos condenamos embora ninguém nos acuse e das circunstâncias em que nos tornamos piores pela preguiça e melhores pelo temor, enfim ao verificarmos que outros pelas boas ações chegaram ao cume da sabedoria, evidencia-se que depende de nós agir bem.

Por que, então, enganamo-nos em vão a nós mesmos com gélidos pretextos e escusas, que em vez

de nos obterem o perdão, acarretam-nos intolerável suplício, quando se fazia mister termos diante dos olhos aquele dia terrível, exercitarmo-nos na virtude e depois de pequeno labor recebermos coroas incorruptíveis? Pois de nada nos servirão estas palavras; mas os companheiros de serviço que, ao invés, agiram retamente, condenarão todos os pecadores: o misericordioso ao cruel, o bom ao mau, o prudente ao audaz, o benévolo ao invejoso, o sábio ao vaidoso, o diligente ao preguiçoso, o casto ao lascivo. Desta forma Deus nos tratará no juízo, estabelecerá os dois grupos, louvará a uns, punirá a outros. Na verdade, longe de nós que algum dos presentes seja do número dos que serão castigados e cobertos de ignomínia; antes estejam no número dos que são coroados e obtêm o reino de Deus. Todos nós o alcancemos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

TERCEIRA HOMILIA

1,10. *Eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja cismas entre vós; sede estreitamente unidos na mesma inteligência e no mesmo modo de pensar*.

Sempre afirmei que uma repreensão há de ser feita gradativamente, devagar. É desta maneira que Paulo age aqui. Estando para tratar de questão assaz perigosa e capaz de revolucionar inteiramente a Igreja, emprega discurso mais suave. Diz que vai exortá-los; exortar por meio de Cristo, como se ele sozinho não bastasse para apresentar a súplica e persuadir. O que significa: “Exorto em Cristo”? Tomo a Cristo por companheiro na luta, e por auxiliar o seu nome, que foi injuriado e ultrajado. Bem a propósito, a fim de os envergonhar; o pecado produz insolentes. Por isso, se logo exprobrares o pecador com veemência, tu o transformas em implacável e desavergonhado. Se o envergonhares, dobras a cerviz, tiras a liberdade de falar, fazes com que seus olhos se cravem no chão. É o que Paulo prepara, exortando de certo modo em nome de Cristo. Enfim, a que exorta? *“Guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja cismas entre vós.”* A acentuação da palavra *“cisma”* era suficiente acusação para severamente os reprimir. Pois não havia muitas partes íntegras, mas até a unidade perecera. Se, porém, as Igrejas fossem íntegras, haveria muitos grupos; uma vez que houvesse cismas, o todo pereceria. O todo, dividido em muitas partes, não efetua grupos; é o todo que perece. Tal a natureza dos cismas. Em seguida, visto que os atingira com severidade sob o nome de cisma, novamente os acalma e mitiga suas palavras: *“Sede estreitamente unidos na mesma inteligência e no mesmo modo de pensar”*. Após ter dito: *“Guardai a concórdia uns com os outros”*, não julgueis, diz ele, que me referia à concórdia apenas de palavras; reclamo a concórdia dos espíritos. Entretanto, uma vez que acontece que se tenha o mesmo modo de pensar, mas não em todas as questões, adita: *“Sede estreitamente unidos”*. Quem se une em alguns pontos, em outros discorda, não está estreitamente unido, nem consente em tudo. Alguns concordam no modo de entender, mas não em idêntica forma de julgar. Por exemplo, se apesar de termos a mesma fé, não estivermos unidos na caridade. Então, portanto, estamos unidos em pensamento (na verdade pensamos de igual modo), mas não no modo de julgar. Tal sucede quando um escolhe uma opinião, e o outro difere. Em consequência, afirma o Apóstolo que precisamos unir-nos em igual maneira de entender e no mesmo juízo. Os cismas não derivaram de discórdia relativa à fé; as opiniões eram diversas por emulação humana. Uma vez, contudo, que o acusado, enquanto não houver testemunhas, não se cora, vê como introduz testemunhas para não permitir que eles neguem.

11. *Com efeito, meus irmãos, pessoas da casa de Cloé me informaram*

Não o disse imediatamente, mas primeiro coloca a acusação, porque confiara nos que deram a

notícia.

Se não fosse realmente, não teriam acusado, pois Paulo não teria acreditado de modo temerário. Não disse logo que fora informado, a fim de não parecer que fora induzido por eles a acusar; nem calou seu nome, a fim de não aparentar que falava apenas por si mesmo. De novo denomina-os irmãos. Pois, embora o pecado fosse manifesto, nada impedia que ainda os chamasse pelo nome de irmãos. Considera sua prudência, pois não cita uma pessoa isolada, mas toda a casa, a fim de que não fosse atacado o informante; assim, portanto, o ocultou e destemido manifestou a acusação. Não viu somente o que era proveitoso a eles, mas também a estes. Por isso não disse: Fui informado por alguns, mas menciona expressamente a casa, a fim de não se julgar que estava inventando. O que declara?

Que existem rixas entre vós

Ao repreendê-los, diz: *"Não haja cismas entre vós"*. Ao noticiar informações de outros, emprega palavras mais suaves: *"Informaram-me que existem rixas entre vós"*, para que não atacassem juntos os que deram a informação. Em seguida, explica qual a espécie de rixa:

12. *Cada um de vós diz: "Eu sou de Paulo!" ou "Eu sou de Apolo!" ou "Eu sou de Cefas!"*

Não são rixas, diz ele, sobre questões particulares, e sim assuntos graves. *"Cada um de vós diz..."* A corrupção não atingira apenas uma parte, e sim toda a Igreja. Apesar de não citar a si próprio, nem Pedro, nem Apolo, demonstra que se eles não serviam de apoio, muito menos os demais. Mais adiante explica que não falava a respeito deles, nesses termos: *"Nisso tudo, irmãos, eu me tomei como exemplo juntamente com Apolo, a fim de que aprendais por meio de nós a máxima: 'Não ir além do que está escrito'"*. Com efeito, se não haviam de utilizar em proveito próprio os nomes de Paulo, Apolo e Cefas, muito menos o dos demais. Se não deviam usar o nome do mestre, primeiro dos apóstolos, que catequizara tantos povos, muito menos os daqueles que nada eram. Por hipérbole, na tentativa de curá-los da doença, menciona estes nomes; aliás, torna o discurso menos incômodo, não citando os nomes dos que dividiam a Igreja, mas oculta-os sob a figura dos nomes dos apóstolos. *"Eu sou de Paulo!" ou "Eu sou de Apolo!" ou "Eu sou de Cefas!"*

Não se prefere a Pedro, ao colocá-lo por último; antes, estabelece-o muito acima de si. Fala em progressão, para que não se pensasse que age por inveja e ciúme, recusando-lhe honras. Por isso, pôs-se no primeiro lugar. Pois quem se reprova primeiro, não o faz por amor à honra, mas porque assaz despreza tal glória. Por conseguinte, em primeiro lugar ele recebe o ataque, depois coloca Apolo, e enfim Pedro. Não age assim para se exaltar; ao invés, corrige primeiramente em si o que não devia suceder. Entretanto, é evidente errarem aqueles que aderiam a este ou àquele; e corrige-os severamente, nesses termos: Não fazeis bem, dizendo: *"Eu sou de Paulo!" ou "Eu sou de Apolo!" ou "Eu sou de Cefas!"* Por que então acrescentou: *"Eu sou de Cristo"*?

De fato, se erravam os que anuíam a homens, não certamente os que aderiam a Cristo. Não os acusa por aderirem a Cristo, e sim por não concordarem todos com ele. Julgo que ele fez este acréscimo por si mesmo, para tornar mais grave a acusação, e mostrar que desta forma Cristo era ligado a um partido, embora eles assim não o houvessem feito. Paulo o dá a entender, pelas palavras subsequentes:

13. *Cristo estaria dividido?*

Isto quer dizer, partistes o Cristo, dividistes seu corpo. Vês a ira, vês a repreensão, vês a palavra indignada? Pois não comprova, mas somente interroga, porque o absurdo é manifesto. Alguns pensam que sugere outra coisa, ao dizer: Cristo está dividido, a saber, distribuiu-se a si mesmo entre os homens e dividiu a Igreja; reservou para si uma parte, e a outra deu aos demais. Em seguida, aparta aquele absurdo, dizendo:

Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo?

Vê a sentença favorável a Cristo. Tudo refere ao nome dele, mostrando de sobra que a ninguém mais compete tal honra. E para evitar que pareça movido por inveja, frequentemente volta-se para isso. Considera a sua prudência. Não disse: Acaso Paulo criou o mundo? Paulo vos criou do nada? Mas alude ao que era mais importante e providencial diante dos fiéis: a cruz e o batismo, e os bens derivados. Manifesta a benignidade de Deus e a criação do mundo, especialmente, contudo, a sua condescendência de morrer na cruz. E não diz: Paulo teria morrido por vós? E sim: *"Paulo terá sido crucificado?"* Destaca o gênero de morte. *"Ou fostes batizados em nome de Paulo?"* Também não disse: "Paulo vos teria batizado?" Com efeito, ele batizou a muitos. Na verdade, não se queria saber por quem haviam sido batizados e sim em nome de quem haviam sido batizados. Uma vez que a causa dos cismas tinha sido em que nome haviam sido batizados, corrigindo-os, pergunta: *"Ou fostes batizados em nome de Paulo?"* E não digas: Quem batizou? E sim: Em que nome? Não se pergunta quem batiza, mas quem é invocado no batismo, pois este perdoa os pecados. E aqui se interrompe, e não continua na sequência. Pois não diz: Paulo vos prometeu os bens futuros? Paulo vos prometeu o reino dos céus? Por que, então, não acrescentou essas perguntas? Porque não é o mesmo prometer o reino e ser crucificado. A primeira ação não oferece perigo, nem acarreta vergonha; a segunda traz consigo tudo isso. Aliás, esta prepara a outra. De fato, tendo dito: "Quem não poupou o próprio Filho", acrescentou: "Como não nos haverá de agraciar em tudo com ele?" (Rm 8,32). E ainda: "Pois se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais agora, uma vez reconciliados, seremos salvos" (Rm 5,10). Por conseguinte, o acréscimo não é devido a que ainda não possuíssem aqueles bens, e destes já tivessem experiência; ou porque os primeiros eram em promessa, estes, porém, já haviam sido outorgados.

14. *Dou graças a Deus por não ter batizado algum de vós a não ser Crispo e Gaio.*

Por que vos gloriais acerca do batismo, se eu dou graças porque não o realizei? Com estas palavras, prudentemente elimina-lhes o tumor (do orgulho); não a força do batismo, de forma alguma, mas a arrogância deles, que se gloriavam do batismo. Em primeiro lugar, mostra que o dom não lhes era exclusivo; em segundo, dando graças a Deus, por este mesmo motivo. Grande é o batismo, mas não o faz grande quem batiza e sim quem é invocado no batismo. Batizar nada é relativamente ao labor humano; é muito menos do que evangelizar. Na verdade, é grande o batismo, repito, e sem o batismo não podemos entrar no reino. Todavia, pode dá-lo quem não é ilustre. Quanto ao anúncio do evangelho, custa muito labor.

O Apóstolo enuncia o motivo de dar graças porque a ninguém batizou. Qual é?

15. *Assim ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome.* Como? Afirmava-se isto a respeito deles? Absolutamente não. Ele, contudo, receava que não se propagasse este mal. Com efeito, o caso de batizarem homens do vulgo e insignificantes ocasionou uma heresia; se eu que preguei o batismo, houvesse batizado a muitos, provavelmente os que aderiram não somente seriam chamados por meu nome, mas também o batismo me seria atribuído. Se o mal vinha apenas da parte dos últimos, talvez de forma muito mais grave proviria dos superiores. Após, portanto, repreender deste modo os que se haviam corrompido, e dizer:

16. *É verdade, batizei também a família de Estéfanas,* novamente reprime-lhes o orgulho, dizendo: *quanto ao mais, não me recordo de ter batizado algum outro de vós.*

Com isto mostra que não cuidara de receber honras da parte de muitos, nem fora para lá com a finalidade de obter glória. Não somente nestes versículos, mas também nos seguintes, reprime-lhes o orgulho, nesses termos:

Sabedoria do mundo e sabedoria cristã

17. *Pois não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o evangelho.*

Efetivamente, isto era mais laborioso, e a obra necessitava de muito suor e de ânimo férreo, e continha tudo; por isso foi confiado a Paulo. E por que, não tendo sido enviado para batizar, ele batizava? Não agia contra aquele que o enviara, mas o fazia por acréscimo. Ele não afirmara: “Foi-me proibido”, e sim: “Não fui enviado para isso, mas para o que é principalmente necessário”. Pois evangelizar era peculiar a um ou dois; batizar era próprio a qualquer um dotado do sacerdócio. Pois qualquer um pode batizar um catecúmeno convicto; pois a vontade de quem chega de resto opera tudo, com o auxílio da graça de Deus. Todavia, quando se trata de instruir os infiéis na fé, são necessários muito labor e muita sabedoria; naquela ocasião, porém, ainda se corria perigo. No ato de batizar tudo era feito de uma vez, e convicto estava quem ia ser admitido ao mistério. Nada de difícil é batizar alguém já convicto. Ao invés, no outro caso, grande é o labor para que se mude o propósito e o julgamento, seja arrancado o erro e implantada a verdade. No entanto, ele não se exprime desta maneira, nem emprega provação, nem afirma que não é trabalho algum batizar, e que evangelizar exige o contrário. Sempre sabe manter a medida. Mas no confronto com a sabedoria pagã opõe-se com vigor, porque lhe é lícito usar de palavras mais veementes. Não batiza, portanto, contra a ordem de quem o envia; mas conforme disseram os apóstolos a respeito das viúvas: “Não nos convém abandonar a palavra de Deus para servir às mesas” (At 6,2), ele não exercia o ministério com oposição, mas por acréscimo; assim também acontece aqui. Agora, pois, confiamos o batismo aos presbíteros mais simples, e a instrução aos mais sábios; aqui há mais labuta e suor. Por este motivo, também ele disse: “Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de uma dupla remuneração, sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e da instrução” (1Tm 5,17). Da mesma sorte que é confiado aos homens mais valentes e treinadores peritos ensinar aos que entram em competição e impor a coroa ao vencedor, pode ser mesmo quem não sabe combater, embora a coroa torne o vencedor mais esplêndido, o mesmo se deve dizer do batismo. Ninguém sem ele consegue a salvação. No entanto, quem batiza nada faz de grande, porque acolhe já bem disposto o propósito da vontade.

Sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo.

Tendo reprimido o inchaço dos que se orgulhavam por batizarem, passa depois àqueles que se gloriavam da sabedoria pagã, e arma-se com maior vigor contra eles. Contra os que se orgulhavam de batizar, dizia: *“Dou graças a Deus por não ter batizado algum de vós”*, e porque Cristo não me enviou para batizar; nem emprega fortes argumentos, mas, aludindo ao que queria em poucas palavras, passa adiante. Nesse trecho, porém, inflige um ferimento grave desde o início, nesses termos: *“A fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo”*. Por que te ensoberbeces acerca de coisas que deviam te incutir vergonha? Se tal sabedoria combate a cruz e luta contra os Evangelhos, não se devia gloriar-se por causa dela, antes importava sentir vergonha. Esta a causa por que os apóstolos não eram sábios. Não era fraqueza do carisma, mas para que não fosse alterado o anúncio da palavra. Os sábios, de fato, não corroboravam a palavra, antes a arruinavam, enquanto os ignorantes a consolidavam. Este fato fustiga o fausto, comprime o tumor, convence a agir modestamente. Entretanto, se não se recorre à *“sabedoria da linguagem”*, por que foi enviado Apolo, homem douto? Não foi confiança na eloquência, mas porque era bom conhecedor das Escrituras, e confundia os judeus. Aliás, era desejável que os que tinham a primazia e começaram a difundir a palavra não fossem doutos. Era indispensável intensa energia para extirparem o erro no seu início, e necessária grande força desde os primórdios.

Por conseguinte, se desde o início Deus não empregou muitos eruditos e depois admitiu homens instruídos, não agiu deste modo porque deles precisasse, mas porque não faz distinções. Como não necessitava de sábios para executar o que queria, assim posteriormente não excluiu por isso os que encontrou. Tu, porém, demonstra-me que Pedro e Paulo eram instruídos. Não te é possível porque eram homens triviais e iletrados. Cristo, portanto, ao enviar os discípulos a toda a terra, primeiro mostrou-lhes seu poder na Palestina e disse-lhes: "Quando eu vos enviei sem bolsa, nem alforje, nem sandálias, faltou-vos alguma coisa?" (Lc 22,35). Então permitiu-lhes que daí por diante tivessem bolsa e alforje. Fez o mesmo agora. A finalidade era demonstrar a força de Cristo e não afastar da fé os adventícios, por causa da sabedoria pagã. Quando os gregos acusavam os discípulos de ignorantes, acusemo-los nós, mais do que eles. Ninguém afirme que Paulo era sábio, isto é, douto; enquanto eles exaltam pela sabedoria os que são célebres no seu meio e admiram-nos pela eloquência, afirmemos que todos os nossos foram rudes. Nesta questão os deitaremos abaixo inteiramente; será mais brilhante a vitória.

Disse essas coisas porque ouvi uma vez um cristão disputando de forma ridícula com um grego; um e outro, de fato, na refrega, refutava e arruinava a própria causa. Pois o que o cristão deveria dizer, dizia o grego; e o que era justo que afirmasse o grego, isto opunha o cristão. Efetivamente, sendo a questão relativa a Paulo e a Platão, o grego se esforçava por demonstrar que Paulo fora indouto e rude; o cristão, contudo, por simplicidade, tentava provar que Paulo fora mais eloquente do que Platão. O grego seria vencedor, se prevalecesse essa proposição. Na verdade, se Paulo foi mais eloquente que Platão, muitos provavelmente contradiriam que ele superou não pela graça, mas pela eloquência. Assim, o cristão, ao falar, colocava-se do lado do grego; o que, contudo, dizia o grego era a favor do cristão. De fato, se Paulo não era erudito, no entanto, em suas asserções venceu Platão, foi esplêndida a vitória. Com efeito, o indouto, arrebatando-lhe os discípulos, persuadiu a todos e atraiu-os a si. Daí se deduz que a pregação não prevaleceu devido à sabedoria humana, e sim pela graça de Deus. Não caiamos, portanto, no mesmo erro, nem no ridículo disputando desta forma com os gregos, porque estaríamos agindo em seu favor, ao acusarmos os apóstolos de indoutos. Tal acusação seria elogio. E quando eles afirmam que os apóstolos foram rudes, acrescentemos que também foram indoutos, iletrados, pobres, triviais e obscuros. Não são injúrias infligidas aos apóstolos, mas transformam-se em glória para eles, porque, sendo tais, tornaram-se mais ilustres do que toda a terra. Pois estes idiotas, agrestes, indoutos venceram os sábios e poderosos, os tiranos, os que gozavam de riqueza e glória e demais bens exteriores como se nem homens fossem. Daí se evidencia ser grande a virtude da cruz e não se realizarem tais fatos por virtude humana. Não provêm da natureza humana, mas são eventos acima da natureza. Diante de feitos acima da natureza e de tal modo além, decorosos e proveitosos, é claro que houve determinada virtude e operação divina. Observa o seguinte: o pescador, o fabricante de tendas, o publicano, o imperito, o iletrado, o originário da longínqua região da Palestina, expulsos todos da pátria, em pouco tempo os dominaram os filósofos, oradores, peritos no falar, apesar de grandes perigos, de serem combatidos por povos e reis, e da resistência da própria natureza, apesar dos tempos antigos, da forte oposição de diuturno hábito, apesar de estarem armados os demônios e o diabo à frente do exército movimentar tudo: reis, príncipes, povos, nações, cidades, bárbaros, gregos, filósofos, oradores, sofistas, escritores, leis, tribunais, suplícios variados, inúmeras e diversas espécies de mortes. Entretanto, tudo isso, ao falarem os pescadores, de tal modo foi repelido e cessou qual tênue poeira que não suporta a violência dos ventos. Aprendamos, portanto, a disputar com os gregos, de sorte que não nos transformemos em manadas e rebanhos; estejamos, ao invés, sempre prontos a dar as razões de nossa esperança. Enquanto isso, meditemos esse assunto que não é insignificante, e lhes respondamos: De onde vem que os fracos venceram aqueles fortes, e doze

homens a todo o universo? E não usavam armas idênticas, mas despojados lutavam contra homens armados?

Dize-me. Se doze homens, imperitos acerca de manobras militares, não apenas inermes, mas também fisicamente débeis, irrompessem contra fileiras armadas de inumeráveis guerreiros, e da parte deles nada sofresse, nem ficassem feridos quando atacados por inúmeros projéteis e tendo, porém, o corpo nu atravessado de flechas, prostrassem a todos, sem armas, mas batendo com as mãos, a uns matassem, a outros levassem cativos, sem receber ferimento algum, diria alguém tratar-se de feitos humanos? Entretanto, o troféu dos apóstolos é muito mais admirável. Muito mais espantoso do que não ser ferido um homem nu seria o fato de um homem imperito e iletrado e pescador superar tão grande eloquência, sem lhe causar impedimento nem a pequenez, nem a pobreza, nem os perigos, nem os hábitos anteriores, nem a austeridade que preceituavam, nem os cotidianos perigos de morte, nem a multidão dos seduzidos, nem os que enganavam com sua autoridade. Assim, pois, os prostremos, e combatamos, e antes pela vida do que pela palavra ataquemo-los. Na verdade, o combate é grande, e o raciocínio que procede das obras é irrefutável. Com efeito, se argumentarmos com inúmeras palavras, se não exibirmos uma vida melhor do que a deles, o lucro é nulo. Pois eles não dão atenção às palavras, mas examinam nossas obras e dizem: “Primeiro obedeças a tuas próprias palavras, e depois exorta os outros. Se afirmas serem inúmeros os bens no século futuro, e revelas-te tão preso aos presentes, como se os primeiros não existissem, acredito mais em tuas ações do que em tuas palavras. Quando observo que roubas o alheio, choras os defuntos além da medida, e praticas muitos outros delitos, como acreditarei ao assegurares que haverá uma ressurreição”? Mesmo que não se exprimam deste modo, têm estas noções e as revolvem no pensamento. E isso impede que os infiéis se tornem cristãos. Convençamo-los por meio de nossa vida. Muitos e iletrados impressionaram tanto a mente de filósofos porque mostravam a sabedoria nas obras e pelo estilo de vida emitiam mais nítido som do que o de uma trombeta. De fato, é a linguagem mais forte. Se digo que não se deve conservar lembrança das injúrias, e em seguida inflijo muitos males a um pagão, como posso atraí-lo com palavras, se pelas obras o repilo? Captemo-los pelo estilo de vida, e com estas almas edifiquemos a Igreja, e acumulemos riquezas. Nada é equiparável à alma, nem o mundo todo. Por isso, mesmo que distribuires inúmeras riquezas aos pobres, nada farás de igual à obra daquele que converte uma só alma. “Se separas o que é valioso do que é vil, tu serás como a minha boca” (Jr 15,19). É um grande bem compadecer-se do pobre, mas não tanto quanto livrar do erro. Quem o faz assemelha-se a Paulo e a Pedro.

É lícito empreender a pregação conforme eles fizeram, apesar de não corrermos perigo como eles, nem tolerarmos fome e peste etc. (de fato, estamos em tempo de paz), mas a fim de demonstrarmos zelo ardoroso. É possível, mesmo estando sentado em casa, exercer essa pescaria. Se alguém tem um amigo, um parente, um familiar, faça e diga estas coisas; e será semelhante a Pedro e a Paulo. Por que digo Pedro e Paulo? Será boca de Cristo. Pois “se separas o que é valioso do que é vil, tu serás como a minha boca” (Jr 15,19). Mesmo que hoje não consigas persuadir, amanhã o convencerás; e se nunca o conseguires, tua recompensa continuará íntegra. Se não convenceres a todos, poderás atrair a alguns dentre muitos, poucos embora. Na verdade, os apóstolos não persuadiram a todos os homens, contudo a todos falaram, e receberam a recompensa por causa de todos. Deus não costuma conceder coroas pelo êxito das boas obras, mas pela intenção reta dos que operam. Sejam dois os óbulos que lanças no tesouro, ele os aceita, e o que fez à viúva também o faz aos mestres. Uma vez que não podes salvar o mundo todo, não desprezes alguns por serem poucos, nem visto que ambicionas atingir os grandes, te furtes aos menores. Se não puderes cuidar de cem, cuida de dez; se não podes de dez, não menosprezes cinco; se não podes de cinco, não desprezes a um só; se não puderes atender a nenhum, não desanimes,

nem te furtes aos que estão perto de ti. Não vês pelos contratos, que os mercadores costumam exercer o comércio não somente com ouro, mas também com prata? Pois se não desprezarmos nem os pequenos, apreenderemos também os grandes; se menosprezarmos os pequenos, nem a estes facilmente alcançaremos. Quem quer tornar-se rico, acumula bens pequenos e grandes. Assim também façamos nós, a fim de que, enriquecidos, consigamos o reino dos céus, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem ao Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

18. *Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus.*

19. *Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes.*

20. *Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde está o argumentador deste século?*

Aos fatigados e angustiados até os alimentos sadios repugnam, os amigos e os visitantes importunam, e muitas vezes não os reconhecem, mas consideram intrusos. Assim costuma suceder igualmente às almas que se perdem: ignoram as coisas que levam à salvação, e consideram molestos os que deles cuidam. Não se origina isso da natureza das coisas, mas da doença. O modo de agir dos loucos, que odeiam os que cuidam deles e os atacam com ultrajes, é também o dos infiéis. Especialmente deles se compadecem e choram os que eles injuriam, por considerarem este modo de agir como o sintoma extremo da doença, pois não reconhecem os seus melhores amigos; assim também nós fazemos relativamente aos gentios, e mais do que às mulheres lamentamo-los, porque ignoram a salvação oferecida a todos. O marido não deve amar tanto a mulher quanto nós a todos os homens e procurar atraí-los à salvação, quer seja gentio ou seja quem for. Choremo-los porque a palavra da cruz para eles é loucura, apesar de ser sabedoria e virtude, porque *"a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem"*. Visto ser provável que eles, se os gregos zombarem da cruz, queiram opor-lhes a sabedoria que talvez tenham em si e combatam ruidosamente os axiomas gregos, Paulo, confortando-os, diz: Não julgueis ser acontecimento insólito e estupendo. Naturalmente os que perecem não conhecem a força da cruz. Estão fora de si e são loucos. Por este motivo também injuriam e suportam mal os remédios salutares. O que dizes, ó homem? Por tua causa Cristo se fez servo, assumindo a condição de servo, foi crucificado e ressuscitou. E quando importava adorar o ressuscitado, e admirar sua benignidade, porque isto nem pai, nem amigo, nem filho fez em teu favor e, no entanto, o Senhor operou por ti, seu inimigo, que o ofendera. Entretanto, devias admirá-lo e a um feito tão cheio de sabedoria chamas de estultice? Nada de espantoso! É próprio dos que se perdem não reconhecerem os meios que conduzem à salvação.

Não vos perturbeis, portanto; não é novo nem imprevisto que as realidades grandiosas sejam ridicularizadas pelos insensatos. Impossível persuadir os afetados pela sabedoria humana. Se quiseres assim agir, farás o oposto do que convém; de fato, o que ultrapassa a razão sujeita-se apenas à fé. E se queremos persuadir por raciocínios de que modo Deus se fez homem, e entrou no seio da Virgem, e não deixamos a solução à fé, mais ainda eles haverão de rir. Por conseguinte, os que buscam através de raciocínios são os que se perdem. E por que falo a respeito de Deus? Se o fizermos acerca da criação, a consequência será muito riso. Imaginemos um homem que queira tudo aprender por argumentos, e tente convencer-se por tuas razões de que maneira vemos a luz. Tenta pela razão convencê-lo. Não conseguirás. Se lhe disseres que basta abrir os olhos e olhar, não terás descrito o processo, mas somente o que costuma acontecer. Por que, então, não vemos com os ouvidos, dirá, nem

com os olhos ouvimos? Por que não ouvimos com o nariz, nem cheiramos com os ouvidos? Se, portanto, quando ele interroga essas coisas, não podemos dar a razão delas, e ele se puser a rir, nós não haveremos de rir ainda mais? Com efeito, como ambos os sentidos principiam do mesmo cérebro, e ambos são órgãos vizinhos, por que não são capazes de fazer coisas idênticas? Não podemos explicar a causa, nem o modo desta inefável e variada operação; e se o tentarmos, seremos ridicularizados. Por esta razão, cedendo diante do poder e da infinita sabedoria de Deus, guardemos o silêncio. Na verdade, se quisermos elucidar por meio da sabedoria pagã as ações de Deus, provocaremos muito riso, não devido à insuficiência dos eventos, mas à insipiência humana. Palavra alguma é capaz de explanar feitos grandiosos. Vê, portanto. Quando digo: Foi crucificado, o gentio responde: E seria razoável? Não prestou socorro a si mesmo ao ser crucificado e provado na ocasião da crucifixão; e depois ressuscitou, e auxiliou a outros? Pois se ele o pudesse, devia ter atuado antes da morte (os judeus também se exprimiam desta forma). Quem não socorreu a si mesmo, como ajudou aos outros? Não é segundo a razão. Certamente. De fato, ó homem, a cruz está acima da razão e é de inefável poder. Efetivamente, achar-se no meio de males intensos, e mostrar-se superior a estes males, e desta forma vencer a competição é peculiar a uma grande virtude, conforme aconteceu aos três jovens, que, por terem entrado na fornalha e conculcado as chamas, foram mais admiráveis do que se não tivessem entrado. E no caso de Jonas, foi muito mais ter sido engolido pelo monstro sem nada sofrer do que se não tivesse sido engolido. Igualmente em Cristo foi muito mais espantoso ter morrido e dissolver os vínculos da morte do que se não houvesse morrido. Não digas, portanto: Por que não socorreu a si mesmo na cruz? Porque queria combater com a morte. Não foi por não poder que não desceu da cruz, mas porque não quis. Aquele que a tirania da morte não pôde deter, como poderiam prender os cravos da cruz?

Mas se estes eventos nos são conhecidos, não o são aos infiéis. Por isso, assegurava Paulo que a palavra da cruz para os que perecem é estultice, para nós, contudo, que conseguimos a salvação, é poder de Deus.

Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes.

Até aqui nada escreveu por si mesmo de pesado, mas primeiro oferece o testemunho da Escritura, e então, haurindo dali confiança, utiliza palavras mais veementes:

Deus não tornou louca a sabedoria deste século? Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde está o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século?

21. *Com efeito, visto que o mundo, por meio da sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem.*

Tendo dito: “*Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios*”, deduz a argumentação dos fatos, nesses termos: “*Onde está o sábio? Onde o escriba?*”. Simultaneamente ataca os gregos e os judeus. Que filósofo, qual dos peritos em silogismos, qual escriba judaico deu a salvação e ensinou a verdade? Nenhum; mas tudo isso coube aos pescadores. Tendo terminado o que se propusera, reprimido o orgulho deles e assegurado: Deus não confundiu a sabedoria deste mundo? declara por que os acontecimentos assim se realizaram. Visto que na sabedoria de Deus, diz ele, o mundo não conheceu a Deus, através da sabedoria, a cruz se revelou. O que significa: “*na sabedoria de Deus*”? Naquela sabedoria que se manifestou pelas obras, através das quais ele quis ser conhecido. Por este motivo, comprovou essa e outras coisas semelhantes, a fim de que por analogia das coisas visíveis fosse admirado o Criador. O céu é grande, imensa a terra; admira, portanto, o Criador! Este grande céu não somente foi feito por ele, mas com toda facilidade, e a imensa terra foi criada como se nada fosse. Por isso, a seu respeito diz a Escritura: “O céu é obra de tuas mãos” (Sl 102,26). Quanto à terra, porém,

afirma que fez a terra como se nada fosse. Uma vez que o mundo não quis através desta sabedoria conhecer a Deus, convenceu-o por meio da pregação que aparenta estultice, não através de argumentos, e sim através da fé. De resto, onde está a sabedoria de Deus, de forma alguma se necessita da sabedoria humana. Com efeito, afirmar que aquele que criou um mundo tal e tão grande certamente há de ser um Deus dotado de imensa e inefável virtude, seria raciocínio da sabedoria humana, e compreendê-lo por meio desta; entretanto, agora de modo algum são exigidos argumentos, mas somente a fé. De fato, acreditar naquele que foi crucificado e sepultado, e ter como certo que ele ressuscitou e está sentado nos céus, não reclama sabedoria e raciocínios, e sim a fé. Os apóstolos não partiram com a sabedoria, mas com a fé, e tornaram-se mais sábios e sublimes que os sábios pagãos, e tanto mais quanto é melhor acolher a fé que vem de Deus do que se envolver em raciocínios, porque vai além da mente humana. Como, porém, destruiu a sabedoria? Por intermédio de Paulo e de outros no-la tornou conhecida, demonstrou ser ela insana. Pois, no acolhimento da pregação evangélica, nem a sabedoria ajudou ao sábio, nem a ignorância prejudica o simples. Mas, se for conveniente dizer algo de admirável, é mais fácil e oportuno acolher a imperícia do que a sabedoria. O pastor e o camponês mais rapidamente apreendem, de uma vez pondo de lado os raciocínios e entregando-se a Deus. Desta maneira, destruiu Deus a sabedoria. Visto que ela própria primeiro se abateu, de resto para nada serve. Quando importava que ela se mostrasse no que lhe compete e visse a Deus por meio de suas obras, não quis. Por isso, se agora o quisesse, não é mais possível. A questão é diferente. O caminho para o conhecimento de Deus é muito maior do que aquela sabedoria. Por conseguinte, são necessárias a fé e a simplicidade, que sempre importa buscar e antepor à sabedoria pagã, porque, diz o Apóstolo: *"Deus tornou louca a sabedoria deste século"*. O que quer dizer: *"tornou louca"*? Mostrou que é louca para apreender a fé. Visto que eles tinham alto conceito a respeito dela, o Apóstolo logo a refutou. Que sabedoria é esta que não encontrou o bem principal? Fez, portanto, que aparecesse como insana, porque ela própria em primeiro lugar se condenou. Se, na verdade, quando devia descobrir por meio dos raciocínios, ela nada apresentou, agora quando as questões são mais importantes, como poderá realizar algo, enquanto somente importa a fé, não a eloquência? Deus, portanto, mostrou que é louca. Aprouve-lhe dar a salvação por meio da estultice da pregação, estultice que verdadeiramente não é tal, mas somente parece tal. Mais ainda. Não introduziu sabedoria mais excelente; superou-a por meio daquela que parecia estultice. Na verdade, ele pôs abaixo Platão, não por intermédio de outro filósofo mais sábio, mas por meio de um pescador ignorante. Desta forma, pois, a derrota foi maior e mais esplêndida a vitória. Em seguida, Paulo, manifestando a virtude da cruz, disse:

22. *Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria;*

23. *nós, porém, anunciamos a Cristo crucificado, que, para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura,*

24. *mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.*

Grande é a prudência destas afirmações. Ele quer dizer como Deus venceu por meios opostos, e como a pregação não é feito humano. Quando dizemos aos judeus: Acreditai, eles respondem: "Ressuscitai os mortos, curai os demoníacos, manifestai-nos sinais". E nós, o que replicamos? Aquele que é anunciado foi crucificado e morreu. Efetivamente, a resposta não só é imprópria para atrair os que não querem, mas até repele os de boa vontade.

Entretanto, não repele, mas também atrai, detém, vence. De outro lado, os gregos exigem de nós eloquência e o peso dos argumentos. Também a eles nós anunciamos a cruz. E o que parecia fraqueza aos judeus, para os gregos é loucura, uma vez que não apenas não apresentamos o que eles pedem, mas

até oferecemos o oposto dos postulados, pois, de fato, a cruz, se interrogada a razão, não parece sinal, e sim ablação do sinal, não apenas não aparenta exibição de poder, mas também assemelha-se a prova de fraqueza, nem demonstração de sabedoria, mas aparência de estultice. Quando, portanto, eles procuram sinais e sabedoria, e não somente não recebem o que pedem, mas ouvem o contrário do que desejam e, por conseguinte, poderiam convencer-se do oposto, não é inefável a virtude daquele que é anunciado? Se, por exemplo, a algum daqueles que, sacudidos pelas ondas, aspiram alcançar o porto, não o mostrasses e sim uma parte mais bravia do oceano, e obtivesses que atendesse de boa mente, ou se um médico a um ferido que deseja um remédio, não desse medicamentos, mas prometesse que de novo, cauterizando-o, o curaria e o ganhasse para si, seria indício de grande poder, assim também os apóstolos venceram não apenas por um sinal, mas também por uma ação que parecia contrária aos sinais. Dessa forma igualmente agiu Cristo para com o cego. Querendo curá-lo, eliminou a cegueira por uma operação que a devia aumentar, pois impôs-lhe lodo aos olhos. Como, portanto, pelo lodo curou o cego, guiou a terra inteira por meio da cruz, que representava aumento e não eliminação do escândalo. Deste modo procedeu também na criação do mundo, opondo os contrários. Cercou o mar de areia, refreando o que é poderoso com o fraco; impôs limite à água por meio da terra, opondo o que é denso e sólido ao mole e fluido. Por intermédio dos profetas ainda com um pedacinho de madeira extraiu uma peça de ferro (cf. 1Rs 6,6). Assim igualmente pela cruz atraiu o orbe. Pois como a água carrega a terra, assim a cruz sustenta o orbe da terra. É demonstração de grande força convencer por meio de argumento contrário. A cruz, de fato, parece um escândalo; no entanto, não só não escandaliza, mas até atrai. Paulo, ao mencionar tudo isso, estupefato, dizia:

25. *Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.*

Ao afirmar que é loucura e fraqueza, não exprime o que a cruz é, mas o que aparenta ser, pois fala de acordo com a opinião deles. Com efeito, o que os filósofos não puderam fazer por meio de silogismos, fez a cruz, que parecia ser loucura. Quem, então, é mais sábio? Aquele que insinua a muitos, ou o que convence a poucos, ou melhor, a nenhum? Aquele que persuade acerca de coisas da maior importância, ou aquele que trata do que é insignificante? Quanto não se afadigou Platão com os seus acerca da linha, do ângulo e do ponto, dos números pares e ímpares, e dos iguais entre si e dos diferentes e de coisas para nós semelhantes a teias de aranha! Na verdade, são tão pouco úteis para a vida como as teias. E, não tendo retirado daí resultado algum, nem pequeno nem grande, chegou ao fim da vida. Quanto se esforçou por mostrar que a alma é imortal, e nada proferiu de claro, e morreu sem ter convencido a nenhum dos ouvintes! A cruz, porém, por meio de homens ignorantes persuadiu, ou melhor, conquistou toda a terra; não dissertaram sobre coisas vãs, mas acerca de Deus e do verdadeiro culto, do estilo de vida evangélico, do futuro juízo, e transformou em sábios todos esses camponeses e indoutos. Vê: *"O que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza é mais forte do que os homens"*. Por que mais forte? Porque percorreu o orbe, e tomou a todos com poder, e enquanto inúmeros se esforçavam por extinguir o nome do Crucificado, aconteceu o oposto. O nome floresceu e propagou-se o mais possível. Eles, contudo, pereceram e ruíram. Vivos, faziam guerra a um morto e nada alcançaram. Por conseguinte, quando um grego diz que eu estou louco, mostra-se por demais estulto, porque eu, que ele tem por estulto, revelo-me mais sábio que um sábio; quando me chama de fraco, então ele próprio se apresenta mais fraco. Filósofos, oradores e tiranos que, por assim dizer, percorreram mil vezes o orbe, nem imaginar puderam o que, pela graça de Deus, realizaram publicanos e pescadores. O que, portanto, nos trouxe a cruz? A doutrina da imortalidade da alma, da ressurreição dos corpos, do desprezo dos bens presentes e da aspiração pelas

realidades futuras. Transformou homens em anjos, e todos em toda parte meditam a sabedoria e demonstram a maior fortaleza.

Mas, também entre eles, dirás, muitos desprezaram a morte. Por favor, quais? Aquele que bebeu cicuta? Mas se quiseres, apresentarei inúmeros membros da Igreja com tais qualidades. Com efeito, se houvesse ocasião, no ardor da perseguição, de morrer bebendo cicuta, seriam mais ilustres.

Aliás, aquele bebeu quando lhe era impossível beber ou não beber, mas quisesse ou não, era obrigado. Necessidade, não fortaleza. De fato, ladrões e homicidas, por sentença dos juízes, foram submetidos a padecimentos mais graves. Entre nós, porém, sucede totalmente o contrário; os mártires não sofreram contra a vontade, mas espontaneamente, e se estava em seu poder não padecer, demonstravam-se mais fortes do que o diamante. Não é admirável, portanto, se ele bebeu cicuta, quando não podia abster-se de beber, e chegara à extrema velhice, pois dizia que tinha setenta anos quando desprezou a vida, se, contudo, isto se chama desprezar; eu não o diria, antes, ninguém. Mas mostra-me alguém que persevere no meio dos tormentos, por causa da piedade, como eu posso nomear inúmeros pela terra inteira. Quem, dilacerado pelas unhas, suportou-o corajosamente? Quem, ao lhe serem arrancados os membros? Quem, ao ter o corpo dilacerado? Quem, ao serem extraídos os ossos da cabeça? Quem, frequentemente colocado na grelha? Quem, lançado na caldeira? Mostra-me desses fatos. Pois morrer por meio da cicuta seria como adormecer; diz-se que essa morte é mais suave do que o sono. Se alguns sofreram tormentos, certamente não mereceram louvores; arruinaram-se devido a motivos torpes. Uns porque revelaram segredos, outros porque usurparam o poder, outros surpreendidos em ações por demais vergonhosas; outros em vão e temerariamente, sem motivo algum, suicidaram-se. Entre nós tal não aconteceu. Por isso, não se mencionam os atos deles; os nossos desabrocham e aumentam cada dia. Considerando estas coisas, dizia Paulo: *“O que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”*. Daí evidencia-se ser divina a pregação. Donde vem que doze homens, e ignorantes, que viviam às margens dos lagos, dos rios e no deserto, enfrentassem tal empreendimento e aqueles que talvez jamais haviam ido a uma cidade e a uma praça, se entregassem à luta contra toda a terra? No entanto, quem escreveu a respeito deles informa que eles eram medrosos e pusilânimes; e, máximo argumento de sua veracidade, não omitiu, nem quis esconder suas falhas. O que, portanto, afirma sobre eles? Que na prisão de Cristo, depois de tantos milagres, uns fugiram, e outro, o chefe de todos eles, o negou. De onde vem que eles, enquanto Cristo vivia, não enfrentaram o ataque dos judeus, e depois de morto e sepultado e, conforme vós afirmais, sem ter ressuscitado, nem lhes ter falado, nem incutido ânimo, armaram-se contra a terra inteira? Acaso não diriam a si mesmos: O que é isto? Não pôde salvar-se a si mesmo e nos protegerá? Enquanto vivo não socorreu a si próprio, e estender-nos-á a mão depois de morto? Enquanto viveu, não submeteu nem um só povo, e nós, proferindo seu nome, converteremos o orbe todo? Não seria desarrazoado não só agir assim, mas até mesmo pensar? É evidente que, se não o tivessem visto ressuscitado, com uma grande prova de seu poder, não se teriam aventurado a obra tão perigosa. Mesmo que tivessem inúmeros amigos, acaso não iriam logo adquirir a inimizade de todos, ao abolirem antigos costumes e modificarem os limites paternos? Agora, portanto, tinham por inimigos os próprios conterrâneos e os estranhos. Se, pois, eram respeitáveis pelo exterior, não o teriam talvez abominado por introduzirem novo estilo de vida? Agora, porém, eram abandonados por todos, e era consentâneo que, ao menos por isso, incorressem no ódio e desprezo de todos. A quem estás te referindo? Aos judeus? Mas dedicavam-lhes indizível ódio por causa do que sucedera ao mestre. Aos gregos? Mas estes não menos do que os judeus tinham-lhes aversão e sabem-no principalmente os gregos. Quanto a Platão, que quis instituir nova forma de governo, ou antes uma parte desta, e não mudou os nomes dos deuses, mas apenas alterou os costumes, trocando uns pelos outros, expulso da Sicília, correu o perigo de ser morto. Tal não

aconteceu, mas perdeu a própria liberdade. E se certo bárbaro não fosse mais manso do que o tirano da Sicília, nada impediria que o filósofo se tornasse escravo para sempre em terra estrangeira. Entretanto, não é a mesma coisa inovar as disposições relativas ao reino e as da religião, pois estas últimas especialmente perturbam e comovem os homens. Pois dizer: Fulano e Sicrano se casem com tal mulher, e: Os guardas exerçam a vigilância de tal modo, não abala muito. E sobretudo se as leis se acham escritas num livro, e o legislador não cuida muito de que sejam executadas; mas assegurar que aqueles que se cultuam não são deuses, e sim demônios, que o Crucificado é Deus, sabeis quanta ira inflamou, quantas penas foram aplicadas, quanta guerra foi declarada.

Efetivamente, entre eles, Protágoras, que, embora não tenha percorrido a terra para pregar, mas somente numa cidade ousou afirmar: Não conheço deuses, correu o maior perigo. A Diágoras da ilha de Melo, contudo, e a Teodoro, cognominado ateu, de nada lhes serviu possuírem amigos e serem eloquentes e admirados por sua filosofia. E o grande Sócrates, que superava a todos os filósofos gregos, teve de beber cicuta, por causa da suspeita de que introduzira pequena mudança no que ensinara sobre os deuses. Se apenas a suspeita de inovação acarretou tanto perigo a homens que eram filósofos e sábios e gozavam de enorme fama, e não só não obtiveram o que queriam, mas perderam a vida e a pátria, como não sentirias admiração e espanto ao notares que um pescador operava tais maravilhas na terra, conseguia o que tentava obter e superava todos os bárbaros e gregos? Mas, replicas, eles não introduziam deuses estrangeiros como aqueles. Acho isso mesmo que dizes sumamente admirável, por se tratar de dupla inovação: a de apartar os deuses então cultuados e a de anunciar o Crucificado. Donde veio que foram movidos a pregar estas coisas? Donde tal ousadia a respeito do fim visado? Em quantos predecessores viram tal atividade? Acaso todos não cultuavam os demônios? Todos não divinizavam os elementos? Não eram vários os modos de impiedade? No entanto, empreenderam tudo, e dissolveram tudo e em breve tempo percorreram toda a terra como se fossem alados, sem atenção aos perigos, às espécies de morte, à dificuldade da empresa, a sua pequenez, à multidão dos adversários, ao poder, ao domínio, à sabedoria dos inimigos. Dispunham de auxílios maiores que tudo isso, a saber, o poder do Crucificado que ressuscitou.

Não teria sido tão admirável quanto os acontecimentos de então se preferissem uma guerra declarada a todo o orbe. Pois, de acordo com as leis bélicas, podiam postar-se contra os inimigos, e ocupando a região oposta, pôr-se em linha de batalha contra os inimigos e esperar a oportunidade de invadir e atacar. Com os apóstolos, porém, isto não sucedeu. Não tinham exército próprio, mas achavam-se misturados com os inimigos e deste modo os venciam e, vivendo no meio deles, rebatiam-lhes os ataques, dominavam-nos e obtinham esplêndida vitória, em realização da profecia: “E dominas em meio aos teus inimigos” (Sl 110,2). Causava o maior espanto o fato de que, enquanto os inimigos os prendiam e lançavam em cárceres e cadeias, não somente não podiam dominá-los, mas depois diante deles se prostravam, os carrascos diante dos flagelados, os algemados perante os que haviam prendido, os perseguidores diante dos perseguidos. Tudo isto dizemos aos gregos, ou melhor, mais ainda; de fato, é grande a fertilidade da verdade. Se, pois, seguirdes os argumentos, a todos vós ensinaremos a luta contra eles. Por enquanto, guardemos estes dois pontos: Por que os fracos superaram os fortes e ocorreu-lhes, sendo tais, empreender estes planos, a não ser que se apoiassem no auxílio divino?

Assim seja o que é nosso. Vivamos corretamente e qual fogueira se acendam as virtudes. “Brilhais como astros no mundo” (Fl 2, 15). Deus concedeu a cada um de nós, maior valia do que ao sol, ao céu, à terra, ao mar, e tanto mais quanto as coisas espirituais prevalecem sobre as sensíveis. Ao contemplarmos o globo solar, admirados da beleza, do tamanho e do esplendor do astro, pensemos que em nós existe luz mais intensa e superior, assim como também, se não vigiarmos, as trevas serão

maiores, porque noite profunda envolve o orbe. Dissipemos e expulsemos, portanto, essas trevas. É noite não apenas para os hereges e gentios, mas ainda para muitos companheiros nossos, tanto na doutrina quanto na vida. Com efeito, muitos não acreditam na ressurreição, muitos se apoiam na posição dos astros em seu nascimento, outros se aplicam a observações, aos vaticínios, augúrios e símbolos, outros usam amuletos e feitiços. Mas, falaremos enfim contra eles, após o discurso contra os gregos; por enquanto, guardai o que foi dito, entrai comigo na luta, e através de vossa vida, atraí-os e convertei-os. Na verdade, como sempre repito, aquele que ensina a sabedoria deve primeiro transmiti-la pelo exemplo, e torná-la desejável aos ouvintes.

Sejamos, portanto, amáveis, e atraiamos a amizade dos gregos. Assim sucederá se estivermos prontos não só a fazer o bem, mas também a suportar os males. Não vemos as crianças no colo dos pais, como batem do rosto dos que as carregam e como de bom grado o pai permite que o filho expanda a raiva, e alegra-se quando o vê sossegado? Assim também façamos nós, e falemos aos gregos como os pais aos filhos. Todos os gregos, de fato, são crianças; e alguns deles afirmaram que eles são sempre crianças, e não envelhecem. As crianças não se preocupam com o que é sério. Assim também os gregos sempre querem brincar, e deitam-se no chão e o apreciam. As crianças, porém, quando lhes falamos do necessário, nada percebem, mas riem sempre. Igualmente os gregos, ao falarmos do reino, riem. Como os pequeninos muitas vezes babam e sujam a comida e a bebida, assim as palavras que saem da boca dos gregos são vãs e impuras; e se lhes deres o alimento necessário, xingam os que lho oferecem e é preciso retirá-lo. As crianças também, se virem entrar um ladrão, e tirar o que se acha dentro de casa, não somente não o expulsam, mas sorriem para o larápio. Se, porém, lhe tiras um cestinho ou os sistros, ou outro brinquedo qualquer, não o toleram, ficam iradas, agitam-se convulsivamente e sapateiam. Assim também os gregos, vendo o diabo que lhes rouba todos os bens paternos e os que lhes sustentam a vida, riem e acorrem como a um amigo; se, contudo, alguém lhe tira as posses, ou riquezas ou algo pueril, lamentam-se, condoem-se, debatem-se. E como as crianças antes do uso da razão despem-se, sem pudor, assim os gregos revolvem-se em luxúria e adultério, contra as leis da natureza, e em uniões ilícitas, e não se envergonham. Aplaudistes muito, louvastes; além dos aplausos, providenciai para que também de vós não se diga isto. Por isso, exorto-vos a todos: Sede homens! Somos crianças? De que modo educar para sermos homens? Como afastar da insipiência infantil? Sejamos, portanto, homens, para chegarmos à medida da idade de Cristo e alcançarmos os bens futuros, pela graça e amor aos homens etc.

QUINTA HOMILIA

26. *Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres.*

27. *Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios;*

Ao afirmar: "*o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens*", o Apóstolo mostra que a sabedoria humana é rejeitada pelo testemunho das Escrituras e pela experiência. Pelo testemunho, nesses termos: "*Destruirei a sabedoria dos sábios*", e pela experiência, com a interrogação: "*Onde está o sábio? Onde está o escriba?*" Ainda demonstra não ser um fato novo, mas antigo, enquanto já fora prefigurado e predito: "*Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios*". Depois disso manifesta ter assim acontecido de forma útil e providente, ao afirmar: "*Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem*", e ser a cruz prova de inefável força e sabedoria, e ter maior valor o que é louco segundo Deus do que a sabedoria humana. E isto ainda não o revelou através dos

doutores, mas por meio dos discípulos. Diz o Apóstolo: “*Vede, vós que recebestes o chamado*”. Não somente os doutores eram simples, mas escolheu discípulos dessa espécie: “*Não há entre vós muitos sábios segundo a carne*”. Desta forma evidencia-se ter sido muito mais válida e sábia a pregação porque convenceu a muitos e a insipientes. Na verdade, é dificílimo persuadir a homens rudes, principalmente quando se discursa sobre questões necessárias e importantes. Entretanto, os apóstolos persuadiram. E chama por testemunhas do fato a eles próprios, quando diz: “*Vede, irmãos, vós que recebestes o chamado*”. Considerai, examinai. Constitui prova da grande sabedoria do mestre, homens ignorantes acolherem a sábia doutrina, mais sábia do que toda sabedoria. O que significa: “*Segundo a carne*”? Segundo as aparências, segundo a vida presente, segundo o ensinamento pagão. Depois, para não parecer que se contradiz (pois persuadiu o procônsul, e o Areopagita bem como a Apolo, e vemos outros sábios aderirem à pregação), não declara: “Nenhum sábio”, mas: “*Não muitos sábios*”. Não era de propósito que convidava indoutos, e deixava de lado os sábios; mas admitia também a estes, e muito mais do que os primeiros. Por quê? Porque o sábio segundo a carne está muito mais cheio de insipiência; e é em grau máximo estulto aquele que não quer rejeitar uma doutrina corrupta. Por exemplo, se um médico quiser ensinar sua arte, os que sabem pouco, e exercem mal e falsamente a medicina e teimam em mantê-la, não aceitam facilmente o ensinamento; os que, porém, nada sabem, facilmente recebem o ensino. O mesmo acontece neste assunto; os indoutos ficam mais convictos, pois não tinham a extrema arrogância, a de se julgarem sábios. De outro lado, são principalmente estultos os que admitem argumentos em questões que só se descobrem pela fé. Se alguém, enquanto o ferreiro com uma tenaz extrair um ferro candente, teimar em retirá-lo com a mão, julgaremos que está completamente louco. Assim também os filósofos que insistem em descobrir por si estes assuntos, desestimam a fé. Por isso, desta forma, em suas investigações nada conseguiram descobrir. “*Não há... muitos poderosos, nem muitos nobres...*” Com efeito, estes são cheios de orgulho. Nada, porém, é tão inútil para o conhecimento de Deus do que a arrogância e o amor das riquezas, que fazem com que se admirem os bens presentes, sem dar importância alguma aos futuros; e os ouvidos ficam tapados pela multidão dos cuidados. “*Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu.*” Máximo sinal de vitória: Vencer por meio de ignorantes.

Os gregos não ficam tão envergonhados quando são vencidos pelos sábios, mas principalmente se coram de ver um artífice e homem da rua filosofar melhor do que eles. Por isso, diz o Apóstolo: “*Para confundir os sábios*”. E não o fez apenas aqui, mas igualmente em outros setores proveitosos da vida. “*E o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte.*” Ele não chamou apenas homens ignorantes, mas também pobres, vis, abjetos a fim de humilhar os que estavam de posse do poder.

28. *e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é,*

E quais declara ele não serem? Aqueles que são tidos por nada, de nenhum valor. Desta sorte mostrou o poder derrubando os grandes, por meio daqueles que pareciam nada ser. É isto o que o Apóstolo assevera em outra passagem: “É na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,9). Pois é sinal de grande poder homens desprezíveis, que nunca haviam recebido instrução alguma, de repente ficarem repletos de sabedoria celeste. Por isso também admiramos principalmente o médico, o orador e todos os outros que educam e instruem os rudes com êxito. Se, na verdade, é grande milagre inculcar os princípios da ciência aos ignorantes, muito mais os princípios de tão grande sabedoria. Deus não o fez somente para operar um milagre, nem para exibir poder, mas também para reprimir os orgulhosos. Por isso, dizia mais acima: “*Para confundir o que é forte, para reduzir a nada o que é*”; e aqui ainda:

29. *a fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus.*

Deus, portanto, tudo faz [para reprimir a soberba e a arrogância, para eliminar a jactância. E vós persistis nisto? Tudo faz] para que nada imputemos a nós, mas atribuirmos tudo a Deus. E vós aderis ora a este, ora àquele? E que perdão conseguireis? Com efeito, Deus manifestou, e desde o começo, que é impossível alcançarmos somente por nós próprios a salvação; e o fez desde o início. De fato, nem então podiam os homens por si mesmos salvar-se, mas importava que, vendo a beleza do céu, o tamanho da terra, a grandeza de outras criaturas, fossem levados ao Criador. Assim agiu já anteriormente, refutando de antemão a pseudossabedoria. Como um mestre, ao ordenar ao discípulo que o siga aonde ele o conduzir, e vir que ele vai à frente e quer aprender tudo por si mesmo, deixa-o errar, e após lhe mostrar que não é capaz de aprender por si só, apresenta-lhe o seu ensinamento. Igualmente Deus ordenou no início segui-lo pelo conhecimento da criação, mas tendo os homens recusado, pela experiência ensinou-lhes que não se bastavam a si mesmos, e reconduziu-os a si de outro modo: em vez de tábuas da lei ofereceu-lhes o mundo. Os filósofos não se aplicaram a isso, nem quiseram obedecer, nem ingressar no caminho que lhes ordenara seguir. Ele apresentou outro caminho mais claro que o primeiro para persuadir o homem de que não era autossuficiente. Então podiam desenvolver raciocínios e utilizar a sabedoria pagã, guiados pela criação; agora, porém, a não ser que alguém se torne estulto, isto é, a não ser que desista dos raciocínios e da sabedoria e acolha a fé, não se salva. Por conseguinte, uma vez que ele tornou o caminho tão fácil, e afastou todas as incomodidades, não é sem importância que os homens se gloriem, ou se orgulhem: *“A fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar”*. Daí se originou o pecado da contradição de serem mais sábios do que as leis de Deus, e da recusa de aprender o que ele estabelecera. Na verdade, nem assim aprenderam, absolutamente. Assim aconteceu desde o início. Deus disse a Adão: Faze isto, não faças aquilo. Ele, esperando descobrir mais, não obedeceu, e perdeu o que possuía. Deus disse aos que vieram depois: Não parai nas coisas criadas, mas através delas contemplai o Criador. Eles, como se tivessem encontrado algo de mais sábio do que as palavras proferidas, criaram inúmeros labirintos. Por este motivo, entraram em conflito consigo mesmos e entre si. Não encontraram a Deus, nem conheceram um pouco mais claramente a criação, nem tiveram dela um conceito adequado e veraz. Por essa razão, ainda depurou a opinião deles do grande orgulho, introduzindo primeiro ignorantes, a fim de mostrar que todos precisavam da sabedoria do alto. Não apenas acerca do conhecimento, mas em tudo mais estabeleceu que o homem e todas as criaturas precisassem dele, a fim de terem máxima oportunidade de sujeição e de sentir a penúria, a fim de não perecerem pela fuga. Por isso não permitiu que fossem autossuficientes. Efetivamente, se agora ainda muitos, apesar de estarem em penúria, desprezam, se assim não fosse, a que ponto de soberba não chegariam? Por isso ele, não por inveja, e sim para afastá-los da ruína consequente, eliminou tamanha ostentação.

30. *Ora, é por ele que vós sois em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção,*

Não julgo que a locução: *“Por ele”* se refira ao chamado à existência, mas seja relativa à fé, isto é, significa que os filhos de Deus não nasceram do sangue, nem da vontade da carne. Não penseis, portanto, que depois de nos despojar da ostentação, abandonou-nos nestas condições; deu-nos maior glorificação. Diante dele, portanto, não havemos de nos vangloriar. Sois seus filhos, feitos tais por Cristo. E depois de ter dito: *“O que é loucura no mundo, Deus o escolheu, e o que é vil”*, manifesta que eles eram os mais nobres de todos, porque têm a Deus por Pai. A causa dessa nobreza não é um homem, mas é Cristo, que nos fez sábios, justos e santos; é isto que significa a expressão: *“Que se tornou para nós sabedoria”*.

Quem, portanto, é mais sábio do que nós, que não temos a sabedoria de Platão, mas possuímos o próprio Cristo, pela vontade de Deus? O que significa: “*Proveniente de Deus*”? Tendo dito grandes coisas a respeito do Unigênito, nomeia então o Pai, a fim de que ninguém julgue ser ingênito o Filho. Tendo afirmado que ele podia tanto, e havendo tudo atribuído ao Filho, nesses termos: “*Que se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção*”, pelo Filho novamente tudo atribui ao Pai: “*Proveniente de Deus*”. Por que, então, não disse: Fez-nos sábios, mas: “*Que se tornou para nós sabedoria*”? Para revelar a abundância do dom, dizendo de certo modo: Deu-nos a si mesmo. E vê o caminho que segue. Primeiro nos fez sábios porque nos libertou do erro, e em seguida justos e santos, outorgando o Espírito, e deste modo nos libertou de todos os males a fim de lhe pertencermos, não por essência, mas através da fé. Em outra passagem declara, na verdade, que fomos feitos justiça nele: “Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21); agora, porém, diz que ele se fez justiça por nós, de sorte que a quem quiser é lícito ser em grande medida partícipe dele. Não foi este nem aquele que nos fez sábios, e sim o Cristo. Quem se gloria, portanto, nele se glorie, não em um ou outro homem; tudo foi feito por Cristo. Por isso, tendo dito: “*Que se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção*”, acrescentou:

31. *a fim de que, como diz a Escritura, aquele que se gloria, se glorie no Senhor.*

Por essa razão, o Apóstolo também ataca fortemente a sabedoria dos gregos, de sorte a convencer os homens, conforme é justo, a se gloriarem no Senhor. De fato, quando inquirimos o que está acima de nós, nada de mais estulto, de mais fraco. Podemos ter uma língua afiada, mas uma doutrina sólida, não. Os raciocínios por si assemelham-se a teias de aranha. Alguns chegaram a tal ponto de loucura que afirmaram não serem verdadeiros os seres existentes, enquanto afirmam serem todos o contrário das aparências.

Nada, portanto, digas que é teu, mas em tudo gloria-te em Deus; nada atribuas jamais a homem algum. Se, pois, a Paulo nada deve ser atribuído, quanto mais aos restantes; na verdade, disse ele: “Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer” (1Cor 3,6). Quem aprendeu a gloriar-se no Senhor, nunca se vangloriará, mas sempre agirá de forma moderada, e em tudo será agradecido. Com os gregos tal não acontece, mas eles tudo atribuem a si mesmos. Transformam, portanto, os homens em deuses e em consequência a arrogância os arruinou.

Finalmente chegou o momento de lutarmos contra eles. Onde, portanto, nos detivemos ontem? Dizíamos que não é consequente, humanamente falando, que pescadores superem filósofos. Entretanto foi possível. Daí se torna evidente que foi por ação da graça. Dizíamos ser impossível que eles até mesmo imaginassem tantos e tão estupendos feitos; e mostramos que não só foram planejados, mas até executados com a maior facilidade. Nesse ponto especialmente hoje nos exercitaremos: De onde lhes ocorreria esperar vencer toda a terra, se não houvessem visto Cristo ressuscitado? Acaso estavam fora de si para pensarem nisso de forma inconsiderada e temerária? Ultrapassa toda espécie de loucura, esperar sem a graça de Deus e realizar tão grande empresa. Como o realizariam estando loucos e fora de si? Se, ao invés, estavam de perfeito juízo, segundo os fatos o comprovam, e sem receberem dos céus penhores dignos de fé, sem usufruírem a graça do alto, de que modo doze homens ousariam cingir-se e sair para tal guerra, por mar e terra, dispostos a persistir com fortaleza em transformar os costumes de toda a terra, consolidados por tanto tempo? Mais ainda. De onde esperavam persuadir os ouvintes apelando para o céu e a convivência celeste? Se tivessem sido educados no meio de glória, riquezas, poder e erudição, nem assim talvez poderiam fazer frente a empreendimento tamanho. No entanto, teriam então alguma esperança. Agora, contudo, uns viviam à

margem de lagos, outros cobertos de peles, outros no telônio. Nada menos inadequado à filosofia do que estas ocupações e à tentativa de convencer os outros a imaginar coisas grandiosas, especialmente quando não havia precedentes. Ora, eles não só não tinham exemplos a oferecer com os quais podiam esperar a vitória, mas até provas havia de que não venceriam; e exemplos recentes. Pois muitos que tentaram inovar foram exterminados. Não me refiro aos gregos, então inexistentes, mas aos próprios judeus daquela época. E não o empreenderam apenas com doze homens, mas com grande multidão. Com efeito, Teúdas e Judas (cf. At 5,36-37) que contavam com grande grupo de homens, pereceram com seus discípulos. E o temor proveniente destes exemplos poderia fazê-los desistir, se não estivessem inteiramente convictos de que sem o poder divino ninguém pode vencer. Como conseguiriam, e baseados em qual esperança enfrentariam tantos perigos, a não ser que olhassem para os bens futuros? Imaginemos que eles contavam com o êxito. Que lucro esperavam por conduzirem todos àquele que não ressuscitara, segundo dizeis?

Efetivamente, se agora os homens que acreditam no reino dos céus e em inúmeros bens, dificilmente enfrentam os perigos, como aqueles se submeteriam em vão, ou antes, para seu prejuízo? Se, pois, não se houvesse realizado o que verdadeiramente aconteceu, e se Cristo não subira ao céu, os que tentavam inventar estas coisas e delas convencer os outros, haveriam de ofender a Deus e podiam contar que seriam fulminados com mil raios. Aliás, embora tivessem tanto ânimo durante a vida de Cristo, desanimariam após sua morte. Pois se ele não tivesse ressuscitado, teria sido enganador e falso. Não sabeis que o exército enquanto vive o general ou o imperador, apesar de ser pouco numeroso, resiste, mas se morre, mesmo quando valoroso, se dissolve?

Com que fundamento comprovado se entregariam à pregação e partiriam para a terra inteira? Por quantos obstáculos não seriam detidos? De fato, se eram loucos (não cessarei de repeti-lo), nada absolutamente conseguiriam. Ninguém obedece a loucos. Se, porém, agiram bem, como de fato agiram e o resultado o demonstrou, eram os mais sábios de todos. Se eram os mais sábios de todos, é claro que não foram pregar temerariamente. Se não tivessem visto o Ressuscitado, o que poderiam induzi-los a esta luta? O que não os deteria? Disse-lhes: Depois de três dias ressuscitarei – e fez as promessas sobre o reino dos céus. Disse-lhes que haveriam de dominar o orbe, depois de receberem o Espírito Santo; e ainda predisse numerosos feitos que ultrapassariam a natureza. Por conseguinte, se nada disso sucedesse, apesar de terem crido enquanto ele estava vivo, depois de morto não mais acreditariam, a não ser que o vissem ressuscitado. Diriam, pois: Afirmou que após três dias ressuscitaria e não ressuscitou. Prometeu dar o Espírito e não o enviou. Como acreditaremos acerca do futuro, se o presente o convence de falsidade? Por que motivo, se não ressuscitou, pregaremos que ele ressuscitou? É porque o amavam, replicas. Ao contrário, haveriam de odiá-lo daí em diante, porque os havia enganado e traído, com mil promessas e os induzira a renunciar a casa, pais e bens, suscitara todo o povo judeu contra eles, e por fim os traíra. Se o tivesse feito por fraqueza, seria perdoável; agora, no entanto, considerariam que fora feito por imensa maldade. Devia, de fato, falar a verdade, não prometer o céu, se fosse homem mortal, conforme afirmais. É provável que fariam o contrário, denunciando o engano, e dizendo que ele fora fingido e sedutor; desta forma se livrariam dos perigos, e a guerra terminaria. Se os judeus deram dinheiro aos soldados para assegurarem que o corpo fora furtado; se os discípulos viessem dizer: Nós o roubamos, ele não ressuscitou, quantas honras não receberiam? Era possível serem honrados e coroados. Por que, então, preferiram sujeitar-se aos opróbrios e periclitar, se certa virtude divina não tivesse sido mais forte para persuadi-los? Mas, se ainda não te persuadimos, pensa no seguinte: Se assim não fosse, embora estivessem muito preparados, não aceitariam anunciá-lo, mas ter-lhe-iam aversão. Sabeis que nem ouvir queremos o nome daqueles que nos enganaram. Por que razão anunciaram o seu nome? Acaso porque esperavam

que por meio dele haveriam de vencer? Mas, era de se esperar o contrário, porque, embora estivessem a ponto de vencer, perderiam ao apresentar o nome de um sedutor. Se, porém, quisessem ocultar os fatos anteriores, deviam calar; a réplica mais intensificaria a oposição e a zombaria. De onde, portanto, veio-lhes à mente inventar tais coisas? Pois, o que haviam ouvido, passara. Se enquanto não havia receio algum, eles se esqueciam de muitas coisas, e a outras nem entendiam, conforme diz o evangelista, diante de perigo tão iminente, como não lhes escaparia tudo? E por que falo das palavras, se o amor ao mestre insensivelmente teria definhado pelo medo do futuro? Foi o que neles o mestre censurou, porque antes enquanto apegados a ele, frequentemente o interrogavam: Para onde vais? Mas, posteriormente, depois dos longos discursos sobre os males que na ocasião da crucifixão os atingiriam, como eles em consequência ficassem estarrecidos de medo, escuta como lhes fala: “Nenhum de vós me pergunta: ‘Para onde vais?’ Mas porque vos disse isto, a tristeza encheu os vossos corações” (Jo 16,5-6). Se, portanto, na expectativa de sua morte e ressurreição, de tal modo se entristeciam, se não o tivessem visto ressuscitado, como não pereceriam, e não tentariam esconder-se debaixo da terra, tanto pela tristeza da fraude, quanto pelo medo do futuro?

De onde, porém, provinham aqueles sublimes ensinamentos? Cristo disse que haveriam de ouvir depois coisas mais sublimes: “Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender” (Jo 16,12), de sorte que o restante era mais sublime. Um dos discípulos nem queria partir com ele para a Judeia, após conhecer os perigos, mas dizia: “Vamos também nós para morrermos com ele!” (Jo 11,16). Pesava-lhe a perspectiva da morte. Se, portanto, enquanto estava com ele temia a morte e por isso fugia; sem ele e os demais discípulos o que não esperava sofrer? E seria grande prova de falta de pudor. E o que diriam ao partirem? A paixão era conhecida na terra inteira; fora suspenso num alto patíbulo, ao meio-dia, na capital, no dia da maior das festas, da qual principalmente não era lícito a ninguém ausentar-se. Mas, nenhum pagão sabia da ressurreição, o que constituía grande obstáculo à persuasão. E corria o rumor de que fora sepultado. Diziam os soldados e os judeus que os discípulos haviam roubado o corpo. Mas pagão algum sabia ter ele ressuscitado.

Como podiam os discípulos ter a esperança de convencer a terra inteira? Se após tantos milagres, os soldados foram levados a atestar o contrário, onde se fundamentaria para os apóstolos a esperança de poderem pregar a ressurreição sem o reforço dos milagres, sem possuírem sequer um óbolo, e de levarem à fé o mar e a terra? Se agissem desta forma por amor à glória, cada um atribuiria a doutrina sobretudo a si e não àquele que morrera. Aliás, os homens não acreditariam neles? Em quem acreditariam mais? No que fora preso e crucificado ou naqueles que escaparam das mãos dos judeus? Por que motivo, então, pergunto, havendo de agir assim, não deixaram imediatamente a Judeia e ao invés de irem para o exterior, lá permaneceram? Como teriam crédito, se não operassem milagres? Se operassem, e na verdade operavam, os prodígios provinham do poder de Deus. Se, porém, não os faziam e contudo conseguiam vencer, seria muito mais prodigioso. Não conheciam os judeus, pergunto, com suas más disposições e o ânimo cheio de inveja? Na verdade, queriam apedrejar a Moisés, depois que atravessaram o mar a pé enxuto, depois da vitória e do admirável troféu que, pelas mãos dele, sem derramamento de sangue, eles ergueram contra os egípcios, que os haviam escravizado, depois do maná, e das torrentes que da pedra manaram, depois de milhares de milagres no Egito, no mar Vermelho e no deserto. A Jeremias jogaram na cisterna, e mataram a muitos profetas. Escuta o que diz Elias, depois da fome terrível, da chuva miraculosa, do fogo que fez cair do céu, daquele estupendo holocausto e, contudo, finalmente expulso de sua região: “Senhor, mataram teus profetas e derrubaram teus altares. Fiquei somente eu e procuram tirar-me a vida” (1Rs 19,10). No entanto, eles não introduziram inovações. Donde vinham aos apóstolos, pergunto, tais disposições? Pois eram inferiores àqueles todos; e as mesmas inovações por causa das quais crucificaram o Mestre

eram as que eles pregavam. De resto não parecia tão grave que Cristo pregasse tais coisas e eles dissessem o mesmo. Pois talvez pensassem os judeus que Cristo assim agira para obter glória para si; no entanto, mais odiariam os apóstolos por combatê-los em prol de um outro. Mas eles tinham as leis romanas a seu favor? Ao contrário, mais os impediam, conforme eles próprios diziam: “Todo aquele que se faz rei, opõe-se a César!” (Jo 19,12). Somente, portanto, era próprio a criar obstáculo o fato de serem discípulos daquele que fora considerado rebelde, e tentarem fortalecer-lhe o partido. O que, enfim, os animara a enfrentar tantos perigos? Em que pareciam fidedignos do que diziam a respeito dele? Que fora crucificado? Que nascera de uma pobre mulher judia, desposada a um carpinteiro judeu? Que era de uma nação odiosa a toda a terra? Na verdade, tudo isso não apenas não ganhava e atraía os ouvintes, mas era capaz de excitar oposição em todos; principalmente quando proferidas por um fabricante de tendas e por um pescador. Estas coisas todas, acaso, vieram à mente dos discípulos? Pois as naturezas tímidas podem imaginar muito mais do que aquilo que na realidade existe. Tal era, de fato, a natureza deles. De onde, portanto, aguardavam bom resultado? Ao invés, não aguardavam, mas eram muitos os motivos que os fariam desistir, a não ser que Cristo tivesse ressuscitado.

Não é evidente que mesmo os mais estultos, se não fruíssem de grande e abundante graça e tivessem penhores da ressurreição, não poderiam atuar assim e assumir esta tarefa, mas nem mesmo excogitar a respeito dela? Se os obstáculos eram tantos, não digo que agissem e empreendessem, mas nem mesmo o podiam imaginar. Se tais eram as dificuldades, não digo para executar, mas até para planejar e, entretanto, planejaram e realizaram estupendas ações, e levaram a termo empreendimentos inesperados, torna-se claro para qualquer um que a atividade deles não derivava de virtude humana, e sim da graça divina.

Exercitemo-nos nesses diálogos, portanto, não só entre nós, mas também com os outros; assim nos será mais fácil a descoberta do restante. Não julgues ser este esforço alheio a ti porque exerces um ofício manual. Paulo também era fabricante de tendas, mas então estava cheio de graça, e por isso falava acerca de tudo. Ou melhor, antes de receber a graça, estava aos pés de Gamaliel; e recebeu a graça, porque possuía mente disposta à graça, e depois voltava a exercer seu ofício. Nenhum de vós se envergonhe de ser artífice, e sim se comerem seu pão ociosos, sem nada fazer, com numerosos escravos e mais assistidos do que é possível dizer. Com efeito, obter a subsistência com contínuo trabalho é próprio dos sábios; eles têm a alma mais pura, o espírito mais forte. Pois o ocioso fala demais e inutilmente, faz coisas vãs, e, entorpecido, fica à toa o dia inteiro; o trabalhador, contudo, não se entregará facilmente a coisas supérfluas, nem em obras, nem em palavras, nem em pensamentos, porque com toda a alma estará sempre atento ao labor. Não desprezemos, portanto, os que tiram sua subsistência do trabalho manual, mas antes os proclamemos felizes. Que valia, pergunto, tens quando, tendo recebido a herança paterna, ficas continuamente à toa e consomes em vão todos os bens? Não sabes que todos nós devemos prestar contas idênticas? Mas serão mais estritas para aqueles que na terra viveram com maiores facilidades, e abundância; enquanto os que aqui viveram em trabalhos, pobreza e aflições, serão tratados com mais suavidade. Isso se faz evidente na parábola de Lázaro e do rico (cf. Lc 16,19-31). Tu, certamente, que não empregaste o lazer nos devidos ofícios, com justiça serás acusado; o pobre, contudo, que utilizou o restante do tempo em tarefas úteis, fruirá de grande recompensa.

Entretanto, alegas a milícia, e que nela te achavas detido? Tal escusa, contudo, não é razoável. Efetivamente, Cornélio era centurião, e em nada o cinto militar prejudicou seu diligente estilo de vida. Tu, porém, para te ocupares com bailarinos e atores e gastares todo o tempo da vida no teatro, não aludes às obrigações da milícia, ou ao medo dos magistrados. Quando, porém, te convidamos a vir à igreja, então apresentas inúmeros pretextos. E o que dirás naquele dia, ao vires a chama e os rios de

fogo e as cadeias indissolúveis, e ouvires o ranger dos dentes? Quem te patrocinará então, ao contemplares o artífice que viveu honestamente, a gozar de toda glória; tu, porém, que agora estás vestido de vestes de seda e exalas perfumes, a sofrer tormentos intoleráveis? De que te servirão as riquezas e a afluência de bens? Que detrimento causou ao artífice a sua pobreza?

No intuito, portanto, de não sofrermos então, temamos os males agora mencionados, e gastemos o tempo disponível em ocupações necessárias. Havendo assim aplacado a Deus por causa dos pecados passados, e acrescentando boas obras no futuro, poderemos alcançar o reino dos céus, pela graça e amor aos homens etc.

SEXTA HOMILIA

2,**1.** *Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o testemunho de Deus.*

2. *pois não quis saber de outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado.*

Nada mais disposto à luta do que a alma de Paulo; ou melhor, não se tratava de sua alma; não foi por si mesmo que a procurou. Mas nada era igual à graça que nele operou e tudo venceu. É suficiente o que foi dito acima para prostrar o orgulho daqueles que se gloriavam da sabedoria; ou antes até uma parte do enunciado era suficiente. Entretanto, a fim de que os prêmios da vitória fossem mais brilhantes, levou avante a luta, e superou os adversários prostrados. Atenção! Aludira à profecia: *“Destruirei a sabedoria dos sábios”*, revelara que a sabedoria de Deus, apesar de parecer loucura, prostrou a filosofia pagã; mostrara que a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, que não somente ensinara por intermédio de ignorantes, mas também dirigira o chamado a ignorantes e rudes. Agora demonstra que o próprio anúncio e o modo da pregação eram suficientes para causar agitação, e, contudo, não perturbaram. Pois não são apenas os discípulos que são rudes, mas também eu, o pregador. Por isso, diz ele: “*Eu mesmo, irmãos* (novamente denomina-os irmãos, para suavizar a dureza da palavra), *quando fui ter convosco, não me apresentei com o prestígio da palavra para vos anunciar o testemunho de Deus”*. O que seria, então, dize-me, se quisesses vir com o prestígio da palavra? Poderias? Eu, na verdade, se quisesse, não poderia; Cristo, porém, se quisesse, teria podido. Mas não quis, a fim de tornar mais esplêndido o troféu. Por isso, mostrando mais acima ter sido obra dele, e da vontade dele que a palavra fosse anunciada de forma indouta, dizia: “*Pois não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem”*. Foi muito mais, ou antes, infinitamente mais ter sido vontade de Cristo do que se Paulo o tivesse querido. Não anuncio o testemunho de Deus, portanto, diz ele, ostentando eloquência, nem munido de palavras pagãs. E não disse: “O anúncio”, mas “*O testemunho de Deus”*, o que era suficiente para causar afastamento dos homens. Ia por toda parte anunciando a morte; por isso acrescentou: *“Pois não quis saber de outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado”*. Assim se exprimia porque não participava absolutamente da sabedoria pagã, conforme também dizia acima: “*Não me apresentei com o prestígio da palavra”*. É claro que poderia fazê-lo. Aquele, cujas vestes ressuscitara alguns mortos, e cuja sombra curara doenças, muito mais poderia assumir a eloquência, que os discípulos aprendem; aquelas ações, porém, ultrapassam toda arte. Quem, portanto, tem conhecimento da arte superior, muito mais poderia conhecer as inferiores. Mas Cristo não o permitiu; nem era apropriado. Com justeza, portanto, diz: *“Pois não quis saber de outra coisa”*, porque ambiciono o mesmo que Cristo deseja. Parece-me que me dirijo a eles de modo mais humilde do que aos outros, a fim de reprimir seu orgulho. A expressão: *“Pois não quis saber de outra coisa”* contrasta com a sabedoria pagã. De fato, não vim tecendo silogismos nem sofismas, nem vos

anunciando outra coisa a não ser Cristo crucificado. Eles, na verdade, proferem milhares de palavras, e sobre mil pontos falam abrindo largos sulcos, apresentando raciocínios e silogismos, adornados com inumeráveis sofismas; eu, porém, fui ter convosco, renunciei a todos eles, e não vos falei de outra coisa senão de Cristo crucificado, o que é inefável sinal do poder daquele que é anunciado.

3. *Estive entre vós cheio de fraqueza, receio e tremor;*

Um novo capítulo. Não somente os que acreditavam eram ignorantes, nem apenas o que falava era inculto, nem só o método de ensino era muito simples, nem somente a própria pregação era capaz de inquietar. Com efeito, eram anunciadas a cruz e a morte. Mas com estes havia outros obstáculos: perigos, insídias, temor cotidiano, perseguição. Com efeito, muitas vezes chama de perseguição a fraqueza, conforme se exprime em outra passagem: "E vós não mostrastes desprezo, em face da fraqueza na minha carne" (cf. Gl 4,13-14). E ainda? "Se é preciso gloriar-se, de minha fraqueza é que me gloriarei". De qual? "Em Damasco, o etnarca do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos no intuito de me prender" (2Cor 11,30.32). E também: "Por isso, eu me comprazo nas fraquezas". Em seguida, declarando em quais, acrescentou: "Nos opróbrios, nas necessidades, nas angústias" (ib. 12,10). E agora faz idêntica afirmação, visto que, tendo dito: "*Estive entre vós cheio de fraqueza*", não se detém nisso, mas explicando qual a fraqueza, denomina-a perigos, acrescentando: "*Estive entre vós cheio de receio e tremor*". O que dizes? Paulo também tinha medo dos perigos? Tinha e muito. Apesar de ser Paulo, no entanto era homem. Não era um crime para Paulo, mas fraqueza natural e elogio de seu propósito, porque, apesar de temer a morte e os ferimentos, nada de indigno fez por causa do temor. Desta forma, os que dizem que ele não tinha medo dos ferimentos, não somente não o honram, mas diminuem muito os seus louvores. Pois se não temia, qual era a sua persistência, a sabedoria em enfrentar os perigos? Eu, porém, o admiro porque, apesar de temer, e não só temer mas tremer nos perigos, sempre correu e foi coroado, e não cedeu diante de qualquer perigo, purificando o orbe e em toda parte, mar e terra, semeou a pregação.

4. *minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria.*

Significa que não eram segundo a sabedoria pagã. Se, portanto, a pregação nada tinha da sofística, como aqueles que eram chamados simples (e o pregador o era) puderam sobrepujar, e apesar da perseguição, temor e tremor? Dize-me. Pela virtude divina. Tendo dito, portanto: "*Minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria*", acrescentou: mas eram uma demonstração de Espírito e poder.

Vede como o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens e o que é fraqueza é mais forte? Pregadores rudes, presos e perseguidos venciam os que os repeliam? De onde provinha isto? Não seria, talvez, porque ofereciam a fé por intermédio do Espírito? É claro que se trata de uma "*demonstração*". Quem, pois, pergunto, vendo mortos ressuscitados e demônios exorcizados, não acreditaria? Uma vez, porém, que existem virtudes enganosas, quais as dos feiticeiros, esta igualmente despertou suspeita. O Apóstolo não disse apenas: "*Poder*", mas em primeiro lugar: "*Espírito*", e em seguida: "*Poder*", mostrando serem os acontecimentos obras do Espírito. Não ter sido feito o anúncio por meio da sabedoria não reverte em diminuição, e sim em sumo ornamento. Demonstra em grau máximo que o anúncio é divino e tem raízes no alto, é originário dos céus; por isso acrescenta:

5. *a fim de que a vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus.*

Vês como através de tudo demonstra claramente ser grande o lucro da simplicidade e a sabedoria pagã representar grande dano? Pois essa última difamava a cruz de Cristo, aquela, porém, proclamava o poder de Deus; a sabedoria fazia com que os homens não encontrassem o necessário e se gloriassem em si mesmos e aquela, com que acolhessem a verdade e se gloriassem em Deus. Ainda, a sabedoria

persuadiria a muitos a que julgassem serem humanos os ensinamentos; a outra, porém, claramente indicava que era divina e oriunda do céu. Quando, porém, se faz a “*demonstração*” com a sabedoria das palavras, frequentemente os perversos ultrapassam os melhores, porque mais hábeis no falar, e a mentira suprime a verdade. Aqui, contudo, tal não acontece. O Espírito Santo não entra numa alma imunda e uma vez que penetrou nunca pode ser vencido, nem mesmo por toda a habilidade no falar. Com efeito, a “*demonstração*” por meio das obras e sinais é muito mais estupenda do que a que se opera pelas palavras.

Ora, talvez diga um pagão: Se a pregação deve vencer, e não necessita da eloquência para que a cruz não perca o poder, por que os sinais agora cessaram? Por quê? É qual incrédulo que assim te exprimes, e não aceitas que eles se realizavam no tempo dos apóstolos, ou verdadeiramente perguntas buscando saber? Se falas qual incrédulo, detenho-me primeiro neste ponto. Se agora não se operam milagres, como sucede que conseguissem os apóstolos convencer, eles, homens exilados, perseguidos, trêmulos, presos, considerados inimigos comuns de toda a terra, expostos a sofrer da parte de todos, nada possuindo em si de atraente, nem eloquência, nem boa apresentação, nem riquezas, nem cidade, nem povo, nem raça, nem ofício, nem glória, ou algo de semelhante, mas tudo em contrário: ignorância, abjeção, pobreza, ódio, inimizade, diante de povos inteiros, e anunciando tais feitos? Além disso, os preceitos eram laboriosos e o ensinamento perigoso; e os ouvintes a serem convencidos haviam sido educados no meio de delícias, embriaguez e muitos vícios. Como, pergunto, induziram a crer? O que os fazia fidedignos? Pois, conforme já disse, se levaram à fé sem realizar milagres, o prodígio é muito maior. Do fato de que agora não acontecem milagres, não deduzas que então não eram operados. Com efeito, então era útil que se fizessem, e agora é proveitoso que não haja. Não se conclui necessariamente que, se agora só se argumenta com palavras, a pregação se realiza pela sabedoria. Realmente, aqueles que no início semearam a palavra eram rudes e indoutos, e nada diziam por si mesmos, mas transmitiam à terra inteira o que haviam recebido de Deus. Também nós agora não transmitimos o que é nosso, mas damos a todos o que deles recebemos. E agora não sugerimos por meio de silogismos; mas tornamos dignos de crédito o que dizemos baseados nas Escrituras e nos milagres que então foram feitos. Eles igualmente não persuadiam somente por meio de milagres, mas também discursando. As palavras se tornavam mais eficazes através dos milagres, e dos testemunhos do Antigo Testamento e não pela habilidade das expressões. Por que, então, dirias, os milagres eram úteis, e agora não? Suponhamos (discuto com um gentio, e por isso digo por hipótese o que haverá com toda certeza de acontecer), suponhamos, portanto, e ao incrédulo se dê ao menos tempo na disputa de assentir aos dizeres, por exemplo, que Cristo haverá de vir. Quando, portanto, Cristo vier e todos os anjos com ele, e Deus se tiver mostrado, e tudo lhe estiver submisso, o gentio não acreditará? Acreditará e adorará, e dirá que é Deus, por mais obstinado que tenha sido.

Quem, por conseguinte, vendo os céus abertos, e ele vir sobre as nuvens, cercado de toda a assistência das Potestades superiores, os rios de fogo a correrem, todos de pé e a tremer, não adorará e reconhecerá a Deus? Por acaso, dize-me, aquela adoração e reconhecimento serão tidas por fé no gentio? Absolutamente não. Por quê? Porque não é fé; ocasionaram-na a necessidade e a manifestação das coisas visíveis, não a vontade livre; a mente foi coagida pela grandeza das coisas vistas. Por conseguinte, quanto mais claro e necessário o acontecimento, tanto mais diminui a fé; por esta razão agora não se produzem milagres. E que assim é, ouve o que foi dito a Tomé: “Felizes os que não viram e creram!” (Jo 20,29). Por conseguinte, quanto mais evidente o sinal, tanto diminui o merecimento da fé. Se, portanto, agora acontecessem milagres, seria o mesmo. Paulo declarou que então não mais o conheceremos pela fé, nesses termos: “Pois agora caminhamos pela fé, e não pela visão” (2Cor 5,7). A realidade não será então atribuída a tua fé, por ser clara e manifesta; assim também agora, se

sucedessem sinais idênticos aos anteriores. Quando, pois, admitirmos aquelas coisas que de modo algum podem ser descobertas pelos raciocínios, então existe a fé. A geena, portanto, é objeto de uma ameaça, na verdade, contudo não aparece; pois se aparecesse, o mesmo aconteceria novamente. Ao invés, se buscas sinais, agora também verificarás sinais, embora não da mesma espécie dos milhares de predições de inumeráveis eventos, da conversão do mundo, do amor à sabedoria dos bárbaros, da mudança dos costumes selvagens, da propagação da piedade. Dirás: E quais são as predições? Pois os eventos supramencionados foram realizados e só depois escritos. Dize-me. Quando foi, onde, e por quem? E quantos anos antes? Propões que seja há cinquenta, cem anos? Há cem anos, no entanto, quase nada estava escrito. Como, então, a terra inteira reteve os dogmas, e tudo mais, se a memória não basta para tanto? De onde souberam que Pedro foi crucificado? Como se lembraram posteriormente de predizer, por exemplo, que o Evangelho devia ser pregado em toda a terra, que a nação judaica haveria de terminar e não seria restaurada? Aqueles que deram a vida pela pregação, como suportariam ver a pregação falsificada? De que maneira acreditar nos escritores, depois que os milagres cessaram? Como, porém, os escritos teriam chegado aos bárbaros, até as Índias, e aos confins do oceano, se os pregadores não fossem dignos de crédito? Quais foram os escritores, e quando e onde? Por que motivo escreveram? Para captar glória para si? Por que, então, inscreveram outros nomes nos livros? Seria para recomendar a doutrina? Enquanto verdadeira? Ou falsa? Pois se a consideravam falsa, provavelmente não lhe dariam atenção; se, ao invés, verdadeira, não precisava de ficção, conforme afirmas. Aliás, as predições são tais que até hoje são inatacáveis. De fato, Jerusalém foi destruída há muitos anos. Existem ainda outras predições que se estendem desde aquele tempo até a vinda de Cristo, que podes examinar, se quiseres, tal como a palavra: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos!” (Mt 28,20). E: “Sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16,18); e: “E este evangelho será proclamado no mundo inteiro” (Mt 24,14); e: “Onde quer que venha a ser proclamado o evangelho, também será contado o que fez” (Mt 26,13) esta mulher etc. Donde veio, portanto, a verdade desta predição, se era ficção? De que maneira as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja? De que modo Cristo estará sempre conosco? Pois se não estivesse conosco, a Igreja não venceria. De que forma o evangelho se propagou por toda a terra? Bastam, porém, os que contra nós disputaram para dar testemunho da antiguidade de nossos livros, a saber, Celso, e o Bataneote (Porfírio), que veio depois dele. Ora, eles não contradisseram àqueles livros que foram posteriormente editados; aliás, o mundo todo os recebeu com unanimidade. Sem a graça do Espírito, certamente não haveria tão grande consenso desde os confins da terra; mas logo teriam sido apanhados os sedutores, e feitos tão exímios não se basearam em ficções e mentiras. Não vês que todo o mundo consente? Num erro extinto? Na sabedoria dos monges que brilha mais do que o sol? Nos coros das virgens? Na piedade entre os bárbaros? Todos servindo sob um só jugo? Estes acontecimentos não foram preditos somente por nós, mas já outrora pelos profetas. Não refutarás também aquelas profecias; pois os Livros estão nas mãos de nossos inimigos; igualmente entre os gregos que por isso se interessavam, foram vertidos para a língua grega. Eles predizem também muitas dessas coisas, mostrando que seria o próprio Deus aquele que haveria de vir.

Por que razão nem todos agora acreditam? Porque as coisas se tornaram piores, e nós somos a causa disso; enfim, volta-se contra nós o discurso. Eles naquele tempo não acreditavam somente nos milagres, mas também eram induzidos pela vida de muitos a terem acesso à fé. De fato, disse Cristo: “Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16). Então, “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles... e distribuía-se

a cada um segundo a sua necessidade” (At 4,32.35); e levavam uma vida angélica. Se assim acontecer agora, converteremos o mundo todo, mesmo sem milagres. Enquanto isto, os que quiserem conseguir a salvação, atendam às Escrituras; ali encontrarão estas ações insignes, e até muito mais. Pois os próprios mestres as ultrapassavam de longe, vivendo com fome, sede e nudez. Nós, porém, queremos gozar de muitas delícias, de ócio e vida licenciosa. Eles faziam o contrário; ou antes exclamavam: “Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa” (1Cor 4,11). Um ia de Jerusalém até o Ilírico; outro à Índia, outros à Mauritânia, outros a diferentes partes da terra; nós, porém, nem ousamos sair da pátria, mas procuramos as delícias e casas esplêndidas, e fartura de tudo. Qual de nós alguma vez teve fome por causa da palavra de Deus? Quem de nós esteve na solidão? Quem fez longa peregrinação? Quem dentre os mestres, vivendo do trabalho das mãos, auxiliou os outros? Quem sustentou perigo de morte cotidiano? Daí provém que os nossos tornam-se mais indolentes. De fato, se alguém vir soldados e generais lutando com fome, sede, morte e males de toda espécie, frio e perigos e suportando corajosamente tudo, à maneira de leões; e em seguida, abandonarem aquela sabedoria, tornarem-se mais fracos, cobiçosos de dinheiro, aplicados à negociações e tráficos e vencidos pelos inimigos, seria a maior loucura procurar a causa dessas coisas. Pensemos isto a respeito de nós e de nossos maiores; pois nos tornamos os mais fracos de todos e apegados à vida presente. Imaginemos alguém que tenha um vestígio da antiga sabedoria, e que, tendo abandonado cidades e praças, cessar de permanecer no meio dos homens e de governar os outros, e for para os montes e, interrogado sobre o motivo da renúncia, apresentar motivo indesculpável. Renuncio a fim de não me perder, responde, para não me tornar mais fraco para a virtude. E quanto melhor seria, tornar-te mais fraco e lucrar os outros do que permanecendo nas alturas, menosprezar os irmãos que se perdem? Enquanto, pois, uns não se preocupam com a virtude, outros que já se ocupam dela, afastam-se para longe da luta, como expulsaremos os inimigos? Pois, mesmo se agora houvesse milagres, quem se tornaria convicto? Ou que pagão se aproximaria de nós, quando a maldade de tal modo prevalece? Pois uma vida correta parece ser muito mais digna de crédito. Os milagres entre os insolentes e malvados tornam-se suspeitos; uma vida pura, contudo, poderá tapar inteiramente a boca do diabo. Digo estas coisas aos que presidem, aos que obedecem e mais do que todos a mim mesmo, para demonstrarmos uma vida admirável, e quando pusermos em ordem nossa vida, desprezarmos todas as coisas presentes. Desprezemos o dinheiro e não desprezemos a geena; menosprezemos a glória e não menosprezemos a salvação; submetamo-nos aqui ao suor e à labuta, para não incidirmos ali no suplício. De tal modo façamos guerra aos gentios que os conduzamos a um cativeiro mais valioso que a liberdade. Na verdade, muitas vezes e frequentemente o repito, no entanto raramente é executado. De resto, quer se faça ou não, é justo admoestar-vos assiduamente. Se alguns enganam com boas palavras, é muito mais justo que aqueles que orientam para a verdade não se cansem de dizer o que é útil. Pois se os sedutores usam de tantos artifícios: gastam dinheiro, empregam palavras, enfrentam perigos, ostentam seu poder, muito mais nós, que procuramos apartar do erro, devemos suportar perigos e morte e tudo mais, a fim de lucrarmos a nós mesmos e aos outros, e feitos inexpugnáveis aos inimigos, conseguirmos os bens prometidos, pela graça e amor aos homens etc.

SÉTIMA HOMILIA

6. *No entanto, é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos, sabedoria que não é deste mundo nem dos príncipes deste mundo, votados à destruição.*

7. *Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para a nossa glória.*

Aos olhos doentes as trevas parecem mais convenientes do que a luz e por isso refugiam-se de preferência em recintos sombrios. Acontece o mesmo relativamente à sabedoria espiritual. Aos pagãos a sabedoria de Deus parecia loucura, enquanto a sabedoria deles, que na verdade era loucura, era reputada sabedoria. Em consequência, seria algo de semelhante a um conhecedor da arte de navegar que assegurasse que atravessaria o mar imenso sem navio nem velas, e em seguida tentasse por raciocínios provar que o feito era possível; outro, no entanto, de todo inexperiente, procurasse um navio, um timoneiro e marinheiros e desta forma viajasse com segurança. Esta aparente imperícia era mais prudente do que aquela sabedoria. Na verdade, é boa coisa a arte de pilotar o navio, mas se promete além da medida, torna-se uma espécie de estultice; assim igualmente toda arte que não se contenta com seus próprios limites.

Igualmente a sabedoria pagã teria sido sabedoria, se obedecesse ao Espírito; mas como tudo permitiu a si mesma, e julgou não precisar de auxílio algum, transformou-se em estultice, apesar da aparência de sabedoria. Por este motivo, em primeiro lugar, o apóstolo a refutou pela própria realidade, e em seguida denominou-a estultice. E primeiro, segundo a opinião deles, denominou a sabedoria de Deus uma loucura, mostrando após que era sabedoria (principalmente através das provas é possível fazer os contraditores corarem de vergonha) e disse: *"No entanto, é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos"*. Efetivamente, se eu, considerado estulto e pregador de estultices, vencer o sábio, não o consigo por meio da estultice, mas por uma sabedoria superior, e tantas vezes e tanto mais quanto aparentemente consiste em loucura. Por isso, primeiro Paulo a denomina conforme eles então a nomeavam, mostra pela própria realidade a vitória e comprova que eles eram por demais estultos, finalmente confere-lhe o nome adequado : "*No entanto, é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos"*.

Chama de sabedoria o anúncio e o modo da salvação, a saber, a salvação por meio da cruz e dá o nome de perfeitos aos que acreditaram. Na verdade, são perfeitos os que, reconhecendo serem os conhecimentos humanos muito fracos e menosprezáveis, estão convencidos de que eles nada lhes conferem, tais como foram os fiéis que se achavam de posse da "*sabedoria que não é deste mundo"*. De fato, em que é útil a sabedoria pagã que termina aqui na terra e não vai além, nem pode ser proveitosa àqueles que dela são dotados? Não dá o nome de *"Príncipes deste mundo"* a determinados demônios, conforme opinam alguns, mas àqueles que detêm o poder e a magistratura, que a consideram insigne, a saber, filósofos, oradores, escritores; pois eles muitas vezes governavam e frequentemente eram guias do povo. Chamou-os de "*Príncipes deste mundo"*, porque seu domínio não vai além do século presente; em consequência, acrescentou: "*votados à destruição"*, refutando a sabedoria em si mesma e naqueles que a utilizam. Tendo manifestado que é falsa e estulta, nada pode descobrir e é débil, manifesta ainda que é de pouca duração. "*Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta."* De que mistério se trata? Ora, Cristo diz: 'O que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados" (Mt 10,26). Por que a denomina mistério? Porque nem os anjos, nem os arcanjos, nem qualquer potestade criada a conhecera antes que se realizasse. Por isso diz a Escritura: "Para dar a conhecer aos Principados e às Potestades nas regiões celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus" (Ef 3,10). Deus assim agiu honrando-nos, de sorte que ouvissem conosco a revelação dos mistérios. Pois nós também, relativamente aos que tornamos nossos amigos, dizemos ser prova de amizade a ninguém revelarmos os nossos segredos antes de os contarmos a eles. Ouçam os que emitem o anúncio, e enunciam para todos sem discriminação as pérolas da doutrina, e lançam aos cães e aos porcos as coisas santas por meio de supérfluos raciocínios. Realmente, o mistério não reclama provas, mas anuncia-se aquilo que é. Efetivamente, não será todo divino o mistério, se somares algo de teu. Aliás, chama-se mistério porque não é no que

vemos que acreditamos, mas vemos uma coisa e acreditamos noutra. Tal é, portanto, a natureza de nossos mistérios. Por conseguinte, eu e os infiéis somos dispostos de modo diferente acerca dessas realidades. Eu ouço que Cristo foi crucificado, e imediatamente admiro seu amor aos homens; o infiel ouve, e considera-o fraqueza. Ouço que se fez servo e admiro a sua providência; ele ouve e a julga desonra. Ouço que morreu e fico assombrado com sua força, porque não foi vencido pela morte, ou melhor, até dissolveu os laços da morte; ele ouve e suspeita ser falta de poder. Ouço falar sobre a ressurreição, e ele a tem na conta de fábula; eu, porém, através das demonstrações dos fatos, prostro-me diante do plano de salvação de Deus. Ouvindo-o falar do batismo, considera-o água apenas. Eu, ao invés, olho não somente a aparência, mas a purificação da alma através do Espírito. Ele reputa que somente meu corpo foi lavado; eu, porém, acredito que também a alma se tornou pura e santa e medito sobre o sepulcro, a ressurreição, a santificação, a justiça, a redenção, a adoção, a herança, o reino dos céus, o dom do Espírito. Não julgo segundo a visão corporal as coisas que aparecem, mas pelos olhos da mente. Ouço que é o corpo de Cristo. Entendo a palavra de modo diverso do que entende o infiel.

As crianças, olhando os livros, desconhecem o significado das letras, nem sabem o que veem, ou melhor, tal sucede a um homem que não sabe ler, enquanto o que sabe encontrará muito sentido nessas letras e lerá histórias e biografias inteiras. Um ignorante pega uma carta e julga ser apenas cartão e tinta, enquanto quem sabe ler ouve a voz do ausente e conversa com ele e ainda responderá por carta o que lhe aprouver; assim também acontece em relação com o mistério. Os infiéis embora ouçam, parecem não ouvir; os fiéis, contudo, que têm a experiência por meio do Espírito, veem a força ali encerrada. É o que declarava Paulo: “Por conseguinte, se o nosso evangelho permanece velado, está velado para aqueles que se perdem” (2Cor 4,3). Em outra passagem, pois, a pregação parece paradoxal. Assim costuma chamar as Escrituras o que está além de qualquer expectativa e acima da mente humana. Por isso, diz outro trecho: “O meu mistério para mim e para os meus” (Is 24,16); e ainda Paulo: “Eis que vos dou a conhecer um mistério; nem todos morreremos, mas todos seremos transformados” (1Cor 15,51). Apesar de ser anunciado em toda parte, ainda assim é misterioso. De fato, como nos foi ordenado pregar dos telhados o que nos foi dito nos ouvidos, igualmente recebemos ordem de não dar as coisas santas aos cães, nem jogar as pérolas diante dos porcos. De fato, uns são animais e não entendem; outros têm um véu a encobrir seu coração e não veem. Por conseguinte, é mistério principalmente o que, na verdade, é pregado em toda parte, mas não é conhecido senão pelos que têm a mente reta; não é revelado pela sabedoria, e sim pelo Espírito Santo, à medida que o podemos receber. Por isso não erra quem, segundo este mistério, falar em arcano; nem a nós, fiéis foi entregue plena percepção e acurada notícia dele. Por este motivo dizia Paulo: “Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face” (1Cor 13,9.12). Por isso, diz ele:

7. *Ensinamos a sabedoria, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para a nossa glória.*

“Oculta”, isto é, antes de nós nenhum dos poderes celestes a apreendeu; nem muitos agora a conhecem. É o que declara a expressão: *“de antemão destinou para a nossa glória”*, embora diga em outro trecho: *“Para sua glória”* (Ef 1,2). A nossa salvação ele a tem em conta de sua glória, conforme também denomina riquezas suas, apesar de ser ele próprio tesouro de bens e de nada precise para se tornar rico. *“De antemão destinou”*, diz ele, indicando sua providência em relação a nós. São tidos como alguns que especialmente nos honram e estimam os que há muito estão sempre prontos a nos conferir bens, segundo fazem os pais aos filhos; pois se por fim doam as riquezas, há muito e desde o

início o haviam premeditado. Tal é o que agora Paulo se esforça por manifestar: Deus desde sempre nos amou, já antes que houvéssemos nascido. Pois se não nos amasse, de antemão não nos teria destinado tais riquezas. Entretanto não penses na inimizade que se interpôs, porque a amizade é mais antiga. A expressão: “*Antes dos séculos*” significa: desde a eternidade, pois em outras partes assim diz: “Que é antes dos séculos”. Entende-se, portanto, também assim que o Filho é eterno. Pois a seu respeito diz: “E pelo qual fez os séculos” (Hb 1,2), quer dizer, existia antes dos séculos, pois quem fez é claro que existia antes do que foi feito.

8. *Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu, pois, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória.*

Ora, não seriam, na verdade, culpados, se não o conheceram e por ignorância o crucificaram, conforme Cristo dizia: “Vós me conheceis e sabeis de onde sou” (Jo 7,28)? Sobre Pilatos diz a Escritura que não sabia; é provável que nem Herodes o conhecesse. Alguém disse serem estes os que têm o nome de príncipes deste século. Se alguém disser que se aplica aos judeus e sacerdotes, não errará, pois também a eles Cristo disse: “Não conheceis nem a mim nem ao Pai” (Jo 8,19). Como então afirmou acima: “Vós me conheceis e sabeis de onde sou”? Mas o sentido destas duas leituras já se encontra nos evangelhos; e para não repeti-lo com maior frequência, para lá remetemos os leitores.

E então? Foi-lhes perdoado o pecado cometido com a crucifixão? Pois disse: “*Perdoai-lhes*” (Lc 23,34). Se eles se arrependeram, foi perdoado. Pois Paulo, que através de inúmeras mãos atacou a Estêvão e perseguiu a Igreja, tornou-se um dos chefes da Igreja. Assim, portanto, também foram perdoados os que quiseram fazer penitência. A esse respeito igualmente exclamava Paulo: “Então, eu pergunto: Teriam eles tropeçado para cair? De modo algum!” (Rm 11,11). E ainda: “Não repudiou Deus o seu povo que de antemão conhecera? De modo algum!” (cf. Rm 1,1-2).

Em seguida, mostrando que não foram excluídos da penitência, apresenta o exemplo de sua própria conversão, declarando: “Pois eu também sou israelita” (Rm 1,1). Quanto à locução: “*Nenhum conheceu*”, não me parece referir-se a Cristo, mas ao plano divino, a saber, eles desconheciam o que significava a morte e a cruz. De fato, não declarou naquela passagem: “Não me conheceram”, mas: “Não sabem o que fazem” (Lc 23,34), isto é, ignoram o plano que se cumpre e o mistério. Com efeito, não sabiam que a cruz haveria de resplandecer tanto, nem que seria a salvação da terra inteira e a reconciliação de Deus com os homens, nem a futura ruína da cidade, nem as extremas calamidades que eles haveriam de sofrer. Ele dá ao Cristo, à cruz e à pregação o nome de sabedoria. Oportunamente o chamou de Senhor da glória. Tendo a cruz aparência de ignominiosa, mostra constituir, ao invés, a maior glória. Era mister uma grande sabedoria não apenas para o conhecimento de Deus, mas também para o entendimento do plano de Deus, enquanto a sabedoria pagã servia de impedimento não somente no primeiro caso, mas também no segundo.

9. *Mas, como está escrito, o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam.*

E onde se acham escritas estas palavras? Diz-se: “*Está escrito*”, e não se encontram literalmente, mas são descritos os eventos, conforme acontece nas histórias; ou existe o sentido, embora não as próprias palavras, conforme sucede aqui. Com efeito, os termos: “Vê-lo-ão aqueles a quem não foi anunciado, e conhecê-lo-ão aqueles que dele não ouviram falar” (Rm 15,21) têm idêntico sentido que a expressão: “*Os olhos não viram, os ouvidos não ouviram*”. Por conseguinte, é o que se diz, ou é provável que estivesse escrito em livros que se perderam. De fato, muitos livros desapareceram e poucos foram conservados, mesmo no primeiro cativeiro. O fato é evidente pelas Crônicas; por isso profere o Apóstolo: “Todos os profetas, desde Samuel e seus sucessores, de modo semelhante

anunciaram esses dias” (AT 3, 25). Entretanto, não se narra isto de um modo geral. É provável que Paulo, perito na lei, que falava inspirado pelo Espírito, estivesse melhor informado. E por que falo do cativeiro? Pois mesmo antes do cativeiro muitos livros se perderam, porque os judeus havia caído em extrema impiedade. Evidencia-se o fato pelo fim do quarto Livro dos Reis. Quanto ao Deuteronômio, com dificuldade foi redescoberto, enterrado num estrume. Aliás, existe em várias passagens também dupla profecia, reconhecidas facilmente pelos mais sábios, através das quais muitas coisas ocultas se percebem. E então? O olho não viu o que Deus preparou? Não. Quem dentre os homens viu os futuros planos da salvação? Acaso nem o ouvido ouviu, nem o coração do homem percebeu? De que maneira? Se os profetas falaram, como o ouvido não ouviu, nem o coração do homem percebeu? Não percebeu; não fala somente de alguns homens, mas também de toda a natureza humana. Como? Os profetas não ouviram? Ouviram, sim; não eram, contudo, ouvidos de simples homens, mas ouvidos de profetas; pois não ouviram como homens, mas como profetas. Por isso diz a Escritura: “Abriu-me o ouvido para que eu ouça” (Is 50,4), abertura por ação do Espírito. Daí se manifesta que antes que se ouvisse, nem mesmo o coração do homem percebera. Pois, após a doação do Espírito, o coração dos profetas não era apenas coração humano, mas coração espiritual, conforme o próprio Apóstolo também afirma: “Nós, porém, temos o pensamento de Cristo” (1Cor 2,16). É o seguinte o que ele assegura: Antes de usufruirmos do dom do Espírito e conhecermos os seus segredos, nenhum de nós, nenhum dos profetas os entendeu. Como entenderia, se nem os anjos deles tiveram notícia? O que dizer, portanto, dos príncipes deste mundo, se homem algum, nem as Potestades celestes estavam informadas? Quais, na verdade, são os segredos? Que pela aparente loucura da pregação ele conquistaria o mundo, e os gentios se converteriam, os homens se reconciliariam com Deus e tão grandes bens deviam advir. De que modo, então, nós os conheceríamos?

10. *A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito.*

Não pela sabedoria pagã, pois a ela, como serva desprezada, não foi permitido entrar e inspecionar os mistérios do Senhor.

Vês a diferença entre esta e aquela sabedoria? Ela nos ensinou os mistérios que os anjos desconheciam. A sabedoria pagã fez o oposto: não apenas não ensinou, mas os impediu e apartou; e depois de cumpridos, procurou recobri-los de sombras e aniquilar a cruz. O fundamento de nossa honra não se acha no conhecimento, nem mesmo em aprender com os anjos, mas em aprender por intermédio do Espírito. Em seguida, após ter mostrado a grandeza deste conhecimento, assevera: Se o Espírito, que sonda as profundidades de Deus, não no-lo tivesse revelado, não o saberíamos. Deste modo cuidava Deus de que permanecesse em segredo. Por essa razão, tivemos necessidade daquele mestre, que o soubesse claramente.

Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus.

11. *Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus.*

12. *Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de que conheçamos os dons da graça de Deus.*

O termo “*sonda*” não representa nesse trecho ignorância, mas indica apurada ciência. O Apóstolo usa este termo também ao falar de Deus: “E aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito” (Rm 8,27). Em seguida, tendo discorrido cuidadosamente a respeito do conhecimento do Espírito, e ensinado que é igual ao conhecimento de Deus, da mesma forma que o próprio conhecimento do homem em relação a si mesmo, e indicando que através do Espírito aprendemos tudo e necessariamente, acrescentou:

13. *Desses dons não falamos segundo a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas segundo aquela que o Espírito ensina, exprimindo realidades espirituais em termos espirituais.*

Vês aonde nos conduziu pela autoridade do mestre? Somos tanto mais sábios do que os pagãos quanto dista Platão do Espírito Santo. Eles têm oradores pagãos, nós, porém, o Espírito Santo. Que sentido tem a expressão: *"Exprimindo realidades espirituais em termos espirituais"*? Nas ocasiões em que também for obscuro o que é espiritual, oferecemos testemunhos de realidades espirituais. Por exemplo, Cristo ressuscitou, porque nasceu da Virgem. Apresento testemunhos, figuras e provas: a permanência de Jonas no ventre da baleia e sua libertação posterior, o parto de mulheres estéreis, como Sara e Rebeca etc., a germinação das árvores do paraíso que não foram plantadas, nem irrigadas por chuvas, nem tiveram o traçado de sulcos. Figuravam realidades futuras, e foram esboçadas para os primeiros homens a fim de que acreditassem quando acontecessem. E aponto ainda que saiu o homem da terra e a mulher originou-se apenas de um homem, sem cópula alguma. Destaco que a própria terra foi tirada do nada, sendo suficiente sempre e em toda parte o poder do Criador. Exprimo *"realidades espirituais em termos espirituais"* e jamais necessito da sabedoria pagã nem de raciocínios, nem de provas, que abalam e perturbam a mente fraca, e não podem demonstrar coisa alguma, mas fazem o oposto: conturbam mais, enchem de obscuridade e muitas dúvidas. Por isso diz: *"exprimindo realidades espirituais em termos espirituais"*. Vês a comprovação de ser supérflua aquela sabedoria? Não apenas supérflua, mas oposta e prejudicial. Pois, ao enunciar: "A fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo" e: "A fim de que não se baseie sobre a sabedoria dos homens a nossa fé" (1Cor 1,17; 2,5), era isso o que queria dizer. Neste trecho, porém, declara que não é possível àqueles que confiam nela e tudo lhe atribuem, aprender algo de útil.

14. *O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito.*

Importa primeiro renunciar a ela.

Como? Seria reprovada a sabedoria pagã? Entretanto, é obra de Deus. De onde consta? Não foi ele quem a fez, mas tu a inventaste; por isso aqui a denomina pesquisa curiosa e eloquência supérflua. Se, contudo, assegurares que aqui significa o entendimento humano, ainda o erro é teu. Tu a deturpas pelo mau uso, e em dano e ofensa a Deus dela reclamas o que não possui. Uma vez, portanto, que por ela te glorias e declaras guerra a Deus, ele acusa nela a inerente fraqueza. Com efeito, a força corporal é um bem; uma vez, porém, que Caim não a empregou devidamente, Deus lha retirou e ele ficou trêmulo. Igualmente bom é o vinho; mas como os judeus o tomavam sem moderação, Deus proibiu o seu uso totalmente aos sacerdotes. Visto que tu usaste a sabedoria para desprezar a Deus e dela exigiste mais do que suas forças comportam, ela decepciona tuas esperanças humanas e revela a própria fraqueza. Homem psíquico é quem atribui tudo a frios raciocínios, e não julga necessitar do auxílio do alto, o que é certamente sinal de loucura. De fato, Deus a concedeu a fim de ser aprendida e acolhida a sua sabedoria, e não para que se julgue que a outra só basta. Na verdade, os olhos são belos e úteis, mas quem quiser enxergar dispensando a luz, de nada lhe vale a beleza, nem a própria força, antes prejudicam. Assim sucede relativamente à alma, se quiser ver sem o Espírito Santo, tornar-se-á um obstáculo para si própria.

Mas, dirias, de que modo anteriormente via tudo por si mesma? Não era inteiramente por si mesma, mas tinha diante de si a criação em lugar de um livro. Depois, os homens, abandonando o caminho, pelo qual Deus lhes ordenara andar, e onde através da beleza das coisas visíveis conheceriam o Criador, entregaram o cetro do conhecimento aos raciocínios, e em sua fraqueza afogaram-se no oceano da impiedade e imediatamente caíram num abismo de males. Afirmavam que nada se pode extrair do que não é, e sim de uma matéria incriada. Daí originaram-se inúmeras heresias. Entraram

em acordo sobre coisas assaz absurdas. A respeito delas, se lhes parecesse algo de razoável o que sonhavam, apesar de ser somente como em sombras, eles se opunham entre si, zombando uns dos outros. Quase todos juntos afirmavam e escreviam, e com grande zelo, que nada se extrai daquilo que não existe. O diabo, portanto, os instigou a absurdos. Relativamente às coisas de proveito, quando julgavam encontrar em enigma uma parte dos quesitos, acerca destes pontos, digo, disputavam entre si. Por exemplo, que a alma é imortal, que não precisa a virtude de pedir algo às coisas exteriores, nem que ser bom, ou não, dependa da necessidade ou do destino.

Viste a malícia do diabo? Se via que eles enunciavam algo de perverso, fazia com que todos concordassem, mas se o ensinamento era sadio, excitava uns contra os outros, a fim de se enredarem nos absurdos, confirmados por consenso, e a doutrina útil, entendida de várias maneiras, se desvanecesse. Vê: sempre a alma é fraca e não se basta a si mesma. E é justo. Pois se, criada conforme foi, contesta que de nada precisa e afasta-se de Deus, se assim não tivesse sido, em que loucura não incidiria? Se, dotado de um corpo mortal, esperava grandezas, por causa da falsa promessa do diabo, que disse: "Vós sereis como deuses" (Gn 3,5), no caso de ter sido o corpo imortal desde o começo, onde não teria caído? Posteriormente até afirmou, através da boca pútrida dos maniqueus, que a alma é incriada e da essência de Deus. Apoiado nessa opinião doentia, o diabo inventou deuses entre os gregos. Parece-me, portanto, que Deus tornou laboriosa a virtude, tornando a alma flexível e conduzindo-a à moderação. Perceberás que isso é verdade, e do menor deduzirás o maior, se aprendermos isto por meio dos israelitas. Estes, de fato, quando não tinham vida laboriosa, e viviam na tranquilidade, não mantiveram a felicidade e caíram na impiedade. O que fez Deus posteriormente? Promulgou uma multidão de leis, cerceando-lhes a licença. No intuito de ficares ciente de que as normas legais não contribuíam para a virtude, mas foram dadas como uma espécie de freio que lhes tirasse a oportunidade de ócio, escuta o que a este respeito diz o profeta: "Dei-lhes então estatutos que não eram bons". O que quer dizer: "Não eram bons"? Que nada conferiam em vista da virtude. Em consequência, acrescenta: "E normas pelas quais não alcançariam a vida" (Ez 20,25). *"O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito."* Com razão. Pois, com estes olhos, ninguém perceberá as coisas celestes, nem a alma a sós o que vem do Espírito. E por que falo de realidades celestes? Nem tudo o que há na terra. Com efeito, vendo de longe uma torre quadrada, julgamos que é redonda; é uma ilusão ótica tal opinião. Assim também quando alguém examina só intelectualmente as realidades longínquas, tornar-se-á muito ridículo. Não somente não as verá como são, mas poderá julgar até o oposto; por isso acrescenta o Apóstolo:

É loucura para ele;

Não devido à natureza das coisas, mas à fraqueza de quem não pode abranger a grandeza delas com os olhos da alma. Por isso, apresenta em antítese a causa do erro: não pode compreender, pois isso deve ser julgado espiritualmente.

Isto é, o supramencionado depende da fé e não pode ser entendido pela razão; na verdade, sua grandeza ultrapassa de longe a pequenez de nossa mente. Afirma, portanto:

15. *O homem espiritual, ao contrário, julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado.*

Efetivamente, quem é dotado de visão, tudo vê por si, até mesmo o que pertence a um cego; o que é propriamente daquele, contudo, nenhum cego vê. Assim também agora, conhecemos, na verdade, o que é nosso e o que é dos infiéis; quanto ao que é nosso, porém, o mesmo não lhes acontece. Na realidade, sabemos qual a natureza das realidades presentes, a dignidade das coisas futuras, o que acontecerá ao mundo posteriormente, os castigos sofridos pelos pecadores, o gozo dos justos, a carência de valor dos bens presentes (conhecemos e arguimos sua insignificância, porque julgar é

arguir), e os bens futuros, imortais e imutáveis. Tudo isso sabe o homem espiritual; conhece o que padecerá o homem psíquico quando da terra migrar, e o que gozará o fiel quando daqui se apartar. Ignora-o inteiramente o homem psíquico. Por isso o Apóstolo, acrescentando a demonstração clara de suas afirmações, dizia:

16. *Pois quem conheceu o pensamento do Senhor para poder instruí-lo? Nós, porém, temos o pensamento de Cristo.*

Isto é, estamos cientes do que pensa Cristo, bem como daquilo que quer e do que revelou. Tendo dito que o Espírito revelou, para que ninguém rejeite o Filho, acrescenta que também Cristo nos revelou. Esta afirmação não significa que percebemos tudo o que ele conhece, mas que aquilo que sabemos não é humano, e, por conseguinte, suspeito, mas é o pensamento dele e é espiritual.

O conceito que temos a respeito, nós o temos como sendo de Cristo, quer dizer, o conhecimento que temos das questões de fé é espiritual, de sorte que de direito por ninguém podemos ser julgados. Nem é possível que o homem psíquico conheça as coisas divinas. Por isso, o Apóstolo dizia: *"Pois quem conheceu o pensamento do Senhor?"*, denominando pensamento do Senhor o que concebemos sobre essas questões. E não acrescentou sem motivo a expressão: *"Para poder instruí-lo"*, mas leva em conta o que já afirmara: *"O homem espiritual por ninguém é julgado"*. Se, portanto, ninguém pode conhecer o pensamento de Deus, muito menos poderá ensinar-lhe e corrigi-lo; é este o sentido da locução: *"Para poder instruí-lo"*.

Vês como sempre rejeita a sabedoria pagã e mostra que a espiritual conhece mais e maiores grandezas? Na verdade, uma vez que aquelas causas (a saber, *"A fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar"*, e portanto: *"O que é loucura, Deus o escolheu para confundir os sábios"*; e: *"A fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo"*) não pareciam aos infiéis assaz dignas de fé, nem decisivas, ou necessárias e úteis, enfim apresenta a causa principal que especialmente nos faz ver de que maneira conheceremos o que é sublime, oculto e superior. E a razão sente-se diminuída, visto que não nos é possível apreender através da sabedoria pagã o que está acima de nosso entendimento. Vês que assim mais contribuía para aprendermos por meio do Espírito? Pois tal doutrina é facílima e claríssima. *"Nós, porém, temos o pensamento de Cristo"*, isto é, espiritual, divino, em nada humano. Cristo não nos incutiu o modo de pensar de Platão, nem de Pitágoras, mas o seu próprio. Por conseguinte, tenhamos brio, caríssimos, e levemos uma vida excelente. Ele igualmente nos dá a maior prova de amizade, ao nos revelar os seus segredos, dizendo: "Não mais vos chamo de servos, mas eu vos chamo de amigos, porque tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer" (Jo 15,15), isto é, transmiti-vos em confiança. Se, porém, confiar já é prova da amizade, pondera que os eventos constituíram enorme sinal de amizade, uma vez que é evidente não ter ele somente transmitido os mistérios em confiança por meio de palavras, mas no-los haver concedido ainda pelas próprias obras! Mas, coremos de vergonha!

E se a geena não nos impressiona tanto, mais terrível que a geena seja para nós mostrar-nos ingratos e descorteses relativamente a tal amigo e benfeitor. Façamos tudo não como servos mercenários, mas quais filhos e livres, por amizade ao Pai. Enfim, cessemos de estar apegados ao mundo a ponto de causarmos vergonha até aos gentios. Efetivamente, agora, quando quiser disputar contra eles, desisto, não suceda que, enquanto os vencermos pelos argumentos e pela verdadeira doutrina, provoquemos contra nós muita zombaria, se fizerem comparação com a nossa vida. Quando eles, que se acham no erro, e não possuem de forma alguma tal convicção, aplicam-se à sabedoria, nós fazemos o oposto. No entanto direi: Talvez, de fato, talvez, ao nos esforçarmos por lutar contra eles, enfim sejamos induzidos por emulação a nos tornarmos melhores que eles pela própria vida.

Recentemente dizia que os apóstolos nunca teriam pregado o que pregaram, a não ser movidos pela graça divina; e não só não o fariam, mas nem projetariam algo a respeito. Vamos, portanto. Hoje discutamos também este assunto, e mostremos que não teriam podido empreender tal coisa, nem ao menos nela pensar, se não tivessem Cristo consigo; não quer dizer que travavam uma luta de fracos contra fortes; nem de poucos contra muitos; nem de pobres contra ricos; nem de indoutos contra sábios, mas que o preconceito tinha muita força. Estais informados de que entre os homens nada é mais forte do que o jugo de um costume inveterado. Por isso, mesmo que não fossem somente doze, nem tão desprezíveis, nem fossem tais quais eram, mas tivessem um mundo diferente diante de si, e uma multidão de seu lado para contrabalançar, ou antes muito maior, ainda assim tratar-se-ia de difícil empresa. Os outros teriam o apoio do costume, e a eles opunha-se a novidade. Com efeito, nada perturba tanto o ânimo, apesar da utilidade do que se começa, quanto inovar e introduzir algo de estranho, principalmente ao se tratar do culto religioso e da glória de Deus. E logo manifestarei como é imensa esta força. Em primeiro lugar direi que, para os judeus, a dificuldade era diversa. Pois, relativamente aos gentios, eram refutados tanto os deuses quanto a doutrina; em relação aos judeus, porém, não havia tal discórdia, porque, se muitos dos preceitos eram abolidos, ordenava-se adorar a Deus que promulgara a lei. E ao dizerem os apóstolos que se devia adorar o legislador, acrescentavam: Não se pratique em tudo a lei que ele sancionou, por exemplo, observar o sábado, ou conservar a circuncisão, ou oferecer sacrifícios etc. Por conseguinte, não somente os sacrifícios constituíam impedimento, mas também porque, ao ordenarem adorar a Deus, mandavam abolir muitas de suas leis. Entre os gentios, porém, grande era a tirania do hábito.

Com efeito, se o hábito houvesse durado apenas pelo espaço de dez anos, e não tanto tempo, e os apóstolos tivessem atacado os costumes de poucos homens, e não do mundo todo, mesmo assim a mudança seria difícil. Entretanto, sofistas e oradores, pais, avós e bisavós, e muito dos ancestrais estavam entregues ao erro; a terra, o mar, as montanhas, os bosques, toda espécie de bárbaros, todos os povos gregos, sábios e ignorantes, príncipes e súditos, mulheres e homens, jovens e velhos, senhores e escravos, agricultores e artífices, habitantes das cidades e das aldeias. E provavelmente diriam os catecúmenos: O que é isto? Todos os habitantes da terra estão enganados? Sofistas, oradores, filósofos, escritores do presente e do passado, Pitágoras e Platão, generais, Cônsules, Imperadores, habitantes e fundadores das cidades primitivas, bárbaros e gregos? E doze pescadores e fabricantes de tendas e publicanos são mais sábios do que todos eles? Quem toleraria tal afirmação? No entanto, não o disseram, nem pensaram, mas aceitaram quietos; sabiam que os apóstolos eram os maiores sábios e por isso ultrapassaram a todos. E para saberes qual a força do hábito, muitas vezes ela superou os preceitos de Deus. E por que falo de preceitos? Até os próprios benefícios. Com efeito, os judeus tinham o maná e desejavam os alhos; gozavam de liberdade, recordavam-se da escravidão e preferiam frequentemente o Egito, por causa do costume. De tal forma é tirânico o costume! E se queres uma informação do que acontece entre os pagãos, conta-se que Platão, apesar de ter certeza de ser errada a opinião sobre os deuses, condescendeu em participar das festas e do restante, considerando impossível combater o costume, segundo aprendera da experiência de seu mestre. Este, de fato, por suspeita de introduzir uma novidade, longe de conseguir o que desejava, perdeu a vida, apesar de se ter justificado por uma apologia. Quantos são os homens que atualmente vemos detidos na impiedade por preconceito, e nada podem aduzir de razoável diante da acusação de serem pagãos, a não ser apelar para os pais, avós e bisavós? Por isso um dos autores pagãos denomina o hábito uma segunda natureza. Quando o costume acha-se aliado à religião, torna-se mais firme; tudo é mais fácil de mudar do que aquilo que é atinente ao culto. E o pudor unido ao costume é enorme obstáculo para que alguém, em velhice avançada, pareça aprender coisa melhor e da parte dos que menos entendiam. E

por que admirar se assim acontece relativamente à alma, se mesmo quanto ao corpo o hábito tem grande força?

No tempo dos apóstolos havia outro poderoso obstáculo para a mudança de costumes tão primitivos e antigos: a alteração se faria com grande perigo. Não apenas passariam de um costume a outro, mas de um costume seguro a outro ligado a um perigo ameaçador. Imediatamente quem aderisse à fé, teria os bens confiscados, seria perseguido, exilado da pátria, cruelmente torturado, odiado por todos, tido por inimigo comum dos seus e dos estranhos. Seria difícil, na verdade, aceitar o convite de passar da novidade ao antigo costume; mas, enquanto eles convidavam a trocar o hábito por uma novidade, cercada dos piores males, calcula neste caso a dimensão do impedimento. Além do supracitado, havia outra circunstância não menor a dificultar a mudança. Além da força do costume e dos perigos existentes, os preceitos eram um tanto onerosos e, ao invés, leves e fáceis as coisas às quais eles renunciavam. Pois tratava-se de chamar da luxúria à castidade, da embriaguez ao jejum, do riso às lágrimas e à compunção, da avareza à pobreza, do amor à vida à morte, da segurança ao perigo, e em tudo se exigia a maior perfeição, pois o Apóstolo dizia: “Nem ditos indecentes nem picantes ou maliciosos sequer se nomeiem entre vós” (Ef 5,4.3). E era preceituado àqueles que sabiam apenas embriagar-se e regalar-se, e celebrar festas que somente constavam de torpeza, riso, farsas de toda espécie. Por conseguinte, aqueles preceitos se tornavam onerosos não somente por exigirem sabedoria, mas porque eram destinados a homens que cresceram entre libertinagens, torpezas, palavras inconvenientes, zombarias e farsas. Quem, portanto, levasse tal vida, não recuaria ao ouvir: “Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim” (Mt 10,38) e: “Não vim trazer paz, mas espada. Com efeito, vim trazer divisão entre o homem e seu pai, entre a filha e sua mãe” (ib. 34)? Quem, contudo, ouvisse: Quem não renunciar à casa, pátria e riquezas, não é digno de mim (cf. Lc 14,33), não duvidaria, não repudiaria? No entanto, não somente não ficaram horrorizados, não recusaram ao ouvir tais coisas, mas até acorriam, e precipitavam-se para as coisas difíceis e arrebatavam o que era preceituado. Qual dos coetâneos não desistiria ao ouvir, porém, que de toda palavra inútil que dissermos, prestaremos contas (cf. Mt 12,36) e: “Todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela” (Mt 5,28); e que aquele que se irrita em vão, cairá na geena. Ora, todos acorriam e muitos até saltavam os obstáculos. O que, portanto, os induzia? Não era evidentemente o poder daquele que fora anunciado? Se assim não sucedesse, mas o contrário, e os primeiros fossem esses últimos e estes fossem os primeiros, seria fácil atrair os que se opunham? Certamente não se pode afirmar tal coisa.

Por conseguinte, tudo demonstra que era o poder divino que atuava. Pois donde, pergunto, eles puderam persuadir os efeminados e dissolutos a levarem vida dura e áspera? Na verdade, eram desta espécie os preceitos. Vejamos, contudo, se a doutrina era atraente. Ao contrário, mais adequada a afastar os infiéis. O que diziam, portanto, os pregadores? Que se devia adorar um crucificado e considerar que era Deus aquele que nascera de uma mulher judia. Quem o acreditaria, sem o impulso de um poder divino? Todos constataram que ele fora crucificado e sepultado; porém que ressuscitara e subira ao céu, ninguém o vira, exceto os apóstolos.

Mas, replicas, eram animados com promessas, e seduzidos por palavras. Isso mesmo demonstra principalmente, além do supramencionado, que nossa religião não é uma fraude. Efetivamente, tudo o que era inaceitável provinha daqui; os bens, contudo, eram prometidos para depois da ressurreição. Isso mesmo, repito, mostra que a nossa pregação é divina. Por que nenhum dos fiéis disse: Não adiro, não posso aceitar; ameaças-me aqui na terra com sofrimentos e me prometes bens para depois da ressurreição? Donde se deduz que haverá ressurreição? Qual dos mortos voltou? Que defunto ressuscitou? Qual deles disse o que há de suceder depois da partida daqui? Ora, nada disso pensaram;

até deram a vida pelo Crucificado. De fato, a maior força consiste em que, nunca tendo ouvido falar dessas coisas, imediatamente adquiriram convicção a respeito de tão grandes feitos, e dispunham-se para difíceis experiências, aceitando possuir os bens apenas em esperança. Efetivamente, quisessem os apóstolos enganar, fariam o oposto; prometeriam bens aqui na terra e calariam os eventos terríveis, tanto presentes quanto futuros. Desta forma costumam agir os sedutores e aduladores: nada propõem de áspero, duro, ou oneroso, mas o oposto; verdadeiro dolo. Mas a loucura de muitos, respondes, fez com que se depositasse fé nas palavras. O que dizes? Quando estavam sob o jugo dos gregos não eram estultos, mas quando se transferiram para nosso lado, então se tornaram insensatos? Ora, os apóstolos não conduziram à fé homens diferentes, de outro mundo. Eles mantinham tranquilamente as instituições pagãs, mas assumiram as nossas enfrentando perigo; por conseguinte, se fosse mais razoável conservá-las, tendo nelas vivido durante tanto tempo, não as teriam abandonado, principalmente porque a renúncia seria perigosa. Depois, contudo, pela própria natureza das coisas reconheceram serem ridículas e repletas de erros, e então, apesar das ameaças de morte, abandonaram as costumeiras instituições e se refugiaram nas novas, porque nossa doutrina era de acordo com a natureza e aquela aquém da natureza. Mas os que acreditavam, dizes, eram escravos, mulheres, amas, parteiras e eunucos. Ora, a Igreja não se compunha apenas destes grupos, o que é manifesto de modo geral. Se, contudo, constasse somente destes, seria de maneira especial mais prodigiosa a pregação, porque tais ensinamentos que Platão e outros de sua época não puderam de forma alguma excogitar, imediatamente os pescadores, os mais ignorantes dos seres, puderam induzir a que fossem recebidos. Com efeito, se convencessem apenas os prudentes, já teria sido espantoso; mas, uma vez que induziram servos, amas e eunucos a tão elevada sabedoria, de sorte a torná-los semelhantes aos anjos, fizeram uma demonstração da grandeza da inspiração divina. Fossem leves os preceitos, seria talvez razoável mencionar sua aceitação para demonstrar a insignificância dos ensinamentos; se, ao invés, raciocinavam por meio de conceitos grandes e sublimes, de certa maneira além da natureza humana, e que reclamavam uma inteligência superior, quanto mais declarares estultos os que os aceitaram, tanto mais asseveras serem sábios e repletos da graça divina os que os convenceram.

Mas, respondes, persuadiram devido à grandeza das promessas. Justamente não admiras, dize-me, terem conseguido que se esperassem prêmios e recompensas só depois da morte? Eu, na verdade, fico estupefato. Ora, dirás, é por causa da estultice? Qual a estultice, pergunto, da doutrina de ser imortal a alma, e aguardar-nos um juízo incorrupto após a presente vida, e termos de prestar contas das palavras, das ações e dos pensamentos a Deus que perscruta os segredos, e contemplarmos os maus punidos e os bons coroados? Não se trata, portanto, de estultice, mas de profunda filosofia.

Dize-me. Desprezar as coisas presentes, considerar grandiosa a virtude, não buscar prêmio na terra, mas sempre esperançoso avançar, manter a alma constante e firme na fé de sorte que nenhum dos males presentes cause obstáculo à esperança dos bens futuros, tais atitudes, digo, não constituem máxima sabedoria? Mas queres conhecer a força das próprias promessas e predições, e a veracidade das realidades precedentes e das futuras? Vê a cadeia de ouro entrelaçada de diversas maneiras desde o início. Cristo narra aos apóstolos algo de si mesmo, das Igrejas e do futuro; e assim se exprimindo, operava milagres.

O cumprimento, portanto, das predições torna garantidos os milagres e as promessas sobre o futuro. Comprovarei pelos eventos, para tornar mais claro o supramencionado. Cristo ressuscitou a Lázaro só com as palavras e apresentou-o vivo. Declarou ainda: “As portas do inferno nunca prevalecerão” contra a Igreja (Mt 16,18); e: “E todo aquele que tiver deixado pai ou mãe, receberá o cêntuplo neste século e herdará a vida eterna (Mt 19,29). Por conseguinte, o milagre é um só, a saber, a ressurreição de Lázaro, mas as predições são duas, das quais uma é realizada na vida presente e a outra, na futura.

Considera como se comprovam mutuamente. Se alguém não acreditar que Lázaro ressuscitou, devido à predição a respeito da Igreja, acredite no milagre: o que foi predito há tantos anos, agora aconteceu e chegou a um termo, isto é, as portas do inferno não prevaleceram contra a Igreja. Quem, portanto, foi verídico quanto à predição, também evidentemente operou o milagre; e se operou o milagre e também cumpriu o que prenunciara, torna manifesto que o que predisser sobre o futuro é verdadeiro, a saber, "receberá o cêntuplo e herdará a vida eterna" quem desprezar os bens presentes. A profecia que já se cumpriu é penhor máximo dos eventos futuros. Digamos aos pagãos estas e outras coisas semelhantes coligidas dos evangelhos, e fechemo-lhes as bocas. Se alguém disser: Enfim, por que o erro não foi extinto? Responderemos: A culpa é vossa, porque vos revoltais contra vossa própria salvação, visto ser plano de Deus que não permaneçam nem resquícios do paganismo. Recordemos em poucas palavras o que foi dito. Qual é a natureza das coisas? Que os fracos estejam sujeitos aos fortes, ou o contrário? Aos que proferem o mais fácil ou o mais difícil? Os que atraem com perigos ou com segurança? Quem inova ou quem consolida os costumes? Os que levam a um árduo caminho ou a um fácil? Os que removem as instituições paternas ou os que não promulgam leis estranhas? Os que nos prometem bens depois que partirmos daqui, ou os que adulam na presente vida? Prevaleçam muitos sobre uns poucos, ou vice-versa? Ora, também vós, replicar-se-á, fizestes promessas para a vida presente. O que prometemos para a vida atual? A remissão dos pecados e o banho da regeneração. Na verdade, porém, o batismo oferece a maior parte dos bens no futuro. E Paulo exclama: "Pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus; quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória" (Cl 3,3-4). Se, contudo, aqui também o batismo oferece bens, como certamente oferece, ainda é o maior milagre que se tenha podido persuadir aqueles que cometeram inúmeros pecados, e quais nenhum outro praticara, que tudo será perdoado e não haverão de prestar contas de nenhum de seus crimes. De fato, é a maior maravilha ter se convencido a homens bárbaros que recebessem tal fé, concebessem a esperança de bens futuros, e em seguida, deposto o fardo dos pecados anteriores, animosos assumissem a labuta em prol da virtude, nada de sensível ambicionassem, e superiores a todas as coisas materiais, acolhessem os dons espirituais. Persas, sármatas, mauritânios e indianos conhecem a expiação, o poder de Deus, a sua inefável benignidade, a sabedoria da fé, a vinda do Espírito Santo, a ressurreição dos corpos, os dogmas da vida imortal! Os pescadores, iniciando os bárbaros nos mistérios do batismo, ensinaram estes pontos da doutrina e até mais. Observando apuradamente estas coisas, delas falemos aos pagãos e ainda as exemplifiquemos na vida, de sorte que dos dois modos consigamos a salvação e os atraiamos a glorificar a Deus. Glória a ele pelos séculos. Amém.

OITAVA HOMILIA

3,1. *Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão somente como a homens carnais, como a crianças em Cristo.*

2. *Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnais.*

Refutada a sabedoria pagã e rebaixado seu orgulho, o Apóstolo passa a outro argumento. Talvez replicassem os fiéis: Se anunciássemos os ditos de Platão, de Pitágoras, ou de qualquer outro filósofo, talvez alongasses contra nós o discurso; mas, se anunciamos a doutrina do Espírito, porque revolves inteiramente a sabedoria pagã?

Escuta como refutar: *"Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais"*. Na verdade, mesmo se fôsseis perfeitos, diz ele, também nas coisas espirituais, nem assim devíeis exaltar-vos. Não anunciais o que é vosso, nem o descobristes por vós mesmos; no entanto, nem sabeis como se deve saber, mas sois discípulos e os últimos de todos. Por conseguinte, se vos vangloriais da sabedoria pagã, já foi provado que ela nada vale, e ainda no âmbito espiritual nos é oposta; ao tratar-se das coisas espirituais, também tendes o mínimo, e estais colocados nos ínfimos graus. Por isso, diz ele: *"Não vos pude falar como a homens espirituais"*.

Não disse: Não falei, para não parecer inveja, mas de dois modos refuta a opinião deles: de um lado mostrando que não conhecem as realidades perfeitas; de outro, que eles são culpados por as desconhecerem; e ainda em terceiro lugar, manifestando que nem agora eles as podem conhecer. Não serem capazes no começo, talvez fosse natural; embora não lhes permita nem essa defesa. Com efeito, evita afirmar que eles não receberam ensinamentos sublimes porque não poderiam receber, mas por serem carnais. Na realidade, no começo não seria repreensível, mas derivava de extrema indolência não terem, ainda, decorrido tanto tempo, alcançado o mais perfeito. Idêntica acusação faz também aos hebreus, não porém com tanta força. De fato, declara que eles eram imperfeitos por causa das tribulações, enquanto os coríntios devido à concupiscência; as duas situações não se igualam. E declara agir com autenticidade quando censura a uns, e a outros antes estimula. Aos coríntios assegura, de fato: *"Mas nem mesmo agora podeis"*; aos outros, contudo: "Por isso, deixando de lado o ensinamento elementar a respeito de Cristo, elevemo-nos à perfeição"; e ainda: "Mesmo falando assim, estamos convencidos de que vós estais do lado bom, o da salvação" (Hb 6,1 e 9). E como denomina carnais aqueles que haviam recebido tal Espírito, e aos quais no início dedicara tamanho louvor? Porque também eles eram daqueles homens carnais, aos quais diz o Senhor: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (Mt 7,23), e isto apesar de terem expulsado demônios, ressuscitado mortos e proferido profecias. É possível, portanto, que seja carnal um homem que opera milagres. Pois também por meio de Balaão Deus agiu, e revelou a Faraó o futuro, bem como a Nabucodonosor; e Caifás profetizou, sem saber o que dizia. Alguns igualmente expulsaram demônios em nome de Cristo, apesar de não serem dos seus, porque estes feitos não se realizam por causa dos que os operam, mas em favor de outrem. Muitas vezes até por intermédio de indignos eles acontecem. E se, através de homens indignos, estes fatos sucedem por causa de outros, por que admirar quando acontecem também através dos santos? Paulo, na verdade, diz: "Pois tudo pertence a vós: Paulo, Apolo, Cefas, a vida, a morte" (1Cor 3,21-22); e ainda: "E ele é que concedeu a uns ser apóstolos, outros profetas, outros pastores e mestres, para aperfeiçoar os santos, em vista do ministério" (Ef 4,11-12). Se assim não fosse, nada impediria uma ruína generalizada. Acontece, com efeito, que os príncipes sejam maus e celerados e os súditos bons e moderados, e leigos vivam piedosamente, enquanto sacerdotes tenham má conduta. Não haveria batismo, nem corpo de Cristo, nem oblação por meio dos sacerdotes, se em toda parte a graça reclamasse homens dignos. Agora, porém, até por intermédio de indignos Deus costuma agir, e em nada fica prejudicada a graça do batismo pela vida do sacerdote, porque do contrário o fiel receberia menos. Entretanto, apesar de raro, acontece. Digo isso para que nenhum dos presentes, investigando curiosamente a vida do sacerdote, se escandalize sobre o que se realiza nos mistérios. O homem nada contribui para essa ação, tudo provém do poder de Deus e é ele quem vos inicia nos mistérios.

“Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão somente como a homens carnais. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar.” A fim de não parecer o supramencionado ambição de honras, a saber: “O homem espiritual, ao contrário, julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado”, e: “Nós, porém, temos o pensamento de Cristo” (1Cor 2,15-16), vê como se exprime, reprimindo o orgulho deles: Calei-me, não por não ter mais o que dizer, mas porque sois carnais. *“Mas nem mesmo agora podeis.”*

Por que não disse: Não quereis, mas: *“Não podeis”*? Porque disse uma por outra. Com efeito, não podiam porque não queriam, o que lhes acarretava repreensão e ao mestre, desculpa. Se, na verdade, era natural que não pudessem, talvez fossem perdoados; visto que provinha do livre-arbítrio, não tinham desculpa. Em seguida declara de que maneira são carnais:

3. *Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnais, e não vos comportais de maneira carnal?*

Ora, quando podia apontar-lhes a fornicação e a impureza, prefere falar antes do pecado que se esforça nesse ínterim por corrigir. Se, portanto, a inveja fá-los carnais, a todos não resta senão penitenciarem-se, com altos gemidos, cobertos de saco e de cinzas. De fato, quem é isento deste vício? Por mim mesmo, julgo os demais. Se a inveja produz homens carnais, e não permite que se tornem espirituais, embora profetizem e operem outros milagres, o que faremos por nós mesmos quando falta tão grande graça, e não só nestes pontos, mas também em outros maiores formos surpreendidos culpados? Daí assegurarmos que Cristo disse com razão: “Quem faz o mal odeia a luz” (Jo 3,20); e que a vida impura impede a apreensão dos dogmas mais sublimes, eliminando da alma a perspicácia. Como é impossível permanecer desviado quem incorre em erro, no entanto vive retamente, assim não é fácil àquele que está mergulhado na maldade, alçar-se à altura de nossos ensinamentos, mas deve purificar-se de todos os vícios se quer captar a verdade. Quem, portanto, se libertar dos vícios, igualmente se libertará do erro, e seguirá a verdade. Não penses que basta não ser avaro, ou não fornicar, mas quem procura a verdade, deve ter todas as boas propriedades. Por isso, diz Pedro: “Verifico que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável” (At 10,34-35), isto é, ele o chama e atrai à verdade. Não vês o caso de Paulo, que era o mais violento dos combatentes e perseguidores? Entretanto, como levava uma vida irrepreensível, e não agia por paixão humana, foi agradável a Deus e superou a todos. Se, contudo, disser alguém: Como permanece no erro determinado grego, bom, benigno e humano? Responderia que deve ter algum vício, vanglória ou pusilanimidade, ou não se preocupar com sua salvação, mas julgar que tudo acontece por acaso e em vão. Paulo, ao invés, diz que aquele que pratica a justiça, é irrepreensível: “Quanto à justiça que há na Lei” (Fl 3,6) e: “Dou graças a Deus, a quem sirvo em continuidade com meus antepassados, com consciência pura” (2Tm 1,3). Por que, então, dirias, os impuros se tornaram dignos da pregação? Porque quiseram e desejaram. Com efeito, Deus atrai os que erram, se estão livres das paixões; não repele os que procuram espontaneamente. Na verdade, muitos receberam dos antepassados a piedade. *“Com efeito, se há entre vós invejas e rixas.”* Finalmente, começa a atacar os súditos. Acima, de fato, rebaixou os chefes, dizendo que a sabedoria pagã não possui valor algum; aqui repreende os súditos, nesses termos:

4. *Quando alguém declara: “Eu sou de Paulo”, e outro diz: “Eu sou de Apolo”, não procedeis de maneira carnal?*

E destaca que isto nada lhes adiantou, nem fez com que recebessem algo, mas impediu que tirassem maior proveito. Pois este zelo teve o resultado de transformá-los em carnais, e por se terem tornado carnais, não lhes foi lícito ouvir coisas mais sublimes.

A verdadeira função dos pregadores

5. *Quem é, portanto, Paulo? Quem é Apolo?*

De resto, após a aprovação e demonstração dos fatos, mais claramente emprega a repreensão; e coloca o próprio nome, apartando qualquer aspereza e não permitindo que se aborrecessem com as palavras. Se, portanto, Paulo nada é, e não fica indignado, muito menos eles não deviam se irritar. Consola-os com dupla razão: apresenta-se a si mesmo, e não deixa que ficassem privados de tudo como se em nada tivessem contribuído; dá-lhes certamente pouco, mas dá. Pois, tendo dito: *"Quem é, portanto Paulo? Quem é Apolo?"*, acrescentou: *Ministros, por meio dos quais acreditastes;*

Na verdade, isto já é por si digno de grande recompensa; se, porém, for comparado ao modelo e raiz dos bens, nada é. Efetivamente, o benfeitor não é o ministro, e sim quem oferece a dádiva e a concede. E não disse: Evangelistas, mas: *"Servidores"*, o que é superior. Não somente eles nos evangelizaram, mas também nos ministraram; o primeiro consiste em palavras somente, o segundo em obras. Por este motivo, embora Cristo seja apenas ministro dos bens, e não certamente como Filho a própria raiz e fonte, vê aonde esta afirmação conduz.

Como, portanto, afirma ter sido "Cristo ministro dos circuncisos" (Rm 15,8)? Aqui fala a respeito da
sua natureza humana, e não segundo o nosso modo de falar, porque diácono chama-se quem distribui, e não aquele que oferece bens de sua propriedade. Não disse: que vos conduzem à fé, e sim: *"Por meio dos quais acreditastes"*. Novamente atribui mais a eles, e denomina ministros os mestres. Por conseguinte, se serviam a um outro, como arrebatariam para si a autoridade? Observa, por favor, como em parte alguma ele os acusa de se apossarem da autoridade, mas de oferecerem-na a outrem; a causa do erro residia no povo, pois se eles resistissem, os outros desistiriam. Confirmou, portanto, sabiamente os dois casos: o modo de afastar o pecado que os minava sem amargurá-los, sem torná-los mais contenciosos.

Segundo os dons que o Senhor lhe concedeu.

Nem um pouco possuíam por si mesmos, mas tudo provinha de Deus, o doador. A fim de não dizerem: Como faremos então? Não devemos aderir com amor àqueles que nos servem? Sim, responde, mas é preciso saber até onde. Não se origina deles mesmos o que têm, mas de Deus que o outorgou.

6. *Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer.*

Isto é, primeiramente inseriu a palavra de Deus; mas, a fim de que as sementes não secassem, no meio das tribulações, às suas acrescentou as de Apolo, apesar de tudo provir de Deus.

7. *Assim pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa tão somente Deus, que dá o crescimento.*

Vê como os consola para não se tornarem mais duros por causa do que ouviram. Quem é este, quem é aquele? Ambas as ações são onerosas, tanto perguntar: Quem é este, quem é aquele? quanto afirmar: *"Aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é"*. Como consola acerca destas afirmações? Atrai o desprezo sobre a própria pessoa, ao dizer: *"Quem é, portanto Paulo? Quem é Apolo?"*, e atribui tudo a Deus, o doador. Tendo dito: Ele plantou, e acrescentando não ser coisa alguma quem planta, adita: *"Tão somente Deus, que dá o crescimento"*. E não se detém aí, mas ainda suaviza com um suplemento:

8. *Aquele que planta e aquele que rega são iguais*

entre si;

E com isso prepara também o terreno para que não se exalte um contra outro. São iguais, porque nenhum deles pode alguma coisa, a não ser que Deus dê
o crescimento. Tendo dito isso, não permite que aqueles que haviam trabalhado muito se exaltassem contra
os que fizeram menos, nem que estes invejassem os outros. Em seguida, para que o fato de serem julgados pares não os tornasse mais indolentes, tanto os que haviam trabalhado muito quanto os que se esforçaram menos, vê como se retrata, nesses termos: mas cada um receberá o salário próprio, segundo a medida do seu trabalho.

Diz mais ou menos o seguinte: Não temas porque afirmei que são iguais entre si; em referência à obra de Deus são iguais entre si; quanto ao esforço não são, mas cada um receberá peculiar salário. Em seguida, suaviza ainda mais, tendo realizado o que queria, e quanto possível elogia com liberalidade.

9. *Nós somos cooperadores de Deus, e vós sois a seara de Deus, o edifício de Deus.*

Vês que lhes atribui não pequeno trabalho, tendo antes comprovado que tudo vem de Deus? Uma vez que sempre exorta a obedecer aos chefes, não rebaixa muito os mestres. *“Vós sois a seara de Deus”*. Após ter dito: *“Eu plantei”*, persiste na metáfora. Se, contudo, sois a seara de Deus, não é justo teres o nome dos que vos cultivam, e sim de Deus. Não se diz que o campo é do agricultor, mas do pai de família. *“Vós sois a seara de Deus.”* E ainda, o edifício não é propriedade do artífice, mas de seu dono. Se sois um edifício, importa não estardes divididos; de outra forma, não existiria um edifício. Se sois uma seara, importa não estardes separados uns dos outros, mas estardes munidos da sebe da concórdia.

10. *Segundo a graça que Deus me deu, como bom arquiteto, lancei o fundamento;*

Nesse trecho, dá a si mesmo o nome de sábio, não para se exaltar, mas apresentando-se como modelo, e mostrando que é próprio do sábio lançar um só fundamento. Observa sua moderação!

Tendo se chamado de sábio, não assegura que isto deriva de si, mas havendo a si próprio atribuído a Deus, adota esta denominação: *“Segundo a graça que Deus me deu”*. Simultaneamente declara que tudo vem de Deus e que a maior graça consiste em não estar dividido, mas apoiar-se em um só fundamento. Outro constrói por cima. Mas cada um veja como constrói.

Nesta passagem parece-me induzi-los a uma disputa a respeito do estilo de vida, porque os congregou uma vez e deles fez um só corpo.

11. *Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo.*

Não é possível enquanto houver arquiteto; se, porém, tiver sido lançado, já não há arquiteto.

Vê de que maneira, por meio de noções comuns comprova todo o plano. É o seguinte o que ele declara: Anunciei o Cristo, entreguei-vos o fundamento; vede de que modo construís por cima, se por vanglória ou para arrastar discípulos a aderirem diante dos homens. Por conseguinte, não devemos aderir às heresias, porque *“ninguém pode lançar fundamento diverso do que foi posto”*. Edifiquemos, portanto, sobre ele, tenhamo-lo por fundamento, sejamos ramos da videira e nada se interponha entre nós e Cristo, porque, se houver algo no meio, imediatamente perecemos. Os ramos, de fato, quando aderem, haurem a seiva; e o edifício que é compacto fica firme; se ele se desconjuntar, arruina-se, não tendo onde se apoiar. Por conseguinte, não apenas adiramos a Cristo, mas também nos conglutinemos, porque se nos separarmos, perecemos. “Sim, os que se afastam de ti se perdem” (Sl 73,27). Unamo-nos, portanto, a ele, e unamo-nos através das obras: “Quem observa os meus mandamentos” permanece em mim (cf. Jo 14,21). São muitos os exemplos de sua união a nós. Observa, portanto: Ele

é a cabeça e nós somos o corpo. Pode haver um espaço vazio entre a cabeça e o corpo? Ele é o fundamento e nós, o edifício; ele a videira e nós, os ramos; ele o esposo, e nós a esposa; ele o pastor, e nós as ovelhas; ele o caminho e nós os transeuntes; nós ainda o templo e ele o habitante; ele o unigênito, nós os irmãos; ele o herdeiro, nós os co-herdeiros; ele a vida e nós, os viventes; ele a ressurreição, e nós os ressuscitados; ele a luz, e nós os iluminados. Tudo isso indica união, e não permite seja interposto o mínimo vácuo. Com efeito, quem se aparta um pouco, e avança muito, distancia-se. Aliás, se o corpo admitir pequena separação feita por meio da espada, perece; e o edifício, por menos que rache, se arruína; e o ramo por mínimo que esteja cortado da raiz, fica inutilizado. Por conseguinte, este mínimo não é pouco, mas é quase tudo. Se admitimos um pequeno pecado, ou somos negligentes, não desprezemos esse pouco; menosprezado, logo se faz grande. Assim, se um manto começar a rasgar-se e o rasgão for descuidado, atinge o todo; e se caírem poucas telhas de um teto e isso for negligenciado, é derrubada toda a casa. Diante de tais ponderações, nunca menosprezemos as coisas pequenas para não incidirmos nas grandes; se, ao invés, descuidarmos, e chegarmos ao mais profundo dos males, nem assim desanimemos, para não termos dores de cabeça. Será difícil subir daí, a não ser quem se tornar muito vigilante; não somente por causa da distância, mas também por causa do lugar. O pecado é profundo, e arrastando para baixo, oprime. E como aqueles que caíram num poço, não sobem facilmente, mas precisam do socorro de outrem que de lá o retire; assim acontece àquele que chegar às profundezas dos pecados. Joguemo-lhes cordas, portanto, e arrastemo-los para cima; ou antes, não precisamos apenas dos outros, mas também de nós mesmos. Nós próprios nos amarremos e subamos, não quanto descemos, mas muito mais, se o quisermos. Efetivamente, Deus nos ajuda, porque ele não tem prazer na morte do pecador, mas que ele se converta (cf. Ez 18,32). Ninguém, pois, desespere, nenhum dos ímpios se entregue a este vício; na verdade o pecado deles é desta espécie. “O ímpio, depois de ter caído no abismo dos pecados, tudo despreza” (Pr 18,3). Por conseguinte, não é a multidão dos pecados que leva ao desespero, mas a mentalidade do ímpio. Mesmo se a malícia tudo invadir, dize a ti mesmo: Deus é benigno e deseja a nossa salvação. “Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve” (Is 1,18), e os transformarei por coloração oposta. Não desanimemos. Não é tão grave ter caído quanto jazer na queda; nem tão grave ter sido ferido do que não querer tratar do ferimento. “Quem pode dizer: ‘Purifiquei meu coração, do meu pecado estou puro’?” (Pr 20,9). Não me exprimo desta maneira para vos fazer indolentes, mas para impedir a queda no desespero.

Queres saber como nosso Senhor é bom? Subiu ao templo o publicano, sobrecarregado de males, e suplica: “Tende piedade de mim” (Lc 18,13); desceu justificado. Por meio do profeta também diz Deus: “Por causa de seu pecado, contristei-o um pouco, e vi que estava dolorido e foi-se triste, e curei os seus caminhos” (Is 57,17-18). O que há de igual a este amor aos homens? Apenas por ter ficado triste, assegura, perdoei-lhe os pecados. Nós, contudo, nem isto fazemos e antes provocamos a ira de Deus. Aquele que por pequenos atos se tornou propício, quando não encontra nem isso, com razão fica indignado e nos inflige o máximo castigo, porque se trata de extremo desprezo. Quem, portanto, alguma vez se entristeceu por causa do pecado? Quem gemeu? Quem bateu no peito? Quem ficou preocupado? Penso que ninguém. Mas por muitos dias os homens choram a morte dos escravos, os danos pecuniários, mas não nos preocupamos se perdemos diariamente a alma. Como, portanto, poderás fazer com que Deus se torne propício, uma vez que nem sabes que pecaste? Sim, respondes, pequei. De fato, proferes isso com a língua; dize também com a mente e, ao dizeres, geme, para manteres sempre a boa vontade. Na verdade, se tivermos contrição pelos pecados e gemermos por causa dos delitos, nada mais nos afligirá, pois o arrependimento elimina toda tristeza. Por essa razão, também retiraríamos outro lucro da confissão, a saber, não afundaríamos nas tribulações desta vida,

nem nos vangloriaríamos na prosperidade; e ela mais ainda aplacaria a Deus, irritado por nossos atos. Dize-me. Se tiveres um escravo, que sofreu muito da parte dos companheiros de serviço, e não cuida senão de não excitar a cólera de seu dono, somente este fato não poderá acalmar a tua ira? O que sucederá, porém, se não se preocupar com as faltas contra ti, e cuidar das faltas contra seus companheiros, acaso não lhe infligirás maior suplício? Assim também age Deus. Quando não nos preocupamos com sua ira, esta se torna mais violenta; quando nos preocupamos, acalma-se. Ou antes, de então em diante não a guarda, pois quer que nos penitenciemos de nossos pecados e não exigirá outra coisa de nós. Na verdade, ameaça com o castigo para eliminar o desprezo por meio do temor. Uma vez que só com a ameaça nos assustamos, não nos sujeita à experiência. Vê o que afirma Jeremias: "Não vês o que eles fazem? Os filhos ajuntam a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam a massa" (Jr 7,17-18). Temamos que a nosso respeito se afirme algo de semelhante: Não vês o que eles fazem? Ninguém procura os interesses de Cristo, mas os seus próprios (cf. Fl 2,21). Os filhos acorrem à impureza, os pais à avareza e à rapina, as mulheres ao luxo mundano, e os maridos não apenas não as retêm, mas até as provocam. Detém-te na praça, interroga os que vão e vêm, e não encontrarás quem tenha pressa de obter o que é espiritual, mas todos acorrem ao que é carnal. Até quando não nos arrependeremos? Até quando ficaremos prostrados em sono profundo? Não nos saciaremos dos vícios? Ora, até sem palavras a própria experiência é suficiente para nos ensinar a nulidade dos bens presentes e que tudo é péssimo. Os filósofos pagãos, que nada sabiam das realidades futuras, ao compreenderem a grande vileza das coisas presentes, abandonaram-nas. Que perdão conseguirás, portanto, tu que te arrastas pelo chão, e não desprezas as coisas pequenas e transitórias, nem renuncias a elas por causa das elevadas e eternas, apesar de ouvires o próprio Deus a revelar-te, e da parte dele teres tais promessas? Os que renunciaram a elas, sem terem a promessa de bens maiores, demonstram que não são capazes de prender o homem. Quais as riquezas que esperavam ao adotarem a pobreza? Nenhuma, mas estavam bem cientes de que tal pobreza é melhor do que as riquezas. Que vida esperavam ao renunciarem aos prazeres e se entregarem à austeridade? Nenhuma; mas, instruídos pela própria natureza das coisas, estavam cientes de que isso era mais adequado à sabedoria da alma e à saúde do corpo. Igualmente nós, com estas considerações e assiduamente meditando nos bens futuros, renunciemos às realidades presentes, a fim de conseguirmos as futuras, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

NONA HOMILIA

12. *Se alguém sobre este fundamento constrói com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha,*

13. *a obra de cada um será posta em evidência. O dia a tornará conhecida, pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um.*

14. *Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá uma recompensa.*

15. *Aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo.*

Não é pequena a questão que nos é proposta, mas muito necessária e dos problemas que os homens todos procuram resolver: se a geena é infinita. No entanto, Cristo assegurou que não tem fim, nesses termos: "Onde o fogo não se extingue e onde o verme deles não tem fim" (Mc 9,48). E sei que alguns de vós, ao ouvirem tais palavras, ficam entorpecidos; mas o que fazer? Deus, contudo, ordena que

frequentemente o anunciemos, dizendo: Anuncia a este povo. Nós fomos deputados ao ministério da palavra, e necessariamente somos molestos aos ouvintes, não de bom grado, mas coagidos. Ou se preferis, não seremos onerosos: Se praticas o bem, não temas (cf. Rm 13,3). Por conseguinte, é possível ouvir-nos, não só sem aversão, mas com gosto. Na verdade, o próprio Cristo asseverou que é sem fim e Paulo afirmou, indicando ser perpétuo o suplício, que os pecadores sofrerão ruína eterna (cf. 2Ts 1,9); e ainda: "Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os adúlteros, nem os efeminados herdarão o Reino de Deus" (1Cor 6,9-10). Aos hebreus também propunha: "Procurai a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12,14). E Cristo, aos que diziam: "'Em teu nome fizemos muitos milagres', responde: 'Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade'" (Mt 7,22-23). E as virgens excluídas não entraram na sala. E àqueles que não o alimentaram, disse: "E irão estes para o castigo eterno" (Mt 25,46).

E não me retruques: Onde fica a equidade, se o castigo não tem fim? Pois quando Deus faz alguma coisa, deves obedecer a seu plano, e não submeter os seus pronunciamentos a raciocínios humanos. Aliás, quem desde o início recebeu inúmeros benefícios, entretanto praticou atos merecedores de castigo, e não melhorou nem diante de ameaças, ou dos benefícios, não será justo ser atormentado? Se procuras o que é justo, devíamos perecer desde o começo, de acordo com a equidade e a justiça. Ou antes, não apenas conforme a equidade e a justiça, pois seria ainda benignidade se houvéssemos padecido tais castigos. Com efeito, ao injuriar alguém àquele que em nada o prejudicou, é castigado segundo a justiça; ao se tratar, porém, do benfeitor, que anteriormente nada recebeu, entretanto conferiu mil benefícios, o autor de sua existência, Deus, que lhe inspirou a alma e concedeu inúmeros bens, e quis levá-lo para o céu, o súdito que, após tantos benefícios, não somente o injuria, mas repete diariamente as ofensas por meio de suas obras, que perdão merece? Não vês como puniu Adão por causa de um só pecado? Sim, replicas, deu-lhe o paraíso e fez com que gozasse de grande benevolência. Todavia, não é a mesma coisa pecar quem vive em segurança ou quem vive no meio das tribulações. E por isso mesmo é grave pecares não no paraíso, mas no meio de inúmeros males desta vida, e não te tornares precavido pela miséria, à semelhança de um prisioneiro que fosse maldoso. A ti prometeu bens maiores do que o paraíso, e ainda não os concedeu, a fim de não te fazer mais indolente no tempo das lutas, nem os calou a fim de não desanimares demais no meio das labutas. A Adão, na verdade, um só pecado acarretou a morte; nós, contudo, cometemos diariamente inúmeros pecados. Mas se ele, por um só pecado, sofreu tão grande mal, e ficou sujeito à morte; nós que sempre vivemos no pecado, o que não sofreremos, que em vez do paraíso esperamos o céu? São questões molestas, e causam tristeza ao ouvinte. Estou bem ciente disso por aquilo que eu mesmo sofro, pois meu coração se comove e palpita; e quanto mais vejo bem fundado o ensinamento sobre a geena, tanto mais temo e tremo. Mas é necessário proferir tais coisas para não cairmos na geena. Não ganhaste o paraíso, nem a árvore, nem as plantas, mas o céu e os bens celestes. Se quem recebeu dons menores foi condenado, nem teve desculpa, muito mais nós, que pecamos mais vezes e fomos escolhidos para bens maiores, sofreremos os mais duros castigos. Pensa, contudo, durante quanto tempo o gênero humano permanece na morte por causa de um só pecado. Já se passaram cinco mil anos ou mais, e a morte, introduzida por causa de um só pecado, ainda não foi abolida. Não podemos dizer que Adão ouviu algum profeta, ou viu a outros punidos por causa dos próprios pecados, e fosse consentâneo que tivesse medo e se tornasse mais cauteloso devido aos exemplos que via. Ele era o primeiro e estava sozinho, e, no entanto, foi punido. Tu, porém, não tens como te desculpares de piorares após tantos exemplos, apesar de teres merecido receber o Espírito, e acumulaste não um ou dois ou três, mas inúmeros pecados. Não ponderes que o pecado é cometido num breve tempo; nem por isso julgues que o suplício há de ser momentâneo. Acaso não vês que frequentemente os homens por causa de um só furto, um adultério

instantâneo, passaram toda a vida nos cárceres e nas minas, com fome perpétua e enfrentando mil espécies de morte? E ninguém os livrou, nem disse que visto ter sido o pecado cometido em breve momento, deve o pecado e o suplício serem iguais na duração.

Mas, dirás, os que os cometem são homens; Deus, contudo, é benigno em relação aos homens. Em primeiro lugar, os homens o cometem, não por crueldade, mas por amor aos homens. E Deus igualmente, como ama os homens, assim também castiga os pecados; a correção é segundo a sua grande misericórdia. Ao dizeres, portanto, que Deus ama os homens, então exprimes melhor a modalidade do castigo, porque pecamos apesar de ser ele tal qual é. Por este motivo dizia Paulo: "Quão terrível é cair nas mãos do Deus vivo!" (Hb 10,31). Suportai, por favor, estas palavras inflamadas; daí talvez podeis haurir certo consolo. Qual o homem que pode punir de modo igual a Deus, que fez irromper o dilúvio e exterminou o gênero humano, e pouco depois, cair uma chuva de fogo que aniquilou a todos completamente? Qual dos homens pode castigar a este ponto? Não vês que este suplício é quase imperecível? Passaram-se quatro mil anos, e o castigo dos sodomitas ainda vigora e permanece. A sua benignidade é grande, grande é o suplício. Se ordenasse coisas onerosas e impossíveis, talvez alguém pudesse alegar a dificuldade das leis; sendo, contudo, tão fáceis, o que podemos aduzir, apesar de não termos nenhuma dessas desculpas? Não podes jejuar, nem conservar a virgindade? Entretanto, podes, se quiseres; e acusam-nos os que o podem. No entanto, Deus não empregou para conosco tanta severidade, nem deu tais preceitos, nem promulgou tais leis, mas deixou-os à vontade e arbítrio dos ouvintes. Podes ser casto no casamento e está em teu poder não te embriagares. Não podes distribuir todas as tuas riquezas? Embora possas, e demonstra-o aqueles que assim agem. No entanto, ele não o preceituou, mas ordenou não roubar, e das posses dar esmolas aos pobres. Se alguém, porém, disser que não lhe basta a mulher, engana-se a si mesmo e erra, conforme admoestam os que não têm mulher e são continentes. Por que, dize-me, não podes deixar de injuriar e maldizer? Aliás, oneroso é agir assim, deixar de proceder desta forma não é. Que defesa temos, portanto, nós que não observamos preceitos tão leves e fáceis? Não se diga que temos alguma desculpa. De fato, do que foi acima narrado evidencia-se que o castigo é permanente. Como a alguns parece que Paulo o contradiz, vamos apresentar o assunto e discuti-lo. Tendo dito: "*Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá uma recompensa; aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa*", acrescentou: "*Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo*". O que diremos diante disso? Consideremos em primeiro lugar, qual é o fundamento, se é de ouro, pedras preciosas, feno, ou palha. Paulo declarou que o fundamento, na verdade, é Cristo: "*Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo*". Parece-me que a expressão edifício indica as ações. Entretanto, afirmam alguns que se refere aos doutores e discípulos e aos hereges corruptos. Mas a sequência não admite tal explicação. Pois, se é assim, como a obra perece, e quem edifica "*será salvo, mas como que através do fogo*"? Não devia antes perecer o autor? Nesse trecho, contudo, descobre-se que o construtor terá maior castigo. Se foi o mestre o autor do mal, merecerá castigo maior; como, então, será salvo? Se não é a causa do mal, mas os discípulos se tornaram tais pela própria perversidade, não merece absolutamente quem edificou corretamente sofrer penas ou dano. Como, então, diz o Apóstolo: "*Perderá a recompensa*"? Torna-se evidente que se trata aqui das ações. Uma vez que doravante atacará o incestuoso, acima e muito antes coloca o proêmio. Ele costuma, ao ter de falar de algum assunto, previamente colocar algo na disputa que faz e preparar o que depois virá. Assim, ao repreender porque uns não esperavam pelos outros nas refeições, preparou o discurso sobre os mistérios. Uma vez que agora se apressa a tratar do incestuoso, ao falar do fundamento, acrescentou:

16. *Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?*

17. *Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá.*

Ao se exprimir deste modo, já amedrontava a mente do incestuoso. *"Se alguém sobre este fundamento constrói com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha."* Após a fé, precisa-se da edificação; por isso diz noutra passagem: "Edificai-vos mutuamente" com tais palavras (1Ts 5,11). Efetivamente, artífice e discípulo conjuntamente conferem para a edificação; por isso declara: *"Mas cada um veja como constrói"*.

Se, porém, isso se refere à fé, não é razoável o que se afirma. De fato, relativamente à fé todos devem ser iguais, porque a fé é uma só; na vida virtuosa, contudo, não podem todos ser idênticos. A fé não é ora menor, ora maior, mas é a mesma em todos os verdadeiramente fiéis. Entretanto, na vida podem uns ser mais diligentes, outros mais negligentes; uns mais cuidadosos, outros inferiores; uns agem mais retamente, outros menos; uns pecam mais gravemente, outros menos. Por isso, o Apóstolo se refere a ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha. *"A obra de cada um será posta em evidência"*. Aqui fala sobre a prática. *"Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa."* Ora, se isso fosse afirmado a respeito de discípulos e mestres, não deveriam os mestres sofrer detrimento se os discípulos não ouvissem. Por isso acentua: *"Mas cada um receberá o salário próprio, segundo a medida do seu trabalho"*; não segundo o fim, mas segundo o trabalho. O que sucederá se os ouvintes não atenderem? Por isso é claro que aqui se trata das obras. Quer dizer: Se alguém com fé reta leva vida má, não lhe adiantará a fé para evitar a punição, se as obras ardem. A expressão: *"for queimada"* significa: Não suporta o ímpeto do fogo. Se alguém, dotado de uma armadura de ouro, atravessa um rio de fogo, passa facilmente, mas se atravessa carregando feno, não só nada ganha, mas, ainda perece; o mesmo acontece em relação às obras. Aqui não trata de pessoas realmente queimadas, mas antes para incutir medo e mostrar que quem vive na maldade está desprovido de segurança, assegura: *"Sofrerá detrimento"*. Eis um suplício. *"Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo."* Eis o segundo. Quer dizer o seguinte: Ele não perecerá como uma obra, aniquilado, mas permanecerá no fogo. Por conseguinte, chama de salvação, mas não simplesmente, porque acrescenta: *"Como que através do fogo"*. Nós também costumamos dizer: Salvou-se através do fogo, a respeito daqueles que não se queimam, nem imediatamente se convertem em cinzas. Em consequência, ao ouvires falar de fogo, não julgues que os que se queimam se reduzem a nada. Se, na verdade, denomina salvação tal suplício, não te admires; pois ele costuma também usar nomes bonitos para coisas mal sonantes, e o contrário a respeito das boas. Por exemplo, o nome de cativeiro parece ser designação de uma condição ruim, mas Paulo o utiliza para uma situação boa, nesses termos: "Tornamos cativo todo pensamento para levá-lo a obedecer a Cristo" (2Cor 10,5). E para um objeto mau uma eufemia: "Imperou o pecado" (Rm 5,21), embora a palavra *imperou* soe bem. Mas nesta passagem tendo dito: *"Será salvo"*, não subentende outra coisa senão o castigo, como se dissesse: Ele, porém, permanecerá eternamente atormentado. Em seguida, inclui também: *"Não sabeis que sois um templo de Deus"*? Acima mencionou os que dividem a Igreja, e em seguida, ataca o que fornicou, ainda não abertamente, mas de modo impreciso, indicando sua vida corrupta, e acentuando o pecado por causa do dom que já lhe fora conferido. Logo também aperta o cerco aos outros por aquilo que já haviam tido. Seja a respeito de eventos futuros, ou passados, molestos ou agradáveis, sempre age desta forma. Na verdade, sobre os futuros: *"O dia* os *tornará* conhecidos, *pois ele se manifestará pelo fogo";* sobre o passado: *"Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós"*?

17. *Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá.*

Vês a intensidade do discurso? Mas enquanto a pessoa ficou em incógnito, não é tão grave o que se enuncia, porque todos permanecem sob o temor da correção. *“Deus o destruirá”*, isto é, ele se perderá. Não é maldição, mas profecia. *“O templo de Deus é santo”*, portanto o incestuoso é profano. Em seguida, a fim de não parecer que se reporta a ele ao dizer: *“O templo de Deus é santo”*, acrescentou: *e esse templo sois vós.*

18. *Ninguém se iluda.*

Trata dos que se julgam alguém, e se vangloriam da própria sabedoria.

Para evitar a aparência de atacá-lo de modo vão e diuturno, tendo provocado angústia e medo, de novo faz uma acusação generalizada, nesses termos:

Se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio;

Fá-lo, portanto, com grande liberdade, porque os combatera de maneira suficiente. Efetivamente, se um homem rico e nobre se prender ao pecado, faz-se o mais vil de todos. De igual forma que um rei, cativo entre bárbaros, se torna o mais miserável dos homens, acontece também relativamente ao pecado. Pois o pecado é um bárbaro que não poupa a alma uma vez capturada, mas exerce sua tirania para a ruína dos cativos.

Nada há de mais ilógico do que o pecado, nada tão insensato, estulto e violento. Ao invadir um lugar, tudo revolve, confunde, e perde: disforme, pesado e incômodo. E se um pintor o pintasse, parece-me que não erraria, se o esboçasse da seguinte forma: uma mulher com aspecto ferino, bárbara, expirando fogo, nojenta, negra, quais os poetas pagãos descrevem as Cilas. De inúmeras mãos, apreende nossos pensamentos, e entra de improviso, tudo estraçalha, como cães que mordem às ocultas. Ou melhor, que necessidade há de pintura, se é possível apresentar quem os pratica? Quem, portanto, quereis que descrevamos primeiro? O avaro e o rapinante? Há coisa mais impudente que seus olhos? O que mais sem pudor, mais canino? O cão não é tão impudente quanto o rapace que rouba todos os bens. O que há de mais detestável do que aquelas mãos? O que mais petulante do que a boca que tudo devora e nunca se sacia? Não lhe contemples o rosto e os olhos, como se fossem humanos; os olhos humanos não fitam dessa maneira. Não olha os homens como homens; não olha o céu enquanto céu; não levanta a cabeça para o Senhor, mas enxerga apenas as riquezas. Os olhos humanos costumam ver os aflitos e ter pena; os olhos dos rapaces veem os pobres e os capturam. Os olhos humanos não veem como seu o alheio, mas o próprio como se lhe fosse alheio e não ambicionam o que foi dado aos outros, além disso distribuem o que é seu aos outros. Aqueles não se contentam se não roubarem os bens de todos; não têm visão humana, mas de fera. Os olhos humanos não suportam ver despojado o próprio corpo; o dos outros, considera como o seu, do ponto de vista pessoal. Os rapaces, se não despojarem tudo e acumularem na própria casa, nunca se saciam, ou antes, jamais se enchem. Por isso não digas somente que suas mãos parecem ferinas e sim muito mais ferozes e cruéis. De fato, saciados, os ursos e os lobos abandonam o resto do alimento; eles, porém, jamais se saciam. Ora, Deus nos deu as mãos a fim de socorrermos o próximo e não para lhe armarmos insídias. Pois, se fôssemos usá-las para tal, melhor seria cortá-las, ficando delas privados. Tu, na verdade, se uma fera estraçalhar certa ovelha, ficas pesaroso; mas, ao fazeres o mesmo a um semelhante, não julgas que praticas um crime? E serias um homem? Não vês que denominamos humano um ato cheio de misericórdia e benignidade? Chamamos de desumano quem pratica crueldade e sevícias. Desde que caracterizamos o homem pela comiseração, e a fera pelo oposto, costumamos fazer a pergunta: É homem, fera ou cão? Com efeito, os homens aliviam a pobreza, não a aumentam. Os rapaces, contudo, possuem fauces de feras; ou antes, são mais ferozes do que elas pois proferem palavras que mais

inoculam veneno do que os dentes das feras e matam. Numa pesquisa, verificar-se-á certamente a falta de senso humanitário, que aos afetados desta carência transforma de homens em feras. Se alguém lhes examinar a mente, chamá-los-á não apenas de feras, mas de demônios. Estão cheios de enorme crueldade e ódio para com os companheiros de serviço. Onde não há amor do reino, nem medo da geena, não existe também reverência para com os homens, nem misericórdia, nem comiseração, mas impudência, petulância e desprezo dos bens futuros. As palavras de Deus acerca do suplício futuro parecem-lhes fábulas, e ridículas as suas ameaças. Tal é o espírito do avarento. Sendo interiormente demônios, são exteriormente feras, e pior do que feras; onde, pergunto, os colocaremos? Evidencia-se pelo supramencionado que sejam piores do que as feras. As feras são assim por natureza; os que, segundo a natureza, possuem a mansidão, agem contra a natureza ao adotarem costumes ferinos. Os demônios têm por colaboradores os homens que armam ciladas, e na verdade, se não os têm, a maior parte das insídias por eles armadas contra nós fracassará; eles, na verdade, esforçam-se por vencer com ignomínia mesmo aqueles que rivalizam com eles. Ainda, o diabo combate o homem, e não os demônios que se lhe assemelham, enquanto o rapace aflige os seus semelhantes e parentes com todas as vexações, e não respeita os liames da natureza. Sei que muitos por causa destas palavras nos odeiam; eu, porém, não os odeio, mas deles me compadeço, e derramo lágrimas por causa daqueles que assim procedem; mesmo se quiserem me bater, suportarei de boa vontade, se desistirem de tal fereza. Não eu só, mas também o profeta conosco exclui tais homens do convívio humano, dizendo: “O homem constituído em honra não entendeu, mas é semelhante ao gado irracional” (Sl 48,21). Sejamos finalmente homens, e ergamos os olhos para o céu; e revistamo-nos do novo, segundo a imagem de Deus (cf. Cl 3,10), e restauremo-nos, a fim de conseguirmos os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA HOMILIA

18. *Ninguém se iluda: se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio;*

19. *pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus.*

Conforme mencionei acima, quando o Apóstolo, antes do tempo oportuno para acusar o incestuoso, foi induzido a atingi-lo obscura e sucintamente, e despertar-lhe a consciência, adiantou ainda a luta contra a sabedoria pagã e atacou os que, orgulhosos por causa disso, dividiam a Igreja. Havendo acrescentado o que restava, e terminado apuradamente todo o capítulo, agora volta-se com ímpeto contra o incestuoso, que já acima atacara, lançando setas. Pois as palavras: “*Ninguém se iluda*”, são-lhe especialmente endereçadas, e quer primeiro abrandá-lo, incutindo medo; é um indício principalmente a referência à palha; e ainda a pergunta: “*Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós*”? Estes dois motivos especialmente costumam nos afastar do pecado: pensar na pena reservada ao pecado e meditar em nossa própria dignidade. Ao relembrar o feno e a palha, o Apóstolo atemorizou; ao apresentar a própria nobreza, incutiu pudor. O primeiro motivo para melhorar os mais rudes, o segundo, os mais moderados. “*Ninguém se iluda: se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco.*” Ordena morrermos para o mundo; morte que em nada prejudica, ao contrário auxilia, enquanto causa de vida. Assim também preceitua sermos “*loucos aos olhos deste mundo*”, obtendo-nos desta forma a verdadeira sabedoria. Torna-se louco para o mundo quem despreza a sabedoria pagã, persuadido de que ela não confere auxílio algum para a aquisição da fé. Assim como a pobreza segundo Deus é causa de riquezas, a humildade de

elevação, e o desprezo da glória fonte de glória, assim quem se torna louco é o mais sábio de todos. Nossos bens constam de paradoxos. E por que não disse: Renuncie à sabedoria, e sim: *“Torne-se louco”*? A fim de humilhar em excesso a disciplina pagã. Não é idêntico: Renuncia à sabedoria, e: Torna-te louco. Aliás, ensina, de fato, que também não se deve ter vergonha da simplicidade reinante entre nós; zomba em demasia da sabedoria pagã. Por conseguinte, não tem receio das denominações, porque confia na força da realidade. Como a cruz, que parece ignomínia, para nós se transformou em causa de inumeráveis bens, ocasião e raiz de glória inefável, assim a aparente estultice fez-se fonte de sabedoria. Como, pois, aquele que aprendeu erradamente alguma coisa, se não deixar o todo, e o que escreve, a não ser que faça um polimento e purificação em sua alma, não apreenderão claramente uma sadia instrução; assim também relativamente à sabedoria pagã, se não apagares tudo e varreres a mente, e diante da fé te apresentares qual ignorante, nada de genuíno aprenderás com apuro. O estrábico, se não fechar os olhos e confiar nos outros, abandonando a sua visão defeituosa, mais errará do que os cegos.

E de que modo, dizes, é possível abandonar a sabedoria pagã? Não utilizando a disciplina deles. Em seguida, após ter ordenado tão severamente desistir dela, apresenta o fundamento do preceito, nesses termos:

19. *pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus*. Não somente nada confere, mas até impede. Faz-se mister, portanto, desistir dela, visto que prejudica. Vês como alcançou suma vitória, demonstrando que ela não somente em nada ajuda, mas até nos é adversa? Não se contenta com seus argumentos, mas de novo apresenta um testemunho, nesses termos:

Com efeito, está escrito: *Ele apanha os sábios em sua própria astúcia*;

Astúcia, isto é, apanha-os com as suas próprias armas. Uma vez que os sábios empregaram astúcia para não precisarem de Deus, através da própria astúcia, o Apóstolo comprovou que eles assaz necessitavam de Deus. De que maneira? Visto que, por meio dela, se tornaram estultos, mereceram ser por ela apanhados. Pois, apesar de pensarem que não precisavam de Deus, viram-se reduzidos a tal penúria que se mostraram inferiores a pescadores e iletrados, e enfim necessitaram deles. Por isso diz: Apanhou-os em sua própria astúcia. De fato, ao declarar: “Destruirei a sabedoria dos sábios”, indica que ela não conduz a utilidade alguma. Quanto à expressão: *“Ele apanha os sábios em sua própria astúcia”*, quer acentuar o poder de Deus.

Em seguida, determina a maneira como apanha, acrescentando outro testemunho:

20. *O Senhor conhece o raciocínio dos sábios; sabe que são vãos.*

Uma vez que aquela imensa sabedoria deste modo se pronuncia, e comprova que são tais, porque buscas outra demonstração da extrema demência deles? Com efeito, os juízos dos homens frequentemente resvalam; a sentença de Deus, contudo, jamais suporta censura, nem se corrompe. Por conseguinte, após ter erguido o troféu esplêndido do juízo do alto, retorna a palavra com veemência contra os súditos, nesses termos:

21. *Por conseguinte, ninguém procure nos homens motivo de orgulho.*

22. *Tudo é vosso.*

Novamente retoma os primeiros argumentos, destacando que os coríntios nem das coisas espirituais devem se orgulhar, porque nada de proveniente de si mesmos possuem. A sabedoria pagã, portanto, é prejudicial, e não fostes doadores dos bens espirituais; de onde vem que vos gloriais? E a respeito da sabedoria pagã ninguém se iluda, porque estaria se comprazendo em objeto prejudicial; aqui, no entanto, ninguém se glorie de que tenha utilidade. E emprega palavra mais suave: *pois tudo pertence a*

vós:

22. *Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso;*

23. *Mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus.*
Novamente os reanima porque os havia recriminado com vigor. Mais acima dissera: *"Nós somos cooperadores de Deus"*, e consolava-os com muitas outras palavras; aqui, porém, diz: *"Tudo é vosso"*, removendo o orgulho dos mestres, e indicando que eles de fato nada podem conferir, mas devem dar graças; de fato, eles se tornaram tais porque receberam a graça. Mas como aconteceria que eles também se gloriassem, prediz o mal, nesses termos: *"Cada um deles agiu segundo os dons"* de Deus, e: "*Era Deus quem fazia crescer*", de sorte que nem os ofertantes se vangloriassem, nem os ouvintes se orgulhassem: "*Tudo é vosso*". De fato, apesar de se ter realizado por vossa causa, tudo vem de Deus. Queria que calculasses para mim o motivo por que persiste em manter até o fim o seu nome e o de Pedro. O que, na verdade, significa a expressão: "*A morte*"? Pois se morrem, morrem por vossa causa, periclitando em prol de vossa salvação. Vês que novamente reprime o orgulho dos discípulos e exalta os mestres? Efetivamente fala-lhes como a meninos nobres, que têm pedagogos e deverão receber uma herança completa. É possível também explicar de outro modo: A morte de Adão foi por nossa causa, a fim de nos arrependermos, mas a morte de Cristo para sermos salvos. *"Mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus."* Somos de Cristo de um modo e Cristo é de Deus de outro, e de outra forma o mundo é nosso. Nós somos de Cristo enquanto sua obra, Cristo é de Deus enquanto Filho genuíno, não feito; o mundo também não é nosso, nesse sentido. Por conseguinte, apesar de ser uma só a fórmula, o significado é diverso. Pois o mundo é nosso, enquanto feito por nossa causa; Cristo, porém, é de Deus, porque é do Pai, seu princípio; nós, contudo, somos de Cristo, porque por ele fomos criados. Se eles (os mestres) são vossos, por que fazeis o contrário, adotando o cognome deles, e não o de Cristo ou de Deus?

4,1. *Portanto, considerem-nos os homens como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus.*
Depois de rebaixar-lhes a arrogância, vê como já os reanima, dizendo: "*Como servidores de Cristo*". Por isso, não deixes de lado o Senhor, e não tomes o nome dos ministros e servidores. Chama-os, porém, de "*administradores*", revelando que não a todos hão de ser dados os bens, mas àqueles a quem devem ser dados e por quem devem ser ministrados.

2. *Ora, o que se requer dos administradores é que seja fiel cada qual.*
Isto é, não usurpe o que pertence ao Senhor, nem o reivindique para si como se fosse o dono, mas trate os bens qual verdadeiro administrador. É dever do administrador administrar honestamente o que lhe for confiado, e não declarar seu o que é do senhor; mas, ao contrário, declarar ser do senhor o que lhe é peculiar. Cada um pensando nisto, quer tenha o poder de falar, ou de usar dos bens (porque na verdade, os bens do senhor lhe foram confiados e não são seus), não retenha em seu poder nem atribua a si os haveres de seu senhor, mas refira-os a Deus, doador de todos eles. Queres ver administradores fiéis? Escuta o que diz Pedro: "Ou por que não tirais os olhos de nós, como se fosse por nosso próprio poder ou por nossa piedade que fizemos este homem andar?" (At 3,12). E a Cornélio dizia: "Eu também sou apenas um homem" (At 10,26); e a Cristo: "Eis que nós deixamos tudo e te seguimos" (Mt 19,27). E Paulo, tendo dito: "Trabalhei mais do que todos eles", acrescentou: "Não eu, mas a graça de Deus que está comigo" (1Cor 15,10). E em outra passagem, dirigindo-se aos mesmos, dizia: "Que é que possuis que não tenhas recebido?" (1Cor 4,7). Nada tens de teu, nem dinheiro, nem palavra, nem a própria alma, pois também ela é do Senhor.

Por conseguinte, quando necessário, também a esta hás de entregar. Se amas a vida e, se recebendo a ordem de entregá-la, contradizes, já não és fiel administrador. E como é possível resistir a Deus que chama? Eu também o afirmo, e por isso mesmo admiro mais a benignidade de Deus. Aquilo que ele pode tomar, até contra tua vontade, não quer fazê-lo sem teu bel-prazer, a fim de teres recompensa. Por exemplo, pode tomar tua alma contra tua vontade, mas quer que aceites voluntariamente, de sorte a dizeres com Paulo: "Diariamente estou exposto à morte" (1Cor 15,31). Pode tomar-te a glória, contra teu arbítrio, e fazer-te humilde, mas quer que seja de bom grado, de sorte a receberes remuneração. Pode sem teu consentimento fazer-te pobre, mas quer que voluntariamente te faças tal, para tecer-te coroas. Viste a benignidade de Deus? Viste a nossa preguiça?

Alcançaste grande dignidade e conseguiste autoridade na Igreja? Não te orgulhes; não foste tu que obtiveste glória, mas foi Deus quem ta outorgou. Utiliza-a na qualidade de bem alheio; não a uses mal, não a diminuas empregando-a no que é inconveniente, não te vanglories, não a usurpes, mas considera-te pobre e obscuro. Com efeito, no caso de que a púrpura régia te fosse confiada em depósito, devias por abuso estragá-la, ou com o maior cuidado conservá-la para aquele que ta entregou? Recebeste eloquência? Não te ensoberbeças, nem atues com arrogância; o dom não é teu. Não sejas ingrato relativamente aos dons do Senhor, mas haverás de distribuí-los aos colegas; não te exaltes como se fossem teus, nem sejas parco na distribuição. E se tens filhos, tens filhos de Deus; se assim pensares, darás graças se os tiveres, e não lastimarás se os perderes. Tal era Jó, que dizia: "O Senhor o deu, o Senhor o tirou" (Jó 1,21). Tudo recebemos de Cristo; até mesmo o que somos dele recebemos, a vida, a respiração, a luz, o ar, a terra; e se ele retirar alguma dessas coisas, perecemos e morremos. Somos estrangeiros e peregrinos. As expressões: *"meu"* e *" teu"* são apenas palavras, sem conteúdo. Não têm consistência. Pois se dizes que a casa é tua, é palavra vã. Com efeito, o ar e a terra são matéria do Criador e tu também que constróis etc. Se, porém, o uso é teu, é igualmente incerto, não apenas por causa da morte, mas ainda antes da morte, devido à instabilidade das coisas. Por conseguinte, para nós mesmos registremos assiduamente estes fatos, raciocinemos, e obteremos dois máximos lucros. Seremos gratos e quer os conservemos, quer nos sejam tirados, não serviremos ao que é transitório e não é nosso. De fato, se Deus retirar as riquezas, toma o que é seu; se tomar a honra, a glória, o corpo, a própria alma, o teu filho, não tirará um filho teu, mas o seu servo. Efetivamente, tu não o fizeste, mas foi ele quem o criou; tu apenas foste um instrumento de sua vinda (ao mundo), mas foi ele quem tudo fez. Demos, portanto, graças, por se ter dignado fazer de nós seus cooperadores. Mas como? Quiseste possuí-lo perpetuamente? Seria próprio de um ingrato e ignorante, porque tens o alheio e não o que te é peculiar. Como aqueles que partem com prontidão, sabem que não têm o que é seu, assim os que se condoem usurpam o que é do rei. Pois se nós mesmos não nos possuímos, como os bens serão nossos? Por dupla razão somos dele, segundo a razão e segundo a fé. Por isso disse Davi: "Minha vida está junto de ti" (Sl 38,8); e Paulo: "É nele, com efeito, que temos a vida, o movimento e o ser" (At 17,28). E, ao tratar da fé, diz: "Não pertenceis a vós mesmos. Alguém pagou alto preço por vosso resgate" (1Cor 6,19-20). Tudo, na verdade, é de Deus. Por isso, quando ele chamar e quiser receber de volta, não fujamos de prestar contas quais servos ingratos, nem usurpemos o que é do Senhor. Tua alma não é tua, e como o seriam as riquezas? Por que, então, gastas o que não é teu em despesas inúteis? Não sabes que seremos acusados porque as empregamos mal? Uma vez que não são nossas, mas do Senhor, devíamos distribuí-las ao próximo. Certamente aquele rico era acusado por não ter agido assim; igualmente aqueles que não deram de comer ao Senhor. Por conseguinte, não digas: Gasto o que é meu, gozo do que é meu. Não é teu, certamente, mas alheio, digo alheio porque tu queres, porque Deus quer que seja teu o que te foi confiado para os irmãos. As coisas alheias se transformam em tuas quando distribuis aos outros; do contrário, se as gastares

largamente, então aquelas tuas riquezas se tornam alheias. Uma vez que as usas de maneira desumana e dizes: É justo que gaste o que é meu em meu usufruto, asseguro que elas são alheias. Pois são comuns, e pertencem também ao teu companheiro de serviço como o sol é comum, o ar, a terra etc. No corpo, os serviços prestados são de todo o corpo e de cada membro; se for apenas de um só membro, perde a própria energia. O mesmo acontece com as riquezas.

E a fim de esclarecer o que digo, o alimento material é dado para os membros em geral; se for reservado a um só membro, torna-se alheio ao corpo; uma vez que não pode ser assimilado e nutrir, torna-se alheio. Se, porém, for comum, faz-se peculiar àquele membro e a todos os outros. Assim também sucede às riquezas. Se sozinho delas usufruíres, tu as perdeste; pois não receberás recompensa. Se, contudo, as possuíres com os demais, então serão mais tuas, e terás proveito. Não vês que aquilo que as mãos servem, a boca amolece e o estômago recebe? Acaso diz o estômago: Uma vez que recebi, devo reter totalmente? Não fales, portanto, desta forma, a respeito dos bens; pois doar é próprio de quem recebe. Como é um vício do estômago reter os alimentos, sem distribuí-los, pois causa prejuízo a todo corpo, assim também é vício para os ricos reter junto de si as suas posses, porque eles e os outros as perdem. O olho igualmente recebe toda a luz; mas não a reserva para si, visto que ilumina o corpo inteiro. Nem é de sua natureza reter o todo, enquanto for olho. O nariz também sente os bons odores; entretanto não os reserva para si só, mas os envia ao cérebro, e os conserva no estômago e causa prazer ao homem todo. Os pés também pisam o chão, todavia não se transferem do lugar sozinhos, mas movem o corpo em geral. Assim também tu, não reserva para ti o que te for confiado, porque será primeiramente a ti que causarás o prejuízo. Não verás isso somente em relação aos membros. O ferreiro, se não quiser que ninguém tire proveito de seu ofício, arruína a si mesmo e a outros ofícios. Igualmente o sapateiro, o agricultor, o padeiro e cada um que exerce um ofício necessário, se não quiser que outro tire vantagem de sua obra, não danificará somente aos outros, mas com eles a si mesmo. E por que falo dos ricos? Igualmente os pobres que imitarem vossa maldade de avaros e ricos, muito vos prejudicarão e logo vos tornarão pobres, ou até mesmo vos arruinarão, se não quiserem prestar seus serviços aos necessitados. Por exemplo, se o agricultor furtar-se ao trabalho manual, o marinheiro ao comércio originário da navegação, o soldado à fortaleza na guerra. Se não for por outro motivo, imitai por pudor sua benevolência. A ninguém dás de teus bens? Por conseguinte, também nada receberás do próximo. Se, porém, tal acontecer, tudo fica revolucionado. Em toda parte dar e receber é o princípio de muitos bens: tanto em relação às sementes, aos discípulos, aos ofícios. Pois se alguém quiser guardar exclusivamente para si o exercício de seu ofício, perturba a si e a vida de todos. O agricultor, se retiver suas sementes em casa, acarretará terrível fome. Assim também o rico, se o fizer relativamente às riquezas, antes perderá a si do que aos pobres, preparando para si a mais intensa chama da geena. Os mestres igualmente, mesmo que tenham muitos discípulos, a cada um deles transmitem a ciência; também tu deves partilhar a muitos teus benefícios, de sorte que possam todos dizer: A este libertou da pobreza, àquele dos perigos; e ainda: Aquele outro pereceria se com a graça de Deus não o protegesses. Livras a um da doença, a outro da injúria, a um estrangeiro recebes como hóspede, vestiste o que estava nu. Estas palavras valem mais do que inúmeras riquezas e imensos tesouros; e causam mais admiração do que as vestes douradas, cavalos e escravos. Aqueles atos fazem com que pareças pesado e molesto e sejas odiado como inimigo comum; estas ações te exaltam como pai e benfeitor de todos. Principalmente a benevolência de Deus acompanhará sempre tua atividade. Fez de meu filho um homem; outro: Livrou-me da tribulação; ainda outro: Tirou-me dos perigos. Palavras melhores do que coroas de ouro, do que ter na cidade mil pregoeiros da própria benignidade; vozes mais suaves e doces do que a dos arautos que andam à frente dos magistrados, a saber, que lhes atribuem nomes divinos: salvador, benéfico,

patrono; e não a alcunha de avaro, arrogante, insaciável, parco.

Por favor. A nenhum desses nomes ambicionemos, e sim os opostos. Pois se estes últimos forem proferidos na terra, tornam-nos esplêndidos e ilustres. Pondera quão grande será a glória, o esplendor se forem escritos nos céus, e Deus no dia do juízo os manifestar. Suceda-nos a todos nós consegui-lo, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual, com o Pai, na unidade do Espírito Santo, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA PRIMEIRA HOMILIA

3. *Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano. Eu também não me julgo a mim mesmo.*

4. *Verdade é que a minha consciência de nada me acusa, mas nem por isso estou justificado; quem me julga é o Senhor*.

Em conexão com outros males, não sei como se introduziu na natureza humana a doença da curiosidade e da importuna inquisição. Cristo também a castigou, dizendo: “Não julgueis para não serdes julgados” (Mt 7,1). Não ocasiona prazer algum, conforme os outros pecados, mas apenas castigo e suplício. Pois, apesar de estarmos repletos de inúmeros males, trazemos uma trave nos olhos, a saber, os pecados do próximo, e examinamos cuidadosamente faltas que em nada diferem do feno, conforme aconteceu também aos coríntios. Homens piedosos e agradáveis a Deus eram escarnecidos e excluídos, devido à falta de instrução, e a outros, carregados de inúmeros vícios, dava-se grande importância devido à eloquência. Em seguida, assentando-se à maneira de juízes, com petulância eles pronunciavam o seguinte: Este é digno, este é melhor do que aquele; e este inferior ao outro, e aquele melhor do que este. Descuidados de chorar os próprios males, eram juízes do próximo. Daí se originavam graves dissensões. Vê, portanto, de que maneira Paulo, para curar esta doença, prudentemente os corrige. Após ter dito: “*Ora, o que se requer dos administradores é que cada um seja fiel”*, parecendo oferecer-lhes pretexto para julgar e examinar a vida do próximo (o que, no entanto, provocava sedições), a fim de evitar que assim acontecesse, aparta-os da altercação, dizendo: “*Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós”*. Mais uma vez profere palavras atinentes a sua própria pessoa. Qual o sentido da expressão: “*Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano”*? Considero indigno de mim ser julgado por vós; e por que digo: por vós? Seja por quem for. Ninguém, contudo, acuse Paulo de arrogância, se disser que ninguém é digno de julgá-lo. Em primeiro lugar, não o diz por sua própria causa, mas para poupar aos outros o ônus imposto por aqueles; além disso, a questão não respeita apenas aos coríntios, mas ele também julga-se incompetente para tal juízo, dizendo que não é capaz deste julgamento; de fato, acrescenta: “*Eu também não me julgo a mim mesmo”*. Nesta questão também pode-se examinar o que o movia a tal afirmação; pois costuma frequentemente falar com exaltação, não por orgulho ou arrogância, mas por ótimo planejamento. Na verdade, aqui não fala, com exaltação, mas reprimindo os outros, a fim de respeitar mais a dignidade dos santos. No fito de verificares o quanto era humilde, escuta o que dizia, apresentando o testemunho dos inimigos sobre o assunto: “Uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível” (2Cor 10,10) e: “Em último lugar, apareceu também a mim, o abortivo” (1Cor 15,8). Entretanto, verifica como aquele homem humilde, de acordo com a oportunidade, anima os discípulos, ensinando com mente sadia, sem orgulho. Dirigindo-se a eles, dizia: “E, se é por vós que o mundo será julgado, seríeis indignos de proferir julgamentos de menor importância?” (1Cor 6,2). Da mesma forma que o cristão deve ficar longe da arrogância, há de estar distante da adulação e de um sentimento ignóbil. E se alguém disser: Considero as riquezas como nada, e todas as realidades

presentes como sombras, sonhos e brinquedos infantis, não o acusaremos de arrogância. Senão também acusaremos de arrogância a Salomão quando reflete sobre tais realidades e declara: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1,2). Mas longe de nós darmos à filosofia o nome de arrogância. Não é, portanto, arrogância desprezar essas coisas, mas magnanimidade, embora vejamos reis, príncipes e poderosos reivindicá-las para si. Na verdade, o filósofo pobre muitas vezes as despreza e, nem por isso, damos-lhe o nome de arrogante, mas de magnânimo; ao invés, àquele que grandemente as reivindica para si, não chamamos de humilde e modesto, e sim de fraco, pusilânime e servil. Pois, se um filho desprezasse os bens paternos, e admirasse os de um escravo, não o elogiaríamos com a denominação de humilde, mas o censuraríamos enquanto ignóbil e servil; e, contudo, o admiraríamos se desprezasse os bens do escravo, e desse importância aos paternos. Pois seria arrogância considerar-se melhor do que os pares; sentenciar, porém, de acordo com a realidade, não é arrogância, mas sabedoria.

Por isso Paulo não se vangloria, humilha a outrem, reprime os soberbos, e ensina-lhes a modéstia: *“Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano”*. Vês como lhes aplica o tratamento? De fato, quem ouve dizer que despreza a todos de igual modo e que Paulo por ninguém se digna ser julgado, não fica pesaroso como se somente ele fosse rejeitado. Pois, se tivesse dito: Por vós, apenas, e se calasse, poderia picá-los, como se fosse menosprezo; agora, porém, ao acrescentar: *“Por um tribunal humano”*, apõe um remédio à chaga, designando-lhes participantes comuns de tal desprezo. Mas novamente suaviza, acrescentando: *“Eu também não me julgo a mim mesmo”*. Observa: a expressão não denota arrogância; pois não declara que ele é capaz de julgar bem. Em seguida, uma vez que a expressão tinha aparência de grande orgulho, corrige-a, nos seguintes termos: *“Mas nem por isso estou justificado”*. Como? Acaso não devia julgar-se a si mesmo e os seus pecados? Na verdade, devemos principalmente assim agir quando pecamos; mas Paulo não o declarou, e sim: *“Verdade é que a minha consciência de nada me acusa”*. De que pecado, portanto, devia ser julgado, se de nada estava consciente? Ele, contudo, não afirma que estava justificado. O que diremos nós, portanto, que temos a consciência atingida por mil feridas, e não estamos conscientes de bem algum, e sim do contrário? E como ele, cuja consciência de nada o acusava, não estava justificado? Porque talvez houvesse cometido pecados que desconhecia na qualidade de pecado. Daí podes deduzir como será severo o futuro juízo. Não é, portanto, por se considerar isento de qualquer culpa que não quer ser julgado por eles, contudo reprime os que o fariam sem fundamento. Em outro lugar, apesar de serem manifestos os pecados, ele não permitiu que se julgassem os outros, devido às circunstâncias.

“Por que julgas teu irmão?” E tu, por que desprezas teu irmão? – (cf. Rm 14,10). Não te é ordenado, ó homem, que julgues os outros, mas que examines o que é teu. Por que arrebatas o que pertence ao Senhor? Compete-lhe julgar, e não a ti. Por isso, adita o Apóstolo:

5. *Por conseguinte, não julgueis prematuramente, antes que venha o Senhor. Ele porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido.*

Então os mestres não deviam agir assim? Deviam, com efeito, relativamente aos pecados manifestos e confessados, em ocasião oportuna, com pesar e censura, não, porém, da maneira que os coríntios empregavam, por vaidade e arrogância. Aqui, contudo, ele não se reporta a pecados confessados, mas à preferência de um a outro, e à comparação estabelecida entre as respectivas condutas. Saberá julgar devidamente só aquele que há de julgar nossas ações ocultas; isto é, conforme merecem maior ou menor suplício ou recompensa, enquanto nós julgamos segundo as aparências. Se, pois, eu, diz ele, não conheço claramente minhas próprias faltas, como posso ser capaz de proferir

sentença a respeito dos outros? Como eu, que não conheço perfeitamente os meus pecados, posso julgar os alheios? Se isto, contudo, é válido a respeito de Paulo, muito mais para nós. Ele, de fato, não se exprimia assim para se mostrar irrepreensível, mas para declarar que, no caso de terem os coríntios junto de si alguém que não tivesse pecado, nem por isso este era digno de julgar a vida alheia; e que, se o Apóstolo, cuja consciência de nada o acusava, se diz culpado, muito mais serão os que estão conscientes de inúmeros pecados. Tendo, portanto, desta forma fechado a boca dos que proferiam tais juízos, finalmente angustiado, descarrega o zelo contra o que praticou a fornicação. Assemelha-se a uma tempestade iminente. Em primeiro lugar acumulam-se nuvens negras, em seguida, após o fragor dos trovões e depois que o céu fez-se uma só nuvem, logo desaba a chuva sobre a terra. O mesmo sucede aqui. De fato, quando podia agir com muita indignação contra o incestuoso, não o faz; mas previamente com terríveis palavras reprime-lhe o orgulhoso inchaço. Na verdade, fora duplo pecado, a saber, a fornicação e outro pior, o de não se arrepender de tão grande pecado. Não chora tanto o pecador quanto o pecador não arrependido. Diz, portanto: "Eu tenha de prantear muitos" não simplesmente, mas "daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicação que cometeram" (2Cor 12,21). Com efeito, quem faz penitência depois do pecado não merece ser chorado, mas deve ser proclamado feliz, por ter sido trasladado para o coro dos justos. "Enumera as tuas iniquidades, a fim de seres justificado" (Is 43,26). Mas, se depois de ter pecado, não se envergonhar, não merece tanto comiseração por ter caído quanto por jazer na queda.

Se após o pecado é grave não se arrepender, orgulhar-se do pecado cometido, que castigo não merece? Pois se aquele que se exalta por causa de suas boas ações não é puro, que perdão conseguirá quem se orgulha dos pecados? Como o incestuoso era tal, e pelo pecado sua alma se fizera petulante e obstinada, era necessário prostrar-lhe o orgulho. Não coloca este crime em primeiro lugar a fim de não lhe retirar o pudor, acusando-o diante de todos; nem em último lugar, para que ele não julgue ser questão secundária. Mas tendo primeiro lhe incutido muito temor pela intrepidez empregada contra os outros, então o ataca, depois de sacudir-lhe a arrogância, através da correção dos demais. Pois estas palavras: *Verdade é que a minha consciência de nada me acusa, mas nem por isso estou justificado"*, e: *"Quem me julga é o Senhor. Ele porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações"*, repreende severamente a ele e aos que os aplaudiam e desprezavam os santos. O que acontece, diz, se alguns exteriormente parecem virtuosos e admiráveis? Aquele juiz não emite um juízo baseado nos atos exteriores, mas aduz em público também os ocultos. Por dois motivos, portanto, ou antes por três, nosso julgamento não é exato; em primeiro lugar, porque apesar de não estarmos conscientes de algum pecado, precisamos, contudo, de alguém que censure exatamente nossos pecados; em segundo lugar, porque na maior parte dos casos, o acontecido nos fica oculto; em terceiro lugar, enfim, porque muitas ações alheias nos parecem boas, mas não procedem de uma intenção reta. Por que afirmas, portanto, que este ou aquele em nada pecou, ou este é melhor do que aquele? Não é lícito afirmar isso, nem mesmo sobre aquele que de nada está consciente; pois juiz dos atos ocultos é aquele que julga com exatidão. Eis, portanto, que minha consciência de nada me acusa, mas nem assim estou justificado, isto é, não estou isento de prestar contas e das acusações. Isto não quer dizer: Não pertenço à fileira dos justos, e sim: Não estou livre de pecado. De fato, o Apóstolo declara em outra passagem: "Com efeito, quem morreu ficou livre do pecado" (Rm 6,7), isto é, foi libertado. Na verdade, praticamos muitos atos que são bons, mas não procedem de reta intenção. Efetivamente, louvamos a muitos, não por querer exaltá-los, mas no intuito de ferir a outros, por esse meio. A ação em si é boa (porque é elogiado quem agiu bem), mas a intenção é corrupta; procede de mente satânica. Na realidade, a ação muitas vezes não visa felicitar o irmão, mas é praticada com o desejo de ferir a outrem. Ainda, alguém cometeu grave pecado; outro, contudo, querendo derrubá-lo,

diz que nada fez, e consola o pecador, apelando para a fraqueza comum da natureza.

Verdadeiramente muitas vezes não tem por finalidade compadecer-se, e sim tornar o pecador mais indolente. Ainda, com frequência não corrige para arguir e admoestar, mas para proclamar e trazer à luz o pecado do próximo. Os homens não conhecem os próprios anelos; mas quem, na verdade, perscruta os corações, conhece-os perfeitamente, e apresenta-os às claras. Por isso dizia: *“Ele porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações”*.

Por conseguinte, embora a consciência de nada nos acuse, é possível não estarmos isentos de culpa, e, ao praticarmos o bem, por não agirmos com reta intenção, estarmos sujeitos a castigo. Pondera, pois, quanto os homens se enganam nos juízos. Tudo isso não é possível aos homens, mas somente àqueles olhos sempre vigilantes; se iludimos os homens, jamais o enganaremos. Não digas, portanto: À minha volta tenho trevas e paredes; quem me vê? De fato, aquele que plasmou singularmente nossos corações, conhece tudo; as trevas não ocultam o que está a seu redor. Com razão, porém, diz quem peca: À minha volta tenho trevas e paredes. Se não existissem trevas em sua mente, não agiria de modo licencioso, expulsando o temor de Deus. Se primeiramente a alma que deve dar a direção não se obscurecer, o pecado não se insinuará com segurança. Não digas, por conseguinte: Quem me vê? Existe quem perscruta a alma e o espírito, as articulações e as medulas. Mas tu não te vês, nem podes dissipar a névoa. Tendo uma espécie de muro a cercar-te de todos os lados, não podes erguer os olhos para o céu.

Que pecado queres que examinemos primeiro? E verás que foi praticado nessas condições. Os ladrões e os que perfuram as paredes, quando querem roubar algo de precioso, primeiro apagam a luz e depois perpetram o roubo; assim age a razão corrupta relativamente aos pecados. De fato, em nós está sempre ardendo a luz da razão. Se, porém, o espírito da fornicação com grande ímpeto irromper e extinguir essa chama, logo obscurece a alma, vence e imediatamente arrebata tudo. Quando a lasciva concupiscência aprisiona a alma, à semelhança de uma névoa e da escuridão relativamente aos olhos corporais, ofusca a visão da mente, nada mais permite ver, nem precipício, nem geena, nem temor, e uma vez dominada tiranicamente por aquelas insídias, facilmente faz-se espólio do pecado. Qual uma parede sem janelas, erguida diante dos olhos, que não deixa os raios da justiça brilharem perante a mente, cerca-a por toda parte de absurdos pensamentos de lascívia; além disso, enfim surge-lhe a meretriz diante dos olhos, da mente, dos pensamentos. Os cegos que se acham ao ar livre ao meio-dia não captam a luz, por terem os olhos inteiramente cerrados; assim também eles, embora de todos os lados ressoem os ensinamentos salutares, com a alma atacada desta doença, tapam os ouvidos a todas aquelas palavras. Sabem-no perfeitamente os que o experimentaram. Não suceda que vós o aprendais pela experiência. Não somente o próprio pecado o faz, mas também qualquer amor perverso.

Transfiramos, portanto, se lhes apraz, o discurso sobre a meretriz para outro, acerca das riquezas, e aqui também encontraremos densas e contínuas trevas. Ali, no entanto, tratando-se de uma amante, encerrada num só lugar, o mal não é tão intenso; quanto às riquezas, porém, insuflam veemente paixão, porque aparecem em toda parte, nas oficinas dos moedeiros, nos albergues, nas ourivesarias, nas casas dos ricos. Quando o que sofre desta concupiscência, vê na praça servos cheios de orgulho, cavalos carregados de ouro, homens ornados com vestes magníficas e suntuosas, sente-se cercado de densas trevas. E por que falar de casas e oficinas de moedas? Julgo que eles, se virem em quadros e imagens aquelas riquezas, ficam esmagados, enfurecem-se e encolerizam-se, a tal ponto acham-se mergulhados nas trevas. Pois, se virem uma imagem régia, não admiram a beleza das pedras, nem o ouro, nem a veste de púrpura, mas ficam consumidos. E como aquele infeliz amante, se vir a imagem da amada, fica preso àquele objeto inanimado, assim este, olhando a inanimada figura das riquezas, tanto mais sofre por estar atacado de doença mais tirânica. E deve finalmente ou ficar em casa, ou se

for à praça, voltar para casa com inúmeros golpes, porque muitos objetos causaram-lhe dor aos olhos. E como o outro nada mais vê além da mulher, assim este passa ao lado dos pobres e dos demais que lhe poderiam trazer algum consolo e fixa os olhos nos ricos, acendendo com aquela visão em sua alma fogo mais intenso. Na verdade, é fogo que com veemência consome quem nele cai; e mesmo que não houvesse ameaça de geena, nem de castigo, os males presentes constituíam suficiente castigo a torturá-lo continuamente, e doença infinda. Seria suficiente para sugerir-lhe a fuga desta doença; mas nada pior do que a loucura que faz com que adira ao que lhe ocasiona pesar e nenhum lucro. Por isso, suplico-vos curar a doença no começo. De fato, a febre, no início, não faz os doentes arderem em muita sede, mas, ao aumentar e provocar o calor, então gera sede inextinguível e, mesmo que alguém lhes der de beber em abundância, não extingue, mas inflama ainda mais a fornalha; o mesmo acontece com essa doença. Se, ao invadir nossa alma, não a impedirmos no início, não lhe fecharmos a porta, penetra e no final produz mal incurável nos que foram atingidos. De fato, tanto os bens como os males que permanecem em nós durante longo tempo tornam-se mais potentes.

Nos demais casos, pode-se verificar o mesmo. O vegetal recentemente plantado sem dificuldade é arrancado; se por longo tempo lançar raízes, o caso muda, e precisa-se de uma forte enxada. O edifício novo facilmente é posto abaixo por aqueles aos quais incomoda; mas, quando se firmar, serão necessários muitos esforços da parte dos que tentarem destruí-lo. E a fera que se acostumou por muito tempo num lugar, com dificuldade é expulsa. Àqueles, portanto, que ainda não adoeceram, exorto a cuidarem de não contrair a moléstia; é mais fácil, na verdade, precaver-se para não cair do que levantar depois da queda. Àqueles, contudo, que já caíram e adoeceram, se quiserem se entregar aos cuidados da razão, que lhes servirá de médico, asseguro grande esperança de cura, pela graça de Deus. Pois, se pensarem naqueles que já estiveram doentes e depois convalesceram, terão grande esperança de se livrarem da doença. Quem, portanto, assim caiu doente e foi facilmente curado? Um certo Zaqueu. Na verdade, quem fora mais ambicioso de riquezas do que este publicano? Mas imediatamente tornou-se sábio, e extinguiu todo o incêndio. Coisa semelhante aconteceu a Mateus; pois também ele era publicano e vivia em contínuas rapinas. De repente livrou-se do mal, extinguiu a sede e aderiu ao intercâmbio espiritual. Lembrando-te deles e de outros iguais, não desesperes. Se quiseres, pois, logo poderás não afundar. E se quiseres, segundo as normas dos médicos, prescrever-te-emos cuidadosamente o que deves fazer. Antes de tudo, portanto, importa fazer exatamente o seguinte: não perder a coragem nem a esperança da própria salvação; em seguida, considerar não apenas os exemplos dos que agiram retamente, mas também dos que persistiram nas tribulações. Assim como pensamos em Zaqueu e Mateus, devemos ponderar o que aconteceu a Judas, e também a Giezi, Achar, Achab, Ananias e Safira; a exemplo dos primeiros apartemos o desespero, e dos segundos sacudamos a preguiça, e não sejamos indolentes para atender às admoestações prescritas. E decidamos repetir o que perguntavam os judeus que acederam a Pedro: “O que devemos fazer” (cf. At 2,37) para nos salvar? E ouçamos o que havemos de praticar. O que, portanto, devemos fazer? Reconhecer a insignificância das coisas terrenas e ainda que as riquezas são servos fugitivos e ingratos, que projetam seus possuidores em inúmeros males; e assiduamente cantarolemos essas palavras. Os médicos consolam os doentes que pedem água fria, dizendo que vão trazer, relembrando a fonte, o copo, o tempo oportuno etc. (pois se, imediatamente negarem, causar-lhes-ão ira e furor); assim também nós façamos com os que amam o dinheiro. Se declararem: Queremos enriquecer, não respondamos imediatamente que as riquezas são más. Concordemos, digamos que também nós as desejamos, isto é, no tempo oportuno e riquezas verdadeiras que causam alegrias perpétuas, acumuladas para nós e não para os outros, frequentemente até para os inimigos. E profiramos palavras sábias: Não nos foi ordenado não enriquecermos, e sim por meios ilícitos; é permitido ser rico,

contanto que se exclua a avareza, a rapina e a violência e em geral uma péssima fama. Primeiro ganhemo-los com estas palavras, e não aludamos à geena; pois quem está doente, não suporta no início tais palavras. Por isso falemos apenas das coisas presentes nesses termos: Por que queres tornar-te rico por meio da avareza, de sorte a acumulares ouro e prata para os outros e para ti inúmeras imprecações e acusações? Quem for roubado, instigado pela penúria do necessário, gritará, reunirá contra ti inúmeros acusadores. Ao cair da tarde percorrerá a praça, mendigará em todos os cantos, ansioso, sem ousar cuidar de que modo passar a noite. Pois como dormirá, quando o estômago reclama, sente-se insone, atormentado pela fome, frequentemente gelado e molhado pela chuva? E tu regressas depois de te banhares, abrigado em vestes macias e alegre e contente acorres a uma lauta mesa. Ele, porém, coagido constantemente pela fome e pelo frio, percorre a praça, com a cabeça inclinada, estendendo as mãos; de medo não ousa suplicar ao homem saciado e à mesa o alimento indispensável e não raro tendo sido injuriado, afasta-se. Ao regressares, portanto, para casa, descansares no leito, tendo o edifício inteiro de maneira esplêndida iluminado, farta mesa preparada, recorda-te daquele mísero e infeliz que, à semelhança dos cães, vaga pelas ruelas, nas trevas e na lama; e se muitas vezes dali se afasta, não vai para casa, nem para junto da esposa, nem para a cama, mas para um estrado de feno, como cães raivosos, que ladram a noite inteira. E tu, se vires uma pequena goteira que cai do teto, revolves a casa inteira, chamas os escravos, movimentas tudo; o outro, contudo, deitado no meio de trapos, feno e lodo, tolera ingente frio.

Que fera não se comoveria diante dessa miséria? Quem é de tal modo cruel e desumano que não se torne mais compassivo? Mas alguns chegaram a tal ponto de crueldade que asseguram que é bem merecido o que sofrem. Quando deveriam ter pena, chorar e, ao mesmo tempo, resolver aquela situação, eles os acusam de forma tão cruel e desumana. A estes tenho vontade de perguntar: Por que sofrem o que merecem? Porque querem se alimentar e não morrer de fome? Não, respondem, mas porque são preguiçosos. E tu acaso não és ocioso e te delicias? Então acaso muitas vezes não vives na ociosidade de maneira muito mais grave, quando roubas, infligis violência e te dás à avareza? Seria melhor que tu também te entregasses àquele ócio; pois estar assim ocioso é melhor do que se dar à avareza. Agora, porém, ainda insultas as aflições alheias, não só vivendo no ócio, não apenas te entregando a uma ociosidade pior, mas ainda acusando os miseráveis.

Queremos narrar-lhes ainda outras aflições: prematuras orfandades, uns, encarcerados, outros torturados nos tribunais, ainda outros temerosos pela própria vida, mulheres em repentina viuvez, rápidas vicissitudes das riquezas; este pavor suavize os seus corações. Na verdade, através das narrações da infelicidade alheia vamos persuadi-los a recear o mesmo para si. Se ouvem que um homem é filho de um avaro e ladrão, que outro tratava muito tiranicamente a esposa, e esta depois da morte do cônjuge sofreu inúmeros males porque os que haviam sido lesados atacavam a mulher e os filhos e houve declarada e generalizada guerra contra a sua casa – por mais que alguém seja destituído de sensibilidade, na expectativa de males idênticos, e pelo receio de que os seus fiquem sujeitos a semelhantes padecimentos, será mais moderado. A nossa vida toda está repleta de tais exemplos e não nos falta matéria de correção. Ao proferirmos tais palavras, para que o discurso não se torne pesado, evitemos a forma de exortação e conselho, e adotemos uma espécie de narrativa e a exemplo de outros sempre empreguemos tais exposições. Propor-lhes-emos frequentemente tais coisas, não permitindo senão as perguntas: Como esta casa esplêndida e ilustre se arruinou? Como ficou deserta de tal sorte que os seus bens caíram em mãos alheias? Por quantos julgamentos diariamente passaram estes haveres, por quantos processos? Quantos de seus escravos mendigaram, ou morreram encerrados nos cárceres? E, ao dizermos tudo isso, compadeçamo-nos daquele que partiu desta vida e menosprezemos os bens presentes; de sorte que pelo temor e compaixão suavizemos o ânimo cruel. E, ao verificarmos

que eles ficaram emocionados com estas narrações, então enfim introduzamos o sermão a respeito da geena, não como se quiséssemos atemorizá-los, e sim penalizados por causa dos outros e digamos: e o que adianta falar do presente? Nossa vida não se limita a essas realidades. Um suplício mais grave aguarda aqueles homens: o rio de fogo, o verme venenoso, as trevas intermináveis e os castigos perpétuos. Se os encantarmos com estas narrações e nos corrigirmos a nós e a eles, e logo os curarmos, no último dia, Deus nos louvará, conforme também afirma Paulo: *"Então cada um receberá de Deus o louvor que lhe é devido"*. O louvor que procede dos homens é fluente e por vezes não provém de um ânimo benevolente. O que vem de Deus permanece para sempre e brilha de modo esplêndido. Quando, pois, quem louva conhece previamente os acontecimentos e acha-se isento de qualquer paixão, é indubitável o testemunho acerca da virtude. Cientes, portanto, disso, obremos de tal modo que sejamos louvados por Deus e obtenhamos os maiores bens. Possamos consegui-lo todos nós, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEGUNDA HOMILIA

6. *Nisso tudo, irmãos, eu me tomei como exemplo juntamente com Apolo por causa de vós, a fim de que aprendais por meio de nós a máxima: "Não ir além do que está escrito".*

Enquanto foram necessárias palavras ásperas, o Apóstolo não abriu a cortina do cenário; exprimia-se como se fosse um dos ouvintes, de sorte que a dignidade dos acusados não tivesse ocasião de resistir com ira aos acusadores. Como, porém, forçoso era em seguida suavizar um pouco, então tira a máscara, mostra os que estavam ocultos sob a denominação de Paulo e de Apolo. Por isso, dizia: *"Nisso tudo, irmãos, eu me tomei como exemplo juntamente com Apolo"*. No caso de crianças doentes, quando a criancinha recalcitra diante dos alimentos que os médicos oferecem, os assistentes chamam o pai ou o pedagogo, ordena-lhe tirar os alimentos das mãos do médico e trazê-los, e ela por medo os recebe e fica quieta; assim também Paulo, querendo censurá-los a respeito de outros (das quais, na verdade, uns sofreram injúrias, e outros foram honrados de modo excessivo), não os apresenta nominalmente, mas emprega seu nome e o de Apolo, a fim de que, por respeito, o remédio fosse recebido; depois, contudo, que foi tomado, declara finalmente de quem falara. Não era simulação, mas condescendência e bom planejamento. Pois, se dissesse: Julgais a homens santos e admiráveis, certamente receberiam mal e retrucariam. Agora, porém, tendo dito: *"Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós"*: e ainda: *"Quem é, portanto, Paulo? Quem é Apolo?"*, torna aceitável a palavra. Por isso, diz: *"Nisso tudo eu me tomei como exemplo juntamente com Apolo por causa de vós, a fim de que aprendais por meio de nós a máxima: 'Não ir além do que está escrito'"*, mostrando que, se falasse sobre eles, não aprenderiam o que convinha aprender, nem aceitariam a correção, suportando mal as palavras. Agora, porém, respeitando Paulo e o companheiro, facilmente admitiram a repreensão. O que significa a locução: *"Não ir além do que está escrito"*? Está escrito: "Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu?"; e: "Não julgueis para não serdes julgados" (Mt 7,3.1). Pois se somos um só e coligados na unidade, não devemos nos insurgir uns contra os outros. "Aquele que se humilhar será exaltado" (Mt 23,12); e: "Aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor" (Mc 10,43). É isso o que significa: e ninguém se ensoberbeça, tomando o partido de um contra o outro.

Novamente, deixando de lado os mestres, repreende os discípulos; eram eles que exaltavam os primeiros. Aliás, os chefes não aceitariam facilmente tais palavras, porque ambicionavam a glória exterior e na verdade estavam obcecados por esta doença; os discípulos, que não alcançavam a glória, mas a ofereciam aos mestres, mais facilmente suportariam a admoestação, e eram mais capazes de se

curarem da doença do que os chefes. Entretanto, também constitui orgulho vangloriar-se em lugar de um outro, mesmo que não se orgulhe relativamente ao que lhe é próprio. Da mesma forma exaltar-se por causa da grande riqueza alheia seria arrogância; o mesmo sucede acerca da glória de outrem. Com razão, portanto, denominou-a soberba.

Um membro inchado é realmente inflamado e doente; um membro não exorbita, se não houver um tumor. Assim, com efeito, no corpo da Igreja, o membro inflamado e inchado está doente, pois entumesce sem proporção. É um inchaço. Tal acontece ao corpo que assimila um suco espúrio e ruim e não o alimento costumeiro. Igualmente nasce a arrogância da invasão de cogitações estranhas. E vê que o Apóstolo se exprime convenientemente: "*Ninguém se ensoberbeça*". De fato, o membro inflamado contém um tumor espiritual, repleto de um elemento corrupto. Assim se exprime, não a fim de excluir qualquer tratamento, mas um tratamento que leve a piorar. Queres curar a alguém? Não o proíbo, contanto que não seja para ruína. Não vamos compor nossas fileiras uns contra os outros; foram-nos concedidos mestres que nos coloquem enfileirados. O general está à frente do exército de tal forma que os elementos separados formem um só corpo; se, contudo, dividir o exército, antes faz papel de um inimigo do que de um general.

7. *Pois quem é que te distingue? O que é que possuis que não tenhas recebido?*

Enfim, Paulo larga os súditos e volta-se contra os chefes. O sentido da locução é o seguinte: Donde se deduz que és digno de louvor? O juízo já se realizou? Precedeu o exame? Ou a provação e uma apurada pesquisa? Não o podes assegurar. Se os homens dão um voto, não é juízo apurado o seu. Imaginemos que és digno de louvor e na verdade recebeste um dom, e o juízo dos homens não foi corrupto. Nem assim te deves gloriar. Pois nada tens de teu; recebeste de Deus. Por que simulas possuir o que não tens? Ora, tu o possuis, e igualmente os outros contigo. Por conseguinte, tens o que recebeste, não só isto ou aquilo, mas o todo global.

Não são tuas as boas obras, mas provêm da graça de Deus. Se te referes à fé, origina-se daquela vocação; quanto à remissão dos pecados, aos carismas, à doutrina, às virtudes, tudo dele recebeste. O que possuis, pergunto, que não tenhas recebido e diretamente adquiriste por ti mesmo? Não podes responder. Recebeste, e por isso te orgulhas? Certamente devias te humilhar; não é tua a dádiva, e sim do doador. Se, pois, recebeste, foi dele que recebeste; se recebeste dele, não recebeste um objeto teu; se recebeste o que não é teu, por que te orgulhas, como se tivesses um bem peculiar? Por isso o Apóstolo acrescenta:

E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?

Tendo comprovado sua afirmação pelas frases acumuladas, mostra que bastante lhes falta, dizendo: Certamente, apesar de terdes recebido tudo, não devíeis gloriar-vos, porque nada é vosso; ainda é bastante o que vos falta. No início o aponta, nesses termos: "*Não vos pude falar como a homens espirituais*" e: "*Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado*", e aqui incutindo vergonha faz o mesmo, ao declarar:

8. *Já estais saciados! Já estais ricos!*

Isto é, doravante de nada precisais, já vos tornastes perfeitos, atingistes o cume, julgais de ninguém necessitar, nem dos apóstolos, nem dos mestres. "*Já estais saciados!*" E corretamente usou a expressão temporal: "*Já*", demonstrando não ser provável o que afirmam, nem possuírem opinião razoável. Por isso, com ironia dizia: Antecipastes de forma rápida demais o fim; era impossível em vista do tempo oportuno. Efetivamente, as realidades mais perfeitas são futuras. Saciar-se com pouco é próprio do espírito fraco, julgar-se rico com pouco é peculiar ao enfastiado e miserável, porque a piedade é insaciável. É próprio da mente pueril pensar que recebeu tudo ao acolher os primeiros dons,

e mal estando no começo, orgulhar-se como se tivesse alcançado o termo. Depois, prossegue incutindo-lhes pudor. Tendo dito, portanto: *“Já estais saciados!”*, acrescentou:

Já estais ricos! Sem nós, vos tornastes reis! Oxalá, de fato, vos tivésseis tornado reis, para que nós também pudéssemos reinar convosco!

A palavra está carregada de gravidade. Pois introduziu a última exortação após grande censura. A admoestação se faz respeitável e bem-aceita, quando após as acusações incluem-se palavras que envergonhem. Assim é possível coibir até um espírito impudente, tocá-lo mais do que uma acusação manifesta, e moderar a dor e a vergonha provenientes da acusação. As palavras que ocasionam pudor são mais admiráveis porque abrangem dois sentidos opostos, infligem um ferimento mais grave do que a incriminação manifesta e suscitam maior tolerância no arguido que sofreu golpe mais profundo. *“Sem nós, vos tornastes reis!”* Aqui é grande a ênfase contra os mestres e contra os discípulos. Deduz-se que não têm consciência alguma e são em extremo estultos. Quer dizer o seguinte: Na labuta tudo é comum entre vós e nós; mas relativamente ao prêmio e às coroas sois os primeiros. Mas, ao dizer isto, não sinto pesar. É por isso que adita: *“Oxalá, de fato, vos tivésseis tornado reis”*. Em seguida para não aparentar ironia, adiciona: *“para que nós também pudéssemos reinar convosco!”*. E então também nós, diz ele, conseguiríamos esses bens. Vês como revela simultaneamente severidade, solicitude e sabedoria? Vê também como aparta o orgulho:

9. *Julgo que Deus nos expôs, a nós, apóstolos, em último lugar, como destinados à morte:*

Novamente exibe muita ênfase e austeridade, ao dizer: *“A nós”*. Mas, não bastou. Acrescentou a dignidade, insistindo grandemente: *“A nós, apóstolos”*, que sofremos tantos males, que semeamos a pregação da religião, que vos conduzimos a tamanha sabedoria. Aponta estarem em último lugar, destinados à morte, isto é, condenados. Após ter dito: *“Para que nós também pudéssemos reinar convosco!”*, mitigou a veemência da palavra. No intuito de não os alquebrar, novamente a assume para si com maior severidade, dizendo: *“Julgo que Deus nos expôs, a nós, apóstolos, em último lugar, como destinados à morte”*. De fato, conforme vejo, diz ele, também pelo que vós mesmos dizeis, somos os últimos de todos e condenados, nós que sempre estamos expostos a sofrer, enquanto vós imaginais já possuir o reino, honras e prêmios. Querendo, contudo, levar o discurso a maior absurdo, e acentuar o que é totalmente improvável, não disse: Certamente somos os últimos, mas: Deus nos fez os últimos. Nem lhe bastou afirmar: *“Em último lugar”*, mas adicionou: *“como destinados à morte”*, visando a que até um grande louco percebesse não ser provável o que fora dito e serem as palavras de pesar e excessiva vergonha.

Vê a prudência de Paulo. Justamente diante daqueles que, em ocasião oportuna, ele se exalta, e demonstra grandeza e dignidade, agora afirma ser um condenado, fazendo-os corar de vergonha. É deveras importante fazer tudo em tempo oportuno. Chama de *“destinados à morte”* os condenados merecedores de toda espécie de morte.

Fomos dados em espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens.

O que significa: *“Fomos dados em espetáculo ao mundo”*? Significa: Não foi num recanto, nem numa pequena parte do mundo que sofremos, mas em todos os lugares e da parte de todos. E o que quer dizer: *“Aos anjos”*? Os acontecimentos insignificantes podem constituir espetáculo aos homens, não aos anjos; todavia nossos combates são tais que merecem ser vistos pelos anjos. Observa que pelos mesmos motivos por que o Apóstolo se humilha, mostra ainda ser grande; pelos motivos, contudo, de que eles se orgulham, afirma que se tornam vis e abjetos. Visto que parece ser mais humilhante ser louco do que ter a aparência de prudente, e ser fraco do que ser forte, e ser desprezado do que ser ilustre, e querendo supor que eles possuíam as últimas qualidades, enquanto reclamava as

primeiras para si, mostra que estas são melhores, porque atraem a contemplá-los não somente a multidão dos homens, mas até a dos anjos. Na realidade, o nosso combate não é contra a carne, mas contra as Potestades incorpóreas (cf. Ef 6,12). Por conseguinte, estamos diante de um grande teatro.

10. *Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém, sois prudentes em Cristo;*

Mais uma vez exprime-se ocasionando vergonha, mostrando ser impossível harmonizarem-se coisas tão opostas, ou congregarem-se coisas tão diferentes umas das outras. Como seria possível, diz, que sejais prudentes e nós estultos a respeito dos interesses de Cristo? Os apóstolos eram vergastados, desprezados, desfavorecidos e tidos por nada, enquanto eles, ao invés, gozavam de honras e da parte de muitos eram considerados sábios e prudentes; por isso pergunta: como é possível suspeitar-se que os pregadores sejam o oposto do que pregam?

Somos fracos, vós, porém, sois fortes;

Isto é, nós somos expulsos, perseguidos, vós, porém, tendes segurança e grande conforto. Mas a natureza da pregação tal não permite.

Vós sois bem considerados, nós, porém, somos os desprezados.

Nesse trecho refere-se aos nobres que se orgulhavam dos bens exteriores.

11. *Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa*

12. *e fatigamo-nos trabalhando com as nossas mãos.*

Isto é, não estou narrando fatos do passado, mas o que me atesta o presente. Não nos importam absolutamente as realidades humanas, nem o brilho exterior; fixamos o olhar apenas em Deus. Em toda parte temos por indispensável agir assim. Não somente os anjos nos contemplam, mas sobretudo o próprio árbitro dos jogos. Não precisamos de outros torcedores. Seria injuriá-lo, se não nos bastasse a sua admiração, o menosprezássemos e nos apressássemos a aderir a companheiros de serviço. À semelhança dos que disputam num pequeno teatro, e ambicionam apresentar-se num maior, porque naquele não lhes parece suficiente a ostentação, assim os que disputam o prêmio perante os olhos de Deus e depois procuram o louvor dos homens, deixando o superior para obter o inferior, acarretam para si grande castigo. Isso revolucionou tudo, convulsionou o orbe. Agimos somente para que os homens nos vejam; relativamente às boas ações, não damos importância ao beneplácito de Deus, mas buscamos fama da parte dos colegas de serviço, e no que toca às adversidades, desprezamos a Deus, tememos os homens. Ora, eles também comparecerão conosco perante o tribunal de Deus, e não nos ajudarão de forma alguma; Deus, porém, que agora desprezamos, pronunciará a nossa sentença. No entanto, apesar de o sabermos, pasmamos diante dos homens, o que constitui o primeiro pecado. Ninguém quer fornicar, na presença de outrem, mas embora inflamado pelo vício, o afeto dominador é vencido pelo respeito humano, enquanto na presença de Deus os homens não somente caem em adultérios e fornicações, mas ousaram e ousam praticar ações muito mais graves. Apenas isso não basta para que mil raios os fulminem do céu? Por que falo de adultérios e fornicações? Pois tememos perpetrar crimes muito menores diante dos homens, e não recuamos perante os olhos de Deus. Daí se originam todos os males, porque, em relação às ações verdadeiramente más, não tememos a Deus, e sim aos homens. E por isso fugimos dos atos verdadeiramente bons, que a muitos não parecem ser tais, sem examinar a natureza das coisas, mas olhando para a glória proveniente da maioria.

Nas coisas más, ainda fazemos o mesmo. Em atos que não são bons, mas que muitos opinam ser tais, seguimos o costume, como se fossem bons; e assim em ambos os casos há corrupção. Talvez

muitos considerem um tanto obscuro o que dissemos; vamos, portanto, explanar melhor. Ao cometermos luxúria (é necessário começar por aquilo que já foi mencionado), tememos mais aos homens do que a Deus. Por conseguinte, visto que nos sujeitamos a eles, e fazemo-los nossos donos, igualmente fugimos de muitos atos que a esses amos parecem maus e não são. Por exemplo, viver na pobreza é considerado opróbrio por muitos; e fugimos da pobreza, não por ser torpe, nem por acreditarmos que assim é, mas porque nossos senhores assim a julgam, e nós deles temos medo. Ainda, ser ofendido, menosprezado, não ter autoridade alguma, é tido por muitos como vergonhoso e vil. Fugimos disso, não para condenar, mas por causa da opinião de nossos déspotas. Ainda, sofremos da pernície oposta. De fato, parece ser boa a riqueza, e igualmente o fausto, a glória, a fama; e vamos atrás de tudo isso, não porque julgamos coisas naturalmente boas, mas sugestionados pela opinião de nossos dominadores. Na verdade, o povo é nosso amo; e a turba vulgar é amo, tirano cruel e despótico. Mas nem é preciso que ordene para obedecermos; basta estarmos certos de que algo lhe agrada e obedecemos antes que ordene, tão grande é nossa benevolência. E Deus, de fato, que cotidianamente ameaça e admoesta, não é ouvido; mas a turba desordenada, a ralé dos homens, nem precisa mandar; é suficiente indicar o que lhe apraz e imediatamente todos lhe obedecem. E como, perguntas, é possível escapar desses dominadores? Se alguém assumir mais bom senso do que eles, se ponderar a natureza das coisas, se menosprezar o voto do vulgo, se sobretudo decidir consigo mesmo que, nas ações verdadeiramente torpes, não há de temer os homens, e sim o olhar vigilante de Deus e quanto às boas ações, buscar receber da parte dele as coroas. Assim, nem nos outros casos atenderemos aos homens. Pois quem age retamente, não os julga dignos de conhecer suas boas ações, mas basta-lhe a aprovação de Deus, e nem relativamente às ações opostas os levará em consideração. E como, perguntas, isso sucederá?

Examina o que é o homem, o que é Deus, e em quem te refugiarás se o abandonas, e logo tudo corrigirás. O homem é pecador como tu, e será submetido ao mesmo juízo, ao mesmo castigo; o homem está sujeito à vaidade, não possui juízo reto, e precisa da correção do alto. Ao louvar, o homem, terra e cinza, muitas vezes elogiará sem fundamento, conforme o favor, ou o ódio; se caluniar e acusar, ainda o fará com idêntica disposição. Ora, Deus não é assim; seu sufrágio é irrepreensível, e imparcial o seu juízo. Por conseguinte, refugia-te sempre junto dele; e não só por isso, mas também porque ele te criou, e mais do que todos cuida de ti, mais te ama do que tu mesmo o fazes. Por que, então, abandonarmos tão maravilhoso admirador e refugiarmo-nos no homem cujo parecer nada vale, é vão e infundado? Alguém te chama de mau e criminoso, apesar de não o seres? Compadece-te mais, chora-o porque corrompido, e despreza seu parecer, porque tem cegos os olhos do espírito. Efetivamente, os apóstolos ouviram tais declarações, e riram-se dos que os caluniavam. Ao invés, chama-te de ótimo e íntegro? Se verdadeiramente o fores, de modo algum relaxes por causa de tal elogio; se não és, menospreza, e julga-o ridículo. Queres saber quão corruptos são os julgamentos do povo, quão inúteis, ridículos e uns são juízos de loucos e furiosos, outros de criancinhas? Escuta o que já aconteceu outrora. Narrar-te-ei os juízos, não somente do povo, mas dos que aparentavam ser os mais sábios, e foram os primeiros legisladores. Quem, portanto, do meio do povo pode parecer mais sábio do que o homem capaz de legislar para cidades e povos? No entanto, a esta espécie de sábios a fornicação não parece ser um mal, nem merecer punição. Nenhuma lei pagã castigava os fornicadores, nem levava a juízo; mas se alguém fosse levado ao tribunal por este motivo, muitos zombariam e o juiz nada faria. O jogo de azar era permitido e ninguém por isso foi castigado. A embriaguez e a gastrimania não eram crimes, mas muitos as consideravam ações honestas; nos festins dos soldados havia pleno acordo a esse respeito e os mais precisados de mente sadia num corpo são principalmente os que se entregavam à tirania da embriaguez, enfraquecendo o corpo e obscurecendo a alma. E

nenhum legislador punia tal vício.

O que de pior do que esta loucura? Acaso buscas os louvores dos homens dela atingidos, e de vergonha não te escondes debaixo da terra? Se todos os homens desta espécie te louvassem, não devias enrubescer e corar-te com os aplausos dos que emitem juízos tão corruptos? Ainda as blasfêmias não parecem a tais legisladores algo de terrível, pois ninguém que tenha blasfemado contra Deus foi arrastado ao tribunal e castigado. Mas se alguém roubar uma veste, ou cortar uma bolsa, terá as costas dilaceradas e muitas vezes será morto, enquanto o que blasfema contra Deus não será acusado perante os legisladores pagãos. E se um homem casado corromper uma escrava, não tem importância diante das leis pagãs e de muitos homens.

Queres ouvir outros casos a demonstrarem sua loucura? Pois não castigam esses crimes, mas estabelecem outras leis. Quais? Convocam aos teatros e introduzem coros de meretrizes e jovens corruptos, que desrespeitam a natureza, e preparam bancadas superiores para todo o povo; deste modo divertem a cidade, coroam os grandes reis cujos troféus e vitórias sempre celebram. O que há de mais frio do que esta honra? O que pior do que este prazer? Procuras entre eles quem louve teus atos? E queres, pergunto, ser louvado com os bailarinos, os efeminados, os mímicos e meretrizes? Não seria o cúmulo da demência? De bom grado os interrogaria: É indigno transtornar as leis da natureza, e introduzir perversas uniões? Todos responderiam ser inteiramente indigno, pois parece que este vício é punido. Por que, então apresentas aqueles perversos, e não apenas os introduzes, mas também lhes ofereces inúmeros e valiosos dons? Quando noutros lugares punes os que ousam cometer tais crimes, aqui como se fossem benfeitores comuns da cidade fazes despesas e alimenta-os do erário público? Ora, dizes, são infames. Por que, então, os estimulas? Por que honras os reis através de infames? Por que jogas num precipício as cidades? Por que fazes por eles enormes gastos? Pois, se são infames, sejam expulsos. De que modo, então, os infamaste? Com os louvores ou com a condenação? Certamente com a condenação. Por conseguinte, tu os condenas e infamas, e acorres, admiras, elogias, aplaudes como se fosses ver homens honestos? Que necessidade falar dos artifícios admitidos nos hipódromos e nos combates de feras? Estes, na verdade, estão cheios de ilusão, e transformam frequentemente o povo em turba impiedosa, cruel e desumana, e o exercitam a ver homens estraçalhados, sangue derramado e feras cruéis a convulsionar todas as coisas. E aqueles sábios legisladores no começo introduziram todos estes males, com aplauso e admiração das cidades. Mas, se te apraz, omitamos todas essas coisas que clara e evidentemente são absurdas, embora não o pareçam aos legisladores pagãos, e venhamos aos preceitos honrosos e verás também que foram corrompidos na opinião de muitos. O casamento é tido como honroso entre nós e entre os pagãos. Mas a celebração das núpcias é por demais ridícula, segundo ouvireis depois.

De fato, muitos induzidos e seduzidos pelo costume não percebem quanto é absurdo, e precisam de que outros os informem. Na verdade, empregam-se danças, címbalos, flautas, palavras e cânticos torpes, excessos na bebida e na comida e muitas imundices do diabo. E sei que parecerei ridículo por repreender essas coisas e muitos me julgarão demente por querer abolir velhos costumes; pois, conforme acima mencionei, o costume é grande disparate; não deixarei, no entanto, de falar. Talvez, pois, talvez, se não todos, uns poucos contudo hão de nos aceitar e preferir suportar conosco o ridículo, zombar de nós na companhia deles, com risadas que certamente merecem lágrimas, pesadas penas e castigos. Como não seria merecedor do pior dos castigos que uma virgem que vivera continuamente nos seus aposentos, e que desde criança aprendera a decência, de repente seja obrigada a desistir do pudor, e desde o início das núpcias aprender o despudor e aparecer diante de homens lascivos e petulantes, fornicadores e efeminados? Que espécie de mal não é implantado na nova esposa desde aquele dia? Impudência, petulância, despudor, amor da vanglória, pois há de desejar que

todos os dias sejam como aquele. Daí se tornarem mulheres vaidosas e luxuosas, impudentes, e impregnadas de inúmeros outros males. E não me digas que se trata de costume. Uma vez que é péssimo, não aconteça nem uma só vez; se é bom, faça-se sempre. Dize-me. A fornicação não é má? Por acaso concederemos que seja praticada uma vez? Absolutamente não. Por quê? Porque, embora se faça uma só vez, é péssima. Por isso, se é um mal a nova esposa se deleitar deste modo, não aconteça nem uma só vez; se é bom, faça-se sempre.

Por que, portanto, perguntas, acusas as núpcias? De modo nenhum. Não sou tão louco, mas acuso o que foi aplicado às núpcias, as pinturas, os colírios e todas essas vaidades. Pois desta forma desde aquele dia atrairá amantes, antes que se una ao esposo. Mas muitos vão admirar a beleza da mulher. E então? Mesmo que seja casta, dificilmente escapará das suspeitas; se for negligente, logo será apanhada, sendo-lhe desde aquele dia oferecida oportunidade de impureza. Entretanto, apesar de tantos males que daí se originam, quando tais atos não se realizarem, aqueles que em nada são melhores do que os animais lhe dão o nome de ofensa, e consideram indigno que não apareça diante de muitos nem se ofereça em comum espetáculo aos assistentes. Entretanto, devia-se julgar ofensa, riso e comédia aqueles costumes. Agora também sei que muitos nos acusam de estultos e ridículos; mas suporto as zombarias, contanto que daqui se retire algum lucro. Com efeito, seria ridículo, se enquanto exorto o povo a desprezar a glória, eu próprio me deixe prender por esta moléstia. Vê as consequências daí decorrentes: não somente no dia, mas também na véspera veem-se ébrios, sedentos de prazer, que se preparam para ver o belo rosto da noiva. E não somente em casa, mas também vão à praça, expõem-na à ostentação, acompanhando-a com lâmpadas tarde da noite para ser vista por todos, e sugerindo que ela de resto perca todo pudor. E não se detém nisso, mas a conduzem com palavras torpes; e isso se tornou lei para muitos. E escravos fugitivos, flagelados inúmeros, homens perniciosos proferem as palavras licenciosas que lhes agradam contra ela ou contra o futuro esposo; e nada de honesto, mas tudo cheio de torpeza. Acaso a esposa obterá honesto ensinamento sobre a castidade, vendo e ouvindo tais coisas? É uma espécie de certame diabólico entre os que insinuam, para se superarem uns aos outros em opróbrios e ditos impuros, com os quais injuriam os presentes; e saem vencedores os que proferirem palavras mais torpes e inconvenientes. Estou certo de que sou incômodo, oneroso e importuno porque impeço certo prazer da vida. Por isso tenho pesar que coisa tão repugnante seja reputada prazer. Como, pergunto, não será repulsivo ser injuriado e ultrajado, e com a esposa sofrer ignomínia da parte de todos? Se um homem da rua injuriar tua esposa, levantas inúmeras questões e julgas que a vida não é digna de ser vivida; e quando, diante da cidade toda, ages de modo indigno para com a futura cônjuge, alegras-te e te vanglorias? Enorme loucura! Mas, replicas, é costume. Mais deplorável ainda é que o diabo tenha tornado costume tal coisa. O maligno tem despeito porque as núpcias são honrosas, propagam o gênero humano, e são causa de muitos bens; ciente de que é defesa contra a fornicação, de outro modo ele a introduz. Pois, nessas reuniões, muitas virgens se cobrem de vergonha. Se não acontece sempre, ao menos basta ao demônio que aquelas palavras e cânticos inconvenientes acompanhem a esposa e o esposo com pompa através da praça. Em seguida, como isso se faz à tarde, para que as trevas não sirvam de véu para esses males, levam-se muitas lanternas que não deixam a torpeza ficar oculta. O que quer aquela multidão? Que embriaguez? Que flautas? Não é evidente que se empregam tais meios a fim de que nem os que estão em casa, em sono pesado, o ignorem, mas, despertados pelas flautas, e inclinando-se do alto nas janelas, assistam àquelas comédias? O que dizer dos próprios cânticos, que são cheios de impureza, de amores absurdos, de uniões ilícitas, de ruína das casas e causam inúmeras tragédias, e muitas vezes têm o nome dos amados e amantes, das amadas e amantes? E o que é mais grave, acham-se presentes virgens, que se despojam de toda vergonha, em honra, ou antes de injúria à esposa; e expõem sua

salvação a perigo, e portam-se inconvenientemente no meio dos jovens, empregando cantilenas impróprias e palavras inconvenientes em satânica sinfonia. Ainda perguntas donde vêm os adultérios? De onde as fornicações? De onde a corrupção do casamento? Mas, respondes, não são nobres e honestas que assim agem. Por que, então, zombas de mim, se conheces melhor do que eu este costume? Pois se são ações boas, permite que as pratiquem. Acaso porque elas vivem na pobreza? Não são elas também virgens e devem ter solicitude pela castidade? Agora, porém, quando a virgem dança no teatro comum de jovens impudicos, não julgas que é mais desonesta que uma meretriz? Se disseres que são escravas que assim agem, nem por isso deixo de te acusar; nem a essas devia ser permitido.

Todos esses males derivam de que não temos consideração alguma pela família; mas para desprezar basta dizer: É escravo, são escravas, apesar de se ouvir diariamente: Em Cristo Jesus "não há escravo nem livre" (Gl 3,28). Tu, contudo, não descuidas do cavalo, nem do asno, mas tudo fazes para que não sejam viciosos e desprezas os escravos dotados de alma igual à tua? E por que falo de escravos, visto que não cuidas até dos filhos e das filhas? E a consequência? Será forçoso logo suportar a dor, quando todos eles se corrompem; muitas vezes, realmente, o maior dano sobrevém, quando, no meio da multidão e do tumulto, muitos objetos áureos e preciosos se perdem.

Além disso, se do casamento nascer um filho, veremos a mesma loucura e muitas cerimônias ridículas. De fato, ao dar um nome à criança, não lhe dão nome de santos, como outrora se fazia; mas acendem-se fachos aos quais se apõem nomes, e atribuem ao recém-nascido a denominação daquele que durar mais tempo, conjecturando deste modo uma longa vida. Em seguida, se sucede advir prematura morte (como as vezes acontece), ri-se muito o diabo, por ter escarnecido deles quais meninos estultos.

O que dizer das ligaduras e amuletos suspensos da mão e da fita de púrpura e muitas outras coisas loucas; quando importaria não cercar o menino senão da proteção da cruz? Agora, porém, é menosprezada a cruz que converteu todo o orbe, e infligiu grave ferida no diabo e subverteu todo o seu poder. Confiam a tutela do menino às tramas, aos cordões e a outros amuletos. Devo dizer coisa ainda mais ridícula? Mas ninguém nos chame de importuno, porque o sermão procede tão avante. Pois quem deseja limpar uma podridão, não hesita em manchar primeiro as mãos. Qual é, portanto, a coisa mais ridícula? Parece não ser coisa alguma (e por isso gemo); na realidade é o princípio da loucura e extrema demência. As amas e as escravas retiram lodo do balneário e com a ponta do dedo marcam a fronte da criança. E se alguém perguntar: O que significa o lodo, a lama? Afasta o mau olhado, respondem, o ciúme e a inveja. Ah! Como é grande o poder, a força do lodo, da lama! Tão grande que afugenta o exército diabólico inteiro. Não corais de vergonha? Dizei-me. Não percebeis enfim as ciladas diabólicas, como desde a mais tenra idade o diabo aos poucos insinua seus malefícios? Se, pois, o lodo possui tal poder, por que tu, homem adulto, não o esfregas no rosto, se mais invejosos tens que o menino? Por que não unges todo o corpo com lama? De fato, se na fronte tem tanto poder, por que não te unges de alto a baixo com o lodo? São escárnio e comédia satânica, que precipitam os que foram seduzidos não somente no ridículo, mas na geena. Certamente, não é de espantar que entre os pagãos se empreguem tais práticas, mas que entre os adoradores da cruz e participantes dos mistérios arcanos e que possuem tão elevada sabedoria haja tão vergonhoso uso, é sem dúvida de se chorar com copiosas lágrimas. Deus te honrou com o unguento espiritual e tu desvirtuas teu filho com lama? Deus te honrou e tu mesmo te desonras? E quando importava inscrever na fronte o sinal da cruz, que oferece insuperável tutela, tu abandonas estes meios e decais em satânica demência? Se a alguns estas coisas parecem insignificantes, saibam que são causa de grandes males, e Paulo não negligencia o que é pequeno. O que aparenta ser mais insignificante, pergunto, do que o homem cobrir a cabeça? Mas vê quanto cuidado o Apóstolo emprega acerca do assunto, e com quanta veemência o proíbe, e entre

muitos outros argumentos, afirma que “desonra a sua cabeça”.

(cf. 1Cor 11,4). Se desonra a cabeça, quem a cobre, como não será abominável ungir com lodo o menino? Como, pergunto, levá-lo-às às mãos do sacerdote? Como pedirás que o presbítero faça com a mão o sinal da cruz na fronte que cobristes de lama? Não, irmãos, não deveis agir desta maneira; mas desde a infância haveis de munir de armas espirituais os meninos, e ensinar-lhes a marcar a fronte com o sinal da cruz; até antes que possam fazê-lo com a própria mão, vós mesmos assinalai-os com a cruz.

O que dizes de outras superstições satânicas, empregadas nas dores da gestação e no parto, com as quais as parteiras atraem a ruína sobre a própria cabeça? As que se utilizam por ocasião de morte e enterro, a saber, lamentações, pranto estulto, cuidados loucos junto dos sepulcros, perto dos monumentos, a importuna e ridícula multidão de carpideiras, as superstições sobre os dias, as entradas e saídas? A este povo queres agradar? E como não seria extrema loucura captar benevolência da parte de homens de mente corrupta e que agem em tudo de maneira inconsiderada, quando se faz mister sempre refugiar-se junto daquele que possui olhos vigilantes, e tudo fazer e dizer tendo em consideração a sentença que daria? Certamente eles, embora louvem, em nada vos podem ajudar; quanto ao Senhor, se nossos atos lhe foram agradáveis, torná-los-á esplêndidos e no dia que há de vir dar-nos-á aqueles bens escondidos, que possamos todos nós alcançar, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai, na unidade do Santo Espírito, glória, poder, honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA TERCEIRA HOMILIA

10. *Somos loucos por causa de Cristo* (É necessário retomar o sermão deste trecho)*, vós, porém, sois prudentes em Cristo; somos fracos, vós, porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados.*

Após um sermão repleto de muita severidade, a infligir ferimento mais grave do que qualquer acusação, agora trata do assunto com conveniente dignidade, e tendo declarado: *“Sem nós, vós vos tornastes reis!”* e: *“Julgo que Deus nos expôs a nós, em último lugar, como condenados à morte”*, em consequência mostra de que maneira eram destinados à morte, nesses termos: *“Somos loucos, fracos, desprezados”*,

11. *sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa,*

12. *e fatigamo-nos trabalhando com as nossas mãos.*

Eram, na verdade, os indícios dos doutores e dos apóstolos. Ora, os outros, ao invés, se orgulhavam da sabedoria, glória, riquezas, honrarias. Tendo em vista, portanto, reprimir o orgulho deles, e apontar que não somente não eram causa de exaltação, mas até de vergonha, em primeiro lugar deles escarnece, dizendo: *“Sem nós, vós vos tornastes reis!”*. Mas eu vos digo que o tempo presente não é de honra nem de glória, segundo fruís, mas de perseguição e injúrias, conforme nós sofremos. Se assim não é, mas já se trata de ocasião de remuneração (ele aqui fala ironicamente), vós, discípulos verdadeiramente já reinais, e nós, doutores e apóstolos, que deveríamos receber a recompensa antes de todos, não apenas estamos depois de vós, mas ainda somos destinados à morte, isto é, condenados, sempre vivemos em ignomínia, em perigos, com fome, somos injuriados como loucos, expulsos, sujeitos a males intoleráveis. Assim falava a fim de persuadi-los desta forma a serem movidos de emulação em vista dos sofrimentos dos apóstolos, a saber, perigos e injúrias, e não em honra e glória; não são estas últimas mas aqueles que a pregação reclama. Não o assevera, contudo, diretamente a fim de não lhes parecer molesto, mas conforme lhe convinha maneja essa repreensão. Pois se diretamente

introduzisse o sermão, diria: Errais, enganai-vos e afastai-vos demais da admoestação apostólica: deve parecer estulto o apóstolo e ministro de Cristo, e viver entre aflições e desprezos, conforme nós vivemos; convosco, porém, sucede o contrário. Todavia deste modo mais os abalaria, visto que continha louvores aos apóstolos, e torná-los-ia mais audaciosos, por terem sido acusados de preguiça, vanglória e conforto. Por isso as palavras não tomam esse rumo, mas outro que mais os impressione, apesar de menos odioso. Assim, profere, com ironia: *"Vós sois fortes e bem considerados"*. Efetivamente, se não usasse de ironia, teria dito: É impossível que uma parte seja julgada estulta e outra prudente, uma forte e outra fraca, visto que é incompatível com a pregação das duas uma. Se, de fato, fosse lícito ser uns de um modo e outros de maneira diferente, talvez tivésseis certa razão; agora, todavia, não é possível parecer assaz prudente ou ilustre e viver sem perigo. Do contrário, seria necessário que a nós, doutores, que sofremos inúmeros males, Deus vos tivesse preferido a vós, discípulos. Se ninguém o assegurar, resta apenas que sigais nossos ensinamentos. E ninguém julgue que só relembro fatos passados: *"Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez"*. Vês que toda a vida dos cristãos deve ser tal, e não um ou outro dia apenas? Com efeito, nem o atleta, coroado como vencedor num só certame, de novo é coroado se sucumbir. *"Ainda sofremos fome"*, contra os que vivem entre delícias; *"somos maltratados"*, contra os que se exaltam; *"não temos morada certa"*, contra os que caem; *"e nudez"*, contra os ricos; *"trabalhamos"*, contra os falsos apóstolos, que não toleram trabalhar, nem periclitar, mas percebem os frutos. Quanto a nós, não é assim, diz ele, mas entre perigos externos também nós perpetuamente nos exercitamos. Mais ainda. Ninguém pode dizer que sofremos de má vontade ou acusamos os perseguidores; aos inimigos retribuímos com o bem. É grandioso não apenas sofrer, o que é comum a todos; mas sofrer sem se perturbar nem irritar.

Nós, porém, não apenas não nos encolerizamos, mas até exultamos; comprova-o o fato de retribuirmos com o bem aos que nos fazem mal. Para cientificar-te de que, de fato, eles assim agiam, ouve a continuação:

Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos;

13. *somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória de todos.*

Isto é, somos estultos por causa de Cristo. Com efeito, quem passou por sofrimentos e não se vinga nem lamenta, parece estulto aos pagãos e inglório e fraco. Ora, a fim de não tornar as palavras mais desagradáveis, circunscrevendo as tribulações à cidade deles, o que diz? *"Somos considerados como o lixo"* não da vossa cidade mas *"do mundo"*; e ainda: *"A escória do mundo"* não somente de vós, mas de todos. Assim, portanto, ao falar da solicitude de Cristo, deixando de lado a terra, o céu e toda criatura, apresenta a cruz, assim também quando quer atrair a si, omitindo os sinais, declara o que sofreu por causa deles. Igualmente nós costumamos, ao sermos injuriados ou desprezados por alguns, citar o que sofremos por causa deles. *"Até o presente somos considerados como... a escória de todos"*. Alude à chaga mais profunda no fim. *"De todos"*, diz ele, não dos perseguidores, mas daqueles por cuja causa sofremos tudo isso. Quer dizer: agradeço-lhes muito. Suporta mal a palavra, não por estar pesaroso, mas por querer corrigi-los. Poderia referir-se a inúmeras faltas, e os saúda. De fato, Cristo nos ordena suportar com mansidão as injúrias, a fim de nos tornarmos sábios, e mais envergonharmos os contenciosos. Não se consegue isso injuriando, mas silenciosamente. Em seguida, vendo que a ferida é intolerável, logo dela trata, dizendo:

Admoestações

14. *Não escrevo tais coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar como a filhos bem-amados.*

Não para vos envergonhar, disse, assim me exprimo. Declara que não intencionava fazer o que fez em palavras; ou antes, diz que escreveu, mas não com mau espírito ou ódio. Ao pronunciares uma palavra dura, é ótimo retificar, escusar mentalmente. No entanto, ele não podia calar, porque permaneceriam sem correção; após falar, contudo, deixar a chaga sem curativo, seria duro; por isso desculpa seriamente. Desse modo não elimina a incisão, mas até a aprofunda, enquanto suaviza a dor da chaga. Pois quem o ouve falar sem exprobrar, mas com amor, recebe a correção de boa vontade. Existe nesse caso muita gravidade e respeito. Não afirma, pois, exprimir-se enquanto mestre, ou apóstolo, nem falar a discípulos seus (o que é indício de dignidade), *"mas para vos admoestar como a filhos bem-amados"*. Não somente filhos, mas bem-amados. Perdoai-me, diz, se proferi algo de molesto; procede do amor. Nem assegurou: Corrijo, mas: *"Para vos admoestar"*. Quem não acolhe os conselhos de um pai pesaroso, e cuidadoso do que convém? Por isso não o disse anteriormente, mas depois de infligida a ferida. Como? – replicas. Os outros mestres não nos poupam? Não digo isso, contudo não poupam dessa maneira. Na verdade, não o disse brevemente, mas indicou-o pelos ofícios e nomes, representando-o por um pedagogo e pai.

15. *Com efeito, ainda que tivésseis muitos pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais,*

Não destaca a dignidade, mas a intensidade do amor; nem os atinge ao proferir: "*Em Cristo*", mas os consola, pois não chama de aduladores, mas de pedagogos aqueles que empregavam esforços e trabalhos, e revela sua solicitude. Por isso não disse: "Não muitos mestres", e sim: *"Não muitos pais"*. Desta forma não quis apor a dignidade, nem acentuar que haviam recebido dele muitos serviços; mas, tendo concedido que eles lhes prestaram muitos serviços (tal a função do pedagogo), reserva para si a superabundância do amor. Tal é o pai. Nem diz somente: "Ninguém vos ama deste modo", o que não seria repreensível; mas apresenta como se realizou o fato. Qual?

Pois fui eu quem pelo evangelho vos gerou em Cristo Jesus.

Em Cristo Jesus; não o atribuo a mim mesmo. Novamente ataca os que atribuíam a si o mérito do ensino.

"Pois o selo do meu apostolado sois vós, no Senhor" (1Cor 9,2). E ainda: "Eu plantei"; e aqui: *"Fui eu quem vos gerou"*. Não disse: Anunciei a palavra, mas: *"Fui eu quem vos gerou"*, empregando exemplos naturais. Tinha apenas uma solicitude: demonstrar-lhes amor. De fato, eles, tendo recebido de mim, vos transmitiram, mas por meu intermédio foi que vos tornastes fiéis. A fim de não considerares palavras de adulação: *"Como a filhos"*, apresenta o modo de realização.

16. *Exorto-vos, portanto, sede meus imitadores*

"como eu mesmo o sou de Cristo" (1Cor 11,1). Ah! Que confiança, que imagem apurada, a do mestre, que convida os demais a fazer o mesmo! Não se exalta a si mesmo, mas indica ser fácil praticar a virtude.

Não me digas portanto: Não te posso imitar; tu és mestre e excelente. Com efeito, não é tão grande a distância entre mim e vós quanto entre Cristo e mim; todavia eu o imitei. Ao escrever aos efésios, no entanto, não se coloca em evidência, mas imediatamente a todos eles conduz até lá: "Sede, pois, imitadores de Deus" (Ef 5,1); aqui, porém, visto que falava a homens fracos, interpôs a si mesmo. Aliás, mostra deste modo que é possível imitar a Cristo. Pois quem imitou um modelo apurado, imitou o arquétipo. Vejamos, portanto, como ele imitou a Cristo. Pois tal imitação não reclama tempo e arte, mas apenas bom propósito.

Tendo entrado na oficina de um pintor, não temos condições de copiar uma imagem, mesmo se a olharmos mil vezes; a do Apóstolo, no entanto só de ouvir é possível imitar. Quereis, portanto, que descrevamos o estilo de vida de Paulo, apresentando um quadro? Ficará exposto um quadro mais brilhante do que as imagens do rei. De fato, o que aqui se expõe não consta de pranchas reunidas, nem de telas de linho estendidas, mas é obra de Deus: alma e corpo. A alma é obra de Deus, não dos homens; e o corpo igualmente. Aplaudistes? Mas agora não é ainda tempo de aplausos; mais tarde será oportuno aplaudir e imitar. Por enquanto, existe a matéria, comum a todos. Uma alma, enquanto alma, em nada difere de outra, mas distingue-se quanto à vontade. Como um corpo, enquanto corpo, não difere de outros; o corpo de Paulo é parecido ao corpo de muitos, apenas os perigos enfrentados tornaram-no mais esplêndido; o mesmo vale a respeito de sua alma. Apresente-se-nos, portanto, uma tábua, a saber, a alma de Paulo. Essa tábua outrora jazia coberta de fuligem, de teias de aranha; pois nada é pior do que a blasfêmia. Veio, porém, aquele que tudo transforma; e viu que não foi assim pintada por preguiça e indolência, mas por imperícia e pela carência das flores da piedade; possuía zelo, mas descolorido, porque não era esclarecido; dá-lhe a flor da verdade, isto é, a graça e imediatamente exibe-se a imagem do rei.

Tomando as cores, e tendo aprendido o que ignorava, não aguardou mais tempo, mas logo se mostrou exímio artista. Primeiro mostrou a cabeça do rei, enquanto anunciava a Cristo; em seguida o resto do corpo, isto é, um apurado estilo de vida. Os pintores, na verdade, quando se fecham na oficina, fazem tudo com o maior cuidado e tranquilidade, e a ninguém abrem a porta. Este, porém, expôs seu quadro perante o mundo inteiro, e, apesar de todos contradizerem, tumultuarem, agitarem, terminou a imagem do rei, e não foi impedido. Por isso dizia: “*Fomos dados em espetáculo ao mundo”*, diante da terra, do mar, do céu e de todo o orbe, e tanto do mundo sensível quanto do espiritual, ao pintarmos a imagem. Quereis também ver os membros restantes, abaixo da cabeça? Ou quereis que o discurso comece de baixo? Contempla agora a figura de ouro, a melhor, mais preciosa, digna do céu; não se acha presa com chumbo, nem colocada num lugar só; mas percorre o espaço de Jerusalém até o Ilírico, encaminha-se para a Espanha, e, como se fosse alada, vai através de todo o orbe. O que pode existir de mais precioso do que estes pés, que atravessaram toda a terra debaixo do sol? Já outrora o profeta apregoou a beleza desses pés, dizendo: “Quão graciosos, sobre os montes, são os pés do mensageiro” (Is 52,7).

Vês como são belos esses pés? Queres ver igualmente o peito? Vem, e mostrá-lo-ei e verás coisas mais esplêndidas do que aqueles pés graciosos, e do próprio peito do legislador antigo. Moisés, na verdade, trazia tábuas de pedra; este, contudo, interiormente possuía a Cristo, trazia a imagem do rei e do propiciatório. Por isso era mais venerável do que os querubins. Não emitia voz alguma como a deles, que descrevia realidades sensíveis, enquanto a língua de Paulo falava das coisas celestes; e o propiciatório emitia oráculos apenas para os judeus, Paulo, no entanto, para todo o orbe; ali, de fato, através de objetos inanimados, aqui, no entanto, através de uma alma virtuosa.

Esse propiciatório era mais esplêndido do que o céu, fulgurante pela variedade das estrelas, e os raios solares, por conter o próprio sol de justiça a espalhar seus raios. O céu visível, na verdade, por vezes coberto de nuvens fica sombrio; no peito do Apóstolo, contudo, jamais se levantou tal tempestade; ou melhor, frequentemente muitas tempestades surgindo mais abaixo, não extinguiam a luz, que no meio das tentações e perigos refulgia. Por isso ele, aprisionado com cadeias, exclamava: “A palavra de Deus não está algemada!” (1Tm 2,9). Dessa forma, por meio da língua, emitia raios; nem o medo, nem o perigo tornavam-lhe sombrio o peito. Talvez pareça que o peito deixava muito atrás os pés; mas estes eram graciosos enquanto pés, e o peito enquanto tal. Queres também ver um ventre belo? Escuta o que diz sobre o assunto: “Se um alimento é ocasião de queda para meu irmão,

para sempre deixarei de comer carne” (1Cor 8,13). “É bom abster-se de carne, de vinho, e de tudo o que seja causa de tropeço, de queda ou de enfraquecimento para teu irmão (Rm 14,21). “Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos” (1Cor 6,13). O que de mais belo do que este ventre, que de tal modo aprendera a ser sóbrio e perfeitamente temperante, que sabia passar fome, penúria e sede? Assim como o cavalo com freios de ouro e bem amansado, assim também ele tinha o passo ritmado, tendo superado a necessidade da natureza; pois Cristo o montava. Com tamanha temperança, é claro que evitava qualquer vício. Queres ver também quais são essas mãos? Ou preferes primeiro ver a sua maldade anterior? Outrora ele penetrava nas casas, arrancava homens e mulheres (cf. At 8,13); não eram mãos humanas, mas garras de cruel fera. Depois, no entanto, que adquiriu as cores da verdade e a ciência espiritual, aquelas mãos não eram mais humanas, mas espirituais, todos os dias carregadas de cadeias; e a ninguém jamais feriram, mas inúmeras vezes foram espancadas. Certa vez uma víbora (cf. At 28,3) as respeitou, visto que já não se tratava de mãos humanas e não as tocou. Queres também ver as costas, semelhantes aos outros membros? Escuta o que ele diz a respeito: “Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar” (2Cor 11,24). Mas, para não cairmos também nós em imensas profundezas, procedendo ao redor de cada um dos membros, deixemos o corpo e vejamos outra beleza, a saber, a das vestes que os demônios respeitavam; elas o afugentavam, curavam as doenças. E em toda parte onde Paulo aparecia, tudo cedia e se retirava, com a chegada do vencedor de toda a terra. E como aqueles que na guerra receberam muitos ferimentos, se virem a arma que os feriu estremecem, assim também os demônios fugiam, apenas viam seu cinto. Onde estão agora os ricos, que se vangloriam das riquezas? Onde os que enumeram suas dignidades e vestes suntuosas? Comparadas às do Apóstolo, todas parecerão lodo e lama. E por que me refiro às vestes áureas? Se alguém me oferecesse o império de toda a terra, consideraria uma só unha de Paulo mais forte do que este império, e sua pobreza melhor do que toda fartura, sua ignomínia maior que qualquer glória, sua penúria mais que todas as riquezas, as bofetadas naquela sagrada cabeça mais do que toda liberdade, as pedras que lhe foram lançadas mais do que qualquer diadema. Desejemos esta coroa, caríssimos, e embora não haja perseguição, nesse ínterim preparemo-nos. De fato, ele não era ilustre apenas por causa das perseguições, pois dizia: “Trato duramente o meu corpo” (1Cor 9,27); isto, de fato, pode suceder, apesar de não haver perseguição. E admoesta a não procurar satisfazer os desejos da carne (cf. Rm 13,14), e ainda: “Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso” (1Tm 6,8). Para tal não são necessárias perseguições. E convidando os opulentos à temperança, disse: “Os que querem se enriquecer caem em tentação” (ib. 9).

Se, portanto, também nós assim nos exercitarmos, tendo ingressado no certame, seremos coroados; e apesar de não haver perseguição, receberemos por causa disso muitos prêmios. Se, porém, engordarmos o corpo, e levarmos uma vida de suínos, mesmo durante a paz cometeremos muitos pecados e suportaremos opróbrios. Não vês quais os inimigos que devemos combater? São as potestades incorpóreas. Como, então, sendo carne, vencê-las-emos? De fato, o lutador contra outros homens deve alimentar-se com moderação. Muito mais se for contra os demônios. Mas, quando, além de obesos, estivermos presos às riquezas, de que modo haveremos de superar os adversários? As riquezas são vínculos, pesados vínculos para quem não sabe utilizá-las, tirano cruel e desumano, e tudo o que ordena aos escravos leva à ruína. Mas, se quisermos, podemos destronar este duro tirano, obrigá-lo a ceder diante de nós, e não deixar que nos mande. Como se fará isso? Se partilharmos as riquezas com os demais homens. Na verdade, quando a opulência enfrentar sozinha os que estão sós, será como o ladrão num esconderijo, e ocasionará toda espécie de maldades; se, porém, a retirarmos para fora, não nos dominará mais, porque fica amarrada de todos os lados.

Não falo assim por serem um pecado as riquezas; mas é pecado não distribuí-las aos pobres, e empregá-las mal. Coisa alguma das que Deus fez é má, mas tudo “era muito bom” (Gn 1,31). Por conseguinte, as riquezas são boas se não dominarem os seus possuidores e da pobreza livrarem o próximo. Com efeito, também não é boa a luz que não dissipe as trevas, mas as aumente; também não denomino boas as riquezas que não livram da pobreza, mas que a aumentam. De fato, quem é rico, não procura receber dos outros, mas auxiliá-los; quem, contudo, busca receber dos outros, já não é rico, mas pobre. Não são más, portanto, as riquezas, e sim a mente pobre que transforma as riquezas em pobreza. Esses ricos são mais miseráveis do que os mendigos nas ruas, os cegos e os aleijados; os que se revestem de magníficas roupas de seda, do que os esfarrapados; os que andam orgulhosos na praça, do que os que vão pelas encruzilhadas e entram nos palácios, ou antes, mendigam aos gritos. Efetivamente, esses louvam a Deus, e proferem palavras dignas de compaixão e cheias de sabedoria e por isso temos pena deles e lhes estendemos as mãos e nunca os censuramos. Os maus ricos, contudo, proferem palavras duras e desumanas, de rapina e concupiscência satânica. Por esse motivo são odiosos e ridículos diante de todos. Pondera, portanto, o que diante de todos os homens parece vergonhoso: Pedir aos ricos, ou aos pobres? Certamente, aos pobres. Entretanto, é o que fazem os ricos, porque não ousariam acercar-se dos mais ricos. Os que mendigam, porém, pedem aos ricos; pois um mendigo não pede a outro, e sim a um rico; mas o rico maltrata o pobre. Ainda, pergunto, o que é mais honroso: receber daqueles que têm boa vontade e são amáveis, ou insistir com os de má vontade e perturbá-los? É claro que é mais honroso não perturbar os de má vontade. Mas é isso o que fazem os ricos. Pois os pobres recebem dos que dão de boa vontade e são favoráveis; os ricos, contudo, dos que dão de má vontade e com repugnância. Dá-se então maior demonstração de pobreza. Se, pois, ninguém quer ir a um jantar a não ser que seja amável quem convida, como será bom extorquir dinheiro à força? Não é por causa disso que aborrecemos os cães que ladram e deles fugimos, porque nos assediam e perseguem? Assim também fazem os ricos. “Ora, é melhor dar por medo.” Certamente, é o que há de mais vergonhoso. O que será mais ridículo do que o homem que tudo move para receber. Na verdade, muitas vezes, porque temíamos os cães, jogamos contra eles o que tínhamos nas mãos. Dize-me, ainda. O que é mais vergonhoso, mendigar um maltrapilho, ou alguém com vestes de seda? Pois quando um rico adula pobres velhos para receber seus bens, embora tenham filhos, que perdão merece? Se queres, contudo, examinemos as próprias palavras, a saber, as dos ricos que pedem, e as dos pobres. O que, portanto, diz o pobre? Não pode dar com parcimônia quem dá a esmola, porque reparte o que é de Deus, e Deus é benigno e retribui com dons maiores. São todas palavras de sabedoria, exortação e bom conselho. Suplica-te que olhes para o Senhor e retira-te o medo de uma futura pobreza; e muitos ensinamentos encontrar-se-ão nas palavras dos mendigos. E quais as palavras dos ricos? De porcos, cães, lobos e outros animais. Outros, contudo, falam de mesas, alimentos, condimentos, vinho de toda espécie, unguentos, vestes e de tudo com luxo e profusão. Outros de usura e empréstimos; e falsificando notas e aumentando de modo incomensurável os devedores, como se as dívidas tivessem começado dos pais e avós, tiram a casa de um, o campo de outro, o escravo de outro e todos os seus haveres. O que dizer dos testamentos, não exarados com tinta, mas com sangue? Ou então, se virem alguns com minúsculas posses, intimidando-os com imaginário perigo, ou seduzindo-os por pequenas promessas, induzem-nos a deixar de lado todos os parentes, que não raro sofrem de penúria e adotarem-nos em lugar deles por herdeiros. Essa loucura e crueldade não superam a de quaisquer feras? Por isso, rogo-vos, fujamos de todas essas riquezas, torpes e assassinas; e tendamos à posse das espirituais, acumulando tesouros no céu. Pois quem as possui, certamente são ricos, opulentos, e usufruem dos bens terrestres e celestes. Pois a quem é pobre segundo a palavra de Deus, abrem-se todas as portas. A quem nada possui por causa de Deus, todos dão do que têm; quem,

contudo, ambiciona com injustiça coisa mínima, encontra fechadas todas as portas. A fim, portanto, de conseguirmos os bens terrestres e celestes, escolhamos a riqueza estável e perpétua. Oxalá todos nós a alcancemos pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo etc.

DÉCIMA QUARTA HOMILIA

17. *Foi em vista disso que vos enviei Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor; ele vos recordará as minhas normas de vida em Cristo Jesus.*

Almejo nesse trecho que consideres a alma generosa, mais ardente e mais vivaz que o fogo! Na verdade, Paulo desejava estar ao lado dos coríntios, principalmente por se encontrarem tão enfermos e agitados. Sabia muito bem quanto era útil aos discípulos a sua presença e quanto prejudicava a sua ausência. De fato, ele o assinala aos filipenses, nesses termos: "Não na minha presença, mas também particularmente agora na minha ausência, operai a vossa salvação com temor e tremor" (Fl 2,12). Aponta o mesmo nessa carta, dizendo:

18. *Julgando que eu não voltaria a ter convosco, alguns se encheram de orgulho.*

19. *Mas irei ter convosco.*

Apressava-se e queria estar presente, mas como ainda não podia, corrige-os com a promessa de sua vinda; não somente, mas ainda pelo envio do discípulo: *"Foi em vista disso que vos enviei Timóteo"*. Por que *"Em vista disso"*? Porque me preocupo convosco, quais filhos meus, visto que vos gerei. E a carta vem acompanhada da recomendação da pessoa: *"Meu filho amado e fiel no Senhor"*. Exprime-se desta maneira para revelar seu amor e prepará-los a tratá-lo com reverência. Não afirma apenas que é fiel, mas: "*No Senhor"*, isto é, nas coisas que são do Senhor. Se é um elogio ser fiel nos negócios seculares, muito mais nos espirituais. Se, portanto, é seu filho bem-amado, pondera como é grande o amor de Paulo aos coríntios, uma vez que, por causa dos coríntios, consente em separar-se dele. Se, na verdade, é fiel, será íntegro no cumprimento da missão.

Ele vos recordará

Não diz: Ensinará, a fim de que não o recebessem mal, se ele os tomassem por discípulos. Por isso diz no fim: "Pois trabalha na obra do Senhor, como eu" (1Cor 16,10). Por conseguinte, que ninguém o menospreze!

Entre os apóstolos não havia inveja, mas visavam a uma só coisa, a saber, a edificação da Igreja. E se era fraco aquele que atuava, zelosamente o ajudavam. Não bastou, portanto, dizer: "*Ele vos recordará"*, mas leva avante o discurso, visando cortar a inveja deles (pois Timóteo era jovem), e acrescenta: as minhas normas de vida.

Não as suas, e sim: "*as minhas"*, isto é, planos, perigos, costumes, leis, estatutos, cânones apostólicos etc. Uma vez que disse: *"Sofremos nudez, somos maltratados, não temos morada certa"*; e ele vos recordará tudo isso, diz, e as leis de Cristo, de sorte a eliminar as heresias. Em seguida, repetindo o que dissera acima, acrescentou: em Cristo Jesus.

Conforme costuma, refere tudo ao Senhor, e com isso torna digno de fé o que se segue e acrescenta: "*como as ensino em toda parte, em todas as Igrejas!"*

Nada de novo vos disse; as demais Igrejas todas disso estão cientes. Afirma que as suas normas são *"em Cristo"* a fim de mostrar que nada possuem de simplesmente humanas, e tudo se realiza corretamente com o auxílio de Cristo. Após assim ter se expressado e procurado ganhá-los, começara acusação do fornicador e de novo emite palavras cheias de cólera, embora não estivesse afetado dela, no fito de emendá-los; e deixando de lado o fornicador, fala aos demais, julgando-o indigno de suas

palavras, conforme costumamos fazer com os escravos que muito nos ofenderam. E visto que dissera que enviava Timóteo, no intuito de evitar que se tornassem mais indolentes, vê o que declara: *Julgando que eu*
não voltaria a ter convosco, alguns se encheram de orgulho.

Com isso ele os ataca, a eles e mais a alguns, sacudindo seus pensamentos orgulhosos. De fato, trata-se do crime de apetite do poder o fato de aproveitar-se da ausência do mestre para manifestar arrogância. Ao falar ao povo, pondera como usa de comedimento; mas, ao dirigir-se aos que são autores do mal, age com maior vigor. Àqueles diz: *"A escória de todos"*, mas, suavizando, assegura: *"Não vos escrevo tais coisas para vos envergonhar"*; a estes, contudo: *"Julgando que eu não voltaria a ter convosco, alguns se encheram de orgulho"*, assinalando ser a arrogância própria de um ânimo pueril. Na verdade, os meninos, na ausência do mestre, tornam-se mais preguiçosos. Assinala-o, portanto, visto ser suficiente a sua presença para a correção.

Como, diante do leão, todos os animais se apavoram, assim, estando Paulo presente, ficavam atemorizados os que corrompiam a paz da Igreja. Por isso acrescenta:

19. *Mas, se o Senhor o permitir, em breve irei ter convosco,*

Exprimir-se somente nesses termos pareceria ameaçador; mas prometer demonstração de obras de sua parte e exigi-lo da parte deles, era próprio de um ânimo grande e sublime. Por esse motivo acrescenta: e tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder.

A arrogância não surgira por causa de suas próprias boas obras, mas devido à ausência do mestre, e era peculiar predisposição para o desprezo. Por isso, tendo dito: "*Enviei Timóteo*", não declarou imediatamente: Irei, mas primeiro acusa-os de orgulho, e depois afirma: "*Irei*". Com efeito, se o dissesse antes da acusação, pareceria desculpa de que não os abandonara e não ameaça, e a palavra seria menos digna de crédito; mas, proferida depois da acusação, fá-la fidedigna e terrível. E considera sua firmeza e segurança. Não diz simplesmente: *"Irei"*, e sim: *"Se o Senhor o permitir"*, e não marca a data. Porque, se acontecesse que ele tardasse, quer conseguir que, pela incerteza, eles mantenham o espírito em suspenso. E, a fim de que não desanimem de novo, acrescenta: *"Em breve"*. *"E tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder"*. Não disse: Tomarei conhecimento da sabedoria, nem dos milagres; mas de quê? "*Não das palavras*", que expressamente reprime; ao poder exalta. E nesse ínterim dirige a palavra aos que apoiavam o incestuoso. Com efeito, se lhe falasse, não aludiria ao poder, mas às obras, que eram corruptas. E por que não buscas palavras? Não preciso de palavras; baseamo-nos no poder. Na guerra não são preclaros os atos dos que falam muito, mas dos que assaz realizam; assim igualmente aqui a vitória não é dos que falam, mas dos que obram. Orgulhas-te, diz ele, de tua eloquência. Se fosse oportunidade para um certame entre mestres de retórica, certamente te deleitarias nisso; tratando-se, porém, de apóstolos que anunciam a verdade, confirmada com milagres, por que te orgulhas de coisas supérfluas, que nada são e no presente não contribuem para coisa alguma? Pois, o que pode a ostentação em palavras para ressuscitar um morto, ou expulsar demônios, ou realizar qualquer outro milagre? Mas agora os milagres são necessários e por meio deles nossas realizações se consolidam. Por essa razão acrescenta:

20. *Pois o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder.*

Vencemos, assegura, por milagres, não pela eloquência, e os milagres que operamos pela virtude do Espírito oferecem o maior argumento de que nossa doutrina é divina e de que anunciamos o reino dos céus. Se, portanto, querem alguns daqueles orgulhosos ser ilustres, quando eu estiver aí, mostrem o poder que têm e não ostentem luxo de palavras, pois essa arte não nos impressiona.

21. *O que preferis? Que eu vos visite com vara ou com amor e em espírito de mansidão?*

Palavras que assaz amedrontam e são comedidas. Dizer: *"Tomarei conhecimento"* cabe a alguém que é comedido; mas perguntar: *"O que preferis? Que eu vos visite com vara?"* é próprio de quem ascende à sede do mestre e de lá disserta com toda autoridade. O que significa: *"Com vara?"* Para castigo, pena; quer dizer: Afastarei, cegarei, conforme fez Pedro a Safira e ele próprio a Elimas, o mago. Já não fala para comparar-se com os demais, mas com autoridade. E na segunda carta percebe-se que expressa o mesmo, nestes termos: "Pois procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim" (2Cor 13,3)? *"Eu vos visite com vara ou com amor*"? Mas, visitar com vara não era sinal de caridade? Na verdade, era caridade; uma vez que aquele que muito ama, mal consegue castigar, fala deste modo. Por conseguinte, ao se referir ao suplício, não empregou a locução: *"Em espírito de mansidão"*, e sim: *"Com vara"*. Embora também isto o Espírito faça, porque é espírito de mansidão e de severidade; na verdade, não quer denominá-lo assim, mas dar-lhe nome mais benigno. Por isso, diz-se frequentemente que Deus, apesar de punir, é compassivo, longânime e rico em misericórdia e comiseração. Quanto a castigar, fá-lo uma vez, duas ou muito raro, e por causa premente. E vê a sabedoria de Paulo. Embora tenha poder, oferece opção entre duas coisas, dizendo: *"O que preferis?"* A questão está em vosso poder. De fato, ambas as coisas estão em nosso poder: cair na geena ou conseguir o reino, porque Deus assim o quis. "Ele colocou diante de ti o fogo e a água; para o que quiseres estenderás a tua mão" (Eclo 15,16); e: "Se estiveres disposto a me ouvir, comereis o fruto precioso da terra" (Is 1,19).

Ora, dirá alguém: Quero. E ninguém é tão estulto que não queira, mas não basta querer. Na verdade, basta, se quiseres como convém, e fizeres o que é peculiar a quem quer; entretanto, não queres suficientemente. E se te aprouver, examinemos outros assuntos. Dize-me, pois. Quem quer se casar, basta querer? De modo nenhum. Mas procura uma pretendente, pede atenção aos amigos, e ajunta dinheiro. Ou, ao negociante não basta querer, sentado em casa, mas contrata um navio, reúne marinheiros e remadores, faz um empréstimo, e indaga cuidadosamente a respeito dos lugares e do preço das mercadorias. Como, portanto, não seria absurdo empregar tanto cuidado nos negócios terrenos, e os que desejam adquirir o céu, contentarem-se apenas com a boa vontade? Ou melhor, nem ao menos isso, com a adequada diligência? Pois quem devidamente quer, empenha-se naquilo que leva à obtenção do que deseja. De fato, se a fome te força a tomares alimento, não esperas que os víveres espontaneamente venham a ti, mas fazes o possível para os conseguires. E relativamente à sede e ao frio, e a outras necessidades és eficiente e pronto para atender ao cuidado com o corpo. Faze, portanto, o mesmo acerca do reino dos céus, e sem dúvida alguma o alcançarás. Com efeito, Deus te criou dotado de livre-arbítrio a fim de não o acusares após de estares preso à necessidade. Tu, porém, recebes de má vontade bens tão honrosos? Efetivamente ouvi da parte de muitos: Por que me deixou à escolha a virtude? Ora, devia arrastar-te para o céu dormindo e cochilando, preso aos vícios e prazeres, servindo ao ventre? Então talvez não te absterias dos vícios. Se agora, nem diante de ameaças iminentes tu te absténs da maldade, no caso de ainda te ser proposto o céu por prêmio, cessarias de ser mais preguiçoso e muito pior? Não podes alegar: De fato, ofereceu bens, mas não prestou ajuda, porque auxílio poderoso te é prometido. Mas, replicas, a virtude é onerosa e molesta, enquanto o vício se mescla com muito prazer e seu caminho é largo e espaçoso, enquanto o da virtude é estreito e apertado. Pergunto: Acaso sempre, desde o começo, ambos foram tais? Sobre a virtude, a contragosto dizes o que dizes, de tal forma é poderosa a verdade. Pois se fossem dois os caminhos, um que conduz à fornalha, outro ao paraíso, e fosse largo o da fornalha, e estreito o do paraíso, qual escolherias? Mesmo que agora em disputa contradigas, por mais insolente que fores, não poderás negar o que é tão evidente. De fato, tentarei vos ensinar por meio de exemplos a meu dispor, ser preferível um duro início, embora não seja tal o termo. E se lhe aprouver, tratemos em primeiro lugar

das artes. Com efeito, elas têm início trabalhoso, o final, porém, é muito lucrativo. Entretanto, replicas, ninguém se inicia numa arte, a não ser coagido. De fato, se o jovem é senhor de si, prefere no começo viver nos prazeres e sofrer no fim inúmeros males, a viver infeliz no começo e depois obter o fruto daqueles labores. Por conseguinte, escolher o primeiro caso é próprio da mente de um desamparado e da preguiça pueril; o oposto, de um ânimo prudente e viril. Assim, portanto, também nós, a não ser que sejamos pueris, não nos assemelharemos a esses desvalidos e insanos, mas aos que possuem um pai. Importa, portanto, rejeitar a mentalidade pueril e não acusar os acontecimentos e impor à consciência um freio, que não permita servir o ventre, mas estimule a correr e lutar. Não seria absurdo impormos com grande esforço logo aos jovens coisas inicialmente laboriosas, mas que possuem um termo agradável, e tratarmos de modo contrário as realidades espirituais? Embora nas questões seculares não seja absolutamente certo um bom termo. Efetivamente a morte prematura, a pobreza, a calúnia, as vicissitudes e inúmeras coisas desta espécie fazem com que, após muitos labores, sejamos privados dos frutos. Se, porém, a meta é alcançada, não se recolhe grande coisa, pois com a vida presente tudo desvanece. Quanto às realidades espirituais, porém, não é em vista de alcançar bens glaciais que corremos, nem temos medo do fim; é maior e mais segura a esperança após a partida desta vida. Qual será, portanto, a desculpa, a defesa dos que não querem enfrentar a labuta em prol da virtude? Ainda uma pergunta: Por que é estreito o caminho? Não permites que ingresse pela estrada em direção aos palácios régios terrenos o libertino, o ébrio, o efeminado; e queres que sejam levados para o céu homens que adotam a licença dos costumes, os prazeres, a embriaguez, a avareza e todos os vícios? E isso merece indulgência?

Não digo isto, respondes. Mas por que não é espaçoso o caminho da virtude? Ora, se quisermos, será muito fácil. O que, pois, é mais fácil: perfurar uma parede e ser lançado no cárcere por roubar os bens alheios, ou, permanecer contente com o que é seu e estar livre de qualquer receio? E ainda não disse tudo. O que é, então, mais fácil, dize-me: roubar os bens de todos e durante pouco tempo viver em prazeres, e ser perpetuamente atormentado e flagelado, ou tendo vivido pouco tempo na pobreza, continuamente depois viver em delícias? Ainda não examinamos o que é mais frutuoso, mas por enquanto o que é mais fácil.

O que é mais agradável: ter um ótimo sonho e ser na realidade torturado ou ter um sonho incômodo e na realidade estar no meio de delícias? Não é evidente que é mais agradável esse último caso? Como, então, dize-me, chamas de áspera a virtude? É, de fato, áspera se comparada à nossa negligência. Escuta Cristo assegurar que é fácil e suave: "pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11,30). Mas se não sentes a leveza, é claro que não tens um ânimo robusto. Se o tens, as coisas onerosas tornam-se leves, mas se, ao invés, não o tens, as leves são onerosas. O que mais suave era, pergunto, do que a mesa com o maná, o que mais fácil de preparar? Mas os judeus acolhiam mal tais delícias. O que pior do que a fome, e outros trabalhos que Paulo suportou? Entretanto ele exultava, deleitava-se e afirmava: "Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos" (Cl 1,24). Por que motivo? Por diferença de ânimo. Se, portanto, conforme se deve, preparares o ânimo, verás a facilidade da virtude. Então a facilidade encontra-se apenas no afeto dos que a acolhem? É tal não apenas devido ao afeto, mas por sua natureza. Efetivamente, se a virtude fosse sempre laboriosa, e o vício totalmente o contrário, com razão diria qualquer um dos que caíram no vício que este é mais fácil do que a virtude. Se, na verdade, tem ela o início duro, e o vício suave, enquanto ao invés, o fim eterno dela é suave, e o dele é grave, qual, pergunto, vais preferir como sendo mais fácil? Por que, então, muitos não escolhem o que é mais fácil? Porque alguns, de fato, não creem; outros, apesar de crerem, têm o ânimo corrupto, e preferem o prazer temporal ao eterno. Então, isso é fácil? Não é fácil, mas é apenas sinal de uma alma fraca. Assim como os febricitantes gostam da água fria, não por ser mais agradável deliciar-se por breve tempo do que sempre arder, mas porque não podem conter o desejo inconveniente; o mesmo acontece aqui. Ora, se alguém os arrastasse ao suplício através de um caminho de prazer, de forma alguma o escolheriam. Vês que o vício não é fácil. Se queres, de novo examinemos a questão de forma real. O que é, de fato, dize-me, mais suave, mais fácil? Mas, novamente não julguemos conforme a cupidez de muitos; o voto não se fundamente no parecer dos próprios doentes, mas no daqueles que estão em ótimo estado de saúde. Nem se me mostrares mil febricitantes, que procuram o oposto da saúde, e preferem depois sofrer o suplício, jamais admitirei tal opção. Dize-me. O que é mais fácil: Ambicionar muitas riquezas, ou ser superior a essa cupidez? Este último caso, suponho; se, porém, não acreditas, encaminhemos o discurso aos fatos. Suponhamos que haja alguém que ambicione muito e um outro nada. Dize-me: Quem será melhor, mais honesto?

Mas deixemos isso. É evidente que esse último é mais honesto que o primeiro; não questionamos a respeito disto, e sim qual dos dois leva uma vida mais fácil e suave. O avaro certamente não goza do que tem; pois o que ama, não quer gastar e prefere picar e jogar fora as próprias carnes a perder o ouro. Quem, no entanto, menospreza o dinheiro, até lucra porque goza livre e seguramente do que tem, e prefere-se a si mesmo ao ouro. O que é mais suave: livremente fruir de seus bens, ou viver submisso à tirania da riqueza, sem ousar tocar em nada do que é seu? Por conseguinte, a meu ver, assemelha-se a um homem que tem duas mulheres, e, apesar de amá-las muito, não se relaciona de igual modo com elas; mas a uma lhe é lícito tocar e com ela conviver, da outra, no entanto, nem pode se aproximar. Direi outra coisa que demonstra o prazer de um e a tristeza do outro. O avaro jamais satisfaz a cupidez, não somente porque não consegue tomar os bens de todos, mas também porque, por mais que acumule, considera que nada tem. Quem, contudo, despreza o dinheiro considera tudo supérfluo, e não atormenta a alma com infinitas ambições. Nada merece tanto a denominação de suplício do que a concupiscência insatisfeita, porque é sinal de uma mente em extremo perversa. Pondera o seguinte: quem ambiciona riquezas e possui muitas, sente-se como se nada tivesse. O que pode haver de mais complicado do que essa doença? E o pior é que, mesmo se possui, parece não ter aquilo que guarda e se aflige como se nada tivesse e, se tomar os bens de todos, mais se atormenta. Mesmo que possuir cem talentos, sente pesar porque não tem mil; se tiver mil e não dez mil, sofre; se receber dez mil, fica

angustiado porque não recebeu dez vezes mais. Uma aquisição maior torna-se para ele acesso à pobreza, porque, quanto mais receber, mais deseja. Por conseguinte, quanto mais receber, tanto mais se empobrece; porque quem mais deseja é mais pobre. Quem possui, portanto, cem talentos, não é tão pobre, pois deseja apenas mil; se adquire mil, então faz-se mais pobre; não se queixa, como o primeiro, de precisar de mil e sim de dez mil. Se disseres que desejar e não conseguir é um prazer, parece-me que ignoras a natureza do prazer. Quanto a constituir suplício e não prazer, examinemos a questão de outro modo ainda. Quando temos sede, acaso não tanto nos deleitamos ao beber quanto acalmamos a sede, e por isso a bebida é um prazer, isto é, livra-nos do grande tormento de querer beber? É evidente, em geral. Pois, se permanecêssemos sempre com sede, não estaríamos em melhor condição relativamente ao suplício do que o rico que não teve compaixão de Lázaro, porque, também para ele era tormento e punição, porque, quando desejava ardentemente uma gota d'água, não a conseguiu. Parece-me que os avaros perpetuamente sofrerão desse modo, e assemelham-se àquele que suplicava uma gota d'água e não a obteve, ou antes, mais arde a alma dos avaros do que a daquele rico. E muito bem disse alguém que os avaros são hidrópicos. Como esses que trazem no corpo tanta água, sentem maior calor, assim também os avaros cercados de muitas riquezas, desejam mais. A causa é a seguinte: os hidrópicos não possuem a água nos devidos órgãos; os avaros não contêm a concupiscência que nasce de pensamentos desordenados. Fujamos, portanto, dessa doença estranha e vã, fujamos da raiz de todos os males, fujamos da geena presente; pois é geena tal cupidez. Caracteriza, pois, a alma de cada um deles: a de quem despreza as riquezas e a de quem não as despreza. E verificarás que esses são parecidos com os loucos furiosos, que nada querem ver nem ouvir; aquele, porém, acha-se abrigado num porto livre das ondas, é amigo de todos, enquanto o outro é inimigo. Se alguém lhe tirar algo, não se entristece; e se for restituído, não se orgulha; mas possui certa liberdade e toda segurança. Aquele é obrigado a adular a todos com dissimulação, e este a ninguém. Se, portanto, o avaro é pobre, tímido, fingido e hipócrita, cheio de terror, penas e suplício, enquanto o que despreza as riquezas, goza de tudo o que é oposto, não é evidente que a virtude é mais suave? E também trataríamos dos males restantes, pelos quais se demonstra que nenhum mal contém prazer, se muitos não tivessem sido mencionados acima. Cientes disso, escolhamos a virtude, a fim de termos aqui prazer, e conseguirmos os bens futuros, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA QUINTA HOMILIA

2. O CASO DE INCESTO

5,1. *É geral ouvir-se dizer que entre vós existe luxúria, e luxúria tal que não se encontra nem mesmo entre os pagãos: um dentre vós vive com a mulher do seu pai.*

2. *E vós estais cheios de orgulho! Nem mesmo vos mergulhastes na tristeza, a fim de que o autor desse mal fosse eliminado do meio de vós?*

Ao tratar da dissensão entre eles, Paulo não usou imediatamente de expressões fortes, mas primeiro rogou com mansidão e depois terminou com a acusação, nesses termos: *"Com efeito, meus irmãos, pessoas da casa de Cloé me informaram de que existem rixas entre vós"* (1Cor 11,11). Nesse caso, porém, não age dessa forma, mas imediatamente fere e na medida do possível generaliza a repreensão ao crime. De fato, não diz: Por que ele cometeu luxúria? Mas: *"É geral ouvir-se dizer que entre vós existe luxúria"*, para que não se despreocupassem como se estivessem inteiramente alheios à acusação, mas devido ao ataque a todos e a incriminação à Igreja ficassem solícitos. Ninguém diga: Ele cometeu luxúria, mas o pecado foi cometido na Igreja de Corinto. Nem disse: Foi cometida luxúria, e sim: *"É geral ouvir-se dizer... tal que não se encontra nem mesmo entre os pagãos"*. Sempre

ao repreender os fiéis compara-os aos pagãos. E ao escrever aos tessalonicenses, dizia: “Cada qual saiba tratar a própria esposa com santidade e respeito, sem se deixar levar pelas paixões, como os gentios” (1Ts 4,4-5); e aos colossenses e efésios: “Não andeis mais como andam os outros gentios” (Ef 4,17). Se, pois, são imperdoáveis os que pecam de igual modo que os gentios, onde colocaremos, dize-me, os que ultrapassam os próprios gentios? Entre eles, de fato, não só nada de semelhante se perpetra, mas nem se nomeia. Vistes até que ponto acentua o crime? Quando se apresenta tal espécie de luxúria que os próprios infiéis não apenas não ousam cometer, mas nem mesmo conhecem, é inominável a gravidade do pecado. Exprime com ênfase: *“Entre vós”*, quer dizer, entre vós, fiéis, que usufruís de tão grandes mistérios, que fostes participantes de tais segredos, que fostes chamados para o céu. Considera a indignação de que se acha repleto o discurso, quanta ira contra todos? Pois, se não estivesse inflamado de muita ira, não a estenderia a todos, e diria: Ouvi dizer que tal homem cometeu luxúria; castigai-o. Agora, porém, não se expressa dessa forma, mas se arma contra todos. Com efeito, se eles fossem os primeiros a escrever, ele tê-lo-ia declarado; mas não somente não escreveram, mas até disfarçaram o crime, por isso usa de palavra mais forte. *“Um dentre vós vive com a mulher do seu pai”*. Por que não disse: Cometeu luxúria com uma mulher? Rejeitou dizer o que era por demais torpe, de forma mais digna passando por cima, conforme acima ficou claro, embora acentuasse o crime mais uma vez, mostrando que entre eles se ousou cometer crime tal que nem convinha a Paulo declarar. Por isso na continuação emprega a mesma maneira de falar, com a locução: *“O autor desse mal”*. E novamente enrubesce e se cora de falar abertamente, como costumamos fazer em questões por demais obscenas. Nem empregou a palavra : Madrasta, e sim: *“A mulher do seu pai”*, para golpear mais gravemente. De fato, visto serem suficientes os nomes para acusar, vai avante, sem nada acrescentar. Nem me digas que era um o incestuoso, e o crime foi atribuído comumente a todos. Por esse motivo vem o acréscimo: *“E vós estais cheios de orgulho!”* Não afirmou que o orgulho era por causa do pecado (seria desarrazoado), mas por causa dos conhecimentos daquele homem. Ele próprio não colocou assim a questão, mas omitiu a metade a fim de ferir mais. E considera a prudência de Paulo! Tendo em primeiro lugar prostrado a sabedoria pagã, e mostrado que ela por si nada é, embora não tenha aludido ao pecado, finalmente se refere também a este. Pois se em comparação com o luxurioso, que talvez fosse um sábio, dissesse que grande é o dom espiritual, nada obteria de importante; mas mesmo abstraindo do pecado, rejeitar e estabelecer a nulidade da sabedoria pagã, era demonstrar que ela era sumamente vil. Por isso, tendo primeiro feito a comparação, então faz menção do pecado, e não se digna discutir com ele (o que revela a sua enorme infâmia); a eles, porém, diz: devíeis agora, chorar, lamentar e envergonhar-vos; no entanto, fazeis o contrário. Por essa razão acrescenta: *“E vós estais cheios de orgulho! Nem mesmo vos mergulhastes na tristeza”*. E o que aconteceu, replicam eles, para chorarmos? E por que a incriminação toca em comum à Igreja? E por que fazemos bem em chorar? *“A fim de que o autor desse mal fosse eliminado do meio de vós”*. Nem aqui enuncia seu nome, ou antes, o de ninguém, como costumamos fazer acerca de fatos inconvenientes. E não disse: e não o rejeitastes; mas qual epidemia ou peste exigiria luto e intensa oração. *“A fim de que fosse eliminado”*. Para tal finalidade deve-se empregar a prece, fazendo o possível para apartá-lo. Não os acusa porque não lhe comunicaram o acontecido, mas porque não lamentaram, de sorte que o mal fosse eliminado, declarando que, na ausência do mestre, era preciso que isso tivesse sido feito diante da evidência do delito.

3. *Quanto a mim, ausente de corpo, mas presente em espírito*

Vê quanto está irado! Não deixa que se espere sua vinda, para prendê-lo, mas qual pestífero a ser apartado antes que contamine o resto do corpo, apressa-se em detê-lo e por isso adita: já julguei, como

se estivesse presente.

Desta forma se expressa não somente incitando-os a proferir a sentença, sem deixar que tenham outro parecer, mas até atemorizando-os, como se estivesse ciente do que em juízo ali sucederia. Estar *“Presente em espírito”* é isto, conforme Eliseu estava presente junto de Giezi e dizia: “Acaso meu espírito não estava presente?” (2Rs 5,26) Ah! Qual a força do dom de estar presente a todos juntos, e ciente do que acontecia longe! *“Já julguei, como se estivesse presente”*. Não lhes permite opinião diversa. Proferiu a sentença como se já estivesse presente. Não se fale de contemporizar e adiar. Não se faça coisa diferente. Em seguida, para não aparentar grande autoridade, nem se julgasse que falava orgulhosamente, vê que os faz partícipes do juízo. Pois, tendo dito: *“Julguei”*, inclui o seguinte: aquele que assim procedeu.

4. *É preciso que, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, estando vós e o meu espírito reunidos em assembleia com o poder de nosso Senhor Jesus Cristo,*

5. *entreguemos tal homem a Satanás*

E qual o significado da expressão: *“Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”*? Em vez de: Segundo Deus, sem nos determos em preconceitos humanos. Alguns, porém, leem da seguinte maneira: Aquele que assim procedeu em nome do nosso Senhor Jesus Cristo; e apondo um ponto ou vírgula, continuam com as seguintes palavras: *“Estando vós e o meu espírito reunidos em assembleia, entreguemos tal homem a Satanás”*. E afirmam que o sentido desta lição é o seguinte: Aquele que assim procedeu, entregai-o a Satanás, isto é, aquele que injuriou o nome de Cristo, que depois de ter se tornado fiel, e receber o cognome derivado daquele nome, ousou agir desta forma, a este, entregai-o a Satanás. A meu ver, a primeira lição é mais fiel. Qual? *“Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, estando vós... reunidos em assembleia”*, isto é, seu nome vos congregou, por causa dele vos reunistes. *“E o meu espírito”*. Novamente se põe no meio deles a fim de que, tendo julgado como se estivesse presente, o eliminem, e ninguém ouse considerá-lo digno de perdão, certo de que Paulo saberá o que aconteceu. Em seguida, faz o problema mais terrível, ao dizer: *“Com o poder de nosso Senhor Jesus Cristo”*, isto é, ou Cristo pode dar-vos a graça de vos ser possível entregá-lo a Satanás, ou ele próprio convosco pronunciará a sentença. Não disse, contudo, que o próprio incestuoso se sujeitou a Satanás; mas: *“Entreguemos”*, deixando-lhe abertas as portas da penitência, e entregando-o de certo modo a um pedagogo. E ainda: *“Tal homem”*, e jamais quer chamá-lo pelo nome.

Para a perda da sua carne.

Conforme aconteceu ao bem-aventurado Jó, mas não pelo mesmo motivo. De fato, a Jó para obter coroa mais esplêndida, e no presente caso para a remissão dos pecados, a fim de que Satanás o flagele com úlcera ou doença. Aliás, disse: Ao sofrermos isto, quem nos julga é o Senhor. Aqui, querendo mais atacá-lo, entrega-o a Satanás. E certamente aprouve a Deus que sua carne fosse castigada. Castiga a carne porque os maus desejos nascem da gula e prazeres carnais.

A fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor.

Isto é, a alma. Não quer dizer que somente ela seja salva, mas se é evidente que ela está salva, sem dúvida alguma o corpo será participante da salvação. Com efeito, ele se tornou mortal por causa da alma pecadora e se ela praticar a justiça, novamente o próprio corpo fruirá de grande glória. Alguns opinam que *“espírito”* é o carisma ou dom que se extingue ao pecarmos. É punida a carne, dizem eles, a fim de que tal não aconteça, de sorte que o espírito assim melhore, atraia a graça, e ela seja salva naquele dia. Por conseguinte, trata-se de solicitude de alguém que prefere curar a cortar simplesmente

ou castigar de modo inconsiderado e vão. É maior o lucro que o castigo, porque este é temporário, enquanto o lucro é perpétuo. Aliás, ele não disse simplesmente: *“A fim de que o espírito seja salvo”* e sim: *“No dia”*. Foi bom e oportuno relembrar-lhes aquele dia, a fim de que eles com maior prontidão acedessem à medicina, e o culpado recebesse melhor, não enquanto palavras iradas, mas qual solícita providência paterna. Por isso afirma: *“Para a perda da sua carne”*, já impondo limites ao diabo, e não permitindo que passasse além, conforme o Senhor dizia a respeito de Jó: “Mas poupa-lhe a vida” (Jó 2,6).

Em seguida, proferida a sentença com brevidade, sem se deter, novamente repreende os fiéis, acentuando:

6. *Não é digno o vosso motivo de vanglória!*

Indica que até então eles não o tenham deixado se arrepender, vangloriando-se. Logo declara que não o faz somente poupando-o, mas também a eles, e portanto, acrescenta: Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa?

Embora o pecado seja dele só, afirma, negligenciado, corromperia o restante do corpo da Igreja. Pois, quando o que pecou primeiro não foi castigado, logo outros perpetrarão o mesmo. Assim se expressa a fim de demonstrar que a luta e o perigo são peculiares a toda a Igreja e não a um só, e por isso utilizou a comparação com o fermento. Efetivamente, apesar de ser pouco, o fermento leveda toda a massa; também nesse caso, se ficar impune, sem castigo um grande pecado, corromperá os demais.

7. *Expurgai o velho fermento.*

Isto é, este desonesto; ou antes, não se refere somente a este, mas também subentende os demais. Velho fermento não é apenas a fornicação, mas também qualquer vício. E não disse: Purificai, e sim: *“Expurgai”*, quer dizer, limpai com apuro, de tal sorte que não fique resíduo, nem sombra de tal maldade. Ao dizer: *“Expurgai”*, acentua existir ainda entre eles a maldade. E ao dizer: para serdes nova massa, já que sois sem fermento, declara e manifesta que o vício não domina a muitos. Se afirma, contudo: *“Já que sois sem fermento”* não usa esta expressão porque todos já estavam puros, mas indicando como lhes convinha ser.

Pois Cristo, nossa Páscoa, foi imolado.

8. *Celebremos, portanto, a festa, não com velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com pães ázimos: na pureza e na verdade.*

Desta forma, Cristo chamou a doutrina de fermento. Ele, porém, mantém a metáfora, relembrando-lhes a história antiga, bem como a páscoa, os ázimos, e os benefícios de então e atuais, e o suplício e as penas infligidas.

É festa, portanto, o tempo presente. Ao dizer: “*Celebremos a festa*”, não se exprimia desse modo por ser Páscoa ou Pentecostes, mas indicando que todo tempo é dia de festa para os cristãos, devido à abundância dos dons. De fato, que bem não te adveio? O Filho de Deus se fez homem por tua causa; libertou-te da morte, chamou-te ao reino. Tu, portanto, que conseguiste e ainda conseguirás tais bens, não deves por toda a vida celebrar uma festa? Ninguém, portanto, fique triste por causa de pobreza, doença, insídias. Todo o nosso tempo é tempo de festividade. Por isso exorta Paulo: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!” (Fl 4,4). Nas festas ninguém usa vestes sórdidas, nem nós igualmente, pois realizaram-se núpcias, núpcias espirituais. “O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas do seu filho” (Mt 22,2). Visto que um rei celebra núpcias, e núpcias de seu filho, que festa será maior do que esta? Ninguém, portanto, entre revestido de andrajos. Não se trata de vestes, mas de atos impuros. Se, pois, todos estivessem revestidos de roupas esplêndidas e só um maltrapilho se encontrasse nas núpcias, seria rejeitado com ignomínia. Pondera quanta observância e

pureza são necessárias para ter ingresso naquelas núpcias. Por essa razão não menciona somente os ázimos, mas apontando a relação entre o Novo e o Antigo Testamento, demonstra não ser lícito com pães ázimos penetrar no Egito; mas se alguém quiser voltar, sofrerá o mesmo que eles, pois aqueles fatos eram sombra destes, por mais que, envergonhado, o judeu queira negar. Por isso, se o interrogares, nada de importante dirá, ou antes, dirá algo de importante, mas não o mesmo que nós, porque não conhece a verdade. Ele dirá, portanto, que Deus de tal modo transformou os detentores egípcios que eles próprios nos expulsavam quando antes nos retinham à força, nem permitiam que fermentasse a massa do pão. Mas se alguém me interrogar, não ouvirá falar do Egito, nem de Faraó, mas da libertação do erro dos demônios e das trevas do diabo; não de Moisés, mas do Filho de Deus; não do Mar Vermelho, mas do batismo cheio de inúmeros bens, e onde o velho homem foi afogado. Mais uma vez, se interrogares o judeu porque expurga o fermento em todo o território, calará e não há de declarar a causa. Porque, de fato, uns eventos eram figuras das realidades futuras e continham as causas dos acontecimentos; outros, contudo, não eram tais, de sorte que aos judeus não é lícito agir mal, deixando-as na sombra. O que significa, pergunto, a expressão: “O cordeiro será macho, sem defeito e de um ano” e: “Não quebrareis osso algum” (Ex 12,5.46)? O que quer dizer: chamar os vizinhos? Ou: de pé e comer à tarde? Ou proteger a casa com o sangue? Ele nada falará a não ser aqui e ali do Egito. Eu, no entanto, explicarei o sentido do sangue, da tarde, porque todos devem comer juntos e todos de pé.

Antes, entretanto, digamos por que tirar de todo o território o fermento. O que significa esse enigma? O fiel deve estar livre de toda malícia. Como perece aquele em cuja casa se encontrar o velho fermento, assim entre nós, onde se achar a maldade. Não significa que em figura foi tão grande o castigo e entre nós não seja muito maior. Com efeito, se de tal modo se extirpa das casas o fermento que se examinam até os buracos dos ratos, muito mais devemos perscrutar nossa alma, de sorte a expurgar qualquer pensamento impuro. Na verdade, entre eles outrora era usual e agora, não mais; em toda parte onde há um judeu existe fermento. Até no meio das cidades fazem-se pães ázimos; isto já é mais um jogo do que uma norma. Uma vez, portanto, que veio a realidade, não há mais espaço para os tipos. Por isso, principalmente segundo este exemplo o Apóstolo expulsa da Igreja o incestuoso. Não somente sua presença, diz, para nada presta, mas até prejudica, corrompendo o corpo. Ninguém sabe de onde vem o mau odor, oculto no membro pútrido, mas é imputado a todo o corpo. Por isso, urge que eles extirpem o fermento: *“Para serdes nova massa, já que sois sem fermento. Pois Cristo, nossa Páscoa, foi imolado”*. Não disse: Morreu, mas de forma mais adequada: *“Foi imolado”*. Não procures, portanto, os antigos ázimos, porque também não tens igual cordeiro; não busques tal fermento, porque teus ázimos não são estes. O fermento material pode levedar o ázimo; o pão fermentado, no entanto, jamais pode tornar-se ázimo. Aqui se acha o contrário; contudo, ele não o indicou claramente.

E vê sua prudência. Na primeira carta não dá ao incestuoso esperança de conversão, mas ordena que faça penitência a vida inteira, para não ficar mais indolente diante da promessa. Nem disse: Entregai-o a Satanás, a fim de que, depois de fazer penitência, volte à Igreja. Como, então? *“A fim de que seja salvo”* no último dia. Remete-o àquele tempo, para mantê-lo solícito; e não manifesta o que lhe será concedido após a penitência, imitando seu Senhor. Pois, conforme disse Deus: “Ainda três dias, e Nínive será destruída” (Jn 3,4, ap. gr.); e não acrescentou: se, porém, fizer penitência, será preservada. Assim igualmente Paulo não disse: se fizer penitência condigna, reforçaremos para com ele a caridade; mas espera que ele entre em ação para em seguida receber a graça.

De fato, se o dissesse no início, talvez eliminasse-lhe o medo; por isso não apenas não o faz, mas pelo exemplo do fermento não lhe permite esperar a volta, mas o reserva para aquele dia, dizendo: *“Expurgai o velho fermento”* e: *“Celebremos a festa, não com velho fermento”*. Depois que fez

penitência, com todo zelo o reintroduziu. Por que o denomina *“velho”*? Porque antigamente nossa vida era tal; ou porque aquele *“velho”* está próximo da morte, fétido e torpe, conforme é o pecado. Não é sem motivo que o que é velho é censurado, nem sem razão que o novo é elogiado, mas consideram-se as circunstâncias. Pois alhures diz: “Vinho novo, amigo novo; deixa-o envelhecer, e o beberás com prazer” (Eclo 9,10), elogiando na amizade mais a antiguidade do que a novidade. E ainda: “O ancião dos dias assentou-se” (Dn 7,9). Nesse trecho igualmente toma-se antigo por elogio e glória maior. Em outras passagens da Escritura o termo antigo é tomado no sentido de vitupério. Visto que a expressão varia e congrega realidades distintas, servindo para representar o bem e o mal, não tem sempre sentido unívoco. Vê, por conseguinte, em outro trecho, velho no sentido de ultraje: “Envelheceram e mancaram em seus caminhos”, e ainda: “Envelheci no meio de meus inimigos (Sl 18,46; 6,8); e de novo: “Envelheceste no mal” (Dn 13,52). Assim também o fermento muitas vezes significa o reino dos céus, apesar de ser aqui tomado em mau sentido; mas diferem as aplicações.

A meu ver, o que se diz do fermento se refere principalmente aos sacerdotes, que toleram dentro da Igreja muito fermento velho, não exterminando do território, isto é, da Igreja, os avaros, raptores e tudo o que exclui do reino dos céus. Pois a avareza é o velho fermento, que torna impuro qualquer lugar onde cair, e qualquer casa em que entrar. Mesmo que seja pouco o que lucrares com a injustiça, fermenta todas as tuas posses. Por esse motivo frequentemente sucede que um pequeno lucro mal adquirido fermenta todos os teus bens. Nada, com efeito, de mais pútrido do que a avareza. Mesmo que colocares chave no tesouro, mesmo que tenha porta e ferrolhos, é inútil o que fazes, pois encerraste ali dentro o pernicioso ladrão, que pode roubar tudo. Mas, dizes, como muitos avaros não sofrem desta maneira? Sem dúvida sofrem, apesar de não ser imediatamente. Se, contudo, agora escaparem, então devem ter mais medo. São reservados para maior suplício. Ou melhor, se eles escaparem, seus herdeiros os padecerão. Mas, isto seria justo? Certamente muito justo. Pois quem recebeu uma herança injusta, embora ele próprio não tenha roubado, retém o que é alheio; e uma vez que está disto muito certo, portanto é justo que padeça. Se, por conseguinte, ele rouba e tu recebes, em seguida vier aquele que foi roubado e reclamar o que é seu, acaso é suficiente para tua justificação que não foste tu que roubaste? De modo algum. O que responderás, se fores acusado? Dize-me. Que foi outro que espoliou? Mas tu o reténs. Ele roubou? Mas tu usufruis. Na verdade, até as leis pagãs reconhecem e deixando de lado os que roubaram e tiraram, ordenam que sejam reclamados os bens junto daqueles onde se encontrarem depositados. Se, portanto, conheces aqueles que sofreram injustiça, devolve e faze o que fez Zaqueu, com grande acréscimo. Se, porém, o ignoras, ofereço-te outro caminho, e não te excluo do remédio: distribui tudo isso aos pobres, e assim curarás o mal. Se alguns os transmitiram aos filhos e aos netos, em vez destes sofreram outros males. E por que hei de falar do que aconteceu no presente? De fato, naquele dia não dirão isto, quando ambos aparecerem despojados, o que foi roubado e os que roubaram; ou antes, não serão despojados de algum modo, pois das riquezas ambos estarão igualmente desprovidos, mas um, na verdade, repleto de crimes que disto se originaram. O que faremos naquele dia, quando perante aquele terrível tribunal aquele que sofreu e perdeu tudo o que era seu, for apresentado, enquanto tu não terás defensor algum. O que dirás ao juiz? Agora, de fato, podes corromper o juízo dos homens, mas àquele juízo, não. Ou melhor, nem agora, porque aquele juízo está presente mesmo agora. Efetivamente, Deus vê tudo o que se faz, e apesar de não ser invocado está perto daqueles que padecem injustiça. De fato, aquele que sofre, mesmo que seja indigno de obter vingança, no entanto, visto que os atos não agradam a Deus, tê-lo-á sem dúvida como vingador.

Como, então, replicas, ele prospera, apesar de ser mau? Mas não até o fim. Escuta as palavras do profeta: “Não invejes os que praticam injustiça, pois são como a erva, secam depressa” (Sl 37,1-2).

Onde, com efeito, se acha aquele que roubou, depois que for levado daqui? Onde as belas esperanças? Onde o nome honroso? Não passou tudo isso? Tudo o que lhe diz respeito não é sono e sombra? Espera o mesmo de cada um dos injustos, vivo ou depois da morte. Ora, inteiramente outra é a sorte dos santos e não poderás dizer a respeito deles que sua parte consta de sombra, sono e fábula. E se queres, apresentaremos quem proferiu essas palavras, um fabricante de tendas, da Cilícia, cujo pai não conhecemos com certeza. E como, respondes, é possível ser assim? Queres saber absolutamente, queres ser tal? Sim, respondes. Então, toma o caminho por onde ele ingressou com os que o acompanhavam. E por que caminho veio? Ele disse, na verdade: “Fome e sede... e desnudamento” (2Cor 11,27); e um outro: “Não tenho prata nem ouro” (At 3,6). Desta sorte nada tinham e, no entanto, possuíam tudo.

O que há de mais honroso do que esta palavra? O que mais feliz e opulento? Outros, na verdade, vangloriavam-se do contrário, dizendo: Tenho tantos e tantos talentos de ouro, imensas eiras de terra, casas e escravos. Estes, porém, até se gloriam de estarem despojados de tudo, não escondem a pobreza, o que fazem os estultos, nem se envergonham. Onde estão agora os ricos, que enumeram seus lucros, e lucros dos lucros, que se apropriam dos bens de todos e nunca se saciam? Ouvistes a voz de Pedro, que declara ser a pobreza a mãe das riquezas, que nada tem, e é mais opulenta do que os que estão cingidos do diadema? É a voz daquele que, na verdade, sem nada possuir, ressuscitava os mortos, erguia os coxos, expulsava os demônios, e concedia aquilo que jamais puderam prestar os que se revestem de púrpura e dirigem grandes e tremendos exércitos. Essa voz é daqueles que já foram trasladados para o céu, e ali ocuparam o cume. Desse modo pode aquele que nada tem, possuir todos os bens. Mas, quando possuímos todas as coisas, somos privados de tudo. Talvez pareça um enigma o que foi dito, mas não é. Mas como, perguntas, aquele que nada tem, possui tudo? Acaso não seria antes o que tem tudo? Absolutamente não; mas é o contrário. Pois quem nada tem, dá ordens a todos, conforme os apóstolos faziam; pois todas as casas pela terra inteira estavam abertas para eles, e eram gratos a todos os que os recebiam, quais parentes e amigos. Foi o Apóstolo à casa da vendedora de púrpura, e ela, qual escrava, pôs à disposição dele tudo o que era seu; e à casa do guarda da prisão, que lhes abriu a casa inteira; e muitos outros. Assim tinham tudo e nada possuíam. Com efeito, nada do que era seu consideravam como próprio e por isso tudo era deles. Quem considera tudo como comum, usa não apenas o que é propriedade sua, mas emprega também os bens alheios como se fosse próprio; mas quem se separa, torna-se senhor apenas do que é seu e nem mesmo destes bens será dono. Um exemplo o evidencia. Quem nada absolutamente possui, nem casa, nem mesa, nem veste supérflua, mas por causa de Deus priva-se de tudo, usa dos bens comuns como próprios, e receberá tudo o que quiser; e assim quem nada tem, possui tudo. Quem, ao invés, tem alguma coisa, não será dono nem desta. Ninguém dará a quem possui; e estes bens serão antes dos ladrões, gatunos e hipócritas e das vicissitudes do que dele. Paulo atravessou todo o orbe, sem levar coisa alguma, nem procurar os amigos, nem familiares, pois no começo parecia inimigo de todos; todavia aonde chegava, encontrava tudo. Ananias e Safira, que trataram de reservar um pouquinho de seus bens, perderam tudo e simultaneamente a vida. Renuncia, portanto, ao que é teu a fim de usares do alheio como próprio. Entretanto, não sei como cheguei a esta hipérbole, falando a homens que oxalá distribuam ao menos um pouquinho do que é seu.

Por conseguinte, sejam ditas essas coisas aos mais perfeitos. Aos imperfeitos, digamos: Dai aos pobres de vossos bens, aumentai vossas posses: “Quem dá ao pobre, empresta a Deus” (Pr 19,17). Se, porém, tens pressa e não esperas o tempo da retribuição, pensa naqueles que emprestam dinheiro aos homens. Nem eles querem imediatamente receber os juros, mas desejam que o capital permaneça mais tempo em mãos do devedor que o recebeu de empréstimo, contanto que seja garantida a restituição,

nem seja suspeito aquele que o recebeu. Faça-se o mesmo em nosso caso. Deixa-o entregue a Deus a fim de que te devolva a retribuição multiplicada. Não procures tudo aqui na terra; pois se receberes tudo aqui, como receberás lá? Por isso também Deus o reserva para o céu, porque esta vida é temporal. Dá, contudo, também aqui, pois declara: "Buscai o reino de Deus... e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6,33). Entretanto elevemos o olhar para lá e não nos apressemos a obter a retribuição de tudo, a fim de não diminuirmos a recompensa, mas esperemos o tempo oportuno. Os lucros não são tais, e sim segundo é justo que Deus nos dê. Por conseguinte, acumulando-os com superabundância, desta forma saiamos daqui, a fim de conseguirmos os bens presentes e futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEXTA HOMILIA

9. *Eu vos escrevi em minha carta que não tivésseis relações com impudicos.*

10. *Não me referia, de modo geral, aos impudicos deste mundo, ou aos avarentos, ou aos ladrões, ou aos idólatras, pois então teríeis de sair deste mundo.*

11. *Não; escrevi-vos que não vos associeis com alguém que traga o nome de irmão e, não obstante, seja impudico ou avarento, ou idólatra, ou beberrão, ou injurioso, ou ladrão. Com tal homem não deveis nem tomar refeição.*

Uma vez que o Apóstolo dissera: *"Nem mesmo vos mergulhastes na tristeza, a fim de que o autor desse mal fosse eliminado do meio de vós"* e: *"Purificai-vos do velho fermento"*, era verossímil que eles supusessem que deviam fugir de todos os impudicos (porque, se o pecador contamina os que não pecaram, faz-se mister ainda mais afastar-se dos pagãos, visto que, se importa não poupar a um familiar porque ele inflige tão grande dano, muito menos se há de poupar os outros. Subentendido isso, era consentâneo separarem-se também dos impudicos que havia no meio dos gentios e uma vez que assim tolerariam com maior dificuldade uma exigência absurda, ele emprega a seguinte correção: *"Eu vos escrevi em minha carta que não tivésseis relações com impudicos. Não me referia, de modo geral, aos impudicos deste mundo"*. A expressão: *"De modo geral"* é usada como se tratasse de coisa evidente. No intuito de evitar que eles julgassem a ordem destinada de certa maneira aos mais imperfeitos e eles, que se julgassem, tentassem cumpri-la, assinala ser isto impossível, apesar da maior boa vontade, porque teriam de procurar viver noutro mundo. Considerando isso, acrescentou: *"Pois então teríeis de sair deste mundo"*. Vês que ele não é importuno, e não só pondera sempre o que não é possível, mas também o que é mais fácil para estabelecer como lei? Na verdade, como poderá alguém, diz ele, que está à frente de uma casa e de filhos, ou tem ofício público, ou é artífice ou soldado, quando os pagãos são tão numerosos, fugir em toda parte dos impudicos? Chama de *"mundo"* os impudicos pagãos. "*Não; escrevi-vos que não vos associeis com alguém que traga o nome de irmão"*... *"Com tal homem não deveis nem tomar refeição"*. Nesse trecho indica ainda outros que vivem na iniquidade. E como é possível um irmão ser idólatra? Outrora isso sucedia entre os samaritanos, que parcialmente seguiam a religião verdadeira; além disso, lança também o fundamento para o sermão que fará em seguida sobre as carnes sacrificadas aos ídolos. *"Ou avarento"*. Igualmente vai combatê-los, e por esse motivo dizia: "Por que não preferis, antes, padecer, uma injustiça? Por que não vos deixais, antes defraudar? Entretanto, ao contrário, sois vós que cometeis injustiça e defraudais" (1Cor 6,7-8). *"Ou beberrão"*. Logo acusa-os também desse pecado, ao dizer: "Enquanto um passa fome, o outro fica embriagado" (1Cor 11,21), e: "Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos" (1Cor 6,13). *"Ou injurioso ou ladrão"*. Com efeito, recriminou também a estes

mais acima. Logo após, enuncia a causa por que não proíbe conviver com tais pagãos. Acentua ser não somente impossível, mas também supérfluo:

12. *Acaso compete-me julgar os que estão fora?*

Refere-se aos de dentro, os cristãos, e aos de fora, os pagãos, conforme diz em outra passagem: "Além disso, é preciso que os de fora lhe deem um bom testemunho" (1Tm 3,7). E na Carta aos Tessalonicenses diz o mesmo com as seguintes palavras: "Não tenhais comunicação alguma com ele, para que fique envergonhado. Não o considereis, todavia, como um inimigo, mas procurai corrigi-lo como irmão" (2Ts 3,14-15). No entanto, aqui não declara a causa. Por quê? Porque ali, de fato, queria consolar, aqui, porém, absolutamente não. Não era igual agora o pecado; lá era muito menor. Acusava a preguiça, enquanto aqui se tratava de fornicação e outros pecados gravíssimos. E se alguém quisesse aproximar-se dos pagãos, não proíbe comer em sua companhia, pela mesma razão. Assim também nós fazemos. A favor dos filhos e dos irmãos fazemos todo o possível, quanto aos estranhos, não damos muita importância. Como? Então Paulo não tinha solicitude pelos de fora? Tinha, mas, depois que haviam recebido a pregação e se submetiam à doutrina de Cristo, então lhes dava normas; enquanto, porém, eles desprezavam, seria supérfluo falar dos preceitos de Cristo àqueles que nem conheciam a Cristo.

Não são os de dentro que vós tendes de julgar?

13. *Os de fora, Deus os julgará.*

Após ter declarado: "*Acaso compete-me julgar os que estão fora?* Visando a que ninguém pensasse que os deixava impunes, aponta-lhes outro tribunal, que é terrível. Exprimiu-se deste modo a fim de atemorizar a uns e a outros consolar, e indicou que esta punição temporal livraria da eterna e perpétua. Idêntica é a declaração em outra passagem: "Mas por seus julgamentos o Senhor nos corrige, para que não sejamos condenados com o mundo" (1Cor 11,32). E: *Afastai o mau do meio de vós* (Dt 17,7).

Relembrou o dito do Antigo Testamento, expondo simultaneamente que eles lucrariam ao máximo, como se tivessem se livrado de medonha peste. Simultaneamente enuncia que não se tratava de uma inovação, e já fora outrora determinado pelo legislador que esses tais deviam ser eliminados; mas ali, na verdade, com mais violência, aqui mais suavemente. Por isso com razão perguntará alguém por que então seria permitido punir e apedrejar o pecador, aqui, no entanto, não, mas o convida à penitência. Por que, então, estabelecia cada qual de um modo? Por estas duas causas: a primeira, porque os cristãos eram destinados a maior combate e precisavam de grande ânimo e paciência; a segunda, porém, mais verdadeira, porque, na verdade, mais facilmente se corrigiriam com a impunidade, enquanto os outros se lançariam em maior iniquidade. Pois, se após terem visto os primeiros castigados, perseveravam nos mesmos pecados, muito mais o fariam se vissem que ninguém era castigado. Por esse motivo, lá imediatamente eram mortos o adúltero e o homicida; aqui, contudo, se absolvidos devido à penitência, escapariam do suplício. De resto, também verás aqui suplício maior e no Antigo Testamento mais suave, de sorte que por tudo se verifica que os Testamentos são afins e procedem de idêntico legislador. Aqui e ali seguem-se imediatamente os suplícios; às vezes em ambos, após muito tempo, e às vezes também não depois de longo prazo, visto que Deus se contenta com a penitência. Pois no Antigo Testamento, Davi caiu em adultério e perpetrou o assassinato e foi salvo pela penitência; no Novo, por ter subtraído um pouco do preço de seu campo, Ananias pereceu com a esposa. Se forem observados muitos fatos severos no Antigo Testamento, e muitos opostos no Novo, é a diferença de pessoas que produz tal diversidade de medidas.

3. OS PROCESSOS EM TRIBUNAIS PAGÃOS

6,1. *Quando um de vós tem rixa com outro, como ousa levá-la aos injustos, para ser julgada, e não aos santos?*

Aqui também faz a acusação de determinados pecados. De fato, dizia acima: *"É geral ouvir-se dizer que entre vós existe luxúria"* e aqui: *"Um de vós... ousa"*. Logo no início mostra-se irado, e assinala que o crime é audaz e iníquo. E por que introduz o discurso sobre a avareza e declara que não se deve levar a causa para ser julgada fora? Cumpre a sua própria norma. Efetivamente costumava emendar conforme as eventualidades; por isso, ao dissertar a respeito das mesas comuns, faz uma digressão a respeito dos mistérios. E neste caso, após ter feito menção dos irmãos avarentos, inflamado pelo zelo de emendar os pecadores, não se limita a prosseguir segundo a ordem, mas se refere ao pecado subsequente, de novo o emenda, e retorna ao primeiro. Ouçamos, portanto, o que ainda diz a respeito: *"Quando um de vós tem rixa com outro, como ousa levá-la aos injustos, para ser julgada, e não aos santos?"*. Nesse ínterim, trata da questão nominalmente, dissuade, denuncia. E no começo não recusa o julgamento feito pelos fiéis; depois, contudo, de censurar com severidade, rejeita inteiramente este juízo. Diz ele: Principalmente se é preciso pleitear, não deve ser perante os injustos; entretanto, não convém absolutamente. Mas isso ele o declara mais adiante; por enquanto primeiro exclui a possibilidade do julgamento realizado por injustos. Como, pois, não seria absurdo àquele que disputa contra um amigo, aceitar como intermediário conciliador um inimigo, pergunta ele? Como não te envergonhas, nem te coras que um pagão se assente para julgar um cristão? Se, porém, as coisas particulares não devem ser julgadas por pagãos, como lhes entregaremos questões mais importantes? E vê como se exprime. Não disse: aos infiéis, mas: *"Aos injustos"*, empregando a palavra mais apropriada à argumentação, a fim de apartar e dissuadir. Visto que se tratava de julgamento e os que são julgados nada tanto exigem quanto terem os juízes grande solicitude pela justiça, adverte-os, dizendo de certa forma: Para onde te diriges e o que fazes, ó homem, que suportas o contrário do que desejas, e para obteres justiça, vais à procura de homens injustos? E uma vez que seria aborrecido ouvir logo que não convém disputar em juízo, não introduz o assunto imediatamente, mas apenas troca de juízes, reconduzindo à Igreja os que iam ser julgados pelos gentios. Em seguida, como parecia digno de desprezo ser julgado pelos fiéis, e principalmente nessa época (pois talvez não fossem capazes de entender o problema, nem eram tais quais os juízes pagãos, peritos da lei e eloquentes, visto que a maior parte constava de homens vulgares e indoutos), vê como os torna fidedignos, em primeiro lugar chamando-os de santos. Mas como isto só atesta pureza de vida e não apurado conhecimento para uma audiência, vê como trata também dessa parte, nesses termos:

2. *Então não sabeis que os santos julgarão o mundo?*

Tu, portanto, que um dia haverás de julgá-los, como suportas agora ser julgado por eles? Julgarão, contudo, não se assentando e pedindo contas, mas condenando. Paulo o assinala, nesses termos:

E, se é juntamente convosco que o mundo será julgado, seríeis indignos de proferir julgamentos de menor importância?

Não disse: "Por vós", mas *"juntamente convosco"*, conforme a passagem: "A Rainha do Sul se levantará no julgamento juntamente com esta geração e a condenará", e: "Os habitantes de Nínive se levantarão no julgamento, juntamente com esta geração, e a condenarão" (Mt 12,42.41). Com efeito, quando nós, que vemos o mesmo sol e participamos todos de idênticos bens, nos revelarmos fiéis, enquanto eles forem descrentes, não poderão desculpar-se de ignorância, porque os acusaremos através daquilo que praticamos. E é possível encontrar aqui muitos outros critérios. Além disso, vê como generaliza, a fim de não se pensar que está tratando de outro assunto: *E, se é juntamente convosco que o mundo será julgado, seríeis indignos de proferir julgamentos de menor importância?*

Ocasiona-vos muito desabono, diz ele, e inefável desdouro. De fato, como era provável que se envergonhassem de ser julgados por fiéis, ao invés, afirma ele, causa descrédito serdes julgados pelos de fora; pois seus critérios são mínimos, estes não.

3. *Não sabeis que julgaremos os anjos? Quanto mais então as coisas seculares?*

Alguns asseguram que por anjos ele entende os sacerdotes; absolutamente não, porque trata dos demônios. Efetivamente, se ele se referisse a sacerdotes corruptos, tê-los-ia apontado supra, ao dizer: *"É juntamente convosco que o mundo será julgado"*. A Escritura costuma chamar de *"mundo"* os homens injustos. Ele não o diria pela segunda vez, nem repetiria a mesma coisa como se quisesse dizer algo de importante. Mas trata dos anjos, dos quais disse Cristo: "Apartai-vos para o fogo preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41), e Paulo: "Os seus anjos se transfigurem em servidores da justiça" (2Cor 11,15). Com efeito, quando aquelas potestades incorpóreas forem surpreendidas em piores condições do que nós, revestidos de carne, sofrerão penas mais graves. Se alguns ainda se obstinam em afirmar que ele fala acerca de sacerdotes, interrogaremos: De que sacerdotes? Sem dúvida alguma, daqueles que viveram quais seculares. Como, então, assegura: *"Julgaremos os anjos? Quanto mais então as coisas seculares?"* Opõe *"seculares"* a *"anjos"*. E com razão, porque eles, devido à excelência de sua natureza, acham-se isentos de necessitar delas.

4. *Quando, pois, tendes processos seculares para ser julgados, constituís como juízes aqueles que a Igreja despreza?*

Quer ensinar-nos através de uma hipérbole que, seja como for, não se deve entregar os processos aos de fora; apresenta uma objeção ou algo de parecido e primeiro a resolve. Quer dizer o seguinte: Talvez replicará alguém que entre vós não existe sábios, nem alguém capaz de emitir um juízo, mas todos são desprezíveis. E então? E se não houver sábios, responde, entregai-o aos mínimos.

5. *Digo isto para confusão vossa.*

Com tal objeção os refuta, porque o pretexto é supérfluo; por isso adita:

Não se encontra entre vós alguém suficientemente sábio?

É tão grande a penúria? Tanta entre vós a raridade de homens inteligentes? O acréscimo que faz inflige ferimento maior. Tendo dito:

Não se encontra entre vós alguém suficientemente sábio, nem um, acrescenta: *para poder julgar entre os seus irmãos?*

Quando um irmão disputa com outro em juízo, o árbitro da contenda não precisa de grande inteligência e diligência, porque o afeto e o parentesco auxiliam muito na solução do litígio.

6. *No entanto, acontece que um irmão entre em litígio contra seu irmão, e isto diante de infiéis!*

Vês como no princípio recriminava com vantagem os juízes, chamando-os de injustos, aqui, porém, os envergonha, denominando-os infiéis? De fato, é muito indecoroso se nem mesmo entre irmãos o sacerdote proporcione reconciliação, mas seja necessário recorrer aos de fora. Por isso, ao dizer que são desprezíveis, o motivo principal não é que devam ser escolhidos para juízes os indignos, mas para colocá-los em aperto. Na verdade, manifestou que se faz mister confiar a questão aos que têm discernimento, nesses termos: *"Não se encontra entre vós alguém suficientemente sábio"*, nem um só? E de maneira suficiente fecha-lhes a boca, e declara que mesmo que não houvesse sábio algum entre eles, era preferível entregar a causa aos insipientes e não aos de fora. Como não seria, de fato, absurdo que, ao surgir um litígio em casa, não se chama um de fora, e sente-se vergonha de divulgar por fora o que acontece dentro de casa e ao se tratar da Igreja, tesouro de inefáveis mistérios, carregar tudo para fora?

“No entanto, acontece que um irmão entre em litígio contra seu irmão, e isto diante de infiéis!” Dupla culpa: entrar em litígio, e diante de infiéis. Se por si já é um pecado um irmão entrar em litígio em juízo com outro, fazê-lo diante dos de fora que perdão merece?

7. *De todo modo, já é para vós uma falta a existência de litígios entre vós.*

Vês como fala com reserva? E quão oportunamente resolve a questão? Pois ainda não me refiro, afirma ele, a quem faz injustiça ou a quem sofre injustiça; por enquanto pelo fato mesmo de se disputar em juízo, ambos são reprováveis, e um não é melhor do que o outro.

Se, porém, justa ou injustamente se disputa em juízo, o problema é outro. Não digas: Ele foi injusto para comigo; já te condeno pelo fato de disputar em juízo. Se, porém, é culpa não suportar o injusto, qual a culpa de quem pratica a injustiça?

Por que não preferis antes padecer uma injustiça? Por que não vos deixais antes defraudar?

8. *Entretanto, ao contrário, sois vós que cometeis injustiça e defraudais – e isto contra vossos irmãos!*

Novamente duplo crime; ou antes tríplice e quádruplo. Um, de fato, não saber suportar uma injustiça; segundo, cometer injustiça; terceiro, entregar o pleito a juízes injustos; quarto, contra um irmão. Não se iguala a falta cometida contra um estranho ou contra um próprio membro. Quem ousa fazer isto é mais audacioso; no primeiro caso, na verdade, atinge-se apenas a natureza da questão, no segundo, também a qualidade da pessoa. Tendo, portanto, envergonhado através de raciocínios comuns, e anteriormente por meio de promessas de recompensa, conclui a exortação com uma ameaça, tornando o sermão mais vigoroso com as seguintes palavras:

9. *Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados,*

10. *nem os avarentos, nem os ladrões, nem os beberrões, nem os injuriosos, nem os maldizentes, nem os rapaces herdarão o reino de Deus.*

O que dizes? Ao aludires aos avarentos, apresentastes-nos tão grande turba de homens criminosos? Sim, diz ele, mas não faço confusão; procedo ordenadamente. Assim como ao falar dos impudicos, relembra simultaneamente a todos, de novo, citando os avarentos, menciona a todos, acostumando à repreensão os que têm na consciência tais crimes. Pois se alguém, pela menção frequente de outros pecados, ouve qual a pena que lhes é reservada, torna-se-lhe mais fácil a repreensão aos seus próprios pecados. De fato, o Apóstolo não demonstra conhecer a existência de tais pecados entre eles, nem ameaça como quem repreende. Será mais adequado para reter o ouvinte, e impedir que fuja, o sermão que não lhe é diretamente dirigido, e sim proferido de maneira indeterminada, e que lhe atinge ocultamente a consciência. *“Não vos iludais!”* Nesse trecho sublinha que alguns alegam o que agora muitos repetem: Deus é benigno e clemente, não castiga os delitos. Não tenhamos medo, pois nunca imporá pena acerca de coisa alguma, a ninguém. Por essa razão, diz o Apóstolo: *“Não vos iludais!”*. Constitui máxima ilusão e falaz, esperar bens e conseguir o contrário, e suspeitar a respeito de Deus o que ninguém jamais pensou de um homem. Por esse motivo diz o profeta, em seu nome: “Imaginas que eu seja como tu? Eu te acuso e exponho tua iniquidade aos teus olhos” (Sl 49,21), e Paulo nesse lugar: “*Não vos iludais! Nem os impudicos* (coloca em primeiro lugar aquele que já fora condenado), *nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os beberrões, nem os injuriosos herdarão o reino de Deus”*.

Muitos censuraram essa passagem, como muito severa, porque coloca o beberrão e o injurioso ao lado do adúltero, do efeminado e do sodomita. Ora, se os crimes não são iguais, sê-lo-ão os castigos?

O que dizer? Certamente a embriaguez não é insignificante, nem a injúria, visto que Cristo destina à geena quem chama seu irmão de louco. Muitas vezes a consequência desses pecados era a morte; e o povo judeu cometeu pecados gravíssimos por causa da embriaguez. Ademais, o sermão não trata propriamente do suplício, mas da perda do reino. Igualmente um e outro, portanto, são excluídos do reino; se, contudo, na geena houver certa diferença, não cabe agora examiná-lo; não é nosso propósito tratar do assunto.

11. *Eis o que vós fostes, ao menos alguns. Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados*

Causa-lhes grande opróbrio com o acréscimo: Ponderai de quantos males Deus vos livrou, quanta experiência e demonstração de seu amor aos homens vos ofereceu; não estendeu a permuta somente até a libertação, mas aumentou largamente o benefício, porque vos tornou puros. Acaso apenas isso? De forma alguma, mas também santificou; nem somente assim fez, mas também justificou. Ora, só libertar do pecado já constitui grande dom; agora, no entanto, te encheu de inúmeros bens. E isso foi feito.

em nome do Senhor Jesus Cristo,
não neste ou naquele, mas
no Espírito de nosso Deus.

Disso conscientes, caríssimos, e pensando na grandeza do dom recebido, permaneçamos com uma vida temperante, puros de tudo o que foi enumerado, escapemos dos tribunais pagãos, e conservemos a nobreza que Deus nos outorgou. Pensa, pois, qual a vergonha de discutires direitos diante de um tribunal pagão.

Mas, replicas, se um tribunal dos nossos julgar iniquamente? Por que razão? – pergunto. De acordo com quais leis julga o pagão, e conforme quais julga o cristão? Não é evidente que o pagão julga segundo as leis humanas, e o cristão de acordo com as leis de Deus? Neste, por conseguinte, mais se encontra a justiça, porque as leis originam-se do céu. Entre os pagãos, além do supramencionado, há muitos motivos de suspeita: influxo dos oradores, corrupção dos magistrados e muitas outras razões que corrompem a justiça; entre nós, nada disso. E como será, replica-se, se o adversário for poderoso? Por isso mesmo importa sumamente que seja cristão o juiz; diante dos juízes pagãos ele será muito superior a ti. Mas, se ele não concorda, despreza o juízo dos fiéis, e arrasta por força aos de fora? É melhor de bom grado suportares o que forçosamente sofrerás, sem te submeteres a juízo, a fim de obteres de acréscimo recompensa. Pois, diz o evangelho: “E aquele que quer pleitear contigo, para tomar-te a túnica, deixa-lhe também o manto” (Mt 5,25) e: “Assume logo uma atitude conciliadora com o teu adversário, enquanto estás com ele no caminho” (Mt 5,25). E o que havemos nós de dizer? De fato, os próprios advogados dos tribunais dos gentios dizem frequentemente que é melhor resolver o litígio fora dos tribunais.

Mas, ó dinheiro! Ou antes, ó amor desordenado do dinheiro, que tudo subverte e joga por terra! E para muitos, por causa do dinheiro, tudo se torna ninharia e fábula. Não é de admirar que os que se dedicam aos negócios seculares fiquem envolvidos em litígios perante os tribunais; mas que façam o mesmo muitos dos que renunciaram ao século é inteiramente sem desculpa. Pois, se queres ver quanto te prescreve a Escritura abster-te de tais hábitos, a saber, dos tribunais, e saber quais as leis promulgadas, ouve o que afirma Paulo: “A lei não é destinada aos justos, mas aos iníquos e rebeldes” (1Tm 1,9). Se ele se refere à lei mosaica, muito mais se aplica às leis pagãs. Se, portanto, praticas a injustiça, é evidente que não és justo; se, porém, sofres a injustiça e a suportas (o que é especialmente peculiar ao justo), não necessitas de forma alguma das leis pagãs. E de que modo, perguntas, poderei suportar a injustiça? Ora, Cristo ordenou algo de maior. Não somente mandou suportar a injustiça,

mas ainda aumentar a liberalidade para com o inimigo, e superar com a pronta disposição para o sofrimento a vontade maligna do injusto. Com efeito, não disse apenas: E aquele que quer pleitear contigo, para tomar-te a túnica, deixa-lhe a túnica, mas também com ela entrega o manto. Vence-o tolerando o mal, e não praticando. Seria ilustre e esplêndida vitória. Em vista disso, prossegue Paulo: *“De todo modo, já é para vós uma falta a existência de litígios entre vós. Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça?”* (1Cor 6,7). Vou comprovar-vos que vence antes o que sofre a injustiça do que aquele que não a suporta. Quem não suporta a injustiça, mesmo que leve a questão a um tribunal, mesmo que supere, é então realmente que é vencido. Sofreu o que não queria: o adversário o obrigou a aborrecer-se e pleitear em juízo. Em que venceste? Por que recebeste todo o dinheiro? No entanto, estiveste sujeito ao que não querias: foste obrigado a pleitear em juízo. Efetivamente, se suportas a iniquidade, vences apesar de privado do dinheiro, mas essa vitória não é acima da grande sabedoria: não pôde o adversário obrigar-te a fazer o que não querias. Para verificares que é verdade, dize-me: Quem venceu? O invejoso ou aquele que jazia no esterco? Quem superou? Jó, cujos bens lhe foram todos arrebatados, ou o diabo que tudo tirou? É evidente que foi o diabo, que lhe roubou tudo. A quem admiramos em vista da vitória, o diabo que feriu, ou Jó que foi ferido? É claro que é Jó. Ora, ele não pôde conservar as riquezas perecíveis, nem preservar a incolumidade dos filhos. E por que falo de riquezas e filhos? Não pôde manter a saúde do corpo. No entanto, ele que perdeu todas as posses foi vencedor. Não pôde, de fato, reter as riquezas, mas conservou com todo cuidado a piedade. Aos filhos que morreram não pôde socorrer. E então? Entretanto, o evento tornou-os mais ilustres; e também a ele, atingido pela tribulação, trouxe proveito. Se, de fato, não tivesse padecido e sofrido dano da parte do diabo, não obteria aquela esplêndida vitória. Se suportar a injúria fosse um mal, Deus não no-lo teria ordenado; pois Deus não preceitua o mal. Não sabeis que ele é o Deus da glória? Nem haveria de querer envolver-nos em opróbrios, zombaria e prejuízo, mas arranjar-nos-ia o contrário. Por isso, manda-nos tolerar a injúria, e tudo faz para nos apartar das coisas seculares, e convencer-nos a respeito do que constitui glória, o que é opróbrio, o que é dano, o que é lucro.

Mas é duro sofrer injúrias e dano? Não é duro, não é, ó homem! Até quando anelas pelos bens presentes? Deus não o teria ordenado, se fosse um mal. Pondera, no entanto: quem cometeu injustiça, partiu de posse das riquezas, mas também tendo a consciência onerada; quem sofreu a injustiça, foi privado do dinheiro, mas adquiriu junto de Deus confiança, mais preciosa que a posse de mil tesouros. Disto cientes, reflitamos de bom grado, e não sejamos dos estultos que não consideram dano a aflição proveniente de um tribunal. Entretanto, constitui máximo e total prejuízo não pensar assim por livre vontade, mas coagido. Não obtêm lucro algum os que sofrem, vencidos em juízo, porque, enfim, o resultado advém necessariamente. Qual, então, a vitória esplêndida? Desprezares, não pleiteares em juízo. O quê? – retrucas. Meus bens todos me foram roubados e mandas que me cale? Sofro prejuízo e me exortas a tolerar com mansidão? E será possível? É facílimo se olhares para o céu, se vires sua beleza, e onde Deus prometeu que há de te receber se suportares generosamente a injustiça. Faze isso e, tendo olhado para o céu, pensa que te tornaste semelhante àquele que se acha ali sentado sobre querubins. De fato, também ele sofreu opróbrios e os suportou; foi insultado e não retribuiu; ofendido com escarros e não se vingou, ao invés, remunerou, concedeu inúmeros benefícios àqueles que deste modo procederam e ordenou que fôssemos seus imitadores. Pensa que nu saíste do seio materno, nu reverterás à terra tu e aquele que te infligiu injustiça; ou antes, ele com incontáveis feridas, onde pululam os vermes. Reflete que são temporárias as realidades presentes, pensa no sepulcro dos antepassados. Toma claramente conhecimento dos acontecimentos, e verás que aquele que te causou injustiça fortificou-te. Enquanto nele a paixão, isto é, o amor do dinheiro, se fez mais grave, a tua se enfraqueceu quando ele retirou o pábulo daquela fera. Além disso, livrou-te das preocupações, da

angústia, da inveja dos detratores, do tumulto, da agitação, do medo contínuo e acumulou um fardo de males sobre sua cabeça. Mas, o que farei, dizes, se tiver de lutar contra a fome? Sofrerás em companhia de Paulo, que disse: “Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez” (1Cor 4,11). Todavia ele sofreu, dizes, por causa de Deus. E tu também por causa de Deus, pois quando não te vingares, tu ages assim por causa de Deus. Mas aquele que me fez injustiça, delicia-se com as riquezas. Ao contrário, é juntamente com o diabo, enquanto tu serás coroado com Paulo. Não temas a fome: “O Senhor não deixa o justo faminto” (Pr 10,3). E outra passagem diz: “Descarrega teu fardo no Senhor e ele te nutrirá” (Sl 55,23). Se ele nutre os pássaros do campo, como não te nutrirá? Não sejamos, portanto, de fé diminuta, nem pusilânimes, caríssimos. Quem prometeu o reino dos céus e tão grandes bens, como não dará o necessário no presente? Não desejemos o supérfluo, mas contentemo-nos com o suficiente, e sempre seremos ricos. Procuremos veste e o sustento, e receberemos tudo, isso e muito mais. Se, porém, ainda te lamentas e olhas para baixo, gostaria de te mostrar a alma daquele que te fez injustiça como se reduziu a cinzas após a vitória. Pois tal é o pecado: enquanto é cometido, ocasiona certo prazer; consumado, aquele pequeno gosto escapa, e sucede-lhe a tristeza do espírito. De fato, é isto o que sentimos quando injuriamos os outros; depois nós mesmos nos acusamos. Assim também ao roubarmos, alegramo-nos; em seguida a consciência nos atormenta.

Vês alguém que tomou a casa do pobre? Chora, não aquele que foi privado, mas aquele que a tomou; não causou o mal, mas foi atingido. Pois, na verdade, ele espoliou o pobre dos bens presentes, de si, contudo, apartou bens inefáveis. Pois se aquele que não dá ao pobre lança-se na geena, quem tirou dos necessitados, o que sofrerá? E qual a vantagem, perguntas, se sou eu que padeço? Certamente, grande proveito. Deus não te deu em troca o suplício de quem te fez mal, porque não seria grande lucro. Qual a vantagem se eu me sinto mal e ele também? Embora eu tenha conhecido a muitos que consideram a maior consolação e julgam que receberam tudo se vêm castigados aqueles que os prejudicaram. No entanto, Deus não limita dessa forma a remuneração. Mas queres saber quantos bens te esperam? Abre para ti todo o céu, torna-te concidadão dos santos, és admitido no coro deles, absolve teus pecados, coroa-te com a justiça. Se, pois, conseguem remissão os que perdoam aos que pecaram, que bênção não haverão de receber os que agora não somente perdoam, mas prodigalizam? Não sejas, portanto, pusilânime, mas reza também por aquele que te lesou; para ti mesmo é que assim ages. Recebeu teu dinheiro? Mas também assumiu os pecados, conforme aconteceu no caso de Naaman e Giezi. Quanto dinheiro não gostarias de distribuir para que te fossem perdoados os pecados? Isso agora é usual: se suportas generosamente a injustiça, e não maldizes, preparas esplêndida coroa. Não é palavra minha, mas ouviste Cristo dizer: “Orai pelos que vos perseguem”, e pensa na grandeza do prêmio: “Deste modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,43.45). Por conseguinte, de nada foste privado, mas até lucraste; não foste prejudicado, mas coroado, e com a alma mais sábia, tu te fizeste semelhante a Deus, e livre da inquietação com as riquezas, conseguirás o reino dos céus.

Considerando tudo isso, caríssimos, nas injustiças reflitamos bem, para sermos livres da agitação da vida presente, expulsarmos a tristeza inútil, e conseguirmos a alegria futura, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual, com o Pai, na unidade do Espírito Santo seja glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SÉTIMA HOMILIA

4. A FORNICAÇÃO

12. *Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas não me deixarei escravizar*

por coisa alguma.

Aqui alude aos vorazes. Uma vez que ia retornar aos impudicos, e a fornicação se origina dos prazeres e da imoderação na comida, vigorosamente repreende este vício. Na realidade, não trata aqui de coisas proibidas, ilícitas, mas de algumas que parecem indiferentes. Por exemplo, digo: É permitido comer e beber, mas em excesso não convém. É espantoso e imprevisto e, no entanto, costuma com frequência acontecer que o Apóstolo encaminhe o discurso em sentido contrário; é o que realiza aqui e demonstra que não convém fazer tudo o que é possível, o que não seria liberdade, mas verdadeira escravidão. E em primeiro lugar, de fato, afasta o que é inconveniente, dizendo: *"Nem tudo convém"*, e em segundo lugar, induz ao contrário, dizendo: *"Não me deixarei escravizar por coisa alguma"*. Quer dizer: Comer está em teu domínio; portanto, mantém tal possibilidade, mas emprega precaução para não te tornares escravo desta paixão. De fato, quem a utiliza convenientemente, é seu dono, mas quem excede a medida, não é mais dono de forma alguma, e torna-se escravo, porque a gula exerce tirania sobre ele. Vês que assinala estar sob domínio aquele que se considerava com poder? Paulo, de fato, costuma agir assim, conforme já mencionei, refutando as objeções; foi o que sucedeu aqui. Observa, contudo: alguém dissera: É lícito deliciar-me. Paulo responde, porém: Não ages desta forma porque podes, e sim sujeito a um domínio. Pois não tens poder sobre o ventre enquanto fores muito indulgente para com ele, e é ele quem se apodera de ti.
O mesmo igualmente se pode afirmar acerca das riquezas etc.

13. *Os alimentos são para o ventre*

Não chama aqui de ventre o próprio ventre, mas a voracidade, conforme declara: "Seu deus é o ventre" (Fl 3,19); não se refere ao órgão, mas à voracidade. Em confirmação de que assim é, escuta a continuação: e o ventre para os alimentos. Mas o corpo não é para a fornicação e, sim, para o Senhor.

Ora, o ventre também pertence ao corpo. O Apóstolo fez duas aproximações: alimentos e saciedade (que denominou ventre), Cristo e o corpo. O que significa: *"Os alimentos são para o ventre"*? Os alimentos, diz ele, e a voracidade são amigos, e esta voracidade é afim ao ventre. Não pode, portanto, levar-nos a Cristo, mas atrai a si. É paixão grave e feroz, escraviza, quer ser servida. Por que, então, anelas tão avidamente pelos alimentos, ó homem? A finalidade de seu serviço é animal, e nada mais. É uma senhora, a qual uma escrava serve e que permanece retida nessa escravidão, e não procede avante; não tem outro serviço, senão este que é vão. E ambos – o ventre e os alimentos, os alimentos e o ventre – estão unidos um ao outro e se dissolvem, envolvidos em interminável curso circular: assim, de um corpo corrompido nascem vermes, e por sua vez o corpo é consumido pelos vermes, ou uma onda se ergue a grande altura e se dissolve, e nada mais. Não diz isso acerca dos alimentos e do corpo, mas ataca o vício da gula e da imoderação nos alimentos, como o demonstra a sequência, pois acrescenta: *e Deus destruirá aqueles e este.*

Não trata do ventre, mas da imoderada cupidez, não do alimento, e sim das delícias. Não se incomoda a respeito do alimento, dá, contudo, uma norma nesses termos: "Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso" (1Tm 6,8). Desse modo reprova a imoderação, e, tendo dado conselho, emenda fazendo votos. Alguns asseguram que a palavra é profecia a manifestar as condições no século futuro, no qual não mais se haverá de comer nem de beber. Se o uso moderado termina, bem mais a abstenção do emprego imoderado. Em seguida, a fim de que ninguém julgue que se trata de acusação do corpo, nem suspeite que a condenação de uma parte vale para o corpo inteiro, nem diga que a natureza do corpo é causa de fornicação, escute o seguinte: Não acuso a natureza do corpo, afirma ele, e sim a imoderada cupidez da alma; por isso acrescenta: *"Mas o corpo não é para a fornicação e, sim, para o Senhor"*.

Com efeito, não foi formado para viver na libertinagem e se entregar à fornicação, nem o ventre foi feito para a gula, e sim para seguir a Cristo como Cabeça, e o Senhor se imponha ao corpo. Respeitemos, estremeçamos, porque, tendo sido considerados dignos da honra de sermos membros daquele que está sentado no céu, desonramo-nos com tais pecados. Havendo censurado suficientemente a gula, ainda aparta de tal vício por meio da esperança dos bens futuros, dizendo:

14. *Ora, Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitará também a nós pelo seu poder.*

Vês novamente a sabedoria do Apóstolo? De fato, sempre apresenta a ressurreição por intermédio de Cristo como fidedigna, principalmente agora. Se nosso corpo é membro de Cristo, e Cristo ressuscitou verdadeiramente, certamente o corpo seguirá a cabeça. *“Pelo seu poder.”* Tendo enunciado algo que parece incrível e não é perceptível por intermédio dos raciocínios, concede que tudo o que é relativo à ressurreição de Cristo pertence à incompreensibilidade de seu poder, retirando daí não pequena demonstração contra os incrédulos. E não a baseou na ressurreição do próprio Cristo, visto que não disse: Deus, porém, também ressuscitará o Senhor. O evento já se realizou. Mas como? *“Ora, Deus, que ressuscitou o Senhor”*, e não precisou comprovar. A respeito de nossa ressurreição, que ainda não aconteceu, não se exprime assim, mas de que modo? *“Ressuscitará também a nós pelo seu poder.”* Sendo fidedigno o poder daquele que ressuscitou, tapa a boca dos contraditores. Se atribui ao Pai a ressurreição de Cristo, nada te conturbe.

Não faz tal afirmação porque Cristo não poderia fazê-lo por si; o próprio Cristo, de fato, declarou: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19) e ainda: “Tenho o poder de entregar a minha vida e poder de retomá-la” (Jo 10,18), e Lucas nos Atos declara: “A eles mostrou-se vivo” (At 1,3). Por que, então, Paulo assim se expressa? Porque ele atribui ao Pai o que é do Filho, e o que é do Pai ao Filho, conforme diz a Escritura: “Tudo o que o Pai fez o Filho o faz igualmente” (Jo 5,19). De modo oportuno relembra aqui principalmente a ressurreição, e com tais esperanças reprime a tirania da gula e não somente nesses termos: Comeste, bebeste sem medida, e qual será o final? Nenhum, a não ser apenas a corrupção. Estás unido a Cristo, e qual será o final? Grande e admirável, a futura ressurreição gloriosa, que supera toda palavra.

Ninguém, portanto, negue fé na ressurreição; se, entretanto, alguém não acreditar, reflita em quantas coisas Deus criou do nada, e retire daí a conclusão. Pois os feitos são muito mais admiráveis, e exigiam enorme milagre. Notai, contudo: Deus tomou um punhado de terra, misturou e fez o homem; de terra, digo, que antes não existia. Como, portanto, da terra se fez o homem? Como, sendo inexistente, foi produzida? Como dela tudo saiu, as imensas espécies dos irracionais, das sementes, das plantas, sem dores de parto, sem que a chuva caísse, sem agricultura, nem bois, arados ou qualquer outra contribuição para seu nascimento? Por conseguinte, da terra, elemento inanimado e insensível, surgiram tantos gêneros de plantas e animais irracionais, de sorte a ensinarem a possibilidade da ressurreição desde os primórdios. Pois isso é mais difícil do que a ressurreição. Não é a mesma coisa reacender uma lâmpada apagada, e fazer surgir o fogo que ainda não se vê; não é igual reedificar uma casa arruinada, e construir outra que de modo algum existe. Nesse caso, apesar de nada mais existir, no entanto havia a matéria subjacente; no outro, porém, não existia nem a substância. Por isso, fez o que parecia mais difícil em primeiro lugar, para admitires o que era mais fácil. Digo mais difícil, não para Deus, para os nossos raciocínios. Com efeito, para Deus nada é difícil, mas, se o pintor que faz uma imagem, fará facilmente inúmeras, assim também foi mais fácil para Deus criar inumeráveis mundos e infinitos mundos; ou melhor, como é fácil imaginar uma cidade e infinitos mundos, assim é fácil para Deus criar, ou antes, muito mais fácil. Tu, na realidade, consomes ao menos um pouco de tempo neste pensamento; para Deus, contudo, não é assim, mas quanto às pedras são mais pesadas que

as coisas mais leves, ou até do que nossa mente, tanto a velocidade de nossa mente é superada pela rapidez de Deus no ato de criar. Admiraste seu poder relativamente à terra? Pondera ainda como o céu foi criado quando não existia, como as inumeráveis estrelas, o sol, a lua e todos os seres antes inexistentes. Ainda, dize-me, como depois de feitas continuam estáveis e sobre qual base? Que apoio, que terra? E o que há debaixo da terra? E depois ainda, mais abaixo da terra, o quê? Vês a vertigem que ataca a visão de tua mente, se imediatamente não recorreres à fé e ao incompreensível poder do Criador? Se quiseres também fazer conjecturas baseadas nas realidades humanas, poderás paulatinamente dar asas à mente. De que realidades humanas? – perguntas. Não vês que os oleiros de pedaços de barro informes modelam um vaso? Os que escavam minas, a extraírem da terra ouro, ferro e cobre? Os que fabricam o vidro, a transformarem a areia em corpo sólido e lúcido? Falarei dos curtidores, dos tintureiros de púrpura, como exibem de maneira diferente o objeto tinto? Tratarei de nossa geração? Acaso não entra no seio que o acolhe um sêmen informe e sem figura? De onde, pois, surge tão grande estrutura animal? E o que acontece ao trigo? Não se joga na terra um simples grão? Acaso não apodrece depois de jogado? De onde nascem as espigas, as barbas, os cálamos etc. Um pequeno grão de figo muitas vezes cai na terra e produz raiz, ramos e frutos? Certamente admites cada um destes casos e não o examinas curiosamente. Somente de Deus que prepara o nosso corpo pedes contas? E isso merece perdão?

Digamos estas e outras coisas aos gentios. Aos que aceitam as Escrituras, não é preciso falar. De fato, se quiserem examinar curiosamente tudo, o que Deus terá a mais do que os homens? Embora não interroguemos curiosamente nem acerca de muitos homens. Se assim agimos para com os homens, e não pesquisamos curiosamente, muito menos devemos perscrutar a sabedoria de Deus, ou pedir-lhe contas. Em primeiro lugar, de fato, porque é digno de fé aquele que falou; em segundo, porque a própria realidade não admite exame de raciocínios. Pois Deus não é de tal modo pobre que só opera aquilo que a fraqueza de teus raciocínios pode compreender. Se não compreendes a obra de um operário, muito menos a de Deus, ótimo artífice. Não negues, portanto, fé à ressurreição; irias para muito longe da esperança dos bens futuros. Mas, qual é a sabedoria dos contraditores, ou melhor, a imensa estultície? E como, dizem eles, quando o corpo se misturar à terra e se tornar terra, que se transferir para outro corpo, ressurgirá? Isso te parece duvidoso, mas não para aqueles olhos vigilantes. Pois a eles tudo é manifesto. E não vês a distinção na confusão; ele, porém, tudo conhece. Na verdade, ignoras o que há no coração do próximo, mas ele tudo sabe. Se, portanto, pelo fato de ignorares de que maneira Deus ressuscita, não acreditas que ele pode ressuscitar, não crês também que conhece o que se passa na mente, porque também não é manifesto. Ora, no corpo a matéria é visível, embora se dissolva, enquanto os pensamentos são invisíveis. Quem, portanto, conhece minuciosamente as coisas invisíveis, não verá as visíveis, nem facilmente distinguirá o que é de cada corpo? É inteiramente manifesto. Não recuses, portanto, acreditar na ressurreição, o que seria opinião diabólica. O diabo cuida de que não só não se creia na ressurreição, mas também que se dissipem e pereçam as obras da virtude. Pois o homem que não espera que há de ressuscitar, e prestar contas de suas obras, não praticará facilmente a virtude; e se não se aplica à virtude, por sua vez não acreditará que há de ressuscitar. Uma coisa comprova a outra: a malignidade pela incredulidade, e a incredulidade pela malignidade. Com efeito, a consciência sobrecarregada de pecados, que teme e treme por causa da futura retribuição, visto que não quer obter consolo pela conversão ao que é melhor, quer alcançar repouso na incredulidade. Se, pois, não dizes que há ressurreição nem juízo, ele também replicará: Portanto, nem eu prestarei conta de meus crimes. Mas afirma Cristo: “Estais enganados, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus” (Mt 22,29). Deus também não teria feito tanto se não quisesse nos ressuscitar, e sim nos dissolver e reduzir a nada. Não teria estendido tanto o céu, nem

espalhado a terra, nem criado todo o restante somente para essa curta vida. Se, porém, fez tudo isso no presente, o que não fará no futuro? Se, porém, nada haverá de sobrevir, somos muito mais insignificantes do que tudo o que foi feito por nossa causa. Efetivamente, o céu, a terra, o mar, os rios são mais estáveis do que nós, bem como alguns animais; de fato, o gênero das gralhas e dos elefantes e muitos outros gozam mais tempo da vida presente. Nossa vida é breve e laboriosa, não a deles, pois sua longa vida está isenta de tristezas e cuidados. Então, portanto, dize-me, fez os escravos em melhor condição do que os donos? Não penses isso, por favor. Não sejas de espírito tacanho, ó homem, nem ignores as riquezas de Deus, uma vez que possuis tal Senhor. Pois no começo Deus quis te criar imortal; tu não o quiseste. Efetivamente, também havia os símbolos da imortalidade: a convivência com Deus, a vida feliz, livre de tristezas e preocupações e labores e outras tribulações temporais. Adão não precisava de veste, de teto, nem de quaisquer apetrechos; ou melhor, era semelhante aos anjos, previa muitas coisas futuras, e estava repleto de sabedoria. E soube o que Deus fizera ocultamente, isto é, o que se referia à mulher; por isso dizia: "Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne!" (Gn 2,23). O labor, porém, apareceu posteriormente, e em seguida o suor, depois o pudor e a timidez e a dificuldade de falar com liberdade; anteriormente não havia tristeza, nem dor, nem gemido. Mas Adão não conservou aquela dignidade.

No entanto, o que farei? – perguntas. Por causa dele, vou me perder? Não propriamente por causa dele; pois tu também não permaneceste sem pecado, mas, se não cometeste aquele pecado, cometeste de fato um outro. Aliás, da punição não recebeste dano, mas lucraste. Pois se devesses ficar para sempre mortal, terias talvez alguma razão em tuas palavras; agora, porém, és imortal, e se quiseres, poderás resplandecer mais do que o sol. Mas se eu não tivesse recebido um corpo mortal, replicas, não pecaria. Como? – dize-me. Então Adão, ao pecar, tinha um corpo mortal? De forma alguma; pois se fosse mortal, não teria sofrido depois o castigo da morte. Daí se deduz claramente que o corpo mortal não constitui impedimento para a virtude, mas torna temperante e confere muitos bens. Se, pois, somente a expectativa da imortalidade exaltou tanto a Adão, a que arrogância não chegaria se de fato tivesse continuado imortal? E agora, na verdade, depois do pecado, podes apagar os pecados, sendo o corpo humilde, vil e evanescente. Tais pensamentos podem te tornar temperante; se, porém, pecasses em condição imortal, talvez os pecados fossem mais permanentes. A causa do pecado não se encontra, portanto, na natureza mortal. Não a acuses. Mas é o mau propósito da vontade a raiz dos males. Por que, então, o corpo não prejudicou a Abel? Por que nada adiantou aos demônios o fato de serem incorpóreos? Queres saber como o corpo que se tornou mortal não prejudica, mas até auxilia? Escuta quanto daí lucrarás, se fores vigilante. Afastar-te-á e retrairá do vício por meio das dores das tristezas, dos labores e outras coisas semelhantes. Mas também, replicas, atrai à fornicação. Não é o corpo, mas a incontinência; na verdade, tudo o que mencionei pertence, de fato, ao corpo. Por isso não é possível ao homem que vem à vida presente não ter doença, dor e tristeza; mas pode não fornicar. Por conseguinte, se pertencesse à natureza do corpo o que é relativo ao vício, seria universal, pois generaliza-se o que é natural. Ora, fornicar não é tal. Sentir pesar provém da natureza, mas fornicar se origina do propósito da vontade. Não acuses, portanto, o corpo, o diabo não te arrebate a honra que Deus te concedeu. Se quisermos, o corpo será ótima brida que impeça os movimentos impulsivos da alma, derrube a arrogância, reprima o orgulho; e está a nosso serviço para as maiores obras de virtude. Não me fales de alguns que estão fora de si; com efeito, frequentemente vemos cavalos que jogam para trás o cocheiro com as rédeas e se lançam em precipícios e, contudo, não culpamos as rédeas. Não são a causa da desordem, mas o cocheiro que não conteve e pôs tudo a perder. Assim, considera o seguinte: Se vires um jovem órfão a cometer inúmeros crimes, não acuses o corpo, mas o cocheiro que o arrasta, a saber, a razão. Pois, como as rédeas não ocasionam dificuldades ao cocheiro, mas ele é a

única causa de tudo porque não segura direito as rédeas, e em consequência deve sofrer a pena, porque as rédeas embaraçadas arrastam-no e forçam-no a participar de seu infortúnio, assim também acontece em nosso caso. Eu, no entanto, dizem as rédeas, governava o cavalo pela boca, enquanto tu me seguravas; mas porque me soltaste, exijo que sejas castigado por teu descuido, eu te enlaço e arrasto, a fim de não mais suceder coisa semelhante. Ninguém, portanto, culpe as rédeas, mas a si mesmo e ao ânimo corrupto. Como em nós a razão faz o papel de cocheiro, o corpo de rédeas que produzem a ligação entre os cavalos e o cocheiro, se elas estiverem em posição correta, nada de grave acontecerá; do contrário, se descuidadas, tudo dissipas e perdes. Sejamos, portanto, temperantes, e não acusemos o corpo, e sim a vontade malvada. De fato, esta é principalmente a obra do diabo: induzir os estultos a acusarem antes o corpo, a Deus e ao próximo do que ao espírito corrupto, a fim de não suceder que, encontrando a causa, livrem-se da raiz dos males. Mas vós, ao conhecerdes as insídias, revertei a ira contra ele, e entregando rédeas ao cocheiro, dirigi para Deus os olhos da mente. Pois, nos outros combates aquele que propôs o certame em nada contribui, mas aguarda o final; aqui, porém, quem especialmente preside aos jogos é Deus. Seja-nos ele propício, e conseguiremos certamente os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, honra, império, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA OITAVA HOMILIA

15. *Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei então os membros de Cristo para fazê-los membros de uma prostituta? Por certo, não!*

Tendo passado do fornicador ao avaro, ele retorna ao primeiro, de resto sem se dirigir diretamente a ele, mas aos outros que não haviam fornicado, e premunindo-os para que não caíssem em pecado semelhante, mais uma vez o ataca. Pois o pecador, mesmo se diriges a palavra a outro, sente-se compungido, porque a consciência o desperta e verbera. Na verdade, bastava o medo do suplício para contê-los na castidade; no entanto, não quer que somente o medo os corrija, mas apresenta simultaneamente ameaças e raciocínios. Ali, portanto, tendo declarado o pecado, estabelecido a pena, manifestado o dano que ocasionava a todos esta união impudica, passa à avareza e ameaça de exclusão do reino, a este e a todos os outros que rememorou, e deste modo conclui o discurso; aqui, todavia, introduz horrível admoestação. Com efeito, quem somente pune o pecado, não revela o quanto é grave e iníquo, porque nada disso faz o castigo; quem, ao invés, apenas causa vergonha e não atemoriza pela punição, não tanto atinge os insensíveis. Por isso, Paulo aqui faz ambas as coisas. Incute vergonha, dizendo: *“Não sabeis que julgaremos os anjos?”* (1Cor 6,3), e atemoriza, nesses termos: *“Não sabeis que... nem os avarentos... herdarão o Reino de Deus”* (1Cor 6,9). E a respeito do impudico mais uma vez emprega a mesma expressão. Havendo atemorizado com o que dissera antes, excomungado, entregado a Satanás, e relembrado o futuro dia, novamente o envergonha: *“Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?”*. Exprime-se como se falasse a meninos nobres. Uma vez que disse: *“Corpo do Senhor”*, agora o explica melhor. Em outra passagem também o faz, dizendo: *“Ora vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte”* (1Cor 12,27). E este mesmo exemplo apresenta com frequência, não sobre idêntico assunto, mas por vezes a fim de manifestar amor, por vezes, para aumentar o temor; aqui, porém, o emprega atemorizando e incutindo medo. *“Tomarei então os membros de Cristo para fazê-los membros de uma prostituta? Por certo, não!”* Nada de mais horrível se poderia dizer. E não disse: Tomarei os membros de Cristo e uni-los-ei a uma meretriz, mas o quê? *“Para fazê-los membros de uma prostituta”*. Assim feria mais. Em seguida prova como se realiza isso no fornicador, dizendo:

Não sabeis que aquele que se une a uma prostituta constitui com ela um só corpo?

Como isto se evidencia?

Pois está dito: Serão dois em uma só carne.

17. *Ao contrário, aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito.*

A união carnal não permite que dois sejam dois, mas de ambos faz um só. E vê novamente como avança empregando os nomes próprios, acusando por meio da prostituta e por meio de Cristo.

18. *Fugi da fornicação.*

Não disse: Abstende-vos da fornicação, mas: *"Fugi"*, isto é, empregai zelo para ficardes livres do mal.

Todo pecado que o homem cometa é exterior ao seu corpo; aquele, porém, que se entrega à fornicação, peca contra o próprio corpo!

É menos forte do que as afirmações anteriores; mas como ali falava da fornicação, vai acentuando, acrescendo o crime da parte dos maiores e dos menores. Primeiro, na verdade, foi dito aos cristãos mais perfeitos, aqui, contudo, aos mais fracos. Aqui também se encontra a sabedoria de Paulo: não somente incute pudor a respeito das coisas maiores, mas também das menores, do que é torpe e indecoroso.

Então, replicas, acaso o homicida não mancha as mãos? E o avaro e o rapace? É totalmente claro, mas como não podia afirmar que nada é pior do que o fornicador, de outra maneira acentua o crime afirmando que pela fornicação todo o corpo se torna abominável. Como alguém que caia numa caldeira de imundícies fica sujo, assim este se mancha. Coisa idêntica faz parte de nossos costumes. Em consequência da avareza e da rapina ninguém cuida de ir ao banho, mas sem ponderação alguma vai para casa; da união à meretriz, como se ficasse todo imundo, vai lavar-se; assim tem consciência da mácula torpe deste pecado. Ambas certamente são graves, a saber a avareza e a fornicação e levam para a geena; no entanto, como Paulo age sempre com prudência, empregou tudo o que podia para acentuar o crime da fornicação.

19. *Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós?*

Não diz simplesmente: *"Do Espírito"*, mas: *"Que está em vós"*, uma palavra de consolação, e ainda explica nesses termos: *e que recebestes de Deus*.

Declara quem é o doador, simultaneamente exalta o ouvinte, e atemoriza pela grandeza do depósito, pelo desejo e zelo de quem deposita.

...e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos.

Agora não só fala como quem estimula o pudor, mas também de quem impele à virtude. Como? Fazes o que queres, dizes.

Não és senhor de ti próprio. Não se exprime dessa forma para excluir o livre-arbítrio. De fato, tendo dito: "*Tudo me é permitido, mas nem tudo convém"*, não exclui a nossa liberdade; e nesse trecho novamente ao escrever: "*Não pertenceis a vós mesmos"*, não arruína o propósito da vontade, mas aparta do mal e revela a solicitude do Senhor. Por isso acrescenta:

20. *Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate;*

Se, portanto, não me pertenço, como exiges de mim o que se deve fazer? Como na sequência novamente dizes: glorificai, portanto, a Deus em vosso corpo e em vosso espírito, que pertencem a Deus?

O que significa, portanto: *"Não pertenceis a vós mesmos"*? E o quer insinuar por estas palavras? Quer estabelecer que seguramente não pequemos, nem sigamos as concupiscências desordenadas do

espírito. De fato, queremos muitas coisas absurdas, mas devemos reprimi-las, porque podemos; se não o pudéssemos, seria supérflua a admoestação. Vê, portanto, como nos corrobora. Tendo dito: *“Não pertenceis a vós mesmos”* não aditou: Sois coagidos, e sim: *“Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate”*. Por que vos expressais desse modo? Pois noutra parte, diria talvez alguém, importava exortar, mostrando que temos um Senhor. Mas isso, na verdade, nos é comum com os gentios; enquanto a locução: *“Alguém pagou algo preço pelo vosso resgate”*, aplica-se especialmente a nós. Relembra a grandeza do benefício, e o modo da salvação, revelando que nós, quando éramos estranhos, fomos resgatados; e não simplesmente, mas por alto preço. *“Glorificai, portanto, a Deus em vosso corpo”* e no Espírito. Desta forma se expressa não somente para fugirmos da fornicação quanto ao corpo, mas também quanto ao espírito não cogitemos mal algum, nem rejeitemos a graça. *“Que pertencem a Deus”*. Por ter dito: *“Vosso”*, acrescentou: *“Que pertencem a Deus*, relembrando-nos continuamente que tudo pertence a Deus, o corpo, a alma e o espírito. Todavia, alguns dizem que com a locução: “*Em vosso espírito”* alude ao carisma. Pois, se o tivermos, Deus é glorificado; teremos, na verdade, se tivermos puro o coração. Afirmou, porém, que pertencem a Deus, não somente porque ele os criou, mas porque estavam alienados e pela segunda vez foram adquiridos, pelo preço do sangue do Filho. Vê como consumou tudo em Cristo, como nos levou para o céu. Sois membros de Cristo, disse ele, sois templo do Espírito; portanto, não vos torneis membros de uma prostituta, não lanceis opróbrio sobre vosso corpo; não é vosso o corpo, mas de Cristo. Proferia tais palavras, e simultaneamente nos manifestava o amor de Cristo, porque o nosso corpo lhe pertence, e ele nos libertou do poder do mal. Com efeito, se o corpo é de outrem, não tendes o direito de injuriar o corpo que não vos pertence, diz ele, principalmente quando é do Senhor, nem de profanar o templo do Espírito. Se alguém entrar numa casa particular, e com petulância, sofrerá extremo castigo; pondera quantos males há de padecer quem fizer do templo do rei um covil de ladrões.

Com tais pensamentos, portanto, respeita quem nela habita, pois é o Paráclito. Teme aquele que a ti está unido e ligado, pois é Cristo. Acaso tu mesmo te fizeste membro de Cristo? Reflete, continua casto. De quem eram os membros e de quem se tornaram? Antes eram membros de uma meretriz, e Cristo os transformou em membros de seu próprio corpo. Doravante não tens poder sobre eles. Serve aquele que te libertou. De fato, se tivesses uma filha e, por grande loucura, vendendo-a ao dono do prostíbulo, a prostituísses, depois o filho do rei de passagem a libertasse daquela servidão e a tomasse por esposa, estaria em teu poder depois reconduzi-la ao prostíbulo? Uma vez a deste e vendeste. Assim sucede em nossa questão; vendemos nossa carne ao diabo, pesado dono do prostíbulo. Cristo, ao vê-la, arrebatou-a e libertou-a daquela amarga tirania. Por conseguinte, já não é nossa, mas do libertador. Se queres, utiliza-a como esposa do rei, ninguém o impedirá; do contrário, se a reconduzires ao primeiro estado, sofrerás o mesmo que é justo infligir a tais insolentes. Por isso, antes deves orná-la do que infligir-lhe opróbrios. Não tens a faculdade de seguir a carne com suas concupiscências, mas somente de praticar aquilo que Deus ordenou. Pondera, portanto, de quão grande ultraje Deus libertou a nossa natureza, que jazia prostrada como a pior meretriz. Pois os latrocínios, os homicídios, e qualquer dos maus pensamentos que nela penetra, copula-se à alma, em vista de pequeno e vil lucro, a saber, o prazer presente. De fato, a alma, entregue aos maus pensamentos e atos, obtém só essa recompensa.

Mas se anteriormente era grave cometer tais pecados, era menos grave; mas depois do céu, depois do reino, depois de participar dos tremendos mistérios, novamente manchar-se, que perdão terá? Não julgas que com os avarentos e todos os que enumerei, o próprio diabo se junta? Não se misturam com ele as mulheres ornadas para a luxúria? Quem contradiz a essas palavras? Quem for tão contencioso, descubra a alma das mulheres que se portam de maneira tão indecorosa, e verá aquele maligno

demônio muito envolvido com elas. Pois é difícil, caríssimos, é difícil, senão impossível, que um corpo assim enfeitado simultaneamente ornamente a alma, mas é forçoso negligenciar a um quem se ocupa com o outro; nem as duas atenções podem ser naturalmente simultâneas. Por isso, disse o Apóstolo: "*Não sabeis que aquele que se une a uma prostituta constitui com ela um só corpo?... Ao contrário, aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito*".

Ele, enfim, torna-se espírito, embora cingido pelo corpo. Quando nada de corporal, de crasso, de terreno houver a seu redor, acha-se simplesmente circundado pelo corpo. Quando todo o governo é da alma e do espírito, Deus é glorificado. Por isso, foi-nos ordenado repetir na oração: "Santificado seja vosso nome", e Cristo disse: "Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,16). Dessa maneira também os céus o glorificam, não por alguma voz que emitam, mas dão glória ao Criador porque seu aspecto causa admiração. Assim glorifiquemo-lo também nós; ou antes, mais do que eles, porque é possível se o quisermos. O céu, o dia e a noite não glorificam a Deus tanto quanto a alma santa. Com efeito, alguém, ao contemplar a beleza do céu diz: glória a ti, ó Deus. Que obra fizeste! O mesmo sucede ao presenciar a virtude de um homem, ou melhor, bem mais. Por causa dessas criaturas, nem todos glorificam a Deus, mas até alguns dizem que são fortuitas; outros atribuem aos demônios a criação do mundo e a providência, pecado que mal admite perdão. A respeito da virtude do homem, ninguém poderá agir de maneira tão ignominiosa, mas glorificará completamente a Deus, ao verificar que seu servidor vive em santidade. Quem não ficará estupefato ao verificar que um homem, partícipe da natureza comum, e da vida dos demais, adamantino, não se volta para o enxame das paixões? Quando vive entre o fogo, o ferro, as feras, e é mais forte do que o diamante, e pelas palavras da piedade tudo supera? Quando ultrajado, e bendiz? Quando amaldiçoado, e louva? Quando molestado, e ora pelos que lhe fazem mal? Quando é atacado por insídias e beneficia aos adversários e aos que lhe armam ciladas? Essas e outras ações semelhantes glorificam a Deus mais do que os céus. Com efeito, os gentios, ao contemplarem o céu, não sentem reverência; vendo, porém, um santo, um homem que demonstra possuir profunda sabedoria, enchem-se de pudor e condenam-se a si mesmos. Efetivamente, quando alguém, consorte da mesma natureza, de tal modo se mostra superior, e muito mais do que o céu supera a terra, mesmo a contragosto pensam que aí opera determinada virtude divina. Por isso diz o evangelho: "Glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,16). Queres ser informado através de outro caso como Deus é glorificado pela vida de seus servos, até por meio de milagres? Outrora Nabucodonosor lançou os três jovens na fornalha. Em seguida, tendo visto que o fogo não os dominava, disse: "Bendito seja Deus... que enviou o seu anjo e libertou da fornalha os seus servos, os quais, confiando nele, desobedeceram à ordem do rei" (Dn 3,95). O que dizes? Foste desprezado e admiras os que te recusaram? Sim, responde, e pelo fato mesmo de ter sido desprezado; e declarou a causa do milagre. De fato, a glória de Deus não dependeu então apenas do prodígio, mas também da disposição daqueles que foram lançados na fornalha. Se alguém por si só examina esse fato e aquele, este não é menor. Pois não é menor milagre ter convencido os ânimos a entrarem na fornalha do que dela ter libertado. Como, então, não é digno de admiração que o rei do orbe, tão armado, possuidor de um exército, generais, governadores e cônsules, com domínio sobre a terra e o mar, seja desprezado por escravos cativos e os presos superem quem os aprisionou e vençam todo aquele exército? Realmente, nada conseguiram do que queriam o rei e sua corte que tinham tudo aquilo e a fornalha ardente; mas aqueles escravos nus, estrangeiros, poucos (o que mais parco do que três?), algemados, venceram imensa força militar. Já desprezavam a morte, porque Cristo estava para vir. E, ao raiar do sol, antes que apareçam os raios, brilha a luz do dia; também estando para chegar o sol da justiça a morte finalmente cedia. O que há de maior brilho do que aquele teatro? Que vitória

mais evidente? O que mais insigne do que aqueles novos troféus?

Coisa semelhante acontece igualmente em nossa época. E agora ainda existe um rei da fornalha de Babilônia, agora ainda se acende uma fornalha mais ardente do que aquela, agora ainda também ele ordena que se admire aquela imagem; estão presentes os sátrapas, os soldados, a música encantadora e muitos admiram aquela imagem, variegada, enorme. Pois a avareza é tal qual aquela imagem, que não menospreza nem o ferro, mas compõe-se de elementos diversos; ordena que sejam todos admirados: bronze, ferro, e metais ainda mais vis. Mas se agora isso sucede, também existem imitadores daqueles jovens que dizem: Não servimos a teus deuses, e não adoramos tua estátua, mas suportamos a fornalha da pobreza e toda outra espécie de aflições por causa das leis de Deus. E, de fato, os que possuem tanto quanto outrora aqueles homens, muitas vezes adoram a estátua e queimam-se; os que, contudo, nada têm e a desprezam, vivendo na pobreza, mais se deliciam cobertos de orvalho do que os que vivem na abundância de bens, como também sucedeu então: os que lançaram os jovens no fogo se queimaram, enquanto os que estavam no meio da fornalha achavam-se como no meio das águas e do rocio. Aquele tirano, porém, então mais se queimava na chama, porque a ira estava mais inflamada do que a chama para aqueles jovens, se fossem queimados. Efetivamente o fogo nem pôde tocar a ponta dos cabelos deles, enquanto a mente do rei mais intensamente ardia pela ira. Pondera quanto era forte, porque ele fora desprezado por jovens cativos na presença de muitos. Então, portanto, evidenciou-se que o rei havia tomado a cidade deles, não por sua própria força, mas por causa dos pecados de muitos. De fato, se não conseguiu dominar os presos, mesmo lançados na fornalha, como os teria superado na guerra, se todos fossem como eles? Daí se evidencia que foram os pecados de muitos que entregaram a cidade. Entretanto, vê como os jovens estavam isentos de vanglória. Não saltaram para a fornalha, mas já outrora observavam o seguinte preceito de Cristo: “Orai para que não entreis em tentação” (Mt 26,41), nem fugiram quando foram conduzidos, mas, fortes, permaneceram eretos no meio do fogo. Não lutaram sem um chamado, nem ao serem chamados mostraram-se pusilânimes e covardes, mas estavam preparados para tudo, valorosos e cheios de confiança. Ouçamos o que dizem, a fim de percebermos o prudente senso que possuíam: “Há um Deus nos céus, que tem o poder de nos livrar” (Dn 3,17). Não estão preocupados consigo mesmos, mas prestes a ser queimados, exibem solicitude pela glória de Deus. Já te anunciamos minuciosamente nosso modo de pensar, a fim de que, uma vez consumidos, não acuses a Deus de fraqueza. “Há um Deus nos céus”, não tal qual esta estátua na terra, inanimada e muda, e sim potente para livrar do meio da fornalha ardente. Não o acuses, portanto, de fraqueza, por nos deixar cair nela; é tão poderoso que, após termos caído, é capaz de nos livrar da chama. “Mas se ele não o fizer, fica sabendo, ó rei, que não serviremos os teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Dn 3,18). Vê que eles não conheciam o futuro devido a determinado plano e disposição de Deus. Pois, se soubessem, não seria espantoso seu procedimento. O que haveria de extraordinário se, de posse dum penhor de salvação, enfrentassem audaciosamente aquele grave perigo? Nesse caso, seria glorificado Deus, que podia livrar da fornalha, mas eles não causariam admiração, porque não se expunham a um perigo. Deus permitiu que ignorassem o futuro a fim de mais ainda os exaltar. E como eles garantiram que o rei não acusasse a Deus de fraqueza se eles fossem queimados, assim também Deus realizou ambas as coisas: mostrou seu poder, e tornou mais brilhante o espírito dos jovens. De onde, dirás, se originou então a dúvida de saírem salvos? Porque se consideravam muito vis, e indignos de tal benefício. Não me refiro a uma conjectura, visto que eles, lançados na fornalha, assim se exprimiam: “Sim, pecamos em tudo praticando a iniquidade... E agora, não podemos sequer abrir a boca” (Dn 3, 29.33). Por isso diziam; “Se ele não”. Se, por conseguinte, não dissessem claramente: Deus pode nos livrar, e sim, por exemplo: Se, contudo, não o fizer, se por causa de nossos pecados não nos livrar, não vos admireis, pareceria aos bárbaros que queriam encobrir

sob o pretexto de seus pecados a fraqueza de Deus. Por isso, estando para falar apenas de seu poder, não mencionam a causa. Aliás, haviam aprendido a não investigar curiosamente os juízos de Deus. Tendo proferido essas palavras, entraram no fogo, e não injuriaram o rei, nem derrubaram a estátua. Desta forma há de ser o homem forte: moderado e prudente, especialmente nos perigos, a fim de não parecer que enfrenta tais combates por excitação e vanglória, mas com fortaleza e temperança. Na realidade, quem injuria, é suspeito de praticar aqueles crimes; o que se submete e é arrastado e luta com moderação, não só é admirado pela fortaleza, mas também devido à moderação e mansidão não é menos afamado. Foi isso que eles fizeram então, demonstrando fortaleza e inteira mansidão; e nada fizeram em vista de retribuição e prêmio. Mas, se ele não quiser nos livrar, não serviremos os teus deuses, disseram eles; já estamos bem recompensados por sermos tidos por dignos de ser libertados da impiedade, e por isso termos os corpos queimados. Por conseguinte, já tendo nós obtido a recompensa (e já a obtivemos, tendo sido dignos de conhecê-lo e dignos de nos tornarmos membros de Cristo), não façamos deles membros de uma prostituta. Com tão horrenda palavra, terminemos o discurso, a fim de que, tendo por válido o medo da ameaça, permaneçamos, transformados pelo temor, mais puros do que o ouro. Dessa forma poderemos, livres da fornicação, ver a Cristo. Oxalá com plena confiança possamos vê-lo naquele dia, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, honra, império, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA NONA HOMILIA

II. SOLUÇÃO DE DIVERSOS PROBLEMAS

1. MATRIMÔNIO E VIRGINDADE

7,1. *Passemos aos pontos sobre os quais me escrevestes. É bom para o homem não tocar em mulher.*

2. *Todavia, para evitar a fornicação, tenha cada homem a sua mulher, e cada mulher o seu marido.*

Após ter corrigido três gravíssimos vícios, o primeiro dos quais as cisões na Igreja, o segundo o do fornicador, o terceiro o do avarento, de agora em diante emprega palavras mais suaves; e interpõe a admoestação e o conselho a respeito do matrimônio e da virgindade, deixando o ouvinte descansar dos assuntos mais desagradáveis. Na segunda carta faz o contrário; começa das questões mais suaves e termina com as mais desagradáveis. Aqui, no entanto, depois de terminar o sermão sobre a virgindade, novamente parte para os problemas mais picantes, não apresentando tudo de maneira moderada, mas variando o modo de falar, conforme as exigências da ocasião, bem como das circunstâncias. Por isso diz: "*Passemos aos pontos sobre os quais me escrevestes*". Eles lhe haviam escrito, perguntando se era mister abster-se do matrimônio ou não. Em resposta e emitindo uma norma acerca do matrimônio, disserta sobre a virgindade: *"É bom para o homem não tocar em mulher"*. De fato, se perguntas o que é bom e excelente, é melhor não ter relações com uma mulher; mas, se é o que é seguro e auxilia a tua fraqueza, contrai matrimônio. Como, porém, era verossímil, como agora ainda é habitual, que o homem quer, e a mulher não; ou também, o inverso, nota de que maneira ele discorre sobre um e outro caso. E dizem alguns que disse isto apenas aos sacerdotes. Entretanto, examinando a questão pela sequência, não digo que é isto que acontece; não teria feito a advertência de modo geral. Se tivesse escrito apenas para os sacerdotes, diria, na verdade: É bom para o mestre não tocar em mulher; no entanto, agora estabelece de modo geral: *"É bom para o homem"*, e não só para o sacerdote; e ainda: *"Não estás ligado a uma mulher? Não procures mulher"* (1Cor 7,27). Não disse: Tu, sacerdote e mestre, mas de modo indefinido; e todo o discurso assim procede. Ao dizer, porém: *"Todavia, para*

evitar a fornicação, tenha cada homem a sua mulher", pelo próprio motivo da concessão sugere a continência.

3. *O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa; e a mulher faça o mesmo em relação ao marido.*

O que significa, no entanto, dever? A mulher não dispõe do seu corpo, mas é serva e dona do marido. Se falhares dos deveres convenientes à servidão, ofendes a Deus; se, contudo queres te afastar e o marido o permitir, ao menos seja por breve tempo. Por essa razão deu ao caso o nome de débito, para mostrar que não têm a posse de si mesmos, mas são mutuamente servos, um do outro. Ao vires uma prostituta te seduzindo ao pecado, dize: O corpo não é meu, mas de minha esposa.

O mesmo diga a esposa àqueles que se esforçarem por violar sua castidade. Meu corpo não é meu; é do marido. Se, em verdade, nem o marido, nem a mulher dispõem do próprio corpo, muito menos das riquezas. Ouvi todas vós, que tendes maridos, e todos vós que tendes esposas. Se não podem dispor do próprio corpo, muito menos das riquezas. Em outra parte, ao marido é dada grande prerrogativa, tanto no Novo Testamento quanto no Antigo, nestes termos: "Teu desejo te levará ao teu marido e ele te dominará" (Gn 3,16). Paulo distingue do seguinte modo: "Maridos, amai as vossas mulheres... e a mulher respeite o seu marido" (Ef 5,25.33). Aqui não trata de poder maior ou menor, mas de uma só espécie. Por que motivo? Porque dissertava sobre a castidade. Nos outros pontos, o marido tenha a prerrogativa; mas, ao se tratar da continência, não.

4. *O marido não dispõe do seu corpo*, nem a mulher. Muita igualdade, nenhuma prerrogativa.

5. *Não vos defraudeis um ao outro, a não ser de comum acordo*

O que significa isso? Não se contenha a mulher sem o consentimento do marido, nem o marido contra a vontade da mulher. Por quê? Porque de tal grande continência originam-se alguns males: daí resultaram adultérios, fornicações e muitas vezes ruína dos lares. Se, de fato, quando o homem tem mulher, comete luxúria, muito mais se for privado desse apoio. E com razão, ele disse: *"Não vos defraudeis"*, denominando fraude o que acima chamou de débito, a fim de melhor assinalar o domínio. Pois, conter-se um contra a vontade do outro é defraudar; se ambos quiserem, não é. Com efeito, se depois de me persuadires, receberes algo de mim, não me considero defraudado. Defrauda quem tira algo de alguém contra sua vontade e por violência. É o que fazem muitas mulheres, que admitem maior pecado por excesso de justiça, e por esse motivo são culpadas da libertinagem dos maridos, e subvertem tudo. Importa antepor a tudo a concórdia, porque é preferível a tudo. E se vos agradar, examinemos o problema em si. Suponhamos mulher e marido, cuja mulher se contém contra a vontade do marido; como será se ele por isso é induzido à fornicação, ou não comete impureza, mas se contrista, perturba-se, inflama-se, luta e cria inúmeros problemas para a mulher. Qual o lucro do jejum e da continência, quando se lesa a caridade? Nenhum. De fato, quantos ultrajes, quantos problemas, quanta luta necessariamente daí provêm!

Quando numa casa marido e mulher discordam, a casa não estará em melhores condições do que uma nave agitada pela tempestade, enquanto o piloto e o subordinado junto à proa estão em dissensão. Por isso diz o Apóstolo: *"Não vos defraudeis um ao outro, a não ser de comum acordo"*.

e por algum tempo, para que vos entregueis ao jejum e à oração;

Fala da oração mais ardorosa. Se, portanto, o uso do matrimônio impede a oração, que oportunidade haverá para o preceito de rezar sem interrupção? É lícito, portanto, ter relações com a esposa e dedicar-se à oração; mas pela continência a oração se torna mais ardente. Não diz simplesmente: Para orardes, mas: *"Para que vos entregueis à oração"*, porque não constitui imundície, mas oferece lazer.

depois disso, voltai a unir-vos, a fim de que Satanás não vos tente.

A fim de não parecer um preceito, acrescenta a causa. Qual? *"A fim de que Satanás não vos tente."* E a fim de que fiques ciente de que o diabo não é a única causa do adultério, adita: mediante a vossa incontinência.

6. *Digo isto como concessão, e não como ordem.*

7. *Quisera que todos os homens fossem como sou,* na continência. Com frequência age assim quando persuade a se realizarem ações difíceis. Coloca-se em evidência e diz: Sede meus imitadores.

mas cada um recebe de Deus o seu dom particular: um, deste modo; outro, daquele modo.

Como os acusara intensamente, dizendo: *"mediante a vossa incontinência"*, de novo os consola, acrescentando: *"Cada um recebe de Deus o seu dom particular"*. Não o declara por ser desnecessária nossa cooperação nessa boa ação, e sim, conforme o supramencionado, para consolá-los. Pois, se é um dom, e o homem em nada contribui, por que dizes:

8. *Contudo digo às pessoas solteiras e às viúvas que é bom ficarem como eu.*

9. *Mas, se não podem guardar a continência, casem-se.*

Vês a sabedoria de Paulo? Assinala que a continência é melhor mas não obriga a quem não a quer abraçar, receoso de que caia num laço?

Melhor é casar-se do que arder em concupiscência.

Julgou quão grande é a tirania da concupiscência. Assevera o seguinte: Se padeces de violência e de ardor, livra-te do labor e do suor, para não te arruinares.

10. *Quanto àqueles que estão casados, ordeno não eu, mas o Senhor:*

Como haveria de ler eloquentemente a lei promulgada por Cristo, a respeito de não se repudiar a mulher, exceto por fornicação, declara: *"Não eu"*. Efetivamente, o que fora dito antes, embora não com palavras eloquentes, parece serem as mesmas. Aqui, porém, ele transmite com palavras eloquentes; portanto: *"Eu"*, e: *"Não eu"* deste modo se diferenciam. No intuito de evitar que julgues serem estas palavras puramente humanas, acrescenta: *"Julgo que também eu possuo o Espírito de Deus"* (1Cor 7,40). Por que, então, o Senhor ordena aos casados: a mulher não se separe do marido?

11. *se, porém, se separar, não se case de novo, ou reconcilie-se com o marido – e o marido não repudie a sua esposa!*

Exprime-se desta maneira porque acontecia haver separação devido à continência e a pretextos e coisas mesquinhas. Teria sido melhor que tal não sucedesse desde o princípio, mas se acontecer, a mulher permaneça com o marido, embora separados, e não se case com nenhum outro.

12. *Aos outros digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem esposa não cristã e esta consente em habitar com ele, não a repudie.*

13. *E, se alguma mulher tem marido não cristão e este consente em habitar com ela, não o repudie.*

Ao tratar Paulo acerca do dever de afastamento dos fornicadores, corrige o problema, tornando-o mais fácil: *"Não me referia, de modo geral, aos impudicos deste mundo"* (1Cor 5,10); também nesta passagem proporciona maior facilidade: se a mulher ou o homem tem um cônjuge infiel, não repudie. O que dizes: se for infiel, permaneça com a mulher; se for fornicador, não, embora a fornicação seja menor pecado do que a impiedade? A fornicação, com efeito, é menor, mas Deus tem muita indulgência para contigo. Faz o mesmo, relativamente ao sacrifício, dizendo: "Deixa a tua oferta... e

vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão” (Mt 5,24). Assim também não puniu aquele que lhe devia dez mil talentos, mas entregou ao suplício o servo que exigia do companheiro cem denários. Em seguida, para que a mulher não receasse que se tornara impura por causa da cópula, diz:

14. *Pois o marido não cristão é santificado pela esposa, e a esposa não cristã é santificada pelo marido cristão.*

Ora, se quem adere a uma meretriz torna-se um só corpo com ela, é claro que quem adere ao idólatra, é um só corpo com ele. Na verdade, um só corpo, mas não se torna impura, porque a pureza da mulher vence a impureza do marido; vence também a pureza do homem fiel a impureza da mulher infiel.

Por que, então, aqui foi vencida a impureza, e por isso a união é permitida, enquanto relativamente à mulher adúltera não é incriminado o homem se a repudia? Porque há esperança que pelo matrimônio a parte perdida consiga a salvação; ali, porém, o matrimônio já fora rompido; e na verdade, ambos se corrompem, enquanto neste caso o crime é de um só. Por exemplo, a que fornicou certamente é abominável. Se, portanto, quem se une a uma meretriz torna-se um só corpo com ela, e torna-se impuro o que se une a uma meretriz, certamente a pureza toda se dissipa. Aqui, porém, não acontece o mesmo. Como? O idólatra é impuro, não a mulher. Mas se a consorte participasse naquilo que o torna impuro, a saber, na impiedade, ela também se tornaria impura; agora, porém, o idólatra é impuro de outro modo; a mulher comunica com ele naquilo em que ele não é impuro. O matrimônio está no conúbio, segundo a união. Há esperança de que a mulher o reconduza àquilo a que ela adere. Mas não é fácil. Como a mulher, que primeiro lhe causou opróbrio, deu-se a um outro e dissipou os direitos do matrimônio, poderá converter o injuriado, se principalmente ele se tornou um estranho? Além disso, depois da fornicação, o marido já não é marido; aqui, porém, a mulher, embora cultue os ídolos, não perdeu o direito ao marido. Não é sem motivo que habita com um infiel, mas de acordo com ele; por isso diz:

E este consente em habitar com ela.

Qual o prejuízo, pergunto, quando se observa integralmente a parte religiosa, e o infiel dá boas esperanças de permanecerem unidos, sem pretexto algum para conflitos inúteis? Não se trata dos que ainda não se uniram em matrimônio, mas dos que já se uniram. Pois não disse: Se quiser casar-se com um infiel, mas:

“Se alguma mulher tem marido não cristão”, isto é, se depois do casamento, aceitar a verdadeira religião, e a outra parte permanecer infiel, contudo quiser continuar a coabitar, não se separe: *“Pois o marido não cristão é santificado pela esposa”*. Tão grande é a abundância de tua pureza. Como? Então o gentio é santo? Não; ele não disse: É santo, mas: *“O marido não cristão é santificado pela esposa”*. Assim disse, não para declará-lo santo, mas a fim de afastar especialmente o receio da esposa, e levá-lo ao desejo da verdade. A impureza não se encontra no corpo dos casados, mas no livre-arbítrio e nos pensamentos. Daí a conclusão: se concebes enquanto impura, a criança que não é somente tua seria impura ou parcialmente pura; agora, contudo, não é impura. Por isso, acrescentou:

Se não fosse assim, os vossos filhos seriam impuros, quando, na realidade, são santos.

Isto é, não impuros. Ele, porém, chamou-os de santos, a fim de eliminar, pela força das palavras, a possibilidade desta suspeita.

15. *Se o não cristão quer separar-se, separe-se!*

Daí não resulta fornicação alguma. O que significa: *“Se o não cristão quer separar-se, separe-se”*?

Por exemplo, se te mandar sacrificar ou participar da impiedade por causa do casamento, ou separar-se, é melhor romper o casamento do que deixar a verdadeira religião. Por isso acrescentou:

O irmão ou irmã não estão ligados em tal caso;

Se cada dia por este motivo brigar e provocar contenda, disse ele, é preferível que se separem. É o que indica, nesses termos:

Foi para viver em paz, que Deus vos chamou.

Ele já vos ofereceu um motivo, como aquele que fornicou.

16. *Na verdade, como podes ter certeza, ó mulher, de que salvarás o teu marido?*

Refere-se novamente à palavra: *"Não o repudie"*. Se não perturba, fica, diz ele, pois daí retirarás lucro; permanece, exorta, dá conselho e convence. Mestre algum pode tanto quanto a mulher. Ele nem impõe obrigação, nem exige algo dela, para não impor um jugo mais pesado e não dá ordens para que não desespere; mas deixa a questão na incerteza e em suspenso, dizendo: *"Na verdade, como podes ter certeza, ó mulher, de que salvarás o teu marido?"*

"E como podes saber, ó marido, que salvarás tua mulher?"

17. *De resto, viva cada um segundo a condição que o Senhor lhe assinalou em partilha e na qual ele se encontrava quando Deus o chamou.*

18. *Foi alguém chamado à fé quando circunciso? Não procure dissimular a sua circuncisão. Foi alguém incircunciso chamado à fé? Não se faça circuncidar.*

19. *A circuncisão nada é, e a incircuncisão nada é. O que vale é a observância dos mandamentos de Deus.*

20. *Permaneça cada um na condição em que se encontrava quando foi chamado.*

21. *Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isto.*

Estas coisas nada conferem à fé, diz ele, por isso não discutas nem te aflijas; a fé exclui tudo isso. *"Permaneça cada um na condição em que se encontrava quando foi chamado."* Foste chamado quando tinhas uma esposa infiel? Conserva-a; por causa da fé não repudies tua mulher. *"Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isto."* Foi alguém incircunciso chamado à fé? Não se faça circuncidar. Foste chamado à fé quando circunciso? Não procures dissimular a circuncisão. É isto o que quer dizer: *"Viva cada um segundo a condição que Deus lhe assinalou em partilha"*. Não constitui impedimento para a piedade. Eras escravo quando foste chamado, um outro tinha uma esposa pagã, outro ainda era circunciso.

Ah! que lugar destinou à escravidão? Como em nada ajuda a circuncisão, em nada prejudica a incircuncisão, assim também nem a escravidão nem a liberdade. E para demonstrá-lo mais claramente por absurdo, disse:

Ainda que pudesses tornar-te livre, procura antes tirar proveito da tua condição de escravo.

Isto é, prefere servir. E por que preceitua àquele que pode tornar-se livre que permaneça como escravo? A fim de indicar que a escravidão em nada prejudica, ou melhor, até ajuda. Não ignoramos que alguns pensam que a expressão: *"Antes tirar proveito"* quer aludir à liberdade: Se podes, adquire a liberdade. Mas o escopo de Paulo é oposto demais a isto para o sugerir. Nem ele, ao consolar um escravo e asseverar que em nada a escravidão o prejudica, ordena que conquiste a liberdade. Diria talvez alguém: Então se não o consigo, sofro injustiça ou dano?

Não é isto o que ele afirma, mas conforme expliquei acima, a fim de comprovar que nada ganha com a liberdade, declara: Mesmo estando em teu poder conseguir a liberdade, é preferível ficar como escravo. E acrescenta o motivo:

22. *Pois aquele que era escravo quando chamado no Senhor, é um liberto do Senhor. Da mesma forma, aquele que era livre quando foi chamado, é um escravo de Cristo.*

Relativamente a Cristo, afirma, ambos são iguais; igualmente tu és servo de Cristo, e também o teu dono. De que modo, então, o servo é liberto? Porque não te livrou apenas do pecado, mas também da escravidão pagã, enquanto permaneces escravo. Ele não deixa o escravo ser escravo, nem o homem que permanece na escravidão. É uma maravilha! E como o escravo é livre, continuando a ser escravo? Quando se liberta das doenças e afecções do espírito: quando despreza as riquezas, a ira e demais paixões.

23. *Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; não vos torneis escravos dos homens.*

Aplica-se não só aos escravos, mas também aos homens livres. É possível que um escravo não seja escravo, e um homem livre seja escravo. E de que maneira um escravo não é escravo? Quando faz tudo por causa de Deus, quando não age com simulação, quando não serve apenas na presença do dono. É isso que é servir os homens e ser livre. E como ainda quem é livre torna-se escravo? Quando exerce um serviço malvado entre os homens, ou através da gula, ou da ambição das riquezas, ou do poder. Este, apesar de livre, é o maior de todos os escravos. Examina ambos os casos. José era escravo, mas não escravo dos homens; por isso mesmo, estando na escravidão, era mais livre que todos os homens livres. Em verdade, não cedeu a sua senhora, que impelia o servo a possuí-la. Ainda, ela era livre, mas mais escrava que todos; adulava o escravo e o provocava, mas não persuadiu aquele que era livre a fazer o que ele não queria. Por conseguinte, não era escravidão, mas suma liberdade. Que obstáculo para a virtude lhe opôs a escravidão? Ouçam os escravos e os livres. Quem serviu, o que foi rogado ou aquela que rogou? A que suplicou ou aquele que desprezou a suplicante? Existem limites impostos aos servos por Deus, e até que ponto eles devem observar o que está promulgado em leis que não é lícito transgredir. Quando, portanto, o dono nada ordena que desagrada a Deus, então o escravo deve atender e obedecer; do contrário, de forma alguma. Desta maneira o escravo se torna livre. Se procederes além, embora sejas livre, tu te transformaste em escravo. O Apóstolo o sugere ao dizer: *"Não vos torneis escravos dos homens"*. Se, porém, não é assim, e se ordenou abandonar o dono e pleitear para conseguir a liberdade, porque exorta:

24. *Cada um permaneça na condição em que se encontrava quando foi chamado*?

E em outra passagem: "Todos os que estão sob o jugo da escravidão devem considerar os seus próprios senhores como dignos de todo respeito... os que têm senhores fiéis não os desrespeitem, por serem irmãos... que beneficiam de seus bons serviços" (1Tm 6,1-2). E, ao escrever aos efésios e aos

colossenses, ordena e estabelece o mesmo (cf. Ef 6,5ss; Cl 3,22). Daí se torna evidente que ele não exclui esta escravidão, mas aquela que por meio dos vícios invade também os homens livres, e que é gravíssima, mesmo se é um homem livre que serve. Com efeito, o que lucraram os irmãos de José, apesar de serem livres? Não eram mais servis do que qualquer escravo aqueles que mentiam ao pai, e narravam aos mercadores o que era falso, como também ao irmão? Aquele, contudo, que era livre não era assim, mas sempre e em toda parte era veraz. Nada pôde reduzi-lo à escravidão, nem os vínculos, nem a própria escravidão, nem a paixão da senhora, nem o fato de estar em terra estrangeira, mas em todo lugar continuou livre. Esta é a máxima liberdade, que resplandece mesmo no meio da escravidão.

Tal é o cristianismo; na escravidão doa a liberdade. E se um corpo, por natureza facilmente vulnerável, mostra-se invulnerável quando atingido por um dardo e nada de grave sofre, assim quem é verdadeiramente livre manifesta-se como tal quando, apesar de ter um senhor, não fica reduzido à escravidão. Por isso, o Apóstolo preceitua que permaneça como escravo. Se não for possível ao escravo ser cristão conforme deve, os gentios acusarão a religião de grande fraqueza; se souberem que ela em nada é alterada pela escravidão, haverão de admirar a pregação. Pois se nem a morte nos prejudica, nem os flagelos, nem os vínculos, muito menos a escravidão; o fogo, o ferro, incontáveis tiranias, doenças, pobreza, feras e inúmeros males mais graves não lesaram os fiéis, mas antes os tornaram mais potentes. E como a servidão poderá danificar? Não é a própria escravidão, caríssimo, que causa dano, mas a escravidão do pecado, que é verdadeiramente tal. Se não estás sujeito a tal escravidão, confia e alegra-te. Nada poderá te prejudicar, porque tens costumes livres de toda servidão. Mas se fores servo do pecado, mesmo que fores mil vezes livre, a liberdade de nada te aproveitará. Qual a vantagem, pergunto, de não servires a um homem, mas te submeteres às doenças da alma? Os homens, na verdade, muitas vezes sabem poupar, enquanto aqueles donos nunca se saciam de tua infelicidade. Serves a um homem? Mas também o dono te serve, porque te concede o alimento, cuida de tua saúde, vestes, calçados, e te confere todo o restante. Nem receias tanto ofendê-lo quanto ele cuida de que não te falte o necessário. No entanto, ele se reclina à mesa e tu ficas de pé. E o que importa? Não somente isso se observa relativamente a ele, mas também te acontece a ti. Muitas vezes, enquanto estás deitado e dormindo suavemente, ele não somente está de pé, mas ainda sofre mil penas na praça, e está acordado em estado muito pior do que o teu. Com efeito, José sofreu tanto da parte da sua senhora, quanto ela por sua concupiscência? Ele, pois, não fez o que ela quis mandar; ela, contudo, fez tudo o que mandou a sua senhora, a concupiscência, que não desistiu enquanto não a recobriu de vergonha. Que senhora ordena tais coisas? Que cruel tirano? Roga, diz ela, a teu escravo, suplica ao cativo, adula o que foi comprado; mesmo que recuse, de novo insiste; mesmo que fales mais vezes e ele não consentir, aguarda um instante de isolamento, emprega violência e faze-te ridícula. O que há de mais ignominioso, de vergonhoso do que estas palavras? Se não conseguires algo, calunia-o e engana o cônjuge. Vê como ordena ações servis, torpes, cruéis, desumanas, furiosas. Que senhor ordenou tanto quanto aquela régia mulher lasciva? E no entanto, não conseguiu desobedecer. José, entretanto, nada sofreu, mas ao contrário, somente recebeu glória e honra.

Queres ver outro homem, ao qual uma senhora cruel ordenou muitas coisas, e ele não ousou desobedecer? Pensa quantas ordens recebeu Caim da parte da inveja. Mandou que matasse o irmão, mentisse a Deus, causasse dor ao pai, agisse sem pudor; tudo fez e em nada desobedeceu. E admiras que esta senhora tenha tido tanto domínio sobre um só, ela que muitas vezes arruinou povos inteiros? As mulheres madianitas fizeram os judeus de certo modo presos e cativos, quando a concupiscência de sua beleza os seduziu a todos. Paulo, excluindo esta escravidão, dizia: *“Não vos torneis escravos dos homens”*, isto é, não obedeçais aos homens que vos ordenem coisas despropositadas, ou melhor, nem a

vós mesmos. Em seguida, eleva o espírito de modo sublime e declara:

25. *A propósito das pessoas virgens, não tenho preceito do Senhor. Dou, poré m, um conselho como homem que conseguiu a misericórdia do Senhor para ser fiel.*

Adiantando-se em ordem, logo menciona a virgindade. Depois que os exercitou na continência e orientou-os pela palavra, avança para o que é maior: *“Não tenho preceito”*, mas considero boa coisa. Por quê? Pela mesma razão que formulou relativamente à continência.

27. *Estás ligado a uma mulher? Não procures romper o vínculo. Não est ás ligado a uma mulher? Não procures mulher.*

Não são soluções contraditórias, mas muito consentâneas. De fato, disse mais acima: *“A não ser de comum acordo”*, e aqui mais uma vez: *“Estás ligado a uma mulher? Não procures romper o vínculo ”*. Não é contradição, pois a separação está fora de cogitação. Se, porém, ambos se abstêm, por mútuo consenso, não é separação.

Em seguida, querendo evitar que parecesse se tratar de uma lei, aditou:

28. *todavia, se te casares, não pecarás;*

Com estas palavras, assinala as causas presentes: a premente necessidade, a brevidade do tempo e as tribulações. O casamento, na verdade, traz consigo muitas dificuldades, que ele aqui insinua, e no discurso sobre a continência. Lá, de fato, ao dizer que *“a mulher não dispõe do seu corpo”*, aqui, contudo:

“Não estás ligado... todavia, se te casares, não pecarás”, não trata daquela que escolheu a virgindade, porque esta já teria pecado.

Com efeito, se incrimina a viúva que contrair segundas núpcias se uma vez já houver escolhido a viuvez, muito mais no caso das virgens.

Mas estas pessoas terão tribulações na carne; mas também prazer, dirás. Vê, porém, como o encurta, devido à brevidade do tempo, dizendo:

29. *O tempo é breve.*

Isto é, foi-nos mandado ir para a região estrangeira, enfim partir; tu, porém, percorres a tua. Ora, mesmo se nada de aflitivo oferecesse o matrimônio, importava, contudo, apressarmo-nos para os bens futuros; mas uma vez que acarreta consigo tribulações, que necessidade há de arrastar fardos? Por que assumir tamanho peso, quando depois de o teres assumido, deverás usá-lo como se não o usasses? De fato, ele declara: *Resta, pois, que aqueles que têm esposa sejam como se não a tivessem;*

Depois, havendo interposto algo dos bens futuros, novamente reconduz a palavra ao presente. Na realidade, os outros bens são espirituais. Uma, de fato, cuida das coisas do marido, a outra cuida das coisas de Deus; a primeira, porém, dos interesses da vida presente, a saber:

32. *Eu quisera que estivésseis isentos de preocupações.*

Entretanto deixa isso ao arbítrio deles. De fato, quem, após mostrar o que se deve escolher, novamente pressiona, parece não confiar em suas próprias palavras. Por isso mais por concessão os orienta e retém, nesses termos;

35. *Digo-vos isto em vosso próprio interesse, não para vos armar cilada, mas para que façais o que é mais nobre e possais permanecer sem distração.*

Ouçam as virgens que a virgindade não se limita a isto, mas quem cuida das coisas do mundo não é virgem, nem honesta. Tendo ele dito: Distingue-se a mulher casada da virgem, enuncia qual a diferença e em que se distinguem. Na verdade, quando definiu a virgem e a não virgem, não fala em

continência, mas em ausência de solicitude e em grande solicitude. Não, portanto, que a união nupcial seja má, mas é ruim o impedimento à sabedoria.

36. *Se alguém julga agir de modo inconveniente para com a sua virgem,*

Aqui parece, de fato, falar do matrimônio; no conjunto fala da virgindade, pois em segundo lugar concede que seja dada em matrimônio, contanto que seja *"no Senhor"*. O que significa: *"no Senhor"*? Com castidade, com honestidade. Em toda parte são necessárias, devem ser observadas; de outro modo não é permitido ver a Deus. Se, porém, omitirmos as coisas que deviam ser ditas sobre a virgindade, ninguém nos condene por negligência.

Escrevemos um livro inteiro sobre o assunto, e como dissertamos cuidadosamente sobre ele, à medida do possível, consideramos supérfluo repeti-lo aqui. Por isso, a ele remetemos o ouvinte; aqui diremos apenas que se deve seguir a continência, pois disse ele: "Procurai a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12,14). A fim de merecermos, portanto, vê-lo, quer vivamos na virgindade, quer em primeiras ou segundas núpcias, sigamo-lo para conseguirmos o reino dos céus, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA HOMILIA

2. OS IDOLOTITOS

O aspecto teórico

8,1. *No tocante às carnes sacrificadas aos ídolos, é inegável que todos temos a ciência exata. Mas a ciência incha; é a caridade que edifica.*

Em primeiro lugar devemos dizer o que significa este trecho; desta forma será fácil entender o que vamos proferir. Com efeito, quem notar uma acusação a alguém, se primeiro não conhecer a natureza do pecado, não entenderá o que se diz. Então, qual a acusação que o Apóstolo dirigia aos coríntios? Era de grande crime, causa de muitos males. Qual? Muitos deles, cientes de que não mancha o homem o que entra pela boca, mas o que sai, e de que os ídolos (a saber, madeira, pedra e demônios) não podem nem prejudicar nem ajudar, de forma desmesurada utilizavam este conhecimento perfeito, em detrimento seu e do próximo. Pois, ao entrarem no recinto dos ídolos e participarem da mesa que lá havia, ocasionavam grande mal. De fato, os que ainda temiam os ídolos, e não sabiam que eram desprezíveis, participavam de tais ceias, vendo que os mais perfeitos o faziam e em consequência ficavam muito lesados (pois não tinham o mesmo parecer que eles quanto aos alimentos, mas consideravam-nos como imolados aos ídolos, o que constituía caminho para a idolatria); e também os que eram mais perfeitos, não sofriam pequeno dano, ao usufruírem da mesa dos demônios. E era um crime. O santo Apóstolo, porém, querendo corrigir este erro, não emprega imediatamente uma palavra forte, porque antes se originava de estultície do que de malícia. Por conseguinte, no começo era mais necessário exortar do que repreender intensamente e irritar-se. Observa, portanto, a sua prudência, como inicia logo com uma admoestação: *"No tocante às carnes sacrificadas aos ídolos, é inegável que todos temos a ciência exata"*. Deixando de lado os mais fracos, conforme costuma, primeiro ataca os mais fortes. Fez o mesmo na Carta aos Romanos, dizendo: "Por que julgas teu irmão?" (Rm 14,10). O mais forte pode com mais facilidade receber uma repreensão. É o que faz aqui. Primeiro elimina o orgulho, declarando ser comum o que eles consideravam importante e conhecimento perfeito. Diz ele: *"É inegável que todos temos a ciência exata"*. Efetivamente, se tendo deixado que se orgulhassem, primeiro manifestasse que a questão fazia mal ao próximo, não tanto lhes seria útil quanto prejudicial. De fato, a alma soberba, quando imagina que algo a engrandece, embora seja prejudicial aos outros, o

retém com maior cuidado, por causa da tirania da vanglória. Por isso Paulo primeiro examina o problema em si, segundo fez mais acima a respeito da sabedoria pagã, rejeitando-a inteiramente. Mas, lá o fazia com todo o direito, porque era totalmente merecedora de repreensão, e era fácil agir assim: por isso declarou não só que era supérflua, mas também oposta à pregação. Aqui, ao invés, não era lícito agir desse modo, pois tratava-se de ciência e de ciência perfeita. Por conseguinte, não era aconselhável atacá-la, nem de outro modo era possível abater o orgulho dela oriundo. O que faz nesse caso? Em primeiro lugar, ao assegurar que é ciência comum, abate-lhes o orgulho. Na realidade, os possuidores de algo de grande e belo, se forem os únicos a possuí-lo, mais se exaltam; mas se percebem que o têm em comum com os demais, não são afetados de igual modo. Em primeiro lugar, portanto, mostra que é comum, porque eles pensavam que só a eles tal ciência competia. Em seguida, após ter afirmado que é comum, diz que não eram os únicos participantes dela, porque do contrário mais ainda se exaltariam. Se a alguém torna orgulhoso o fato de ser o único a possuir determinado bem, não o será menos se estiver em companhia somente de um ou outro dos potentados. Por isso, não introduz somente a si mesmo, mas a todos. De fato, não afirmou: Eu tenho tal ciência, mas: *"É inegável que todos temos a ciência exata"*. Assegurado isso em primeiro lugar, abate-lhes o orgulho; em segundo lugar atua com mais força. De que modo? Afirmando que não se tratava de ciência perfeita, e sim, de ciência muito imperfeita; não só imperfeita, mas prejudicial, na carência de um complemento. Tendo dito: *"Todos temos a ciência exata"*, acrescenta: *"Mas a ciência incha; é a caridade que edifica"*. Em consequência, a ciência sem a caridade conduz à arrogância. Ora, replicas, nem a caridade sem a ciência tem utilidade. De fato, o Apóstolo não o disse, mas omitindo o que é evidente, assevera que a ciência muito precisa da caridade. Pois aquele que ama, uma vez cumprido o principal preceito, embora algo lhe falte, logo pela caridade usufruirá da ciência, como Cornélio e muitos outros, enquanto, ao invés, quem possui a ciência, mas não a caridade, não somente nada assumirá, mas pela ciência que possui cairá, resvalando muitas vezes para o orgulho. Com efeito, a ciência não gera a caridade, ou ao invés, enquanto incha e exalta, dela afasta quem não for precavido. De fato, a arrogância costuma dividir; a caridade, porém, une e conduz à ciência. Querendo manifestá-lo, ele dizia: *"Mas, se alguém ama a Deus, é conhecido por Deus"* (1Cor 8,3). Não proíbo, portanto, que se tenha perfeita ciência, mas que juntamente se tenha a caridade, isso ordeno. Do contrário, não se obterá lucro algum, e sim detrimento.

Vê como prepara o caminho para o sermão que fará sobre a caridade? Visto que todos esses males não se originavam da ciência perfeita, mas de um amor deficiente que não poupava o próximo, acontecia entre eles dissensões, orgulho etc., que anterior e posteriormente ele repreende; e cuida da caridade, tornando mais límpida a fonte de todos os bens. Por que, pergunta, vos inchais devido à ciência? Se não tiverdes caridade, sofrereis detrimento. O que há de pior que a arrogância? Se houver caridade, também a ciência será segura. Pois mesmo que saibas algo mais do que o próximo, se o amas, não te exaltarás, mas o conduzirás também a este conhecimento. Por essa razão, havendo dito: *"Mas a ciência incha"*, acrescentou: *"É a caridade que edifica"*. Não disse: Porta-se com modéstia, mas algo muito mais elevado e útil, porque a ciência não somente inchava, mas também separava. Por isso opôs uma à outra. Em seguida, apresenta um terceiro elemento que possa arrazá-los. Qual? Consiste em que, embora a caridade esteja conjunta, a ciência não é perfeita; por isso acrescenta:

2. *Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber*.

Com isso inflige a maior chaga. Não afirmo, diz ele, que a ciência seja comum a todos; não digo que, ao odiares ao próximo e seres arrogante, fazes mal principalmente a ti mesmo. Mesmo que fosses o único a possuí-la, mesmo que te portasses modestamente, mesmo que amasses o irmão, ainda serias

imperfeito segundo a ciência; ainda alguma coisa não sabes conforme importaria saber. Se ainda não temos apurada ciência, como alguns chegaram ao ponto de tamanha loucura que afirmam conhecer a Deus com todo apuro? Pois, embora tivéssemos pormenorizada ciência das demais realidades, não seria possível termos também esta. É impossível até exprimir qual a distância entre Deus e todas as criaturas. E observa a maneira como lhes abaixa o orgulho. Não disse: Não tendes adequada ciência do que foi proposto, e sim de todas as questões. Nem disse: Somente vós, mas: Seja quem for, quer seja Pedro, Paulo, ou qualquer um. Assim, cuidadosamente os consolou e reprimiu.

3. *Mas, se alguém ama a Deus, é conhecido por Deus.*

Não disse: Conhece-o, e sim: *"É conhecido por Deus"*. Não conhecemos a nós mesmos, mas ele nos conhece. Por isso Cristo dizia: "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi" (Jo 15,16); e Paulo, noutro trecho: *"Mas, depois, conhecerei como sou conhecido"* (1Cor 13,12). Pondera, portanto, por meio de quantas palavras reprime-lhes o orgulho. Primeiro mostra que não são os únicos a conhecer o que conhecem: *"Todos temos a ciência exata"*; depois que sem a caridade ela é prejudicial, porque: *"A ciência incha"*, diz ele; após o que, embora unida à caridade, não é absoluta nem perfeita, visto que: *"Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber"*. A esse respeito, afirma que não o consegue por si mesmo, mas por dom de Deus, visto que não disse: Conhece a Deus, e sim: *"É conhecido por Deus"*; em seguida, que isto se realiza por meio da caridade, que eles não têm como é devido. Pois: *"Se alguém ama a Deus, é conhecido por Deus"*. Havendo-lhes diminuído o inchaço desta forma, começa a expor a doutrina, nesses termos:

4. *Por conseguinte, a respeito do consumo das carnes imoladas aos ídolos, sabemos que um ídolo nada é no mundo e não há outro Deus a não ser o Deus único.*

Vê em que angústia incidiu. Pois quer estabelecer ambas as coisas: que importa a abstenção de tal mesa e que não se firam os que dela participam; elas não combinam inteiramente entre si. Pois, se soubessem que não prejudicaria, aproximar-se-iam com certa indiferença; se fossem impedidos de tocar nas carnes, de novo levantava-se a suspeita de que eram proibidas porque poderiam causar mal. Por isso, tendo afastado a suspeita sobre os ídolos, formula a primeira causa de abstenção: o escândalo dos irmãos, dizendo: *"A respeito do consumo das carnes imoladas aos ídolos, sabemos que um ídolo nada é no mundo"*. Mais uma vez generaliza, sem conceder que lhes seja peculiar, mas estende o conhecimento à terra inteira. Pois não é apenas entre vós, diz ele, mas na terra inteira que vigora esta doutrina. Qual? *"Um ídolo nada é no mundo e não há outro Deus a não ser o Deus único"*. Então não existem ídolos? Não há estátuas? Existem, mas não têm força alguma; nem são deuses, e sim pedras e demônios. A ambos agora dirige a palavra, aos mais rudes e àqueles que parecem saber filosofar. Uma vez, portanto, que uns nada mais neles reconhecem senão pedras, outros, de fato, dizem que possuem determinadas virtudes, por eles denominadas deuses, a uns o Apóstolo declara que nada são os ídolos neste mundo, enquanto aos outros que *"não há outro Deus a não ser o Deus único"*.

Vê não ser inutilmente que assim escreve, estabelecendo esta doutrina, mas para a distinguir da doutrina dos pagãos? De fato, isto deve ser observado em toda parte, quer seja dito de modo absoluto, ou qual refutação, contribuindo bastante para apurarmos o sentido dos dogmas e entendermos as palavras.

5. *Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra – e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores –*

6. *para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só*

Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos.

Uma vez que disse que nada são os ídolos e não existe outro Deus, apesar de existirem ídolos e os chamados deuses, a fim de não parecer lutar contra a evidência, acrescentou (se existem os chamados deuses, como de fato existem, não o são verdadeiramente, mas é apenas uma designação; não realidade, mas simples expressão verbal): *"quer no céu, quer na terra"*, no céu, o sol e a luz e os restantes astros, que adoram os gentios, enquanto na terra, os demônios e aqueles dentre os homens que foram divinizados. *"Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai."*

Tendo primeiro, com exclusão do nome de Pai, declarado: *"E não há outro Deus a não ser o Deus único"*, agora acrescentou este nome, depois de ter inteiramente apartado os deuses. Após, aditou o máximo critério sobre a divindade: por quem tudo existe.

Com isto demonstra que aqueles não são deuses. Pereçam, enuncia ele, os deuses que não fizeram o céu e a terra. Em seguida, acrescenta o que não é menos: e por quem nós somos.

Ao proclamar: *"Por quem tudo existe"*, rememora a criação, a produção do nada à existência, enquanto a expressão: *"E por quem nós somos"* refere-se à fé e à familiaridade, conforme dissera também mais acima: *"Ora, é por ele que vós sois em Cristo Jesus"* (1Cor 1,30). Por duplo motivo somos *"Por ele"*: fomos criados quando não existíamos, e feitos fiéis, o que também é criação, segundo o que assegura noutra passagem: "De ambos fez um só... a fim de criar em si mesmo um só homem novo" (Ef 2,14-15). *"E um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos"*. E isso igualmente é concebível em referência a Cristo. Por ele o inexistente gênero humano foi trazido à existência, e reduzido do erro à verdade. Por conseguinte a locução: *"Por ele"* não significa: sem Cristo, e sim: por ele, quer dizer, por meio de Cristo, fomos criados. Nem, portanto, de certo modo selecionou os nomes, atribuindo ao Filho a denominação de Senhor e ao Pai, de Deus. De fato, a Escritura costuma trocar muitas vezes, tal como: "Oráculo do Senhor ao meu Senhor", e ainda: "Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu" (Sl 110,1 e 45,8); e: "Dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus" (Rm 9,5). E verás frequentemente esses nomes alternados. Se, porém fossem, de certo modo por sorte designados a cada uma das naturezas, nem o Filho era Deus, nem Deus como o Pai, permanecendo Filho; ao afirmar: *"Para nós, contudo, existe um só Deus"*, seria supérfluo ter acrescentado: *"O Pai"*, indicando o Ingênito; seria suficiente empregar a palavra: *"Deus"*, se somente sublinhasse o conhecimento do Pai. Não apenas isto, mas ainda é possível outra afirmação. Pois, se disseres que o termo: *"Deus"* não convém ao Filho quando representa um só Deus, observa que também se aplica ao Filho. De fato, uma vez que o Filho é chamado de um só Senhor, nem por isso dizemos que o título de *"Senhor"* lhe compete exclusivamente. Por esta razão, a mesma força que tem a locução: *"um só"* referente ao Filho, tem-na igualmente em relação ao Pai. Como não impede que o Pai seja Senhor, do mesmo modo que o Filho é Senhor, asseverar que o Filho é um só Senhor, assim não impede que o Filho seja Deus, do mesmo modo que o Pai é Deus, ser dito que o Pai é um só Deus.

E se alguém propuser a pergunta por que não mencionou o Espírito, responderemos que ele falava a idólatras, que discutiam a respeito de muitos deuses e de muitos senhores. Assim, tendo asseverado que o Pai é Deus, chamou o Filho de Senhor. Se, portanto, não ousou então chamar o Pai de Senhor com o Filho, a fim de não se suspeitar que falava de dois Senhores, nem chama de Deus o Filho juntamente com o Pai, a fim de não se julgar que falava de dois deuses, por que te admiras de que não mencione o Espírito? Com efeito, disputava contra eles, visando mostrar que não existe para nós multiplicidade de deuses. Então, repete assiduamente as palavras: *"Um só"*, dizendo: *"Não há outro Deus a não ser o Deus único"* e: *"Para nós, contudo, existe um só Deus... e um só Senhor"*. Donde se evidencia que empregara este modo de arguir, para poupar a fraqueza dos ouvintes e, por isso não

mencionou o Espírito. Se assim não fora, nem em outras passagens devia fazer memória do Espírito, nem uni-lo ao Pai e ao Filho. Pois se devesse ser arrancado de junto do Pai e do Filho, com maior razão não se deveria congregá-los no batismo, onde mais se manifesta a dignidade da divindade, e são concedidos dons que só a Deus compete outorgar.

Por conseguinte, enunciei a causa por que nesta passagem foi silenciado; tu, porém, se não for assim, dize por que no batismo estão unidos. Mas não podes apresentar outra causa se não por serem iguais em honra. Quando, no entanto, não há tal dificuldade, nota de que maneira o une a eles, dizendo: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós!" (2Cor 13,13) e ainda: "*Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos*" (1Cor 12,4). Considerando que agora falava contra os pagãos, e aos mais fracos que eles, por enquanto cala-se. É o mesmo que fazem os profetas sobre o Filho, que eles em parte alguma nomeiam abertamente, por causa da fraqueza dos ouvintes.

O ponto de vista da caridade

7. *Mas nem todos têm esta ciência.*

Qual? A respeito de Deus ou das carnes imoladas aos ídolos? Ou certamente aqui insinue os pagãos que afirmavam haver muitos deuses e senhores, e desconheciam o verdadeiro Deus, ou os mais fracos dos gentios que ainda não sabiam ser desnecessário temer os ídolos, porque não existe ídolo no mundo. Tendo dito isso, aos poucos os consolou e reanimou. Nem era necessário refutar tudo, principalmente quando novamente haveria de atacá-los com vigor.

Alguns, habituados, até agora, ao culto dos ídolos, comem a carne dos sacrifícios como se fosse realmente oferecida aos ídolos, e a sua consciência, que é fraca, fica manchada.

Ainda tremem, dizem eles, diante dos ídolos. Não te desculpes com o estado atual das coisas, nem porque recebeste essas práticas religiosas dos antepassados; mas mentalmente transfere-te para aqueles tempos, e pensa de que maneira se realizou a pregação e que então ainda reinava a impiedade e ardiam as aras e os sacrifícios, realizavam-se libações, e a maioria era formada de gentios; os que haviam recebido dos antepassados a impiedade, oriundos de tais pais, avós e tetravós, e que muitos males haviam padecido da parte dos demônios, de repente transformados, como era provável que se sentissem? E como não temer e tremer diante das insídias dos demônios? Acerca destes, o Apóstolo insinuava: "*Alguns, habituados... ao culto dos ídolos*". Não o declara abertamente, para não feri-los, nem os omite inteiramente, mas relembra-os de modo indeterminado, dizendo: "*Alguns, habituados, até agora, ao culto dos ídolos, comem a carne dos sacrifícios como se fosse realmente oferecida aos ídolos*", isto é, com a mesma consciência que anteriormente: "*e a sua consciência, que é fraca, fica manchada*", uma vez que ainda não pode desprezar, nem inteiramente zombar deles, mas ainda está em dúvida. Ora, se alguém tocar um morto julgando que se tornou impuro, segundo o costume judaico, e depois, vê que outros o tocam com consciência pura, mas ele não o havia tocado com idêntica consciência, fica manchado. Assim também eles foram atingidos. "*Alguns, habituados, até agora, ao culto dos ídolos*". Não é sem razão que declara: "*Até agora*", e sim no intuito de mostrar que nada lhes aproveitou não terem condescendido. Nem se devia orientá-los desta forma, mas de outra, persuadindo através da palavra e da doutrina. "*E a sua consciência, que é fraca, fica manchada.*" Quase em parte alguma disserta sobre a natureza do assunto, mas sempre e em toda parte versa sobre a consciência de quem come. De fato, receia que, ao querer corrigir o fraco, vulnere o forte e o enfraqueça. Por isso não menos poupa a este quanto àquele. Nem deixa que se julgue algo de semelhante, mas emprega um discurso prolixo, a fim de evitar tal suspeita.

8. *Não são os alimentos que nos aproximam de Deus; se comemos, nada lucramos e se deixamos de comer, nada perdemos.*

Vê de que modo lhes reprime o orgulho? Efetivamente, após ter afirmado que não somente eles, mas todos têm esta ciência, que ninguém sabe como importa saber e que a ciência incha e após tê-los consolado e assegurado que nem todos possuem a ciência e por isso tornam-se impuros por causa de sua fraqueza, a fim de que não retrucassem: E o que nos importa se nem todos possuem a ciência? Por que, então, aquele tal não tem a ciência? Por que é fraco? No intuito de que não lançassem tais objeções, não formula imediatamente a afirmação clara de que para não ferir o fraco, deve abster-se; mas primeiro ataca levemente a ele só, mostra o que é mais importante.

E o que é? Que embora ninguém ficasse lesado, nem se tema a perversão do próximo, nem por isso, na verdade, assim se devia agir; seria labor vão. Pois quem ouvir dizer que um outro foi prejudicado, enquanto ele lucra, não se esforça por se abster, principalmente se souber que nada ganha com a abstenção. Por isso declara em primeiro lugar: *"Não são os alimentos que nos aproximam de Deus"*. Vês quanto repreende o que parecia ter sido realizado por uma ciência perfeita? *"E se comemos, nada lucramos"*, quer dizer, somos aprovados junto de Deus por termos feito algo de bom ou de grande. *"Se deixamos de comer, nada perdemos*, isto é, não teremos menos.

Nesse ínterim, manifesta que aquilo é supérfluo e nada é, pois o que não é proveitoso se for feito, nem se for omitido prejudica, é certo que foi supérfluo. Mais diante, porém, revela todo o dano que a questão efetua. Agora, contudo, declara o que acontece entre irmãos:

9. *Tomai cuidado, porém, para que essa liberdade não se torne ocasião de queda para os irmãos fracos.*

Não disse: Vossa liberdade se torne ocasião de queda para os fracos, nem o proferiu abertamente para não torná-los mais impudicos. Mas, de que modo? *"Tomai cuidado"*, incutindo-lhes temor e pudor e induzindo-os a renunciar a estas ações. Nem disse: esta vossa ciência, o que constituiria maior louvor. Nem: esta vossa perfeição, e sim: *"Essa liberdade"*, o que mais parecia temeridade, petulância e arrogância. Nem disse: para os irmãos, e sim: *"para os irmãos fracos"*, acentuando a acusação, uma vez que não poupam nem os fracos, que, além disso, são irmãos. Está bem. Não corriges nem estimulas. Por que suplantas e jogas ao chão quando importava estender a mão? Mas isso não queres fazer; ao menos não derrubes. Pois, se fosse mau, precisaria de correção; se fosse fraco, de remédio. Aqui, porém, não se trata apenas de um fraco, mas, além disso, de um irmão.

10. *Se alguém te vê reclinado à mesa em um templo de ídolo, a ti que tens a consciência esclarecida, porventura a consciência dele, que é fraco, não será induzida a comer carnes imoladas aos ídolos?*

Tendo dito: *"Tomai cuidado, porém, para que essa vossa liberdade não se torne ocasião de queda"*, formula como isto se faz. E sempre se refere à fraqueza, a fim de não parecer que o dano é questão de ordem natural e os demônios pareçam terríveis. Pois agora, diz o Apóstolo, ele está disposto a renunciar totalmente aos ídolos; vendo, contudo, que tu livremente tratas com eles, considera o fato uma exortação, e também ele trata com eles. Por conseguinte, as insídias não provêm apenas da fraqueza dele, mas de tua ação inoportuna; de fato, tu o fazes mais fraco.

11. *E assim por causa da tua ciência perecerá o fraco, esse irmão pelo qual Cristo morreu!*

São, portanto, duas as circunstâncias que te privam do perdão relativo ao prejuízo causado: é fraco e é um irmão. Ou melhor, existe uma terceira, a mais terrível de todas. Qual? Cristo não recusou morrer por causa dele; tu, no entanto, não usas de condescendência para com ele. Por isso também relembra o que é perfeito: Quem ele era anteriormente e que por causa dele Cristo morreu. E não disse: Por causa dele também tu devias morrer, mas o que é muito mais, que também Cristo morreu

por causa dele. Assim teu Senhor não recusou morrer por ele; tu, porém, não tens motivo algum para não te absteres daquela mesa perversa por causa dele, mas deixas que ele pereça, depois da salvação que desta forma surgiu. E mais grave ainda: por causa de um alimento. Com efeito, não disse: por tua perfeição, ou por tua ciência, e sim: por teu alimento. Encontram-se aí, portanto, quatro crimes, e dos maiores: é teu irmão, é fraco, e Cristo o teve em tanta consideração que morreu por ele; e depois disso tudo, pereça por causa de um alimento.

12. *Pecando assim contra vossos irmãos e ferindo a sua consciência, que é fraca, é contra Cristo que pecais.*

Vês que ele insensivelmente e aos poucos coloca aquele pecado no cume da iniquidade? Mais uma vez rememora a fraqueza deles. Pois o que eles consideravam de seu próprio interesse, sempre ele faz reverter sobre a cabeça deles. Não disse: escandalizando, mas: *"Ferindo"*, para mostrar com a ênfase a crueldade do fato. O que mais cruel que um homem a ferir um doente? De fato, escandalizar é mais grave do que qualquer ferimento; muitas vezes provoca a morte. E como pecam contra Cristo? Primeiro, na verdade, porque ele atribui a si mesmo os ataques a seus próprios servos; em segundo lugar, porque os que batem pertencem a seu corpo e a seus membros; em terceiro lugar, porque somos obra sua; eles destroem por ambição o que ele construiu através de sua imolação.

13. *Eis porque, se um alimento é ocasião de queda para meu irmão, para sempre deixarei de comer carne,*

Pratica o que faz um ótimo mestre o qual ensina pelo exemplo o que diz. E não disse: quer seja justa ou injustamente, mas de qualquer modo. Nem me refiro, afirma ele, à carne imolada aos ídolos, proibida por outros motivos, mas se um alimento permitido e lícito escandaliza, também disso me absterei, não somente um ou outro dia, mas por toda a vida: *"Para sempre deixarei de comer carne"*. Nem disse: para não induzir meu irmão a se perder, mas simplesmente: *a fim de não causar a queda de meu irmão.*

Efetivamente, seria extrema loucura menosprezarmos aquilo em que Cristo punha o maior empenho e tanto que por isso escolhera a morte, de sorte que nem ao menos nos abstenhamos daqueles alimentos. Estas coisas, de fato, não são ditas somente a eles, mas igualmente de maneira oportuna a nós, que desprezamos a salvação do próximo, e proferimos aquelas satânicas palavras. Pois dizer: O que me importa se um se escandaliza e outro se perde? Seria cruel e desumano. Ora, então eles se escandalizavam por fraqueza; para nós não acontece o mesmo. Pecamos também quando escandalizamos os fortes. Pois, quando espancamos, roubamos, somos avarentos, tratamos como escravos a homens livres, quem não se escandalizaria? Por conseguinte, não digas: Este é sapateiro, aquele é tintureiro, o outro é ferreiro, mas pondera que é um fiel, um irmão. Pois somos discípulos daqueles pescadores, publicanos, fabricantes de tendas, discípulos daquele que foi nutrido na casa de um operário, julgado digno de ter por esposa sua mãe, que foi deitado num presépio envolvido em faixas, que não tinha onde reclinar a cabeça, que fez tantas viagens a ponto de se cansar da caminhada, e era sustentado por outros.

Medita tudo isso e reputa por nada o orgulho humano; e considera o fabricante de tendas um irmão de igual modo que aquele que tem um carro, e inúmeros escravos, que abre passagem na praça entre os transeuntes; e aquele mais do que este. De fato, propriamente é tanto mais irmão quanto mais semelhante. Quem, portanto, mais se assemelha aos pescadores? Quem se sustenta com o labor cotidiano, não tem servo, nem domicílio, mas acha-se desprovido de tudo ou aquele que se cerca de tanto luxo, e age em oposição às leis divinas? Não desprezes, portanto, aquele que é mais teu irmão, mais configurado aos apóstolos. Ora, replicas, ele não é assim de bom grado, mas coagido; não age

desta forma por próprio arbítrio. De onde vem, então? Não ouvistes a palavra: “Não julgueis para não serdes julgados” (Mt 7,1). Para saberdes que não é a contragosto, acerca-te e oferece-lhe dez mil talentos de ouro, e verás que ele os recusa. Com efeito, embora não tenha recebido riquezas de seus antepassados, se recusou quando era lícito aceitar e não aumentou suas posses, eis aí um grande indício de desprezo das riquezas. De fato, também João, filho de Zebedeu, era oriundo de um homem muito pobre; mas nem por isso dizemos ter sido forçada a sua pobreza. Por conseguinte, ao vires alguém cortando lenha, batendo o malho, manchado com fuligem, não o menosprezes, mas antes admira-o. Pois também Pedro, cingido, arrastava a rede e pescava depois da ressurreição do Senhor. E por que falo de Pedro? O próprio Paulo, depois de percorridas enormes distâncias, após tantos milagres, detinha-se na oficina do fabricante de tendas, costurava peles, e, no entanto, os anjos o reverenciavam e os demônios tremiam de medo. E não se corava de dizer: “Estas mãos proveram às minhas necessidades e às de meus companheiros” (At 20,34). E por que digo: Não se envergonhava? Certamente se gloriava. Mas agora, dirás, quem se iguala a Paulo na virtude? Sei também eu que ninguém; mas nem por isso são desprezíveis os homens de hoje. Pois se és honrado por causa de Cristo, mesmo que fores o último, porém fiel, mereces ser honrado. De fato, se chegarem à tua casa uns amigos do imperador, certo general acompanhado de um soldado, e abrires a porta a ambos, por intermédio de qual dos dois prestarás mais honras ao imperador? É claro que será através do soldado. Com efeito, o general, além da amizade do imperador, terá muitas outras, que te poderão convencer a lhe conferires tal honra; o soldado, contudo, não possui outra a não ser a do imperador. Ora, Deus nos mandou para as ceias e os convívios convidar coxos e aleijados e os que não têm com que nos retribuir, porque neste caso conferem-se os benefícios propriamente por causa de Deus. Na verdade, se hospedares um homem grande e ilustre, a esmola não é tão pura, mas a vanglória muitas vezes reivindica de ti uma parte, visto que prestaste benefício e te tornaste mais insigne diante de muitos por este ato. Poderia eu certamente destacar a muitos que prestam obséquios aos santos mais insignes, a fim de usufruírem de maior confiança por intermédio deles diante dos príncipes e servirem melhor aos próprios interesses e à sua casa; e exigem daqueles santos maiores favores. Desta forma arruínam a recompensa da hospitalidade, praticada com tal espírito. E qual a necessidade de falar dos santos a respeito disso? De fato, quem procura obter de Deus na terra os prêmios de seus trabalhos, e pratica a virtude por causa dos bens presentes, diminui sua recompensa; quem, todavia, deseja receber no além coroas íntegras, torna-se muito mais admirável, como aquele Lázaro que ali recebeu todos os bens e como os três jovens que, estando para serem metidos na fornalha, diziam: “O Deus dos céus tem o poder de nos livrar... Mas se ele não o fizer, fica sabendo, ó rei, que não serviremos os teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Dn 3,17-18). Bem como Abraão, que levou seu filho e o imolou e não o fez em vista de uma recompensa, mas considerava grande remuneração só o fato de obedecer a Deus. Imitemo-los, também nós. Assim, pois, nos advirá retribuição copiosa, porque fazemos tudo com tais disposições, e conseguiremos mais esplêndidas coroas. Possamos obtê-las todos nós, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

O exemplo de Paulo

9,1. *Não sou um apóstolo? Não sou livre? Não vi a Jesus, nosso Senhor? Não sois minha obra no Senhor?*

Tendo Paulo afirmado: “*Se um alimento é ocasião de queda para meu irmão, para sempre deixarei de comer carne*” (o que, de fato, não fizera, mas prometera fazer, se necessário), a fim de que

ninguém retrucasse: Em vão te glorias, pensas com sabedoria e prometes com palavras o que facilmente posso também eu e um outro qualquer. Se falas sinceramente, mostra realmente por obras o que desprezas para não seres ocasião de queda para teu irmão. Então, é obrigado enfim a descer a tal demonstração, manifestar como se absteve de coisas permitidas, sem coação de lei alguma. E isso não é espantoso, apesar de ser admirável a abstenção de coisas lícitas, não só a fim de evitar escândalo, mas ainda com imenso labor e grande perigo. O que se deve dizer, declara, das carnes imoladas aos ídolos? Pois como Cristo estabeleceu que os pregadores do evangelho vivam do ministério do ensino, eu não o fiz; mas decidi, se fosse preciso, morrer de fome e sofrer morte crudelíssima para não aceitar coisa alguma dos que eram catequizados. Não que recusar fosse ocasião de escândalo, mas porque devia edificá-los, o que significava muito mais. E aduz por testemunhas do fato aqueles entre os quais viveu trabalhando e passando fome, sustentado por outros, angustiado, para não dar ocasião de queda, embora fosse escândalo desarrazoado, porque ele cumpria a lei; todavia poupava-os excessivamente. Se o que fazia era acima da lei, a fim de não ser ocasião de queda e absteve-se mesmo do que lhe era lícito no intuito de edificar, o que merecem os que não se abstêm da carne sacrificada aos ídolos? E isso quando muitos perecem, e certamente é possível sem escândalo evitar comer, pelo fato de ser a mesa dos demônios. É desse assunto que trata todo o capítulo em muitos versículos. Importa, contudo, retomar a questão proposta mais acima. Conforme já mencionei, não a expôs claramente; nem imediatamente entrou na questão, mas começa por outro ponto, nesses termos: *“Não sou apóstolo”?* De fato, nestas palavras devem ser feitas muitas distinções, e é Paulo quem as realiza. A fim de não se dizer: É permitido fazer o sinal da cruz e provar, no momento não insiste nisto, mas declara: Mesmo que fosse lícito, não deve ser feito por prejudicar os irmãos, e enfim mostra que não é lícito. Agora, porém, primeiro o comprova pelo que respeita a ele próprio; e querendo dizer que nada recebeu deles, não o enuncia imediatamente, mas primeiro declara sua dignidade: *“Não sou apóstolo?” “Não sou, porventura, livre?”* Visando evitar a réplica: Se não recebeste, não aceitaste o que não te era permitido receber, em primeiro lugar ele enumera os motivos porque teria recebido de direito, se o quisesse receber.

Em seguida, para não parecer que incriminava a Pedro e aos seus, exprimindo-se desta maneira (pois eles recebiam), prova primeiramente que lhes era lícito receber; depois, a fim de não dizer alguém: A Pedro, de fato, era lícito receber, a ti, porém, não, antecipa-se ao ouvinte com elogios a si próprio, porque verificou que era necessário louvar-se a si mesmo (desta forma corrigia os coríntios). Não queria, todavia, narrar grandes coisas acerca de si mesmo. Vê como emprega convenientemente ambos os processos, louvando-se a si mesmo não quanto estava consciente de ser, mas quanto exigia as circunstâncias presentes. De fato, poderia dizer: Devia receber mais do que todos e do que eles, porque trabalhei mais, mas não diz o que lhe daria preeminência, mas somente o que tornava os apóstolos grandes e lhes conferia o direito de receber, nos seguintes termos: *“Não sou apóstolo? Não sou, porventura, livre?”* Isto é, não sou senhor de mim mesmo? Ou acaso sou súdito de alguém que me constrange, proibindo-me receber? Ora, eles têm algo a mais, porque conviveram com Cristo. Na verdade, nem disto fui privado; por isso assevera: *“Não vi a Jesus, nosso Senhor? Em último lugar, apareceu também a mim, o abortivo”* (1Cor 9,1; 15,8). E não era pequena dignidade. Diz o evangelho: “Em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram” (Mt 13,17); e: “Tempo virá em que desejareis ver apenas um desses dias” (Lc 17,22). E o que será se, apesar de apóstolo e livre, e teres visto a Cristo, não exibires obra de apóstolo? Deves receber? Por esta razão, acrescenta: Não sois minha obra no Senhor?

É verdadeiramente grandioso! As primeiras condições sem esta não adiantam. De fato, Judas era apóstolo e livre e vira a Cristo, mas não havendo praticado obras de um apóstolo, nada disso lhe

aproveitou. Por isso o Apóstolo acrescenta esta última condição e os chama por testemunhas. E como ia dizer algo de grande, vê como o mitiga, dizendo: *“No Senhor”*, quer dizer: É obra de Deus, não minha.

2. *Ainda que para outros eu não seja apóstolo, para vós, ao menos, o sou;*

Vês como não ultrapassa a medida? Com efeito, poderia citar o orbe da terra, gentes bárbaras, terra e mar; mas nada disso menciona e por essa concessão extrema obtém a vitória. Que necessidade tenho, diz ele, de argumentos supérfluos, quando esses são suficientes para a atual conjuntura? Não me refiro àquelas ações insignes que realizei em outros ambientes, mas àquelas das quais sois testemunhas. Por conseguinte, se não de outras regiões, ao menos de vós devia eu aceitar; entretanto, daqueles dos quais devia principalmente receber (fui vosso mestre), não recebi.

Ainda que para outros eu não seja apóstolo, para vós, ao menos, o sou;

Faz concessões novamente, porque, efetivamente era apóstolo de toda a terra. No entanto não digo isto, afirma ele, nem combato e contesto, mas menciono o que vos compete.

Pois o selo do meu apostolado sois vós, isto é, a demonstração. E se alguém quiser saber de onde sou apóstolo, aponto para vós. Manifestei no meio de vós as marcas de um apóstolo, sem omitir coisa alguma, conforme assegura na segunda carta: “Se bem que eu nada seja, os sinais que distinguem o apóstolo realizaram-se entre vós: paciência a toda prova, sinais, prodígios e atos portentosos. Que tivestes a menos do que as outras Igrejas?” (2Cor 12,11.13). Por isso afirma: *“Pois o selo do meu apostolado sois vós”*. De fato, manifestei sinais, ensinei por palavras, enfrentei perigos, levei vida íntegra. E tudo isso se evidencia nestas duas cartas, que corroboram cuidadosamente cada uma destas afirmações.

3. *Esta é a minha resposta àqueles que me acusam:*

Qual *“a minha resposta àqueles que me acusam”*? Àqueles que querem saber de onde sou apóstolo, ou aos que me incriminam de ter aceitado dinheiro, ou àqueles que perguntam por que não recebi, ou aos que querem mostrar que não sou apóstolo, vossa instrução e o que vou dizer servem de demonstração e defesa. O que asseguro?

4. *Não temos o direito de comer e beber?*

5. *Não temos o direito de levar conosco uma mulher cristã?*

E como estas declarações servem de defesa? Porque, ao se manifestar que me abstenho até das coisas lícitas, é injusto suspeitar que seja mentiroso, ou que faça alguma coisa em vista de lucro pecuniário. Por conseguinte, o que mencionei acima, e o fato de vos ter ensinado, e o que já disse, vos são suficientes para minha defesa; e contra todos os que me interrogam, detenho-me aqui, repetindo estas e aquelas asserções: *“Não temos o direito de comer e beber? Não temos o direito de levar conosco uma mulher cristã?”* Apesar de ter esse direito, abstenho-me. Como? Ele não comia? Não bebia? Frequentemente, com certeza, não comia nem bebia, porque disse: Com “fome e sede, frio e desnudamento!” (2Cor 11,27) – assim vivíamos. Aqui, contudo, não é isso que assegura; o que diz então? Não comemos, nem bebemos do que recebemos dos discípulos, apesar de termos o direito de aceitar. *“Não temos o direito de levar conosco uma mulher cristã”*, como os outros apóstolos e os irmãos do Senhor e Cefas?

Observa sua sabedoria: colocou em último lugar o corifeu. Aí coloca o mais forte dos principais. Nem é espantoso revelar que os outros faziam o mesmo que o primeiro, ao qual foram entregues as chaves do reino dos céus. De resto, não o exibe sozinho, mas em companhia de todos, como se dissesse: quer examines os inferiores, quer os superiores, encontrarás exemplo em todos. Com efeito,

os irmãos do Senhor, libertados da anterior incredulidade, achavam-se entre os mais ilustres, embora não chegassem a ser apóstolos; por isso colocou-os no meio, tendo os principais de um lado e de outro.

6. *Ou somente eu e Barnabé não temos o direito de ser dispensados de trabalhar?*

Vê a alma humilde, livre de qualquer inveja, que não deixa de mencionar quem sabia ser seu companheiro nos trabalhos. Se o restante era comum entre eles, porque isso não o seria? Eles são apóstolos, eles e nós, e livres; vimos a Cristo e praticamos ações próprias de apóstolos. Nós, portanto, temos o poder de viver em lazer e aceitar a subsistência da parte dos discípulos.

7. *Quem vai alguma vez à guerra com seus próprios recursos?*

Uma vez que, por meio da atitude dos apóstolos, o argumento mais forte, mostra ser lícito agir dessa maneira, por fim chega aos exemplos e ao uso comum, conforme costuma fazer e pergunta: *"Quem vai à guerra com seus próprios recursos?"* Quero que ponderes quão oportunos são aqueles exemplos e de que modo relembra primeiro ações perigosas: milícia, armas e guerra. O apostolado consta de tais realidades, ou antes, de coisas muito mais pesadas. Havia guerra declarada não somente contra homens, mas contra os demônios e o chefe do exército deles. É, aliás, o que diz: Nem os príncipes pagãos exigem, apesar de cruéis e iníquos, que os soldados entrem em guerra e enfrentem perigos, subsistindo com seus próprios recursos. Como Cristo o exigiria? E o Apóstolo não se contenta com um exemplo só. Pois, até mesmo o mais simples e rude costuma acalmar, de maneira especial, a verificação de que os hábitos comuns concordam com as leis de Deus. Por isso parte para outro argumento, nesses termos:

Quem planta uma vinha e não come do seu fruto?

Mais acima assinalava os perigos, aqui o trabalho, o enorme cansaço e as preocupações. Ainda oferece um terceiro exemplo:

Quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite das ovelhas?

Neste trecho expõe a grande preocupação que deve ter o mestre ao instruir os discípulos. De fato, os apóstolos eram soldados, agricultores e pastores; não relativamente à terra, nem a irracionais, nem a guerras visíveis, mas a almas racionais e a fileiras instruídas para lutar contra os demônios. Note-se quanta moderação emprega em toda parte, somente procurando a utilidade, não o supérfluo. De fato, não pergunta: Quem luta e não se torna rico? E sim: "*Quem vai alguma vez à guerra com seus próprios recursos?*" Não interroga: Quem planta uma vinha e não acumula ouro, ou não vindima a totalidade dos frutos? E sim: *"E não come do seu fruto?"* Nem disse: Quem apascenta um rebanho e não faz negócios acerca dos cordeiros? Mas, como? *"E não se alimenta do leite das ovelhas?"* Não se alimenta dos cordeiros, mas *"do leite"*. Expõe que o mestre deve se contentar com pequeno subsídio e apenas com o indispensável sustento. Endereça-o àqueles que querem engolir tudo e vindimar totalmente. O Senhor também estabeleceu esta lei, com as palavras: "O operário é digno do seu sustento" (Mt 10,10). Não somente prova com exemplos, mas também patenteia qual há de ser o sacerdote. Efetivamente, o soldado precisa de fortaleza, o agricultor de cuidado, o pastor de solicitude; além disso, nada mais há de buscar a não ser o necessário. Tendo, portanto, demonstrado que ao mestre não é vedado receber, e isto através dos apóstolos e dos exemplos da vida cotidiana, vem ao terceiro ponto, assim se exprimindo:

8. *Digo isto, baseado apenas em considerações humanas? Ou a Lei não diz também a mesma coisa?*

Como até aqui não citou a Escritura, mas apresentou o uso comum, adianta: Não penseis que me apoio somente nesses pontos, nem promulgo o que apraz aos homens. Posso provar que estas coisas também agradam a Deus e leio estes preceitos na Antiga Lei. Assim, prossegue por interrogações,

como se costuma fazer para o que é absolutamente claro: *“Digo isto, baseado apenas em considerações humanas?”*, isto é, apoio-me apenas em exemplos humanos? *“Ou a Lei não diz também a mesma coisa?”*

9. *Com efeito, na Lei de Moisés está escrito: Não amordaçarás o boi que tritura o grão.*

E por que relembra isto, quando tem o exemplo dos sacerdotes? Porque queria prová-lo fartamente. Além disso, a fim de não se replicar: E o que nos importa o que foi dito acerca de bois? discute minuciosamente o assunto, dizendo: Acaso Deus se preocupa com os bois?

Então, pergunto, Deus não cuida dos bois? Cuida, certamente, mas não da maneira de que trata a lei. Por isso, a não ser que sugira algo de grande – exemplifica por meio dos animais, exercitando os judeus à benignidade, e também por meio deles, referindo-se aos mestre –, não se teria dado ao trabalho de escrever uma lei para não se amordaçarem os bois. Daí manifestar ainda que o trabalho dos mestres é enorme e deve sê-lo; e ainda outra coisa. Qual? Revela que tudo o que na Antiga lei se diz acerca do cuidado dos animais, aplicam-se principalmente ao ensinamento dos homens; como também o restante. Por exemplo, quanto ao que se fala de modo geral, tal como, acerca das várias espécies de vestes, das vinhas, das sementes, da terra, proceda-se da mesma forma; acerca da lepra, e por assim dizer, do restante. Visto, porém, que eram mais rudes, ao dissertar para eles, pouco a pouco os eleva. E vê como não mais comprova o resto, visto que é simples e manifesto por si. Tendo dito, portanto: *“Acaso Deus se preocupa com os bois?”*, adita:

10. *Não é, sem dúvida, por causa de nós que ele assim fala?*

Não é sem motivo que coloca a locução: “*Sem dúvida*”, a fim de não possibilitar ao ouvinte contradição alguma. Mas persiste na metáfora, proferindo:

Sim, por causa de nós é que isso foi escrito, pois aquele que ara deve arar com esperança, isto é, o mestre deve ter a recompensa de seus trabalhos; *aquele que pisa o grão deve ter a esperança de receber a sua parte*.

E vê sua prudência. Da semente conduz à eira; aqui ainda manifesta o suor dos mestres, porque eles mesmos aram e pisam o grão. E atribui a esperança ao ato de arar, na verdade, por não se perceber fruto algum, mas somente labor; à eira, ao pisar o grão, já concede o usufruto, dizendo: aquele que pisa o grão deve ter a esperança de receber a sua parte.

Ademais, no intuito de que não se retruque: É, então, esta a recompensa de tantos suores? ele acrescenta: com esperança, isto é, a futura. A boca não amordaçada deste animal não clama por outra coisa senão que os mestres que trabalham devem usufruir de uma recompensa.

11. *Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais?*

Eis que acrescenta um quarto argumento: importa oferecer o sustento. Uma vez que disse: *“Quem vai alguma vez à guerra com seus próprios recursos?”*, e: *“Quem planta uma vinha?”*, e: *“Quem apascenta um rebanho?”* e apresenta o boi a triturar, indica outra causa muito razoável para aceitar por justiça: não somente trabalharam, mas ofereceram algo muito maior. O que era, então? *“Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais?”* Vês a causa muito justa e, mais do que as precedentes, razoável? Pois lá, diz ele: A semente é material, também o fruto é material. Aqui, porém, não é assim, mas a semente é espiritual, a recompensa, contudo, material. Para evitar que eles se orgulhassem por terem oferecido algo aos mestres, manifesta que eles recebem dons maiores que suas dádivas. De fato, os agricultores colhem o mesmo que semeiam; nós, porém, que semeamos em vossas almas bens espirituais, colhemos bens materiais, porque tal é o alimento por eles concedido. Em seguida, envergonha-os mais ainda:

12. *Se outros exercem esse direito sobre vós, por que não o poderíamos nós com maior razão?*

Eis outro argumento extraído dos exemplos, mas não semelhantes. Aqui não menciona a Pedro, nem os apóstolos, mas a outros falsos apóstolos, contra os quais logo empreende a luta, e acerca dos quais diz: “Suportais que...vos devorem, que vos despojem, que vos tratem com soberba, que vos esbofeteiem” (2Cor 11,20); e já preludia a guerra que lhes fará. Por isso disse: “que vos despojem”, mas, desvendando a arrogância, a tirania, as negociações deles, declara: *“Se outros exercem esse direito sobre vós”*, isto é, vos dominam, exercem o poder, vos empregam como servos, não somente assumindo, mas com muito empenho e autoridade. Por isso acrescenta: *“Por que não o poderíamos nós com maior razão?* Não o teria proferido se estivesse se referindo aos apóstolos. É claro que ele indica a outros, muito perniciosos, que os enganavam. Por isso, além da lei de Moisés, também promulgastes uma lei sobre o dever de sustentar. Mas, tendo dito: *“Por que não o poderíamos nós com maior razão?”*, não dá provas de que poderia com maior razão, mas deixa à consciência deles comprová-lo, querendo a um tempo atemorizá-los e mais ainda envergonhá-los.

Todavia não usamos desse direito; isto é, não aceitamos auxílio. Vês como, tendo anteriormente comprovado com tantos raciocínios que não era ilegal aceitar, agora diz: Não aceitamos. Não quer parecer abster-se de uma coisa proibida. Não é por ser ilícito, afirma, que não aceitamos; é lícito e o demonstramos de muitos modos: pelo exemplo dos apóstolos, da vida cotidiana, do soldado, do agricultor, do pastor, da Lei de Moisés, da natureza do problema (porque semeamos entre vós os bens espirituais), por aquilo que fizestes aos outros. Mas a fim de não aparentar que censurava os apóstolos que aceitavam, apresentou razões e corrige mostrando que não se abstinha de coisa proibida. Ainda assim, evitava que, através dos muitos argumentos e exemplos frequentes, comprovantes de que se devia receber, não aparentasse que procurava obter algo e para tal desta forma se exprimia; logo corrige e enfim mais claramente o assinala, quando declara: *Nem escrevo estas coisas no intuito de reclamá-las em meu favor*.

Aqui, porém, diz: *“Todavia não usamos desse direito”*. Mais ainda: ninguém poderá dizer que tendo amplos poderes, não os utilizamos; na verdade, nem por necessidade premente, cedemos. Assegura o mesmo na segunda carta: “Despojei outras Igrejas, delas recebendo o salário a fim de vos servir. E, quando entre vós sofri necessidade, a ninguém fui pesado” (2Cor 11,8-9). E nesta ainda: *“Sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados”* (1Cor 4,11). E alude a isso novamente aqui: Ao contrário, tudo suportamos.

Ao proferir: *“Tudo suportamos”* insinua a fome e muitas angústias etc. Mas nem assim, afirma, precisamos transgredir a lei que a nós mesmos nos impusemos. Qual?

Para não criar obstáculo ao evangelho de Cristo.

Realmente, os coríntios eram mais fracos e por isso diz: No intuito de não vos escandalizar com uma aceitação, preferimos ir além do preceito a causar qualquer obstáculo ao evangelho, isto é, à vossa instrução. Se, porém, apesar da sua liceidade, de nosso intenso sofrimento e do exemplo dos apóstolos, não o fizemos, *“para não criar obstáculo”* (não fala de ruína, mas de *“obstáculo”*; nem simplesmente de obstáculo, mas de um determinado, a fim de não ocasionar nem a mais leve demora no curso da palavra), se, portanto, empregamos tamanha diligência, quanto mais vós, tão diferentes dos apóstolos, deveis abster-vos. Nem podeis alegar que a lei o permite, mas ao contrário, tocais também no que é proibido e ainda causais grande dano à pregação do evangelho; importa abster-se não só para evitar motivo de escândalo, mas também por não haver necessidade premente. Dirige todo o discurso àqueles que, devido à ingestão das carnes imoladas aos ídolos, escandalizavam os irmãos

mais fracos.

Igualmente nós, caríssimos, ouçamos. Não menosprezemos os que se escandalizam, nem criemos obstáculo ao evangelho de Cristo, ou comprometamos nossa salvação. Não me retruques quando o irmão se escandaliza: isto ou aquilo que o escandaliza não é proibido, é lícito. Eu, porém, te respondo com uma sentença mais importante: se o próprio Cristo permitir algo, e vires que alguém se escandaliza, renuncia e não utilizes a permissão. Paulo fez o mesmo: era lícito receber, visto que Cristo o permitia, entretanto não aceitou. O Senhor é benigno, e deu ordens com grande mansidão, para observarmos muitas coisas não apenas segundo um preceito, mas também por decisão livre. Ele poderia, de fato, se não quisesse agir assim, acentuar antes o preceito e prescrever: quem não jejuar sempre, seja punido; quem não observar a virgindade seja castigado; quem não se desfizer de todos os bens, sofrerá as maiores penas. Mas não o fez, dando-te oportunidade, se quiseres, de ser mais liberal. Por isso, ao se referir à virgindade, dizia: "Quem tiver capacidade para compreender, compreenda!" (Mt 19,12) e deu ao rico algumas ordens, deixando outras questões a seu arbítrio. Não disse: Vende o que tens; e sim: "Se queres ser perfeito vende" (Mt 19,21). Ora, nós não só deixamos de empreender as coisas maiores, não superamos o que é preceituado, mas estamos longe de preencher a medida dos mandamentos. Paulo, contudo, passava fome, para não criar obstáculo ao evangelho; nós, ao invés, não ousamos tocar em nossas provisões, mesmo vendo inúmeros homens perecerem. Corroa a traça, diz-se, e não corroa o pobre; devore o verme e não se vista o nu. Todos esses bens se consumam com o tempo e não se dê de comer a Cristo, e isso quando está com fome.

E quem é que assim fala? – perguntas. É problema muito grave, porque não é formulado com palavras, mas com fatos. Muito pior é o que não se profere com palavras, mas com ações. Acaso não clama assim diariamente a avareza, aquela cruel e desumana tirana, a seus cativos? Posta seja a mesa com iguarias para os caluniadores, os ladrões, os insidiosos e não para os famintos e carentes de alimento. Acaso vós não produzis os ladrões? Não alimentais o fogo dos invejosos? Não gerais desertores e pérfidos, seduzindo-os com o fomento de vossas riquezas? Que loucura! É demência e manifesta insânia encher as arcas de vestes e desprezar aquele que foi feito à imagem e semelhança de Deus, que se acha nu, treme de frio e mal se mantém de pé. Ora, replicas, ele está fingindo tremor e fraqueza. Não tens medo de que caia um raio do céu, atraído por essa palavra? Perdoai-me; estou explodindo de raiva. Tu, de fato, glutão e ébrio, que prolongas a bebedeira até alta noite, aquecido em macios leitos, não julgas que sofrerás justo castigo, por usar tão iniquamente dos dons de Deus (pois o vinho não é destinado à embriaguez, nem o alimento à gula, nem as provisões à saciedade excessiva) e obrigas a estritas contas o pobre, o miserável, em piores condições do que um cadáver, e não temes aquele terrível e formidável tribunal de Cristo? De fato, se ele finge, finge por necessidade e penúria, por causa de tua crueldade desumana, que faz com que necessite deste fingimento uma vez que ela não se inclina para a misericórdia. Qual o mísero e infeliz que somente para obter um pão, a não ser por premente necessidade, porta-se de modo tão indecoroso, e tolera golpes e tantas penas? Por conseguinte, aquela simulação se propaga, qual arauto de tua desumanidade. Uma vez que, apesar de suplicar, pedir, emitir palavras desditosas, lamentar-se, chorar e vagar o dia inteiro, nem o alimento necessário encontra, talvez tenha imaginado esse recurso, que acarreta desdouro e opróbrio não tanto a ele, quanto a ti. É justo que dele tenhamos compaixão, porque reduzido a tão grande penúria; nós, contudo, somos merecedores de mil suplícios porque obrigamos os pobres a tais atos. De fato, se facilmente nos inclinássemos para ele, jamais haveria de optar por tais padecimentos. E por que falo de nudez e tremor? Narrarei outro fato ainda mais horrível: alguns veem-se obrigados a cegar os filhos de pouca idade, a fim de tocar nossa insensibilidade. Com efeito, quando enxergavam e vagavam nus, não impressionavam aos homens impiedosos nem pela idade, nem pela tribulação; a tantos males

acrescentaram uma tragédia pior a fim de acalmar a fome, considerando um mal menor ficar privado da luz comum e dos raios de sol, pertencentes a todos, do que lutar continuamente com a fome e sujeitar-se a morte miserável. Uma vez que não aprendeste a ter compaixão da pobreza, mas te deleitas nas tribulações, eles satisfazem a vossa insaciável cupidez e acendem para si e para vós uma chama mais intensa que a da geena. E a fim de saberdes que estes males e outros semelhantes acontecem, apresento uma prova evidente, e à qual ninguém contradiz. Há outros pobres levianos e orgulhosos, que não suportam a fome, mas se sujeitam antes a qualquer mal do que a este. Frequentemente eles se acercam de vós com gestos e palavras lastimosos, e como nada conseguem, desistem das súplicas e deixam muito para trás os prestidigitadores. Uns mastigam a sola de sapatos gastos, outros enfiam agudos pregos na cabeça, outros detêm-se dentro de água gelada com o ventre nu, outros suportam maiores absurdos, oferecendo desonesto espetáculo.

Tu, porém, enquanto isso, ficas rindo e admirando, e te glorias da infelicidade alheia, apesar de se ultrajar a natureza humana. E o que faria mais do que isso o danado demônio? Em seguida, a fim de que se realize com maior prontidão, dispendes mais dinheiro. Entretanto, não te dignas nem ao menos responder ou dirigir o olhar ao mendigo que invoca a Deus, acerca-se com moderação, ou ao invés proferes contra ele palavras pesadas quando não raro for importuno: Este homem merece viver? Respirar? Ver o sol? Para os outros és alegre e liberal, como se fosses o organizador daquela ridícula e satânica torpeza. Por isso, dir-se-iam com maior conveniência àqueles que propõem esses jogos, e nada omitem até que vejam os outros atormentados, as seguintes palavras: Merecem viver e respirar? Ver o sol, aqueles que transgridem os limites da natureza comum e ofendem a Deus? E quando Deus ordena: Dá esmola, e conceder-te-ei o reino dos céus, não ouves. Mas, ao mostrar o diabo uma cabeça cheia de pregos, imediatamente te fazes liberal. És mais propenso ao artifício do demônio maligno, causa de tamanho dano, do que à promessa de Deus, carregada de inúmeros bens. Ainda que fosse preciso pagar a peso de ouro a fim de que tais fatos não acontecessem, não fossem dados em espetáculo, seria conveniente fazer e sofrer o possível para evitar tamanha loucura. Vós, porém, a fim de se realizarem e serem vistos, fazeis e agis quanto possível e ainda me interrogas: Dize-me, por que existe a geena? Ora, não faças mais tal pergunta e sim por que existe apenas uma só geena. De fato, quantos suplícios não merecem os fautores de tão cruel e desumano espetáculo, e riem do que se devia chorar por eles e por vós mesmos, ou antes por vós que impelis a ações tão indecorosas? Mas, dizes, não obrigo. Como, pergunto, não obrigas, se não queres dar ouvidos aos que suplicam com modéstia, lágrimas, e invocações a Deus, enquanto aos outros dás largamente, e convidas a muitos para admirá-los? E afastemos, dizes, os compadecidos deles. Então é isso que ordenas? É falta de compaixão, ó homem, exigir tanto sofrimento por dois óbolos, mandar que se dilacerem em vista de conseguirem o necessário sustento, e furem o couro cabeludo de forma tão acerba e miserável em muitas partes. Cala-te, respondes, porque não somos nós que lhes furamos a cabeça com cravos. Ainda que o fizesses, não seria o pior de tudo. Com efeito, quem mata um outro comete pecado muito mais grave do que aquele que manda um outro matar-se a si mesmo? E estas coisas igualmente acontecem aqui. As dores são mais atrozes, quando se recebe ordem de fazer mal a si mesmo com a própria mão. E isso acontece em Antioquia, onde em primeiro lugar os cristãos receberam esse nome, onde se encontravam os mais mansos de todos os homens, onde outrora as esmolas produziam tão copiosos frutos. E não as distribuíam somente aos presentes, mas também as enviavam aos que se achavam a uma grande distância, isso quando havia perigo de fome. O que, então, dizes, devemos fazer? Desistir dessa crueldade, convencer a todos os indigentes de que, se o fizerem, nada receberão e se, ao contrário, se aproximarem com moderação, haverão de fruir de grande liberalidade. Se, portanto, disto se convencerem, apesar de serem os mais miseráveis, jamais serão induzidos a se torturarem desta

forma. Eu o asseguro. Mas até vos serão gratos, por havê-los livrado do ridículo e de tal dor.

Além disso, ofereceis até os filhos pelos condutores de carros, e pelos dançarinos dais as próprias vidas. Em favor de Cristo faminto, porém, não concedeis a mínima parte de vossos bens; e se doardes um pouquinho de dinheiro, pensais que destes tudo, ignorando que a esmola significa principalmente dar com largueza e não simplesmente dar. Por isso o profeta não proclama e denomina bem-aventurados os que são apenas doadores, mas os que dão liberalmente. Não disse somente: Deu. Como, pois? “Ele distribuiu, deu aos indigentes” (Sl 112,9). O que adianta dares de tuas riquezas apenas como alguém, por exemplo, que enchesse um copo das águas do mar, se não fores um êmulo da grandeza de ânimo da viúva? Como dirás: “Tem piedade de mim, ó Deus, por tua grande misericórdia! Apaga minhas transgressões, por tua grande compaixão!” (Sl 51,3), quando tu mesmo não te compadeces por grande misericórdia, ou talvez, nem mesmo por pequena compaixão? Sinto enorme vergonha ao ver muitos ricos que ostentam cavalos com rédeas de ouro, carregados por escravos com ornamentos de ouro, com leitos de prata e muitos outros objetos luxuosos, e ao se tratar de dar a um pobre, são mais pobres do que os paupérrimos. Mas o que é que eles dizem frequentemente? Ele tem participação, responde, nos bens comuns da Igreja. E o que te importa isso? Se eu dou, nem por isso tu te salvas; nem, se a Igreja der, apagaste teus pecados. Por conseguinte, não dás, considerando que a Igreja deve dar aos necessitados. Uma vez que os sacerdotes rezam, tu jamais haverás de rezar? E porque os outros jejuam, tu continuamente estarás embriagado? Não sabes que Deus não legislou acerca da esmola tanto por causa dos pobres quanto em favor dos distribuidores? Acaso o sacerdote te é suspeito? Seria grave pecado; mas a este respeito não disputarei minuciosamente. Pratica tudo pessoalmente, e adquirirás dupla recompensa. Com efeito, o que dissertamos acerca da esmola não foi para que no-la ofereças, mas a fim de que pessoalmente a distribuas. Pois, se a entregas a mim, talvez cairás na vanglória, e muitas vezes talvez também te escandalizes, com falsas suspeitas. Se, porém por vós mesmos fazeis tudo, ficareis isentos de escândalos e absurdas suspeitas e vossa retribuição será maior.

Não o digo, portanto, para vos obrigar a trazer aqui as ofertas; nem indignado por se falar mal dos sacerdotes. Pois se convém irritar-se e condoer-se, é a vós, detratores, que se há de lastimar. Aqueles, pois, que em vão e sem fundamento sofrem detração, terão recompensa maior; mais grave, contudo, será o juízo e o castigo do que maldizem. Não me exprimo desta forma por causa deles, mas devido a meus cuidados e solicitude por vós. Não é de espantar que em nossos dias haja suspeitas relativamente a alguns, uma vez que mesmo no tempo daqueles santos que imitavam os anjos, que nada de próprio possuíam, digo os apóstolos, houve murmuração quanto ao serviço às viúvas, e de que as pobres eram desprezadas, quando ninguém dizia ser sua alguma coisa, mas tudo era comum entre eles. Não proponhamos tais pretextos, nem pensemos que contribui para nossa defesa o fato de possuir a Igreja muitos bens. Ao considerares a quantidade de suas posses, pondera também a grei dos pobres inscritos, a multidão dos doentes, as ocasiões de inúmeras despesas. Examina curiosamente e perscruta. Ninguém o impede, ao invés estamos prontos a prestar contas. Mas quero empregar uma hipérbole. Depois de prestarmos contas e mostrarmos que a despesa não é menor do que as entradas, antes, até um pouco maior, perguntar-vos-ei de bom grado o que diremos quando partirmos daqui, e ouvirmos Cristo dizer: “Vistes-me com fome e não me destes de comer. Estive nu e não me vestistes” (Mt 25,42-43)? Que defesa teremos? Apelaremos para um ou outro que não obedeceu ao preceito, ou alguns dos sacerdotes suspeitos? E que te importará isto, ele dirá? Eu te acuso dos pecados que cometeste. A justificação consiste em que sejam purificados teus próprios pecados, não que mostres que outros neles incidiram. Pois a Igreja, em consequência de vossa parcimônia, é obrigada a ter o que agora possui. Se tudo se realizasse segundo as leis apostólicas, os seus recursos deviam ser vossos

ânimos, que, na verdade, seriam cofre seguro e tesouro inexaurível. Agora, porém, enquanto acumulais na terra e tudo encerrais nos vossos cofres, a Igreja precisa gastar com os grupos de viúvas, os coros das virgens, os hóspedes que chegam, as tribulações dos peregrinos, os padecimentos dos encarcerados, as necessidades dos doentes e mutilados, e outras situações semelhantes. O que fazer? Virar as costas a todos e fechar tantos portos? E quem bastará para socorrer aos naufrágios que ocorrerem, às lágrimas, aos lamentos, aos gemidos de todas as partes? Não proferimos em vão o que vem à mente. Agora, portanto, conforme já disse, estamos prontos a prestar-vos contas. Se a realidade é diferente e se tendes mestres corruptos, que roubam tudo e são avaros, nem a maldade deles se prestaria à vossa defesa. Pois o Unigênito Filho de Deus, amigo dos homens e sapientíssimo, que vê todas as coisas e sabe que existem durante tão longo tempo e grandes distâncias muitos sacerdotes corruptos, a fim de não suceder que a incúria deles aumente a indolência dos súditos, e no intuito de apartar qualquer desculpa de negligência, diz: “Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações” (Mt 23,2-3), manifestando que, apesar de teres um mestre perverso, nada te trará proveito a não ser atenderes ao que for dito. Deus não há de basear o cálculo nas ações do mestre, mas no fato de teres ouvido e desobedecido. Pratica os preceitos, e comparecerás com muita confiança; e, apesar de citares inúmeros mestres corruptos, não te desculparás se desobedeceres às palavras. Efetivamente, Judas era apóstolo; todavia, jamais isso servirá de desculpa aos sacrílegos e avaros. E não poderá um acusado dizer: De fato, o apóstolo era ladrão, sacrílego e traidor. Mas isso nos entregará a maior suplício e condenação, porque nem diante dos pecados alheios nos tornamos melhores. Tais narrações devem induzir-nos a não imitá-los. Por esse motivo, deixando de lado um ou outro, prestemos atenção a nós próprios. Cada qual prestará contas a Deus de si mesmo. Por conseguinte, a fim de prestarmos estas contas bem defendidos, coloquemos em ordem nossa vida, e estendamos pródigas mãos aos pobres, cientes de que nossa única defesa consiste em mostrarmos que cumprimos os preceitos; outra não existe. Se o pudermos exibir, escaparemos dos intoleráveis tormentos da geena, e alcançaremos os bens futuros. Possamos todos nós obtê-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

13. *Não sabeis que aqueles que desempenham funções sagradas, vivem dos rendimentos do templo, e aqueles que servem ao altar têm parte no que é oferecido sobre o altar?*

14. *Da mesma forma, o Senhor ordenou àqueles que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho.*

O Apóstolo cuida bem de manifestar que não é proibido receber auxílio. Por isso, não considerou suficiente ter anteriormente proferido tantas e tão grandes sentenças, mas ainda volta à Lei, indicando um exemplo mais conveniente. Não era o mesmo introduzir o que era ordenado acerca dos bois, ou com eloquência dissertar sobre a lei promulgada para os sacerdotes. Pondera também nisto a prudência de Paulo, com quanta dignidade trata da questão. De fato, não disse: Os que desempenham funções sagradas recebem sua parte dos que oferecem. O que foi que disse? “*Vivem dos rendimentos do templo*” a fim de não se ofenderem os que recebem, nem se exaltarem os ofertantes. Por isso assim expõe o que se segue, porque não diz: Os que servem ao altar recebem as dádivas dos que imolam, e sim: “*Têm parte no que é oferecido sobre o altar*”. Pois as ofertas já não pertenciam aos ofertantes, mas ao templo e ao altar. Nem declarou: Recebem as coisas sagradas, mas: “*Vivem dos rendimentos do templo*”, demonstrando ainda que importa moderação e não acumular riquezas e enriquecer. Se,

porém, ele afirma: *“Têm parte no que é oferecido sobre o altar”*, não assinala distribuição em partes iguais, mas apenas o devido apoio. Ora, os apóstolos obtinham muito mais. Entre eles, de fato, o sacerdócio era uma honra; aqui, porém, consiste em perigos, massacres e morticínios. Por isso, atingia mais longe do que os outros exemplos o dito: *“Se semeamos em vosso favor os bens espirituais”* (1Cor 9,11). Ao afirmar: *“Semeamos”*, assinala tempestades, perigos, insídias e inenarráveis sofrimentos aos quais eram submetidos os pregadores. No entanto, embora tão grande fosse a excelência, não quis diminuir a dignidade do antigo sacerdócio, nem enaltecer o seu, mas de certo modo rebaixa o que é seu, não o enaltecendo à medida dos perigos, e sim conforme a grandeza do dom. Com efeito, não disse: Se enfrentamos perigos ou fomos atacados e insidiados, e sim: *“Se semeamos em vosso favor os bens espirituais”*, exaltando, à medida do possível, as ações dos sacerdotes: *“Aqueles que desempenham funções sagradas, e aqueles que servem ao altar”*, querendo acentuar o perpétuo serviço e a persistência deles. E tendo mencionado os sacerdotes judeus, levitas e pontífices, indica ambas as ordens, as inferiores e as superiores, umas, ao dizer: *“Aqueles que desempenham funções sagradas”*, e as outras: *“Aqueles que servem ao altar”*. Nem todas recebiam o mesmo mandato, mas a uns foram confiados os serviços mais pesados e a outros os mais elevados. Abraçando, portanto, a todos, a fim de não se dizer: Por que rememoraste o Antigo Testamento? Não sabes que estamos na época dos mandamentos mais perfeitos? Depois de todos aqueles mencionou o mais forte de todos, nesses termos: *“Da mesma forma, o Senhor ordenou àqueles que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho”*. Não declara nesta passagem que é sustentado pelos homens, mas assim como no caso dos sacerdotes diz: *“Dos rendimentos do templo”* e: *“Do que é oferecido sobre o altar”*, aqui também afirma: *“Do evangelho”*. E como ali: *“Sustentar-se”* diz aqui: *“Viver”*, não negociar ou entesourar. Diz o evangelho: “O operário é digno do seu sustento” (Mt 10,10).

15. *Da minha parte, porém, não me vali de nenhum desses direitos.*

Então, replicas, se agora não usaste desses direitos, no futuro queres utilizá-los e é por isso que assim te exprimes? Ora essa! Imediatamente, por isso, se corrige, dizendo:

Nem escrevo essas coisas no intuito de reclamá-los em meu favor.

E observa com que veemência o nega e repele: *Antes morrer... Ninguém me arrebatará esse título de glória!*

E não emprega estas expressões uma vez ou duas, mas frequentemente; pois dissera mais acima: *“Todavia não usamos esse direito”*; e após ainda: *“Sem usar dos direitos que... me confere”*, e nesse trecho: *“Não me vali de nenhum desses direitos”*. *“Desses”*, de quais? Dos exemplos de muitos. Quando muitos me ofereciam tal faculdade, o soldado, o agricultor, o pastor, os apóstolos, a lei, nossos atos em vosso favor, vossas ações relativas ao próximo, os sacerdotes, os preceitos de Cristo – nada disso segui, de sorte a desistir de minha atitude e receber a dádiva. E não me fales do passado. Embora possa dizer que anteriormente muito sofri em prol desta causa, no entanto não me apoio somente nisso, mas também asseguro a respeito do futuro que prefiro morrer de fome do que ser privado desta coroa. *“Antes morrer... Ninguém me arrebatará esse título de glória!”* Não afirma: Ninguém me arrebatará minha norma de vida, e sim: *“Minha glória”*. E dá à sua atitude, demonstrando imensa alegria e prontidão, a denominação de título de glória, afim de que não se diga que ele na realidade o fazia, mas não com alegria e sim gemendo e chorando. Estava tão longe de lastimar que ainda se gloriava, e preferia morrer a perder esta glória. O que então se realizava era-lhe mais suave do que a própria vida.

Em seguida, em outra passagem exalta sua atitude e revela que é grandiosa, não por desejar parecer sublime, pois estava livre de tal paixão, mas para manifestar que se alegrava e afastar qualquer

suspeita. Por isso, conforme já disse, denomina-o título de glória. E o que disse?

16. *Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!*

17. *Se eu o fizesse por iniciativa própria, teria direito a um salário; mas, já que o faço por imposição, desempenho um encargo que me foi confiado.*

18. *Qual é então o meu salário? É que, pregando o evangelho, eu o prego gratuitamente, sem usar dos direitos que a pregação do evangelho me confere.*

O que afirmas? – dize-me. Se evangelizas, não é para ti título de glória; mas se anuncias o evangelho sem salário? Este, portanto, é maior do que aquele? De forma alguma; mas de outro modo tem algo a mais, visto que o anúncio, na verdade, foi ordenado, e a minha atitude, contudo, foi tomada esplendidamente por meu próprio arbítrio. Pois, ultrapassar o preceito merece grande recompensa; o que é de acordo com o mandamento, não tanto. Neste sentido e não de acordo com a própria natureza, assegura que o primeiro importa mais do que o último. De fato, o que seria igual à pregação? Por meio dela, de fato, os apóstolos rivalizam com os anjos. No entanto, uma vez que uma coisa é preceituada e imposta, e a outra foi assumida voluntária e prontamente, esta faz-se maior. Por conseguinte declara, interpretando de igual modo que eu agora:

"Se eu o fizesse por iniciativa própria, teria direito a um salário; mas, já que o faço por imposição, desempenho um encargo que me foi confiado". As expressões: *"Por iniciativa própria"* e: *"Por imposição"* exprimem respectivamente: encargo confiado e não confiado. Mas a locução: *"É, antes, uma necessidade que se me impõe"* não deve ser interpretada como algo que se faz contra a vontade, de modo algum, mas como submissão às incumbências e para opor distinção à citada liberdade de receber. Por isso, Cristo dizia aos discípulos: "Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos servos inúteis, fizemos apenas o que devíamos fazer" (Lc 17,10). *"Qual é então o meu salário? É que, pregando o evangelho, eu o prego gratuitamente."* E então, Pedro não tem recompensa? E quem jamais teria tão grande quanto ele? E os demais apóstolos? Por que assevera, portanto: *"Se eu o fizesse por iniciativa própria, teria direito a um salário; mas, já que o faço por imposição, desempenho um encargo que me foi confiado".* Vês aqui também a prudência? Nem assegurou: Se o faço por imposição, não tenho recompensa, e sim: *"Desempenho um encargo que me foi confiado"*, manifestando que assim também receberá recompensa, qual a de alguém que executaria as ordens e não qual a de quem por medo prontamente vai além do preceito. *"Qual é então o meu salário? É que, pregando o evangelho, eu o prego gratuitamente, sem usar dos direitos que a pregação do evangelho me confere".* Vês como emprega sempre o nome de direito, demonstrando o que eu disse frequentemente não serem merecedores de censura os que aceitam? Acrescenta, contudo: *"Do evangelho"*, simultaneamente indicando o evangelho e proibindo estender a questão a toda parte. Deve receber o mestre, e não o simplesmente ocioso.

19. *Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível.*

Nesse trecho novamente emprega outra hipérbole. É importante não receber, entretanto, o que vai explicar é muito mais. O que é? Não somente não recebi, diz ele, não utilizei esse direito, mas ainda me submeti à servidão, ou melhor, a várias e a todas as espécies de servidão. Pois não foi somente de dinheiro, mas o que é muito mais, de muitas e variadas maneiras; e submeti-me à servidão, quando a nada era sujeito, nem forçado por necessidade alguma; é o que significa: *"Ainda que livre em relação a todos".* E não me submeti a um só, mas à terra inteira; por isso acrescentou: *"Fiz-me o servo de*

todos”. Efetivamente, recebera ordem de pregar, e anunciar o que me fora confiado; no entanto, empenhei-me em planejar e excogitar inumeráveis ensinamentos. De fato, era obrigado apenas a versar o dinheiro; eu, no entanto, nada fazia por exigi-lo, esforçando-me por fazer mais do que me fora mandado. Uma vez que fazia tudo por livre-arbítrio, prontidão e amor a Cristo, ambicionava com insaciável desejo a salvação dos homens.

Nesse intuito transpunha os obstáculos com ingente prontidão, através de tudo indo aos saltos além do próprio céu. E falando em servidão, recapitula vários modos desta. Quais?

20. *Para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus.*

E quando o fez? Quando circuncidou, a fim de abolir a circuncisão. Por isso não diz: judeu, e sim: *“Como judeu”*, o que era medida de governo. O que dizes? Pregoeiro do orbe, tocou os céus, resplandeceu na graça, e de repente desce tanto? Sim; e é também um modo de subir. Não olhes somente o fato de descer, mas também que soergue aquele que jaz embaixo, e reconduz a si.

21. *Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei – para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei.*

Trata-se de explicação do acima referido, ou sugere algo além. Na verdade, denomina *“judeus”* os que outrora, desde o início eram tais; *“sujeitos à Lei”*, porém, são os prosélitos, ou os fiéis que ainda aderiam à Lei. Pois não estavam como os judeus, mas sujeitos à Lei. E quando o Apóstolo se fez como se estivesse sujeito à Lei? Quan-
do cortou os cabelos, quando ofereceu sacrifício. Não
agiu dessa forma por ter mudado de opinião – seria um mal –, mas por condescendência e caridade. Pois, a fim de converter os que verdadeiramente eram judeus, fez-se também ele judeu, não realmente, mas só em aparência; não o era, nem assim procedia de coração. Como, de fato, poderia estar sujeito à Lei, quando só cuidava de converter os outros, a fim de, através de tal humildade, libertar os que assim agiam?

21. *Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei*

Não se tratava de judeus, nem de cristãos, nem de pagãos; mas eles viviam *“sem a Lei”*, como Cornélio, e outros que se lhe assemelhavam. O Apóstolo, acercando-se deles, simulava atender a muitos usos deles. Alguns dizem, de fato, que ele insinua a disputa que tivera com os atenienses acerca da inscrição no altar, e por isso disse: *“Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei”*. Além disso, a fim de não se julgar que o fato indicava mudança de opinião, acrescentou: – ainda que não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo – isto é, não somente não vivia sem lei, nem simplesmente sujeito à Lei, mas possuía uma Lei muito mais sublime do que a Antiga, isto é, a do Espírito e da graça, e por isso acrescenta: *“De Cristo”*. Feito isso, a fim de dar crédito a seu parecer, apresenta novamente o lucro de sua condescendência, dizendo: para ganhar aqueles que vivem sem a Lei.

E em toda parte alude à causa de sua condescendência. Não para neste ponto, mas assevera:

22. *Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos.*

Enfim refere-se ao motivo por que proferiu tudo isso. Ora, aquelas coisas eram muito mais importantes, enquanto estas mais convenientes e por isso coloca-as em último lugar. De maneira idêntica procedera relativamente aos romanos, quando os acusava a respeito dos alimentos, e em muitos outros lugares. Ademais, a fim de não se deter longamente, tratando de cada coisa e de todas, disse: *Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo.*

Vês a hipérbole? *“Tornei-me tudo para todos”*, não quer dizer que esperasse salvar a todos, mas a

fim de salvar ao menos uns poucos. E dediquei-me ao trabalho, na verdade, a um ministério que pudesse salvar a todos, embora não esperasse que haveria de lucrar a todos, o que era, de fato, grandioso e próprio de um ânimo ardente. Pois o semeador semeia em toda parte, mas não aproveita toda semente; todavia, faz o possível. E contando o pequeno número dos que foram salvos, novamente acrescentou as palavras: *"A todo custo"*, para consolar os que sofrem com isso. Efetivamente, se não é possível aproveitar todas as sementes, contudo é impossível que todas se percam. Por isso disse: *"A todo custo"*, porque necessariamente quem cuida com tanto fervor, também conseguirá.

23. *E, isso tudo, eu o faço por causa do evangelho, para dele me tornar participante.*

Isto é, para parecer que também eu contribuí com algo, e me torne participante das coroas reservadas aos fiéis. Assim como dizia: *"Viver do evangelho"*, isto é, com os dons dos fiéis, assim também nesta passagem: *"Para dele me tornar participante"*, de sorte que possa estar em comunhão com os que acreditaram no evangelho. Vês que humildade, ao se considerar um entre muitos no momento da retribuição, apesar de ter trabalhado mais do que todos? Daí se evidencia merecer prêmios maiores. Todavia, não se julga digno de ter as primícias, mas deseja ser com os outros participante das coroas que lhes estão reservadas. Assim se exprimia, não porque agisse em vista de recompensa, mas para atraí-los igualmente e persuadi-los, através dessa esperança, a fazer tudo pelos irmãos. Viste a prudência? Viste o excesso de zelo, pois foi além do preceito e nada recebia, apesar de ser lícito? Viste a suma condescendência, uma vez que se achava sob a lei de Cristo, e observava a Lei suprema :*"para aqueles que vivem sem a Lei"*, fez-se *"como se vivesse sem a Lei"*; *"para os judeus... como judeu"*. Entretanto, em ambos os casos, é sublime e vencedor de todos. Também tu age desse modo, e não julgues decair de tua sublimidade, se sofreres por causa de um irmão humilde; não seria cair, mas descer. Quem cai, jaz e com dificuldade se levanta; mas quem desce, também sobe e com muito lucro. Assim como Paulo desceu sozinho na realidade, mas com o mundo todo subiu, sem simulação. Não procuraria o lucro dos que foram salvos, se fingisse. O hipócrita procura a perda e finge para receber, não para dar. O Apóstolo, porém, não é assim, mas qual médico, doutor e pai, tem condescendência respectivamente para com o doente, o discípulo, o filho, visando à correção, e não à ruína; é idêntico o que acontece aqui.

As declarações não constituíam simulação. Nada disso era forçado a proferir ou fazer, mas queria mostrar afeto e confiança. Ouve como se revela: "Pois estou convencido que nem a vida nem a morte, nem os anjos nem os principados nem as potestades, nem o presente nem o futuro, nem a altura nem as profundezas, nem outra qualquer criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8,38-39). Viste a caridade mais ardente que o fogo? Assim também nós amemos a Cristo; pois é fácil, se o quisermos. Nem para o Apóstolo isso era natural; de fato está escrito que seus antecedentes eram opostos, a fim de sabermos que para isso se precisa do livre-arbítrio, e tudo é fácil para os que querem. Por conseguinte, não desesperemos; mas embora sejas injuriador, embora avaro, embora qualquer outro, pensa que Paulo era blasfemo, perseguidor, injuriador, o primeiro dos pecadores e de repente subiu ao cume da virtude, e seus antecedentes não lhe causaram impedimento algum. Ora, ninguém com tanto furor pratica a maldade quanto ele combateu a Igreja. Pois então ele entregou a própria alma; e pesava-lhe não ter inúmeras mãos para atacar a Estêvão. Todavia encontrou o modo de feri-lo com as mãos de muitas falsas testemunhas, cujas vestes ele guardava. E ao entrar nas casas, saltava como fera, arrastando e ferindo homens e mulheres, enchendo tudo de tumulto, estrépito e inúmeras lutas. De tal modo era terrível que os apóstolos, mesmo depois de sua excelente conversão, ainda não ousavam juntar-se a ele. Entretanto, posteriormente se tornou tal qual foi verdadeiramente; e não é preciso dizer mais. Onde, portanto,

estão aqueles que afirmam a necessidade do destino contra a liberdade de nosso arbítrio? Ouçam esses dizeres, e tapem a boca. Nada impede àquele que quer tornar-se bom, apesar de anteriormente ser contado entre os mais malvados. Para tanto somos mais propensos, enquanto segundo a natureza temos em nós a virtude, e de fora acha-se o vício, bem como a doença está relativamente à saúde. De fato, Deus não nos concedeu olhos para termos olhares impudicos, mas a fim de que, ao admirarmos a criação, possamos adorar o Criador. Por tudo o que cai sob nossos olhos evidencia-se ser tal a finalidade dos olhos.

Pois, contemplamos a beleza do sol e do céu num espaço imenso; um belo rosto de mulher ninguém reconheceria nesta distância. Vês que os olhos nos foram dados principalmente para isso? Igualmente não fez o ouvido para recebermos palavras blasfemas, e sim ensinamentos salutares. De fato, quando ele capta algo de dissonante, entorpece-se a alma e o próprio corpo. Diz a Escritura: "A conversa do que vive jurando arrepia os cabelos" (Eclo 27,15). E se ouvirmos algo de cruel ou desumano, logo estremecemos; se for, porém, harmonioso e humano, alegramo-nos e regozijamo-nos. Também a boca profere palavras torpes com pudor e vergonha; ao invés, emite calma e livremente palavras honestas. Ninguém se cora do que é segundo a natureza e sim do que é desvirtuado.

De fato, as mãos rapaces ocultam-se e procuram defesa; mas ao dar esmola, até se exibem. Por conseguinte, se quisermos, teremos sempre grande propensão para a virtude. Ao me replicares, porém, que a maldade produz prazer, considera que é maior o que se lucra com a virtude. De fato, possuir uma boa consciência, ser de modo geral admirado e ter boas esperanças constitui o que há de mais agradável para os que ponderam a natureza do prazer, enquanto o oposto é o mais doloroso para quem conhece a natureza do pesar; por exemplo, ser ultrajado por todos, acusar-se a si mesmo, temer e tremer diante do presente e do futuro.

E para se tornar mais claro o que afirmo, suponhamos um homem casado que violenta a mulher do próximo e por esse desonesto furto frui de sua amante. De outro lado, a esse oponhamos um outro, que ama somente a sua, no entanto – a fim de que a vitória seja mais evidente – o que se une somente a sua mulher, ama também a adúltera, mas contém o amor impuro e nada de mal faz; embora não seja temperança perfeita, por absurdo, imaginamos tal drama para apreenderes como é grande o enlevo da virtude. Comparando-os, portanto, interroguemos a ambos qual tem a vida mais suave e ouvirás a um se gloriando e exultando pela vitória que alcançou contra a concupiscência; do outro, contudo, é melhor não querer conhecer algo, e verificarás que embora o negue mil vezes, é mais infeliz do que os que se acham em cadeias. Pois teme a todos e considera-os suspeitos: a esposa, o marido da adúltera, a própria adúltera, os familiares, os amigos, os parentes, as paredes, as sombras, e a si mesmo; e o que é mais grave do que tudo, a consciência reclama e ladra sem cessar. Ao se recordar do tribunal de Deus, não se manterá ereto. O prazer é breve, a dor daí oriunda é contínua. Pois à tarde e à noite, na solidão, na cidade, em toda parte persegue-o o acusador, mostrando-lhe a espada aguda e os intoleráveis suplícios, gastando-o e consumindo-o de medo. O temperante, isento de tudo isso, está em liberdade, e olha com segurança a mulher, os filhos, os amigos, e contempla tudo com desembaraço. Se, porém, aquele que sente um amor impuro, e, no entanto, se contém, tem enorme prazer, quem não ama, e é completamente temperante, não terá a alma mais suave e plácida do que a calmaria, ou o porto seguro? Talvez vejas poucos homens adúlteros, e temperantes em maior número. Se o adultério fosse o mais suave, muitos o escolheriam. Nem alegues o medo das leis; pois nem este os retém, e sim o excesso absurdo, o número maior de acontecimentos tristes do que de agradáveis, e também o juízo da consciência. Efetivamente, é tal o adúltero.

Se vos apraz, falemos também do avaro, expondo ainda outro amor iníquo. De fato, vemo-lo com igual medo, sem poder gozar de verdadeiro prazer. Revolvendo na mente os que sofrem injustiça, os

que se compadecem deles, e a apreciação comum a respeito dele, é sacudido por inúmeros vagalhões. Não somente isso lhe é molesto, mas nem pode gozar do que ama. Tal é a situação dos avarentos: não possuem para usufruir, mas para não usufruir. Parece um enigma? Escuta o que é pior e mais ambíguo: privam-se do prazer não somente porque não ousam gozar dos bens quanto querem, mas também porque nunca se saciam, e sempre padecem de sede. O que há de mais molesto? Ora, o justo não é tal, mas acha-se livre de tremor, de ódio, de medo, desta sede insaciável. E como todos aborrecem o avaro, assim também todos desejam bem ao justo, e se o primeiro não tem amigos, este não possui inimigo algum. O que, portanto, é evidentemente mais desagradável que a maldade, ou mais suave que a virtude? Ou melhor, mesmo que mencionemos inúmeros bens, ninguém conseguirá exprimir a tristeza do vício ou o prazer da virtude, enquanto não as experimentar. Verificaremos que o vício é mais amargo que o fel, ao provarmos o mel da virtude. De outro lado, o vício é desagradável, oneroso e molesto. Não o negam nem os que o servem. Ao nos apartarmos dele, então com maior intensidade sente remorso da crueldade de suas ordens. Não é de espantar que muitos acorram a ele; por vezes também os meninos escolhem o que é menos doce, desprezam o que mais deleita, e adoecendo por causa de um agrado passageiro, perdem uma alegria contínua e mais segura. Provém o fato da fraqueza e estultice dos que amam, não da própria natureza. Vive, na realidade, com prazer o virtuoso, que verdadeiramente é rico e livre. Se alguém atribuir à virtude liberdade, segurança, isenção de preocupações e de qualquer temor e suspeita, no entanto não lhe atribuir prazer, rir-me-ei profusamente. Pois, em que consiste o prazer senão em estar isento de preocupações, de temor, de tristeza, e de ficar preso a qualquer coisa? Qual dos dois, pergunto, sente prazer, o furioso, agitado, incitado por muitas ambições, que não é senhor de si? Ou quem está liberto de todas essas vagas, de certo modo sentado no porto da filosofia? Não é evidente que é este último? É claro que o gozo é peculiar à virtude. Por conseguinte o vício tem somente o nome de prazer, mas encontra-se vazio de conteúdo. Antes de gozares é loucura, não prazer, e depois de o sentires, logo se extingue. Se, portanto, nem no início, nem no fim está o prazer, onde se encontra e quando? A fim de apreenderes mais claramente o que digo, tratemos do assunto por meio de um exemplo. Atenção! Alguém ficou cativo do amor a uma mulher bela, formosa e até que consiga a realização do seu desejo, é semelhante aos furiosos e loucos; depois, a concupiscência se extingue. Se, portanto, nem no começo é prazer, porque é furor, nem no fim, pois a união extingue o desejo, onde o encontraremos? Os nossos bens, contudo, não são desta espécie, mas no início estão livres de perturbações, e até o fim continua vigente o prazer; ou antes, não finaliza, nem possuem um termo nossos bens, nem se dissipa o gozo. Considerando tudo isso, se amamos o prazer, assumamos a virtude, a fim de conseguirmos os bens presentes e futuros. Possamos todos nós alcançá-los, pela graça e benignidade etc.

VIGÉSIMA TERCEIRA HOMILIA

24. *Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio?*

O Apóstolo, após ter demonstrado ser sumamente útil a condescendência e constituir o cume da perfeição e que ele, mais que todos, alcançou tal perfeição, ou antes, a ultrapassou, porque não recebia de outros a subsistência, em seguida desceu abaixo de todos, e fez-nos conhecer a ocasião oportuna de cada uma, a saber, da perfeição e da condescendência. Logo mais intensamente os ataca, sugerindo que suas ações, apesar da aparência de perfeição, constavam de vão e supérfluo labor. Não o declara abertamente, a fim de não agir com impertinência, mas o comprova por aquilo que assinala. Tendo afirmado que eles pecavam contra Cristo e perdiam os irmãos, e não alcançariam a utilidade de uma perfeita ciência, se não houvesse caridade, novamente apresenta um exemplo comum, nesses termos: *"Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio?"* Assim se

exprime, não como se um só dentre muitos haveria de conseguir a salvação, de modo algum, mas por ser preciso empregar grande zelo. Se, pois, naquele caso, apesar de serem muitos os que desciam ao estádio, não eram muitos os coroados, mas somente um conseguia a coroa, nem bastava descer ao combate, ser ungido e concorrer, no presente caso não é suficiente ter acreditado e lutar de qualquer modo, mas nada alcançaremos, a não ser que corramos, até o fim nos mostremos inatingíveis, e tenhamos acesso ao prêmio. Se, pois, diz ele, te consideramos perfeito, segundo a ciência, contudo ainda não recebeste tudo, o que indica ao dizer: *Correi, portanto, de maneira a consegui-lo.*

De certo modo ainda não o haviam conseguido. E depois de declará-lo, ensina o modo de alcançar:

25. *Todos os atletas se abstêm de tudo;*

O que quer dizer: *"De tudo"?* Não se abstém de uma coisa, e em relação a outra peca; mas abstém-se da gula, da sensualidade, da embriaguez, e de todos os vícios. Pois tal atitude, diz ele, observa-se também nos certames de fora. Aos combatentes no tempo dos certames não é lícito embriagar-se, nem fornicar, a fim de não perderem as forças; nem ter outra ocupação qualquer, mas devem afastar-se inteiramente de tudo e dedicar-se somente dentro dos ginásios. Se, porém, assim acontece onde a coroa é de um só, muito mais aqui, onde a liberalidade é maior. Nem é um somente que é coroado, e os prêmios superam de longe os trabalhos. Por isso, o Apóstolo, envergonhando-os, assim se expressa: eles, para ganhar uma coroa perecível; nós, porém, para ganhar uma coroa imperecível.

26. *Quanto a mim, é assim que corro, não ao incerto;*

Após tê-los envergonhado em comparação com os pagãos, finalmente apresenta-se a si mesmo, o que é excelente maneira de ensinar. De fato, sempre ele age desta forma. Qual o sentido da locução: "*Não ao incerto*"? Olho para determinada meta, diz ele, não em vão, inutilmente, como vós. O que vos advém em acréscimo ao entrardes nos templos dos ídolos, e exibirdes aquela perfeição? Nada. Comigo não sucede o mesmo; mas todas as minhas ações visam à salvação do próximo, quer demonstre perfeição por causa deles, quer mostre condescendência por causa deles, quer supere a Pedro pelo fato de não receber auxílio, a fim de não lhes servir de tropeço, quer me humilhe mais que todos enquanto pratico a circuncisão e corto os cabelos, a fim de não lhes dar uma "rasteira". É este o significado da expressão: "*Não ao incerto*". Tu, porém, dize-me, por que comes no templo dos ídolos? Mas não poderias apresentar uma causa razoável. Com efeito, o alimento não te aproxima de Deus, e se comeres nada lucrarás, se não comeres, nada perderás. Por conseguinte corres de forma inconsiderada e vã. É o sentido da fórmula: *"Não ao incerto";* é assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar.

Novamente o sugere, mas não de forma vã e inconsiderada: Tenho a quem ferir, a saber, o diabo; tu, contudo, não o feres, mas gastas debalde tuas forças. Por enquanto, suportando-os de certo modo, assim se expressa. Uma vez que os atacara fortemente nas palavras precedentes, novamente reprime a censura, reservando para o fim do discurso o ferimento mais profundo. Assegura que eles agem de forma vã e inconsiderada; depois manifesta que é grande o mal que recai sobre sua cabeça, e além do prejuízo dos irmãos, os que ousam fazê-lo não estão isentos de culpa.

27. *Trato duramente o meu corpo e reduzo-o à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado.*

Então mostra que eles estão presos ao desejo de encher o estômago, de soltar as rédeas, e sob pretexto de perfeição satisfazer à gula; ele mais acima o concebia, ao se exprimir: *"Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos"* (1Cor 6,10). Uma vez que as delícias geram a fornicação, e esta a idolatria, com razão muitas vezes ele ataca essa moléstia. E ao desvendar quanto sofreu por causa do evangelho, também dela trata. Pois conforme diz: Fui além do mandamento, e não é

problema leve (porque diz: “*Tudo suportamos”*); assim agora suporto muito trabalho, a fim de viver com temperança. Com efeito, embora não se possa facilmente combater a cupidez, a tirania do ventre, contudo eu a refreio, nem me entrego à paixão, mas suporto todo labor, para não ser arrastado.

Nem penseis que assim ajo sem dificuldade. Com efeito, trata-se de uma corrida e frequentemente se insurge toda espécie de ataque e tirania da natureza, para conseguir liberdade, mas não o tolero, e ao invés impeço e sujeito com muitos suores. Declara-o a fim de que ninguém desespere nos combates pela virtude, porque são laboriosos; em consequência, diz: *“Trato duramente e reduzo à servidão”*. Não disse: Mato, nem: Castigo, porque a carne não é inimiga, e sim: *“Trato duramente e reduzo à servidão”*, o que é peculiar a um senhor, não a um inimigo; a um mestre, não a um adversário; a um treinador, não a um antagonista. *“Não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado.”* Se Paulo, que ensinou a tantos homens, teve esse receio e temeu depois de ter pregado, ter sido feito mensageiro, e haver assumido o patrocínio de todo o orbe, o que diremos nós? Não julgueis, diz ele, que vos basta para a salvação ter acreditado. Visto que não me bastava ter anunciado, ensinado, e haver conduzido inúmeros homens não era suficiente para a salvação, a não ser que apresentasse íntegro o que a mim se referia, muito mais vos é necessário. Logo adianta exemplos. Anteriormente aludiu ao exemplo dos apóstolos, ao uso comum, ao dos sacerdotes e ao seu próprio; assim agora, ao dos jogos olímpicos. E depois que exprimiu o que lhe era peculiar, novamente parte para antigas histórias da Escritura. E estando para falar asperamente, faz uma exortação comum, não apenas sobre o assunto proposto, mas ainda sobre as moléstias de todos os coríntios. E acerca dos combates pagãos: “*Não sabeis*”, diz ele; aqui, porém: o ponto de vista da prudência e as lições da história de Israel

10,1. *Não quero que ignoreis, irmãos,*

Com isto manifestava que sobre esta questão não estavam muito bem informados. E o que não quer que ignoremos?

que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar

2. *e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés.*

3. *Todos comeram o mesmo alimento espiritual,*

4. *(e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo).*

5. *Apesar disto, a maioria deles não agradou a Deus.*

Qual o motivo de se expressar dessa forma? Queria assinalar que não lhes aproveitou terem recebido tão grande dom, e igualmente não adiantará terem recebido o batismo e participado dos mistérios espirituais, se não tiverem uma vida digna de tamanha graça; por isso, dá como modelo o batismo e os mistérios. O que significa: *“Foram batizados em Moisés*”? De igual forma que nós, acreditando em Cristo e em sua ressurreição, somos batizados de sorte a sermos depois participantes dos mistérios – pois somos batizados, diz ele, em favor dos mortos (cf. 1Cor 15,29), isto é, de nossos corpos –, também eles, confiando em Moisés, isto é, vendo que ele atravessava em primeiro lugar, ousaram também entrar nas águas. Entretanto, por querer mencionar uma figura próxima da realidade, não fala deste modo, mas assinala com o nome da realidade também o tipo. E isso, com efeito, é símbolo do batismo; as palavras seguintes, é figura da sagrada mesa. Como, pois, tu comes a carne do Senhor, também eles comiam o maná; e tu bebes o seu sangue, conforme eles bebiam a água da rocha. Apesar de serem sensíveis às ações, eram concedidas espiritualmente não segundo a ordem da

natureza, mas da graça; e não apenas o corpo, mas a alma também se nutria e era conduzida à fé. Por isso, nada diz do alimento, porque era o maná, extraordinário não somente pela maneira de ser oferecido, mas também quanto à sua natureza. Relativamente à bebida, uma vez que o modo da concessão era inesperado, precisava de comprovação; por isso, diz o Apóstolo: *"E todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava"*, e ainda: *"E essa rocha era Cristo"*. Não é da natureza da rocha manar água, diz ele, de outra forma antes também manaria; mas outra espécie de pedra, que era espiritual, realizava tudo isso, a saber, Cristo, que estava sempre junto deles, e operava tudo milagrosamente. Por isso, declara: *"Que os acompanhava"*. Viste a sabedoria de Paulo ao mostrar que era Cristo o autor de ambas as coisas, e por isso aproxima o tipo da realização? Foi ele, diz o Apóstolo, que lhes concedeu estas coisas (maná e água). Ele próprio ali preparou a mesa. Ele mesmo os conduziu através do mar e a ti através das águas do batismo. Ofereceu-lhes maná e água, a ti o corpo e o sangue. São dons seus. Vejamos também a continuação e examinemos se ele os poupou quando se mostraram indignos do dom. Ora, não o podes assegurar. Por isso acrescenta: *"Apesar disto, a maioria deles não agradou a Deus"*, apesar de se ter dignado prestar-lhes tanta honra. Ora, nada disso lhes foi proveitoso, mas a maioria pereceu. Todos, contudo, pereceram. No entanto, a fim de não parecer que profetizava sobre eles a extrema desgraça, disse: *"A maioria"*. Ora, eles eram inúmeros, mas nada lhes aproveitou serem multidão. E tudo aquilo era indício de amor, contudo não lhes foi útil, porque não retribuíram com amor. Uma vez que muitos não acreditam nas descrições da geena, porque os fatos não são presentes nem são visíveis, ele assinala pelos acontecimentos passados que Deus pune os pecadores, apesar dos inúmeros benefícios que lhes outorgou. Se não acreditais nos eventos futuros, diz ele, não negareis crédito certamente aos que já sucederam.

Notai, portanto, quantos benefícios lhes pres-
tou: Livrou-os do cativeiro do Egito, abriu-lhes um caminho no mar, enviou o maná do céu, fez manar fontes inesperadas de águas, sempre estava junto deles a operar milagres, e em toda parte a protegê-los. Todavia, porque não se revelaram dignos de tão grande dom, não os poupou, mas perdeu a todos, pois caíram mortos no deserto.

Indicava com esses termos a morte repentina deles, as penas e suplícios enviados por Deus, e que eles não haviam conseguido os prêmios propostos. De fato, não foi na terra prometida que agiu desta maneira para com eles, mas fora e longe daquela região, castigando-os duplamente, por não lhes permitir ver a terra que lhes prometera, e por meio de grave pena. E o que nos importa, dirás? Na verdade, importa, por isso acrescentou:

6. *Ora, esses fatos aconteceram para nos servir de exemplo,*

Os dons eram figura e igualmente os castigos. Tanto o batismo e a mesa prenunciaram, quanto as palavras subsequentes nos prefiguraram, visto que os indignos de tais dons deviam sofrer castigo, a fim de que nós, admoestados por tais exemplos, nos tornemos mais moderados. Por isso acrescentou: a fim de que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram.

Relativamente aos benefícios, os modelos precederam e veio em seguida a realidade; assim também acontecerá relativamente aos castigos. Vês como manifesta que não somente devem ser punidos, mas ainda mais severamente do que aqueles? Pois se o primeiro caso é figura, e este a realidade, necessariamente se chegará ao cume nos castigos como também aconteceu em relação aos dons. E considera quais são os que ele primeiro ataca, a saber, os que comiam nos templos dos ídolos. Pois, tendo dito: *"A fim de que não cobiceis coisas más"*, o que se aplica de modo geral, acrescentou o que era especial, patenteando que cada pecado provém de um mau desejo. E expõe em primeiro lugar:

7. *Não vos torneis idólatras como alguns dentre eles, segundo está escrito: O povo sentou-se para comer e beber; depois levantaram-se para se divertir.*

Ouvistes que por fim os chama de idólatras? Emite esta denominação e depois a comprova. Enuncia a causa por que acorriam àquelas mesas: era a gula. Por isso, tendo dito: *“A fim de que não cobicemos coisas más”*, e acrescentado: *“Não vos torneis idólatras”* declara a causa dessa iniquidade: era a gula. *“O povo sentou-se para comer e beber”*, e finalizou da seguinte forma: *“Depois levantaram-se para se divertir”*. Eles, portanto, das delícias passaram à idolatria; assim, é de se temer para vós idêntica queda. Vês como manifesta que esses perfeitos, por assim dizer, eram mais imperfeitos do que eles? Ele os atacava não somente porque não se continham, mas também porque pecavam alguns por ignorância, outros por gula e por isso atribui a estes o castigo do pecado dos primeiros; não permite, porém, lançar sobre outrem a culpa de seu pecado, mas sentencia que são réus do prejuízo próprio e dos outros.

8. *Nem nos entreguemos à fornicação, como alguns deles se entregaram,*

Por que relembra nesse trecho a fornicação, tendo mais acima tanto dissertado sobre ela? Paulo costuma sempre, ao acusar muitas espécies de pecados, colocá-los em ordem e tratar de cada um em particular; e novamente ao falar de outros, repete os primeiros. Deus também desta forma procedia no Antigo Testamento. Por ocasião de cada delito relembrava aos judeus o caso do bezerro, e destacava aquele pecado. O mesmo faz aqui São Paulo, simultaneamente relembrando o pecado e ensinando que era oriundo das delícias e da gula. Por esse motivo acrescenta:

Nem nos entreguemos à fornicação, como alguns deles se entregaram, de modo a perecerem num só dia vinte e três mil.

E por que não cita também o castigo da idolatria? Ou porque era claro e manifesto, ou porque então o ferimento não foi tão grande quanto no tempo de Balaão, quando foram iniciados em Beelfegor, visto que as mulheres madianitas aproximaram-se das fileiras e seduziram os israelitas à concupiscência, segundo o conselho de Balaão. De fato, narra Moisés, no fim do livro dos Números, que este mau conselho provinha de Balaão: “Mataram também a Balaão, filho de Beor, na guerra de Madiã, com os feridos e trouxeram os despojos. Moisés indignou-se e disse-lhes: Por que deixastes com vida todas essas mulheres? Foram elas que, por conselho de Balaão, se tornaram para os filhos de Israel um escândalo, causa de infidelidade e desprezo da palavra do Senhor, no caso de Fegor” (Nm 31,8.14-16).

9. *Não tentemos a Cristo, como alguns deles o tentaram, de modo a morrer pelas serpentes.*

Assim alude novamente a outro crime, que coloca no fim, acusando-os de contestarem por causa dos sinais, e por causa das provações murmurarem, dizendo: Quando hão de vir os bens? Quando os prêmios? Por isso acrescenta, corrigindo-os e atemorizando-os:

10. *Não murmureis, como alguns deles murmuraram, de modo que pereceram pelo exterminador.*

Não somente se requer sofrer por Cristo, mas também suportar com fortaleza e todo gosto os acontecimentos. É isso efetivamente que obtém a coroa, de sorte que sem tal atitude haverá castigo para os que suportam de má vontade. Por isso os apóstolos se alegravam por terem sido flagelados, e Paulo se gloriava em suas aflições.

11. *Estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos.*

Novamente os atemoriza, relembrando o fim, e prepara-os para aguardarem eventos mais importantes. Com efeito, evidencia-se pelo que foi dito que haveremos de ser castigados, afirma ele, mesmo aqueles que não acreditam nas palavras sobre a geena; mas os castigos serão mais graves porque nós recebemos maiores benefícios, e porque aqueles eventos eram apenas figuras. De fato,

onde há excesso de dons, é claro que também haverá reforço das penas. Por isso, ele fala de figuras, e diz que foram escritas estas coisas para nossa instrução, e relembra o fim dos tempos, a fim de recordar a consumação. Então os castigos não mais serão tais que tenham fim e acabem, mas a pena será eterna. As penas temporais terminam com esta vida; ali as penas serão eternas. Quando diz: *“O fim dos tempos”*, outra coisa não diz senão que está iminente aquele horrendo juízo.

12. *Assim, pois, aquele que julga estar de pé, tome cuidado pra não cair.*

Mais uma vez reprime o orgulho daqueles que se vangloriavam de sua ciência. Se os que haviam conseguido inúmeros bens, sofreram tanto, uns apenas por causa da murmuração, outros porque tentaram foram sujeitos a tamanhas penas, e o povo que tanto alcançara não teve temor de Deus, suceder-nos-á coisas piores se não formos vigilantes. E diz com justeza: *“Aquele que julga estar de pé”*. Quem confia em si mesmo não se mantém convenientemente de pé. Logo cairá, de igual modo que determinado povo, o qual não teria sofrido se não se tivesse orgulhado, nem confiado em si, mas houvesse se dominado. Daí se deduz que a arrogância, e em seguida a preguiça e a gula são principalmente as fontes desses males. Por conseguinte, se estás de pé, cuida de não cair. Pois o estar de pé não é ter firmeza enquanto não nos libertarmos do fluxo da vida presente e alcançarmos um porto tranquilo. Não te vanglories, portanto, de estar de pé, mas acautela-te de uma queda. Efetivamente, quando Paulo, o mais forte de todos, teve medo, muito mais devemos nós ter receio. O Apóstolo, em verdade, dizia: *“Assim, pois, aquele que julga estar de pé, tome cuidado para não cair”*. Nós, porém, nem isso podemos declarar, uma vez que todos, por assim dizer, caíram, e jazem prostrados no chão. A quem, pois, dirigirei essas palavras? Àquele que cotidianamente rouba? Mas ele está prostrado pela maior queda. Ao fornicador? Foi jogado ao chão. Ao ébrio? Ora, ele também jaz e nem sabe que está caído. Por conseguinte, já não é tempo de proferir essas palavras e sim as do profeta que dizia aos judeus: “Está deitado e nunca mais vai levantar” (Sl 41,9). De fato, todos estão deitados e não querem se erguer. Por isso a advertência não é dirigida aos que podem cair, e sim como aos que, apesar de prostrados, podem se levantar. Levantemo-nos, portanto, ao menos tardiamente, caríssimos, levantemo-nos e fiquemos corajosamente de pé. Até quando estaremos prostrados? Até quando estaremos embriagados, agravados com o peso da concupiscência dos bens mundanos? É oportuno dizer agora: A quem devo falar e dar testemunho? Quase todos encontram-se surdos diante da doutrina da própria virtude, e em consequência, repletos de muitos males! E se pudéssemos contemplar as almas desnudas, como se veem nos exércitos, terminado o combate, uns mortos e outros feridos, assim verificaríamos na Igreja. Por esse motivo, insisto e suplico que estendamos uns aos outros as mãos e levantemo-nos. De fato, também eu me acho no número dos feridos, dos que precisam de remédio. Mas nem por isso desanimeis; pois embora as feridas sejam graves, não são incuráveis. Tal é nosso médico: contanto que percebamos os ferimentos, apesar de chegarmos à extrema maldade, abre-nos muitos caminhos de salvação. Com efeito, se perdoas a ofensa do próximo, teus pecados serão perdoados: “Pois se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celeste vos perdoará” (Mt 6,14). E se deres esmola, perdoar-te-á os pecados: “Repara teus pecados pelas esmolas: (Dn 4,24). Se orares com diligência, usufruirás de remissão. Isso se revela na viúva, que dobrou o juiz inflexível por meio da prece insistente. Se acusares teus pecados, terás consolo: “Enumera teus pecados primeiro, a fim de seres justificado” (Is 43,26). Se estiveres triste por causa deles, servir-te-á de máximo remédio: “Vi que teve dor e foi-se triste e curei os seus caminhos” (cf. Is 57,17-18). E se sofreres algo, e o suportares com fortaleza, tudo será apagado. Foi isso que Abraão dizia àquele rico: Lázaro recebeu seus males, e aqui goza de consolação (cf. Lc 16,25). Se tiveres compaixão da viúva, teus pecados serão apagados, pois diz a Escritura: “Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!

Então, sim, poderemos discutir, diz o Senhor. Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim tornar-se-ão como lã ” (Is 1,17-18). Efetivamente, nem as cicatrizes das feridas deixa aparecer.

E se chegarmos até as profundezas dos males, aonde caiu aquele que desperdiçou os bens paternos e alimentava-se das comidas dos porcos, mas fizermos penitência, seremos sem dúvida salvos; mesmo se devermos dez mil talentos e nos prostrarmos, apagarmos a lembrança das injúrias, tudo nos será perdoado; mesmo se errarmos por onde errou a ovelha perdida, caríssimos, ele nos reconduz, se o quisermos. Pois Deus é benigno. Por isso, bastou-lhe que o devedor de dez mil talentos se prostrasse diante dele, o filho que consumira os bens paternos somente voltasse e a ovelha errante quisesse ser carregada. Ponderando, portanto, a grandeza de sua benignidade, tornemo-lo propício em nosso favor e antecipemo-nos ao encontro dele com a confissão, a fim de não acontecer que, indefesos, partamos da terra e seja-nos infligido o supremo suplício. Se na vida presente mostrarmos alguma diligência, lucraremos ao máximo; se, porém, não sairmos daqui melhores, mesmo que ali tenhamos intenso arrependimento, de nada nos servirá. Importava lutar enquanto permanecíamos no local de treinamento, e não depois de terminados os jogos, lamentarmo-nos e chorarmos inutilmente, segundo fazia aquele rico que gemia e gritava debalde, em vão, porque perdera a ocasião oportuna. Ele, porém, não é o único; agora se lhe assemelham muitos outros ricos que não querem menosprezar as riquezas, mas em vez do dinheiro desprezam as suas próprias almas. Admiro-me ao vê-los pedindo a misericórdia de Deus, mas enquanto se portam como incuráveis, não poupam as próprias almas, quais inimigos de si mesmos. Não brinquemos, caríssimos, não brinquemos, nem descuremos de nós mesmos, ao rogar a Deus que se compadeça de nós enquanto preferimos as riquezas, as delícias etc. à sua misericórdia. Se alguém te expusesse um litígio e acusasse o réu de que se sujeitaria a inúmeras espécies de morte, quando podia livrar-se da sentença por pequena soma de dinheiro, entretanto preferia morrer a gastar algo do seu, não dirias que merece misericórdia ou perdão. Considera, entretanto, o mesmo a teu respeito. De fato, nós também assim agimos, e com menoscabo de nossa salvação, poupamos o dinheiro. Como rogas a Deus que te poupe, quando tu mesmo não te poupas, e preferes o dinheiro à alma? Por isso, fico estupefato ao cogitar quanta magia se oculta nas riquezas; ou melhor, não no dinheiro, mas nas almas seduzidas. Existem, na verdade, os que zombam desses encantamentos. Pois, o que há no dinheiro que possa nos fascinar? Não é matéria inanimada, transitória? Não é pérfida a sua posse? Não é cheia de temores e perigos? De morticínios e insídias? De inimizade e de ódio? De desleixo e enorme maldade? Não é terra e cinza? Que loucura! Que moléstia! Ora, não se deve apenas acusar os que sofrem dessa doença, mas também libertá-los desse amor. E de que modo libertamos senão mostrando que é malvada e carregada de incômodos? Ora, não é fácil persuadir acerca dessas puerilidades quem as aprecia. Para tanto é preciso opor-lhe outro amor. Mas estando ainda doente, não vê a beleza incorpórea. Faz-se mister, portanto, mostrar-lhe a beleza material e dizer-lhe: Pensa nos prados, nas flores que neles existem, mais reluzentes do que o ouro, mais belas e translúcidas que quaisquer pedras preciosas e gemas; imagina límpidas correntes das fontes, rios que sem ruído como óleo manam da terra; eleva os olhos para o céu e contempla a beleza do sol, o decoro da lua, as estrelas parecidas com as flores. E por que todas essas coisas, perguntas? Não podemos utilizá-las como o dinheiro. Ao invés, bem mais do que o dinheiro, enquanto o uso delas é mais necessário e delas fruímos com maior segurança. De fato, não receias que alguém as roube e carregue, como o dinheiro; mas podes perpetuamente nelas confiar, sem preocupação alguma, nem solicitude. Se, porém, pesa-te gozar delas em companhia de outrem, não ter sozinho a posse delas, como a das riquezas, a meu ver, não é o dinheiro que amas, mas apenas a avareza. E não amarias o dinheiro, se fosse comum a todos. Quando, portanto, encontrarmos essa querida avareza, vem,

mostrar-te-ei como ela te odeia e tem aversão por ti, quantos gládios afia contra ti, quantos abismos cava, quantos laços te arma, quantos precipícios te prepara, e assim extinguirás esse amor. E de onde é possível sabê-lo? Das estradas, das guerras, do mar, dos tribunais. Pois ela enche o mar de sangue, ensanguenta as espadas dos juízes muitas vezes injustamente, abastece os que noite e dia armam ciladas e convence a desconhecer a natureza, cria parricidas e matricidas e causa na vida tantas infelicidades.

Por esse motivo, Paulo a denomina raiz de todos os males. Ela não deixa os seus amantes em melhores condições do que os trabalhadores das minas. Estes, continuamente cercados de trevas e em grilhões, inutilmente labutam; assim também aqueles, enterrados nas grutas da avareza, sem que ninguém os obrigue, de própria iniciativa se castigam, e prendem-se com vínculos indissolúveis. Enquanto os condenados às minas, de fato, ao menos à tarde ficam livres dos trabalhos, eles dia e noite desenterram esses malvados metais. Para os primeiros há uma medida naquela ingrata operação; estes, porém, não conhecem limites, mas quanto mais cavam, tanto maior miséria escolhem. Se, porém, aqueles o fazem a contragosto e estes voluntariamente, dize-me qual a gravidade da doença, visto não poderem se libertar caso não odeiem sua má sorte. Mas à guisa de um porco na lama, agrada-lhes revolverem-se no mau odor da avareza, suportando aflições maiores do que as daqueles condenados. De fato, a fim de conheceres que se acham em piores condições, escuta o que compete àqueles e o que cabe a estes. Diz-se que a terra contém esconderijos e recessos áureos naquelas obscuras grutas. O criminoso que é condenado àquele trabalho, recebe uma lâmpada e uma picareta, ali penetra, e carrega uma garrafinha de óleo para a lâmpada, porque se acha em meio a tenebrosas trevas mesmo durante o dia, conforme mencionei acima. Além disso, quando chega o momento de chamar aquele infeliz à refeição, ele desconhece até a hora; os presos que trabalham embaixo, de fato, quando o guarda bate com força lá em cima na gruta, pelo ruído e o grito sabem que chegou o fim do dia. Não ficastes horrorizados ao ouvir isso? Vejamos, portanto, se os avarentos não sofrem coisas piores. Na verdade, eles têm um péssimo carcereiro, a avareza, e tanto mais quanto ligado ao corpo e à alma. Suas trevas também são mais horríveis. Não são sensíveis, entretanto os avarentos por toda parte por onde andam levam consigo as trevas que produzem interiormente. Perderam a visão da alma. Por isso Cristo os declara os mais miseráveis de todos, nesses termos: “Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!” (Mt 6,23).

Os outros, ao menos, têm uma lâmpada acesa; eles são privados dessa luz e por isso cada dia caem em inúmeros buracos. Os condenados, ao cair da noite, respiram, e os que passaram o dia atribulados, navegam na comum calmaria da noite. A avareza, porém, fechou tal porto aos avaros. São afligidos por inúmeras e enormes preocupações no descanso da noite, sem que ninguém os incomode, porque são eles próprios que se atormentam. Tal é, com efeito, o que sucede aqui na terra; quem pode narrar os acontecimentos no além? As fornalhas intoleráveis, os rios de fogo ardente, o ranger dos dentes, os vínculos indissolúveis, o verme envenenado, as trevas completas, os males intermináveis. Temamos, portanto, caríssimos, fujamos da fonte de tantos tormentos, do furor insaciável, da perda de nossa salvação. Não é possível amar simultaneamente a alma e o dinheiro. Aprendamos que o dinheiro é terra e pó, que nos abandona ao partirmos daqui, ou melhor, frequentemente nos escapa antes da partida, porque arruína a vida futura e a presente. Com efeito, antes da geena e daquele castigo, aqui na terra nos projeta em incontáveis guerras, excita sedições e combates. Nada declara tantas guerras como a avareza; nada empobrece tanto, quer surja na riqueza, quer na pobreza. De fato, também as almas dos pobres contraem essa grave doença, que mais ainda lhes agrava a pobreza. Se um pobre for avaro, não é castigado no meio de riquezas, mas pela fome.

Efetivamente, não pode livremente aproveitar-se do pouco que tem, mas faz o estômago passar

fome, castiga todo o corpo com a nudez e o frio, e está sempre mais esquálido e sórdido do que os prisioneiros. Sempre chora e se lamenta como se fosse o mais miserável dos homens, embora inúmeros sejam mais pobres do que ele. Se for à praça, sai depois de receber muitos golpes; se nos banhos, no teatro, receberá mais ferimentos, não somente dos espectadores, mas também dos atores, vendo muitas meretrizes cobertas de ouro. Se viajar por mar, ao contemplar tantos mercadores e as naves carregadas de muitas mercadorias, calcula os lucros enormes e imagina que não vive; se viajar por terra, ao cogitar nos campos, nos prédios suburbanos, nos albergues, nos banhos, nos lucros daí retirados, julga que de então em diante sua vida não é verdadeira vida. Trancado em casa, revolve os choques recebidos na praça e mais se atormenta. Somente conhece um consolo dos males que o oprimem: a morte e a partida desta vida. Desses males padecerá, não apenas o pobre, mas também o rico que estiver atingido dessa doença, e tanto mais do que o pobre, quanto mais o ataca intensamente seu domínio, e maior for a sua embriaguez. Por isso considerar-se-á o mais pobre de todos, ou antes, realmente é paupérrimo. Não se calculam riqueza e pobreza pela quantidade das posses, mas pela disposição do ânimo. E o mais pobre de todos é quem vai aumentando a ambição e jamais sacia tal paixão. Fujamos, portanto, da avareza, que acarreta pobreza, corrompe as almas, ama a geena, é inimiga do reino dos céus e simultaneamente mãe de todos os males. E desprezemos o dinheiro a fim de o aproveitarmos e possamos também fruir das riquezas e dos bens que nos foram prometidos. Obtenhamo-los todos nós etc.

VIGÉSIMA QUARTA HOMILIA

13. *As tentações que vos acometeram, tiveram medida humana. Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar etc.*

O Apóstolo, após ter atemorizado os coríntios com a narrativa de antigos exemplos, e havê-los angustiado, dizendo: *“Aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair”* – de fato, haviam suportado muitas tentações e nestas frequentemente se haviam exercitado, visto que, como diz ele: *“Estive entre vós cheio de fraqueza, receio e tremor”* (1Cor 2,3) –, a fim de não replicarem: Por que nos apavoras e atemorizas? Não somos inexperientes destes males, pois fomos expulsos e sofremos perseguição, enfrentamos muitos e frequentes perigos, reprime-lhes o orgulho nesses termos: *“As tentações que vos acometeram, tiveram medida humana”*, isto é, foram mínimas, breves, moderadas. Chama aqui de humano o que é pequeno, conforme disse em outra passagem: “Emprego uma linguagem humana, em consideração de vossa fragilidade” (Rm 6,19). Não vos orgulheis, portanto, diz, como se houvésseis superado uma tempestade; ainda não vistes um perigo mortal, nem provação de morte iminente. É idêntico ao que dizia aos hebreus: “Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado!” (Hb 12,4). Uma vez que os atemorizou, vê como novamente os reanima, após tê-los convencido de agir modestamente, dizendo: *“Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças”*. Por conseguinte, existem tentações insuportáveis. Quais? Todas, por assim dizer. Poder vencê-las, de fato, depende do impulso divino, que seguimos pela adesão de nossa vontade. Por isso, a fim de saberdes exatamente que não suportamos facilmente sem o divino auxílio, não apenas as tentações que superam nossa capacidade, mas nem as de *“medida humana”* acrescentou: *“Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar”*. Nem mesmo as moderadas suportamos por virtude própria, conforme disse, mas ainda relativamente a essas precisamos da graça divina para sair e antes de sair, a fim de suportá-las. Deus, pois, dá paciência, e traz pronta libertação; desta forma a tentação pode ser tolerada. É isso o que sugere, ao dizer: *“Ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar”*, atribuindo tudo a

Deus.

As refeições sagradas. Não pactuar com a idolatria

14. *Eis por que, meus irmãos, fugi da idolatria.*

Novamente, fala-lhes com mansidão, acrescentando o nome de irmãos, e prontamente os incita a se libertarem desse pecado. Não enuncia apenas: afastai-vos, e sim: *"fugi"*, e o denomina idolatria; e já não manda apenas afastar-se por causa do prejuízo ocasionado ao próximo, mas revela que a própria ação por si só basta para causar grande ruína.

15. *Falo como a pessoas sensatas: julgai vós mesmos o que digo.*

Uma vez que tratou de questão importante e acentuou o crime denominando-o idolatria, a fim de não parecer exasperá-los e empregar termo pesado, deixa-lhes enfim emitir o juízo e com louvor estabelece-os juízes.

"Falo como a pessoas sensatas." Constituir juiz da questão o próprio acusado é ter grande confiança acerca dos seus próprios direitos. Com isso anima o ouvinte, porque não se pronuncia deste modo como quem dá ordens ou legisla, mas como consulente que aguarda o julgamento deles. Deus, porém, não falava dessa maneira aos judeus, porque tinham a mente insana e pueril, e não lhes indicava sempre a causa dos mandamentos, mas apenas ordenava. Agora, contudo, porque gozamos de grande liberdade, participamos do conselho e ele se dirige a nós, como a amigos, dizendo: Não preciso de outros juízes; dai-me vossa sentença, aceito-vos como juízes.

16. *O cálice de bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo?*

O que estás dizendo, São Paulo? Para intimidar o ouvinte, comemorando aqueles tremendos mistérios, chamas de cálice de bênção aquele temível e terrível cálice? Sim, diz ele; não se trata de coisa insignificante. Pois, ao falar de uma bênção, exponho todo o tesouro da benevolência de Deus, e faço memória daqueles grandes dons. Com efeito, também nós, referindo ao cálice os inefáveis benefícios de Deus, e todos os bens de que usufruímos, nós os oferecemos e deles participamos, dando graças por ter libertado o gênero humano do erro; por ter feito próximos os que estavam longe; por ter constituído irmãos seus e coerdeiros os que não tinham esperança e eram ateus. Aproxima-nos, pois, dando graças por estes benefícios e outros semelhantes. Por que fazeis coisas contraditórias, diz ele, ó coríntios, agradecendo a Deus por vos ter livrado dos ídolos, e novamente acorrendo à mesa deles? *"O cálice de bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo?"* Pronunciou-se fiel e terrivelmente. Quer dizer o seguinte: o sangue que se acha no cálice é o mesmo que brotou do lado de Cristo e dele somos participantes. Denominou-o cálice de bênção, porque, sustentando-o nas mãos, nós o celebramos, admirados, aterrorizados perante o inefável dom, bendizendo porque ele o derramou, a fim de não permanecermos no erro; e não somente derramou, mas também no-lo concedeu, a todos nós. Por conseguinte, se desejas o sangue, diz ele, não imola animais junto do altar dos ídolos, mas com meu sangue tinge de púrpura o meu altar. O que será mais tremendo do que isso? Mais merecedor de ser amado? Dize-me.

Também isso fazem os que amam. Ao verificarem que os seres amados ambicionam os bens alheios e desprezam os próprios, por uma doação do que é seu persuadem a apartar-se do que é alheio. Mas os que amam exibem tal liberalidade através das riquezas, vestes e posses; jamais, porém, por meio de seu próprio sangue. Cristo, contudo, mostrou desta forma sua solicitude e ardente caridade. Todavia na Antiga lei, sendo eles imperfeitos, ele se sujeitou a aceitar o sangue que ofereciam aos ídolos, a fim de apartá-los destes. Tratava-se novamente de amor inefável. Agora, ao invés transformou a ação sacerdotal em ação que ocasiona maior estremecimento, mais grandiosa, trocando

a vítima, e, em vez da imolação dos animais irracionais, ordenou que fosse ele próprio oferecido.

O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo?

Por que não disse: participação? Por que desejou assinalar algo de maior, e indicar grande união. Comungamos não somente por participarmos e consumirmos, mas também por nos tornarmos um só. Como, pois, aquele corpo se uniu a Cristo, assim também nós, por meio deste pão, a ele nos unimos. Por que adicionou: *“Que partimos”*? Realiza-se isso, conforme se vê, na eucaristia; na cruz de forma alguma, ou melhor, foi o contrário, conforme foi dito: “Não se lhe quebrará osso algum” (Nm 9,12; Ex 12, 46). Não se submeteu na cruz a isso, mas por tua causa se submete à fração na oblação, e aceita ser partido para saciar a todos. Em seguida, visto que disse: *“Comunhão com o corpo”*, o comungante difere daquilo que comunga; ele eliminou também esta diferença, aparentemente pequena. Pois, tendo dito: *“Comunhão com o corpo”*, procurou ainda proferir algo mais exato; por isso acrescentou:

17. *Uma vez que há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo,*

Por que falo de comunhão? Somos este próprio corpo. O que é o pão? O corpo de Cristo. E o que se tornam os comungantes? O corpo de Cristo; não diversos corpos, mas um só corpo. Com efeito, o pão feito de numerosos grãos é de tal forma unificado que os grãos não aparecem mais, pois, apesar de permanecerem na verdade os mesmos, a união impede que se distingam uns dos outros; assim também nós nos unimos mutuamente e com Cristo. Um não se nutre de um corpo, e outro de um diverso, mas todos do mesmo; por isso adiciona: visto que todos participamos desse único pão.

Se, portanto, todos participamos de um único pão, e todos nos tornamos um só corpo, por que não demonstramos a mesma caridade, e por idêntica razão nos tornamos um só? Pois outrora, no tempo de nossos maiores, assim era: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32). Mas agora, porém, não é assim de modo algum, ou antes, é inteiramente o contrário: muitas e variadas são as guerras entre todos, e os membros, uns para com os outros, têm sentimentos mais cruéis do que as feras. E Cristo a si te uniu, apesar de estares tão separado dele; tu, porém, não te dignas estar unido ao irmão com o devido zelo, mas te separas, apesar de teres conseguido tamanha caridade e vida da parte do Senhor. E não apenas deu seu corpo; mas visto que a primeira carne naturalmente formada da terra, devido ao pecado foi atingida pela morte e perdeu a vida, ele introduziu uma outra, por assim dizer, qual fermento e massa, a sua própria carne, que era de idêntica natureza, mas liberta do pecado e cheia de vida e deu-a em participação a todos nós, de sorte que, nutridos por ela e tendo renunciado à primeira, que estava morta, nos adaptássemos à vida imortal através desta mesa.

18. *Considerai o Israel segundo a carne. Aqueles que comem as vítimas sacrificadas não estão em comunhão com o altar?*

Mais uma vez através da Antiga Lei induz ao mesmo. Visto que eles eram fracos demais para apreenderem a grandeza dessas palavras, persuade-os através das primeiras e habituais. E diz com justeza: *“Segundo a carne”*, porque eles deviam ser segundo o Espírito. É o que procura dar a entender: aprendei junto dos mais rudes que os que comem as vítimas sacrificadas participam do altar. Vês como manifesta que não possuíam conhecimento perfeito aqueles que pareciam perfeitos, uma vez que nem mesmo sabiam que frequentemente a comunhão dessas vítimas constituía amizade com os demônios, induzindo aos poucos a certo hábito? Se entre os homens a participação do sal e da mesa é oportunidade e símbolo de amizade, o mesmo pode acontecer relativamente aos demônios. Considera que não disse a respeito dos judeus que tinham comunhão com Deus, mas: *“Estão em comunhão com o altar”*. Ardia o que era colocado sobre o altar. Não acontece o mesmo com o corpo de Deus. E então? *“É comunhão com o corpo de Cristo.”* Não nos tornamos participantes do altar, mas do próprio Cristo. Tendo proferido: *“Estão em comunhão com o altar*”, e receando logo que parecesse

referir-se aos ídolos, como se tivessem algum poder e pudessem prejudicar, vê como afasta a hipótese, declarando ainda:

19. *O que quero dizer com isto? Que os ídolos mesmos sejam alguma coisa? Ou que a carne sacrificada aos ídolos seja alguma coisa?*

Afirmo, diz, e logo o repito, porque os ídolos não podem prejudicar em coisa alguma, nem têm nenhuma força, pois eles nada são, mas quero que os desprezeis. E se queres, replicas, que os desprezemos, por que com tanto zelo nos apartas deles? Porque as vítimas não são oferecidas a teu Senhor.

20. *Não! Mas aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios, e não a Deus.*

Não deveis acorrer, portanto, à vossa ruína. Por conseguinte, se fosses filho de um rei, e depois de fruíres da mesa paterna, abandonando-a, quisesses ser partícipe no cárcere da mesa dos condenados e presos, o pai de forma alguma o permitiria; ao invés, com grande energia te retiraria, não porque a mesa pudesse te lesar, mas porque desonraria tua nobreza e a mesa régia. Pois eles também são escravos malvados, infames, condenados, algemados e reservados para intolerável suplício, sujeitos a incontáveis males. Como, pois, não te envergonhas, conforme é costume dos glutões e servis, quando os condenados põem a mesa, de correr para lá e participar das iguarias ali colocadas? Por isso te retiro, pois o escopo das carnes imoladas e das pessoas dos convivas tornam impuros os alimentos.

Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios.

Vistes a amizade do pai solícito? Vistes a própria palavra que mostra com ênfase o próprio afeto? Não quero, diz ele, que tenhais nada de comum com eles. Logo, após introduzir a palavra à guisa de exortação a fim de que os mais rudes não as desprezassem, em tom autoritário, uma vez que dissera: *“Não quero”*, e: *“Julgai vós mesmos o que digo”*, emite a sentença e a lei, nesses termos:

21. *Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios. Não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios.*

Contenta-se somente com estas palavras para os apartar. Em seguida, fá-los corar:

22. *Ou queremos provocar o ciúme do Senhor? Seríamos mais fortes do que ele?*

Isto é, tentamo-lo a fim de ver se pode nos punir, e irritamo-lo passando para o lado dos adversários, e entrando nas fileiras de seus inimigos? Assim se exprime, relembrando-lhes a antiga história e a transgressão dos pais. Por isso emprega a mesma linguagem que utilizou Moisés, falando em nome de Deus, outrora contra os judeus, acusando-os de idolatria: “Provocaram meu ciúme com um deus falso, e me irritaram com seus ídolos” (Dt 32,21). *“Seríamos mais fortes do que ele?”*

Vistes de que maneira terrível e horrível repreendeu-os, atacando-lhes a sensibilidade, e mostrando o absurdo da questão, aperta-os, reprimindo-lhes o orgulho? E por que, perguntas, não colocou desde o início esses pontos, que principalmente os teriam convertido? Porque é costume seu, quando quer comprovar por muitas razões, colocar as mais fortes em último lugar, e vencer com grande energia. Por isso, começou com os mínimos males até chegar ao principal. Desta forma tornou-se mais aceitável, após haver acalmado os ânimos deles com as primeiras razões.

Os idolotitos. Soluções práticas

23. *Tudo é permitido, mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica.*

24. *Ninguém procure satisfazer aos seus próprios interesses, mas aos do próximo.*

Vês sua apurada prudência? Provavelmente diriam: Sou perfeito e senhor de mim mesmo, e não me lesa o que provo das iguarias. Sim, responde ele, és perfeito e senhor de si; mas não dês atenção

apenas a isso, porque talvez o ato danifique, arruíne. De fato, afirmou as duas coisas: *“Nem tudo convém, nem tudo edifica”*, a primeira para si mesmo, a outra para o irmão. Pois, se afirma: *“Não convém”*, subentende-se a ruína própria; mas se declara: *“Não edifica”*, trata do escândalo ao próximo. Por esse motivo acrescenta: *“Ninguém procure satisfazer aos seus próprios interesses”*. Confirma-o em toda a Carta e também na Carta aos romanos: “Pois também Cristo não buscou a sua própria satisfação” (Rm 15,1), e ainda: *“Assim como eu mesmo me esforço por agradar a todos em todas as coisas, não procurando os meus interesses”* (1Cor 10,33); e aqui mais uma vez, mas não o examina. Uma vez que acima comprovara e demonstrara com muitas razões que em parte alguma procurara os próprios interesses, mas para os judeus se tornara como judeu, e para os que viviam sem a Lei como se estivesse sem a lei, e que não utilizara simplesmente sua liberdade e poder, mas a fim de ser útil a todos, servia a todos. Aqui termina, contentando-se com poucas palavras, e por meio dessas poucas palavras trazendo-lhes à memória tudo o que fora proferido. Também nós, caríssimos, cientes dessas coisas, atendamos aos irmãos e conservemos a unidade com eles. A isso nos induz aquele sacrifício terrível e tremendo, ordenando-nos acedermos especialmente com a concórdia e a caridade ardente, e dessa forma transformados em águias, voarmos até o próprio céu. “Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias” (Mt 24,28), denominando cadáver (isto é, caído) o corpo morto. Com efeito, se ele não tivesse caído, nós não ressuscitaríamos. Chama-os de águia, mostrando que deve ser sublime aquele que se aproxima deste corpo, e nada de comum ter com a terra, nem ser atraído para baixo e rastejar, mas assiduamente sempre voar nas alturas, olhar para o sol de justiça, e ter penetrantes os olhos da mente. Essa mesa é das águias, não dos gaios. Então, os que agora o recebem dignamente vão ao encontro daquele que desce dos céus, enquanto os indignos sofrem os piores suplícios.

Efetivamente, ninguém recebe de qualquer modo um rei – por que me refiro a um rei? – nem toca sem mais um manto real com mãos impuras, embora esteja na solidão, embora esteja sozinho e ninguém presencie. Ora, o manto não passa de trama produzida por uma lagarta. Se, porém, admirares a tintura, também ela é sangue de um peixe morto. Ninguém, contudo, ousaria tocá-lo com mãos sórdidas. Se, portanto, ninguém ousaria tocar sem mais aquele manto humano, receberíamos com tamanhos ultrajes o corpo imaculado e puro do Deus do universo, corpo unido à natureza divina, pelo qual somos e vivemos, que arrombou as portas da morte e abriu a ábside do céu? Não, por favor, não nos massacremos devido à impudência, mas com tremor e toda pureza dele nos aproximemos; e ao vires que ele é oferecido, dize a ti mesmo: Por causa deste corpo não sou mais terra e cinza, não sou cativo, mas livre; por isso espero o céu e os bens que lá me estão reservados, a vida imortal, a sorte dos anjos, a intimidade com Cristo. A morte não pôde reter este corpo crucificado, flagelado e vendo este corpo crucificado, o sol ocultou os seus raios. Por causa dele rasgou-se o véu do templo, as pedras racharam, e toda a terra tremeu. É o corpo que foi ensanguentado, trespassado pela lança, que fez manar duas fontes salutares para todo o mundo, uma de sangue e outra de água. Queres de outro modo conhecer sua força? Interroga a hemorroíssa, que não tocou a ele mesmo, mas seu manto, ou melhor, não o manto inteiro, mas só a fímbria. Interroga o mar que o carregou no seu dorso. Interroga o próprio diabo e dize: De onde provém aquela chaga incurável? Por que já não tens poder algum? Como foste capturado? Por quem foste detido quando fugias? E nada responderá senão que foi este corpo crucificado. Por ele seu aguilhão foi aniquilado, por ele sua cabeça foi esmagada, por ele os principados e as potestades foram expostas em espetáculo, pois diz a Escritura: “Despojou os Principados e as Potestades, expondo-os em espetáculo, levando-os em cortejo triunfal” (Cl 2,15). Interroga a morte, e dize: Donde vem que foi afastado teu aguilhão? Donde provém a eliminação de tua vitória? De que modo foram cortadas tuas nervuras? E tu te tornaste ridícula às meninas e aos

meninos, quando anteriormente eras terrível até para os tiranos? E atribuirás a este corpo. Na verdade, ao ser crucificado, os mortos ressuscitaram, aquele cárcere foi aberto e as portas de ferro foram esmigalhadas, os mortos recuperaram a vida, para espanto dos porteiros do inferno. Ora, se fosse um corpo como os demais, devia acontecer o contrário, seria mais forte a morte, mas não foi. Ele não era qual os outros, por isso ela desvaneceu. E como os que ingerem um alimento que não podem reter, vomitam mesmo os que primeiro foram deglutidos, assim também sucedeu à morte. Ao receber aquele corpo que não pôde assimilar, rejeitou os outros que continha. Sentia dores de parto e angustiava-se, até que o expeliu. Por isso diz o Apóstolo: "Livrou das dores a morte" (At 2,24). Nenhuma mulher que está para dar à luz passa tantas angústias quanto a morte era atormentada depois que deglutiu o corpo do Senhor. E o que aconteceu ao dragão de Babilônia, que, ao engolir o alimento rompeu pelo meio, também a esta aconteceu. Pois Cristo não saiu pela goela da morte, mas o dragão rompeu pelo meio e partiu-se, e ele adiantou-se do sepulcro, com muito esplendor, emitindo raios até o céu, até o próprio trono da divindade, porque foi até lá que elevou o corpo. Deu-nos este corpo para segurar e comer, prova de intenso amor. Pois muitas vezes também mordemos aqueles que amamos ardentemente. Por isso Jó dizia do amor dos servos que estavam em sua companhia, que o amavam intensamente, e diziam: "Oxalá nos deixassem saciar-nos de sua carne!" (Jó 31,31). Assim também Cristo nos deu de sua carne para nos saciarmos, atraindo-nos a uma amizade mais intensa.

Aproximemo-nos dele, portanto, com fervor e ardente caridade, e não seremos submetidos ao castigo. Quanto maiores benefícios recebermos, tanto mais seremos punidos se nos mostrarmos indignos dos benefícios. Esse corpo, no presépio, foi homenageado pelos magos. Homens ímpios e bárbaros, tendo deixado a pátria e a casa, empreenderam longa viagem e, ao chegarem, com muito temor e tremor o adoraram. Nós, cidadãos dos céus, imitemos ao menos os bárbaros. Eles, de fato, divisando-o no presépio e no tugúrio, sem nada distinguir do que vês agora, aproximaram-se com grande tremor; tu, na verdade, não o contemplas no presépio, mas no altar; não no colo de uma mulher, mas observas o sacerdote de pé e o Espírito sobrevoar intensamente sobre as ofertas. Não vês apenas como eles, o corpo em si, mas conheces todo o seu poder e seus desígnios e nada hás de ignorar de suas realizações, ao seres cuidadosamente iniciado nos mistérios. Animemo-nos, portanto, a nós mesmos, estremeçamos, e demonstremos muito maior piedade do que aqueles bárbaros, a fim de não acumularmos fogo sobre nossas cabeças, acedendo de um modo qualquer. Não o digo para ficarmos de longe, mas para evitarmos acercar-nos com temeridade. Como é perigoso avizinhar-se temerariamente, também não comungar destas místicas ceias representa fome e morte. Pois tal mesa é a nervura de nossa alma, o vínculo da mente, o fundamento de nossa confiança, esperança, salvação, luz e vida. Se partirmos para lá com esta vítima, penetraremos com grande confiança naqueles sagrados vestíbulos, inteiramente munidos de armas de ouro. E por que falo no futuro? Já na terra este mistério te transforma a terra em céu. Abre, no entanto, as portas do céu e olha lá dentro; ou melhor, não do céu, mas do céu dos céus, e então verás o que foi dito. Lá está o que é preciosíssimo; mostrar-te-ei a ti, prostrado na terra. No palácio régio, o que é mais magnificente não são as paredes, nem o teto de ouro, mas o rei, fisicamente presente, sentado no trono; assim também nos céus o corpo de nosso Rei. Mas a esse te é permitido contemplar já aqui na terra. Não te mostro anjos, arcanjos, céus e céus dos céus, mas o próprio Senhor deles todos. Vês como contemplas na terra o que há de mais precioso? Não contemplas apenas, mas também tocas; não tocas somente, mas também comes e, após recebê-lo, voltas para casa. Purifica, portanto, a alma, prepara o coração para a percepção desses mistérios. Se devesses carregar o filho do rei, ornado de púrpura e diadema, jogarias fora todas as coisas terrenas. Em nosso caso, porém, dize-me, não estremeces por receber não o filho de um rei, mas o próprio Unigênito Filho de Deus? E não abandonas todas as realidades mundanas? Não te

glorias somente daquele ornato, e ainda olhas para a terra, amas o dinheiro, ambicionas o ouro? Que perdão alcançarás? Que desculpa? Não vês como o Senhor renuncia a toda magnificência mundana? Acaso ao nascer não foi por isso colocado no presépio e aceitou mãe de condição humilde? Não dizia ao que pensava em biscates: “O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20)? E como se portavam os discípulos? Não observavam a mesma norma, hóspedes em casa de pobres, um na verdade, de um curtidor, outro de um fabricante de tendas e de uma mercadora de púrpura? Não procuravam casas esplêndidas, mas as virtudes das almas. Imitemo-los também nós, passemos além da beleza das colunas e dos mármores, mas procuremos as mansões celestes; calquemos todo orgulho humano com a ambição das riquezas, e assumamos um senso elevado. Se agirmos com prudência, não teremos por dignos nem este mundo, nem os pórticos e colunatas. Por isso, suplico-vos, ornemos nossas almas, preparemos a casa que poderemos levar ao partir da terra, a fim de conseguirmos os bens eternos, pela graça e amor aos homens etc.

VIGÉSIMA QUINTA HOMILIA

25. *Tudo o que se vende no mercado, comei-o sem levantar dúvidas por motivo de consciência,*

Após ter afirmado que é impossível beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios, e haver completamente afastado os coríntios dessa mesa, através dos exemplos dos judeus, dos raciocínios humanos, dos mistérios tremendos, e dos realizados junto dos ídolos, e ter-lhes incutido muito temor, busca impedir que tal medo os impelisse a outro extremo, e devido à solicitude exagerada tivessem receio de trazer sem saber de tal alimento para casa, do mercado ou de outra parte, e livra-os da angústia, nesses termos: “*Tudo o que se vende no mercado, comei-o sem levantar dúvidas*”. Se, pois, diz ele, comeres sem saber a proveniência, não és réu de castigo, porque se trata de ignorância, não de gula. E não apenas os liberta dessa aflição, mas também de qualquer outra, munindo-os de grande liberdade e segurança. Nem mesmo lhes permite julgar, examinar e perscrutar se é carne imolada ou não; mas devem comer sem distinção de tudo o que se vende no mercado, sem procurar saber a origem do que é apresentado. Daí sucede que é lícito comer sem a conhecer. Existem coisas tais que por natureza não são más, mas tornam-se algo de impuro pela intenção. Por isso diz: “*Sem levantar dúvidas*”.

26. *pois a terra e tudo o que ela contém pertencem ao Senhor.*

Não aos demônios. A terra, os frutos e todos os animais em si nada têm de impuro, mas, ao invés, se tornam impuros pela má intenção e desobediência. Por esse motivo não só o permite, mas também:

27. *Se algum gentio vos convidar e aceitardes o convite, comei de tudo o que vos for oferecido, sem suscitar questões por motivos de consciência.*

Vê ainda uma vez sua moderação. Nem manda ou ordena aceitar, mas também não o proíbe. Livra de qualquer suspeita os que aceitam o convite. Por quê? No intuito de não parecer originar-se de medo ou timidez tamanha precaução. Pois, quem o faz tendo indagado muito, fá-lo com certo temor; quem, contudo, se abstém depois de ouvir qual a proveniência, abstém-se de certo modo por desprezo, ódio, oposição. Por isso Paulo, querendo confirmar ambas as coisas, disse: “*Comei de tudo o que vos for oferecido*”.

28. *Mas, se alguém vos disser: “Isto foi imolado aos ídolos”, não comais, por causa de quem vos chamou a*
atenção.

Não manda abster-se como se tivessem alguma força, mas enquanto são abomináveis. Não fujais

delas como se pudessem danificar; com efeito, não têm força alguma. Mas, pelo fato de não terem força alguma, nem por isso comais sem discriminação, porque é mesa dos inimigos e rejeitados. Por isso dizia: *“Não comais por causa de quem vos chamou a atenção”*, e por respeito à consciência.

“Pois a terra e tudo o que ela contém pertencem ao Senhor” (Sl 24,1).

Vês que, ao ordenar tanto comer quanto abster-se, apresenta o mesmo testemunho? Não proíbo, diz ele, como se fosse coisa alheia, pois a terra pertence ao Senhor, mas por causa daquilo a que me referia, *“por respeito à consciência”*, isto é, para não sofreres prejuízo. Então, deve-se examinar cuidadosamente? Não, responde; não me referi à tua consciência, mas à dele. Pois dissera: *“Por causa de quem vos chamou a atenção”* e ainda: Digo: a consciência dele, não a vossa.

Talvez alguém replique: Poupas com razão os irmãos e não nos permites comer por causa deles, a fim de que, em sua consciência fraca, não sejam levados a comer as carnes imoladas aos ídolos; se, porém, for gentio, o que importa? Acaso não dizias: *“Acaso compete-me julgar os que estão de fora?”* (1Cor 5,12). Por que te preocupas com eles? Não é por causa deles, respondo, que me preocupo, mas também por ti. Por isso adiciona: “Por que a minha liberdade haveria de ser julgada pela consciência de outrem?”

Chama de liberdade o que é desimpedido, não
proibido: tal a liberdade, libertação da escravidão judaica. Quer dizer: Deus me fez livre, e superior a toda prova, mas o gentio não sabe julgar minha sabedoria, nem considerar a liberalidade de meu Senhor, mas me condenará e dirá consigo mesmo: Os ensinamentos
dos cristãos são fábulas, porque renunciam aos ídolos, fogem dos demônios, entretanto aceitam o que lhes é oferecido; entre eles vigora intensa a gula. E então? – respondes. O que nos lesa se ele julga mal? Entretanto, não seria melhor não lhe dar ocasião de julgar? Se, pois, te absténs, nem mesmo isso dirá. Como, respondes, não dirá? Se vir que eu não examino, nem no açougue, nem no banquete, não há de dizer e condenar porque participo disto sem fazer distinções? Absolutamente. Não é por serem imoladas aos ídolos que comes dessas carnes, mas enquanto são puras. Se não indagares cuidadosamente, mostrarás que não receias comer daquele alimento. Por isso, quer entres em casa dos pagãos, quer vás à praça, não permito que interrogues, para não te tornares covarde, não te enredares, nem te entregares a problemas supérfluos.

30. *Se tomo alimento dando graças, por que seria eu censurado por causa de alguma coisa pela qual dou graças?*

De que participas, dando graças? – pergunto. Dos dons de Deus. Sua graça é tão grande que torna minha alma impoluta e superior a qualquer mácula. O sol, após emitir seus raios sobre muitas manchas, os recolhe puros; ainda mais nós, que vivemos no meio do mundo, permaneceremos puros, se o quisermos, quanto maior força possuímos.

Por que, então, diz ele, te absténs? Não é porque me fará impuro, de forma alguma, mas por causa do irmão, para não me tornar sócio dos demônios, nem ser condenado por um infiel. Aqui, portanto, não é de maneira alguma a natureza, e sim a desobediência, a amizade aos demônios que me mancham e o livre-arbítrio que macula. O que significa a palavra: *“Por que seria eu censurado por causa de alguma coisa pela qual dou graças?”*. Eu dou graças a Deus, que me fez tão sublime, e acima da escravidão judaica, e de forma alguma fico lesado. Os gentios, porém, ignorando minha sabedoria, haverão de suspeitar o contrário e afirmar: Os cristãos desejam o que é nosso e são hipócritas, pois, embora vituperem os demônios e deles tenham pavor, acorrem a suas mesas. O que há de mais insano? Não é por amor à verdade, mas por ambição do poder que aderiram a esta doutrina. Quão grande loucura não seria se em vez de dar graças por tantos benefícios, der oportunidade de censura? Ora, o gentio agora também não objetará isso, dirás, se não me vir interrogar? De forma alguma. Pois nem

todos os lugares estão repletos de carnes imoladas, para o suspeitares, nem as ingerires enquanto imoladas. Por isso, não indagues minuciosamente coisas supérfluas; nem ainda, se alguém disser: Foram imoladas aos ídolos, participes delas. Pois Cristo não te deu a graça, fez-te sublime e superior a este dano para que adquiras má fama, nem para que, tendo lucrado tanto que dás graças, arruínes a outros, dando-lhes ocasião de te censurarem. Por que, pois, diz ele, não falo ao gentio: Eu como e em nada fico lesado, nem faço isto como amigo dos demônios? Porque não podes persuadi-lo, mesmo se o disseres mil vezes, visto ser fraco e inimigo. Se, pois, nem ao irmão convenceste, muito menos persuadirás ao pagão inimigo. Se ele, em consciência, pensa que são imoladas aos ídolos, muito mais o infiel. Por que, no entanto, levantamos tantos problemas? Visto que conhecemos a Cristo e damos graças, enquanto eles blasfemam, por isso nos absteremos? De modo algum. Trata-se de uma questão diferente. Lá o lucro é grande, porque suportamos a blasfêmia, aqui, porém, não haverá ganho algum. Em consequência dizia: *"Se comemos, nada lucramos e se deixamos de comer, nada perdemos"* (1Cor 8,8).

Além disso, afirmou que a coisa deve ser evitada, de sorte que por outra razão importa abster-se, não somente por esta, mas pelas causas mencionadas.

Conclusão

31. *Portanto, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus.*

Viste que do assunto proposto passou a uma exortação generalizada, dando-nos uma bela definição: *"Tudo para a glória de Deus"*?

32. *Não vos torneis ocasião de escândalo, nem para os judeus, nem para os gregos, nem para a Igreja de Deus,*

Isto é, a ninguém dando pretexto de tropeço. De fato, o irmão se escandaliza, o judeu mais te odiará e condenará, o pagão igualmente zombará de ti como um histrião e hipócrita. Não somente faz-se mister não escandalizar os irmãos, mas, na medida do possível, nem mesmo aos de fora. Se somos luz, fermento, luzeiros e sal, devemos iluminar e não espalhar trevas; restringir, não dissolver; atrair os infiéis, não afugentar. Por que, então, persegues aqueles que devias atrair? De fato, os gregos se escandalizam se nos virem regressando a tais práticas, pois não conhecem nosso modo de pensar, nem que nossa alma se elevou acima de qualquer mancha sensível. Os judeus, de fato, e os irmãos mais fracos terão idênticos sentimentos. Vês quantos os motivos de abstenção das carnes imoladas aos ídolos? Por causa da inutilidade, da superfluidade, do prejuízo causado ao irmão, da blasfêmia do judeu, da maledicência do gentio, porque não se deve ter comunhão com os demônios, porque este ato seria uma espécie de idolatria. Em seguida, porque disse: *"Não vos torneis ocasião de escândalo"*, fá-los réus dos danos aos gentios e judeus, e isdo era grave e molesto. Vê como ele o torna leve e aceitável, apresentando-se qual modelo a si mesmo e dizendo:

33. *assim como eu mesmo me esforço por agradar a todos em todas as coisas, não procurando os meus interesses, mas os do maior número, a fim de que sejam salvos.*

3. A BOA ORDEM NAS ASSEMBLEIAS

O véu das mulheres

11,1. *Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo.*

Esta é a regra do cristianismo perfeito, apurada definição, este é o sumo fastígio, procurar o que é vantajoso à comunidade, conforme ele afirma: *"Como eu mesmo o sou de Cristo"*. Nada faz de tal

modo ser imitador de Cristo do que preocupar-se com o próximo. Mas, apesar de jejuares, de dormires no chão, se, por assim dizer, te estrangulares, sem cuidar do próximo, nada de grande fizeste, mas ficas ainda muito longe desta imagem. Ora, aqui também o próprio ato por natureza é útil, isto é, abster-se das carnes imoladas aos ídolos. Eu, no entanto, pratiquei muitas coisas, diz ele, que por si não são inúteis, a saber, a circuncisão, o sacrifício. Essas coisas, examinadas em si, perdem os que as praticam e afastam da salvação; contudo, suportei-as por causa do lucro daí proveniente para os outros. Aqui, todavia, nada de semelhante. Ali, a não ser que haja utilidade, e for útil aos outros, é prejudicial; aqui, entretanto, embora ninguém se escandalize, importa a abstenção do que é proibido. Não tolerei somente coisas nocivas, mas também laboriosas. “Despojei outras Igrejas, delas recebendo salário” (2Cor 11,8), e apesar de ser lícito comer sem trabalhar, não procurei obtê-lo, mas preferi morrer de fome a causar escândalo a outrem. Por isso disse: “*Por agradar a todos em todas as coisas*”.

Quer se trate de ação um tanto contrária às leis, quer seja laboriosa, ou perigosa a que importava fazer, a tudo me sujeitei para utilidade do próximo. Apesar de superior a todos quanto ao estilo de vida, fiz-me inferior por condescendência.

Com efeito, nenhuma ação será verdadeiramente grande, se não trouxer lucro para o próximo. Evidencia-se isso no caso do servo que restituiu o talento íntegro e foi cortado ao meio, porque não o multiplicou. E tu, irmão, embora te abstenhas de alimento, embora durmas no chão, embora engulas cinza, e sempre te lamentes, se a ninguém ajudas, nada de grande farás. Efetivamente, nos primórdios, o maior cuidado daqueles homens grandes e ilustres consistia nisso. Examina cuidadosamente a vida deles e sem dúvida verás que nenhum deles atendia a seus próprios interesses, mas aos do próximo, e por isso resplandeceram mais. De fato, Moisés realizou muitos e portentosos milagres; mas nada o fez tão grande quanto a palavra feliz que dirigiu a Deus: “Agora, pois, se perdoas o seu pecado, perdoa... Se não, risca-me, peço-te, do livro” (Ex 32,32). Tal era igualmente Davi, que dizia: “Eu, o pastor, pequei, eu cometi o mal, mas eles, o rebanho, que mal fizeram? Caia a tua mão sobre mim e sobre a casa de meu pai!” (2Sm 24,17). Assim também Abraão não buscava o que lhe interessava, e sim o bem de muitos. Por isso, expunha-se aos perigos, e suplicava a Deus por aqueles que não lhe pertenciam. E eles, portanto, de tal modo se ilustraram. Quanto aos que procuravam seus próprios interesses, vê quanto foram prejudicados. Certamente o sobrinho, ao ouvir a proposta: “Se tomares a esquerda, irei para a direita” (Gn 13,9), escolheu o que lhe era útil, buscou o próprio interesse e não o encontrou, mas toda aquela região sofreu a conflagração, e a outra permaneceu ilesa.

Jonas ainda, ao procurar o que lhe convinha, e não o bem de muitos, chegou ao perigo de vida. Enquanto a cidade continuava intacta, ele, sacudido pelo embate das ondas, submergiu. Quando, porém, buscou o que era proveitoso a muitos, então encontrou o bem que lhe era próprio. Assim igualmente Jacó no pastoreio, quando não buscava o próprio lucro, conseguiu grandes riquezas. E José, cuidando do bem dos irmãos, encontrou o seu próprio. Enviado pelo pai, não disse: O que é isso? Não ouviste que tentaram por causa da visão e dos sonhos me dilacerar, e por causa dos sonhos fui acusado de crime e castigado por ser amado por ti? O que não fariam se me apanhassem no meio deles? Nada disso proferiu, nem pensou, mas preferiu a tudo seu cuidado pelos irmãos. Por isso, depois dos acontecimentos, seguiram-se os bens, que o tornaram muito ilustre e glorioso. Assim também sucedeu a Moisés. Nada impede que pela segunda vez o relembremos, e vejamos como menosprezou o seu interesse, e procurou conferir bens aos demais. Ele, de fato, vivendo no palácio real, porque considerava o opróbrio como maiores riquezas do que os tesouros do Egito, lançou fora tudo o que tinha ao alcance das mãos, fez-se participante das aflições dos hebreus. Entretanto, não foi reduzido à escravidão como eles, mas ainda os libertou. São fatos grandiosos e dignos de um estilo de

vida angélico.

Quanto a Paulo, era excessivamente melhor. Pois todos os outros abandonaram seus bens, e quiseram ser companheiros do próximo nos sofrimentos. Paulo, de fato, fez coisa muito maior. Com efeito, não quis ser participante das tribulações alheias, mas preferiu sofrer os maiores males para que os outros usufruíssem dos bens. Não é a mesma coisa viver no meio de delícias ou rejeitá-las para ser afligido e ser o único a sofrer para que os outros gozem de segurança e honras. Nesse caso, pois, embora seja grandioso trocar bens por males por causa do próximo, porque traz certo consolo ter companheiros na adversidade, no entanto querer ser o único a suportar asperezas para que os outros possam usufruir de bens é peculiar às almas generosas e a Paulo.

Não só, mas ainda por outro elevado motivo acima mencionado ultrapassa de longe a todos. De fato, Abraão e todos os outros expuseram-se somente aos perigos da vida presente, e todos eles esperavam a morte uma só vez; Paulo, contudo, pedia ser privado da glória futura em favor da salvação dos outros. Posso também citar uma terceira qualidade superior. Qual? Os outros, embora se preocupassem com os que lhes armaram insídias, no entanto estavam solícitos por aqueles que lhes haviam sido entregues como súditos; ora, sucedia-lhes que se cuidavam de filhos maus e celerados, contudo eram filhos. Paulo, porém, queria ser anátema por aqueles cuja direção não lhes fora confiada, porque fora enviado aos gentios. Vês a grandeza de ânimo e a sublimidade que vai além do próprio céu? Imita-o; se for impossível, imita ao menos aqueles que brilharam no Antigo Testamento. Assim, pois, encontrarás o que te será útil, se fores à busca do proveito do próximo. Efetivamente, se fores negligente em cuidar do irmão, ao pensares que de outro modo não poderás obter a salvação, ao menos por teu proveito próprio cuida dele e do que lhe toca. Sejam suficientes as palavras que foram proferidas para nos convencer de que não podemos de outra maneira encontrar o que nos convém. Se queres pelos exemplos habituais apreendê-lo, imagina o que será se sobrevier um incêndio em tua casa; em consequência, alguns de teus vizinhos que virem não enfrentam o perigo, mas fecham as portas e ficam dentro de casa, com medo de que alguém entre e furte alguma coisa. Que castigo não merecerão? E o fogo, ao se propagar, queimará todos os bens deles; e visto que não se preocuparam com o proveito do próximo, perderão também os próprios bens. Deus, ao querer que todos entre si estejam unidos, impôs, como lei natural, que o proveito de um esteja unido ao do próximo; e esta lei vigora no mundo todo. Igualmente num navio, se uma tempestade for se incrementando, e o piloto menosprezar o bem de muitos e procurar somente o que lhe é peculiar, logo submergirão todos, ele e os outros. E em cada um dos ofícios, se cada qual visar somente ao que lhe é útil, jamais a vida se manterá, nem o ofício que busca exclusivamente a si só. Nem o agricultor semeia somente o trigo que lhe basta; de outra forma já teria arruinado há muito tempo a si e aos outros; mas procura o que servirá a muitos. E o soldado nas fileiras não tem por meta proteger-se apenas a si contra os perigos, mas colocar em segurança as cidades. E o negociante não somente transporta quanto lhe é suficiente, mas quanto abastece a muitos outros. Se alguém, de fato disser: não é para mim, mas cada qual que cuida do que é seu, age desta forma; pois quem quer acumular riquezas, glória e segurança, assim faz. Por isso, procurar minha utilidade é procurar a sua. Isto digo eu, e há muito queria ser ouvido, e por isso compus todo o sermão a fim de mostrar que o próximo procura o proveito próprio ao cuidar do teu. De fato, os homens não haveriam de desejar de outra forma buscar os interesses do próximo, se não fossem induzidos por essa necessidade. Por esse motivo, Deus uniu de tal modo as coisas que não deixa obter-se a própria utilidade antes de ter ingressado pelo caminho que leva aos outros. Certamente, é humano dar-se desta forma ao bem do próximo. Deve-se, porém, chegar a essa persuasão não por esse motivo, mas devido à vontade de Deus. Nem pode chegar à felicidade quem não a possui; mas mesmo que pratiques a suma sabedoria, e descuidas do restante que põe perigo, não

terás crédito algum junto de Deus. E de onde isso consta? Das palavras de São Paulo: *"Ainda que eu distribuísse todos os meus bens, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria"* (1Cor 13,3). Vês quanto de nós exige Paulo? Embora aquele que distribui os alimentos, procure não seus interesses, e sim os do próximo, apenas isso não é suficiente. Ele reclama que seja prestado especialmente de modo sincero e com grande compaixão. Por isso Deus o ordenou a fim de conduzir ao vínculo da caridade. Se, portanto, ele exige tão grande medida, e nós não oferecemos nem o mínimo, que perdão mereceremos? E como, perguntas, Deus dizia a Ló por intermédio dos anjos: "Depressa! Refugia-te lá" (Gn 19,22)? Responde-me quando e por quê. Quando infligia o castigo, não mais para corrigir, mas quando já estavam condenados e a doença era incurável, e velhos e jovens se entregavam a idênticos amores impuros, e enfim era preciso queimá-los, e naquele dia os raios iam fulminá-los. Além disso, não se tratava de vício e virtude, mas de praga enviada por Deus. O que, pois, se devia fazer? Dize-me. Assentar-se e receber o castigo, e sem proveito para os outros, ser queimado? Ora, isso seria extrema loucura. Nem eu o estou dizendo, que importa sofrer o castigo de forma inútil e vã, sem que fosse vontade de Deus; mas quando o homem vive mal, então ordeno-te intervir para curá-lo. Pelo bem do próximo, se queres; do contrário, ao menos pelo teu. O primeiro ato é melhor, mas, se não atingires tal elevação, ao menos age por tua própria causa. E ninguém procure o que é seu, a fim de encontrá-lo. Refletindo que nem a renúncia às posses, nem o martírio, nem qualquer outra ação pode nos patrocinar, a não ser a suma caridade. Conservemo-la acima de tudo, a fim de que, por seu intermédio, consigamos os bens presentes e os prometidos. Possamos todos nós alcançá-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SEXTA HOMILIA

2. *Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões e por conservardes as tradições tais como vo-las transmiti.*

Terminado o discurso sobre as carnes imoladas aos ídolos, como lhe convinha, e realizara perfeitamente, passou a outro assunto. Tratava-se igualmente de uma falta, apesar de não ser tão grande. Pois, como já disse, e agora repetirei, ele não coloca imediatamente as acusações mais fortes, mas seguindo a ordem conveniente, insere questões mais leves e torna mais suave no sermão o que seria desagradável aos ouvintes, a frequência da censura. Por isso, coloca em último lugar o mais veemente, o discurso sobre a ressurreição. No intervalo, procede ao mais leve dizendo: *"Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões"*. Com efeito, ao constar um pecado cometido, acusa severamente e ameaça; em caso de dúvida, primeiro comprova e depois repreende; destaca o delito manifesto, revela a realidade do problema duvidoso. Por exemplo, constava uma fornicação, por isso era desnecessário dizer que se tratava de pecado, mas atesta a gravidade do delito, por meio de uma comparação. Novamente, ir a juízo perante estranhos era falha, porém menor e por isso a menciona e prova a sua culpabilidade. A respeito das carnes imoladas aos ídolos havia dúvidas, era, contudo, grande mal, por isso declara ser pecado e o acentua com palavras. Com tal maneira de agir não apenas impede os pecados, mas ainda induz à virtude oposta. Não ensina apenas ser proibido fornicar; ainda é preciso alcançar grande santidade. Por isso, acrescentou: *"Glorificai, portanto, a Deus em vosso corpo"* (1Cor 6,20) e em vosso espírito. E ainda, não se contentou em afirmar que não se deve ser sábio segundo a sabedoria pagã, mas ordena tornar-se estulto. E ao dar o conselho de não submeter uma causa a juízo perante os pagãos, nem fazer injustiça, avança e proíbe pleitear em juízo e não só aconselha a não praticar a injustiça, mas também a suportá-la. E, ao dissertar sobre as carnes imoladas

aos ídolos, não somente enuncia que se faz mister abster-se das coisas proibidas, mas ainda das permitidas, se causarem escândalo; e não ferir apenas os irmãos, mas nem os gregos, nem os judeus: *"Não vos torneis ocasião de escândalo, nem para os judeus, nem para os gregos, nem para a Igreja de Deus"* (1Cor 10,32).

Após ter concluído a dissertação sobre todos esses pontos, procede ao ataque a outra falha. Qual? As mulheres oravam e profetizavam sem véu, com a cabeça descoberta. Por conseguinte, então, as mulheres profetizavam. Quanto aos homens, que se portavam como filósofos, conservavam cabelos compridos, e cobriam a cabeça ao orarem e profetizarem. Ambas as coisas eram habituais entre os gregos. É evidente que já os havia pessoalmente admoestado, e talvez alguns ouviram, outros não obedeceram. Por essa razão, através da carta, mais uma vez, como sábio médico por meio de palavras corrige o mal. Evidencia-se pela menção feita no prólogo que ele já os admoestara, quando presente. Por que, se nunca se referira ao assunto na carta, e havia atacado outras faltas, imediatamente acrescenta: *"Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões e por conservardes as tradições tais como vo-las transmiti"*? Vês? Alguns ouviram e ele os louva; outros não escutaram, e ele os corrige com as palavras subsequentes: *"Se, no entanto, alguém quiser contestar, não temos este costume"* (1Cor 11,16). De fato, se uns agiam retamente, outros não atendiam, e ele os incriminasse a todos, tornaria a uns mais audazes e a outros mais indolentes. Nesse trecho, porém, louva a uns e acolhe-os bem, a outros repreende, e desta forma estimulava bastante os primeiros e envergonhava os segundos. Com efeito, a repreensão por si só basta para atacar; todavia a comparação com outros, que agiram muito bem e são louvados, produz maior estímulo. Por enquanto não começa com repreensão, e sim com elogios e grandes elogios, dizendo: *"Eu vos louvo por vos recordardes de mim"*. Tal é o costume de Paulo: tecer grandes elogios por coisas pequenas, não por adulação, de forma alguma. Fá-lo-ia ele, que não andara à busca de riquezas, nem de glória, nem de algo semelhante? Tudo fazia em vista da salvação deles. Por isso, também incrementa o louvor: *"Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões"*. Quais são essas ocasiões todas? Na verdade, estava falando quase somente de não se deixar crescer os cabelos, e de não se cobrir a cabeça; mas, conforme mencionei, varia os louvores, para fazê-los mais bem dispostos. Por isso disse: *"Por vos recordardes de mim em todas as ocasiões e por conservardes as tradições tais como vo-las transmiti"*. Por conseguinte, também oralmente muitas coisas lhes transmitira, segundo declara ainda em outras passagens. Então, de fato, apenas transmitia, agora, porém, apresenta igualmente o motivo. Dessa forma tornava os ouvintes mais fortes, e diminuía o orgulho dos adversários. Por isso não assevera: vós obedecestes e os outros, não. Sem subterfúgios, indica algo de sua doutrina, nos seguintes termos:

3. *Quero, porém, que saibais que a cabeça de todo homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus.*

Essa é a causa da transmissão; ele a enuncia, na verdade, de sorte a despertar a atenção dos mais fracos. Quem, portanto, é fiel e forte, conforme é devido, não precisa de razões e motivos a respeito dos preceitos, mas é suficiente a transmissão; os mais fracos, contudo, ao conhecerem igualmente a causa, com maior fidelidade repetem a instrução e obedecem mais prontamente.

Por isso não formulou o motivo enquanto não viu transgredido o mandamento. Qual o motivo? *"A cabeça de todo homem é Cristo."* Em consequência, também do gentio? Não. Pois se somos o corpo de Cristo e seus membros, cada um por sua parte (cf. 1Cor 12,27), ele é nossa Cabeça; não é Cabeça daqueles que não estão no corpo, nem são enumerados entre os seus membros. Por isso, ao declarar: *"Todo"*, subentende-se fiel. Vês que mais acima sempre incute pudor no ouvinte? Pois, ao dissertar sobre a caridade, a humildade e a esmola, recorre a estes exemplos: *"A cabeça da mulher é o homem, e*

a cabeça de Cristo é Deus". Neste trecho os hereges nos atacam, excogitando por essas palavras que o Filho é menor que o Pai; no entanto, atacam a si mesmos com as próprias armas. Pois se cabeça da mulher é o homem, a cabeça e o corpo são da mesma substância; entretanto, se a cabeça de Cristo é Deus, o Filho e o Pai são da mesma substância. Ora, dizem eles, não queremos daí concluir que seja de outra substância, mas que o Pai comanda. O que responderemos? Principalmente que, ao se dizer a respeito do Filho encarnado algo de humilde, não se trata de humilhação da divindade, mas entenda-se no plano da encarnação. De resto, declara como o comprovas? Replica: o homem domina a mulher, assim também o Pai a Cristo. Por conseguinte, Cristo domina o homem, o Pai domina o Filho. *"A cabeça de todo homem é Cristo."* E quem admitirá jamais tal conclusão? Se, portanto, o Pai ultrapassa o Filho tanto quanto Cristo nos supera, pondera a que insignificância o reduzes. Com efeito, nem tudo o que se afirma de nós e de Deus entenda-se univocamente, embora as expressões se assemelhem; a Deus atribua-se peculiar excelência, quanto lhe compete. Quem não o conceder, chegará a um absurdo. Pondera o seguinte: Deus é Cabeça de Cristo, este, contudo, do homem e o homem, da mulher. Por conseguinte, se em todos os casos tomarmos a palavra Cabeça no mesmo sentido, tanto distará o Filho do Pai, quanto nós do Filho. Mas também a mulher distará tanto de nós quanto nós do Verbo, que é Deus; e o que é o Filho para o Pai, isso seremos nós relativamente ao Filho, e a mulher para com o homem. Quem aceitaria essa asserção? Mas o termo cabeça é empregado em sentido equívoco para a mulher e o homem relativamente a Cristo? Na verdade, para o Filho e o Pai tem outro sentido do que para nós. E de que outra maneira há de ser entendido? Segundo a origem. Com efeito, se Paulo quisesse dizer domínio e sujeição, conforme asseguras, não tomaria por exemplo a mulher, mas antes o servo e o senhor. A mulher nos é submissa, mas enquanto mulher, livre e igual em honra. E o Filho também, é obediente ao Pai, mas enquanto Filho de Deus, enquanto Deus. Sendo, portanto, maior a obediência do Filho ao Pai do que a dos homens aos progenitores, assim também a liberdade é maior. Nem as atenções do Filho para com o Pai são maiores e mais genuínas e as do Pai para com o Filho, menores, como sucede entre os homens. Se, pois, admiramos que o Filho obedeça, a ponto de ir até a morte, e morte de cruz, e consideramos o evento um grande milagre, é também admirável o Pai que gerou um Filho obediente, não servil, livre e seu conselheiro; conselheiro não é servo. Ao ouvires falar, porém, de conselheiro, não entendas que o Pai necessite de algo, e sim que o Filho possui honra igual à do Genitor. Por conseguinte, não se adapta totalmente o exemplo do homem e da mulher. Entre nós, portanto, com direito a mulher é submissa ao homem, porque a igualdade em honras produz contendas; não só, mas ainda por causa da sedução que aconteceu nos primórdios. Efetivamente, a mulher não foi subordinada ao homem imediatamente após a criação, nem ao ser-lhe apresentada, nem ela ouviu de Deus tais coisas, nem o homem lhe disse algo de semelhante, mas apenas que era osso de seus ossos, e carne de sua carne (cf. Gn 2,23), sem menção alguma de domínio ou sujeição da parte dela. Quando, porém, ela abusou mal da liberdade, e de auxiliar fez-se sedutora e tudo arruinou, então ouviu com razão: "Teu desejo te levará ao teu marido!" (Gn 3,16). Certamente esse pecado introduziria discórdias no gênero humano. Depois desse acontecimento, não contribuiria para a paz o fato de ter sido a mulher tirada do homem, ao invés, tornaria o homem mais severo, porque, sendo dele oriunda, não poupou a seu próprio membro. Deus, contudo, diante da malignidade do demônio, interpôs essa palavra, à guisa de uma fortificação, e eliminou por sua sentença a repugnância nascente devido à sedução, e por intermédio da inata concupiscência, derrubou a parede divisória entre eles, a péssima lembrança do pecado. Relativamente a Deus, imutável substância, nada de parecido se pode suspeitar. Por conseguinte, nem tudo o que se encontra nos exemplos é aplicável, porque em outras passagens também decorreriam daí muitos erros. No começo da carta dizia: "*Tudo é vosso. Mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus*" (1Cor 3,22-23).

E então? De modo semelhante tudo não é nosso, e nós somos de Cristo e Cristo é de Deus? Absolutamente não. Até os tolos em extremo percebem a diferença, embora o mesmo termo seja empregado em relação a nós, a Deus e a Cristo. E em outra passagem o Apóstolo afirmou que o homem é cabeça da mulher, e acrescentou: Como Cristo é Cabeça e Salvador da Igreja e protetor, assim deve ser o homem em relação a sua mulher (cf. Ef 5,25.24). Igualmente devemos entender esta afirmação e tudo o que depois foi escrito aos efésios sobre esse argumento? De modo nenhum. Impossível! De fato, utilizam-se as mesmas palavras a respeito de Deus e dos homens, mas entendam-se em sentido diferente; entretanto, nem tudo diversamente. Do contrário, pareceriam expressões inúteis e vãs, se dali não retirássemos fruto algum. Se nem tudo há de ser entendido de igual forma, nem tudo deve ser simplesmente rejeitado. A fim de se tornar mais claro o que digo, tentarei explicar por meio de um exemplo. Foi asseverado que Cristo é Cabeça da Igreja; se não entendo semelhança alguma com o que é humano, o que me adianta tal formulação? De outro lado, se tudo compreender humanamente, deduzirei muitos absurdos, pois a cabeça é sujeita às mesmas paixões que o corpo, e será culpada das mesmas. O que, portanto, rejeitar, e o que aceitar? Devemos recusar o que mencionei, e aceitar qual perfeita união, causa e primeiro princípio. E não de maneira simplista, mas também aqui se pense no que é mais adequado e conveniente a Deus: a união é o que há de mais seguro e a origem, o mais honroso. Novamente ouviste referência ao Filho; também nesse caso nem tudo aceites, nem tudo rejeites, mas retém o que é conveniente a Deus, o que é consubstancial, o que é gerado por ele; deixa de lado o que é absurdo e peculiar à fraqueza humana. Mais uma vez, diz-se que Deus é luz; então assumiremos tudo o que é atinente à luz terrena? De forma alguma. Essa, de fato, é circunscrita pelas trevas e pelo lugar, movimenta-se por força alheia e apaga-se; nada disso é lícito pensar daquela essência. Nem tudo rejeitemos; retiremos algo de útil do exemplo, a saber, a iluminação que provém de Deus para nós, a libertação das trevas que recolhemos daquela luz.

Até aqui, contra os hereges; de resto, será necessário percorrer de novo todo o assunto. Talvez aqui alguém levante uma questão, perguntando a si mesmo: Que falta será terem as mulheres a cabeça descoberta, e os homens, coberta? Logo saberás qual a falta. Notam-se muitos e diversos sinais destinados ao homem e à mulher, ao primeiro de domínio e a esta de submissão. Entre eles, também a advertência de que ela cubra a cabeça, e ele tenha a cabeça descoberta. Se, portanto, são sinais, ambos falham quando perturbam a ordem e ultrapassam o preceito de Deus e os próprios limites, o homem, na verdade, descendo à posição subordinada da mulher, a mulher, insurgindo-se contra o homem, pelo porte. Se, portanto, não é lícito trocarem mutuamente a veste, nem ela tem o direito de revestir o manto, nem o homem, o vestido e o véu. “A mulher não deverá usar um artigo masculino, e nem o homem se vestirá com roupas femininas” (Dt 22,5). Mais ainda, não se troquem os sinais. Essas leis foram promulgadas pelos homens, embora Deus posteriormente as tenha confirmado, a saber, cobrir ou não cobrir a cabeça, é preceituado segundo a natureza. Ao falar de natureza, refiro-me a Deus, pois foi ele quem a criou. Se, portanto, ultrapassares esses limites, vê quantos males daí se originam. Nem me digas que se trata de falta leve. Por si é grande, porque é desobediência. Mesmo se fosse pequena, tornar-se-ia grande, visto constituir símbolo de realidades grandiosas. Evidencia-se sua grandiosidade pelo fato de que no gênero humano se mantém muita ordem entre o chefe e os subordinados, revestidos de adequado ornato. Por isso, quem transgride, tudo confunde, trai os dons de Deus e pisoteia a honra que lhe foi outorgada, e isso é válido não somente para o homem, mas também para a mulher. Pois, certamente, é máxima honra conservar a própria ordem, como é vergonhoso dela se apartar. Por isso, o Apóstolo trata dos dois casos, nesses termos:

4. *Todo homem que ore ou profetize com a cabeça coberta, desonra a sua cabeça.*

5. *Mas toda mulher que ore ou profetize com a cabeça descoberta, desonra sua cabeça.*

Havia, conforme citei, homens e mulheres que profetizavam, e mulheres que então tinham esse dom, como as filhas de Filipe, e outras, antes e depois delas, a respeito das quais dizia outrora o profeta: "Vossos filhos profetizarão, e vossas filhas terão sonhos" (Jl 2,28). O Apóstolo não preceitua ao homem ter sempre a cabeça descoberta, mas somente ao orar: *"Todo homem que ore ou profetize tendo sobre a cabeça um véu, desonra a sua cabeça"*. À mulher, contudo, ele ordena ter sempre a cabeça coberta; por isso, tendo dito: *"Mas toda mulher que ore ou profetize com a cabeça descoberta, desonra sua cabeça"*, não se detém, mas prossegue: é o mesmo que ter a cabeça raspada.

Se é vergonhoso ter sempre a cabeça raspada, é claro que também é opróbrio tê-la sempre descoberta. E não foi suficiente, mas ainda acrescenta: *"Sendo assim a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos"* (1Cor 11,10). Mostra que não é só por ocasião da oração: sempre devem ter a cabeça coberta. Quanto ao homem, não trata apenas a respeito de cobrir a cabeça, mas também do uso da cabeleira. Ora, proíbe que cubra a cabeça somente ao orar, enquanto sempre proíbe usar cabelos compridos. Por isso, conforme disse sobre a mulher:

6. *Se a mulher não se cobre com véu, mande cortar os cabelos!*

diz ao homem: *"é desonroso para o homem trazer cabelos compridos"*. Não disse: se ele cobrir a cabeça, mas se trouxer cabelos compridos. Por isso, disse no princípio: *"Todo homem que ore ou profetize tendo sobre a cabeça"*. Não disse: coberto com um véu, e sim: *"Tendo sobre a cabeça"*, apontando que apesar de orar com a cabeça descoberta, tendo porém uma cabeleira, equivale àquele que se cobre com um véu. *"A cabeleira lhe foi dada como véu." "Se a mulher não se cobre com véu, mande cortar os cabelos!"*

Mas se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou raspados, cubra a cabeça!

No começo reclama que a mulher não tenha a cabeça descoberta; adiantando-se, contudo, sugere e com todo zelo e diligência que a tenha sempre coberta, dizendo: *"é o mesmo que ter a cabeça raspada"*. Não manda apenas que se vele e cubra a cabeça, mas que se cubra de tal sorte que esteja bem composta. E tendo chegado ao absurdo, incute vergonha, atacando com vigor: *"Se a mulher não se cobre com véu, mande cortar os cabelos!"* Com efeito, se recusas usar o véu segundo a lei de Deus, rejeita igualmente o que a natureza te deu. E se alguém replicar: E seria vergonhoso para a mulher alcançar a glória do homem? Não dissemos: não alcança. Decai da própria honra. De fato, não permanecer nos próprios limites e no das leis promulgadas por Deus, transgredi-los, não é aumento, é diminuição, como quem ambiciona os bens alheios, e arrebata o que é do próximo, não enriquece, sofre detrimento e perde até o que já possuía. Foi o que aconteceu no paraíso. A mulher não obteve a nobreza do homem, e, ao invés, perdeu a decência própria da mulher; não só daí lhe adveio ignomínia, ainda, porém, o que se origina da pretensão. Paulo, portanto, depois de declarar o que é evidentemente ignóbil: *"Mas se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou raspados"*, acrescentou o seu parecer: *"Cubra a cabeça!"* E não preceituou: Tenha os cabelos compridos, e sim: *"Cubra a cabeça!"* Das duas coisas estabeleceu uma só lei, e confirmou a ambas, pelo que foi promulgado e pelo que lhe é oposto, assegurando que o véu e a cabeleira se equivalem, e é o mesmo ter a cabeça raspada e ter a cabeça descoberta: *"É o mesmo que ter a cabeça raspada"*. Se alguém disser: De que maneira *"é o mesmo"*, uma vez que uma possui um véu natural, e a que raspou, não? Responderemos: Uma por seu arbítrio o tirou e tem a cabeça descoberta; ser provida de cabelos provém da natureza, não da própria vontade. Por conseguinte, aquela que raspou tem a cabeça descoberta, e a outra igualmente. Por isso Deus permitiu que naturalmente a mulher tivesse a cabeça coberta, a fim de que aprendesse da natureza a se cobrir. Em seguida declara o motivo, conforme faz frequentemente, visto

que se dirige a pessoas livres. Qual o motivo?

7. *Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem da glória de Deus;*

Ainda outra causa. Não apenas porque tem Cristo por Cabeça não deve cobrir a cabeça, mas também porque é o chefe da mulher. Pois o príncipe deve ter um sinal do principado quando se aproxima do rei. Assim nenhum príncipe comparece perante aquele que tem o diadema sem o cinto e a veste de gala, assim também tu sem o sinal do principado, isto é, a cabeça descoberta, não ores a Deus, para não ofenderes a ti e àquele que te honra. Dir-se-ia o mesmo acerca da mulher, porque para ela também é ignomínia se não tiver o sinal da sujeição.

mas a mulher é a glória do homem.

É, portanto, natural o domínio do homem. Além disso, depois de proferir a sentença, expõe outras razões e causas, referindo-se à primeira criação, nesses termos:

8. *Pois o homem não foi tirado da mulher; mas a mulher, do homem.*

Se, porém, ser tirado de alguém é glória para aquele do qual provém, muito mais é ser semelhante.

9. *E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem.*

Ademais, esta é a segunda excelência relativamente a ela, ou melhor, a terceira e a quarta. A primeira consiste em que Cristo é nossa Cabeça, e nós da mulher; a segunda, que nós somos a glória de Deus, e a mulher a nossa glória; a terceira, que não fomos tirados da mulher, mas ela de nós; a quarta, que nós não fomos criados por causa dela, mas ela por nossa causa.

10. *Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência,*

“Sendo assim”, por que motivo? – dize-me. Por causa de tudo o que foi dito; ou antes, não apenas por isso, mas também por causa dos anjos.

Pois se desprezas o homem, diz ele, respeita os
anjos.

Por conseguinte, cobrir a cabeça é sinal de sujeição e dependência; faz, de fato, olhar para baixo, ter pudor, conservar a própria virtude. A virtude e a honra de uma subordinada consiste em permanecer na obediência. O homem, na verdade, não é obrigado a fazer isso, pois é a imagem do Senhor, mas a mulher, com justeza. Pondera, portanto, o excesso de iniquidade, a saber, quando te distingues por tal poder, tu te cobres de vergonha, usurpando vestes femininas. Fazes o mesmo que arrancar da cabeça o diadema que houvesses recebido, e em vez do diadema preferisses uma veste servil.

11. *Por conseguinte, a mulher é inseparável do homem e o homem da mulher, diante do Senhor.*

Tendo concedido ao homem grande preeminência ao enunciar que a mulher foi tirada dele, por causa dele e subordinada a ele, a fim de não exaltar os homens mais do que convém, nem as diminuir demais, vê como se corrige: *“Por conseguinte, a mulher é inseparável do homem e o homem da mulher, diante do Senhor”*.

Não leves em consideração, portanto, primeiro a mulher, nem a sua criação. Pois, se perscrutares o que aconteceu depois, um é autor da outra; ou melhor, não um da outra, mas Deus é o criador de tudo; por isso diz: *“Por conseguinte, a mulher é inseparável do homem e o homem da mulher, diante do Senhor”*.

12. *Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce pela mulher.*

Não disse: “Da mulher”, mas em contraposição: “Do homem”. É exato relativamente ao homem. Todavia, não foi certamente obra do homem, mas de Deus. Por isso acrescenta: *“e tudo vem de Deus”*.

Se, portanto, tudo vem de Deus, e ele ordena tais coisas, obedeça e não te oponhas.

13. *Julgai por vós mesmos: Será conveniente que uma mulher ore a Deus sem estar coberta de véu?*

Novamente estabelece-os juízes de suas palavras, conforme fez na questão das carnes imoladas aos ídolos, porque, na verdade, ali declara: *"Julgai vós mesmos o que digo"* (1Cor 10,15), e aqui: *"Julgai por vós mesmos"*. E sugere algo de terrível: Afirma que a injúria é feita a Deus. Na verdade, não assevera nesses termos, mas um pouco mais suavemente e de forma mais enigmática: Será conveniente que uma mulher ore a Deus sem estar coberta de véu?

14. *A natureza mesma não vos ensina que é desonroso para o homem trazer os cabelos compridos,*

15. *ao passo que, para a mulher, é glória ter longa cabeleira porque a cabeleira lhe foi dada como véu?*

Neste trecho faz conforme está habituado a fazer, raciocina e refugia-se em usos comuns, e envergonha bastante os que desejam ter dele informações que podem apreender do que é habitual; com efeito, essas e outras coisas semelhantes nem aos bárbaros são desconhecidas. E vê que sempre emprega palavras ásperas: *"Todo homem que ore ou profetize com a cabeça descoberta, desonra sua cabeça"*, e ainda: *"Mas se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou raspados, cubra a cabeça!* Também: *"É desonroso para o homem trazer os cabelos compridos, ao passo que, para a mulher, é glória ter longa cabeleira porque a cabeleira lhe foi dada como véu"*.

E se a cabeleira foi-lhe dada como véu, por que ainda acrescentar outro véu? A fim de confessar dependência não apenas por natureza, mas também por própria vontade. A própria natureza estabeleceu primeiro que deves te cobrir com um véu. Adiciona, portanto, tua obra, a fim de não pareceres subverter as leis da natureza, porque seria grande falta de pudor, não somente lutar conosco, mas com a natureza. Por essa razão Deus acusava os judeus da seguinte forma: "Mataste os teus filhos e as tuas filhas" (Ez 16,21), o que constitui o cúmulo de tuas abominações. E Paulo, repreendendo os impudicos dentre os romanos, acentua a incriminação, ao assegurar que procediam não somente contra a lei de Deus, mas contra a lei natural: "Mudaram as relações naturais por relações contra a natureza" (Rm 1,26). Além disso, nessa passagem empenha-se o sermão em mostrar que nada de estranho estabelece, e que entre os pagãos todas essas novidades eram contra a natureza. Assim também Cristo o comprova: "Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles" (Mt 7,12), assinalando que nada de novo introduzia.

16. *Se, no entanto, alguém quiser contestar, não temos esse costume nem tampouco as Igrejas de Deus.*

É, portanto, disputa e não raciocínio, querer contestar. De resto, fez uma censura moderada, para incutir maior pudor, o que torna o discurso mais grave. Todavia, não temos esse costume de disputar, discutir e contradizer. Entretanto, não se detém, mas acrescenta: *"Nem tampouco as Igrejas de Deus"*, indicando que eles se opunham e resistiam à terra inteira, por não ceder. Mas, apesar de que então os coríntios disputassem, agora toda a terra aceita e observa essa lei. Tão grande é o poder do Crucificado.

Mas receio que, tendo aceitado esse aspecto, encontrem-se algumas mulheres que agem com falta de modéstia, e apareçam sem véu de outro modo. Por isso, Paulo, ao escrever a Timóteo, não considerou suficiente ter dito isso, mas aditou outras observações: "Elas se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro" (1Tm 2,9). Efetivamente, visto que não devem ter a cabeça descoberta, mas em toda parte usar o sinal de dependência, muito mais por obras haverão de mostrá-la. Sem dúvida, as mulheres antigas chamavam os próprios maridos com o nome de senhor, e davam-lhes a primazia. Mas também eles, retrucas, amavam suas mulheres. Eu o sei, não o ignoro,

mas admoestamos acerca do que te convém, e não olhes o que cabe aos outros. Com efeito, ao exortarmos os meninos e lhes dizermos que obedeçam aos pais, porque está escrito: “Honra a teu pai e a tua mãe” (Ex 20,12), respondem-nos: Profere ainda as palavras seguintes: “E vós, pais, não deis a vossos filhos motivo de revolta contra vós” (Ef 6,4). E ao dizermos aos escravos que devem obedecer a seus senhores, e não quando vigiados (cf. Cl 3,22), eles ainda reclamam de nós as palavras subsequentes que preceituam admoestar aos senhores. Pois a eles também, replicam, Paulo mandou que desistam de ameaças. Mas não façamos assim, nem procuremos saber o que é ordenado aos outros, quando somos acusados do que nos compete. Se acaso encontras companheiro para os crimes, nem por isso ficas livre de culpa; considera somente o que te libera dos crimes. De fato, Adão atribuía a culpa à mulher e ela à serpente, mas isso não os liberou. Por conseguinte, não me digas agora isso, mas com gratidão esforça-te por cumprir os deveres para com teu marido. De fato, quando falo a teu marido, exortando a que te ame, e cuide de ti, não deixo que ele cite a lei imposta à mulher, mas exijo o cumprimento da lei escrita para ele. E tu, portanto, procura saber exatamente só o que te compete, e mostra-te bem comportada para com teu cônjuge. Pois, se obedeceres ao marido por causa de Deus, não me fales do que lhe cabe prestar, mas daquilo a que o legislador te fez sujeita, e procura observá-lo diligentemente. Aí está principalmente o que é obedecer a Deus e não transgredir a lei, embora sofras contrariedades. Por isso, quem ama aquele que o ama, nada de grandioso está fazendo; quem, porém, respeita o que o odeia, este especialmente é coroado. Do mesmo modo considera contigo mesma que, se suportas um marido molesto, receberás esplêndida coroa; se, ao invés, for manso e tranquilo, que recompensa te dará Deus? Não digo isso para mandar que os maridos sejam grosseiros, mas no intuito de persuadir às mulheres que tolerem os maridos, mesmo descorteses. Quando cada um cumprir seus deveres zelosamente, logo o próximo observará os seus. Por exemplo, se a mulher estiver pronta a suportar um marido grosseiro, e o marido não infligir injúria à mulher, mesmo se for importuna, então tudo será serenidade, e um porto tranquilo. Tal era o costume entre os antigos; cada qual cumpria seus deveres e não reclamava os do próximo. Pondera o seguinte: Abraão levou consigo o sobrinho. A mulher não o censurou. Mandou que ela fizesse uma longa viagem e ela não recusou, e o seguiu. Mais uma vez, depois de muitas tribulações, labores e suor, sendo ele senhor de tudo, concedeu a primazia a Ló. E Sara suportou de bom grado, não abriu a boca, e não fez o que agora fazem muitas mulheres, vendo que os maridos têm menos sorte, principalmente relativamente aos inferiores: exprobram-nos, chamando-os de estultos, loucos, covardes, traidores e tolos. Nada proferiu ou pensou de semelhante, ao contrário, aprovou tudo o que fizera. E mais ainda, depois que Ló teve a faculdade de optar e deixou ao tio a parte pior, o patriarca incidiu em grave perigo. Ouvindo isso, ele entregou armas a todos os seus servos, e empreendeu a luta contra todo o exército dos persas. Então ela não o reteve, nem disse, como seria justo: Aonde vais, ó homem, jogas-te num precipício, enfrentas tantos perigos e derramas o teu sangue por um homem que te ofendeu e roubou tudo o que era teu? Pois se menosprezas a ti mesmo, ao menos tem pena de mim que deixei casa, pátria, amigos e parentes e te acompanhei em tão grande peregrinação, nem me lances na viuvez e nas tribulações da viuvez. Nada disso proferiu, ou pensou, mas tudo suportou em silêncio. Além disso, continuando estéril, não padece como as outras mulheres costumam fazer, nem se lamenta. Ele chora, mas não junto da mulher, e sim diante de Deus. E vê como cada qual pratica a justiça. Nem ele desprezou Sara enquanto estéril, nem lhe exprobrou coisa alguma. Ela, contudo, por sua vez, imaginou certo consolo pela falta dos filhos através de sua escrava; então não era proibido, como agora. Agora, de fato, nem é lícito às mulheres fazer esta concessão aos homens, nem a eles, com consentimento ou não das mulheres, tentar tal união, por mais que sintam dor pela carência de filhos. Pois eles também ouçam a palavra: “O verme deles não tem fim e o fogo não se extingue” (Mc 9,45). Agora não é permitido, mas

então não era proibido; por isso a mulher o ordenou e ele obedeceu, no entanto não por volúpia. Mas vê, replicas, que ainda por ordem dela, ele rejeitou a escrava. O que eu quero mostrar é que ele em tudo lhe obedecia e ela a ele.

De resto, não dês atenção só a isto, mas tu que proferes estas palavras, examina os fatos precedentes: A escrava injuriou sua senhora e exaltou-se arrogantemente contra ela. Existe coisa mais dolorosa para a mulher livre e honesta? A mulher, portanto, não espere a virtude do marido para então revelar a sua. Nada grandioso seria. Nem de seu lado o homem exija a modéstia da mulher para então portar-se com sabedoria. Não seria correto. Mas cada qual, conforme disse, seja o primeiro a cumprir o dever. Se, pois, os estranhos te baterem na face direita, deves oferecer a outra, muito mais hás de suportar o marido grosseiro. Não o digo, contudo, para que ele bata na mulher, de forma alguma. Seria extrema injúria, não da parte de quem apanha, mas de quem bate. Se talvez, ó mulher, teu cônjuge for tal, não te irrites, mas pensa na recompensa que te está reservada e no louvor que mereces na vida presente. A vós, maridos, digo o seguinte: Não há pecado que te obrigue a bater na mulher. E por que falo da mulher? Um homem nobre não bate numa escrava, nem é tolerável meter-lhe a mão. Se bater na escrava é grande opróbrio para o homem, muito mais levantar a mão contra uma mulher livre. E isso se encontra até entre os legisladores pagãos que não obrigam a mulher que sofreu tais injúrias a habitar com quem a feriu, porque é indigno de seu consórcio. De fato, é suma maldade, causar ignomínia à consorte de vida, que há muito te atendia no necessário, como se fosse uma escrava. Não atribuirei a tal homem, se é lícito dar-lhe o nome de homem, a denominação de fera, mas assimilá-lo-ei ao parricida e matricida. Pois se por amor à mulher recebemos a ordem de deixar pai e mãe, sem por isso menosprezá-los, e sim no intuito de cumprir a lei divina, e isto é tão desejável pelos pais que eles, apesar de abandonados, aceitam-no e fazem-no com grande zelo. Como não seria extrema demência, injuriar aquela por cuja causa Deus ordena abandonar os pais? Seria apenas loucura? Quem suporta tal opróbrio? – dize-me. Que palavras podem descrever a cena, quando gritos e gemidos se espalham pelas ruas, e há corrida pela casa daquele que se comporta com tal falta de decoro, e dos vizinhos e transeuntes, como se uma fera dilacerasse os de dentro? Seria mais desejável que a terra engolisse aquele que age tão furiosamente do que ele aparecer depois na praça. Mas a mulher é audaciosa, responderá ele. Entretanto, pensa que ela é mulher, vaso frágil, e tu um homem. Foste constituído chefe e cabeça, para suportares a fraqueza daquela que deve te obedecer. Age, portanto, de sorte que teu domínio seja esplêndido. Será brilhante, se conservares o decoro daquela que te é subordinada. O rei parece mais ilustre quando faz o que governa em segundo lugar mais ilustre; se, porém, só lhe inflige ignomínia e desdoura a grandeza de sua dignidade, diminui muito a sua glória, assim também tu, se desonras aquela que governa depois de ti, não será leve o dano à honra de teu poder. Considerando tudo isso, age com moderação! Além disso, novamente à tarde pensa que o pai te chamou para entregar-te em depósito a filha e separando-a de todos, da mãe, de si, da casa, confiou a tua direita. Pondera que através dela Deus te deu filhos, e te tornaste pai, e sê cortês.

Não vês que os agricultores, após a sementeira, cultivam a terra com toda espécie de cuidados, apesar de sofrerem inúmeros incômodos, isto é, é árida, produz ervas daninhas, e o local é inundado pelas chuvas? Age de igual modo; dessa forma, serás o primeiro a gozar dos frutos e da tranquilidade, pois a mulher é um porto seguro e grande medicamento que traz alegria. Se, portanto, protegeres o porto dos ventos e das vagas, gozarás de muita segurança, ao voltares da praça; se, contudo, o encheres de tumulto e perturbação, preparas para ti pior naufrágio. Faça-se o que digo para que tal não aconteça: Ao suceder algo de molesto em casa, por culpa dela, consola-a e não aumentes sua dor. Mesmo que percas tudo, nada é mais triste do que ter em casa uma esposa que convive com o marido sem benevolência. A qualquer pecado que te refiras, não podes mencionar outro que cause maior dor

do que brigar com a mulher. Em consequência de tudo isso, o amor dela te seja o que há de mais precioso. Se devemos carregar os fardos uns dos outros, muito mais o da esposa. Ainda que seja pobre, não a censures por isso; se estulta, não a insultes, mas antes a orientes; é membro teu e vos tornastes uma só carne. Mas é tagarela, ébria e colérica. Importa lastimá-lo mais do que se irritar, suplicar a Deus, admoestar e aconselhar, empregar todos os meios para corrigir o vício. Se, porém, bates e a feres, não a curas. A violência se cura com a mansidão e não com outra violência. Além disso, pensa na recompensa da parte de Deus. Quando, pois, te for lícito separar-te dela, não o faças por temor de Deus, mas suporta grandes dificuldades para observar a lei que proíbe expulsar a mulher. Seja qual for a sua moléstia, receberás inefável recompensa, e, antes da recompensa, terás o máximo lucro, tornando-a obediente a ti, e fazendo-te para com ela mais manso.

Conta-se que um filósofo pagão tinha uma mulher má, tagarela e dada às injúrias. Interrogado por que a suportava assim, respondeu que tinha em casa um lugar de exercícios e uma escola de filosofia. Serei assim, dizia, mais manso que os demais, diariamente exercitado deste modo.

Exclamastes em alta voz. Eu, porém, solto profundos gemidos, ao verificar que os pagãos são mais filósofos do que nós, que recebemos ordem de imitar os anjos, ou melhor, de empenharmo-nos em imitar a Deus na equidade.

Narra-se que este filósofo não abandonou sua péssima esposa; alguns dizem até que foi por ser ruim que a desposou. Eu, porém, tendo em vista que muitos homens não são tão razoáveis, exorto a que antes do casamento empreguem todos os meios para se casarem com mulheres sensatas e virtuosas. No caso de se enganarem, e não trouxerem para casa uma esposa boa nem agradável, então imitem aquele filósofo, tentem melhorá-la em tudo, e não a rejeitem. Visto que o mercador, antes de firmar com o sócio um pacto que possa conciliar um bom entendimento não conduz a nave ao mar, nem empreende nenhuma negociação, também nós façamos o possível para assegurar, ao lado da companheira das vicissitudes da vida, completa paz no interior de nosso navio. Assim também todo o restante ficará calmo, e seguros atravessaremos o mar da vida presente. Isso é mais importante do que a casa, escravos, riquezas, campos e até mesmo do que as questões civis. Atribuamos o maior valor a que não provoque tumulto, nem discorde de nós, aquela que convive conosco em nossas casas. Assim todo o restante decorrerá bem e teremos grande facilidade em progredir nas coisas espirituais, carregando o jugo em concórdia. Agindo em tudo com probidade, conseguiremos os bens que nos são reservados. Possamos todos nós atingi-los pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SÉTIMA HOMILIA

A “ceia do Senhor”

17. *Dito isto, não posso louvar-vos: vossas assembleias, longe de vos levar ao melhor, vos prejudicam.*

É preciso, em primeiro lugar, manifestar a causa da presente acusação. Desta maneira mais facilmente se depreenderá o que vai ser proferido. Qual é? Aqueles três mil homens que nos primórdios acreditaram, em comum tomavam as refeições e tinham tudo em comum; ainda assim se costumava fazer no tempo em que o Apóstolo escreveu essas palavras. Não com tanta exatidão, mas certo influxo daquela primeira comunidade permaneceu e passou aos pósteros. Acontecia que uns eram pobres e outros ricos, e estes não punham tudo em comum. Preparavam uma mesa comum em determinados dias, como convinha, e terminada a reunião, depois da comunhão dos mistérios, todos participavam do banquete; os ricos traziam as iguarias, os pobres, porém, e os que nada possuíam eram convidados pelos ricos, e todos juntamente comiam. Mas depois, também este costume foi

abolido. As divisões causaram esta abolição, e aliavam-se uns a estes e outros àqueles e diziam: Eu sou deste. Eu, daquele outro. O Apóstolo, corrigindo este erro, dizia no começo da Carta: *“Com efeito, meus irmãos, pessoas da casa de Cloé me informaram de que existem rixas entre vós. Explico-me. Cada um de vós diz: ‘Eu sou de Paulo!’, ou: ‘Eu sou de Apolo!’, ou: ‘Eu sou de Cefas’”* (1Cor 1,11-12). Não quer dizer que eles fossem uns partidários de Paulo; ele não o toleraria. Mas exagera, querendo deste modo arrancar o costume pela raiz. Menciona a si mesmo, mostrando ser absurdo e extrema maldade que alguém, apartado da comunidade, quisesse a ele aliar-se. Se, portanto, tal fato era iníquo, muito mais o seria naqueles que lhe eram inferiores. Uma vez que se rompera o costume, costume belo e utilíssimo – base da caridade, consolo da pobreza, sábia utilização das riquezas, máxima ocasião de sabedoria, escola de humildade – e com isto tantos bens se perdiam, emprega com razão essas palavras impetuosas: *“Dito isto, não posso louvar-vos”*. Com efeito, na primeira admoestação, visto que muitos deles eram observantes, começa diversamente: *“Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões”*. Neste trecho, ao contrário: *“Dito isto, não posso louvar-vos”*. Por conseguinte, nem depois de censurar aqueles que comiam das carnes imoladas, disse o mesmo, mas sendo ali mais duro, intercalou o sermão sobre a cabeleira, a fim de que, ao passar de severas incriminações a outras igualmente molestas, não parecesse mais austero; então volta a palavras mais severas, dizendo: *“Dito isto, não posso louvar-vos”*. O quê? O que vou dizer. O que significa: *“Dito isto, não posso louvar-vos”*? Não vos aprovo, diz, porque me obrigastes a dar conselho. Não louvo, porque nesta questão precisais de ensinamentos e de minha admoestação. Viste que desde o proêmio revela que é por demais absurdo? Quando o pecador não precisa de admoestação para não pecar, então o pecado não é desculpável. E por que não louvas?

“Vossas assembleias, longe de vos levar ao melhor, vos prejudicam” , isto é, não progredis na virtude. E quando devíeis progredir, e ter mais desejo de avançar, diminuístes a força do costume estabelecido, e de tal modo o abalastes que precisastes de meu preceito para voltardes à ordem anterior. Em seguida, para não parecer que isso foi dito apenas em favor dos pobres, não se apressa imediatamente a falar das mesas, a fim de não expor ao desprezo a áspera censura, e procura uma expressão muito aguda, que incute grande temor. O que disse?

18. *Em primeiro lugar, ouço dizer que, quando vos reunis em assembleia, há entre vós divisões,*

Não disse: Ouço dizer que não tomais a ceia em comum, ouço dizer que comeis à parte e não com os pobres; mas coloca o que mais podia comover o espírito deles, isto é, o nome de divisão, pois era de fato disto que se tratava. Novamente traz à memória o que fora dito no princípio da carta, por informação das pessoas da casa de Cloé.

e, em parte, o creio.

No intuito de evitar que se replicasse: E se forem caluniadores mentirosos? Não diz que o acredita, para não fazê-los mais insolentes, nem ainda que não crê, a fim de não parecer censurar inutilmente; e sim: *“Em parte, o creio”*, isto é, acredito um pouco, afligindo e chamando de volta à correção.

19. *É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados.*

Fala em cisões, não a respeito dos dogmas, mas das divisões entre eles. Pois, se falasse de dogmas, nem assim lhes ofereceria ocasião de pretexto. Pois, se Cristo disse: “É necessário que haja escândalos” (Mt 18,7), não aniquilava o livre-arbítrio, nem introduzia certa necessidade e violência, mas predizia o que sem dúvida haveria de acontecer devido ao mau espírito dos homens, a saber, não aconteceria por causa da predição, mas da mentalidade incurável. Não acontece porque ele predisse,

mas predisse porque sem dúvida haveria de suceder. Efetivamente, se os escândalos fossem forçosos, e não se originassem do espírito dos que o davam, teria dito de modo supérfluo: "Ai do homem por quem o escândalo vem!" (Mt 18,7). Não obstante, dissertamos muito a este respeito no devido lugar; agora, porém, vamos ao que nos propusemos. O Apóstolo declarou nas palavras subsequentes o que tinha a dizer sobre as cisões em torno das mesas e destas contendas e dissensões. Tendo dito: *"Ouço dizer que... há entre vós divisões"* não se detém, mostra quais são as divisões, e vai adiante:

21. *cada um se apressa por comer a sua própria ceia;*

e ainda,

22. *não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus?*

É claro o que diz a respeito. Não é de admirar que as denomina *"divisões"*; com tal expressão quer atacá-los. Se fossem divisões quanto à doutrina, não teria falado tão tranquilamente. Escuta, portanto, qual a sua maneira forte de se exprimir sobre tal problema. Ele confirma e repreende. Confirma, de fato, ao dizer: "Entretanto, se alguém – ainda que... um anjo do céu – vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema" (Gl 1,8). Repreende, contudo, nestes termos: "Vós que buscais a justiça na Lei, decaístes da graça" (Gl 5,4). E ora chama de cães os corruptores, dizendo: "Cuidado com os cães!" (Fl 3,2) e ora que "têm a própria consciência como que marcada por ferro quente" (Tm 4,2), e ora de mensageiros do diabo. Aqui, porém, nada disso, mas fala mansa e tranquilamente. O que significa: *"Para que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados"*?

Que resplandeçam mais! É o seguinte o que quer dizer: nada prejudica àqueles que são estáveis e firmes, ao invés, destaca-os e torna-os mais ilustres. A locução: *"Para que"* nem sempre aponta para a causa, mas frequentemente também para o termo. Assim a emprega Cristo, ao declarar: "Para julgamento é que vim a este mundo: para que os que não enxergam, vejam e os que veem tornem-se cegos" (Jo 9,39). Assim também o próprio Paulo, ao discorrer sobre a lei, escreve: "Ora, a Lei interveio para que avultassem as faltas" (Rm 5,20). Todavia, a Lei não foi dada para aumentar os pecados dos judeus; mas isso aconteceu. Cristo também não veio no intuito de que se tornem cegos os que veem, ao contrário; não obstante, assim aconteceu. Por conseguinte, igualmente neste trecho deve-se entender a expressão: *"Para que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados"*. Efetivamente, não houve divisões *"para que se tornem manifestos aqueles que são comprovados"*, todavia ao surgirem divisões, isso aconteceu. Afirma-o, consolando os pobres que suportam com fortaleza tal desprezo. Por isso, não disse: Para serem comprovados, mas *"para que se tornem manifestos aqueles que são comprovados"*, declarando que eles anteriormente já o eram e, no entanto, misturados com muitos e recebendo consolo da parte dos ricos, não eram tão patentes; agora, porém, esta dissensão e contenda os revelou, bem como a tempestade revela o piloto. Nem disse: A fim de vos mostrardes comprovados, mas: *"Para que se tornem manifestos aqueles que são comprovados"*, aqueles dentre vós que são tais. Não os aponta por meio de uma acusação, porque se tornariam mais insolentes, nem os louva, porque se fariam mais indolentes; mas deixa em suspenso, apresentando o princípio a ser aplicado segundo a consciência de cada um. A meu ver, nessa passagem consola os pobres, e ainda os que não têm costumes corruptos. Era provável que alguns se tinham conservado ilesos, e por isso afirma: *"E, em parte, o creio"*. Com razão denomina comprovados não só os que em companhia dos demais preservaram seus costumes, mas também os que sem eles observavam firmes essa ótima lei. Assim procede a fim de serem uns e outros mais diligentes, devido a tais louvores. Em seguida, expõe de que espécie de pecado se trata. Qual é?

20. *Quando, pois, vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor;*

Vês? Ao confundi-los, conforme agem os narradores, já aconselha? O aspecto das reuniões é outro, diz ele, é de caridade e amor fraterno. Certamente um só lugar, onde vos congregai, acolhe a todos; a mesa, contudo, já não oferece aspecto de uma assembleia. Não disse: Quando vos reunis, já não comeis em comum, não celebrais um festim, uns com os outros; aliás, de modo muito mais assustador os atinge, nesses termos: *"O que fazeis não é comer a Ceia do Senhor"*, remetendo-os à mesma tarde em que Cristo transmitiu os tremendos mistérios. Por isso chamou a refeição de ceia; de fato, essa refeição os teve reclinados à mesa, todos eles. Ora, a diferença entre ricos e pobres não é tão grande quanto entre o mestre e os discípulos, que é imensa. E por que digo entre o mestre e os discípulos? Pensa na distância entre o mestre e o traidor! Todavia também o mestre reclinou-se com os demais, não o expulsou, mas fez com que partilhasse o sal e fosse partícipe dos mistérios.

Em seguida, ele explica por que não é *"comer a Ceia do Senhor"*.

21. *Cada um se apressa por comer a sua própria ceia; e, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado.*

Vês como acentua que eles faltam ao decoro. Eles transformam a Ceia do Senhor em refeição particular, de tal sorte que são os primeiros a serem ultrajados, porque tiram a máxima dignidade de sua própria mesa. Como e por que motivo? Porque a Ceia do Senhor, isto é, o que é do Senhor deve ser comum. Pois as coisas pertencentes ao Senhor não pertencem a um servo e não a outro, mas são comuns a todos. Denomina-se, portanto, do Senhor o que é comum. Pois, se é de teu Senhor, como realmente é, não deves retirar algo como próprio, mas oferecer a todos comunitariamente o que é do Senhor e do dono. Isso é que se chama Ceia do Senhor. Tu, porém, não deixas que seja Ceia do Senhor, porque não permites que seja comum, banqueteando-te isoladamente. Por isso, o Apóstolo acrescenta: *"Cada um se apressa por comer a sua própria ceia"*. Não disse: separa-se, e sim: *"se apressa por comer"*, de leve acusando-os de voracidade e impertinência. A sequência o evidencia; tendo dito isso, ainda adita: *"Enquanto um passa fome, o outro fica embriagado"*. Ambas as situações são desmedidas, a saber, a indigência e o excesso. Eis agora a segunda acusação com que os ataca. A primeira consiste em que faltam ao decoro em sua ceia; a segunda, que enchem o estômago e se embriagam. E a mais grave, deixam os pobres com fome. Das iguarias que deviam ser oferecidas a todos em comum, eles sozinhos se fartavam e consumiam-nas por voracidade e embriaguez. Por isso, ele não disse: Um tem fome, outro se sacia, e sim: *"Fica embriagado"*. Ambas as ações por si são dignas de censura. Com efeito, embriagar-se, mesmo excluído o desprezo dos pobres, é culpa. Desprezar os pobres, mesmo sem embriaguez, merece repreensão. Quando, porém, são atos simultâneos, pondera qual o excesso de iniquidade. Em seguida, manifesta quão absurdo é, acrescentando uma repreensão indignada:

22. *Não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm?*

Vês que transfere para a Igreja a ofensa feita aos pobres, tornando mais austero o sermão? Eis agora a quarta acusação, visto que não só os pobres, mas também a Igreja é ofendida. Da mesma forma que te aproprias da Ceia do Senhor, também te apossas do lugar, usando a igreja como se fosse tua própria casa. A igreja, de fato, não foi construída para nos dividirmos quando nos reunimos, mas a fim de nos unirmos quando divididos. É este o sentido da palavra assembleia. *"Quereis envergonhar aqueles que nada têm"*. Não declarou: Matais de fome os indigentes, mas os confunde assaz, dizendo: *"Quereis envergonhar"*, ou envergonhais, desvendando que não se preocupa tanto com o alimento, quanto com a injúria que se lhes faz. Eis a quinta acusação: não só desprezam os famintos, mas ainda os

humilham. Assim se exprimia, quer simultaneamente honrando a situação dos pobres, quer declarando que eles não sentiam tanto por causa do estômago, quanto da ofensa, e, ao mesmo tempo, desperta a misericórdia do ouvinte. Tendo demonstrado ser um absurdo a ofensa relativa à Ceia, a ofensa à Igreja, e o desprezo dos pobres, suaviza novamente a intensidade da repreensão, dizendo:

Hei de louvar-vos? Não, neste ponto não vos louvo.

Certamente causará admiração principalmente o fato de que, quando devia repreender severamente, depois de ter anotado e atacado tantos pecados, ao invés, age mais suavemente e oferece oportunidade para se respirar. Qual a razão? Atacara-os gravemente, exagerando a acusação e qual ótimo médico, faz adequada incisão nas feridas, e não corta superficialmente o que precisa de profundo corte. Ouvistes como cortara o fornicador que havia entre eles. E o que precisava de medicamentos mais suaves, não entregou ao bisturi. Por isso, nesta passagem utiliza linguagem mais suave; aliás, esforçava-se por torná-los mais atenciosos para com os pobres, e em consequência, falava-lhes com maior mansidão. Em seguida, no intuito de causar-lhes de outra maneira maior confusão, tece o sermão sobre assuntos importantes:

23. *Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão*

24. *e, depois de dar graças, partiu-o e disse: "Tomai, comei. Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim".*

Por que relembra aqui os mistérios? Porque era muito necessário para o presente argumento usar tal palavra. Pois teu Senhor, diz ele, dignou-se fazer com que todos participassem da mesma mesa, embora fosse imensamente terrível, e assaz superasse a dignidade de todos; tu, contudo, os consideras indignos da tua refeição, pequena e insignificante, e apesar de terem nas coisas espirituais o mesmo que tu, nas materiais tu os despojas. Entretanto, não são tuas. Mas ele não o enuncia para não empregar maior severidade; utiliza expressão mais suave, dizendo: *"Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão"*. E por que motivo recorda o tempo, aquela tarde, a traição? Não foi sem causa e razão, mas para provocar compunção intensa, também por causa do tempo. Ora, mesmo que alguém tenha um coração de pedra, se pensar naquela noite, como o Senhor estava triste na companhia dos discípulos, como foi traído, como foi preso e arrastado, como foi julgado, e por que razão suportou todo o restante, tornar-se-á mais mole do que a cera, e aparta-se da terra e de todo o luxo. Por essa razão, o Apóstolo nos traz à memória tudo isso, causando-nos confusão, devido ao tempo, à mesa e à traição, dizendo: Teu Senhor por tua causa entregou-se a si mesmo; tu, contudo, em teu próprio favor, nem alimento dás a teu irmão?

Como, porém, o Apóstolo diz que o recebeu o Senhor? Ele não estava presente na Ceia, mas pertencia ao número dos perseguidores. Para saberes que aquela mesa não possui coisa alguma a mais do que as posteriores; pois também hoje é o Senhor quem tudo realiza e entrega, como fez então. Não é tanto para comemorar aquela noite, mas para de outro modo nos levar à compunção. De fato, recordamo-nos especialmente das últimas palavras dos moribundos; e dizemos aos herdeiros, se ousarem transgredir os preceitos deles, para os envergonharmos: Pensai que foi a última palavra que o pai vos deixou, e até o dia em que havia de expirar, deu tais ordens. Assim também Paulo, visando tornar veneranda aquela palavra, disse: Recordai-vos que ele vos concedeu esta última iniciação ao mistério e na mesma noite em que por vós havia de ser imolado deu tais preceitos e depois de entregar aquela Ceia, nada acrescentou. Em seguida, narra o que então se realizou: *"Tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: 'Tomai, comei. Isto é o meu corpo, que é dado por vós'".* Se, portanto, tu

te aproximas da Eucaristia, nada pratiques de indigno desta Ceia, não envergonhes o irmão, não desprezes o faminto, não te embriagues, nem injuries a Igreja. Aproxima-te dando graças pelo dom que recebeste; por conseguinte, retribui por tua vez, e do teu próximo não te apartes. Efetivamente, Cristo a deu igualmente a todos, dizendo: *"Tomai, comei"*. Ele deu igualmente seu corpo; tu, porém, não dás igualmente nem o pão comum? Pois por todos foi de modo semelhante partido, e deu em geral o corpo por todos.

25. *Do mesmo modo, após a Ceia, também tomou o cálice, dizendo: "Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim."*

O que dizes? Tu o celebras em memória de Cristo, e desprezas os pobres, sem estremecer? Se o fizesses em memória de um filho ou de um irmão falecido, tua consciência te acusaria se não seguisses o costume e não convidasses os pobres; ao fazeres, contudo, a memória do teu Senhor, não queres ao menos dar participação na mesa? O que significa: *"Este cálice é a nova Aliança"*? Cálices no Antigo Testamento eram as libações e o sangue de animais; depois de sacrificarem, recolhiam o sangue em cálices e frascos, e assim faziam as libações. Uma vez que trocou o sangue dos animais pelo seu próprio, a fim de que ninguém se perturbasse ao ouvir isso, rememorou aquele antigo sacrifício. Em seguida, referindo-se àquela Ceia, o Apóstolo uniu a presente àquela que então se realizou de sorte que eles se sentissem, de certo modo, reclinados no mesmo estrado, e recebendo do próprio Cristo esta vítima; e disse:

26. *Pois todas as vezes que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha.* Assim como Cristo disse sobre o pão e o cálice: "*Fazei-o em memória de mim*", revelando-nos o motivo da instituição do mistério, e declarou que, com os outros, também este é suficiente fundamento para a piedade – ao meditares o que o Senhor sofreu por tua causa, terás maior amor à sabedoria – também Paulo afirmou aqui: "*Todas as vezes que comeis... anunciais a sua morte*". É disto que consta aquela Ceia. Além disso, tendo manifestado que ela permanece até a consumação, disse: *"Até que ele venha"*.

27. *Eis por que todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor.*

Por quê? Porque o derramou, e com isso apresentou uma imolação, e não mais um sacrifício. Como outrora os que o traspassaram, não o traspassaram para bebê-lo, mas para derramá-lo, assim age também quem participa indignamente, e daí não retira fruto algum. Viste que palavra terrível pronunciou, e como os atacou com força, mostrando que, se bebessem, deste modo seriam indignos partícipes das oferendas? Então não o faz indignamente quem despreza o faminto? Quem o enche de confusão por seu desprezo? De fato, se não der aos pobres, lança fora do reino dos céus, mesmo se for uma virgem; ou antes, se não der largamente, pois aquelas virgens tinham óleo, mas não fartamente, pondera o grande mal que consiste em ter praticado tantas coisas absurdas.

Que coisas absurdas? – diz-se. Por que dizes: Quais absurdos? Foste participante de tal mesa e quando devias ser o mais manso de todos e semelhante aos anjos, tu te fizeste o mais cruel de todos. Provaste do sangue do Senhor, e não reconheces o irmão; que perdão mereces? Embora antes ignorasses, devias reconhecê-lo por causa dessa mesa; agora, porém, ultrajas a própria mesa, enquanto aquele que mereceu ser dela participante, julgas indigno de teus alimentos. Não ouviste quanto sofreu aquele que exigia cem denários? De que modo perdeu o dom que recebera? Não pensas no que eras e no que te tornaste? Não recordas que foste mais pobre em boas obras do que um pobre relativamente às riquezas, porque onerado de mil pecados? Todavia, Deus te livrou de todos eles, tu te tornaste digno de tal mesa; tu, contudo, nem assim te fizeste mais benigno. Por conseguinte, nada mais resta senão

seres entregue aos carrascos. Escutemos também estas palavras todos nós quantos juntamente com os pobres nos aproximamos dessa sagrada mesa. No entanto, saindo daqui, parecemos nem vê-los, mas ébrios passamos ao lado dos carentes. Disto eram acusados os coríntios. E, perguntas, quando isso acontece? Sempre, principalmente nos dias de festa, quando de modo especial não devia acontecer. Então, logo após a comunhão, vos entregais à embriaguez e ao desprezo dos pobres; e depois de teres recebido o sangue, tempo de jejum e de sobriedade, vós vos embriagais e saturais. Ao encontrares uma ótima refeição, tomas a precaução de que outro alimento ruim não estrague o primeiro, mas após te alimentares espiritualmente, consomes iguarias satânicas. Pensa no que fizeram os apóstolos, partícipes daquelas sagradas Ceias. Não retornavam à oração e à celebração dos hinos? Às sagradas vigílias? Às longas instruções, transbordantes de sabedoria? O Senhor lhes narrava e ordenava coisas grandes e admiráveis, depois que Judas saiu para chamar os que o haveriam de crucificar. Não ouvistes como aqueles três mil homens que participavam da comunhão, sempre perseveravam na oração e na doutrina, não em embriaguez, nem em saciedade? Tu, contudo, antes de a receberes, jejuas, a fim de pareceres de certo modo digno da comunhão; depois da recepção, contudo, quando deverias aumentar a temperança, arruínas tudo. Ora, não é o mesmo jejuar antes ou depois; em ambos os tempos, deves ser temperante, principalmente depois de receberes o esposo: antes, na verdade, para seres digno de receber; depois, para não pareceres indigno do que recebeste. Como? Devo jejuar depois de receber? Não o digo; não te obrigo. Seria ótimo. Não obrigo, mas exorto a não te entregares às delícias além da medida. Paulo também declarou que jamais convém entregar-se às delícias: “Mas a que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta” (1Tm 5,6); muito mais então tu morrerás. Se os prazeres são morte para a mulher, mais ainda para o homem; e se em outras ocasiões as delícias arruínam, muito mais depois da comunhão dos mistérios. Tu, porém, ao receberes o pão da vida, praticas ação digna de morte, e não sentes horror? Não sabes quantos males as delícias acarretam? O riso imoderado, as palavras desordenadas, as expressões perniciosas, as futilidades inúteis e demais coisas que nem é lícito dizer. E isso fazes depois de teres usufruído da mesa de Cristo, no mesmo dia em que foste digno de tocar com a língua o seu corpo. Qualquer um que sejas, para tal não acontecer, purifica a tua direita, a língua, os lábios que foram os vestíbulos por onde Cristo entrou; e estando posta a mesa material, mentalmente acede àquela mesa, à Ceia do Senhor, às vigílias dos discípulos naquela noite sagrada; ou melhor, se alguém examinar com cuidado, atualmente é noite. Fiquemos de vigília, portanto, com o Senhor, tenhamos compunção com os discípulos. É tempo de orações, não de embriaguez; sempre, na verdade, mas principalmente numa festa. O dia de festa não foi instituído para agirmos vergonhosamente, nem para acumularmos pecados, mas para apagarmos os que foram cometidos. E sei, na realidade, que falo inutilmente, mas não deixarei de falar. Se nem todos vós ouvirdes, nem todos desobedecerão; ou melhor, se todos recusardes ouvir, minha recompensa será maior, enquanto vosso julgamento será mais severo. A fim de não suceder o pior, não deixarei de falar; talvez, porém, devido à frequente admoestação, atingirei a meta. Por isso, suplico-vos, não façamos assim para nosso juízo e dano, alimentemos a Cristo, demos-lhe de beber, vistamo-lo; são ações dignas daquela mesa. Ouviste os hinos sagrados? Viste as núpcias espirituais? Foste admitido à mesa real? Foste repleto do Espírito Santo? Ao coro dos serafins te associaste? Foste companheiro das potestades do alto? Não rejeites tamanha alegria, não dissipes o tesouro, não introduzas a embriaguez, mãe da tristeza, alegria do diabo, geradora de inúmeros males. Daí provém o sono semelhante à morte, daí o torpor, as doenças, o esquecimento, a imagem da morte. Saturado de vinho, não queres a companhia do amigo; e tendo Cristo no teu íntimo, pergunto, ousas introduzir tamanha ebriedade? Ora, amas as delícias. Então, impõe um fim à embriaguez. Com efeito, quero que vivas no meio das verdadeiras delícias, que nunca fenecem. Quais são as verdadeiras delícias, sempre florescentes?

Convida Cristo para a tua refeição, partilha com ele o que é teu, ou melhor, o que é dele; é um prazer interminável e sempre florescente. Ora, os bens sensíveis não são assim; logo aparecem e desvanecem. E o que se entregou às delícias não fica em melhor condição do que aquele que não se delicia; ou antes, pior. Pois um está de certo modo no porto, enquanto o outro é arrastado por uma torrente, cercado de doenças, e não pode enfrentar tal tempestade. Em vista de evitar que assim aconteça, empenhemo-nos na moderação. Dessa forma teremos saúde corporal, colocaremos em segurança a alma, e seremos isentos dos males presentes e futuros. Livres de todos eles, consigamos todos o reino, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA OITAVA HOMILIA

28. *Por conseguinte, que cada um examine a si mesmo antes de comer desse pão e beber desse cálice,*

O que significam essas palavras, uma vez que ele se propusera outro argumento? É costume de Paulo, segundo observei, não somente tratar do que se propôs, mas, se ocorrer outro assunto enquanto está discorrendo, expô-lo com zelo, especialmente quando se refere a questões muito necessárias e urgentes. De fato, ao se ocupar daqueles que contraíram núpcias, e ocorrer-lhe o problema dos escravos, explicou-o intensa e longamente; e ao falar e comprovar que não é conveniente ter pleitos em juízo, incidindo no tema da avareza, emitiu a respeito muitas dissertações. E é isso que faz ainda agora. Uma vez que fora preciso rememorar os mistérios, julgou forçoso tratar desse argumento, pois não é de pequena monta. Assim, mais severamente tratou do assunto, provando ser problema capital aceder a eles com consciência pura. Daí, descontente com o que dissera, acrescenta: "*Cada um examine a si mesmo*", conforme o que diz também na segunda carta: "Experimentai-vos a vós mesmos... provai-vos" (2Cor 13,5). Não é como fazemos nós agora, movidos antes pelas condições de tempo do que animados de zelo. Com efeito, não damos atenção a estarmos preparados, purificados dos pecados e cheios de compunção, mas comungamos porque é dia de festa, e todos o fazem.

Na verdade, não foi o que Paulo ordenou; ele só conhecia uma condição de acesso à comunhão, a saber, a pureza de consciência. Pois, se nunca participamos na mesa material febris ou cheios de maus humores para não perecermos, muito menos nos é lícito tocar nesta com maus desejos, muito mais graves do que a febre. Ao me referir a maus desejos, quero dizer, cupidez corporal, cobiça de riquezas, ira e recordação das injúrias e, em resumo, todos os sentimentos perversos e absurdos. Importa, portanto, depois de expulsarmos todos eles, tocar naquele sacrifício puro; e não indolentes e miseráveis nos aproximarmos, por se tratar de uma festa. Nem, ao contrário, arrependidos e preparados, sermos impedidos por não ser dia festivo. Efetivamente, a manifesta abundância de boas obras, a piedade da alma, o apurado estilo de vida é que constituem a festa. Com tais atributos, poderás celebrar contínua festa e sempre aceder. Por isso, disse o Apóstolo: *"Cada um examine a si mesmo"*, e então aproxime-se. Não manda que se examine o próximo, mas cada qual a si mesmo, estabelecendo um tribunal que não é público, um julgamento sem testemunhas.

29. *pois aquele que come e bebe indignamente, come e bebe* a condenação do Senhor. O que dizes, por favor? A causa de tantos bens, a mesa que propaga a vida torna-se tribunal de julgamento? Não por sua própria natureza, diz ele, mas pela vontade daquele que se aproxima. Ora, como a presença do doador de grandes e inefáveis bens acarreta maior condenação para aqueles que não o acolhem, assim também os mistérios fomentam maior suplício para os participantes indignos. Por que come a própria condenação?

sem discernir o Corpo do Senhor,

Isto é, não examinam, não pensam, conforme deviam, a grandeza das oferendas e a excelência do dom. Pois, se indagares com diligência quem ali está, quem é ele, a quem se dá, não necessitas de outra explicação, mas basta para seres vigilante, a não ser que tenhas caído gravemente.

30. *Eis por que há entre vós tantos débeis e enfermos e muitos morreram.*

Aqui já não aduz exemplos de outros, conforme fez a respeito das carnes imoladas aos ídolos, narrando histórias antigas, e as pragas infligidas no deserto, e sim eventos dos próprios coríntios, o que conferia ao sermão mais força. Tendo dito: *"Come a própria condenação"* e: *"Será réu"*, a fim de não parecer tratar-se de palavras vazias, aponta para fatos, e alude a testemunhas, o que acentua as ameaças, mostrando que, na verdade, hão de ser realizadas. Nem assim se contenta, mas daí deduz o discurso sobre a geena e o confirma; atemoriza com as duas espécies de castigos, e resolve a questão levantada de todos os lados. Com efeito, visto que muitos se interrogam donde vêm as mortes prematuras, as doenças prolongadas, ele afirma que a causa de muitos desses imprevistos são os pecados.

Então, perguntas, aqueles que continuamente gozam de boa saúde, e chegam a vigorosa velhice, acaso não pecam? Quem o afirmaria? Como, portanto, replicas, não são castigados? Porque haverão de sofrer no além penas mais graves. Nós, contudo, se o quisermos, nem aqui, nem lá as padeceremos.

31. *Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.*

Não disse: se nos castigássemos e nos condenássemos, mas apenas: se quisermos reconhecer os nossos pecados, se nós próprios nos condenarmos e reprovarmos as más obras, ficaremos isentos de suplício no presente e no futuro. Efetivamente, quem se condena a si mesmo, duplamente aplaca a Deus: por reconhecer os seus pecados e por se tornar mais lento no futuro para pecar. Apesar de recusarmos praticar, conforme devíamos, ato tão leve, nem assim Deus quer nos punir juntamente com o orbe, mas também nos poupa, ao exigir na terra um castigo, onde é temporário e proporciona grande consolo, porque se faz libertação dos pecados e firme esperança dos bens vindouros, suavizando os sofrimentos presentes. Afirma-o, portanto, simultaneamente, consolando os fracos e tornando os outros mais diligentes. Por conseguinte afirma:

32. *Mas por seus julgamentos o Senhor nos corrige,*

Não assegurou: somos castigados, não assegurou: somos torturados, e sim: *"nos corrige"*, porque se trata mais de admoestação do que de condenação, de medicina do que de tormento, de correção do que de castigo. Não somente isso, mas pela ameaça de pena maior torna leve a atual, dizendo: para que não sejamos condenados com o mundo.

Viste como introduz a geena e aquele horrível tribunal e mostra que necessária e universalmente haverá exame e punição? Pois se os fiéis, os amados de Deus, não escaparão impunes das penas dos pecados, conforme evidenciam as realidades presentes, muito menos os infiéis e os que praticam crimes graves e incuráveis.

33. *Portanto, meus irmãos, quando vos reunirdes para a ceia, esperai uns aos outros.*

Enquanto vigora o temor e persiste o tremor devidos à geena, quer ainda introduzir uma admoestação em favor dos pobres, por cuja causa dissertou longamente, manifestando que são indignos da comunhão os que não atendem a ela. Se daquela mesa aparta o fato de não querer distribuir dos próprios bens, muito mais afasta o ato de roubar. Não disse: Ao vos reunirdes, dai aos pobres, mas o mais condizente: *“Esperai uns aos outros”*. Igualmente prepara e sugere isso, e introduz conveniente admoestação. Em seguida, incutindo-lhes vergonha:

34. *Se alguém tem fome, coma em sua casa,*

Esta permissão impede mais vigorosamente do que uma proibição. O Apóstolo retira-o da Igreja e o reenvia à sua própria casa. Desta forma com força os atinge e ridiculariza, enquanto escravos do ventre, que não podem esperar um pouco. Não disse: se alguém despreza os pobres, mas: “*Se alguém tem fome*”, como se falasse a crianças que não suportam a fome, como animais que servem o ventre. Pois seria assaz ridículo que, por causa da fome, alguém comesse em casa. Mas não bastou e acrescentou o que é mais terrível: *A fim de não vos reunirdes para a vossa condenação.*

Que não vos acarrete castigo, nem suplício, visto que injuriais a Igreja, e causais vergonha ao irmão. Com efeito, vós vos reunis, diz ele, para vos amardes mutuamente, serdes auxiliados e ajudardes. Do contrário, melhor seria comer em casa. Assim se exprimia para atraí-los mais. Por isso, indicou-lhes o dano dali proveniente, e afirmou não se tratar de culpa pequena; além disso, de todos os modos os atemorizou, por meio dos mistérios, dos doentes, dos mortos, e dos outros casos supramencionados. Em seguida, de outra forma ainda os assusta, dizendo:

Quanto ao mais, eu o determinarei quando aí chegar.

Ou para outros fins, ou por este mesmo. Como era provável que lhes declarasse outros motivos ainda, e não tinha podido corrigir tudo por meio da carta, disse: Por enquanto, observai aquilo sobre que adverti. Se tiverdes algo mais a dizer, reservai até minha volta. Ou fala a respeito disso, conforme mencionei, ou de outras questões, menos urgentes. Assim procede fazendo-os mais diligentes; preocupados com a sua volta, haveriam de emendar-se dos pecados. Não era sem importância o retorno de Paulo; mostrando-o, dissera: *“Julgando que eu não voltaria a ter convosco, alguns se encheram de orgulho”* (1Cor 4,18); e em outra passagem, ainda: “Não na minha presença, mas também particularmente agora na minha ausência, operai a vossa salvação com temor e tremor” (Fl 2,12).

Por conseguinte, não só prometeu ir, para evitar que não acreditassem e se tornassem mais negligentes, mas acrescentou que era necessária sua ida, dizendo: *“Quanto ao mais, eu o determinarei quando aí chegar”*. Manifesta que o levaria para lá a correção do restante, embora não se apressasse de forma alguma.

Ouvindo-o, tenhamos muito cuidado com os pobres, mantenhamos o controle do estômago, livremo-nos da embriaguez, esforcemo-nos por participar dignamente dos mistérios; não nos impacientemos diante dos sofrimentos próprios ou alheios. Por exemplo, as mortes prematuras e as doenças demoradas. Servem de libertação dos suplícios, de correção, de ótima admoestação. Quem o assegura? Quem possuía a falar em si o próprio Cristo. No entanto, mesmo agora, muitas mulheres são tão desarrazoadas que no luto excessivo superam os próprios infiéis; outras assim agem porque

ofuscadas pela dor; outras, por ostentação, a fim de evitarem censura dos estranhos. Afirmo que principalmente estas não merecem desculpa. Diz-se: A fim de que Fulano não censure, que Deus censure; para que homens mais loucos do que os irracionais não condenem, são conculcadas as leis do rei do universo. Tais ações quantos raios merecem? Se alguém, após o luto, for convidado para um banquete fúnebre, não recusa, porque é costume; a Deus, porém, que promulga a lei de não se lastimarem, todos contradizem dessa forma. Não pensas em Jó, ó mulher? Não te recordas das palavras dele por ocasião da perda dos filhos, que cingiu a veneranda cabeça de inúmeras coroas, e fez com que fosse apregoada de maneira mais retumbante do que muitas trombetas? Não pensas na grandeza da aflição, naquela inaudita espécie de naufrágio, naquela extraordinária e admirável tragédia? Na verdade, perdestes um filho só, ou dois, ou três; ele, contudo, tantos filhos e filhas. Possuía tantos, e de repente viu-se privado de todos; não foi lentamente que o coração se consumiu de dor, mas de improviso foi-lhe arrebatada toda a descendência, não pela lei comum da natureza, nem em idade provecta, mas por morte prematura e violenta e todos juntamente. Nem estando ele presente, ou estando sentado ao lado deles para haurir certo consolo de morte tão cruel, ouvindo-lhes as últimas palavras; mas inesperadamente, sem seu conhecimento, todos juntos foram soterrados e a própria casa serviu-lhes de sepulcro e armadilha. E não apenas morte inopinada, mas cercada de muitas circunstâncias dolorosas: na flor da idade, virtuosos, amáveis, todos juntos, de tal modo que de ambos os sexos nenhum restou, contra o curso habitual da natureza, após tantos danos; e sofreram tais coisas sem estar conscientes, ele e os filhos, de algum pecado. Cada um desses eventos em si perturbam; quando, porém, todos concorrem, pondera a altura das vagas, a intensidade do temporal. Mais ainda, pior do que o luto, não saber donde provinham tais fatos. Por conseguinte, visto que Jó não podia atribuir a infelicidade a causa alguma, elevou-se ao pensamento da vontade de Deus, e disse: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; como agradou ao Senhor, assim se fez. Bendito seja o nome do Senhor pelos séculos” (Jó 1,21). Desta forma se exprimiu aquele que praticara todas as virtudes, vendo-se em extrema tribulação, enquanto homens perversos e prestidigitadores eram felizes, em meio a delícias e vanglória. Não proferiu palavra das habituais aos mais fracos: Foi para tal que criei meus filhos e eduquei-os tão cuidadosamente? Foi para isso que abri as portas de minha casa aos transeuntes, e após muitas corridas em prol dos necessitados, nus, órfãos, recebo essa recompensa? Mas em vez disso, proferiu aquelas palavras mais valiosas do que todo sacrifício: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá” (Jó 1,21). Não seria de admirar se rasgasse as vestes, raspasse a cabeça, pois era pai, e amante dos filhos; devia exibir compaixão natural e sabedoria da mente. Se não agisse dessa maneira, talvez julgasse alguém que este modo de entender se originava de insensibilidade. Por isso, demonstrou os sentimentos e a intensidade de seu amor paterno, mas não se revoltou em sua dor; como seu certame aumentava, cinge ainda outras coroas, devido às palavras dirigidas à esposa: “Se recebemos do Senhor os bens, não deveríamos receber também os males?” (Jó 2,10). Com efeito, só a esposa lhe foi deixada, sendo retirado todo o restante: filhos, propriedades e o próprio corpo; ela ficou para ocasionar tentações e insídias. Por essa razão, o diabo, não a arrebatou com os filhos, nem pediu a sua morte, porque esperava dela grande reforço para armar ciladas ao santo homem. Por isso, deixou-a qual arma principal sua, bem oportuna. Se, pois, disse ele, por meio dela expulsei o homem do paraíso, muito mais poderei suplantá-lo no esterco.

E vê a sua astúcia. Não empregou essa arma depois de perdidos os bois, arrebatados asnos e camelos, em ruínas a casa, ou soterrados os filhos, mas nesse ínterim calou-se, deixando o atleta sossegado. Quando brotou, porém, a fonte dos vermes, e desfez-se a pele putrefata e as carnes se tornaram purulentas e fétidas, as mãos do diabo o consumia, atormentando-o mais do que qualquer grelha, fornalha e fagulhas, corroendo e devorando-lhe inteiramente o corpo mais do que uma fera

qualquer; decorrido muito tempo nesse tormento, traz para junto dele a mulher, quando já se achava esgotado e exausto. Se ela se aproximasse no começo da tribulação, não o encontraria tão enfraquecido, nem poderia de tal modo exagerar a miséria e utilizar expressões exaltadas; agora, porém, ao vê-lo sedento de libertação devido às delongas e desejoso de livrar-se das dores, aproxima-se com violência. Como Jó estava exausto, quase sem poder respirar, mas até anelava pela morte, escuta o que diz: “Se pudesse me matar ou pedir a um outro que o fizesse, fá-lo-ia”. E nota de onde a maldade da mulher logo começa, isto é, pela duração longa do sofrimento: “Até quando persistirás?” (Jó 2,9). De fato, frequentemente quando não há graves sofrimentos, puderam as simples palavras fazer fraquejar; pondera o que certamente ele então padecia, quando palavras e a própria situação lhe causavam tanta dor. E o pior de tudo, quem as proferia era a própria mulher, aflita e desanimada, e que por isso se esforçava por lançá-lo no desespero. De resto, a fim de vermos claramente o aparelhamento arrojado contra esta muralha adamantina, escutemos as próprias palavras. Quais? “Até quando persistirás, dizendo: Eis que espero um pouco de tempo, com esperança da salvação?” (ib.). O tempo, diz ela, desmentiu tuas palavras, porque, embora muito longo, não trouxe salvação alguma. Assim se exprimia, não somente lançando-o no desespero, mas ultrajando-o e zombando dele. Ora, ele a molestava, sempre consolando e repelindo suas palavras, ao falar nesses termos: Aguarda ainda um pouco e logo virá o fim destes males. Ela, contudo, injuriando-o, dizia: Ainda falas deste modo agora? Já se passou tanto tempo e não se viu um termo. E vê a maldade dela: não menciona bois, ovelhas, camelos, porque sabia que isso não o abalava muito, mas logo alude à natureza e relembra os filhos, porque via que ele, por causa deles, rasgara as vestes e raspara a cabeça. E não disse: Teus filhos pereceram, mas de certo modo sentida: Apagou-se tua memória da terra, pois para tal são desejados os filhos. De fato, se mesmo agora, apesar de se visar à ressurreição, os filhos são desejáveis, a fim de se conservar a memória dos defuntos, muito mais naquela época. Daí ser mais cruel a maldição. Quem assim amaldiçoava, não dizia: pereçam os filhos, e sim: “A sua memória desaparecerá de sua terra” (Jó 18,17), a saber, teus filhos e tuas filhas. Por isso, tendo ela dito: “A sua memória”, relembra pormenorizadamente os dois sexos. Se, contudo, isso não te preocupa, diz ela, ao menos penses em mim: as dores e o trabalho do parto, cuja fadiga suportei inutilmente. O que ela quer dizer é o seguinte: A dor maior que me atingiu foi por tua culpa: Sofri as dores e fui privada dos frutos. E vê que nem menciona o prejuízo relativo aos bens, nem o cala ou omite, mas, havendo oportunidade de tocar de passagem no assunto, alude desta forma a isso. Com efeito, ao dizer: E eu, como escrava, vagueio de lugar em lugar, de casa em casa, indica o dano e dá a conhecer sua dor profunda, pois as próprias palavras são adequadas para descrever a grandeza da aflição. Declara: Bato de porta em porta. Não somente mendigo, mas ainda vagueio e sujeito-me a uma rara e inaudita espécie de escravidão, andando por toda a parte, trazendo os sinais da tribulação e manifestando a todos os meus males; e o pior de tudo, frequentemente vou de casa em casa. Nem assim termina as lamentações, mas acrescenta: “Espero o pôr do sol para descansar de meus labores e das dores que me cercam e prendem. É um peso para mim o que para os outros é suave, isto é, ver os raios do sol, pois anelo pela noite e as trevas, que me proporcionam repouso de meus suores, servem-me de consolo em meus males. “Amaldiçoa a Deus e morre duma vez!” (Jó 2,9)

Viste também aqui a malícia? Por que em seu conselho não introduz logo sua perniciosa exortação, mas tendo primeiro descrito com lamentos as aflições e exagerado a tragédia, profere a exortação em poucas palavras, não a indica claramente, mas sugere, propõe-lhe a libertação como muito desejável e anuncia a morte como se por ela sumamente anelasse? Observa aí também a malícia do diabo. Ciente do amor de Jó a Deus, não deixa que a mulher o acuse, a fim de que ele não a repelisse imediatamente como inimiga. Por isso em parte alguma o menciona, mas revolve os acontecimentos de cima para

baixo. Tu, porém, acrescenta ao que foi dito o fato de que tal conselho veio da mulher – sedutora terrível para os desprevenidos. Muitos, de fato, mesmo sem sofrer tribulações, caíram somente pelo conselho das mulheres. O que aconteceu a este homem bem-aventurado e mais forte do que o diamante? Olhando-a severamente, só pelo aspecto, sem emitir palavra, repeliu seus artifícios. Ela esperava que derramaria torrentes de lágrimas; ele, porém, qual leão furioso, encheu-se de ira e indignação, mas não por causa do que sofria, e sim devido aos conselhos diabólicos que ela lhe dava. Manifestando no próprio olhar a indignação, emprega moderada repreensão; de fato, mesmo nas aflições era prudente. E o que disse? "Falas como uma insensata" (Jó 2,10). Não foi assim que te instruí, diz ele, não foi assim que te eduquei, por isso não te reconheço por minha esposa. São palavras de uma insensata, conselho de uma furiosa. Vês o corte moderado, a ferida que pode curar a doença? Em seguida, após a repreensão novamente dá um conselho consolador, e apresenta um motivo muito razoável, nesses termos: "Se recebemos do Senhor os bens, não deveríamos receber também os males?" (ib.) Lembra-te dos antecedentes e pensa no autor e suportarás com fortaleza esta tribulação. Viste a prudência deste homem? Efetivamente, não atribui à própria força à sua paciência, mas declara ser consequência natural dos acontecimentos. Para que finalidade nos concedeu Deus aqueles bens? Que retribuição nos devia? Nenhuma, mas é pura benignidade sua; dom, não retribuição; graça, não remuneração. Por conseguinte, suportemos corajosamente essas coisas. Homens e mulheres, devemos ter inscritas, esculpidas tais palavras em nossa mente, essas e as precedentes. E inscrevendo a história de seus sofrimentos qual imagem em nossa mente, isto é, a ruína das riquezas, a perda dos filhos, a doença corporal, os opróbrios, as irrisões, os ardis da mulher, as insídias do diabo, numa palavra, todas as tribulações desse justo, prepararemos para nós um porto seguro, e tudo tolerando com ânimo forte e ações de graças, possamos banir da vida presente toda tristeza, e obter dessa bênção a recompensa, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA NONA HOMILIA

12,1. *A propósito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que estejais na ignorância.*

2. *Sabeis que, quando éreis gentios, éreis irresistivelmente arrastados para as imagens mudas.*

Essa passagem é muito obscura. O desconhecimento dos acontecimentos de então, e que agora não advêm, produz a obscuridade. E por que agora não sucedem? Eis, pois, que a causa da obscuridade gera outra interrogação para nós. Por que acontecia então e agora, não? Deixemos essa questão para depois; por enquanto, mencionemos o que então acontecia. O que sucedia então? Se alguém era batizado, imediatamente falava em línguas e não apenas em línguas, mas também muitos profetizavam e outros manifestavam diversos carismas. Uma vez que tinham abandonado os ídolos, e nada sabiam claramente, nem estavam instruídos nas antigas Escrituras, quando batizados, logo recebiam o Espírito Santo, que não viam, porque invisível, mas a graça era certo argumento perceptível de sua operação. Uns falavam logo a língua dos persas, outros a dos romanos, outros, a dos indianos, outros diferentes idiomas, manifestando aos de fora que o Espírito Santo neles falava. Por isso assim o nomeia, nestes termos:

7. *Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para utilidade de todos.*

Chama os carismas de manifestação do Espírito. Desde que os apóstolos receberam esse primeiro dom, os fiéis também receberam o dom das línguas; e não apenas este, mas ainda muitos outros. Com efeito, muitos ressuscitavam mortos, expulsavam demônios, e operavam ainda muitos outros milagres; e possuíam os dons, uns menos, outros mais. Mais frequente, contudo, era entre eles o dom

das línguas.

E isso foi causa de divisão entre eles, não naturalmente, mas devido ao ânimo ingrato dos que os recebiam. De fato, os que tinham dons maiores se revoltavam contra os que tinham os menores; esses, por sua vez, sentiam pesar e invejavam os dons maiores. É o que demonstra a seguir o próprio Paulo. Uma vez que com isso lhes era infligido ferimento mortal, porque neles se esvaía a caridade, o Apóstolo emprega grande zelo em corrigi-los. Tal sucedia também em Roma, embora de forma diferente. Por isso, na Carta aos Romanos trata do assunto, mas velada e resumidamente, nestes termos: “Pois assim como num só corpo temos muitos membros e os membros não têm a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros. Tendo, porém, dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada, quem tem o dom da profecia, que o exerça segundo a proporção da nossa fé; quem tem o dom do serviço, o exerça servindo; quem o do ensino, ensinando” (Rm 12,4-7). No início sugeriu que eles por isso incidiam na arrogância, exprimindo-se do seguinte modo: “Em virtude da graça que me foi concedida, eu peço a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém, mas uma justa estima, ditada pela sabedoria, de acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um” (ib. 3). Por conseguinte, assim lhes falou porque não estavam muito afetados de discórdia e arrogância; aqui, porém, fala com muito empenho, porque a doença muito se propagara. Ora, não era só isso que os perturbava, mas havia ali muitos adivinhos, porque aquela cidade adotava os costumes gregos, e com outros pontos também esse os agitava e afligia. Por isso começa estabelecendo a diferença entre adivinhação e profecia. Em consequência, eles também receberam o discernimento dos espíritos para distinguir e saber quem falava pelo espírito puro e quem, através do imundo. De fato, não se podia demonstrar a veracidade dos ditos (pois a profecia não se realiza no tempo em que é proferida, mas prova sua veracidade no tempo em que acontece o que foi prenunciado). Não era fácil distingui-la, nem dizer quem era profeta e quem era pseudoprofeta (na verdade, o diabo, sendo perverso e imundo, se apossava dos pseudoprofetas, de sorte que eles também prediziam o futuro); em seguida porque a respeito do que era proferido não se podia prestar contas, uma vez que as predições ainda não estavam realizadas e facilmente eram refutadas (o fim comprova o que é falso e o que é veraz). A fim de que antes do fim os ouvintes não se iludissem, dá-lhes um sinal que indicasse o verdadeiro e o falso mesmo antes do acontecimento. Daí tirando a consequência e o princípio, passa ao sermão sobre os carismas e corrige a contenda daí originada. Enquanto isso, porém, falando dos adivinhos, assim começa: *“A propósito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que estejais na ignorância”*. Chama de espirituais os milagres, porque são obra exclusiva do Espírito, e o esforço humano em nada contribui para operar tais milagres. Estando para expô-los, primeiro, conforme mencionei, apresenta a diferença entre a adivinhação e a profecia, dizendo: *“Sabeis que, quando éreis gentios, éreis irresistivelmente arrastados para as estátuas mudas”*. Isto é: Para os ídolos. Se alguém, diz ele, fosse arrebatado pelo espírito impuro e vaticinava, era como que irresistivelmente arrastado pelo espírito, sem saber o que dizia. É peculiar ao adivinho ficar fora de si, sofrer violência, ser impelido, puxado, arrastado, como louco. Quanto ao profeta, tal não sucede, mas fala sempre com mente desperta, atitude moderada, ciente do que diz. Por isso, antes mesmo do cumprimento da profecia se distingue o vate do profeta. E vê que não emite palavra suspeita; chama por testemunhas aqueles que a experimentaram. Vós próprios, diz ele, dais testemunho de que não menti, nem temerariamente difamei as ações dos pagãos, inventando-as como um inimigo; de fato, sabeis como éreis arrastados, quando ainda pagãos. Se alguém afirmar que são testemunhas suspeitas, enquanto fiéis, vamos, torná-las-ei manifestas também por meio dos gentios. Escuta, pois, o que fala Platão: Quando os adivinhos e vates falam muitas e belas coisas, nada sabem do que proferem. Escuta outro poeta ainda indicando o mesmo. Depois que

um demônio ligara por meio de certas iniciações e feitos mágicos um homem, ele vaticinava, e, enquanto vaticinava, era arrastado e dilacerado, e não podia suportar o ímpeto do demônio, mas assim arrastado pereceria, e então ele diz aos que se davam a tais magias: Soltai-o enfim, um mortal não suporta uma poderosa divindade. E ainda: Tirai-me essas coroas, e lavai-me os pés em água pura, retirai-me os escritos mágicos a fim de poder ficar de pé.

Essas coisas e outras semelhantes (pois muito mais se poderia dizer) nos mostram por meio de que coação servem os que estão dependentes dos demônios, e que violência sofrem os que uma vez a eles se entregaram e estão fora de si. Quanto à Pítia (sou obrigado a revelar também outra torpeza deles; era melhor omitir porque nos é inconveniente dizer tais torpezas, mas a fim de se tornar mais evidente sua falta de pudor, é preciso dizê-lo para conhecerdes a loucura, e os feitos ridículos de seus vates); diz-se, pois, que a Pítia se assenta num tripé de Apolo, com as pernas abertas; em seguida um espírito maligno vem do inferno e sobe pelas partes genitais, e enche a mulher de furor, e em seguida ela solta os cabelos em delírio, cospe espuma da boca, e assim louca profere palavras furiosas. Sei que vós vos encheis de vergonha e rubor ouvindo essas coisas; eles no entanto as apreciam por torpeza e tamanha loucura.

Estas coisas e outras semelhantes Paulo repreende: *“Sabeis que, quando éreis gentios, éreis irresistivelmente arrastados para as estátuas mudas”*. E como se dirigia aos que perfeitamente conheciam a realidade, não apresenta tudo minuciosamente, para não os perturbar; mas relembra apenas, logo recua, apressando-se a tratar do que se propusera. O que significa: *“as estátuas mudas”*? Esses vates eram arrastados para elas. Se, no entanto, eram mudas, como as utilizavam? Por que o demônio os levava para junto das estátuas, como cativos e amarrados? Simultaneamente tornavam o erro aceitável. A fim de os ídolos não parecerem pedra muda, esforçava-se por prender os homens a eles, atribuindo-lhes o que era dos demônios. Os nossos são bem diferentes. Paulo não alude ao que é nosso, digo o que se refere aos profetas. Neles tudo era claro, e eles profetizaram conforme lhes convinha, com inteligência e toda liberdade. Por isso, estava em seu poder falar e não falar; com efeito, não eram obrigados, mas tinham honrosa liberdade. Assim, Jonas fugia, Ezequiel diferia, Jeremias recusava. Deus, porém, não os obrigava, mas empregava conselhos, exortações, ameaças, sem obscurecer-lhes a mente. É próprio dos demônios ocasionar tumulto, furor e muita obscuridade. Peculiar a Deus, porém, é iluminar, e ensinar o necessário com inteligência. A primeira diferença, portanto, entre os adivinhos e os profetas é esta; a segunda, contudo é outra, que Paulo enuncia depois, dizendo:

3. *Por isso, eu vos declaro que ninguém, falando com o Espírito de Deus, diz: “Anátema seja Jesus!”*

Em seguida ainda: “e ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo”.

Ao vires, diz ele, alguém que não profere o nome de Jesus, ou antes, que o anatematiza, é um adivinho. De outro lado, ao vires alguém falar tudo em seu nome, considera-o um espiritual. O que, então, diremos dos catecúmenos? Se, pois, ninguém pode dizer Senhor Jesus senão no Espírito Santo, o que diremos daqueles que proferem seu nome, e não têm o Espírito? Mas o Apóstolo aqui não trata deles, porque então não havia catecúmenos, mas de fiéis e infiéis. Como? Nenhum demônio pronuncia o nome de Deus? Acaso os demoníacos não diziam: “Sabemos quem tu és: o Filho de Deus” (Mc 1,24)? E não diziam a Paulo: “Esses homens são servos do Deus Altíssimo” (At 16,17)? Mas diziam atormentados, obrigados: espontaneamente, porém, e não coagidos, nunca. Nesse ponto pode-se perguntar com razão por que o demônio assim falou, e porque Paulo o repreendeu. Ele, de fato, imitou seu mestre, pois também Cristo o repreendeu; não queria receber o testemunho deles. Por que o demônio assim procedia? Queria perturbar a ordem, tirar a autoridade dos apóstolos, e persuadir a

muitos que lhe dessem atenção. Se isso sucedesse, tendo eles parecido fidedignos, facilmente introduziriam seus ensinamentos. Para evitá-lo, e não dar começo à ilusão, mesmo quando falavam a verdade, tapou-lhes a boca, para que ninguém lhes desse atenção, mas especialmente fechassem os ouvidos ao que eles proferiam. Depois, portanto, de ter feito a distinção entre vates e profetas, através do primeiro e do segundo sinal, enfim disserta sobre os milagres; não é sem motivo que passa a este argumento, e sim para afastar a contenda que daí surgira, e persuadir àqueles que tinham menos que não se contristassem, e os que possuíam maiores dons, não se orgulhassem. Por essa razão, assim inicia:

4. *Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo;*

Em primeiro lugar cuida do que tem um dom menor e por isso se contrista. Por que, pergunta, estás aflito? Porque não recebeste tanto quanto um outro? Mas pensa que é um dom, não um débito, e te consolarás. Por isso logo assim se exprime: *“Há diversidade de dons”*. Não disse diversidade de sinais, nem de milagres, mas: *“De dons”*. Denominando-o dom, persuade não apenas a não se entristecer, mas a agradecer. E assim, responde, pondera que, embora tenhas menor dom quanto à medida, a honra é igual, pelo fato de teres merecido um dom proveniente donde também recebeu o que tem mais. E não podes dizer que a ele foi o Espírito quem deu, a ti, contudo, um anjo, pois de ti e dele o doador foi o Espírito. Por isso, acrescentou: *“Mas o Espírito é o mesmo”*.

Em consequência, apesar da diferença relativa aos dons, todavia não difere o doador; portanto, tu e ele hauristes da mesma fonte.

5. *diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo;*

Avultando ainda o consolo, nomeia o Filho e o Pai. Aliás, enumera esses dons, excogitando maior consolo; por isso assim se exprime: *“diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo”*.Quem ouve falar de dom e recebeu menos, talvez se contriste, não, contudo, quem recebeu um ministério, que sugere fadiga e suor. Por que te ressentes se exigiu de outrem maior labor e te poupou?

6. *diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.*

7. *Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos.*

E o que é o modo de ação? E o dom? – perguntas. O que é ministério? Apenas diferença de nomes, porque na realidade se identificam. O dom é o mesmo que o ministério; também o modo de ação, porque ele diz: “Realiza plenamente o teu ministério” (2Tm 4,5); e: “Eu honro o meu ministério” (Rm 11,13); e escreve a Timóteo: “Por esse motivo eu te exorto a reavivar o dom de Deus que há em ti” (2Tm 4,5); e ainda escrevendo aos gálatas: “Aquele que estava operando em Pedro para a missão... operou também em mim em favor dos gentios” (Gl 2,8). Vês que não mostra diferença alguma entre os dons do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo? Não confunde as pessoas, de forma alguma, mas revela igual honra da substância. Pois, conceder o Espírito é o mesmo que Deus operar e pôr em ordem e oferecer o Filho, afirma. Ora, se este fosse menor do que aquele e aquele do que este, não se expressaria dessa forma, nem dessa maneira teria consolado quem sentia pesar. Depois disso ainda consola de outro modo, a saber, que lhe é útil o dom comedido, embora seja menor. Tendo assegurado: *“O Espírito é o mesmo, o Senhor é o mesmo, Deus é o mesmo”*, e dessa forma o reanima, acrescenta outra consolação, nestes termos: *“Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos”*. Tem em vista que não diga alguém: Que importa ser o Senhor o mesmo, o mesmo Espírito, o mesmo Deus? Entretanto eu recebi menos, diz ele, porque assim é útil. O Apóstolo chama a manifestação do Espírito de sinal, e com razão. Para mim, fiel, é claro quem possui o Espírito, porque é batizado; quanto ao infiel, de forma alguma será evidente, senão pelos milagres. Por conseguinte,

daí provém não pequeno consolo. Apesar de diversos os dons, uma só é a manifestação; pois quer tenhas muito ou pouco, igualmente o manifestas. Portanto, se te empenhas em mostrar que possuis o Espírito, tens suficientes provas. Sendo um só o doador, o dom gratuito, a manifestação daí proveniente, e o que mais te convém, não te entristeças como se tivesses sido desprezado. Deus não age dessa forma para te menosprezar, nem te declarar menor do que um outro, mas ele te poupa e considera o que te será útil. Pois receber algo de maior do que poderias suportar, seria inútil, prejudicial e digno de lástima.

8. *A um o Espírito dá a palavra da sabedoria; a outro, a palavra da ciência, segundo o mesmo Espírito;*

9. *a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda o mesmo Espírito concede o dom das curas;*
Vês como sempre faz este acréscimo: *no mesmo Espírito* e: *segundo o mesmo Espírito?* Reconhece que daí brota grande consolo.

10. *a outro, o poder de fazer milagres; a outro a profecia;*
a outro o discernimento dos espíritos; a outro, o dom
de falar em línguas; a outro, ainda, o dom de as interpretar.
Visto que por isso eles se orgulhavam, coloca-o no fim e adita:

11. *Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o*
realiza,
Remédio apto a todo consolo: que da mesma raiz, dos mesmos tesouros, das mesmas fontes todos possam receber. Daí frequentemente haure, e com tal palavra elimina a aparente desigualdade e consola. Mais acima expõe que o Espírito, o Filho e o Pai concedem os dons. Aqui, contudo, achou suficiente mencionar o Espírito, a fim de se saber também que ele tem igual dignidade. O que significa: “*A palavra da sabedoria*”? A que possuía Paulo, que possuía João, o filho do trovão. O que quer dizer: “*palavra da ciência*”? A que possuíam muitos fiéis, que na verdade possuíam a ciência, mas não sabiam ensinar, nem facilmente transmitiam os seus conhecimentos. “*A outro, a fé*”. Não a fé relativa aos dogmas, mas a fé que opera milagres, a respeito da qual Cristo disse: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: ‘Transporta-te daqui para lá, e ele se transportará’” (Mt 17,20). É a que pediam os apóstolos: “Aumenta-nos a fé!” (Lc 17,19). Ela é a mãe dos milagres. O poder de fazer milagres e o dom das curas não se identificam. Com efeito, quem possuía o dom das curas somente curava; os que, porém, tinham o dom dos milagres, também castigavam. O poder, de fato, não abrange somente as curas, mas ainda as punições, conforme Paulo causou a cegueira e Pedro, a morte. “*A outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos*”. O que significa: “*O discernimento dos espíritos*”? Saber quem é espiritual, quem não o é; quem é profeta, quem é falaz, conforme o Apóstolo dizia aos tessalonicenses: “Não desprezeis as profecias. Discerni tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5, 20-21). De fato, então havia muita corrupção da parte de falsos profetas, porque o diabo se esforçava por substituir a verdade pela mentira. “*A outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar.*”
Um, na verdade, sabia o que dizer, contudo, não podia interpretar para os demais; um outro possuía ambos os dons, ou o segundo.
Esse dom parecia ser grande, porque foi o primeiro que os apóstolos receberam, e entre os coríntios muitos dele eram dotados; quanto ao dom de ensinar não era assim. Por isso primeiro trata daquele, e por fim deste. Efetivamente, este é por meio daquele, bem como de todos os outros: profecias, o poder de fazer milagres, o dom das línguas, e de interpretá-las. Nenhum era igual a este; por isso, ele dizia:

“Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de uma dupla remuneração, sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e na instrução” (1Tm 5,17). E escreve a Timóteo: “Aplica-te à leitura, à exortação, à instrução. Não descuides do dom da graça que há em ti” (Tm 4,13-14). Vês como o denomina graça? Em seguida o consolo que deu acima, dizendo: *“O Espírito é o mesmo”*, aqui o apresenta com um acréscimo:

11. *Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz.*

Não apenas consola, mas também tapa a boca do contraditor, dizendo: *“Distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”*. Importa constrangê-los, não só atendê-los, segundo faz na Carta aos Romanos, ao dizer: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?” (Rm 9,20). O mesmo faz aqui: *“Distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”*. Revela que aquilo que é do Pai é igualmente do Espírito. As afirmações que faz acerca do Pai: *“Mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos”*, assegura também a respeito do Espírito: *“Mas, isso tudo é o único e mesmo Espírito que o realiza”*. Entretanto, replicas, realiza movido por Deus. Com efeito, o Apóstolo não o asseverou em parte alguma; tu é que o inventas. Pois, quando declara: *“Que realiza tudo em todos”*, é dos homens que está falando e nunca enumera o Espírito entre os homens, apesar de falares mil coisas loucas e mil insensatas. Se ele disse: *“Pelo espírito”*, para não julgares que este: *“por”* significa diminuição, nem que é movido para atuar, ele acrescentou que o Espírito realiza, não, contudo, porque é movido para operar, e opera como quer, não como lhe é ordenado. Como, portanto, o Filho diz a respeito do Pai: “O Pai ressuscita os mortos e os faz viver”
e de modo semelhante, a respeito de si mesmo: “O Filho dá a vida a quem quer” (Jo 5,21), assim, acerca do Espírito, em outra passagem, assegura que faz tudo com poder, e nada o impede (porque a palavra em Jo 3,8: “Sopra onde quer”, apesar de se referir ao vento, prepara o caminho), aqui, porém, diz que tudo realiza, *“conforme lhe apraz”*. E em outro trecho informa-te de que ele não está entre os que são impelidos a operar, mas é dos que operam por si. Diz: *“Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, se não o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”* (1Cor 2,11). Todos sabem que o espírito do homem, isto é, a alma, não precisa de uma operação para conhecer o que lhe é próprio, nem o Espírito Santo para conhecer o que é de Deus. Pois ele declara: O Espírito Santo conhece os mistérios de Deus, como a alma do homem conhece o que está oculto nela. Se, porém, para isso não realiza outra operação, muito mais quem conhece as profundezas de Deus, nem precisará ser movido de outra operação para dar os carismas aos apóstolos. Além disso, direi agora algo diferente do que disse antes. O que seria? Se o Espírito é menor e de outra substância, o consolo de nada serviria, nem ouvir dizer que o Espírito é o mesmo. Pois quem receber um dom do rei, terá por máximo conforto saber que ele próprio lho deu; quem, contudo, receber de um escravo, sentirá mais quando lhe for oferecida tal dádiva. Por conseguinte, daí se evidencia que o Espírito Santo não é de uma substância servil e sim régia. Por isso, de certo modo os consolou, dizendo: *“Diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo”* e: *“Diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus”*, assim como disse acima: *“Diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo”*, diz mais abaixo: *“Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”*. Não nos aflijamos, diz ele, nem nos contristemos dizendo: Por que recebi esse dom e não aquele? Não peçamos prestação de contas ao Espírito Santo. Com efeito, se sabes que te foi concedido com solicitude, ao pensares que, ao cuidar de ti, deu-te essa medida, abraça-a e alegra-te com o que recebeste e não te aborreças porque não recebeste outros dons; ao contrário, dá graças porque não recebeste mais do que podes suportar.

Se, portanto, quanto aos dons espirituais não se deve perscrutar curiosamente, muito mais relativamente aos materiais; mas faz-se mister ficar tranquilo e não perscrutar com curiosidade por que este é rico, aquele pobre. Principalmente porque nem todos receberam as riquezas da parte de Deus, mas muitos a adquiriram por injustiça, rapina e avareza. Pois quem ordenou não nos enriquecermos, como daria aquilo que proíbe tomar? Para refutar melhor aqueles que nisso nos contradizem, vamos, remontemos com a palavra ao tempo em que Deus concedia riquezas, e responde-me: Por que Abraão era rico, Jacó, porém, não tinha pão? Ambos não eram justos? Acaso Deus não disse igualmente dos três: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó" (Ex 3,6)? Por que aquele era rico e este era assalariado? Ou antes: Por que Esaú, iníquo e fratricida, era rico, Jacó, porém, esteve tanto tempo na servidão? Por que ainda Isaac todo o tempo viveu tranquilamente, e Jacó entre trabalhos e misérias? Por isso ele dizia: "Meus anos foram breves e infelizes" (Gn 47,9). Por que Davi, rei e profeta, passou uma vida trabalhosa; e Salomão, seu filho, por quarenta anos viveu em maior segurança do que qualquer outro homem, gozando de profunda paz, de toda espécie de glória, honra e prazer? Por que, entre os profetas, uns eram mais afligidos, outros menos? Porque assim convinha a cada qual.

Por isso, a respeito de cada um deve-se dizer: "Teus julgamentos como o grande abismo" (Sl 36,7). Pois se Deus exercitava aqueles grandes e admiráveis homens de diferentes maneiras, um, na verdade, pela pobreza, outro pelas riquezas, um pela tranquilidade, outro pelas tribulações, muito mais agora se deve contar com isso. Desta forma cada um há de pensar consigo mesmo, a saber, que muitas coisas que acontecem não são do plano de Deus, mas provêm de nossa maldade. Por conseguinte, não digas: Por que aquele homem é rico, apesar de malvado; o outro é pobre, embora seja justo? Pode-se enunciar a razão, nesses termos: Porque nem o justo é prejudicado com a pobreza, ou antes, tem mais acesso à glória; e o mau tem as riquezas como provisão para o suplício, se não se converter. Ou melhor, antes do suplício, as riquezas lhe acarretaram muitos males, e o levaram a muitas confusões. Deus, porém, deixa-o agir, mostrando simultaneamente que existe o livre-arbítrio e ensinando aos outros que não se portem diante do dinheiro como insensatos e loucos. Como é, então? – replicas. Um mau rico não sofre mal algum. Pois, se um homem honesto é rico, é de justiça; se é mau, o que diremos?

Por isso mesmo é miserável; pois as riquezas unidas à maldade agravam o mal. Mas é bom, contudo é pobre? Em nada o prejudica. Mas é bom e sofre penúria? Mas é malvado e pobre? É justo, ele o merece; ou melhor, é para o seu bem. Aquele, porém, retrucas, recebeu riquezas de seus maiores e dispersou-as com meretrizes e parasitas, e nada padece. O que dizes? Comete fornicação e asseguras: Não sofre mal algum? Embriaga-se e julgas que se delicia? Não gasta em coisa honesta, e pensas que é digno de emulação? E o que há de pior do que acarretar perdição para a própria alma? Tu, porém, julgarás digno de inúmeras lágrimas o torto e estropiado relativamente ao corpo; à alma toda mutilada, tu a consideras feliz? Ora, ela não sente, replicas. Por isso mesmo merece maior comiseração, porque enlouqueceu. Quem sabe que está doente, certamente vai procurar um médico, e aceita o remédio; quem, no entanto, o ignora, não poderá curar-se. É a este, portanto, que proclamas feliz? Mas não é de se admirar; a maioria dos homens carece de sabedoria. Sofremos as piores penas, somos castigados, nem por isso escapamos do suplício. Daí vêm cólera, tristeza e frequente perturbação, visto que Deus nos assinala uma vida indolor, a saber, a via da virtude, e nós a abandonamos, ingressamos por caminho diferente, isto é, o das riquezas e do dinheiro, repleto de males. E fazemos como aquele que não sabe discernir a forma dos corpos, mas atribui tudo às vestes e aos ornatos, e que tendo visto uma mulher formosa, dotada de beleza natural a deixa, e se casa com uma vil, disforme e aleijada, porque ornada de belas vestes. Tal coisa agora muitos sentem acerca da

virtude e do vício; aproximam-se da feia por causa do ornato exterior, e recusam a formosa e bela por causa de sua beleza simples, que devia principalmente ser o motivo de escolhê-la.

Envergonho-me porque entre os gregos insensatos existem os que assim pensam, se não de fato, ao menos nas sentenças, e reconhecem a transitoriedade das realidades presentes, ao passo que entre nós, alguns nem isto sabem, mas têm corruptos o próprio juízo; em todos os sentidos dançam e cantam e repetem estas palavras da Escritura: “É desprezado diante dele o ímpio, mas honrados os que temem o Senhor” (Sl 15,4). “O temor do Senhor excede a tudo” (Eclo 25,11). “Teme a Deus e guarda os mandamentos, porque esse é o dever de cada homem” (Ecl 12,13). “Não tenhas emulação dos malvados. Não temas quando um homem enriquece” (Sl 49,17). “Toda carne é erva e toda a sua graça como a flor do campo” (Is 40,6). Ouvindo diariamente esses e outros ditos, ainda ficamos apegados à terra. Os meninos ignorantes frequentemente quando aprendem as letras, se forem separadas fora da ordem, trocam umas pelas outras, e provocam muito riso; assim também vós, se aqui as enumeramos pela ordem, podeis segui-las bem, mas quando vos interrogamos fora da ordem, parceladas, qual a primeira, qual a segunda e tiverdes de colocá-las em ordem, e pôr uma depois da outra, como não sabeis responder, caís no ridículo. Acaso, pergunto, não somos dignos de muito riso se, enquanto esperamos a imortalidade, e bens que nem o olho viu nem o ouvido ouviu, nem subiram ao coração do homem, disputamos por coisas que permanecem aqui, e as consideramos dignas de emulação? Com efeito, se ainda precisas aprender que as riquezas não são grandiosas, que as realidades presentes são sombras e sono, que se dissipam e desvanecem qual fumaça, por enquanto detém-te fora do templo, fica no vestíbulo; ainda não és digno de ingressar nos palácios reais do céu. Se não sabes discernir a natureza delas, instável e perpetuamente fluida, como poderás menosprezá-las? Se afirmas que sabes, deixa de curiosamente perscrutar por que um é rico, e outro é pobre. Com essas perguntas, fazes o mesmo que, circunvagando, perguntasses por que um é branco e outro é preto, este tem o nariz aquilino, e aquele, chato. Como não nos importa porque uma coisa é deste modo ou de outro, assim nem por que determinado homem é pobre ou rico; ou melhor, menos ainda, mas tudo depende do bom uso. Apesar de seres pobre, podes viver bem se fores sábio; embora rico, serás o mais miserável de todos, se fugires da virtude. Efetivamente, devemos distinguir o que é atinente à virtude; se não for, não há para nós proveito algum. Por isso aquelas frequentes interrogações com as quais muitos julgam dizer-lhes respeito coisas indiferentes, enquanto não dão importância alguma às que lhes dizem respeito e lhe são úteis. De fato, interessam-nos a virtude e a sabedoria. Se, portanto, vos mantiverdes longe destas por muito tempo, sobrevirão a perturbação dos pensamentos, a agitação, a borrasca. Os que se afastaram da glória celeste e do amor do céu, desejam a glória presente e se tornam servos e cativos. E donde vem, dizem eles, que a desejamos? Porque não ambicionamos intensamente aquela. E por que acontece isso? Devido à negligência. E a negligência donde provém? Do desprezo. E o desprezo, de onde? Da loucura, do desejo ardente das coisas presentes, e porque não queremos cuidadosamente examinar a natureza das coisas. E isso, donde procede? Porque não nos dedicamos à leitura das Escrituras, nem convivemos com homens santos, e frequentamos as reuniões dos malvados. No intuito de evitarmos continuamente isso, e as sucessivas ondas não nos arrastem ao oceano dos males, não nos sufoquem e percam inteiramente, enquanto é tempo, ergamo-nos, e de pé sobre a pedra, isto é, a rocha dos ensinamentos e palavras de Deus, olhemos de cima a tempestade da vida presente. Assim, portanto, dela escaparemos, e salvaremos outros náufragos, pela graça e amor aos homens etc.

TRIGÉSIMA HOMILIA

A comparação com o corpo

12. *Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo.*

O Apóstolo, após havê-los consolado, observando que o dom é gratuito, que todos receberam de um só e mesmo Espírito, que foi oferecido conforme a utilidade, e que a manifestação do Espírito se dá igualmente através dos menores, e, além disso, fazendo com que calassem porque deviam obedecer ao poder do Espírito, declara: "*Mas, isso tudo é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz*". Por conseguinte, não é lícito perscrutar curiosamente. De outro lado, consola-os por um exemplo comum, e recorre à própria natureza, conforme ele costuma fazer. Ao dissertar acerca da cabeleira dos homens e das mulheres, após outros pontos, também desse modo os instruiu, dizendo: "*A natureza mesma não vos ensina que é desonroso para o homem trazer cabelos compridos, ao passo que, para a mulher, é glória ter longa cabeleira?*" (1Cor 11,14-15). E ao falar acerca das carnes imoladas aos ídolos, proibindo nelas tocar, reforça com modelos pagãos, relembrando as competições olímpicas, nesses termos: "*Aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio*" (1Cor 9,24), e o comprova por exemplos de pastores, soldados e agricultores. Por isso, ele aduz aqui um exemplo comum, esforçando-se assaz por demonstrar que uns não têm menos do que os outros (o que era admirável e difícil de provar e, contudo, podia reanimar os mais simples); refiro-me ao exemplo do corpo. Pois, ao pusilânime e menos dotado nada tanto consola e persuade a não ficar ressentido quanto saber que não tem menos do que os outros. Por isso, ele o comprova nesses termos: "*Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros*". Viste a sutileza da sua inteligência? Mostra que o mesmo é um e muitos. Por isso acentua, insistindo no tema proposto: "*Mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo*". Não disse: Apesar de serem muitos, pertencem a um só corpo, e sim: Este corpo mesmo que é um se compõe de muitos, e estes muitos membros formam um todo. Se, portanto, o todo se compõe de muitos, e muitos formam um só, onde está a diferença? Onde o excedente? Onde o diminuto? "*Todos os membros... formam um só corpo*", e não simplesmente um só, mas também, se examinarmos melhor, enquanto constituem o corpo, todos se tornam um só. Quando, porém, é por partes, então há diferença, e aquela diferença encontra-se de modo semelhante em todos. Nenhum deles por si pode constituir o corpo, mas de igual modo cada um deles se desfaz para formar o corpo, e é necessária a conjunção. Quando, pois, muitos se tornam um só, então o corpo é um só. Por isso, o Apóstolo o sugeria: "*Mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo*". E não disse: os que são mais, os que são menos, mas: "*apesar de serem muitos*", o que é comum a todos. E como é possível que sejam um só? Se, eliminada a diferença dos membros, examinares o corpo. O olho é a mesma coisa que o pé, enquanto órgão e forma o corpo; aqui não há diferença alguma. Nem poderás dizer que um membro por si forma o corpo, e o outro não, pois todos são iguais nessa questão, visto que todos formam um só corpo.

Tendo dito isto, e demonstrado claramente pelo consenso de todos, acrescentou: "*Assim também acontece com Cristo*". E quando devia dizer: assim também acontece com a Igreja (seria consentâneo), não o afirmou, mas em seu lugar colocou Cristo, elevando o discurso, e incutindo maior respeito no ouvinte.

Afirma o seguinte: o corpo de Cristo é a Igreja. Como o corpo e a cabeça formam um só homem, assevera que a Igreja e Cristo formam um só. Por isso também colocou Cristo em vez da Igreja, denominando-a assim seu corpo. Da mesma forma, portanto, diz ele, que nosso corpo é um só, embora constituído de muitos membros, na Igreja todos somos um só. Apesar de constar ela de muitos membros, estes formam um só corpo. Após reanimar o que se sentia diminuído e elevá-lo por meio deste exemplo comum, novamente abandona o que lhe é habitual, e passa a outro ponto em sentido

espiritual, que produz consolo maior, porque mostra grande igualdade nas honras. Qual é?

13. *Pois fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres;*

Declara o seguinte: um só Espírito fez com que sejamos um só corpo, e nos regenerou; não foi este batizado num Espírito e aquele em outro. Não somente foi um que batizou, mas também um aquele em que fomos batizados, isto é, por que motivo. Não fomos batizados, portanto, a fim de constituirmos diferentes corpos, mas para conservarmos todos mutuamente a estreita união de um só corpo. A finalidade de sermos batizados consiste em sermos um só corpo.

Por conseguinte, um só formou o corpo, e a finalidade para a qual foi plasmado é uma só. Não disse: para que sejamos do mesmo corpo, e sim: para que sejamos todos o mesmo corpo. Esforça-se sempre por utilizar maior ênfase. E diz com exatidão: todos nós, incluindo-se também a si mesmo. Nem eu, o teu apóstolo, tenho mais sob este ponto de vista, assegura; pois tu és do corpo como eu, e eu como tu, e todos temos a mesma cabeça, e nascemos de um só parto; formamos, portanto, o mesmo corpo. E por que digo: judeus? Ele reduziu à união estreita de um mesmo corpo os gregos, tão distantes de nós. Por esse motivo, tendo dito: *"Todos"*, não se deteve neste ponto, mas acrescentou: *"judeus e gregos, escravos e livres"*. Se fomos agregados a eles, anteriormente tão distantes, e nos tornamos um só, seria justo ficarmos muito mais pesarosos e tristes depois de nos tornarmos um? Não há espaço para diferenças. Se, portanto, Deus se dignou dar a graça a gregos e judeus, escravos e livres, como os separará depois de se ter dignado a tanto, de ter concedido maior e mais estreita união por meio dos dons?

E todos bebemos de um só Espírito!

14. *O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos.*

Isto é, tivemos a mesma iniciação aos mistérios, e participamos da mesma mesa. E por que não disse: Nutrimo-nos do mesmo corpo, e bebemos o mesmo sangue? Porque, tendo mencionado o Espírito, aludiu a ambos, sangue e corpo. Através de ambos, bebemos de um só Espírito. Parece-me referir-se aqui à vinda do Espírito, no batismo e antes dos mistérios. Disse: *"Bebemos"* porque a metáfora é bem oportuna para o presente assunto. Se falasse de plantas e de jardim, diria: De uma só fonte todas as árvores são irrigadas, porque da mesma água; assim também aqui: *"E todos bebemos de um só Espírito"*, percebemos a mesma graça. Um só Espírito nos estabeleceu, e a todos nós congregou num só corpo. Tal é o significado da palavra: *"Pois fomos batizados... para ser um só corpo"*. E nos concedeu uma só mesa, a mesma irrigação, significa: *"E todos bebemos de um só Espírito"*. E congregou os que estavam tão distanciados; e muitos membros compuseram um só corpo, tornando-se um só. Por que revolves de alto a baixo a diferença? Se, porém, disseres: São muitos e diversos os membros, saibas que por isso mesmo é admirável, e tal é a excelência deste corpo, uma vez que muitos e diversos membros se tornam um só. Porque se não fossem muitos, não seria espantoso e extraordinário haver um só corpo; ou antes, nem seria um corpo. Mas disto o Apóstolo trata em último lugar; por enquanto dirige-se aos próprios membros, nesses termos:

15. *Se o pé disser: "Mão eu não sou, logo não pertenço ao corpo", nem por isso deixará de fazer parte do corpo.*

16. *E, se a orelha disser: "Olho eu não sou, logo não pertenço ao corpo", por isso deixará de fazer parte do corpo?*

Pois se o fato de ter menos, ou de ter mais, impedisse ser do corpo, tudo estaria perdido. Não digas, portanto: Não sou corpo porque sou menor. Também o pé tem função inferior, mas pertence ao corpo. Ser ou não ser do corpo não depende do lugar (seria apenas diferença de posição), e sim estar ligado

ou não. Ser ou não ser do corpo depende de estar unido a ele ou não. Considera o modo prudente de aplicar as palavras aos nossos membros. Na verdade, conforme ele dizia acima: *“Eu me tomei como exemplo juntamente com Apolo”* (1Cor 4,6), neste trecho, a fim de tornar agradável e aceitável o sermão, faz com que falem os membros, de sorte que, ao ouvirem a resposta da natureza, convencidos pela própria experiência e pela opinião comum, não pudessem mais contradizer. Quer assevereis o mesmo, diz ele, quer murmureis, não podeis estar fora do corpo. Como a lei natural, também e mais ainda a força da graça tudo guarda e conserva. E vê que evita o excesso, pois não trata de todos os membros, mas apenas de dois, e os extremos. De fato, apresentou o mais precioso de todos, os olhos; e o mais humilde, os pés. E não representa o pé a falar com o olho, mas com a mão, que está um pouco mais no alto; o ouvido, porém, se dirige aos olhos. De fato, não costumamos invejar os que assaz nos superam, mas aqueles que estão um pouco acima; é desta forma que ele aqui faz a comparação.

17. *Se o corpo fosse todo olho, onde estaria o ouvido? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato?*

Tendo, portanto, incidido na diferença dos membros, e nomeado os pés, as mãos, os olhos e os ouvidos, imaginou-os menores e maiores; vê como novamente os consola, mostrando ser assim conveniente e que principalmente é o fato de serem muitos e diversos que institui o corpo. Se todos fossem uma só coisa, não haveria corpo. Por isso, diz:

19. *Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo?*

Por fim ele o assegura; aqui, porém, mostra o que é mais importante, a saber, que não somente é impossível relativamente ao corpo, mas até mesmo aos outros sentidos, visto que: *“Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato?”*

Em seguida, como eles ainda se perturbavam, repete as ações acima. Como ali os consolou através da utilidade comum, e finalmente com vigor os reduziu ao silêncio, dizendo: *“Mas isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”* (1Cor 12,11), assim nesta passagem raciocina, reconduzindo totalmente à vontade de Deus aqueles aos quais explicou que tudo se realizava para o bem comum, nesses termos:

18. *Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade.*

Tendo dito do Espírito: *“Conforme lhe apraz”*, também afirma neste trecho: *“Segundo a sua vontade”*. Por conseguinte, não procures mais indagar por que é assim, por que não é. Mesmo que profiramos mil palavras, impossível desvendar que tudo adveio para o bem, segundo costumamos dizer: conforme quis o ótimo artífice, assim se fez; ele o quis desta maneira porque era conveniente. Se, portanto, relativamente ao corpo não pesquisamos curiosamente acerca dos membros, muito mais quanto à Igreja. E observa a prudência do Apóstolo; não alude à diferença proveniente da natureza, nem à oriunda de uma operação, mas à dependente da localização: *“Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade”*. E exprime-se com exatidão: *“Cada um dos membros”*, mostrando a utilidade de todos. Nem podes afirmar que dispôs a um e a outro não, mas cada qual foi colocado de acordo com a vontade de Deus. Por conseguinte, é bom para o pé estar onde está, e não somente para a cabeça; e se a ordem for alterada, ou ele deixar o próprio lugar e passar a outro, mesmo que aparente ter se transferido para uma posição melhor, arruína e corrompe o todo. Perde o lugar habitual e não encontra outro.

Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo?

20. *Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo.*

Depois que os fez calar, aludindo com propriedade ao plano de Deus, novamente raciocina; não age apenas sempre deste ou daquele modo, mas altera, varia. Quem somente faz calar, perturba o ouvinte;

e quem o acostuma a buscar as causas de tudo, prejudica-lhe a fé. Por isso Paulo frequentemente faz com que creiam e não se perturbem; e depois de fechar-lhes a boca, apresenta outra vez o motivo. E anota a disputa e a plena vitória. Àqueles que julgavam não serem todos iguais em dignidade, devido às muitas diferenças, mostra-lhes serem pares por isso mesmo. De que modo? Vou explicar. *"Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo?"* Isto é, se não houvesse entre vós muita diferença, não seríeis um corpo; se não fôsseis um corpo, não seríeis um só; se não fôsseis um só, não seríeis iguais. Por conseguinte, se fôsseis iguais, não seríeis um corpo; se não fôsseis um corpo, não seríeis um só; se não fôsseis um só, como serieis iguais em dignidade? Agora, no entanto, visto que não tendes todos idêntico dom, sois um corpo; sendo corpo, sois todos um só, e em nada um difere do outro, enquanto é corpo. Em consequência, é principalmente aquela diferença que produz a igualdade em dignidade; por isso, ele acrescentou: *"Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo"*. Também nós, meditando dessa forma, rejeitemos qualquer inveja, e não emulemos os que possuem carismas maiores, nem desprezemos os que têm menores; assim dispôs Deus. Não resistamos, portanto. Se ainda te perturbas, pensa que o outro não pode muitas vezes realizar a tua obra. Por isso, se fores menor, nisto o superas; embora ele seja maior, aqui é superado, e assim se realiza a igualdade. De fato, no corpo também não parecem pequenas as obras dos pequenos, que às vezes até estragam as coisas grandes, se apartados. O que há de mais insignificante no corpo do que os cabelos? Mas se tirares estes fios insignificantes das sobrancelhas e das pálpebras, tiraste toda a beleza da face, e igualmente os olhos não serão tão bonitos; apesar de leve a falha, no entanto toda a beleza se perde; não somente a beleza, mas também os olhos ficam muito danificados. Cada um de nossos membros tem sua atividade peculiar e comunitária; e também a beleza em nós é peculiar e comum. Apesar de parecerem separados, no entanto estão estreitamente conexos e se um se corrompe, o outro simultaneamente fica perdido. Imagine o seguinte: olhos brilhantes, faces risonhas, lábios rubros, nariz reto, grandes sobrancelhas; se, contudo, danificares algumas dessas qualidades, por pouco que seja, estragas a beleza do todo, e o que antes era bonito parecerá tristonho. Pois, se quebrares a ponta do nariz, simultaneamente causaste ao conjunto grande deformidade, apesar de mutilado apenas um membro; e igualmente quanto à mão, se extraíres a unha de um só dedo, verás suceder o mesmo.

Se quiseres verificar o mesmo acerca das atividades, corta um só dedo e verás os outros ociosos, e não desempenharem de igual modo a respectiva função. Uma vez que a perda de um só membro causa comum fealdade, e sua incolumidade contribui para a beleza global, não nos orgulhemos, nem insultemos o próximo. De fato, por causa daquele exíguo membro, o que é grande, torna-se belo e formoso, e pelas pálpebras se orna o olho. Por conseguinte, luta contra si mesmo quem ataca o irmão. O dano não atinge somente o irmão, mas ele próprio sofre não pequeno detrimento. A fim de evitá-lo, cuidemos do próximo como de nós mesmos, apliquemos agora à Igreja a figura do corpo, e para todos, quais nossos próprios membros, providenciemos o bem. Pois também na Igreja existem muitos e diversos membros, uns eminentes, outros inferiores: os coros das virgens, as viúvas congregadas, os grupos dos que brilham em casto matrimônio, e muitos graus de virtudes. Igualmente desta maneira acontece relativamente às esmolas: um distribui tudo, outros, contudo, se contentam somente com o necessário à subsistência, e nada procuram além do necessário, outros dão do supérfluo. Entretanto, todos estes mutuamente se adornam; e se o maior desprezar o menor, prejudica-se muitíssimo. A virgem, se injuriar a casada, perde muito de sua recompensa. Se aquele que deu tudo exprobrar o que não o fez, assaz inutiliza os próprios labores.

E por que falar das virgens, viúvas e dos que nada possuem? O que é inferior aos mendigos? Entretanto preenchem importante função na Igreja, mantendo-se junto às portas do templo, e apondo-lhes sumo ornamento. Sem eles não seria perfeita a plenitude da Igreja. Considerando isso, nos

primórdios, os apóstolos instituíram normas, como em outros casos, para as viúvas; e nisso empregaram tanta solicitude que puseram à sua frente os sete diáconos. Assim como enumero bispos, presbíteros, diáconos, virgens e continentes, ao contar os membros da Igreja, incluo as viúvas. E elas não preenchem leve função. Com efeito, tu estás presente quando queres; elas, porém, salmodiam dia e noite, estão presentes. Não agem dessa maneira só em vista de esmolas; se o quisessem, poderiam andar pela praça, e mendigar nas ruas; e encontrariam grande compaixão. Considera, portanto, em que estrita pobreza elas vivem. Jamais ouvirás entre elas blasfêmias, nem impaciências, conforme fazem muitas viúvas ricas. E muitas delas frequentemente dormem com fome; outras continuamente sofrem frio e, no entanto, passam a vida em ação de graças e louvor. Se ofertares um óbolo agradecem, e desejam inúmeros bens ao benfeitor; se não deres, não se irritam, mas ainda bendizem e amam, porque têm o alimento cotidiano. Mesmo contra a vontade, replicas, devem suportar tudo isso. Por quê? Dize-me. Por que motivo proferiste essa palavra dura? Não existem ofícios vergonhosos, nos quais podem velhos e velhas conseguir lucro? Se não quisessem levar vida honesta, não alcançariam de outro modo farta subsistência? Não vês quantos desta idade são atualmente alcoviteiros e proxenetas e outros que exercem tais serviços que se sustentam e vivem no meio dos prazeres? Ora, elas absolutamente; preferem morrer de fome a manchar a vida, e comprometer a salvação e ficam sentadas o dia todo, preparando para si o remédio da salvação. Médico algum que estende a mão e mete o ferro para limpar a ferida putrefata atua melhor que o pobre que, estendendo a direita e recebendo uma esmola, extrai a intumescência das feridas. E o mais admirável, é completamente indolor esta ótima medicina. E o pobre que se senta diante das portas da igreja, com o olhar e o silêncio tanto vos prega quanto nós que presidimos ao povo e vos ensinamos o que é proveitoso. Nós, de fato, proclamamos, diariamente: Não te orgulhes, ó homem; transitória e passageira é a existência humana. A juventude apressa-se para a velhice, a beleza para a fealdade, a força para a fraqueza, a honra para o desprezo, a saúde para a doença, a glória para a humilhação, as riquezas para a pobreza. Nossas realidades assemelham-se a uma corrente impetuosa que nunca para, mas se precipita para baixo.

O mesmo, e até mais, eles aconselham pelo olhar e pela própria experiência, a melhor das admoestações. Quantos daqueles, que se sentam agora no adro, na juventude brilharam, realizaram façanhas? Quantos destes, agora disformes, a muitos superavam em força corporal e beleza? Não é para descrer, nem para rir, porque a vida está repleta desses exemplos. Visto que muitos homens vulgares e humildes muitas vezes se tornaram reis, seria espantoso que grandes e gloriosos se transformassem em vis e insignificantes? Certamente o primeiro caso é muito mais espantoso; o segundo sempre acontece. Por isso, não é inacreditável que muitos deles tenham florescido nas artes, na milícia e na abundância das riquezas; ou melhor, fiquemos penalizados, compassivos, com receio de nos sobrevirem idênticos infortúnios. Na verdade, todos somos homens, sujeitos a essas rápidas vicissitudes. Mas talvez algum dos malvados, que costumam zombar, há de se rir de minhas palavras e ridicularizar, dizendo: até quando não cessarás no sermão de sempre aludir aos pobres e indigentes, predizer-nos tribulações, prenunciar-nos miséria e esforçar-te por nos transformar em mendigos? Não o digo desejoso de vos tornar mendigos, ó homens, mas empenhado em vos abrir os tesouros do céu. De fato, quem relembra os doentes e narra suas dores a um homem sadio, não faz com que adoeça, e sim com que conserve a saúde, e atalhe a incúria, receoso do que acontece a outrem. A pobreza vos parece terrível, e apenas nomeá-la faz estremecer. Por isso mesmo somos pobres: por temermos a pobreza, apesar de possuirmos mil talentos. Não é pobre quem nada possui, mas aquele a quem a pobreza horroriza. Não são deploráveis e infelizes os que padecem tribulações, mas aqueles que não sabem suportar até as menores. Ao contrário, quem as tolera pacientemente é digno de coroas e de

louvores. E para verificação: a quem louvamos nas competições? Os que são atingidos por muitos golpes e não manifestam dor, mas ficam de cabeça erguida, ou os que escapam logo após os primeiros golpes? Acaso não coroamos os primeiros, enquanto fortes e magnânimos, e rimos dos últimos, covardes e tímidos? Assim também façamos quanto aos eventos desta vida. Coroemos quem suporta tudo facilmente, como aquele valoroso combatente; lastimemos o tímido e medroso diante das coisas ásperas, e que antes de receber um ferimento morre de medo. Com efeito, nas competições, se alguém antes de levantar a mão, só de ver o adversário de mão estendida, fugir antes de receber um ferimento, tornar-se-á ridículo, por se revelar fraco, pusilânime e inexperiente na labuta. Assim sucede aos que têm medo da pobreza, e não suportam nem a probabilidade dela. Por conseguinte, não somos nós que vos fazemos miseráveis, mas vós mesmos. Enfim, o diabo não zombará de ti, vendo-te com medo e tremor, só diante das ameaças, sem nenhum ferimento? Ou melhor, se a tal fato julgares uma ameaça, ele não mais precisa te ferir, mas deixa-te as riquezas, porque o medo de serem roubadas tornar-te-á mais mole do que a cera. Pois a nossa natureza é tal que, de certo modo, depois de sofrermos o que temíamos, não nos parece tão terrível como antes de o experimentarmos. A fim de impedir que obtenhas esta virtude, ele te prende com o maior temor, e antes de a experimentares, o medo da pobreza te derrete como cera. Pois tal homem fica mais mole do que a cera, e leva vida mais miserável do que a de Caim, temendo pelo que possui, e condoendo-se pelo que não tem; e ainda tremendo por suas posses, retém as riquezas fugitivas e ingratas, com sentimentos vários e absurdos. De fato, agitam os avaros cupidez absurda, múltiplo temor, angústia do espírito, e tremor de todos os lados; parecem-se com um navio sacudido de todos os lados por ventos contrários e batido por muitas vagas. E melhor não seria para eles morrer do que tolerar contínua tempestade? Com efeito, considerava Caim mais suportável morrer do que perpetuamente tremer.

Para evitarmos também nós tais males, zombemos dos artifícios do diabo, rompamos seus laços, quebremos a pontiaguda lança, e impeçamos-lhe qualquer acesso. Se zombares das riquezas, não tem com que ferir, não tem por onde pegar, porque arrancaste a raiz dos males; arrancada a raiz, não germinará fruto ruim. Repitamos sempre essas coisas, sem cessar; se as palavras adiantaram, revelará aquele dia, que há de se manifestar no meio do fogo, examinar as obras de cada um, e assinalar as lâmpadas brilhantes e as que não são tais. Então, ver-se-á claramente as que contêm óleo e as que não têm. Permita Deus que ninguém então se ache desprovido de consolo, mas todos demonstrem grande amor ao próximo e com lâmpadas luzentes entrem em companhia do esposo. Certamente, nada de mais terrível, nada de mais doloroso do que a palavra então dirigida aos que partirem da terra sem terem dado muitas esmolas. Dirá o esposo: “Não vos conheço!” (Mt 25,12). Não aconteça que ouçamos essa palavra, mas aquela suavíssima e sumamente desejável: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo” (ib. 34). Assim teremos uma vida feliz e gozaremos de todos os bens que superam todo entendimento humano. Possamos todos nós consegui-lo, pela graça e amor aos homens etc.

TRIGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

21. *Não pode o olho dizer à mão: “Não preciso de ti”; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: “Não preciso de vós”.*

Após haver reprimido a inveja dos menores, e dissipado a tristeza que provavelmente haviam eles concebido porque os outros foram mais dotados, humilha o orgulho dos que haviam recebido dons maiores. Isso conseguira ao dissertar-lhes (pois afirmar que se tratava de dom, e não de uma boa obra era fazê-lo abertamente). Agora, porém, repete-o com energia, conservando idêntica imagem. Tomando como ponto de partida o corpo e a unidade deste, procede à comparação com os membros.

Era o que eles mais desejavam saber. Porque não era tão apto a consolá-los afirmar que todos formavam um só corpo, quanto saber que os dons que possuíam não eram de forma alguma inferiores. E declara: *“Não pode o olho dizer à mão: ‘Não preciso de ti’; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: ‘Não preciso de vós’”*. Efetivamente, apesar de dom menor, no entanto, é necessário; e como sem aquele são muitos os impedimentos, assim também sem este claudica a plenitude da Igreja. E não asseverou: Não dirá, e sim: *“Não pode dizer”*, de sorte que, mesmo que quisesse, mesmo que dissesse, não poderia, nem seria natural. Por isso, assumindo os dois extremos, exerce neles a palavra: primeiro, de fato, a respeito da mão e do olho, e em segundo lugar, amplia o exemplo, tratando a respeito da cabeça e dos pés.

O que é inferior aos pés? Ou o que é mais importante e necessário do que a cabeça? É o que principalmente constitui o homem, a saber, a cabeça. No entanto, não é autossuficiente, nem pode realizar tudo até o fim. Pois se assim fosse, seriam supérfluos os pés. Entretanto não se detém aí, mas procura outra hipérbole, conforme faz sempre, não tendendo até a igualdade, mas indo além. Por isso acrescenta:

22. *Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos, são os mais necessários,*

23. *e aqueles que julgamos menos dignos de honra, são os que cercamos de maior honra, e nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com mais decência;*

Sempre acede ao corpo, e desta forma consola a um e reprime a outro. Não o digo, afirma ele, porque os maiores precisam dos menores, mas também porque têm grande necessidade. Se algo em nós é fraco, algo menos decente, é necessário e o cercamos de maior honra. E diz com exatidão: *“Que parecem”* e: *“Que julgamos”*, mostrando que a sentença não provém da natureza das coisas, mas da opinião de muitos. Nada em nós é ignóbil, pois é obra de Deus. O que em nós parece menos decente do que as partes genitais? No entanto, as tratamos com maior decência. Mesmo os mais pobres, se mantêm nu o resto do corpo, nunca suportam ter nuas tais partes. Ora, não se encontra aqui a ordem das partes menos decentes, mas que deviam ser menos prezadas do que as outras. De fato, numa casa, o escravo ignóbil não só recebe menos cuidados, mas nem é julgado digno de receber igual atenção que os demais. Por conseguinte, se indecentes, não só não deveriam gozar de maior consideração, mas nem das mesmas; no entanto são tratadas com maior cuidado, e isso resulta da sabedoria de Deus. Pois a natureza fez com que os outros membros não carecessem; a estes, contudo, visto que a natureza não lhes deu, obriga-nos a oferecer-lhes. Mas nem por isso são inconvenientes; de fato, também os animais, ao menos a maior parte, naturalmente de nada precisam, nem de vestes, nem de calçados, nem de teto; mas nem por isso nosso corpo é mais vil do que o deles, porque precisa de tudo isso. De fato, se algum examinar com cuidado, por sua própria natureza são honestas e necessárias. O Apóstolo mesmo o sugeriu, não por juízo nosso, nem porque merecem maior atenção, mas a própria natureza das coisas o sufraga. Por isso, quando as declara fracas e menos decentes, diz: *“Que parecem”*; ao se referir às partes necessárias não o diz, nem acrescenta: “Que parecem”, mas ele mesmo sentencia que são necessárias; e com razão. Pois são úteis à procriação dos filhos e a propagação do gênero humano. Por isso, os legisladores romanos punem os que se mutilam relativamente a esses membros e se transformam em eunucos, enquanto prejudicam o gênero comum e danificam a natureza. Mas pereçam os impudicos, que culpam a obra de Deus. Como muitos maldizem o vinho por causa dos bêbados, e o sexo feminino por causa das adúlteras, julgam estes membros torpes por causa de determinados abusos. Mas não deviam; o pecado não está na natureza, mas na vontade de quem ousa cometer esse crime. Alguns pensam que Paulo inclui entre os membros mais fracos, menos honestos, necessários, mais considerados, porém, os olhos e os pés; os olhos mais necessários, menos fortes, superiores,

contudo, aos outros quanto ao uso; menos honrosos os pés, mas também eles são cercados de cuidados.

Em seguida, para não empregar outra hipérbole, disse:

24. *os que são decentes, não precisam de tais cuidados.*

E para que ninguém diga: Que lógica é esta? Desprezar os decentes e cuidar dos que são menos decentes? Não agimos desta forma, diz ele, por desprezo, mas porque estes não precisam de atenções. E vê como tece em poucas palavras grande elogio, fazendo-o de modo oportuno e útil. Não lhe é suficiente, mas ainda expõe qual a causa, nesses termos:

Mas Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é mais carente,

25. *a fim de que não haja divisão no corpo.*

Se, portanto, dispôs, não deixa aparecer o que é menos honesto. De fato o que se dispõe ou se tempera, faz-se um só, e não aparece o que era antes; do contrário, não diríamos que é temperado. E vê com que frequência passa ao lado da falha, dizendo: *"Mais carente"*. Não diz: desonesto ou torpe, e sim *"Carente"*. De que maneira carente? Segundo a natureza. *"De modo a conceder maior honra"*. E por quê? *"A fim de que não haja divisão no corpo"*. Visto que, apesar de gozarem de imenso consolo, estavam ainda pesarosos por terem recebido dons menores, mostra que eles foram mais honrados. *"De modo a conceder maior honra ao que é mais carente"*. Logo acrescenta o motivo, mostrando que era oportuno faltar-lhes algo e serem mais honrados. Por quê? *"A fim de que não haja divisão no corpo"*. Não disse: entre os membros, mas: *"no corpo"*. De fato, haveria muito excesso se uns, na verdade, recebessem cuidados da natureza e nossas atenções, outros não tivessem nem uns nem outras, mas estivessem separados uns dos outros, porque não podiam suportar a união; amputados uns, porém, também os demais sofreriam dano. Viste como mostra ser necessário prestar maior honra ao deficiente? Se isso não se realizasse, afirma, seria ruína para todos.

Efetivamente, se não tivéssemos a maior solicitude por eles, sofreriam detrimento porque não recebem auxílio da parte da natureza, e por essa carência pereceriam; se perecessem, o corpo se partiria; dividido o corpo, o restante, a maior parte, teria se extinguido. Vês que a atenção a uns também depende das providências de outros? A própria natureza não lhes proporciona a existência, como o corpo lhes traz a unidade. Se o corpo perece, nada adianta a saúde de cada um; se acaso mantém-se bem o olho, enquanto o nariz conserva o que tem de peculiar, não haverá proveito algum no caso de se interromper a ligação. Se ela perdurar e as partes sofrerem detrimento, são sustentadas e logo recuperam a saúde. Talvez replique alguém: No corpo tem sentido que os deficientes recebam maior honra, mas entre os homens como tal se pode verificar? Verás que, sem dúvida, principalmente entre os homens é que isso sucederá. Com efeito, os operários da undécima hora receberam primeiro o salário; e a ovelha perdida induziu o pastor a abandonar as outras noventa e nove, ir procurá-la, carregá-la depois de encontrada, e não sofreu rejeição; e o filho pródigo recebeu mais honras do que o filho que se portara bem; e o ladrão antes dos apóstolos foi coroado e celebrado. Relativamente aos talentos verás o mesmo. Tanto o servo ao qual foram confiados cinco talentos quanto o que recebera dois, mereceu idêntica recompensa; e a atenção para com o que recebera dois foi maior. Se lhe fossem confiados cinco, e não os pudesse aumentar, perderia tudo; mas recebeu dois, fez o possível, mereceu prêmio igual ao daquele que trabalhara com cinco, e o ultrapassou porque alcançou idênticas coroas com menor labor. Ora, ele era homem como aquele que recebera cinco; entretanto o Senhor não exigiu dele contas tão estritas, nem o obrigou a fazer tanto quanto seu companheiro de serviço, nem lhe disse: Por que não pudeste obter cinco? Podia dizê-lo razoavelmente, mas, ao invés, coroou-o. Cientes disso, não insultem os maiores aos menores, a fim de não se prejudicarem mais do que a eles, porque

se forem amputados, todo o corpo se arruína. De que consta o corpo senão de muitos membros? Segundo a palavra do Apóstolo: *“O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos”*. Se assim é formado o corpo, solicitamente cuidemos de que todos os membros subsistam, apesar de muitos, porque, do contrário, infligir-se-lhe-á ferida mortal. Por conseguinte, é preciso não somente não nos separarmos uns dos outros, mas ainda permanecermos estreitamente unidos. Pois, tendo dito: *“A fim de que não haja divisão no corpo”*, não lhe bastou, mas adicionou: *“Os membros tenham igual solicitude uns para com os outros”*. Expõe ainda outro motivo por que o maior há de prestar honra ao menor. Não somente dispôs Deus que não se separassem uns dos outros, mas que houvesse muita caridade e concórdia. De fato, se cada qual deve velar pela salvação do próximo, não afirmes que um é mais e outro menos; aqui não existe mais e menos. Ora, enquanto existe o corpo, pode haver diversidade; mas em caso de morte, é diferente: ele perecerá a não ser que também os menores continuem a existir. Se, portanto, os maiores perecem quando os menores são amputados, de modo semelhante devem os maiores cuidar dos menores como de si mesmos, porque a incolumidade deles preserva também a dos maiores. Ora, se disseres mil vezes que um membro é vil e mínimo, se não cuidares dele como de ti mesmo, e o negligenciares por ser menor, o prejuízo será teu. Por isso, não afirmou o Apóstolo: Os membros sejam solícitos uns pelos outros, mas aditou: *“Mas os membros tenham solicitude uns para com os outros como têm para consigo mesmos”*, a saber, goze o menor de igual e semelhante desvelo que o maior. Não declares, portanto: Este é plebeu, mas pondera que é membro do corpo que abrange o todo; da mesma forma que o olho este faz com que o corpo seja corpo. Ao se tratar da composição do corpo, nenhum é mais do que o seu vizinho. Nem, pois, esse constitui o corpo de sorte que um seja mais e outro menos, mas existam muitos e diversos membros. Como tu constróis o corpo por seres maior, também ele por ser menor. Por conseguinte, a sua pequenez, ao se tratar da estrutura do corpo, é igual a teu tamanho para a beleza do conjunto; ele pode o mesmo que tu, o que se evidencia pelo seguinte: concedamos que não haja membro menor ou maior, nem honesto ou menos honesto, mas todos sejam olhos, ou todos cabeça. Não desaparecerá o corpo? É evidente a qualquer um. De outro lado, se todos forem menores, acontecerá o mesmo. Nisto, portanto, os outros são iguais ao menor. Se for forçoso dizer mais alguma coisa: em vista da subsistência do corpo, o menor é menor; é menor por tua causa, para que permaneças grande. Por isso, o Apóstolo reclama para todos o mesmo esmero; e tendo dito: *“Mas os membros tenham solicitude uns para com os outros como têm para consigo mesmos”*, explica ainda:

26. *Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria.*

Por conseguinte, diz ele, Deus empregou comum providência; em tão grande variedade estabeleceu a unidade, de sorte que houvesse grande comunhão acerca de sua sorte. Pois se a diligência relativa ao próximo acarreta a salvação comum, forçosamente a glória e a tristeza são comuns. Três, portanto, são as exigências do Apóstolo: Não se separarem os membros, mas ficarem estreitamente unidos; prestarem-se mútuos e iguais cuidados; considerarem comum tudo o que acontece. Mais acima declara que se preste maior honra ao carente pelo fato de precisar, indicando que a falha favorece a obtenção de honra maior; aqui, porém, os iguala relativamente à solicitude mútua, que uns aos outros devem oferecer. Por isso cuidou de que gozassem de maior honra, para que não recebessem cuidados em menor medida. Não somente por esse motivo, mas também porque os membros são solidários nas vicissitudes felizes e infelizes. De fato, às vezes entra um espinho no calcanhar e todo o corpo se ressente e se aflige, dobra-se o dorso, o ventre e as coxas se encolhem, as mãos se adiantam quais satélites e servos para extrair o espinho, a cabeça se inclina, e os olhos olham com toda atenção.

Assim, apesar de ser inferior o pé, incapaz de ocupar lugar mais alto, no entanto iguala-se à cabeça ao fazer com que esta se abaixe, e goza da mesma consideração, principalmente quando, não por favor, mas por dever, os pés a carregam. Por isso, dá provas de grande igualdade ao superar o membro mais importante, pelo fato de que, apesar de ser tal, esse deve prestar honras e atenções ao inferior, e dele se condoer.

O que há de mais vil do que o calcanhar? O que mais precioso do que a cabeça? Entretanto, essa se dirige àquele membro e movimenta tudo consigo. Ainda, se o olho padece algo, todos os membros se ressentem, e ficam ociosos; os pés não caminham, nem as mãos trabalham, nem o estômago aproveita-se dos alimentos habituais, e, contudo, a enfermidade é dos olhos. Por que se esgota o estômago? Por que ficam detidos os pés? As mãos presas? Porque estão coligados, e de modo inexplicável todo o corpo sofre. Se não sofressem conjuntamente, não seriam solidários nas disposições. Por isso, tendo dito: *"Mas os membros tenham solicitude uns para com os outros como têm para consigo mesmos"*, acrescentou: *"Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria"*. E como compartilham a sua alegria? – perguntas. É coroada a cabeça e o homem todo é honrado. Fala a boca e os olhos se tornam sorridentes e alegres, apesar de não ser elogiada a beleza dos olhos, e sim a eloquência da língua. De outro lado, se os olhos parecem belos, enfeitam a mulher toda. Também os olhos manifestam alegria e regozijo quando elogiados o nariz reto, o pescoço ereto, e outros membros. Ainda lacrimejam pelas dores e tribulações desses membros, apesar de continuarem eles próprios ilesos. Refletindo sobre tais fatos, imitemos todos nós o amor desses membros, e não façamos o contrário, recriminando os males do próximo, e invejando os seus bens, o que é peculiar aos loucos e aos que estão fora de si. Na verdade, quem fura o olho, demonstra a maior loucura, e quem corta a mão evidentemente comprova demência. Se tal acontece entre os membros, de modo semelhante cometer tal falta contra os irmãos merece o título de doidice, e produz grave detrimento. Com efeito, enquanto teu irmão brilha, tua bonita conformação também aparece e todo o corpo se aformoseia. Não apenas te embeleza, mas te dá oportunidade de elevação; se, porém, o extinguires, cercarás de trevas o corpo inteiro e afligirás os membros todos; ao invés, se o conservares brilhante, manténs a forma de todo o corpo. Pois ninguém diz: O olho é bonito. Mas, o que diz? Aquela mulher é formosa; se, contudo, ele é elogiado, generaliza-se o louvor. O mesmo acontece na Igreja. Se alguns têm ótima fama, o corpo em conjunto é enaltecido. Pois os inimigos não fazem elogios isolados, mas globais. E se alguém brilha em eloquência, não dedicam louvores somente a ele, mas a toda a Igreja. Não afirmam apenas: Ele é admirável! Mas o que dizem? Os cristãos têm um mestre admirável! E tornam comum essa propriedade. Ora, os gregos unem e tu divides, lutas contra o próprio corpo e te contrapões a teus próprios membros? Não sabes que seria completa subversão? Pois, "todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruína" (Mt 12,25).

Nada separa tanto quanto a inveja e o ciúme, grave moléstia, imperdoável, e em certo sentido mais grave do que a avareza, raiz de todos os males. O avaro, de fato, se alegra quando recebe; o invejoso não se regozija com o próprio ganho e sim quando o próximo não recebe. Reputa benefício próprio a infelicidade de outrem, não a sua própria felicidade; cerca como inimigo comum a natureza humana, e golpeia os membros de Cristo. Que loucura maior pode haver? O demônio, na realidade, inveja, mas aos homens, não a um demônio qualquer. Tu, no entanto, que és homem, invejas os homens e contra um correligionário e consanguíneo te insurges, o que nem o demônio faz. E que escusa terás se tremeres e empalideceres vendo a felicidade do irmão, quando devias coroar-te, alegrar-te e exultar? Se quiseres rivalizar, não proíbo. Imita-o, a fim de lhe seres semelhante, à medida que é louvável e não para o suplantares, para chegares às mesmas alturas, exibires a mesma virtude. Ótima emulação é

imitar sem combater, e não se afligir por causa dos bens alheios, mas ressentir os próprios males. Em sentido contrário atua a inveja, que, esquecida dos próprios males, consume-se por causa dos bens alheios. Ao pobre não incomoda tanto a pobreza própria quanto o aflige o bem-estar do próximo; o que pode haver de mais grave? Ele, de fato, conforme já disse, é pior do que o avaro, porque este, quando recebe algo, alegra-se, enquanto ele, quando um outro não recebe, se regozija. Suplico-vos, portanto, que abandoneis esse mau caminho, voltados para o zelo bom (zelo forte, mais ardente do que o fogo), a fim de obterdes grandes bens. Dessa forma também Paulo induzia alguns dentre os judeus à fé, segundo a palavra: “Na esperança de provocar o ciúme dos da minha raça e de salvar alguns deles” (Rm 11,14). Pois quem rivaliza conforme ele queria, não se aflige diante da boa fama de outrem, mas por verificar que ele próprio fica para trás. O invejoso não age desse modo, mas entristece-se ao contemplar um outro feliz. Faz às vezes de um artifício que arruína os labores alheios. Nunca ele próprio tenta subir, mas chora vendo o próximo se elevar e tudo faz para derrubá-lo. A que comparar tal moléstia? A meu ver, assemelha-se a um asno atrelado a um cavalo fogoso; é preguiçoso e obeso, não quer se levantar, e pelo peso arrasta o cavalo para baixo. O invejoso também, nada pensa, não se esforça por se libertar desse profundo sono e emprega todos os meios para suplantar e derrubar aquele que alça voo para o céu, imitando inteiramente o diabo. Este, de fato, ao contemplar o homem no paraíso, não tratou de melhorá-lo, e sim de expulsá-lo dali; e ainda ao ver os habitantes do céu, e outros que para lá se apressam, planeja suplantar os que partem, e com isso intensifica o fogo para si. Em toda parte isso sucede. Quem é invejado, se for vigilante, torna-se mais esplêndido, enquanto o invejoso acumula para si maior quantidade de males. Dessa maneira, também José se tornou ilustre. E igualmente o sacerdote Aarão, porque as insídias dos invejosos fizeram com que Deus uma e duas vezes o confirmasse, e a vara germinasse. Assim também Jacó teve abundância de bens materiais e muitos outros. Dessa forma os invejosos se viram envolvidos em inúmeras aflições.

Considerando tudo isso, fujamos da inveja. Por que, pergunto, invejas? Porque o irmão recebeu uma graça espiritual? E de quem, pergunto, recebeu? Não foi de Deus? Em consequência, tu te tornas inimigo do doador. Vês onde o mal se insinua, que acúmulo de pecados acarreta, e em que abismo de suplícios ele projeta? Fujamos, portanto, caríssimos, desse vício, não invejemos e rezemos pelos invejosos, esforçando-nos por extinguir essa epidemia. Não imitemos os insensatos, que, exigindo castigo para os outros, tudo fazem para acender a chama contra si. Ora, não procedamos dessa forma, mas por eles choremos e lamentemos. São os prejudicados, porque trazem no coração um verme que continuamente corrói e criam para si uma fonte de veneno mais amargo que o fel. Roguemos, portanto, ao Deus benigno que lhes cure essa doença, e jamais venhamos nós a contraí-la. Na verdade, o céu é inacessível para quem sofre dessa moléstia, e antes de alcançar o céu, sua vida presente não é vida. O cupim que fura a madeira e a traça que come a lã não corroem tanto quanto a febre da inveja consome os ossos dos invejosos, e aniquila a prudência da alma. Preservemo-nos a nós e aos demais de inúmeros infortúnios, atalhemos essa febre espiritual, pior que qualquer doença, a fim de que, com vigor espiritual, completemos o presente combate e consigamos as coroas futuras. Possamos todos nós consegui-las, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

27. *Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte.*

No intuito de evitar que alguém retruque: O que nos importa o exemplo do corpo? Ele obedece à natureza, enquanto nossas boas ações dependem do livre-arbítrio, o Apóstolo aduz nossas ações e

explica que, por decisão da vontade, devemos ter a mesma concórdia que os membros têm por natureza, dizendo: *"Ora, vós sois o corpo de Cristo"*. Se, de fato, não convém haver dissensões no corpo, muito mais no corpo de Cristo, e tanto mais quanto a graça é mais poderosa do que a natureza. "*E sois os seus membros, cada um por sua parte*". Não constituimos apenas um só corpo, mas também somos membros. A respeito dos dois casos ele disputou acima, reunindo muitos membros em um só corpo, e mostrando que, segundo a imagem do corpo, todos nos tornamos um só, e esta unidade é formada de muitos membros, está em muitos, compõe-se de muitos e pode haver entre muitos. O que significa: *"Cada um por sua parte"*? Quanto a vós e em medida conveniente, sois uma parte. *"Corpo"* referia-se ao corpo total, e não à igreja de Corinto, mas àquela difundida por toda a terra. *"Por sua parte"*, isto é, porque vossa igreja é parte da Igreja que está em toda a parte da terra, e do corpo formado por todas as igrejas, de sorte que não somente entre vós, mas também com toda a Igreja, que se encontra no orbe inteiro, deveis estar em paz, se sois justos, se sois membros de todo o corpo.

A hierarquia dos carismas

28. *E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores. Vêm, em seguida, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o dom das línguas.*

Faz aqui o que foi supramencionado: eles se gloriavam do dom das línguas, e por isso Paulo o coloca sempre em último lugar. Na realidade, ele não propõe o primeiro e segundo lugar sem motivo, mas preestabelece o mais precioso, assinalando dessa forma o que é inferior. Por essa razão, prepõe os apóstolos, possuidores de todos os carismas. E não disse simplesmente: Deus estabeleceu na Igreja apóstolos, ou profetas, e sim: *"Em primeiro lugar, em segundo lugar, em terceiro lugar"* , destacando o fato que assinalei. "*Em segundo lugar, profetas."* Profetizavam alguns, como as filhas de Filipe, Agabo, aqueles mesmos que havia em Corinto, dos quais diz: "*Quanto aos profetas, dois ou três tomem a palavra"* (1Cor 14,29). E escrevia a Timóteo: "Não descuides do dom da graça que há em ti, que te foi conferido mediante profecia" (1Tm 4,14).

E havia então muito mais profetas do que no Antigo Testamento. Não se reduzia o dom da profecia a dez, vinte, cinquenta, cem profetas, mas essa graça se efundia largamente, e em cada Igreja existiam muitos. Se Cristo disse: "A Lei e os profetas até João" (Mt 11,13), referia-se aos profetas que predisseram sua vinda. "*Em terceiro lugar, doutores"* . Com efeito, tudo o que fala o profeta vem do Espírito; quanto ao doutor, algumas vezes enuncia o que provém da própria mente. Por isso dizia: "Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de dupla honra, sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e na instrução" (1Tm 5,17). Quem fala tudo no Espírito não emprega esforço, e por isso o Apóstolo o coloca após o profeta; de fato, nele tudo é dom, enquanto no outro acha-se incluído também o esforço humano. Por isso, tira muito de si, no entanto de acordo com as divinas Escrituras. "*Vêm, em seguida, os dons dos milagres, das curas"*. Vês que novamente das curas distingue os milagres, conforme fez anteriormente? Os milagres estão um pouco acima das curas. Efetivamente, quem opera milagres castiga e cura; quem, porém, possui a graça das curas, somente sana. E vê a perfeita ordem que emprega, colocando a profecia antes dos milagres e das curas. Efetivamente, mais acima, quando dizia: *"A um o Espírito dá a palavra da sabedoria; a outro, a palavra da ciência"* não se exprime em ordem, mas sem discriminação; aqui, ao invés, põe alguns primeiro e outros depois. Por que, então, dá precedência à profecia? Porque também no Antigo Testamento ocupa esse lugar. Com efeito, ao falar Isaías aos judeus, e demonstrar o poder de Deus, salientou o argumento da abjeção dos demônios; e disse que predizer o futuro era o máximo indício da divindade. Cristo, na verdade, que tantos milagres realizara, declarou não ser pequeno este sinal de sua

divindade. Frequentemente assim termina o sermão: "Digo-vos isto agora... para que, quando acontecer, creiais que Eu sou" (Jo 13,19). Com razão, à profecia se pospõe o dom das curas; mas por que também ao da doutrina? Porque anunciar a palavra da pregação e semear a piedade no ânimo dos ouvintes, não é a mesma coisa que operar milagres, porque estes se realizam por causa do dom.

Quem ensina com a palavra e o exemplo da vida é maior. São denominados doutores os que ensinam com as obras e instruem com a palavra. Isso fez com que os apóstolos fossem apóstolos. Nos primórdios, de fato, alguns menos importantes tiveram aqueles dons, como os que diziam: "Senhor, não foi em teu nome que profetizamos... e fizemos muitos milagres?" e em seguida ouviam a resposta: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (Mt 7,22-23). Um perverso jamais utilizaria duplo modo de ensino: por obras e por palavras. Não é de admirar que o Apóstolo dê precedência aos profetas, pois não se refere simplesmente aos profetas, mas aos que pela profecia ensinaram e tudo falaram tendo em vista o bem comum, conforme nos esclarece na continuação: *"Da assistência, do governo"*. O que significa: *"Assistência"*? Proteger os fracos. Mas isso é carisma? Dize-me. Sem dúvida, é um dom de Deus proteger e distribuir bens espirituais; aliás, ele denomina carismas também muitas ações nobres nossas, a fim de nos preservar do desânimo, mas assinala que sempre precisamos do auxílio de Deus, ensina-nos a gratidão e assim nos torna mais propensos a agir, e desperta planos de ação.*"O dom das línguas."* Vês onde coloca esse dom, sempre lhe destinando o último lugar? Aliás, uma vez que da lista se depreendem as grandes diferenças, e deste modo instigava-se a inveja dos que tinham carismas menores, por fim ataca-os com grande vigor, enquanto assaz lhes comprova que não se achavam muito diminuídos. Com efeito, era provável que eles, ao ouvirem tal explicação, replicassem: E por que não somos todos apóstolos? Acima empregou palavras de consolo, assinalando que necessariamente devia ser assim, de vários modos e sob a figura do corpo: *"O corpo não se compõe de um só membro"*; e ainda: *"Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo?"*; e foram concedidos para proveito de todos: *"Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos"*; e enfim, que todos haurem do mesmo Espírito e o carisma é indébita dádiva: *"Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo"*; e a manifestação do Espírito se realiza através de todos: "*Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito*; e são configurados conforme apraz ao Espírito e a Deus: "*Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz"*; e: *"Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade*"; e os menores são igualmente necessários: "*Os membros do corpo que parecem mais fracos, são os mais necessários"*; e são igualmente necessários, porque são integrantes do corpo tanto quanto os maiores: "*O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos*"; e os maiores precisam dos menores:*"Nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: Não preciso de vós*"; e recebem maior honra: *"Aqueles que parecem menos dignos, são os que cercamos de maior honra*"; e porque têm comum e igual solicitude: *"Os membros tenham igual solicitude uns para com os outros"*; e uma só é a glória e uma só a dor de todos eles: "*Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria".* Acima, portanto, consolara desta maneira; aqui, porém, emprega palavra severa e repreensão. Com efeito, segundo o supramencionado, nem sempre se deve consolar, nem sempre fechar a boca. Por isso também ele, visto que havia consolado muito, por fim ataca-os vigorosamente, dizendo:

29. *Porventura são todos apóstolos? Todos profetas? Todos têm o dom das curas?*

Não se detém no primeiro ou segundo carisma, mas procede até o último, ou dizendo: Não posso ser tudo, segundo outra passagem: *"Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo?"*, ou daí

retira outra palavra de consolo. Qual? Mostrar que se trata de menores e maiores, porque nem a estes últimos foram outorgados os dons todos. Por que, pois, ficas pesaroso de não possuíres o dom das curas? Pondera que, apesar de bastante menor, muitas vezes não possui teu dom aquele que tem algo de maior. Por isso disse o Apóstolo:

30. *Todos falam línguas? Todos as interpretam?*

Como Deus a todos não concedeu totalmente os grandes dons, mas um a estes, outro àqueles, assim também fez relativamente aos menores, que não ofereceu a todos. Agiu desta forma, promovendo com isto grande concórdia e caridade, a fim de que cada qual, necessitado do próximo, se una a seu irmão. Conserva idêntica disposição relativamente às artes, aos elementos, às plantas, aos nossos membros, em tudo enfim.

Após, segue-se um consolo muito oportuno que pode reanimar e tranquilizar a alma dolorida. Qual?

Hino à caridade

31. *Aspirai aos dons mais altos. Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos.*

Assim se expressando, sugere que houve motivo para que eles recebessem dons menores e que está em seu poder, se quiserem, receber os maiores. Tendo dito: *“Aspirai”*, reclama deles aplicação e desejo das coisas espirituais. E não disse: maiores, e sim: *“mais altos”*, isto é, mais úteis, mais proveitosos. Quer dizer: continuai a aspirar pelos carismas, e eu vos mostrarei um caminho para os carismas. Não disse: carisma, e sim: *“caminho”* para valorizar o que vai dizer. E não vos aponto um, dois ou três carismas, mas um caminho que conduz a todos eles; e não apenas um caminho, mas ainda com hipérbole, aberto igualmente a todos. Não sucede como aos carismas, dos quais uns são doados a estes e outros àqueles, mas nem todos são concedidos a todos; aqui a dádiva é universal. Por isso convida a todos: *“Aspirai aos dons mais altos. Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos”*, referindo-se à caridade para com o próximo. Em seguida, empreende a exposição a respeito e após tecer-lhe belo elogio, primeiro corta uma comparação com os carismas, apontando com grande cautela que sem ela nada são. Na verdade, se logo tratasse da caridade, e dissesse depois: *“Passo a indicar-vos um caminho”*, isto é, a caridade, e não emitisse uma comparação, alguns teriam zombado, por não apreenderem claramente a sua força, e ainda cobiçosos dos dons. Por essa razão, não a nomeia imediatamente, mas tendo primeiro despertado com a promessa a atenção do ouvinte, diz: *“Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos”* e incita o desejo; nem assim, contudo, logo entra no assunto, mas aguça o desejo, primeiro disserta acerca dos mesmos e acentua que, sem a caridade, de nada valem; sugere-lhes a máxima necessidade de se amarem mutuamente, porque a omissão da caridade será a causa de todos os males. Talvez assim e com razão ela parecerá grande; na verdade, os carismas não somente não os uniram, mas até separaram os que estavam congregados; por si, contudo, a caridade haveria de conciliar os que pelos carismas se haviam dividido, congregando-os num só corpo. O Apóstolo não o declara imediatamente, mas apresenta o que eles principalmente desejavam, a saber, que a caridade é dom, e caminho excelente para todos os carismas. Por isso, embora não queiras fazer o que deves, amar o irmão, a fim de receberes um sinal maior e um copioso carisma, acolhe a caridade. E observa de onde o Apóstolo começa. Primeiro daquele que aparentemente era o mais admirável e importante entre os coríntios, a saber, o dom das línguas; e aduzindo o carisma, não trata dele só enquanto o possuíam, mas vai muito além. Na verdade, não disse: Se falar as línguas, e sim:

13,1. *Ainda que eu falasse as línguas dos homens*

O que significa: *“dos homens”*? De todos os povos do orbe. E não lhe basta esta hipérbole, mas vai

muito mais longe, acrescentando: e dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine.

Vês até onde rebaixa e lança por terra o carisma tão estimado? Não afirmou somente: Nada sou, mas: “*Seria como um bronze que soa*”, algo de insensível e inanimado. Como, porém, um bronze que soa? Emite, de fato, um som, mas em vão e inutilmente, para nenhum proveito. Além de nada realizar, pareço incomodar e pesar a muitos. Vês assemelhar-se aos seres inanimados e insensíveis quem está desprovido de caridade? Aqui se reporta à língua dos anjos, sem atribuir, contudo, um corpo aos anjos, mas o que diz é o seguinte: embora fale da maneira como os anjos costumam se comunicar entre si, sem a caridade nada sou; ao invés, faço-me oneroso e molesto. Diz o mesmo em outra passagem: “Ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra” (Fl 2,10). Não se exprime desse modo porque está atribuindo aos anjos joelhos e ossos. De forma alguma. Mas quer sublinhar a intensa adoração, da maneira em que nós a exprimimos. Assim nesse lugar não chamou de língua o órgão carnal, mas quis representar o mútuo colóquio dos anjos pelo modo que conhecemos. Em seguida, a fim de tornar a oração mais agradável, não se detém no dom das línguas, mas avança para os demais carismas, rejeita a todos se a caridade faltar, e esboça a imagem da caridade. E como quer ampliar a oração, começando dos menores, sobe aos maiores. Quando queria indicar sua ordem, colocou no fim o dom das línguas; agora enumera-o primeiro, subindo, segundo disse, aos poucos até os maiores. Pois, tendo se referido às línguas, logo passa à profecia, e diz:

2. *Ainda que eu tivesse o dom da profecia,*

E ainda com hipérbole. Como ali não se referiu às línguas, mas às línguas de todos os homens, e adiantou-se até as dos anjos, e então explicou que este carisma nada é sem a caridade, igualmente aqui não somente alude à profecia, mas à suma profecia. Pois, tendo dito: “*Ainda que eu tivesse o dom da profecia*”, fez o acréscimo: o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, com ênfase apresenta também aqui o carisma.

Depois, progride em direção aos restantes. E para evitar que, enumerando cada um, se torne aborrecido, apresenta a mãe e fonte de todos, e novamente com hipérbole, nesses termos: *ainda que tivesse toda a fé*.

Não se contentou com afirmá-lo, mas ainda completou com o que Cristo declarou ser o máximo: *a ponto de transportar os montes, se não tivesse a caridade, eu nada seria*.

Pondera que ainda aqui diminuiu a dignidade de dom das línguas. Efetivamente, destacou muito o lucro da profecia, pelo fato de conhecer os mistérios e ter toda ciência e o grande feito da fé por transportar montanhas, enquanto ao dom das línguas, apenas cita o carisma e encerra o assunto. Considera que em poucas palavras abraça todos os carismas, mencionando a profecia e a fé, pois os milagres se realizam com palavras ou obras. Mas, por que asseverou Cristo que a mínima porção de fé pode transferir montes? – De fato, aponta para um mínimo, ao declarar: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: ‘Transporta-te daqui para lá, e ele se transportará’” (Mt 16,20). – Paulo, porém, afirma que esta é “*toda a fé*”. O que dizer? Menciona a ação de transportar montanhas, porque é grandiosa e não porque esgotasse o vigor contido na fé, mas porque aos mais rudes esse feito parecia grande devido ao volume material; daí vem que exalta a proposição. Quer dizer o seguinte: Se tiver toda fé e se puder transportar montes, mas não tiver caridade, nada sou.

3. *Ainda que eu distribuísse todos os meus bens em sustento dos famintos, ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria.*

Ah! Que hipérbole! No entanto, explicita com um suplemento. Não disse: Se desse metade, ou duas, ou três partes de meus bens aos pobres, e sim: “*Todos os meus bens*”. Nem disse: Se desse, mas:

“Ainda que distribuísse em sustento” de sorte que une às despesas também a solicitude no serviço.

“Ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas”. Não disse: Ainda que eu morra, mas aqui igualmente com hipérbole. Menciona a pior espécie de morte, a saber, ser queimado vivo, e disse que também isso sem a caridade não é ação grandiosa. Por conseguinte conclui: *“Isso nada me adiantaria”*. Mas ainda não teria desenvolvido toda a hipérbole enquanto não apresentasse os testemunhos de Cristo acerca da esmola e da morte. Quais são estes testemunhos? Ele asseverou ao rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres... Depois, vem e segue-me” (Mt 19,21); e tratando da caridade para com o próximo, disse: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos (Jo 15,13). Daí se evidencia que também diante de Deus este é o maior bem. Ora, eu digo, afirma Paulo, que mesmo que por causa de Deus entreguemos a vida, e nem apenas entreguemos, mas até sejamos queimados (é o que significa a palavra: *“Ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas”*), não retiraremos grande lucro se não amarmos o próximo.

Em consequência, não é de admirar que assegure não adiantarem muito os carismas sem a caridade, porque a vida é preferível aos carismas. De fato, muitos que manifestaram posse de carismas, por se terem pervertido, foram castigados; assim aqueles que em nome de Cristo profetizavam, expulsavam muitos demônios, e faziam muitos milagres, qual Judas, o traidor. Outros fiéis, porém, de vida pura, não precisaram de outro meio para a salvação. Se, segundo afirmei, carecem dos carismas, nada de espantoso. Certamente é grande hipérbole, e produz grande dificuldade afirmar que uma vida cuidadosa e pura nada pode sem a caridade, principalmente quando Cristo parece dar grande valor a ambas, isto é, à renuncia dos bens e aos perigos do martírio. Pois ao rico asseverou, conforme mencionei: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres... Depois, vem e segue-me” (Mt 19,21); e aos discípulos, falando do martírio, declarava: “O que perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la”; e: “Quem der testemunho de mim diante dos homens, também eu darei testemunho dele diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 16,25 e 10,32). Efetivamente, é grande a aflição dessa ação preclara, e quase ultrapassa a própria natureza; sabem-no muito bem os que foram dignos dessas coroas. Palavra alguma pode exprimi-lo, de tal forma é peculiar à alma generosa e em extremo admirável.

Entretanto, esse feito extraordinário não adianta muito sem a caridade, afirma Paulo, mesmo se unido à renúncia aos bens. Por que, então, assim se expressa? Tentarei explicá-lo, interrogando primeiro de que maneira aquele que dá todos os bens em alimento pode não ter caridade. Na verdade, quem está disposto a entregar o corpo às chamas, embora tenha os carismas, talvez não ame. Mas como pode não amar quem não só dá os seus bens, mas também os dispende em alimento? O que responder? Talvez Paulo suponha existir o que é irreal, segundo gosta de fazer quando procura enunciar uma hipérbole, conforme agiu ao escrever aos gálatas: “Entretanto, se alguém – ainda que nós mesmos ou um anjo do céu – vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema” (Gl 1,8). Ora, nem ele, nem um anjo faria tal coisa; mas, para destacar a excelência do fato, alude a um caso que nunca haverá de suceder. E ainda escreve aos romanos: “Nem os anjos nem os principados, nem as potestades... poderão nos separar do amor de Deus” (Rm 8,38-39). Os anjos não o fariam; mas aqui também supõe o que não existe, segundo também o que se segue: “Nenhuma outra criatura”. Embora não haja outra criatura, porque abrange a todas, as que estão no alto e embaixo, quando diz: Todas. Mas aqui supõe até o que não existe, manifestando seu desejo por meio de uma hipérbole. Aliás, faz o mesmo, ao dizer: *“Ainda que alguém distribuísse todos os bens, se não tivesse a caridade, nada lhe adiantaria”*. Em todo caso, ou é isso o que quer dizer, ou que os doadores estejam unidos na caridade aos beneficiados, não deem simplesmente sem comiseração, e sim com compaixão, afeição, boa vontade e condoídos dos indigentes. Justamente por isso foi estabelecida a esmola pela lei

de Deus. De fato, Deus poderia sem cooperação alguma alimentar os pobres, mas, para nos unir na caridade e despertar mutuamente o amor ao próximo, ordenou que os alimentássemos. Em consequência, diz também em outra passagem: “A boa palavra é melhor do que o presente”. E: “Uma palavra não vale mais do que um rico presente?” (Ecl 18,16-17). E Deus disse: “Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício” (Mt 9,13). Costuma-se amar os beneficiados e esses serem gratos aos benfeitores. Daí se origina um vínculo de amizade e a lei o ordena. Mas, pergunta-se por que, tendo Cristo declarado a perfeição de ambas as ações, o Apóstolo assegura serem imperfeitas sem a caridade. Não é contradição. De forma alguma. Está perfeitamente de acordo com ele. Pois ao rico não apenas disse: “Vai, vende os teus bens e dá aos pobres”, mas concluiu: “Depois, vem e segue-me”. No seguimento de Cristo, nada mais comprova que alguém é seu discípulo do que o amor ao próximo. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). E ao declarar: “Quem perder sua vida por mim, achá-la-á” (Mt 10,39); e: “Quem der testemunho de mim diante dos homens, também eu darei testemunho dele diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 10,32).

Não pretende afirmar que tal não sucede através da caridade; refere-se à recompensa destinada a tais esforços. Em outra passagem insistiu bastante que a caridade igualmente deve acompanhar o martírio, exprimindo-se desta maneira: “Do cálice que eu beber, vós bebereis, e com o batismo com que eu for batizado, sereis batizados” (Mc 10,39), isto é, sofrereis o martírio, sereis mortos por minha causa, todavia, “sentar à minha direita e à minha esquerda” (não que alguns se sentem à direita ou à esquerda, mas se trata de preeminente e honrosa posição), “não cabe a mim concedê-lo, mas é para aqueles a quem está preparado” (ib. 40).

Depois, no intuito de indicar para quem está preparado, chama-os e diz: “Aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos” (Mc 10,44), apontando para a humildade e a caridade. De fato, ele reclama a máxima caridade. Por isso, não se interrompe nesse ponto, mas adita: “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45), monstrando que o amor deve chegar até a suportar a morte pelos seres amados. Eis qual é o amor supremo. Assim também declara a Pedro: “Se me amas, apascenta as minhas ovelhas” (cf. Jo 21,17). E a fim de vos certificardes do valor deste amor, vamos descrever a caridade, porque talvez jamais a tenhamos olhado de perto; e pensemos quantos bens não se originariam se ela fosse em toda parte superabundante. Não seriam necessárias leis, penalidades, castigos, nem algo de semelhante. Com efeito, se todos amassem e fossem amados, nenhuma injustiça se cometeria; mas afastar-se-iam para bem longe morticínios, lutas, guerras, sedições, rapinas, avareza e todos os males, e dos vícios ignorar-se-ia até o nome. Os milagres, porém, não atuam assim; ao invés levam à vanglória e arrogância os incautos.

E o mais admirável na caridade é o seguinte: as outras virtudes aliam-se a alguns vícios. Por exemplo, o que se desfez das propriedades muitas vezes por isso se orgulha; o eloquente, não raro, acha-se contaminado pela ambição da glória; o humilde, devido a isso, interiormente por vezes se ensoberbece; a caridade, porém, está livre de toda essa malícia, porque ninguém se exalta em contraposição ao ser amado. Não me tragas apenas um só que ame, mas todos juntamente e então verificarás a força do amor; ou antes, se te apraz, imagina primeiro um ser amado e um amante, amante que ama como convém. A terra para ele é como o céu, frui em toda parte de tranquilidade, e tece para si inúmeras coroas. Ele conservará a alma isenta de inveja, ira, ciúme, arrogância, vanglória, concupiscência, amor desordenado e paixão. Ninguém quer infligir um mal a si mesmo, nem este ao próximo. Nesse estado acha-se em companhia do próprio Gabriel, embora ainda esteja na terra. E é tal quem possui a caridade. Quem opera milagres, e tem perfeita ciência sem a caridade, mesmo que

ressuscite inúmeros mortos, não alcançará grande lucro, porque se mantém isolado dos outros, e não adere à união com nenhum dos companheiros de serviço. Por isso Cristo declarou que amar o próximo é sinal da caridade perfeita. Pois disse: “Se tu me amas mais do que estes, ó Pedro, apascenta as minhas ovelhas”. Vês que também aqui novamente insinua que a caridade é maior do que o martírio. De fato, se um homem tiver um filho querido, e estiver pronto a dar a vida por esse filho e de outro lado, se ele ama o pai, mas não tem os mesmos sentimentos para com seu próprio filho, ofenderia em extremo o pai, que não aceitaria que ele o amasse desprezando o neto. Se isso sucede entre pai e filho, muito mais entre Deus e os homens: Deus é o mais amoroso dos pais. Por isso, tendo afirmado: “Amarás ao Senhor teu Deus... Esse é o grande e o primeiro mandamento. O segundo, contudo”, não calou, mas adicionou: “é semelhante a esse: Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,37.39). E observa com que espécie de hipérbole o exige. Efetivamente, a respeito de Deus, diz: “De todo o coração”, enquanto, relativamente ao próximo, ordena: “Como a ti mesmo”, o que equivale àquela expressão: “De todo o coração”. Se isso fosse cuidadosamente observado, jamais se conheceria escravo, ou livre, príncipe ou súdito, rico ou pobre, pequeno ou grande; nem o diabo o conheceria. Não diria um demônio e mais um outro, mas antes, cem ou inúmeros demônios nada poderiam onde existe caridade. O feno suportaria melhor que se lhe tocasse fogo do que o diabo toleraria a chama da caridade. Ela é mais forte do que uma muralha, mais dura do que o diamante; e, se mencionares outra matéria mais resistente, a firmeza da caridade ultrapassa a todas. A essa nem as riquezas, nem a pobreza vence; ou melhor, se houvesse caridade, não haveria pobreza, nem excessivas riquezas, mas somente as vantagens de ambas. Ora, assim tiraríamos proveito da abundância das riquezas, no entanto livres das preocupações; nem nos atormentaríamos com a solicitude acerca das riquezas, nem com o medo da pobreza.

E por que falar do proveito da caridade? Considera a própria caridade em si como é grande, que alegria proporciona, quanta graça estabelece na alma; esta é a sua principal prerrogativa. Na verdade, outras espécies de virtudes incluem luta, por exemplo, o jejum, a temperança, as vigílias com a inveja, a concupiscência com o menosprezo; entretanto a caridade traz grande proveito, muito prazer, nenhum trabalho. À semelhança de excelente abelha, de toda parte coleta coisas boas, que depõe na alma daquele que ama. A um escravo, a caridade torna a servidão mais suave que a liberdade. Quem ama não se alegra tanto de dar ordens quanto de recebê-las, embora seja agradável mandar. A caridade altera a própria natureza das coisas, e traz nas mãos todos os bens, mais carinhosa que uma mãe, mais opulenta que uma rainha; torna leve e fácil o que é laborioso, facilita a virtude, e manifesta que o pecado é muito amargo. Atenção! Parece desagradável dar, todavia ela o faz suave; receber o alheio parece delicioso e ela não lhe deixa a aparência de aprazível, aconselhando fugir de tal ato enquanto mau. Ainda maldizer parece suave a muitos; ela, porém, o declara amargo e doce o bendizer. Na verdade, nada mais suave do que elogiar o ser amado. Ainda, a ira acarreta certo prazer; aqui, porém, de forma alguma, mas fica enervada. Mesmo que o ser amado venha causar incômodos ao que o ama, jamais surge a ira, e sim lágrimas, exortações e súplicas, de tal modo mantém-se longe de se exasperar. Ao presenciar uma falha, chora e fica penalizado; mas tal dor ocasiona certo prazer, porquanto as lágrimas e o pesar da caridade são mais suaves do que a alegria e o riso. Não se sentem mais confortados os que riem do que os que choram pelos amigos. E se não acreditas, tenta enxugar-lhes as lágrimas, e eles acolheriam mal, considerariam insuportável. Ora, retrucas, o amor une-se a um prazer desordenado. Absolutamente, não. Fala corretamente, ó homem. Nada tão puro como a caridade genuína.

Não me fales daquela trivial e vulgar, mais doença do que caridade verdadeira, mas da desejada por Paulo, que visa ao bem do ser amado e verificarás ser mais ardorosa do que o amor dos pais. Ora,

assim como os que ambicionam as riquezas, não querem gastá-las, mas consideram mais agradável viver com parcimônia do que vê-las diminuir, também o afeiçoado a outrem há de preferir inúmeros males a vê-lo ferido. Como, então, replicas, aquela egípcia, que amava a José, quis ultrajá-lo? Porque lhe dedicava amor diabólico. José, contudo, não o tinha, e sim a caridade reclamada por Paulo. Reflete, portanto, sobre a caridade donde provinham suas palavras e o que ela lhe dizia: Ultraja-me e torna-me adúltera; injuria meu marido, subverte toda a casa, e exclui a confiança em Deus. Palavras de quem não o amava, nem a si mesma. Ele, porém, porque amava sinceramente, repeliu tudo isso. E para saberes qual a sua preocupação, hás de deduzir da exortação que fez. Não somente a repeliu, mas admoestou-a a extinguir aquela chama: "Estando eu aqui, meu senhor não se preocupa com o que se passa na casa" (Gn 39,8). Logo traz-lhe a lembrança do marido para incutir-lhe pudor. Não disse: teu marido, mas: "Meu senhor", o que poderia melhor retê-la e levar a pensar quem era, a quem amava, a senhora ao escravo. Pois, se ele é senhor, tu és senhora. Envergonha-te, sendo tal, de falar com o escravo, e pondera de quem és mulher, com quem te queres unir, e para com quem és ingrata, e que eu lhe devo a maior benevolência. Vê como enaltece os benefícios. Uma vez que a impudica estrangeira nada de sublime podia cogitar, incute-lhe pudor com raciocínios humanos, dizendo: "Estando eu aqui, meu senhor não se preocupa com o que se passa na casa", isto é, confere-me inúmeros benefícios, e não posso lesar meu patrão em questões importantes. Fez-me o segundo em sua casa, e "nada me interditou, senão a ti". Aqui, para envergonhá-la, exalta-lhe os sentimentos, com grande respeito. Não se interrompeu, mas ainda incluiu o título que poderia retê-la: "Porque és sua mulher. Como poderia eu praticar tão grande mal?" O que dizes? O marido não está presente, nem sabe que foi ultrajado? Mas Deus vê. Ora, ela nada lucrou com esses conselhos, e quis prendê-lo. Queria satisfazer seu furor, não o fez por amor a José, como se evidencia pelos atos posteriores. Pois estabeleceu um tribunal, acusou, prestou falso testemunho, e entregou à fera aquele que em nada a prejudicara, jogou-o no cárcere; ou antes, à medida que pôde, matou-o, isto é, armou contra ele o juiz. O que aconteceu, então? José era tal? Ao contrário; nem contradisse, nem acusou a mulher. Ora, dizes, não se lhe teria dado crédito. No entanto, era muito amado, como se evidencia não só pelo começo, mas também pelo final. Se aquele estrangeiro não o amasse muito, o teria matado, porque ele ficou calado, sem contradizer. Com efeito, era egípcio e príncipe, e segundo julgava, ultrajado relativamente ao leito conjugal; e da parte de um servo, e servo que recebera tantos benefícios. Mas o amor e a graça, que Deus lhe infundira, venceram tudo isso. Apesar da graça e do amor, se quisesse pleitear em juízo, havia não pequenos indícios, o próprio manto. Se ela tivesse sido violentada, sua túnica devia estar rasgada, o rosto ferido, e não retido o manto. "E vendo que eu levantava a voz e gritava, deixou sua roupa a meu lado, saiu e fugiu" (Gn 39,15). Por que ele o despiu? O que devia fazer aquela que sofria violência? Livrar-se de quem lhe infligia violência. Posso, contudo, não somente desse fato, mas também da continuação deduzir a benevolência e amor de José. Na verdade, quando se viu na necessidade de dizer a causa da prisão e daquelas delongas, nem então publicou a encenação. Qual a sua declaração? "Com efeito, fui arrebatado da terra dos hebreus e aqui mesmo nada fiz" (Gn 40,15). Em parte alguma menciona a adúltera, nem se gloria daquela ação, o que qualquer outro faria, não para se gabar, mas para não parecer que fora lançado no cárcere por causa de algum crime. Se nem os homens que pecam se abstêm de tal acusação, para não carregarem o peso da desonra, não seria digno de admiração aquele que, inocente, não manifesta o amor da mulher, não divulga a falta, e mesmo depois de subir ao trono, e se ter tornado rei de todo o Egito, não se recordou da injúria da mulher, ou reclamou castigo?

Vês como se preocupou. Acaso ela o amava? Não se enfurecera contra ele? Ela não amava a José, mas queria satisfazer a concupiscência; pois se alguém examinar cuidadosamente suas palavras, transpiram furor e morte. O que disse? "Trouxe-nos um hebreu para nos insultar" (Gn 39,14);

exprobrava o benefício do marido, mostrava o manto, tornando-se mais cruel do que as feras. Ele, porém, agiu de modo diferente. E por que me refiro à benevolência para com ela, quando em relação aos irmãos, que quase o haviam suprimido, era tal e jamais proferiu a respeito deles, dentro ou fora, algo de grave. Com razão, disse Paulo que a caridade é a mãe de todos os bens, e a prefere aos milagres e outros carismas. Ora, diante de vestes e calçados de ouro, ainda precisamos de outro indício para reconhecer o imperador; se, contudo, virmos a púrpura e o diadema, nenhum outro sinal de reinado procuramos. O presente caso é idêntico. O diadema da caridade basta para assinalar o verdadeiro discípulo de Cristo, não somente a nós, mas também aos infiéis. "Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13,35). Por essa razão, este é o maior de todos os sinais, porquanto dá a conhecer o verdadeiro discípulo. Realizem eles embora inúmeros milagres, se entre si discordam, serão ridículos aos infiéis; de outra forma, se não operarem milagre algum, mas bastante mutuamente se amarem, diante de todos serão venerados e invencíveis. Igualmente não admiramos a Paulo por ter ressuscitado mortos, nem por causa dos leprosos que purificou, mas porque dizia: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem se escandaliza, sem que eu me abrase?" (2Cor 11,29). Mesmo se acrescentares inúmeros desses sinais, igualmente nada adiantarás. Com efeito, ele afirmava que lhe estava reservada grande recompensa, não devido aos milagres, e sim porque fez-se fraco com os fracos. "*Qual é então o meu salário? É que, pregando o evangelho, eu o prego gratuitamente*" (1Cor 9,18). E, quando se antepõe aos outros apóstolos, não diz: Fiz mais milagres do eles, e sim: "*Trabalhei mais do que todos eles*" (1Cor 15,10). Aliás, até queria morrer de fome, em prol da salvação dos discípulos: "*Antes morrer que... Não! Ninguém me arrebatará esse título de glória!*" (1Cor 9,15). Não era para gloriar-se, mas para que não parecesse uma exprobração. Em parte alguma costuma gloriar-se de suas boas obras, senão induzido pelas circunstâncias; se coagido, denomina-se insipiente.

Quando, acaso, se gloria das fraquezas, das ofensas recebidas, é devido à muita compaixão pelos atribulados, conforme a passagem em que declara: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco?" Estas palavras falam mais do que os perigos e ele as profere no fim, reforçando o sermão. Em comparação com ele, o que merecemos nós que nem mesmo em vista de nosso próprio bem desprezamos as riquezas, nem damos o supérfluo de nossos haveres? Ora, ele não agia desta maneira, mas entregava a alma e o corpo, para que conseguissem o reino aqueles que o apedrejavam e esbofeteavam. Assim, diz ele, Cristo me ensinou a amar, legando o novo mandamento do amor, que ele cumpriu por atos. Na verdade, ele, rei do universo, de natureza divina, não repeliu os homens criados do nada e aos quais conferira mil benefícios, e que o cobriam de opróbrios e escarros. Fez-se homem por causa deles, frequentou meretrizes e publicanos, curou possessos, e prometeu o céu. Apesar de tudo, eles o prenderam, esbofetearam, amarraram, flagelaram, zombaram dele, por fim o crucificaram. Nem assim os abandonou, mas suspenso da cruz, disse: "Pai, perdoai-lhes" este pecado (Lc 23,34). Quanto ao ladrão, que anteriormente o acusava, introduziu no paraíso, e de Paulo, perseguidor, fez um apóstolo; a seus íntimos, os discípulos seus comensais, porém, entregou à morte, por causa dos judeus, que o crucificaram. Recordando conjuntamente as ações de Deus e as dos homens, imitemos esses preclaros feitos, e adquiramos a caridade superior a todos os carismas, a fim de conseguirmos os bens presentes e futuros. Possamos deles nos tornar partícipes pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA TERCEIRA HOMILIA

4. *A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de*

orgulho.

Após ter enunciado que sem a caridade nem a fé, nem a ciência, nem a profecia, nem o dom das línguas, nem o das curas, nem a vida perfeita, nem o martírio têm proveito, na sequência descreve sua imensa beleza, ornando-lhe a imagem com as suas partes, quais outras tantas cores, e compondo cuidadosamente num conjunto as suas divisões. Não percorras, caríssimo, rapidamente as afirmações, mas examina diligentemente cada uma delas, a fim de contemplares o tesouro e a arte do pintor. Considera, portanto, de onde logo começa, e o que apresenta qual primeira causa de todos os bens. Qual é? A paciência, a raiz de toda sabedoria. Por isso afirmava um sábio: "O homem paciente é cheio de inteligência, o impulsivo é muito estulto" (Pr 14,29). E comparando a paciência com uma cidade fortificada, afirma ser mais segura do que esta. É uma espécie de arma invencível, uma torre inexpugnável, que facilmente repele qualquer ataque. Uma centelha que cai num abismo em nada o lesa, enquanto ela rapidamente se apaga; também se algo inopinadamente ocorre na alma paciente, facilmente se extingue, e absolutamente não a perturba. De fato, a paciência é o que há de mais firme; se mencionares um exército, riquezas, cavalos, muralhas, armas e seja o que for, nada dirás de igual à paciência. Na verdade, quem se acha assim armado e cercado, à semelhança de uma débil criança, é frequentemente atacado de ira, derribado, e enche tudo de tumulto e tormenta. O paciente, contudo, de certa maneira instalado no porto, goza de profunda tranquilidade. Mesmo que lhe inflijas um dano, não moves a rocha; mesmo que injuries, não abalas a torre; mesmo que lhe causes um ferimento, não golpeias o diamante. Por isso é denominado "longânime", porque possui largueza e grandeza de alma. O que é amplo também tem o nome de grande. Mas este bem origina-se da caridade, e é muito proveitoso àqueles que o possuem e dele usufruem. Não me fales dos malditos, que praticam os vícios, e visto que nada padecem, tornam-se piores. Isso sucede não devido à paciência, mas por causa daqueles que não a utilizam conforme é justo. Por conseguinte, não me digas que são estes, e sim os mais indulgentes que dela retiram maior lucro. Quando alguns fazem o mal, que não lhes é retribuído de igual forma, admiram eles a mansidão do paciente e retiram grande lucro da sabedoria da doutrina. O Apóstolo não para aí, mas acrescenta outros atos bons, dizendo: *"É benigna"*. Uma vez que existem homens que não empregam a paciência para aumentar a própria sabedoria, e sim para se vingarem daqueles que os irritaram, o Apóstolo diz que a caridade não tem dessas falhas. Acrescenta, portanto: *"É benigna"*. Não pretende reacender a chama nos que se encolerizam contra os que agem mais benignamente, mas procura acalmá-la e extingui-la. Não apenas suporta com generosidade, mas também, curando e exortando, trata da úlcera e elimina a ferida da ira.

"Não é invejosa". Com efeito, é possível haver um homem paciente, invejoso, contudo, e este vício estraga-lhe as boas obras. A caridade, porém, foge também desse vício. *"Não se ostenta"*, isto é, não é arrojada, torna aquele que ama prudente, grave e bem ordenado. A ostentação é vício próprio do amor desonesto. Quem, contudo, conhece a verdadeira caridade, livra-se completamente dos vícios. Efetivamente, quando não se conserva a ira no íntimo, afastam-se a impertinência e as injúrias. De fato, a caridade instalada no íntimo da alma, qual ótimo agricultor, não permite que brotem tais espinhos. "*Não se incha de orgulho.*" Na verdade, observamos que muitos se orgulham bastante dessas prerrogativas, isto é, do fato de não serem invejosos, nem maus, nem pusilânimes, nem petulantes. Esses vícios não coexistem apenas com as riquezas e a pobreza, mas ainda com os bens naturais. Todavia a caridade diligentemente os expurga. Atenção! O paciente nem sempre é bondoso; se não é bondoso existe uma falha e ele corre o risco de incidir na recordação das injúrias. Por isso, a caridade aplicando o remédio, isto é, a benignidade, conserva pura a virtude. Ainda o benigno muitas vezes acomoda-se facilmente. A caridade também corrige esse defeito. "*A caridade não se ostenta, não se incha de orgulho*". O homem bondoso e paciente, muitas vezes, é arrogante. A caridade

igualmente elimina esse vício.

E verifica que o Apóstolo realça-lhe a beleza não apenas com as qualidades que possui, mas ainda mencionando o mal que não encerra. Diz, de fato, que ela conduz à virtude e elimina a malícia; ou antes, desde o início impede que brote. Com efeito, não diz: Sente emulação, mas supera a inveja. Nem ainda: É arrogante, todavia purifica-se deste vício. Afirma, ao invés: *“Não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho”*. E o que é mais admirável, pratica o bem sem esforço, e antes de entrar em guerra ou combate ergue o troféu. Não cobre seu possuidor de suor a fim de alcançar a coroa, mas sem labuta confere-lhe o prêmio. Qual a labuta onde não existe paixão oposta ao pensamento prudente?

5. *Nada faz de inconveniente,*

Por que digo: *“Não se incha de orgulho”*, uma vez que a tal ponto se distancia deste vício que não considera indecoroso sofrer pelo amado dores agudas? Aliás, não disse que age de modo inconveniente, mas suporta com generosidade a vergonha, e sim que nem a sente. Se os ambiciosos de pequenos lucros se submetem a quaisquer opróbrios, e não só não se envergonham, mas até ficam contentes, muito mais o possuidor dessa louvável caridade, não recusará coisa alguma para obter a segurança dos seres amados, ou melhor, não há de se furtar, mas até não se cora de padecer. Entretanto, para não oferecermos um mau exemplo, examinemos a questão relativamente ao próprio Cristo, e então verificaremos a força da palavra. O Senhor Jesus Cristo era cuspido e esbofeteado por servos miseráveis, e não só não considerava opróbrio o que acontecia, mas até exultava, e falava de glorificação. Não considerava indecoroso introduzir consigo no paraíso o ladrão e homicida antes dos outros, e falar com a meretriz, mesmo na presença de seus acusadores, oferecendo-lhe os pés para oscular e o corpo para irrigar com as lágrimas e enxugar com os cabelos, apesar de ter por espectadores os inimigos e adversários. Efetivamente, a caridade *“nada faz de inconveniente”*. Assim, os pais, se acaso forem grandes filósofos e oradores, não se coram de balbuciar juntamente com os filhinhos; e nenhum dos presentes os censura, mas parece-lhes muito belo, e até o aprovam. E se ainda as crianças se tornarem malcriadas, não sentem pudor de continuar corrigindo, cuidando, refreando suas teimosias. Com efeito, a caridade *“nada faz de inconveniente”*, mas, à guisa de asas douradas, encobre todos os delitos. Dessa forma amava a Davi Jônatas, que, ao ouvir da parte do pai: “Efeminado, filho de uma transviada!” (1Sm 20,30), não se corava, apesar de serem palavras muito ofensivas. De fato, significam: Filho de meretriz, louca pelos homens, que acorre aos transeuntes, fraco, mole, em nada viril, uma vergonha para ti mesmo e para a mãe que te deu à luz. Acaso aborreceu-se, escondeu-se envergonhado, apartou-se do amigo? Fez inteiramente o contrário. Elogiava sua amizade, embora se tratasse do rei de então e Jônatas era filho do rei, enquanto Davi era um errante, um prófugo. Nem assim se corou da amizade, visto que a caridade *“nada faz de inconveniente”*. É admirável que, ofendido, não se entregasse à dor e à irritação, mas ainda se alegrasse. Desse modo, após esses eventos, como se estivesse coroado, partiu e abraçou a Davi. A caridade desconhece a ignomínia, e desta forma apraz-se naquilo que é opróbrio para os outros. É ignominioso não saber amar e não estar ao lado do amado no perigo e tudo sofrer pelos amigos. Se digo: Tudo, não penses que me refiro a más ações, tal como se alguém disser que se auxilie a um jovem a obter uma amiga, ou sugerir algo de censurável. Com efeito, esse não ama; e isso recentemente vos mostrei, no caso da mulher egípcia. De fato, ama somente aquele que procura o proveito do ser amado, de sorte que, se alguém não busca captar este bem, embora diga mil vezes que ama, é o pior dos inimigos. Assim também outrora Rebeca, que tinha grande predileção pelo filho, praticou uma fraude e não se corou nem teve medo de ser surpreendida, embora incorresse em grande

perigo, mas até se opôs à hesitação do filho, e disse: "Caia sobre mim tua maldição, meu filho!" (Gn 27,13).

Vês que também uma mulher possui ânimo apostólico? Optava Paulo (se é possível comparar um pequeno com um grande) ser anátema pelos judeus; assim também ela, para que o filho fosse abençoado, consentia em ser amaldiçoada. Cedia-lhe os bens, uma vez que com ele não receberia a bênção. Estava pronta a submeter-se sozinha aos males, porquanto de certo modo se alegrava e insistia, apesar de iminente o enorme perigo, e ansiava pelo término da questão. Temia que, se ele não se antecipasse a Esaú, tornar-se-ia vã sua astúcia. Por isso também encurtou as palavras e insistiu com o jovem, e depois que o deixou contradizer, apresentou o argumento suficiente para persuadi-lo. Não replicou: Falas sem fundamento e receias em vão, porque teu pai envelheceu e perdeu a sensibilidade mais aguda. Mas, o que disse? "Caia sobre mim tua maldição, meu filho!" Apenas não percas a oportunidade, nem estragues a presa, nem renuncies ao tesouro. Entretanto, Jacó não foi um mercenário ao lado do sogro durante catorze anos? Além da servidão, não caiu no ridículo por causa daquela fraude? Como? Acaso se ressentiu? Talvez tenha pensado que era desonroso permanecer na condição de escravo junto dos parentes, visto ser livre, filho de homens livres, e educado liberalmente e ser mais aflitiva ação injuriosa dos conhecidos? De forma alguma. O motivo que o movia era o amor, o qual fazia com que julgasse curto o longo prazo. "Anos, que lhe pareceram alguns dias" (Gn 29,20), tão longe se achava de se afligir e de corar dessa servidão. Com razão, portanto, dizia São Paulo: *"A caridade nada faz de inconveniente"*, não procura o seu próprio interesse, não se irrita.

Tendo dito: *"Nada faz de inconveniente"*, explicita igualmente o modo de nada fazer de inconveniente. Qual é? *"Não procura o seu próprio interesse"*. Aprecia sobretudo o amigo, e então julga indecoroso não poder livrá-lo de uma ação torpe, de sorte que, se for possível socorrer o amigo mesmo que acarrete para si opróbrio, não considera desonroso, porque se identifica com ele. A amizade é tal que o ser amado e o amante não são dois separados, mas de certo modo formam um só homem. Não se realiza tal feito alhures, a não ser por meio da caridade. Não procures obter, portanto, o que é teu, para o encontrares. Quem, de fato, procura seus interesses, não os alcança. Por isso Paulo declarava: *"Ninguém procure satisfazer aos seus próprios interesses, mas aos do próximo"* (1Cor 10,24). O nosso proveito resulta da utilidade do próximo, e o dele, do nosso. Por conseguinte, se alguém enterrar o próprio ouro na casa do próximo, e não quiser ir lá procurá-lo e desenterrá-lo, jamais o verá; assim em nosso caso quem não quiser procurar a própria utilidade incluída na do próximo, não conseguirá as coroas prometidas. Efetivamente, Deus dispôs desta forma a fim de permanecermos mutuamente unidos. Ora, se alguém despertar um menino sonolento para acompanhar o irmão e ele não o quiser fazer espontaneamente, faz entrega ao irmão de um objeto cobiçado e ambicionado, a fim de que o menino, desejoso de o tomar, persiga quem o segura; assim também age Deus. Em tal caso, ele entrega ao próximo o que é útil a cada qual, para que assim acorramos uns aos outros, e não fiquemos divididos. E se o quiseres, observa que ocorre entre nós também o que falamos. Encontro em ti o que me é útil, e em mim o que é proveitoso a ti. É vantajoso para ti aprenderes o que agrada a Deus, mas esse cuidado me foi confiado, a fim de o receberes de mim e seres obrigado a procurar-me. E para mim é vantajoso que tu te tornes melhor, porque receberei grande recompensa. O progresso, contudo, ainda está em teu poder, e por isso sou obrigado a te acompanhar para que te faças melhor e eu receba de ti o que me é proveitoso. Por essa razão, dizia Paulo: "Pois, quem é, senão vós, a nossa esperança?", e ainda: "Nossa esperança, a nossa alegria, a coroa de glória" (1Ts 2,19-20). Os discípulos, portanto, eram a alegria de Paulo e eles tinham no Apóstolo a sua. Por isso, também derramava lágrimas, se acaso os visse em perigo de perdição. Ainda, o bem deles achava-se em Paulo, e por isso assegurava: "Pois é por causa da esperança de Israel que estou carregado de cadeias" (At

28,20); e também: “É por isso que tudo suporto, por causa dos eleitos, a fim de que também eles obtenham a salvação” (1Tm 2,10). Tal se verifica também na vida terrena, pois diz: *“A mulher não dispõe do seu corpo, mas é o marido quem dispõe. Do mesmo modo, o marido não dispõe do seu corpo; mas é a mulher quem dispõe”* (1Cor 7,4). Assim também agimos nós quando queremos prender dois homens um ao outro; não deixamos nenhum a seu arbítrio, mas estendendo uma corrente no meio, fazemos com que um fique preso ao outro. Queres verificar isso entre os magistrados? O juiz não se julga a si mesmo, mas procura o que é útil a outrem. Ainda os súditos procuram o bem do príncipe, pelo respeito, o serviço etc. Os soldados tomam as armas em nosso favor e por nós enfrentam o perigo, e nós por eles assumimos os trabalhos e lhes fornecemos a subsistência.

Se, porém, disseres que cada qual o faz procurando seus interesses, concordo; todavia, através do alheio cuida do que lhe é peculiar. Na realidade, a não ser que o soldado combata em favor daqueles que o nutrem, não há quem lhe administre o sustento; por sua vez, se este último não sustentar o soldado, não há quem o defenda. Vês que a caridade abrange tudo e a tudo provê? Mas não te canses até que apreendas integralmente em que consiste essa cadeia de ouro. O Apóstolo, depois de assegurar: *“Não procura o seu próprio interesse”*, diz em seguida os bens dela oriundos. Quais? *“Não se irrita, não guarda rancor.”* Vê que não só domina os vícios, mas não deixa que seu domínio se estabeleça. Não disse: Irrita-se, na verdade, mas vence a ira, e sim: *“Não se irrita”*; nem: Nada de mal opera, mas nem ao menos concebe a ira. Não só não planeja o mal, mas nem o imagina contra o ser amado. Como o faria, ou como se irritaria se nem ao menos alimenta uma suspeita? Aí está a fonte do amor.

6. *Não se alegra com a injustiça,* isto é, não lhe agrada o mal alheio; e não só, mas o que é muito mais: mas se regozija com a verdade.

Congratula-se com os que agem bem, conforme ordena Paulo: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm 12,15). Dessa forma, não inveja, não se incha de orgulho, uma vez que considera os bens alheios como se fossem propriamente seus. Vês como a caridade faz aos poucos do discípulo um anjo? Isento de ira, puro de inveja e livre de todo vício tirânico, julga-o o Apóstolo além da natureza humana, tendo aportado à impassibilidade dos anjos. Entretanto, não contente com isso, tem algo de maior a dizer, colocando no fim o que é mais forte. Assegura:

7. *Tudo desculpa,* por paciência, benignidade; quer seja oneroso, custoso, quer sejam injúrias, ou golpes, ou morte etc. E isso ainda se constata no que afirma o bem-aventurado Davi. O que, pois, há de mais doloroso do que ver o filho se insurgir, atribuir-se o poder e sedento do sangue paterno? Até essa provação tolerou aquele santo; não admitiu lançar palavras duras contra o parricida, mas, firmemente apoiado na caridade, ao transmitir ordens aos generais, deu prescrições acerca da incolumidade do filho. Por isso ele tudo suporta. Insinua-se aí sua força, enquanto se indica sua bondade pelos seguintes termos: “Tudo espera, tudo crê, tudo suporta”.

O que quer dizer: *“Tudo espera”*? Não perde a esperança de obter qualquer espécie de bens para o amigo; mesmo que ele se mostre malvado, permanece solícito em corrigir, providenciar. *“Tudo crê”*. Com efeito, não apenas espera, mas igualmente crê, porque muito ama; apesar de não advirem os bens esperados e até mesmo o amigo se tornar mais molesto, ele ainda suporta, segundo se diz: *“Tudo suporta”*.

8. *A caridade jamais passará.*

Vês que coroa lhe impõe Paulo, e a preferência por este dom? O que significa: *“Jamais passará”*? Não se rompe, não se dissolve, pois ama a todos. Quem ama, nunca pode odiar, seja o que for que acontecer; este é o seu maior bem. Tal era Paulo e por esse motivo dizia: “Na esperança de provocar o

ciúme dos da minha raça” (Rm 11,14), e continuava a esperar. E exortava a Timóteo: “Ora, um servo do Senhor não deve brigar; deve ser manso para com todos... É com suavidade que deve educar os opositores, na expectativa de que Deus lhes dará... a conversão para o conhecimento da verdade” (1Tm 1,24-25). Mas, dirás, não se devia odiar no caso de serem inimigos e pagãos? A eles não se deve odiar, e sim a doutrina; não o homem, mas as más ações, o ânimo corrupto. De fato, o homem é obra de Deus, enquanto o erro é obra do diabo. Não mistures, portanto, o que pertence a Deus com o que cabe ao diabo. Na verdade, os judeus eram blasfemos, perseguidores, injuriadores e diziam inúmeras calúnias contra Cristo. Então Paulo, que mais do que todos os outros amava a Cristo, os odiava? De forma alguma; ao invés até amava e fazia tudo em favor deles. E ora dizia: “O desejo do meu coração e a prece que faço a Deus em favor deles é que sejam salvos” (Rm 10,1), ora: “Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, em favor de meus irmãos” (Rm 9,3). Assim igualmente Ezequiel, vendo-os ser massacrados, dizia: “Ah, Senhor, vais destruir todo o resto de Israel?” (Ez 9,8) e Moisés: “Agora, pois, se perdoasses o seu pecado...”, perdoa! (Ex 32,31). O que diz Davi? “Não odiaria os que te odeiam, Senhor? Não detestaria os que se revoltam contra ti? Eu os odeio com ódio implacável!” (Sl 139,21-22). Ora, nem tudo o que Davi diz nos salmos foi proferido em nome de Davi; de fato, nesse trecho ele diz: “Acampado nas tendas de Cedar” e: “À beira dos rios de Babilônia nos sentamos e choramos” (Sl 120,5; 137,1); ele, na realidade, não esteve em Babilônia, nem nas tendas de Cedar. Aliás, agora exige-se de nós maior sabedoria. Por isso, quando os discípulos pediram que caísse fogo do céu, como no tempo de Elias, Cristo disse: “Não sabeis de que espírito sois” (Lc 9,55). A Antiga Lei ordenava não somente odiar a impiedade, mas também os próprios ímpios, a fim de que a amizade não fornecesse ocasião para a iniquidade; por isso, proibia os casamentos e convivência com os pagãos e de todas as maneiras os prevenia.

Agora, porém, que fomos chamados a uma mais sábia e elevada atitude, que nos preserva de sofrer dano, ordena admiti-los e consolá-los. Eles não nos prejudicam; ao invés, nós lhes causamos proveito. Como se exprime então? Não se deve odiar, mas ter compaixão. Se odiares, como poderás converter com facilidade o errante? Como hás de orar pelo infiel? Escuta o que declara Paulo, e saberás que importa rezar: “Eu recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças, por todos os homens” (1Tm 2,1). É igualmente claro que então nem todos eram fiéis. E ainda: “Pelos reis e todos os que detêm a autoridade”. É evidente que eles eram ímpios e iníquos. Em seguida, acrescenta o motivo da oração: “Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (ib. 3.4). Por isso no caso de uma mulher pagã unida a um fiel, ele não dissolve o matrimônio. E que união mais estreita do que a do homem e a mulher? “Serão dois numa só carne” (Gn 2,24); e grande é ali a união e ardente o amor. Se, contudo, devêssemos ter ódio aos ímpios e iníquos, iríamos também ter ódio aos pecadores e assim procedendo sempre avante, nós nos separaríamos da maioria dos irmãos, ou melhor, de todos; pois ninguém, é certo, está isento de pecado, ninguém. Pois se fosse necessário odiar os inimigos de Deus, não somente os ímpios, mas também os pecadores deviam ser odiados; e assim nos tornaríamos piores do que as feras, com aversão por todos, inchados de orgulho, como aquele fariseu. Ora, não foi isso que ordenou Paulo. O que prescreveu? “Admoestai os indisciplinados; reconfortai os pusilânimes; suportai os fracos; sede pacientes para com todos” (1Ts 5,14). E como será quando ele declara: “Se alguém desobedecer ao que dizemos nesta carta, notai-o, e não tenhais comunicação alguma com ele” (2Ts 3,14)?

E o que fará a declaração: “Se alguém desobedecer ao que dizemos nesta carta, notai-o, e não tenhais comunicação alguma com ele” (2Ts 3,14)? É sobretudo aos irmãos que se dirige, não, porém, em sentido estrito. E não cortes as palavras subsequentes. Acrescenta-as. Ao dizer: “Não tenhais

comunicação alguma com ele", aditou: "Não o considereis, todavia, como um inimigo, mas procurai corrigi-lo como irmão" (ib. 15).

Vês que ordena odiar o pecado, não o pecador. De fato, dividir-nos é obra do diabo, que assaz se empenha em eliminar a caridade, a fim de cortar o caminho da conversão, e deter o infiel no erro, na inimizade, e em consequência impedir-lhe a salvação. Quando o médico odeia o doente e evita-o, e o doente tem aversão ao médico, acaso haverá de convalescer, se um não chama, e o outro não procura? Por que então, pergunto, tens horror do próximo e dele foges? Por ser ímpio? Ora, então importava aproximar-te, tratar dele, a fim de lhe restituíres a saúde. Se sofre de mal incurável, foi-te ordenado fazer o possível. Também Judas sofria de mal incurável, no entanto Deus não desistiu de corrigi-lo. Tu, portanto, igualmente não te canses. Apesar de ser ingrato o trabalho de libertá-lo da impiedade, receberás a recompensa como se tivesses obtido essa libertação e farás com que ele próprio admire tua mansidão, e assim toda a glória reverterá para Deus. Mesmo que operes milagres, ressuscites mortos etc., os gentios jamais tanto te admirarão quanto ao verificarem que és manso, suave, e de costumes moderados. Não é ação insignificante; enfim, muitos serão libertados do mal. Nada atrai tanto quanto a caridade. Na verdade, por causa deles, isto é, dos sinais e milagres, serás invejado, enquanto por causa da caridade, serás admirado e amado, e os que te amam haverão de progredir e abraçar a verdade. Se, porém, algum não se tornar fiel rapidamente, não te espantes, não insistas, nem procures obter logo um resultado; de certo modo que ele te louve e ame nesse ínterim, depois progredirá. E para bem apreenderes o quanto é grande essa ação, escuta como também Paulo se justifica perante o juiz infiel, pois declara: "Julgo-me feliz por ter hoje de me justificar diante de ti" (At 26,2). Não se expressava desse modo a fim de adulá-lo, de forma alguma, mas desejoso de lucrá-lo por meio da mansidão. E em parte o ganhou, e captou a benevolência do juiz que até então o julgava criminoso, e o mesmo que fora conquistado diante de todos os presentes confessou em alta voz que fora vencido: "Ainda um pouco e por teus raciocínios fazes de mim um cristão!" (At 26,28).

Qual a resposta de Paulo? Lançou mais longe a rede e disse: "Não somente tu, mas todos aqueles que hoje me escutam, tornem-se como eu, exceto essas cadeias" (ib. 29). Por que dizes, Paulo: "Exceto essas cadeias"? E que confiança te restará, se te coras e delas foges, e isto na presença de tantos homens? Acaso em tuas cartas não te glorias sempre acerca delas, não te denominas prisioneiro, e levas para toda parte essas cadeias qual diadema? O que aconteceu para agora depreciares os vínculos? Não os deprecio, diz ele, nem me envergonho, mas adapto-me à fraqueza deles, porque ainda não podem compreender por que me glorio. Aprendi de meu Senhor que não se coloca "remendo de pano novo em roupa velha" (Mt 9,16), por isso me expressei dessa forma. Com efeito, nossa doutrina é mal recebida por eles, e a cruz malvista. Se ainda adiciono os vínculos, a repulsa será maior. Por isso, omito-os a fim de ser bem acolhido. Efetivamente, parece-lhes que estar carregado de vínculos é ignomínia, porque ainda não degustaram a glória que constituem entre nós. Convém condescender. Com efeito, se aprenderem a verdadeira sabedoria, então reconhecerão a beleza desses ferros e o esplendor desses vínculos. Dissertando sobre outros assuntos, denomina-os graça, dizendo: "Pois nos foi concedida, em relação a Cristo, a graça não só de crermos nele, mas também de por ele sofrermos" (Fl 1,29). Então, porém, visava somente a que os ouvintes não se envergonhassem da cruz. Assim, avança mais. De fato, ao se introduzir uma pessoa no palácio real, ela não é forçada a observar o que está dentro antes de ver os pórticos fora, nem lhe parecerá admirável o exterior a não ser que venha a conhecer tudo por dentro. Portemo-nos também nós relativamente aos pagãos todos com condescendência, com caridade. Essa, de fato, é grande mestra, capaz de reconduzir do erro, compor os costumes, abrir caminho à filosofia, das pedras criar homens. E se queres aprender qual a sua força, apresenta-me um homem tímido, covarde, que tem medo até das sombras; um colérico, áspero, mais

parecido com uma fera do que com um homem; um impuro e libertino, cheio de todos os vícios. Confia-o às mãos da caridade, e introduze-o nesta escola, e logo verás aquele tímido e meticuloso, transformar-se em viril, magnânimo, e ousado em tudo, sem dificuldade. O mais admirável, porém, é o seguinte: continua inalterável a natureza, e sobre a própria alma tímida a caridade mostra o seu poder. É comparável a uma espada de chumbo, não de aço, a qual, embora conservando a natureza do chumbo, seria cortante como o aço. Atenção! Jacó era um homem simples, vivia em casa, inexperiente de fadigas e perigos, de vida sossegada e livre, e como uma virgem abrigada no aposento ficava dentro e no máximo devia guardar a casa, livre do movimento e tumulto externo etc., sempre quieto e tranquilo. E então? Depois que se acendeu a chama do amor, aquele homem simples e caseiro se transformou em resistente e laborioso. Não sou eu que o digo, mas ouve o próprio patriarca. Acusando o sogro, disse: "Eis que há vinte anos que estou contigo". E como decorreram estes vinte anos? Ele mesmo completa: "Durante o dia devorava-me o calor, à noite o frio, e o sono fugia-me dos olhos" (Gn 31,28.40). Dessa forma se exprimia aquele homem simples, que vivia em casa, sossegado. Evidencia-se que era tímido porque na expectativa de encontrar-se com Esaú, morria de medo. Todavia àquele tímido o amor tornou mais audacioso que o leão. Pois, qual obstáculo postou-se adiante de todos, pronto a ir primeiro ao encontro daquele que, segundo sua opinião, era feroz e respirava morticínio, e defender as mulheres com o próprio corpo. Queria ser o primeiro na linha de batalha a enfrentar quem lhe causara temor e tremor. O amor das mulheres era mais forte do que o temor. Vês que, sendo tímido, de repente se fez audaz, sem alterar seu modo de ser, mas fortificado pelo amor? Pois evidencia-se, pelas mudanças de lugar em lugar, que ainda continuava tímido. Mas, ninguém entenda que essas palavras acusam o justo. De fato, não é pecado ser tímido porque se origina da natureza, e sim por medo agir contra o dever. É possível, na verdade, que um homem naturalmente tímido se torne forte e magnânimo devido à piedade. O que sucedeu a Moisés? Não fugiu de medo de um só egípcio, e foi para o exílio? Entretanto aquele fugitivo, que não suportou as ameaças de um só homem, depois que degustou o mel da caridade, de modo excelente e sem coação alguma, prontificou-se a perecer juntamente com o povo amado. Disse ele: "Agora, pois, se perdoasses o seu pecado... Perdoa! Se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste" (Gn 32,32). De resto, são desnecessários outros exemplos de que o amor transforma um homem cruel em manso, e um libertino num homem casto. É evidente a todos. Seja mais selvagem do que uma fera, o amor o converte em mansa ovelha. Com efeito, o que havia de mais cruel e furioso do que Saul? Quando, porém, a filha soltou seu inimigo, nem uma palavra amarga proferiu contra ela; e ele que matara quase todos os sacerdotes por causa de Davi, vendo que a filha o deixara sair de casa e apesar da fraude preparada por ela, nenhuma palavra de indignação pronunciou, detido pelo freio mais poderoso do amor. A caridade costuma amansar os homens, e também produzir homens honestos. Se alguém ama sua mulher como deve, por mais inclinado à libertinagem que seja, jamais verá uma outra, por amor à sua, pois diz a Escritura: "O amor é forte, é como a morte!" (Ct 8,6). Por conseguinte, a fornicação não provém senão da falta de amor. Visto que a caridade gera todas as virtudes, plantemo-la com todo cuidado na alma para que nos confira muitos bens, e colheremos frutos ubertosos, pois ela é sempre verdejante, não murcha jamais. Assim, portanto, alcançaremos os bens eternos. Possamos consegui-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA QUARTA HOMILIA

8. *Quanto às profecias, desaparecerão, quanto às línguas, cessarão, quanto à ciência, também desaparecerá.*

O Apóstolo, depois de ter demonstrado a excelência da caridade, porque os carismas e as ações importantes da vida dela carecem, e após ter enumerado todas as suas qualidades e provado que é o fundamento da perfeita sabedoria, em terceiro lugar, expôs a sua dignidade. E assim age, ora para persuadir aos que se julgavam diminuídos que, de posse dela, poderiam obter o principal efeito dos milagres, em nada seriam inferiores aos detentores dos carismas, e até os superariam, ora também para reprimir os que por causa dos carismas maiores se exaltavam, e sublinha que nada seriam sem a caridade. Dessa forma, amar-se-iam mutuamente, sem inveja e arrogância, e ainda o amor recíproco expulsaria para longe esses vícios, visto que a caridade *"não é invejosa, não se ostenta"*. Assim, de todas as partes cercá-los-ia de muralha firmíssima, e de múltipla concórdia que curaria todas as doenças e se fortificaria. Para tanto, revolve inúmeros raciocínios com que lhes alivia o aflitivo desânimo. Na verdade, é um mesmo Espírito que dá, assegura ele, doa segundo a utilidade, distribui conforme lhe apraz, e divide gratuitamente, sem nenhuma coação. Seja pequeno o que recebeste, igualmente és membro do corpo e com isso usufruis de grande honra. Precisa de ti que tens menos aquele que recebe mais. O máximo carisma e o caminho mais excelente, contudo, é a caridade. Na verdade, proferia estas coisas, estreitando-os entre si por duplo vínculo, para que não julgasse o possuidor da caridade ter de menos, e os que, correndo após ela, a alcançassem não estivessem sujeitos a defeitos humanos por possuírem a raiz dos carismas, ou porque, nada tendo, não poderiam disputar. Pois, quem alguma vez foi aprisionado pela caridade, liberta-se de se tornar contencioso. Daí, após manifestar-lhes quantos bens haveriam de recolher, descreve seus frutos, reprimindo-lhes as falhas através desses elogios. De fato, cada uma das enunciações era remédio suficiente para curar-lhes as feridas. Por isso dizia: "*É paciente*", em oposição aos que entre si disputam. *"É benigna"*, contra os que discordam entre si e os pérfidos. *"Não é invejosa"*, contra os que invejam os melhores dotados.*"Não pratica o mal"*, contra os que estão divididos. *"Não se incha de orgulho*, contra os que se exaltam em confronto com os demais. "*Nada faz de inconveniente"*, contra os que não querem condescender. *"Não procura o seu próprio interesse"*, contra os que desprezam os demais. *"Não se irrita, não guarda rancor"*, contra os que ultrajam. *"Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade"*, novamente contra os invejosos. *"Tudo desculpa*, contra os que armam insídias.*"Tudo espera"*, contra os que desesperam.*"Tudo suporta... Jamais passará"*, contra os que facilmente discordam. Tendo sempre e com hipérbole, portanto, revelado que ela é grande, novamente a outro título o faz, enaltecendo por meio de outra comparação a sua dignidade, nesses termos: *"Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão"*. Se, pois, ambas foram introduzidas em razão da fé, e esta já se havia propagado por toda a terra, seria supérfluo utilizá-las. Mas a mútua caridade não cessará, ao contrário crescerá agora e no futuro, e então mais do que agora. Aqui existem muitas coisas que enfraquecem a caridade: riquezas, negócios, achaques corporais, enfermidades espirituais; no além, nada disso haverá. Não é espantoso que cessem as profecias e o dom das línguas; dizer, porém, que a ciência desaparecerá, certamente levanta uma questão. Ele afirma: "*Quanto à ciência, desaparecerá"*. Como? Então iremos viver na ignorância? De forma alguma, sobretudo porque então a ciência crescerá, e por isso o Apóstolo assegurava: *"Depois, conhecerei como sou conhecido"* (1Cor 13,12). No intuito, portanto, de evitar que julgasses que, à semelhança da profecia e das línguas, também a ciência cessaria, devido à locução: *"Quanto à ciência, desaparecerá"*, não se interrompeu, mas acrescentou o modo do desaparecimento, concluindo logo:

9. *Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia.*

10. *Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá.*

Não desaparecerá, portanto, a ciência, e sim a limitação do conhecimento. Pois não conheceremos

somente dentro destes limites, mas ainda muito além. Para exemplificar: agora sabemos que Deus está em toda parte, mas desconhecemos de que modo. Que fez tudo do nada, sabemos, mas ignoramos de que maneira. Que nasceu da Virgem, não como, absolutamente. Então, porém, conheceremos mais ampla e mais claramente. Em seguida, o Apóstolo explica quanto medeia, o que não é pouco, dizendo:

11. *Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança.*

Por outro exemplo, declara-o novamente, nesses termos:

12. *Agora vemos em espelho*

Em seguida, uma vez que o espelho mostra de certo modo a aparência, acrescentou: "*E de maneira confusa*", mostrando por meio de uma hipérbole ser parcial o conhecimento presente, "*mas, depois, veremos, face a face*".

Não diz que, de fato, Deus tenha face, mas expõe mais clara e explicitamente. Vês que o ensino é progressivo?

Agora o meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido.

Observaste de que modo rebaixa duplamente o orgulho deles? Afirma que o conhecimento é parcial, e que não o extraem de si próprios. Não fui eu que o conheci, mas ele que se me deu a conhecer, afirma. Ele aqui me conheceu primeiro, e veio ao meu encontro; depois, eu irei ao seu encontro muito mais do que agora. De fato, quem está sentado nas trevas, enquanto não contemplar o sol, não apreende a beleza dos raios, mas essa haverá de se revelar, desde que o sol brilhe; quando ele acolher este esplendor, enfim irá em seguimento da luz. É esse o sentido da expressão: "*Como sou conhecido*". Não significa que haveremos de conhecê-lo tal qual ele próprio nos conhece, mas assim como ele agora se revela, também nós então o abraçaremos, e conheceremos muita coisa que agora é secreta, e fruiremos daquela feliz convivência e sabedoria. Se Paulo, que possuía tão elevado conhecimento, se considerava criança, pondera a grandeza da realidade; se ele contempla em espelho e enigma, considera qual será a visão face a face. Para te explicar um pouco essa diferença, quero emitir um débil raio desse conhecimento para esclarecer-te. Recorda as prescrições da Lei, antes que a graça raiou. De fato, elas antes da graça pareciam um tanto grandes e admiráveis; no entanto escuta o que Paulo diz a respeito, depois que veio a graça: "Mesmo a glória que então se verificou já não pode ser considerada glória, em comparação com a glória atual, que lhe é muito superior" (2Cor 3,10). Para elucidar melhor o que digo, dissertemos sobre uma ação, que então se realizava misticamente, e então verificarás a grande diferença; e, por favor, consideremos a Páscoa, a antiga e a nova, e então conhecerás a excelência da nova. Os judeus a celebravam também, mas em espelho e enigma; nossos mistérios inefáveis não lhes ocorriam à mente, nem conheciam as realidades que prenunciava. Viam imolar o cordeiro, o sangue do animal e as portas ungidas; entretanto, que o Filho de Deus encarnado haveria de ser imolado e de libertar o mundo inteiro, e dar este sangue a degustar a gregos e bárbaros, que haveria de abrir o céu a todos e oferecer os bens celestes a todo o gênero humano, e haveria de tomar o corpo manchado de sangue e elevá-lo acima do céu e dos céus dos céus, e simplesmente acima de todos os exércitos celestes dos anjos, arcanjos e outras virtudes, e assentá-lo no próprio trono real, à direita do Pai, fulgindo de inefável glória – isso certamente nenhum daqueles, nem qualquer outro homem previamente conheceu, ou pôde imaginar.

O que dizem, contudo, os muito ousados? A palavra: "*Agora o meu conhecimento é limitado*", dizem eles, refere-se ao plano divino e de fato, Paulo teve perfeito conhecimento de Deus. E por que se denomina criança? Como vê por espelho? Como em enigma, se tem toda a ciência? Por que o atribui como exímia ação só ao Espírito e a nenhum poder criado, dizendo: "*Quem, pois, dentre os*

homens conhece o que é do homem, se não o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus” (1Cor 2,11). E Cristo ainda o declara próprio somente de si mesmo, exprimindo-se da seguinte maneira: “Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que é junto de Deus viu o Pai” (Jo 6,46), denominando visão o conhecimento claro e perfeito. Como, porém, aquele que conhece a substância, pode ignorar os planos divinos? Aquele conhecimento é maior do que esse. Por conseguinte, não conhecemos a Deus? De forma alguma! Sabemos que existe, mas o que é a sua substância, absolutamente não. E para teres conhecimento de que ele não se refere aos planos divinos quando diz: *“Agora o meu conhecimento é limitado”*, escuta a continuação, pois acrescenta, de fato: “*Mas, depois, conhecerei como sou conhecido”*. Com efeito, não é conhecido pelos planos divinos, mas da parte de Deus. Ninguém, portanto, julgue tal impiedade pequena ou simples; é dupla, tríplice, múltipla. Não é apenas absurdo alguém se gloriar de conhecer o que compete somente ao Espírito e ao Unigênito Filho de Deus. Além disso, nem a Paulo foi possível, sem uma revelação do alto, receber mesmo parcialmente aquele conhecimento, enquanto eles próprios afirmam terem extraído tudo dos próprios raciocínios. Não podem exibir parte alguma da Escritura que a esse respeito tenha falado. Deixando de lado, portanto, a sua insensatez, prossigamos a examinar a subsequente exposição sobre a caridade. O Apóstolo não se contentou com isso, mas ainda complementa:

13. *Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três. A maior delas, porém, é a caridade.*

Efetivamente, a fé e a esperança, ao chegarem os bens em que acreditamos, que esperamos, cessarão. Paulo o assinalava, nestes termos: “Ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê?” (Rm 8,24), e ainda: “A fé é um modo de já possuir o que se espera, um meio de conhecer as realidades que não se veem” (Hb 11,1), porquanto elas cessarão quando aparecerem aquelas realidades, mas especialmente exaltar-se-á e intensificar-se-á a caridade. Ainda outro elogio da caridade. Não se satisfaz ele com os precedentes, esforçando-se por encontrar ainda outros. Atenção! Assegurou ser grande carisma e o caminho mais excelente para alcançá-los. Afirmou que sem ela os carismas não aproveitam suficientemente e esboçou-lhe múltipla imagem; ainda quer enaltecê-la de outra maneira, e apontar que é grande porque permanece. Por isso disse: *“Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três. A maior delas, porém, é a caridade”*. De que modo a caridade é maior? Porque as outras passam. Se, portanto, tão grande é a força da caridade, com razão acrescenta:

14,1. *Procurai a caridade.*

De fato, deve-se ir atrás dela e correr resolutamente, de tal modo nos escapa e tantos são os obstáculos a suplantar naquela corrida. Por isso, precisamos de grande força para a apreendermos. Querendo demonstrá-lo, não disse Paulo: Segui a caridade, e sim: *“Persegui a caridade”*, nos excitando e estimulando a apreendê-la. De fato, Deus, desde o princípio, planejou inúmeras formas de infundi-la em nós. Pois a todos deu um só protoparente, Adão. Por que não fomos plasmados todos nós da terra? Por que não nascemos adultos, como ele? A fim de que o parto, a educação dos filhos, o nascimento nos unissem mutuamente. Por isso, nem a mulher Deus criou do pó da terra. Não bastava para o pudor nos induzir à concórdia sermos feitos da mesma substância, se não tivéssemos o mesmo protoparente. Deus no-lo concedeu também. Agora, separados pelas distâncias, julgamo-nos estranhos uns aos outros; tivesse o gênero humano dois princípios, seria muito pior. Por isso, uniu num só corpo todo o gênero humano, sob uma só cabeça. E uma vez que no princípio pareciam ser dois, vê como os congregou e uniu numa só carne, pelo casamento: “Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe, se une à

sua mulher, e eles se tornam uma só carne" (Gn 2,24). Não disse: A mulher, e sim: *"O homem"*, porque nele é mais intensa a concupiscência. Mais intensa para que, ao domínio do amor, se dobrasse a força prevalente, e dependesse da mais fraca. Ao instituir o matrimônio, deu à mulher por marido aquele do qual ela fora tirada. Deus pospõe todas as coisas à caridade. Não obstante tudo isso, o primeiro homem logo a tal ponto se tornou insensato, e o diabo suscitou tamanha luta e inveja; o que não teria feito se os dois não tivessem brotado de uma só raiz? Em seguida dispôs Deus que uma parte mandasse e a outra obedecesse (porque a igualdade costuma produzir contendas), e não quis uma democracia e sim uma monarquia, e que cada casa mantivesse a ordem de um exército. De fato, rei é o marido, prefeito ou general é a mulher, os filhos ocupam o terceiro posto, depois o quarto pertence aos escravos, que também dão ordens aos inferiores, e muitas vezes um só de todos é o chefe, representante do senhor e que de resto continua escravo. E após, ainda outros domínios, entre os quais o das mulheres, ou dos filhos, e entre os filhos novamente outra ordem segundo a idade e o sexo; nem entre os filhos a mulher obtém a prevalência. E quase em toda parte Deus estabeleceu vários domínios, a fim de que tudo permanecesse em concórdia e ordem perfeita. Por isso, quando existiam apenas dois seres humanos e antes que o gênero se propagasse, ordenou que o homem mandasse e a mulher obedecesse. E ainda a fim de que esta não fosse desprezada como inferior e rejeitada, vê como a honrou e uniu, mesmo antes da criação, uma vez que disse: "Façamos-lhe uma auxiliar" (Gn 2,18), revelando que ela fora feita para o bem do homem, e desta forma reconduziu-o àquela que fora criada por causa dele, pois temos maior afeto às obras feitas em nosso benefício. E para que ela, de seu lado, não se exaltasse por ter sido concedida ao homem como auxiliar, e se rompesse o vínculo, tirou-a do lado, sublinhando que ela era parte do corpo. No intuito de que o homem não se enaltecesse, não o deixou sozinho conforme estivera o primeiro, mas fez o contrário, introduzindo a procriação dos filhos; e com isso deu-lhe a precedência, sem permitir, contudo, que ele constituísse todo o conjunto.

Vês quantos vínculos de amor, naturais penhores de concórdia, Deus criou? Na verdade, se a substância é idêntica, a isto se chega, porque todo animal ama a seu semelhante; o mesmo acontece pela circunstância de ter sido a mulher tirada do homem, e de outro lado os filhos se originarem de ambos. Daí provêm muitas formas de afeto. A um amamos enquanto pai, a outro como avô; a uma por ser a mãe, a outra enquanto ama; a outro porque filho, neto ou bisneto; a outra enquanto filha e a outra como neta; a este como irmão, a outro qual sobrinho; a uma enquanto irmã e a outra como sobrinha. E que necessidade há de nomear todos os parentes? Ele concebeu outro móvel de afeto. Tendo proibido os casamentos dos parentes, encaminhou-nos para os estranhos, e a nós, de outro lado, os atraiu. Uma vez que entre consanguíneos não era lícita a união, uniu por meio do casamento com estranhos, congregando através de uma esposa casas inteiras, e coligando famílias inteiras entre si. "Não tomarás por esposa tua irmã, nem a irmã de teu pai, nem outra jovem que tenham tal parentesco contigo" (cf. Lv 18,9ss). São impedimentos para o matrimônio. E Deus cita nominalmente os graus de parentesco. Para mútua afeição é suficiente a origem comum de uma só mãe. A ti convêm outras afinidades. Por que estreitas o vasto âmbito da caridade? Por que inutilmente desperdiças a afeição, porquanto tens novas oportunidades de amizade, casando-te com uma estranha, e por meio dela obtendo uma série de parentes: mãe, pai, irmãos e seus afins? Vês de quantas maneiras Deus nos uniu? No entanto, não lhes bastaram, mas fez com que precisássemos de outras, a fim de nos congregar, porque as carências induzem às amizades. Por isso, não permitiu que as mesmas plantas brotassem em toda parte, obrigando-nos a conviver com os demais. Tendo determinado que precisássemos uns dos outros, tornou fácil o intercâmbio. Doutro lado, a questão ocasiona outro tipo de incômodos e dificuldades. Se quem necessitasse de um médico, de um operário ou de outro artífice devesse empreender longa viagem, seria um estrago. Por isso também foram construídas cidades que agrupassem os homens.

Mas, para que pudéssemos facilmente ter acesso aos que estão longe, Deus estendeu o mar no espaço intermediário e deu-nos a velocidade dos ventos, facilitando as viagens. No início reuniu a todos num só lugar. Antes que fizessem mau uso do primeiro dom que haviam recebido, a concórdia, não os dispersou. De todos os modos, porém, nos coligou: por meio da natureza, do parentesco, da língua e do lugar. Não queria que perdêssemos o paraíso (se o quisesse, não teria posto ali no princípio o homem que criara), mas a causa da expulsão foi a desobediência. Igualmente não queria que existissem várias línguas; do contrário, desde o início teriam existido. Outrora, porém, em toda terra havia as mesmas palavras, uma só língua para todos. Por isso, quando quis despovoar a terra, nem então nos fez de matéria diversa, nem transferiu o justo para outro lugar; deixou no meio da tempestade o santo homem Noé, e através dele, qual centelha para o mundo todo, reacendeu a chama do gênero humano. No princípio, porém, criou apenas um poderio, dando ao homem precedência sobre a mulher, mas como o gênero humano ficou transtornado por muita desordem, instituiu outro, a saber, o dos senhores e magistrados; e isso por causa da caridade. Uma vez que a malícia dissolveu e arruinou o gênero humano, estabeleceu nas cidades os juízes, que, à guisa de médicos, eliminando a malícia, esta peste da caridade, a todos congregassem na unidade. Visando, porém, que houvesse grande concórdia não apenas nas cidades, mas também em cada uma das casas, deu ao homem a honra do domínio e a precedência, e à mulher a concupiscência, e a ambos o dom da procriação dos filhos, e ainda preparou outros meios para induzir à caridade. Nem tudo permitiu ao homem, nem tudo à mulher, mas separou o que cabia a cada qual, destinando a casa à mulher, e ao homem o exterior: ao homem em vista da subsistência, o cultivo da terra, à mulher, a provisão das vestes, a tela e a roca, dando-lhe habilidade para tecer. Mas pereça a cobiça, que faz desaparecer tal diferença. De fato, a preguiça de muitos conduziu alguns homens à tecelagem, e colocou-lhes nas mãos as navetas, os fios e os estames. Todavia, mesmo assim brilha a providência divina. Pois precisamos das mulheres para variadas obras indispensáveis, precisamos dos subordinados para diversas exigências da vida. É tão grande tal necessidade que mesmo o mais rico dos homens não está isento dessa conjuntura, de sorte que carece do trabalho de um inferior. Não somente os pobres precisam dos ricos, mas igualmente os ricos dos pobres, e estes são mais indispensáveis àqueles dos que aqueles a estes.

Para maior clareza, imaginemos, se vos apraz, duas cidades. Uma somente de ricos, outra de pobres. Na cidade dos ricos não se encontra pobre algum, na dos pobres nenhum rico, num expurgo completo de ambas. E vejamos qual poderá melhor bastar-se a si mesma. Se chegarmos à conclusão de que provavelmente será a cidade dos pobres, tornar-se-á evidente que os ricos são mais carentes. Efetivamente, na cidade dos ricos não haverá artífice, nem arquiteto, nem operário, nem sapateiro, nem padeiro, nem agricultor, nem ourives, nem tecedor de cordas, nem ofício algum semelhante. Qual o rico que alguma vez exerceu tais tarefas, visto que mesmo os que a eles se entregam, no caso de se enriquecerem, não mais suportam as fadigas dessas ocupações? Como, portanto, essa cidade se manterá? Os ricos, responderás, comprarão dos pobres o necessário a peso de ouro. Por conseguinte, não se bastam a si mesmos, porque precisam dos outros. Como construirão casas? Ou até isso comprarão? Mas a natureza não as produz. Será, portanto, necessário chamar artífices e transgredir a prescrição inicial sobre os habitantes da cidade. Rememorai termos dito que nela não haveria pobre algum. Eis, contudo, que a necessidade, mesmo contra nossa vontade, os chama e introduz. Daí se vê que não subsiste uma cidade sem os pobres. Se a cidade persistir em não acolher nenhum, deixará de ser cidade, e arruinar-se-á. De fato, não se bastará a si mesma, a não ser que reúna alguns pobres para sua manutenção. Verifiquemos, de outro lado, se a cidade dos pobres passa necessidade, na falta de ricos. E em primeiro lugar examinemos o conceito de riquezas, e mostremos claramente de que constam. O que são as riquezas? Ouro, prata, pedras preciosas, vestes de seda, púrpura e ouro. Cientes,

portanto, do conteúdo das riquezas, devemos bani-las da cidade dos pobres, se verdadeiramente queremos fundar uma cidade de pobres; nem por sonho ali apareça ouro, nem tais vestimentas; sim, nem prata ou vasos de prata. E então? Dize-me. Por isso a cidade viverá na penúria? Absolutamente, não. Se for necessário construir, não se faz mister possuir ouro, prata, pérolas, mas ter habilidade e mãos; não, porém, mãos quaisquer, e sim calosas, de dedos endurecidos e de muita força, bem como madeira e pedras. Ao se tratar de tecer uma veste, não se precisa também de ouro, de prata, mas de mãos e da habilidade de operárias. Como será para se cultivar a terra e cavar? Há necessidade de ricos ou de pobres? É claro que de pobres. E se for necessário trabalhar o ferro, ou algo semelhante, precisamos principalmente de gente do povo. Em que, então, empregaremos os ricos, a não ser que importe destruir essa cidade? Pois se eles ali ingressarem e incidirem na ambição de ouro e pérolas, esses filósofos (denomino filósofos aqueles que não buscam o supérfluo) entregando-se ao ócio e ao prazer, por fim perdem tudo. E se as riquezas não são úteis, replicas, por que foram dadas pelo Senhor? E de onde se deduz que foram doados por Deus. A Escritura diz: “A mim pertencem a prata e o ouro” (Ag 2,9), e dá-los-ei a quem eu quiser. Daí, se não fosse uma ação vil, agora eu haveria de dar gargalhadas, zombando dos que assim falam, pois se comportam como pequeninos que, diante de uma régia mesa, põem na boca com o alimento tudo o que encontram; da mesma forma misturam passagens das divinas Escrituras aos seus próprios interesses. Sei que o profeta disse: “A mim pertencem a prata e o ouro”; quanto às palavras: “Dá-los-ei a quem quiser”, não se encontra nesta passagem, mas é acréscimo espúrio. Explicarei por que Deus proferiu aquelas palavras. O profeta Ageu havia prometido frequentemente aos judeus que, após a volta da Babilônia, haveria de mostrar-lhes o templo em sua forma anterior, mas alguns não acreditavam em suas palavras, julgando quase impossível que o templo, reduzido a pó e cinza, fosse restaurado de tal modo; ele, dissipando a incredulidade deles, fala em nome de Deus, mais ou menos o seguinte: Por que temeis? Por que não acreditais? “A mim pertencem a prata e o ouro”, e não preciso de empréstimo a fim de decorar o edifício. E para manifestar que é assim, aditou: “A glória futura deste Templo será maior do que a passada” (Ag 2,9). Em consequência, não apliquemos teias de aranha na túnica régia. Se alguém for surpreendido a tecer na púrpura uma trama destoante, sofrerá o pior castigo; pior ainda, nas espirituais, porque não será falta leve. E por que me refiro a adição e subtração? De um só ponto, de uma leitura em falso muitas vezes se deduziram sentidos despropositados.

De onde, pois, vêm os ricos? – perguntas. Com efeito, foi dito: “Pobreza e riqueza vêm do Senhor” (Eclo 11,14). Interroguemos, portanto, aqueles que nos fazem estas objeções: Realmente todas as riquezas e toda pobreza provêm do Senhor? Quem o diria? De fato, verificamos que da rapina, da perversidade de violar os sepulcros, da magia e de várias causas parecidas muitos acumulam riquezas, e os que as possuem não são dignos nem de viver. E então? Responde-me. Diremos que essas riquezas provêm de Deus? De forma alguma. Mas, de onde? Do pecado. De fato, a meretriz enriquece por desonra do corpo; um formoso adolescente muitas vezes vende seu viço e com torpeza possui ouro; o violador de sepulcros, que os destrói, congrega riquezas injustas, e igualmente o ladrão que perfura paredes. Então, todas essas riquezas são oriundas de Deus? O que, portanto, replicaremos? Toma conhecimento primeiro de que a pobreza não vem de Deus, e trataremos do problema. Quando um jovem pródigo tiver consumido suas riquezas com meretrizes, ou com os impostores, ou outros amores semelhantes, e ficar pobre, não é evidente que não foi Deus quem o ocasionou, mas a sua prodigalidade? De outro lado, se alguém empobrecer por preguiça, ou por insensatez cair na pobreza, ou por empreender negócios perigosos e iníquos, não é bem claro que não foi Deus quem fez com que um deles caísse na pobreza? Então, a Escritura mente? Absolutamente não, mas são estultos os que não examinam com o devido cuidado o que foi escrito. Na verdade, se é claro que a Escritura é

verídica, e for demonstrado que nem todas as riquezas vêm de Deus, a dúvida é consequência da fraqueza daqueles que não leem convenientemente. E devíamos vos despedir, depois de resolvermos as objeções contra as Escrituras, a fim de vos punir pela negligência nessa leitura. Todavia eu vos poupo bastante e não posso continuar a vos ver perturbados e confundidos; vamos, solucionemos a questão, primeiro mencionando o que foi dito, quando foi dito e a quem. Na realidade, Deus não fala igualmente a todos; nem nós nos dirigimos de igual modo a crianças e a adultos. Quando, pois, essas palavras foram proferidas? Por quem? E a quem? Por Salomão, no Antigo Testamento, aos judeus, que conheciam apenas as coisas sensíveis e por meio delas experimentavam o poder de Deus. Pois estes são os que diziam: "Acaso também pode dar o pão?" (Sl 78,20). E: "Queremos ver um sinal feito por ti" (Mt 12,28). "Nossos pais comeram o maná no deserto" (Jo 6,31). "Seu deus é o ventre" (Fl 3,19). Uma vez que eles o experimentavam por esses pontos, ele lhes disse: Deus certamente pode criar ricos e pobres; não quer dizer que o faça, mas que o faz quando quiser, segundo a palavra: "Ameaça o mar e o seca, e a todos os rios reduz a deserto" (Na 1,4), apesar de jamais ter isso acontecido. Por que então o profeta o diz? Não se trata do que sempre faz, mas do que lhe é possível fazer. Qual a pobreza e qual a riqueza que ele dá? Lembra-te do Patriarca e saberás quais as riquezas que Deus concede. Pois ele enriqueceu a Abraão; e depois a Jó, conforme esse mesmo declara: "Se recebemos do Senhor os bens, não deveríamos receber também os males?" (Jó 2,10). Foi também essa a fonte das riquezas de Jacó. De Deus, contudo, vem uma pobreza louvável, segundo a que Cristo aconselhava àquele rico: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres... Depois vem e segue-me" (Mt 19,21); e de outra parte dá aos discípulos esta norma: "Não leveis ouro, nem prata, nem duas túnicas" (Mt 10,9). Não afirmes, contudo, que é ele quem concede todas as riquezas, pois foi demonstrado que algumas são acumuladas devido a assassinatos, rapinas e mil outros meios.

Mas o discurso retorne à primeira questão: se, pois, os ricos para nada servem, por que existem? O que dizer? Que não nos são proveitosos os que desta forma se tornam ricos; aqueles, porém, que Deus fez enriquecer, são muito úteis. Toma conhecimento disso pelas ações deles. Pois Abraão possuía riquezas para todos os peregrinos e pobres. Quando estava sentado à porta ao meio-dia, ele recebeu os três hóspedes que julgava serem homens; matou o vitelo e tomou três medidas de farinha. Pondera a liberalidade e prontidão com que fez essas despesas, ministrando juntamente com os bens o serviço manual, apesar de ser tão velho. Era um refúgio para hóspedes e necessitados. Nada reservava para si, nem mesmo o próprio filho, que, a uma ordem de Deus, entregou também. Com o filho deu-se a si mesmo, e a toda a sua casa, quando se empenhou em recuperar o sobrinho. E não o fazia por dinheiro, mas somente por humanitarismo. Quando os que salvara queriam dar-lhe os despojos, recusou até um fio ou uma correia de sapato.

Tal era igualmente o bem-aventurado Jó. De fato, dizia: "Abri sempre minha porta ao viandante. Eu era olhos para o cego, era pés para o coxo. Era o pai dos pobres". "O estrangeiro nunca pernoitou às intempéries." Não eram frustrados os pobres, se necessitados; nem deixei o pobre sair de minha porta com o saco vazio (cf. Jó 31,32; 29,15-16). E para agora não mencionarmos tudo, praticava muito mais, consumindo tudo em favor dos indigentes. Queres também ver o uso que fizeram dos bens alguns ricos que Deus não fez tais? Vê aquele que não dava a Lázaro nem as migalhas de sua mesa; vê Acab, que roubou a vinha; vê Giezi e todos os que se lhes assemelham. Pois os que, segundo a justiça, possuem bens, recebidos das mãos de Deus, gastam-nos conforme os preceitos de Deus. Aqueles, porém, que na aquisição deles ofenderam a Deus, agem de modo semelhante ao despendê-los, dissipando-os com meretrizes e parasitas, ou os enterram e entesouram, nada gastando com os mendigos. E por que, replicas, Deus permite que tais homens enriqueçam? Por ser paciente, por querer nos conduzir à penitência, por ter preparado a geena, por ter determinado um dia em que há de julgar o

mundo inteiro. Se imediatamente castigasse os maus ricos, Zaqueu não teria tido oportunidade de se converter, de sorte a dar o quádruplo do que roubara, e acrescentar metade de seus bens. Mateus não teria tido ocasião de converter-se e tornar-se apóstolo, se fosse arrebatado antes do tempo oportuno; nem muitos de seus pares. Deus espera, chamando todos à penitência. Se, porém, não quiserem, mas permanecerem nos mesmos pecados, escutarão o que diz Paulo: "Ora, com a sua obstinação e com seu coração impenitente, estarão acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus" (Rm 2,5). No intuito de fugirmos dessa ira, enriqueçamo-nos com bens celestes e sigamos a louvável pobreza. Assim também conseguiremos os dons celestes. Possamos todos nós consegui-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA QUINTA HOMILIA

Hierarquia dos carismas em vista do bem comum

14,1. *Persegui a caridade. Entretanto, aspirai aos dons do Espírito, principalmente à profecia.*

Uma vez que o Apóstolo cuidadosamente discorreu sobre a virtude da caridade, enfim exorta a abraçá-la com todo empenho, dizendo: "*Persegui*". Quem persegue olha apenas para o fim perseguido, para ele tende e não desiste enquanto não o alcança. O perseguidor, se não é possível por si mesmo, por meio dos que estão à sua frente prende o fugitivo, estimulando os que estão perto a agarrar e segurar o preso com toda diligência, até que ele próprio chegue. Também nós devemos agir desse modo. Quando não conseguimos alcançar a caridade, mandamos que os que estão perto a agarrem até que cheguemos; em seguida, segurando-a, não a larguemos, a fim de que não nos escape. Frequentemente, de fato, ela se afasta de nós, porque não a utilizamos devidamente, mas a ela antepomos todas as coisas. Por isso, importa empregar todos os meios para conservá-la cuidadosamente. Se isso acontecer, de então em diante não precisaremos de muito esforço, ou antes, nem do mais leve esforço, mas no meio de delícias, e em festa, avançaremos pelo caminho estreito da virtude. Por isso, ele diz: "*Persegui a caridade*". Em seguida, para evitar que se pense ter ele dissertado sobre a caridade com o fito de extinguir os carismas, acrescentou:

Entretanto, aspirai aos dons do Espírito, principalmente à profecia.

2. *Pois aquele que tem o dom das línguas, não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o entende, pois o seu espírito enuncia coisas misteriosas.*

3. *Mas aquele que profetiza, fala aos homens, edifica, exorta, consola.*

Faz por fim uma comparação entre os carismas, e diminui o dom das línguas, mostrando que não é inútil, nem muito útil por si mesmo. Na realidade, eles disso muito me orgulhavam porque o consideravam um grande carisma. Consideravam-no grande porque foi o primeiro que os apóstolos receberam, e com tamanho aparato. Entretanto, não era muito mais importante do que os outros. Por que, então, os apóstolos o receberam em primeiro lugar? Porque haveriam de atravessar todas as partes do mundo. Como no tempo em que foi construída a torre, a língua que era uma só se dividiu em muitas (Gn 11), assim agora que eram muitas, frequentemente se concentravam num só homem, que falava as línguas dos persas, dos romanos e dos indianos e muitas outras, ecoando nele o Espírito. E esse carisma era denominado dom das línguas, porque era possível falar conjuntamente várias línguas. Vê, portanto, como o diminui e exalta. Pois, dizendo: "*Aquele que tem o dom das línguas, não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o entende*", o diminui, sublinhando que não é de grande utilidade; e de outro lado, ao acrescentar: "*pois o seu espírito enuncia coisas misteriosas*", o enaltece, a fim de não parecer supérfluo, inútil, e concedido em vão. "*Mas aquele que profetiza, fala aos homens, edifica,*

exorta, consola.” Viste que mostra a excelência deste dom devido ao proveito comum, sempre dando preferência ao que é útil a muitos? Eles, pois, não falam aos homens? Dize-me. Mas, não é igual a edificação, a exortação, o consolo.

Embora seja comum a ambos, tanto ao profeta quanto ao que fala em línguas, ser movido pelo Espírito, o primeiro, a saber, o profeta prevalece, porque é útil também aos ouvintes. Quanto aos que falam em línguas, não ouvem os que não têm o dom. Como? Então eles a ninguém edificavam? Certamente, diz, mas a eles somente, e por isso adiciona:

4. *Aquele que fala em línguas, edifica a si mesmo.*

E de que maneira, se não sabe o que profere? Mas agora trata daqueles que sabem o que dizem, no entanto, não são capazes de enunciar para os outros o que sabem.ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia.

A mesma distância que medeia entre um só e a Igreja existe entre este e aquele. Viste a sabedoria do Apóstolo, que não aniquila o dom, mas assinala que traz lucro, pequeno embora, suficiente apenas para quem o possui? Em seguida, a fim de não se julgar que ele os diminui por invejar-lhes o dom das línguas (visto que entre eles vários possuíam este dom), corrige-lhes a suspeita, dizendo:

5. *Desejo que todos faleis em línguas, mas prefiro que profetizeis. Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a menos que este as interprete, para que a assembleia fique edificada.*

Mais e menos não são atinentes a polos contrários, mas referem-se àquilo que supera.

Por conseguinte, é evidente que não censura o dom, mas aponta os melhores, apresentando-se solícito por tutelá-los e com a alma livre de qualquer espécie de inveja. De fato, não disse: dois ou três, e sim: “*Desejo que todos faleis em línguas*”; e não só, mas também “*que profetizeis*”. E isso mais do que aquilo, porque é maior quem profetiza. Após evidenciar e demonstrar, fala ainda, não, contudo, de modo absoluto, mas com um suplemento, porque acrescenta: “*A menos que este as interprete*”, se possível, quer dizer, interpretar equivale a profetizar, diz ele, porque são muitos os que retiram proveito. Observe-se principalmente que o requer sobremaneira.

6. *Suponde agora, irmãos, que eu vá ter convosco, falando em línguas. Como vos serei útil, se a minha palavra não vos levar nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensinamento?*

Por que me refiro a outros? Suponhamos que seja Paulo quem fale em línguas. Nem assim trará maior lucro aos ouvintes. Assim se exprime, mostrando que busca o que lhes é útil e não que odeie os que possuem o carisma, quando nem na própria pessoa recusa demonstrar que é inútil. Sempre aplica à sua própria pessoa as questões graves, como dizia no começo da Carta: “Quem é Paulo? Quem é Apolo? Quem é Cefas?” (cf. 1Cor 3,5). Aqui procede da mesma maneira, dizendo: “*Como vos serei útil, se a minha palavra não vos levar nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensinamento?*”

Quer dizer: Se não falar algo que vos seja possível apreender facilmente e seja manifesto, mas apenas mostrar que possuo o dom das línguas, nada lucrareis com as línguas que ouvistes. Deixai. Que lucro traz a palavra que não entendeis?

7. *O mesmo se dá com os instrumentos musicais, como a flauta e a cítara. Se não emitirem sons distintos, como reconhecer o que toca a flauta ou a cítara?*

E por que digo não trazer lucro algum o que temos, contudo, ser útil o que é claro e facilmente inteligível aos ouvintes? Na verdade, também se verifica esse fato relativamente aos instrumentos de música inanimados. Seja flauta ou cítara, soprada ou tocada sem ritmo nem harmonia convenientes, e sim confusa e simplesmente, não deleitará os ouvintes. Até os sons inarticulados precisam ser nítidos e se não tocares com arte e soprares bem a flauta, nada consegues. Se exigimos dos instrumentos inanimados que emitam sons puros, harmônicos e melódicos, e o exigimos de sons inarticulados, e nos esforçamos por dar-lhe grande significado, muito mais relativamente aos homens animados e racionais e aos dons espirituais importa buscar sentido.

8. *E se a trombeta emitir um som confuso, quem se preparará para a guerra?*

O discurso encaminha das coisas supérfluas às mais necessárias e úteis. Declara ser sabido que não somente relativamente à cítara, mas até à trombeta tal acontece. Nelas há ritmo, e emitem algumas vezes um som bélico; outras vezes, não; e outras vezes convoca para as fileiras, outras vezes despede.

E se alguém não o souber, incidirá em extremo perigo. O Apóstolo o assinala, e aponta para o erro, dizendo: “*Quem se preparará para a guerra?*” Se não o fizer, perde totalmente. E, replicas, o que nos importa? Importa-nos em grau máximo, e por isso ele acrescenta:

9. *Assim também vós. Se vossa linguagem não se exprime em palavras inteligíveis, como se há de compreender o que dizeis? Estareis falando ao vento.*

Isto é, nada falareis, e a ninguém. E sempre mostra que é dom inútil. E se inútil, respondes, por que foi dado? Para ser útil àquele que o recebe; se, contudo, há de ser também útil aos outros, é indispensável uma interpretação. Assim ele se expressa, conciliando-os entre si, de sorte que se um não tiver o dom de interpretar, procure outro que o tenha, e por intermédio deste torne útil o seu dom. Por essa razão sempre explica que se trata de coisa imperfeita, para assim os congregar. Com efeito, se dissesse que julga bastar-lhe o dom, menos louva que reprime, não deixando que brilhe corretamente por meio da interpretação. Na realidade, é um dom belo e necessário, mas se tiver quem explane o que foi dito. Efetivamente o dedo é indispensável, mas se o separas dos restantes, não será proveitoso. A trombeta também é necessária, mas quando emite um som vago, é molesta. A arte igualmente não se revela, a não ser que se lhe submeta a matéria, nem a matéria é informada a não ser que se lhe imponha uma forma. Coloca, portanto, o som como sujeito, a sua pureza como forma. Se essa estiver ausente, de nada serve o sujeito.

10. *Existem no mundo não sei quantas espécies de linguagens, e nada carece de linguagem.*

Isto é, tantas línguas, tantas palavras dos citas, trácios, romanos, persas, mouros, indianos, egípcios e outros inumeráveis povos.

11. *Ora, se não conheço a força da linguagem, serei como um bárbaro para aquele que fala.*

Não penses que isso sucede apenas entre vós, diz ele, mas no meio de todos verás que isso acontece. Apesar de assim me exprimir, não reprovo o som, mas destaco que me será inútil se não for claro e manifesto. Logo, a fim de não fazer pesada a acusação, iguala a falta, dizendo: “*será como um bárbaro para mim, e eu para ele*” , não pela natureza da palavra, mas por nossa ignorância. Viste como progressivamente conduz ao que é peculiar ao assunto? Aliás, é costume seu aduzir exemplos distantes, e terminar com o que é mais adequado e próximo. Com efeito, após ter falado da flauta e da cítara, em parte falhas e inúteis, chega à trombeta, mais útil, e por fim à própria voz. Assim também anteriormente, quando discorria para explicar não ser proibido aos apóstolos receber auxílios, começou primeiro pelos agricultores, pastores e soldados, depois dirigiu o discurso para mais perto do tema proposto, a saber, os sacerdotes do Antigo Testamento. Pensa, por favor, como sempre se esforça por isentar o dom de uma acusação e atribuir a culpa aos que o receberam. Não disse, portanto: Serei um bárbaro, e sim: Um bárbaro para quem fala. Ainda, não afirmou: Quem fala é um bárbaro, e sim: Quem me fala é um bárbaro. O que fazer, portanto? Não somente não censurar, mas ainda exortar e ensinar. Assim ele faz aqui. Depois de ter acusado, repreendido, e ter exposto que é inútil, por fim aconselha, nesses termos:

12. *Assim também vós: visto que aspirais aos dons do Espírito, procurai tê-los em abundância, para a edificação da Igreja.*

Viste que sempre e em toda a parte seu escopo é um só? Estabeleceu uma regra sempre e para todos: proveito de muitos, auxílio para a Igreja. Não disse: para possuirdes dons, e sim: “*tê-los em abundância*”, isto é, para terdes com fartura. Tão longe estou de não querer que os tenhais que aspiro a terdes em abundância, entretanto de forma a promover o bem comum. Enuncia de que modo isso se fará, acrescentando:

13. *E por isso aquele que fala em línguas deve orar para poder interpretá-las.*

14. *Se oro em línguas, o meu espírito está em oração, mas a minha inteligência nenhum fruto colhe.*

15. *Que fazer, pois? Orarei com o meu espírito, mas hei de orar também com a minha inteligência. Cantarei com o meu espírito, mas cantarei também com a minha inteligência.*

Daí explica que depende deles a obtenção do carisma. "*Deve orar*", diz ele, isto é, dê sua contribuição. Pois, se pedires zelosamente, receberás. Pede, portanto, não somente que tenhas o dom das línguas, mas também o da interpretação, a fim de seres útil a todos, sem ter o carisma reservado a ti mesmo apenas. Porque "*se oro em línguas, o meu espírito está em oração, mas a minha inteligência nenhum fruto colhe.*

Viste que aos poucos o tom se eleva para mostrar que aquele, que assim é, não apenas aos demais é inútil, mas também a si mesmo, porque a sua inteligência "*nenhum fruto colhe*". Com efeito, se alguém falar somente a língua dos persas, ou outra estranha, sem saber o que profere, certamente será um bárbaro não apenas diante do próximo mas até para si, porque desconhece o sentido da palavra. Antigamente, portanto, havia muitos que tinham o dom da oração juntamente com o das línguas. Ao orar, a boca falava o idioma dos persas ou dos romanos, a inteligência, contudo, não percebia o que se dizia. Por isso, declarava o Apóstolo: "*Orarei com o meu espírito, mas hei de orar também com a minha inteligência*", isto é, o carisma que me foi dado move minha língua, "*mas a minha inteligência nenhum fruto colhe*". Qual é, pois, o dom, excelente e útil? E como fazer? E o que pedir a Deus? Orar por meio do Espírito, isto é, do carisma e com a inteligência. E por isso, dizia: "*Orarei com o meu espírito, mas hei de orar também com a minha inteligência. Cantarei com o meu espírito, mas cantarei também com a minha inteligência*". Novamente aqui assinala o mesmo: a língua fale e a inteligência não ignore o que se diz. Pois, se não for assim, haverá confusão.

16. *Com efeito, se deres graças apenas com o teu espírito, como poderá o ouvinte não iniciado dizer "Amém" à tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes?*

17. *Sem dúvida, tua ação de graças é valiosa, mas o outro não se edifica.*

Observa como aqui de novo visa ao que foi disseminado, buscando em toda parte a edificação da Igreja. Chama de não iniciado o leigo e mostra que sofrerá grande prejuízo se não puder responder: Amém. Quer dizer o seguinte: Se bendizes em língua estranha, sem saber o que dizes, ou interpretar, o leigo não pode responder: Amém. Se não ouve a conclusão: Pelos séculos dos séculos, não responde: Amém. Novamente para não parecer vituperar em demasia o dom das línguas, consola aquele que acima assegurou proferir mistérios, dirigir-se a Deus, edificar a si mesmo, e orar no espírito. Daí retirara grande consolo. O mesmo faz aqui, dizendo: tu, de fato, dás graças muito bem, falas movido pelo Espírito, mas quem nada ouve, nem sabe o que se diz, fica sem grande proveito.

Em seguida, porque havia assaz invectivado os possuidores deste dom, como insignificante, a fim de não parecer diminuí-lo, por estar dele privado, vê o que diz:

18. *Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vós.*

Faz o mesmo em outro lugar. Estando para conter os excessos do judaísmo e demonstrar enfim que nada valiam, primeiro afirma possuir seus privilégios e em abundância, e depois os classifica de prejuízo, dizendo: "Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu, filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da Igreja, quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível" (Fl 3,4-6). E então, após ter manifestado que ele isso tudo possuía em excesso, diz: "Mas o que era para mim lucro eu o tive como perda, por amor de Cristo" (Ef 3,7). O mesmo faz aqui, dizendo: "*Falo em línguas*

mais do que todos vós". Não deveis orgulhar-vos, como se fôsseis os únicos a possuir tal dom, pois eu também o possuo, e mais do que vós.

19. *Mas numa assembleia prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência, para instruir também os outros,*

O que quer dizer: "*Prefiro dizer... com a minha inteligência, para instruir também os outros"* ? Entendo o que digo e posso também interpretar, falar com inteligência e ensinar aos ouvintes.

A dizer dez mil palavras em línguas.

Por quê? Para instruir também os outros.

A primeira ação serve só para ostentação, a segunda traz muitas vantagens. Em toda parte ele procura o que é útil à comunidade. Ora, o dom das línguas era estranho, mas o dom da profecia era habitual e antigo e outrora já fora concedido a muitos, enquanto aquele era então pela primeira vez; todavia não era muito cobiçado. Por isso, não o utilizava. Não quer dizer que não o tivesse, mas que buscava o que era mais vantajoso para todos. Estava livre da vanglória e visava apenas trazer melhoras aos ouvintes. Pelo fato de estar livre da vanglória, via o que era útil a si e aos outros. Com efeito, quem está reduzido a tal servidão não somente não vem a discernir o proveito dos outros, mas nem o seu próprio. Tal era Simão, o qual não descobriu o que lhe convinha, porque deu atenção à vanglória. Tais eram os judeus, que por causa dela deram ao diabo a propinar a sua própria salvação.

Daí também se originaram os ídolos, e os filósofos pagãos por essa loucura desviaram-se para ensinamentos perversos. Observa a perversidade desse vício. Por causa dele alguns empobreceram, e outros se empenharam em obter riquezas. Tão grande é sua tirania que domina posições contrárias. Pois, por temperança, alguns se apegam à vanglória, ou de outro lado, alguns ao adultério; uns à justiça ou à injustiça, às delícias ou ao jejum, à mansidão ou à audácia, às riquezas ou à pobreza. Alguns pagãos, quando era lícito receber dons, a fim de serem admirados, não aceitavam. Não foram assim os apóstolos; de fato, pelas obras mostraram-se isentos de vanglória. Efetivamente, quando os chamavam de deuses, e estavam prontos a sacrificar-lhes touros com guirlandas, não somente o impediram, mas até rasgaram as vestes. E, ao curarem o coxo, estando todos boquiabertos, eles diziam: "Por que não tirais os olhos de nós, como se fosse por nosso próprio poder que fizemos este homem andar?" (At 3,12). Os pagãos, na verdade, escolhiam a pobreza quando se achavam entre homens que admiravam a pobreza; estes, contudo, por ela optam no meio de homens que desprezam a pobreza e louvam as riquezas. E se recebiam algo, socorriam os indigentes, não por vanglória, mas tudo praticavam por amor aos homens. Os outros, porém, bem ao contrário, o faziam como se os indigentes fossem inimigos e peste para a natureza humana. Um deles, inutilmente jogou todos os seus bens no mar, imitando os loucos e os insensatos; um outro deixou todos os seus campos para pasto de ovelhas. Assim tudo visava à vanglória. Ao invés, os apóstolos davam o que recebiam, e distribuíam aos pobres com tanta liberalidade que passavam fome continuamente. Se, porém, amassem a vanglória, não receberiam para distribuir, de medo de suspeitas. De fato, os que renunciaram a seus bens por causa da glória, mais ainda recusarão ofertas alheias, a fim de não parecerem necessitar dos outros, nem ficarem sujeitos a suspeitas. Aos apóstolos verás servindo e mendigando em favor dos indigentes, mais amorosos do que os pais. Vê as normas moderadas do Apóstolo, livres da vanglória. "Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso" (1Tm 6,8). Não se assemelha àquele homem andrajoso de Sinope, que habitava num tonel e de nada precisava. Causava admiração a todos, mas a ninguém era proveitoso. Paulo, contudo, nada disso fazia. Não ambicionava honras, mas com decoro usava as vestes, assiduamente morava numa casa, e era zeloso pelas demais virtudes. O Cínico

as desprezava, vivendo na intemperança, portando-se abertamente de modo vergonhoso, atacado da loucura da vanglória. Se alguém interrogar acerca da causa de morar num tonel, não terá outra resposta senão exclusivamente a vanglória.

Paulo também alugara a casa em que morava em Roma. Tinha podido coisa mais difícil, muito mais resistiria a isso. Mas não visava à glória, fera cruel, demônio maligno, peste da terra toda, víbora envenenada. Como aquele animal rasga o ventre materno com os dentes, assim esse vício dilacera quem o gera. Onde então encontrar remédio para essa múltipla moléstia? Se destacares aqueles que o calcaram aos pés, e olhares para tal modelo, porás em ordem a tua vida. Quanto ao patriarca Abraão... Mas ninguém critique se repetimos, se frequentemente o relembramos e em tudo. É o que o torna especialmente digno de admiração e não merece desculpa alguma os que não o imitam. Pois, se mostrarmos que esse justo agiu corretamente relativamente a uma parte, aquele a uma outra, talvez se retruque que a prática da virtude é difícil; visto não ser fácil fazer simultaneamente bem todas as coisas, cada um dos santos o realizaram parcialmente. Mas, se encontramos um só e mesmo homem que consiga praticar tudo integralmente, que desculpa terão os que, sob o regime da Lei e da graça, não podem chegar à mesma medida que alcançaram os que viveram antes delas. Como, portanto, esse patriarca venceu e superou uma fera, quando teve a controvérsia com o sobrinho? De fato, tendo-lhe tocado a menor porção e perdido a parte principal, não ficou pesaroso. Sabeis, porém, que, nestas questões, a vergonha do prejuízo é o que há de pior para os pusilânimes, especialmente quando são os donos de tudo, conforme ele era naquela ocasião, e fora o primeiro a prestar honras, sem receber retribuição. Nada disso, porém, o abalou, e contentou-se com a pior parte; idoso e injuriado pelo jovem, tio pelo sobrinho, não se irou, não se encolerizou, não suportou mal, mas com igualdade de ânimo o amava e cuidava dele. Além disso, tendo alcançado a vitória naquela grande e terrível guerra, e tendo repelido com violência os bárbaros, por ocasião da vitória, não triunfou nem erigiu um troféu. Queria apenas salvar, não se ostentar. Acolheu de outra vez os estrangeiros, e não se vangloriou, mas ele próprio ocorreu e se prostrou, todavia não como a prestar um benefício, e sim a receber; apesar de não conhecer os recém-chegados, chamou-os de senhores, e fez a esposa prestar um ofício servil. Anteriormente, no Egito, onde era respeitado, recuperou a própria esposa, e tendo obtido tantas honras, diante de ninguém se ostentou. Quando os habitantes de uma região o denominavam rei, ele, contudo, pagou o preço de um sepulcro. Ao enviar o servo para trazer uma mulher para o filho, não mandou que dissesse a seu respeito nada de grande ou excelente, mas apenas que trouxesse a esposa. Queres também examinar os que viveram sob o regime da graça, de toda parte cercados da grande glória da doutrina evangélica e ver que então igualmente esse vício foi eliminado?

Pensa nos pronunciamentos daquele mesmo Apóstolo que diz estas coisas, atribuindo tudo a Deus, relembrando assiduamente seus próprios pecados, e não as suas boas obras. Nas forçosas correções aos discípulos, chama a ação de insipiência, e cede a primazia a Pedro. Não se envergonha de trabalhar manualmente em companhia de Priscila e Áquila (At 18) e sempre se esforça por mostrar-se humilde; não anda orgulhosamente pela praça, cercado de povo, mas enfileira-se entre os que são obscuros. Por esse motivo dizia-se sobre ele: “Uma vez presente, é um homem fraco” (2Cor 10,10), isto é, desprezível, sem luxo algum; e ainda: “Pedimos a Deus, não cometais mal algum. Nosso desejo não é parecer aprovados” (2Cor 13,7). O que de espantoso se ele despreza essa glória? Pois menospreza a glória superior, o reino e a geena, conforme o beneplácito de Cristo – uma vez que deseja ser anátema, separado de Cristo (Rm 9,3), em prol da glória de Cristo, e embora declare querer em favor dos judeus padecer, assim se expressa, a fim de que nenhum estulto julgue que ele esteja procurando alcançar os bens que lhes foram prometidos – se estava pronto a perder esta glória, por que admirar que despreze a humana? Mas os homens de hoje deixam tudo naufragar, não apenas por cobiça da glória, mas

também, ao invés, por cólera e medo da desonra. Com efeito, se alguém te louva, sentes orgulho; se te injuria, ficas deprimido. E os corpos fracos se ressentem por qualquer coisa; assim também as almas pusilânimes. Essas se arruínam não só pela pobreza, mas também pelas riquezas, não apenas com o sofrimento, mas também com a alegria, e mais ainda com as coisas excelentes do que com as lastimáveis. Efetivamente, a pobreza obriga à temperança, enquanto as riquezas frequentemente arrastam a grandes males. Aos febricitantes tudo causa mal-estar; assim, o ânimo depravado de todos os lados é atingido.

Cientes disso, não fujamos da pobreza, nem apreciemos as riquezas; mas preparemos o ânimo para completa idoneidade. Na verdade, quem edifica uma casa, não tem por meta que sobre ela não caia chuva, nem nela penetre um raio de sol – seria impossível – e sim que seja capaz de resistir às intempéries. E quem arma um navio não cuida de que não haja embate das ondas, nem tempestade no mar – seria impossível – e sim que o bordo do navio seja capaz de tudo suportar. De outro lado, quem cuida da saúde do corpo não busca que não haja alteração de temperatura, e sim que o corpo facilmente a tolere. Assim de igual modo façamos relativamente à alma, e não nos empenhemos em fugir da pobreza, ou enriquecer, mas em atuar com diligência em cada uma dessas situações. Por conseguinte, deixando-as de lado, adaptemo-nos bem às riquezas e à pobreza. Pois, mesmo que não ocorra falha humana – na maioria dos casos é impossível –, será melhor quem não busca riquezas, mas com facilidade tudo suporta, do que aquele que continua sempre rico. Por que motivo? Em primeiro lugar, aquele tem em si mesmo bens garantidos, enquanto este possui bens exteriores. É melhor o soldado que confia no vigor corporal e na arte bélica do que somente na força das armas; da mesma forma é melhor quem se acha protegido pela virtude do que aquele que se fia nas riquezas. Em segundo lugar, mesmo que não caia na pobreza, não é possível manter-se imperturbável; as riquezas acarretam muitas lutas e agitações. Não é assim a virtude, que só traz prazer e segurança. Torna o homem inexpugnável aos pérfidos. As riquezas, ao invés, facilmente são tomadas e arrebatadas. E como entre os animais o cervo e a lebre são os mais fáceis de capturar por causa da timidez natural, o javali, o touro e o leão dificilmente caem em ciladas, assim também se verifica quanto aos opulentos e os que voluntariamente vivem na pobreza. Estes são semelhantes ao leão e ao touro, os outros ao cervo e à lebre. De fato, o que não receia o rico? Acaso, não os ladrões? Os potentados? Os invejosos? Os caluniadores? E por que falo de ladrões e caluniadores, quando até os servos são suspeitos? E por que me refiro a um vivo? Morto, não se acha livre dos malefícios dos ladrões, a morte não o coloca em segurança, mas os malfeitores depredam o morto – de tal modo as riquezas resvalam. Eles não somente perfuram as casas, mas violam os sepulcros e as urnas. Quem mais infeliz do que aquele a quem nem a morte pode oferecer segurança? Infeliz o corpo que nem mesmo inanimado fica livre das tribulações presentes, pois aqueles que cometem tal crime fazem guerra até ao pó e à cinza, e muito pior do que durante a vida! Então, quando os ladrões penetravam no tesouro, remexiam os cofres, mas abstinham-se de tocar no corpo, e não roubavam a ponto de despojá-lo; agora, porém, nem disso se abstêm as mãos execrandas dos violadores dos sepulcros, mas mexem e reviram, e com suma crueldade ultrajam-no. Após ter sido jogado por terra, abandonam-no despojado das vestes que o envolviam. Qual, pois, maior inimigo do que as riquezas, que levam à perdição as almas dos vivos, infligem ultrajes aos corpos dos mortos, sem deixar que a terra os encubra? Isso é comum aos condenados, réus comprovados dos crimes mais torpes. Com efeito, após terem sofrido a pena capital, os magistrados de nada mais se ocupam; destes, porém, as riquezas após a morte, impõem penas gravíssimas, exibindo-os nus e insepultos.

Espetáculo terrível e digno de compaixão! Suportam, pois, males mais graves do que os sentenciados pelos juízes encolerizados. De fato, eles, após um ou dois dias insepultos, são enterrados;

aqueles, depois de enterrados, são despojados e ultrajados. E se os ladrões não se afastam, roubando também a urna, não é devido a seu valor, mas a sua insignificância; é esta que a protege. Se confiássemos o morto a uma rica urna, e não a construíssemos de pedra, mas de ouro, também a perderíamos. A tal ponto são pérfidas as riquezas, que não pertencem tanto aos possuidores quanto aos que empreendem roubá-las. Por isso, supérfluo o discurso que tenta demonstrar serem as riquezas difíceis de defender, visto que nem na morte estão seguros os seus possuidores. Ora, quem não se congraçaria com o morto, mesmo que fosse uma fera, um demônio etc.? Contemplar o defunto basta para dobrar até um temperamento férreo ou insensível. Por isso, diante de um morto, seja embora adversário e inimigo, qualquer um lacrimeja juntamente com os maiores amigos; a ira se extingue com a vida, e a misericórdia se infiltra. Nas exéquias e funerais não se distingue quem é inimigo, de tal modo todos respeitam a natureza comum e as leis dela derivadas. Mas as riquezas, nem isso; legam a ira para os seus possuidores, e tornam inimigos do defunto aqueles que não sofreram injustiça alguma, porque verdadeiramente desnudar um defunto é peculiar aos mais cruéis adversários e inimigos. A natureza, de fato, reconcilia com ele até os inimigos; as riquezas, porém, fazem guerra mesmo aos que não podem acusar de crime algum, e cruelmente se exasperam contra o corpo que jaz em grande solidão. Ora, muitas considerações ali podem atrair à misericórdia: um morto, imóvel, propenso à terra e à corrupção, desvalido. Nada disso dobra aqueles execrandos, por causa da tirania oriunda da cobiça. O amor do dinheiro, cruel tirano, insiste ordenando atos desumanos, e transformando-os em feras, atrai às urnas. Quais feras atacam os mortos, e não se absteriam das carnes, se os membros lhes trouxessem alguma utilidade. Das riquezas usufruímos o seguinte: somos até depois da morte ultrajados, privados da sepultura, que até os mais ousados criminosos conseguem. Dize-me. A tal ponto são inimigas, e ainda devemos amá-las? Absolutamente não, irmãos, absolutamente. Fujamos, sem olhar para trás, e se vierem às nossas mãos, não as retenhamos, mas prendamo-las às mãos dos pobres. Esses vínculos podem melhor retê-las, e nunca escaparão daqueles tesouros; apesar de infiéis permanecerão fiéis, plácidas, mansas, transformadas por meio da esmola dada pela direita. Se alguma vez, portanto, elas nos advierem, transmitamo-las; do contrário, se não vierem, não as procuremos, não tenhamos sufocação, nem consideremos felizes os que as possuem. De que modo será considerado feliz? A não ser que digas serem felizes os que lutam com as feras, porque os que propõem esses combates mantêm presas as que compraram, mas nem eles próprios ousam aproximar-se e tocá-las, por pavor e tremor. O mesmo acontece aos ricos, que fecharam nos tesouros as riquezas, cruel fera, e delas cada dia recebem inumeráveis ferimentos, ao contrário inteiramente do que acontece com os animais. Pois as feras soltas, de fato, danificam os que vêm a seu encontro; se fechadas e guardadas, causam perda aos que as possuem e conservam. Quanto a nós, tornemos mansa a fera. Amansará se não a aprisionarmos, mas as conduzirmos às mãos de todos os necessitados. Assim também alcançaremos os maiores bens, e na vida presente viveremos seguros, repletos das melhores esperanças, e no dia que há de vir estaremos confiantes. Seja concedido a todos nós obtê-lo pela graça e amor aos homens etc.

TRIGÉSIMA SEXTA HOMILIA

20. *Irmãos, quanto ao modo de julgar, não sejais como crianças; quanto à malícia, sim, sede crianças; mas, quanto ao modo de julgar, sede adultos.*

Com razão, após longo preparo e demonstração, emprega palavra mais forte e muitas repreensões, e relembra um exemplo adequado à presente conjuntura. Com efeito, as crianças ficam boquiabertas e admiradas diante de coisas pequenas, enquanto não se espantam tanto diante de coisas muito grandes. Uma vez que os coríntios julgavam possuir tudo porque tinham o dom das línguas, que na verdade é o

último, diz o Apóstolo: *“Não sejais como crianças”*, isto é, insensatos, mas deveis ser sábios. Encontram-se meninos e simples onde há injustiça, vanglória, orgulho. Aquele que por causa do vício é criança, igualmente deve ser prudente. A prudência unida à malignidade não é prudência; da mesma forma a simplicidade com a loucura não seria simplicidade. De fato, na simplicidade deve-se fugir à loucura, e na prudência fugir da maldade. Assim como os medicamentos amargos e os doces não são úteis se forem tais em excesso, nem a simplicidade por si, nem a prudência. Por esse motivo Cristo, ordenando moderação em relação a ambas, dizia: “Sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas” (Mt 10,16). O que significa, porém, ser pequenos ou crianças na malícia? Nem conhecer o vício. É assim que deseja os seus. Por isso diz o Apóstolo: *“É geral ouvir-se dizer que entre vós existe luxúria”* (1Cor 5,1). Não disse: é cometida, e sim: “Ouve-se dizer”. Conheceis bem, diz ele, os fatos; ouvistes dizer alguma vez. Queria que eles fossem adultos e crianças, os primeiros quanto ao vício, os segundos relativamente à prudência. Assim, portanto, o homem será homem, se criança; enquanto não for criança quanto ao vício, nem homem será. O celerado não será perfeito, mas insensato.

21. *Está escrito na Lei: Falarei a esse povo por homens de outra língua e por lábios estrangeiros, e mesmo assim não me escutarão, diz o Senhor*.

Ora, em parte alguma da Lei encontra-se esse trecho, mas conforme disse acima, o Apóstolo sempre dá o nome de Lei ao Antigo Testamento, aos Profetas e aos Livros históricos. Ele aduz o testemunho do profeta Isaías, mais uma vez atenuando a importância do dom, para utilidade deles; entretanto, o elogia. A locução: *“mesmo assim”* tinha a finalidade de expor que o milagre era suficiente para abalá-los e se não acreditassem, a culpa era deles próprios. E por que Deus o fez, se não haveriam de acreditar? A fim de manifestar que sempre realiza a sua parte. Havendo assegurado que o milagre não é muito útil, mesmo se proveniente da profecia, acrescentou:

22. *Por conseguinte, as línguas são um sinal não para os que creem, mas para os que não creem. A profecia, ao contrário, não é para os incrédulos, mas para os que creem.*

23. *Se, por exemplo, a Igreja se reunir e todos falarem em línguas, os simples ouvintes e os incrédulos que entrarem não dirão que estais loucos?*

24. *Se, ao contrário, todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar, há de se sentir arguido por todos, julgado por todos;*

25. *os segredos de seu coração serão desvendados; prostrar-se-á com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de vós.*

Muitas dúvidas podem surgir acerca dessas palavras. Se as línguas constituem sinal para os infiéis, por que diz ele: “*Se os infiéis vos virem falando em línguas, não dirão que estais loucos?*” E se a profecia não é para os infiéis, mas para os fiéis, como por meio dela será possível lucrar os infiéis? Se, pois, diz ele: “*todos profetizarem, o incrédulo que entrar há de se sentir arguido por todos, julgado por todos”*. Não existe somente essa dificuldade, mas ainda surge uma segunda questão: o dom das línguas parece maior do que a profecia. Pois, se o dom das línguas é sinal para os infiéis, e a profecia para os fiéis, o que atrai e congrega os estranhos é maior do que o que une os familiares. Qual o sentido, portanto, dessas expressões? Nada difícil, nem obscuro, nem oposto às palavras precedentes, mas muito conveniente, após exame atento. Com efeito, a profecia é adequada a uns e outros, enquanto o dom das línguas, não. Por isso, tendo dito que constitui um sinal, acrescentou: *“As línguas são um sinal não para os que creem, mas para os que não creem”*, quer dizer, para causar-lhes admiração, não para instruí-los. Ora, em relação à profecia fez o mesmo, dizendo: *“A profecia, ao*

contrário, não é para os incrédulos, mas para os que creem”. Os fiéis não precisam de sinais, mas somente de doutrina e instrução. Como dizes que a profecia é útil para uns e outros, replicas, se o Apóstolo afirmou: *“Não é para os incrédulos, mas para os que creem”?* Se examinares cuidadosamente, entenderás o que foi dito. Ele não assegurou que a profecia não é útil aos infiéis, mas que não é sinal como o dom das línguas, isto é, sem utilidade. Aos infiéis não é proveitoso o dom das línguas; somente um é o efeito que produz: espanto e confusão. O sinal é apenas meio indiferente. Por exemplo, ao dizer: “Realiza-me um sinal”, acrescenta-se: “de bondade”, e: “Para muitos eu me tornava um prodígio” (Sl 86,17 e 71,7), isto é, um sinal.

E para ficares ciente de que não mencionou aqui o sinal, como sendo inteiramente útil, introduz o que dele resulta. O que é? *“Não dirão que estais loucos?”* Não por causa da natureza do sinal, mas devido à loucura deles. Ao ouvires alusão a infiéis, não penses que em toda parte se trata dos mesmos, mas por vezes refere-se aos que sofrem de doença ,incurável e persistem nesse estado, de sorte que é impossível corrigi-los; por vezes, porém, aos que podem se converter, quais foram na época dos apóstolos os que admiravam as chamadas maravilhas de Deus, de cujo número foi Cornélio. É isto que ele assegura: a profecia, de fato, vale para os infiéis e os fiéis; o dom das línguas, contudo, quando ouvido por infiéis e estultos, não só não os lucram, mas eles ainda zombam dos que falam, como se fossem loucos. Serve-lhes apenas de sinal, isto é, apenas ficam estupefatos. Pois, se apreciassem, também seriam lucrados, em vista do sinal que lhes fora dado. Então não existiam apenas os que os acusavam de embriaguez, mas muitos os admiravam, por falarem das maravilhas de Deus. Os zombadores, portanto, eram insanos. Por esse motivo, Paulo não afirmou de modo absoluto: “Dirão que estais loucos”, mas acrescentou: *“os simples ouvintes e os incrédulos”*. Quanto à profecia, não é simplesmente sinal, mas é apta e vantajosa para ambas as coisas: a fé e o bem. E isso, ele não explana imediatamente, e sim através das palavras subsequentes: *“Será arguido por todos”*. *“Se, ao contrário, todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar, há de se sentir arguido por todos, julgados por todos; os segredos de seu coração serão desvendados; prostrar-se-á com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de vós”*. Por essa razão, a profecia é maior não apenas por vigorar nos dois casos, mas também por atrair os mais impudentes dentre os infiéis. Não foi a mesma espécie de milagre Pedro repreender Safira (era uma profecia), ou falar em línguas. No primeiro caso todos, na verdade, ficaram intimidados, mas, ao falar em línguas julgaram que estava delirando. Tendo assegurado que falar em línguas não era de proveito, e tendo mitigado a expressão, imputando a culpa aos judeus, prossegue mostrando que também prejudicava. E por que, então, foi dado? Para se proceder com interpretação; sem esta, acontece até o oposto entre os insipientes. *“Se todos falarem em línguas, os simples ouvintes e os incrédulos que entrarem não dirão que estais loucos?”*, conforme aconteceu com os apóstolos, que foram considerados ébrios, pois se dizia: “Estão cheios de vinho doce!” (At 2,13). Mas a culpa não é do sinal, e sim da rusticidade deles. Por isso acrescentou: *“Os simples ouvintes e os incrédulos”*, por se tratar de imperícia e incredulidade da parte deles. De fato, conforme disse acima, não tenta rebaixar o dom, colocando-o entre os que prejudicam, e sim entre os que pouco adiantam, para reprimi-los e obrigá-los a procurar intérprete. Efetivamente, uma vez que muitos utilizavam o dom, sem tais considerações, mas ostentando-se e ambicionando honras, detém-nos principalmente por meio de provas de que esta boa reputação os prejudicava, porque se tornavam suspeitos de loucura. E é o que Paulo assiduamente procura estabelecer, quando quer retirar algo de alguém, mostrando que será lesado pelo próprio objeto de seu desejo. E tu também age de modo semelhante; a fim de te apartar do prazer, explica que é amargo e, para afastar da vanglória, mostra que é desonrosa. Assim também agia Paulo. No intuito de arredar os ricos da avidez das riquezas, não somente declara que elas são muito prejudiciais, mas também

arrastam à tentação, pois diz: “Os que querem enriquecer caem em tentação” (1Tm 6,9). Visto que pareciam livrar das tentações, atribui-lhes o contrário do que julgavam os ricos. Outros se aplicavam à sabedoria pagã, considerando adquirir doutrina estável. Expõe que não somente não concorre para a sabedoria da cruz, mas também que a frustra. Insistiam nos julgamentos perante estranhos, considerando indigno serem julgados pelos seus, como se os pagãos fossem mais sábios; ele explana que era vergonhoso ser julgado pelos de fora. Adicionava-se ainda a questão das carnes imoladas aos ídolos, para aqueles que denotavam aparentemente possuir conhecimento mais perfeito; mostra que era conhecimento imperfeito não saber tratar dos interesses do próximo. Assim também neste caso, uma vez que ficavam estupefatos perante o dom das línguas, cobiçosos de glória, destaca que, na verdade, era indecoroso, não somente privando-os das honras, mas ainda fazendo recair sobre eles a suspeita de loucura. Entretanto não o assegura imediatamente, mas primeiro se refere a inúmeros problemas, e após conseguir que recebessem bem o discurso, introduz de improviso o assunto. Essa maneira de explanar lhe é familiar. Para desfazer a firme opinião de alguém e vertê-lo ao outro extremo, não se deve logo dizer o contrário; tornar-se-ia ridículo perante os opositores. Pois uma novidade além de toda expectativa não é admissível logo de início, mas é preciso primeiro abrir outros caminhos para desvanecer a falsa opinião, e desta forma invertê-la.

Certamente foi assim que procedeu o Apóstolo ao falar do matrimônio. Visto que muitos consideravam o matrimônio um estado de repouso despreocupado, enquanto ele queria mostrar que não contrair matrimônio ocasionava tranquilidade, se logo o dissesse, não conseguiria que tão facilmente o aceitassem. Depois, contudo, de ter oportunamente apresentado muitos argumentos, facilmente atingiu os ouvintes. Assim também agiu relativamente à virgindade. Com efeito, tendo antes falado muito, e ainda depois, assegura: “*Eu vo-las desejaria poupar*” e: “*Eu quisera que estivésseis isentos de preocupações*” (1Cor 7,28.32). O mesmo faz quanto às línguas, explicando que elas não somente privam de notoriedade, mas ainda envergonham seus possuidores junto dos infiéis. A profecia, ao contrário, não faz corar diante dos infiéis, mas acarreta grande renome e utilidade. Ninguém diz acerca da profecia que os profetas estão loucos, nem zombam deles; ao invés, ficam estupefatos e admirados. “*Há de se sentir arguido por todos, julgados por todos*”, isto é, “*os segredos de seu coração serão desvendados*”, revelados diante de todos. Não é indiferente para quem entra verificar que um fala o idioma persa, outro o siríaco, ou após ingressar ouvir os segredos de seu coração, e o que fez e o que planejou, quer tenha entrado para experimentar e com más disposições, quer com ânimo sincero. É muito mais terrível e útil que o primeiro caso. Por isso, diz-se de quem fala em línguas que está louco; não o afirma por si, mas por sentença alheia: “*Não dirão que estais loucos?*” Aqui, porém, emprega ainda o sufrágio dos fatos e dos que recebem auxílio: “*Há de se sentir arguido por todos, julgados por todos; os segredos de seu coração serão desvendados; prostrar-se-á com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de vós*”. Vês que isso é indubitável? Pois, no primeiro caso, os fatos causam ambiguidade e algum dos infiéis pode atribuí-los à loucura; neste, porém, nada disso, mas admira-se e adora-se, confessando primeiro as obras, e em seguida também as palavras. Assim igualmente Nabucodonosor adorou a Deus, dizendo: “Em verdade o vosso Deus é o Deus revelador dos mistérios, pois tu pudeste revelar este mistério” (Dn 2,47). Viste a força da profecia, que mudou, instruiu, e levou à fé aquele homem feroz?

Os carismas. Regras práticas.

26. *Que fazer, pois, irmãos? Quando estais reunidos, cada um de vós pode cantar um cântico, proferir um ensinamento ou uma revelação, falar em línguas ou interpretá-las; mas que tudo se faça para a edificação!*

Vês a base e a regra do cristianismo? Como é dever do artífice edificar, assim também o do cristão é fazer tudo para o bem do próximo. Uma vez que o Apóstolo havia criticado muito o dom, a fim de não parecer excessivo, e reprimir o orgulho deles, fez apenas o seguinte: Novamente o enumera entre os demais, dizendo: "*Pode cantar um cântico, proferir um ensinamento, falar em línguas*". Com efeito, cantar salmos outrora provinha de um carisma, e igualmente ensinar; entretanto, tudo isto visava a uma só finalidade: corrigir o próximo. Nada se faça de maneira inconsiderada. Se não te aproximas do irmão para edificá-lo, para que o abordas? Não considero grande a diferença entre os carismas. Cuido apenas de uma só coisa, para um só ponto tendem meus esforços, a saber, "*tudo se faça para a edificação!*" Assim, quem possui um dom pequeno há de ultrapassar o que tiver um maior, se tiver presente essa meta. Os dons existem para a edificação de cada um. Se isso não acontecer, o dom será motivo de condenação para o receptor. De que adianta, dize-me, profetizar? Para que fim serve ressuscitar os mortos, se ninguém lucra com isso? Se tal é a finalidade dos dons, é possível realizar prodígios de outro modo, independente deles, a fim de não te orgulhares por causa do milagre, nem te julgares infeliz se não tiveres carismas.

27. *Se há quem fale em línguas, falem dois ou, no máximo, três, um após o outro. E que alguém as interprete.*

28. *Se não há intérprete, cale-se o irmão nas assembleias; fale a si mesmo e a Deus.*
Por favor, o que dizes? Proferiste tantas coisas a respeito do dom das línguas: é inútil, supérfluo, se não tiver intérprete, e novamente mandas falar em línguas? Não mando, diz ele, mas também não proíbo, conforme se exprime em outra passagem: "*Se algum gentio vos convidar e aceitardes o convite*" (1Cor 10,27), não assegura que é obrigatório aceitar, mas também não o impede. Assim também aqui diz: "*Fale a si mesmo e a Deus*". Se não pode calar, diz ele, mas ambiciona de tal modo honra e vanglória, fale a si mesmo. Permitir desta forma já constitui proibição, porque está incutindo pudor.

Ainda age deste modo ao dissertar sobre as relações com a mulher: "*Digo isto como concessão à vossa incontinência*" (cf. 1Cor 7). Ao falar da profecia, não se expressou dessa maneira; mas, de que forma? Ordenando e emitindo uma norma: "*Quanto aos profetas, dois ou três tomem a palavra*". Em parte alguma exige intérprete, nem fecha a boca do profeta, como neste trecho: "*Se não há intérprete, cale-se*". Não é autossuficiente o que fala em línguas. Por isso, se alguém possui ambos os dons, fale; se não possui e quer falar, faça-o acompanhado de um intérprete. Efetivamente, o profeta é intérprete, mas de Deus, enquanto tu serves de intérprete a um homem. "*Se não há intérprete, cale-se*". Com efeito, nada se faça de supérfluo, nada por ambição de honrarias. "*Fale a si mesmo e a Deus*", isto é, se quiser falar, faça-o mentalmente, tranquilo, silencioso. Não está emitindo uma norma, mas antes incutindo pudor pela concessão, como ao dizer: "*Se alguém tem fome, coma em sua casa*" (1Cor 11,34). Aparenta conceder, e por isso mesmo corrige mais energicamente. Não vos reunis, diz ele, para exibição de dons, mas para edificação dos ouvintes, conforme afirmou também no início: "*Tudo se faça para a edificação!*"

29. *Quanto aos profetas, dois ou três tomem a palavra e os outros julguem.*
Em parte alguma foi mais extenso do que relativamente ao dom das línguas. E o que importa? – replicas. Indica não ser a profecia autossuficiente, se permite que ela se sujeite a juízo alheio. Ao contrário, é muito suficiente. Não lhe impôs silêncio como ao outro dom, nem ordenou de modo semelhante: "*Se não há intérprete, cale-se*". Não diz a respeito do profeta: se não há quem tenha discernimento, não profetize, mas somente quer dar certeza ao ouvinte. Fez esta declaração para advertir sobre a precaução acerca de vates e adivinhos. Já no início a recomendou, ao explanar a

diferença entre adivinhação e profecia; e agora ordena idêntico discernimento e consideração, a fim de que não irrompa algo de diabólico.

30. *Se alguém que esteja sentado, recebe uma revelação, cale-se o primeiro.*

31. *Vós todos podeis profetizar, mas cada um a seu turno, para que todos sejam instruídos e encorajados.*

O que quer dizer? Se enquanto profetizas e falas, diz ele, o Espírito inspirar a um outro, omite o restante da profecia. Conforme ordenou a respeito das línguas, também aqui exige que fale cada qual por sua vez, mas de modo mais divino, pois não disse: cada um separadamente, e sim: *"Se alguém... recebe uma revelação"*. O que teria a dizer ainda o primeiro, se o segundo é movido a profetizar? Neste caso, deviam profetizar os dois? Seria coisa absurda e haveria confusão. Então, o primeiro? Igualmente absurdo. Pois, enquanto o primeiro fala, o Espírito move o segundo a dizer também algo. Em seguida, o Apóstolo, confortando aquele que tivera de se calar, diz: *"Vós todos podeis profetizar, mas cada um a seu turno, para que todos sejam instruídos e encorajados"*. Vês como de novo enuncia o motivo por que faz todas as coisas? Se, pois, proíbe inteiramente o que fala em línguas empregar o dom quando não houver intérprete, por ser inútil, com razão manda interromper a profecia, se não for proveitosa, mas causar confusão, perturbação, tumulto importuno.

32. *Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas.*

Viste com que vigor e de que modo terrível os envergonha? Para que o profeta não dispute nem suscite revolta, declara que o próprio dom lhe é submisso; aqui dá o nome de *"espírito"* à ação do Espírito. Se o *"espírito"* está submisso, muito mais tu que o possuis não tens o direito de disputar. Em seguida explica que tal atitude é também agradável a Deus, aditando:

33. *Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz, conforme ensino em todas as Igrejas dos santos.*

Viste de quantos modos reduz ao silêncio, e conforta aquele que cede seu lugar? Primeiro, porque com tal fato não fica impedido: *"Vós todos podeis profetizar, mas cada um a seu turno"*; em segundo lugar, porque manifesta o Espírito: *"Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas"*; além disso, porque está de acordo com o pensamento de Deus: *"Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz"*; finalmente em quarto lugar, porque esta lei vigora em toda parte, e não lhes é ordenada coisa estranha: *"Conforme ensino em todas as Igrejas dos santos"*. O que pode ser mais terrível? De fato, a Igreja então era um céu, sob a direção total do Espírito Santo, que inspirava a todos os que a presidiam e estes assim agiam. Agora, porém, mantemos apenas os símbolos daqueles dons. E ainda dois ou três falam sucessivamente, e um se cala quando o outro começa, mas estes atos são apenas sinais e memorial daqueles. Por isso, quando começamos a falar, o povo responde: *E com o teu Espírito*, indicando que outrora assim respondia, e não era movido por sua própria sabedoria, mas pelo Espírito. Tal não acontece agora. Falo de mim mesmo.

Todavia, a Igreja atualmente assemelha-se a uma mulher que decaiu da antiga prosperidade e em muitos lugares conserva apenas os símbolos da felicidade anterior e exibe somente as caixas e os estojos das joias de ouro, porque lhe foram extorquidas as riquezas; a Igreja atual se lhe assemelha. Não o digo somente por causa dos dons, porque não seria tão grave se fosse só isso, mas trata-se também da vida e da virtude. Efetivamente, outrora as Igrejas estavam muito ornadas com as numerosas viúvas e o coro das virgens; agora, no entanto, a Igreja acha-se privada e despojada, e restam somente os sinais. Existem, contudo, viúvas e virgens, mas desprovidas do ornato peculiar às que se preparam para tais combates. É exímio indício da virgem ser solícita apenas das coisas de

Deus, e estar assiduamente sem distrações em oração; e da viúva, ser exemplo não tanto em não contrair segundas núpcias quanto na hospitalidade, na caridade para com os pobres, nas orações perseverantes etc., conforme Paulo reclama insistentemente, ao escrever a Timóteo.

Ver-se-á também as casadas demonstrarem entre nós grande honestidade. Mas não é somente isso que se requer, e sim a diligente solicitude para com os indigentes, no que as antigas mulheres muito resplandeciam e não segundo muitas de nosso tempo. Outrora, em vez dos enfeites de ouro, ornavam-se de esmolas; na atualidade, omitem-nas e cingem-se inteiramente de colares de ouro, entrelaçados na cadeia dos pecados. Mencionarei ainda outro cofre vazio, despojado de sua beleza ancestral? Outrora reuniam-se todas e salmodiavam em comum. Atualmente ainda o fazemos. Outrora, contudo, eram todos uma só alma e um só coração, enquanto hoje não se encontra em alma alguma aquela concórdia, e sim muita discórdia em toda parte. Como aos que entram na casa paterna, quem preside à Igreja deseja paz. O nome de paz ouve-se frequentemente, na verdade, mas a realidade não se encontra em parte alguma. Outrora as casas eram igrejas; agora, porém, a igreja é uma casa, ou antes pior do que qualquer casa. Pois numa casa vê-se bem estabelecida a ordem. A dona da casa senta-se numa cadeira com toda dignidade e decoro, e as escravas tecem em silêncio, e cada um dos escravos tem em mãos o que lhes foi ordenado. Agora, porém, há muito tumulto, grande confusão e nossas casas em nada diferem de uma taberna, com tanto riso, tanta perturbação, como nas termas ou na praça, onde todos gritam e fazem barulho. E isso acontece somente entre nós; nos outros lugares não é permitido falar na igreja nem a quem estiver perto, mesmo para acolher um amigo há muito ausente, mas isto se faz fora; e com razão. Pois a igreja não é barbearia, nem perfumaria, nem oficina das que existem na praça, mas habitação dos anjos, dos arcanjos, reino de Deus, o próprio céu. Se alguém, portanto, te introduzisse no céu, mesmo que visses teu pai, um irmão, não ousarias falar; assim aqui não se deveria falar a não ser sobre assuntos espirituais, porque aqui também é um céu. Se não acreditas, olha esta mesa, recorda por que, e para que está aqui. Pensa quem é que aí aparece, e estremece antes da ocasião da vinda. De fato, se alguém visse apenas o trono do rei, elevaria o espírito, aguardando a vinda do rei. E tu, portanto, venera antes daquele tempo com temor, eleva-te e antes de contemplares abertas as cortinas, precedido do coro dos anjos, sobe ao próprio céu. Entretanto, ignora-o quem não foi iniciado nos mistérios. É preciso ao menos explicar-lhe outras coisas. Não nos faltam outros pontos para lhes ensinar, que podem fazer com que se levante, e se convença a elevar ao alto o coração. Tu, no entanto, que ignoras estas coisas, ao ouvires o profeta dizer: “Assim fala o Senhor, afasta-te da terra, e sobe ao céu”, reconhece quem te fala através dele. Atualmente, contudo, assistimos, em completo silêncio diante do que se diz, ao espetáculo de um histrião que provoca riso, de uma meretriz que age vergonhosamente, e embora ninguém mande calar, não há tumulto, nem clamor, nem barulho algum. Quando Deus fala do alto dos céus sobre assuntos de tal modo respeitáveis, somos mais impudentes do que cães, e não prestamos tanto respeito a Deus quanto às meretrizes.

Ouvindo isto, estremecestes de horror? Horrorizai-vos de fazer muito pior. Perguntou Paulo aos que desprezavam os pobres e comiam sozinhos: “*Não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm?*” (1Cor 11,22). Permiti-me também dirigir-me aos que provocam tumulto aqui dentro e ficam conversando: acaso não tendes casas para tagarelar? Ou desprezais a Igreja de Deus e perverteis os que querem permanecer modestos e tranquilos? Entretanto, é suave e agradável conversar com os conhecidos! Não proíbo, mas seja em casa, na praça, nas termas. A igreja não é lugar de colóquios, e sim de ensinamentos. Hoje, porém, em nada se diferencia da praça; e se não é ousado afirmá-lo, talvez nem do palco, de tal modo as mulheres aqui reunidas se ornam de maneira mais lasciva do que as meretrizes. Por isso, atraem para cá também muitos impudicos. E se alguém tentar ou quiser corromper uma mulher, a meu ver, nenhum lugar lhe

parece mais apto do que a igreja. E ao se tratar de vender ou comprar, parece mais cômodo na igreja do que na praça. Aqui, pois, tratam de mais questões do que nas próprias oficinas. E se alguns quiserem falar mal e ouvir detrações, terá aqui mais oportunidade do que na praça. E se quiseres ouvir falar de política, do que sucede nos edifícios e nos acampamentos, não vás ao foro judicial, nem te sentes nas casas de saúde. Há os que a todos informam dessas coisas mais minuciosamente; e o lugar melhor de todos é aqui, a igreja. Talvez achais esss palavras pesadas demais. Não o creio. Quando persistis nas mesmas faltas, como posso reconhecer que as palavras vos abalaram? Por isso, será necessário repeti-las. Essas coisas são toleráveis? Suportáveis? Quotidianamente nos cansamos e nos atormentamos para sairdes apenas depois de terdes aprendido algo de proveitoso. No entanto, nenhum de vós se aparta tendo lucrado alguma coisa, mas, ao invés, é com maior dano. Na verdade, vós vos reunis para vossa condenação, sem desculpa alguma para vossos pecados, e afastais os melhores, incomodando-os sempre com as vossas tagarelices. Mas, o que é que dizem muitos? Não ouço a leitura, nem sei o que se diz. Sucede isso, porque fazeis ruído, agitais o povo, e não vos aproximais piedosamente. O que dizes? Não sabes o que significa o sermão? Ora, por isso mesmo devias prestar atenção. Se nem mesmo o que é obscuro desperta tua atenção, muito mais se fosse claro e manifesto, passarias além. Nem tudo é evidente para não seres preguiçoso; nem tudo obscuro, para não desanimares. Com efeito, aquele eunuco e estrangeiro nada disso alegou, mas, cercado de uma quantidade de negócios, e estando de viagem, tinha o livro nas mãos e lia, sem saber o que lia; tu, porém, com tal abundância de mestres e tendo quem leia para ti, proferes desculpas e pretextos. Não sabes o que se diz? Reza, portanto, para aprenderes. Ou antes, é impossível que ignores tudo. Muitas coisas por si são claras e evidentes; ou melhor, se tudo ignorasses, devias ficar quieto, para não afastares os que estão atentos, de sorte que, quando teu silêncio e pudor agradarem a Deus, ele tornará claro o que for obscuro. Mas, não podes te calar? Sai, então, para não prejudicares os outros. Efetivamente, na igreja deve sempre haver uma só voz de um só corpo. Por isso, o leitor fala sozinho, e o bispo fica sentado em silêncio; e quem salmodia, salmodia sozinho. E se ressoar a resposta de todos, a voz é emitida como sendo de uma só boca. E quem faz a homilia, fala sozinho. Quando, contudo, vários discutem sobre muitos e diversos assuntos, por que inutilmente vos molestaremos? Para que não julgueis que vos molestamos em vão, referindo-nos a tantos problemas, não faleis do que não interessa. Por isso, é grande a inversão de valores não somente na vida, mas na própria avaliação das questões. Cobiçais ardentemente as coisas supérfluas, e, abandonando a verdade, perseguis sombras e sonhos.

Acaso não são sombras e sonhos as realidades presentes e menos do que sombras? De fato, mal aparecem, vão embora; e antes que voem, causam grande perturbação, e maior do que o prazer. E se alguém enterrar inumeráveis riquezas que acumulou, quando a noite passar, sairá deste mundo despojado; e com razão. Pois os que são ricos em sonhos, ao se levantarem do leito, nada têm do que pareciam possuir enquanto dormiam; assim também quanto aos ambiciosos, ou antes, não é bem assim, mas é muito pior. De fato, o rico apenas em sonhos não tem as riquezas que julgava possuir, nem qualquer outra consequência desta fantasia, quando se levanta; o ambicioso, porém, parte deste mundo privado das riquezas e repleto dos pecados provenientes delas; a riqueza é somente um sonho, os males, contudo, delas oriundos não são imaginários, mas reais. Sentiu prazer nos sonhos, mas o suplício proveniente do prazer não advém em sonho: é experimentado; ou antes, mesmo antes daquele suplício, aqui na terra sofre o pior castigo, porque, para acumulá-las, é triturado por inúmeras aflições, cuidados, acusações, calúnias, tumultos e perturbações. Por conseguinte, para nos libertarmos dos sonhos e dos males que existem fora dos sonhos, em vez da cobiça, optemos pela esmola, e em vez da rapina, pela atitude humanitária. Assim consigamos os bens presentes e futuros, pela graça e amor aos

homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA SÉTIMA HOMILIA

14,34. *Estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei.*

Havendo o Apóstolo eliminado o tumulto originário do dom das línguas e o oriundo das profecias, e estabelecido a norma de se evitar confusão, de sorte que os que falavam em línguas o fizessem sucessivamente, e os que profetizavam calassem quando os outros começassem, procedeu enfim também à agitação proveniente da parte das mulheres, cortando-lhes a importuna liberdade de falar. Muito oportunamente! Se não concede simplesmente licença de falar aos possuidores de carismas, nem no momento que quisessem, apesar de movidos pelo Espírito, muito mais proíbe a tagarelice de maneira inconsiderada e vã. Por isso com grande autoridade faz com que se calem as loquazes e, apoiado na lei, fecha-lhes a boca do seguinte modo. Não apenas persuade, nem aconselha, mas ordena com vigor, lendo uma antiga norma a respeito. Com efeito, tendo dito: *"Estejam caladas as mulheres nas assembleias"*, e: *"Não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas"*, acrescentou: *"Como diz também a Lei"*. Onde a Lei o diz? "Teu desejo te levará ao teu marido e ele te dominará" (Gn 3,16). Viste a sabedoria de Paulo, e que grande testemunho aduziu, não somente ordenando-lhes que se calassem, mas calassem com temor e temor servil? Por isso, tendo dito: *"Não lhes é permitido tomar a palavra"*, não acrescentou: mas devem calar, e sim, em vez de calar, o que é muito mais, isto é, *"ficar submissas"*. Se isso diante do marido, muito mais na presença dos mestres e pais e na comunidade eclesial. Ora, se não falam, replicas, nem interrogam, por que motivo estão presentes? Para ouvirem, de fato, o que importa, e esclarecerem as dúvidas em casa, junto dos maridos. Por isso aditou:

35. *Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa;*

Não somente não lhes permite falar, mas nem interrogar na igreja. Se, porém, não devem interrogar, ainda mais é absolutamente proibido falar. E por que as reduz a tal submissão? Porque a mulher é mais fraca, instável e fútil. Por isso colocou à frente os maridos como mestres, para o bem de ambos. Pois, deste modo as torna modestas, e a eles solícitos, de sorte que transmitissem às mulheres o que ouviram com a maior exatidão. Em seguida, porque elas podiam julgar ser bonito falar em público, profere o contrário, nesses termos: não é conveniente que uma mulher fale nas assembleias.

Por conseguinte, primeiro o confirma com a lei de Deus; em seguida, com o senso comum e o costume, conforme também lhes dizia a respeito da cabeleira: *"A natureza mesma não vos ensina?"* (1Cor 11,14). E em toda parte se encontra tal atitude, incutindo pudor, não só baseado nas Escrituras divinas, mas nos costumes. Mais adiante, por meio da opinião comum e uso geral, sugere pudor; fá-lo também aqui, dizendo:

36. *Porventura, a palavra de Deus tem seu ponto de partida em vós? Ou fostes vós os únicos que a recebestes?*

De fato, apresenta outras Igrejas que observam esta lei e, impedindo o tumulto da novidade, torna o discurso grato, apresentando-o de acordo com a opinião de muitos. Por isso, diz também em outra parte: *"Ele vos recordará as minhas normas de vida em Cristo, tais como as ensino em toda parte, em todas as Igrejas!"*; e ainda: *"Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz, como acontece em todas as Igrejas dos santos"* (1Cor 4,17; 14,33); e aqui: *"Porventura, a palavra de Deus tem seu ponto

de partida em vós? Ou fostes vós os únicos que a recebestes?” Isto é, não sois vós os primeiros, nem os únicos fiéis, mas são de todo o orbe da terra. Enunciava o mesmo, ao escrever aos colossenses: “Em todo o mundo está produzindo frutos e crescendo” (Cl 1,6), em referência ao evangelho. Age de idêntica forma em outra passagem para exortação dos ouvintes, ao afirmar que eram os primeiros na fé e manifestos a todos. Em carta aos tessalonicenses dizia: “Partindo de vós, se divulgou a palavra do Senhor, e propagou-se por toda parte a fé que tendes em Deus” (1Ts 1,8), e escrevia aos romanos: “Vossa fé é anunciada em todo o mundo” (Rm 1,8). Ambas as coisas são aptas a estimular e despertar: ser louvado por outros e ter companheiros no modo de pensar. Por isso afirma também nesse trecho: *“Porventura, a palavra de Deus tem seu ponto de partida em vós? Ou fostes vós os únicos que a recebestes?”*

Não poderíeis dizer, assegura ele: Fomos mestres dos outros, e não é justo aprendermos deles. Nem: A fé se manteve aqui somente, e não precisamos de exemplos alheios. Vês quantos são os meios pelos quais os envergonha? Aduziu a lei, mostrou a ignomínia do caso, destacou as demais Igrejas.

Em seguida, declara o mais importante em último lugar: Deus o ordena ainda agora por meu intermédio.

37. *Se alguém julga ser profeta ou inspirado pelo Espírito, reconheça, nas coisas que vos escrevo, um preceito do Senhor.*

38. *Todavia, se alguém não o reconhecer, desconheça.*

E por que este acréscimo? Explica que não impõe à força, nem disputa. Sinal de que é dos que não pretendem impor o que é seu, e sim visam ao que é útil ao próximo. Por isso, assegura também em outra passagem: *“Se, no entanto, alguém quiser contestar, não temos este costume”* (1Cor 11,16). Ora, não age sempre dessa forma, mas somente onde não se cometem grandes pecados, e então de preferência causa pudor. De fato, ao se referir a outros, não se exprime dessa forma. Então, de que modo? “*Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os efeminados herdarão o Reino de Deus*” (1Cor 6,9); e ainda: “Atenção! Eu, Paulo, vos digo: se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá” (Gl 5,2). Aqui, porém, como se tratava do silêncio, não insiste com vigor, preferindo atraí-los. Em seguida, conforme costuma fazer, volta ao primeiro argumento, de onde fizera uma digressão para falar desse assunto, dizendo:

39. *Por conseguinte, irmãos, aspirai ao dom da profecia e não impeçais que alguém fale em línguas.*

É costume seu não somente tratar do que propusera, mas também daí corrigir o que lhe parecia a fim de algum modo, e novamente voltar ao primeiro assunto, demonstrando não desistir. Efetivamente, ao dissertar sobre a concórdia nas mesas, fez uma digressão para a comunhão nos mistérios, e depois de envergonhá-los, volta ao primeiro assunto, dizendo: *“Portanto, irmãos, quando vos reunirdes para a Ceia, esperai uns aos outros”* (1Cor 11,33). Igualmente aqui, tendo exposto a exata ordem entre os dons, e assegurado que ninguém se deve entristecer por ter os menores, nem se orgulhar por causa dos maiores, passou a falar da modéstia conveniente às mulheres e depois de confirmá-las, voltou ao assunto, repetindo: *“Por conseguinte, irmãos, aspirai ao dom da profecia e não impeçais que alguém fale em línguas”*. Viste como conserva até o fim a diferença, e como assinala que o primeiro é muito necessário, e o segundo, não? Por isso, diz do primeiro: *“Aspirai”*, e do segundo: *“Não impeçais”*. Em seguida, corrigindo em resumo, acrescenta:

40. *Mas tudo se faça com decoro e com ordem.*

Novamente toca na questão dos que querem se portar de modo inconveniente, e adquirir a nota de loucura, e não conservam a ordem que lhes compete.

Nada, de fato, edifica tanto como a ordem correta, a paz, a caridade, a ponto de dissolver o que se lhe opõe. Tal se verifica não somente nas questões espirituais, mas também nas demais. Seja num coro, num navio, num carro, ou nos acampamentos, se perturbares a ordem, retirares os maiores do lugar devido e colocares os menores ali, estragas e revolucionas tudo. Não desrespeitemos, portanto, a ordem, nem a invertamos, pondo a cabeça para baixo, e os pés para cima. Tal sucede se jogarmos por terra a razão correta, preferindo a concupiscência, a ira, a cólera e a volúpia. São vagas, ingentes agitações, insustentáveis tempestades, envolvidas em trevas. E se quiseres, primeiro examinemos o opróbrio daí oriundo e depois o dano. Como nos serão conhecidos e manifestos? Apresentemos um homem assim afetado, aprisionado pelo amor de uma meretriz, tomado por este desonesto desejo; e então verificaremos como é ridículo. O que pode ser mais vil do que ele, que à porta da meretriz é fustigado, chora, geme e fica difamado? Se quiseres ver também o prejuízo, pondera as despesas, os extremos perigos, a guerra que faz aos rivais, as feridas e chagas infligidas nessa luta.

Tais são também os escravos da cobiça; ou antes portam-se com maior falta de decoro. Pois os primeiros cuidam de um corpo só; os avaros, porém, interessam-se em vão igualmente pelas propriedades de todos, tanto dos pobres como dos ricos, e apaixonam-se por coisas inexistentes, claro sinal de ardente paixão. Com efeito, não dizem: Quero os bens deste ou daquele somente. Desejariam que os montes, as casas e as coisas visíveis fossem de ouro e criariam para si um mundo diferente; e sofreriam perpetuamente, sem jamais desistirem de cobiçar. Onde encontrar palavras para descrever essa tempestade, os vagalhões, as trevas de seus pensamentos? Onde se encontram tantas flutuações e tamanha tempestade, que prazer pode existir? Nenhum, e sim tumulto, dor, névoa tenebrosa, que trazem muita tristeza, em vez de águas. É o que habitualmente acontece aos que se apaixonam por beleza alheia. Por isso, os que não amam absolutamente, sentem maior prazer do que eles. É incontestável. Eu, porém, direi que tem maior prazer o que ama, mas reprime seu desejo do que aquele que assiduamente sente prazer com a meretriz. Embora seja difícil de demonstrar, é preciso ousar prová-lo. É mais difícil, não pela natureza das coisas, mas porque os ouvintes não estão à altura dessa sabedoria.

Pois, pergunto, o que é mais agradável: ser desprezado pelo ser amado ou ser honrado e desprezá-la? É claro que isso é mais aprazível. Quem, portanto, pergunto, mais honrará a meretriz, o que a serve qual escravo, ou quem escapa de suas redes, ou paira acima de seus cercados? É claro para qualquer um. Contra quem mais se encarniça? Contra quem caiu ou contra aquele que ainda não? É claro que contra o que ainda não caiu. Quem será mais desejado, o que se entregou ou o que ainda não foi capturado? O que ainda não foi capturado. Se não acreditais, farei a demonstração com vossos próprios atos. A que mulher alguém mais amará, a que facilmente sucumbe e se entrega, ou a que nega e repele? A esta sem dúvida, porque mais se inflama o desejo. No entanto, é a mesma mulher; e ele há de honrar e admirar mais aquela que o despreza. Se é assim, também é manifesto que maior é o prazer daquele que é mais honrado e amado. Pois, igualmente o general do exército deixa a cidade uma vez tomada; ataca com mais diligência a que resiste e se opõe. E o caçador mantém a fera aprisionada fechada no escuro, como a meretriz o amante; mas persegue a que foge. Ora, respondes, aquele satisfaz o desejo; este não. Consideras pequeno prazer, dize-me, não ser injuriado, não servir a suas ordens tirânicas, nem ser tratada por ela como escravo, receber bofetadas, cuspidelas, golpes na cabeça? Se alguém examinar cuidadosamente essas coisas, puder agrupar todas as suas ofensas, incriminações, iras contínuas, oriundas do ânimo ou das delícias, inimizades etc., que só conhecem os que as padecem, descobrirá que qualquer guerra tem mais tréguas do que essa miserável vida. O que, portanto, pergunto, chamas de prazer? Dize-me. O da união, breve e momentânea? Mas logo retornam a luta, a agitação, a raiva e o furor. E isso o dizemos, como alguém diz aos adolescentes

intemperantes, que não suportam de bom grado o que se diz do reino e da geena. Quando apresentamos essas coisas, não se pode dizer quão grande é o prazer dos moderados e temperantes, quando alguém medita sobre as coroas, os prêmios, a companhia dos anjos, a estima toda a terra, a liberdade de palavra, as esperanças excelentes e imperecíveis. Mas a cópula traz prazer; revolvem-no continuamente. O que é continente não pode assiduamente lutar com a tirania da natureza. Descobrirás o contrário. Maior é a violência e a perturbação do fornicador. Grande é a agitação corporal; é afligido mais gravemente do que o mar agitado, porque a concupiscência nunca para, mas sempre instiga, e ele não difere dos possessos, assiduamente triturados pelos espíritos malignos. O temperante, porém, como forte atleta, frequentemente a fere, goza de ótimo prazer, muito mais agradável do que tais inúmeras delícias, devido a essa vitória e consciência tranquila, ornado continuamente por preclaros troféus. Se, após a união, aquele repousa um pouco, de nada vale, porque de novo o invadem a tempestade e as flutuações. O homem sábio desde o início não permite que o invada a perturbação, nem que se levante quais ondas do mar, nem que a fera vocifere. Se ele se violenta ao reter tamanho ímpeto, entretanto o libidinoso continuamente se agita, picado pelo aguilhão, sem suportar o estro, como alguém que retivesse pelo freio um cavalo silvestre e indômito, empregando todos os meios; se, porém, interromper o esforço e dele fugir, será arrastado por toda parte. Se o digo mais abertamente do que justo, ninguém me censure; não quero pronunciar um discurso cheio de gravidade, mas tornar graves e honestos os ouvintes.

Por isso, os profetas também não poupam tais palavras, querendo eliminar a intemperança dos judeus, mas os atacam mais abertamente do que nós agora com os assuntos em que tocamos. O médico, a fim de retirar a podridão, não cuida de conservar as mãos limpas, e sim de livrar o doente da infecção; e o que quer transformar o orgulhoso em humilde, primeiro se faz humilde; e o que se empenha em matar o que arma ciladas, com ele também se mancha de sangue, obtendo com isso maior glória. De fato, se alguém vir um soldado que volta da guerra coberto de suor e sangue, e a cabeça manchada, não lhe terá ódio ou aversão, e ao contrário, há de admirá-lo. Assim também nós façamos quando virmos alguém, depois de extinguir a cupidez, voltar ensanguentado, mais o admiremos e participemos de sua luta e vitória e digamos aos apaixonados: Mostrai-nos o prazer que retiraste da impureza.

Pois quem é continente tem o prazer da vitória; tu, porém, nada tens, absolutamente. Se falares no prazer da união, este é mais manifesto e diuturno. Pois tu gozas de um breve prazer e que desaparece; ele, contudo, tem maior, perpétua e mais suave alegria proveniente da boa consciência. A convivência com uma mulher não pode tornar tão imperturbável a alma, e elevá-la quanto a sabedoria. E o pudico, conforme disse, mostra-nos abertamente o prazer; em ti, contudo, pelo fato de seres vencido, vejo a tristeza da alma, e querendo ver o prazer, não o encontro. Qual o momento do prazer? Antes da união? Mas não é teu, pois é do furor, da loucura e da emoção. Ranger os dentes, e perder a razão não é prazer; se fosse prazer, não te infligiria o que suportam os que têm grande pesar. Os lutadores, tanto os que ferem quanto os que são feridos, rangem os dentes; e as parturientes, cheias de dores, fazem o mesmo. Por conseguinte, isto não é prazer, mas antes excesso da mente, tumulto e perturbação. Ou o momento após? Não o dirias. Nem diremos que a parturiente tem prazer, mas é liberada da dor. Não é propriamente prazer, mas antes fraqueza e dissolução; é grande a diferença entre ambos. Qual é, portanto, o momento do prazer? Dize-me, por favor. Nenhum. E se existe é tão breve, que não se vê. Embora mil vezes lutarmos para o apreendermos e retermos, não o conseguiremos. O tempo do continente não é tal, porém; é espaçoso e evidente a todos; ou antes, toda a sua vida decorre no prazer, porque é coroado pela consciência, acalmados os turbilhões, e em parte alguma surge tumulto. Visto que este vive, portanto, no prazer, enquanto o libertino vive na tristeza e nos tumultos, fujamos da

incontinência, abracemos a castidade, para conseguirmos os bens futuros, pela graça e amor aos homens etc.

III. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

TRIGÉSIMA OITAVA HOMILIA

O fato da ressurreição

15,1. *Lembro-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei, que recebestes, no qual permaneceis firmes,*

2. *e pelo qual sois salvos, se o guardais como vo-lo anunciei.*

Tendo terminado o discurso sobre os dons espirituais, o Apóstolo vai ao mais necessário, a saber, o problema da ressurreição. Neste ponto eles estavam gravemente falhos. E como relativamente ao corpo, quando a febre atinge as partes firmes, isto é, os nervos, as veias e as partes vitais, o mal é irremediável, a não ser que o doente receba muito tratamento, havia perigo de acontecer o mesmo no presente caso. O mal atacava as partes elementares da piedade. Por isso Paulo emprega o maior zelo. Não era mais questão do comportamento, nem de que um fornicava, outro praticava a avareza, um outro velava a cabeça, mas o sermão versava sobre os bens principais, porque eles disputavam entre si a respeito da própria ressurreição. Visto que aí está toda a nossa esperança, contra ela o diabo insistia vigorosamente; por vezes a negava inteiramente, outras vezes dizia que já acontecera. Por esse motivo, Paulo, ao escrever a Timóteo, chamou essa opinião de gangrena e aponta os que a introduziam, dizendo: “Entre os quais se acham Himeneu e Fileto. Eles se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já se realizou; estão pervertendo a fé de vários” (1Tm 2,17). Ora, algumas vezes diziam isso, outras vezes afirmavam que o corpo não ressurge, e a ressurreição consta apenas da purificação da alma. O demônio maligno persuadia-os a asseverarem essas coisas, não só querendo perverter a fé na ressurreição, mas também mostrar que eram mitos os eventos que se deram em nosso favor. Se ficassem persuadidos de que não há ressurreição dos corpos, aos poucos ele os convenceria de que nem Cristo ressuscitou; procedendo daí, induziria à crença de que ele não veio, nem fez o que realizou. Tal é a malignidade do diabo. Por essa razão Paulo a denomina “insídias” (Ef 6,11), porque não manifesta diretamente o que quer provar, para não ser apanhado em flagrante; mas toma outro aspecto, faz outros planos, e, inimigo hostil e insidioso, ao investir contra uma cidade e as suas muralhas, ocultamente escava, a fim de evitar fácil defesa, e tenha êxito o que tramou. Por isso, o Apóstolo, admirável e verdadeiramente grande, sempre descobrindo tais armadilhas e desvendando essas malvadas insídias, dizia: “Não ignoramos as intenções dele” (2Cor 2,11). Aqui, portanto, manifesta inteiramente o seu dolo, revela as suas maquinações e põe às claras os males que apronta, perseguindo-os com todo cuidado. Por esse motivo, expõe por último o principal, porque especialmente necessário e contém tudo o que nos interessa. Observa, porém, a sua prudência. Com efeito, após ter colocado em segurança os seus, vai além e ataca também os estranhos, que faz calar por meio de abundantes argumentos. Fortifica os seus, não por raciocínios, mas por fatos, que eles admitiram e nos quais acreditaram. Era muito apropriado a incutir pudor e bastava para contê-los. Em seguida, se não quisessem acreditar, já não era em Paulo, mas em si mesmos que não acreditariam. A culpa era daqueles que uma vez havia aceitado e apostataram. Por isso começa desse ponto, destacando que não eram necessárias mais testemunhas para provar que falava a verdade, mas bastavam aqueles que foram seduzidos. No intuito de tornar mais claro o que digo, é preciso ouvir as suas próprias palavras. Quais?

“Lembro-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei.” Viste com quanto equilíbrio inicia? Viste que indica desde o começo que nada de novo nem de estranho está introduzindo? De fato, quem lembra um fato conhecido, mas que caíra no esquecimento, está relembrando. Denominando-os irmãos, faz importante demonstração do que diz. Não somos irmãos senão por causa do plano divino acerca da encarnação de Cristo. Por isso assim os denomina, simultaneamente suavizando, cuidando deles, e rememorando inúmeros bens. E confirma-o o que vem em seguida. O que é? *“O Evangelho”*. O principal conteúdo do Evangelho começa por aí: Deus se fez homem, foi crucificado e ressuscitou. Também Gabriel o anunciou à Virgem, os profetas pregaram à terra inteira, e igualmente todos os apóstolos. *“Que vos anunciei, que recebestes, no qual permaneceis firmes, e pelo qual sois salvos, se o guardais como vo-lo anunciei”;* doutro modo, teríeis acreditado em vão.

Viste que ele os chama por testemunhas do que afirmara? Não diz: que ouvistes, e sim: *“que recebestes”*, reclamando-o deles, qual depósito, e destacando que o receberam não somente por palavras, mas ainda por fatos, sinais e milagres, e que devem conservá-lo firmemente.

Em seguida, após se referir ao passado, alude também ao presente: *“No qual permaneceis firmes”*, prevenindo-os de que mesmo que o quisessem muito, não poderiam negá-lo. Por isso não começa dizendo: Ensino-vos, e sim: *“Que vos anunciei”*, já realizado. E como afirma que permanecem firmes os que tinham vacilado? Utilmente alude à ignorância; assim age também para com os gálatas, mas de forma diferente. De fato, como não podia ali atribuir à ignorância, acusa outro motivo: “Eu confio no Senhor que vós não pensareis diversamente” (Gl 5,10). Não disse: que não pensastes diversamente, porque o delito deles era claro e evidente, mas espera que não aconteça no futuro, apesar de ser também incerto; quer ganhá-los dessa forma. Aqui, entretanto, age primeiro como quem ignora, dizendo: *“No qual permaneceis firmes”*, e logo menciona a vantagem: *“Pelo qual sois salvos, se o guardais como vo-lo anunciei”*. Por conseguinte, esta doutrina vos cabe declarar e interpretar. Não é necessário, diz, pregar-vos essa doutrina, e sim recordá-la e corrigir-vos. Assim fala, impedindo que perdessem a vergonha. O que significa: *“Se o guardais como vo-lo anunciei”*? De que forma assegurei que há ressurreição? Não disse que duvidais da existência da ressurreição; procurais talvez que vos seja melhor explicado o que foi dito. Fá-lo-ei. Sem dúvida julgo que mantendes a fé no dogma. Em seguida, uma vez que enunciara: *“No qual permaneceis firmes”* a fim de que não se tornassem mais negligentes, novamente os atemoriza, dizendo: *“Se permaneceis firmes... doutro modo, teríeis acreditado em vão”*, desvendando que nos primórdios havia uma falha, não acerca de quaisquer circunstâncias, mas da fé integral. E agora, o assevera mais vigorosamente, indo avante entusiasmado, e por fim exclama abertamente: *“Se Cristo não ressuscitou, vã é nossa pregação, vã também é a vossa fé”*, e: *“ainda estais nos vossos pecados”*. Não agiu desta forma no proêmio, porque convinha avançar tranquila e progressivamente.

3. *Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi:*

Nessa passagem não declarou: Disse-vos, nem: Ensinei-vos, mas novamente emprega idêntica locução: “*Transmiti-vos aquilo que eu mesmo recebi.* Nem afirmou que lhe foi ensinado, e sim: *“recebi”*, comprovando duas coisas: que nada se há de transmitir do próprio fundo, e que eles ficaram mais convictos acerca do evento pelas obras, não pelas palavras. E aos poucos tornando o discurso fidedigno, reduz tudo a Cristo, e revela que nessas teses nada há de simplesmente humano. O que significa, pois: *“Transmiti-vos, em primeiro lugar”*? Quer dizer, no princípio, não agora. Afirma-o, aduzindo o tempo como testemunha, e o que principalmente causava vergonha era que, tendo acreditado por tanto tempo, agora eles mudavam de parecer. E não só, mas ainda porque, sendo este dogma necessário, foi transmitido entre os primeiros, desde o princípio. Dize-me, por favor. O que

transmitiste? Ora, não o diz logo, mas primeiro que o recebeu. E o que recebeste?

Que Cristo morreu por nossos pecados.

Não afirma imediatamente: Existe ressurreição de nossos corpos, mas o comprova, indo buscar bem longe as provas, e por outros meios, dizendo: *“Cristo morreu”*. Lança primeiro um fundamento firme e estável do que vai dizer sobre a ressurreição. Não disse apenas: “Cristo morreu”, embora fosse suficiente para manifestar a ressurreição; tem um complemento: *“Cristo morreu por nossos pecados”*.

Em primeiro lugar, é importante ouvir o que dizem os que foram infeccionados pelos maniqueus, inimigos da verdade, que lutam contra a sua própria salvação. O que asseguram eles? Paulo nessa passagem, dizem, somente afirma estar em estado de pecado e que era a libertação dos pecados que constituía a ressurreição. Viste que nada há de mais frágil do que o erro, e como é apanhado por suas próprias asas, sem precisar de ataques do exterior, porque se ferem a si mesmos? Considera como eles se combatem pelo que dizem. Se a morte é isto, Cristo não assumiu um corpo, como quereis, e, no entanto, morreu; teve, portanto, pecado, em vossa opinião. Entretanto eu digo que assumiu um corpo e a morte foi corporal; tu, porém, ao negá-lo, necessariamente afirmas o contrário. Se, contudo, cometeu pecado, por que diz: “Quem dentre vós, me acusa de pecado?”, e: “O príncipe do mundo vem; contra mim, ele nada pode” (Jo 8,46; 14,30); e ainda: “Assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3,15)? Como, então, morreu apenas pelos pecadores, se ele havia cometido pecados? Pois aquele que morreu pelos pecadores, deve ser impecável; se ele próprio peca, como morrerá pelos demais pecadores? Se, porém, morreu pelos pecados dos outros, morreu sem pecado algum; se morreu inocente, sua morte não foi morte por causa do pecado (como o seria, se não tinha pecado?), e sim morte corporal. E por isso, Paulo não afirmou apenas: *“Morreu”*, mas acrescentou: *“Por nossos pecados”*. E obrigou-os, mesmo a contragosto, a confessar que houve morte corporal, expondo assim que ele antes da morte não era réu de pecado. Quem morre pelos pecados alheios consequentemente há de ser impecável. Não contente com isso, acrescentou: segundo as Escrituras.

Daí torna novamente fidedigna sua exposição, e assinala a que espécie de morte se referia. As Escrituras sempre falam da sua morte como sendo corporal: “Traspassaram minhas mãos e os meus pés” (Sl 22,17), e: “Olharão para aquele que traspassaram” (Jo 19,37).

É possível aduzir muitos outros testemunhos (para não nos referirmos a cada coisa isoladamente), às vezes por palavras, às vezes por figuras, em que se assinala a morte corporal e que ele morreu por nossos pecados. Assim: “Fui morto pela transgressão de meu povo”. “O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós”. “Foi esmagado por causa das nossas iniquidades” (Is 54,8.6.5). Se não aceitas as Antigas Escrituras, ouve o clamor de João, que aponta para ambas, a morte corporal e a sua causa: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29); e Paulo, que diz: “Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21); e ainda: “Cristo nos remiu da maldição da Lei, tornando-se maldição por nós” (Gl 3,13); e novamente: “Despojou os Principados e as Potestades, expondo-os” (Cl 2,15) e levando-os em cortejo triunfal; e outros inumeráveis trechos, que explicam os eventos como morte corporal, e por causa de nossos pecados. Com efeito, ele declara: “Por vós a mim mesmo me santifico” (Jo 17,19), e: “O príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16,11), querendo assinalar que, ao ser morto, não tinha pecado algum.

4. *Foi sepultado,* confirma o precedente, pois certamente é corpo, se foi sepultado. E aqui não acrescentou: *“Segundo as Escrituras”*; podia fazê-lo, mas não o fez. Por quê? Ou porque o sepulcro era e é conhecido de todos, ou porque vale de modo geral a locução: *“Segundo as Escrituras”*. Por que

este acréscimo: “*Segundo as Escrituras*”, nessa passagem: ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e não se contentou com aquela declaração geral? Porque também isso era obscuro para muitos, e por isso, inspirado por Deus, acrescentou também aqui a menção das Escrituras, para confirmar esse ensinamento sábio e divino. E por que não o faz relativamente à morte? Porque ali a cruz era manifesta a todos e ele foi crucificado à vista de todos; em relação à causa, porém, não acontece o mesmo. De fato, todos sabiam que ele fora morto, muitos, porém, não sabiam igualmente que sofrera pelos pecados de todo o mundo. Por isso aduz o testemunho das Escrituras. Mas isso é suficientemente demonstrado por tudo o que temos asseverado. Mas, onde disseram as Escrituras que foi sepultado, e ressuscitaria ao terceiro dia? Pela figura de Jonas, que ele próprio alega, nesses termos: “Pois como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim ficará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra” (Mt 12,40). Pela sarça que havia no deserto (cf. Ex 3), que ardia e não se consumia; assim também o corpo esteve morto, mas não foi detido perpetuamente pela morte. Igualmente o dragão no tempo de Daniel (cf. Dn 14) o insinuava, porque, tomando o alimento que lhe deu o profeta, rompeu pelo meio; assim também o inferno, tendo devorado aquele corpo, rompeu-se, porque o corpo lhe abriu o ventre e ressuscitou. Se queres, porém, perceber por palavras a mesma coisa que viste por figuras, escuta o que diz Isaías: “Ele foi cortado da terra dos vivos”, e: “O Senhor quer purificá-lo da chaga, e ele verá a luz” (cf. Is 53,8.10). E antes dele, Davi: “Pois não abandonarás minha vida no Xeol, nem deixarás que teu santo veja a corrupção” (Sl 16,10). Por isso, também Paulo te remete às Escrituras, para aprenderes que os acontecimentos não foram inúteis, em vão. Com efeito, quando tantos profetas anteriormente os descreveram e proclamaram, ao relembrar a morte do Senhor, a Escritura em parte alguma a denomina morte ao pecado, mas afirma que é corporal, bem como a sepultura e tal ressurreição.

5. *Apareceu a Cefas,*

Logo cita a testemunha mais fidedigna, *e depois aos Doze.*

6. *Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram.*

7. *Posteriormente apareceu a Tiago, e, depois, a todos os apóstolos.*

8. *Em último lugar, apareceu também a mim, o abortivo.*

Por conseguinte, após a demonstração baseada nas Escrituras, adita a realizada pelos fatos, aduzindo alguns fiéis, quais testemunhas da ressurreição, além dos profetas e apóstolos. Se estivesse se referindo à ressurreição enquanto libertação do pecado, seria supérfluo assegurar: Apareceu a um e a outro.

Somente assim falaria quem quisesse atestar que se trata de ressurreição corporal e não de libertação do pecado.

Por isso não disse somente uma vez: Apareceu, embora fosse suficiente falar de modo geral; no entanto aqui repete duas, três vezes, e de cada vez enumera quase todos os que viram. “*Apareceu a Cefas; apareceu a mais de quinhentos irmãos; apareceu também a mim*”. Ora, o evangelho diz, ao contrário, que apareceu primeiro a Maria. Mas entre os homens, apareceu primeiro ao que mais desejava vê-lo. Quais os doze apóstolos que aqui menciona? De fato, depois da ascensão é que Matias foi agregado ao número deles, e não imediatamente após a ressurreição. Mas é provável que aparecesse também após a ascensão. Matias certamente foi chamado apóstolo depois da ascensão, e o viu. Por isso, Paulo não marca a ocasião, mas enumera as visões de modo absoluto e indefinido; de fato, é verossímil que tenham sido muitas. Igualmente disse João: Pela terceira vez se manifestou (cf.

Jo 21,1). *"Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos"*. Alguns asseguram que a expressão: *"mais"* quer dizer: acima, vindo dos céus. Não andando sobre a terra, mas manifestando-se no alto e acima das cabeças. Efetivamente, não queria estabelecer a fé só na ressurreição, mas também na ascensão. Alguns afirmam que a expressão: *"Apareceu a mais de quinhentos irmãos"* significa mais de quinhentos. *"A maioria dos quais ainda vive"*. Pois, apesar de narrar fatos antigos, tenho testemunhas que ainda vivem. *"Enquanto alguns já adormeceram."* Não disse: morreram, e sim: *"adormeceram"*, e com esta expressão novamente confirma a ressurreição. *"Posteriormente apareceu a Tiago."* Parece-me que queria dizer, o irmão do Senhor. Diz-se que foi este que lhe impôs as mãos e o ordenou, e o nomeou primeiro bispo de Jerusalém. *"E, depois, a todos os apóstolos."* Havia também outros apóstolos, como os setenta. *"Em último lugar, apareceu também a mim, o abortivo."* Propriamente é expressão de modéstia. Com efeito, não lhe apareceu depois dos demais porque fosse o mínimo. De fato, embora ele se denomine o último, é mais ilustre que muitos dos seus predecessores, ou antes que todos. Nem os quinhentos irmãos eram melhores que Tiago, porque o Senhor lhes apareceu anteriormente. E por que não apareceu simultaneamente a todos? A fim de primeiro lançar as sementes da fé. Com efeito, o que via primeiro, e ficava plenamente convicto, anunciava aos demais; em seguida, a palavra previamente estabelecia o ouvinte na expectativa desse grande milagre, e preparava o caminho para a fé antes da visão. Por isso, nem foi simultaneamente visto por todos, nem no início pela maioria, mas primeiro por um só, o corifeu de todos e o mais fiel. Era necessário que fosse fidelíssima a alma que fora primeira a ter essa visão. Pois os que a contemplavam, depois que outros a tinham visto e deles ouvissem a notícia, tinham o testemunho que não pouco conferia para transmitir a fé, e preparar-lhes o espírito. Aquele, porém, que foi considerado digno de vê-lo em primeiro lugar, precisava, conforme disse antes, de grande fé para não se perturbar com o espetáculo além de toda expectativa. Por isso, primeiro apareceu a Pedro. Tendo sido o primeiro a confessar que ele era o Cristo, com justiça também foi considerado digno de ver em primeiro lugar o ressuscitado. Não foi por isso, porém, que apareceu somente a Pedro. Uma vez que ele o havia negado, para consolá-lo extremamente e mostrar-lhe que não fora rejeitado, foi tido por digno de ter antes dos outros essa visão, e em primeiro lugar foram-lhe confiadas as ovelhas. Por isso, também foi visto primeiro pelas mulheres. O sexo mais fraco, no nascimento e na ressurreição (de Cristo), foi o primeiro a perceber a graça. Depois de Pedro, contudo, de modo variado aparece a cada um. Algumas vezes a uns poucos, outras a muitos, fazendo-os mutuamente testemunhas e mestres, e tornando-os apóstolos fidedignos. *"Em último lugar, apareceu tamb ém a mim, o abortivo."* O que significam aqui essas palavras humildes? Ou seriam oportunas? Se quer parecer fidedigno e ser contado no número das testemunhas da ressurreição, faz o oposto do que quer. Devia enaltecer-se, e manifestar grandeza, o que faz muitas vezes quando a ocasião o exige. Por isso aqui também fala modestamente, porque estava para fazer isso, mas não logo, empregando adequada prudência. De fato, tendo primeiro falado modestamente, e acumulado contra si muitas acusações, agora exalta suas ações. Por quê? A fim de que, tendo falado a seu respeito algo de grande e sublime, qual a palavra: "Trabalhei mais do que todos eles", o discurso se torne grato, porque consequente de determinada afirmação, e não por um precedente. Assim, escrevendo a Timóteo, quando ia dizer muitas coisas grandiosas a respeito de si mesmo, primeiro explana as incriminações (cf. 1Tm 1,12ss). Com efeito, quem fala algo de importante sobre o próximo, fala intrépida e seguramente. Quem precisa, porém, de enaltecer-se, principalmente quando toma a si mesmo por testemunha, sente pudor e enrubesce. Assim, aqui também S. Paulo primeiro diz que é miserável, e depois que é grandioso. Agindo dessa forma, atalha a incomodidade do próprio louvor, e dá crédito ao que vai dizer. Efetivamente, quem menciona com veracidade o que é vergonhoso, sem ocultar coisa alguma, conforme foram o fato de ter perseguido a

Igreja e os esforços por aniquilar a fé, faz com que os feitos honestos se tornem totalmente insuspeitos.

E considera quão insigne é a humildade dele. Após declarar: *"Em último lugar, apareceu também a mim"*, não se contentou com isso, uma vez que: "Muitos dos primeiros serão últimos, e muitos dos últimos, primeiros" (Mt 19,30). Por isso, acrescentou: *"O abortivo"*. Não se deteve aí, mas adicionou, com a causa, ainda o seu próprio juízo:

9. *Pois sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus.*

Não se refere somente aos Doze, mas a todos os outros. Dizia tudo isso com moderação e, conforme disse, simultaneamente assim se considerava, e com essa disposição preparava o que ia dizer, fazendo-o mais aceitável. Se passasse além e dissesse: Crede-me: Cristo ressuscitou; eu o vi, e sou o mais digno de crédito porque trabalhei mais do que todos, teria com essas palavras ofendido os ouvintes. No entanto, agora havendo tratado primeiro das ações humildes, e dignas de condenação, eliminou a aspereza da narração, e preparou o caminho ao testemunho sobre a fé. Por isso, não afirmou apenas, segundo mencionei, que era o último e indigno de ser chamado apóstolo, mas enunciou a causa, nesses termos: *"Porque persegui a Igreja de Deus"*. Ora, tudo fora perdoado, entretanto ele mesmo nunca o esqueceu, querendo destacar a grandeza da graça. E por isso, adiciona:

10. *Mas pela graça de Deus sou o que sou;*

Viste novamente a suma humildade? De fato, assume os delitos todos, e nenhuma das boas obras, que atribui totalmente a Deus. Em seguida, para que o ouvinte não caia para trás, assegura: *a sua graça a mim dispensada não foi estéril*.

E isto de novo humildemente. Não disse: Mostrei esforços dignos da graça, e sim: *"Não foi estéril"*.

Ao contrário, trabalhei mais do que todos eles; Não disse: Recebi honras, e sim: *"Trabalhei"*. E quando podia citar perigos e morte, ainda atenua o que foi dito sob a denominação de trabalho. Após, novamente empregando a habitual humildade, passa ligeiramente sobre isso e atribui todo o conjunto a Deus, dizendo: não eu, mas a graça de Deus que está comigo.

O que há de mais admirável do que essa alma? Com efeito, tendo-se humilhado tanto, e enaltecido apenas por um fato, nem este atribui a si, e sempre ocultando, pelos antecedentes e pela sequência, atenua essa palavra altiva, que proferira por necessidade. Vê, porém, como prodigaliza as expressões humildes. De fato, diz: *"Em último lugar, apareceu também a mim"*; portanto, nem consigo mesmo cogitar de outro modo. *"O abortivo"*, declara-se o último de todos os apóstolos, nem ser digno de ser chamado apóstolo. Não se contenta com isso, mas, para não parecer humilde só em palavras, apresenta também motivações e provas de que é abortivo: só posteriormente viu a Jesus, e é indigno de ter o nome de apóstolo porque perseguiu a Igreja. Quem se humilha apenas, não age desta maneira, porque, se também expõe as causas, fala com contrição. Por isso, em outra passagem, também o relembra: "Sou agradecido para com aquele que me deu força, Cristo, que me julgou fiel, tomando-me para o seu serviço, a mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente" (1Tm 1,12). Por que motivo também falou com altivez: *"Trabalhei mais do que todos eles"*? Era oportuno. De fato, se não o dissesse, mas somente se humilhasse, como teria podido apelar com confiança para o testemunho, pôr-se no número dos outros e dizer: *Por conseguinte, tanto eu como eles, eis o que pregamos?*

A testemunha deve ser digna de crédito e grande. Ele revela mais acima de que modo trabalhou mais do que todos eles, ao dizer: *"Não temos o direito de comer e beber... como os outros apóstolos?"*, e ainda: *"Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei"* (1Cor

9,4.21). Quando era necessário manifestar exatidão, superei a todos; quando, porém, convinha condescender, agi de modo excelente. Alguns asseguram que ele foi enviado aos gentios, e percorreu a maior parte do orbe. Daí se deduz que recebeu maior graça. Se, pois, trabalhou mais, maior era a graça; ganhou graça mais ampla uma vez que mostrou maior zelo. Viste que, enquanto se empenha e esforça por lançar sombras sobre suas obras, revela ser o primeiro de todos?

Ouvindo essas coisas também nós, proclamemos nossos delitos, e calemos as boas ações; e se a ocasião o exigir, falemos modestamente e tudo atribuamos à graça. Assim agiu o Apóstolo: perscruta de alto a baixo sua vida anterior, imputando à graça o que se seguiu, para sempre revelar o amor de Deus aos homens, porque o salvou sendo o que era e além de salvá-lo o transformou de tal maneira. Ninguém, portanto, perca a esperança a respeito dos que vivem no vício; ninguém confie inteiramente nos que vivem na virtude, mas aqueles sejam temerosos e estes bem-dispostos. O indolente não será capaz de manter-se na virtude, nem o diligente será fraco para fugir do vício. Exemplo de ambos os casos é o bem-aventurado Davi, que, tendo dormitado um pouco, caiu gravemente e, arrependido, voltou à antiga elevação. Ambas as atitudes são igualmente más: ficar desesperado e ser preguiçoso; a primeira logo faz cair, até mesmo da abóbada do céu, a outra não deixa levantar-se aquele que jaz. Por isso ao primeiro dizia Paulo: *“Assim, pois, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair”* (1Cor 10,12), a este, contudo: “Oxalá ouvísseis hoje sua voz! Não endureçais vossos corações” (Sl 95,8); e ainda: “Fortificai as mãos entorpecidas e os joelhos trôpegos” (Hb 12,12). Ele reanima logo o fornicador, uma vez arrependido, a fim de não ser absorvido por excessiva tristeza. Por que, então, ó homem, vos irritais contra os outros. Pois, se relativamente aos pecados, somente é útil a tristeza, enquanto o excesso é assaz prejudicial, muito mais no restante. Por que, então, tens pesar? Porque perdeste dinheiro? Mas lembra-te dos que nem ao menos têm pão suficiente, e obterás rápido consolo. E não chores cada uma das coisas ásperas que advêm, mas dá graças por aquelas duras que não aconteceram. Tinhas riquezas e as perdeste? Não derrames lágrimas por causa do dano, mas dá graças pelo tempo em que as possuías, e digas com Jó: “Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?” (Jó 2,10). Com isso considera também o seguinte: se perdeste riquezas, entretanto conservaste sadio o corpo nesse ínterim, e juntamente com a pobreza não tiveste de lamentar uma enfermidade. Ora, teu corpo foi sujeito a alguma mutilação? Ainda não chegaste ao fundo da taça dos males humanos, mas estás mais ou menos na metade. De fato, muitos lutam com a pobreza, a mutilação e o demônio, e erram pelos desertos; outros ainda padecem males ainda mais graves. Não suceda que soframos tudo o que é possível sofrer. Sempre refletindo sobre essas coisas, pensando naqueles que sofrem males mais graves, não te lastimarás de nenhum deles. Quando pecas, então geme, então chora. Não proíbo, ou melhor, até aconselho que o faças; com moderação, contudo, ao pensares que é possível uma conversão, uma reconciliação. Ora, vês que uns estão no meio de delícias, enquanto tu na pobreza; outro está esplendidamente vestido e em evidência? Na verdade, não penses somente nisso, mas também nas incomodidades que acarretam. Quanto à pobreza, não raciocines somente sobre a mendicidade, mas também no prazer que dela se obtém.

De fato, as riquezas têm aspecto alegre, mas interiormente são tenebrosas. A pobreza é o oposto. E se penetrares na consciência de cada um, verás na alma do pobre muita segurança e liberdade, na alma do rico, contudo, tumulto, perturbação e agitação. Se te condóis ao contemplar um homem rico, ele tem maior pesar do que tu, diante de um outro mais rico do que ele. E como tu o temes, ele tem medo do outro, e nisso em nada te suplanta. Acaso sentes pesar ao ver o magistrado, porque és um particular, e subordinado. Mas lembra-te de que haverá sucessão um dia, e precedentemente tumultos, perigos, labores, adulações, vigílias, toda espécie de misérias. Dizemos essas coisas àqueles que não querem raciocinar. Pois se o sabes, podemos te consolar com argumentos maiores; por enquanto é

preciso contigo discutir a partir dos mais grosseiros. Quando, por conseguinte, vires um rico, pensa no que é mais rico do que ele, e verás que ele tem os mesmos sentimentos que tu. Depois, cogita naquele que é mais pobre do que tu, quantos morreram de fome, perderam os bens paternos, estão num cárcere, e cotidianamente desejam a morte. Pois, nem a pobreza produz angústia, nem as riquezas trazem prazer, mas uma e outra costumam depender de nossas cogitações. Medita, portanto, começando do que é mais baixo.

O coletor de estrume sente dor e tristeza por não poder se livrar dessa ocupação miserável e tida por vergonhosa; se o livrares, contudo, e fizeres com que tenha garantido o necessário, novamente lamentar-se-á por não possuir muitas coisas além do necessário; e se deres mais, desejará o duplo e por isso não sentirá menos pesar do que antes. Se deres o duplo ou o triplo, ainda terá angústia, porque não governa; e se lhe ofereceres o governo, considerar-se-á infeliz porque não tem o primeiro lugar na direção; e se obtiver essa honra, porque não tem o império. Se obtiver o império, porque não é o de todo o povo; se alcançar o de todo o povo, porque não é o de muitas gentes; se, porém, o de muitas gentes, porque não o de todas. Se for estabelecido vice-rei, ainda ficará pesaroso, porque não é rei; e se for rei, porque não é o único; e se for o único, porque não o é também dos bárbaros, porque não o é de toda a terra; e quando o for de toda a terra, porque não o é também de outro mundo? E o pensamento que procede assim até o infinito jamais o deixa alegrar-se.

Viste que, mesmo se transformares em rei o que era de origem humilde e pobre, não lhe tiras a tristeza, a não ser que antes lhe corrijas a mente, onde sofre da cupidez de ter mais? Vamos. Mostrar-te-ei também o contrário. Mesmo que dos supremos graus levares o prudente até os ínfimos, não introduzirás em seu ânimo a acrimônia e a tristeza. E se queres, desçamos a mesma escada, e tirando do trono o vice-rei, priva-o dessa dignidade. Se quiser refletir no que dissemos, de nada disto terá pesar. Na verdade, não levará em conta o que lhe foi tirado, e sim o que então possui, isto é, a glória que tem pelo fato de ter exercido o poder. Se, porém, também esta lhe arrebatares, pensará nos particulares e naqueles que jamais exerceram o poder, e para consolo bastam-lhe as propriedades. Se, contudo, destas também o despojares, considerará os que possuem módicos recursos. Se ainda lhe roubares esses pertences, e somente lhe forneceres o alimento necessário, poderá revolver no ânimo os que nem isto têm, mas lutam com perpétua fome, e os encarcerados. Se ainda o levares para a prisão, revolvendo no ânimo os que sofrem de doenças incuráveis, com dores intoleráveis, verá que se acha muito melhor. E assim aquele coletor de estrume, nem mesmo transformado em rei terá tranquilidade de espírito, este, mesmo que esteja carregado de vínculos, jamais terá pesar. Por conseguinte, nem as riquezas ocasionam prazer, nem a pobreza é causa de aborrecimento, e sim a nossa mente, e porque os olhos de nosso espírito não são puros, e nunca firmes e estáveis, mas voam ao infinito. E como o corpo sadio, mesmo que se nutra apenas de pão, sente-se bem e prazeroso, enquanto os doentes, embora estejam diante de mesa lauta e variada, tornam-se mais fracos, o mesmo costuma acontecer à alma. Os pusilânimes nem com o diadema e honras indescritíveis podem ter ânimo tranquilo, enquanto os que amam a sabedoria mesmo com vínculos e cadeias, na pobreza, gozam de um prazer puro. Considerando tudo isso, olhemos sempre para os que estão em pior condição que a nossa. Existe também outra consolação, mas de alta sabedoria, e que supera a concepção rude de muitos. Qual? Que as riquezas nada são, nada é a pobreza, nada a ignomínia, nada a honra; mas por breve intervalo de tempo e somente em palavras distam uma da outra. Em seguida, outra maior ainda, pensar nos males e bens futuros, que são realmente males e realmente bens, e consolar-se dessa maneira. Entretanto, conforme disse anteriormente, uma vez que muitos se encontram bem longe dessa doutrina, precisaríamos dissertar demoradamente, a fim de chamar à ordem os que a outra acolheram. Ponderando tudo isso, sempre bem nos disponhamos, e jamais nos lamentaremos desses imprevistos.

Diante de retratos de ricos, não digamos que são invejáveis, nem, ao olharmos pinturas de mendigos, que são infelizes e miseráveis. Embora os ricos que temos perto de nós tenham mais estabilidade, perduram mais em pintura do que na realidade. Pois as imagens muitas vezes duram cem anos; enquanto o rico na realidade mal tenha durante um ano gozado de seus bens, de repente é privado de todos. Refletindo dessa forma, sempre fortifiquemos nosso espírito com a tranquilidade contra a desarrazoada tristeza, a fim de passarmos a vida presente com prazer e conseguirmos os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA NONA HOMILIA

11. *Por conseguinte, tanto eu como eles, eis o que pregamos. Eis também o que acreditastes.*

Após ter enaltecido os apóstolos e se humilhado, logo novamente se coloca acima, para igualar – realizou a igualdade, mostrando-se de melhor condição e de pior –, e desta maneira tornar-se digno de crédito; nem assim os deixou, mas novamente se une a eles, em sinal da concórdia em Cristo. Não agiu dessa forma para parecer vil, mas a fim de ser considerado em idêntica ordem. Desse modo seria útil à pregação. Por essa razão, ambas as coisas eram objeto de seu zelo: não aparentasse desprezá-los, nem por causa da honra que lhes prestava fosse vilipendiado por seus subordinados. Por isso agora também se iguala, dizendo ainda: *"Por conseguinte, tanto eu como eles, eis o que pregamos"*. De quem, afirma, quiserdes aprender, aprendei; em nada nos diferenciamos. E não disse: Se não quereis acreditar em mim, acreditai neles; mas faz-se fidedigno, e assegura que basta aprender junto dele, e os outros junto deles. A diferença de pessoas não tinha importância, porque a autoridade era igual. De fato, também na Carta aos Gálatas assim age, assumindo-os, não porque necessitasse, mas asseverando que bastava que ele próprio o dissesse: "Os notáveis nada me expuseram a mais" (Gl 2,6). Em consequência, também sigo o consenso que há entre eles: "Estenderam-me a direita" (ib. 9). Pois, se fosse forçoso que a autoridade de Paulo dependesse de outros e se apoiasse no testemunho deles, os discípulos sofreriam com isso inumeráveis danos. Não age dessa maneira para exaltar-se a si mesmo, mas receoso pelo evangelho. Por isso aqui também afirma, igualando-se a eles: *"Por conseguinte, tanto eu como eles, eis o que pregamos"*. Enuncia com exatidão: *"Pregamos"*, acentuando sua grande confiança. Com efeito, não falamos às escondidas, ocultamente, mas emitimos som mais nítido do que o da trombeta. Não disse: Temos pregado, mas ainda agora assegura: *"Eis o que pregamos. Eis também o que acreditastes"*. Aqui não afirma: Acreditais, e sim: *"Acreditastes"*. Visto que eles hesitavam, recorre aos tempos passados, e de resto presta testemunho a respeito deles.

12. *Ora, se é anunciado que Cristo ressuscitou dos mortos, como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos?*

Viste como raciocina otimamente e demonstra que há ressurreição porque Cristo ressurgiu, tendo primeiro confirmado o fato de muitos modos? E também, afirma, os profetas o disseram, ele o mostra pelas aparições, nós o pregamos e vós acreditastes. Ele une o quádruplo testemunho: o prestado pelos profetas, pelos acontecimentos, pelos apóstolos, pelos discípulos. Ou melhor, é quíntuplo. Pois a própria causa manifesta a ressurreição, isto é, que morreu pelos pecados alheios. Se, portanto, isso foi demonstrado, é evidente também a consequência: igualmente os demais mortos ressurgem. De certo modo, portanto, repreende e resolve a dúvida por aquilo que é claro, dizendo: *"Ora, se é anunciado que Cristo ressuscitou dos mortos, como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos?"*

Com esse argumento, corta a rispidez dos contraditores. Não diz: Como dizeis vós? e sim: *"Como*

podem alguns dentre vós dizer? "Não acusa a todos, nem manifesta aqueles mesmos que ele acusa, a fim de não se tornarem mais insolentes; nem inteiramente os oculta, querendo corrigi-los. Por isso, após separá-los da multidão, apronta-se para discutir, e por esse raciocínio torna-os mais fracos, deixa-os transtornados e confirma os demais no combate contra eles, contendo-os mais estáveis na verdade, sem deixar que fujam para junto dos que se esforçaram por corrompê-los. Está preparado a empregar contra eles discurso mais impetuoso. Em seguida, a fim de que não se diga ser evidente e manifesto a todos que Cristo ressuscitou e que ninguém o duvida, mas que não é forçoso que realize a outra ação, isto é, a ressurreição dos homens. Com efeito, a ressurreição de Cristo foi predita, aconteceu e foi provada pelo testemunho das aparições, enquanto a nossa ainda está em esperança. Observa o que ele faz. De um lado prova o que tem grande força. "*Como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos?*" Então fica anulado que Cristo ressuscitou. E por isso acrescenta:

13. *Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou.*

Vês a energia e a disputa inatacável de Paulo com que se empenha em demonstrar o que é manifesto, não somente esclarecendo as dúvidas por meio do que é evidente, mas também através das dúvidas dos contraditores? Não quer dizer que os eventos precisassem de demonstração, mas assinala que eram de modo semelhante dignos de fé.

E qual a consequência? – dizem eles. Se Cristo não ressuscitou verdadeiramente, é consequente que os outros não ressurjam; seria razoável que, se os outros não ressuscitaram, nem ele teria ressuscitado? Uma vez que isso não parece consentâneo com a razão, vê como opera de modo muito adequado, procurando bem longe as sementes, a própria causa da pregação, a saber, que, tendo Cristo morrido pelos nossos pecados, ressuscitou, tornando-se as primícias dos que adormeceram. De quem as primícias senão dos que ressurgem? Como seriam primícias se não ressurgem aqueles dos quais são as primícias? Como, então, não ressurgem? Se não ressuscitam, por que Cristo ressuscitou? Para que veio? Por que se encarnou, se a carne não haveria de ressuscitar? Ele próprio não precisava de ressuscitar, senão por nossa causa. Afirma-o o Apóstolo mais adiante, mas diz nesse ínterim: *"Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou"*, porque são eventos conexos; pois, se não houvesse de ressuscitar, não teria se encarnado. Viste que aquelas palavras e a descrença sobre a ressurreição progressivamente derrubam todo o plano da encarnação? Mas agora quase nada fala da encarnação, e sim a respeito da ressurreição. Não aboliu a morte por se ter encarnado, mas porque morreu; enquanto possuía a carne, a tirania da morte ainda a dominaria.

14. *E, se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa pregação,*

Se, porém, Cristo não ressuscitou, combateis contra feitos evidentes, contra tantos profetas e contra a realidade dos acontecimentos. E declara o que é muito mais terrível: *Vã é a nossa pregação, vã também é a vossa fé.*

Quer sacudir-lhes o ânimo. Para nós está tudo perdido, perecem todas as coisas, se ele não ressuscitou. Viste quão grande é o mistério do plano da encarnação? Pois se não pôde ressuscitar da morte, nem o pecado foi apagado, nem a morte foi vencida, nem foi abolida a maldição e não somente o nosso anúncio é vão, mas vós também debalde acreditastes. E daí conclui não apenas o absurdo desses falsos dogmas, mas também os combate com vigor, dizendo:

15. *Acontece mesmo que somos falsas testemunhas de Deus, pois atestamos contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, quando de fato não o ressuscitou, se é que os mortos não ressuscitam.*

Se, porém, isto é absurdo (seria acusação e calúnia contra Deus), e ele não ressuscitou, conforme dizeis, não somente isto, mas também todo o restante é absurdo. E novamente o confirma, e assume,

dizendo:

16. *Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.*

Se não houvesse de fazê-lo, não teria vindo (à terra). Não se refere à vinda, e sim ao final, à ressurreição, que traz consigo todas as consequências.

17. *E, se Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé;*

Eis o que é constantemente manifesto, o que consta, a ressurreição de Cristo. Imediatamente, baseado no que é mais forte, transforma o que parece fraco e duvidoso em válido e evidente.

ainda estais nos vossos pecados.

Com efeito, se não ressuscitou, é porque não morreu; se não morreu, não apagou o pecado, porque sua morte é a abolição do pecado, segundo foi dito: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1,29). De que modo tira? Pela morte. Foi chamado Cordeiro, porque imolado. Se, porém, não ressuscitou, também não foi imolado; se não foi imolado, o pecado não foi tirado; se não foi tirado, ainda estais nele; se nele estais, é vã a nossa pregação, em vão acreditastes. Aliás, a morte permanece para sempre, se ele não ressuscitou. Se também ele foi detido pela morte, e não dissolveu suas dores, como libertou os demais, estando ainda detido? E por isso acrescenta o Apóstolo:

18. *Por conseguinte, aqueles que adormeceram em Cristo, estão perdidos.*

E por que me refiro a vós, se todos pereceram, os que morreram inteiramente e não estão mais sujeitos às incertezas do futuro? A locução: *"Em Cristo"* ou é relativa à fé, ou aos que morreram por causa dele, que suportaram muitos perigos, passaram por muitas aflições, caminharam pelo caminho estreito. Onde se encontram agora as perversas bocas dos maniqueus, que afirmam que o Apóstolo aqui entende por ressurreição a libertação do pecado? Esses silogismos densos, contínuos e recíprocos nada indicam do que eles afirmam, e sim o que dizemos nós. Chama-se, de fato, ressurreição o restabelecimento daquilo que caiu. E por isso ele não repete continuamente apenas que ressuscitou, e sim com o acréscimo: *"Dentre os mortos"*. E os coríntios certamente não duvidavam da remissão dos pecados, e sim da ressurreição dos corpos. Que necessidade se impõe de aceitar que, se os homens não são impecáveis, também Cristo não o é? Pois se não haveria de ressuscitar, seria consequente perguntar: Por que veio, encarnou-se e ressuscitou? Não por nossa causa. E quer os homens pequem ou não pequem, sempre Deus permanece impecável, e o que é nosso não segue o que é seu, nem são recíprocos (como no caso da ressurreição corporal).

19. *Se temos esperança em Cristo tão somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os*
homens.

O que dizes, Paulo? Como esperamos somente para esta vida, se os corpos não ressurgem, quando a alma subsiste e é imortal? Porque, se a alma subsiste, e se for mil vezes imortal, como de fato é, sem a carne não receberá aqueles bens inefáveis, como igualmente não será punida. "Porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante a sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal" (2Cor 5,10). Por isso diz o Apóstolo: *"Se temos esperança em Cristo somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens"*. Se, pois, o corpo não ressurge, a alma, sem ser coroada, permanece excluída da bem-aventurança celeste. Se for assim, de nada fruiremos; se lá nada gozaremos, as retribuições se encontram no presente. Haverá maior infelicidade, portanto, que a nossa? Dizia essas coisas, simultaneamente, confirmando-os na doutrina sobre a ressurreição dos corpos e convencendo-os acerca da vida imortal, para que não julgassem que nossa vida totalmente

terminava no presente. Mais acima de modo adequado confirmava o que queria dizer: “*Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou*”, estamos perdidos, e ainda estamos em nossos pecados. Novamente adiciona essa observação, sacudindo-lhes a arrogância. Quando é forçoso introduzir alguns ensinamentos, primeiro quebra o endurecimento deles pelo temor. Assim também agiu aqui, de sorte que, havendo mais acima incutido medo e ânsias, porque talvez estivessem perdidos inteiramente, agora mais uma vez, de outra forma, e para que sintam maior pesar, o faz, nesses termos: “*Somos os mais dignos de compaixão de todos os homens*”, se após tantas lutas, perigos de morte e inúmeros males, formos privados de tão grandes bens, limitando-os ao presente, pois tudo depende da ressurreição. Por conseguinte, daí também se evidencia que não se refere aos pecados, mas à ressurreição dos corpos, e à vida presente e futura.

20. *Não, porém! Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram.*

Após ter exposto quantos males se originam do fato de não se acreditar na ressurreição, repete o que havia dito: “*Não, porém! Cristo ressuscitou dos mortos*” , tendo logo acrescentado: “*dos mortos*” a fim de fechar a boca dos hereges. “*Primícias dos que adormeceram.*” Se existem primícias, eles também devem ressuscitar. Se ressurreição significasse: libertação do pecado, e ninguém está isento de pecado – pois, diz Paulo: “*Verdade é que a minha consciência de nada me acusa, mas nem por isto estou justificado*” (1Cor 4,4) –, como poderão haver alguns que ressurgirão, segundo essa opinião vossa? Vês, então, que ele fala da ressurreição dos corpos? E para tornar a asserção fidedigna imediatamente faz a relação com Cristo, que ressuscitou corporalmente; em seguida menciona também o fundamento disso. Com efeito, conforme foi dito, quando enuncia uma verdade e não aduz o fundamento, não é facilmente admitida por muitos. Qual é o fundamento?

21. *Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos.*

Se vem “*por um homem*”, este realmente tem um corpo. Vê, portanto, sua prudência, e que de outra maneira torna necessário o evento. De fato, quem foi superado (pela morte), precisa ter restaurada a natureza, e vencer; desta forma eliminará a ignomínia. Vejamos, porém, o que o Apóstolo assegura acerca da morte.

22. *Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos serão vivificados.*

Como? Todos, dize-me, morreram em Adão, sofreram a morte do pecado? Como, então, Noé era justo em sua geração? Como Abraão? Como Jó? Como todos os outros? Como, dize-me, todos serão vivificados em Cristo? E onde estão os que devem ser lançados na geena? Se isso é dito acerca do corpo, está certo; se acerca da justiça e do pecado, de modo nenhum. Em seguida, ao ouvires falar de comum vivificação, a fim de não entenderes que também os pecadores serão salvos, acrescentou:

23. *Cada um, porém, em sua ordem:*

Visto que ouviste falar em ressurreição, não julgues que todos participarão dos mesmos bens. Pois, se nem todos sofrerão o mesmo suplício, mas haverá grande diferença, bem maior será a diversidade ao se tratar de justos e pecadores, como primícias, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, isto é, os fiéis e de boa conduta.

24. *Em seguida, o fim,*

Com efeito, quando eles tiverem ressuscitado, chegará o fim de todas as coisas; não como agora, após a ressurreição de Cristo, quando tudo ainda está em suspenso. Por isso, acrescentou: por ocasião da sua vinda, a fim de saberes que se refere àquela ocasião. Quando ele entregar o reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo Principado, toda Potestade, todo Poder.

Atenção! Não vos escape nenhuma das afirmações. Com efeito, temos de combater adversários; por isso, conforme frequentemente Paulo faz, convém primeiro reduzir a afirmação ao absurdo. Assim facilmente apreenderemos o que eles dizem. A eles, portanto, interroguemos primeiro o significado da locução: “*Quando ele entregar o reino a Deus Pai*”. Efetivamente, se a aceitarmos irrefletidamente, de uma forma que não convém a Deus, então Cristo não terá o reino posteriormente. De fato, quem entrega algo a outrem deixa de possuir. Mas não será somente este o absurdo, mas consequentemente nem o receptor o teria antes de tê-lo recebido. Segundo o parecer deles, portanto, nem o Pai era rei anteriormente, e busca obter o que é nosso, nem o Filho posteriormente se manifestará como rei. Como, então, assegura ele próprio a respeito do Pai: “Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho” (Jo 5,17)? E do Filho, conforme Daniel: “O seu reino é um reino eterno, que jamais será destruído” (cf. Dn 2,44)? Viste o que sucede quando as palavras são tomadas apenas em acepção humana? De quem se diz aqui que o principado será abolido? Seria dos anjos? De modo nenhum. Dos fiéis? Também não. Mas, de quem? Dos demônios, segundo a palavra: “Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo de trevas” (Ef 6,12). Agora, na verdade, não está plenamente abolido. Em muitos lugares eles operam. Mas naquele dia cessarão.

25. *Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés.*

Nesse trecho também surge outro absurdo, a não ser que o tomemos de modo aplicável a Deus. De fato, a expressão: *“Até”* é final e delimita; de Deus, contudo, é impossível dizê-lo.

26. *O último inimigo a ser destruído será a morte,*

De que modo é o último? Depois de todos, depois do diabo, depois de todo o restante. De fato, mesmo nos primórdios penetrou o último inimigo. Primeiro o conselho do diabo e a desobediência, e por fim a morte. Sua força, portanto, já agora está abolida, suas operações, contudo, serão aniquiladas no fim. *“Pois ele tudo colocou debaixo dos pés dele”*.

Mas quando ele disser:

27. *“Tudo está submetido”, evidentemente excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu.*

28. *E, quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu.*

Ora, anteriormente ele não dizia que o Pai era quem tudo lhe submetia, mas era o próprio Cristo que destruía: *“Depois de ter destruído todo Principado, toda Potestade”*; e ainda: *“Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés”*. Como então nessa passagem ele se refere ao Pai? Não é somente esta a dificuldade, mas parece que teve medo de um grande absurdo, e utilizou uma correção: *“Evidentemente excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu”*, como se imaginassem alguns que também o Pai alguma vez foi submisso ao Filho. O que pode haver de mais desarrazoado? Mas ele teve tal receio. O que há, portanto? De fato, ocorrem muitas interrogações. Atenção! Efetivamente, primeiro devo declarar o intento e o plano de Paulo, que sempre transparecem e então dar a solução; isso também concorre para nossa solução. Qual é, pois, o modo de ver habitual de Paulo? Aliás, ele se exprime de um modo quando se refere exclusivamente à divindade, e de outro, quando discorre sobre o plano da encarnação. Pois, ao tratar da natureza humana, enfim, usa com firmeza expressões humildes, seguro de que lhe são adequadas. Vejamos, portanto, se aqui fala exclusivamente da divindade, ou se o enunciado se refere ao plano da encarnação; ou melhor, explanemos primeiro onde utiliza a forma supramencionada. Escrevendo aos filipenses, declara: “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma

rapina, mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E sendo encontrado tal como um homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobreexaltou” (Fl 2,6-9). Vistes que, ao falar somente da divindade, profere coisas grandiosas: ele tinha a condição divina, era igual ao Genitor, e tudo lhe é atribuído, enquanto, ao expor que ele se encarnou, novamente discursa de maneira humilde? Se não o distinguires, encontrarás grande contradição nas afirmações. Pois se era igual a Deus, como Deus exaltou aquele que lhe era igual? Se era de condição divina, como lhe deu um nome? De fato, o doador dá ao que não tem; e quem exalta, exalta o que antes era humilde. Descobre-se, então, que este é imperfeito e necessitado antes de receber a exaltação e o nome; e daí se deduzem inúmeras consequências absurdas. Mas se o relacionares ao plano da encarnação, não errarás ao afirmá-lo. Pondera-o também aqui, e com esse pressuposto aceita as enunciações.

Além dessas, porém, vamos enunciar outras causas. Até aqui, forçoso é declarar que Paulo aludia à ressurreição, aparentemente impossível e incrível; e escreveu sobre o assunto aos coríntios, entre os quais existiam muitos filósofos, que sempre zombavam dessas coisas. Enquanto entre si disputavam sobre outras questões, a respeito dessa doutrina todos a uma só voz emitiam o ensinamento de que não havia ressurreição. O Apóstolo, portanto, defendendo tal tese, que eles desacreditavam, e da qual zombavam, tanto por preconceito quanto pela dificuldade que lhe é inerente, e querendo comprovar que era possível, primeiramente o faz por meio da ressurreição de Cristo. E após demonstrá-la por intermédio dos profetas e daqueles que o haviam visto, e dos fiéis, admitida a redução ao absurdo, finalmente prova a ressurreição dos homens: *“Pois se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou”*. Depois de ter mais acima de modo contínuo comprovado a ressurreição recíproca, argumenta de outra forma, denominando a Cristo primícias, e mostrando que ele aboliu todo Principado, Potestade e Poder, e o último inimigo, a morte. Como, portanto, foi abolida, a não ser que antes tenha largado os corpos que estavam em seu poder? Após, portanto, ter afirmado grandes coisas sobre o Unigênito, isto é, que entregou o reino, tudo consumou, ganhou a guerra e colocou tudo sob seus pés, acrescenta, corrigindo a incredulidade de muitos: *“Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés”*. Não disse: *“Até”*, visando impor um fim ao reino, mas fazendo fidedignas suas palavras e infundindo confiança. Pelo fato de ouvires dizer que ele haveria de abolir todo Principado, Potestade e Poder, e vencer o diabo acompanhado de tantas falanges de demônios, as turbas de infiéis, a tirania da morte e toda espécie de males, não tenhas medo, como se ele fosse débil. É preciso que ele reine, até que faça tudo isso. Não quer dizer que não reinará posteriormente, mas assegura que, embora agora isso ainda não se tenha realizado, haverá absolutamente de acontecer. Seu reino não se divide, pois ele domina, é poderoso e permanece até que tudo se consuma. Encontrarás também no Antigo Testamento este modo de se expressar, conforme as locuções: “A palavra do Senhor permanece para sempre” e: “Mas tu existes, e teus anos jamais findarão” (Sl 119,89; 102,28). O profeta assevera essas e outras coisas semelhantes, ao narrar acontecimentos que se darão muito tempo depois e seguramente sucederão, expelindo o temor de ouvintes mais rudes. Visto que as expressões: “Até” e: “Até quando”, se aplicadas a Deus não significam fim, escuta o que diz: “Desde sempre e para sempre tu és” (Sl 90,2); e ainda: “Eu sou” (Ex 3,14); e: “Até a vossa velhice continuo o mesmo” (Is 46,4). Por esse motivo, coloca em último lugar a morte, de sorte que, devido à vitória sobre todos os outros, o descrente facilmente a admita sobre a morte. Se, pois, apartou o diabo que introduziu a morte, tanto mais haverá de dissolver a sua obra. O Apóstolo tudo lhe atribuiu: ter eliminado os Principados e as Potestades, ter administrado o reino convenientemente, quer dizer, realizado a salvação dos fiéis, a paz da terra, a eliminação dos males (é o significado de ter administrado convenientemente o reino e ter abolido a morte), e não disse que o

Pai o fez por intermédio dele, mas que ele próprio aboliu e colocou sob seus pés, sem jamais mencionar o Pai. O Apóstolo receava de resto que alguns desarrazoados julgassem que o Filho fosse maior do que o Pai, ou um outro princípio ingênito; em consequência suavemente acautela-se, e mitiga a grandeza da expressão: "Pois ele tudo colocou debaixo dos seus pés". De outro lado atribui ao Pai os acontecimentos, não, contudo, por ser débil o Filho. Sê-lo-ia aquele que recebeu anteriormente tantos testemunhos, e ao qual atribui tudo o que foi dito? Fá-lo pela causa supramencionada, e a fim de revelar serem comuns ao Pai e ao Filho os eventos em nosso favor. Uma vez que ele é capaz de tudo submeter a si, escuta novamente a Paulo: "*Que transfigurará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela operação que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas*" (Fl 3,21). Em seguida, corrige-se: "*Mas quando ele disser: "Tudo está submetido", evidentemente excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu*". Daí também prestar importante testemunho à glória do Unigênito. Se fosse menor, e muito inferior, jamais teria tido essa precaução. Não se contentou com isso, mas complementou. Se alguém, acaso, formulasse uma suspeita: Como será, então, se o Pai não lhe é sujeito? Nada obsta que o Filho seja mais forte. Receando essa ímpia sugestão, porque o precedente não basta para mostrar igualmente isso, acrescentou com excesso: "*E quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá*". Quer revelar a grande concórdia reinante entre ele e o Pai, o qual é o princípio de todos os bens e a causa primeira que gerou o Filho, tão poderoso e bem atuante.

Se o Apóstolo falou mais do que a questão exigia, não admires. Está imitando seu Mestre. Este, a fim de revelar concórdia com o Genitor, e que não veio ao mundo independente da vontade dele, desceu profundamente, não, porém, quanto reclamaria uma demonstração de consenso, mas de acordo com a fraqueza humana. Não roga ao Pai senão pelo motivo que declara: "Para que creiam que me enviaste" (Jo 11,42). Imitando-o, o Apóstolo emprega excessivas palavras, não para imaginares uma servidão compulsiva, de forma alguma, mas para refutar mais vigorosamente aquela doutrina absurda. Pois, quando quer arrancar alguma coisa até a raiz, usa expressões fortes. Assim, ao tratar do problema da mulher fiel e do marido gentio, ligados por matrimônio, para que a mulher não pensasse que se manchava pela união e o abraço do gentio, não disse que a mulher era impura, nem que em nada ficava prejudicada pelo infiel, porém muito mais, que por meio dela ficava santificado o infiel (1Cor 7,14). Não queria mostrar que o gentio se tornava santo por intermédio dela, mas pela hipérbole esforçava-se por tirar-lhe o medo. Assim também aqui, visando, pela força da palavra, eliminar uma ímpia doutrina, disse o que disse. Como é extrema iniquidade imaginar fraqueza no Filho, ele corrige: Porá "*todos os seus inimigos debaixo dos seus pés*". Ainda é ímpio pensar que o Pai é menor do que ele. Por isso ele repele com exuberância tal afirmação. Vê, porém, de que modo. Não disse simplesmente: "*Excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu*", mas, embora já conste, confirma: "*Evidentemente*". E para saberes que tal é o motivo das asserções, interrogo-te: Haverá acaso aumento da sujeição do Filho? E não seria absurdo, e indigno de Deus? Com efeito, constitui máxima sujeição e obediência o fato de que, apesar de ser Deus, tenha assumido a condição de escravo. De que maneira, então, ele se submeterá? Vês que ele coloca o problema, repelindo a hipótese absurda e com o devido sentido? Pois conforme convém ao Filho que é Deus, ele obedece, não à maneira humana, mas portando-se livremente e tendo todo poder. Se fosse de outro modo, como estaria com o Pai sentado no trono? De que maneira, tal como o Pai, também ele ressuscita os que quer (Jo 5,21)? Como é dele tudo o que é do Pai; e o que é dele é do Pai? (cf. Jo 17,10). Estas coisas nos indicam seu poder perfeitamente igual ao do Genitor. O que, porém, significa: "*Quando ele entregar o reino*"? A Escritura conhece dois reinos de Deus: um, na verdade, segundo a imputação (a redenção), o outro segundo a criação. Entretanto ele reina sobre todos, gregos, judeus, demônios, adversários, em razão

da criação; reina sobre os fiéis, voluntários, sujeitos, segundo a imputação. Diz-se que esse reinado tem começo, conforme diz o Salmo segundo: “Pede, e eu te darei as nações como herança” (Sl 2,8); declarou-o ele próprio aos discípulos: “Toda a autoridade por meu Pai me foi entregue” (Mt 28,18). Atribui tudo ao Genitor, não porque ele não tenha poder, mas indicando que é Filho e não ingênito. Foi-lhe entregue, quer dizer, ele o leva a bom termo. Por que, então, pergunta-se, nada disse do Espírito? Porque agora não se trata dele, e Paulo não cria confusões. Por isso também ao enunciar: *“Um só Deus, o Pai... e um só Senhor, Jesus Cristo”* (1Cor 8,6), de forma alguma diminui o Espírito pelo fato de omiti-lo, mas então não era necessário mencioná-lo. Certifique-se de que se, de um lado, rememora somente o Pai, nem por isso rejeitemos o Filho; de outro, se relembra apenas o Filho e o Espírito, nem por isso eliminemos o Pai. O que significa, contudo: para que Deus seja tudo em todos?

Visto que tudo depende dele, não se julgue haver dois princípios sem princípio, nem um reino dividido. Com efeito, se os inimigos jazem prostrados sob os pés do Filho, aquele que os mantém sob seus pés não está em contenda com o Genitor, mas mantém-se perfeitamente concorde. Desta forma ele será tudo em todos. Alguns, porém, asseveram que o Apóstolo o disse no sentido de abolição dos vícios, de sorte que todos de então em diante cederiam sem resistência, ninguém agiria mal. Efetivamente, quando não houver pecado, é claro que Deus será tudo em todos. Se, contudo, os corpos não ressurgem, como isso será verdade? Subsistirá o pior dos inimigos, a saber, a morte, que aniquila os que quiser. Absolutamente, replicam eles, porque não pecarão mais. E então? Aqui não se trata da morte da alma, mas da morte corporal. Como, portanto, a morte será destruída? Efetivamente, a vitória consiste em arrebatar os que foram tomados e detidos. Se, porém, os corpos devem ser retidos sob a terra, o domínio da morte permanece, porque eles ficam detidos, e não existe outro corpo em que ela possa ser vencida. Se, acaso, realiza-se o que afirma Paulo, e que certamente acontecerá, a vitória se mostrará mais brilhante, porque Deus pôde ressuscitar aqueles corpos que ela detinha. De fato, alguém vence o inimigo quando toma os espólios, não quando os deixa no poder dele. Mas, se ninguém ousar tomá-los, de que modo podemos dizer que o inimigo foi vencido?

Tal vitória Cristo nos Evangelhos afirma ter alcançado, nesses termos: “Quando tiver amarrado o forte, só então poderá roubar os seus pertences” (Mt 12,29). Enquanto isso não acontecer, a vitória não poderá ser manifesta. Com efeito, se fosse acerca da morte da alma – “Quem morreu, ficou livre do pecado” (Rm 6,7) – não diríamos que existe vitória. Não é vencedor aquele que não aumenta o número dos seus pecados, mas quem já rompeu o cativeiro das paixões do passado; assim também aqui, não diria constituir brilhante vitória a morte apenas não prevalecer a apascentar os corpos, mas ainda que dela foram arrancados os já detidos. Se alguém contestar e afirmar que se refere à morte da alma, de que modo será destruído o último inimigo? De fato, em cada batizado, ela está plenamente destruída. Mas se disseres que se trata da morte do corpo, tem sentido o que foi dito, a saber, que a morte será o último inimigo a ser destruído. Se alguém levantar a dúvida, por que motivo, ao tratar da ressurreição, o Apóstolo não se refere aos corpos dos ressuscitados no tempo do Senhor, responderemos que não seria falar da ressurreição. Mencionar aqueles que ressuscitaram para morrer de novo, não serviria de demonstração de que a morte por fim será destruída. Por isso, uma vez que ele disse que ela será a última inimiga a ser destruída, não penses que seu poder ainda há de ser restaurado. Eliminados os vícios, muito mais cessará a morte. Não seria consentâneo que, uma vez exaurida a fonte, subsista o rio que dela mana, e estando seca a raiz, permaneça o fruto. Visto, portanto, que no último dia os inimigos de Deus serão eliminados com a morte, o diabo e os demônios, não nos entristeçamos se os inimigos de Deus se acham prósperos. De fato, os inimigos de Deus, logo que, orgulhando-se, se elevam, qual fumaça desvanecem. Ao vires um inimigo de Deus rico, cercado de satélites e aduladores, não percas o ânimo, mas geme, chora, roga a Deus que o

transfira para o número dos amigos; e quanto mais estiver bem, apesar de inimigo, lamenta-o.

Com efeito, importa sempre lamentar os pecadores, principalmente quando têm abundantes riquezas, e tudo lhes corre bem, conforme acontece aos doentes que comem muito e se embriagam. Mas, ao ouvirem essas palavras, alguns se aborrecem a ponto de se queixarem amargamente e declararem: Mereço lágrimas porque nada tenho. Disseste bem que nada tens. Não por não teres o que o próximo tem, mas porque, considerando-o feliz, mereces ser pranteado mil vezes. De fato, se alguém com boa saúde julga feliz o doente, até mesmo prostrado num leito macio, é muito mais miserável e infeliz do que ele, porque não compreende os bens que possui. É válido também para o presente caso, que ocasiona confusão e perturbação à vida inteira. Essas palavras perderam inúmeras pessoas, entregaram-nas ao diabo e fizeram-nas mais miseráveis do que os que morrem de fome. Com efeito, daí se evidencia que os ambiciosos são mais infelizes do que os próprios mendigos, visto que sentem mais intenso pesar.

Houve em nossa cidade grande seca, todos receavam o pior e rogavam a Deus que afastasse esse terror; e foi possível ver então o que foi dito a Moisés quando o céu se tornou de bronze (cf. Dt 28,23) e cada dia se esperava a morte mais terrível. Finalmente, graças ao Deus clemente, além de toda expectativa, caiu do céu incontida e generosa chuva. Todos celebravam e festejavam, como se tivessem escapado das portas da morte. No meio, porém, de tantos bens e da alegria comum, um homem muito opulento andava triste e cabisbaixo, morto de tristeza. Muitos perguntaram a causa de estar só ele pesaroso no meio da alegria comum. Não pôde ocultar a grave perturbação que sentia, sob a tirania da doença, e manifestou a causa da tristeza: Tenho muitíssimas medidas de trigo e não sei onde colocá-las. Dize-me, por favor. Devemos considerá-lo feliz por essas palavras, que o tornavam merecedor de apedrejamento, por ser mais cruel do que uma fera, e inimigo comum de todos? O que dizes, ó homem? Estás pesaroso porque todos não morreram para ajuntares dinheiro? Não ouvistes o dito de Salomão: “O povo maldiz aquele que retém o trigo” (Pr 11,26)? Mas percorres as cercanias qual adversário comum de todos os bens da terra, inimigo da liberalidade do Senhor do universo, amigo do dinheiro, ou antes escravo dele? Não se devia amputar aquela língua? Ou fazer parar o coração que emitira tais palavras?

Viste como o ouro não deixa os homens ser homens, e sim transforma-os em feras e demônios? O que será mais miserável do que esse rico, que deseja fome diária, para obter ouro? A paixão o leva a uma atitude oposta. Não se alegra com a abundante aquisição dos produtos, mas lastima-se por ter bens incontáveis. Ora, quem possui muito devia alegrar-se; ele, contudo, por isso mesmo, está angustiado. Viste, conforme afirmei, que os ricos não tanto percebem prazer com os bens presentes quanto suportam tristeza devido ao que ainda não obtiveram? Na verdade, o que possuía inúmeras medidas de trigo, mais deplorava e gemia do que o faminto, e aquele que tinha só o alimento necessário, cingia-se de coroas, exultava e dava graças a Deus; quem, contudo, possuía muito, irritava-se e julgava estar perdido. Não é, portanto, a abundância que causa prazer, mas o espírito dado à sabedoria. Pois, sem ela, apesar do que possui, considerar-se-á privado de tudo e lamentar-se-á. De fato, aquele homem, do qual agora nos ocupamos, mesmo se vendesse o que tinha pelo preço que quisesse, ainda se queixaria porque não vendeu por preço mais alto; e se pudesse fazê-lo por mais, ainda procuraria outro aumento; se vendesse uma medida por uma moeda de ouro, ainda se entristeceria, porque não fora a metade do alqueire. Se desde o início tal não foi o preço, não te espantes. Pois também os ébrios não se enchem desde o começo, mas depois que se saciaram de vinho, então se inflamam de sede mais intensa. Assim, estes também quanto mais conseguirem, tanto maior será sua indigência; e os que lucram mais, mais necessitados ficam. Não o digo somente a respeito daquele homem, mas de cada um dos que sofrem da mesma moléstia, que aumentam o preço dos

víveres e empobrecem o próximo. Jamais possuem sentimentos humanos, mas sempre a muitos agita o amor do dinheiro por ocasião das vendas e um vende mais cedo o trigo e o vinho, e outro mais tarde. Nenhum dos dois procura o bem comum, mas um só pensa em ganhar mais, outro em não ter prejuízo, se o produto se alterar.

Visto que a maioria dos homens não dá muita importância às leis de Deus, e mantém tudo trancado, Deus de diverso modo os leva a sentimentos humanos, a forçosamente praticarem algum bem por medo de um dano maior, pois não deixa durarem muito os frutos da terra, a fim de que sejam transmitidos aos necessitados, embora a contragosto e ao menos pelo receio do estrago da podridão, porque fechados em casa mal seriam conservados. Na verdade, apesar disso, ainda existem os que a tal ponto são incorrigíveis que nem desta forma aprendem. Muitos deixaram vazar até um tonel inteiro, e nem um copo deram aos pobres, nem um pouquinho de dinheiro aos indigentes, derramaram por terra o vinho que degenerou em vinagre e estragaram juntamente com o vinho o barril. Outros ainda que nem um pão de cevada dão ao indigente, jogaram no rio recipientes inteiros de trigo. E por que não atenderam ao mandamento de Deus de dar aos pobres, contra sua vontade a traça os obrigou a jogar no rio inteiramente estragado o que havia dentro, atraindo para si muita zombaria, muitas adjurações sobre suas cabeças simultaneamente com esse prejuízo. Tais coisas acontecem aqui; com que palavras explicar o que sucede no além? Assim como esses jogam no rio o trigo inútil, comido pela traça, assim os que tais coisas fizeram, e por isso mesmo são inúteis, Deus os lança no rio de fogo. Pois como a traça e o verme roem o trigo, a crueldade e a desumanidade corroem as almas deles. A causa disso é estarem aprisionados aos bens presentes e só aspirarem pela vida terrena. Daí vem que sua alma se enche de amargor. Seja o que for a que deres o nome de agradável, o medo da morte basta para apagar tudo. Um tal homem já morreu até mesmo durante a vida. E não é espantoso que tal aconteça aos infiéis, quando aqueles que participaram de tão grandes mistérios, e meditaram tanto nos bens futuros, de bom grado vivem ligados às realidades presentes. Merecem algum perdão? O que acontece uma vez que eles de boa vontade vivem presos aos bens atuais? Pelo fato de se entregarem aos prazeres, saturam a carne, enfraquecem o ânimo, tornam maior o peso, e envolvem-se em muitas trevas e espesso véu. No meio das delícias, na verdade, o melhor é reduzido à escravidão, enquanto o pior prevalece. A alma de todos os lados fica obcecada, e coxeando se arrasta, o corpo, contudo, atua em todas as partes e cerca, quando devia estar no lugar dos subalternos. De fato, o vínculo da alma com o corpo é íntimo, e o Criador o providenciou, para que alguns não persuadissem a alma a odiá-lo, qual elemento alheio.

Com efeito, Deus ordenou amar os inimigos; o diabo tanto pôde que convenceu a alguns a odiar até o próprio corpo. Pois, quando se diz que ele é obra do diabo, outra coisa não se quer comprovar. É extremo delírio! Se, pois, é obra do diabo, donde vem a harmonia que o torna sempre apto às sábias operações da alma? Se é apto, diz-se, como a cega? De forma alguma, não é o corpo que a cega, ó homem, e sim os prazeres. Donde vem que apetecemos as delícias? Não é porque temos um corpo, mas origina-se da má escolha do livre-arbítrio. O corpo, na verdade, precisa de alimento, não de delícias, o corpo necessita ser sustentado, não de romper-se e esvair-se. As delícias são inimigas não somente da alma, mas também do sustento do próprio corpo. Com efeito, de robusto torna-se mais fraco, em vez de firme faz-se mais flácido, doentio em vez de sadio, pesado em vez de leve, rarefeito em vez de denso, feio em vez de formoso, fétido em vez de perfumado, imundo em vez de puro, dolorido em vez de indolor, inútil em vez de proveitoso, velho em vez de novo, pútrido em vez de forte, tardo e lento em vez de rápido, coxo em vez de perfeito. Ora, se fosse obra do diabo, não era necessário que ele fosse prejudicado através do que é seu, digo, por meio do vício. Mas nem o corpo, nem os alimentos são do diabo, mas somente os prazeres. Com efeito, por meio deles o maligno demônio causa inumeráveis males; e aniquilou um povo inteiro. “Ficou gordo, robusto, corpulento, e o dileto recalcitrou” (cf. Dt 32,15). Daí também o início dos raios que fulminaram os sodomitas. Assinalando-o, dizia Ezequiel: “Eis em que consistia a iniquidade de Sodoma; na soberba, na voracidade com que comia o seu pão, na despreocupação tranquila com que usufruía dos seus bens”

(cf. Ez 16,49).

Por essa razão também Paulo dizia: “Mas a que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta” (1Tm 5,6). Por quê? Porque carrega o corpo preso a inúmeros pecados, como um sarcófago. Se, porém, o corpo assim perece, de que modo não será atingida a alma, repleta de tanto tumulto, tantas vagas, tamanha tormenta? Por conseguinte, sem dúvida tornar-se-á incapaz de qualquer coisa e não conseguirá facilmente falar, ouvir, consultar ou fazer algo de bom. Um timoneiro, se a tempestade superar sua habilidade, afundará com o navio e a tripulação; assim também a alma com o corpo mergulhará no terrível abismo da insensibilidade. De fato, o estômago é uma espécie de moinho. Deus o fez de capacidade limitada e cotidianamente tritura apenas certa medida. Se alguém ingerir mais do que lhe cabe assimilar, estragará tudo. Daí se originam doenças, fraquezas e deformidades. As delícias tornam não somente mórbida, mas também feia quem é bela. Pensa no desgosto que causa uma mulher que tem assiduamente exalações desagradáveis, expira vinho corrompido, enrubesce mais do que convém, perde o devido ritmo, arruína todo decoro, com a carne flácida, os olhos fortemente injetados, gordura excessiva e supérflua corpulência. Ouvi também de uns médicos que especialmente as iguarias impediram em muitos um crescimento normal. De fato, é indigesta a quantidade das coisas ingeridas, e o organismo em vez de assimilar o que aproveitaria ao crescimento, desgasta-se em esforços supérfluos. O que dizer das dores nos pés, do reumatismo generalizado, de doenças derivadas e outras abomináveis? Nada tão odioso quanto a mulher voraz. Por isso entre as indigentes encontra-se mais uma bela forma, porque é eliminado o excedente e não acumulado em vão e inutilmente, como lodo supérfluo. De fato, o exercício cotidiano, os trabalhos, as aflições, a mesa frugal, uma dieta sóbria dão-lhes boa disposição e beleza. Se falas do prazer das iguarias, vai somente até a garganta; com efeito, juntamente com o paladar passa, voa e deixa muitas incomodidades. Não olhes os que vivem no meio de delícias apenas quando estão à mesa, mas, ao vires que eles se levantam, acompanha-os e verificarás que são antes corpos de feras e de animais do que de homens. Vê-lo-ás de cabeça pesada, estendidos e presos ao leito e necessitados de cobertores e de muito repouso, sacudidos por inúmeros vagalhões, precisados dos que os servem, ansiando pelo estado anterior a sua saciedade. Como as mulheres grávidas, carregam ventres pesados, e mal podem andar, olhar, falar, enfim: nada. Se lhes acontece dormir um pouco, têm pesadelos, cheios de inúmeras fantasias. O que dizer ainda de outras loucuras deles, digo dos problemas da concupiscência? De fato, também manam desta fonte; e como cavalos, suspiram por mulheres e de tal forma embriagados pelo estro, saltam todos, mais irracionais e furiosos do que eles, e praticam muitos outros atos vergonhosos, os quais nem é lícito mencionar. Não sabem o que padecem, nem o que fazem. Isso não sucede ao que não se entrega aos prazeres; sentado no porto, vê o naufrágio dos outros e goza de puro e perpétuo prazer, numa vida peculiar a um homem livre. Cientes disso, fujamos do convívio perverso das delícias e mantenhamos uma mesa sóbria, de sorte que, de alma e corpo bem-dispostos, pratiquemos todas as virtudes, e consigamos os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

QUADRAGÉSIMA HOMILIA

29. *Se não fosse assim, que proveito teriam aqueles que se fazem batizar em favor dos mortos? Se os mortos realmente não ressuscitam, por que se fazem batizar em favor deles?*

O Apóstolo toca em outro ponto importante, às vezes sobre as obras de Deus, outras vezes, porém, sobre o que eles próprios praticam, comprovando seus dizeres. Não é pequeno argumento para defesa apresentar os contraditores por testemunhas do que se afirma, empregando aquilo mesmo que eles

fazem. O que é, portanto, o que diz aqui? Ou quereis que primeiro explique como adulteram esta frase os infeccionados com a heresia de Marcião? Ora, sei que provocarei muito riso; tratarei, portanto, especialmente do assunto, a fim de melhor fugirdes desse contágio. De fato, se morre um deles ainda catecúmeno, escondem debaixo do leito do defunto um homem vivo, aproximam-se do morto e dirigem-se a ele perguntando se quer receber o batismo. Em seguida, como nada responde, o homem escondido, diz em vez dele, que quer ser batizado; e assim o batizam, em lugar do falecido, como se representassem uma peça teatral. Tanto pôde o diabo sobre almas tímidas. Depois, se acusados, alegam a palavra que afirmam ter também o Apóstolo proferido: *“Aqueles que se fazem batizar em favor dos mortos”*. Viste que coisa ridícula? Acaso merece refutação? Não julgo oportuno, a não ser que se deva também discutir com os loucos o que proferem em delírio. Mas, a fim de que nenhum dos mais simples seja seduzido, é necessário submeter-nos a tal refutação. Se Paulo dizia isso, por que ameaçou Deus ao não batizado? Pois não é possível que doravante alguém fique sem batismo, quando se pensa dessa forma. Aliás, não seria culpa do defunto, mas dos vivos. Cristo disse a alguns: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós” (Jo 6,54). Foi aos vivos ou aos mortos? Dize-me, por favor. E ainda: “Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus” (ib. 3,5). Se, portanto, isso se realiza, sem necessidade do consentimento do receptor, nem do assentimento daquele que está vivo, o que impede que gentios e judeus se tornem fiéis, quando após a morte deles, realizem-no outros em seu favor? Mas para não trabalharmos em vão, rompendo mais teias de aranha, expliquemos o sentido dessa sentença. O que diz, portanto, Paulo? Em primeiro lugar a vós, iniciados nos mistérios, quero relembrar a palavra que na véspera vos mandam repetir os que vos iniciam, e então explicarei o que Paulo quis dizer. Desta forma ficará mais claro. De fato, no fim de tudo, acrescentamos o que agora diz Paulo. E quero proferi-lo abertamente, mas não ouso por causa dos que ainda não foram iniciados. Eles tornam nossa exposição mais difícil, porque nos obrigam ou a não dizer abertamente ou a enunciar-lhes coisas secretas. Todavia, direi, à medida do possível, de modo encoberto e velado. Com efeito, após o anúncio daquelas terríveis palavras místicas e das tremendas regras dos dogmas revelados do céu, acrescentamos também no fim, antes do batismo, a ordem de dizer: Creio na ressurreição dos mortos; e tendo tal fé, somos batizados. Depois de o confessarmos com os demais, então descemos à fonte das águas sagradas. Relembrando isso, dizia Paulo: *“Se os mortos realmente não ressuscitam, por que te fazes batizar em favor dos mortos?”*, isto é, dos corpos. És batizado porque acreditas na ressurreição do corpo morto, ou melhor, que não continua morto. Tu, na verdade, confessas por palavras a ressurreição dos mortos; o sacerdote, porém, como que em determinada imagem, mostra na realidade aquilo em que acreditaste e confessaste por palavras. Ao acreditares sem o sinal, ele apresentar-te-á igualmente o sinal; quando fizeres o que te cabe fazer, então Deus igualmente conceder-te-á maior certeza. Como? Através da água. Ser batizado, pois, mergulhar, em seguida emergir é sinal da descida às regiões inferiores e subida de lá. Por isso Paulo também chama o batismo de sepulcro, nesses termos: “Pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte” (Rm 6,4). Desta maneira também torna crível a realidade futura, isto é, a ressurreição dos corpos. É bem mais apagar os pecados do que ressuscitar os corpos. E enunciando-o, dizia Cristo: “Com efeito, que é mais fácil dizer: Os teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu catre e anda?” (Mt 9,5-6). Na verdade, aquilo é mais difícil. Uma vez que não acreditais no que não é evidente, e considerais difícil o que é mais fácil, isto é, a exibição de meu poder, não recusarei apresentar-vos também este indício: “Disse então ao paralítico: ‘Levanta-te, toma o teu catre e vai para casa’” (ib. 6).

E como, replicas, é difícil, se os reis e príncipes podem fazê-lo? Eles perdoam a adúlteros e homicidas. Estás brincando, ó homem, ao falar deste modo, pois somente Deus pode perdoar os

pecados. Entretanto, os príncipes e os reis, apesar de perdoarem e absolverem a adúlteros e homicidas, livram do suplício presente, mas não apagam nem expiam os pecados, mesmo se elevarem os anistiados à magistratura, ou até revestirem-nos de púrpura, e impuserem-lhes o diadema. De fato, houve reis que o fizeram, contudo não libertaram dos pecados. Somente Deus o faz. Ele o opera no banho da regeneração. A graça toca-lhes a própria alma, e de lá arranca o pecado pela raiz. Por conseguinte, é possível ser sórdida a alma daquele que foi perdoado pelo rei; a do batizado, não, porque está mais pura do que os raios do sol, tal como foi criada nos primórdios; ou antes, muito melhor do que então, porque frui da presença do Espírito que a inflama totalmente e aumenta-lhe a santidade. E como, ao refundires o ouro ou a prata, tu o purificas e renovas, assim também o Espírito Santo no batismo fundindo-a como num crisol, e consumindo os pecados, faz com que brilhe mais do que o ouro puríssimo. Daí, ainda, torna crível a ressurreição dos corpos. Na verdade, visto que o pecado introduziu a morte e a raiz secou, não se duvida mais da perda dos frutos. Por isso, tendo primeiro mencionado a remissão dos pecados, confessas também a ressurreição dos mortos, deduzindo esta daquela. Além disso, como não basta o nome de ressurreição para explanar tudo (pois muitos dos que ressuscitaram, morreram novamente, como os que ressurgiram no Antigo Testamento, ou Lázaro, ou os ressuscitados por ocasião da crucifixão), manda-se proferir: E na vida eterna, a fim de que ninguém pense mais em morte depois daquela ressurreição. Relembrando essas palavras, Paulo pergunta: "*Que proveito teriam aqueles que se fazem batizar em favor dos mortos?*" Com efeito, pode-se dizer, se não existe ressurreição, essas palavras são apenas peça teatral. Se não há ressurreição, de que modo os persuadiremos que acreditem naquilo que não damos? Assemelhar-se-ia a alguém que ordenasse que se emitisse um recibo para um ou outro credor, mas de forma alguma entregasse o que foi escrito e depois que o recibo tiver sido assinado, exigir o que nele estiver escrito. O que enfim fará o que assinou, porque se fez responsável e não recebeu aquilo que assegurou ter recebido? O mesmo se diga dos que são batizados. O que farão, perguntas, os batizados que subscreveram a existência da ressurreição dos corpos, todavia não a receberão, mas serão enganados? Haveria necessidade absoluta dessa confissão, se os fatos não se seguissem?

30. *E nós mesmos, por que a todo momento corremos perigo?*

31. *Diariamente estou exposto à morte, tão certo, irmãos, quanto vós sois a minha glória em Cristo Jesus.*

Vê novamente que empreende provar o ensinamento por seu voto; ou antes, não somente seu, mas igualmente dos demais apóstolos. Não é insignificante aduzir doutores que a respeito do assunto estejam convictos, e que o demonstram não somente em palavras, mas também em fatos. Por isso não o afirma de modo categórico: Nós temos essa persuasão. Nem basta somente persuadir, mas também exibe pelos fatos. Como se dissesse: Não vos parece admirável confessá-lo por palavras; se, contudo, pelos fatos vo-lo exibimos, o que podereis objetar? Ouvi, portanto, como até pelos perigos diariamente confessamos estas coisas. E não disse: Eu, e sim: Nós, congregando todos os apóstolos, e dessa forma portando-se modestamente, e tornando fidedigna a asserção. Pois o que podereis dizer? Que vos enganamos ao pregarmos essas coisas, e estabelecemos esses preceitos por vanglória? Mas os perigos não permitem sustentá-lo. Quem quer de bom grado e em vão enfrentar contínuos perigos? E por isso dizia: "*E nós mesmos, por que a todo momento corremos perigo?*" Pois se alguém por vanglória escolhê-lo espontaneamente, fá-lo-á uma ou duas vezes, não a todo momento como nós, porque nós, durante a vida inteira, estamos expostos a isso. "*Diariamente estou exposto à morte, tão certo, irmãos, quanto vós sois a minha glória em Cristo Jesus*". Dá o nome de "*glória*" ao progresso deles. Com efeito, tendo revelado que os perigos eram muitos, a fim de não parecer que o dizia

chorando, declara: Não somente não me lastimo, mas até me glorio de sofrer assim em vosso proveito. Por dupla razão afirma gloriar-se: enfrentar perigos por causa deles, e ver que eles progridem. Consequentemente, faz o que costuma fazer: tendo proferido coisas grandiosas, ambas atribui a Cristo. Como, porém, morre diariamente? Pela boa disposição e prontidão para tanto. E por que assim se exprime? Para novamente confirmar o que explanou sobre a ressurreição. Pois, diz, quem escolheria sujeitar-se a tantos perigos de morte, se depois não houvesse ressurreição, nem vida? De fato, se os que acreditam na ressurreição, exceto os fortes e generosos, mal enfrentam por ela os perigos, muito mais o descrente não optaria por submeter-se a tantos gêneros de morte e tão graves. Por conseguinte, vê o progressivo incremento. Disse: “*Corremos perigo*”, em seguida: “*A todo momento*”, depois: “*Diariamente*”; após, não diz apenas: Corro perigo, mas ainda: Morro. Logo expõe quantos perigos de morte, nesses termos:

32. *De que me teria adiantado lutar contra os animais em Éfeso, se eu tivesse apenas interesses humanos?*

O que significa: “*Se eu tivesse apenas interesses humanos?*” Enquanto homem, lutei contra animais. E: Se Deus me livrou dos perigos? Por isso principalmente devo me preocupar, eu, que tantos perigos enfrento e ainda não recebi remuneração alguma. Se, portanto, não vier um tempo de remuneração, mas nossos interesses se limitarem ao tempo atual, sofremos o maior dano. Pois, vós acreditastes sem enfrentar perigo, enquanto nós somos imolados cada dia. Não dizia tudo isso porque não há utilidade alguma nos sofrimentos, mas por causa da fraqueza de muitos, e para confirmá-los acerca da doutrina da ressurreição. Não quer dizer que corresse em vista da recompensa; servia-lhe de suficiente remuneração fazer o que era do agrado de Deus. Por isso, quando afirma: “*Se temos esperança em Cristo somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens*” (1Cor 15,19), é de novo por causa deles; assim se exprime a fim de expelirem, receosos dessa infelicidade, a incredulidade sobre a ressurreição e para usar de condescendência diante da fraqueza deles. É, de fato, grande recompensa, agradar em tudo a Cristo; mesmo sem remuneração, constitui grande prêmio enfrentar perigos por causa dele.

Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos.

É uma palavra irônica. Entretanto, não a aduz por si mesmo, mas reproduz a palavra de um profeta grandiloquente, Isaías, que dizia a alguns que eram insensíveis e deploráveis: “Matança de bois e degola de ovelhas; come-se carne e bebe-se vinho, dizendo: ‘Comamos e bebamos porque amanhã morreremos!’ Mas essas palavras chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos. ‘Certamente esta perversidade não vos será perdoada até a morte’” (Is 22,13-14). Se, contudo, foram privados de perdão os que então assim falavam, muito mais sob o regime da graça. Em seguida, para que a palavra não fosse mais dura, não se detém na reflexão até o absurdo, mas volta-se para uma exortação, dizendo:

33. *Não vos deixeis iludir: “As más companhias corrompem os bons costumes”.*

Assim se expressava, em parte atacando-os enquanto insensatos (denota os melhores mais benignamente como sendo seduzidos com facilidade) e em parte, na medida do possível, concedendo-lhes perdão devido aos antecedentes, e retirando deles a máxima parte das acusações que transfere para outros, a fim de atraí-los dessa forma à penitência. É o que acontece também na Carta aos Gálatas, expressando-se nesses termos: “Aquele que vos perturba, sofrerá condenação, seja lá quem for” (Gl 5,10).

34. *Sede sóbrios, como é necessário, e não pequeis!*

Como se falasse a ébrios e loucos. Efetivamente, é próprio dos embriagados e loucos jogar fora tudo e de repente, porque não veem mais o que viram, nem acreditam no que anteriormente

confessaram. O que significa: *“Como é necessário”*? O que é conveniente e útil. Despertar alguém para detrimento de sua alma é ser desperto de modo inconveniente. Com razão acrescenta: *“E não pequeis!”*, mostrando onde se encontram as sementes da incredulidade. Implicitamente alude ao mesmo em outra passagem, porque uma vida corrupta produz má doutrina, conforme assevera: “A raiz de todos os males é o amor do dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé” (1Tm 6,10). Efetivamente, alguns, conscientes de suas más ações, e não querendo sofrer o castigo, por esse medo rejeitam a fé na ressurreição, enquanto os que certamente praticaram muitas boas obras, cotidianamente desejam ver aquele dia.

Pois alguns dentre vós tudo ignoram a respeito de Deus. Digo-o para vossa vergonha.

Vê como novamente transfere para outros os crimes. Não disse: Vós ignorais, e sim: *“Alguns ignoram”*. De fato, não acreditar na ressurreição é próprio de quem não conhece bem o invencível poder de Deus, suficiente para tudo. Na verdade, se ele fez vir a ser o que não era, muito mais poderá ressurgir o que se desfez. E como o Apóstolo ataca-os vigorosamente, e deles escarnece em extremo, por causa da gula, da ignorância e da loucura, mitiga o que disse, declarando: *“Digo-o para vossa vergonha”*, isto é, para vos corrigir, converter; e melhorardes por pudor. Teve receio de que, se os atalhasse além dos limites, eles escapassem.

Não julguemos que ele assim se exprime somente para os coríntios, mas ainda agora dirige essas palavras a todos os que sofrem da mesma moléstia, e estragam a própria vida. E são ébrios e loucos não somente os que professam doutrinas erradas, mas também os que estão onerados por grandes pecados. Por essa razão, dirige-se-lhes também a palavra: “*Sede sóbrios*”, isso é, despertai; especialmente aos mergulhados no sono profundo da avareza, àqueles que raptam de modo malvado. Há, de fato, uma legítima rapina, a saber, a rapina dos céus, que em nada prejudica. Quanto às riquezas, não é possível alguém enriquecer-se, sem que um outro se empobreça. Relativamente aos bens espirituais tal não sucede, mas é inteiramente o oposto; não pode alguém se enriquecer, sem que outro se torne opulento. Se a ninguém fores útil, não poderás tornar-te opulento. Na verdade, quanto aos bens materiais, a doação acarreta diminuição, quanto aos espirituais, porém, dar produz abundância, e não distribuir acarreta grande pobreza e ocasiona extremo castigo. Demonstra-o aquele servo que enterrou o talento. Efetivamente, quem leva em conta a sabedoria e a partilha com o próximo, aumenta suas posses, multiplicando os sábios; quem, contudo, as esconde, priva-se da abundância, porque não as utilizou para o bem de muitos. Ainda, quem possui vários dons, se cuidar do próximo, aumentará a doação; dar não o exaure, a dádiva espiritual satisfaz a muitos. Essa regra permanece firme em relação a todos os bens espirituais. Assim também quanto ao reino, quem faz com que muitos dele participem, mais gozará. Quem, no entanto, não se esforça por ter sócios, perde também muitos dons. De fato, nem a sabedoria deste mundo se consome se muitos dela fazem extrações, nem o artífice, formador de muitos artífices, perde a sua habilidade; ainda mais, quem arrebata o reino não o diminui, mas nossas riquezas serão maiores com a multiplicidade dos convidados. Arrebatemos, portanto, bens que agora não se esgotam, mas que, à medida que são extraídos, mais aumentam. Arrebatemos bens que ninguém calunia, nem inveja. De fato, se houvesse ouro num lugar onde uma fonte perene tanto mais manaria quanto mais se haurisse, e noutro lugar existisse um tesouro enterrado, que meio preferirias para enriquecer-te? Seria por aquele. É evidente. Mas não façamos apenas descrições. Pensai no que se diz do ar e do sol. Deles todos haurem, e a todos eles plenificam; no entanto, continuam iguais sem diminuir por causa dos que deles usufruem ou não. O que disse, porém, é mais importante. A sabedoria espiritual não se mantém idêntica, quer seja distribuída ou não; ao invés, aumenta ao ser doada. Quem não concordar com essas palavras, ainda aprisionado à carência relativa à sua subsistência, arrebatando bens sujeitos à diminuição, lembre-se

do caso do maná, e tenha medo desse castigo exemplar. É possível ver agora ainda o que ali sucedia relativamente às sobras. O que acontecia? Nas sobras pululavam os vermes (cf. Ex 16,20).

Experimentamo-lo aqui. A medida de alimento é a mesma para todos. Temos um só estômago a saciar. Tu, porém, que te sacias de iguarias, tens mais fezes. E como os israelitas que recolhiam além do que fora estabelecido não acumulavam maná, e sim maior quantidade de vermes e podridão, assim também agora os glutões e os beberrões, relativamente às iguarias e à superabundância, não congregam quantidade maior de alimento, e sim maior corrupção. Mas os de hoje são piores porque os de outrora, uma vez sofridos e castigados, corrigiram-se; estes, porém cotidianamente introduzem em suas casas este péssimo verme e não o percebem, nem se saciam. Podes deduzir do que se segue o que se lhes assemelha, quanto à inutilidade do labor. Seus suplícios são muito mais graves.

Em que um rico difere de um pobre? Não se reveste de idêntico corpo? Não alimenta igual estômago? Em que um supera o outro? Nas preocupações, no consumo, na desobediência a Deus, na podridão da carne, e na perda da alma. É o que o rico possui mais do que o pobre. De fato, se ele enchesse muitos estômagos, teria talvez o que dizer, isso é, precisaria de muito mais e maiores seriam as despesas. Mas agora, replicas, têm o que dizer, porque enchem muitos estômagos, a saber, os dos escravos e das escravas. Não por necessidade, nem por benignidade ou sentimentos humanos, mas apenas por fausto. Por conseguinte, é inadmissível defendê-los.

Por que possuem muitos escravos? Como relativamente às vestes e à mesa apenas se deve dar atenção à necessidade, assim também quanto aos escravos. Qual a necessidade? Nenhuma. A um senhor devia bastar apenas um escravo, ou antes para dois ou três senhores, um escravo. Se, porém, isso é duro, pensa naqueles que não possuem nenhum, e cujo serviço é mais fácil. Pois Deus fez que eles se bastem para seu próprio serviço, ou antes, também para o do próximo. Se não acreditas, escuta o que diz Paulo: “Estas mãos proveram às minhas necessidades e às de meus companheiros” (At 20,34). Assim o doutor de todo o orbe, merecedor dos céus, não se corava de servir a tantos; tu, contudo, consideras vergonhoso não estares cercado de muitas turmas de escravos, ignorando que isso te inflige a maior vergonha? Deus nos concedeu mãos e pés para não precisarmos de escravos. Não era por necessidade que se introduziu essa condição. Do contrário, teria sido criado também um escravo para Adão; mas é pena do pecado e multa da desobediência. Cristo, com sua vinda, aboliu-os: “Pois em Cristo Jesus não há escravo nem livre” (Gl 3,28). Por conseguinte, não é necessário ter escravos; entretanto, se for preciso, um ou no máximo dois. Para que um enxame de servos? Pois, como os vendedores de ovelhas e mercadores de escravos, assim avançam os ricos pelas termas e pela praça. No entanto, não faço exigências estritas. Podes ter um segundo escravo; se, porém, reunires muitos, não se trata de benignidade e sentimentos humanitários, mas estás servindo a teus prazeres. De fato, se o fazes por atenção a eles, não ocupes em teu serviço nenhum deles, mas, após comprá-los e ensinar-lhes um ofício para que se bastem, liberta-os. Torturá-los, lançá-los na cadeia, não é obra humanitária. Sei que, na verdade, sou incômodo aos ouvintes. Mas, o que fazer? Para isso fui nomeado, e não cessarei de repeti-lo, quer adiante ou não. O que significa andar orgulhosamente na praça? Acaso caminhas entre animais ferozes, para repelires os que encontras? Não temas; nenhum dos que se aproximam e caminham perto de ti vai morder-te. Acaso julgas uma injúria caminhar na companhia dos outros? E que loucura, que coisa prodigiosa, não considerar opróbrio que um cavalo siga de perto, e julgar ultraje que um homem não se distancie tantos estádios? Por que ter lictores quais servos, empregar homens livres como escravos? Ou antes, viver de forma mais vergonhosa do que qualquer escravo? Quem se cerca de tamanho fausto é mais ignominioso do que qualquer escravo. Por isso, não terão a verdadeira liberdade os que se escravizaram a vício tão grave. Se, pois, queres repelir e proceder orgulhosamente, não aparta os que encontras, e sim o fausto: não por intermédio de um

escravo, mas por ti mesmo; não com esse flagelo, mas com um espiritual. Agora teu servo enxota os que andam a teu lado; a arrogância te expulsa do alto mais vergonhosamente do que o escravo ao próximo. Se, porém, desceres do cavalo, tu a apartas pela humildade, ficarás sentado mais alto e estabelecido em maior honra, sem precisar para tal de um escravo. Quando pisas no chão humildemente, estás sentado no carro da humildade, que com cavalos alados te eleva ao céu. Do contrário, se desceres dele e passares para o carro da arrogância, em nada melhor serás do que as serpentes que se arrastam pelo chão, ou antes, de modo muito mais vil e miserável. Pois o corpo mutilado as obriga a arrastar-se; a ti, porém, é a doença da arrogância. "Aquele que se exaltar será humilhado, e aquele que se humilhar será exaltado" (Mt 23,12). Não sejamos humilhados, portanto, mas exaltados, subamos àquelas alturas. Assim, portanto, encontraremos repouso para nossas almas, de acordo com o oráculo divino, e conseguiremos a mais elevada honra. Possamos todos nós alcançá-lo pela graça e amor aos homens etc.

QUADRAGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

O modo da ressurreição

35. *Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam?*

36. *Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra.*

Embora o Apóstolo seja sempre manso e humilde, aqui emprega discurso mais veemente, por causa do absurdo da parte dos contraditores. Não se contenta com isso, mas aduz raciocínios e exemplos, reprimindo até algum mais contencioso. Mais acima diz: "A morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição" (1Cor 15,21); dessa forma resolve a objeção dos gentios. Vê, porém, como de novo diminui o vigor da repreensão. Pois não diz: Talvez repliqueis, mas deixa indefinido qual o contraditor, a fim de mais atingir os ouvintes, evitando palavra mais livre e dura. Levanta duas dúvidas, uma sobre o modo da ressurreição e outra acerca da qualidade dos corpos. Os gentios duvidavam a respeito de ambas e perguntavam: Como ressuscita o que já se decompôs? E: *"Com que corpo voltam"?* O que quer dizer: *"Com que corpo"*? Com o que morreu, pereceu, ou um outro? Em seguida, assinalando que não é duvidoso o que perguntam, mas claro, ataca com maior veemência, dizendo: *"Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra"*.

Costumamos agir desse modo diante dos contraditores acerca do que consta com certeza. E por que ele não recorre logo ao poder de Deus? Porque trata com infiéis; de fato, ao falar aos fiéis, não precisa de tanto raciocínio. Por isso, tendo dito em outra passagem: "Transfigurará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso" (Fl 3,21), e explanando mais amplamente que existe ressurreição, não cita exemplos, mas, em vez de qualquer demonstração, menciona o poder de Deus, acrescentando: "Pela operação que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas". Nesse trecho, contudo, faz raciocínios. Uma vez que o confirmou por intermédio das Escrituras, acrescenta ademais contra os que não obedecem às Escrituras: *"Insensato! O que semeias"*, isto é, tens em ti mesmo a prova disto, por aquilo que fazes diariamente, e ainda duvidas? Por isso te chamo de insensato; ignoras o que realizas diariamente, e sendo artífice de uma ressurreição, duvidas a respeito de Deus. Por isso, o Apóstolo diz com grande ênfase: *"O que semeias"*, tu que és mortal e pereces. E vê que emprega termos adequados ao assunto. *"Não readquire vida a não ser que morra.* Omite os termos próprios às sementes, tais como: germina, brota, apodrece e se decompõe; adaptou as que convêm à nossa carne, a saber, *"Readquire vida"* e: *"Morre"*, que não são peculiares às sementes, mas aos corpos. E não disse: Depois de morrer, vive; porém com mais força: Vive, porque morre. Vês que, conforme frequentemente repito, retorna o discurso sempre em sentido contrário. Aquilo que eles

consideravam base para não ressuscitar, torna-se demonstração de ressurreição, pois diziam que o corpo não podia ressurgir, porque morrera. O que contrapõe o Apóstolo? Ora, se não estivesse morto, não ressuscitaria; ressurge justamente porque morreu. Como Cristo claramente mostra, dizendo: "Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas, se morrer, produzirá muito fruto" (Jo 12,24); imitando-o, Paulo não disse: Não vive, mas *"Não readquire vida"*, novamente assumindo o poder de Deus, e mostrando que não é a natureza terrena, e sim Deus quem opera tudo. E por que não apresentou o que era mais conveniente e próprio, o sêmen humano? Pois nossa geração começa pela corrupção, à guisa do trigo. Porque não era igual, mas neste era maior. Procura algo que se corrompa inteiramente; o outro corrompe-se parcialmente, por isso apresenta o caso do trigo. Aliás, o sêmen procede de um ser vivo, e entra no seio de uma pessoa viva; a semente não é lançada na carne, mas na terra onde se desfaz, qual um corpo morto. Por isso era exemplo mais adequado.

37. *E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer,*

De fato, o supramencionado refere-se ao modo de ressurgir; aqui, porém, exprime dúvida sobre a qualidade do futuro corpo. O que significa: *"E o que semeias não é o corpo da futura planta"*? Não é uma espiga inteira, nem trigo novo. Aqui o discurso não se refere mais à ressurreição, mas ao modo da ressurreição, como será o corpo que há de ressuscitar. Tal, ou melhor, e mais brilhante? Retira exemplo dos dois, mostrando que será muito melhor.

Mas os hereges nada disso entendem e atacam: um é o corpo que cai e outro o que ressurge. Como, então, é ressurreição? Ressurreição é peculiar a quem caiu. Onde ficaria aquela admirável e inesperada vitória sobre a morte, se um é o que cai e outro o que ressurge? Não é evidente que ela devolva o seu prisioneiro. De que modo o exemplo se adapta ao que foi dito? Não é semeada uma essência e ressurge outra diferente, mas é a mesma e melhor. Mas, em vossa opinião, nem Cristo, primícias dos que ressuscitam, assumiu o mesmo corpo; rejeitou aquele corpo, apesar de não ter pecado, e assumiu outro. Donde veio este outro? O primeiro nasceu da Virgem, e o segundo de onde? Vês como o discurso se desenvolve de modo absurdo? Por que mostrou os sinais dos cravos? Acaso não queria manifestar que o ressuscitado era idêntico ao crucificado? O que significa a figura de Jonas? Não foi um Jonas que foi engolido e outro que foi vomitado sobre a terra. Por que dizia (Cristo): "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei"? Evidencia-se que foi destruído aquele mesmo que foi levantado. Por que acrescentou o evangelista: "Ele, porém, falava do templo do seu corpo" (Jo 2,19.21). Por que, então, declara o Apóstolo: *"E o que semeias não é o corpo da futura planta"*?

Quer dizer: não é uma espiga. É e não é a mesma. A mesma, na verdade, porque idêntica a essência; não é a mesma, porque esta é melhor, enquanto permanece a mesma essência, mas de beleza maior, pois ressurge renovada. Do contrário, não seria ressurreição se não ressuscitasse melhor. Por que Cristo destruiria o templo, se não fosse edificar um mais esplêndido? Disse isso aos que pensavam estar assegurando que o mesmo haveria de ser destruído. Em seguida, para que não se pensasse que seria outro corpo, facilita o enigma e interpreta a palavra, não permitindo que o ouvinte entendesse de modo diferente. Para que necessitamos falar? Escuta o que diz, como o interpreta.

"E o que semeias não é o corpo da futura planta." E logo acrescenta: *"mas um simples grão, de trigo ou de qualquer outra espécie"*.

Isto é, não é a futura planta, a saber, não é assim revestido, nem tem haste e espigas, *"mas um simples grão, de trigo ou de qualquer outra espécie"*.

38. *Em seguida, Deus lhe dá corpo como quer;*

Certamente, replicas; mas isso é obra da natureza. De que natureza? Dize-me, por favor. Pois, também aqui, Deus faz tudo, não a natureza, nem a terra, nem a chuva. Por isso, assinalando o fato,

omite a terra, a chuva, o ar, o sol, as mãos do agricultor, e acrescenta: *“Deus lhe dá corpo como quer”*. Não perguntes, portanto, e indagues curiosamente como e por que razão, quando ouves referência ao poder e à vontade de Deus.

A cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio.

Onde, portanto, está o corpo estranho? Pois ele dá o que é próprio. Por isso quando diz: *“E o que semeias não é o corpo da futura planta”*, não quer dizer que ressurge uma essência por outra, mas que é melhor e mais esplêndida. *“A cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio”*. Daí já introduzir a diferença da ressurreição futura. Pelo fato de que o trigo é semeado e sobem todas as espigas, não julgues que as honras são iguais na ressurreição. Ora, nem as sementes são de uma só espécie, porque umas são melhores, outras piores. Por isso, ele acrescenta: *“A cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio”*. Enfim, não se contenta com isso, mas procura outra diferença, maior e mais manifesta. Na verdade, conforme disse, para que não penses, ao ouvir dizer que todos ressurgem, que usufruem de idênticos bens, lança previamente as sementes desta opinião, dizendo: cada um na própria ordem.

Torna-o mais claro, dizendo:

39. *Nenhuma carne é igual às outras,*

Por que me refiro às sementes? Tratemos disso também relativamente aos corpos, dos quais agora nos ocupamos. Por isso, adita: *“mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes”*.

40. *Há corpos celestes e há corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres.*

41. *Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho.*

E o que significam essas palavras? Qual a causa por que da ressurreição dos corpos recaiu no discurso sobre as estrelas e o sol? Não recaiu, nem se desviou do raciocínio, de forma alguma, mas ainda adere a ele. Pois, como já comprovou o que disse a respeito da ressurreição, mostrou que então haverá grande diferença na futura glória, apesar de ser uma só a ressurreição. Por enquanto divide o universo em dois, isto é, nos seres celestes e terrestres. Manifestou por meio do trigo que os corpos ressurgem; daí conclui que nem todos terão a mesma glória. Como não crer na ressurreição produz negligência, assim igualmente gera preguiça pensar que todos merecem os mesmos prêmios. Assim, ele corrige as duas coisas: para alguns resolve nas palavras precedentes, para outros começa aqui. Tendo estabelecido duas séries, a dos justos e a dos pecadores, novamente os divide em várias partes. Mostra que nem os justos nem os pecadores conseguem iguais recompensas. Nem os justos o mesmo que os outros justos, nem os pecadores o mesmo que os demais pecadores. Opera primeiro uma divisão entre justos e pecadores, dizendo: *“corpos celestes e corpos terrestres”*. Por terrestres alude a estes, pelos celestes aos primeiros. Em seguida, introduz uma diferença entre pecadores e pecadores, dizendo: *“Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos peixes, outra a carne dos pássaros, outra a dos quadrúpedes”*. Ora, todos são corpos, mas uns mais insignificantes, outros menos. Igualmente na vida e nas suas condições. Dito isso, sobe novamente ao céu, dizendo: *“Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua”*. Como existe diferença entre os corpos terrestres, também há diferença nos celestes, e não insignificante, mas até extrema. Não apenas há diferença entre o sol e a lua, nem entre a lua e as estrelas, mas ainda *de estrela para estrela*.

Efetivamente, apesar de estarem todos no céu, uns têm maior brilho, outros menos. Que

ensinamento retiramos daí? Que embora todos estejam no reino, nem todos usufruem dos mesmos bens; apesar de estarem todos os pecadores na geena, nem todos suportam os mesmos castigos. E por isso, acrescentou:

42. *O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos*;

Como? Há muita diferença. Em seguida, deixa essa dissertação, como já provada, e vem à demonstração e ao modo da própria ressurreição, dizendo: *"semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível"*;

Observa sua prudência. De fato, a respeito das sementes empregou o nome de corpo: *"Não readquire vida a não ser que morra"*; quanto aos corpos, usa a denominação de sementes, dizendo: *"Semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível"*. Não diz: nasce, para não pensares que se trata de ação da terra, e sim: ressuscita. Aqui não dá o nome de semeadura à nossa geração no útero, mas ao sepultamento na terra dos corpos mortos, à decomposição, às cinzas. Em consequência, tendo dito: *"Semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível"*, acrescenta:

43. *Semeado desprezível,*

O que há de mais torpe do que o corpo em decomposição? *"ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza"*.

Nem trinta dias se passam e todo ele se perdeu; a carne não pôde se manter nem um só dia, "*ressuscita cheio de força*";

Então dele nada resta. Por isso, eles precisavam de exemplos, a fim de que muitos, ao ouvirem estas coisas, a saber, que os corpos ressurgem na incorruptibilidade, na glória e cheios de poder, não julgassem que não haveria diferença alguma entre os ressuscitados. De fato, todos ressuscitam cheios de força, na incorrupção e na glória da incorrupção, mas não todos com as mesmas honras e segurança.

44. *semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual*.

O que dizes? Este corpo não é espiritual? É espiritual, na verdade, mas aquele muito mais. Pois agora frequentemente escapam muitas graças do Espírito Santo, porque alguns pecam gravemente, e foge da alma o espírito, vida da carne; e quem é tal esvazia-se sem o espírito. Após a ressurreição, não será assim, mas perpetuamente a alma permanece unida à carne dos justos, e estando presente terá o domínio. Algo de semelhante sugere, dizendo: *"Espiritual"*, ou que será mais leve e sutil de sorte que pode até elevar-se no ar; ou antes uma e outra coisa. Se, porém, não crês o que se diz, vê os corpos celestes que são tão esplêndidos e duráveis, e permanecem em condições de não envelhecer, e crê que Deus pode transformar esses seres corruptíveis em incorruptíveis, e muito melhor do que os visíveis.

45. *Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida.*

Ora, uma coisa está escrita (Gn 2,7), a outra, contudo, não está escrita. Por que então diz : *"Está escrito"*? Ele interpretou os acontecimentos, o que costuma fazer frequentemente. É habitual nos profetas. De fato, diz o profeta (Zc 8,5) que Jerusalém foi chamada cidade de justiça, e não foi assim denominada. E então? O profeta mentiu? De forma alguma. Afirmou que seria chamada assim segundo os eventos. Foi dito que Cristo seria denominado Emanuel, e não foi, mas a realidade permite essa expressão. Igualmente aqui: *"O último Adão tornou-se espírito que dá a vida"*.

O Apóstolo o disse, para saberes que já precederam sinais, penhores da vida presente e futura. Da presente, na verdade, é Adão, da futura é Cristo. Visto que já aconteceu o melhor e o começo em

esperança, já surgiram a raiz e a fonte. Se, porém, a fonte e a raiz são a todos manifestas, não é possível duvidar sobre a produção dos frutos. E por isso disse: *"O último Adão tornou-se espírito que dá a vida"*, e também em outra passagem: "Dará vida também a vossos corpos mortais, através do seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,13). Por conseguinte, vivificar é próprio do Espírito. Além disso, para que não se retruque: Por que as coisas antigas eram piores, e as realidades psíquicas vieram todas, não somente até as primícias, mas as espirituais, a não ser até as primícias? Mostra que ambos os princípios assim foram estabelecidos.

46. *Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois.*

Não enunciou a razão por que assim sucedeu, mas contentou-se com o plano de Deus, com a sentença que procede da realidade, que dá testemunho das ótimas disposições de Deus, e assinala que para nós sempre procedem ao que é melhor e mais útil; simultaneamente também dá testemunho à palavra. Pois se as coisas menores aconteceram, importa muito mais esperar as maiores.

Visto que no futuro gozaremos de tais bens, acolhamos essa disposição, e não deploremos os que morrem, mas os que terminam mal. Pois também o agricultor, vendo decompor-se o trigo, não o deplora, e sim, ao vê-lo consistente na terra, teme e treme; se notar que se desfaz, alegra-se. O início da futura seara é a dissolução. Assim também nós alegramo-nos quando cai a casa corruptível, quando o homem for semeado na terra. Não te admires que a sepultura receba a designação de semeadura; é até melhor do que uma semeadura. Pois à semeadura sucede a morte, os labores, os perigos e os cuidados; a ela, porém, se vivermos retamente, competem as coroas e os prêmios: ao nascimento sucede a corrupção, a perda, a morte; a essa semeadura sem fim, sucedem a incorrupção, a imortalidade, e bens inumeráveis; naquela semeadura há abraço, prazeres e sono; nesta somente a voz vinda do céu, e logo tudo se realiza. E quem ressurge não é conduzido a uma vida laboriosa, mas a uma vida sem dor, luto e gemido. Se, contudo, procuras patrocínio, e por isso choras o morto, refugia-te perto de Deus, comum patrono de todos, salvador e benfeitor, aliado inexpugnável, socorro pronto, proteção perpétua que sempre e em todo lugar está presente, que nos defende em toda parte. Mas a convivência com o falecido era desejável e amável! Também eu o sei; se submeteres, porém, o sentimento à razão, pensares em quem o acolheu, se suportares com ânimo forte e ofereceres a Deus o sacrifício de tua vontade, podes superar essa tempestade, e o que o tempo faz, realize em ti a sabedoria. Se, porém, fores fraco, com o tempo desvanece a perturbação do espírito, sem te trazer recompensa alguma. A essas razões congrega os exemplos da vida presente, e os das divinas Escrituras. Pensa que Abraão imolou o próprio filho, sem chorar nem emitir palavra amarga (Gn 22). Sim, replicas, mas era Abraão. No entanto, tu és chamado a ultrapassar maiores obstáculos. Jó, contudo, teve só o pesar consentâneo a um pai que ama os filhos, e muito solícito por aqueles que morreram. Ao invés, o que agora fazemos é próprio dos adversários e inimigos. Na verdade, se lamentas e choras a alguém que é levado ao palácio régio e coroado, não diria que és amigo dele, e sim grande adversário e inimigo. Ora, responderias, não choro por ele, mas por mim mesmo. Mas, nem propriamente amas, se queres que o amigo por tua causa ainda se angustie e se sujeite às incertezas do futuro, quando lhe é possível ser coroado e abordar; ou que seja sacudido pelas ondas, quando lhe é permitido ficar no porto. Mas, não sei, replicas, aonde foi. Por que não sabes? Dize-me. Quer tenha vivido bem, quer não, é evidente para onde haveria de partir. Por isso mesmo, respondes, choro, porque morreu em estado de pecado. São pretextos e escapatórias. Pois, se choras porque morreu, devias, enquanto vivia, transformá-lo, corrigi-lo. Mas tu, sempre, consideras teus interesses, não os dele. Se, contudo, morreu sendo pecador, deves por isso alegrar-te, porque os pecados foram cortados e não acrescentou males ulteriores. E, à medida do possível, socorre-o não com lágrimas,

mas com preces, súplicas, esmolas e oblações. Não são pensamentos vãos, nem é inútil lembrarmo-nos nos divinos mistérios dos defuntos; aproximemo-nos em sufrágio deles, rogando ao Cordeiro ali presente, que tira o pecado do mundo. Que daí retirem algum alívio. Não é inutilmente que aquele que está presente junto do altar, ao se realizarem os venerandos mistérios, clama: Por todos os que adormeceram em Cristo e aqueles que celebram a memória. Se não se fizessem comemorações deles, não seriam proferidas tais palavras. Nossas celebrações não são peças teatrais. De forma alguma! Realizam-se segundo a disposição do Espírito Santo.

Socorramo-los e façamos comemoração deles. Se no caso de Jó, o sacrifício do pai era expiação pelos filhos, por que duvidas que nossas oferendas por aqueles que morreram lhes proporcione algum alívio? Deus costuma dar a graça a uns em favor de outros. E Paulo o demonstrava, dizendo: "Assim a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas suscitará a ação de graças de muitos em nosso favor" (2Cor 1,11). Não nos envergonhemos de auxiliar os defuntos e de oferecer preces por eles; acha-se diante de nós a comum expiação de todo o orbe. Por isso confiadamente rogamos então por toda a terra e invocamo-los com os mártires, os confessores, os sacerdotes. Efetivamente somos todos um só corpo, embora existam uns membros mais esplêndidos que outros; e pode acontecer que consigamos indulgência para eles de todas as partes, pelas preces, pelas oferendas em seu favor, por meio daqueles que com eles invocamos. Por que, então, tens pesar? Por que te lamentas, quando podes obter tanta indulgência para o defunto? Entretanto, choras porque estás sozinha, e perdeste um patrono e defensor? Nunca deverias falar assim, pois a Deus não perdeste. Por isso, enquanto o tiveres, ele será para ti mais que marido, pai, filho e sogro; mesmo quando eles viviam, era Deus quem fazia tudo. Pensa, portanto, nisto, e repete como Davi: "O Senhor é minha luz e minha salvação; de quem terei medo?" (Sl 27,1). Dize: Tu és o pai dos órfãos e juiz das viúvas; e atrai o seu auxílio e terás a sua providência especialmente agora, quando estás reduzida a maior indigência. Mas perdeste um filhinho? Não perdeste, não digas isso. É sono e não morte; é emigração, não perda; é peregrinação do pior para melhor. Não irrites a Deus, mas deves aplacá-lo e torná-lo propício. Pois se o suportares de ânimo forte, retirarás daí para o defunto e para ti certo alívio; do contrário, mais inflamas a ira de Deus. Pois, se te irritares no caso de assistires a um servo flagelado pelo senhor, mais irritarás o dono contra ti. Não o faças, mas dá graças, para que por esse motivo em ti também se dissipe a nuvem da tristeza. Fala como aquele santo: "O Senhor o deu, o Senhor o tirou". Pensa quantas pessoas mais agradáveis a Deus do que tu não tiveram filhos, nem têm o nome de pais. Nem eu, respondes, queria tê-los; melhor seria não ter tido a experiência do que depois de degustar esse prazer, perdê-lo. Não fales assim, suplico-te, não provoques a ira do Senhor; mas dá graças por aqueles que recebeste. Por aqueles que afinal jamais possuíste, glorifica. Jó não disse: Seria melhor não ter tido. Tu o dizes com ingratidão. Mas também por eles dava graças, dizendo: "O Senhor o deu" e por eles bendizia: "O Senhor o tirou: bendito seja o nome do Senhor pelos séculos". À mulher também fechava a boca, com justas razões, e enunciando aquelas admiráveis palavras: "Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?" (Jó 1,21; 2,10). Ora, depois adveio tentação mais grave: mas ele nem assim ficou alquebrado, mas igualmente suportava com ânimo forte, e glorificava a Deus. Tu também faze o mesmo, e reflete que não foi um homem que recebeu, mas Deus seu criador, que cuida mais do que tu, e sabe o que conferir; não é inimigo e pérfido. Nota que muitos por sua vida fizeram insuportável a dos progenitores. Mas, respondes, não vês os honestos? Vejo-os; mas não estão mais seguros do que teus filhos. De fato, embora tenham boa fama, o termo é incerto; de teu filho, porém, afinal não temes nem tremes que algo lhe aconteça, ou sofra alguma vicissitude. Pensa também em tua mulher, bela e boa dona de casa, e por tudo dá graças a Deus; e se a perderes, dá graças. Talvez Deus te queira levar à continência, chamar a obras maiores, livrar-te do vínculo. Se assim raciocinarmos,

obteremos no presente a tranquilidade de espírito, e alcançaremos as futuras coroas etc.

QUADRAGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

47. *O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo, o Senhor, vem do céu.*

O Apóstolo, depois de ter dito que o primeiro homem é psíquico e o segundo espiritual, novamente apresenta outra diferença, chamando-os de terrestre e celeste. De fato, a primeira diferença é a da vida presente e da futura; a segunda, porém, é a que houve antes da graça e a que veio depois da graça. Colocou-a como o melhor estilo de vida, dizendo... Pois, a fim de não suceder que os fiéis, conforme disse, confiando na ressurreição, negligenciassem a vida virtuosa, novamente prepara-os para a luta, e exorta-os à virtude, dizendo: *"O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo, o Senhor, vem do céu"*, denominando homem a todos. Um pela origem melhor e mais valiosa, o outro, contudo, pela pior.

48. *Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres*. Por conseguinte, perecerão e morrerão.

Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes.

Permanecerão imortais e fulgentes. Como? Acaso o celeste não morreu igualmente? Morreu, na verdade, mas em nada foi lesado, e assim também aboliu a morte. Viste como também daí, da morte, o Apóstolo estabeleceu a doutrina da ressurreição? Tendo, segundo disse antes, o princípio e a cabeça, não duvides a respeito de todo o corpo. Além disso, ele desenvolve ótima exortação sobre os estilos de vida, apresentando exemplos da vida superior e perfeita, e da vida oposta, e das duas aduz o princípio, Cristo da primeira, e Adão da segunda. Por esse motivo, não disse simplesmente: da terra, mas: *"Terrestre"*, isto é, rude, preso às realidades presentes; e de outro lado a respeito de Cristo, o contrário: "*O Senhor, que veio do céu"*. Todavia, se alguns afirmarem que o Senhor não tem corpo, porque foi declarado: "*Veio do céu"*, basta o que já foi dito para fechar-lhes a boca; nada, contudo, proíbe que agora ainda lhes tapemos a boca. O que significa: *"O Senhor, que veio do céu"*? Refere-se à natureza ou ao ótimo estilo de vida? É evidente a qualquer um que se trata do estilo de vida. Por conseguinte, acrescenta:

49. *E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, isto é, como praticamos o mal, assim também devemos trazer a imagem do homem celeste.*

Isto é, pratiquemos o bem. Além disso, perguntar-te-ia de boa mente: Acaso é acerca da natureza que foi dito: "*O homem, tirado da terra, é terrestre"* e: "*O Senhor vem do céu"*? Sim, dizes. Então, Adão era apenas terrestre, ou tinha outra essência afim às superiores e incorpóreas, que a Escritura denomina alma e espírito? É claro de modo geral que também esta. Por conseguinte, nem o Senhor era somente do alto, embora se diga que veio do céu, mas ainda assumiu a carne. É o seguinte o que ele afirma: "*E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre"*, isto é, as más ações, "*assim também devemos trazer a imagem do homem celeste"* , isto é, levar um estilo de vida celeste. Se ele se referisse à natureza, não era necessário exortar e aconselhar, de sorte que é claro ser referente ao gênero de vida o que se diz aqui. Por isso continua o discurso aconselhando; chama de imagem, para mostrar que se trata de ação e não de natureza. Tornamo-nos terrenos porque praticamos o mal. Não foi desde o início que fomos feitos terrenos, e sim porque pecamos. Com efeito, veio primeiro o pecado e depois a morte e a sentença: "Pois tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3,19); então entrou o enxame das emoções e perturbações. O fato de ser tirado da terra não transforma o homem simplesmente em terreno (pois o Senhor também era da mesma massa e pasta), e sim agir de modo terreno, de sorte que também é celeste agir de maneira digna dos céus. Mas que necessidade há de trabalhar inutilmente para prová-lo? O Apóstolo prossegue, explicando-nos qual o sentido disso:

50. *Digo-vos, irmãos, a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus,*

Viste como novamente interpreta-o por si, livrando-nos das questões? Ele faz o mesmo em muitas passagens. Dá o nome de carne às obras más, o que fez noutro lugar, dizendo: "Vós não estais na carne", e ainda: "Pois os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8,8-9). Por isso, quando declara: Eu o digo, outra coisa não afirma senão: Profiro estas palavras para aprenderes que as más ações não introduzem no reino. De fato, após falar da ressurreição, logo introduz o sermão sobre o reino e por isso acrescenta: *nem a corrupção herdar a incorruptibilidade.*

Isto é, o vício não possuirá a glória, a percepção e o gozo das realidades incorruptíveis. De fato, em muitos lugares empregou esta maneira de se exprimir sobre o vício: "Quem semear na carne, da carne colherá corrupção" (Gl 6,8). Se, porém, falasse do corpo e não das más ações, não empregaria o termo de corrupção; nunca ele dá ao corpo o nome de corrupção, pois não é corrupção, mas corruptível. Por isso, adiantando-se e dissertando a respeito dele, não fala de corrupção, mas de corruptível: *"É necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade"* (1Cor 15,53). Após, como tivesse terminado a admoestação a respeito do modo de vida, conforme costuma fazer, misturando logo argumento a argumento, trata novamente da ressurreição dos corpos, nesses termos:

51. *Eis que vos dou a conhecer um mistério:*

Vai proferir algo de venerando e secreto, que nem todos conhecem. Também demonstra prestar-lhes grande honra, a saber, contar-lhes um segredo. Qual?

Nem todos morreremos, mas todos seremos transformados.

Isto é, nem todos nós morreremos, mas todos seremos transformados, mesmo os que não tiverem morrido, porque eles também são mortais. Por conseguinte, pelo fato de morreres, não tenhas medo de não ressuscitar. Existem alguns, existem, que escaparão da morte, no entanto não lhes basta isso para aquela ressurreição, mas importa que igualmente os corpos que não tiverem morrido mudem e passem para a incorrupção.

52. *Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final,*

Uma vez que disputou muito acerca da ressurreição, oportunamente agora mostra o que é inteiramente imprevisto. Pois não é só admirável o fato de primeiro se decomporem os corpos e só após ressurgirem, diz ele, nem que os corpos dos ressuscitados após a corrupção serão melhores do que os que agora existem, nem que vão passar a uma condição muito melhor, nem que cada um receba o que lhe é próprio e nenhum o de um outro, e sim que num instante se realizem tantos, tão grandes e tais acontecimentos que superam todo raciocínio e entendimento. E explicando-o melhor diz: *"Num instante, num abrir e fechar de olhos"*, quer dizer, o tempo de se fechar os olhos. Em seguida, uma vez que afirmou uma coisa grande e espantosa, que, de fato, tantas coisas e tão grandes se realizam de repente, acrescentou para demonstrar ser crível o que afirma: pois *"a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados"*.

Aquele *"nós"* ele não o refere a si mesmo, mas aos que então se encontrarem vivos.

53. *Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade*

Visando a que, ao ouvires que a carne e o sangue não herdarão o reino de Deus, não julgues que os corpos não ressurgirão, após dizer: *"é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade"* acrescentou: *e que este ser mortal revista a imortalidade.*

Corruptível é o corpo e mortal é o corpo. Por conseguinte, o corpo permanece, pois ele é revestido. A mortalidade e a corrupção, porém, desvanecem, e têm acesso à imortalidade e à incorrupção. Não duvides, portanto, que haverá uma vida ilimitada, ao ouvires que se tornará incorruptível.

Hino triunfal

54. *Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória.*

Tendo assegurado feitos grandes e arcanos, novamente torna a palavra fidedigna devido à profecia: *"A morte foi absorvida na vitória"*, isto é, no fim nada dela restará, nem há esperança de retorno quando a incorrupção consumir a corrupção.

55. *Morte, onde está a tua vitória? Inferno, onde está o teu aguilhão?*

Viste a alma forte? De certo modo imola uma vítima pelo prêmio da vitória, entusiasmada, e vê o futuro já realizado; tem um sobressalto, ataca a morte estirada no chão, canta vitória diante do inimigo de cabeça prostrada, e emite um grito: *"Morte, onde está a tua vitória? Inferno, onde está o teu aguilhão?*" Passou, pereceu e se esvaiu inteiramente! Em vão fizeste tudo aquilo. Não somente tomou as suas armas e venceu, mas também a arruinou, e a reduziu inteiramente a nada.

56. *O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei.*

Vês que se refere à morte corporal? Por conseguinte, fala também da ressurreição do corpo. Pois, se este não ressuscita, como teria sido absorvida a morte? Não somente isto, mas ainda como *"a força do pecado é a Lei"*? É evidente que o pecado é o aguilhão da morte e pior do que ela, que tem nele a sua força. Como então *"a força do pecado é a Lei"*? Porque sem ela era fraco; era praticado, mas não era castigado. De fato, o mal existia, mas não se mostrava abertamente. Por isso a Lei contribuiu bastante para que se conhecesse o pecado, ou antes também para acentuar o castigo. Se, porém, ao proibir o pecado, tornou-o mais grave, a culpa não é do médico, mas de quem usou mal o medicamento. Com efeito, com a vinda de Cristo, fez-se mais grave a culpa dos judeus; mas nem por isso a critiquemos, mas antes admirá-la-emos, enquanto mais os odiamos porque se prejudicaram por meio do que devia ser-lhes proveitoso. De fato, a própria Lei não fortificou o pecado, visto que Cristo a cumpriu totalmente e era sem pecado. Tu, porém, considera como daí também se deduz a fé na ressurreição. Com efeito, se o próprio fato de pecar era causa de morte, mas Cristo em sua vinda apagou o pecado, e libertou-nos dele pelo batismo, e aboliu a Lei com o pecado, que consiste na transgressão da Lei, por que ainda duvidas da ressurreição? Como ainda a morte posteriormente conseguirá dominar? Acaso pela Lei? Mas ela foi ab-rogada. Acaso pelo pecado? Mas ele foi totalmente apagado.

57. *Graças se rendam a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!*

Na verdade, ele ergueu o troféu, e cuidou de que obtivéssemos a coroa, e isto não de direito, mas somente por seu amor aos homens.

58. *Assim, irmãos, sede firmes, inabaláveis,*

Justa e oportuna exortação! Efetivamente, nada abala tanto quanto a persuasão de estar sendo afligido em vão e sem motivo.

Fazei incessantes progressos na obra do Senhor, isto é, numa vida pura. E não disse: Fazei o bem, e sim: *"Fazei incessantes progressos"*, para praticarmos o bem em alto grau, além dos limites.

Cientes de que a vossa fadiga não é vã no Senhor.

O que dizes? Novamente a fadiga? Fadiga na verdade, mas que obtém coroas, leva ao céu. Pois a primeira fadiga, após a expulsão do paraíso, é pena dos pecados cometidos; esta, contudo, é fundamento dos prêmios futuros. Dessa forma não é fadiga, porque nos é concedido grande auxílio do céu; por isso acrescenta: *"No Senhor"*. A primitiva foi castigo, essa existe para conseguirmos os bens futuros. Por conseguinte, caríssimos, não durmamos. Não é possível aos preguiçosos conseguir o reino dos céus, nem aos lânguidos e aos que vivem no meio de prazeres. Será ótimo se, afligindo e

castigando o corpo e sofrendo inumeráveis tribulações, pudermos alcançar aqueles bens. Acaso não vedes a grande distância entre o céu e a terra? E como é iminente a guerra, como o homem é propenso ao vício, como o pecado nos cerca, quantas ciladas no meio de nós? Por que atraímos sobre nós tantas preocupações além das naturais, mais negócios e maiores pesos nos impomos? Não basta a preocupação com o alimento, as vestes e a casa? Não é suficiente a solicitude pelo necessário? Embora até desta Cristo nos aparte, dizendo: "Não vos preocupeis com a vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir" (Mt 6,25). Se, no entanto, não se deve ter preocupação com o necessário alimento e a veste, nem acerca do dia de amanhã, os que procuram tão grande acúmulo de nulidades e de tal modo nelas mergulham, quando poderão escapar? Não ouvistes a palavra de Paulo: "Ninguém, engajando-se no exército, se deixa envolver pelas questões da vida civil" (2Tm 2,4)? Nós, contudo, nos entregamos aos prazeres, à gula e à embriaguez, e afligimo-nos por causa dos bens exteriores e somos negligentes relativamente aos celestes. Não sabeis que a promessa é sobre-humana? Não é possível a quem rasteja sobre a terra subir ao alto dos céus. No entanto, nós não nos aplicamos a viver de forma humana, mas nos tornamos piores do que os irracionais. Desconhecemos perante qual tribunal devemos comparecer? Não pensais que nos serão pedidas contas das palavras e pensamentos, e não nos preocupamos? "Todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério" (Mt 5,28). Mas aqueles que prestarão contas até de um olhar inútil, não fogem nem mesmo da podridão do pecado. "Aquele que chamar a seu irmão: 'Louco', cairá na geena" (Mt 5, 22). Entretanto, não desistimos de atormentar o irmão com inumeráveis ofensas e armar-lhe várias ciladas. Quem ama apenas a quem o retribui com amor, nada mais faz do que um pagão; nós, porém, ainda por cima invejamo-los. Que perdão conseguiremos, que recebemos ordem de ultrapassar os limites dos antigos, e tecemos nossa vida com um modo de agir em menor medida do que a deles? Que defesa teremos? Quem estará junto de nós, e nos auxiliará ao sermos castigados? Ninguém. Mas forçosamente gemendo, chorando, rangendo os dentes, torturados, seremos levados às trevas inteiramente obscuras, às dores inevitáveis, aos castigos intoleráveis. Por isso, peço, exorto e suplico agarrado a vossos joelhos, enquanto temos esse pequeno viático durante a vida, que, contritos por essas palavras, nos convertamos, tornemo-nos melhores, para não acontecer que, à semelhança daquele rico, em vão nos lamentemos e choremos ali quando morrermos; esse choro nenhum remédio nos trará. Pois, quer tenhas pai, filho, amigo ou qualquer outro acreditado junto de Deus, ninguém te livrará se tuas ações te traírem. Tal é aquele juízo: Deus julga somente pelas obras, e de outra forma não salva. Não o asseguro para te causar dor ou te lançar no desespero, mas para não nutrires esperança débil e vã, e descuides de praticar a virtude, fiado neste ou naquele homem. Se formos negligentes, ninguém estará ao nosso lado: nem justo, nem profeta, nem apóstolo. Se empregarmos zelo, teremos suficiente defesa através de nossas obras, gozaremos confiadamente dos bens que Deus reserva aos que o amam. Seja-nos dado a todos consegui-lo etc.

QUADRAGÉSIMA TERCEIRA HOMILIA

CONCLUSÃO

Recomendações. Saudações. Augúrio final

16,1. *Quanto à coleta em favor dos santos, segui também vós as normas que estabeleci para as Igrejas da Galácia.*

O Apóstolo, terminada a exposição sobre os dogmas, e estando para empreender a que se refere especialmente aos costumes, omite outros assuntos e passa a tratar do bem principal, a compaixão. Mas, tendo dissertado somente acerca dela, termina, apesar de não agir assim em parte alguma, pois

nas outras cartas é no final que disserta acerca da esmola, da temperança, da mansidão, da paciência e das outras virtudes. Por que, então, aqui somente nesta parte trata do que se refere aos costumes? Porque a maior parte dos assuntos anteriores pertencia aos costumes, quais as palavras com que castigava o fornicador, moderava os que pleiteavam perante os tribunais dos gentios, atemorizava os ébrios e os glutões, condenava os sediciosos, os contenciosos e os ambiciosos do poder, entregava a intolerável suplício os indignos que se acercavam dos divinos mistérios, e dissertava sobre a caridade. Por esse motivo, relembra apenas o mais necessário, a saber, o auxílio a prestar aos santos. E nota a sua prudência. Ao persuadi-los a propósito da ressurreição, fê-los primeiramente propensos a aceitá-la, e no fim falou-lhes da questão. Entretanto, anteriormente também discursou sobre o problema, ao dizer: *"Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais?"* (1Cor 9,11) e *"Quem planta uma vinha e não come do seu fruto?"* (1Cor 9,7). Mas, como conhecia a grandeza desta boa ação, não deixa também de acrescentá-la no fim da carta. Chama a coleta de λογια logo no início, suavizando a ação; quando todos contribuem, torna-se leve para cada um o que foi determinado. Ao tratar da coleta, não diz imediatamente: Cada um separe o que lhe apraz, embora fosse consentâneo, mas tendo dito antes: *"Segui as normas que estabeleci para as Igrejas da Galácia"*, acrescentou a cláusula e para despertar-lhes o zelo cita as boas obras das outras Igrejas, à guisa de uma narração. O mesmo fez na Carta aos Romanos. De fato, aparentando narrar-lhes o motivo da viagem a Jerusalém, insere o discurso acerca da esmola: "Mas agora eu vou a Jerusalém, a serviço dos santos. A Macedônia e a Acaia houveram por bem fazer uma coleta em prol dos santos de Jerusalém que estão na pobreza" (Rm 15,25-26). Exorta-os por meio dos macedônios e coríntios, e a estes através dos gálatas. *"Segui também vós*, diz ele, *as normas que estabeleci para as Igrejas da Galácia."* Eles teriam vergonha de parecer inferiores aos gálatas. Não declarou, contudo: Exortei e aconselhei, e sim: *"Estabeleci"*, o que denota autoridade. E não alude a uma, duas ou três cidades, mas ao povo todo, conforme faz a respeito dos dogmas, dizendo: "Como ensino também em todas as Igrejas dos santos". Se é válido também para fazer fidedignos os dogmas, muito mais para provocar emulação. Por favor, o que é que ordenas?

2. *No primeiro dia da semana*, isto é, no domingo, *cada um de vós ponha de lado o que lhe aprouver*.

Vê que exorta igualmente baseado no tempo oportuno; o dia era idôneo a induzi-los à compaixão. Recordai-vos, diz ele, do que encontrastes neste dia. Bens inefáveis, raiz e princípio da vida vos foram outorgados nesse dia. Não somente por este motivo é ocasião oportuna para se praticar o amor aos homens com boas disposições, mas ainda devido ao lazer e à isenção de trabalho. Pois a alma livre do labor torna-se mais inclinada e propensa à compaixão. Além disso, a participação nesse dia nos mistérios venerandos e imortais causa grande prontidão. *"No primeiro dia... cada um de vós"*, não simplesmente este ou aquele, mas *"cada um"*, pobre ou rico, homem ou mulher, escravo ou livre, *"ponha de lado o que lhe aprouver"*. Não disse: Leve à igreja, a fim de que não se envergonhe devido à pequena quantidade; mas, quando progressivamente com as contribuições aumentarem as ofertas, serão apresentadas quando eu vier. Por enquanto, deixa de lado junto de ti, e transforma tua casa em igreja, o cofrezinho em tesouro; sê o guarda do depósito sagrado, dedica-te qual despenseiro dos pobres. O amor ao próximo confia-te esse sacerdócio. Para tal agora o tesouro serve de sinal. O sinal é permanente, mas a obra ainda não se encontra em parte alguma. Sei que muitos dessa assembleia nos censuram mais uma vez, por falarmos disso, nesses termos: Por favor, não sejas aborrecido e oneroso aos ouvintes, mas deixa o caso ao livre-arbítrio e à escolha dos ouvintes; de fato, agora nos envergonhas e nos fazes corar. Não hei de tolerar tais palavras. Com efeito, nem Paulo se envergonhava de ser assiduamente incômodo e falar em favor dos mendigos. De fato, se dissesse: Dá-

me e entrega em minha casa, certamente devia envergonhar-me de minhas palavras; ou melhor, nem neste caso, pois: “*Aqueles que servem ao altar têm parte no que é oferecido sobre o altar*” (1Cor 9,14).

Enfim, talvez alguém me repreenda como se estivesse cuidando de meus interesses; no entanto, suplico em prol dos indigentes, ou melhor, não pelos indigentes mas por vós, doadores; e por isso falo com liberdade. Que vergonha existe em dizer: Dá ao Senhor que tem fome, veste-o porque anda nu, recebe-o porque peregrino? Teu Senhor não se cora de dizer diante da terra inteira: “Tive fome e não me destes de comer” (Mt 25,42), ele que era rico e não precisava de coisa alguma; e eu haverei de me corar e hesitar? Absolutamente não. Esse pudor é artifício diabólico. Por conseguinte, não me envergonharei, mas direi com toda liberdade: Dai aos pobres e em voz mais alta do que os mendigos. Na verdade, se alguém pudesse manifestar e provar que assim falando estamos cuidando de nossos interesses, e lucramos sob o pretexto de auxílio aos pobres, não somente mereceríamos ultrajes, mas ainda que fôssemos fulminados por inúmeros raios, e quem agisse dessa forma não mereceria viver. Se, porém, por graça de Deus, de forma alguma somos aborrecidos por nossa própria causa, mas sem despesas vossas anunciamos o evangelho, de fato sem trabalharmos como Paulo, mas contentes com o que é nosso, direi com toda confiança: Dai aos pobres, e não cessarei de repeti-lo, e serei grande acusador dos que não dão. Se, acaso, fosse general e tivesse soldados, não me envergonharia de pedir alimento para eles. Verdadeiramente, amo por demais a vossa salvação. Mas para que o sermão seja mais eficaz e atuante, tomo Paulo por assessor, declarando-vos: “*Cada um de vós ponha de lado o que lhe aprouver*”. Considera que ele assim não é incômodo, pois não disse: Tanto ou tanto, e sim: “*o que lhe aprouver*”, quer seja muito ou pouco. E não disse: O que alguém lucrar, e sim: “*o que lhe aprouver*”, mostrando que o subsídio vem de Deus. Não apenas isso, mas também porque não manda dar tudo de uma vez, torna fácil a doação; pelo fato de que se recolhe aos poucos, faz insensível a obra e o subsídio. Por isso, não ordena apresentar imediatamente, mas estabelece longo prazo, e declara o motivo: deste modo não se esperará a minha chegada para se fazerem as coletas.

Isto é, a fim de que não seja necessário recolher por ocasião da oferta. E para tal exorta-os com vigor, porque a expectativa da chegada de Paulo fazia com que estivessem mais bem-dispostos.

3. *Quando aí chegar, mandarei, munidos de cartas, aqueles que tiverdes escolhido, para levar vossas dádivas a Jerusalém;*

Não disse: Este e aquele, e sim aqueles que tiverdes aprovado, escolhido, a fim de que o ministério fosse insuspeito. Assim, cuida de que eles mesmos deem o voto para escolha dos que levarão as dádivas. De fato, não diz: A oferenda é vossa, mas o poder de escolher é dos portadores, não vosso. Em seguida, a fim de não parecer que eram excluídos, mencionou as cartas, nesses termos: “*munidos de cartas, aqueles que tiverdes escolhido*”. De certo modo declara: Eu também estarei com eles, e participarei do serviço por meio das cartas. Não disse: Enviá-los-ei para que levem vossa esmola, e sim: “*Vossas dádivas*”, a fim de manifestar que eles faziam uma coisa grandiosa e daí retirariam lucro. Em outra passagem, porém, dá à esmola o nome de bênção e comunhão; o primeiro, para não fazê-los mais preguiçosos, o segundo, para não se exaltarem em demasia; em nenhuma parte, porém, dá o nome de esmola.

4. *e, se valer a pena que eu mesmo vá, eles farão a viagem comigo.*

Novamente os exorta à liberalidade. Na verdade, se o dom for tamanho que seja forçosa minha presença, não recusarei partir. Mas não o promete logo, nem disse: Uma vez que vou, eu mesmo o levarei. Nem exagerou, declarando-o desde o início; no final, acrescentou-o de modo belo e oportuno. Por isso, não prometeu logo, nem calou inteiramente, mas, tendo dito que os enviaria, então

acrescentou que também ele iria. Também isso deixa ao arbítrio deles, afirmando: *"E, se valer a pena que eu mesmo vá"*.

Competia-lhes trabalhar muito para recolher, e tanto que não se envergonhassem de animá-lo.

5. *Irei ter convosco depois de passar pela Macedônia;*

Mais acima o dissera, mas então estava irado, pois acrescentou: *"E tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder"* (1Cor 4,9); aqui fala mais suavemente, como se eles desejassem sua presença. Em seguida, para que não dissessem: Por que, então, preferes os macedônios a nós? Não disse: Depois que partir, e sim: pois hei de atravessar a Macedônia.

6. *É possível que eu me demore convosco ou talvez passe o inverno entre vós...*

7. *Não quero ver-vos apenas de passagem; espero ficar algum tempo convosco...*

Na verdade, quando escrevia esta carta, estava em Éfeso, durante o inverno. Por isso declara:

8. *Entrementes permanecerei em Éfeso até Pentecostes,* "depois irei à Macedônia", e após atravessá-la, "chegarei aí no verão; talvez passe o inverno convosco".

Por que disse: "*Talvez*" e não afirmou? Porque Paulo não tinha presciência de tudo, e isso era vantajoso. Por essa razão não afirma de modo absoluto, a fim de que, se isso não se realizasse, pudesse se desculpar porque falou de modo vago, e não ia aonde desejava, mas o poder do Espírito era que o conduzia conforme queria. Escreve o mesmo na segunda carta, escusando-se de sua demora, nesses termos: "Ou meus planos seriam apenas inspirados pela carne, de modo que haja em mim simultaneamente o sim e o não?" (1Cor 1,17) para que me deis os meios de prosseguir a viagem.

Isso provinha de amizade e muita ternura.

7. *Não quero ver-vos apenas de passagem; espero ficar algum tempo convosco, se o Senhor o permitir*.

Assim falava, manifestando simultaneamente caridade e atemorizando os pecadores, não, porém, abertamente, mas a título de amizade: "*Entrementes permanecerei em Éfeso até Pentecostes*". Com razão, exprime-se com pormenores, como um amigo. De fato, é próprio da amizade indicar o motivo de falhar a vinda, de adiar, e onde se achava.

9. *pois aqui se abriu uma porta larga, cheia de perspectivas para mim, e os adversários são numerosos.*

Se a porta é larga, donde vêm os adversários? Por isso mesmo os adversários são muitos, porque a fé é grande e a entrada larga e espaçosa. O que significa: "*Porta larga*"? Muitos estão inclinados a aceitar a fé, muitos querem aproximar-se e converter-se. Abre-se para mim espaçoso ingresso, com o florescimento da mente dos que se acercam com a meta de obedecerem à fé. Por esse motivo, o diabo respirava raivoso, porque via que muitos o abandonavam. Por conseguinte, devia ficar por duas causas: porque havia grande lucro, e a luta era grande. E incutia-lhes grande ânimo ao dizer que a palavra já atuava em toda parte e germinava facilmente. Constitui ainda sinal do progresso do evangelho o fato de muitos serem os que armam insídias. Com efeito, nunca o demônio maligno tanto se enfurece quanto ao verificar que lhe são arrebatados muitos de seus instrumentos. Nós também, portanto, quando quisermos fazer uma obra grande e excelente, não ponderemos que o labor é grande, mas olhemos para o lucro. Vê, pois, que Paulo não duvida nem recua porque os adversários são muitos, mas persiste e permanece visto ser larga a porta. Efetivamente, segundo disse, era sinal de que o diabo estava sendo espoliado. Não irrita aquela fera quem pratica ações minúsculas e más. Por isso não fiques admirado se vires um justo a praticar grandes obras, e sofrer inúmeros males. Ao invés, seria espantoso que o diabo recebesse muitos ferimentos, e os aceitasse tranquilo e quieto. Nem deves

espantar-te se a serpente, ao ser espicaçada, exaspera-se seguidamente e ataca quem a incita. O diabo serpeia pior do que qualquer serpente, atacando a todos, e como um escorpião ergue o ferrão. Isso não vos perturbe; aquele que volta da guerra, da vitória e do morticínio, necessariamente está ensanguentado, e muitas vezes até ferido. Tu, portanto, se vires alguém dar esmolas, e operar outros inumeráveis bens, e deste modo romper as forças do diabo, em seguida padecer tentações e perigos, não te perturbes. Incidiu em tentações porque feriu fortemente o diabo. E como, replicas, Deus o permitiu? Foi para ser mais coroado, e maior ferida infligir ao diabo. Pois, quando, após ter praticado o bem, passa por graves padecimentos, e diuturnamente dá graças a Deus, então o diabo é ferido. É grandioso, de fato, na prosperidade, ter compaixão e abraçar a virtude; mas muito mais é sofrer duramente e não desistir das boas obras. Esse principalmente age assim por causa de Deus. Por isso, caríssimos, mesmo que enfrentemos perigo e soframos seja o que for, com as melhores disposições empreendamos o labor em prol da virtude. Aqui na terra não é ocasião de recompensas. Não reclamemos, portanto, aqui as coroas, a fim de que na oportunidade de recebê-las seja menor a retribuição. Com efeito, os artífices que se nutrem a si mesmos durante o trabalho recebem maior remuneração, enquanto os que recebem alimento dos que os contrataram diminuem boa parte do salário; assim também entre os santos, o que faz inúmeras boas obras e sofre males incontáveis obtém salário íntegro e remuneração muito maior, não somente pelo bem que praticou, mas ainda pelos males que padeceu; aquele, porém, que goza aqui de tranquilidade e prazeres, não receberá no além tão magníficas coroas. Não busquemos, portanto, aqui, o prêmio, mas no além nos alegraremos sumamente, se, fazendo o bem, sofremos o mal. Com efeito, Deus nos reserva ali o prêmio não apenas das boas obras, mas também das tribulações.

No intuito de esclarecer melhor o que digo, imaginemos dois ricos compassivos, benfeitores dos pobres. Enquanto um deles continua no meio das riquezas e em tudo prospera, o outro, contudo, cai na pobreza, doenças e aflições, e dá graças a Deus. Quando, pois, eles partirem deste mundo, qual receberá maior recompensa? Não é evidente que é o doente e aflito, porque, praticando o bem e sofrendo males, nenhum sentimento simplesmente humano admitiu? É claro, de modo geral. Ele é uma estátua de aço, um servo grato. Se, porém, não se deve praticar um bem em vista da esperança do reino, e sim por causa do que agrada a Deus (e isso vale mais do que qualquer reino), o que merece aquele que, por não receber aqui na terra a retribuição, torna-se mais indolente no exercício da virtude? Não nos perturbemos, portanto, ao verificarmos que este ou aquele que protege as viúvas, e recebe à sua mesa muitos hóspedes, perdeu a casa num incêndio, ou sofreu tribulação semelhante, porque há de receber sua recompensa. Igualmente Jó não era tão admirado por causa das esmolas quanto pelas tribulações posteriores, de sorte que os seus amigos são censuráveis e desprezíveis, porque buscavam remunerações presentes, e por isso proferiam sentença iníqua contra o justo.

Não procuremos, portanto, remuneração na terra, mas tornemo-nos pobres e mendigos. Seria extrema vileza, quando nos é proposto o céu e os bens superiores, esperar bens terrenos. Não façamos isso; mas seja o que for de ordem imprevista que nos ocorra, assiduamente prestemos culto a Deus e obedeçamos a Paulo. Possui em casa um cofrezinho para os pobres, colocado perto do lugar em que oras de pé; e cada vez que entrares para rezar, depõe primeiro uma esmola, e depois emite a prece; e como não queres aceder à oração sem lavar as mãos, também não o realizes sem a esmola. Não é menos depositar ali a esmola do que ter o evangelho pendente perto do leito. Pois, se pendurares o evangelho e nada mais obrares, não haverá grande utilidade; com esse cofrezinho, porém, tens uma arma contra o diabo, dás asas a tua oração, estabeleces um lar sagrado, onde se acha em depósito o alimento do Rei. Por conseguinte, esteja o cofrezinho perto do leito e a noite não será perturbada por imagens e sonhos; entretanto, nada de injusto seja ali depositado. Trata-se de esmola; é impossível

alguma vez que da crueldade se origine a compaixão. Quereis que vos diga as condições para doá-la, de sorte a tornar fácil uma coleta? Um operário, como o sapateiro, o curtidor, o ferreiro, ou qualquer outro artífice, após vender algum produto de seu ofício, dê a Deus as primícias, jogue um pouco no cofrezinho, e reparta com Deus a menor porção. Não é muito o que peço; mas tanto quanto davam os filhos dos judeus, que estavam cheios de inúmeros males, depositemos algo, nós que esperamos obter o céu. Não o digo dando normas, nem proibindo que dês mais, mas considerando justo que não deponhas menos do que a décima parte. Age assim nas vendas, e também nas compras. Observem tal norma igualmente os proprietários de terras acerca dos produtos; e todos os que recolhem lucros justos. Não me dirijo aos que exigem juros; nem aos soldados que praticam extorsões, e os que infligem tribulações. Desses nada Deus quer aceitar. Mas falo aos que congregam bens provenientes de justos labores. Pois, se adquirirmos esse hábito, a consciência de então em diante nos acusará se acaso o abandonarmos; não o consideraremos pesado, aos poucos progrediremos e, aplicados a desprezar as riquezas, arrancaremos a raiz dos males, passaremos com segurança a presente vida e conseguiremos a futura. Possamos todos nós alcançá-la etc.

QUADRAGÉSIMA QUARTA HOMILIA

10. *Se Timóteo for ter convosco, cuidai de que esteja sem receios no meio de vós,*

Talvez alguém julgue tal exortação indigna da coragem de Timóteo; mas não foi proferida por causa dele, e sim para os ouvintes. Não acontecesse que, por insídias, prejudicassem a si mesmos, porque, quanto a ele, sempre estava disposto a enfrentar os perigos. “Como um filho ao lado do pai, diz o Apóstolo, ele serviu comigo à causa do evangelho” (Fl 2,22). Mas para evitar que, pela audácia contra o discípulo, eles avançassem também contra o mestre e piorassem, fortemente os reprime, dizendo: *“Que esteja sem receios no meio de vós”*, isto é, que um dos malvados não se insurja contra ele. Talvez Timóteo houvesse de repreendê-los acerca das questões sobre as quais escrevia Paulo, pois este anunciara que para isso o enviava. *“Foi em vista disso que vos enviei Timóteo; ele vos recordará as minhas normas de vida em Cristo, tais como as ensino em toda parte, em todas as Igrejas”* (1Cor 4,17).

Ordena: *“Que esteja sem receios no meio de vós”*, prevenindo para que não acontecesse que, fiados na nobreza, riquezas, estima do povo e sabedoria pagã e aborrecidos por causa das censuras, o atacassem, injuriassem e lhe armassem insídias, ou uma vez que o mestre os repreendia, por vingança lhe infligissem penas. Não me refiro aos estranhos, gregos e infiéis; eu as exijo de vós, para os quais foi elaborada a carta, e aos quais também atemorizei no início e no proêmio. Por isso disse: *“No meio de vós”*. Em seguida dá-lhe crédito relativamente ao ministério, com estas palavras: *pois trabalha na obra do Senhor,*

Não consideres se não é rico, erudito, nem ancião e sim que recebeu mandato, e o que opera: *“pois trabalha na obra do Senhor”*. Basta, em vez de qualquer título de nobreza, riqueza, idade e sabedoria. Não se contenta com isso, mas acrescenta: *como eu.*

E mais acima: *“Meu filho amado e fiel no Senhor; ele vos recordará as minhas normas de vida em Cristo”* (1Cor 4,17). Visto que era jovem e a ele sozinho fora confiada a correção de tanta gente, ambas as coisas acarretavam-lhe menosprezo; por isso, com razão acrescenta:

11. *Por conseguinte, que ninguém o menospreze!*

Não exige somente isso, mas ainda maior honra, dizendo:

Dai-lhe os meios de voltar em paz

Isto é, sem temor, sem causar-lhe lutas e contendas, ódios e inimizades, e sim prestando-lhe

submissão e honra, atendendo-o como mestre.

para junto de mim, pois eu o espero com os irmãos.

Era para atemorizar, pois como sabiam que lhe seria contado tudo o que sofresse, ficassem mais moderados; disse, portanto: *“Eu o espero”*. Além disso, fá-lo fidedigno. Com efeito, aguarda-o quando partir, e mostra-lhes caridade quando enviara para ser-lhes proveitoso um irmão tão prestativo.

12. *Quanto ao nosso irmão Apolo, roguei-lhe insistentemente que fosse visitar-vos com os irmãos;*
Parece que era muito erudito, e mais velho do que Timóteo. Para que não dissessem: Por que não enviou um homem adulto, em vez de um jovem? Vê como os acalma também neste ponto, denominando-o irmão e dizendo que lhe pedira insistentemente que fosse. No intuito de não parecer que Timóteo era preferido, e por isso não o enviara, e incitasse maior inveja, acrescentou: *“Roguei-lhe insistentemente que fosse visitar-vos”*. Como? Ele não cedeu, nem anuiu, mas resistiu e opôs-se? Não o afirma, mas a fim de não censurá-lo, e desculpar-se a si, declara:
Mas não quis em absoluto ir agora;
Em seguida, para não se atribuir isso a pretexto e subterfúgio, acrescentou: irá quando tiver oportunidade.
Desta forma defendeu-o e desculpou-se e satisfez à expectativa dos que desejavam vê-lo. Depois, explicando-lhes que não devem depositar a esperança de salvação nos mestres, mas em si mesmos, diz:
13. *Vigiai, permanecei firmes na fé,*
Não na sabedoria pagã. Não seria permanecer firmes, mas deixar-se levar, de sorte que permanecessem firmes na fé.

Sede corajosos, sede fortes!

14. *Fazei tudo na caridade.*
Exprimir-se assim parece admoestação; ataca-os por indolentes. Por isso diz: *“Vigiai”*, como se estivessem dormindo; *“Permanecei firmes”*, como se deslizassem; *“Sede corajosos, sede fortes!”*, como se fossem lânguidos; *“Fazei tudo na caridade”*, como se fossem sediciosos. E contra os sedutores: *“Vigiai, permanecei firmes na fé”*; contra os que armam insídias: *“Sede corajosos, sede fortes!”*; contra os sediciosos e os que provocam divisões: *“Fazei tudo na caridade”*, que é víncul*o da perfeição, raiz e fonte dos bens. O que significa:* “*Fazei tudo na caridade*”? Se alguém repreende, se governa, se é subordinado, se aprende, se ensina, tudo se faça na caridade. Pois tudo o que fora dito acontecera por falta de caridade. Se ela não tivesse sido negligenciada, eles não se teriam orgulhado, nem dito: “*‘Eu sou de Paulo!’, ‘Eu sou de Apolo!’*” (1Cor 1,12); se tivesse havido caridade, não teriam pleiteado perante tribunal pagão, ou melhor, nem teria pleiteado; se ela tivesse existido, o fornicador não teria tomado a mulher de seu pai, não teriam sido desprezados os irmãos fracos, não haveria heresias, não se vangloriariam por causa dos carismas. Por essa razão, ele ordena: *“Fazei tudo na caridade”*.

15. *Ainda uma recomendação, irmãos. Conheceis a família de Estéfanas, sabeis que são as primícias da Acaia e que se devotaram ao serviço dos santos.*
No início da carta também os menciona: *“É verda-*
de, batizei também a família de Estéfanas” (1Cor 1,16), e agora afirma que são as primícias não só de Co-

rinto, mas de toda a Grécia. Não constitui pequeno elogio declarar que foram os primeiros a aderir a Cristo. Por isso também na Carta aos Romanos, louvando a alguns por essa razão, dizia: “que me prece-|deram na fé em Cristo” (Rm 6,7). Não assevera que foram os primeiros a aderir à fé, mas que foram as primícias, dando a entender que, com a fé, exibiram também ótima vida, apresentando frutos inteiramente dignos. As primícias devem ser melhores do que aqueles sobre os quais têm primazia, conforme dá Paulo testemunho por meio dessa expressão. Não apenas creram sinceramente, conforme disse, mas demonstraram grande piedade, florescente virtude, e liberalidade nas esmolas. Não só, mas ainda de outra forma revelou-se a piedade que possuíam, pois transbordava de piedade toda a sua casa. Praticavam também muitas boas obras, segundo ele revela, dizendo: *“devotaram-se ao serviço dos santos”*. Ouviste o grande elogio da hospitalidade. Com efeito, não disse: Servem, e sim: *“Devotaram-se”*, escolheram perpetuamente esse tipo de vida, exercendo-se nessa ocupação.

16. *Tende, pois, deferência para com pessoas de tal valor*

Isto é, auxiliai-vos uns aos outros, tanto nos gastos como no ministério corporal, em comunhão. Efetivamente, será leve o labor, quando houver sócios, e o benefício chegar a muitos. E não disse simplesmente: Cooperai, mas também: *Obedecei àqueles que mandarem,* demonstrando acurada obediência. E para não aparentar que os lisonjeia, acrescentou: *“e para com todos os que colaboram e se afadigam na mesma obra”*.

A lei, ordena ele, seja observada de modo geral. Não falo isoladamente a respeito deles, mas todo aquele que se lhes assemelhe goze desse privilégio. Por esse motivo, no começo de sua recomendação, chama-os como testemunhas, dizendo:

Ainda uma recomendação. Conheceis a família de Estéfanas. Conheceis também vós como se afadiga, e não precisa de aprender de nós.

17. *Regozijo-me pela presença de Estéfanas, Fortunato e Acaico, pois supriram a vossa ausência;*

18. *Tranquilizaram o meu espírito e o vosso.*

Uma vez que era possível que os coríntios estivessem irritados contra eles (pois eram eles que haviam vindo e narrado ao Apóstolo o problema da sedição; e por intermédio deles também haviam interrogado sobre a virgindade e o matrimônio), vede como os acalma no começo da carta, dizendo: *“Pessoas da casa de Cloé me informaram”* (1Cor 1,11), a alguns ocultando e a outros revelando; era, pois, provável que por uns fossem descobertos os outros. Aqui, porém, diz: *“Supriram a vossa ausência; tranquilizaram o meu espírito e o vosso”*, explicando que eles vieram em lugar de todos e espontaneamente empreenderam a viagem. Como, então, o que é peculiar se tornará comum? Se, por vossa benevolência para com eles, reparardes o que vos faltou, se os honrardes, se os acolherdes, se lhes prestardes benefícios; por isso, declara:

Sabei apreciar pessoas de tal valor.

E louvando os viajantes, reúne no louvor os legados e aqueles que os haviam enviado, nesses termos: “*Tranquilizaram o meu espírito e o vosso. Sabei apreciar pessoas de tal valor”*, porque por vossa causa deixaram a pátria e a casa. Viste a prudência? Demonstra que não somente Paulo, mas também eles foram beneficiados, porque os enviados traziam consigo toda a cidade. Tal fato os fazia fidedignos, e não se permitia a separação, pois através deles haviam sido trazidos os remetentes para junto de Paulo.

19. *Saúdam-vos as Igrejas da Ásia.*

Sempre reúne e coaduna os membros através da saudação.

Enviam-vos efusivas saudações no Senhor Áquila e Priscila. Morava com eles, porque era fabricante de tendas, com a Igreja que se reúne na casa deles.

Não constituía pequena virtude o fato de terem transformado sua casa em Igreja.

20. *Saúdam-vos todos os irmãos. Saudai-vos uns aos outros com o ósculo santo.*

Somente neste trecho apõe o acréscimo do ósculo santo. Por quê? Eles discordavam muito entre si, pois diziam: "*'Eu sou de Paulo! ou 'Eu sou de Apolo!' ou 'Eu sou de Cefas' ou 'Eu sou de Cristo!'*" (1Cor 1,12); e porque um tinha fome enquanto outro estava embriagado; porque tinham lutas, emulações, pleitos. E grande era a inveja acerca dos dons, enorme a soberba. Depois, portanto, de reuni-los numa exortação, com razão manda congregarem-se pelo ósculo santo. Pois este une, e gera um só corpo; é santo, porque não é acompanhado de dolo e discriminação.

21. *A saudação é de meu próprio punho: Paulo.*

Denota que a carta foi escrita com grande cuidado; e por isso adita:

22. *Se alguém não ama nosso Senhor Jesus Cristo seja anátema.*

Esta única palavra intimida os que transformavam os seus membros em membros de uma meretriz; os que escandalizavam os irmãos pelas carnes imoladas aos ídolos; os que eram citados pelos homens; os que não acreditavam na ressurreição. Não somente amedrontou, mas também indicou o caminho da virtude, e a fonte do vício. Assim como uma forte caridade extingue e expulsa todas as espécies de pecado, assim também se for mais fraca faz com que eles germinem.

Maran atha.

Por que motivo disse isso? E por que uma palavra hebraica? Considerando que o orgulho era causa de todos os males (a sabedoria pagã dava origem a esse orgulho, princípio dos males que especialmente dividiu Corinto), a fim de reprimi-lo, não empregou o idioma grego, mas a língua hebraica, manifestando não apenas não se envergonhar da simplicidade, mas abraçá-la fortemente. O que significa "*Maran atha*"? Nosso Senhor vem. Por que ele o diz? Para confirmar o ensinamento sobre o desígnio da encarnação do Senhor, pois foi principalmente assim que se lançaram as bases da ressurreição; não só, mas ainda os envergonha, dizendo de certo modo: O Senhor de todos nós dignou-se descer tanto e vós permaneceis os mesmos e persistis no pecado? E não estremeceis diante do bem supremo e extremo da caridade? Reflete apenas sobre isso, diz ele, e bastará para progredires em todas as virtudes, e extinguir todo pecado.

23. *A graça do Senhor Jesus esteja convosco!*

Compete ao mestre ajudar com seus conselhos, e ainda com suas preces.

24. *Com todos vós está o meu amor em Cristo Jesus. Amém.*

Não julgassem que ele os estava adulando. Assim termina: "*Em Cristo Jesus*". Nada de simplesmente humano nem carnal, e sim algo de espiritual. É caridade assaz genuína e a expressão é própria de um forte amor. Uma vez que estavam separados pela distância, de certo modo estende a direita, toma-lhes as mãos, dizendo: "*Com todos vós está o meu amor*", estou eu com todos vós. Com isso indica que não escrevera indignado e irado, e sim com solicitude, pois, apesar de tantas acusações, não se aparta, mas ama-os e abraça-os, mesmo estando distantes e através das cartas e desta carta se acerca deles. Assim deve agir quem corrige. Com efeito, se o faz apenas encolerizado, satisfaz a sua paixão; quem, após a correção do pecador, manifesta-lhe caridade, revela que a

repreensão era oriunda da benevolência. Assim também nós nos instruamos mutuamente. Não fique encolerizado quem repreende, porque não seria correção, e sim paixão, nem o repreendido se irrite, visto tratar-se de medicina e não de aversão. Efetivamente, se os médicos cauterizam os meninos e não são censurados, mesmo se errarem e muitas vezes não alcançarem a meta, e os doentes, apesar da cauterização e dos cortes, consideram benfeitores os que lhes ocasionam essa dor, muito mais quem recebe uma repreensão deve pensar deste modo e encarar qual médico quem o corrige, e não qual inimigo. Entretanto, nós que repreendemos, acerquemo-nos com muita mansidão e grande prudência. E se vires um irmão delinquente, conforme Cristo ordenou, não censures em público, mas repreende-o em particular, sem exprobrar, nem insultar o que está prostrado, mas compassivo demonstres pesar. Estejas pronto também a receber uma repreensão se pecares. No intuito de tornar mais claro o que digo, exemplifiquemos com um caso, que, entretanto, está longe de ser real. Imaginemos um irmão que coabita com uma virgem; é honesto e casto, mas nem por isso escapa da má fama. Se, portanto, ouvires sussurros contra essa coabitação, não desprezes, nem digas: Acaso não tem juízo? Não sabe o que convém? Sê amado sem motivo, não dês motivo de seres odiado; por que procurar inimizades gratuitas? São palavras imbecis, próprias de feras, ou antes de demônios. De forma alguma é odiado por nada quem corrige, mas é em vista de grandes bens, coroas inefáveis. Se disseres: Então, não tem juízo? Ouvirás de nós: Não tem; de fato, a doença o estonteia. Se, pois, nos tribunais pagãos não podem os réus defender-se por si próprios, porque estão inflamados de cólera, embora tal emoção não seja culpada, quanto mais os que estão dominados por um hábito mau? Por isso digo que por mais prudente que seja, não está desperto. O que havia de mais sábio do que Davi, que dizia: “Revelaste-me os mistérios e os segredos de tua sabedoria” (Sl 51,8)? Mas quando olhou com olhos impuros a mulher do soldado, dizia que lhe acontecera o mesmo que aos marinheiros num mar furioso: “Sua sabedoria toda foi tragada” (Sl 107,27); e precisou de outros para corrigi-lo, porque não percebia, de fato, quantos males tinha dentro de si. Por isso dizia, chorando seus pecados: “Como grande fardo elas pesam sobre mim; minhas chagas estão putrefatas e supuram, por causa da minha loucura” (Sl 38,5-6).

Quem peca, portanto, não tem entendimento; está ébrio e está obcecado. Não repliques, portanto, nem repitas: Não me importa.

“Cada qual carregará o seu próprio fardo” (Gl 6,5). Na verdade, cometes crime muito grande, porque, tendo visto aquele que está desviado, não o reconduziste ao bom caminho. Se a Lei judaica não permite desprezar o jumento do inimigo (cf. Dt 22,1), quem despreza não um jumento, nem a alma de um inimigo, e sim a de um amigo, que perdão terá? Não nos basta a desculpa de que ele tem entendimento. De fato, também nós, que muitas vezes admoestamos, não nos bastamos a nós próprios, nem somos úteis. A respeito do próximo que peca, portanto, pondera que é mais consentâneo receber ótimo conselho de ti do que de si mesmo; nem digas: o que me importa? Receia imitar o primeiro que proferiu tal palavra, pois a pergunta: “Acaso sou guarda de meu irmão?” (Gn 4,9) é idêntica a isso. Daí surgem todos os males, porque consideramos alheio o que pertence a nosso corpo. O que dizes? Teu irmão não te importa? Mas quem cuidará dele? O infiel que se alegra com a infelicidade dele, o exprobra e insulta? Ou o diabo que impele e suplanta? E de onde provém isso? Porque, dizes, não adianta dizer e aconselhar o que convém. De onde se evidencia que é inútil? É extrema loucura, quando o resultado é incerto, cometer um crime indubitável de negligência. Ora, Deus, que prevê o futuro, muitas vezes falou sem proveito e nem assim desistiu; e sabia que não haveria de persuadir. Se, porém, quem possui a presciência de que nada conseguirá, não desiste de corrigir, que desculpa terás, tu que ignoras inteiramente o futuro, de teres preguiça e indolência? Na verdade, frequentemente muitos que tentaram, conseguiram, e quanto menos se esperava, então principalmente alcançaram. Se, porém, nada obtiveres, fizeste teu dever. Não sejas, portanto, desumano, sem

misericórdia, negligente. Daí se torna evidente que essas palavras provêm de crueldade e covardia. Por que, portanto, quando sofre um de teus membros corporais, não dizes: Não me importa. Como constará que se tiver tratamento, haverá de sarar? Mas fazes o possível para que, mesmo que nada adiante, não possas censurar-te a ti mesmo por ter omitido algo do que devias fazer. Ora, quando temos tanta solicitude para com os membros corporais, descuidaremos dos membros de Cristo? E isso merece perdão? Pois se não te dobrares quando digo: Cuida de teus membros, ao menos por medo hás de melhorar, trago à tua memória o corpo de Cristo. Não seria horrível ver tua carne em vias de putrefação e desprezá-la? Se tivesses um servo ou um asno lutando com uma infecção, não irias desprezá-lo; vendo, porém, o corpo de Cristo repleto de pus, passas adiante? E não julgas que este ato merece mil vezes ser fulminado? Acha-se tudo revolucionado por causa desses sentimentos desumanos e dessa negligência.

Por isso, suplico, eliminemos tal crueldade. Acerca-te daquele que coabita com a virgem, elogia um pouco o irmão por causa de outros dotes que possui e com elogios, que fomenta como água quente, amolece o tumor da ferida. Afirma que tu também és miserável, acusa em geral o gênero humano; explana que todos somos pecadores.

Desculpa-te dizendo que te esforças mais do que podes, mas a caridade te convence a ser inteiramente ousado. Em seguida, fraternalmente aconselha, sem dar ordens. E assim abres o tumor, suavizas a dor devida ao corte da futura repreensão, e com frequentes desculpas suplicas que não se irrite. Após tê-lo cativado desse modo, então inflige o ferimento, sem apertar nem afrouxar, a fim de que não escape, nem despreze. Se não deres golpe firme, nada obterás; mas, se ferires gravemente, farás com que escape. Por isso, e depois de todas essas repreensões, mistura novamente um elogio às censuras; e como o que ele faz em si não pode ser elogiado (não merece louvor o fato de coabitar com uma virgem jovem), age conforme a mente deles, dizendo: Sei, dirás, que assim procedes por causa de Deus, porque, vendo a tribulação desta infeliz desprotegida, estendeste-lhe a mão. Apesar de não pensares deste modo, fala assim, e depois acrescenta, com novas escusas: Assim falo, não prescrevo, mas relembro-te. Sei também eu que o fazes por causa de Deus, mas vejamos se daí não se origina outro mal. Se não provém, está bem, continua com este zelo belo e honesto, pois ninguém o proibirá; do contrário, se daí nascer maior dano do que lucro, peço-te, acautelemo-nos para não suceder que, enquanto procuramos socorrer a uma alma apenas, muitíssimas fiquem escandalizadas. Não acrescentes logo qual o castigo daqueles que escandalizam, mas menciona um testemunho, nesses termos: Não precisas aprender de mim; conheces bem quantas são as ameaças de castigo para quem escandalizar um dos pequeninos. E depois de suavizares a palavra, e mitigares sua irritação, apõe o medicamento da correção. Se novamente apresentar o pretexto da solidão da jovem, nem assim censures a desculpa, mas responde: Nada disso te atemorize; tens suficiente defesa: o escândalo do próximo. Não foi por covardia, mas por solicitude que desististe desse zelo.

O conselho, contudo, seja breve, pois ele não precisa de muitos ensinamentos. As desculpas, porém, sejam muitas e frequentes. E continuamente refugia-te na caridade, encobrindo o peso das palavras, e deixando-lhe a escolha, dizendo: Eu, de fato, assim exorto e aconselho, mas está em teu poder convencer-te; não obrigo nem forço, mas deixo tudo a teu arbítrio. Se admoestarmos dessa maneira, facilmente poderemos corrigir os pecadores, enquanto o modo de agir atual adapta-se mais a feras e a irracionais do que a homens. De fato, se algumas pessoas agora percebem alguém cometendo tal pecado, nada lhe falam, mas murmuram entre si como velhotas ébrias. E parece que jamais é válido para eles o dito: Sê amado sem motivo, e: Não dês motivo de seres odiado. Mas, quando querem acusar, desprezam a palavra: Não dês motivo de seres odiado, ou antes, até de seres castigado (pois daí não surge apenas ódio, mas também castigo). Se, porém, for necessária uma correção, apresentam

aquela palavra e mil desculpas. Quando denuncias, quando difamas,devias pensar no dito: Não dês motivo de seres odiado, e: Não adianta, e: Nada tenho a ver com isso. Entretanto, és sumamente curioso e indiscreto, desprezas o ódio e inúmeros males e quando devias cuidar da salvação do irmão, não queres ser curioso, nem incômodo e molesto. Ora, da maledicência, de fato, nasce o ódio perante Deus e os homens, e com isso não te importas muito. O conselho dado em particular, e tais repreensões acarretam a amizade da parte dele e de Deus. Mas, se também ele te odiar, Deus continuará a te amar mais ainda, ou melhor, ele não te odiará tanto quanto ao maldizente; do contrário, de fato, terá aversão a ti como adversário e inimigo, enquanto agora te estimará como o mais venerando dos pais. Se em público se irritar, em si mesmo e em particular ser-te-á muito agradecido.

Considerando esses fatos, portanto, cuidemos de nossos membros, e não afiemos a língua uns contra os outros, nem profiramos palavras que afoguem, arruínam a boa fama do próximo e que resultam em abrir feridas e ser ferido, tal como sucede na guerra e nos combates. Para que servem, enfim, jejuns e vigílias se a língua embriaga, e ingere alimentos mais asquerosos do que as carnes de cães, está sedenta de sangue, jorra lama e transforma a boca em canal de uma cloaca, ou antes, em coisa muito mais abominável? Pois, o que entra ali, mancha o corpo; enquanto o que sai, frequentemente, sufoca a alma. Assim me exprimo, não para cuidar em vão dos que padecem por má fama (ele são dignos de coroas se suportam com fortaleza o que se diz), mas de vós que falais. Com efeito, a Escritura denomina feliz aquele que sem motivo sofre maledicência; enquanto os maldizentes são excluídos dos santos mistérios, ou antes, do próprio recinto da igreja. Diz a Escritura: “Perseguirei aquele que calunia o seu próximo em segredo” (Sl 101,5). Até mesmo o declara indigno da leitura das Sagradas Escrituras: “Que te adianta recitar meus preceitos e ter minha aliança em tua boca?” Em seguida, expõe a causa disso, nas seguintes palavras: “Sentas-te para falar contra o teu irmão” (Sl 50,16.20). E aqui não distingue se é verdade ou mentira; em outra parte também o proibiu, indicando que mesmo se o que dizes é verídico, não o deves proferir. “Não julgueis para não serdes julgados” (Mt 7,1). De fato, aquele que maldizia o publicano foi condenado, apesar de serem verdadeiras as acusações. Então, diz-se, não devemos corrigir, nem repreender um homem audacioso e abominável? É claro que deve ser censurado e corrigido, mas de acordo com o modo supramencionado; do contrário, se o insultas, acautela-te para que não tenhas igual sorte, se imitares o fariseu. Tu que falas daí não retiras lucro algum, nem aquele que ouve ser acusado dessa maneira; ao invés, ele se torna mais insolente. Efetivamente, enquanto o pecado está oculto, tem vergonha; após ficar evidente e manifesto seu estado, joga fora o freio que o retinha e ao ouvir mais fica lesado. Na verdade, se estiver consciente de que procedeu bem, orgulha-se com as acusações; se for de seus pecados, torna-se mais propenso ao vício. De seu lado, o que fala, perderá a estima do ouvinte, e mais irritará a Deus contra si. Por isso suplico que expulsemos para longe de nós toda palavra fétida; se houver algo de bom para edificação, profiramo-lo. Mas desejas vingança? Por que sofrerás vingança em seu lugar? De fato, se te empenhas em vingar-te dos que te molestaram, vinga-te da forma ordenada por Paulo: “Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe de beber” (Rm 12,20). Se, porém, não o fizeres, e só quiseres armar insídias, trespassa-te a ti mesmo com uma espada. Por isso se ele falar mal, retribui-lhe com louvores e elogios. Dessa forma poderás vingar-te e livrar-te de qualquer suspeita. Na verdade, quem tem pesar por causa da maledicência, parece que o sofre com a consciência pesada; quem, contudo, se ri do que se propaga, apresenta o maior indício de que não está ciente de mal algum. Uma vez, portanto, que não és proveitoso nem ao que ouve, nem a ti, nem ao acusado, e trespassas-te a ti mesmo com uma espada, ao menos por isso deves ter maior moderação. De fato, devias persuadir-te por causa do reino dos céus, e do que a Deus apraz, mas visto que és mais rude, e mordes como animal feroz, ao menos desta forma aprendas. Mais moderado devido a essas

palavras, poderás guiar-te apenas por aquilo que agrada a Deus, e tendo superado todas as paixões, obter os bens celestes. Possamos todos nós alcançá-los pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo seja glória, império, honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

1 S. João Crisóstomo nos deixou quarenta e quatro (44) homilias sobre 1Cor e trinta (30) sobre 2Cor, nas quais comenta as referidas cartas versículo por versículo. Uma seleção de trechos dos principais comentários patrísticos às cartas aos Coríntios pode ser encontrada em ODEN, Thomas C. & BRAY, Gerald (ed.). *1-2 Coríntios (La Bíblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística*. *Volume 7: Nuevo Testamento*). Director de la edicion en castellano: Marcelo MERINO RODRIGUEZ). Madrid-Buenos Aires-Bogotá-Montevideo-Santiago: Ciudad Nueva, 2001.

2 Engano no original. Segundo At 18,17, trata-se na verdade de Sóstenes, que fora espancado diante do tribunal.

TOMO II

HOMILIAS SOBRE A SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA.

PRIMEIRA HOMILIA

PREÂMBULO

Endereço e saudação. Agradecimento.

1. *Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e Timóteo, o irmão, à Igreja de Deus que está em Corinto, assim como a todos os santos que se encontram na Acaia inteira.*

2. *A vós graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo!*

3. *Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação!*

4. *Ele nos conforta em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus.*

Em primeiro lugar convém pesquisar por que acrescentou à primeira esta segunda carta, e por que inicia aludindo à misericórdia de Deus e ao conforto que ele concede. Por que, portanto, acrescentou essa segunda? Tendo dito na primeira carta: “Irei ter convosco, e tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder” (1Cor 4,19), e no final novamente ter prometido com palavras mais suaves: “Irei ter convosco depois de passar pela Macedônia; pois hei de atravessar a Macedônia. É possível que eu me demore convosco ou mesmo passe o inverno entre vós” (1Cor 16,5), decorrera muito tempo e ele não fora, ou antes, já passara o tempo marcado e ele ainda adiava, porque o Espírito o retinha, por questões muito mais urgentes. Por isso, julgou necessária a segunda carta, que seria dispensável se não fossem essas delongas. Não só por isso, mas porque eles haviam melhorado após a primeira. Na verdade, haviam inteiramente rejeitado e excomungado o fornicador que primeiro apoiavam e por cuja causa muito se orgulhavam. E isso o Apóstolo o declara: “*Se alguém causou tristeza, não foi a mim, mas em certa medida (não exageremos) a todos vós. Para tal homem, basta a censura infligida pela maioria*” (2Cor 2,5). E mais adiante novamente alude ao fato, dizendo: “*Vede, antes, o que produziu em vós a tristeza segundo Deus. Que solicitude! Que desculpas! Que indignação! Que temor! Que ardor! Que zelo! Que punição! Demonstrastes de todos os modos que estáveis inocentes naquela questão*” (2Cor 7,11). Além disso, haviam coligido com grande zelo a dádiva que ele preceituara, e por isso dizia: “*Conheço a vossa boa vontade e por causa dela me ufano de vós junto aos macedônios, dizendo-lhes: ‘A Acaia está preparada desde o ano passado’*” (2Cor 9,2). Ademais, haviam recebido seu enviado, Tito, com a máxima benevolência. Demonstra-o igualmente o que ainda dizia: “*Ele sente por vós ainda maior afeição, ao lembrar-se da obediência de todos vós, e de como o acolhestes com temor e tremor*” (2Cor 7,15). Por tudo isso, escreveu a segunda carta. De fato, era justo que assim como os repreendera quando pecavam, também os aprovasse e elogiasse já convertidos. Assim, a carta não é um tanto severa, mas apenas em poucas passagens do final. Com efeito, havia entre eles alguns judeus que se orgulhavam e acusavam a Paulo de ser arrogante e de nenhum valor e em consequência diziam: “*Pois as cartas são severas, mas, uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível*” (2Cor 10,10). O sentido era o seguinte: estando presente parece de nenhum valor; segundo a frase: “*Uma vez presente, é um homem fraco*”,

mas quando vai embora, muito se enaltece por carta; esse o significado da locução: *“As cartas são severas”*. Ou antes, para manterem a própria dignidade, fingiam nada ter recebido. É o que insinua o Apóstolo: *“Aqueles que procuram algum pretexto para se gloriar dos mesmos títulos que nós”* (2Cor 11,12). Além disso, como ali muitos eram eloquentes, exaltavam-se em demasia. Por esse motivo, ele declara falar qual insensato, para demonstrar que isso de forma alguma o envergonhava, nem tinha grande importância, ou antes, nenhuma. Sendo provável que alguns se desviavam do correto modo de pensar devido aos discursos deles, e como anteriormente os elogiara pelas boas ações, e ainda lhes combatesse a arrogância por causa das cerimônias judaicas, já obsoletas, que eles se empenhavam em praticar, enfim moderadamente um tanto os censura. Ora, tal é a meu ver o assunto da carta, em resumo, brevemente. Já é tempo de tratarmos do início da carta e dizermos por que, após a saudação, segundo o costume, começa por mencionar as misericórdias de Deus. Em primeiro lugar, contudo, é preciso explicar o próprio princípio, e perguntar por que nessa passagem Timóteo lhe está associado. Pois diz: *“Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e Timóteo, o irmão”*. Com efeito, na primeira carta prometia enviá-lo e exortava-os nos seguintes termos: “Se Timóteo for ter convosco, cuidai de que esteja sem receios no meio de vós” (1Cor 16,10). Por que nesta associa-o a si no prefácio? Porque, conforme o mestre prometera, fora ter com eles (“Eu vos enviei Timóteo... ele vos recordará as minhas normas de vida em Cristo” [1Cor 4,17]), e após ter decidido tudo retamente, voltara. Efetivamente, ao enviá-lo, dizia: “Dai-lhe os meios de voltar em paz para junto de mim, pois eu o espero com os irmãos” (1Cor 16,11).

Após ter voltado para junto do mestre e regulado com ele os assuntos da Ásia (“Permanecerei em Éfeso até Pentecostes” [1Cor 16,8]), novamente foi para a Macedônia; com razão, estando presente, o associa a si. De fato, primeiro escreve da Ásia, e agora da Macedônia. Une-o, portanto, a si, tanto para honrá-lo quanto para manifestar grande humildade, visto que se tratava de um inferior, mas a caridade tudo congrega. Fá-lo ainda porque sempre o iguala a si, ora dizendo: “Como um filho ao lado do pai, ele serviu comigo” (Fl 2,22), ora: “Trabalha na obra do Senhor, como eu” (1Cor 16,10), e finalmente nesse trecho denomina-o irmão, a fim de obter-lhe, de todos os modos, respeito da parte dos coríntios. Com efeito, ele partira para Corinto, segundo já disse, e Paulo dava-lhe testemunho de virtude. *“À Igreja de Deus que está em Corinto.”* Novamente denomina-os Igreja, congregando-os e prendendo-os na unidade. Efetivamente não se pode constituir uma Igreja se os que a compõem acham-se separados e dissidentes. *“Assim como a todos os santos que se encontram na Acaia inteira.”* Conjuntamente, honra os coríntios ao saudá-los todos por meio da carta, e reconcilia todo o povo. Chama-os de santos, denotando que os impudicos lhe são estranhos. E por que, ao escrever para a metrópole, dirige-se a todos por meio dela? Não costuma agir desta maneira. De fato, ao escrever aos tessalonicenses, não escrevia aos macedônios. Ao escrever aos efésios, não abrangia toda a Ásia. Enfim, nem a Carta aos Romanos foi enviada também aos que viviam na Itália. Aqui, porém, ele o faz e igualmente na Carta aos Gálatas. Não escreve neste caso a uma, duas ou três cidades, mas às da diáspora, nesses termos: “Paulo, apóstolo – não da parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou dentre os mortos – e todos os irmãos que estão comigo, às Igrejas da Galácia. Graça e paz a vós” (Gl 1,1-3). Além disso, escreveu também uma carta aos hebreus em geral, sem distingui-los por cidades. Qual o motivo? A meu ver, foi porque aí a enfermidade estava generalizada. A carta é comum porque eles precisavam de correção comum. Também os gálatas todos sofriam da mesma doença, também os hebreus, e em minha opinião também esses. Por isso, tendo congregado toda a nação, e os saudasse como costumava fazer: *“A vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!”*, escuta o início conveniente ao assunto: *“Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação!”* De que modo,

perguntas, isso se adapta ao presente assunto? De muitos. Pondera o seguinte: Causava-lhes muito aborrecimento e perturbação o fato de não ter vindo o Apóstolo, apesar de haver prometido e no entanto gastara todo o tempo na Macedônia, e parecia ter dado preferência a estes. No intuito de resolver o tumulto, expõe a causa da ausência. Não a explana, contudo, claramente, nem diz: Sei, na verdade, que prometi ir ver-vos, mas fui impedido por tribulações; perdoai-me, e não me acuseis de certo orgulho ou negligência. De fato, apresenta outra razão mais importante, mais digna de crédito, enaltecendo-a pelo consolo, de sorte que doravante não perguntassem mais por que hesitara em ir para junto deles. E o faz, como alguém que anunciara uma visita a um amigo, e depois de passar por inúmeros perigos, vem vê-lo e diz: Glória a ti, ó Deus, que me mostraste a face amada e desejada; bendito és, meu Deus, por causa dos perigos de que me livraste. Essa doxologia torna-se defesa contra futura acusação e impede que se queixem de sua tardança. Com efeito, seria vergonhoso arrastar a um tribunal aquele que agradece a Deus que o libertou de tantos males, e exigir castigo por suas delongas. Por isso, assim inicia: *“Bendito seja o Deus das misericórdias”*. Com essas palavras insinua que, pelo auxílio de Deus, foi isento e libertado de enormes perigos. Assim, Davi o invoca nem sempre do mesmo modo, nem por idênticos motivos. De fato, ao falar da guerra e da vitória, diz: “Eu te amo, Senhor, minha força, Senhor, meu protetor” (Sl 18,2). Ao se referir à tribulação, da qual foi libertado e da obscuridade que o cercava, dizia: “O Senhor é minha luz e minha salvação” (Sl 27,1). E denomina-o ora segundo seu amor aos homens, ora por sua justiça, ora pelo julgamento incorrupto, consoante às ocasiões. Assim, Paulo, aqui, começando por sua benignidade, denomina-o: *“Deus das misericórdias*”, isto é, que comprovou sua misericórdia a ponto de o reconduzir das portas da morte.

Principalmente é próprio, peculiar a Deus, inserto em sua natureza ter compaixão dessa forma. Por isso, ele o denomina: *“Deus das misericórdias”*. Daí meu desejo de que consideres a humildade de Paulo. Com efeito, estando em perigo por causa da evangelização, afirma que conseguiu escapar pela misericórdia de Deus, sem atribuí-lo ao próprio mérito. De fato, declarou-o posteriormente de modo mais claro; aqui, contudo, acrescentou: *“Ele nos consola em todas as nossas tribulações”*. Não disse: não permite que sejamos atribulados, e sim: *“Ele nos consola em todas as nossas tribulações”*. Dessa forma, ora denota o poder de Deus, ora estimula a paciência dos aflitos, dizendo: “A tribulação produz a paciência” (Rm 5,3). O mesmo indicava o profeta, nesses termos: “Na angústia tu me aliviaste” (Sl 4, 2). Não asseverou: Não permitiste que caísse em tribulações, ou: Logo afastaste a tribulação, e sim: Embora ela persistisse, tu me aliviaste, isto é, concedeste-me um coração bem ao largo e aliviado. Foi isso igualmente que sucedeu aos três jovens. Deus não impediu que fossem lançados na fornalha, nem após terem caído lá extinguiu a chama, mas, na verdade, estando acesa a fornalha, concedeu-lhes grande alívio.

Deus costuma agir sempre dessa maneira. Paulo o sugeriu ao dizer: *“Ele nos consola em todas as nossas tribulações”*. Quer insinuar ainda outra coisa. Enfim, o quê? Que não o faz uma ou duas vezes, mas sempre. Efetivamente não é por vezes que consola, e por vezes que abandona, mas sempre e em toda parte assim procede. Por isso afirma: *“Ele nos consola”*, e não: Nos consolou. *“Em todas as nossas tribulações”*, não só nessa ou naquela, mas *“em todas”*, *“para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus”*. Vês como previne escusando-se, e oferece ao ouvinte oportunidade de suspeitar uma grande aflição? Ora, mesmo nessas palavras, age com modéstia ao dizer que esse consolo não é devido a seus méritos e a sua dignidade, mas adviera para poder ajudá-los. Fomos consolados, diz ele, a fim de oferecermos consolação aos demais. Ora, com isso declara também a dignidade dos apóstolos, indicando que não foram confortados e reanimados, como nós para sermos negligentes, mas para exortar e confirmar os demais, estimulando-lhes o progresso. Alguns explicam essa passagem assegurando que o Apóstolo

teria dito: Nosso consolo é também conforto para o próximo. A meu ver, ainda com este prefácio ataca os falsos apóstolos que se gabavam em vão, e que ficavam em casa entregues aos prazeres; na verdade, obscuramente, de certo modo de passagem. Enfim, assim procedia especialmente para excluir de si a nota de hesitação e negligência. Efetivamente, se somos consolados a fim de também consolar os outros, não deveis nos acusar porque não fomos vos ver. De fato, passamos todo tempo no meio de insídias e ataques, afastando perigos iminentes.

5. *Na verdade, assim como os sofrimentos de Cristo são copiosos para nós, assim também por Cristo é copiosa a nossa consolação.*

Com efeito, a fim de que os ânimos dos discípulos não ficassem consternados se exagerasse muito suas tribulações, mostra novamente que o consolo era também copioso; desta sorte reconforta-os. Não somente assim, mas ainda com a menção de Cristo e a asserção de serem dele os sofrimentos. E antes dessa consolação, haure conforto das próprias aflições. O que mais suave do que participar dos sofrimentos de Cristo, e por ele tudo padecer? Qual o conforto igual a este? Não só por essa, mas também por outras passagens reanima os atribulados. Onde estão? Assegura: *"São copiosos"*. Não disse: como a paixão de Cristo nos atinge, e sim: *"Assim como são copiosos"*. Com tais expressões manifesta que suportamos não só os mesmos tormentos dele, mas muitos mais. Pois não somente, diz ele, suportamos o que ele padeceu, mas até mais. Reflete. Cristo foi injuriado, perseguido, flagelado, morto. Ora, diz o Apóstolo, nós sofremos ainda mais. E na verdade é o único consolo. Mas ninguém ouse condenar essa palavra, pois em outra parte diz: "Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos, e completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo" (Cl 1,24). Ora, nenhuma das duas asserções provém de temeridade e arrogância. Apesar de terem os apóstolos operado maiores milagres do que Cristo (segundo ele próprio afirma: "Quem crê em mim, fará as obras que faço e fará até maiores que elas" [Jo 14,12]), tudo lhe é atribuído, porque neles atuava. De igual modo eles sofreram muito mais, entretanto mais uma vez tudo há de ser atribuído àquele que os confortava e lhes proporcionava ânimo forte para aguentarem males terríveis.

Vê que, ao reconhecer Paulo que falara um tanto exaltado, mais uma vez mitiga as expressões: *"Assim também por Cristo é copiosa a nossa consolação"*. Atribui-lhe tudo, e enaltece-lhe, portanto, a benignidade. Pois, diz ele, não recebemos conforto à medida da aflição, mas bem mais. Nem asseverou: O conforto iguala a tribulação, mas: *"É copiosa a nossa consolação"*, de tal forma que um é o tempo das lutas e outro o das coroas. O que há de maior, dize-me, do que ser torturado por causa de Cristo, dialogar com Deus, ser mais forte que todos, vencer os perseguidores, não se submeter perante a terra inteira, e esperar por isso bens que nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem subiu ao coração do homem? O que se iguala a ser oprimido por causa da piedade, usufruir de inúmeras consolações da parte de Deus, ser libertado de tantos e tão grandes pecados, receber do Espírito Santo a santidade e a justiça, de ninguém ter medo nem pavor e nos próprios perigos mostrar-se mais brilhante? Por conseguinte, nas provações não fiquemos desencorajados. Ninguém dado aos prazeres, sonolento, indolente tem parte com Cristo, nenhum de vida dissoluta e licenciosa; ao invés, dele se acerca quem vive na aflição e nas provas, e segue o caminho estreito. Efetivamente, também ele seguiu esse caminho e por isso dizia: "O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8,20).

Em consequência, não te entristeças quando estiveres atribulado, percebendo a quem te associas, e de que modo pelas provações te purificas e quanto lucras. Nada, de fato, é tão grave quanto ofender a Deus. Excluída essa ofensa, não existe aflição, nem insídias, nada que possa incomodar a alma prudente. Ou antes, assim como uma pequena centelha jogada no fundo do mar logo se extingue, assim qualquer tristeza, por maior que seja, que incidir numa consciência tranquila, logo desaparece e

desvanece. Por isso também Paulo sempre se alegra, porque tinha plena confiança naqueles acontecimentos segundo a vontade de Deus; não sentia tantos males e apesar de ser, enquanto homem, tocado pela dor, não perdia a coragem. Assim igualmente o Patriarca (Abraão) vivia contente, apesar das graves tribulações. Reflete no seguinte: deixou a pátria, empreendeu longas e incômodas peregrinações, e, tendo chegado a um país estrangeiro, não tinha onde pousar os pés. Além disso, sobreveio-lhe a fome e obrigou-o a emigrar; após a fome, advieram o rapto da esposa, o medo da morte, a esterilidade, a guerra, os perigos, as insídias e finalmente, a principal aflição, a imolação do querido filho unigênito, causando-lhe dor aguda e irreparável. Não julgues que, ao obedecer a Deus com prontidão, suportou tudo aquilo sem o senso da dor. Pois, apesar de ser justo mil vezes, como de fato era, no entanto era homem e sofria segundo a natureza. Entretanto, nada disso o impediu, mas permaneceu forte atleta, e obteve vitória em cada uma dessas ocasiões. Da mesma forma, o bem-aventurado Paulo, vendo diariamente a névoa das aflições, alegrava-se e exultava como se estivesse no meio das delícias do paraíso. Por conseguinte, como quem goza com tal intensidade não pode ser arrebatado pela tristeza, assim aquele que não assumiu tal gozo pode ser vencido por qualquer um e, portanto, acontece-lhe o mesmo que aquele que está munido de armas estragadas e é facilmente ferido, enquanto um homem bem armado repele todos os dardos que lhe forem lançados. Na verdade, o prazer oriundo de Deus é mais forte do que qualquer arma; nada pode lançar tal homem na tristeza e no pesar, mas suporta tudo com ânimo forte e generoso. O que é pior do que o fogo? O que é mais terrível do que os tormentos perpétuos? Pois mesmo que alguém perca imensas riquezas e os filhos, enfim seja o que for, isto é o que causa dor mais violenta. “Pele por pele! Para salvar a vida o homem dá tudo o que possui” (Jó 2,4). Não é possível imaginar maior tormento corporal. No entanto, as coisas mais intoleráveis e inauditas, em vista daquela alegria que provém de Deus, tornam-se toleráveis e apetecíveis. Ora, se retirares um mártir ainda mal respirando da cruz ou da grelha, verificarás nele inexprimível alegria. E o que padecerei, replicas, se em nossa época o martírio não existe mais? O que dizes? Acabou-se o tempo do martírio? Nunca ele falta, mas sempre está diante de nossos olhos se formos vigilantes. Não é apenas pender duma cruz que faz o mártir, porque se assim fosse, Jó estaria desprovido dessas coroas. Ele não compareceu perante um tribunal, não ouviu a sentença de um juiz, não viu um carrasco, nem suspenso no alto de uma cruz teve o flanco descarnado. Entretanto sofreu dores mais acerbas do que muitos mártires; as palavras dos sucessivos mensageiros feriam-no mais profunda e gravemente do que qualquer chaga pungente e aqueles vermes o corroíam inteiramente de forma mais cruel do que inúmeros carrascos.

Quem não haveria de compará-lo a qualquer mártir? Ou antes, a inúmeros? Na verdade, ora era totalmente combatido, ora obtinha a palma, a saber, por meio das riquezas, dos filhos, do corpo, da esposa, dos amigos, dos adversários, dos servos, pois estes também cuspiam-lhe no rosto; pela fome, pelos sonhos, pelas dores, pelas fétidas emanações. Por isso afirmei que ele se iguala não a um, dois ou três mártires, mas a inumeráveis. Verdadeiramente, às dificuldades supramencionadas, o tempo acrescenta grande acúmulo de coroas; de fato, ele sofreu antes da Lei e da graça, durante muitos meses, além de toda medida, porque todas as calamidades simultaneamente caíram de forma impetuosa sobre ele; embora cada uma só e isoladamente fosse intolerável, a ruína dos bens parecia mais suportável do que as restantes provações. Muitos, contudo, suportaram com tranquilidade as feridas, mas não toleraram a perda das riquezas. Com efeito, preferiram ser flagelados e sofrer inúmeras tribulações a ceder uma parte delas e tinham por maior golpe o prejuízo relativo a seus bens. Por conseguinte, é também uma espécie de martírio aceitar com ânimo forte a sua perda. E de que modo, perguntará alguém, aceitaremos de ânimo forte? Se souberes que obterás maior lucro do que o prejuízo com uma só palavra de ação de graças. Pois, se ao ouvir a notícia da perda, não nos

perturbarmos de modo algum, mas dissermos: Bendito seja Deus, adquirimos riquezas muito mais valiosas. E se distribuíres todos os teus haveres aos pobres, andares à procura dos indigentes e despenderes teus bens com os indigentes, não alcançarás tanta utilidade quanto o lucro por essa única palavra. Efetivamente, não admiro tanto a Jó quando mantinha a porta aberta aos pobres quanto o exalto e proclamo porque aceitou a rapina de seus bens dando graças a Deus. Idêntica atitude verifica-se na perda dos filhos. Não terás recompensa menor do que aquele que levou seu filho para imolá-lo, se diante de um filho moribundo, dás graças ao Deus benigno. Em que, portanto, seria inferior a Abraão quem possui tal disposição? Ele não viu o filho morto, mas somente se achava nessa expectativa. Se for julgado superior porque se preparava para imolar o filho e estendera o braço para tomar o gládio, é inferior pelo fato de que para aquele o filho jaz morto. Além disso, a esperança de um feito preclaro trazia-lhe conforto e ainda aquele ato corajoso provinha de sua própria fortaleza e a ordem que ouvira vinda do céu melhor o dispunha. Em nosso caso, nada disso. Por isso, entende-se que se precisa de uma alma de aço para ver um filho único, nutrido no meio de riquezas, causa de tantas esperanças, jazer estendido no túmulo, e suportar esse evento com placidez. Quem possui tais disposições, se após acalmar as agitações da natureza puder repetir de olhos enxutos as palavras de Jó: "O Senhor o deu, o Senhor o tirou" (Jó 1,21), apenas por essa palavra será colocado ao lado de Abraão e com Jó será proclamado vencedor. Se, cessadas as lamentações das mulheres e os coros das carpideiras, estimular a todos a celebrar os louvores de Deus, conseguirá inúmeros prêmios no céu, inúmeros na terra, com a admiração da parte dos homens, os aplausos da parte dos anjos, as coroas da parte de Deus.

E como será possível, dirá alguém, que humanamente não chore? Se pensares que nada disso aconteceu ao Patriarca, nem a Jó, apesar de ambos serem homens, e os dois antes da Lei e da graça tiveram tal conhecimento da doutrina; e, além disso, se considerares que teu filho com a morte emigrou para uma região melhor, alcançou sorte mais excelente, e não perdeste o filho, mas já o colocaste em lugar seguro. Por conseguinte não digas: Já não tenho o nome de pai. Por que não o teríeis, se teu filho sobrevive? Acaso pereceu o menino? Acaso perdeste o filho? Ao contrário, alcançaste, possuis com maior segurança. Por isso não só aqui na terra tens o nome de pai, mas também no céu. Muito ao contrário, portanto, de teres perdido o nome de pai, melhor ainda o possuis, porque já és chamado pai não de um filho mortal, e sim de um filho imortal, de um valente soldado, e interiormente de existência perpétua. Não há motivo de pensares que pereceu, porque não está presente. Se estivesse viajando, não se perderia o parentesco com a ausência corporal. Por isso, não olhes o cadáver para não excitares o pesar, mas retira o pensamento do cadáver e eleva a mente ao céu. Não é este o teu filho, e sim aquele que voou e subiu a uma infinita altitude. Ao contemplares os olhos cerrados, a boca fechada e o corpo imóvel, acautela-te de pensar que esta boca já não fala, estes olhos já não veem, estes pés já não andam, e o corpo todo caminha para a corrupção. Acautela-te, digo, de dizer estas coisas, mas diz o oposto: Esta boca fala melhor, estes olhos, enfim este corpo corrompido revestirá a imortalidade, e receberei meu filho mais brilhante. Se os objetos visíveis te causam tristeza, entretanto dize a ti mesmo: Ele depôs este manto para receber outro mais belo; esta casa foi demolida para se tornar mais opulenta. Igualmente nós, querendo limpar a casa, não deixamos ficar lá dentro os moradores para que não contraiam poeira nem se aborreçam com o barulho, e mandamos que se afastem um pouco; depois de pronta a casa, por fim permitimos que livremente entrem. Da mesma maneira Deus procede. Põe abaixo a tenda apodrecida, e neste intervalo o introduz na casa paterna, a fim de que depois de demolida e restaurada, enfim lha devolva mais esplêndida. Por essa razão, não digas: Pereceu, já não existe. São palavras dos que não têm fé. Diga melhor: Adormeceu e ressurgirá; foi de viagem e voltará com o Rei. Quem emprega essas palavras? Aquele que tem Cristo a

falar em si. 'Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou e vive, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia" (1Ts 4,14). Se procuras teu filho, procura-o ali, onde está o Rei, onde se acha o exército dos anjos, não no sepulcro, não na terra, porque ele está nas alturas enquanto tu continuas revolvendo-te na terra. Se raciocinarmos dessa sorte, expulsaremos toda dor sem dificuldade. O Deus das misericórdias e Pai de toda consolação consolará nossos corações, e o daqueles que estão no meio dessas dores, e daqueles que estão presos a outras espécies de tristeza, e nos dê libertarmo-nos de todo pesar e alcançarmos o gáudio espiritual e os bens futuros. Conceda-nos a todos nós adquiri-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDA HOMILIA

6. *Se somos atribulados, é para a vossa consolação e salvação que o somos, que vos faz suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos.*

7. *E a nossa esperança a vosso respeito é firme:*

Após ter enunciado a primeira e principal causa de consolo e conforto, a saber, a comunhão com Cristo, formula também a segunda, isto é, que deste modo se fomenta a salvação dos discípulos. Por conseguinte, diz ele, não deveis desanimar, perturbar ou afligir por nossas aflições, porque, na verdade, seria melhor e mais justo terdes confiança. De fato, se não tivéssemos tribulações, talvez tudo se perderia entre vós. Como assim? Porque, se estivéssemos desanimados e atemorizados diante dos padecimentos, não vos seria anunciada a palavra para aprenderdes a verdadeira ciência, e chegaríeis a um extremo perigo. Vedes novamente o vigor e zelo de Paulo? Consola-os com os mesmos acontecimentos que lhes causava medo e angústia. Quanto mais, na verdade, as perseguições se intensificam, diz ele, tanto mais vossa esperança deve crescer, porque com isso se acumulam as causas de salvação e conforto. Qual a causa de maior consolo do que a consecução de tantos bens pelo benefício da pregação? Além disso, para não parecer que ele arrogava para si somente os louvores, vê como os faz partícipes dos elogios. Depois de ter dito: "*Se somos atribulados, é para a vossa consolação e salvação que o somos*", acrescentou: "*Que vos faz suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos*". E mais claramente o exprime nesses termos: "*Compartilhando os nossos sofrimentos, compartilhareis também a nossa consolação!*".

Entretanto nesta passagem o sugeriu, dizendo: "*Os mesmos sofrimentos*", fazendo-os partícipes. O sentido é o seguinte: Não somente nós cuidamos de vossa salvação, mas também vós. Com efeito, nós, quando empreendemos o anúncio, afligimo-nos; e vós, que recebestes a palavra, viveis com as mesmas aflições. Nós, ao vos dispensarmos aquilo que recebemos; vós, ao receberdes o dom sem perdê-lo. O que, portanto, é comparável a essa humildade? Na verdade, aqueles que estavam tão distantes ele os une na mesma atitude de paciência. Com efeito, declara: "*Que vos faz suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos*". Não é só pela fé que adquiris a salvação, mas também permanecendo nos mesmos sofrimentos que nós.

Um famoso atleta atrai a admiração dos homens pelo esplendor e belo desempenho corporal, e ainda pe-
la habilidade que possui, mas especialmente brilha ao
atuar, suportar golpes e ferir o adversário, porque, enfim, expande-se a sua habilidade e manifesta-se sua enorme perícia. Igualmente sua salvação atua principalmente, isto é, revela-se, aumenta, amplia-se, quando tem paciência, e tudo aguenta com ânimo forte e valoroso. Daí se deduz que a salvação não consiste em que alguém inflija o mal a outrem, mas que o suporte. Nem afirmou: Que inflige, e sim:

Que suporta, a fim de acentuar a prontidão deles e a graça divina a operar muitos bens neles. *“E a nossa esperança a vosso respeito é firme”*, isto é, apesar das inúmeras dificuldades, confiamos, contudo, que não desanimareis diante das perseguições. De modo algum suspeitamos algo de malévolo em vós por causa do que padecemos, ao invés, ao periclitarmos, temos inteira confiança. Vedes como eles progrediram devido à primeira carta? Efetivamente, ele lhes presta testemunho muito melhor do que aos macedônios, que, no entanto, por toda a carta exalta com louvores. De fato, estava receoso a seu respeito, e dizia: “Enviamos a Timóteo... com o fim de vos fortificar e exortar na fé, para que ninguém desfalecesse nessas tribulações. Pois bem sabeis que para isso é que fomos destinados” (1Ts 3,2). E ainda: “Por isso, não podendo mais suportar, mandei colher informações a respeito da vossa fé, temendo que o Tentador vos tivesse seduzido, inutilizando o nosso labor” (ib. 5). A respeito destes, porém, nada de semelhante declara, mas ao invés: *“E a nossa esperança a vosso respeito é firme”*. *“Se somos atribulados, é para a vossa consolação e salvação que o somos”*.

Sabemos que, compartilhando os nossos sofrimentos, compartilhareis também a nossa consolação!

Com tais palavras expunha que era por causa deles que os apóstolos eram atribulados: *“Se somos atribulados, é para a vossa consolação e salvação que o somos”*. Quer ainda mostrar que era em favor deles que eram consolados. Ora, afirmou o mesmo mais acima, embora de modo indefinido: *“Bendito seja Deus... que nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação”*. Na presente passagem diz o mesmo mais claramente e de modo mais eficaz para curá-los: *“Se somos atribulados, é para a vossa consolação que o somos”*. Essas palavras têm o seguinte sentido: nossa consolação torna-se vossa, embora não vos tenhamos consolado de forma alguma por palavras. Pois se nós respiramos um pouco, basta para vosso consolo; e se fomos aliviados, serve para vosso consolo. Assim, pois, como considerais vossas as nossas aflições, igualmente considerais vosso o nosso consolo. Certamente, se não sois meus companheiros na adversidade, não o sereis na felicidade. Por isso, como vos tenho por companheiro em tudo, tanto na tribulação como no consolo, não há motivo de me acusardes por causa da demora e das delongas, pois estamos aflitos em vosso favor, e consolados de igual forma. Visando a que ninguém ficasse aborrecido por ter dito: Em vosso favor sofremos estas coisas, declara: Por vossa causa somos consolados, nem estamos sozinhos nos perigos, porque vós também participais dessas provações.

Por conseguinte, mitiga as expressões, ora assumindo-os por companheiros nos perigos, ora atribuindo-lhes a causa de sua consolação. Por isso, se formos cercados de insídias, confiai firmemente, pois estamos sujeitos a estas para que a vossa fé se revigore; ou se recebemos alívio, igualmente gloriai-vos por isso porque é por vossa causa que dele fruímos, de sorte que daqui também algo do consolo reverta para vós, porque sois partícipes de nossa alegria. Ora, a fim de entenderes que agora se refere ao consolo que ele recebia, não tanto do consolo que eles lhe davam, quanto por saber que eles estavam livres de aflição, escuta as palavras subsequentes, que o declaram abertamente: *“Sabemos que, compartilhando os nossos sofrimentos, compartilhareis também a nossa consolação!”* Pois, assim como ao sofrermos perseguição, vós vos compadeceis como se a sofrêsseis vós mesmos, assim não duvidamos de que, ao recebermos alívio, considerais dele usufruir igualmente. Quem mais humilde do que ele? Na verdade, apesar de superá-los tanto nos perigos, contudo denomina companheiros aqueles que não toleravam nem a mínima parte; relativamente ao consolo, porém, é atribuído por inteiro a eles e não às suas próprias lutas. Em seguida, uma vez que de modo indefinido falava das provações, narra o lugar onde as sofreu.

8. *Não queremos, irmãos, que o ignoreis: a tribulação que padecemos na Ásia*

Nós a declaramos, diz ele, a fim de não ignorardes o que nos aconteceu. De fato, desejamos que

estejais informados de nossas condições e tratamos disso com o maior empenho. Máximo sinal de amor! Na primeira carta o indicara previamente com estas palavras: "Em Éfeso... se abriu uma porta larga, cheia de perspectivas para mim, e os adversários são numerosos" (1Cor 16,9). Relembrando-lhes isso e expondo o que sofrera, disse: *Não quero que ignoreis a tribulação que padecemos na Ásia*. Declarava-o também ao escrever aos efésios. Pois, enviando-lhes Tíquico, menciona que essa foi a causa de sua viagem, e por isso dizia: "Para saberdes o que se passa comigo e o que eu estou fazendo, envio-vos Tíquico, irmão amado e fiel ministro no Senhor. Ele vos dirá tudo o que se passa entre nós e consolará os vossos corações" (Ef 6,21-22). Nas outras cartas também o faz. E não é inútil, mas sumamente necessário, em parte pela intensa caridade que tinha para com os discípulos, e em parte pelas assíduas provações, nas quais constituía imensa consolação ter certeza do estado das coisas em ambas as partes. De fato, se fossem tristes os acontecimentos, que se preparassem para suportá-los e fossem mais precavidos e solícitos; do contrário, se fossem alegres e agradáveis, conjuntamente se alegrassem. Finalmente, nessa passagem explana ao mesmo tempo o ataque das provações e de que modo delas se libertara.

Acabrunhou-nos ao extremo, como um navio que vai afundando pelo excessivo peso. Ora, parece que tratam da mesma provação as duas locuções: *"Ao extremo"* e *"além das nossas forças"*, mas não é uma só, são duas. Pois, se alguém disser: Por que, se apesar de ser extremo o perigo, para vós não era grande? Por isso acrescentou: Era grande e superava nossas forças, e ultrapassava a ponto de perdermos a esperança de sobreviver.

Isto é, não esperávamos mais viver. Davi chama de portas da morte, dores de parto, sombra da morte o que Paulo aqui enuncia: Passamos por tal perigo que perdêramos a esperança de sobreviver.

9. *Sim; recebêramos em nós mesmos a nossa sentença de morte, para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos.*

O que significa: *"A nossa sentença de morte"*? Sentença, juízo, expectativa. A realidade emitia essas palavras, os acontecimentos davam-lhe resposta tal, isto é, que havia de morrer com toda certeza. De fato, os acontecimentos não chegaram a esse ponto, mas subsistiam em suas suspeitas. Embora segundo a natureza o pronunciara, no entanto o poder de Deus não permitiu que a sentença se realizasse, mas somente sucedeu em seu pensamento e em sua expectativa. Por isso diz: *"Recebêramos em nós mesmos a nossa sentença de morte"*, não na realidade. Por que ele permitiu que imaginássemos tamanho perigo, de forma que até perdêramos a esperança de viver? *"Para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus"*.

Paulo o dizia, não porque assim pensasse, de forma alguma, mas enquanto instruía os outros por meio do que dizia de si, simultaneamente também zelosamente se moderasse. Na verdade, mais adiante afirma: *"Foi-me dado um aguilhão na carne"* (2Cor 12,7), isto é, tentações, para não me orgulhar.

Ora, Deus não o permitiu por causa dele, mas por outro motivo. Qual? A fim de que brilhasse mais o seu poder: *"Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder"* (2Cor 12,9). Entretanto, segundo afirmei, o Apóstolo de modo algum deixava seu habitual modo de agir, mas enumera-se a si mesmo entre os que lhe eram bem inferiores e precisavam de muita disciplina e correção. Aliás, se aos homens vulgares uma ou duas provações bastam para se emendarem, Paulo, que mais que todos se exercitara na humildade durante toda a vida, sofrera como ninguém e por tantos anos cultivara uma sabedoria digna dos céus, precisaria de tal advertência? Daí ser evidente que nesta passagem em parte por modéstia, em parte para reprimir os que orgulhosamente pensavam acerca de si mesmos e se vangloriavam, empregara as palavras: *"Para que a nossa*

confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus”. Vê. Isso os acalma. A tal ponto, assegura ele, Deus vos valoriza que, em vosso favor, foram permitidas as nossas provações. *“Se somos atribulados, é para a vossa consolação e salvação.”* Fomos em extremo acabrunhados a fim de não nos orgulharmos: *“Acabrunhou-nos ao extremo, além das nossas forças... para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos”*. Novamente relembra-lhes a doutrina sobre a ressurreição, da qual tanto falara no primeira carta, e corrobora-os, baseado nos acontecimentos presentes. Por isso também acrescenta:

10. *Foi ele que nos libertou de tantas espécies de morte*

Não disse: de tantos perigos, mostrando simultaneamente serem intoleráveis as provações e confirmando a doutrina supramencionada. Apesar de ser a ressurreição um evento futuro, mostra que ela sucede diariamente. De fato, quando Deus retira das portas da morte um homem já sem esperanças, nada mais faz do que oferecer um exemplo de ressurreição, arrancando das fauces da morte quem nelas caíra. Acerca de muitos em estado desesperador, e que em seguida escaparam de doença mortal ou de provações intoleráveis, costumamos empregar a expressão: Acabamos de ver uma ressurreição dentre os mortos.

Nele colocamos a esperança de que ainda nos libertará da morte.

11. *Vós colaborareis para tanto mediante a vossa prece; assim a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas suscitará a ação de graças em nosso favor.*

Visto que a expressão: *“Para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos”* parecia uma acusação e condenação geral, que entretanto aludia mais a alguns deles, suaviza novamente as expressões, suplicando-lhes as preces, qual imenso auxílio, e ao mesmo tempo indicando que a vida decorre em meio a contínuos cuidados. Ao dizer: *“Nele colocamos a esperança de que ainda nos libertará”* prenuncia luta entre muitas tentações, não contudo abandono e sim auxílio e colaboração. Em seguida, para não consterná-los por ouvirem dizer que hão de viver em contínuos perigos, demonstra a utilidade decorrente destes, isto é, Deus nos manter em contínua humildade: *“Para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos”*. Realiza a salvação e ainda confere os seguintes benefícios: a comunhão com Cristo: *“Os sofrimentos de Cristo são copiosos em nós”*; e o sofrimento em favor dos fiéis: *“Se somos atribulados, é para a vossa consolação e salvação que o somos”*; e também maior brilho, pois declara: *“Que vos faz suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos”*; e também produz tolerância; e além disso, a ressurreição resplandece diante dos olhos: *“Foi ele que nos libertou de tantas espécies de morte”*; e torna-os solícitos, e faz com que sempre voltem os olhares para ele: *“Nele colocamos a esperança de que ainda nos libertará”*; e enfim confirma-os nas preces: *“Vós colaborareis para tanto mediante a vossa prece”*. Por conseguinte, após ter mostrado o proveito das aflições e ter-lhes incutido solicitude, novamente aguça-lhes o espírito e fá-los mais propensos à virtude, dando-lhes grande testemunho sobre o valor das preces, se por elas for-lhes concedida a vida de Paulo: *“Vós colaborareis para tanto mediante a vossa prece”*. O que significa: *“Assim a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas suscitará a ação de graças em nosso favor”*? Ele nos livrou de perigos mortais, devido à colaboração de vossas preces, isto é, todos vós suplicastes por nós. Quis conceder a todos vós o benefício que nos foi outorgado, a saber, a nossa salvação, a fim de que muitos deem graças a Deus, porque muitos foram os que receberam a graça.

Assim se exprimia de um lado a fim de estimulá-los a rezar pelo próximo, de outro lado para acostumá-los a dar sempre graças a Deus pelas tribulações do próximo, mostrando quanto isso lhe era agradável. Com efeito, os que se habituassem a agir desse modo pelo próximo, muito mais haveriam

de fazer ambas as coisas em proveito próprio. Além disso, ensina-lhes a humildade e orienta-os para uma caridade mais fervorosa. Pois, quando o Apóstolo, em tudo superior, afirma ter conseguido a salvação por meio das preces deles, e assegura que obteve tal benefício através dessas orações, pondera como deviam dispor-se à prática da modéstia. Ademais observa que se Deus faz alguma coisa por misericórdia, no entanto a prece oferece grande cooperação. Efetivamente, no princípio refere sua salvação à misericórdia de Deus: *"O Deus das misericórdias*, diz ele, *nos libertou"*; aqui, contudo, imputa-o às preces deles. Assim, o servo que devia dez mil talentos, tendo-se prostrado aos pés do senhor, recebeu indulgência; e, no entanto, foi dito: "Compadecendo-se do servo, soltou-o" (Mt 18,27). E igualmente à cananeia, após aquela grande insistência e paciência, enfim concedeu a cura da filha (cf. Mt 15,18), embora a tenha curado por misericórdia. Daí ficamos cientes de que, apesar de Deus estar disposto a ter compaixão de nós, devemos ter um comportamento digno da sua misericórdia. Pois, embora seja misericórdia, requer pessoas dignas; não atinge simplesmente a qualquer um, e aos que permanecem indiferentes: "Farei graça a quem eu quiser agraciar, e terei misericórdia de quem eu quiser" (Ex 33,19). Observa, na verdade, o que ele diz nesta passagem: *"Vós colaborareis para tanto mediante a vossa prece"*. Com efeito, não atribui tudo a eles, para que não se exaltem; nem os declara alheios inteiramente a esse benefício a fim de estimulá-los a ser mais disponíveis e fortalecerem a mútua união. Por isso igualmente dizia: Concedeu-vos a minha salvação. Muitas vezes, também Deus se deixa aplacar, quando vê a multidão concorde e uníssona a suplicar. Por isso, Deus dizia ao profeta Jonas: "E eu não terei pena desta grande cidade, onde há mais de cento e vinte mil homens!" (Jn 4,11). Em consequência, não julgues que Deus respeita apenas o grande número: "Com efeito, ó Israel, ainda que o teu povo seja como a areia do mar, só um resto dele se salvará" (Is 10,22). Por que os ninivitas foram salvos? Não apenas por serem tantos, e sim por constituírem uma virtuosa multidão; pois "eles se converteram de seu caminho perverso" (Jn 3,10). E também Deus, ao lhes oferecer a salvação, dizia: "Não distinguem entre direita e esquerda" (Jn 4,11). Daí ser evidente que eles haviam caído nos pecados anteriores mais por ignorância do que por perversidade. Consta, na verdade, que, tendo ouvido poucas palavras, se converteram. Se bastaram para salvá-los, e eram cento e vinte mil homens, o que impediria anteriormente que alcançassem a salvação? Por que, entretanto, Deus não disse a Jonas: Eu não pouparei esta cidade de tal modo transformada, mas menciona tantos mil? Ele o faz por acréscimo. A conversão era evidente, o profeta, contudo, desconhecia o número e a simplicidade dos habitantes. De todos os lados, portanto, empenha-se em suavizar-lhes os ânimos. A multidão tem força quando sobrevém a virtude.

A Escritura também o declara em outra passagem, nesses termos: "A Igreja não cessava de fazer orações a Deus por ele" (At 2,5). Tiveram tanta força que, apesar de estarem trancadas as portas, as cadeias prenderem o apóstolo, e os guardas dormirem de cada lado, no entanto ele foi libertado e superou todos aqueles obstáculos. Na verdade, a multidão tem grande poder se nela existe a virtude; mas se existe o vício, nada de proveitoso consegue. Efetivamente pereceram todos os israelitas, cujo número a Escritura refere que se assemelha ao da areia do mar. E também no tempo de Noé eram muitíssimos, ou melhor, ilimitados, e de nada lhes serviu; a multidão em si nada pode, mas somente se houver uma qualidade suplementar. Apliquemo-nos, portanto, a nos reunirmos em oração, orando uns pelos outros, bem como os fiéis pelos apóstolos. Desta sorte cumpriremos o mandamento, sendo estimulados ao exercício da caridade. Quando uso o vocábulo caridade, incluo nele todos os bens. Ainda com maior empenho aprendamos a dar graças. Quem dá graças pelo próximo, muito mais o fará em seu próprio caso. Era o que fazia Davi, ao declarar: "Engrandecei ao Senhor comigo, juntos exaltemos o seu nome" (Sl 34,4). O Apóstolo busca o mesmo em várias passagens; façamo-lo também nós, e enalteçamos os benefícios de Deus diante de todos, a fim de encontrarmos companheiros no

louvor. Pois, ao recebermos algum benefício da parte dos homens, se o proclamamos, nós os fazemos mais propensos a nos beneficiarem, muito mais ao exaltarmos os benefícios de Deus, atraí-lo-emos à maior benevolência. E se, ao conseguirmos um benefício da parte dos homens, despertamos nos outros a participação na ação de graças, muito mais devemos cuidar de induzir a que por nós muitos deem graças a Deus. Se assim agia Paulo que tinha tão livre acesso junto de Deus, tanto mais nós havemos de assim proceder.

Por isso, supliquemos sempre mais aos santos homens que agradeçam por nós, e nós também dessa forma procedamos uns pelos outros. É peculiar múnus dos sacerdotes, por ser o mais excelente de todos os bens. Aproximando-nos de Deus, portanto, em primeiro lugar, damos graças pela terra inteira e pelos bens comunitários. Embora os benefícios de Deus sejam comuns a todos, no entanto tu te achas incluído nessa salvação universal. Por conseguinte, ora deves dar graças em comum pelos bens que te são peculiares, ora é justo prestares louvores a Deus em particular pelos bens comuns. De fato, ele não faz brilhar o sol somente para ti, mas para o universo; entretanto uma parte tem o todo, porque ele foi criado com tamanha grandeza para utilidade comum. Mas sozinho tu vês quanto podem ver todos os homens. Daí teres o dever de agradecer quanto os demais; e é justo dares graças pelos benefícios comuns e pela virtude dos outros. Somos também muito beneficiados através do próximo. De fato, se somente dez justos se encontrassem em Sodoma, os habitantes não teriam passado pelas calamidades que lhes sobrevieram. Por isso, em lugar dos outros igualmente com liberdade e confiança devemos graças a Deus; de fato, é uma lei antiga, promulgada outrora na Igreja. Desta forma, Paulo dá graças pelos romanos, pelos coríntios, pela terra inteira. E não me repitas: este feito exímio não é para mim. Apesar de não ser para ti, deves dar graças, porque tal homem é um membro teu. Aliás, ao louvares, tu o fazes teu, participas da recompensa e percebes as mesmas graças.

Por esse motivo, as leis da Igreja mandam emitir preces nesse sentido, não somente aquelas que se usam em prol dos fiéis, mas também as utilizadas em favor dos catecúmenos. Na verdade, a lei suscita nos fiéis súplicas por aqueles que ainda não foram iniciados. De fato, quando o diácono diz: *Oremos instantemente pelos catecúmenos*, nada mais faz do que despertar a multidão dos fiéis para rezar em seu favor. Ora, os catecúmenos por enquanto são estranhos. Ainda não foram incorporados a Cristo, nem se transformaram em partícipes dos mistérios, porque ainda se encontram separados do rebanho espiritual. Se, portanto, devemos interceder por eles, mais ainda por nossos membros. Por isso também ele diz: *Oremos instantemente*, a fim de não os apartares como se fossem estranhos, nem os desconheceres quais peregrinos. Não possuem preces sancionadas por lei, e por Cristo promulgadas; ainda não têm o poder de falar livremente, mas precisam do auxílio dos que já foram iniciados nos mistérios. Com efeito, estão fora dos vestíbulos reais, longe do recinto sagrado; por isso, devem sair quando se proferem as preces tremendas. Daí também a exortação de orares por eles, a fim de se tornarem teus membros, e deixarem de ser peregrinos e estrangeiros. A palavra: *Oremos*, não é atinente só aos sacerdotes, mas igualmente ao povo. Pois, quando o diácono diz: *De pé, oremos*, convida a todos à prece. Depois começando a oração, profere: *A fim de que Deus misericordiosíssimo e compassivo ouça as orações deles.* No entanto, não digas: O que pediremos? São estranhos, ainda não nos estão unidos. Como poderemos aplacar a Deus? De que modo induzi-lo a lhes conceder misericórdia e perdão? Para não hesitares com tais interrogações, vê como resolve tua dúvida, nesses termos: *A fim de que Deus misericordiosíssimo e compassivo.* Ouviste que Deus é misericordiosíssimo? Deixa de estar perplexo. Aquele Deus misericordiosíssimo tem compaixão de todos, isto é, tanto dos pecadores como de seus amigos. Por isso não digas: De que modo o abordarei em favor deles? Ele próprio ouvi-los-á. Mas qual será a prece dos catecúmenos senão a de não continuarem sendo catecúmenos? Logo indica também a fórmula da súplica. Qual? *A fim de que se*

lhes abram os ouvidos do coração. Agora acham-se obturados e fechados. Por ouvidos não se entendam os externos, mas os da mente. *A fim de que ouçam o que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem subiu ao coração do homem.* Não ouviram os segredos dos mistérios, mas permanecem longe, distantes. E mesmo que ouçam, não entendem o que se profere; de fato os mistérios exigem imensa inteligência, e não apenas audição. Mas eles ainda não possuem os ouvidos interiores. Daí também o diácono desejar-lhes o dom profético; de fato, o profeta falava da seguinte forma: "O Senhor me deu uma língua de discípulo, para que eu saiba falar, abriu-me a boca, de manhã ele me despertou, abriu-me ouvidos para ouvir" (Is 50,4-5). Os profetas ouviam de forma diferente dos outros homens; assim os fiéis escutam de maneira diversa dos catecúmenos. Com isso também o catecúmeno conclui que ele não aprende nem ouve essas coisas da parte dos homens ("Não permitais que vos chamem 'Rabi' na terra" [Mt 23,8]), mas de modo mais sublime e celeste: "Todos serão discípulos de Deus" (Is 54,13). Diz o diácono, portanto: *E infunda-lhes o verbo da verdade*, de sorte que lhes seja infundido interiormente. Pois ainda não conhecem o verbo da verdade, segundo convém. *A fim de semear no meio deles o temor de Deus.* Mas, não basta, porque umas sementes caíram junto do caminho, outras sobre as pedras.

Mas não é assim que pedimos; como o arado abre sulcos na terra fértil, suplicamos que aconteça neste caso, quer dizer, que as mentes profundamente renovadas recebam as sementes lançadas e com apuro retenham tudo o que ouvirem. Daí também o diácono adita estas palavras: *E confirme-lhes nas almas a fé.* Quer dizer: não fique na superfície, mas lance profundas raízes. *A fim de revelar-lhes o evangelho da justiça.* Indica que há duplo véu: um que lhes fecha os olhos da mente, outro que lhes oculta o evangelho. Ora, mais acima ele dizia: *A fim de que se lhes abram os ouvidos do coração*, e neste trecho: *A fim de revelar-lhes o evangelho da justiça*, isto é, para transformá-los em sábios e idôneos para receber, ensinar e semear. Pois, mesmo se forem idôneos, de nada lhes valerá, se Deus não o revelar; ou se Deus revelar, eles o repudiarem e sofrerem igual detrimento. Por essa razão, pedimos os dois atos, a saber, que se lhes abram os corações, e seja-lhes revelado o evangelho. Pois se um traje régio estiver encoberto por um véu, de nada servirão os olhos dos espectadores, como de outro lado nada adianta ter sido descoberto, se os olhos não estiverem despertos. Os dois eventos advirão, se eles antes o quiserem. O que significa: *O evangelho da justiça?* Aquele que suscita justos. Estas palavras farão nascer neles o desejo do batismo, porquanto lhes mostram que o evangelho não somente perdoa os pecados, mas também produz a justiça. *A fim de incutir-lhes uma mente divina, castos pensamentos, vida virtuosa.* Ouçam-no os fiéis, cativos dos negócios desta vida. Pois, se ordenamos aos não iniciados que o peçam, adverte quais devemos ser nós mesmos que o suplicamos para os outros, a saber, que nossa vida seja consoante ao evangelho. Assim a norma da oração faz com que da doutrina decorram os ensinamentos para o estilo de vida. Com efeito, depois de ter dito: *A fim de revelar-lhes o evangelho da justiça*, acrescentou: *A fim de incutir-lhes uma mente divina.* O que significa: *divina*? Quer dizer que Deus nela inabitará: "Estabelecerei a minha habitação no meio de vós. Caminharei no meio de vós" (Lv 26,11-12). De fato, a mente revestida da justiça e despojada dos pecados torna-se casa de Deus e quando Deus nela estabelecer morada, não será mais simplesmente humana. Assim a mente se torna divina, proferindo tudo divinamente, e será uma espécie de casa do Deus que nela habita. Daí se conclui que não tem mente divina quem emprega palavras torpes; nem castos pensamentos quem se deleita em palavras obscenas e riso imoderado. O que significa: pensamentos castos? Os espiritualmente sadios. Com efeito, aquele que se acha preso aos desejos viciosos, e admira excessivamente as coisas presentes, não pode ser casto, isto é, sadio. Assim como o doente deseja até o que não lhe convém, o mesmo sucede aqui. *Vida virtuosa.* A doutrina reclama a vida. Ouvi essas coisas, vós que acedeis ao batismo no fim da vida. Nós insistimos nas súplicas para

que depois do batismo tenhas uma conduta honesta; tu, ao contrário, empregas esforços e tudo fazes para saíres deste mundo sem teres tido um comportamento honesto. Será que te justificarás somente por meio da fé? Quanto a nós, rezamos para que adquiras confiança apoiada nas boas obras. *continuamente pensar nas coisas de Deus, pregustá-las, meditá-las.* Pedimos castos pensamentos e conduta virtuosa não por um, dois ou três dias, mas por todo o decurso da vida e ainda a causa de todos os bens, saborear as coisas de Deus. Muitos "procuram atender os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21). De que maneira isso se pode realizar? Importa além disso para a oração contribuir com os nossos esforços. *Se meditarmos sua lei dia e noite.* Em seguida pede: *Determo-nos em sua lei dia e noite.* E se dissera mais acima: *Continuamente,* enuncia aqui: *dia e noite.* Por conseguinte, envergonho-me daqueles que mal aparecem na igreja uma só vez por ano. Que desculpa poderão apresentar os que receberam ordem, não simplesmente de versarem, mas de se deterem na lei de Deus dia e noite, isto é, meditarem sempre, no entanto nem a mínima parte da vida despendem em se lembrarem dos mandamentos e observarem os justos preceitos de Deus?

Vês a ótima cadeia, os elos bem concatenados entre si, e de maneira mais firme e bela do que em qualquer corrente de ouro? Pois o diácono, após ter reclamado uma mente divina, expõe de que modo isso se torna possível. Mas, como tal acontece? Pela perpétua meditação das coisas de Deus. De que maneira alcançá-lo? Por ininterrupta adesão à divina lei. De que forma é possível convencer os homens a terem tal procedimento? Se eles observarem os mandamentos, ou melhor, pela própria adesão à lei divina realizar-se-á a prática dos preceitos, de sorte que, se alguém aprecia as coisas de Deus, e tem uma mente divina, consegue meditar nas coisas de Deus. Cada uma das coisas que foram ditas concatena-se com a que lhe é próxima e são concatenadas por ela; contêm e são contidas. *Mais intensamente ainda rezemos por eles.* Visto que a alma costuma dormitar se a oração é prolixa, novamente a desperta. Pois quer pedir bens grandiosos e excelsos; por isso diz: *Mais intensamente ainda rezemos por eles.* De que se trata? *A fim de livrá-los de todo mal e questões absurdas.* Nesse trecho pedimos que não se lhes permita cair em tentação, e sejam libertados de insídias tanto corporais quanto espirituais. Por isso também acrescentou: *De todo pecado diabólico e de todo enredo do Adversário.* Quer dizer, tentações e pecados.

É próprio do pecado cercar-nos de todos os lados, isto é, pela frente e pelas costas, e desta forma nos prostrar. Após explanar o que nos é vantajoso, isto é, viver segundo a lei de Deus, guardar a lembrança de seus mandamentos, observar seus justos preceitos, logo nos adverte que não é suficiente, a não ser que o próprio Deus nos confira a sua graça. "Se o Senhor não constrói a casa, em vão labutam os seus construtores" (Sl 127,1), principalmente nos pontos que ainda estão ao alcance do diabo. Ora, vós que fostes iniciados nos mistérios, bem o conheceis. Relembrai, portanto, aquelas palavras com as quais renunciastes a sua tirania, ajoelhados, e vos refugiastes junto do Rei, proferindo as tremendas palavras que nos preceituam a não obedecermos de modo algum àquele tirano. Dá o nome de adversário ao diabo, porque acusa a Deus diante dos homens e a nós diante de Deus, e ainda uns aos outros. Outrora incriminava a Jó perante Deus, dizendo: "Acaso é em vão que Jó cultua a Deus?", e ainda a Deus junto de Jó, nesses termos: "Caiu do céu o fogo" (Jó, 9.16). Igualmente a Deus diante de Adão, ao afirmar que os olhos deles se abririam (Gn 3,5); e agora ainda junto de muitos homens, dizendo: Deus não provê as coisas visíveis, mas deixa o cuidado do que é vosso aos demônios. Além disso, acusava a Cristo perante muitos judeus, denominando-o sedutor e mago. Talvez alguém deseje ouvir de que maneira ele atua. Quando encontra uma mente que não é inspirada por Deus, não tem pensamentos castos, não se recorda dos mandamentos de Deus, nem observa os justos preceitos, então a leva cativa consigo para longe. Na verdade, se Adão houvesse guardado a lembrança do justo mandamento: "Podes comer de todas as árvores" e observado a lei: "No dia em

que dela comeres, terás de morrer” (Gn 2,17), não teria sofrido o que sofreu. *A fim de que se digne no tempo oportuno conceder-lhes o banho da regeneração e a remissão dos pecados.* Pedimos alguns bens atuais e outros futuros. E refletimos sobre o banho e na própria petição chegamos a conhecer a força do batismo. Dessa forma as preces já os acostumaram a entender que se trata de regeneração e que renascemos das águas, qual seio materno. Não digam conforme Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer” (Jo 3,4)? Em seguida, depois de citar a remissão dos pecados, nas palavras subsequentes a atesta, dizendo: *A veste da incorrupção.* Com efeito, quem revestiu a dignidade de filho, sem dúvida se torna incorruptível. O que significa: *No tempo oportuno*? Seria quando o catecúmeno bem-disposto se aproxima com prontidão e fé. Nisto consiste a ocasião oportuna para o fiel. *A fim de que lhes abençoe a entrada e a saída, a vida toda inteira.* Eis uma ordem de pedir algo atinente ao corpo para os que ainda são um tanto fracos. *Suas casas e seus domésticos.* Isto é, quer sejam os servos, se os tiverem, os parentes, ou outros membros da família. Eram estas as recompensas no Antigo Testamento e nada parecia ser tão penoso como a viuvez, a esterilidade, as mortes prematuras, a fome e a falência nos negócios. Por essa razão, deixa que se detenham mais nas petições a respeito do corpo, e progressivamente os conduz ao alto. Assim também agem Cristo e Paulo, relembrando as antigas bênçãos. Cristo, ao dizer: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5,4); Paulo, contudo: “Honra a teu pai e a tua mãe para teres uma longa vida sobre a terra” (Ef 6,2-3). “*A fim de que aumentes e abençoes os filhos deles, e após levá-los à idade adulta os instruas na sabedoria*”.

Nesse ponto de novo suplica para eles de um lado benefícios corporais, e, de outro, espirituais, porque ainda são um tanto pueris. O restante é totalmente espiritual. *A fim de que dirijas seus propósitos ao que lhes é proveitoso.* Não simplesmente o que propuseram, mas o que é útil. Muitas vezes, de fato, decide-se uma peregrinação, que de forma alguma é conveniente; ou outra coisa semelhante que também não é vantajosa. Dessa forma aprendem a dar graças a Deus por tudo o que lhes acontece, porque realizado para o seu próprio proveito. Depois, finalmente, manda que se levantem. Pois, até aqui, ficavam prostrados no chão, enquanto se formularam as preces, e eles se encheram de confiança. Então recebem ordem de se levantarem e eles próprios dirigirem preces a Deus. De fato, algumas coisas nós dizemos, outras lhes confiamos, abrindo-lhes as portas da prece, conforme fazemos com as crianças, que primeiro instruímos e depois mandamos que repitam. Por conseguinte, lhes dizemos: *Pedi o anjo da paz, ó catecúmenos.* Existem anjos que castigam, como aquele do qual se disse: “Anjos portadores de desgraças” (Sl 78,49). Existe também um anjo exterminador.

Por isso, recebemos ordem de pedir o anjo da paz, ensinando-nos a procurar o vínculo de todos os bens, isto é, a paz. Deste modo afastem-se todas as lutas, as guerras, o dissídio. *Sejam pacíficos todos os vossos propósitos.* Por mais pesado que for um deles, com a paz, torna-se leve. Por essa razão, dizia Cristo: “A minha paz vos dou” (Jo 14,27). Nenhuma espécie de armas é tão válida para o diabo quanto as lutas, as inimizades, a guerra. *Suplicai que sejam pacíficos o dia de hoje e todos os dias de vossa vida.* Viste como ordena que todos os dias da vida decorram na prática da virtude? *Vossas metas sejam cristãs: honestas e úteis*, a suma de todos os bens. De fato, o que não é honesto não pode ser útil. Diversas são naturalmente as coisas úteis em nossa opinião e na do vulgo. *Recomendai-vos a vós mesmos ao Deus vivo e a Cristo.* Ainda não lhes entregamos o cuidado de rezarem pelo próximo, mas julgamos que já seria ótimo que rezassem por si próprios. Vedes que a oração está perfeita, quer consideres a doutrina, quer o estilo de vida? Pois, ao nos referirmos ao evangelho, à veste da incorrupção, ao banho da regeneração, abrangemos toda a doutrina. De outro lado, quando se fala em mente inspirada por Deus, pensamentos sóbrios, enfim o supramencionado, aludimos ao estilo de vida.

Finalmente, ordenamos que inclinem a cabeça, e a bênção de Deus se torna sinal de que nossas preces foram atendidas. Não é um homem que abençoa, mas, pelas mãos e língua do celebrante, ao Rei apresentamos a cabeça dos presentes, para a bênção. E então todos aclamam: *Amém.* Por que mencionei tudo isso? Para ensinar que havemos de buscar o bem do próximo, e os fiéis não julguem durante a recitação dessas palavras, que em nada lhes importa. O diácono não fala às paredes, ao proferir: *Oremos pelos catecúmenos.* Na verdade, alguns são tão insanos, preguiçosos e dissipados que não apenas na liturgia dos catecúmenos, mas também na dos fiéis ficam de pé conversando. Com isso, tudo se revoluciona, tudo se perde, porque na ocasião de principalmente aplacar a Deus, ao invés, saímos após havê-lo provocado à ira. De fato, na liturgia dos fiéis foi-nos ordenado apresentarmo-nos diante de Deus que ama os homens em prol dos bispos e presbíteros, reis e poderosos, da terra, o mar e o ar, enfim de todo o orbe da terra. Em consequência, se devemos ter a grande confiança de rezar pelos outros, e não oramos vigilantes por nós próprios, que defesa temos? Que perdão? Por isso exorto-vos a meditar tudo isso, reconhecer o tempo oportuno para a oração, elevar-nos, apartar-nos da terra e atingir a abóbada celeste, para que Deus seja propício e consigamos os bens prometidos. Possamos todos nós alcançá-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

I. RETORNO AOS INCIDENTES PASSADOS

TERCEIRA HOMILIA

Por que Paulo modificou o seu projeto de viagem

1,12. *O nosso motivo de ufania é este testemunho da nossa consciência: comportamo-nos no mundo com simplicidade e sinceridade, não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus.*

Este trecho mais uma vez nos revela um motivo de não pequeno, ou melhor, muito grande consolo, apto a reanimar o espírito afogado em perigos. Pois tendo dito: *“Foi Deus que nos libertou”*, atribui tudo à misericórdia de Deus e às preces deles, a fim de não tornar indolente o ouvinte, fiado somente na misericórdia de Deus e nas preces dos outros; mostra que eles próprios não pouco contribuíram. E o manifestou mais acima, nestes termos: “*Assim como os sofrimentos de Cristo são copiosos, assim também por Cristo é copiosa a nossa consolação”*. Aqui relembra outra boa ação sua. Qual? Diz ele: Em toda a parte nos comportamos com uma consciência pura e sincera. Verdadeiramente, não é de pequena importância para nosso conforto e consolo; ou antes, não só para consolo, mas além disso para outra finalidade mais válida, isto é, para sua ufania. Assim se exprime, em parte ensinando-lhes a não se deixarem alquebrar nas aflições, mas antes se gloriarem de uma consciência pura, e em parte também tacitamente atacando os falsos apóstolos. E conforme disse na primeira carta: “Cristo me enviou... para anunciar o evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo” (1Cor 1,17), e: “A fim de que a vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus” (2,5), assim também neste lugar assegura: *“Não pela sabedoria carnal, mas pela graça de”* Cristo. Por esta locução: *“Não pela sabedoria”* insinua que não foi com fraude, e ataca também a erudição profana. “*O nosso motivo de ufania é este testemunho da nossa consciência”*, isto é, nossa consciência que não pode nos condenar como se tivéssemos praticado crimes. Pois, apesar de sermos atingidos por inúmeras tribulações, e de toda parte sermos atacados e periclitarmos, basta-nos para o consolo (não apenas para o consolo, mas também para a recompensa) a consciência pura a atestar-nos que tais sofrimentos não são causados por um crime, e sim pelo desígnio de Deus de padecermos pela virtude, pela sabedoria e em prol da salvação de muitos. Aquela primeira consolação provinha de Deus; esta, porém, deles mesmos e da pureza de vida. Daí vem que

ele a denomine ufania, porque obtida pela própria virtude. Qual é, portanto, esta ufania, e a respeito de que nossa consciência dá testemunho? *“Com simplicidade e sinceridade”*, isto é, nada fizemos por fraude, hipocrisia, simulação, adulação, insídias, falácia etc.; mas com toda liberdade, verdade, intenção pura, sem malícia, com mente sincera, aberta, sem perfídia. *“Não com sabedoria carnal”*, isto é, não com astúcia ou maldade, verbosidade e sofismas complicados. É o que se entende por sabedoria carnal. Ora, ele rejeita e aparta aquilo de que eles mais se gloriavam e mostra fartamente que é indigno disso se ufanar; e não apenas é indesejável, mas até proibido e reprovável. *“Pela graça de Deus, comportamo-nos no mundo”*. Qual o sentido da locução: *“Pela graça de Deus”*? Quer dizer, manifestamos a sabedoria e o poder que Deus nos concedeu através de milagres, e, apesar de rudes que nada hauriram da sabedoria pagã, superamos os doutos, oradores, filósofos, reis e povos. E não é insignificante para seu consolo e ufania estarem eles cônscios de que não o realizaram por poder humano, mas pela graça divina. *“No mundo.”* Por conseguinte, não apenas em Corinto, mas em todas as partes do orbe.

e mais particularmente em relação a vós,

Por que: *“mais particularmente em relação a vós”*? Pela graça de Deus, comportamo-nos. Pois operamos no meio de vós sinais e milagres, empregamos a maior diligência e comportamo-nos com o maior zelo numa vida isenta de qualquer censura. Com efeito, a este fato dá o nome de graça de Deus, isto é, atribui ao poder de Deus o que se realizou. E vai além dos limites ao pregar o evangelho porque não ganha salário, a fim de atender à fraqueza deles.

13. *Com efeito, nada há em nossas cartas a não ser o que nelas ledes e compreendeis.*

Uma vez que narrara coisas grandiosas de si mesmo e prestara testemunho de si, o que não era oportuno, de novo apela para as testemunhas do que afirmara. Ninguém, disse ele, julgue que se trata de ostentação. Relembramos o que bem conheceis e mais do que ninguém sois testemunhas de que absolutamente não mentimos. Ledes o que já sabeis e proclamamos por carta; e estais cientes de que os fatos o comprovam. O vosso testemunho não discorda de nossas cartas, mas o conhecimento que tínheis anteriormente de nós está de acordo com a leitura delas.

14. *– assim como nos compreendestes em parte –*

Não conhecestes o que nos diz respeito por palavras alheias, mas por experiência própria. Disse: *“Em parte”* por modéstia. Costuma agir assim quando é obrigado a dizer algo de grande a seu respeito – pois de outra forma não o faz – a fim de reprimir imediatamente o consequente inchaço.

Espero que compreendereis até o fim –

Vedes novamente de que maneira fundamenta no passado a confiança no futuro, ou melhor, não só no passado, mas também no poder de Deus? Não o afirmou de modo absoluto, mas entregou tudo a Deus e à esperança que nele depositou.

que somos para vós um motivo de glória, como sereis o nosso, no Dia do Senhor Jesus Cristo.

Nessa passagem corta a inveja que as suas afirmações anteriores poderiam ter suscitado, fazendo-os sócios e partícipes das ações retas que praticara. Não se limitaram, detidas em nós, mas dimanaram também para vós, e reciprocamente de vós para nós. Visto que se enaltecera, e demonstrara com provas passadas e fizera promessas a respeito do futuro, a fim de não ofender os ouvintes por emitir altos conceitos de si mesmo e, conforme disse, provocar inveja, fá-los partícipes da exaltação, e diz que esta coroa de louvores lhes pertence. De fato, se assim nos apresentamos, diz ele, nosso louvor é

glória para vós, assim como também alegramo-nos, exultamos e somos coroados quando estais na prosperidade. Ora, aqui também mais uma vez assinala humildade com o que assevera. Elabora o discurso, não qual mestre que se dirige aos discípulos, mas qual discípulo aos seus pares. E vê de que modo os eleva e enche de sabedoria, remetendo-os àquele Dia. Não me relembreis o presente, diz ele, isto é, os ultrajes, as injúrias, os escárnios da parte de muitos; não têm grande importância, nem os acontecimentos alegres, nem os dolorosos, nem os escárnios, nem os louvores humanos. Mas, lembrai-vos daquele Dia assustador e tremendo em que tudo será revelado. Então nós em vós, e vós em nós, reciprocamente nos gloriaremos, porque será evidente que tivestes tais mestres que nada de simplesmente humano ensinaram, nem viveram de modo desonesto, nem deram ensejo ao vício e nós tivemos tais discípulos que não se portaram de forma apenas humana, nem vacilaram, mas com prontidão tudo acolheram, e de nenhum modo foram seduzidos. É evidente tudo isso agora aos dotados de bom espírito; então, porém, sê-lo-á a todos os homens. Por isso, embora agora nos aflijamos, temos não pequeno consolo, agora proveniente da própria consciência, então ainda daquela revelação geral. Pois agora é claro diante de nossa consciência que tudo fazemos pela graça de Deus, como vós também o sabeis e conheceis; mas então até os homens todos conhecerão nossos atos quanto os vossos e verão que mutuamente enaltecemos uns aos outros. De fato, não parecerá que o esplendor se origina só da glorificação, mas também a eles oferece causa de ufania e livra-os das presentes aflições. O Apóstolo, no intuito de consolar, dissera: Por vossa causa somos consolados. Fá-lo ainda aqui, ao afirmar: Dai-nos motivo de nos gloriarmos assim como vós por nossa causa. Em tudo associa-os a si, na consolação, nos sofrimentos, enfim em sua salvação, pois atribui essa salvação também às suas preces: *“Vós colaborareis para tanto mediante a vossa prece”*. *“Deus nos libertou”*. Assim igualmente diz que a ufania lhes é comum.

Conforme ele diz mais acima: *“Sabemos que, compartilhando os nossos sofrimentos, compartilhareis também a nossa consolação”*, igualmente aqui: *“somos para vós um motivo de glória, como sereis o nosso”*.

15. *Animado por esta certeza, tencionava primeiramente ir ter convosco,*

Qual certeza o animava? Por confiar muito em vós, gloriar-nos por vossa causa, constituirdes para nós motivo de glória, imensamente vos amarmos, não termos consciência de mal algum, estarmos cientes de um relacionamento todo espiritual da nossa parte e disto serdes vós testemunhas. *“Tencionava ir ter convosco”*;

16. *em seguida, passaria para a Macedônia;*

Ora, havia prometido o contrário na Primeira Carta, nos seguintes termos: “Irei ter convosco depois de passar pela Macedônia; pois hei de atravessar a Macedônia” (1Cor 16,5). Por que então aqui assevera o oposto? Não é o oposto, absolutamente. Opunha-se ao que escreveu, não ao que queria. Por este motivo não enuncia: Escrevi que depois de estar convosco passaria para a Macedônia, e sim: *“Tencionava”*. Com efeito, embora não o tenha escrito, diz ele, no entanto para tal me esforçava e queria primeiro ir ter convosco. Estava tão longe de querer adiar o cumprimento da promessa que até desejava antecipá-lo.

Para que recebêsseis uma segunda graça;

O que significa: *“Segunda”*? Eram duas, a saber, uma pela carta, outra pela vinda. Por graça ele entende neste trecho a alegria.

“Em seguida, passaria para a Macedônia”; por fim, da Macedônia voltaria a ter convosco, a fim de que me preparásseis a viagem para a Judeia.

17. *Tomando este propósito, terei sido leviano?*

Desta forma repele precisamente a acusação de hesitante e omisso. O sentido da formulação é o seguinte: Queria ir ter convosco. Por que não fui? Estaria cedendo à leviandade e à instabilidade? É o sentido da expressão: *"Terei sido leviano?"*

Absolutamente não. Qual, então, a causa?

Os meus planos não eram inspirados pela carne.

O que quer dizer: *"Não eram inspirados pela carne"*? Não foram carnalmente concebidos.

De modo que haja em mim Sim, sim e Não, não.

Ora, isso ainda é obscuro. O que ele quer dizer? O homem carnal, isto é, preso às realidades presentes, sempre nelas envolvido, e estranho às operações do
Espírito, pode partir para qualquer parte e vagar por onde quiser. Quanto ao ministro do Espírito, por ele dirigido e conduzido, não pode agir sempre segundo seu arbítrio, porque depende das moções do Espírito. Mas, de tal forma lhe está sujeito qual um bom servo, sempre dependente das ordens do senhor, que não dispõe de
si, nem possui a faculdade de respirar um pouco; se prometer algo a seus companheiros de serviço, mas aprou-
ver a seu senhor o contrário, fica impossibilitado de cumprir a promessa. É por isso que diz: *"Os meus planos não eram inspirados pela carne"*, nem estou isento da direção do Espírito de sorte que me seja lícito ir aonde quero. Com efeito, estou submisso ao domínio e às ordens do Paráclito, e atuo e vou caminhando segundo seu parecer. Por conseguinte, não posso ir ter convosco, porque não aprouve ao Espírito. Em várias passagens dos Atos dos Apóstolos tal atitude é habitual (cf. At 16): decidia ir a um lugar e o Espírito mandava que fosse a outro. Por conseguinte, não fui, devido à instabilidade, isto é, leviandade de minha parte, mas tive de obedecer ao Espírito, do qual dependo. Vês de novo seu modo habitual de comprovar? Por isso, enquanto eles julgavam que provariam que o plano era oriundo da carne porque ele não cumprira o propósito, mostra que principalmente fora conduzido por um desígnio espiritual, oposto ao carnal. Mas, como?
objetaria alguém. Acaso não prometera segundo o Espírito? De forma alguma. E já assegurei que Paulo não previa o futuro todo e o que convinha fazer. Por isso, na Primeira Carta utiliza os seguintes termos: "Para que me deis os meios de prosseguir a viagem" (1Cor 16,6). Receava que se nomeasse a Judeia, fosse obrigado a ir a outro lugar; aqui, porém, porque essa esperança fora frustrada, diz: *"A fim de que me preparásseis a viagem para a Judeia"*. Efetivamente, enuncia aqui o que provinha da caridade, isto é, ir ter com eles; mas não apõe distintamente o que não era do interesse deles, a saber, a partida para a Judeia. Mas depois de ter certeza, profere-o com confiança: *"Para a Judeia"*. Era vantajoso que tal sucedesse, a fim de que ninguém tivesse a respeito dele opinião mais elevada do que era de justiça. De fato, se assim era e, no entanto, não faltaram os que queriam imolar touros aos apóstolos, a que ponto de impiedade não se teriam desviado se eles não manifestassem muitos sinais de fraqueza humana? E por que te admiras de que Paulo não conhecesse tudo o que adviria no futuro, se mesmo nas orações muitas vezes ignore o que convém pedir? "Pois não sabemos o que pedir como convém" (Rm 8,26), diz ele. Com efeito, não o disse a fim de aparentar moderação, mas revelou que nas preces havia ignorado algo de útil. Quando ignorou? Quando suplicou ser libertado das tentações, empregando essas palavras: "Foi-me dado um aguilhão na carne, um anjo de Satanás para me espancar... A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor... Respondeu-me, porém: 'Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder'" (Rm 12,7-9). Vês como não sabia pedir o que convém? Ora, por isso não recebeu, apesar de haver pedido muitas vezes.

18. *Deus é testemunha fiel de que a nossa palavra a vós dirigida não é sim e não.*

Muito bem resolve a objeção que surge. Replicariam: Se tendo prometido, entretanto desististe, não é tua palavra Sim, sim, Não, não, porque ora dizes, depois desistes, conforme fizeste a respeito de tua vinda. Ai de nós! Não aconteça até no anúncio do evangelho! Por conseguinte, a fim de que os coríntios não pensassem deste modo nem se perturbassem, disse: *"Deus é testemunha fiel de que a nossa palavra a vós dirigida não é sim e não"*. Tal não sucede relativamente ao anúncio, e apenas relativamente aos roteiros e às viagens, porque em relação ao anúncio fica firme e inconcusso o que dissemos. Denomina pregação aqui o anúncio. Depois apresenta irrefutável prova, referindo tudo a Deus. É o seguinte o que afirma: A promessa de minha vinda originava-se de mim mesmo e fui eu que prometi; quanto ao anúncio não provém de mim mesmo nem de homem algum, e sim de Deus. É impossível falhar o que vem de Deus, e por isso assegura: *"Deus é fiel"*, quer dizer, verídico. Por conseguinte, não há razão para suspeitas acerca do que vem dele, visto que não é apenas humano. Em seguida, tendo aludido a uma palavra, expõe a qual está se referindo. De que palavra, portanto, se trata?

19. *Pois o Filho de Deus, o Cristo Jesus, que vos anunciamos, eu, Silvano e Timóteo, não foi sim e não,*

Por esse motivo, põe em destaque o grupo dos mestres, tornando fidedigno o seu testemunho, não apenas por meio dos ouvintes, mas também através dos mestres. Apesar de se tratar de discípulos, por modéstia ele os enumera entre os mestres. O que significa: *"Não foi sim e não"*? Não desfiz o que anteriormente disse na pregação; não afirmei ora isto, ora aquilo diante de vós, porque não seria de acordo com a fé, mas segundo uma mente transviada.

mas unicamente sim.

A doutrina continua inabalável e firme.

20. *Todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim; por isso é por ele que dizemos "Amém" a Deus, para lhe darmos glória.*

O que significa: *"Todas as promessas de Deus"*? A pregação do evangelho continha muitas promessas; e os apóstolos prometiam e pregavam todas elas. Efetivamente, falaram da ressurreição, da assunção, da incorrupção, das grandes recompensas e de bens inenarráveis. Essas promessas permanecem estáveis e não são: sim e não. Isto é, não são por vezes verídicas, por vezes falsas minhas asserções, bem como a minha vinda. Ao invés, sempre verídicas. Primeiramente disputa acerca dos dogmas da fé, da doutrina sobre Cristo, dizendo: A minha palavra e a minha pregação não foram: sim e não. Depois, acerca das promessas: *"Todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim"*. Se, porém, as promessas são firmes e serão cumpridas totalmente, muito mais Deus é estável e a doutrina a respeito de si mesmo, e não se diga que ora é, ora não é, mas sempre é e ele próprio é.

O que significa: *"Encontraram nele o seu sim"* e o *"Amém"*?

Assinalam o que indubitavelmente há de acontecer. As promessas dependem dele e não de um homem para serem reais e se perfazerem. Por conseguinte, não hesites. Não foi um homem que prometeu, de sorte que poderias ter suspeitas, mas é Deus quem diz e cumpre. *"A Deus, para lhe darmos glória"*. O que quer dizer: *"Para lhe darmos glória"*? Ele as cumpre por meio de nós, a saber, pelos benefícios que nos concede para sua glória. É o sentido da locução: *"A Deus, para lhe darmos glória"*. Se, porém, é para a glória de Deus, não há dúvida de que se realizará, tanto porque não haveria de desprezar a sua glória, mesmo se desprezasse nossa salvação, quanto por seu singular amor aos homens. Acrescente-se que nossa salvação está unida à glória que daí lhe reverte. De sorte que,

pelo fato de que as promessas pertencem a sua glória, não há dúvida de que tocam a nossa salvação. É isso que o Apóstolo inculca frequentemente na Carta aos Efésios, nesses termos: “Que ele adquiriu, para sua glória” (Ef 1,14). Aliás, sempre ele o repete para mostrar que necessariamente há de suceder. Fá-lo igualmente nessa passagem, porque as promessas de Deus não podem mentir. Não somente nos salvam, mas também lhe dão glória. Não penses que essas promessas partiram de nós e em consequência duvides; não somos nós que as realizamos, mas é ele quem as cumpre. As promessas são dele, pois não vos dissemos o que é nosso, mas o que é de Deus.

21. *Aquele que nos fortalece convosco em Cristo e nos dá a unção, é Deus*

25. *o qual nos marcou com o seu selo e colocou em nossos corações as arras do Espírito.*

Mais uma vez corrobora o futuro com o passado. Se é ele que nos fortalece em Cristo, isto é, que não permite se abale nossa fé em Cristo, nos ungiu, e infundiu o Espírito em nossos corações, como não nos dará os bens futuros? Se deu as primícias e o fundamento, a raiz e a fonte, isto é, deu-nos o verdadeiro conhecimento de si e a comunhão com o Espírito, como não nos há de conceder também o que daí se origina? Efetivamente, se foram transmitidos os primeiros bens por causa destes últimos, muito mais o doador deles nos concederá também os futuros. E se também deu aqueles aos inimigos, muito mais outorgará os outros aos amigos. Em consequência, não disse simplesmente: Espírito, mas denominou-o penhor, a fim de conceberes confiança a respeito do conjunto. Se não quisesse dar tudo, não teria decidido oferecer o penhor, e deixar que se perdesse em vão, inutilmente. Vê, porém, a honestidade de Paulo. O que importa, diz ele, dizer que não depende de nós a veracidade das promessas? Ou melhor, o fato mesmo de permanecerdes firmes e estáveis não depende de nós, mas é benefício de Deus: *“Aquele que vos fortalece... é Deus”*. Não somos nós que vos sustentamos, porque nós também precisamos de alguém que nos fortaleça. Não há motivo, no entanto, de se julgar que a pregação está periclitando em nós; Deus mesmo assumiu tudo, e ele a tudo provê.

Qual o sentido da expressão: *“nos dá a unção... nos marcou com o seu selo”*? Deu-nos o Espírito, por ele se realizaram as duas ações, e dessa forma criou profetas, sacerdotes e reis. Com efeito, essas categorias de pessoas antigamente eram ungidas. Ora, nós obtivemos não apenas um, mas esses três títulos em melhores condições, pois havemos de usufruir do reino e tornarmo-nos sacerdotes, oferecendo os nossos corpos como hóstia: “Ofereçais vossos corpos como hóstia viva, agradável a Deus” (Rm 1,14); além disso, fomos constituídos profetas: “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram” (1Cor 1,9) foi-nos revelado; aliás, seremos reis se quisermos dominar os maus pensamentos. Pois tal pessoa reinará, e mais do que um rei cingido com o diadema. Bem logo haverei de vo-lo demonstrar. O rei tem muitos exércitos; ora, nós temos pensamentos em maior número; não é possível contar a infinita multidão de pensamentos que nos invadem. Não somente podemos abarcar uma grande quantidade, mas também podemos encontrar nesta turba de pensamentos muitos generais, tribunos, prefeitos de turmas, arqueiros, fundeiros. O que mais pertence ao rei? Vestes? Ora, este rei acha-se provido de veste melhor e mais preciosa, que nem a traça rói, nem se gasta com o tempo. E possui várias coroas: a coroa de glória, a das misericórdias de Deus: “Bendize ao Senhor, ó minha alma... ele te coroa de misericórdia e compaixão” (Sl 103,2.4); a de glória: “Coroa-o de glória e beleza” (Sl 8,6); a da benevolência: “Teu favor nos cobre como um escudo” (Sl 5,13); a da graça: “Será formoso diadema em tua cabeça” (Pr 1,9). Vês como é variegado e mais atraente esse diadema? Novamente do início examinemos mais acuradamente as condições dos dois reis. Um domina a sua escolta, ordena a todos e eles lhe obedecem e prestam serviço; mas eu te mostrarei um domínio mais valioso. Quanto à multidão é igual, ou até maior; ultrapassa, porém, se considerarmos a própria sujeição. E não me fales dos depostos da dignidade real, e que foram trucidados pelos próprios

satélites. Não os apresentemos, mas procuremos os que administraram bem o reino de ambas as partes. Traze os que quiseres; eu, contudo, oporei a todos apenas um patriarca (Abraão).

Imagine quantos pensamentos contraditórios se insurgiram contra ele, ao receber a ordem de imolar o filho (Gn 22). Mas, dominou-os a todos, que mais o temiam do que os satélites ao rei; até mesmo só com o olhar os reprimia, de sorte que não ousavam nem mesmo grunhir, mas todos curvavam a cabeça e obedeciam a este rei, embora fossem pensamentos muito agudos e excessivamente ásperos. Nem as pontas das lanças eretas de muitos soldados são tão horríveis quanto eles. A compaixão natural não era mais atroz do que as lanças? Por conseguinte podia traspassar aquela alma mais do que as agudas pontas de uma lança. Lança alguma havia tão pontiaguda quanto os espinhos daqueles pensamentos que se intensificavam, surgiam das entranhas e traspassavam a alma do justo. No primeiro caso, são necessários ocasião, planos, enfim chagas e dores para ocasionar a morte; nesse, porém, nada disso se requeria, tão rápidos e intensos eram os ferimentos. E todavia, quando os pensamentos se armavam contra ele, grande era a tranquilidade, tudo continuava em ordem, e mais o adornavam do que atemorizavam. Contempla-o a erguer o gládio, e compara-o aos reis, Augustos e Césares que quiseres. Não poderás proferir algo de semelhante, nem exibir personalidade tão insigne e digna dos céus. Então, aquele justo obteve um troféu sobre poderosíssima tirania; efetivamente, nenhum maior tirano do que a natureza. Até mesmo se nos trouxeres assassinos de mil tiranos, nada de semelhante nos mostrarás. De fato, o troféu então era mais de um anjo do que de um homem. Pondera o seguinte. Jazia prostrada a natureza com suas armas, com todas as suas tropas militares; ele, porém, estava de pé, com o braço estendido, segurando não uma coroa, mas o gládio mais esplendoroso do que qualquer coroa. O exército dos anjos aplaudia, e do céu Deus o proclamava vencedor. Uma vez que era cidadão dos céus, em consequência também recebia proclama celeste. O que possui maior fulgor? Ou melhor, que é comparável a esse troféu? Para anunciar a vitória de um atleta, em vez de um arauto embaixo, o próprio rei em cima levanta-se e proclama o vencedor olímpico. Por acaso, não seria isso mais honroso do que as próprias coroas, e não atrairia para ele os olhares de todos? Se, portanto, não é um rei terreno mas o próprio Deus que em alta voz do céu proclama-o vencedor, e não num teatro comum mas à vista de todo o orbe, do exército dos anjos e arcanjos, a que altura, pergunto, colocaremos esse justo? Se te aprouver, ouçamos também aquelas palavras. Quais? “Abraão! Abraão! Não estendas a mão contra Isaac! Não lhe faças mal algum! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu filho único” (Gn 22,11-12). Mas, o que é isso? Acaso aquele que conhece tudo antes que aconteça, somente agora conhece? Ora, até aos homens a piedade que o patriarca possuía era evidente. Dera tantas provas de amor a Deus, como nas seguintes ocasiões: quando Deus lhe dissera: “Deixa tua terra, tua parentela” (cf. Gn 12,1); quando em honra e por causa dele cedeu a primazia ao sobrinho; quando Deus o livrou de inúmeros e tão grandes perigos; quando Deus lhe ordenou a partida para o Egito, e ele não se irritou ao lhe ser raptada a mulher etc. Até um homem, segundo minhas afirmações, poderia ter verificado a piedade que possuía; quanto mais Deus, que não espera os acontecimentos para conhecer o resultado. De que modo o declararia justo se não o conhecesse? “Acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça” (Rm 4,3).

O que significa então: “Agora sei”? A versão siríaca traz assim: “Agora o tornaste conhecido”, subentende-se, aos homens. Eu, porém, há muito, e antes de todas as minhas ordens já o sabia. Por que agora declarar ainda aos homens? Não bastavam os atos para manifestar o amor que dedicava a Deus? Certamente bastava; no entanto, a última ação superava tanto tudo aquilo que, em comparação, o restante parecia um nada. Por conseguinte, a fim de enaltecer o acontecimento e declará-lo mais importante que os demais, utilizou essas palavras. Efetivamente, é costume entre muitos homens que se fale dessa maneira acerca de quem supera e vence ações excelentes; por exemplo, quando alguém

recebe de outrem um dom maior que os anteriores, muitas vezes assim se expressa: Agora sei que ele me ama. Não assevera que anteriormente o ignorasse, mas desse modo quer manifestar que a dádiva atual é maior que as restantes. Assim Deus também, exprimindo-se de forma humana, diz: "Agora sei", querendo expressar com tais palavras nada mais do que a grandeza da luta, e não por que só então conhecesse o temor ou a intensidade do medo. Pois também, ao dizer: "Vinde! Desçamos!" (Gn 11,7) e vejamos, não emprega esse modo de falar porque precisava descer; de fato, ele enche o universo e tudo conhece claramente, mas está nos ensinando a não nos pronunciarmos temerariamente a respeito de coisa alguma. Além disso, quando diz a Escritura: "Do céu Deus se inclina para ver" (Sl 14,2), segundo uma metáfora humana, refere-se a um conhecimento exato. Do mesmo modo aqui também enuncia: "Agora sei", de sorte a demonstrar que conhece de forma mais excelente que todas as anteriores. Comprova-se que é assim pelo acréscimo: "Tu não me recusaste teu filho único", não disse apenas: Teu filho, e sim: "Teu filho único". Não era oposto somente à natureza, mas também ao afeto, à benevolência. Mostrou-se intrépido tanto pela própria atitude quanto pela grande virtude do menino. Os pais nem aos maus filhos desprezam facilmente, até os lastimam; mas se o filho é nobre, unigênito, dileto, e um Isaac, e que havia de ser imolado pelo próprio pai, quem conseguiria descrever esse ápice de sabedoria? Na verdade, é um certame mais brilhante do que mil diademas e incontáveis coroas. Muitas vezes aquele que está cingido com uma coroa terrena é ameaçado pela morte que sobrevém e frequentemente até mesmo antes da morte, por mil insídias; a este, porém, ninguém, nem dentre os seus, nem dos estranhos poderá arrebatar o diadema. Ora, quero que contemples a pedra mais preciosa desse diadema. Uma palavra lhe dá acabamento, qual pedra preciosa. Qual é? "Por minha causa"? Não é digno de admiração o fato de não ter poupado, e sim de não ter poupado por causa de Deus. Ó mão direita feliz, de que gládio foste digna? Ó gládio admirável, diria, que direita mereceste! Ó gládio admirável, diria, que função exerceu, para que ministério estavas preparado! Para formar que figura típica serviu! Como combateste, e não feriste! Esse mistério era de tal forma tremendo que não encontro palavras para empregar. Não tocou a pele do menino, não atravessou a garganta do santo, não ficou rubro com o sangue do justo. Ou melhor, tocou, atravessou, ficou rubro de sangue, mergulhou e não imergiu. Talvez vos pareça um erro utilizar tais paradoxos. E certamente fico perplexo, ao refletir sobre a maravilha que era aquele justo, e não estou me contradizendo. De fato, a mão do justo se apoiou na garganta do menino; mas a mão de Deus, apesar de já estar à dele apoiada, não permitiu que se contaminasse com o sangue do menino. Não era apenas Abraão que segurava a espada, mas Deus também; ele a comprimia pela vontade, Deus a segurava pelo chamado. De fato, a mesma voz armou a mão direita e a reteve. A um aceno tudo se executou, e a uma palavra tudo se efetuou, em obediência a Deus, qual a um general na guerra. Considera, portanto: Ele disse: Imola, e logo o Patriarca se arma; disse: Não mates, e logo depõe a arma, quando tudo já estava preparado. E agora, Deus assinala ao mundo seu soldado e general, ao coro dos anjos o vencedor, sacerdote, rei, coroado antes por meio do gládio do que por um diadema, com um troféu, ilustre e vencedor sem ter realizado o combate. Assemelha-se a um general que possui um soldado muito valoroso, o qual enche o inimigo de medo pela própria habilidade em manejar as armas, pela atitude ao estacionar, pelo ímpeto em atacar. Assim também Deus apavorou e fez fugir o diabo, nosso comum inimigo, só pela disposição do justo, pelo aspecto, enfim apenas pelo estacionamento. Pois, julgo que ele fugiu tremendo. Ora, dirá talvez alguém, por que Deus não permitiu que a mão se manchasse de sangue, e após a imolação imediatamente ressuscitasse o filho? Porque não era lícito que Deus aceitasse esse sangue, mas tal ação convém à mesa dos malignos demônios. Ora, dessa forma duas coisas se manifestavam: a benignidade do Senhor e a fidelidade do servo. Outrora, ele saíra de sua terra; agora foi além da própria natureza. Por esse motivo, recebeu o depósito com juros. E era perfeitamente justo. Preferiu

não ouvir mais o nome de pai para conservar a fidelidade de um bom servo. Com isso, continuou não somente a ser pai, mas também fez-se sacerdote; e tendo por causa de Deus se apartado dos seus, Deus os devolveu e outorgou a si próprio e os seus dons. Se os inimigos armam insídias, Deus vai até a experiência e opera um milagre, como aconteceu no caso dos jovens na fornalha, e da cova dos leões (cf. Dn 3 e 6). Se é ele próprio que ordena para experimentar, o preceito cessa diante da manifestação de prontidão de ânimo.

Dize-me. O que faltava na fortaleza de Abraão? Acaso previa o que havia de acontecer? Captava por algum artifício a benignidade de Deus? Era profeta, mas um profeta não conhece todas as coisas. De resto, a imolação teria sido supérflua e indigna de Deus. Se fosse conveniente dar a conhecer a Abraão que Deus é bastante poderoso para ressuscitar os mortos, muito mais ele o teria entendido diante da admirável concepção de Sara, ou melhor, mesmo antes desta, por causa de sua fé. Tu, contudo, não apenas admires, mas ainda imita esse justo. Se o vires navegando em meio a tão grande tumulto e agitação das vagas, como se fruísse de calmaria, procura apossar-te de maneira semelhante do timão da obediência e da fortaleza. Não me digas apenas que ele levantou o altar e preparou a lenha; mas recorda-te da palavra do menino, e considera quantos regimentos de exércitos o atacaram, incutindo-lhe pavor, ao ouvir o menino dizer: “Pai, onde está a vítima?” (cf. Gn 22,7). Imagina então quantos pensamentos o abalaram, armados não de ferro, mas de lanças ígneas, que de todos os lados o pungiam e feriam. Pois, se ainda agora, muitos, apesar de não serem pais, haveriam de se condoer e lacrimejar, se não conhecessem o resultado final; ou antes, vejo a muitos lacrimejantes, embora o saibam, que tormento atacara sem dúvida o progenitor, já velho, que educara este filho único, que possuía tantas qualidades, e que ele via e ouvia, mas que logo devia ser imolado? Que prudência de palavras! Que suave interrogação! Quem atuava então? Acaso o diabo a instigar a natureza? Absolutamente não; ao contrário era Deus, a fim de mais pôr à prova a alma de ouro do justo. Na verdade, quando a mulher de Jó falava, atuava o diabo, pois dele era, de fato, a inspiração; Isaac, contudo, nada proferia de blasfemo, e sim de muito piedoso e sensato e aflorava muita graça nas palavras e mel abundante manava das expressões, que fluíam daquela alma tranquila e plácida. E tais palavras tinham tanta força que podiam amolecer até um coração de pedra. Todavia, não traspassaram aquele temperamento de aço, nem o abalaram. Não disse: Por que chamas de pai aquele que daqui a pouco já não será teu pai, que já perdeu essa honra? Por que o menino pergunta? Certamente não foi inutilmente, por curiosidade, mas porque estava ansioso a respeito das circunstâncias. Refletia que, se o pai não quisesse torná-lo participante do que ia fazer, não teria deixado os servos embaixo, e levado somente a ele consigo. Por isso, finalmente o interroga quando estavam sozinhos, e ninguém poderia ouvir o que diziam. Tão grande era a prudência do menino! Todos vós, homens e mulheres, não vos entusiasmais? Não gostaria cada um de vós de abraçar espiritualmente aquele menino, beijá-lo, admirar sua prudência, respeitar sua piedade pela qual ao ser amarrado e depositado sobre o lenho, não teve medo, não pulou, nem acusou o pai cheio de furor; e na verdade, foi amarrado, carregado e colocado no altar e tudo suportou em silêncio, como cordeiro, ou antes como o Senhor de todos nós. Na verdade, ele imitava a mansidão daquele, de quem era figura. “Como um cordeiro conduzido ao matadouro; como uma ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores” (Is 53,7). Entretanto, ele falou, pois também o Senhor falou; portanto, de que modo permaneceu mudo? Foi o seguinte: não foi arrogante, nem áspero, mas tudo sucedeu com brandura e afabilidade; e as palavras manifestavam mais mansidão do que se ele se calasse. Com efeito, também Cristo dizia: “Se falei mal, mostra em que; mas se falei bem, por que me bates?” (Jo 18,23), e assim manifestou maior mansidão do que se tivesse utilizado o silêncio. E como do altar Isaac se dirigiu ao pai, também Cristo disse da cruz: “Pai, perdoai-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Que resposta deu o patriarca?

"É Deus quem proverá a vítima para o holocausto, meu filho" (Gn 22,8). Ambos empregam um vocábulo derivado de uma relação natural: Isaac o chama de pai, e o patriarca o denomina filho. Ambos, contudo, suscitam duro combate, e ingente tempestade, e não, de forma alguma, um naufrágio, pois a sabedoria predomina. Em seguida, ao ouvir o nome de Deus, o menino não acrescentou palavra, nem perguntou curiosamente, a tal ponto era sensato, apesar de estar na flor da idade. Vês quantos exércitos superou este rei, quantas guerras declaradas? Nem os bárbaros, que frequentemente agrediram a Jerusalém, foram tão terríveis quanto estes pensamentos que o cercavam de todos os lados; e, no entanto, a todos venceu. Queres também ver que era sacerdote? Não está distante o exemplo. Pois se o contemplares a segurar o fogo, o gládio, de pé diante do altar, por que hás de duvidar do sacerdócio? Se queres ver também a vítima, hás de encontrar duas. Pois ofereceu o filho, ofereceu o cordeiro, ou, para ser mais exato, sobretudo a própria vontade. Ora, pelo sangue do cordeiro santificou a mão; pela imolação do filho, contudo, a alma. Assim fez-se sacerdote por meio do sangue do unigênito e do sacrifício do cordeiro. Com efeito, os sacerdotes costumavam outrora ser santificados pelo sangue das vítimas oferecidas a Deus. Queres ver também o profeta? "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia. Ele o viu e encheu-se de alegria!" (Jo 8,56). Igualmente tu, no batismo te tornas rei, sacerdote e profeta. Rei, porque renunciaste às más ações na terra e morreste para o pecado; sacerdote, na verdade, ao te ofereceres a ti mesmo a Deus: imolaste o corpo e a ti mesmo: "Se com ele morremos, com ele viveremos" (2Tm 2,11); profeta, enfim, porque percebes as coisas futuras e estás divinizado e assinalado. Assim como eles recebem determinada marca, também nos fiéis infunde-se o Espírito. Desta forma, se desertares das fileiras, isso será para todos evidente. Os judeus tinham o sinal da circuncisão, nós, porém, temos o penhor do Espírito. Cientes disso, e considerando nossa dignidade, levemos uma vida digna da graça, a fim de também alcançarmos o reino futuro. Possamos todos nós consegui-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

23. *Quanto a mim, invoco a Deus como testemunha da minha vida: foi para vos poupar que não voltei a Corinto.*

O que dizes, bem-aventurado Paulo? Para poupá-los não foste a Corinto? Por conseguinte, nessa passagem nos diriges palavras contraditórias. Mais acima afirmavas que não irias por não admitires de forma alguma planos segundo a carne, nem eras senhor de ti mesmo, mas sempre eras conduzido ao arbítrio do Espírito e ainda aludias a tribulações; agora asseguras que tu mesmo decidiras não ir e não devido à autoridade do Espírito. Pois *"foi para vos poupar que não voltei a Corinto"*. O que dizer? Ou também isto procedia do Espírito e enquanto queria ir, o Espírito lhe inspirou que não fosse, propondo-lhe indulgência para com eles? Ou fala de outra vinda, e indica que havia decidido ir vê-los, antes de escrever a Primeira Carta, mas se havia contido por caridade, para não ter de manifestar que estavam errados? É provável, contudo, que depois da Segunda Carta, o Espírito já não o proibisse, e por isso ficou por vontade própria. É possível conjecturar ainda que o Espírito no princípio o proibia, depois, contudo, ele próprio refletindo que era melhor, tinha ficado. Considera por que de novo alude a si mesmo. Ele o faz (não desistirei de inculcá-lo) a fim de defender-se desses paradoxos, porque talvez os coríntios tivessem suspeitas e dissessem: não vieste, porque estás aborrecido conosco. Mostra o oposto, isto é, que não quisera ir porque os amava. O que significa: "*Para vos poupar*"? Ouvi dizer, afirma ele, que alguns de vós fornicaram; não quis ir ter convosco para não vos causar tristeza. Seria obrigado, estando presente, a examinar o crime, vingar, punir e infligir penas a muitos. Julguei melhor

ficar ausente, a fim de vos dar tempo para o arrependimento, do que estando presente, castigar e irritar-me em excesso. Com efeito, no final da Carta declara-o mais abertamente, nesses termos: *"Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicação e das dissoluções que cometeram"* (2Cor 12,21). Demonstra-o também aqui e fala de certo modo se desculpando, mas, de fato, mais intensamente os reprime e atemoriza. Entretanto, acusa-os de serem réus de pena e afirma que algo haveriam de sofrer, a não ser que quanto antes se emendassem. De novo, repete-o no fim da Carta: *"Se voltar, não usarei de meias medidas"* (2Cor 13,2). De resto, lá mais claramente o exprime; aqui, porém, porque estava começando a escrever, não o declara dessa forma, e sim de maneira mais discreta. Não contente com isso, de novo suaviza e emprega relativa admoestação. Uma vez que parecia assim se exprimir com muita autoridade (poupa quem tem o direito de castigar), mitiga e matiza o que aparentava aspereza, dizendo:

24. *Não tencionamos dominar a vossa fé,*

Isto é, disse que não iria a Corinto para vos poupar, não por vos dominar. Não disse: A vós, e sim, o que era menos severo e mais verdadeiro: *"A vossa fé"*, pois quem pode obrigar aquele que não quer acreditar?

mas colaboramos para que tenhais alegria;

Visto que vossa alegria é também a nossa, não fui para não vos entristecer, e aumentar a minha tristeza; mas fiquei, para que vos emendásseis devido às ameaças e vos alegrásseis. Efetivamente, tudo fazemos e nos esforçamos por vos causar alegria, porque delas participamos.

Quanto à fé, estais firmes.

Vê como de novo fala de modo submisso. Receava novamente reprimi-los, porque na Primeira Carta os repreendera com veemência, e eles haviam mostrado algum arrependimento. Agora poderia revoltá-los, visto que, apesar de se terem convertido a uma conduta melhor, estavam sendo submetidos a idêntica repreensão. Por isso, esta Carta é muito mais branda do que a primeira.

2,1. *Resolvi o seguinte: não voltarei a ter convosco na tristeza.*

Ao declarar: *"Não voltarei"*, revela que já se havia entristecido ali e quando parece desculpar-se, tacitamente os reprime. Pois se já o haviam entristecido, e ainda causariam pesar, pondera quanto desgosto provavelmente ainda haveria. Verdadeiramente, não diz que eles o entristeceram, mas utilizando outro meio o sugere, dizendo: Não fui ter convosco para não vos entristecer. Tem a mesma força o que disse e é mais admissível.

2. *Pois, se vos causo tristeza, quem me proporcionará alegria senão aquele que eu tiver entristecido?*

Qual a consequência? Muito grande, certamente; de fato, pondera o seguinte: Não quis, assegura, ir ter convosco para não vos entristecer mais, repreendendo, irritando-me, tendo aversão. Em seguida, porque também era grave, e incluía acusação de que talvez ainda vivessem de sorte a causar tristeza a Paulo, emprega correção, nos seguintes termos: *"Pois, se vos causo tristeza, quem me proporcionará alegria senão aquele que eu tiver entristecido?"*. O sentido das palavras é o seguinte: se eu tiver de ficar pesaroso por ser obrigado a vos repreender e ver-vos tristes, isso mesmo me causaria prazer. Pois máxima prova de amor seria merecer tanto diante de vós que vos aflija quando de vós me afasto.

E vê a sua prudência. De fato, sendo costume dos discípulos ficarem pesarosos e sentidos diante de uma repreensão, conduze-os como se os gratificasse. De fato, nada mais me alegra, assegura, do que verificar que alguém dá atenção às minhas palavras e fica penalizado quando me vê irado. E era

consentâneo que dissesse: Se, pois, eu vos contristo, quem é que pode vos alegrar? Ora, não o declara, mas inverte mais uma vez a frase, afagando-os com estas palavras: Embora vos moleste, com isso obtenho o máximo benefício, isto é, que minhas palavras consigam tocar-vos.

3. *A finalidade de minha carta era...*

Qual? Não fui, para poupar-vos. Mas, quando escreveu isso? Acaso na Primeira Carta, ao dizer: "Não quero ver-vos apenas de passagem" (1Cor 16,7)? Não, a meu ver, mas nesta Carta, ao escrever: *"Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe em relação a vós"* (2Cor 12,21). Por conseguinte, diz ele, escrevi no final da Carta: *"Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente"*. Por que então escrevias isso? Por receio de que, quando voltasse, tivesse tristeza a respeito daqueles que deviam alegrar-me. Confio em todos vós, porque sois a minha alegria. Então dissera que sentia alegria quando eles se angustiavam e isso era um tanto impertinente e áspero; por isso novamente troca as expressões, e as mitiga por meio de um acréscimo. Primeiro vos escrevi, diz ele, para não verificar com dor que não vos corrigistes. Por isso disse: Para não vos contristar. Não tomo em consideração meus interesses, mas os vossos. Sei que vós vos alegrais, vendo-me alegre; e vendo-me triste, sentis pesar. Vê, portanto, acima a conexão das palavras entre si; assim, mais facilmente entenderemos o que Paulo diz. Por isso, disse, não fui ter convosco, para não vos entristecer, se encontrasse a quem corrigir. Assim agia, não por minha causa, mas para vosso bem. Eu, pois, com a vossa tristeza sinto não pequeno gosto porque vejo que me dais tanta atenção que sentis tristeza e dor quando fico indignado.

Quem me proporcionará alegria senão aquele que eu tiver entristecido?

Apesar de tais disposições, visto que me preocupo convosco, assim escrevi para não vos contristar; de novo não viso aos meus interesses, mas aos vossos. Sei que vos contristará ver-me pesaroso, e, ao invés, alegrar-vos-á ver-me alegre. Vê, portanto, sua prudência. Havia dito: Não fui, para não vos contristar; e no entanto, afirma: alegro-me. Em seguida, para não parecer que a dor deles lhe causava prazer, disse: Alegro-me porque me atendeis. Aliás, fico pesaroso quando sou obrigado a entristecer aqueles que tanto amo, não só pela repreensão quanto pelo fato de me aborrecer, e com isso vos causar pesar. Observa que o enuncia com elogio: daqueles que me deveriam proporcionar alegria.

São palavras que atestam sinceridade e grande amor; não diferem das expressões de alguém a respeito dos filhos aos quais havia conferido muitos benefícios e pelos quais empreendera muitos trabalhos. Por isso, se assim escrevo, não irei a fim de obter algo de maior; não por vos ter aversão ou ódio, mas porque muito vos amo. Em seguida, visto que dissera: Quem contrista, me alegra, a fim de que eles não replicassem: É, portanto, teu empenho alegrar-te e a todos exibir tua força? Por isso acrescenta:

4. *Por isso foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas, não para vos entristecer, mas para que conheçais o amor transbordante que tenho para convosco.*

O que há de mais propenso a amar do que esta alma? Revela, de fato, que não menos, ou antes até muito mais sofrera do que os pecadores. Não disse apenas: "Em tribulação", mas: *"Em grande"*, não apenas: em meio a lágrimas, e sim: *"Em meio a muitas lágrimas"* e *"com o coração angustiado"*. Isto é, estava sufocado e abafado de angústia; e já não suportando a névoa de tristeza, eu vos escrevi: *"Não para vos entristecer, mas para que conheçais o amor transbordante que tenho para convosco"*. A continuação do sermão postulava que dissesse: Não para vos entristecer, mas vos arrependerdes, pois

era o motivo da carta. Todavia não o declara, mas, suavizando a expressão para atraí-los a um amor maior, substitui os termos, revelando que faz tudo por amor. Não fala só: O amor, e sim: *“O amor transbordante que tenho para convosco”*. Dessa forma quer atraí-los, demonstrando que mais os ama que aos outros e os considera exímios discípulos. Daí também dizer: “Ainda que para outros eu não seja apóstolo, para vós, ao menos, o sou”, e: “Ainda que tivésseis muitos pedagogos, não teríeis muitos pais” (1Cor 9,2; 4,15); e: “Comportamo-nos no mundo, e mais particularmente em relação a vós, com a graça de Deus”. E mais adiante também diz: “Será que, dedicando-vos mais amor, serei, por isso, menos amado?” (1Cor 1,12; 12,15), e nesta passagem: *“O amor transbordante que tenho para convosco”*.

Em consequência, apesar de estarem as palavras repletas de cólera, esta exaltação brotava de caridade e dor imensas. Ao escrever a Carta, diz, sentia dor e angústia, não só porque pecastes, mas também por ter de vos infligir pesar. Na verdade, isso também se origina do amor. Não difere do caso de alguém que tem um filho muito amado, que está com uma infecção; é obrigado a cortar e cauterizar, e se condói por duplo título, tanto por estar ele doente, quanto por ser necessário operá-lo. Por conseguinte, o que julgais ser um sinal de ódio contra vós, é prova do maior amor. Se o fato mesmo de vos ter contristado tem origem no amor, muito mais o de estar contente quando ficais tristes. Tendo, portanto, se desculpado (na verdade, em muitos lugares se escusa e não se envergonha disso, porque Deus também assim age, ao dizer: “Meu povo, que te fiz eu?” [Mq 6,3], convinha bem mais que Paulo o fizesse), tendo se desculpado, digo, e já disposto a defender o fornicador, a fim de que eles, como se tivessem recebido ordens contrárias, não disputassem com pertinácia, porquanto fora ele mesmo que então de tal modo se irritara e agora mandava que o perdoassem, vê como previne por meio do que dissera e por aquilo que ia dizer. O que disse?

5. *Se alguém causou tristeza, não foi a mim,*

Após ter louvado aqueles que com os mesmos fatos se alegraram e se angustiaram, enfim empreende falar do assunto. Tendo dito primeiro: *“A minha alegria é também a de todos vós”*. Se a minha alegria é a de todos vós, deveis agora também alegrar-vos comigo, como antes comigo tivestes pesar. Pois, como então estando pesarosos causastes-me alegria, agora alegrando-vos, conforme na verdade vos alegrastes, fazeis o mesmo. E não disse: Meu pesar é também o de todos vós. Mas, em outras ocasiões assim enuncia, e agora destaca somente o necessário, isto é, a alegria, dizendo: *“A minha alegria é também a de todos vós”*. Em seguida, lembra também o supramencionado nesses termos: “Se alguém causou tristeza, não foi a mim”, mas em certa medida (não exageremos) a todos vós.

Sei, afirma, que comigo vos enchestes de ira e indignação por causa do fornicador; ora o fato causou tristeza *“em certa medida a todos vós”*. Por isso disse: *“Em certa medida”*, não porque tivestes menos tristeza do que eu; mas para não pesar demais sobre o fornicador. Ele não somente causou tristeza a mim, mas também a todos vós; embora, poupando-o, disse: *“Em certa medida”*. Vês como logo acalma a ira, mostrando que eles também participaram de sua indignação?

6. *para tal homem, basta a censura infligida pela maioria.*

Não disse: Para o fornicador, mas: *“Para tal homem”*, como na Carta precedente, mas não pelo mesmo motivo; lá falava por pudor, aqui por indulgência. Já não faz menção do pecado, porque era oportuno proteger o pecador.

7. *Eis por que, muito ao contrário, perdoai-lhe e consolai-o, a fim de que não seja absorvido por tristeza excessiva.*

Não só ordena que ponham fim à censura, mas também que seja reconduzido à primitiva posição. De fato, se alguém apenas despede quem foi chicoteado, sem lhe prestar curativos, nada faz. Vê, porém, de que modo também o retém, de sorte que pelo perdão não se torne pior. Pois, embora tenha confessado o pecado e se arrependido, mostra que ele não tanto consegue o perdão pela penitência quanto pela graça. Por isso, declara: *"Perdoai-lhe e consolai-o"*. E a continuação manifesta o mesmo. Não que ele o mereça, nem tenha feito bastante penitência, mas porque é fraco, diz: *"Exorto-vos"*; e daí o que acrescenta: *"A fim de que não seja absorvido por tristeza excessiva"*. São palavras que dão testemunho da grande penitência do pecador, e não o deixam cair no desespero. O que significa, porém: *"Não seja absorvido"*? Não faça o que fez Judas; ou também, se continuar a viver, não se torne pior. Se ele cair fora, diz o Apóstolo, por não suportar mais a dor contraída por tão longa censura, muitas vezes desesperado se enforca, ou de então em diante tornar-se-á mais malvado. Por isso é necessário prevenir, para que a ferida não se aprofunde, nem perdermos por negligência o que fizemos pela correção.

O Apóstolo, conforme já disse, proferia essas coisas para corrigi-lo e admoestá-lo, e não se tornasse mais negligente após obter o perdão. Não o acolhi, diz ele, como se tivesse apagado completamente as máculas, mas por receio de que cometesse algo de mais grave. Daí aprendemos que a penitência há de ser medida não somente segundo a natureza dos pecados, mas também devido ao conhecimento e o estado dos pecadores, segundo fez o Apóstolo, que receava pela fraqueza dele. Por isso dizia: *"Não seja absorvido"*, como se fosse uma espécie de fera ou uma tempestade e procela.

8. *Sendo assim, exorto-vos,*

Já não dá ordens, mas suplica, não qual mestre, mas como um igual, e estabelecendo-os numa sede de juízes, coloca-se no posto de um advogado. Uma vez que já expusera totalmente o que tinha em mente, com alegria excede-se no modo de suplicar. O que é, pergunto, que exortas?

A que deis provas de amor para com ele, isto é, seja confirmado o amor, não o recebais de maneira simples e vulgar. Assim, prestava-lhes testemunho de suma virtude. De fato, aqueles que o amavam e protegiam a tal ponto que até se vangloriavam, agora, ao invés, lhe tiveram tanta aversão que Paulo teve de trabalhar muito para que firmassem a caridade para com ele. É virtude dos discípulos, é do mestre: que eles se mostrassem tão morigerados, e o mestre de modo tão preclaro os chamasse à ordem. Se isso acontecesse ainda agora, talvez os pecadores não pecassem tão insensivelmente. Não se deve amar temerariamente, nem odiar sem razão.

9. *pois, ao vos escrever, eu tinha em mira pôr à prova a vossa obediência e verificar se era total.*

Isto é, não somente para amputar, mas também para unir novamente. Vês como aqui também volta a incutir-lhe medo? Quando o fornicador tinha pecado, atemorizou-os se não rompessem com ele, dizendo: "Um pouco de fermento leveda toda a massa" (1Cor 5,6) etc. Do mesmo modo aqui atemoriza-os a respeito de uma desobediência, empregando de certo modo estas palavras: Como anteriormente, não só por ele, mas também por vós, igualmente agora não tanto por ele quanto por vossa causa deveis aceitar o conselho, a fim de não vos mostrardes obstinados e desumanos, não totalmente obedientes. Por essa razão, declaro: *"Ao vos escrever, eu tinha em mira pôr à prova a vossa obediência e verificar se era total"*.

Talvez isso aparentasse inveja ou ciúme; ao contrário, demonstrava obediência sincera e se eles eram capazes de sentimentos humanitários.

É próprio dos discípulos honestos obedecer não somente naqueles pontos, mas também se mandasse o contrário. *"Total"*. Com tais palavras mostra que, se não obedecessem, não tanto para ele quanto para si mesmos seria uma vergonha, porque adquiririam fama de obstinados. Assim age para

prepará-los a obedecer. Por isso também escreveu: *“Ao vos escrever”*. Não foi por isso que escreveu, mas o declarou para estimulá-los; pois o que acontecia era principalmente para a salvação do pecador. Não havia dano algum, mas até os gratificava. Por esta palavra: “*Total*”, novamente os elogia, relembrando-lhes e destacando a primitiva obediência.

10. *Àquele a quem perdoais, eu perdoo!*

Vês de que forma ele atribui a si o segundo lugar, dando-lhes o de chefes e a si o de subordinado? Assim acalma os ânimos exacerbados, e dobra os pertinazes. Depois, para não ficarem de fronte erguida, donos da situação, e não perdoarem, mais uma vez os estimula, assegurando que ele também lhe perdoou.

Se perdoei – na medida em que tinha de perdoar – , eu o fiz em vosso favor,

Além do mais, eu o fiz em vosso favor. E assim como, ao ordenar que o eliminassem de seu meio, não lhes ofereceu opção pela indulgência, dizendo: Decidi que “entreguemos tal homem a Satanás” (1Cor 5,5), de outro lado, assumiu-os por sócios da sentença, ao dizer: “Estando vós e o meu espírito reunidos em assembleia, entreguemos”, estabelecendo duas máximas atitudes, a saber, a de proferir sentença, e a de não excluí-los, para não parecer dessa forma lesá-los. Não a proferia sozinho, para que não o julgassem arrogante, e que os desprezava; também não entregava a questão totalmente ao arbítrio deles, para que com tal autoridade não traíssem o pecador, empregando para com ele inoportuna indulgência. Assim aqui também faz, dizendo: Eu já perdoei àquele que na Primeira Carta já condenara. Em seguida, para que eles não se ofendessem, como se tivessem sido desprezados, disse: *“Eu o fiz em vosso favor”*. Como? Acaso perdoou para obter o favor dos homens? De forma nenhuma; por isso acrescentou: *na plena presença de Cristo*.

O que quer dizer: *“Na plena presença de Cristo”*? Segundo Deus, ou para a glória de Cristo. A fim de que não sejamos iludidos por Satanás.

11. *Pois não ignoramos as intenções dele.*

Vês que ele lhes concede poder, e depois o retira, para primeiro acalmá-los e depois cortar-lhes o orgulho? Nesta passagem não só os prepara, mas também manifesta que o detrimento será comum se não obedecerem; foi o que fez igualmente na Primeira. Pois então dizia: “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (1Cor 5,6), e ainda aqui: *“A fim de que não sejamos iludidos por Satanás”*, e sempre arroga para si e para eles o direito de dar o perdão ao pecador.

Mas considera mais acima: *“Se alguém causou tristeza, não foi a mim, mas em certa medida (não exageremos) a todos vós”*; e em seguida: *“Para tal homem, basta a censura infligida pela maioria”*. Este o voto e a sentença proferida contra ele. Mas não se detém neste voto; ainda emprega outros sócios, dizendo: *“Eis por que, muito ao contrário, perdoai-lhe e consolai-o... Sendo assim, exorto-vos a que deis provas de amor para com ele”*. E depois de ter entregue tudo isso ao arbítrio deles, passa em seguida à sua autoridade, nesses termos: *“Pois, ao vos escrever, eu tinha em mira pôr à prova a vossa obediência e averiguar se era total”*. Logo volta a atribuir-lhes o perdão: *“Àquele a quem perdoais”*, e em seguida a si: *“Eu perdoo – eu o fiz em vosso favor”*; em seguida simultaneamente o reivindica para si e para eles, ao dizer: *“Se perdoei – na medida em que tinha de perdoar –, eu o fiz em vosso favor, na plena presença de Cristo”*.

Isto é, para a glória de Cristo; ou, como se Cristo o ordenasse e isto especialmente os impressionaria. Com efeito, temiam recusar um perdão que seria para a glória e o beneplácito de Cristo. Logo, vendo que, de outro lado, seria comum o prejuízo se deixassem de obedecer, o Apóstolo

propõe: *“A fim de que não sejamos iludidos por Satanás”*. Neste trecho emprega bem o vocábulo πλεονεξια , porque Satanás não toma o que é seu, mas arrebata o que é nosso. E não retruques que somente o fornicador se torna presa desta fera; pondera que o número do rebanho diminui, principalmente agora que é possível recuperar o que fora perdido. *“Pois não ignoramos as intenções dele”*.

Isto é, sob pretexto de piedade nos causa ruína. Não somente induz à fornicação, mas ao invés pode causar ruína pela imoderada tristeza derivada da penitência. Se com o que é seu arrebata também o que é nosso, se causa nossa perdição ordenando o pecado, e rouba-nos ao nos impormos uma penitência, não é *pleonexia*, isto é, usurpação do alheio? Não lhe basta derrubar-nos pelo pecado, mas sucede o mesmo pela penitência, se não formos vigilantes. E por isso, com razão, denomina este ato *pleonexia*, porque ele vence através do que é nosso. De fato, peculiar lhe é captar por meio do pecado, não através da penitência, arma nossa e não dele. Por isso, vê como é vergonhosa tal derrota, se daí conseguir captar algo, se houver de zombar de nós e assaltar-nos por sermos fracos e miseráveis, se nos dominar com nossas próprias armas. É sumamente ridículo e vergonhoso em grau sumo que ele nos cause ferimentos por intermédio de nossos próprios medicamentos. Por isso Paulo dizia: *“Pois não ignoramos as intenções dele”*, isto é, quão equívoco, doloso, funesto, maligno, enfim quão infenso inimigo ele é, sob a aparência de piedade. Considerando essas coisas, jamais desprezemos a alguém, nem percamos a esperança a respeito dos pecadores, nem de outro lado, sejamos negligentes, mas quando tivermos pecado, tenhamos contrição de espírito, e não apenas profiramos palavras. Na verdade, conheci a muitos que dizem deplorar seus pecados, entretanto nada de grande praticam; na verdade, eles jejuam, usam vestes ásperas, entretanto cedem diante da maior cobiça das riquezas do que os traficantes, mais se encolerizam do que as feras, e mais se deleitam nas detrações do que os outros nos louvores. Não é verdadeira penitência; é figura e sombra apenas e não penitência. Por isso é apropriado dizer-lhes: sede atentos! *“A fim de que não sejamos iludidos por Satanás. Pois não ignoramos as intenções dele.”* Ele leva à perdição a alguns por meio dos pecados, a outros pela penitência, a outros diversamente, de sorte que a nenhum deles permite que retirem frutos da penitência. Com efeito, se não consegue causar a perdição por meio do caminho reto, toma outra via, ora aumentando os trabalhos, ora retirando os frutos e persuadindo a se negligenciar o restante, como se todo o dever estivesse cumprido. Por conseguinte, não nos molestemos inutilmente, e falemos com brevidade acerca de mulheres tais, porque é doença que ataca principalmente as mulheres. É bom, de fato, o que fazeis agora, a saber, jejuar, dormir no chão, utilizar cinzas; mas sem ulteriores práticas, nenhuma utilidade se aufere. Deus revela as condições do perdão dos pecados. Por que motivo então deixando este caminho, abris outro? Os ninivitas pecaram outrora, e fizeram o mesmo que vós agora; vejamos, contudo, que vantagens obtiveram. Os médicos receitam muitos remédios para os doentes, mas o de engenho sagaz não pondera se o doente usou este ou aquele medicamento, e sim a melhora que obteve; do mesmo modo aqui se deve examinar. O que, portanto, foi útil àqueles bárbaros? Aplicaram às suas feridas o jejum, um jejum estrito, o deitar-se no chão, a veste de saco, as cinzas, as lágrimas, mas sobretudo a mudança de vida.

Vejamos, portanto, qual destes meios lhes trouxe a cura. Como podemos saber? perguntas. Vamos ao médico e o interroguemos. Ele não o esconderá, mas o dirá de boa vontade. Ou melhor, no intuito de que ninguém ignore ou precise interrogar, deixou escrito o nome do remédio que os curou. Qual foi? Diz a Escritura: “E Deus viu as suas obras: Que eles se converteram de seu caminho perverso, e Deus arrependeu-se do mal que ameaçara fazer-lhes e não fez” (Jn 3,10). Não disse: viu o jejum, o cilício e as cinzas. Não o digo, porém, para abolir o jejum – Deus não o permita – mas para vos exortar a realizar o que é melhor que o jejum, isto é, a abstenção de todo vício. Davi também pecou.

Vejamos, portanto, como fez penitência. Por três dias esteve sentado nas cinzas. Ora, não o fez por causa do pecado, mas do filho, a saber, ainda tonto com a infelicidade. Mas apagou o pecado de outro modo, a saber, pela humildade, a contrição do coração, a compunção do espírito, a precaução para não recair, a lembrança contínua do pecado, a aceitação com ações de graças das aflições sobrevindas, o perdão das injúrias, sem vingança contra os traiçoeiros, ou antes pela proibição dada àqueles que queriam se vingar. De fato, quando Semei lançava sobre ele inúmeras injúrias na presença do indignado chefe do exército, Davi dizia: "Deixai que amaldiçoe, se o Senhor lhe ordenou que o fizesse" (2Sm 16,11). Tinha o coração contrito e humilhado (cf. Sl 50,19), o que principalmente servia para apagar o pecado. Eis a confissão, eis a penitência! Se jejuarmos com orgulho, não só não retiraremos lucro algum, mas até teremos prejuízo. Por isso, humilha teu coração para atraíres a Deus. "O Senhor está perto dos corações contritos" (Sl 34,19). Acaso não vês que, nas casas esplêndidas, os que foram infamados não relutam se recebem injúrias até mesmo dos últimos escravos, mas suportam-nas por causa da infâmia que o pecado lhes infligiu? Faze o mesmo. Se alguém te perseguir com ultrajes, não te exasperes, mas geme, não por causa da injúria, mas pelo pecado que te lançou na ignomínia. Quanto pecares geme, não porque hás de sofrer castigo, o que nada é, mas porque ofendeste teu Senhor, tão benigno, tão amante, enfim tão propenso à tua salvação que por tua causa entregou seu Filho. Geme, portanto, sem interrupção; enfim, isto é que é confissão. Não te apresentes agora alegre, amanhã triste e de novo alegre; ao invés, continuamente permanece no luto e na contrição. Pois, "Bem-aventurados os que choram" (Mt 5,5), isto é, os que o fazem assiduamente. Pratica-o continuamente, acautela-te, tenha o coração contrito, à guisa de alguém que chora a perda do filho único. "Rasgai os vossos corações e não as vossas roupas" (Jl 2,13). O maltrapilho não se enaltece; o contrito não se eleva. Por isso, diz um outro: "Deus não despreza o coração contrito e esmagado" (Sl 51,19). Mesmo que sejas sábio, que sejas rico, que sejas potentado, rasga o coração, e não o deixes enaltecer-se, não lhe permitas orgulhar-se. De fato, o que está rasgado, não se ensoberbece, e embora haja algum motivo de orgulho, por estar rasgado não retém o inchaço. Assim também tu aplica-te à humildade; reflete que o publicano (Lc 18) foi justificado por uma só palavra, apesar de não se tratar de humildade, mas de verdadeira confissão. Se essa ação teve tanta força, quanto maior não será a da humildade? Perdoa as faltas cometidas contra ti, porque esta ação também apaga os pecados. Ora, acerca da primeira parte disse a Escritura: "Vi que caminhava com tristeza e curei os seus caminhos" (Is 57,18), relativamente a Acab, e foi o que deteve a ira de Deus (1Rs 21); acerca da segunda, porém: "Perdoai, e vos será perdoado" (Lc 6,37). Ainda existe outro meio de nos conferir remédio, a abominação dos pecados: "Enumera as tuas iniquidades, a fim de seres justificado" (Is 43,26). Ainda apaga os pecados a ação de graças ao seres atingido por uma aflição; e o que supera todos os meios: a esmola. Enumera, portanto, os remédios que curam tuas feridas e aplica-os todos continuamente, a saber, a humildade, a confissão, o esquecimento das injúrias, a ação de graças na adversidade, a esmola tanto em dinheiro como em serviços ao próximo, a oração contínua e perseverante. Assim aquela viúva aplacou o ânimo cruel e impiedoso do juiz (Lc 18). Se ela o conseguiu de um juiz iníquo, quanto mais tu o alcançarás de um juiz manso e acessível. Existe outro meio além dos mencionados, a saber, ajudar os que sofrem injustiça: "Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva! Então, sim, poderemos discutir, diz o Senhor. Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve" (Is 1,17-18). Que desculpa haveremos de merecer se, possuindo tantos caminhos que nos conduzem ao céu, tantos remédios que curam as feridas, até depois do batismo, perseverarmos no mesmo estilo de vida? Não continuemos, suplico-vos. Na verdade, aqueles que ainda não caíram, persistam na inteireza habitual, ou antes, exercitem-na cada vez mais, porque, embora não se cometam pecados nestes serviços preclaros, certamente se torna mais intensa a

beleza. Nós, contudo, que cometemos muitos pecados, empreguemos para a correção os meios supracitados, a fim de comparecermos perante o tribunal de Cristo com grande confiança. Possamos todos nós participar destes bens, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

QUINTA HOMILIA

De Trôade à Macedônia. Digressão: o ministério apostólico

12. *Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho de Cristo, e, embora o Senhor me tivesse aberto uma porta grande,*

13. *não tive repouso de espírito, pois não encontrei a Tito, meu irmão.*

Essas palavras parecem indignas de Paulo, a saber, que, por causa da ausência do irmão, tenha palavras não parecem muito consentâneas com as precedentes. E então? Quereis que primeiro mostre que têm sequência, ou que ele nada proferiu de indigno de si mesmo? A meu ver, seria melhor a segunda opção; e assim a outra questão ficaria mais fácil e clara. Qual, portanto, o acordo dessas palavras com as anteriores? Relembremo-las e desta forma o entenderemos. Quais eram? As que citei no começo: *“Não queremos, irmãos, que o ignoreis: a tribulação que padecemos na Ásia acabrunhou-nos ao extremo, além das nossas forças”*. Após manifestar como foi libertado, e ter intercalado fatos, necessariamente de novo informa que de outro modo ainda foi atormentado. Qual e de que maneira? Não encontrou a Tito. Com efeito, a falta de quem podia consolá-lo e juntamente com ele suportar o peso era provação grave, contínua e muito própria para abatê-lo; acrescia a tempestade. Tito é o discípulo, do qual mais abaixo refere ter vindo de junto deles, e cujos louvores, grandes e muitos, relembra, e que ele declara ter-lhes enviado de volta. Utiliza essas expressões querendo manifestar que, por causa dos coríntios, padecera também essa aflição. Evidencia-se, portanto, que essas palavras são muito consentâneas com as antecedentes. Esforçar-me-ei também por esclarecer que não são indignas de Paulo. Ele não afirma que a ausência de Tito ocasionara impedimento para a salvação dos que queriam aderir à fé, nem que por esse motivo ele menosprezara os que a haviam acolhido, mas que não teve repouso, isto é, vivera na aflição e na dor por causa da ausência do irmão; daí, de fato, revela que importância tinha essa ausência e que por isso partira dali. O que significam as palavras:

“Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho de Cristo”? Não parti inutilmente, mas para anunciar o evangelho. E por este motivo fora para lá, e encontrara maior quantidade de trabalho: *“E embora o Senhor me tivesse aberto uma porta grande, não tive repouso de espírito”*; entretanto, nem por isso o trabalho foi impedido. Por que, então, disse:

13. *Despedi-me deles e parti*?

Isto é, devido à angústia e dor, não fiquei ali por mais tempo. E talvez também a ausência de Tito causava obstáculo. Essas circunstâncias, portanto, serviam aos coríntios de não pequeno consolo. Se lá havia grande porta aberta, e por isso havia vindo, mas visto que não havia encontrado o irmão, partiu logo, muito mais vós, diz ele, deveis ter indulgência diante das dificuldades imperiosas que de toda parte nos sobrevêm, nos circundam e não nos permitem partir para junto daqueles que queríamos, e permanecer mais longamente com eles. Por isso também, como acima atribuía ao Espírito suas peregrinações, aqui a Deus as referia, acrescentando o seguinte:

14. *Graças sejam dadas a Deus, que por Cristo nos carrega sempre em seu triunfo e, por nós, expande em toda parte o perfume do seu conhecimento.*

Efetivamente, a fim de não parecer deplorá-lo com lágrimas, dá graças a Deus. O sentido do que diz é o seguinte: em toda parte aflição, em toda parte ansiedade. Fui à Ásia, e estive acabrunhado além de minhas forças. Fui a Trôade e não encontrei o irmão. Não fui para junto de vós e isso me causou não pequena tristeza, ou antes excessivo pesar. O motivo por que não vos visitei foi o de terem pecado muitos dentre vós: *"Foi para vos poupar que não voltei a Corinto"* (2Cor 1,23), assegura. E visando a que não parecesse deplorá-lo, adita: não só não ficamos pesarosos nessas tribulações, mas até nos alegramos; e o que é mais importante, não apenas por causa dos futuros prêmios, mas ainda pelos presentes; de fato, também por isso nos tornamos ilustres e famosos. Por isso, estamos longe de lastimá-lo, mas até o denominamos triunfo, e nos gloriamos devido aos acontecimentos. Em consequência dizia: *"Graças sejam dadas a Deus, que nos carrega sempre em seu triunfo"*, isto é, que diante de todos nos faz ilustres. Efetivamente, consideramos a maior honra o que tem aparência de desonra, a saber, sermos expulsos de toda parte. Assim, não declarou: Que nos torna ilustres, e sim: *"Que nos carrega sempre em seu triunfo"*. A locução sugere que tais perseguições em toda a terra erigem perpétuos troféus contra o diabo. Em seguida fazendo causa comum com o triunfador, levanta o ânimo dos ouvintes. Não somos carregados somente por Deus no triunfo, mas ainda em Cristo, isto é, por causa de Cristo e da pregação. Uma vez que importa triunfar, nós também que carregamos o troféu, temos de ser exibidos, e na verdade somos ilustres e célebres. *"Por nós, expande em toda parte o perfume do seu conhecimento"*.

Mais acima dissera: *"Carrega sempre em seu triunfo"*; e aqui: *"Em todo lugar"*, indicando que não há tempo nem lugar que não esteja repleto das lutas apostólicas. E utiliza outra metáfora, a de um odor suave. Como portadores de unguento, somos conhecidos de todos. Ele denomina precioso unguento o conhecimento de Deus. E não disse: o conhecimento, e sim: *"O perfume do seu conhecimento"*. Tal é o conhecimento presente, não inteiramente visível, nem totalmente oculto. Por isso também na Primeira Carta dizia: "Agora vemos em espelho e de maneira confusa" (1Cor 13,12). E aqui denomina unguento esse perfume. De fato, quem sente o odor, sabe que ali em algum canto há unguento; mas de que natureza, não, a não ser que primeiro o tenha visto. De igual forma também nós sabemos que Deus existe; de que essência, porém, ele é, não. Por conseguinte, somos uma espécie de turíbulo régio, exalando o celeste unguento, e a fragrância espiritual, em qualquer lugar para onde formos. Dessa forma se exprimia, talvez para evidenciar a força do anúncio, porque os apóstolos mais brilhavam que os perseguidores por meio daqueles que lhe preparavam insídias, que faziam com que todo o orbe conhecesse tanto os troféus quanto a suavidade do odor; igualmente para exortá-los a suportarem todas as aflições e tentações com fortaleza de ânimo, de sorte que também antes do prêmio celeste alcançassem indizível glória.

15. *Em verdade, somos por Deus o bom odor de Cristo, entre aqueles que se salvam e também entre aqueles que se perdem;*

Quer alguém consiga a salvação, quer se perca, o evangelho mantém sua própria virtude. E como a luz, embora ofusque os olhos enfermos, é luz; e o mel, apesar de amargo para os doentes, é doce por natureza, assim o evangelho é dotado de suave odor, apesar de alguns infiéis se perderem. E ele não é a causa da perdição e sim a perversidade dos infiéis. Ao invés, também se percebe em grau máximo a suavidade que encerra, pelo fato de que os maus e corruptos se perdem. Não somente, portanto, a salvação dos bons, mas também a perdição dos maus manifesta a virtude do evangelho. De igual forma o sol, por ser claro em excesso, especialmente incomoda os olhos dos fracos; e o Salvador, estabelecido para a ruína e ressurreição de muitos, continua, porém, a ser Salvador, embora inúmeros caiam. E sua presença pune mais gravemente os que não o cultuam, no entanto persevera em ser

salutar. Por esse motivo, afirma Paulo: *“Somos por Deus o bom odor de Cristo”*, isto é, embora alguns pereçam, neste ínterim, contudo, persistimos em ser o que somos. Não assegurou de modo absoluto: *“Somos o bom odor de Cristo”*, e sim: *“Por Deus”*. Visto que com Deus *“somos o bom odor”*, e ele o comprova por seu voto, quem pode contradizê-lo? Ao invés, estas palavras: *“Somos o bom odor de Cristo”*, a meu ver, pode ser explicado de dois modos: ou assim se exprimiu porque nos oferecemos quais vítimas na ocasião da morte, ou, porque, imolados, somos o bom odor de Cristo. Seria como se alguém dissesse: O bom odor aqui espalhado é desta vítima. Ou, portanto, esse vocábulo significa o bom odor, ou, conforme disse acima, porque diariamente por causa de Cristo são imolados. Vês como vence as tentações denominando-as triunfo, odor, sacrifício oferecido a Deus? Em seguida, após ter dito: *“Somos o bom odor... e também entre aqueles que se perdem”* , a fim de não pensares que eles também são agradáveis a Deus, acrescentou:

16. *para uns, odor que da morte leva à morte; para outros, odor que da vida leva à vida.*

Alguns, com efeito, acolhem essa fragrância de tal sorte que se salvam; outros, ao invés, que se perdem. Por conseguinte, apesar de alguns perecerem, a culpa é deles. De fato, diz-se que os porcos ficam sufocados com os perfumes; e a luz, conforme mencionei acima, ofusca os olhos enfermos. E a natureza dos bons é tal que não corrigem apenas o que lhes é próprio, mas também arruínam os contrários e com isso especialmente se manifesta a sua força. Com efeito, o fogo, não somente ao iluminar, ou purificar o ouro ou ainda ao consumir os espinhos mostra a força que lhe é peculiar. Do mesmo modo, Cristo revela sua majestade, aniquilando o Anticristo com o sopro de sua boca, e o afasta pela manifestação de sua presença.

E quem estaria à altura de tal missão?

O Apóstolo afirmara realidades grandiosas: somos sacrifício para Cristo, bom odor, e em toda parte triunfamos; de novo emprega moderação, atribuindo tudo a Deus e pergunta: *“E quem estaria à altura de tal missão?”* Tudo é de Cristo, assegura, nada é nosso. Vês, ao contrário, as expressões dos falsos apóstolos? Gloriavam-se como se tivessem contribuído com algo de si na pregação, enquanto o Apóstolo diz gloriar-se porque nada lhe é próprio: *“O nosso motivo de ufania é este testemunho da nossa consciência: comportamo-nos no mundo... não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus”* (2Cor 1,12). Os falsos apóstolos julgavam que podiam gloriar-se devido à posse da sabedoria pagã, enquanto o Apóstolo se gloria de lhe ter sido retirada; daí a pergunta: *“E quem estaria à altura de tal missão?”* Uma vez que não estamos à altura, é pela graça que isso se realiza.

17. *Não somos como aqueles que falsificam a palavra de Deus;*

Se afirmamos coisas grandiosas, contudo nada foi realizado por obra nossa, mas tudo era de Cristo. Nem imitamos os falsos apóstolos, que asseveram serem suas muitas coisas. Seria propriamente um tráfico adulterar o vinho e vender o que devia ser dado gratuitamente. Nessa passagem, pois, parece atacá-los por causa do lucro e ainda, conforme disse, sugerir que eles misturam às coisas divinas o que é seu. Isaías também o denunciava: “Os taberneiros misturam o vinho com água” (cf. Is 1,12). Pois, embora aqui se fale de vinho, não se engana quem o entende acerca da doutrina. Ora, nós não agimos, assegura, dessa maneira, mas propinamos a doutrina verdadeira, tal qual nos foi confiada; por isso acrescenta:

17. *é, antes, com sinceridade, como enviados de Deus, que falamos, na presença de Deus, em Cristo.*

Não pregamos desse modo para vos enganar, afirma, querendo obter vosso favor, ou conferindo em mistura algo de nós próprios, mas *“como enviados de Deus”*, isto é, não asseveramos dar algo de nosso, mas vir de Deus toda a concessão. Tal é o sentido da locução: *“como enviados de Deus”*; não nos gloriamos como se tivéssemos algo de próprio, mas tudo lhe atribuímos: *“Falamos em Cristo”*.

Não nos inspira nossa sabedoria, mas o poder de Deus. Aqueles, contudo, que se gloriam não agem dessa forma, e sim como se algo oferecessem de si mesmos. Por essa razão, ainda em outra passagem os acusa nesses termos: “Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?” (1 Cor 4,7).

Esta é a máxima virtude: atribuir tudo a Deus, nada considerar como seu, nada fazer por glória humana, mas segundo o beneplácito de Deus, a quem se haverá de prestar contas da vida passada. Agora, contudo, a ordem está invertida: não tememos bastante aquele que há de se assentar no tribunal e acertar contas; temos medo, porém, daqueles que conosco haverão de comparecer e passar pelo julgamento. Donde se origina essa doença? Donde invadiu nossas almas? Do fato de que não revolvemos assiduamente essas realidades em nosso espírito, mas estamos cativos das realidades presentes. Acontece então que facilmente caímos na prática de ações más, e se fazemos algum bem, é por ostentação, o que nos serve de detrimento. Vi talvez alguém olhando com olhos impudicos, mas nem a mulher que foi vista, nem os que a acompanhavam perceberam; no entanto, o fato não escapou dos olhos muito vigilantes de Deus. Pois, antes mesmo que o pecado fosse cometido, ele viu a alma impudica, a paixão interna e os pensamentos tempestuosos e procelosos. Não precisa de testemunhas e conjecturas, porque tudo para ele é claro. Por isso não leves em consideração o parecer de teus companheiros de serviço. Os louvores humanos de nada servem quando Deus não aprova. Nem se o homem condenar, sofrerás detrimento quando Deus não condena. Por isso, não provoques a ira do juiz, dando tanta importância à opinião dos teus companheiros e não tendo medo nem tremor da indignação dele. Desprezemos, portanto, o louvor dos homens. Até quando seremos vis e rastejantes? Até quando, enquanto Deus nos eleva ao céu, esforçamo-nos por serpear? Os irmãos de José, se tivessem tido o temor de Deus diante dos olhos, como era justo, não teriam pensado em matar o irmão preso no deserto (cf. Gn 37). Caim, por sua vez, se tivesse temor, como era devido, da sentença de Deus, não teria dito ao irmão: Vem. Saiamos ao campo (cf. Gn 4,8). Por que, pois, ó miserável e infeliz, tu o afastas do pai e levas ao campo? Acaso Deus não vê mesmo no campo o teu crime? Acaso por aquilo que aconteceu a teu pai não aprendeste que Deus tudo sabe e está presente a tudo o que sucede?

Por que Deus não lhe disse quando queria negar o crime: Queres escondê-lo de mim, presente em toda parte, e que conheço as coisas ocultas? Caim ainda não percebia essa realidade correta e sabiamente. O que lhe disse Deus? “Ouço clamar o sangue de teu irmão!” (Gn 4,10). O sangue não tem voz, mas Deus se exprime segundo costumamos fazer acerca de fatos evidentes e manifestos: é gritante! Por isso, é preciso ter sempre diante dos olhos a sentença de Deus e logo todo mal se extingue. Igualmente nas orações teremos o espírito vigilante se cogitarmos com quem falamos, se pensarmos que oferecemos um sacrifício, e temos nas mãos a espada, o lenho e o fogo; se abrirmos em pensamento as portas do céu, se migrarmos para lá, e tomando o gládio do Espírito o enterrarmos na garganta da vítima, imolarmos a Deus nossa vigilância, e derramarmos lágrimas diante dele. Tal é o sangue dessa vítima, tal o altar tinto por meio dessa imolação. Não permitas, portanto, que então qualquer cogitação humana ocupe a tua alma.

Reflete que também Abraão, ao oferecer a vítima, não permitiu a presença da mulher, nem do servo, nem de um outro qualquer. Tu igualmente não deixes que te assista quem possua sentimentos servis ou não liberais, mas ascende ao monte sozinho, aonde ele subiu, e ao qual é vedado a qualquer outro subir. Se alguns pensamentos dessa espécie tentarem subir conjuntamente, ordena-lhes com autoridade: “Permanecei aqui... Eu e o menino... adoraremos e voltaremos” (Gn 22,5). Deixa embaixo o jumento, os escravos e o que houver de irracional e ilógico; se tens algum ser dotado de razão, toma-o e sobe, assim como ele levou a Isaac. Constrói, segundo o que ele fez, o altar, que nada tenha de simplesmente humano, mas seja sobre-humano; de fato também Abraão, se não superasse a natureza,

não teria imolado o filho. Nada te perturbe, mas eleva-te acima dos próprios céus; geme amargamente, oferece a vítima da confissão. “Confessa primeiro tuas iniquidades a fim de seres justificado” (cf. Is 43,26). Imola um coração contrito. Essas vítimas não se desfazem em cinzas, não desvanecem em fumaça, não precisam de lenho e fogo, mas apenas de um ânimo contrito. É lenho, é fogo que queima, mas não consome. Com efeito, quem ora com fervor, queima-se sem se consumir; torna-se mais esplêndido, qual ouro purificado no cadinho.

Em consequência, acautela-te para que na oração não profiras palavra que irrite o Senhor, ou prejudique teus inimigos. Se ter inimigos não deixa de ser ignomínia, pensa que grande mal consiste em rezar contra eles. Devias escusar-te por teres inimigos, e tu, ao invés, ainda os acusas! E que perdão queres obter enfim, se falas mal deles no momento em que precisas de imensa misericórdia? De fato, necessitado, vieste orar devido a teus pecados; portanto, não te lembres dos pecados alheios, para não perderes a lembrança dos teus. Pois se disseres: fere o inimigo, tapaste tua boca, já não tens a liberdade de falar. Em primeiro lugar, porque logo no início provocaste a ira do juiz; em seguida, porque pedes o contrário do que a oração comporta. Pois, se pedes remissão dos pecados, como falas de castigo? Ao invés, antes devíamos rezar por eles, a fim de suplicarmos por nós também com confiança. Agora, antecipaste a sentença do Juiz com a tua, pedindo que castigue os pecadores, o que aparta todo perdão. Ao contrário, se rezares por eles, embora não pronuncies palavra por teus pecados, resolveste toda a questão. Pensa em quantos sacrifícios há na Lei: sacrifício de louvor, sacrifício de confissão, sacrifício de salvação, sacrifício de purificação e mil outros; e nenhum contra os inimigos, e sim pelos próprios pecados ou também pela prática de boas ações. Acaso procuras um Deus diferente? Ou te aproximas daquele que disse: “Orai por vossos inimigos” (cf. Mt 5,44)? Por que motivo, portanto, clamas contra eles? Por que rogas a Deus que infrinja sua própria lei? Não é esse o estilo do suplicante. Ninguém suplica a ruína do próximo, mas que consiga sua própria salvação. Por que, então, tens o aspecto de suplicante, e utilizas palavras de acusação? Na verdade, ao orarmos por nós próprios, nós nos coçamos, bocejamos, revolvemos mil cogitações; ao rezarmos contra os inimigos, fazemo-lo atentamente. Uma vez que o diabo sabe que movimentamos a espada contra nós, não nos distrai ou aparta, para nos causar maior dano. Ora, replicas, fui lesado e estou aflito. Reza, portanto, contra o diabo, que mais do que ninguém
nos prejudica. Recebeste ordem de dizer: “Livra-nos do Maligno” (Mt 6,13). É implacável inimigo; entretanto o homem, faça o que fizer, é amigo e irmão. Por isso, contra ele todos nós nos encolerizemos, supliquemos contra ele a Deus, dizendo: Esmaga Satanás debaixo de nossos pés. Ele também cria inimigos. Se rezares contra os inimigos, pedirás o que ele também deseja, de sorte que, se orares em favor dos inimigos, será contra ele. Por que, então, deixando de lado o verdadeiro inimigo, afliges teus membros, e dessa forma te tornas mais cruel do que as próprias feras? Ora, replicas, ele me injuriou e roubou os meus bens. E qual merece lástima, o que recebeu a injúria ou aquele que a infligiu? Quem lucrou o dinheiro, excluiu a si mesmo da benevolência de Deus e perdeu mais do que tomou; por conseguinte ele é o lesado. Não é, portanto, contra ele que se deve orar, mas antes por ele, a fim de que Deus se lhe torne propício.

Vê por quantas aflições passaram os três jovens, apesar de não terem praticado mal algum. Haviam perdido a pátria e a liberdade, foram levados cativos e feito escravos, e foram conduzidos a uma região estrangeira e bárbara, e em vão e inutilmente por causa de um sonho deviam ser mortos. O que, então, em companhia de Daniel suplicaram a Deus? O que disseram? Esmaga Nabucodonosor, arrebata-lhe o diadema, depõe-no do trono real? Nada disso, mas imploravam a misericórdia de Deus. E estando na fornalha, portaram-se de idêntica forma. Entretanto, vós não agis assim; mas sofreste bem menos do que eles, e muitas vezes merecidamente, e não desistis de proferir mil imprecações. E

um, de fato, assim fala: Prostra o meu inimigo conforme fizeste submergir o carro de Faraó; outro: Fere-lhe o corpo; outro ainda: Retribui-lhes nos filhos. Acaso não reconheceis tais palavras?

Donde, portanto, essas risadas? Vês o ridículo dessas palavras quando proferidas sem emoção? E todo pecado se revela vergonhoso, quando despida a paixão daquele que o comete. Se relembrares ao que se irritara as palavras que proferiu com raiva, ele há de enrubescer e rir-se de si mesmo, e preferia sofrer mil males a tê-las pronunciado. Se levares o impudico após a união à fornicadora, ele também a repelirá como execranda. Do mesmo modo vós que estais livres da paixão, rides agora, pois são palavras ridículas, próprias de embriaguez de velhas e de mesquinhez feminina. Igualmente José, vendido como escravo e lançado no cárcere, nem assim proferiu palavra acerba contra aqueles que o lesaram; mas o que disse? “Com efeito, às ocultas fui raptado da terra dos hebreus” (Gn 40,15) e não acrescentou por quem. Tinha mais vergonha do crime dos irmãos do que aqueles que o perpetraram. Assim também nos convém, em prol daqueles que nos injuriam, angustiarmo-nos mais profundamente do que eles próprios, porque o dano para eles passa. Como aqueles que pisoteiam pregos pontiagudos e se gabam disso, são dignos de comiseração e de lástima por causa dessa loucura, de igual modo os que lesam aqueles que nenhum mal lhe fizeram, merecem mais lamento e pranto do que repreensão, porque ferem as suas próprias almas. Nada tão perverso quanto a alma que lança imprecações, nem mais impuro do que a língua que apresenta tal vítima. Tu és um homem; não vomites veneno de áspide; és um homem, não te transformes em fera. A boca não te foi dada para morderes, mas para curares as feridas alheias. Recorda-te de que te ordenei, diz Deus, ter indulgência e perdoar. Tu, porém, rogas que seja teu companheiro na transgressão de meus preceitos e mordes teu irmão, manchas de sangue a língua, à semelhança dos loucos cujos dentes fazem sangrar o próprio corpo. Pensa quanto prazer causas ao diabo, quanto riso provocas, quando ele ouve essas preces. E Deus se irrita, e tem aversão e ódio ao fazeres tais súplicas. O que haveria de mais grave? Se não é permitido àquele que possui inimigos aceder aos mistérios, quem não só os tem, mas ainda lança-lhes imprecações, não há de ser expulso do recinto do templo? Ponderando, portanto, tais razões, e reconhecendo a causa desse sacrifício, a saber, que Cristo foi morto em favor de seus inimigos, não tenhamos nem mesmo um só inimigo; e se o tivermos, rezemos por ele, a fim de comparecermos confiantes, após termos conseguido o perdão dos pecados, perante o tribunal de Cristo, ao qual se tributem glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEXTA HOMILIA

3,1. *Começamos de novo a nos recomendar? Ou será que, como alguns, precisamos de cartas de recomendação para vós ou da vossa parte?*

O Apóstolo previne a objeção de que se enaltecia a si mesmo, apesar de previamente ter dado tal aviso, ao dizer: *“E quem estaria à altura de tal missão?”*, e: *“É com sinceridade que falamos”* (2Cor 2,16-17); mas certamente não bastou. É costume seu e estava tão longe de enaltecer-se que excessiva e exageradamente foge do orgulho. Observa, rogo-te, a singular sabedoria de Paulo. De tal forma ele exalta, assinalando que são esplêndidos e insignes eventos aparentemente tristes, isto é, as tribulações, que a objeção brotara de suas palavras. Age de modo idêntico no final da Carta. Após enumerar inúmeros perigos, contumélias, ansiedades, angústias etc. logo adita estas palavras: *“Não nos recomendamos de novo junto a vós, mas desejamos dar-vos ocasião de vos gloriardes”* (2Cor 5,12). E lá com vigor o repete, e em termos de maior consolação. Aqui, são palavras de caridade: *“Ou será que, como alguns, precisamos de cartas de recomendação?”*. Ali o que pronuncia é repleto de bom senso, necessário, útil e vigoroso: *“Não nos recomendamos de novo junto a vós, mas desejamos dar-vos ocasião de vos gloriardes a nosso respeito”*. E ainda: *“Julgais que nós nos queremos justificar*

diante de vós? Não; é diante de Deus, em Cristo, que falamos... Com efeito, receio que, quando aí chegar, não vos encontre tais como vos quero encontrar, e que, por conseguinte, me encontreis tal como não quereis” (2Cor 12,19-20). Na verdade, para não ter a fama de adular, de procurar ser honrado por eles, utiliza esses termos: “*Com efeito, receio que, quando aí chegar, não vos encontre tais como vos quero encontrar, e que, por conseguinte, me encontreis tal como não quereis”* . Com efeito, essas palavras contêm intensa repreensão; no início não foi assim, mas empregou termos mais suaves. O que pretende com essas palavras? Falou acerca das tentações e perigos, e que em toda parte venceu da parte de Deus em Cristo, e a terra inteira conhece esses triunfos. Uma vez que falara de si com termos magníficos, opõe ele próprio uma objeção, dizendo: “*Começamos de novo a nos recomendar?”* O sentido é o seguinte: provavelmente alguém retrucará: O que é isso, Paulo? Falas assim de ti mesmo, e te exaltas? Eliminando esta suspeita, afirma: Não queremos gabar-nos e exaltar-nos; estamos longe de precisarmos de cartas de recomendação junto de vós, porque vós mesmos sois as nossas cartas.

2. *Nossa carta sois vós,*

O que significa: “*Sois vós*”? Se precisasse de recomendação diante de outros, apresentar-vos-ia como minha carta, conforme dizia na Primeira Carta: “O selo do meu apostolado sois vós” (1Cor 9,2). Nessa passagem não é assim que se pronuncia, mas fala com certa ironia, a fim de aguilhoar mais: “*Ou será que precisamos de cartas de recomendação?”* E aludindo aos falsos apóstolos: *“Ou será que, como alguns”*, junto de vós*, “precisamos de cartas de recomendação”* vossas, para os outros? Em seguida, porque era pesado o que proferira, suaviza com este suplemento:

2. *Nossa carta sois vós, carta escrita em nossos corações, reconhecida e lida por todos os homens.*

3. *Evidentemente, sois uma carta de Cristo,*

Nesse trecho presta-lhes testemunho não só de amor, mas ainda de boas obras, porque efetivamente são tais que podem demonstrar em geral a dignidade do mestre através de sua própria virtude. É o significado da expressão: *“Nossa carta sois vós”*. Isto é, o que as cartas teriam feito para nos recomendar e obterem reverência para conosco, vós nos prestais aos que vos veem e ouvem. Com efeito, a virtude dos discípulos costuma ornar e recomendar mais o mestre do que uma carta. *“Escrita em nossos corações”*, isto é, que todos conhecem, de tal sorte vos levamos conosco por toda parte, e conservamos a lembrança de vós. Diz mais ou menos isso: Sois a nossa recomendação diante dos demais, pois vos carregamos sempre no coração e proclamamos vossas boas obras perante todos. Com isso, pelo fato de serdes nossa recomendação diante dos outros, não precisamos de vossas cartas; mas também vós não precisais de nossa recomendação, porque vos amo principalmente. De fato, as cartas são necessárias diante de estranhos; vós, porém, estais em nossa memória. E não disse apenas: Estais, e sim: Sois “*carta escrita”*, isto é, não podeis ser apagados. De igual forma que os que leem uma carta, assim todos os que conhecem o nosso coração ficam informados acerca do amor que vos dedicamos.

Por conseguinte, se a função de uma carta consiste em manifestar que este ou aquele é meu amigo, e goza de minha confiança, basta vosso amor para comigo para que tal aconteça. Com efeito, se formos ter convosco, não precisamos de forma alguma de recomendação alheia, porque o amor que me dedicais já preencheu essa tarefa, ou perante outros não há necessidade alguma de cartas, porque o amor nos basta, visto que levamos a carta em nossos corações. Logo, enaltecendo-os ainda mais, denomina-os carta de Cristo, nestes termos: “*Evidentemente, sois uma carta de Cristo”*. Ora, tendo afirmado isso, daí retira a oportunidade e o início de um exame sobre a questão da Lei. Aliás, nessa passagem declara que eles eram uma carta, pois acima os denominava carta de recomendação; aqui,

porém, os chama de carta de Cristo, porque têm inscrita a Lei de Deus. De fato, o que Deus queria que fosse revelado tanto a vós quanto a todos, foi inscrito em vossos corações. Nós, contudo, vos preparamos para receberdes a carta. Como Moisés esculpiu as pedras e as tábuas, assim também nós fizemos em vossas almas; por isso diz: entregue ao nosso ministério,

De fato, eles estavam em condição semelhante, porque aquelas foram gravadas por Deus, e estas pelo Espírito. Qual, então, a diferença?

Escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações!

Quanta diferença há entre o Espírito e a tinta, e entre as tábuas de pedra e as carnais tanto são distintas as duas condições; e em consequência, entre os que se dedicaram e aquele que se entregou a esta obra. Por esse motivo, Paulo, uma vez que falara de atos grandiosos, logo se lastima, dizendo:

4. *Tal é a certeza que temos, graças a Cristo, diante de Deus.*

E novamente atribui tudo a Deus; Cristo, afirma, é a causa de tudo isso em nós.

5. *Não como se fôssemos dotados de capacidade tal que pudéssemos atribuir algo a nós mesmos,*

Vê novamente outra precaução; de fato, Paulo, em primeiro lugar, se excede nesta virtude, a saber, a humildade. Acontece, então, que todas as vezes que diz algo de grandioso de si mesmo, emprega todos os esforços para de algum modo se diminuir. É o que faz também aqui, com estas palavras: *"Não como se fôssemos dotados de capacidade tal que pudéssemos atribuir algo a nós mesmos"*. Isto é, não disse: *"Tal é a certeza que temos"*, como se uma coisa fosse nossa, outra de Deus, mas tudo julgo ser de Deus e lhe atribuo, mas é de Deus que vem a nossa capacidade.

6. *Foi ele quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova,*

O que significa: *"Quem nos tornou aptos"*? Fez com que sejamos potentes e capazes. Verdadeiramente não é tarefa insignificante ser portador destas tábuas e cartas ao orbe, muito mais valiosas do que as primeiras; e por isso também acrescentou: *não da letra, e sim, do Espírito,*

Eis novamente outra distinção. Qual? Acaso a Lei não era espiritual? Como então, ele diz: "Sabemos que a Lei é espiritual" (Rm 7,14)? Era, de fato, espiritual, mas não transmitia o Espírito, pois Moisés não comunicou o Espírito, e sim a letra; a nós, contudo, foi-nos confiado transmitir o Espírito. Por esse motivo o Apóstolo prossegue: *pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida.*

Não o assegura em vão, mas acena para os que se orgulhavam das prescrições judaicas. Por letra, neste trecho, entende a Lei que castigava os pecadores; por Espírito, porém, a graça do batismo, através da qual os mortos pelo pecado são novamente vivificados. Por conseguinte, após aquela distinção entre a natureza das duas tábuas, não para aí, mas prossegue avante. Dessa forma o ouvinte poderia apreender melhor, por ser mais útil e fácil. Não é laborioso, e contém maior graça. Com efeito se, ao falar de Cristo, ressalta mais a benignidade do que nosso mérito, e os religa entre si, necessariamente o fará ao tratar da Aliança. O que significa, portanto estas palavras: *"A letra mata"*? Referira-se às tábuas de pedra e às de carne, contudo parecia não distinguir bastante. Acresce, portanto, que aquelas eram inscritas com letras e tinta, estas pelo Espírito. Isso, porém, não os estimulava muito. Por fim enuncia o que podia dar-lhes asas, a saber: *"A letra mata, mas o Espírito comunica a vida"*.

O que é isso? Sob a Lei, o pecador é punido; aqui, quem tem pecado acede ao batismo e torna-se justo; justificado vive, livre da morte do pecado. Se a Lei apreender um homicida, executa-o; se a graça pegar um homicida, ilumina-o e vivifica-o. Por que falo de um homicida? A Lei, apossando-se daquele que apanhara lenha no sábado (Nm 15), apedrejou-o. *"A letra mata."* A graça, ao invés, acolhe mil homicidas e ladrões, batiza-os e apaga os pecados anteriores; é o sentido da locução: *"O*

Espírito comunica a vida". A Lei àquele que foi depreendido, de um vivo faz um morto; a graça transforma o réu de morto em vivo. "Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo", e não disse: E eu vos atormentarei, e sim: "E eu vos darei descanso" (Mt 11,28). De fato, no batismo os pecados são sepultados, os anteriores são apagados, o homem é vivificado, inscreve-se no seu peito, à guisa de uma tábua, toda a graça. Reflete, por favor, na imensa dignidade do Espírito, pois as suas tábuas são melhores do que as primeiras, e ele realiza algo de mais importante que a própria ressurreição da carne. Com efeito, a morte da qual ele liberta é pior que a corporal e tanto mais quanto a alma é melhor do que o corpo, e a própria ressurreição corporal fundamenta-se na vida que é dom do Espírito. Se é possível que a ressurreição espiritual seja conferida, muito mais a inferior, a qual, na verdade, também os profetas realizaram; a espiritual, porém, não. Ninguém, pois, exceto Deus, pode perdoar os pecados. Nem os profetas, sem a atuação do Espírito, podiam conferir a corporal. Não é a única coisa admirável que ele vivifique, e sim dar aos outros o poder de vivificar. "Recebei o Espírito Santo", diz a Escritura. Para quê? Talvez sem o Espírito não era possível? Mas Deus, para mostrar que ele possui o poder do alto e a essência régia, e idêntica força, emprega estas palavras; por isso adita: "Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos" (Jo 20,22-23). Visto que nos doou a vida, permaneçamos vivos, e não retornemos ao precedente estado mortal. "Cristo... já não morre". O que morreu, "morreu para o pecado uma vez por todas" (Rm 6,9-10), e não quer apenas salvar-nos através da graça, porque do contrário ficaríamos sem serventia; quer que contribuamos com alguma coisa. Por conseguinte cooperemos e conservemos viva a alma.

Aprende pelo exemplo do corpo em que consiste a vida da alma. Pois dizemos que o corpo vive quando anda com passo seguro; ao invés, quando jaz em decomposição, ou quando se move com dificuldade, embora pareça viver ou andar, tal vida é pior do que a morte. Igualmente quem não fala com mente sadia, mas loucamente, vê uma coisa por outra, é também mais miserável do que os mortos. Assim a mente que não está sadia, embora aparente viver, está morta: não vê o ouro enquanto ouro, mas como algo de precioso; não pensa no futuro, mas rasteja; faz uma coisa por outra. Donde se evidencia que possuímos uma alma? Não é através das ações? Se, portanto, não preenche suas funções, não está morta? Por exemplo, se não te preocupas com a virtude, mas roubas e levas vida péssima, como posso afirmar que tens uma alma? Porque andas? Ora, isso também os irracionais fazem. Acaso porque comes e bebes? Ora, também as feras. Ou porque te manténs ereto, e te firmas nos dois pés? Ora, isso antes me indica que és uma fera em forma humana. De fato, embora a posição ereta não, mas o restante te seja comum com as feras, isso mesmo me perturba e atemoriza, e mais considero um portento o que vejo. Com efeito, se visse uma fera que falasse em linguagem humana, não diria que é um homem; ao invés, que se trata de uma fera mais prodigiosa que as demais. Donde, pois, tornar-se-me-á evidente que tens alma humana, se recalcitras como um asno, se te lembras das injúrias como um camelo, se mordes como um urso, se arrebatas como um lobo, se roubas como uma raposa, se és astuto como uma serpente, se te portas tão insolentemente como um cão? Donde, diria, posso entender que estás dotado de alma humana? Queres que indique uma alma morta e outra viva? Vamos aludir àqueles homens de outrora, ou melhor, apresentemos aquele rico que vivia no tempo de Lázaro (Lc 16) e entenderemos o que significa a morte da alma. De fato, o rico tinha morta a alma, conforme manifestavam as suas ações. Não cumpria nenhum dos deveres espirituais, mas só comia e bebia e entregava-se aos prazeres.

Tais são também agora os homens inclementes e cruéis; têm a alma morta, como aquele rico. Dissipou-se todo o calor que mana da caridade para com o próximo, e a alma está mais morta do que um corpo inanimado. Tal não era o pobre, mas brilhava no cume da sabedoria. E apesar de lutar

continuamente com a fome, e não lhe ser concedido o alimento necessário, nem assim proferiu blasfêmia contra Deus, mas tudo suportou com ânimo generoso. Essa atitude não provém de um ânimo mesquinho, mas é máxima prova de disposição forte e sadia. Se esta faltar, manifesta-se que ele pereceu, a alma está morta. Acaso não dizemos que está morta a alma que o diabo invade, ferindo, traspassando, mordendo, dando pontapés, sem que ela, prostrada, perceba coisa alguma, nem fique pesarosa se lhe são raptadas as riquezas, e enquanto ele ataca, ela continua imóvel, e à guisa de um corpo inanimado nada sente? De fato, se não possuir intenso temor de Deus, forçosamente sucederá assim, e ela se tornará mais miserável do que os mortos. Pois a alma, como o corpo, não se decompõe em podridão, cinzas e pó, mas no que é mais fétido, em embriaguez, ira, avareza, amores desordenados e inoportunos desejos. Se queres verificar com absoluta certeza seu mau odor, dá-me uma alma pura, e então claramente verás quão fétida e impura ela é. Agora, pois, não podes de forma alguma vê-la, porque o olfato, acostumado ao mau cheiro, se embota. Nós, porém, sustentados por palavras espirituais, reconhecemos o mal que a muitos parece indiferente. E ainda não estou me referindo à geena. Se te apraz, examinemos as realidades presentes e consideremos que não é quem perpetra crimes vergonhosos, mas quem profere palavras torpes que se faz ridículo, em primeiro lugar ultraja-se a si mesmo e, enquanto vomita imundícies, a si mesmo se contamina. De fato, se o fluxo é impuro, pondera qual será a fonte desta impureza: “A boca fala daquilo de que o coração está cheio” (Mt 12,34). Eu, porém, não lamento apenas o fato, e sim porque a alguns nem parece absurdo. Os males se incrementam quando pecamos e não o consideramos pecado.

Queres saber quanto é grave emitir palavras obscenas? Observa como os ouvintes se envergonham de tua imoralidade. O que há de mais vil, mais desprezível do que um homem a proferir palavras indecorosas? Classifica-se entre histriões e prostitutas; ou antes, eles têm mais pudor. De que maneira queres induzir à pudicícia a tua mulher, se por tais palavras a incitas à impureza? É preferível um vômito putrefato a uma palavra indecente. E agora, se a boca está fétida, não aceitas os alimentos comuns; entretanto, a alma de tal forma exala mau odor, ai de mim, e ousas participar dos mistérios? Dize-me. Se alguém pegasse um vaso impuro e o colocasse em tua mesa, exigirias que fosse fustigado; tu, porém, pergunto, estando Deus sobre a mesa (sua mesa é nossa boca, ao receber a eucaristia), proferes palavras mais execráveis do que qualquer vaso impuro, julgas que não o provocas à ira? É possível? Nada tanto irrita o Deus santo e puro quanto essas palavras. Nada torna os homens de tal forma temerários e impudentes quanto falar e ouvir tais palavras. Nada tanto enerva a honestidade quanto a chama que elas acendem. Deus colocou em tua boca o unguento; tu, porém, nela guardas palavras mais fétidas do que um cadáver, e matas a própria alma e a tornas inanimada. Na verdade, se injurias a alguém, as palavras não vêm da alma, mas da raiva. Se falas palavras obscenas, não provêm da alma, mas da concupiscência. Se cometes detração, originam-se da inveja. Se planejas ciladas, da avareza. Não são oriundas da alma, mas das paixões e das enfermidades. Da mesma forma, a decomposição não parte simplesmente do corpo, mas da morte e da corruptibilidade; o mesmo acontece com as fraquezas que advêm à alma. Se queres ouvir a voz de uma alma viva, escuta o que diz Paulo: “Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso” (1Tm 6,8); e: “A piedade é de fato grande fonte de lucro” (ib. 6); e: “O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (Gl 6,14). Escuta o que diz Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto te dou” (At 3,6). Escuta como Jó dá graças: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou” (Jó 1,21). São palavras de uma alma viva, e que emprega a própria energia. Assim também se exprimia Jacó: “Se o Senhor me der pão para comer e roupas para me vestir” (Gn 28,20). Igualmente José: “Como poderia eu realizar um tão grande mal e pecar contra Deus?” (Gn 39,9). Tal não era aquela mulher bárbara, mas de certo modo falava em embriaguez e delírio: “Dorme comigo!” (Gn 39,7). Cientes dessas coisas, imitemos a alma que vive,

fujamos da que está morta, a fim de obtermos a vida futura. Possamos todos nós consegui-la, pela graça e amor aos homens etc.

SÉTIMA HOMILIA

7. *Ora, se o ministério da morte, gravado com letras sobre a pedra, foi tão assinalado pela glória que os israelitas não podiam fixar os olhos no semblante de Moisés por causa do fulgor que nele havia – fulgor, aliás, passageiro –* ,

8. *como não será ainda mais glorioso o ministério do Espírito?*

O Apóstolo dissera que, enquanto as tábuas de pedra de Moisés continham letras, os corações dos apóstolos eram carnais e as letras eram gravadas pelo Espírito, e que *"a letra mata, mas o Espírito comunica a vida"*, faltava a esta comparação outro suplemento não insignificante: a glória de Moisés. Esta, de fato, ninguém a viu com os olhos corporais no Novo Testamento. Daí também parecer grande, por ser glória sensível, vista com os olhos corporais, embora inacessível; ao contrário, a glória do Novo Testamento era intelectual. O conhecimento dessa sublimidade não era perceptível aos mais fracos, enquanto aquela glória mais os exaltava e atraía a si. Uma vez que fizera a comparação e empenhava-se em demonstrar a superioridade dessa glória, tarefa difícil por causa da rusticidade dos ouvintes, vê o que ele faz e com que arte o executa. Em primeiro lugar, aduz as razões da diferença, deduzindo-as das asserções precedentes. Pois, se aquela era *"ministério da morte"*, esta, porém, é da vida, é indubitável que esta em glória é preeminente. Como não podia propor que fosse vista com os olhos corporais, declara sua precedência, nesses termos: *"Ora, se o ministério da morte... foi tão assinalado pela glória... como não será ainda mais glorioso o ministério do Espírito?"*. Por *"ministério da morte"* entende a Lei. Ora, por enquanto vê quanta cautela utiliza nessa comparação para não oferecer oportunidade aos hereges. Pois não diz: A Lei é autora da morte, mas: É *"ministério da morte"*, pois ministrava a morte, não a produzia. Era o pecado que causava a morte; a Lei, contudo, introduzia o castigo e indicava o pecado, não o causava. Mais claramente revelava o mal e o castigava, mas não impelia ao mal. E não servia ao intuito de favorecer o pecado ou a morte, mas de punir o pecador e com isso apagava o pecado.

Enquanto mostrava ser horrível o pecado, sem dúvida também manifestava que devia ser evitado. Assim, portanto, quem empunha a espada e degola o criminoso, é ministro do juiz que pronuncia a sentença. Não é ele que mata, embora corte a cabeça. De seu lado também, não é quem pronuncia a sentença e condena, mas a maldade daquele que sofre o suplício. Assim igualmente aqui não era a Lei que causava a morte, mas era o próprio pecado que matava e condenava; a Lei, contudo, atemorizando, tirava a força do pecado, coibindo-o por medo do castigo. A Paulo, entretanto, não bastou tal asserção para declarar a importância da questão, mas acrescentou ainda: *"Gravado com letras sobre a pedra"*. Vê como novamente reprime a opinião dos judeus. A Lei não era outra coisa senão letras; das letras não se origina subsídio algum, nem inspirava os combatentes, como no batismo, mas consistia em tábuas escritas, que causava a morte dos transgressores das letras. Viste-o rebater o esforço de contenção dos judeus, e retirar por meio dos próprios vocábulos a autoridade da Lei, chamando-a de pedra, letras e ministério da morte, e além disso gravadas? Nada mais designa senão que a Lei estava fixa num só lugar, e não era como o Espírito, onipresente, a inspirar a todos grande força. Ou certamente indica que as letras enunciavam muitas ameaças indeléveis, permanentes, porque insculpidas em pedra. Em seguida também, quando parecia elogiar as normas antigas, mais uma vez inclui simultaneamente uma acusação aos judeus. Tendo dito: *"Gravado com letras sobre a pedra, foi tão assinalado pela glória"*, acrescentou: *"que os israelitas não podiam fixar os olhos no semblante*

de Moisés”. Constituía uma declaração da grande fraqueza de ânimo e da propensão para as realidades terrenas. E ainda não afirma: Por causa da glória das tábuas, e sim: *“Por causa do fulgor que nele havia, fulgor, aliás, passageiro”* , manifesta que era glorioso o portador das tábuas, não elas. De fato, não declara: Não podiam fixar os olhos nas tábuas, e sim: *“No semblante de Moisés”*. E, ainda, não dizia: Por causa do fulgor das tábuas, e sim: *“Por causa do fulgor”* de seu rosto. Em seguida, após havê-lo enaltecido, vê como ao invés o diminui, dizendo: *“Aliás, passageiro”*, embora não tenha aspecto de acusação e sim de esgotamento. Verdadeiramente, não asseverou: Porque se corrompia, ou: Porque é mau, e sim: Porque terminou, teve um fim. *“Como não será ainda mais glorioso o ministério do Espírito?”* Com confiança exalta a dignidade do Novo Testamento, fora de qualquer dúvida. E vê o que faz: Opõe à pedra o coração, e às letras o Espírito. Logo após, havendo apontado o resultado oriundo de ambas, já não se ocupa do que é próprio das duas, mas, depois de exprimir o que se origina da letra, a saber, morte e condenação, não se refere ao que gera o Espírito, isto é, a vida e a justiça, mas ao próprio Espírito. É ampliação do discurso. Pois, o Novo Testamento não somente comunicava a vida, mas também subministrava o Espírito, que trazia a vida, o que era muito mais do que a vida. Por isso disse: *“O ministério do Espírito”*. Depois, ainda inculca o mesmo, dizendo:

9. *Na verdade, se o ministério da condenação foi glorioso,*

Mais claramente expõe o que significam as palavras: *“A letra mata”;* afirma o que mencionamos acima, a saber, que a Lei indicava o pecado, não o operava.

muito mais glorioso será o ministério da justiça.

Com efeito, aquelas tábuas indicavam os pecadores e aplicavam-lhes o castigo; estas, contudo, não somente não punia os pecadores, mas transformava-os em justos, pois o batismo tal concedia.

10. *Mesmo a glória que então se verificou parcialmente pode ser considerada glória, em comparação com a glória atual, que lhe é muito superior.*

Mais acima manifesta que também isto é glória, não simplesmente glória, mas abundante. De fato, não disse: “*Como não será mais glorioso o ministério do Espírito?”*, e sim: *“Ainda mais glorioso”*, comprovando-o com os mencionados argumentos. Nessa passagem, contudo, explana também quão grandiosa é a preeminência com essas palavras. Em comparação com ela, a glória do Antigo Testamento não vem a ser glória. Com tais palavras não estabelece simplesmente que não é glória, mas por comparação, e por isso adiciona: “*Parcialmente”*, isto é, se for realizada uma comparação. Todavia, não rejeita o Antigo Testamento, mas vigorosamente o recomenda. Com efeito, costuma-se comparar as coisas que têm afinidade entre si. Logo após faz diverso raciocínio a demonstrar a preeminência dessa glória. Qual? A derivada do tempo, nesses termos:

11. *Pois, se o que é passageiro foi assinalado pela glória, com mais razão o que permanece deve ser glorioso.*

Aquele chegou a um termo, este permanece para sempre.

12. *Fortalecidos por tal esperança, temos plena confiança:*

Visto que o ouvinte escutara tantas e tão importantes afirmações sobre o Novo Testamento, e desejava ver com os próprios olhos essa glória, vê por que razão ele a adia para o século futuro. Apresenta a esperança, dizendo: “*Fortalecidos por tal esperança”*. Qual? A de termos conseguido maior dignidade do que Moisés, não somente nós apóstolos, mas também todos os fiéis. “*Temos plena confiança”*. Perante quem? – pergunto. Perante Deus ou perante os discípulos? Junto de vós, diz ele, que considero meus discípulos. Isto é: Falamos com plena confiança, sem ocultar, dissimular,

suspeitar coisa alguma, mas claramente. Nem receamos ofuscar-vos o olhar, como acontecia a Moisés relativamente aos judeus. Escuta as palavras subsequentes com as quais o sugere. Ou antes, seria necessário narrar a própria história, porque ele também assiduamente a cita. Qual é, então, a história? Moisés, após ter recebido pela segunda vez as tábuas, descia, seu rosto irradiava certa glória, e brilhava tanto que os judeus não podiam aproximar-se dele, nem falar-lhe, enquanto não pusesse um véu sobre a face. Assim se acha escrito no Êxodo: "Quando Moisés desceu da montanha do Sinai, trazia nas mãos as duas tábuas... E não sabia que a pele de seu rosto resplandecia; ...e tinham medo de aproxi-
mar-se dele. Moisés, porém, os chamou e lhes falou. Quando Moisés terminou de lhes falar, colocou um véu sobre a face. Quando Moisés entrava diante do Senhor para falar com ele, retirava o véu, até o momento de sair" (Ex 34,29-34). O Apóstolo citando esta história, disse:

13. *não fazemos como Moisés, que colocava um véu sobre a face para que os filhos de Israel não percebessem o fim do que era transitório...*

O sentido das palavras é o seguinte: não há necessidade de que, à semelhança de Moisés, coloquemos um véu. Podeis contemplar-nos na glória que nos circunda, embora seja muito maior e esplêndida do que a de Moisés. Vês o progresso? Àqueles aos quais dizia na primeira carta: "Dei-vos a beber leite, não alimento sólido" (1Cor 3,2), aqui declara: "*Temos plena confiança*". Menciona Moisés e avança por uma comparação a fim de conduzir os ouvintes ao alto. Em primeiro lugar os antepõe aos judeus, dizendo: Não precisamos de véu, como Moisés diante do povo que lhe estava sujeito. As palavras seguintes apelam para a dignidade do legislador e são muito mais importantes.

Sobre o Filho: "*A fim de que não vejam brilhar a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus*". Enfim, a respeito do Pai: "*Porquanto Deus, que disse: 'Do meio das trevas brilhe a luz!', foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações*", para fazer brilhar o conhecimento da sua glória, que resplandece na face de Cristo.

Como após dizer: "*O evangelho da glória de Cristo*" acrescentou: "*que é a imagem de Deus*", indicando que eles estavam privados desta glória, assim tendo dito: "*O conhecimento de Deus*", adicionou: "*Na face de Cristo*", para salientar que chegamos por Cristo ao conhecimento do Pai, como também pelo Espírito somos guiados para ele.

Tribulações e esperanças do ministério

7. *Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós.*

Considerando que ele discursara difusa e amplamente a respeito daquela indizível glória, para evitar que replicasse alguém: Como pode ser que, fruindo de tamanha glória, permaneçamos num corpo mortal? Justamente é especialmente admirável e enorme prova do poder divino ter podido um pequeno vaso de argila ser portador de tamanho esplendor e abrigar tão grande tesouro. O próprio Paulo, admirado, dizia: "*Para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós*". Com essas palavras de novo alude àqueles que se gloriavam de si mesmos. De fato, a grandeza dos dons e a fraqueza dos receptores demonstram a força de Deus, não apenas porque concedera grandes dádivas, mas porque o fizera também aos pequenos. Ao afirmar que são de argila, alude à fragilidade da natureza mortal, e evidencia a fraqueza de nossa carne. Em nada é melhor do que a argila; manifesta-se exposta aos estragos e se dissolve facilmente pela morte, as doenças, as intempéries etc. O Apóstolo o afirmava tanto para reprimir-lhes a arrogância quanto para demonstrar que o que é humano não depende de nossas forças.

Enfim, a força de Deus brilha principalmente ao realizar coisas grandiosas por meio de seres insignificantes. Por isso, diz Paulo também em outra passagem: *“É na minha fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”* (2Cor 12,9). No Antigo Testamento, todo o exército dos bárbaros fugia diante dos mosquitos e das moscas (Deus chamava as lagartas sua grande força [Jl 2,25]), e outrora apenas confundindo as línguas, causou o malogro da grande torre de Babel. Além disso, nas guerras, ora por intermédio de trezentos homens vencia inúmeros inimigos, ora com o som das trombetas desbaratava cidades, e finalmente por meio de um jovem e vulgar adolescente, Davi, punha em fuga toda a fileira dos bárbaros. Da mesma forma, aqui também, enviando somente doze homens, perseguidos e combatidos, conseguiu vitória sobre o orbe. Extasiemo-nos, portanto, admiremos e adoremos o poder de Deus. Perguntemos aos judeus, perguntemos aos gentios, quem persuadiu a terra inteira a renunciar às instituições paternas, e a adotar outro estilo de vida? Foi o pescador ou o fabricante de tendas? O publicano, o indouto e ignorante? E como explicar o evento, se não fosse a força divina que realizava tudo por intermédio deles? Pois o que diziam para persuadir? Recebei o batismo em nome do crucificado (At 2,38). De quem? Daquele que nunca haviam visto. E todavia, ao falarem e anunciarem, convenciam os ouvintes de não serem deuses os que vaticinavam e lhes foram transmitidos por seus maiores; mas Cristo crucificado a todos atraía. Entretanto, constava a todos que fora suspenso na cruz e sepultado; mas poucos verdadeiramente o haviam visto ressuscitado. No entanto, convenceram disto mesmo os que não haviam visto; e não só, mas também que subira aos céus, e haveria de vir para julgar os vivos e os mortos.

Donde, portanto, vinha a força de persuasão destas palavras? Dize-me. De parte alguma, a não ser do poder de Deus. Primeiramente, a novidade dos feitos instigava a animosidade. Quando alguém inova em coisas tais, o problema se torna mais grave, porque infringe os fundamentos dos antigos costumes e arranca as leis radicalmente. Acrescente-se que os arautos não pareciam fidedignos. Com efeito, pertenciam à nação odiosa a todos, e eram tímidos e indoutos. Como, então, submeteram o orbe? De onde vem que juntamente com vossos deuses expulsaram a vós e a vossos maiores, que se julgavam filósofos? Não é evidente que tinham Deus consigo? Tão preclaros feitos não dependem do poder humano, mas de determinado e inefável poder divino. Absolutamente não, replicam eles, mas usaram de magia. Então, deveriam aumentar o império dos demônios, e ampliar o culto dos ídolos. Como este foi abolido e extinto, enquanto ao nosso sucede o oposto? Daí se evidencia que aconteceu segundo o plano de Deus, e não somente pela pregação, mas pelo próprio modo de viver deles. Quando, de fato, a virgindade germinou tanto por toda parte da terra? Quando houve tal desprezo das riquezas, da vida e dos demais bens? Com efeito, os perversos e os sedutores nada disso fizeram, mas exatamente o contrário. Ora, eles não só nos ensinaram, mas também praticaram um estilo de vida angélico, em nossa região, na dos bárbaros e até os confins da terra. Donde se vê que foi a força de Cristo que operou sempre, brilhando em todos os lugares e iluminando as mentes dos homens mais rapidamente do que um raio. Considerando tudo isso, e percebendo naquilo que já se realizou a prova evidente da verdade da promessa dos bens futuros, adorai conosco a invicta força do crucificado, para escapardes dos tormentos intoleráveis e conseguirdes o reino eterno. Que o alcancemos todos nós, pela graça e amor aos homens etc.

NONA HOMILIA

8. *Somos atribulados em tudo, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não desorientados;*

9. *perseguidos, mas não abandonados;*

Continua o Apóstolo ainda a demonstrar que se trata em tudo de obra de Deus, reprimindo o orgulho dos que se gloriavam em si mesmos. Não é admirável apenas que guardemos este tesouro em vasos de argila, mas que, sofrendo mil tribulações, e atingidos de todos os lados, o conservemos e não o percamos.

Até mesmo se o vaso fosse de aço, não seria possível carregar tal tesouro, nem suportar tantas insídias; no entanto nós o levamos e pela graça de Deus nada de grave padecemos. *“Somos atribulados em tudo, mas não esmagados”*. O que significa: *“Em tudo”*? Relativamente aos inimigos, aos amigos, às necessidades, a outras carências, aos nossos e aos inimigos. *“Mas não esmagados.”* Vê que declara ser tal a adversidade que se manifesta a força de Deus. *“Somos atribulados em tudo, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não desorientados.”* Isto é, não caímos num extremo. Em muitas ocasiões ficamos pesarosos e não conseguimos o que queremos, mas não a ponto de desistirmos de nossos propósitos. Deus não permite tais dificuldades para sermos vencidos, e sim para nos exercitarmos. *“Perseguidos, mas não abandonados.”*

prostrados por terra, mas não aniquilados.

Apesar de advirem tentações, não acontece o que é habitual, pelo poder e a graça de Deus. Em outra passagem, Paulo afirma que Deus as permite tanto para humilhar, quanto para a segurança alheia: *“Para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão”* (2Cor 12,7), e ainda: *“A fim de que ninguém tenha a meu respeito um conceito superior àquilo que vê em mim ou de mim ouve”* (2Cor,12,6), e em outro trecho: *“Para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos”* (2Cor 1,9). Aqui, porém: Para que brilhe o poder de Deus.

Vês quanto lucro trazem as tentações? Com efeito, mostram a força de Deus e revelam melhor a graça. “*Basta-te a minha graça*” (2Cor 12,9). Estimulavam a humildade, acalmavam os outros e tornavam-nos mais tolerantes: *“A paciência produz uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança”* (Rm 5,4). De fato, os que haviam enfrentado inúmeros perigos e, fiados na esperança em Deus, haviam escapado, aprendiam a unir-se-lhe mais em tudo.

10. *Incessantemente e por toda parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo.*

Em que consistia essa agonia do Senhor Jesus que traziam por toda parte? Os perigos de morte cotidianos, que também apontavam para a ressurreição. Efetivamente, se há alguém que não acredite que Cristo morreu e ressurgiu, vendo que morremos cada dia, e voltamos à vida, há de acreditar enfim na ressurreição. Viste como ainda encontrou outra causa das tentações? Qual? *“A fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo*”, isto é, a fim de nos livrar os perigos. Assim, o próprio aspecto de fraqueza e abandono anunciará a ressurreição. Seu poder não se revelaria se não sofrêssemos incômodo algum, de forma idêntica agora, porque apesar de sofrermos, não somos vencidos.

11. *Com efeito, nós, embora vivamos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.*

Sempre Paulo tem o costume de explicar novamente o que proferira com certa obscuridade. Fá-lo também aqui, explanando melhor o que dissera. Somos entregues à morte, assegura; quer dizer, levamos em toda parte a mortificação, para se conhecer o poder da vida de Jesus, que não permite nossa carne mortal tão sofrida ser vencida na nevada dos males. É possível entendê-lo de outro modo. Como? Conforme diz em outra passagem: “Se com ele morremos, com ele viveremos” (2Tm 2,11). Como, pois, agora somos portadores da morte de Cristo, e por causa dele queremos trocar a vida com

a morte, assim também ele quer chamar de novo à vida os defuntos. Pois se nós passamos da vida à morte, ele também será nosso guia da morte à vida.

12. *Assim a morte opera em nós; a vida, porém, em vós.*

Já não fala da morte, mas das tribulações e do alívio. Nós vivemos no meio de perigos e provações, diz ele, vós, porém, no repouso recolheis a vida obtida nos perigos. Mas nós estamos sujeitos à vida entre perigos, enquanto vós fruís de prosperidade e não vos submeteis a provações iguais às nossas.

13. *Por conseguinte, tendo o mesmo espírito de fé a respeito do qual está escrito: Acreditei, por isso falei, cremos também nós, e por isso falamos.*

14. *Pois sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus ressuscitará também a nós com Jesus*

Relembrou-nos a insigne sabedoria do salmo, que poderá especialmente animar-nos nos perigos. O justo proferiu essas palavras, entre grandes perigos, dos quais não podia escapar senão por meio do auxílio divino.

Uma vez que os parentes costumam ter grande capacidade de consolar, afirma: "*Tendo o mesmo espírito*", isto é, fiados em idêntico socorro que o livrou do perigo, nós também somos salvos. Pelo mesmo espírito pelo qual ele falou, nós igualmente falamos. Com essas palavras assinala a admirável concórdia entre o Novo e o Antigo Testamento e que o mesmo Espírito transmitiu a ambos sua força. Além disso, não somente nós vivemos no meio de perigos, mas também todos os antigos assim viveram. Por essa razão, devemos animar-nos de fé e esperança, e não pedir imediato fim dos males circunstantes.

Após ter mostrado as razões da ressurreição e da vida, e sobretudo não serem os perigos sinal de fraqueza e de abandono, avança em direção à fé, e atribui-lhe tudo isso. Para prová-lo, apresenta a ressurreição de Cristo, ao dizer: "Acreditamos, por isso falamos". Em que acreditamos? Dize-me. Aquele que ressuscitou a Cristo ressuscitará também a nós *e nos colocará ao lado dele, juntamente convosco.*

15. *E tudo isto se realiza em vosso favor, para que a graça, multiplicando-se entre muitos, faça transbordar a ação de graças para a glória de Deus.*

Mais uma vez anima-os a fim de não agradecerem aos homens, isto é, aos pseudoapóstolos. Tudo é obra de Deus, que quer gratificar a muitos a fim de que mais apareça a graça. Na verdade, por vossa causa, realizou-se a ressurreição dele e o restante. E não o fez por causa de um homem só, mas de todos.

16. *Por isso não nos deixamos abater. Pelo contrário, embora, em nós, o homem exterior vá caminhando para a ruína, o homem interior se renova dia a dia.*

De que maneira se arruína? Se é flagelado, arrastado, atingido por mil tribulações. "*O homem interior se renova de dia a dia.*" De que maneira se renova? Pela fé, esperança, boas disposições. Finalmente, intrepidez diante das aflições. À medida que o corpo é atingido por maior quantidade de incomodidades, mais o espírito possui alegre esperança, e se torna mais esplêndido, à semelhança do ouro longamente depurado no cadinho. Mas observa de que modo expurga as tristezas da vida presente.

17. *Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam com excesso.*

18. *Não olhamos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis;*

Termina com a esperança, conforme dizia também na Carta aos Romanos: "Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar" (Rm 8,24). Aqui igualmente, na elaboração do mesmo assunto, compõe as coisas presentes com as futuras: o momentâneo com o eterno, o leve com o pesado, a tribulação com a glória. E não contente com isso, coloca uma palavra duplicada, dizendo:

“Nos preparam com excesso”. Em seguida, enuncia de que modo tantas aflições se tornam leves. De que maneira ficam leves? *“Não olhamos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis.”* Assim as presentes aflições são leves, e o futuro prêmio é imenso, se nos apartarmos das coisas visíveis.

pois o que se vê é transitório,

Por conseguinte, as aflições são tais, mas o que não se vê é eterno.

Então, as coroas também são tais. E não disse: Tais são as tribulações, mas tudo *“o que se vê”*, quer os suplícios, quer o alívio, de sorte que não há motivo aqui de inércia e lá de coação. Por esse motivo, ao se referir ao futuro não disse: O reino eterno, e sim: *“Mas o que não se vê é eterno”*, seja o reino, seja o tormento, de sorte a nos incutir terror por causa deste último e nos exortar em vista daquele. Sendo, portanto, transitórias as realidades visíveis, e eternas as invisíveis, nestas fixemos o olhar. Que escusa teremos se preferirmos as transitórias às eternas? Pois, embora sejam suaves as coisas presentes, contudo não são eternas; ora as dores provenientes desta suavidade não têm fim, nem perdão. Que desculpa terão os que, tendo recebido o Espírito e tão grande benefício, se inclinam para as coisas vis e resvalam para a terra? De fato, ouço muitos a proferirem estas palavras ridículas: Dá-me o dia de hoje, e toma o de amanhã. Pois se tal é o estado das coisas no além qual dizes, replicam eles, um equivale ao outro; se, contudo, nada é assim, serão dois por nada. O que imaginar de mais malvado e demente do que essas palavras? Nós dissertamos sobre o céu, sobre aqueles bens inefáveis, e tu proferes palavras empregadas em hipódromos e não te envergonhas de usar expressões de loucos, nem te coras de estar tão preso às realidades presentes? Não deixarás de ser insensato e desarrazoado, e de delirar na idade juvenil? Se estas palavras saíssem da boca dos gentios, não seria de admirar; mas que perdão merecem os fiéis que pronunciam tais futilidades? Acaso tens por duvidosas aquelas esperanças imortais? Julgas serem inseguras? E isso merece indulgência? Mas quem, replicam eles, veio até nós, e nos anunciou o que ali acontece? Homem algum, de fato, mas foi o próprio Deus, o mais fidedigno de todos, quem o revelou. Mas, não vês as realidades do além? Nem vês a Deus. Então julgarás que Deus não existe, porque não o vês? Sem dúvida, acho que sim, responderás.

Por conseguinte, se algum dos infiéis perguntar: Quem veio do céu, e contou essas coisas? O que dirás? Como sabes que Deus existe? Pelas coisas visíveis, respondes, pela ordem que brilha na criação; enfim, porque isso é evidente a todos. Assim, portanto, aceita a palavra a respeito do juízo final. De que modo? – respondes. Eu te interrogarei e tu hás de responder. É justo este Deus, e dá a cada um o que merece? Ou, ao contrário, quer que os maus prosperem e vivam nos prazeres, e os honestos vivam de maneira oposta? Não, respondes; pois nem um homem o toleraria. Onde, portanto, os que nesta vida praticaram a virtude gozarão de felicidade? Onde, ainda, haverá o contrário para os maus, se não haverá vida, nem retribuição no futuro? Vês que ainda temos um por um e não dois por um? Eu, contudo, te mostrarei ainda que nem um por um haverá para os maus, mas dois por um para os justos, e para os pecadores e os que se dão aos prazeres será o oposto. Pois, os que se entregaram aos prazeres nesta vida, não receberam nem um por um, enquanto os de vida virtuosa, dois por um. Quais dos dois estarão gozando, os que abusaram na vida atual, ou os que se entregaram à sabedoria? Tu talvez digas que são aqueles, mas eu demonstrarei que são estes últimos, citando como testemunhas aqueles que gozaram dos bens presentes, que não serão insolentes a ponto de se oporem ao que vou dizer. De fato, muitas vezes eram amaldiçoadas as que intervinham num casamento e o dia em que preparavam a câmara, e era proclamado feliz quem não se casasse. Muitos jovens que podiam se casar, desistiram por serem pesados os encargos. E não o digo para acusar o matrimônio (porque é respeitável), mas aqueles que o usam mal. Se aqueles que se casaram muitas vezes julgaram esta vida insuportável, o que diremos daqueles que caíram na voragem dos prostíbulos, e se tornaram mais servis e miseráveis do que qualquer escravo? O que direi daqueles que apodreceram na lama dos

prazeres, e se envolveram em inúmeras doenças corporais?

Entretanto, é suave estar cercado de glória. Nada pior do que esta escravidão. Com efeito, quem foi captado pela cobiça da glória de sorte a esforçar-se por agradar a todos, é mais servil do que qualquer escravo; aquele que a calca é superior a tudo, e não se preocupa com a glória da parte dos demais homens.

Mas é desejável ter riquezas. Todavia, frequentemente já demonstramos que são mais ricos e tranquilos os que estão livres delas, nada têm.

Mas é agradável embriagar-se. E alguém o poderia afirmar?

Sem dúvida, é mais suave ser pobre do que rico, abster-se do matrimônio do que se casar, desprezar a vanglória do que ambicioná-la, não buscar as delícias do que procurar os prazeres, e aqui na terra mais possuem os que não estão presos aos bens presentes. Assim me exprimo porque o justo, apesar de padecer inúmeros tormentos, possui, contudo, excelente esperança a sustentá-lo; o malvado, ao invés, embora goze de inúmeros prazeres, tem, todavia, medo do futuro suplício, que lhe perturba e frustra o gozo. Pois a medida do suplício não é pequena, ao contrário da medida do prazer e do deleite. Há ainda uma terceira medida além dessas duas. Qual é? As delícias desta vida não parecem reais nem mesmo quando presentes, porque a natureza e o tempo acusam seu nada; as outras, ao invés, não somente são reais, mas perduram firmemente. Viste que podemos colocar não somente dois por nada, mas também três, cinco, dez, vinte e indefinidos números por nada? Um exemplo, para entenderes. O rico e Lázaro. Um fruía na terra dos bens presentes, o outro percebeu os futuros. Acaso queres ser um ou outro? No tempo ser atormentado, ou padecer longamente? Sofrer no corpo corruptível, ou ser torturado de modo cruel no imortal? Depois de curta doença ser coroado e estar cercado de delícias eternas, ou após breve gozo ser afligido com suplícios sempiternos? Quem o diria? O que queres que apresentemos? A qualidade ou a quantidade? A ordem de Deus ou a sentença de cada um? Até quando falareis qual escaravelho, que se revolve sempre no esterco? Não é próprio de seres racionais trocar a alma, tão preciosa, por uma insignificância, quando se devia por meio de minúsculo trabalho conseguir o céu.

Queres que de outra forma te ensine que existe um horrível tribunal no além? Abre a porta de tua consciência, e vê em tua alma o tribunal do juiz. Se tu te condenas, apesar do amor-próprio, mas não suportas uma injusta sentença, seria concebível que muito mais Deus não haveria de prover o que é justo, de dar uma sentença imparcial a respeito de todos, sem deixar passar incólume tudo isso? E enfim, quem diria tal coisa? Ninguém, certamente. Com efeito, gregos e bárbaros, poetas e filósofos, enfim todo o gênero humano concorda conosco neste ponto, se não de forma idêntica, e dizem haver no inferno determinados tribunais, de tal forma esta questão é clara e indubitável. E por que, replicas, Deus não pune aqui na terra? Para revelar sua longanimidade e nos oferecer pela penitência a salvação, não aniquilar inteiramente o gênero humano, e não retirar da terra prematuramente os que, por inteira conversão, puderem conseguir a salvação. Pois, se imediatamente castigasse com penas e morte os pecados, como os príncipes e mestres de todo o orbe, Paulo e Pedro, teriam se salvado? Como Davi teria obtido a salvação por meio da penitência? Como os gálatas e muitos outros? Por conseguinte, ele não castiga a todos nesta vida, mas somente a poucos inflige suplícios; nem no outro século castiga a todos, mas a uns aqui na terra, a outros lá, de sorte que desperte até mesmo os muito insensíveis por meio dos que são punidos e através dos impunes faz com que esperemos o futuro juízo. Acaso não vês muitos aqui punidos, como os soterrados pela ruína da torre, ou aqueles cujo sangue Pilatos misturou com o dos sacrifícios, ou os coríntios que sofreram morte prematura por terem recebido indignamente os mistérios, ou Faraó, ou os judeus trucidados pelos bárbaros, ou muitos outros, então, agora e sempre? Mais uma vez, muitos outros pecadores saíram desta vida sem haverem

aqui sofrido penas, como aquele rico no tempo de Lázaro e muitos outros.

Assim Deus age, em parte para despertar os que não acreditam nos bens futuros, em parte, para transformar em mais diligentes os fiéis e preguiçosos. Deus é um juiz justo, forte e paciente, e não se irrita todos os dias. Se abusarmos de sua longanimidade, virá um tempo que não terá muita paciência, mas imediatamente castigará. Não aconteça que num único momento (disto consta a vida presente) nos entreguemos aos prazeres, atraindo sobre nós uma pena de séculos infindos. Na verdade, trabalhemos antes por um momento a fim de sermos cingidos de coroas perpétuas. Não verificais talvez que nos negócios desta vida também a maioria dos homens aceita um pouco de labor para obter grande repouso, apesar de muitas vezes acontecer o imprevisto? Mas aqui a porção dos trabalhos iguala a dos lucros. Frequentemente também é ilimitado o trabalho e diminuto o fruto, e muitas vezes nem diminuto. Ao invés, ao se tratar do reino celeste, a proporção é o oposto: pequeno o labor, grande e ilimitada a alegria. Reflete, portanto: O agricultor trabalha o ano inteiro e no final perde muitas vezes o fruto esperado de um diuturno esforço. Ainda, vejamos o piloto de um navio e o soldado, que viveu até avançada velhice nos labores da guerra; muitas vezes ambos morrem e escapam do primeiro as riquezas de suas mercadorias e o outro com a vitória perde a vida. Pergunto. Que desculpa teremos se preferimos relativamente às coisas transitórias as trabalhosas, de sorte que pouco descansamos, ou nem um pouco (de fato a esperança é duvidosa); quanto às espirituais, fazemos o contrário, e pequena covardia acarreta-nos sofrimentos inenarráveis? Por isso, suplico a todos vós que enfim escapeis desse torpor. Ninguém então nos libertará das penas, nem um irmão, um pai, um filho, um amigo, um vizinho, nem um outro qualquer; mas se nossas obras nos traírem, tudo se arruinará, e ficaremos aniquilados. Aquele rico quantas lágrimas derramou, com quantas preces insistiu junto do patriarca que lhe enviasse o pobre Lázaro? Mas, escuta a resposta de Abraão: “Entre vós e nós existe um grande abismo, de modo que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o podem” (Lc 16,26). Quantos pedidos insistentes de um pouco de óleo aquelas virgens dirigiram às companheiras? Ouve o que elas igualmente dizem: “O azeite poderia não bastar para nós e para vós” (Mt 25,9); e ninguém pôde introduzi-las no festim das núpcias. Considerando tais fatos, cuidemos de nossas vidas. De fato, por mais trabalhos que menciones, ou sofrimentos que apresentares, em nada serão comparados aos bens futuros. Cita, se te apraz, o fogo, o ferro, as feras, ou qualquer coisa mais cruel; em comparação àqueles tormentos nem sombra constituem. Esses padecimentos, por intensos que forem, tornam-se leves porque passam depressa, visto que o corpo não é capaz de suportar a intensidade e longa duração da dor. No além as coisas são diferentes, porque concorrem simultaneamente a duração e a incrível grandeza, tanto das realidades alegres quanto dolorosas. Por isso, enquanto é tempo, antecipemo-nos ao encontro do Senhor com a confissão, a fim de então o encontrarmos suave e plácido e escaparmos daquelas forças ameaçadoras. Não vedes talvez os soldados que servem os prefeitos, como arrastam, vinculam, flagelam, abrem os flancos, aplicam tochas para torturar, e dilaceram? Ora, tudo isso constitui apenas brinquedo e riso em comparação com aqueles suplícios. De fato, são tormentos temporários; lá nem o verme morre, nem se extingue o fogo; e, de fato, o corpo será incorruptível. Não aconteça que o aprendamos por experiência, mas estes temores fiquem em palavras; não sejamos entregues àqueles carrascos, mas antes nos corrijamos aqui na terra. Quantas palavras então haveremos de proferir, acusando-nos a nós mesmos? Quanto haveremos de gemer, de soluçar? Enfim, de nada servirá. Verdadeiramente, os nautas nada podem fazer quando a nave se partir e afundar, nem os médicos depois que o doente tiver morrido. Com efeito, muitas vezes eles dizem que se devia ter feito isto ou aquilo; mas inutilmente e em vão. Enquanto ainda há esperança de emenda, é preciso dizer e fazer alguma coisa; mas quando nada mais está ao nosso arbítrio, e tudo está corrompido, é inútil dizer e fazer alguma coisa. Pois também os judeus então hão de dizer: “Bendito o que vem em

nome do Senhor” (Jo 12,13), mas nenhum fruto poderão colher dessa palavra para escapar do castigo, porque não disseram quando isso devia ser dito. Não nos aconteça o mesmo por nosso estilo de vida, aqui na terra convertamo-nos a fim de comparecermos confiantes perante o tribunal de Cristo. Possamos todos nós consegui-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória etc.

DÉCIMA HOMILIA

5,1. *Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos nos céus um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas.*

Novamente o Apóstolo estimula a boa vontade dos coríntios, porque havia enumerado muitas provações. É provável que seus ânimos estivessem abatidos, devido à ausência do Apóstolo. O que diz, então? Não devemos nos admirar, nem perturbar por sofrermos males; daí retiraremos inúmeros lucros. Nas passagens precedentes aludira assaz a tal assunto, afirmando, por exemplo, que somos portadores da mortificação de Jesus e que exibimos então o máximo exemplo do poder dele: *“Para que este incomparável poder seja de Deus”*, e oferecemos a prova da ressurreição, conforme se torna evidente através das palavras seguintes: *“A fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal”*. Por esse motivo, assegurou que assim o nosso homem interior se torna melhor: *“Embora em nós o homem exterior vá caminhando para a ruína, o homem interior se renova dia a dia”*. Comprovando mais uma vez a vantagem de ser batido e afligido, acrescentou que, se suceder inteiramente, surgirão com abundância inúmeros bens para os que forem submetidos a tais tribulações. Por essa razão, a fim de não te afligires ao ouvir que em ti o homem exterior vai para a ruína, afirma que, se isso se realizar de forma total, então principalmente deverás alegrar-te e terás melhor sorte. Por conseguinte, não deves te condoer, quando alguma parte dele agora se arruína; na verdade, é desejável que se arruíne todo. Esta corrupção especialmente te conduz à incorrupção. Por isso, acrescenta o Apóstolo: *“Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos nos céus um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas”*. Visto que trata de novo da doutrina sobre a ressurreição, em que eles principalmente falhavam, assume também o julgamento dos ouvintes e elabora dessa forma a exposição; não, contudo, como anteriormente, mas com outra base entra no discurso, pois já corrigira o erro deles. Diz: *“Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos nos céus um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas”*. Alguns pensam que por morada terrestre se entende este mundo; eu, contudo, objetaria antes que é o corpo que ele sugere. Ora, quero que consideres como ele indica por estes nomes quanto os bens futuros superam os presentes. De fato, tendo dito: terrestre, opôs-lhe o termo: celeste. Tendo dito: tenda, termo que declara sua natureza transitória e frágil contrapõe-lhe a expressão: eterna. De fato, o nome de tabernáculo muitas vezes indica algo de temporário. Por isso, dizia Cristo: “Na casa de meu Pai há muitas moradas” (Jo 4,2). A Escritura denomina o repouso dos santos com o nome de uma espécie de tabernáculo, não simplesmente tabernáculo, e sim com acréscimo. Não disse: Que vos recebam nos tabernáculos, mas: “Nos tabernáculos eternos” (Lc 16,9). Todavia, ao dizer: *“Não feita por mãos humanas”* sugere a morada construída por mãos humanas. Como, então? O corpo é construído por mãos humanas? Certamente, não; mas ou designa aqui as casas construídas por mãos humanas, ou se não, chama de tabernáculo o corpo não feito por mãos humanas. Não o opôs por comparação, mas acrescentou elogios e louvores.

2. *Tanto assim que gememos pelo desejo ardente de revestir por cima da nossa morada terrestre a*

nossa habitação celeste –

Qual morada? O corpo isento da corrupção. E por que agora gememos? Porque aquele é muito melhor. Diz que é celeste, porque está imune de corrupção. Não quer dizer que o corpo cai do céu para nós, mas este nome indica a graça que vem de lá. Por isso ninguém deve lastimar-se por uma tentação parcial, porque devemos pedir toda espécie de tentação, como se dissesse: Gemes por causa das perseguições, e porque o homem exterior em ti é arruinado? Ao contrário geme porque isso não acontece em grau maior, nem é destruído totalmente.

Viste invertido o discurso? Mostra que se deve gemer porque não vem inteiramente, enquanto eles gemem apesar de vir parcialmente? Por isso já não chama o corpo de tenda, mas de morada; e isso com razão. A tenda facilmente se desmancha, mas a morada permanece perpetuamente.

3. *o que será possível se formos encontrados vestidos, e não nus.*

Isto é, apesar de depormos o corpo, no entanto não estaremos ali sem um corpo, e sim com o mesmo transformado em incorruptível. Alguns dizem o que aprovo inteiramente: *"Se formos encontrados vestidos, e não nus"*. Explana, a fim de que nem todos confiem por causa da ressurreição: Se formos encontrados vestidos, isto é, tendo conseguido a incorruptibilidade e um corpo imortal, e não despojados de glória e segurança. É o que dizia na Primeira Carta aos Coríntios: "Todos receberão a vida. Cada um, porém, em sua ordem" (1Cor 15,23) e: "Há corpos celestes e há corpos terrestres"(ib. 40). Efetivamente, a ressurreição é comum a todos, mas a glória, não. De fato, uns ressuscitarão cheios de honra, outros na ignomínia, uns para o reino, outros para o castigo. Paulo aqui também o assinalou, ao dizer: *"O que será possível se formos encontrados vestidos, e não nus"*.

4. *Pois nós, que estamos nesta tenda, gememos acabrunhados porque não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir a outra por cima desta,*

Neste trecho plena e abertamente fechou a boca dos hereges, ao manifestar que não fala simplesmente de um e outro corpo, mas acerca da corrupção e da incorrupção. Não gememos por querermos nos libertar do corpo (de fato, não queremos ser despojados), e sim temos pressa de ser libertados da inerente corrupção. Por isso afirma: Não queremos ser despojados do corpo, mas que ele se revista da incorrupção. E logo explana estas palavras: *a fim de que a corrupção seja absorvida pela vida*.

Uma vez que a muitos parecia grave o despojar do corpo, e repugnava aos votos de todos, diz: *"Gememos"*, não querendo ser despojados (se, na verdade, a alma separada dele fica com tamanho pesar e dor, porque dizes que nós gememos para não nos separarmos dele?); o Apóstolo vem ao encontro da objeção, assegurando: Nem eu digo que gememos por sermos despojados do corpo (ninguém o deixa sem tristeza; na verdade, Cristo declara até a respeito de Pedro: "Outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres" [Jo 21,18]), mas queremos revestir por cima a veste da imortalidade. O corpo nos pesa, não porque é corpo, mas por ser corruptível e passível. Eis a causa do desgosto. Verdadeiramente, a vida vem para consumir e eliminar a corrupção, não o corpo. E como tal acontece? – perguntas. Não interrogues. É Deus quem o faz. Não examines curiosamente. Daí também o Apóstolo acrescentar:

5. *E quem nos dispôs a isso foi Deus,*

Com tais palavras revela que isso já fora predeterminado. Não é agora que primeiramente aprouve a Deus, e sim desde que no princípio nos formou do limo da terra e criou Adão. E não o criou, de fato, para morrer, mas para se tornar imortal. Depois, para dar fé às suas palavras, adicionou:

que nos deu o penhor do Espírito.

Com efeito, para tal fim outrora criou o homem, e agora o faz pelo batismo; e concedeu-nos um não pequeno penhor, o Espírito Santo. Frequentemente o Apóstolo utiliza o vocábulo penhor, quer para demonstrar ser Deus devedor de tudo, quer para conciliar maior fé às suas palavras da parte dos mais rudes.

6. *Por conseguinte, estamos sempre confiantes,*

Confiantes por causa das perseguições, insídias e assíduos perigos de morte, como se dissesse: Alguém te aflige, persegue, e reduz a nada? Não percas o ânimo; é para teu bem. Não temas, mas confia. Logo ele há de retirar o motivo de teus gemidos e pesares por servires à corrupção, e rapidamente te libertará dessa escravidão. Por essa razão afirma: *"Por conseguinte, estamos sempre confiantes"*. Não apenas na tranquilidade, mas também nas aflições; *sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor,*

7. *pois agora caminhamos pela fé, e não pela visão...*

8. *Estamos cheios de confiança e boa vontade, e preferimos deixar a mansão deste corpo, para ir morar junto do Senhor.*

Colocou posteriormente o mais sublime: É melhor estar com Cristo do que assumir um corpo livre da corrupção. O sentido do que diz é o seguinte: Não extingue nossa vida quem nos combate e mata. Não temas. Confia ao caíres. Ele, de fato, não te liberta apenas da corrupção, e tira um grande peso, mas imediatamente te transfere para perto do Senhor. Por isso não disse: Enquanto estamos no corpo, como se estivéssemos em terra estrangeira.

"Sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor... Estamos cheios de confiança, e preferimos deixar a mansão deste corpo, para ir morar junto do Senhor." Viste que, omitindo vocábulos indesejáveis: morte e óbito, substituiu-os por outro muito agradável: presença junto de Deus; e evitando nomes aparentemente alegres, pertencentes à vida, de palavras tristes derivou a denominação da vida presente chamando-a de peregrinação longe do Senhor? Agiu assim a fim de que ninguém de bom grado se detenha na vida atual, mas antes a suporte com dificuldade; nem se perturbe, diante da morte iminente, mas antes se regozije, estando de partida para alcançar bens maiores. Depois, para que ninguém, ao ouvir a locução: *"Peregrinamos longe do Senhor"*, diga: O que estás falando? Acaso estamos distantes de Deus quando estamos aqui? Prevenindo a objeção, enunciou:

"Pois agora caminhamos pela fé, e não pela visão..."; nós o sabemos aqui na terra, não tão claramente, contudo. Ele o assegura em outra passagem: "Em espelho", e: "De maneira confusa" (1Cor 13,12).

"Sim, e estamos cheios de confiança e de boa vontade." Ah! Aonde levou o sermão! Ao supremo desejo de morrer, mostrando ser suave o que é aflitivo, e ser aflitivo o que é suave.

"Cheios de boa vontade", isto é, desejamos. O que desejamos? Sair do corpo, *"par ir morar junto do Senhor"*. Conforme já disse, Paulo sempre retruca em sentido contrário ao que se lhe opõe.

9. *Por isso também esforçamo-nos por agradar-lhe, quer estejamos presentes, quer ausentes.*

Propusemo-nos viver segundo sua vontade, seja aqui, seja no além. É o principal. Já aqui tens o reino apesar de não seres ainda perfeito. Assim, para que os coríntios, que chegaram a conceber tal desejo, não suportassem mal as delongas da peregrinação, já lhes concede o bem principal. Qual? O de serem agradáveis a Deus. Bom não é simplesmente sair desse mundo, e sim aprazer a Deus. É o que importa. Nem simplesmente a vida aqui é pesada, e sim a ofensa a Deus.

Acautela-te de pensar ser suficiente sair do corpo; em toda a parte a virtude é necessária. Assim, ao

aludir à ressurreição, não permite que apenas isso nos infunda confiança, mas diz: *“Se formos encontrados vestidos, e não nus”*, e após mencionar a peregrinação, a fim de não julgares bastar para a salvação, acrescentou que importa agradar a Deus. Depois, portanto, de estimulá-los com a menção de muitos bens, logo amedronta por meio de tristes realidades. É útil este modo de agir tanto para alcançar os bens, isto é, o reino, quanto para fugir dos males, a saber, a geena. De resto, tem maior força o argumento da fuga da pena, pois muitos acham mais fácil suportar a ruína do que padecer tormentos. Devia-se considerar a primeira perda intolerável, mas devido à fraqueza e à abjeção muitos julgam o suplício mais duro. Visto, portanto, que a perda dos bens não sacode tanto a maioria dos ouvintes quanto a ameaça dos tormentos, forçosamente Paulo encerra o sermão do seguinte modo:

10. *Porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo,*

Após ter assustado e abalado o ouvinte com a lembrança do tribunal de Cristo, não alude aqui às tristes realidades com exclusão das alegres, mas mistura certo prazer, dizendo: a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito no corpo, seja o bem, seja o mal.

Com tais palavras alimenta a esperança dos que fizeram o bem e foram afligidos, e torna os que haviam caído mais diligentes pelo medo e finalmente confirma a nota sobre a ressurreição dos corpos. Não é excluído do prêmio ou do castigo o que se deu à virtude ou ao vício, mas são castigados uns corpos unidos às almas, outros são coroados. Ora, alguns hereges afirmam que ressurge um corpo diverso. De que modo acontece isso? – pergunto. Um pecou e outro é punido? Foi um que fez o bem, e outro é coroado? O que respondereis a estas palavras de Paulo: *“Não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir a outra”*? Como o que é corruptível será absorvido pela vida? Paulo não afirmou: Para que o que é mortal seja absorvido, ou o corpo corruptível pelo corpo incorruptível, e sim: *“A corruptibilidade seja absorvida pela vida”*. Assim acontece por ser idêntico o corpo que ressurge. Se, abandonado um, outro for formado, a corrupção já não será absorvida, mas permanece e domina. Tal não acontece de forma alguma; de fato, importa que o que é corruptível, a saber, o corpo, revista a incorrupção. O corpo está em foco, e agora se acha na corrupção, depois estará na incorrupção; portanto, primeiro na corrupção, porque a incorrupção não se dissolve. Pois “nem a corrupção pode herdar a incorruptibilidade” (1Cor 15,50). Como o poderia, se é a incorrupção? Ao invés, a corrupção será absorvida pela vida. Esta a vence, mas não é vencida pela corrupção. A cera se derrete ao calor do fogo, mas a cera não apaga o fogo; assim a corrupção é dissolvida, extinta pela incorruptibilidade, que jamais poderá ser dominada. Ouçamos, por conseguinte, a palavra de Paulo: *“Todos nós teremos de comparecer perante o tribunal de Cristo”*. Imaginemos aquele tribunal, consideremos que já está presente e que havemos de prestar contas. Exporei a questão mais amplamente. De fato, Paulo, que falara sobre as aflições, para não atribulá-los mais, julgou bem não se deter nesse discurso, mas declara em poucas palavras: *“A fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito”*, e logo passa adiante. Imaginemos, portanto, que o último dia chegou; cada um examine a consciência e calcule que já está diante do Juiz, com todas as coisas descobertas e reveladas. Não será forçoso apenas estar perante o tribunal, mas ainda tudo se manifestará. Não vos envergonhastes? Não vos perturbastes?

Se agora, perante o tribunal, ainda não real, mas apenas concebido e imaginado, a consciência nos causa desfalecimento, o que faremos quando o dia chegar, presente o orbe inteiro, com os anjos e arcanjos, os respectivos exércitos, o curso de todos, o rapto às nuvens, e o tremor a percorrer as fileiras? As sucessivas trombetas, e os sons contínuos? Pois, mesmo se não houvesse geena, que tormento não seria ser rejeitado em meio de tão grande esplendor e afastar-se coberto de ignomínia? Se agora o Imperador com a corte entrar na cidade, e cada um de nós constatar a própria pobreza, não

sentiremos prazer diante desse espetáculo mas tristeza por não participarmos de forma alguma dos bens régios, nem estarmos perto daquele que os possui. E o que há de acontecer? Pensas que será leve tormento não ser inscrito naquele coro, nem admitido naquela indizível glória? Ser repelido para bem longe daquela sublimidade e bens indescritíveis? Além disso, a existência de trevas, ranger de dentes, vínculos insolúveis, verme imortal, fogo inextinguível, opressão e angústia, ardor da língua como a do rico, soluços que ninguém ouve. Gememos, rugimos pela intensidade da dor e ninguém atende; volvemos os olhos para todos os lados e em parte alguma encontramos quem traga alívio. Enfim, como classificar os que incidem em tamanha infelicidade? O que mais infeliz do que aquelas almas? Mais lastimável?

Pois, se entrarmos num cárcere e virmos uns prisioneiros esquálidos, outros em cadeias e famintos, outros encerrados na escuridão, estremecemos horrorizados, e tudo fazemos para não cairmos ali; se formos arrastados aos próprios lugares de tortura da geena, o que será de nós? Aqueles vínculos não são de ferro, mas aquecidos em fogo inextinguível; os chefes não se assemelham aos nossos, que podemos muitas vezes aplacar, mas são anjos que nem podemos fitar, terrivelmente irados por causa das ofensas que infligimos ao Senhor. Nem, como na terra, encontramos quem nos traga dinheiro, ou alimentos, ou palavras de conforto, e certo consolo. De fato, ali não há indulgência. Nem mesmo Noé, Jó, Daniel (Ez 14,15), se ali virem os parentes torturados, ousam prestar auxílio. Ali se extingue toda comiseração natural. Acontece haver pais justos de filhos malvados, ou ao contrário, pais malvados de filhos justos. Todavia, a alegria é pura e isenta de toda compaixão nos que gozam daqueles bens, e diria, a compaixão se extingue neles e com o Senhor inflamam-se de cólera, apesar das entranhas paternas. Pois, se até os homens vulgares de filhos malvados, rejeitam-nos e expulsam-nos da família, muito mais então os justos. Por isso, ninguém espere obter bens, se nada de bom tiver feito, apesar de serem justos inúmeros dos seus ancestrais. “*A fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito no corpo.*” Aqui, parece-me que o Apóstolo tem em mente os fornicadores e amedronta-os com os suplícios futuros; não a eles apenas, mas aos culpados de outro crime qualquer. Ouçamos também nós! Se sentes o fogo da concupiscência, contrapõe-lhe aquele fogo e logo se extingue e desvanece. Se queres falar palavras inconvenientes, pensa no ranger de dentes e o medo te servirá de freio. Se queres roubar, escuta o Juiz ordenar: “Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, nas trevas exteriores” (Mt 22,13), e deste modo expulsas essa cupidez. Se és dado ao vinho, e cedes à gula, escuta aquele rico dizer: “Manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama” (Lc 16,24), mas nada conseguiu, e desistirás do vício. Se estás aprisionado ao amor das delícias, pensa naquela aflição e angústia, e de nada mais cogitarás. Se és malvado e cruel, relembra-te daquelas virgens que, por se terem extinguido as lâmpadas, não foram admitidas à sala das núpcias, e logo terás sentimentos humanitários. Mas, estás entorpecido de preguiça e langor? Pensa naquele que escondeu o talento, e a aplicação vencerá o próprio fogo. Mas, talvez a cobiça do alheio te corroa? Tem em mente aquele verme que não morre e facilmente combaterás esta moléstia, e cumprirás todos os outros preceitos de Deus, pois ele nada preceituou de duro e grave. De onde vem que os mandamentos nos pareçam pesados? De nossa inércia. Se tivermos zelo, mesmo o que é aparentemente intolerável tornar-se-á fácil e leve. Pela preguiça, mesmo o que é tolerável há de nos parecer difícil. Ponderando tudo isso, não olhemos para os que se entregam às delícias, e sim qual o fim que os espera. Aqui, esterco e obesidade, lá verme e fogo. Não pensemos nos ladrões, mas no fim que terão. Aqui preocupações, temores, angústias, lá vínculos indissolúveis. Não consideremos os que ambicionam a glória, mas o que dela se origina, isto é, servidão e simulação aqui, lá dano intolerável e perpétua combustão. Se refletirmos em tudo isso, extinguiremos esses maus desejos e outros semelhantes, logo expeliremos o amor das coisas presentes, e nos inflamaremos no amor das futuras.

De fato, se a meditação dessas realidades, apesar de obscura, nos causa tanto prazer, pensa, por favor, quanto deleite a manifesta fruição nos trará. Felizes, três vezes felizes e até mais, aqueles que desfrutam destes bens, como, ao invés, miseráveis e três vezes infelizes os que, ao contrário, padecem desses males. A fim de sermos do número daqueles, não destes, pratiquemos a virtude. Assim alcançaremos os bens futuros. Possamos todos nós obtê-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA PRIMEIRA HOMILIA

O exercício do ministério apostólico

11. *Compenetrados, pois, do temor do Senhor, procuramos convencer os homens. Quanto a Deus, somos-lhe plenamente manifestos; espero que sejamos também plenamente conhecidos por vós ante as vossas consciências.*

Cientes da existência daquele horrível tribunal, empreguemos todos os esforços para não vos darmos pretexto algum de escândalo ou falsa suspeita de má ação. Viste a apurada e esforçada vida de uma alma solícita? Com efeito, não somos acusados apenas quando perpetramos algum mal; até mesmo apesar de nada termos feito, diante de uma suspeita, certamente seremos submetidos a castigo se descuidarmos de eliminá-la, quanto possível.

12. *Não nos recomendamos de novo junto a vós, mas desejamos dar-vos a ocasião de vos gloriardes a nosso respeito,*

Observa. Frequentemente o Apóstolo remove tal suspeita, a ponto de parecer elogiar-se. Nada tanto ofende os ouvidos alheios quanto alguém proclamar seus grandes e exímios feitos. Uma vez, portanto, que o discurso precisara tocar nesse assunto, emenda-se, dizendo: agimos dessa forma em vosso favor, não por nossa causa, de sorte a terdes vós, não nós, motivo de exaltação, e isto utilmente, em vista dos falsos apóstolos. Acrescentou, portanto: a fim de que possais responder àqueles que se prevalecem das aparências, e não do que há nos corações.

Vês que os retira dentre os falsos apóstolos e os atrai para junto de si, reconhecendo que os próprios coríntios buscam ocasião de defendê-lo e de responder àqueles que o incriminavam? Não o declaramos, assegura, no intuito de nos gloriarmos, mas a fim de terdes liberdade de falar em nosso favor. Com isso, oferece-lhes testemunho de imenso amor. E não simplesmente para vos gloriardes, mas também a fim de não serdes arrastados a um erro. Não o declara, porém, abertamente. Dirige-lhes palavras mais suaves, sem feri-los, nesses termos: *"A fim de que possais responder àqueles que se prevalecem das aparências"*. Entretanto, não ordena que o façam debalde, sem motivo, mas, quando os outros se exaltarem; sempre procura ocasião oportuna. Não age para se ostentar com brilho, mas em vista de que eles deixem de agir de maneira desordenada, prejudicando os coríntios. O que significa: "*Das aparências"*? De atos evidentes e tendentes à ostentação. Tal a disposição dos que referiam as suas ações à própria glória, entretanto vazios interiormente. A aparência era de piedade e grave o aspecto, mas encontravam-se carentes de boas obras.

13. *Se nos deixamos arrebatar fora do bom senso, é por causa de Deus; se somos sensatos, é por causa de vós.*

Se proferimos algo de exaltante (que declara ser "*fora do bom senso*", e em outra passagem: insipiência), "*é por causa de Deus*", a fim de não possuirdes opinião mesquinha sobre nós e nos desprezardes para vossa perdição. Se por vós fizermos algo de forma comedida e humilde, aprendei a julgar-vos modestamente. Ou ainda diz o seguinte: Se alguém pensa que estamos loucos, esperamos

recompensa de Deus, por cuja causa sofremos tal suspeita; se, ao invés, considera-nos de mente sã, aproveite-lhe nossa sobriedade. E ainda, de outra forma: Alguém afirma que estamos loucos? Sofremos de tal loucura por causa de Deus. Por isso também acrescenta:

14. *Pois a caridade de Cristo nos compele, quando consideramos*

Não apenas o medo do futuro, diz ele, mas também os acontecimentos passados não nos deixam espreguiçar, nem cair em torpor; de fato, nos impelem e suscitam a empreender trabalhos por vós. O que já aconteceu?

Que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram.

Paulo se exprime como se todos tivessem perecido. Com efeito, Cristo não aceitaria a morte por todos, se nem todos morressem. Estas as ocasiões de salvação aqui na terra; não lá. Por isso: *"A caridade de Cristo nos compele"* e não nos permite repouso. Seria extrema miséria, e pior que a própria geena ter ele praticado tão grandes feitos e alguns não colhessem fruto de tamanha previdência. Sinal de excessiva caridade é sofrer a morte por um mundo tão grande e tão maldisposto.

15. *a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles.*

Se, portanto, não devemos viver para nós mesmos, exorta ele, não vos perturbeis, nem vos agiteis, pela iminência dos perigos e da morte. E emite um raciocínio indiscutível para indicar que devemos proceder dessa forma. Com efeito, se vivemos porque ele morreu por nós, compete-nos viver para aquele por cujo intermédio recebemos a vida. De fato, parece ter proferido uma só asserção, mas se alguém apuradamente examinar a questão são duas: uma delas é que lhe devemos a vida, a outra, que ele morreu por nossa causa. Ambas as enunciações, mesmo isoladamente, são suficientes para transformar-nos em devedores dele. Visto que ambas confluem para um ponto, reflete sobre quanto lhe deves. Ou melhor, são três afirmações. De fato, suscitou primícias por tua causa e levou-as para o céu; por isso também o Apóstolo acrescentou: "Aquele que morreu e ressuscitou por nós".

16. *Por isso, doravante a ninguém conhecemos segundo a carne.*

Efetivamente, se todos morreram e ressuscitaram, e morreram conforme eram condenados pela tirania do pecado, mas ressuscitaram pela regeneração do batismo, e a renovação do Espírito Santo, afirma com razão: *"A ninguém conhecemos segundo a carne"* dentre os fiéis. Como entender isso se eles ainda viviam na carne? Mas, a vida carnal pereceu; além disso nascemos do alto, no Espírito, e conhecemos outro estilo de vida, outro estado, a saber, o celeste. E ainda mostra que Cristo é o autor desse benefício e, por isso, complementa: mesmo se conhecemos a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim.

Como? Dize-me. Despiu a carne, e agora está despojado do corpo? De forma alguma; mesmo agora está na carne. Pois, "Esse Jesus, que vos foi arrebatado, virá do mesmo modo que para o céu o vistes partir" (At 1,11). O que significa: *"Do mesmo modo"*? Encarnado, com o corpo. Então por que diz: *"Mesmo se conhecemos a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim"*. Quando se trata de nós, *"Segundo a carne"* quer dizer ter pecado; ao contrário: *"Não segundo a carne"* significa não ter pecado. Ora, como se trata de Cristo, *"segundo a carne"* nada mais quer dizer senão que é passível de sensações naturais, tais como sentir fome, sede, cansaço, sono. ("Se bem que não tivesse praticado pecado nem tivesse havido engano em sua boca" (Is 53,9). E por isso dizia: "Quem dentre vós me acusa de pecado?" E ainda: "O príncipe do mundo vem; contra mim, ele nada pode" [Jo 8,46; 14,30].) A locução: *"Não segundo a carne"* nada mais indica senão que está isento desses sentimentos e não que está fora da carne. Assim há de vir para julgar o mundo, já impassível e imortal. Para tal nós também nos encaminhamos, quando nosso corpo se tornar conforme a seu corpo glorioso (cf. Fl 3,21).

17. *Se alguém está em Cristo, é nova criatura.*

Depois de ter estimulado à virtude na base da caridade, fá-lo apoiado nas próprias realidades, e por isso adiciona: *"Se alguém está em Cristo, é nova criatura"*. Quem abraçou a fé, passa a pertencer a outra criação, porque do alto foi gerado pelo Espírito. Por conseguinte, é justo que vivamos para Cristo, não só porque não somos senhores de nós mesmos, ou porque ele morreu por nós, nem apenas porque Deus o ressuscitou como nossas primícias, mas também porque acedemos a uma vida diferente. Vê quantas razões justas aduz para levarmos uma vida honesta. Julgou por isso bem dar uma denominação mais pesada a essa nova situação, para indicar uma grande mudança e transformação. Depois, prossegue e mostra como somos nova criatura.

Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova.

Quais são as coisas antigas? Os pecados e a impiedade; ou ainda todos os ritos judaicos; ou melhor, uns e outros simultaneamente. *"Eis que se fez uma realidade nova."*

18. *Tudo isso vem de Deus,*

Nada de nós. Com efeito, Deus nos doou o perdão dos pecados, a adoção e a glória incorruptível. O Apóstolo exorta os seus, portanto, não somente a respeito dos bens futuros, mas também dos presentes. Atenção! Dissera que havemos de ressurgir, chegar à incorrupção, possuir uma eterna morada; mas, visto que maior estímulo constituem os bens presentes do que os futuros perante os que não acreditam conforme se deve, declara a excelência dos dons já recebidos e em que condições se achavam os que os receberam. Todos, na verdade, morreram ("Todos morreram", afirma. "Morreu por todos". Assim amou igualmente a todos) e estavam envelhecidos e inveterados no mal.

Ora, eis que já têm alma nova (que foi purificada), um corpo novo, novo culto, novas promessas, e Aliança, vida, mesa, veste – tudo enfim se renovou. De fato, em vez da Jerusalém terrena, recebemos a metrópole celeste; temos em lugar do templo visível um templo espiritual, em vez de tábuas de pedra as de carne, em vez da circuncisão o batismo, em lugar do maná o corpo do Senhor, da água tirada do rochedo, o sangue e a água que brotaram do lado, em lugar da vara de Moisés ou de Aarão a cruz, da terra prometida aos judeus o reino dos céus, em vez de inúmeros sacerdotes um só pontífice, em lugar do cordeiro irracional um cordeiro espiritual. Paulo, refletindo sobre tais realidades, dizia: *"Eis que se fez uma realidade nova. Tudo isso vem de Deus"* , por Cristo, por benefício que dele recebemos. Daí o acréscimo: que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação.

Originam-se daí todos os bens. Pois transformou-nos em amigos o autor de todos os bens por Deus outorgados aos que gozam de sua amizade. Não deixou que conti-
nuássemos inimigos após recebermos tal dom, mas primeiro restituiu-nos a sua amizade. Na verdade, quando digo que Cristo foi o autor de nossa reconciliação, refiro-me igualmente ao Pai. Ao declarar que o Pai deu, incluo o Filho, pois "Tudo foi feito por meio dele" (Jo 1,3), e também disto foi o autor. Não fomos nós que acorremos a ele, e sim foi ele quem nos chamou. De que maneira nos chamou? Pela morte de Cristo. "*E nos confiou o ministério da reconciliação"*. Nesse trecho indica mais uma vez a dignidade dos apóstolos, revelando a grandeza do dom que lhes confiou, e o excessivo amor de Deus. Nem depois que os homens negligenciaram ouvir a voz de seu enviado irritou-se e abandonou-os, mas ainda insiste, admoestando e exortando tanto por si quanto por intermédio de outros. Quem poderá admirar bastante tão grande providência? Foi morto o Filho que viera para a reconciliação; o Filho verdadeiro e unigênito. Nem assim o Pai teve aversão por aqueles que o mataram, nem disse: Enviei meu Filho como legado, mas eles não quiseram ouvi-lo, e ainda o eliminaram e crucificaram. É justo que os abandone. No entanto, fez o oposto; e porque ele se afastou, confiou-nos o encargo. "*E*

nos confiou o ministério da reconciliação."

19. *Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas*

Viste a caridade, a força das palavras que ultrapassam todas as cogitações? Quem foi injuriado? Ele. Quem foi que veio primeiro para eliminar a inimizade? Ele. Ora, replicas, enviou o Filho, não veio ele próprio. Enviou o Filho, no entanto não somente ele exortava, e sim também o Pai, com ele e por ele. Por isso dizia ainda o Apóstolo: *"Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo"*, isto é, por Cristo. Tendo dito: *"E nos confiou o ministério da reconciliação"*, emenda: Não julgues que esta suprema autoridade seja nossa, pois somos apenas ministros. Foi Deus quem tudo realizou, quem se reconciliou por meio do Unigênito com todo o orbe. Enfim, de que maneira? Efetivamente, é admirável que se tenha tornado amigo, além disso a tal ponto. Qual? De perdoar os pecados; pois de outro modo não era possível contrair amizade. Por isso, completou: *"Não imputando aos homens as suas faltas"*. Na verdade, se quisesse acertar contas acerca dos pecados cometidos, todos nós pereceríamos, porque, de fato, estávamos mortos. Mas apesar de ser tão grande o número dos pecados, não exigiu um castigo, mas ainda reconciliou-se conosco; não apenas redimiu, mas não imputou. Assim também devemos nós agir, perdoando aos nossos inimigos, a fim de obtermos igual perdão.

e colocando em nós a palavra da reconciliação.

Não viemos para nos submetermos agora a um grave peso, mas para nos tornarmos todos amigos de Deus. Uma vez, diz ele, que não deram crédito às minhas palavras, insisti na exortação até vos convencerdes. Por isso, o Apóstolo acrescentou:

20. *Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta. Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus.*

Viste de que modo valorizou a questão, introduzindo Cristo qual suplicante; ou melhor, não só Cristo, mas também o Pai? O sentido das palavras é o seguinte: o Pai enviou o Filho para exortar em seu nome, e assumisse o encargo de legado junto dos homens. Uma vez, porém, que ele se afastou morrendo, assumimos a sucessão de legados, e vos exortamos em nome dele e do Pai. É tão grande a estima que dedica ao gênero humano que entregou o Filho e, sabendo que haveriam de matá-lo, por vossa causa nos instituiu apóstolos. Por isso, não foi sem motivo que afirmou: Tudo por vós. *"Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores."* Isto é: em lugar de Cristo, pois somos seus sucessores no múnus. Se julgares que se trata de exagero, escuta as palavras subsequentes, com as quais Paulo revela que não agem apenas em lugar de Cristo, mas também do Pai. De fato, acrescenta: *"E por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta"*. Exorta não somente por seu Filho, mas também por nós, seus sucessores no ofício. Por isso, não julgueis que somos nós que vos rogamos. O próprio Cristo vos exorta, o próprio Pai por nosso intermédio vos exorta. O que é comparável a tal excesso? Deus, ofendido após inúmeros benefícios, não aplica castigo algum, mas também deu seu Filho, para nossa reconciliação. Os que o haviam recebido, não se reconciliaram, e até o mataram. Mais uma vez enviou outros legados, e se os enviou, é ele quem exorta. De que maneira exorta? *"Reconciliai-vos com Deus."* Não disse, porém: Deus se reconcilia convosco. Não é ele quem procurou inimizade, mas vós. Deus, de fato, nunca provoca inimizades. E ainda, o enviado qual legado, justifica.

21. *Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós,*

Não me refiro aos eventos anteriores, diz ele, a saber, que o injuriastes sem ter dele recebido qualquer ultraje, que é benfeitor, que não reclamou punição, que é o primeiro a exortar, embora tenha sido injuriado em primeiro lugar. Nada disso agora rememora. Acaso por este único benefício agora conferido não seria justo que fizésseis as pazes com ele? Qual é? *"Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós"*. De fato, se nada nos concedesse a mais, considera, por favor, a magnanimidade de entregar o Filho em prol daqueles que o haviam ofendido. Entretanto realizou grandes coisas e além disso permitiu que o inocente fosse torturado pelos ofensores. Ora, o Apóstolo não o proferiu; mencionou, contudo, o que era muito maior. O quê? *"Aquele que não conhecera o pecado"*, que era a própria justiça, *"Deus o fez pecado"*, isto é, permitiu que fosse condenado como pecador, morresse como um maldito: "O que for suspenso num lenho é um maldito" (Dt 21,23). Era muito mais cruel do que a simples morte. O Apóstolo o sugere noutra passagem, nesses termos: "Foi obediente até a morte, e morte de cruz" (Fl 2,8). Não constituía só um tormento; era uma ignomínia. Atende a quantos benefícios dele recebeste. É grandioso que alguém, mesmo pecador, se sujeite à morte em favor de um qualquer. Ora, quando por cima é justo o que sofre e morre por pecadores, e morre qual maldito, e não só maldito, mas além disso obtém-nos bens jamais esperados (*"A fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus"*, assegura), que palavras, que mente consegue traduzi-lo? Pois fez do justo um pecador, a fim de transformar os pecadores em justos. Ou antes, não foi isso que o Apóstolo asseverou, e sim algo de muito mais sublime; e não se referiu a um ato, e sim a uma qualificação. Não disse: Ele o fez pecador, e sim: *"Deus o fez pecado"*. Não declarou: Aquele que não pecara, e sim: Que nem mesmo conhecera o pecado, a fim de que, assegura, não só nos tornássemos justos, mas a própria justiça, e *"justiça de Deus"*. A justiça de Deus não é oriunda das obras (seria preciso que não tivessem mancha alguma). Fôssemos justificados pela graça, que apaga todo pecado. Isso, na verdade, não nos permite enaltecer-nos, porque Deus tudo nos concedeu, e informa sobre a grandeza do benefício. A primeira justiça era proveniente da Lei e das obras, esta, contudo, é justiça de Deus. Meditando sobre tais realidades, tenhamos mais medo delas do que da geena; admiremo-las mais do que o reino dos céus e não julguemos que é mal sofrer castigo, e sim pecar. Com efeito, mesmo que Deus não nos punisse, devíamos por nós mesmos assumir as penas, porque fomos tão ingratos para com nosso benfeitor. Por exemplo, alguém que possui uma mulher amada, muitas vezes prefere o suicídio a não possuí-la; e se a possui, e comete uma falta contra ela, não se considera digno de viver. Nós, porém, que ofendemos um Senhor tão amante e benigno, não nos jogaremos na chama da geena? Direi um paradoxo espantoso, e que a muitos pode parecer incrível. Ao espírito sadio, que ama o Senhor como deve, maior consolo é ser castigado, se irritou o Senhor, que tanto ama os homens, do que ser isento de castigo.

É possível idêntica verificação em acontecimentos habituais. Quem lesou a uma pessoa muito amada, fica mais tranquilo se penitenciar-se e sofrer algum dano, conforme dizia Davi: "Sou eu quem pecou, eu sou quem cometeu o mal, mas aqueles, o rebanho, que mal fizeram? Venha a tua mão e caia sobre mim e sobre a minha família!" (2Sm 24,17). E por ocasião da morte de Absalão, reclamava para si gravíssimas penas, embora não houvesse infligido injúrias, e, contudo, as recebera. Mas, sendo muito grande o amor ao filho morto, consumia-se de dor, e nisso procurava consolo. Também nós, se cometemos pecados contra Deus, o que não devia acontecer de forma alguma, façamos penitência. Não vedes os que perderam filhos amados, atormentarem-se, arrancarem os cabelos, servindo-lhes de consolo o luto por aqueles que amam? E se nada de mal tivermos admitido contra seres muito queridos, sentimos alívio, contudo, por nos condoermos diante da infelicidade que os atingir; acaso, se nós próprios os irritamos e injuriamos, não acharemos preferível suportar castigos a não sofrê-los? Sem dúvida. Se alguém, portanto, amar a Cristo segundo deve, entenderá o que digo: Mesmo após o

perdão, não aceitará não ser punido; resta o principal castigo, o de tê-lo encolerizado. Não me escapa que a alguns é incrível o que digo, contudo realmente assim é. Por isso, se amarmos a Cristo conforme devemos, nós próprios nos penitenciaremos ao pecarmos. Aos que amam não aborrece o sofrimento profundo pelo ultraje àquele que amam, mas custa-lhes sobretudo o agravo ao ser amado. E se este, irritado, não castigar, atormenta-se mais ainda o amigo; ao invés, se reclamar reparação, mais alívio ocasionará. Por conseguinte, não nos cause tanto horror a geena quanto a afronta a Deus. O pior tormento consiste em que Deus, irritado, afaste de nós a sua face; mais grave e doloroso do que qualquer suplício. E no intuito de perceberes a gravidade do mal, atende ao que digo. Se um rei visse um ladrão e criminoso ser torturado, e entregasse à morte o filho amado, unigênito, genuíno, e além da morte transferisse a responsabilidade do crime para o filho, incapaz de tal crime, a fim de salvar o réu e livrá-lo da infâmia, e após o elevasse a uma grande dignidade e lhe concedesse a salvação e imensa glória, entretanto por aquele, ao qual conferiu tantos benefícios, for ultrajado; se for dotado de bom senso, não há de preferir mil vezes a morte do que parecer responsável de tamanha ingratidão? Reflitamos, portanto, e gemamos amargamente por termos ofendido ao benfeitor; e visto que ele se mostra paciente ao ser ofendido, não sejamos ousados, e por isso mesmo o aflijamos. De fato, mesmo entre os homens se verifica que, se uma pessoa é batida na face direita e oferece a esquerda, tira maior vingança do que se causasse inúmeras feridas; e quem, amaldiçoado, não só deixa de responder e até abençoa, fere mais profundamente do que se lançasse mil opróbrios. Se, entre os homens, mais nos envergonhamos quando as injúrias são recebidas com mansidão, quanto mais devem temer a Deus os que pecam constantemente sem padecer aflições; de fato, por sua maldade recairá sobre suas cabeças inenarrável suplício. Revolvendo tais pensamentos, mais do que tudo temamos o pecado, que constitui castigo, geena, inúmeros males. Não somente nos amedrontemos; além disso fujamos, e apliquemo-nos perpetuamente a agradar a Deus. E teremos o reino, a vida, bens ilimitados. Acontecerá então que já aqui na terra alcançaremos o reino e os bens futuros. Possamos todos nós consegui-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEGUNDA HOMILIA

6,1. *Sendo seus colaboradores, exortamo-vos ainda a que não recebais a graça de Deus em vão.*

2. *Pois ele diz: No tempo favorável, eu te ouvi, e no dia da salvação vim em teu auxílio.*

Tendo dito o Apóstolo que Deus exorta, e nós, exercendo a função de embaixadores, rogamos: *"Reconciliai-vos com Deus"*, a fim de não se tornarem os coríntios mais negligentes, novamente os atemoriza e estimula, dizendo: "*Exortamo-vos ainda a que não recebais a graça de Deus em vão*". Não nos entreguemos à preguiça porque Deus nos exorta e enviou embaixadores; antes, por isso mesmo, cuidemos de agradar a Deus com maior empenho, e congregar maior tesouro espiritual (diz o mesmo mais acima: *"A caridade de Deus nos compele"*, isto é, exercita, impele), para evitar que, após tamanha solicitude da parte de Deus, não soframos um colapso de tantos bens, sem darmos exemplo algum de excelente virtude. Não julgueis, portanto, que, tendo uma vez enviado colaboradores para exortarem, assim acontecerá sempre. Sucederá até sua segunda vinda; até então há de exortar, enquanto estamos aqui na terra. Após, seguir-se-ão o juízo e os tormentos. Por isso, diz: *"Deus nos compele"*. Não nos estimula apenas a grandeza dos bens e a benignidade de Deus, mas também e sempre a brevidade do tempo. Daí dizer em outra passagem: "Nossa salvação está mais próxima agora" (Rm 134,11) e ainda: "O Senhor está próximo!" (Fl 4,5). Neste trecho fez algo mais. Não apenas os impele à salvação por ser o tempo restante breve e exíguo, mas ainda porque somente o

tempo atual é apropriado a alcançá-la.

Eis agora o tempo favorável. Eis agora o dia da salvação.

Não percamos a oportunidade, mas ofereçamos um zelo digno da graça. Por conseguinte, apressamo-nos porque temos a visão da brevidade e das oportunidades temporais; por isso dizia o Apóstolo: *“Sendo colaboradores... exortamo-vos”*. Colaboradores sois vós. Colaboramos antes convosco do que com Deus, do qual assumimos a função de embaixadores. Ele, com efeito, não necessita de coisa alguma, mas vos transmite totalmente a salvação. Não recusa o Apóstolo, porém, afirmar que colabora com Deus, visto que diz em outro lugar: “Nós somos cooperadores de Deus” (1Cor, 3,9). Com isso ainda diz que os homens recebem a salvação: *“Exortamos”*. Ao exortar, ele não o faz simplesmente, mas apresenta justificações: Ele nos deu o Filho, o justo, que não conhecia o pecado, e o fez pecado por nós pecadores, a fim de que nos tornássemos justos. Assim, ele que é Deus, não deve rogar, especialmente aos homens que o ofenderam, e sim ser rogado todos os dias. Todavia exorta. Enquanto nós, ao exortarmos, não podemos apresentar justificação nem benefício; podemos apenas suplicar em nome de Deus, que vos concedeu tão grandes bens. Exortamos, portanto, a receberdes o benefício, não repudiardes o dom. Agi como nós, e cuidai de não receber *“a graça de Deus em vão”*. Que eles não pensassem que a reconciliação se encontrava apenas em dar crédito àquele que chamava; acrescenta, portanto, a exigência da retidão da vida. Pois, aquele que, após ter sido libertado do pecado e ter sido recebido com amizade, novamente se revolve nos crimes anteriores, retorna à inimizade. Recebeu a graça de Deus em vão, relativamente à vida.

O dom não nos confere algo de grande quanto à salvação se vivemos na impureza; ao contrário antes nos causa dano, se nos tornarmos mais culpados pelos pecados, porque, após tal conhecimento e benefício, recaímos nos vícios anteriores. Todavia, o Apóstolo não o profere, para não tornar áspera a palavra; diz somente que daí não resulta para nós utilidade alguma. Em seguida, relembra a profecia, de sorte a impeli-los e coagi-los a terem empenho pela própria salvação. *“Pois ele diz: No tempo favorável, eu te ouvi, e no dia da salvação vim em teu auxílio. Eis agora o tempo favorável. Eis agora o dia da salvação”*. O que significa: *“Tempo favorável”*? Tempo do benefício e da graça, em que não se pedem contas dos pecados cometidos, nem se aplicam castigos, em que gozamos de inúmeros bens unidos à reconciliação, a saber, a justiça, a santificação etc. Quantos labores seria justo assumir a fim de termos essa oportunidade? Ora, sem trabalho algum de nossa parte, apresenta-se ele, oferecendo perdão dos pecados anteriores. Por isso, chama o Apóstolo de favorável este tempo, em que Deus acolhe réus de inúmeros crimes e não só acolhe, mas eleva ao supremo grau de honra, qual a vinda de um rei, ocasião não de juízo, e sim de graça e salvação.

Em consequência, chama de favorável o tempo, enquanto nos encontramos no ardor da luta, enquanto trabalhamos no cultivo da vinha e resta ainda a undécima hora.

Aproximemo-nos, pois, e disponhamo-nos a levar uma vida honesta; é fácil! Quem combate no tempo em que tão grande benefício e tamanha graça estão sendo difundidos, conseguirá facilmente a palma. Efetivamente, quando os imperadores terrenos, no dia de sua festa, aparecem com veste de gala, até quem lhe oferece um mínimo dom, recebe valiosas dádivas; nos dias, porém, em que exercem o ofício de juízes, é preciso empregar grande atenção e apuradas provas. Assim também nós lutemos no tempo desse benefício. É dia da graça, da graça divina, em que facilmente obteremos as coroas. Pois se Deus, quando estávamos repletos de vícios, admitiu-nos e libertou, se cumprimos nossos deveres, depois de apagados todos os pecados, não nos admitirá com muito maior facilidade? Além disso, o Apóstolo, conforme sempre faz, apresenta-se a si mesmo e nos ordena seguir-lhe o exemplo. Aqui também age dessa forma, e é por isso que acrescenta:

3. *Evitamos dar qualquer motivo de escândalo, a fim de que o nosso ministério não seja sujeito à censura.*

Esforça-se por convencê-los não só através do tempo, mas também pelo exemplo de insignes obras. E vê que o faz sem orgulho. Não disse: Observai-nos. Somos dos tais. Primeiro narra fatos referentes a si, para eliminar qualquer censura. E oferece duas importantes provas de vida ilibada, ao dizer: *"Evitamos dar qualquer motivo de"*. Não diz: De acusação, mas bem menos: *"De escândalo"*, como se dissesse: Evitamos qualquer motivo de repreensão e queixas. *"A fim de que o nosso ministério não seja sujeito à censura"*. Isto é, que ninguém o ataque. E não disse novamente: Para que não seja acusado, e sim: A fim de que não se encontre nele a mais leve culpa, nem alguém possa inspecioná-lo.

4. *Ao contrário, em tudo recomendamo-nos como ministros de Deus:*

É muito melhor. Estar livre de censura não tem idêntico valor a sempre comportar-se quais ministros de Deus. Não é a mesma coisa estar sujeito à acusação e merecer os mais altos louvores. E não disse: Parecendo ministros, e sim: *"Recomendamo-nos"*, isto é, demonstramo-nos. Em seguida explana de que modo se tornaram tais. De que modo foi?

por grande paciência,

Formula, mencionando o fundamento dos bens. Por isso, não declarou simplesmente *"paciência"*, e sim: *"grande paciência"*, expondo sua grandeza. Suportar uma ou outra vez não é grande coisa; mas ele aduz as nevadas das tentações, nesses termos:

nas tribulações, nas necessidades,

As aflições aumentam a impossibilidade de evitares os males e determinada pressão, da qual mal possas escapar.

nas angústias,

A saber, da fome, de outras ocorrências inevitáveis, ou simplesmente das tentações.

5. *nos açoites, nas prisões, nos tumultos,*

Cada uma dessas tribulações de per si era intolerável, tanto os açoites somente, quanto apenas as prisões, e a impossibilidade de resistir ao ser empurrado. É o sentido da expressão: *"Nos tumultos"*. Entretanto, se todas essas aflições ocorrem simultaneamente, pondera quanta firmeza se requer. Em seguida, conta as suas tribulações e as exteriores:

nas fadigas, nas vigílias, nos jejuns,

6. *pela castidade,*

Com essas palavras insinua as aflições que encontrou nas viagens e obras, nas noites que passou a ensinar ou ainda a trabalhar. Mas não negligenciava o jejum, apesar de serem essas obras equivalentes a mil jejuns. Por *"castidade"* entende ainda aqui a decência, ou a pureza em tudo, ou a pregação gratuita do evangelho.

pela ciência,

O que quer dizer: *"Pela ciência"*? Pela sabedoria doada por Deus, que é o único conhecimento real. Não como o dos aparentemente sábios, que se gloriam do conhecimento humano, mas carentes da sabedoria de Deus.

pela longanimidade, pela bondade,

São igualmente peculiares a um ânimo generoso, que suporta tudo com paciência, apesar de sempre provocado e afligido. E após manifestar de onde vem tudo isso, acrescentou:

no Espírito Santo,

Efetivamente, nele tudo isso realizamos.

Mas anota as passagens em que o Apóstolo cita o auxílio do Espírito Santo: após ter mencionado seus próprios esforços. A meu ver, essas palavras assinalam ainda outra coisa. Qual? Quer dizer: Estávamos repletos do Espírito e podíamos comprovar nossa missão apostólica, porque dotados de graças espirituais. De fato, embora fosse graça, também ele a atraíra com suas boas ações e suores. Se alguém asseverar que o Apóstolo assim manifesta não ter ocasionado tropeço algum, estando de posse da graça espiritual, não se enganará. Na verdade, aqueles que dentre eles haviam recebido o dom das línguas, e se ensoberbeceram por isso, foram censurados; é possível que alguém receba uma graça espiritual e não a utilize bem. Conosco, afirma, não sucedeu assim; na verdade, mantivemo-nos irrepreensíveis *"no Espírito"*, isto é, devido às graças espirituais.

pelo amor sem fingimento,

Eis a causa de todos os bens, que fazia o Apóstolo ser tal qual era; prestava-se a que permanecesse com ele o Espírito, por cujo auxílio ele obrava retamente.

7. *pela palavra da verdade,*

Trata-se da asserção frequente do Apóstolo de que persistimos na sinceridade, sem falsificar a palavra de Deus.

pelo poder de Deus,

Eis o que faz habitualmente: Nada atribui a si; tudo, porém, a Deus, imputando-lhe as ações louváveis. O mesmo sucede aqui. Visto que pronunciara palavras elogiosas, afirmara ter sido sua vida irrepreensível, e mostrara profunda sabedoria, atribui tudo ao Espírito e a Deus. Não eram insignificantes as coisas que mencionara. Pois se é difícil a alguém de vida tranquila seguir a virtude, de modo irrepreensível, pondera a grandeza da alma que sempre alcançou tal brilho, apesar de tantas provações. Ora, não somente essas suportou, mas bem mais, conforme enumera em seguida. É espantoso não só que se mantivera irrepreensível em meio a tantas e tão grandes vagas, nem que as enfrentara com fortaleza, mas também com alegria. É o que evidencia em seguida:

pelas armas ofensivas e defensivas da justiça

Vês a presença de espírito e a firmeza de atitude? Explica serem armas as aflições, que não prostram, mas servem para munir-nos e firmar-nos. Chama de defensivas as aparentemente lastimáveis, pois são as que acarretam recompensa. Por que, então, lhes dá este nome? Segundo a opinião vulgar, ou porque Deus nos mandou orar para não cairmos em tentação.

8. *na glória e no desprezo, na boa e na má fama;*

O que dizes? Pensas que constitui grande honra fruir de glória? Sim, respondes. Por quê? É grandioso suportar a ignomínia; participar da glória, porém não requer coragem? Requer coragem, de fato, e imensa, a fim de que seu possuidor não se precipite na ruína. Por isso, Paulo aprova as duas situações, porque em ambas ele igualmente se destacava. Por que se torna arma da justiça? Porque a

honra prestada aos mestres estimula em muitos a piedade, constitui exemplo de boas obras, e glorifica a Deus. Mas igualmente tratava-se do artifício divino de introduzir a pregação do evangelho, utilizando meios opostos. Reflete no seguinte: Paulo estava prisioneiro? Redundava em progresso do evangelho. “O que me aconteceu redundou em progresso do evangelho e a maioria dos irmãos, encorajados pelas minhas prisões, proclamam a palavra de Deus com mais ousadia e sem temor” (Fl 1,12.14). De outro lado, gozava de boa fama? Também fazia com que tivessem maior prontidão. *“Na boa e na má fama.”* Não apenas acolhia com fortaleza as aflições corporais, e quantas enumerou, mas também as que tocavam diretamente a alma. Essas não costumavam destacar-se. Certamente Jeremias, que sofreu muitas provações, justificava-se e, cercado de opróbrios, dizia: “Não profetizarei, já não falarei em seu nome” (Jr 20,9). Davi também se queixava de ser insultado. E Isaías, após muitas palavras sobre o assunto, exorta: “Não temais a injúria dos homens; não fiqueis apavorados com o seu desprezo” (Is 51,7). E ainda Cristo aos seus discípulos: “Quando, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim, alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,11-12), e em outra passagem: “E exultai” (Lc 6,23). Ora, não teria determinado tão grande recompensa, se o combate não fosse intenso. Nos tormentos o corpo partilha as dores com a alma, pois a dor tem a propriedade de atingir o corpo e a alma, enquanto as injúrias atacam só a alma. Muitos certamente só com elas ficaram prostrados, e causaram dano à alma. E ao próprio Jó foram mais pesados os insultos com os quais os amigos o oneraram do que os vermes e as úlceras. Nada existe, diria, nada é mais intolerável aos oprimidos pelas dores do que a ofensa. Por isso, o Apóstolo enuncia ao lado dos perigos e dos suores estas palavras: *“Na glória e no desprezo”*. Houve muitos, realmente, até entre os judeus, que não quiseram abraçar a fé para não perder a fama que tinham diante do povo. Não temiam suplícios, e sim ser expulsos das sinagogas (cf. Jo 12,42). Por isso dizia Cristo: “Como podereis crer, vós que recebeis glória uns dos outros?” (Jo 5,44). É possível encontrar muitos que, tendo desprezado todas as situações dolorosas, foram superados pela glória.

Tidos como impostores e, não obstante, verídicos; é idêntico à expressão: *“Na boa e na má fama”*.

Como desconhecidos, não obstante, conhecidos; Igual à locução: *“Na glória e no desprezo”*. Eram conhecidos por alguns que os respeitavam; outros nem se dignavam reconhecê-los.

9. *como moribundos, e, não obstante, eis que vivemos;*

Como réus condenados à morte, o que era ignomínia.

Desta forma ora exprimia o inenarrável poder de Deus, ora a sua paciência. Pois, enquanto depende dos que nos armam ciladas, estamos mortos, e assim todos nos consideram; mas pelo poder divino escapamos dos perigos.

Em seguida, expondo por que Deus o permite, acrescenta: *como punidos e, não obstante, livres da morte;*

Com estas palavras indica que as grandes provações, mesmo antes da devida recompensa, produzem frutos e que os inimigos, contra sua vontade nos são úteis.

10. *como tristes e, não obstante, sempre alegres.*

Os gentios suspeitam que estamos tristes; nós, contudo, não damos atenção ao que eles pensam, mas temos enorme alegria. Ele não disse somente: *“alegres”*, mas: *“Sempre”*. *“Sempre alegres”*, assegurou. E o que é capaz de causar maior prazer nesta vida, em que existem tantas ocorrências infelizes?

como indigentes e, não obstante, enriquecendo a muitos;

Alguns opinam que, neste lugar, ele fala das riquezas espirituais; eu, porém, julgo que se refira

ainda aos bens materiais, de que eram dotados de nova forma, porque as casas de todos se lhes achavam abertas. Evidenciam-no as palavras subsequentes:

como nada tendo, embora tudo possuamos!

E como tal coisa é possível? – perguntas. Ou antes, não sucede o oposto? De fato, quem possui muito, nada tem; quem, contudo, nada tem, possui tudo. E não só, mas ainda em outros pontos o contrário se origina do contrário. Se te admiras de que é possível terem tudo os totalmente carentes, assinalemos o próprio Paulo, que dava ordens a todo o orbe e estava de posse não só das riquezas, mas também dos *"olhos"* de todos, segundo ele próprio assegura: "Se vos fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim" (Gl 4,15). Efetivamente, assim se exprime para nos ensinar a não nos incomodarmos com as opiniões do vulgo, que nos chama de impostores, ignorados, condenados, destinados à morte, tristes e pobres, indigentes, e cheios de pesar mesmo quando nos regozijamos. De fato, aos cegos não é visível o esplendor do sol, nem o prazer dos sábios é perceptível aos insensatos. Somente os fiéis são juízes das coisas retas, e não se alegram ou se angustiam de igual forma que os demais. Pois, se um inexperiente de combates contempla um lutador na arena profundamente ferido, porém coroado, julgá-lo-á entristecido por causa das feridas, porque ignora quanta alegria lhe ocasiona a coroa. Do mesmo modo, estes, cientes do que sofremos, mas ignorantes do motivo dos padecimentos, sem dúvida consideram só estes últimos, e olham apenas para os combates e os perigos, não para os prêmios, as coroas e a causa das lutas. Quais os bens adquiridos por Paulo, que dizia: *"Como nada tendo, embora tudo possuamos"*? Bens do mundo e espirituais. Com efeito, aquele que as cidades acolhiam qual um anjo, e por cuja causa muitos arrancariam os olhos, exporiam ao perigo as próprias cabeças, não possuía todos os bens? Se te apraz considerar também os bens espirituais, verificarás que destes é ainda mais opulento. Visto que fruía da grande amizade do rei a ponto de revelar-lhe o Senhor dos anjos os seus segredos, seria possível que não superasse os demais em riquezas e não possuísse tudo? De outra forma, os demônios não lhe seriam submissos, não curaria as dores e doenças. Em consequência, também nós, ao sermos afligidos por causa de Cristo, tenhamos não só ânimo forte, mas também alegre; se jejuamos, exultemos como se estivéssemos no gozo de iguarias; se insultados, dancemos em coro como se fôssemos louvados; se temos despesas, tenhamos a sensação de estarmos lucrando; se damos aos pobres, julguemos que somos nós os receptores. Quem não der com tal disposição, partilhará dificilmente. Se queres distribuir, não olhes apenas para o que gastas, mas ainda para quanto mais hás de ganhar. É maior o lucro do que o prejuízo. E não só relativamente à esmola, mas a qualquer virtude não reflitas sobre a aspereza dos trabalhos, e sim acerca da suavidade dos prêmios e sobretudo penses em Jesus, nosso Senhor, por cuja causa combates. Assim facilmente haverás de te exercer nos combates e prazerosamente farás o percurso da vida. Nada, de fato, existe que ocasione tanto prazer quanto a consciência tranquila. Por isso, Paulo, cotidianamente afligido, alegrava-se e exultava; os homens de hoje, porém, que nem em sonho suportam algo, ficam pesarosos e tristes, sem outro motivo senão porque não têm sabedoria. Aliás, gostaria que me expusesses por que te lamentas? Acaso por seres pobre, e carente do necessário? Por conseguinte, não deves queixar-te de teu pranto, nem de tuas necessidades, mas lastimar-te de tua pusilanimidade. Não por careceres de dinheiro, mas por atribuir-lhe tanto valor. Paulo, em cotidiano perigo de vida, não se lamentava; ao contrário, alegrava-se. Pelejava com fome contínua e não ficava pesaroso; ao invés, gloriava-se.

Tu, entretanto, sentes angústia e aflição por não teres guardado o lucro do ano todo? Sim, replicas, o Apóstolo preocupava-se somente consigo; eu, porém, sou responsável pelos servos, os filhos, a mulher. Não; ele não tinha preocupação só consigo, e sim com o mundo inteiro. Tu cuidas de uma só

família; ele, dos pobres de Jerusalém, dos macedônios, dos indigentes de toda parte, e não menos dos doadores quanto dos beneficiados. Era duplo o cuidado pelos habitantes do orbe: que não lhes faltasse a necessária subsistência, e que fossem enriquecidos de bens espirituais. A ti não causa tanto pesar ver os filhos com fome quanto lhe ocasionavam os problemas dos fiéis. E por que falo dos fiéis? Pois nem lhe faltavam preocupações relativas aos infiéis, mas de tal sorte ficava pesaroso que optara tornar-se um anátema em favor deles; tu, porém, nem no caso de mil vezes sobrevir a fome, desejarias morrer por algum deles. E tu tens solicitude por uma única esposa; ele, porém, pelas Igrejas do mundo todo: *"A solicitude que tenho por todas as Igrejas"* (2Cor 12,11). Até quando, ó homem, comparas-te jocosamente com Paulo? Não desistes de tamanha fraqueza? Não devemos chorar ao cairmos na pobreza, mas ao pecarmos. Eis o que merece lágrimas; o restante é digno de riso. Entretanto, não é isso que me causa tristeza, replicas, mas que um outro está de posse do poder, e eu privado de honras e prostrado. E o que importa? O próprio São Paulo a muitos parecia vulgar e humilde. Mas ele era Paulo, retrucas. Por conseguinte, não é a natureza das coisas, mas a fraqueza de espírito que te causa tristeza. Não chores, portanto, a pobreza, mas a ti mesmo que possuis tais sentimentos. Ou melhor, nem a ti mesmo, mas corrige-te, não ambiciones riquezas, mas busca o que gera maior alegria do que infinitas riquezas, a saber, a sabedoria e a virtude. Se as possuis, em nada te prejudica a pobreza; se faltarem, de nada adiantam as riquezas. Dize-me. Quais as vantagens dos que possuem superabundantes riquezas, mas com pobreza de espírito. Não te julgues tão miserável quanto aquele rico que se considera tal, por não se ter apossado dos bens de todos. Se ele não se lamenta como tu, examina-lhe a consciência e encontrarás lamentações e soluços.

Queres que te mostre tuas riquezas, para deixares de considerar felizes os ricos? Vês como o céu é belo, imenso, e se estende nas alturas? O rico não goza dessa beleza mais do que tu, não pode te excluir nem apropriar-se dela. O céu foi criado por causa dele e também por ti. E o sol, astro esplêndido e brilhante, que deleita os nossos olhos? Não é comum a todos, manifesta-se de modo geral e todos igualmente, ricos e pobres, dele usufruem? E a coroa das estrelas, o globo da lua? Não são igualmente de todos? Ou melhor, causa espanto afirmá-lo, nós, os pobres, mais largamente deles usufruímos do que os ricos. Na realidade, estes, tão embriagados, e passando a vida em sono profundo devido aos festins, não percebem tais realidades, porque ficam trancados dentro de casa e na sombra. Ao invés, os pobres estão em condições de captar um gáudio que os demais não conseguem retirar dos elementos. Se examinares o ar, difuso por toda parte, verificarás que o pobre dele tira proveito mais puro e abundante. De fato, os viajantes e agricultores o utilizam com maior alegria do que os citadinos. E os artífices são mais alegres do que eles, dos que se embriagam o dia todo. E o que direi da terra? Não é comum a todos? De modo nenhum, responderás. Por que assim falas? Dize-me. Porque o rico adquire na cidade muitas eiras de terra, planta grandes pomares, e obtém grande parte nos campos. E então? Só pelo fato de possuir, pode consumir sozinho? Certamente não, mesmo que contestasse mil vezes. Pois é obrigado a distribuir por todos a colheita, e produz para ti o trigo, o vinho, o óleo, sempre a te servir. Prepara para teu uso longas sebes e construções enormes após incalculáveis despesas, labores e aborrecimentos, recebendo de ti por tais serviços só pequena contribuição. Ora, verás nas termas e em todos os lugares habitualmente os ricos empregarem dinheiro, preocupações, trabalhos, enquanto os que carecem de riquezas conseguem tudo isso por poucos óbolos, com a máxima liberdade. E o rico não utiliza os frutos da terra mais do que tu. Ele não tem para fartar dez estômagos, e tu apenas um. Mas ele se alimenta de iguarias finíssimas? Verdadeiramente, não é de grande valia. Nesse ponto igualmente descobriremos que tens mais valores. Pois, aquele estilo de vida liberal parece-te invejável porque repleto de maior prazer; mas o pobre goza mais, e não só tem prazer, mas também saúde. A superioridade do rico apenas lhe prepara um

corpo mais fraco, e acumula fontes de doenças em maior número. Seja o que for que consuma o pobre, emprega-o segundo a natureza; tudo o que gasta o rico, visto que excede a medida, termina em corrupção e moléstias.

Se te apraz, utilizemos um exemplo. Imaginemos que vai acender uma fornalha, e ele, após depor um manto de seda e várias túnicas de linho finíssimo a acende, com lenha de carvalho e pinheiro. O que ele tem mais do que o pobre? Nada; ou antes, é um tanto inferior. De que modo? Nada impede de invertermos o exemplo. Se um jogar lenha, outro material orgânico no fogo, de qual fornalha te aproximarás com mais gosto, da que foi acesa com a lenha, ou com o material? Certamente a que foi alimentada com lenha; arde mais de acordo com a natureza, e oferece belo espetáculo. Da outra, ao contrário, todos se afastam por causa do cheiro, da podridão, da fumaça e do fedor dos ossos. Estremecestes ao ouvires tais palavras e abominastes esta fornalha? Tal, na verdade, é o ventre dos ricos; encontrar-se-á ali mais putrefação do que naquela fornalha, hálito fétido e fluxos impuros, porque em todo corpo e em cada uma das partes há grande apepsia devida à saciedade. Pois, como o calor natural não é suficiente para digerir todos os alimentos, há sobrecarga, opressão, excitam-se gazes, e provoca-se imenso mal-estar. A que comparar esse aparelho digestivo? Não queria ofender-vos com o que hei de dizer. Mas se proferir falsidades, recusai minhas palavras. A que haverei de compará-lo? Nem o que dissemos é suficiente para descrever a miséria dele. Encontrei ainda outra figura. Qual? Nas cloacas, onde há uma quantidade de esterco, feno, hastes, pedras, lodo surgem frequentes obstruções, e finalmente a lama se propaga até a parte superior. O mesmo acontece com o ventre deles; obstruído na parte inferior, os gazes em grande parte regurgitam. Ora, entre os pobres sucede o oposto. Qual fonte de água pura, que irriga jardins e prados, o ventre deles acha-se isento desses excrementos. Ao contrário, os dos ricos, ou antes dos que se entregam às delícias, estão repletos de humores prejudiciais, visgo, bílis, sangue corrupto, fluxos putrefatos etc. Em consequência, nem por breve tempo pode continuar incólume o que sempre vive entre delícias, mas sofre de perpétuas moléstias. Por isso, de bom grado pergunto-lhes por que os alimentos nos foram concedidos? Para nossa perdição ou para sermos alimentados? Para ficarmos doentes ou sadios? Fracos ou robustos? É claro que nos foram fornecidos os alimentos para a subsistência, a saúde e as forças. Por que, então, abusais, em sentido contrário, por meio deles provocando doenças e fraquezas corporais? Ao invés, o pobre por meio de alimento frugal, e em pequena quantidade adquire saúde, firmeza corporal, força. Por conseguinte, não chores por causa da pobreza, mãe da saúde, mas antes exulta; e se ambicionas riquezas, despreza-as. A principal riqueza não consiste em possuí-las, mas nem mesmo em se preocupar de obtê-las. Se o conseguirmos, teremos aqui na terra mais riquezas do que os ricos todos, e no além obteremos os bens futuros. Possamos alcançá-los, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA TERCEIRA HOMILIA

Expansões e advertências

11. *A nossa boca se abriu para vós, ó coríntios, o nosso coração se dilatou.*

12. *Não é estreito o lugar que ocupais em nós, mas é em vossos corações que estais na estreiteza.*

Após ter explanado suas provações e aflições, nesses termos: “*Por grande paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nas desordens, nas fadigas, nas vigílias*”; e ter declarado que constituem grandes bens, assegura: “*Como tristes e, não obstante, sempre alegres; como indigentes e, não obstante, enriquecendo a muitos; como nada tendo, embora*

tudo possuamos"; e então ainda declarou que são armas: *"Como punidos e, não obstante, livres da morte";* e, além disso, assinalou que grande é para conosco a solicitude e o poder de Deus: *"Para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós"*; e em consequência enumerou todos os seus combates: *"Incessantemente trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus"*; e enuncia a mais importante prova da ressurreição: *"A fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo mortal"* e refere de que foi partícipe e o que lhe foi confiado: *"Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta"*; e além disso que é ministro *"não da letra, e sim, do Espírito"*, e que não é respeitável somente por isso, mas também por causa das provações: pela graça de Deus, *"que nos carrega sempre em seu triunfo"* – e então, finalmente, começa a censurá-los, porque não lhe eram assaz dedicados. E não dirige logo o discurso nessa direção, mas primeiro se refere a seu amor por eles, e por fim entra no assunto. Se quem censura é respeitável por obras eminentes, contudo ao demonstrar amizade para com aqueles que corrige, torna mais aceitável sua palavra. Por isso, o próprio Paulo que acaba de se livrar das provações, suores e combates, passa a dissertar sobre a caridade e desta forma os atinge. Quais as provas de sua caridade? *"A nossa boca se abriu para vós, ó coríntios."* Que sinal de caridade é este? E o que significam tais palavras? Não aguentamos guardar silêncio para convosco, mas queremos, esforçamo-nos continuamente por vos falar e dialogar convosco, segundo costumam fazer os que se amam. Com efeito, o aperto de mãos é para o corpo o que é para a alma a troca de palavras. Com isso também outra sugestão. Qual? Diante de vós, muito queridos, nós nos expressamos com toda liberdade, sem dissimulação ou reserva. E prestes a censurar, pede desculpas; a livre repreensão é uma prova de seu imenso amor. Já o acréscimo do nome é sinal de ótimas disposições e ardoroso afeto, pois costumamos mencionar sempre o simples nome daqueles que amamos. *"O nosso coração se dilatou."* O calor costuma dilatar, e é peculiar à caridade dilatar, por ser, na verdade, ardente e fervorosa virtude. Igualmente abria a boca de Paulo e lhe dilatava o coração. Diz ele: Não amo apenas de boca, mas no meu coração ressoa a caridade. Por isso falo com confiança, com plenitude de voz e toda a mente.

Nada mais amplo que o coração de Paulo, que abraçava todos os fiéis com intenso amor, conforme os que amam, sem dividir a amizade nem enfraquecê-la, mas mantinha-se íntegra em relação a cada um. E por que pasmar de ser tal seu espírito relativamente aos fiéis, se mesmo para com os infiéis seu coração abrangia o orbe? Por isso não disse: Eu vos amo, e sim, com maior ênfase: *"A nossa boca se abriu para vós, o nosso coração se dilatou"*. Temos todos dentro do coração e não de qualquer modo, mas com grande largueza. De fato, o amado penetra no íntimo do coração de quem ama, sem medo; por isso afirma: *"Não é estreito o lugar que ocupais em nós, mas é em vossos corações que estais na estreiteza"*. Vê a repreensão, misturada a grande indulgência, segundo é próprio de quem ama. Não asseverou: Não me amais, e sim: Não na mesma medida; e não os ataca com maior aspereza. Em todas as passagens é possível verificar seu amor ardente aos fiéis, através de testemunhos coligidos de cada Carta: Aos Romanos: "Desejo muito ver-vos", e: "Muitas vezes me propus ir ter convosco", e: "Pedindo que, de algum modo, se me apresente uma oportunidade de ir ter convosco" (Rm 1,11.13.10). Aos Gálatas: "Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto" (Gl 4,19); aos Efésios ainda: "Por esta razão eu dobro os joelhos diante do Pai" em vosso favor (Ef 3,14); aos Filipenses,[1] porém: "Pois, quem é, senão vós, a nossa esperança, a nossa alegria, a coroa de glória?" (1Ts 2,19). Até dizia que os trazia no coração e em seus vínculos (Fl 1,7). Aos Colossenses: "E quero que saibais como é grande a luta em que me empenho por vós, e por todos quantos não me conhecem pessoalmente, para que sejam confortados os vossos corações" (Cl 2,1); e aos Tessalonicenses: "Como uma mãe que acaricia os seus filhinhos. Tanto bem vos queríamos que desejávamos dar-vos não

somente o evangelho, mas até a própria vida” (1Ts 2,7-8); a Timóteo: “Lembrado de tuas lágrimas, para encher-me de alegria” (2Tm 1,4). E a Tito: “A meu verdadeiro filho” (Tt 1,4); e de modo semelhante a Filemon (Fl 1,1).

Escreve na Carta aos Hebreus muitas palavras semelhantes, e não cessa de consolar: “Ainda um pouco, muito pouco tempo, e aquele que vem, virá; não tardará” (Hb 10,37), à semelhança da mãe que fala a seus filhos entediados. Assim também ele se lhes dirige: *“Não é estreito o lugar que ocupais em nós”*. Não disse só que os ama, mas que também é amado por eles, com o que, principalmente os atrai. E atestando-o, declara: *“Tito veio. Referiu-nos o vosso vivo desejo, a vossa desolação e o vosso zelo por mim”*; e aos Gálatas: “Se vos fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim” (Gl 4,15); e aos Tessalonicenses: “Qual acolhimento da vossa parte tivemos” (1Ts 1,9); e a Timóteo: “Lembrado de tuas lágrimas, para encher-me de alegria” (1Tm 1,4). Enfim, é possível verificar sempre nas cartas seu testemunho aos discípulos de que os ama e reciprocamente é amado por eles, mas não de maneira semelhante. Aqui também diz: *“Será que, dedicando-vos mais amor, serei, por isso, menos amado?”* (2Cor 12,15). De fato, declara-o no final da carta, neste ínterim, contudo, mais duramente: *“Não é estreito o lugar que ocupais em nós, mas é em vossos corações que estais na estreiteza”*. Vós, diz ele, acolheis um só; eu, porém, a cidade inteira e povo tão numeroso. E não disse: Não nos assumis, e sim: *“Estais na estreiteza”*. Sugere o mesmo, mas emprega palavra mais suave, para não constrangê-los asperamente.

13. *Pagai-nos com igual retribuição; falo-vos como a filhos: dilatai também os vossos corações!*

Ora, é coisa diferente, ser amado em primeiro lugar e, amar em retribuição. Embora alguém ame em igual medida, é vencido pelo fato de que só posteriormente veio a amar. De fato, não o reclamo insistentemente, afirma; amo e aceito que, provocados por minha iniciativa, me ofereçais em igual medida amor recíproco. Depois, a fim de mostrar-lhes o dever, e apartar toda suspeita de adulação de suas asserções, enuncia: *“Falo-vos como a filhos”*. O que significa: *“Como a filhos”*? Nada de difícil vos peço se quero que me ameis a mim, vosso pai.

E observa a prudência e atitude comedida de Paulo. Não menciona os perigos que enfrentou por causa deles, nem os trabalhos e morte iminente, embora tivesse muito o que contar; a tal ponto acha-se isento de qualquer orgulho. Na verdade, um só é o motivo por que os ama, e por isso merece ser amado: Sou vosso pai, que ardentemente vos ama. Com efeito, muitas vezes a pessoa amada se ofende quando alguém menciona os benefícios que lhe foram conferidos, pois parece exprobrá-la. Por isso, Paulo não o faz de forma alguma, mas ordena: Como filhos, amai o vosso pai; seria de acordo com a natureza, e cada qual deve prestar tal obséquio a seu próprio pai. Em seguida, para que ninguém julgue que assim se exprime por sua própria causa, demonstra que está cuidando dos interesses deles, ao atrair para si benevolência, e por isso acrescenta:

14. *Não formeis parelha com os incrédulos.*

Não ordenou: Não vos mistureis com os infiéis, mas ataca-os mais fortemente por transgredirem a justiça. Não vos inclineis sob o mesmo jugo, diz ele.

Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade?

Nessa passagem não confere seu amor com o daqueles que corrompiam os coríntios, mas compara a nobreza dos coríntios com a ignomínia deles; assim também o discurso adquiria maior gravidade, era mais conveniente a sua pessoa e tornava os coríntios mais próximos. Era como um pai que diria ao filho que desprezava os progenitores e se entregava totalmente a criminosos: O que fazes, menino? Desprezas o pai e lhe antepões homens criminosos, repletos de inúmeros vícios? Não percebes a que ponto os superas em bondade e dignidade? Com esse raciocínio o retira mais facilmente da sociedade

deles do que se enaltecesse o pai. De fato, se dissesse o seguinte: Não sabes quanto teu pai é melhor do que eles?, não conseguiria tanto. Ou se, omitindo a menção do pai, o colocasse acima deles, dizendo: Ignoras quem és e quem são eles? Não te lembras de que és homem livre e nobre, e que eles são ignóbeis? Acaso existe comunhão entre ti e aqueles ladrões, adúlteros, feiticeiros? Rapidamente com tais elogios, lhe dará asas para apartar-se da companhia deles. Não receberá com tão boa vontade a palavra anterior, porque a superioridade do pai se transforma em repreensão, uma vez que não só aparenta causar tristeza ao pai, mas ainda a tal pai; no segundo caso, porém, nada disso acontece. Não há quem não queira ser louvado, e a repreensão é mais bem acolhida pelo ouvinte se unida a elogios. Ouve e cede ao que censura, torna-se magnânimo, e rejeita inteiramente a má companhia. De fato, não é só de admirar que Paulo introduza tal comparação, mas que também excogitara algo mais importante e mais adequado para incutir temor. Em primeiro lugar, porque procede por meio de interrogação, o que costuma fazer só em questões evidentes e certas; além disso, porque aumenta e amplia a dissertação através de um acervo de nomes. Não encontramos uma, duas ou três, mas várias denominações, e opõe não pessoas mas conceitos e de um lado descreve como a virtude é excelsa, e de outro, como é péssimo o vício e explica que existe grande, ou antes infinita diferença entre uma e outro, de sorte que se torna desnecessária qualquer prova.

Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas?

15. *Que acordo entre Cristo e Beliar? Que relação entre o fiel e o incrédulo?*

16. *Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos?*

Vês que cita simples nomes, suficientes para arrasar tais relações? Não disse: Transgressão, o que seria mais. Nem disse: Os que são da luz e os que são das trevas, mas apresenta realidades opostas e tais que de modo algum admitem o contrário: a luz e as trevas. Nem disse: Os que são de Cristo e os que são do diabo, mas o que estão muito mais distantes: "*Cristo e Beliar*", denominando com um termo hebraico o apóstata. "*Que relação entre o fiel e o incrédulo?*" Aqui, para não parecer somente ataque ao vício e recomendação da virtude, rememora de modo indefinido pessoas. E não disse: Que sociedade? mas cita o prêmio, a recompensa. "*Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos?*"

Ora, vós é que sois o templo do Deus vivo.

O sentido é o seguinte: Como o vosso rei nada tem de comum com o diabo (pois, "*Que acordo entre Cristo e Beliar?*"), assim nem as coisas entre si: "*Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas?*" Por conseguinte, nem entre vós deve haver. E em primeiro lugar coloca o Rei, em segundo, eles próprios e desta forma mais os aparta. Então, após dizer: "*Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos?*" e proclamar: "*Vós é que sois o templo do Deus vivo*", necessariamente acrescentou o testemunho, mostrando que não emprega adulação de forma alguma. Pois quem formula elogios, a não ser que também os comprove, parece adular. Qual é, portanto, este testemunho?

em meio a eles habitarei e caminharei,

Habitarei nos templos e caminharei; assim manifesta intensa afinidade.

serão o meu povo e serei o seu Deus.

O que dizes? – pergunta. Tens a Deus em ti mesmo, e corres para eles? Deus que nada de comum tem com eles? Isso merece perdão? Atende a quem caminha contigo, quem habita.

17. *Saí, portanto, do meio deste povo, e afastai-vos, diz o Senhor. Não toqueis o que seja impuro, e eu*

vos acolherei.

Não disse: Não pratiqueis ações impuras, mas com maior exatidão, declara: *"Não toqueis"*, nem vos aproximeis. O que é impureza da carne? Adultério, fornicação, impudicícia. O que é impureza da alma? Pensamentos imundos, olhares insolentes, lembrança das injúrias, fraudes etc. Ele quer, portanto, que sejamos puros dos dois modos. Vês qual o prêmio daí resultante? Separar-se dos malvados e unir-se a Deus. Escuta o que se segue:

18. *Serei para vós um pai, e sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor.*

Vês como o profeta muito tempo antes prenuncia a presente nobreza, isto é, a regeneração pela graça?

7,1. *Caríssimos, de posse de tais promessas,*

Quais? Que somos templos, somos filhos e filhas de Deus, seu hospedeiro, que o temos caminhando conosco, que nos tornamos seu povo, que temos o próprio Deus Pai.

purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito.

Não toquemos no que é impuro, pois seria mácula da carne. Nem o que contamina a alma, porque impureza do espírito. E não se contenta com isso, mas adiciona:

E levemos a termo a nossa santificação no temor de Deus.

Nada tocar de impuro não nos purifica, mas requer-se além disso para sermos santos zelo, atenção, piedade.

Por isso acrescentou muito bem o Apóstolo: *"No temor de Deus"*. Pode acontecer que se tenha pudicícia, não contudo por temor de Deus, mas por vanglória.

Em seguida por estas palavras: *"No temor de Deus"* sugere os meios para se alcançar a santidade. De fato, pode ser tirânica a cupidez, no entanto, se te cercares do temor de Deus, quebrarás o seu ímpeto. Por santificação nesse trecho o Apóstolo não entende apenas a temperança, mas a libertação de todo pecado. O santo é dotado de pureza. Torna-se puro, contudo, quem se livra não somente da fornicação, mas também da avareza, da inveja, da arrogância, da vanglória. E sobretudo da vanglória, que deve ser evitada em todas as ocasiões, mas especialmente em relação à esmola, que deixará de ser esmola se contrair a moléstia da ostentação e da desumanidade.

Pois, se não deres por comiseração, mas para proclamar teu benefício, não será esmola, e sim injúria; infamaste o irmão. Por consequência, esmola não é só dar dinheiro, mas dar por compaixão. De fato, dentre os espectadores no teatro, uns doam aos devassos, outros aos que representam no palco, mas de forma alguma se trata de esmola; e os que ultrajam os corpos das prostitutas, dão na verdade, mas não é um ato humanitário e sim insulto. O ambicioso de honras se lhes assemelha. Aquele que peca com a meretriz, paga o preço do ultraje; tu também exiges indenização do que foi injuriado, difamando a ti e a ele, com dano incomensurável. Como fera, ou cão raivoso que ataca, assim essa doença cruel e desumana rouba-nos todos os bens. De fato, é desumanidade e crueldade, ou antes crime mais grave. Pois o homem cruel nega esmola ao indigente, enquanto tu fazes pior: impedes aqueles que querem dar. Ao proclamares tua doação, simultaneamente arruínas a fama do beneficiado e inibes aquele que está prestes a dar, se for hesitante. Não dará, porque talvez o pobre já tenha recebido e não se ache tão necessitado; e muitas vezes o maltrata, se voltar para pedir após uma doação, e considera-o despudorado.

Que esmola, portanto, é essa, ofensiva a ti e àquele que recebe, e duplamente a Deus, que deu o preceito, porque não contente de tê-lo por testemunha da esmola, procuras que a atestem os olhos dos companheiros de serviço, e transgrides a lei que ele promulgou, em que proíbe esse modo de agir?

Queria ainda tratar de outros pontos, tais como o jejum e a oração, e mostrar o grande estrago causado pela vanglória, mas lembrei-me de não ter terminado precedentemente uma explicação indispensável. Qual? Dizia, ao tratar da saúde e da alegria, que os pobres até nas circunstâncias temporais estão em melhor condição do que os ricos e demonstrei-o com clareza. Vamos, porém, concluir hoje, constatando que os pobres possuem mais bens terrenos, e também bens celestes. Qual das duas introduz no reino dos céus, a opulência ou a pobreza? Escutemos o próprio Senhor dos céus. A respeito dos ricos disse: "É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus"; acerca dos pobres disse inteiramente o oposto: "Se queres ser perfeito, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me" (Mt 19,24.21). Se te apraz, de outro lado ainda consideremos o que foi dito. Cristo afirma: "Estreito e apertado é o caminho que conduz à vida" (Mt 7,14). Qual dos dois segue o caminho apertado: O que vive em meio a delícias ou na indigência? O que nada tem consigo, ou o que carrega inúmeros fardos? Quem é mole e dissoluto ou quem está repleto de preocupações e cuidados? Mas, que necessidade há de palavras, se é possível mencionar vários exemplos? Lázaro era pobre, muito pobre, e rico, ao contrário, o que passava ao lado do que jazia diante do pórtico; qual dos dois entrou no reino dos céus, e se deliciava no seio de Abraão? Qual dos dois ainda era atormentado nas chamas, e não obtinha uma gota d'água? Mas, replicas, igualmente muitos pobres vão se perder, enquanto muitos ricos haverão de fruir daqueles bens inefáveis. Certamente ver-se-á o contrário: poucos ricos e pobres em muito maior número alcançarem a salvação. Pondera cuidadosamente os obstáculos provenientes das riquezas, e as falhas da pobreza. Embora não sejam propriamente nem da riqueza, nem da pobreza, e sim dos que se acham nesta ou naquela condição. Vejamos, contudo, qual das duas está mais bem armada. Que falha parece ter a pobreza? A mentira. E qual o obstáculo das riquezas? A soberba, mãe dos vícios, que transformou o diabo em diabo, no que anteriormente não era. Ainda a raiz de todos os males é a avareza (cf. 1Tm 6,10). Qual dos dois, o rico ou o pobre, tem mais afinidade com essa raiz? Sem dúvida, é o rico. Quanto mais cercado de riquezas, tanto mais as ambiciona. A vanglória também arruína inúmeras boas obras. E na proximidade dessa instala-se o rico. Por que, retrucas, não mencionas as aflições e angústias dos pobres? Ora, essas lhe são comuns com os ricos; ou melhor, são maiores para estes do que para aqueles. Dessa sorte acontece que o mal aparente da pobreza é comum a ambos; o dos ricos perturba só o rico. E se, pela penúria do necessário, replicas, o pobre comete muitos crimes? Mas nenhum pobre por causa da pobreza comete tantos crimes quanto os ricos cometem por causa das amplas riquezas que o circundam, acumuladas em casa para não se perderem. E o pobre não busca o necessário da maneira como o rico procura o supérfluo. E ainda, não dispõe de tantos recursos de praticar o mal quanto o rico. Por conseguinte, se o rico quer e pode fazer maior mal, é claro que cometerá mais e maiores crimes. E o pobre não tem tanto medo da fome quanto o rico treme e se angustia pelo receio de perder seus bens, e por não ter conseguido apossar-se dos bens do próximo. Por conseguinte, uma vez que o rico se avizinha tanto da vanglória, da soberba e da avareza, a raiz de todos os males, que esperança de salvação terá se não se aplicar à sabedoria, de que modo haverá de ingressar no caminho estreito? Visto que assim é, não nos deixemos levar pela opinião do povo, mas examinemos os fatos. Não seria, acaso, um absurdo que, ao se tratar de dinheiro, não confiamos nos outros, mas nos entregamos a números e cálculos e quando devemos julgar os acontecimentos reais, deixamo-nos arrastar sem discernimento pelas opiniões alheias, e isso quando temos por exata medida, norma e regra, a formulação da lei divina?

Por isso, eu vos exorto e suplico. Deixai de lado o que este ou aquele pensa a respeito, perscrutai as Sagradas Escrituras, e reconhecei quais as verdadeiras riquezas. Uma vez conhecidas, persigamo-las, a fim de gozarmos dos bens eternos. Possamos todos nós consegui-los pela graça e amor aos homens de

nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória, honra, império, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA QUARTA HOMILIA

2. *Acolhei-nos em vossos corações. A ninguém causamos injustiça, a ninguém pervertemos, a ninguém exploramos.*

3. *Não é para vos condenar que o digo, pois já o afirmei: estais em nossos corações para a vida e para a morte.*

Mais uma vez o Apóstolo movimenta seu discurso em direção da caridade, reprimindo a dureza da repreensão. Depois de tê-los exortado, e censurado por não lhe retribuírem o amor, e após romperem com a caridade que lhes dedicava, se unirem a homens perniciosos, novamente suaviza a aspereza da correção, dizendo: "*Acolhei-nos*", isto é, Amai-nos. Pede uma dádiva fácil, mais proveitosa aos doadores do que aos beneficiados. E não disse: Amai, mas o que inspirava compaixão: "*Acolhei-nos*". Quem, pergunta, nos apagou de vossa lembrança? Quem nos expulsou? Por que estamos em estreiteza em vossos corações? Nesta passagem com os termos: "*Acolhei-nos*", declara mais abertamente o que dissera acima: "*Em vossos corações é que estais na estreiteza*", e assim novamente os aproxima de si. De fato, não existe algo que mais atraia o amor do que a pessoa amada entender quanto o amante aspira por seu amor. "*A ninguém causamos injustiça*". Vê como de novo não lhes relembra os benefícios, mas fala de tal sorte que causa menor contrariedade; no entanto ataca de maneira mais violenta. Simultaneamente denota os falsos apóstolos, com os termos: "*A ninguém causamos injustiça, a ninguém pervertemos, a ninguém exploramos*". O que quer dizer: "*Pervertemos*"? A ninguém seduzimos, conforme diz noutra passagem: "*Receio, porém, que, como a serpente seduziu a Eva, vossos pensamentos se corrompam*" (2Cor 11,3). "*A ninguém exploramos*", não roubamos, não armamos ciladas. Pelo menos não diz: Prestamo-vos tais e tais benefícios, mas vigorosamente incute-lhes pudor: "*A ninguém causamos injustiça*", quase dizendo: Mesmo se não vos tivéssemos conferido algum benefício, nem por isso devíeis contradizer-nos, pois não tendes acusação pequena ou grande contra nós. Em seguida, percebendo ser muito dura a palavra, mais uma vez se corrige. E não se cala completamente, nem os excita, nem altera a severidade do discurso; de outra forma lhes teria infligido ferimento mais grave. E o que disse?

3. *Não é para vos condenar que o digo,*
Donde o comprova?

pois já o afirmei: estais em nossos corações para a vida e para a morte.

É máxima a força de seu amor, porque, mesmo desprezado, quer viver e morrer com eles. E não estais de qualquer modo em nossos corações, mas conforme declarei. Pode acontecer que se ame, mas se fuja dos perigos; conosco tal não acontece.

Vê a extraordinária prudência do Apóstolo. Não narra os benefícios que lhes fizera para não parecer novamente exprobrá-los, e apenas faz promessas para o futuro. Pois, se acontecer que haja perigos, estou pronto para sofrer qualquer coisa por vós. E não se pense que, para mim, a morte em si, ou a vida, tem qualquer importância; mas onde quer que estiverdes, ser-me-á a morte mais preciosa que a vida, ou a vida mais preciosa do que a morte. Ora, enfrentar a morte pelo próximo, é prova evidente de amizade; quanto a viver, quem não o quer até por aqueles que de forma alguma são amigos? Por que então apresenta-o como algo de grandioso? Por que é muito grande. Pois há muitos que se compadecem dos males que sucedem aos amigos, mas não se alegram a respeito da felicidade que

têm, invejando-a; conosco isto não sucede. Com efeito, se estiverdes atribulados, não receamos participar de vossa infelicidade; se felizes, não sentimos inveja. Enfim, visto que frequentemente tratara deste assunto, dizendo: *“Não é estreito o lugar que ocupais em nós”* e: *“É em vossos corações que estais na estreiteza”*; e: *“Acolhei-nos”*; e: *“Dilatai também os vossos corações”*; e: *“A ninguém causamos injustiça”*, e em tudo parecia repreendê-los, observa como de outra forma mitiga a severidade.

4. *Grande é a minha confiança em vós;*

Por isso, não ouso tanto porque vos condeno, e sim porque me apoio em grande confiança, conforme dizia: *de vós muito me ufano.*

Acautelai-vos de pensar que assim me exprimo porque vos condeno de uma vez, pois muito me aprazeis e de vós me ufano, quero cuidar de vossos interesses, e induzir-vos a progredir na virtude; é idêntico ao que dizia aos hebreus, após muitas censuras: “Mesmo falando assim, estamos convencidos de que vós, caríssimos, estais do lado bom, o da salvação. Desejamos somente que cada um de vós demonstre o mesmo ardor em levar até o fim o pleno desenvolvimento da esperança” (Hb 6, 9.11). Assim também neste trecho: “*de vós muito me ufano”*. Na presença dos outros, “*de vós muito me ufano”*. Vês como consola sinceramente? E não me ufano de qualquer maneira, mas muito. Por isso acrescenta:

Estou cheio de consolo,

De que consolo? Do que provém de vos terdes voltado a uma conduta melhor; pelas obras vós me consolastes. É próprio de quem ama reclamar retribuição, ou ter receio de causar tristeza por excessiva acusação. Por isso diz: *“Estou cheio de consolo, transbordo de alegria”*.

Mas, parece contradição com o precedente. De modo algum se opõe, antes concorda maravilhosamente. Fazem com que aquelas palavras sejam mais bem acolhidas; e o elogio torna autêntica a utilidade das repreensões, subtraindo o que existia de doloroso. Muito a propósito e com amabilidade utilizou essas palavras. Com efeito, não disse: Estou cheio de alegria, e sim: *“Transbordo”*, ou melhor, não: Transbordo, e sim: Superabundo. Assim renova a expressão de ardente desejo, porque, embora seja amado a ponto de poder alegrar-se e exultar, julga que o amor não corresponde à medida exata, nem conseguiu tudo, a tal ponto tinha inesgotável caridade para com eles. Na verdade, a quem ama intensamente, causa grande prazer a retribuição das pessoas amadas, por pouco que seja. Eis, pois, nova prova de sua caridade. Relativamente ao consolo, disse: *“Estou cheio”*, recebi o que me era devido; quanto à alegria, porém: *“Transbordo”*. Isto é: Muita tristeza sentia por vossa causa, mas me destes suficiente satisfação, e me trouxestes alívio. Não somente eliminastes a causa do pesar, mas até me infundistes intensa alegria. Logo, demonstra a grandeza desta, não apenas pelo que dissera: “*Transbordo de alegria”*, mas ainda pelo acréscimo: “*em todas as nossas tribulações”*.

Tão grande foi o prazer que nos causastes que nem tamanha aflição pôde obscurecer, mas com exuberância afastou as angústias que nos prostravam, e não deixou que as sentíssemos.

Paulo na Macedônia, onde Tito o encontrou

5. *Em verdade, quando chegamos à Macedônia, nossa carne não teve repouso algum,*

Uma vez que mencionou as “*tribulações”*, expõe como foram intensas, e as exagera para evidenciar que o consolo e a alegria por eles proporcionados lhe tiraram o senso de tão grande dor.

mas sofremos toda espécie de tribulação:

Como: *“Toda espécie”*?

Por fora, lutas;

da parte dos infiéis.

Por dentro, temores.

Por causa daqueles cuja fé era fraca, receando que fossem arrastados para o erro. E não apenas entre os coríntios tal acontecia, mas ainda em outros lugares.

6. *Mas aquele que consola os humildes consolou-nos pela chegada de Tito.*

Visto que houvera dado belo testemunho sobre eles, a fim de afastar de si a suspeita de adulação, aduz o testemunho de Tito, o irmão que depois da Primeira Carta aos Coríntios voltara para junto de Paulo, e o informara que eles haviam se emendado. Mas queria que consideres como sempre estima imensamente a presença de Tito. Pois, antes empregara estes termos: *“Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho de Cristo. Não tive repouso de espírito, pois não encontrei a Tito, meu irmão”* (2Cor 2,11), e aqui mais uma vez: “*Consolou-nos pela chegada de Tito*”. Quer, de fato, dar-lhe autoridade diante deles e fazer com que lhe dediquem muito amor. E vê como faz ambas as coisas. Ao declarar: “*Não tive repouso de espírito”*, aponta para a grandeza da virtude dele; e ainda, ao afirmar: Em nossa tribulação, *“consolou-nos pela chegada de Tito”*.

7. *E não somente pela chegada dele, mas também pelo consolo que recebeu de vossa parte,* capta a benevolência dos coríntios. Com efeito, nada produz e congrega amizades como relembrar algo de alegre e aceitável a respeito de alguém. É o que assegura acerca de Tito, dizendo: Sua chegada nos reanimou, causando-nos alegria. Deu-nos boas notícias a respeito de vós, e com isso sua chegada muito nos regozijou. Não somente nos trouxe alegria, mas também nos transmitiu o consolo que de vós recebeu. Qual o consolo que recebeu? O proveniente de vossa virtude e boas obras. Por isso também acrescentou: *Referiu-nos o vosso vivo desejo, a vossa desolação e o vosso zelo por mim,*

Afirma que foram esses fatos que o deleitaram, deram-lhe alívio. Vês o que ele assegura: Tito lhes dedica caridade ardente, de sorte que considera uma consolação a honestidade dos coríntios, e em seu retorno para junto de Paulo gloria-se, como se a virtude fosse propriamente dele? E observa com que ardoroso afeto o descreve: *“O vosso vivo desejo, a vossa desolação e o vosso zelo”*. É possível que eles estivessem pesarosos e desolados pela irritação de São Paulo, e porque, durante tanto tempo, ficara ausente. Por isso não disse simplesmente: Lágrimas, e sim: *“Desolação”*; nem: Cupidez, e sim: *“Vivo desejo”*; nem: Ira, e sim: *“Zelo”*, e zelo por Paulo, isto é, contra o fornicador e os acusadores de Paulo. Vós, assegura, após receberdes minhas cartas, vos inflamastes e irastes. Por isso, transborda de alegria, está cheio de consolo por tê-los estimulado. Todavia, parece-me que essas coisas foram ditas não só para consolo dos coríntios, mas também para exortação dos que corrigiram o erro. Embora alguns, a meu ver, fossem réus dos anteriores crimes e indignos de louvor, não faz distinções, emite juntamente louvores e repreensões, deixando à consciência dos ouvintes a escolha do que cabia a cada qual. Assim as repreensões não ocasionavam constrangimento e os louvores excitavam zelo intenso.

Atualmente também a isso devem se sujeitar os culpados, a saber, que chorem, se lamentem, estimem os mestres, e procurem-nos mais avidamente do que aos próprios pais. Destes receberam a vida, dos mestres aprenderam a maneira de vivê-la bem. É desse modo que é preciso receber as repreensões paternas, dessa forma, lamentar juntamente com os antístites aqueles que pecam. Tudo não depende só deles, mas em parte de nós. Se verificar o pecador que é censurado pelo pai, mas lisonjeado pelos irmãos, torna-se mais negligente. Por isso, ao repreender o pai, tu também com ele fiques encolerizado, em parte preocupado com o irmão, em parte indignado em união com o pai. Todavia, não demonstres grande zelo e derrames lágrimas porque é exprobrado, mas porque pecou.

Aliás, se eu construir e tu demolires, o que conseguiremos senão nos consumirmos de trabalho? Ou antes, não só te prejudicas a ti mesmo, mas mereces castigo. Pois quem obsta a que um ferimento receba tratamento, merece castigo não menor, até mesmo mais grave do que aquele que feriu. Não é a mesma coisa ferir alguém ou impedir a aplicação de um remédio, porque este ato sem dúvida acarreta a morte, enquanto o crime nem sempre. Estou dizendo isso para que, no caso de se irar o antístite por justa causa, também vós juntamente com ele vos irriteis, de sorte que, ao vires alguém ser admoestado, todos tenham maior aversão do que o próprio mestre. O delinquente vos tema ainda mais do que aos superiores. De fato, se tiver medo somente do mestre, logo pecará novamente; se, porém, ficar atemorizado diante de tantos olhos e de tantas bocas, haverá de se portar com maior cautela. Por isso, se não agirmos assim, teremos o pior castigo; e se o fizermos, participaremos em comum do lucro que gera a correção dos pecadores.

Por conseguinte, assim devemos agir; e se alguém disser que aos cristãos convém ter sentimentos humanitários para com o irmão, saiba que é humanitário quem se encoleriza, não quem protege importunamente o pecador, porque o inibe de se tornar consciente do pecado. Qual dos dois, pergunto, tem misericórdia do doente com febre e delírio? Aquele que o coloca no leito, amarra-o, proíbe alimentos e bebidas nocivos ou quem lhe dá possibilidade de se embriagar e ordena que siga seu próprio arbítrio e faça tudo o que importa a um homem com saúde? Acaso não há de incrementar a doença aquele que julga estar desempenhando um ofício humanitário, enquanto ao contrário o outro cura a doença? Da mesma forma julguemos nosso caso. É humanitário não ceder sempre à vontade dos doentes, nem acariciar-lhes os desejos absurdos. Ninguém amava mais aquele que fornicara entre os coríntios do que Paulo, que, porém, mandava fosse entregue a Satanás (1Cor 5); ninguém, de outro lado, mais o odiava do que os que aplaudiam e obsequiavam o pecador. O final o comprovou. Eles o haviam ensoberbecido e aumentaram-lhe o tumor; Paulo, contudo, o espremeu e não desistiu até devolver-lhe íntegra saúde. Aliás, eles intensificaram o mal existente; Paulo, porém, eliminou o que fora previamente contraído. Por conseguinte, aprendamos também nós as normas do amor ao homem. Pois, se vires um cavalo arrastado para um precipício, tomas o freio, fortemente o conténs e muitas vezes chicoteias, embora o tortures, visto que tal tormento gera a salvação. Mantém para com os que pecam o mesmo procedimento. Vincula o criminoso até que Deus se lhe torne propício; não o deixes solto para que não fique ligado com os vínculos mais apertados da ira divina. Se eu impuser vínculos, Deus não o aprisionará; se, ao contrário, não o mantiver aprisionado, ficar-lhe-ão os vínculos que não se despedaçam. “Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1Cor 11,31). Não julgues crueldade e desumanidade, mas bondade suma, ótimo remédio, e extraordinária solicitude. De fato, deram bastante satisfação, respondes. Por quanto tempo? Um, dois, ou três anos? Ora, não pergunto qual o prazo de tempo, mas sobre a conversão. Demonstra que estão arrependidos, convertidos; e tudo estará bem. Se não for assim, o prazo de tempo nenhum proveito acarreta. Nem perguntamos se a ferida recebeu frequentes curativos, mas se o curativo foi de vantagem. Se em pouco tempo foi útil, não se façam outros; se não adiantou, mesmo depois de dez anos seja utilizado. O proveito sirva de termo para tirar a ligadura. Se deste modo cuidarmos de nós próprios e dos demais, sem olhar a glória ou a ignomínia diante dos homens, e sim considerar o tormento e o opróbrio na vida futura, mas sobretudo a ofensa a Deus, imponhamo-nos os fortes remédios da penitência. Desta sorte, quanto antes alcançaremos saúde íntegra, e conseguiremos os bens futuros. Possamos todos nós obtê-los pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória, honra, império, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA QUINTA HOMILIA

8. *Se vos entristeci pela minha carta, não me arrependo. E, se a princípio me arrependi –*

Começa pedindo desculpas por causa da primeira carta. Uma vez emendado o pecado, podia tratar com eles mais segura e brandamente, e revelar as vantagens oriundas desse problema. Mas já o fizera previamente, dizendo: *"Por isso foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas, não para vos entristecer, mas para que conheçais o amor transbordante que tenho para convosco"* (2Cor 2,4). Age de modo semelhante agora, utilizando muitas palavras. E não disse: Antes me arrependia, atualmente, porém, não me arrependo. Como é isso? *"Não me arrependo"* agora, *"e, se me arrependi"*. Como se dissesse: Apesar de ser o que escrevi uma repreensão imoderada, que poderia causar-me arrependimento, no entanto o grande lucro que a carta produziu, já não me permite arrepender-me. De fato, não dizia que empregara excessiva censura, mas acentuava os elogios: Demonstrastes tão grande emenda que mesmo que vos tivesse infligido ferimento mais profundo a ponto de arrepender-me, agora, contudo, em consideração do resultado aprovaria meu ato.

Como acontece relativamente às crianças. Se lhes aplicamos curativo mais doloroso, por exemplo, um corte, uma cauterização, ou uma poção amarga, logo os acariciamos. É isto que Paulo faz.

vejo que essa carta vos entristeceu, ainda que por algum tempo –,

9. *alegro-me agora, não por vos haver contristado, mas porque a vossa tristeza vos levou ao arrependimento.*

Após ter dito: *"Não me arrependo"*, aduz a causa, o proveito daquelas cartas, e prudentemente se desculpa nestes termos: *"Ainda que por pouco tempo"*. O aborrecimento foi breve, diz ele, porém contínua a utilidade. O próprio teor do discurso reclamava esta maneira de se exprimir: Ainda que vos tenha contristado por algum tempo, houve após contínua alegria e proveito. Com efeito, não emprega essas palavras; antes de explanar as vantagens, passa outra vez aos elogios e mostra-lhes solicitude, dizendo: *"Alegro-me agora, não por vos haver contristado"*. Que lucro retiraria de vos haver contristado? *"Mas porque a vossa tristeza vos levou ao arrependimento"*, porque esta tristeza foi lucrativa. Um pai que assiste à operação de um filho não se alegra porque ele suporta dores, e sim por estar sendo tratado; assim também Paulo. E vê que lhes atribui o bom resultado, e à carta ter provocado tristeza, ao dizer: *"Ainda que por pouco tempo vos entristeceu"*, referindo à virtude deles o proveito daí resultante. Efetivamente, não disse: Porque a carta vos corrigiu, o que na realidade sucedeu, e sim: *"Mas porque a vossa tristeza vos levou ao arrependimento"*.

Vós vos entristecestes segundo Deus, e assim não sofrestes dano algum.

Vês que prudência incrível? Se não o tivéssemos feito, assegura, teríeis sofrido grande prejuízo. Mas atribui o bom efeito a eles, e diz que o dano seria dele, se ele se calasse. Pois, uma vez que da correção viria a emenda, se não recriminássemos, causaria dano comum a vós e a nós. Aquele que ao mercador não fornece o necessário à navegação causa-lhe prejuízo; do mesmo modo, se não vos oferecêssemos ocasião de penitência, ocasionar-vos-ia detrimento. Vês que não admoestar os pecadores causa estrago tanto ao mestre quanto ao discípulo?

10. *Com efeito, a tristeza segundo Deus produz arrependimento que leva à salvação e não volta atrás,*

Por isso, declara, embora me tenha arrependido antes de ter visto os frutos e o grande lucro, agora, contudo, não me arrependo. Tal é a tristeza segundo Deus. De resto, dela fala, expondo que a tristeza nem sempre é profunda, a não ser quando é segundo o mundo. O que significa: Segundo o mundo? Seria entristecer-se devido à perda das riquezas, por causa da glória, da morte de alguém. Tudo isso é segundo o mundo, ocasiona morte. Quem se entristece por causa da glória, da inveja, muitas vezes forçosamente se perde, conforme Caim e Esaú se entristeceram intensamente. Por conseguinte, o

Apóstolo entende por tristeza segundo o mundo a que prejudica aos que se lamentam. De fato, a tristeza por causa do pecado é a única que é útil; e é evidente. Quem se entristece pela perda das riquezas, de forma alguma repara o prejuízo; quem fica enlutado pela morte de alguém, não faz o morto ressurgir. Quem se aflige por causa de doença, não a elimina, antes a aumenta. Ora, só aquele ao qual o pecado causa pesar, da tristeza colhe algo, pois consome e apaga os pecados. Uma vez que o remédio é adequado apenas para tal fim, só nessa circunstância traz vantagem, e no restante causa detrimento.

Ora, dirá alguém, Caim achava-se triste porque não conseguia agradar a Deus. Ou antes, não por isso, mas porque via o irmão se destacar. De fato, se ele se condoesse pelo primeiro motivo, devia imitar a virtude do irmão e congratular-se com ele.

Mas a sua tristeza mostrava que estava aprisionado à tristeza segundo o mundo. Ora, tal não era Davi, nem Pedro, nem os demais justos, que eram louváveis, e lamentavam os próprios pecados ou os dos outros. O que há de mais perturbador do que a tristeza? Todavia, se é segundo Deus, é melhor do que a alegria mundana. Esta em nada termina; a outra produz a penitência donde resulta a salvação e da qual nunca nos arrependemos. O mais espantoso é que aquele que assim tem pesar, jamais se arrependerá, conforme é peculiar à tristeza mundana. O que, de fato, é mais querido do que o filho legítimo? E mais doloroso do que a morte desse filho? E, no entanto, os pais, que pela intensidade da dor não admitem consolo algum e atormentam-se a si mesmos, com o passar do tempo se arrependem do luto excessivo, porque nada ganharam com isso, e mais gravemente lesaram a si próprios. Ora, tal não é a tristeza segundo Deus; ou antes, tem dupla conveniência: Não é reprovada, e termina na salvação, enquanto a dor mundana se priva de ambas as vantagens. Pois, os que assim se condoem e pranteiam-se com prejuízo próprio, em seguida se arrependem de tal luto. É o máximo sinal de que a dor lhes foi prejudicial. O oposto é a tristeza segundo Deus. Por isso dizia Paulo: *“Arrependimento que leva à salvação e não volta atrás”*. Ninguém se acusa por ter tido aflição e contrição pelos pecados. Tendo dito isso, São Paulo não busca um exemplo em outra parte, nem cita aqueles cujo arrependimento se acha narrado nas histórias antigas; de fato, atesta só por intermédio dos próprios coríntios e de seus atos, a fim de instruí-los através deste encômio, e mais estreitamente uni-los a si.

11. *Vede, antes, o que produziu em vós a tristeza segundo Deus: que solicitude!*

Esta tristeza não somente não vos induziu a condenar-vos a vós mesmos, o que teria sido em vão, mas, ao contrário, vos tornou mais diligentes. Adicionou ainda as provas da solicitude que tiveram.

Que desculpas!

Isto é, em meu favor.
Que indignação!
Contra o pecador.
Que temor!
Com efeito, era próprio de quem possuía o temor de Deus tão grande zelo e pronta correção. Ora, para não aparentar enaltecer-se, vê como logo suaviza, dizendo:
Que ardente desejo!
Por mim.
Que zelo!
Por Deus.
Que punição!
Reclamastes castigo contra os transgressores da lei divina.
Demonstrastes de todos os modos que estáveis inocentes naquela questão.
Não apenas não ousastes praticar crime algum (era evidente), mas também não tivestes conivência. Como havia dito na Primeira Carta: "E vós estais cheios de orgulho!" (1Cor 5,2), aqui diz: Vós vos libertastes de suspeitas, enquanto não só não aprovastes o crime, mas também repreendestes e vos irastes.

12. *Numa palavra, se vos escrevi, não foi por causa daquele que injuriou, nem por causa daquele que sofreu a injúria,*
No intuito de evitar que os coríntios lhe perguntassem: Por que nos admoestas se éramos inocentes nessa questão? A essa objeção toma posição acima, abre outro caminho, confirmando o que dizia: *"Não me arrependo. E, se a princípio me arrependi".* Estou tão longe de me arrepender agora do que escrevi, que então mais me arrependeria do que agora, quando vos mostrais inocentes. Vês novamente com quanto vigor Paulo disputa e a sua reviravolta no discurso? Pelo fato mesmo de que eles julgavam ter sido desrespeitados, porque inutilmente os havia repreendido sem considerar o progresso que fizeram, demonstra que foi justo ter falado com maior liberdade. E não recusa falar-lhes com amabilidade ao verificar que já é lícito assim proceder. Efetivamente, tendo dito mais acima: "Aquele que se une a uma prostituta constitui com ela um só corpo" (1Cor 6,16) e: "Entregai tal homem a Satanás para a perda da sua carne" (1Cor 5, 5); e : "Todo outro pecado que o homem cometa, é exterior ao seu corpo" (1Cor 6, 18) etc., por que aqui diz em consequência: *"Não foi por causa daquele que injuriou, nem por causa daquele que sofreu a injúria"*? Ao se exprimir assim não se contradiz, ao contrário é inteiramente consequente. Como é consequente? Porque tinha o máximo empenho em manifestar a intensidade de seu amor. Por isso, cuida de não ofender o fornicador, querendo atender à salvação dele; simultaneamente, conforme disse, demonstra caridade para com eles, e que fora abalado pela apreensão por toda a Igreja. Realmente receava que toda a Igreja sofresse detrimento com aquele crime, e o mal mais largamente grassasse e se apoderasse da Igreja inteira. Consequentemente afirma: *"Um pouco de fermento leveda toda a massa"* (1Cor 5,6). De fato, então assim se expressava, porém agora já não fala dessa forma, e sim de modo diverso, porque eles haviam melhorado; e o sugere, mais suavemente, contudo, manuseando a palavra: mas para que se manifestasse entre vós a solicitude que temos para convosco.
Isto é, para que ficásseis cientes de quanto vos amo. Ele o declarara anteriormente, todavia explanando com palavras diferentes, parece enfatizar. Examina a mente de Paulo para verificar que é assim, e não encontrarás diferença alguma. Visto que muito vos amo, assegura, receava aborrecer-vos, e entristecer. Quando diz: "Acaso Deus se preocupa com os bois" (1Cor 9, 9) não quer dizer que se

descuida dos bois, pois nenhum ser subsiste se destituído da providência divina; mas com tais palavras quer significar que Deus, ao promulgar aquela lei, não teve especial cuidado dos bois. Assim também nesta passagem: Escrevi, diz ele, principalmente por vossa causa; em seguida também por causa do pecador. Ora, na minha alma se gravara o amor por vós, apesar de não vos ter escrito; de resto, desejava por meio daquelas cartas revelá-lo a vós e a todos em geral.

Foi por isso que nos sentimos consolados.

Porque manifestamos zelo para convosco, e plenamente cumprimos nosso dever. Segundo assegurava em outra passagem: “Agora estamos reanimados, porque estais firmes no Senhor” (1Ts 3,8); e ainda: “Pois quem é, senão vós, a nossa esperança, a nossa alegria, a coroa de glória” (1Ts 2,19)? Para um mestre judicioso, o progresso dos discípulos é vida, conforto e consolo.

De fato, nada melhor assinala o governante do que o amor para com os súditos. Na verdade, o que faz um pai não é somente a procriação, mas ainda o amor, além da procriação. Já a natureza reclama tanto amor, quanto mais a graça. Foi desse modo que os antigos todos se ilustraram. Por isso, dentre os hebreus, todos os que se tornaram ilustres dessa forma se destacaram. Assim Samuel revelou sua grandeza ao declarar: “Longe de mim que eu venha a pecar contra Deus deixando de orar por vós” (1Rs 2,23). Assim Davi, assim Abraão, assim Elias, assim cada um dos justos, tanto do Novo quanto do Antigo Testamento. Em verdade, Moisés, por causa dos súditos, abandonou imensas riquezas e tesouros indescritíveis, preferindo ser afligido com o povo de Deus. De fato, antes de ser investido no cargo de chefe, na realidade era moderador do povo. Por que, então, aquele hebreu lhe dizia com insolência: “Quem te constituiu nosso chefe e nosso juiz” (Ex 2, 14)? O que dizes? Vês as obras e duvidas do título? Seria igual a alguém que, vendo um médico muito perito a operar e socorrer um membro doente, dissesse: Quem te indicou, e mandou cortar? A própria arte, ó criatura, e a tua doença. Do mesmo modo a ciência o elevou a tal dignidade. Efetivamente, exercer o governo não é apenas dignidade, mas também arte e a mais difícil das artes. Pois se o governo do povo é arte e o mais elevado dos conhecimentos, muito mais o nosso tipo de governo. É tanto mais importante quanto precede os outros; ou muito mais. Se vos apraz, desenvolvamos cuidadosamente esse discurso. É arte a agricultura, arte a tecelagem, arte a arquitetura. São muito necessárias e protegem especialmente a nossa vida. Pois as demais, como a do ferreiro, dos artífices, dos pastores de ovelhas e de rebanhos prestam-lhes serviço. Mas dessas artes a mais necessária é a agricultura, que em primeiro lugar Deus introduziu ao criar o homem. De fato, pode-se passar a vida sem calçados e vestes, mas sem a agricultura de modo algum.

Narra-se que são dessa espécie os “amaxóbios” (que moram em carros), nômades dentre os citas, dentre os indianos os gimnosofistas. Eles, efetivamente, negligenciaram a arte de construir, tecer as vestes e confeccionar sapatos, e utilizam somente a agricultura. Envergonhai-vos, vós, que necessitais de artes supérfluas, de cozinheiros, padeiros, confeiteiros e muitos outros da mesma espécie para passares a vida; envergonhai-vos, vós, que introduzistes artes vãs na vida humana. A vós, os fiéis de Cristo, vos incutam pudor os bárbaros, que não necessitam dessas artes. De fato, Deus fez a natureza autossuficiente, de sorte que necessite de muito pouco. Todavia, eu não vos obrigo, nem imponho a norma de viverdes conforme o que Jacó pediu a Deus. O que pediu? “Se Deus me der pão para comer e roupas para me vestir” (Gn 28,29). Isto também ordenava Paulo: “Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso” (1Tm 6,8). A primeira arte, portanto, é a agricultura, a segunda a tecelagem, a terceira a arquitetura; a sapataria é a última de todas. Entre nós, de fato, há muitos servos e agricultores que passam a vida descalços; por conseguinte, estas são as artes úteis e necessárias. Vamos, então, comparemo-las com a arte de governar.

O motivo de ter destacado as três artes mais usuais foi porque a que se revelar superior às demais sem dúvida obtém a palma. Como verificar qual a mais necessária? É aquela que, se for supressa, as outras para nada servem. Por conseguinte, se te apraz, omitamos as outras duas, e tratemos da agricultura que é superior às outras e mais necessária. Mas, que lucro obtém o labor agrícola, se os homens guerreiam entre si e roubam os bens uns dos outros?

Nesse caso, porém, o temor do governante reprime e protege o êxito do trabalho; eliminado tal medo, todo aquele labor será inutilizado. Um exame cuidadoso do problema manifestará outra espécie de governo que a este serve de origem e manutenção. Qual é? Aquela que possibilita a cada um dirigir e governar a si mesmo, e se comportar de tal modo que domine as paixões servis, e de outro lado zelosamente alimente e faça crescer os rebentos da virtude. Há distintas espécies de governo: uma a do governo das cidades e povos, regulando a vida civil; é o que Paulo assinalava ao dizer: “Todo homem se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus” (Rm 13,1). E após, indicando o lucro daí retirado, acrescenta: “A autoridade é instrumento de Deus, para conduzir ao bem” (Rm 13,4), e ainda: “Instrumento de Deus para fazer justiça e punir quem pratica o mal”. A outra, que faz com que o procedimento de cada um seja sensato, conforme igualmente a declaração de Paulo: “Queres não ter medo da autoridade? Pratica o bem” (Rm 13,3), referindo-se ao governo de si próprio.

Mas, de fato, existe outra espécie de governo, mais sublime do que o civil. Qual? A que vigora na Igreja, e que Paulo menciona: “Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis, porque velam pessoalmente sobre as vossas almas, e disso prestarão contas” (Hb 13,17). Essa forma de governo é tão superior à política quanto o céu está acima da terra; ou antes, muito mais. Em primeiro lugar, porque em vez de se ocupar principalmente de castigar os crimes cometidos, busca que absolutamente não sejam perpetrados; em seguida, se foram cometidos, não quer rejeitar o paciente, mas apagar o crime. Para tanto, em verdade, dá pouca atenção às questões da vida presente, mas atua sempre em vista das celestes: “Mas a nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20), e lá igualmente a nossa vida “está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). Lá estão os prêmios, e queremos acorrer às coroas lá reservadas. Essa vida não termina com a morte; ao invés, brilha mais intensamente. Por isso, os que estão de posse dessa forma de governo têm maior dignidade não só do que os procuradores, mas propriamente dos que estão cingidos com o diadema, porque instituídos em postos mais elevados e para maior bem dos homens. Aliás, não podem exercer dignamente nem o governo civil, nem o espiritual senão os que primeiro dominarem a si próprios convenientemente e observarem com sumo zelo as leis de ambas as ordens. Pois, de certo modo, é duplo o governo do povo, e igual é o que cada qual exerce sobre si mesmo. Mas neste caso também o domínio espiritual é mais importante do que o civil, segundo foi demonstrado. Efetivamente, encontram-se ofícios que são figuras das formas de governo, principalmente a agricultura. Com efeito, o agricultor tem uma espécie de domínio sobre as plantas. Na realidade, a umas poda e impede-lhes o crescimento, a outras multiplica e cultiva. Não diferem de ilustres príncipes que a criminosos, malfeitores dos demais, infligem castigos, os eliminam e, ao invés, promovem os melhores e equitativos. Por essa razão, a Escritura compara os antístites aos vinhateiros. Como é isso, se as plantas não emitem sons conforme costumam fazer nas cidades os oprimidos? Mas, ao menos pelo aspecto manifestam a ignomínia, uma vez que murcham se abafadas pelas ervas nocivas. Ora, como a maldade é coagida pelas leis, assim também a agricultura melhora a terra fraca e a proveniência vil das plantas silvestres. De fato, tudo o que existe nos hábitos humanos, encontramos também entre as plantas, a saber, a aspereza, a flacidez, a timidez, a temeridade, a inconstância; e umas se expandem com inoportuna e opulenta exuberância, arruinando as vizinhas, enquanto outras são carentes e ficam prejudicadas, por exemplo, quando se levantam

sebes com perda das plantas vizinhas, e quando árvores infrutíferas e agrestes se desenvolvem para o alto e impedem o crescimento das que estão embaixo. E como existem homens perversos que arruínam e combatem o domínio dos príncipes e dos reis, também o agricultor suporta o incurso das feras, as intempéries, o granizo, a alforra, a chuva, a seca etc. Tudo isso faz com que perpetuamente coloques em Deus a tua esperança. A atividade sustenta os restantes ofícios dos homens, o agricultor, contudo, deposita a esperança de bom resultado em grande parte nas mãos de Deus, do qual depende quase totalmente. Precisa das chuvas do alto, da boa temperatura, porém requer principalmente a providência de Deus. “Assim, pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa tão somente Deus, que dá o crescimento” (1Cor 3,7). Aliás, nas plantas também há morte e vida, dores e partos, como entre os homens. Pois acontece que a planta é podada, dá fruto, morre e a que morre brota novamente; com isso a terra nos fala de modo variegado e notável de ressurreição. Pois, ao proceder da raiz o fruto e a semente germinar, acaso não se trata de uma ressurreição? Ora, pode quem quiser neste domínio divisar a divina providência e a sua sabedoria, se refletir sobre cada pormenor. Mas, queríamos dizer que o agricultor cultiva a terra e os vegetais, e nós exercemos a cura das almas. Na medida, porém, em que as almas distam dos vegetais, a cura das almas deve ser tida como mais importante do que o cultivo da terra. Ainda os que têm autoridade na vida terrena acham-se tão abaixo dos que a possuem na Igreja, quanto é melhor governar os de boa do que os de má vontade. Pois aquela constitui forma de governo natural. Com efeito, os últimos agem sempre por medo e coação; os primeiros realizam tudo por livre-arbítrio e decisão reta. E não somente nisso é melhor tal forma que aquela, mas ainda porque não é apenas domínio, mas, diria, é paternidade. É peculiar ao pai a mansidão e sabe convencer ao ordenar coisas mais difíceis. De fato, entre os pagãos, o príncipe diz: Se cometeres adultério, morrerás; mas a autoridade espiritual ameaça com gravíssimas penas até os olhares impudicos. De fato, é tribunal austero; corrige o corpo, e conjuntamente a alma.

Quanto difere, portanto, o corpo da alma, tanto este domínio dista daquele. Naquele, assenta-se o juiz para julgar crimes confessos, ou antes não todos, mas só os manifestos; aliás, muitas vezes acontece que traia dissimulando. Ao invés, nosso tribunal ensina aos que o abordam que o juiz há de revelar tudo e claramente no cenário do mundo inteiro e nada ficará oculto. Por conseguinte, a lei cristã controla bem mais a nossa vida do que a pagã. Visto que o temor por causa dos pecados ocultos acautela mais do que o medo devido só aos pecados públicos, e quem reclama penas até das faltas leves, mais estimula à virtude do que aquele que pune as graves, sem dúvida esta autoridade regula melhor a nossa vida. Se vos apraz, consideremos de que modo são instituídos ambos os chefes; e verificarás que é grande a diferença. Efetivamente, não é lícito assumir este governo por dinheiro, e sim através de uma vida respeitável; e não se é promovido a esta forma de governo para adquirir glória humana e repouso pessoal, mas para dedicar suor e labor em prol do bem de muitos. Daí também fruir de grande auxílio do alto, da parte do Espírito. O poder não só determina o que se deve fazer, mas, em verdade, une-se-lhe também a colaboração das preces e da graça. Ao invés, o poder temporal não diz palavra sobre a sabedoria, nem há quem se assente para ensinar o que é a alma, o mundo, o que advirá no futuro e para onde havemos de migrar, de que modo adquirir a virtude, mas muitas palavras se gastam sobre pactos, contratos e dinheiro; daquelas realidades não há absolutamente preocupação alguma. Ora, na Igreja verás que todos os discursos versam sobre esses assuntos. Por isso, podes com justeza dar-lhe o nome que quiseres: tribunal, escola de medicina e filosofia, espiritual disputa literária e arena das corridas que conduzem ao céu. Já se evidencia que é o império mais suave, apesar de mais exigente. Pois, se o imperador dos gentios apreender um adúltero, logo o castiga. E qual o bem daí resultante? Não se cuida de apartar o vício, mas de expulsar o viciado. Ao invés, o governo espiritual não se apressa a aplicar o suplício, mas quer eliminar a paixão. Tu, no

caso de uma dor de cabeça não ages atacando o mal, e sim cortando a cabeça; eu, contudo, procedo diversamente, procurando amputar a doença. E de novo acolho quem foi expulso dos recintos dos sagrados mistérios, após ter ressuscitado, ter se libertado do pecado e melhorado pelo arrependimento. E como pode o réu purificar-se do adultério? É possível, digo, e até fácil, pela submissão às leis. A Igreja é um balneário espiritual que limpa não a mácula corporal, mas as manchas da alma por várias espécies de penitência. Com efeito, se demitires impune o pecador, tu o farás pior, e, se o castigares, continua incurável, enquanto eu não o deixo a salvo, nem o açoito como tu; mas simultaneamente exijo a pena conveniente e o corrijo. Queres saber doutro modo como tu, empunhando a espada, e mostrando o fogo aos pecadores, não lhe aplicas remédio eficaz, ao passo que eu, sem medicamento lhes devolvo a saúde íntegra? E não preciso falar e discursar, mas aduzir a terra e o mar e a própria natureza humana. Mas quero que ponderes, antes da constituição deste tribunal, qual o estado das coisas humanas, quando nem o nome se ouvia das boas ações atuais. Pois quem foi intrépido diante da morte? Quem desprezava as riquezas? Quem tinha a glória por nada? Quem, fugindo dos tumultos do mundo, transportava-se para os montes e a solidão, mãe da sabedoria? Onde se achava outrora o nome de virgindade? Tudo isso e muito mais foi realizado por causa deste tribunal, foi obra deste governo. Com tais considerações, e entendendo as vantagens desta vida, donde flui a retidão no orbe inteiro, frequentemente entregai-vos à audição das palavras divinas e voltai a nossas reuniões e orações. Pois se assim vos comportardes, mostrareis uma vida digna dos céus e podereis conseguir os bens prometidos, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA SEXTA HOMILIA

13. *Nós nos sentimos consolados devido a vossa consolação. Mas a esta consolação pessoal sobreveio uma alegria maior ainda: a de vermos a alegria de Tito, cujo coração foi tranquilizado por todos vós.*

Eis que ainda uma vez os enaltece, e aponta para a caridade deles. Após ter afirmado que teve grande prazer porque sua carta fora tão valorizada e eles haviam lucrado tanto, dizendo: *"Alegro-me agora, não por vos haver contristado, mas porque a vossa tristeza vos levou ao arrependimento"*, após ter declarado sua caridade nesses termos: *"Se vos escrevi, não foi por causa daquele que injuriou, nem por causa daquele que sofreu a injúria, mas para que se manifestasse entre vós a solicitude que tenho para convosco"*, ainda menciona outra prova da benevolência deles, que lhes obtém grande elogio, e mostra a caridade sincera de que estão dotados: *"Nós nos sentimos consolados devido a vossa consolação. Sobreveio uma alegria maior ainda: a de vermos a alegria de Tito"*. Todavia não é peculiar a quem intensamente ama alegrar-se mais por causa de um terceiro. Sim, diz Paulo, imenso amor, pois não me alegrei tanto por ele quanto por vossa causa e, por conseguinte, aditou o motivo: *"Cujo coração foi tranquilizado por todos vós"*. Não disse: Ele, e sim: *"Cujo coração"*, isto é, a caridade que vos dedica. De que modo foi tranquilizado? *"Por todos vós"*. É também grande elogio.

14. *Se diante dele eu me gloriei um pouco de vós,*

Grande louvor, o mestre se gloria, pois afirma: não tive de me envergonhar.

Alegrei-me porque vos mostrastes melhores ainda, e com os fatos comprovastes minhas palavras. Daí me veio duplo decoro, seja por ser vossa virtude mais elevada, seja por se ter evidenciado que eu não errara.

Assim como sempre vos temos dito a verdade, do mesmo modo ficou comprovado como verídico o elogio que de vós fizemos a Tito.

Nesse trecho ainda insinua outra coisa. Diante de vós, declara, tudo o que falamos acerca de Tito mostrou-se verídico (é provável que o tenha elogiado assaz); reciprocamente o que Tito me contou é

sem dúvida verdadeiro.

15. *Ele sente por vós ainda maior afeição,*

Com estas palavras recomenda-o por seu amor ardente e união com eles. Não disse: Amor, e sim: *"Maior afeição"*. Logo após, para não parecer lisonja, como sempre, enuncia as causas da amizade, seja, conforme disse, a fim de não levantar suspeita de adulação, seja para mais intensamente estimular à virtude, louvando-os e assinalando que foram eles que deram primeiro a Tito o fundamento e as provas de benevolência. Com efeito, após dizer: *"Ele sente por vós ainda maior afeição"* completou: *ao lembrar-se da vossa obediência.*

Atesta para com os benfeitores igualmente a gratidão de Tito, que regressara trazendo-os no coração e conservava deles contínua recordação, em palavras e pensamentos. E os coríntios ainda ficaram mais concei-
tuados pelo fato de que Tito partira, tão unido a eles. Logo também alude à obediência deles, estimulando-lhes o zelo e em consequência adiciona: e de como o acolhestes com temor e tremor.

Não só com caridade, mas também com sumo respeito. Vês de que modo lhes tributa duplo testemunho de virtude: amavam-no como a um pai e temiam-no como a um antístite, e o temor não enfraquecia o amor, nem o amor expelia o temor? É idêntico ao que mencionou acima: *"Vede o que produziu em vós a tristeza segundo Deus: Que solicitude! Que temor! Que ardente desejo!"* (2Cor 7,11).

16. *Regozijo-me por poder contar convosco em tudo.*

Vês que é por causa deles que mais se alegra?
Porque, assegura, de forma alguma envergonhastes
vosso preceptor, nem vos tornastes indignos de meu testemunho. Por conseguinte, não se alegrava somente por Tito ter sido tão respeitado, mas também por eles terem dado prova de tamanha gratidão. E para não julgarem que se alegrava por causa de Tito, vê o motivo que é apresentado. Assegurou acima: *"Se diante dele eu me gloriei um pouco de vós, não tive de me envergonhar"* e igualmente aqui: *"Por poder contar convosco em tudo"*. Se necessitei admoestar-vos, não tive receio de que vos apartásseis de mim; se devo gloriar-me, não receio ser censurado; se tiver de vos elogiar a honestidade, ou a caridade ou o zelo, confio em vós. Dei ordem de exclusão e excluístes; ordenei que fosse recebido e recebestes; disse na presença de Tito que sois grandes e admiráveis e soubestes respeitar o mestre, e demonstrastes por obras que é realmente verdade. E ele não o verificou por meu intermédio, mas por vós mesmos. E assim, regressou para junto de mim cheio de imenso amor por vós, porque destes provas maiores do que as minhas palavras comportavam.

II. ORGANIZAÇÃO DA COLETA

Motivos de generosidade

8,1. *Irmãos, nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedônia.*

Após enaltecê-los com louvores, novamente emprega uma admoestação. Assim, mistura louvores à repreensão, a fim de que não acontecesse que, recaindo do elogio na repreensão, tornasse a dissertação menos aceitável. De fato, primeiro inclina-lhes os ouvidos, abrindo caminho à admoestação. Pretendia falar da esmola e por isso, primeiro disse: *"Regozijo-me por poder contar convosco em tudo"*, devido às boas ações já realizadas, e tornando-os propensos a dar. E não disse imediatamente: Dai esmolas, mas observa sua sagacidade, ao retomar o sermão de longe e de mais alto: *"Nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedônia"*. Chama de graça para que não se orgulhassem;

e narra os feitos alheios, para estimular-lhes o zelo, por tal encômio. Aos macedônios tributa dois, ou antes três louvores: que suportam generosamente as tribulações; que tinham compaixão; que, embora sofressem penúria, eram munificentes, visto que seus bens lhe haviam sido raptados. Dava a entender tudo isso na carta que lhes escrevera, nesses termos: “Vós sois imitadores das Igrejas de Deus que estão na Judeia; pois que da parte dos vossos conterrâneos tivestes de sofrer o mesmo que aquelas Igrejas sofreram da parte dos judeus” (1Ts 2,14). Escuta as palavras que utiliza posteriormente ao escrever aos hebreus: “Aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens” (Hb 10,34). A tal feito dá o nome de graça, não apenas para contê-los, mas também para estimulá-los, sem emulação. Para tal apõe o nome de irmãos, visando eliminar qualquer inveja, visto que se prepara para louvar em demasia os macedônios. Escuta o que, de fato, afirma acerca deles. Pois tendo dito: *“Nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu”*, não disse: Que foi dada a esta ou àquela cidade; mas louva a todo o povo nestes termos: *“as Igrejas da Macedônia”*. E logo narra qual foi a graça.

2. *Em meio às múltiplas tribulações que as puseram à prova, a sua copiosa alegria*

Vês a sagacidade de Paulo? Em primeiro lugar não formulou o que queria, mas antepôs outra questão, a fim de não parecer agir de propósito, e chegou a este ponto por outra sequência de palavras: *“Em meio às múltiplas tribulações”*. Era o que aos próprios macedônios escrevia: “Vós vos tornastes imitadores do Senhor, acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar das numerosas tribulações” (1Ts 1,6), e ainda: “Partindo de vós, se divulgou a Palavra do Senhor, não apenas pela Macedônia e Acaia, mas propagou-se por toda parte a fé que tendes em Deus” (ib. 8). O que significam estas palavras: “*Em meio às múltiplas tribulações que as puseram à prova, a sua copiosa alegria*”? Ambas as coisas lhes sucederam de modo admirável: a tribulação e a alegria. Daí nasceu o que é incrível: Da aflição se originou tamanho prazer. A tribulação, apesar de ser muito grande, não causara tristeza, mas ocasionara imensa alegria. Certamente usava essas palavras querendo ungi-los para a luta e transformá-los em homens generosos e constantes. Não haviam sido levemente afligidos, e sim de tal sorte que pela paciência a virtude deles fora comprovada; ou melhor, não disse: Pela paciência, mas através do que é mais significativo, pela alegria. E não aludiu simplesmente à alegria, e sim à abundância de alegria; pois era imensa e indizível a alegria que ali germinara.

e a sua pobreza extrema transbordaram em tesouros de liberalidade.

Ambas novamente em alto grau. As múltiplas
tribulações haviam gerado profunda alegria e transbordante regozijo; assim também da extrema pobreza resultaram *“tesouros de liberalidade”*. Ele o destacou com estes termos: *“Trasbordaram em tesouros de liberalidade”*. Não se mede a liberalidade pelos dons, mas pelas disposições do doador. Por isso em parte alguma se refere à riqueza das dádivas, mas aos “*Tesouros de liberalidade*”. Seria como se dissesse: A pobreza não lhes opôs obstáculo algum à liberalidade, mas ofereceu-lhes oportunidade de dar mais copiosamente, assim como a tribulação ocasionou alegria maior. Quanto mais pobres, davam com maior prontidão de ânimo. Por isso admira-os intensamente, visto que, sofrendo tal penúria, deram mostras de tanta liberalidade. *“A sua pobreza extrema”*, imensa e indizível, manifestou a liberalidade. Mas não disse: Manifestou, e sim: “*Transbordou*; nem: *“Liberalidade”* e sim: “*Tesouros de liberalidade”* quer dizer, correspondente à extrema pobreza; ou antes, o volume da liberalidade era muito maior. Em seguida, o expõe mais abertamente, dizendo:

3. *Dou testemunho de que, segundo os seus meios* – e é testemunha fidedigna – e para além dos seus meios, isto é: ‘*Transbordaram em tesouros de liberalidade”*. Ou melhor, não só isso, conforme o indica, pelas palavras subsequentes: com toda espontaneidade.

Eis outra ampliação.

4. *e com viva insistência,* eis a terceira e a quarta.

nos rogaram a graça

Eis a quinta. E, de fato, estavam oprimidos pela aflição e pobreza. Eis a sexta. E a sétima: Deram copiosamente.

Depois, visto que especialmente se empenhava em obter que os coríntios dessem de bom grado, detém-se principalmente nisso, dizendo: *"com viva insistência"* e: *"nos rogaram a graça"*. Não fomos nós que rogamos, mas eles a nós. O que nos rogaram?

A graça de tomar parte nesse serviço em proveito dos santos.

Vês novamente ampliada a questão, e que recebe nomes insignes? E como eram solícitos acerca das almas, denomina-a graça, a fim de afluírem a este múnus; e igualmente comunhão, para entenderem que recebiam mais do que davam. Rogavam-nos, diz ele, que aceitássemos este serviço.

5. *Ultrapassando mesmo as nossas esperanças,*

Refere-se tanto à extensão da liberalidade quanto às aflições. Jamais teríamos esperado, afirma, que, vivendo em pobreza tão aflitiva, nos coagissem e suplicassem tanto. Além disso, declara a solicitude que tinham de outro lado: deram-se primeiramente ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus.

Em tudo, portanto, a obediência deles ultrapassou a expectativa. Pelo fato de darem aos necessitados, não descuidavam das outras virtudes, mas: *"Deram-se primeiramente ao Senhor"*. O que significa: *"Deram-se primeiramente ao Senhor"*? Quer dizer, consagraram-se, tiveram fé comprovada, destacaram-se por coragem nas tentações, moderação, flexibilidade, caridade, prontidão e zelo relativamente às outras virtudes. Qual o sentido das palavras: *"E a nós"*? Quer dizer que a nós mostraram-se obedientes, amaram, obedeceram, cumprindo a lei de Deus e estreitando conosco o vínculo da caridade.

E pondera que também aqui revela terem intenso zelo, dizendo: *"Deram-se primeiramente ao Senhor"*. Não obedeceram de um lado a Deus, e de outro ao mundo, mas deram tudo a Deus e deram-se inteiramente. E não se ensoberbeceram devido a sua compaixão, mas primeiro tornaram patente sua imensa humildade, obediência, respeito, grande sabedoria, e finalmente praticaram a esmola. Mas, o que significam estas palavras: *"Pela vontade de Deus"*? Havia assegurado: *"E a nós"* se deram, não por afeto humano, mas agiram segundo a vontade de Deus.

6. *Por isso insistimos junto a Tito para que leve a bom termo entre vós esta obra de generosidade, conforme já havia começado.*

E qual a consequência? Muito importante e coesa com o precedente. Uma vez que os vimos sumamente fervorosos em tudo, isto é, nas tribulações, nas esmolas, no amor por nós, na pureza no restante da vida, enviamos a Tito, para que a eles vos assemelheis. Apesar de não ter assim falado, isso nos sugere. E considera a grandeza do amor. Ao sermos rogados e incitados por eles, assegura, preocupamo-nos convosco, a fim de que eles não vos superassem. O motivo de enviarmos a Tito foi também para que, alertados e avisados, sentísseis emulação relativamente aos macedônios. Com efeito, Tito lá se achava quando Paulo escrevia esta carta. Explica que ele antes da exortação de Paulo já começara a agir assim, ao dizer: *"Conforme já havia começado"*. Por isso, louva-o assaz, quer no início, ao dizer: *"Não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão"* (2Cor 2,13), quer

nesta passagem em que repete todas as palavras que proferiu a respeito dele, pela mesma razão. Não é pequeno louvor afirmar que começou, porque certamente indica ter ele uma alma fervorosa. Por isso enviou-o; a presença de Tito valeria por forte exortação à liberalidade. E por isso exalta-o com elogios, visando com maior vigor obter o favor dos coríntios. Tem grande peso, de fato, para persuadir o conselho de um ânimo benevolente. De forma muito adequada, tendo feito menção uma, duas e três vezes da esmola, dá-lhe o nome de graça, ora declarando: *“Nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedônia”*; ora: *“Com toda espontaneidade e com viva insistência nos rogaram a graça de tomar parte nesse serviço”*; e ainda: *“Para que leve a bom termo entre vós esta obra de generosidade, conforme já havia começado”*.

Aliás, é imenso bem e dom de Deus, e faz semelhante a Deus, na medida do possível; é isso principalmente ser homem. Por essa razão, afirmando qual o sinal de se tratar de um ser humano, diz: “Grandioso e precioso é um homem caritativo” (cf. Pr 20,6). É graça maior do que ressuscitar um morto. É muito mais valioso alimentar a Cristo faminto do que em nome de Jesus ressuscitar um morto; pois no primeiro caso prestas benefício a Cristo, no segundo, ele a ti. Certamente, a recompensa não é reservada aos beneficiados e sim aos benfeitores. Em verdade, na realização de milagres, tu te tornas devedor de Deus, na esmola, porém, Deus é que fica te devendo. Finalmente, esmola é distribuir com prontidão, largamente, sem cogitar que dás, e sim que recebes, que és beneficiado e lucras livre de perdas; conquanto nem assim se considere caridade. Por conseguinte, quem se compadece do próximo, deve agir alegremente e não contrariado. Não seria absurdo, afastares do próximo a tristeza, e tu mesmo te entristeceres? De forma alguma darias a esta ação o nome de esmola. Pois, se te aborreces por aliviares a tristeza do próximo, dás provas de extrema crueldade e desumanidade; é preferível não aliviá-la do que tirá-la desta maneira. Por que, enfim, ó homem, ficas pesaroso? Seria porque não queres que o teu ouro diminua? Se tal é tua disposição, absolutamente não dês; a não ser que confies que teu ouro no céu se multiplica, não dês. Ora, reclamas retribuição? E então? Deixa a esmola ser esmola, e não negociação. De fato, muitos nesta vida receberam recompensa, mas nem por isso têm mais do que os que na terra nada receberam; antes, alguns receberam bens aqui na terra, por serem mais fracos e não desejarem suficientemente os bens futuros. E à semelhança de glutões que, sem o senso das conveniências, escravos do ventre, convidados à mesa do rei, não esperam o momento oportuno e, quais criancinhas, estragam seu prazer e antecipam-se fartando-se de alimentos menos apetitosos, assim também os que buscam e recebem os bens nesta vida diminuem a recompensa futura. Ao emprestares dinheiro, queres recuperar a soma depois de longo prazo, ou talvez nem receber, para que os juros aumentem com a demora. Acaso, aqui na terra reclamarás imediatamente, e isso quando não serão perpétuos na terra, mas no além e não serás submetido a julgamento aqui, mas ali hás de prestar contas? Se alguém te preparasse uma casa, onde de forma alguma irias habitar, considerarias trabalho perdido; entretanto queres tornar-te rico no lugar de onde talvez antes desta tarde haverás de partir? Não te recordas de que vives em terra estrangeira, como hóspede e peregrino? Não sabes que os estrangeiros estão em condições de ser expulsos repentinamente e quando menos o esperam? É habitual entre nós. De fato, deixamos aqui tudo o que construirmos. Nosso Senhor não permite que levemos conosco as posses, a casa que construirmos, os campos que comprarmos, os escravos, os apetrechos, ou qualquer coisa desta espécie. Certamente, não deixa que leves contigo tais coisas ao partires, nem determina alguma compensação, pois te ordenou de antemão que não edificasses nem gastasses em terreno alheio, mas no teu. Por que, então, deixando de lado teu terreno, dedicas esforços e gastos ao alheio, de sorte a perderes o trabalho e a retribuição e te submeteres aos piores suplícios? Não, por favor. Uma vez que somos estrangeiros por natureza, tais nos façamos voluntariamente, a fim de não sermos no além estrangeiros, desprezados e rejeitados.

Com efeito, se quisermos ser cidadãos terrenos, não o seremos, nem aqui, nem lá; ao invés, se continuarmos a ser peregrinos aqui, e levarmos a vida conveniente a um estrangeiro, conseguiremos ser cidadãos livres, nesta vida e na futura. Efetivamente, o justo, embora nenhuma riqueza possua, na terra viverá entre os bens universais como se fossem seus, e partindo para o céu, verá como propriamente seus os eternos tabernáculos. E nada de mal aqui sofrerá, pois não é possível transformar em peregrino quem possui a terra inteira como sua pátria, e ao voltar à pátria, receberá as riquezas verdadeiras. Façamos, portanto, bom uso de nossas riquezas, de sorte a lucrarmos ambos os bens, desta e da outra vida. Desta forma seremos cidadãos dos céus, e gozaremos de grande liberdade e confiança. Possamos todos nós alcançá-los, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA SÉTIMA HOMILIA

7. *Visto que tudo tendes em abundância: fé, eloquência, ciência, toda espécie de zelo*

Vê mais uma vez uma exortação unida aos louvores, estimulando-os a ações mais louváveis. E não disse: Para dardes, e sim: *“Para terdes em abundância: fé”* dos dons espirituais, *“eloquência”* da sabedoria, e *“ciência”* dos dogmas, e *“toda espécie de zelo”*, isto é, a prática das demais virtudes, e a caridade para conosco, da qual falamos anteriormente, e cuja demonstração eu fiz.

procurai também distinguir-vos nesta obra de generosidade.

Vês que começa por elogios, e, adiantando-se também neste ponto, os atrai a idêntico zelo.

8. *Não digo isso para vos impor uma ordem;*

Vê: Assiduamente os trata com indulgência e não se mostra severo, violento, voluntarioso; antes, abrange ambas as coisas nestas palavras, e de modo algum enfada, ou obriga. Uma vez que continuamente admoesta e com vigor enaltece os macedônios, a fim de não aparentar espécie alguma de coação, assegura: *“Não digo isso para vos impor uma ordem”; mas, citando o zelo dos outros, dou-vos ocasião de provardes a sinceridade da vossa caridade.*

Não que duvide, nem esta passagem o insinua, mas quer declarar, fazer a comprovação e corroborá-la. Uso dessa linguagem a fim de excitar a vossa prontidão; por isso, relembro a diligência deles, no intuito de ilustrar, alegrar, suscitar vossa boa disposição. Logo transfere-se a algo de mais importante: Não omite aviso algum, mas tudo movimenta e maneja a palavra. Através dos elogios aos outros, exorta-os: *“Nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às igrejas da Macedônia”*; e igualmente louvando-os, ao afirmar: *“Mas para terdes em abundância: eloquência, ciência”*. Uma pessoa fica mais sensibilizada pelo fato de ser diminuída por si mesma do que pelos demais. Enfim, chega depois ao ponto principal e ao coroamento da admoestação:

9. *Com efeito, conheceis a graça de nosso Senhor, que por nós se fez pobre, embora fosse rico, para nos enriquecer com a sua pobreza.*

Pensai, diz ele, revolvei no espírito a graça de Deus, e em vão não a deixeis de lado, mas calculai sua qualidade e grandeza; e assim nada poupareis do que é vosso. Ele despojou-se de sua glória a fim de vos enriquecer, não por meio de sua opulência, mas de sua pobreza. Se não queres acreditar que a pobreza é produtora de riquezas, pensa em teu Senhor e desistirás das dúvidas. Se ele não se tivesse feito pobre, tu não te enriquecerias de forma alguma. É admirável que a pobreza transborde em riquezas. Nessa passagem denomina riquezas o conhecimento da piedade, a purificação dos pecados, a justiça, a santificação e mil outros bens dos quais uns nos foram concedidos e outros ainda ser-nos-ão outorgados. E tudo isso nos aconteceu por atuação da pobreza. De que pobreza? A de se ter encarnado, ter-se feito homem, e ter sofrido o que sofreu. Embora ele absolutamente não devesse padecer tal,

enquanto, ao contrário, tu o deves.

10. *A propósito dou-vos um conselho. É o que vos convém.*

Observa o cuidado de Paulo, mais uma vez, de não se tornar enfadonho e de suavizar o discurso com estas duas explicações: *"Dou-vos um conselho"*, e: *"É o que vos convém"*. Não obrigo, assegura, nem forço, nem quero extorquir violentamente, mas proponho em palavras não tanto o que é útil aos beneficiados, e sim a vós. Em seguida, dá um exemplo tirado deles próprios, não de outros.

Uma vez que fostes os primeiros, desde o ano passado, não somente a realizar, mas também a querer essa obra.

Observa-o a mostrar que eles de bom grado e sem exortação alguma a realizaram. Uma vez que atestara, acerca dos tessalonicenses que haviam dado esmolas com muitas súplicas, espontaneamente, quer agora mostrar que os coríntios também as haviam feito. Por esse motivo disse: *"Não somente a realizar, mas também a querer"*. E não: Começastes, e sim: *"Fostes os primeiros, desde o ano passado"*. Exorto-vos às mesmas ações, às quais anteriormente vos destes com toda boa vontade.

11. *Agora, portanto, levastes a termo,*

Não disse: Fizestes, e sim: *"Levastes a termo"* de modo que à boa disposição da vontade corresponda a realização segundo os vossos meios.

De tal sorte que essa realização não fique apenas na boa vontade, mas também consiga o resultado devido às obras.

12. *Quando existe a boa vontade, é bem recebida segundo os recursos que possui, não segundo o que não tem.*

Vê a inenarrável sabedoria! Havendo assinalado os que deram além de suas faculdades, a saber, os tessalonicenses, elogiado por isso, e dito: *"Dou testemunho de que para além dos seus meios"* é que doaram, exorta os coríntios a dar somente segundo as próprias possibilidades, deixando o exemplo atuar por si. Sabia que não tanto a exortação quanto a emulação suscita a imitação, e por isso afirma: *"Quando existe a boa vontade, é bem recebida segundo os recursos que possui, não segundo o que não tem"*. Não tenhas receio por haver ele dito tais coisas, pois proclamava a maravilhosa liberalidade deles. Entretanto, Deus só reclama de acordo com as forças, segundo o que se tem e não segundo o que se não tem. Com efeito, a palavra *euprosdechtos*, neste lugar, tem significado idêntico a *apaiteitai*, isto é, reclama. Ora, muito os alicia, apoiando-se confiante naquele exemplo e mais os atrai porque lhes deixa a decisão; por isso também acrescenta:

13. *Não desejamos para os outros alívio e aflição para vós.*

No entanto, Cristo louvou a viúva que, apesar da penúria, ofereceu tudo o que tinha para a própria subsistência (cf. Mc 12,44). Mas como falava aos coríntios – entre os quais preferia passar fome: "Antes morrer que... Não! Ninguém me arrebatará esse título de glória!" (1Cor 9,15) – modera a admoestação, louvando, em verdade, os que dão além de suas possibilidades, sem impeli-los a fazer o mesmo, não porque não o quisesse, mas porque eram mais fracos. Aliás, por que os louva, considerando que em meio a muitas provações tiveram superabundante alegria, e a extrema pobreza resultara em riquezas de liberalidade, e haviam dado mais do que podiam? Não é evidente que a estes também incita ao mesmo empenho? Por isso, embora pareça frustrá-los, assim por meio dos outros estimula-os a subir. Considera como pelas palavras subsequentes implicitamente o determina. Após essas palavras, adiciona:

14. *Suprirá a carência deles o que para vós sobeja,*

Não apenas pelas palavras acima, mas ainda com estas, procura tornar leve o preceito. E não só por

isso, mas também em vista da recompensa fá-lo mais fácil e exprime-se de maneira mais eloquente do que eles merecem: Assim haverá igualdade no presente, e o supérfluo deles venha suprir a vossa carência.

O que ele está dizendo? Estais ciosos de vossas riquezas, eles, porém, da integridade da vida, e da liberdade e do crédito junto de Deus. Por conseguinte, dai-lhes o excedente de vossas riquezas de que eles carecem, a fim de receberdes em troca a confiança que eles têm em excesso e vos falta. Vê como implicitamente os instrui que devem dar, em sua penúria, além de suas forças. Se, pois, queres receber do excesso, dá do que te sobra; se, porém, queres receber tudo, em tua penúria dá também acima de tuas forças. Ora, ele não o declara, mas deixa à reflexão dos ouvintes. Ele, contudo, sugere por uma admoestação moderada o que propunha, por meio do que era evidente, aditando: *"Assim haverá igualdade no presente"*. Que igualdade? Por cederdes, reciprocamente o excesso, suprindo as falhas uns dos outros. Ora, que igualdade é esta, retribuir com bens espirituais os materiais? Pois aqueles são muito mais valiosos; por que razão fala em igualdade? De fato, relativamente ao excesso e à penúria, ou quanto à vida presente apenas ele fala de igualdade. Por isso, tendo dito: *"Igualdade"*, acrescentou: *"No presente"*. Assim se expressava para reprimir o orgulho dos ricos e acentuar que, após a partida desta vida, os bens espirituais são superiores. Com efeito, aqui somos todos iguais; no além haverá muita diferença, grande precedência, pois os justos fulgirão mais do que o sol.

Após demonstrar que eles não somente davam, mas por sua vez recebiam bens maiores, esforça-se de outro lado por torná-los mais bem-dispostos, observando que, se não dessem de suas posses aos outros, mesmo se as acumulassem para si, não haveriam de ter mais. Narra um exemplo da história do Antigo Testamento, exprimindo-se assim:

15. *como está escrito: Quem recolhera muito, não teve excesso; quem recolhera pouco, não sofreu penúria.*

Foi o que sucedeu relativamente ao maná. Com efeito, verificou-se que aquele que recolhera mais e o que recolhera menos obtiveram igual medida. Desta forma Deus refreava sua insaciável avidez. Paulo o mencionou tanto para atemorizar os coríntios diante do que acontecera outrora, quanto para exortá-los a jamais se deixarem vencer pela avidez de ter mais, nem pela angústia por ter menos. Agora ainda tal acontece ordinariamente; não era só em relação ao maná. Todos nós temos um único estômago para fartar, um só percurso do tempo para viver, um só corpo para revestir. Nada a mais há de ter o rico pela afluência das riquezas, nem de menos o pobre pela penúria. Por que então tremes em vista da pobreza, por que ambicionas riquezas? Tenho medo, replicas, de ter de bater à porta alheia e pedir auxílio ao próximo. Ouço muitos assiduamente rezarem nesses termos: Não permitas que precise algum dia do socorro dos homens. Ao escutar isso, desato a rir, porque se trata de um medo pueril. Não se passa um só dia e em tudo, diria, em que não precisemos uns dos outros. Por conseguinte, tais palavras são inconsideradas, próprias de um orgulhoso, que não conhece bastante a natureza das coisas. Acaso não vês que todos nós necessitamos do socorro uns dos outros? De fato, o soldado precisa do artífice, o artífice do negociante, o negociante do agricultor, o escravo do homem livre, o senhor do escravo, o pobre do rico, o rico do pobre, o que não trabalha do que dá esmolas, e o doador de quem a recebe. De fato, quem recebe esmola preenche uma função necessária e a mais importante. Se não existissem pobres, perderíamos a melhor oportunidade de salvação, porque não teríamos onde colocar nossos bens. Por conseguinte, o pobre, aparentemente o mais inútil, é o mais útil de todos. Se é vergonhoso necessitar do auxílio de outrem, nada resta senão a morte, pois não vive quem receia tal situação. Ora, replicas, não suporto uma atitude orgulhosa. No entanto, por que, acusando o próximo de arrogância, acarretas opróbrio para ti mesmo com esta denúncia? Não suportar

o fausto de um soberbo revela a alma orgulhosa. Por que temes o que deve ser tido por um nada? Diante disto estremeces? E receias a pobreza? Se fores rico, dependerás de maior número de homens, e dos mais ordinários. Quanto maior a riqueza, tanto mais te sujeitarás a essa maldição.

Por conseguinte não sabes o que pedes quando suplicas riquezas a fim de não dependeres de pessoa alguma. Assemelhar-te-ias a alguém que, começando a viajar por mar, onde se precisa de embarcação, de marinheiros, e de grande aparelhamento, emitisse a opinião de não necessitar absolutamente de auxílio algum. Se queres não sentir a carência de recursos, opta pela pobreza; sendo pobre, se precisares de outrem, será somente para obter pão ou veste, mas, se fores rico, terás necessidade de socorro relativamente aos campos, às casas, aos impostos, aos salários, às honras, à segurança, à glória, aos governantes; e não só, mas ainda para os subalternos, os habitantes das cidades e dos campos, os mercadores e comerciantes. Já percebestes a extraordinária loucura dessas palavras? Julgas certamente ser horrível precisar do auxílio de outrem? É impossível que fiques inteiramente isento. De resto, se desejas fugir do tumulto, ser-te-á lícito se, refugiado no porto tranquilo da pobreza, cortares a múltipla agitação dos negócios, e não considerares torpe precisar do próximo, conforme determinado pela inefável sabedoria de Deus. Pois, se precisamos uns dos outros e nem tal necessidade nos congrega em mútua amizade, se fôssemos autossuficientes, não nos tornaríamos animais ferozes? Por isso, Deus nos sujeitou forçosa e obrigatoriamente uns aos outros; e, contudo, nos ofendemos mutuamente todos os dias. Se ele retirasse esse freio, quem desejaria de boa vontade a amizade do próximo? Em consequência, não julguemos ser coisa vergonhosa, nem supliquemos: Não nos deixes precisar de auxílio algum, e sim rezemos: Não permitas que, no caso de estarmos necessitados, recusemos pedir aos que poderiam ajudar-nos. Não é pesado necessitar do auxílio do próximo, e sim roubar o alheio. Aliás, nunca rezamos, nem dizemos nesta intenção: Não me deixes cobiçar os bens alheios. Parece horrorosa a opressão da miséria. Entretanto, Paulo muitas vezes passou necessidade e não o tinha por opróbrio e sim por adorno, e louvava os que lhe ministraram auxílio dizendo: “Mais uma vez me enviastes com que suprir as minhas necessidades” (Fl 4,16); e ainda: *“Despojei outras Igrejas, delas recebendo salário a fim de vos servir”* (2Cor 11,8). Envergonhar-se por este motivo não é próprio de um ânimo livre, e sim displicente, degenerado e estulto. De fato, a Deus apraz que precisemos uns dos outros. No entanto, não te apliques a filosofar além da medida. Ora, retrucas, não posso suportar a alguém que, frequentemente rogado, não atende. E como te suportará Deus, que muitas vezes te exorta e pede o que é de teu interesse, mas não te dobras? *“Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta: reconciliai-vos com Deus”* (2Cor 5,20). Entretanto, sou servo de Deus, respondes. E então? Tu, que és servo, te embriagas; ele, porém, que é senhor, passa fome, e não tem nem mesmo o alimento necessário. Que defesa te oferecerá o nome de servo? Ao contrário, há de te onerar mais, visto habitares uma casa de três andares, enquanto ele não possui nem um bom teto; tu descansas em leitos macios e ele não tem um travesseiro. Mas, eu dei, respondes. Não devias cessar de distribuir. De fato, terás desculpa quando não tiveres o que dar, nada possuíres; enquanto, porém, tiveres, mesmo se deres inúmeras vezes, mas houver outros famintos, não te restará escusa. Com efeito, se reténs o trigo, e aumentas o preço, envolvido em extraordinárias negociações, que esperança de salvação ainda terás? Recebeste ordem de dar gratuitamente ao faminto e nem pelo preço justo cedes. O Senhor se despojou de tamanha glória por tua causa e não o julgaste digno de um pão! És pródigo para teu cão, enquanto Cristo morre de fome. Teu servo se farta de alimentos, o Senhor teu e dele carece do necessário. Tal modo de agir é de amigos? Reconciliai-vos com Deus. São ações de adversários e inimigos ativos. Por isso, envergonhemo-nos diante de tantos benefícios que recebemos e haveremos de receber. E se nos abordar um pobre indigente, recebamo-lo com a maior benevolência, e com boas palavras o

consolemos, a fim de conseguirmos o mesmo tanto da parte de Deus como da parte dos homens.

“Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles” (Mt 7,12). Essa lei nada tem de pesado e de aflitivo. O que quereis que vos seja feito, fazei-o vós. É justo. O Apóstolo não disse: O que não quereis que vos seja feito, também vós não o façais, e sim algo mais exigente. No primeiro caso, apenas há abstenção do mal; no preceito, a prática do bem e abrange o primeiro caso. E não disse: Desejai-lhes, mas: “Fazei-o vós a eles”. Qual o lucro daí decorrente? “Porque isso é a Lei e os Profetas”. Queres obter misericórdia? Compadece-te. Queres encontrar indulgência? Deves praticá-la. Não queres sofrer detração? Não fales mal. Buscas louvores? Louva. Não queres ser extorquido? Não furtes. Notas a declaração de que o bem é natural, e nós não precisamos das leis e magistrados dos gentios? A respeito do que queremos experimentar ou não da parte do próximo, imponhamos uma norma a nós próprios. Por conseguinte, se o que não queres que te aconteça e tu o fazes ao próximo, ou se o que queres, não fazes de forma alguma a outrem, condenas-te a ti próprio, e já não tens desculpa; por exemplo, que agiste por ignorância, sem conhecer o dever. Por isso, suplico, esforcemo-nos por despertar em nós esta norma, e reler este trecho claro e conciso, a fim de sermos tais relativamente ao próximo quais queremos que ele se comporte para conosco, a fim de gozarmos de tranquilidade no presente, e conseguirmos os bens futuros, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA OITAVA HOMILIA

Recomendações dos delegados

16. *Graças sejam dadas a Deus, que colocou no coração de Tito o mesmo zelo por vós.*

Novamente elogia a Tito. Visto que já falara acerca da esmola, logo trata dos que receberiam deles o dinheiro para serem portadores. Era um estímulo para a coleta e acrescida prontidão dos doadores. Quando se confia na integridade do que deve entregar-se à tarefa de recolher e nada se suspeita acerca dos que recebem, costuma-se dar mais. Para certeza de que isso sucedia no caso presente, escuta a recomendação que faz dos que partiram no cumprimento dessa missão. Entre eles Tito ocupava o primeiro lugar, e por isso diz: *“Graças sejam dadas a Deus, que colocou no coração de Tito o mesmo zelo por vós”*. O que quer dizer: *“O mesmo”*? O zelo que tinha pelos tessalonicenses, ou o mesmo que o meu. Observa a prudência de Paulo: tendo mostrado que se trata de benefício de Deus, dá graças ao doador para estimulá-los. Pois, se Deus o inspirou e vo-lo enviou, sem dúvida por intermédio de Tito é ele próprio quem vos pede. Acautelai-vos, pois, de pensar que isso aconteceu por motivo humano. Ora, donde se verifica que é o próprio Deus que exorta?

17. *Acolheu minha exortação e, mais apressado que nunca, espontaneamente vai ter convosco.*

Vê de que modo manifesta que, para cumprir sua missão, Tito não precisara de exortação. E após mencionar a graça de Deus, não deixa que tudo seja atribuído a Deus, de sorte que os atraísse a maior amor para com Tito, afirmando que espontaneamente se entregara a esta tarefa. Com efeito, “*mais apressado que nunca, espontaneamente vai ter convosco*”, isto é, arrebatou o trabalho, deu um salto para o tesouro e considerou que vos servir era um bem para si. Foi tão grande a força do amor para convosco, que nem precisou de nossa exortação. Embora a tenhamos empregado, não foi incitado por ela, mas por si próprio e pela graça de Deus.

18. *Enviamos com ele o irmão cujo louvor, por causa da pregação do evangelho, espalhou-se por todas as Igrejas.*

E quem é este irmão? Alguns pensam que designa a Lucas, e o afirmam por causa da história que

escreveu. Outros que seria Barnabé, porque também ele denomina evangelho a pregação oral. Por que não escreve os nomes deles, enquanto declara nominalmente a Tito, e o menciona pela associação no múnus evangélico (de fato, era tão útil que a ausência dele não permitira a Paulo fazer algo de nobre e importante, conforme diz: *“Não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão”* [2 Cor 2,13]) e pelo amor pelos coríntios: (*“Ele sente por vós ainda maior afeição”* [2Cor 7,15]) e por causa da diligência no desempenho desta função (*Espontaneamente vai ter convosco”*) mas não recomenda os companheiros, nem os cita nominalmente? O que dizer? Talvez eles fossem desconhecidos dos coríntios; por isso não se detém em elogiar os que ainda não haviam dado provas de virtude, mas refere-se ao que era suficiente para recomendação ou eliminação de suspeita. Enfim, vejamos como tece este louvor. De onde retira motivos para tal? Em primeiro lugar, louva-o pelo anúncio, não só por pregar, mas também por ser idôneo e ter conveniente zelo. Pois não diz que anunciava o evangelho, e sim: *“Cujo louvor, por causa da pregação do evangelho”*. No intuito de evitar suspeita de adulação, não menciona por testemunhas uma, duas, ou três pessoas, mas todas as Igrejas, nesses termos: *“Por todas as Igrejas”*. Em seguida capta para ele o respeito devido à escolha daqueles que o constituíram, o que não era sem importância. Por isso, após assegurar: *“Cujo louvor, por causa da pregação do evangelho, espalhou-se por todas as Igrejas”*, acrescentou:

19. *Mais ainda:*

Qual o sentido da locução: *“Mais ainda”*? Assevera: Não somente merece respeito por destacar-se na pregação e ser recomendado de modo geral, mas também porque conosco *“foi designado pelas Igrejas”*. Com isso, a meu ver, ele indica Barnabé. E assinala a grande dignidade que possui e por que razão foi escolhido: *Foi designado pelas Igrejas para ser nosso companheiro de viagem nesta obra de generosidade, serviço que empreendemos...*

Vês quantos elogios lhe faz? Brilhou no anúncio do evangelho, e todas as Igrejas o atestam; foi escolhido por nós para prestar o mesmo serviço que Paulo, e em toda parte foi companheiro dele, tanto nas provações quanto nos perigos. É isso que sugere os termos: *“Companheiro de viagem”*. Mas, qual o sentido da frase: *“Nesta obra de generosidade, serviço que empreendemos”*? Parece que significa anunciar o evangelho, pregar o evangelho, ou, tratar da questão pecuniária; ou melhor, ambas as coisas. Acrescenta, em seguida: *para a glória de Deus e a realização de vossas boas intenções.*

Essas palavras têm o seguinte sentido: pedimos que fosse nomeado conosco e designado para o múnus de ecônomo e ministro dos bens sagrados (não constituía pequena honra, pois foi dito: “Procurai antes, entre vós sete homens de boa reputação” [At 6,3]). E foi escolhido pelas Igrejas, com o consentimento de todo o povo. O que significam as palavras: *“para a glória de Deus e a realização de vossas boas intenções”*? Quer dizer que Deus seja glorificado e tenhais maior prontidão, uma vez que vistes serem honestos os que recolhem o dinheiro, nem se possa levantar falsas suspeitas acerca de nenhum deles.

Em consequência, procuramos tais homens. Não confiamos esta missão a um só, mas em companhia dele, a fim de afastar também essa suspeita, enviamos a Tito e mais um outro irmão. Depois, explicando as palavras: *“Para a glória de Deus e a realização de vossas boas intenções”*, acrescenta:

20. *Tomamos esta precaução para evitar qualquer crítica na administração da grande quantia de que estamos encarregados.*

E como classificar esta sentença? É digna da virtude de Paulo, e revela muita solicitude e condescendência. Para evitar que alguém suspeite de nós, ou tenha o menor pretexto contra nós, como se desviássemos qualquer quantia de dinheiro a nós confiada, enviamos estas pessoas, não apenas

uma, mas duas e três. Vês como afasta qualquer dúvida, não somente na pregação do evangelho, ou só porque foram escolhidos, mas também porque, tendo-se destacado pela honestidade, foram escolhidos, a fim de não haver pretexto algum para uma desconfiança? E não disse: Não critiqueis vós, e sim: *"Para evitar qualquer crítica"*. Ora, assim procedera por causa deles e o indicara nesses termos: *"Para a glória de Deus e a realização de vossas boas intenções"*; no entanto, não quer forçá-los, mas exprime-se doutra forma: *"Tomamos esta precaução"*. Nem isso lhe basta, porém ainda os tranquiliza com as palavras subsequentes: *"Na administração da grande quantia de que estamos encarregados"*. Dessa sorte apresenta o que era desagradável unido a elogios, a fim de não se aborrecerem e dizerem: Tens motivo de desconfiar de nós? Somos tão miseráveis que desconfias de nós nesta questão? Atalha a objeção, dizendo: Enviastes muito dinheiro; ora, esta *"grande quantia"*, isto é, tal soma é bem forte para mover os malvados à suspeita, se não nos acautelarmos.

21. *Com efeito, preocupamo-nos com o bem, não somente aos olhos de Deus, mas também aos olhos dos homens.*

E o que é comparável a Paulo? Não disse: Solte gemidos, arruíne-se quem conceber desconfiança tal. Enquanto minha consciência não me acusar, não me importa a opinião dos suspeitosos, mas quanto mais fracos eram os coríntios, tanto maior a condescendência para com eles. Contra um doente ninguém deve se irritar, e sim prestar-lhe socorro. E em verdade de que pecado estamos tão longe quanto ele de tal suspeita? Pois nem um demônio levantaria suspeitas acerca do serviço deste santo. E, no entanto, ele, apesar de tão livre de desconfiança, emprega todos os meios e esforços para não restar qualquer sombra de dúvida aos que quisessem pensar mal e não só escapar de uma acusação, mas até de máculas, de leves repreensões e simples dúvidas.

22. *Enviamos com eles nosso irmão,*

Eis que novamente agrega mais um, com elogios e o juízo favorável seu e de muitos outros.

Cujo zelo, de muitos modos e frequentemente, já experimentamos e que agora se mostra muito mais solícito.

Depois de louvá-lo pela operosidade até então, enaltece-o ainda pela benevolência que aos coríntios dedicava. O que dissera a respeito de Tito: *"Mais apressado do que nunca, espontaneamente vai ter convosco"*, enuncia também sobre ele nesses termos: e que agora se mostra muito mais.

Paulo inseriu previamente no espírito deles as sementes e o zelo para com os coríntios. E por fim, após ter destacado a virtude deles, exorta:

23. *Quanto a Tito, é meu companheiro e colaborador junto a vós.*

O que quer dizer: *"Quanto a Tito"*? Se for preciso falar sobre Tito, assegura, devo dizer que é *"meu companheiro e colaborador junto a vós"*. É o que afirma. Ou talvez signifique: Se algo fizerdes a favor de Tito, não se trata de um qualquer; é meu companheiro. Com tais palavras, enquanto parece elogiá-lo, enaltece-os, mostrando que os coríntios agem a respeito dele segundo a opinião de que é suficiente motivo de honrar alguém o fato de ser companheiro de Paulo. Mas não lhe basta e adita: *"Meu colaborador junto a vós"*. Não se trata de um colaborador comum, mas procura vossos interesses, vosso progresso e incremento, com amizade e zelo. Seria o máximo para captar a benevolência deles.

Ao passo que os nossos irmãos

Relativamente aos demais, se quereis ouvir algo, também têm grandes e justas causas de recomendação. Pois também eles são *"nossos irmãos"*.

são os delegados das Igrejas,

Isto é, delegados das Igrejas. Em seguida, o mais importante, glória de Cristo.

Tudo o que por eles for feito reverte a Cristo. Por conseguinte, se quereis recebê-los como irmãos, enviados pelas Igrejas, ou propor-vos prestar glória a Cristo, tendes muito fundamento de benevolência para com eles. “*Quanto a Tito, é meu companheiro*”, que muito vos ama, “*ao passo que os nossos irmãos são os delegados das Igrejas, glória de Cristo*”.

Vês, é evidente que os coríntios não os conheciam? De outra forma, tê-los-ia estimado de modo semelhante a Tito, digo, com o amor que lhes dedicassem. Mas como ainda eram desconhecidos, diz: Acolhei-os quais irmãos, delegados das Igrejas, que procuram glorificar a Cristo. Por isso acrescenta:

24. *Dai-lhes, portanto, diante das Igrejas a prova da vossa caridade e fazei-lhes ver o nosso justo orgulho a vosso respeito.*

Agora, diz ele, manifestai que nos amais, e que não foi sem razão e em vão que nos gloriamos a vosso respeito. Enfim, demonstrá-lo-eis claramente se lhes derdes provas de caridade. Após, atemoriza-os, dizendo: “*Diante das Igrejas*”, isto é, para glória e honra das Igrejas. Com efeito, se lhes prestardes honra, certamente honrareis as Igrejas que os enviaram. A honra não lhes é prestada exclusivamente, mas transmite-se aos que os enviaram e nomearam; e sobretudo reverte à glória de Deus. De fato, ao honrarmos os ministros de Deus, o louvor se transfere verdadeiramente para ele. Na comunhão das Igrejas. E isto não é insignificante; grande poder é o da comunidade e especialmente das Igrejas. Observa quão grande é a força da comunidade: a oração da Igreja libertou a Pedro dos vínculos, abriu a boca de Paulo (cf. At 12,5), seu sufrágio fomenta não pouco os que recebem múnus espirituais. E por isso o ordenando pede as preces de todos, que dão seu voto, e aclamam aquilo que conhecem os que foram iniciados, pois não é lícito revelar tudo aos profanos. Às vezes, porém, não há diferença entre o sacerdote e o súdito, por exemplo, na recepção dos tremendos mistérios; pois igualmente todos são a eles admitidos. Não acontece como no Antigo Testamento em que o sacerdote comia uma parte e outra o súdito e não era permitido ao povo participar dos alimentos que eram consumidos pelo sacerdote. Agora, porém, é diferente: é oferecido a todos um só corpo, um só cálice. Verás que igualmente nas preces muito é conferido ao povo. E quanto aos energúmenos e aos penitentes, o sacerdote e o povo fazem orações em comum; e todos proferem uma só oração, uma súplica cheia de misericórdia. Ainda, quando afastamos do recinto sagrado aqueles que não podem ser partícipes da sagrada mesa, faz-se outra oração, durante a qual todos nós nos prostramos e todos conjuntamente nos levantamos. Quando se deve dar e receber mutuamente a paz, igualmente nos osculamos uns aos outros. Ainda nos tremendos mistérios, o sacerdote formula votos a favor do povo, o povo os enuncia pelo sacerdote. Essas palavras: E com o teu espírito, não significam outra coisa.

Ainda a ação de graças a Deus é comum a ambos; não somente ele dá graças, mas também o povo inteiro. Pois, primeiro ele eleva a voz e todos dão assentimento de que é digno e justo, então começa a ação de graças. Por que te admiras de que com o sacerdote por vezes fala o povo, se até em comum com os querubins e Virtudes celestes sobem ao céu os hinos sagrados? Tudo isso eu o digo, para que cada qual, mesmo os súditos, esteja vigilante. Entendamos que todos somos um só corpo, e a diferença entre nós é igual à que existe entre os membros. Por conseguinte, não joguemos todo o peso sobre os sacerdotes; ao contrário, preocupemo-nos com o conjunto da Igreja, que é um só corpo. Teremos então mais segurança e alcançaremos maior progresso na virtude. Escuta como no tempo dos apóstolos os que presidiam frequentemente se aconselhavam com os que os cercavam. Com efeito, ao criarem os sete diáconos, houve prévia participação do povo; e quando Pedro escolheu Matias, tratou do assunto com os presentes, homens e mulheres. Os que presidem não sejam orgulhosos, nem os súditos sejam

servis. Mas o governo é espiritual, e quem ocupa o posto mais alto assume maiores trabalhos e solicitude pela vossa salvação; não está à procura de maiores honras. Efetivamente todos devem habitar na Igreja como numa só casa, e devem se considerar membros de um só corpo. O batismo é um só, a mesa só uma, a fonte uma só, a criação é só uma, e o Pai é um só. Por que então estamos separados e desunidos se temos tantos vínculos de máxima união? Entretanto, somos obrigados a deplorar mais uma vez o que tanto nos causou. É lamentável, efetivamente, o estado atual. Estamos tão separados uns dos outros, quando devíamos imitar, ao invés, a agregação num só corpo. Assim o maior poderia obter algum proveito até da parte de um menor. Pois, se Moisés aprendeu do sogro algo de útil que não percebera, não poderia tanto mais isso acontecer na Igreja? Qual o motivo por que um homem espiritual não percebe o que o infiel entendia? Tal sucedia no intuito de que o povo entendesse que Moisés era apenas um homem, e precisava do auxílio de Deus para dividir o mar e romper o rochedo. Aqueles milagres não provinham da natureza humana, mas deviam ser imputados ao poder divino. Agora ainda, se alguém proferir uma sentença que não é proveitosa, um outro se levante e fale.

Se for dos últimos, mas disser algo de salutar, aprova sua sentença, e não a menosprezes porque proveniente de um homem muito inferior. Ele não dista tanto dos demais quanto do sogro Moisés, que, no entanto, não ficou aborrecido com o que ouviu, porém aceitou o conselho e obedeceu, e o registrou por escrito. E não teve pejo de transmitir tal narrativa, de sorte a humilhar o orgulho de muitos. Deixou esta narração de certo modo insculpida numa coluna, porque previa que haveria de ser de utilidade a muitos. Não desprezemos, portanto, os que dão ótimos conselhos, embora sejam do número dos súditos, e de posição humilde, nem queiramos obter a todo custo o que julgarmos conveniente, mas o que se mostrar vantajoso, seja ratificado por todos. Muitas vezes os que são quase cegos veem mais claro do que os que gozam de visão perfeita, porque empregam maiores esforços e são mais zelosos. E não repliques: Por que me chamas a conselho, se não atendes às minhas palavras? Essas queixas não são próprias de consultores, e sim de tiranos. Pois o consultor tem a seu arbítrio somente revelar o que pensa; se aparecer outra opinião mais viável, e ele quiser que seja seguida a sua, deixa de ser consultor, e, conforme disse, age qual um tirano. Não procedamos desse modo, mas rejeitando qualquer orgulho e arrogância, não visemos a que seja seguido somente nosso parecer, e sim que prevaleça a sentença mais salutar mesmo se não for a nossa. Retiraremos lucro bem grande, apesar de não termos descoberto a solução conveniente, se aceitarmos o que por outros for considerado melhor; receberemos de Deus grande recompensa, e conseguiremos glória maior. Aquele que emitiu a sentença proveitosa é sábio; e nós, que a aceitamos, recebemos o encômio de ser prudentes e gratos. Desta forma, como as casas e as cidades, a Igreja será bem governada, alcançará maior progresso, e nós também, pelas decisões melhores nesta vida, obteremos os bens futuros. Todos nós possamos alcançá-los pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA NONA HOMILIA

9,1. *A respeito do serviço a ser prestado aos santos, é inútil escrever-vos.*

Depois de falar tanto sobre o assunto, Paulo declara: *“É inútil escrever-vos”*. Não é somente por prudência que disse: *“É inútil escrever-vos”*, após tão longo discurso, mas também porque sobre o mesmo assunto ainda fala. De fato, o que pouco antes disse, referia-se aos que haviam recolhido o dinheiro, procurando que fossem tratados com muito respeito. O que previamente dissertara sobre os macedônios, a saber, que a profunda pobreza redundara em riquezas de simplicidade etc., era atinente à beneficência e à esmola. E no entanto, embora tanto explicasse anteriormente e ainda estava para expor, declara: *“É inútil escrever-vos”*. Assim age para atraí-los mais. Sendo possuidor de tão boa reputação que indubitavelmente não precisava de conselho, sente vergonha de parecer indigno da

opinião formada a seu respeito e humilhado. Muitas vezes também, quando deve acusar, assim age, omitindo certos pontos, pois isso tem grande força. Um juiz, em verdade, vendo a magnanimidade do acusador, não conserva suspeita. Ele reflete, portanto. Alguém que poderia proferir muitas coisas, no entanto o evita, inventaria falsidades? Assim também é persuadido a pensar mais do que disse o acusador, que adquire deste modo a reputação de honestidade. Este o procedimento de Paulo quer nos conselhos, quer nos louvores. Após assegurar: *"É inútil escrever-vos"*, verifica de que modo os admoesta:

2. *Conheço a vossa boa vontade e por causa dela me ufano de vós diante dos macedônios.*

É bem importante se somente ele conhece, muito mais se informa a outros. Tem maior peso, pois eles não desejariam ser desacatados diante de tantos. Vês a prudência que utiliza ao admoestar? Exortou-os com o exemplo de outros, isto é, dos macedônios, ao dizer: *"Nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedônia"* (2Cor 8,1). Por meio deles mesmos exortou, empregando estas palavras: Começastes não só a fazer, mas também a querer desde o ano passado. Por fim, apela ao exemplo do Senhor, dizendo: *"Conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico"* (2Cor 8,9). De novo refugia-se no fundamento principal, o exemplo de outros. Efetivamente, o gênero humano é ciumento. Era consentâneo que fossem motivados primeiro pelo exemplo do Senhor, e depois pela esperança dos prêmios; mas sendo eles mais fracos, atrai-os principalmente por esse motivo. Nada é mais eficiente para tal fim do que o ciúme. Adverte de que maneira de novo ele o introduz. Não disse: Imitai-os. Como, então?

E o vosso zelo tem servido de estímulo à maioria das Igrejas.

O que dizes? Pouco antes afirmavas que espontaneamente e com muitos pedidos nos exortastes, e agora dizes: *"O vosso zelo"*?

Sim, responde ele, não persuadimos, não exortamos; somente vos louvamos, nos gloriamos a vosso respeito e foi suficiente para o estímulo. Vês como por meio deles, e reciprocamente os estimula, e à emulação associa o máximo louvor? Imediatamente, a fim de não se orgulharem, tempera o discurso com a arte na correção, dizendo: *"E o vosso zelo tem servido de estímulo à maioria das Igrejas"*. Calcula, portanto, como é vergonhoso que, servindo de estímulo de liberalidade para os outros, fiquem aquém ao contribuírem. Por isso não disse: Imitai-os. Eles não possuíam tanto zelo. E então? Eles seguiram vosso exemplo. Os mestres não se mostrem inferiores aos discípulos. E observa como, a fim de mais fortemente excitá-los e impeli-los, simula estar no meio deles, colocando-se-lhes ao lado numa espécie de certame e disputa. Conforme dizia mais acima: *"Acolheu os meus pedidos, espontaneamente"* e veio ter conosco e *"insistimos junto a Tito para que leve a bom termo entre vós essa obra de generosidade, como já a tinha começado"*, igualmente diz aqui:

3. *Mando-vos entretanto os irmãos, a fim de que o elogio que de vós fiz não seja desmentido neste ponto.*

Repara como sente ânsias e receios de que aparente ser apenas uma exortação o que dissera. Mas, assegura, na realidade enviei os irmãos: É grande minha solicitude a fim *"de que o elogio que de vós fiz não seja desmentido"*. Paulo se comporta de tal modo que parece estar inteiramente do lado dos coríntios, embora, na verdade, se interesse igualmente por todos. É o seguinte o sentido do que afirma: Glorio-me muito por vossa causa; diante de todos me exalto, gabei-me também junto deles. Por isso, se vos atrasardes, será desonra para nós conjuntamente. Também aqui, porém, contém-se, pois adita: *"Neste ponto"*, não em todos, e para que, como dizia, estejais realmente preparados.

Não dissera, contudo, que eles haveriam de se preparar, e sim que tudo já estava pronto e

preparado, nada faltava. Quero, portanto, que os atos o comprovem. Depois, intensifica o sinal de ansiedade, ao dizer:

4. *Se alguns macedônios forem comigo e não vos encontrarem preparados, esse pleno elogio seria motivo de nos envergonharmos – para não dizer: de vos envergonhardes.*

Provoca maior pudor, introduzindo grande número de espectadores e ouvintes. Não afirmou: Levo macedônios comigo, e sim: Se forem macedônios comigo, para não parecer que agia de propósito. Então, como era? *"Se alguns macedônios forem comigo"*. É provável irem os que puderem. Desta forma, aparta qualquer suspeita; do contrário, torná-los-ia mais contenciosos. Vê como não os impele somente por razões espirituais, mas também por pontos de vista humanos. Afirma, mesmo que não me tenhais grande estima, e confiais em minha indulgência, pensai nos macedônios: *"Se forem comigo e não vos encontrarem"*. Não diz: de má vontade, e sim: *"não vos encontrarem preparados"*, sem terem terminado a coleta. Se é vergonhoso não oferecer prontamente, não oferecer, ou menos do que convém, calcule de quem é a desonra. Depois suavemente, ataca de modo adequado o que pode acontecer, nesses termos: *"Seria motivo de nos envergonharmos – para não dizer: de vos envergonhardes"*. Novamente suaviza as expressões: *"Esse pleno elogio"*, não, porém, para fazê-los mais negligentes, mas para mostrar que, sendo dotados das outras virtudes, convém que vivam neste ponto também com grande segurança.

5. *Julguei, pois, necessário pedir aos irmãos que nos antecedessem junto a vós e organizassem as ofertas já prometidas; recolhidas estas seriam sinal de genuína liberalidade não demonstração de avareza.*

Mais uma vez repete de outra forma. E para não parecer repetir simplesmente essas palavras, assegura que a única causa de empreenderem tal viagem era a fim de que não tivessem eles motivo de se envergonharem. Vês, então, que as palavras: *"É inútil escrever-vos"* foi o início de um conselho? Percebes quantas palavras utiliza sobre este serviço? Ainda é lícito afirmar que, para não parecer contraditório ter dito: *"É inútil escrever-vos"* e tratar do assunto ao dissertar acerca da rapidez, munificência e prontidão, aqui igualmente assim procede. São três exigências, e destes pontos tratou também no início da carta, porque, ao dizer: *"Em meio às múltiplas tribulações que as puseram à prova, a sua copiosa alegria e a sua pobreza extrema transbordaram em tesouros de liberalidade"* (2Cor 8,2), nada mais quis assinalar senão que eles deram muito e com alegria e rapidez. A quantidade da doação não somente não lhes causou pesar, mas nem mesmo o fato de se acharem em meio a tribulações, o que era, contudo, mais pesado do que dar de suas posses. Estas palavras: *"Deram-se a nós"* revelam prontidão e fé intensa. Trata, contudo, mais uma vez aqui do assunto. Uma vez, porém, que a liberalidade e a alegria de dar de certo modo se opõem mutuamente, e, na realidade, quem dá muito frequentemente fica pesaroso, e, ao ínvés, dá com parcimônia para não se condoer, vê de que modo cuida de ambos os casos com a conveniente prudência. Com efeito, não disse: É melhor dar pouco de boa vontade do que muito a contragosto, entretanto, queria ambas as coisas, que dessem muito e de boa vontade. Mas, como? *"Organizassem as ofertas* (*eulogia*) *já prometidas; recolhidas estas seriam sinal de liberalidade* (*eulogia*), *não demonstração de avareza."* Em primeiro lugar, começa por aquilo que é mais agradável e mais leve, a fim de que eles não dessem de má vontade. Na verdade, é um dom abençoado (*eulogia*). Eis que, ao exortar, destaca logo o fruto que produz a esmola e as bênçãos de que ficam repletos os doadores. Com a palavra agradável também os cativou, porque ninguém transmite uma dádiva abençoada com tristeza. Não se satisfaz com isso, mas adita: *"Não demonstração de avareza"*. Não penseis, diz ele, que a recebemos como avaros, mas para sermos fautores de bênçãos. A avareza é própria daqueles que doam de má vontade; por isso quem dá esmola

de má vontade, dá com avareza. Depois, passa de uma coisa a outra, a saber, que deem com munificência.

Benefícios que resultarão da coleta

6. *Digo, porém, o seguinte:*

Isto é, depois disto, digo ainda. O quê?

Quem semeia com parcimônia, com parcimônia também colherá, e quem semeia com bênçãos, com bênçãos também colherá.

Não disse: Com mesquinhez, mas usa expressão mais suave: *"com parcimônia"*. Enquanto à esmola dá o nome de semente, coloca diante de teus olhos imediatamente a recompensa e ao pensares na messe, entendas que receberás mais do que dás. Por isso, não disse: Quem dá, e sim: *"Quem semeia"*. Nem: Se semeardes, mas fala de modo geral. Finalmente, não: Largamente, e sim o que é muito mais: *"Com bênçãos"*. Então volta ao modo inicial que era suave, dizendo:

7. *Cada um dê como dispôs em seu coração,*

Age-se melhor segundo o livre-arbítrio do que forçado pela necessidade. Por conseguinte ele se detém neste ponto. Após ter dito: *"Como dispôs em seu coração"*, acrescentou: *sem pena, nem constrangimento,*

Não achou suficiente, mas adicionou o testemunho da Escritura: *"pois Deus ama a quem dá com alegria.*

Vês com que assiduidade o repete? Logo diz: *"Não digo isso para vos impor uma ordem"*, e: *"A propósito dou-vos um parecer"*, e : *"Com bênçãos, não com demonstração de avareza"*; e ainda: *"Sem pena, nem constrangimento, pois Deus ama a quem dá com alegria"*. A meu ver,
neste trecho: *"com alegria"* significa munificência, em-
bora tenha escolhido esta palavra para estimular a darem com prontidão. Como bastava o exemplo dos macedônios e outros para levá-los à rica doação, não utiliza muitas palavras, mas exorta a não doarem de má vontade. Pois, relativamente à virtude, tudo o que se faz obrigado rouba à recompensa, conforme de direito ele aqui insinua. Não só admoesta: suplica segundo costuma, nesses termos:

8. *Deus pode cumular-vos de toda espécie de graças,*

O que significa: *"Cumular-vos de toda espécie de graças"*? Quer dizer: Cumular-vos de tão grandes riquezas que podeis dar com munificência.

Para que tenhais sempre e em tudo o necessário e vos fique algo de excedente para toda obra boa,

Vê a grande sabedoria desta súplica. Não lhes deseja riquezas e o supérfluo, mas: *"Em tudo o necessário"*. Não é admirável somente isso, mas que não opta para eles o supérfluo, de sorte que nem os pressiona, nem os obriga a darem do que sobra, por condescendência para com sua fraqueza; mas deseja-lhes o suficiente e simultaneamente explica que não se deve abusar dos benefícios divinos. *"Algo de excedente para toda obra boa"*. É o meu pedido, a fim de também restar para o próximo.

Não disse: Dardes, e sim: *"algo de excedente"*. Com efeito, relativamente aos bens materiais, opta-lhes o suficiente, mas em relação aos espirituais, também um excedente, não apenas para as esmolas, mas para outras finalidades. É o sentido da locução: *"Para toda obra boa"*. Em seguida, apresenta-lhes como conselheiro o profeta, utilizando o testemunho em que estimula à liberalidade:

9. *conforme está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre.*

"Vos fique algo de excedente" significa isso. A palavra: *"distribuiu"*, nada mais indica do que dar fartamente. Embora os bens não perdurem, permanece o que deles se origina. É maravilhoso que os

bens conservados se perdem e os distribuídos permanecem, e perpetuamente. Por *“Justiça”*, neste lugar, ele entende a bondade. De fato, quando se dá largamente, ela cria homens justos, e consome os pecados qual uma chama. Por isso, não nos comportemos com parcimônia, mas semeemos às mãos cheias. Não constatas quanto se dá aos histriões e prostitutas? Concede a Cristo ao menos a metade do que se destina aos bailarinos. Oferece tanto ao aflito quanto eles por ostentação aos atores; eles, de fato revestem o corpo das meretrizes de uma quantidade de ouro, e tu, nem com uma tênue veste, envolves a carne de Cristo, que vês despida. De que perdão és digno? Que espécie de suplício não mereces, se um outro confere tantos presentes à mulher perdida e infame e tu, ao contrário, nem um mínimo para quem te conserva e te enobrece? Em verdade, esqueces-te da pobreza ao se tratar de despesas para o estômago, a embriaguez e a luxúria, mas se deves aliviar a pobreza do próximo, és mais pobre do que ninguém. Para sustentar parasitas e aduladores, dás como se haurisses de uma fonte, mas se divisas um pobre, avassala-te o medo da pobreza. Por isso seremos condenados por nós mesmos e pelos outros, quer sejam virtuosos ou pecadores. Dirás a ti mesmo: Por que relativamente às ações honestas não foste generoso? Mas quem dá à meretriz nada disso pensa; tu, contudo, ao tributar ao Senhor, que te proibiu preocupar-te com tais coisas, ficas inteiramente abalado pelo medo e tremor? E queres, finalmente, ser digno de perdão? Com efeito, um homem que recebe um benefício não o esquece, mas agradece; muito mais Cristo haverá de agradecer. De fato, quem dá mesmo sem ter recebido benefício algum, acaso, se receber, não retribuirá? Mas então, replicas, por que acontece que alguns que fizeram muitas doações, ficam precisando do auxílio alheio? Aludes aos que dissiparam todas as suas posses, e tu nem mesmo dás um óbolo. Promete primeiro que renunciarás a tudo, e depois interrogues; enquanto és avaro, e tiras pouquíssimo do que é teu, por que me apresentas desculpas e pretextos? Não te levamos ao cume, ao cúmulo da pobreza; só pedimos que cortes o supérfluo, e reclames apenas o suficiente em si. Ser autossuficiente é limitar-se ao necessário, sem o qual é impossível viver. Ninguém te arrebata o indispensável, nem proíbe teres o sustento cotidiano. Sustento, digo, não delícias; vestes, não adornos. Ou antes, pensando bem, é o máximo prazer. Reflete. Qual dos dois diremos que vive com maior deleite: O que se alimenta de verduras e goza de boa saúde, não sofre de doença alguma, ou o que tem mesa sibarita, e suporta inúmeras enfermidades? É certo que é o primeiro. Por conseguinte, nada mais reclamemos, se queremos viver com prazer e gozar de ótima saúde. E delimitemos o que nos basta. Quem se satisfaz com legumes e tem saúde, não busque mais. Quem é mais fraco e precisa de plantas medicinais, não lhe seja vedado. Se alguém for ainda mais fraco, e precisar do auxílio de módica porção de carne, não lho proibamos. Nossos conselhos não se destinam a afastar e oprimir as pessoas, mas a cortar o supérfluo. É supérfluo, de fato, o excedente. Pois, se podemos levar uma vida honesta abstendo-nos de algo, sem dúvida é supérfluo possuí-lo.

Considero-o relativamente às vestes, à mesa, à casa etc.; em tudo procuremos o necessário, porque o supérfluo é inútil. Se te empenhares em ser comedido, enfim, se quiseres imitar a viúva do evangelho (Mc 12,14-44), guiar-te-emos ao que é mais importante. Com efeito, ainda não alcançaste a sabedoria daquela mulher enquanto te preocupares em ter o suficiente; pois ela, atingindo grau superior, depôs no cofre até o indispensável à própria subsistência. Acaso ainda hesitas acerca do necessário? Não te envergonhas de estar abaixo de uma pobre mulher, e não só não imitá-la, mas manter-se numa grande distância? Ela não utilizou a linguagem: O que será de mim, se gastando os meus recursos precisar da ajuda alheia? Mas de boa vontade despojou-se de todos os bens. O que direi da viúva do tempo do profeta Elias, mencionada no Antigo Testamento (1Rs 17)? Ela, de fato, chegara não apenas à pobreza, mas também enfrentava perigo de vida, não só para si, mas também para os filhos. E não esperava ser socorrida, e sim morrer logo. Mas viu o profeta, responderás, e com isso foi

induzida a empregar liberalidade. E tu não vês inúmeros santos? E por que falo de santos? Ou antes, vedes o próprio Senhor pedindo socorro; nem assim vos revestis de sentimentos humanos, e apesar de possuirdes celeiros transbordantes de todos os lados, nem mesmo do que sobra, quereis dar. O que dizes? O profeta estava presente, e a incitou a dar exemplo de tão grande liberalidade? O próprio fato é maravilhoso: Ter acreditado que ele era um homem importante e admirável. Por que não proferiu o que seria consentâneo que pensasse uma mulher bárbara e estrangeira: Se fosse um profeta, não desejaria meu auxílio; se fosse amigo de Deus, ele não o teria abandonado? Seria justo que os judeus pagassem as penas devidas a seus pecados; quanto a ele, porém, qual a razão, a causa? Nada disso pensou, mas abriu-lhe as portas de sua casa, e antes da casa abriu-lhe o coração, oferecendo-lhe todos os seus recursos; não ouviu a voz da natureza, despreocupou-se dos filhos, preferiu o hóspede a tudo. Pondera, de fato, que suplício nos é reservado, se formos inferiores e mais fracos do que uma viúva, pobre, estrangeira, bárbara, mãe de vários filhos, que nada sabia do que nos é notório. Robustos de corpo, nem por isso somos fortes. Com efeito, quem possui esta virtude, embora prostrado no leito, internamente possui forças; retiradas estas, mesmo se de tanto vigor corporal que possa transferir uma montanha, não parece mais valente do que uma jovem ou mísera velha. Um peleja contra vícios incorpóreos; outro, ao contrário, nem ousa fitá-los. No intuito de entenderes o âmbito da virtude da fortaleza, podes coligi-lo deste mesmo exemplo. O que se pode imaginar de mais forte do que esta mulher que supera tudo, firme diante da tirania da natureza, da violência da fome, da morte iminente? Escuta, em verdade, como Cristo a recomenda: “Havia em Israel muitas viúvas nos dias de Elias; no entanto, não foi enviado o profeta a nenhuma delas, exceto àquela” (Lc 4,25-26). Posso dizer algo de grandioso e paradoxal? Ela ultrapassou nosso pai Abraão relativamente à hospitalidade. Não acorreu ao rebanho como ele, mas, com um bocado de pão, se sobrepôs aos que exerceram a hospitalidade. Abraão assumiu pessoalmente este múnus; mas a viúva, por causa do hóspede, nem os filhos poupou, sem ter qualquer expectativa para o futuro. Nós, ao contrário, caímos no torpor, apesar de nos ser oferecido o reino, de estarmos ameaçados com a geena, e o que é mais importante, ter Deus realizado por nós tantas maravilhas, e se comprazer e alegrar por esses atos. Não procedamos dessa maneira, suplico-vos, mas distribuamos e demos aos pobres como é justo. Deus não mede se as dádivas são muitas ou poucas, e sim as possibilidades do doador. Daí vem julgares muitas vezes que oferecer um óbolo é menos do que tua dádiva de cem estateres de ouro, extraídos do teu supérfluo. Todavia, faze ao menos isso; e imediatamente chegarás a maior liberalidade. Semeia riquezas, para colheres justiça, que não se posta do lado das riquezas; apresenta-se por meio delas, não, porém, a elas associada. É impossível que coabitem a ambição de riquezas e a justiça; divergem as respectivas tendas. Não te esforces por congregar coisas que não se podem unir de forma alguma. Expulsa o tirano, o amor do dinheiro, se queres receber a rainha. Pois a justiça é uma rainha que transfere os homens da escravidão para a liberdade, enquanto a ambição faz inteiramente o oposto. Sendo assim, fujamos dela com todas as forças, abracemos a justiça, a fim de fruirmos da liberdade nesta vida e conseguirmos o reino dos céus. Suceda a todos nós alcançá-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA HOMILIA

10. *Aquele que fornece semente ao semeador e pão para o alimento vos fornecerá também a semente e a multiplicará e fará crescer os frutos da vossa justiça.*

Aqui, admire-se especialmente a prudência de Paulo. Bem como exortou a respeito dos bens espirituais e materiais, faz acerca de ambas as espécies de recompensa. A locução: *“Distribuiu, deu*

aos pobres, a sua justiça permanece para sempre" trata da recompensa espiritual; quanto a esta: *"fornecerá também a semente"* refere-se à retribuição material. Mas não se detém aqui; passa às espirituais, e compõe-nas frequentemente entre si. *"Fará crescer os frutos da vossa justiça"* é espiritual. Assim procede para dar variedade ao discurso, tanto para arrancar radicalmente os pensamentos indolentes e inertes quanto para eliminar com a maioria dos argumentos o pavor da pobreza, utilizando ainda o presente exemplo. Pois, se Deus fornece a semente àqueles que semeiam, se com os alimentos do corpo concede também a fertilidade, muito mais aos que cultivam as coisas celestes e exercem a cura das almas. Ou antes, quer conferir a estes maior providência. De fato, Paulo não aproveita assim esta espécie de argumentação, segundo disse, mas suplica, de sorte a simultaneamente tornar o raciocínio mais efetivo e induzi-los melhor à esperança, não somente pelos fatos, mas também por tais votos: *"Fornecerá também a semente e a multiplicará e fará crescer os frutos da vossa justiça"*. Estas palavras assinalam sem dúvida a liberalidade, conforme indicam os termos: *"fornecerá"* e: *"multiplicará"*. Simultaneamente não nos permite pedir algo a mais do que o necessário, ao dizer: *"Pão para o alimento"*. Especialmente é admirável que Paulo, apesar de ter elaborado anteriormente a proibição de se buscar mais do que é necessário, relativamente às realidades espirituais nos aconselha a aquisição de imensas riquezas.

Por isso, dizia acima: *"Para que tenhais sempre e em tudo o necessário e vos fique algo de excedente para toda obra boa"*, e nesta passagem: *"Fornece pão para o alimento, multiplicará vossa semente"*, isto é, espiritualmente. E não exige simplesmente uma esmola, mas que seja superabundante. Por isso assiduamente lhe dá o epíteto de semente. Assim como o trigo plantado floresce em messe, também a esmola produz muitos feixes de justiça e uma colheita indescritível. Após desejar-lhes tal fertilidade, explana onde ela deve ser despendida, nesses termos:

11. *Sereis enriquecidos de todos os modos, para praticar toda espécie de obras de simplicidade, que suscitarão a ação de graças a Deus por nosso intermédio.*

Não despendais vossos bens em ações inconvenientes, mas nas que ocasionarão muitas graças a Deus. Deus confiou a nosso poder as coisas maiores; as menores reservou para si, cedendo-nos as maiores. Quis que dependesse dele próprio o alimento que sustenta o corpo, mas o espiritual entregou-o a nós. Ficou em nosso poder procurar que brote messe viçosa. Precisa das chuvas, das vicissitudes das estações, que não dependem de nossa vontade e a messe atingirá as alturas. Por *"simplicidade"*, nesta passagem, entende a generosidade, que suscita por nosso intermédio ações de graças a Deus. Daí se originam a esmola, e o motivo para múltiplas ações de graças. Ou melhor, não apenas ação de graças, porém muito mais. Adiantando a exposição, apresenta-as de sorte que, após demonstrar existirem muitas boas obras, fá-los mais bem-dispostos. Quais, portanto, são estas vantagens? Ouçam-no:

12. *Pois o serviço desta coleta não deve apenas satisfazer às necessidades dos santos, mas há de ser ocasião de efusivas ações de graças a Deus.*

13. *Considerando a vossa comprovada virtude exercida nesse serviço, eles darão glória a Deus pela obediência que professais em relação ao evangelho de Cristo, e pela generosidade com que a eles e a todos fazeis participar dos vossos bens.*

14. *E, orando por vós, eles vos manifestarão a sua ternura, por causa da extraordinária graça que Deus vos concedeu.*

Estas palavras têm o seguinte sentido: em primeiro lugar, não só aliviastes a penúria dos santos, mas fostes além, isto é, socorrestes com mais do que é necessário. Em seguida, por meio deles

ocasionastes louvores a Deus. Eles o glorificam por causa da obediência procedente da fé que professais. Vê como os enaltece, a fim de mostrar que não só a este título, a saber, pelo benefício, eles dão graças. É idêntico ao que se encontra na Carta aos Filipenses: “Não que eu busque presentes” (Fl 4,17). Acerca destes também o atesto. Eles, de fato, se alegram porque supris à carência que os oprime, e aliviais-lhes a pobreza; muito mais, porém, porque de tal modo vos submeteis ao evangelho. Comprova-o o fato de serdes tão munificentes, conforme prescreve o evangelho. *“E pela generosidade com que a eles e a todos fazeis participar dos vossos bens”*. E, por conseguinte, afirma, eles dão graças a Deus, não porque sois tão generosos para com eles, mas também para com todos. Presta-se ainda isso a elogiá-los, visto que dão graças porque também outros se beneficiam. Não provêm a seus interesses, mas pensam igualmente nos interesses alheios, apesar de se acharem em extrema pobreza. Grande indício de virtude! Não são invejosos como acontece a alguns mendigos. Ora, eles estão isentos deste vício; longe de se atormentarem diante de vossos benefícios ao próximo, não se alegram menos do que pelas dádivas que eles próprios recebem. *“E orando por vós”*. Efetivamente, afirma, dão graças a Deus por causa delas; mas rezam por vossa caridade e para encontrarem-se convosco e ser-lhes possível ver-vos. Desejam-no, não por ambicionarem vossos bens, mas para contemplarem a graça que vos é concedida. Vês a prudência de Paulo? Exaltando-os, tributa a Deus o louvor deste procedimento, denominando-o graça. Após ter dito grandes coisas a respeito deles, dando-lhes o nome de oficiantes, e elevando-os às alturas – se eles exerciam um ofício sagrado, Paulo servia –, denomina-os comprovados e mostra que Deus é autor de tudo isso. Ele próprio, em união com eles, dá graças a Deus com as seguintes palavras:

15. *Graças sejam tributadas a Deus por seu dom inefável!*

O Apóstolo, neste trecho, entende por “*dom*” os bens imensos que, através da esmola, adquirem tanto os que recebem quanto os doadores. Ou aqueles dons arcanos que, pela vinda de Cristo, são concedidos tão liberalmente a todo o orbe da terra. É mais provável que seja isso. Relembra o que receberam da parte de Deus para coagi-los a ser mais generosos. É o máximo estímulo à virtude; por isso encerra aqui o sermão. Se o dom de Deus é inefável, o que se compara à loucura dos que curiosamente investigam sua essência? Não apenas seu dom excede qualquer palavra, mas ultrapassa todo entendimento à paz, com a qual reconciliou as realidades celestes com as terrenas. Por isso, fruindo de tantas graças, esforcemo-nos por nos comportar com a devida probidade e ter a maior solicitude relativamente à esmola. Fá-lo-emos, fugindo dos excessos, da embriaguez, da gula. Pois Deus não nos deu alimento e bebida para nos entalarmos, e sim para nossa subsistência. Não é o vinho que produz a embriaguez; se assim fosse, forçosamente todos os homens seriam ébrios. Ora, replicas, o vinho não devia prejudicar mesmo se sorvido em maior quantidade. Palavras de beberrões! Pois se bebido em larga medida prejudica, nem assim te absténs de imoderada bebida, e sendo de tal modo torpe e nocivo, nem assim desistes da malvada cupidez, se fosse possível tomar grande quantidade de vinho sem detrimento, de que maneira reprimirias a avidez? Acaso não desejarias que até os rios se transformassem em vinho? Acaso não arruinarias e perderias todas as coisas? Se os alimentos têm certa medida e o excesso prejudica a saúde, nem assim te submetes ao freio, mas, após rompê-lo, tomas o que é de todos para servires à péssima tirania da gula, o que não farias se fosse abolido o limite imposto pela natureza? Não gastarias todo o tempo em comer e beber? Acaso, portanto, não importava fortalecer esta absurda cupidez e impedir o mal que nasce da falta de moderação? E quantas outras desvantagens não surgiriam daí? Mas, ó covardes, que vos revolveis no lodo da embriaguez e outras espécies de impurezas! Se por um pouco ficam despertos, nada mais fazem do que se assentar e proferir as seguintes palavras: Por que perder tempo sobre este assunto? Quando, ao invés, deviam

acusar os próprios pecados. Em verdade, em vez de dizeres: Para que tais proibições? Por que não deixar tudo decorrer ao acaso? Devias antes dizer: Por que não renunciamos à embriaguez? Por que nada nos sacia? Por que somos mais insensatos do que os irracionais? Convinha que discutissem entre si essas questões, ouvissem a palavra do Apóstolo, refletissem quantas vezes ele atesta os bens derivados da esmola e arrebatarem esse tesouro. De fato, desprezar as riquezas torna os homens honestos, conforme ele assegurou, e faz com que se celebre a glória de Deus, inflame-se a caridade, opere-se a magnanimidade, eleve-se ao sacerdócio e ao exercício do múnus sacerdotal, que merece imensa recompensa. Pois quem é dado a esmola (como o sumo sacerdote) não usa veste talar, cercada de campainhas, nem está cingido de uma coroa, reveste-se do traje da beneficência que é mais santo do que aquela veste sagrada, foi ungido não com óleo material, e sim com o extraído pelo Espírito, usa uma coroa tecida de compaixão, conforme diz a Escritura: “É ele quem te coroa de misericórdia e compaixão” (Sl 103, 4); e em lugar da lâmina traz o nome de Deus, ou melhor, ele próprio se torna semelhante a Deus. De que modo? “Sereis semelhantes ao vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,45).

Queres também contemplar o altar? Não foi construído por Beseleel, nem por outro artista, mas pelo próprio Deus, não de pedras, mas de matéria mais brilhante que o céu, isto é, de almas dotadas de razão. Mas replicas: Só o sacerdote entra no Santo dos santos. A ti, que entras para oferecer esse sacrifício, é lícito penetrar no tremendo santuário onde ninguém está senão teu Pai, que te vê nos lugares ocultos (cf. Mt 6,6), onde ninguém mais te vê. Como pode ser, perguntas, que ninguém veja, se o altar está à vista? É o que causa admiração, porque outrora as portas de dois batentes e as cortinas isolavam; agora, porém, oferecer o sacrifício publicamente, como se fosse no santo dos santos, induz a realizá-lo com temor muito maior. Pois, se não o realizas por ostentação humana, mesmo se o presencie todo o orbe, ninguém vê porque agiste desta forma. E Cristo não somente disse: “Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens”, mas acrescentou: “para serdes vistos por eles” (Mt 6,1). Esse altar consta dos próprios membros de Cristo e o corpo do Senhor se torna teu altar. Venera-o: sobre a carne do Senhor ofereces a vítima. Esse altar é mais terrível do que o atual, não só do que o da Antiga Aliança. Mas não te perturbes: é admirável por causa da vítima que se lhe impõe. O altar de quem se compadece, o é não só por este fundamento, mas porque é constituído pela própria vítima que pratica a misericórdia. Ainda nosso altar é maravilhoso porque sendo verdadeiramente pedra por natureza, torna-se santo porque recebe o corpo de Cristo; o atual, contudo, porque ele próprio é o corpo de Cristo. Por conseguinte, mais terrível que aquele é este, perante o qual, tu, leigo, te encontras. E o que pensas de Aarão, diante de tais realidades? O que é a coroa? As campainhas? O santo dos santos? Por que estabelecer uma comparação com aquele altar, se mesmo comparado ao nosso, de tal modo se revela mais esplêndido? Com efeito, veneras o altar que acolhe o corpo de Cristo. Mas o altar que é o próprio corpo de Cristo, tu o ultrajas e desprezas quando está perecendo. Em toda parte, nas ruas e na praça poderás ver colocado esse altar e a qualquer hora nele oferecer o sacrifício, pois nele se consuma a vítima. E como o sacerdote está de pé, invocando o Espírito, também tu invocas o Espírito, não com a voz, mas pelas obras. Nada pode extinguir o fogo do Espírito ou acendê-lo como este óleo, largamente derramado. Se desejas saber o que acontece relativamente a tua oferta, aproxima-te e mostrar-te-ei. Qual a fumaça deste altar? Qual o bom odor? A glória e a ação de graças. Até onde se eleva? Até o céu? Não, transcende o próprio céu, e o céu dos céus e alcança o próprio trono do rei: “As tuas orações e as tuas esmolas subiram até diante de Deus” (At 10, 4). Ora, o odor de suavidade sensível não corta uma grande extensão do ar; este, porém, transpõe a própria abóbada celeste. Enquanto tu calas, as ações clamam. Realiza-se um sacrifício de louvor, não de uma vitela imolada, nem de uma pele queimada, mas da alma espiritual a oferecer o que é seu. Este sacrifício é mais valioso do que toda espécie de amor aos homens. Se vês um fiel pobre, considera que

estás vendo um altar. Contemplas este pobre, não o injuries; respeita-o. Se um outro o injuria, não permitas, defende-o. Desta maneira Deus ser-te-á propício, e conseguirás os bens prometidos. Sejam-nos dados a todos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo etc.

III. APOLOGIA DE PAULO

VIGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

Resposta à acusação de fraqueza

10,1. *Eu mesmo, Paulo, vos exorto pela mansidão e a bondade de Cristo – eu tão humilde quando estou entre vós face a face, mas tão ousado quando estou longe.*

2. *Rogo-vos, não me obrigueis, quando estiver presente, a mostrar-me ousado, recorrendo à audácia com que tenciono agir contra aqueles que nos julgam como se nos comportássemos segundo critérios carnais.*

Após ter terminado convenientemente o sermão sobre a esmola, Paulo destaca que ele mais os amava do que era amado por eles e sobretudo tendo narrado a sua paciência e tribulações, oportunamente começa a repreender, mencionando os falsos apóstolos, e com estes assuntos mais severos encerra o discurso e recomenda-se a si mesmo. Assim procede na carta inteira; quando o percebe, muitas vezes se emenda, utilizando esses termos: “*Começaremos de novo a nos recomendar?*” (2Cor 3,1) e avançando, diz: *“Não nos recomendamos de novo junto a vós, mas desejamos dar-vos ocasião de vos gloriardes”* (2Cor 5,12), e depois: *“Procedi como insensato! Vós me constrangestes a isto”* (2Cor 12,11). Emprega muitas destas emendas. Não incorrerá em erro quem der a esta carta o nome de elogio de Paulo, de tal forma largamente descreve os efeitos da graça e os relativos à sua própria paciência. Visto haver alguns que tinham de si alto conceito e se antepunham ao Apóstolo, acusando-o de arrogante, de nenhuma valia e de que nada de correto ensinava (o que constituía máximo indício de que possuíam espírito corrompido), vê como inicia a advertência: *“Eu mesmo, Paulo”*. Notas com que gravidade e autoridade ele fala? Era como se quisesse dizer: Suplico-vos, não me obrigueis, nem me deixeis usar de minha autoridade contra aqueles que me menosprezam e me consideram homem carnal. Certamente, a austeridade aqui era maior do que as ameaças formuladas na primeira carta: “Que preferis? Que eu vos visite com vara ou com amor e em espírito de mansidão?” Agora, porém: *“Julgando que eu não voltaria a ter convosco, alguns se encheram de orgulho. Em breve irei ter convosco, e tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder”* (1Cor 4,21.18.19). Nesta passagem demonstra duas coisas: autoridade, e sábia paciência, de sorte que roga instantemente que não tenha necessidade de ir a fim de dar demonstração de seu poder de castigar, de ferir e infligir penas, e de exigir estritas contas. Ele o sugere nesses termos: *“Rogo-vos, não me obrigueis, quando estiver presente, a mostrar-me ousado, recorrendo à audácia com que tenciono agir contra aqueles que nos julgam como se nos comportássemos segundo critérios carnais”*. Nesse ínterim, confiramos esta palavra com o que se encontra no início: *“Eu mesmo, Paulo”*. É grande ênfase, muita severidade, segundo disse também em outra passagem: “Eu, Paulo, vos digo” (Gl 5,2); e ainda: “Eu, Paulo, velho” (Fl 9); e em outro trecho: “Ela ajudou a muitos, a mim inclusive” (Rm 16,2). Do mesmo modo aqui afirma: *“Eu mesmo, Paulo”*. É importante que ele próprio exorte; mais ainda o acréscimo: *“Pela mansidão e a bondade de Cristo”*. Empenhando-se muito por incutir-lhes pudor, destaca a mansidão e a benignidade, intensificando a súplica, como se dissesse: Demonstrai veneração pela própria mansidão de Cristo, através da qual vos rogo. Exprimindo-se desse modo, queria simultaneamente deixar claro que, por mais que eles o provocassem, era mais propenso

à suavidade, não porque não tivesse força para agir energicamente, conforme Cristo também fazia. *"Eu tão humilde quando estou entre vós face a face, mas tão ousado quando estou longe"*. O que significa isso? Talvez fale ironicamente, repetindo as expressões deles. Efetivamente, eles afirmavam que Paulo, quando presente, não tinha valor algum, era insignificante e desprezível; ausente, porém, enchia-se de orgulho, falava vigorosamente, aborrecia-os e ameaçava. Sugerem-no as palavras subsequentes: *"Pois as cartas, dizem, são severas e enérgicas, mas uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível"*. Por conseguinte, talvez por ironia apresenta-se com grande severidade: Eu, que uma vez presente, sou fraco, conforme dizem eles, eu, que ausente, sou eloquente. Ou certamente quer dizer que, embora se refira a feitos grandiosos, não é por orgulho, mas pela ousadia que tem para com eles. *"Rogo-vos, não me obrigueis, quando estiver presente, a mostrar-me ousado, recorrendo à audácia com que tenciono agir contra aqueles que nos julgam como se nos comportássemos segundo critérios carnais"*. Vês a intensa indignação e como é justa a censura do que asseveravam? Rogo-vos, diz ele, que não me obrigueis a mostrar-me ousado, e que, estando presente, também tenho força e autoridade. Uma vez que eles asseguram que, estando ausente, sou ousado e soberbo para convosco, digo: Por isso, rogo-vos que não me obrigueis a usar de autoridade. Este o sentido da alocução: *"Recorrendo à audácia"*. Não diz: Estou pronto, mas: *"Tenciono"*. Não me determinara, mas eles me oferecem oportunidade; eu, contudo, nem assim me animo a fazê-lo. Entretanto, assim agia não para se vingar, e sim por causa do evangelho. Se quando se tratava de proteger a causa da pregação, não era austero, mas usava de delongas, e rogava que não fosse obrigado, muito menos o teria feito para repelir as injúrias lançadas contra si.

Poupai-me, dizia, para não precisar mostrar que, estando presente, posso usar de ousadia conforme devo, isto é, aplicar punição e castigo. Vês que está alheio à ambição de glória, nada fazia por ostentação e, contudo, se necessário, apelava à audácia? *"Rogo-vos, não me obrigueis, quando estiver presente, a mostrar-me ousado, recorrendo à audácia com que tenciono agir contra"* alguns. É dever principal do mestre não aplicar logo os castigos, mas corrigir, sempre hesitar e tardar a infligir penas. A quem alude com ameaças? *"Àqueles que nos julgam como se nos comportássemos segundo critérios carnais"*. Acusavam-no de hipócrita, desonesto e arrogante.

3. *Embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne.*

Aqui atemoriza-os com linguagem figurada: Possuímos um corpo carnal, não o nego, mas não vivemos segundo a carne. Ou melhor, nem isso disse, mas é um tanto reservado em referência a sua vida louvável, e trata antes do anúncio da palavra, mostrando que não age de maneira humana, nem precisa de auxílio terreno. Por isso não disse: Não vivemos segundo a carne, e sim: *"Não militamos segundo a carne"*, quer dizer, empreendemos luta e guerra, mas não combatemos com armas carnais, nem recorremos a auxílios humanos.

4. *Na verdade, as armas com que combatemos não são carnais,*

Quais são as armas carnais? As riquezas, a glória, o domínio, a eloquência, a severidade, as fraudes, as adulações, as hipocrisias etc. Ora, nossas armas não são tais. Quais, então?

são poderosas em Deus.

Não disse: Nós não somos carnais, e sim: *"As nossas armas"*. Segundo já disse, primeiro trata da pregação, e atribui a Deus todo poder. E não disse: São espirituais, embora este vocábulo devesse ser aplicado, em oposição a carnais, e sim: *"poderosas"*; por esta palavra assinala e afirma que as armas dos adversários são fracas e débeis. E observa que está isento de qualquer orgulho. Pois não disse: Somos poderosos, e sim: *"As nossas armas são poderosas em Deus"*. Não fomos nós que as preparamos, mas o próprio Deus. Uma vez que foram torturados, perseguidos, oprimidos por inúmeros

males, o que era sinal de fraqueza, ele indica o poder de Deus, nesses termos: *"São o poder de Deus"*. Pois isso assinala em primeiro lugar a força de Deus, porque por estas armas alcança a vitória. Por conseguinte, embora nós as carreguemos, é o próprio Deus quem por meio delas combate e atua. Depois tece um longo elogio dessas armas, dizendo: *"para destruir fortificações"*.

E no intuito de que não penses, ao ouvir falar de fortificações, em algo de sensível, disse: "*Destruímos os raciocínios presunçosos*".

Através de figuras indica uma acentuação, e com o acréscimo declara que a guerra é espiritual. Essas fortificações cercam as almas, não os corpos. Visto que são mais firmes, precisam de armas mais poderosas. Com o vocábulo *fortificações* Paulo indica o orgulho dos gregos e a força dos sofismas e raciocínios. Entretanto, diz ele, superamos todas as armas preparadas por eles. *"Destruímos os conselhos presunçosos"*

5. *e todo poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus.*

Persiste na metáfora, para se exprimir mais significativamente. Sejam fortificações, torres etc., cedem e desistem diante dessas armas.

Tornamos cativos todo pensamento para levá-lo a obedecer a Cristo,

Ora, o vocábulo cativeiro tem um sentido pejorativo, pois é a perda da liberdade. Por que então empregou tal palavra? Noutro sentido. O nome de cativeiro tem duplo significado, a saber, perder a liberdade e ser submetido à força, e portanto vencido, sem possibilidades de se livrar. O Apóstolo utiliza a expressão no último sentido. Ao dizer: *"Despojei outras Igrejas"* (2Cor 11,8), não afirma que recebeu furtivamente, mas que despojou e recebeu todas as coisas. Assim também nesse trecho, onde afirma: *"Tornamos cativos"*, Paulo não lutava com forças iguais, mas facilmente obtinha vitória. Não disse: um ou dois pensamentos, e sim: *"Todo"*. Não assegurou: Vencemos e fomos vencedores apenas, e sim: *"Tornamos cativos"*, bem como não disse mais acima: Avançamos com aparelhos de guerra contra as fortificações, e sim: *"Destruímos"*. Em armas muito os ultrapassamos. Não lutamos com palavras, mas com fatos contra as palavras, não por sabedoria carnal, mas com espírito de mansidão e de poder. Como, portanto, haveria de me gloriar, diz ele, e de me gabar em palavras, e ameaçar por carta, conforme eles acusavam, dizendo: *"As cartas são severas e enérgicas"* (2Cor 10,10), enquanto nossa força de forma alguma reside nisto?

Após assegurar: *"Tornamos cativos todo pensamento para levá-lo a obedecer a Cristo"*, visto que o nome de cativeiro era mais duro, logo abandona essa figura, empregando estes termos: *"Para obedecer a Cristo"*, indo da servidão à liberdade, da morte à vida, da ruína à salvação. Pois não somente prostramos os adversários, mas os convertemos à verdade.

6. *e estamos prontos a punir toda desobediência, desde que a vossa obediência seja perfeita.*

Nessa passagem incute medo não só neles, mas também naqueles. Nós aguardamos, diz ele, que corrigidos e purificados por nossas admoestações e ameaças, vos afasteis da sociedade deles; enfim, após deixardes os incuráveis a sós, castigá-lo-emos, quando virmos na verdade que vós vos afastastes inteiramente deles.

Com efeito, obedeceis agora, mas não integralmente. Ora, dirás, se agora assim tivésseis agido, teríeis lucrado mais. De forma alguma. Se agora eu atuasse, envolver-vos-ia também no castigo. Mas, replicas: Seria necessário castigá-los, e nos poupar. Todavia se vos poupasse, pareceria agir por favor; isto, porém, não quero, e sim primeiro vos corrigir, e depois puni-los. O que há de mais suave do que estes sentimentos? Vendo os seus misturados com os outros, quer infligir o golpe, mas contém-se e reprime a indignação, até que os seus se afastem, para atingir somente a eles; ou antes, nem a estes. Faz estas ameaças, e diz que quer apenas recuperá-los, a fim de que também eles se emendem por

temor, se comportem melhor, e ele contra ninguém tenha de se encolerizar. Assim procedia sempre, procurava o bem de todos, removendo os obstáculos, reprimindo os pestíferos, percorrendo todas as partes, qual médico perito, pai da comunidade, patrono e tutor. Não resolvia os problemas lutando, mas partindo para uma vitória preparada e pronta, levantava o troféu, arrasando, demolindo, reduzindo a nada as fortificações do diabo e os aparelhos de guerra dos demônios e arrastando toda a presa ao acampamento de Cristo. Não respirava nem um pouco, de cá para lá, passando de uns a outros, conforme ótimo general, todos os dias, ou melhor, toda hora erigindo os troféus. Tendo ingressado no combate com uma única e pequena túnica, tomava as cidades dos inimigos com os cidadãos. A língua de Paulo servia-lhe de arcos, lanças e dardos, enfim de toda espécie de armas. Mal proferia as palavras e logo estas, mais fortes do que o fogo, superavam os discursos dos inimigos. Expulsava os demônios, e reconduzia a si os possessos. De fato, quando expulsou aquele maligno demônio, congregou cinquenta mil feiticeiros que, após queimarem os livros de magia, converteram-se à verdade. E como na guerra, se cair a torre ou for prostrado o tirano, todos os seus partidários, depondo as armas, acorrem ao general dos inimigos, aconteceu o mesmo outrora: exorcizado o demônio, todos os obsessos, rejeitando ou antes destruindo os seus livros, refugiaram-se aos pés de Paulo. Ora, ele, enfrentando o orbe inteiro, punha em ordem as fileiras de um só exército. Em parte alguma se detinha, mas exercia sua atividade como se tivesse asas: ora corrigia um coxo, ora ressuscitava um morto, ora a um outro, isto é, a um mago castigava com a cegueira, preso não descansava, mas atraía o carcereiro, realizando ótima captura.

Imitemo-lo, à medida de nossas forças. Como? À medida das forças? Quem quiser pode acercar-se dele, contemplar seu valor no combate, e imitar-lhe a fortaleza. Pois ele ainda o faz, destruindo os planos e todo poder altivo que se eleva contra o conhecimento de Deus.

No entanto, muitas vezes, os hereges tentaram triturá-lo, mas ele até mesmo em seus membros demonstrou ingente força.

De fato, Marcião e os maniqueus apelaram para ele, mas de forma truncada; pelos membros isolados, contudo, foram refutados. Com efeito, só a mão deste homem valoroso, junto deles, radicalmente os afugenta; somente o pé, perto de outros, persegue-os e prostra, de sorte que podes calcular a extensão de seu poder, e que mesmo vulnerado acha-se em condições de vencer todos os inimigos. Entretanto, seria perversidade, respondes, se todos os que lutam entre si empregassem esses meios. Seria perversidade, sim, daqueles que abusam de tais recursos; não de Paulo, de forma alguma. Pois este não utilizava termos equívocos, mas era simples e claro; eles, porém, torciam as palavras do Apóstolo a seu bel-prazer. Mas, por que falou, replicas, de modo a fornecer pretexto aos que quisessem encontrar algum? Não foi ele quem forneceu, mas a loucura daqueles que se aproveitaram de suas palavras, de modo indigno. Acontece também que o universo no conjunto é admirável e imenso, e comprova a sabedoria divina: “Os céus contam a glória de Deus. O dia entrega a mensagem a outro dia, e a noite a faz conhecer a outra noite” (Sl 18,2-3), entretanto muitos contra ele se chocam e em sentidos opostos. Uns o admiraram em excesso, a ponto de o considerarem um deus; outros, de tal forma ignoraram sua beleza, que o julgavam indigno de ter sido criado por Deus e atribuíram grande parte dele a uma matéria má. Mas Deus provera a ambas as coisas; de um lado, fizera o mundo belo e grande para que não fosse considerado alheio a sua sabedoria, e de outro, necessitado e dependente, para que não fosse tido por um deus. Mas eles, obcecados por raciocínios, caíram em opiniões opostas, e mutuamente refutando-se e acusando, isentavam de qualquer censura a sabedoria de Deus pelas mesmas razões pelas quais foram induzidos ao erro. Por que falar do sol, do céu? Os judeus haviam contemplado com os próprios olhos tantos milagres; e, no entanto, logo adoraram o bezerro. Mais uma vez, viam Cristo a expulsar os demônios, e o denominavam possesso. Ora, não

deviam ser incriminados os que expulsavam os demônios, mas a culpa seja lançada na cegueira de seu espírito. Por conseguinte, não censures a Paulo por causa da opinião errada dos que abusaram de suas palavras; ou melhor, esforça-te por entender bem o tesouro, expõe as riquezas que nele se encerram; assim lutarás valorosamente contra todos, munido das suas mesmas armas, assim poderás fechar as bocas dos gentios e dos judeus. Como, replicas, se não acreditam nele? Por meio do que fez, pela conversão do mundo todo. Não era possível a um homem realizar tão grandes obras, mas a força do Crucificado que lhe foi infundida operou tal efeito e tornou-o mais valoroso do que oradores, filósofos, tiranos, reis etc. Ele não somente podia munir-se de armas e prostrar os adversários, mas também transformar os demais. Por conseguinte, a fim de sermos úteis a nós e aos outros, sempre tenhamos nas mãos e com sumo prazer, qual em amenos prados e jardins, nutramo-nos de seus escritos. Assim, pois, poderemos nos abster do vício, abraçar a virtude, e alcançar os bens prometidos. Possamos obtê-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, honra, império, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

7. *Vós considerais as aparências. Se alguém está convicto de pertencer a Cristo, tome consciência uma vez por todas de que, assim como ele pertence a Cristo, nós também lhe pertencemos.*

Em Paulo, entre outras coisas, é admirável principalmente que, ao ser fortemente coagido a se exaltar, executa ambas as coisas: faz o necessário, e, contudo, não se torna aborrecido com a própria defesa, o que se verifica especialmente na Carta aos Gálatas. Efetivamente, então tal tarefa recai sobre ele, cuida de ambos os pontos, o que, em verdade, é muito difícil e requer grande prudência, pois deve ser humilde e enunciar de si próprio algo de grandioso. Considera de que modo nesta passagem o realiza de ótima forma. “*Vós considerais as aparências*”. Observa sua prudência! Após ter repreendido os que induziram os coríntios em erro, não termina com a dissertação acerca deles, mas passa para os seus, conforme faz assiduamente. Ataca não apenas os sedutores, mas também os que foram seduzidos. De fato, se permitisse que os últimos se afastassem imunes de repreensão, não se teriam facilmente corrigido com o que fora insinuado a outros; antes de tal modo se exaltariam como se não fossem culpados. Por isso, igualmente os atinge. Não só por isso Paulo é admirável, mas porque emprega adequada admoestação a uns e outros. Escuta o que diz aos coríntios: “*Vós considerais as aparências*”. Não é falta leve, mas muito grave. Por quê? Porque, assegura, facilmente engana o gênero humano. Afirma o seguinte: Aprovais os homens pelas aparências, pela parte carnal, corporal. O que significa: pelas aparências? Se é rico, orgulhoso, cercado de aduladores, se proclama grandes coisas a seu próprio respeito, vangloria-se, finge possuir determinada virtude – é o sentido das palavras: “*Vós considerais as aparências. Se alguém está convicto de pertencer a Cristo, tome consciência uma vez por todas de que, assim como ele pertence a Cristo, nós também lhe pertencemos*”. Não quer ser severo logo no início, mas insensivelmente aumenta e chega ao máximo grau. E vê quanta aspereza e enigmas nestas palavras. “*Tome consciência*”, significa: Não espere aprender de nós, isto é, por meio de nossa censura; mas por si mesmo considere que como ele próprio pertence a Cristo, também nós pertencemos; não que fôssemos de Cristo como ele, e sim: “*Assim como ele pertence a Cristo, nós também lhe pertencemos*”. Sob este ponto de vista, há entre nós comunhão. Ele não pertence a Cristo e nós a um outro qualquer. Após estabelecer o que há de igual entre ambos, acrescenta em que um prevalece:

8. *E ainda que eu me gloriasse um pouco mais do poder que Deus nos deu para a vossa edificação, e não para a destruição, eu não me envergonharia por isso.*

Vê como suaviza as expressões, preparando-se para dizer algo de grande a respeito de si mesmo. Nada mais irrita à maioria dos ouvintes do que alguém entoar louvores a si próprio. Por isso, para precavê-los do pior, disse: *"E ainda que eu me gloriasse um pouco mais"*. Não disse: Se alguém confia que pertence a Cristo, reflita que se acha muito abaixo de nós, porque tenho da parte dele grande autoridade para castigar e executar a quem eu quiser. Mas, o que disse? *"E ainda que um pouco mais"*. Apesar de possuir autoridade enorme, suas palavras a rebaixam. Nem disse: Eu me glorio, e sim: *"E ainda que eu me gloriasse"*, se quisesse. Ao mesmo tempo é comedido e revela sua preeminência. *"E ainda que eu me gloriasse um pouco mais do poder que Deus nos deu"*. Novamente tudo atribui a Deus, e declara que o dom é benéfico a todos. *"Para a vossa edificação, e não para a destruição"*. Vês de que modo atalha a inveja que o elogio de si mesmo poderia causar, e conquista o ouvinte, relembrando a utilidade do poder que recebeu? Por que diz: *"Destruímos os conselhos presunçosos"*? Porque especialmente edifica afastar os impedimentos, opor-se aos conselhos corrompidos e aplicar os verdadeiros. *"Para a vossa edificação."* O poder que recebemos, portanto, é com o fito de edificar. Se alguém se opuser, combater e continuar incurável, empregaremos energia, submetendo-o e prostrando-o. Por isso também diz: *"Eu não me envergonharia por isso"*, isto é, não me mostraria mentiroso nem arrogante.

9. *Não quero dar a impressão de incutir-vos medo por minhas cartas,*

10. *pois as cartas, dizem, são severas e enérgicas, mas, uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível.*

11. *Quem assim fala, tome consciência de que tais como somos por cartas quando estamos ausentes, tais seremos por nossos atos quando estivermos presentes.*

Quer dizer: Poderia gloriar-me, mas não me objetem de novo que me gabo por carta, *"mas, uma vez presente"* sou insignificante e de *"linguagem desprezível"*. De fato, mais tarde mencionou, não o poder que atemorizava, mas as revelações, e principalmente as tribulações. Por conseguinte, para não parecer que vos estou amedrontando: *"Quem assim fala, tome consciência de que tais como somos por cartas quando estamos ausentes, tais seremos por nossos atos quando estivermos presentes"*. Visto que se afirmava que ele escrevia de si próprio coisas grandiosas nas cartas, mas que, uma vez presente, não tinha valor algum, emprega estes termos, e isso novamente com medida. Pois não disse: Escrevemos coisas grandiosas, e também, estando presente, praticamos atos importantes, mas fala mais humildemente. Pois aos contraditores declarou com certo azedume: *"Rogo-vos, não me obrigueis, quando estiver presente, a mostrar-me ousado, recorrendo à audácia com que tenciono agir contra alguns"* (2Cor 10,2). Quando se dirige aos seus, age com mais mansidão, e por isso declara: Tais como somos presentes, tais somos ausentes, isto é, humildes, moderados, jamais nos enaltecendo. Evidencia-se pelo que se segue:

Resposta à acusação de ambição

12. *Não temos a ousadia de nos igualar ou de nos comparar a alguns que se recomendam a si mesmos.*

Neste trecho evidencia que eles são orgulhosos e grandiloquentes a respeito de si, recomendando-se a si mesmos. Ao contrário, nós, assegura, nada disso fazemos, mas se algo de grande obramos, referimos tudo a Deus, e comparamo-nos uns aos outros; por isso acrescenta:

Medindo-se a si mesmos segundo a sua medida e comparando-se a si mesmos, tornam-se insensatos.

O sentido é o seguinte: não nos comparamos a eles, mas mutuamente entre nós. Mais adiante dirá:

“Pois em nada fui inferior a esses eminentes apóstolos” (2Cor 12,11); e na primeira carta: “Trabalhei mais do que todos eles” (1Cor 15,10); e ainda: *“Os sinais que distinguem o apóstolo realizaram-se entre vós: paciência a toda prova”* (2Cor 12,12). Comparamo-nos, portanto, entre nós, não com eles que nada têm. Essa arrogância origina-se da loucura. Declara-o, portanto, ou a respeito de si mesmo ou deles, como se dissesse: Não ousamos compararmo-nos àqueles que disputam entre si e se gabam muito, sem entendimento, isto é, não percebem quão ridículos se tornam ao se vangloriarem dessa forma e entre si se enaltecerem.

13. *Quanto a nós, não nos gloriaremos além da justa medida,* conforme acontece entre eles. Era provável que se gloriassem de ter convertido o orbe e terem ido até os confins da terra, e proclamassem muitas grandezas semelhantes. Ao invés, nós, diz ele, não agimos desta forma: mas nos serviremos, como medida, da regra mesma que Deus nos assinalou: a de termos chegado até vós.

Por isso, manifesta humildade de duas maneiras: Nada conta além do que fez e refere tudo a Deus. *“Mas nos serviremos, como medida, da regra mesma que Deus nos assinalou: a de termos chegado até vós.”*

Deus, ao distribuir o trabalho da vinha entre os agricultores, conferiu-nos as respectivas metas. Não nos gloriamos, portanto, além do que nos foi permitido avançar.

14. *Não nos estendemos indevidamente, como seria o caso se não tivéssemos chegado até vós, pois, na verdade, fomos ter convosco anunciando-vos o evangelho de Cristo.*

Não chegamos simplesmente até vós, mas também anunciamos, discursamos, persuadimos, cumprimos a tarefa honestamente. É provável que eles, aproximando-se dos discípulos dos apóstolos, por esta simples aproximação, se orgulhassem, atribuindo a si próprios o bom êxito. Quanto a nós, assevera, não agimos desta forma, nem se pode afirmar que não quisemos ir até vós, e somente em palavras nos gloriamos de nossa ida, pois também vos pregamos a palavra.

15. *Não nos gloriamos desmedidamente, apoiados em trabalhos alheios; e temos a esperança de que, com o progresso da vossa fé, cresceremos mais e mais segundo a nossa regra,*

16. *levando mesmo o evangelho para além dos limites de vossa região, sem, porém, entrar em campo alheio para nos gloriarmos de trabalhos lá realizados por outros.*

Repreende-os vivamente porque excessivamente se gloriavam, e em relação a trabalhos alheios. Pois todos os apóstolos tinham suado e eles se enalteciam com o labor alheio. Ora nós, assegura, o demonstramos pelas obras. Em consequência, não os imitaremos, mas falaremos apoiados no testemunho dos fatos. O que dizer? Tenho *“a esperança de que, com o progresso da vossa fé”*. Não o afirma simplesmente, mantendo seu costume. Mas: *“Tenho a esperança”*, diz ele, *“de que com o progresso da vossa fé”*, faremos com que nosso ensinamento se difunda, a fim de posteriormente evangelizarmos. Progrediremos mais, assegura, com discursos e labores, mas sem nos exaltarmos por trabalhos alheios. Empregou bem os vocábulos de regra e medida, como se avançasse para a posse e herança valiosa de todo o orbe, manifestando que tudo é obra de Deus. Por conseguinte, assim sendo, diz ele, e esperando ainda bens maiores, nem por isso nos gloriamos como aqueles que nada possuem, nem atribuímos algo a nós mesmos, mas todas as coisas a Deus. Daí o acréscimo:

17. *Quem se gloria, glorie-se no Senhor.*

E isso nos advém da parte de Deus.

18. *Pois não aquele que recomenda a si mesmo é aprovado, mas aquele que Deus recomenda.*

Não disse: Somos aprovados, e sim: *“Aquele que Deus recomenda”*. Vês como fala humildemente?

Se na continuação do sermão, ele fala de realidades mais elevadas, não te admires. Também aí se revela a prudência de Paulo. Pois, se em toda parte falasse humildemente, não os atingiria tanto, nem libertaria do erro os discípulos. De fato, acontece por vezes que alguém, por modéstia inoportuna, cause detrimento e, ao contrário, faça o bem, proclamando oportunamente a respeito de si próprio algo de importante, conforme ele também agiu. Efetivamente, não era pequeno o perigo de terem os discípulos opinião péssima a respeito de Paulo; não quer dizer que Paulo captasse glória humana. Pois, se a procurasse, não teria silenciado durante tanto tempo a grande e maravilhosa visão que tivera catorze anos antes; nem certamente ele, apesar da premente necessidade, desta forma agiria e hesitaria em falar.

De fato, não o dizia por buscar glória humana, mas para atender ao bem dos discípulos. Uma vez que propagavam que ele orgulhosamente se vangloriava, mas na realidade nada valia, foi preciso recorrer àquelas revelações. Embora pudesse pelos fatos persuadi-los, ao dizer tais coisas, julgou que ainda devia empregar ameaças. Na verdade, estava isento principalmente de vanglória; manifesta-o tanto sua vida anterior quanto posterior.

Por isso também de repente se converteu, e convertido abalou os judeus, rejeitou as honras de que gozava, apesar de ser diante deles chefe e superior. Mas, de nada disso cogitou, porque havia descoberto a verdade, comutando-a por opróbrios e ignomínias. Propunha-se a salvação de muitos, julgando que compensava tudo. E na verdade, como teria querido captar as honras da parte do povo, se não considerava que, em comparação com o amor de Cristo, fosse algo a geena, ou o reino, ou incontáveis mundos? De modo algum; ou antes, assaz humilde, quando lícito, destacava sua vida anterior, denominando-se blasfemo, perseguidor, injurioso. Ora, também seu discípulo Lucas menciona muitos fatos de que ele mesmo o informara, tanto acerca de sua vida anterior quanto da seguinte à conversão.

Digo isso, não apenas a fim de ouvirmos, mas para nossa instrução. Pois, se ele se recordava dos pecados que cometera antes do batismo, apesar de inteiramente apagados, que perdão conseguiremos se nos esquecemos dos pecados que cometemos depois do batismo? O que dizes, ó homem? Ofendeste a Deus e te esqueceste? Segunda ofensa, segunda inimizade. De que pecados pedes perdão? Acaso daqueles que nem de ti são conhecidos? Exatamente. Não te afliges, não ficas ansioso sobre o modo de prestares contas daquilo de que nem ao menos cuidas de se lembrar, e brincas com o que não é brinquedo. Virá o tempo que este jogo já não terá valia. Na verdade, todos devemos morrer (alguns são tão insensíveis que é preciso falar-lhes de coisas evidentes), verdadeiramente ressurgir, com certeza comparecer ao juízo, sofrer a pena, ou antes, se o quisermos, não sermos punidos. Pois os outros eventos não estão em nosso poder, isto é, a morte, a ressurreição e o juízo, mas no de nosso Senhor; quanto a sofrer o castigo ou não, depende de nosso arbítrio.

Pertence às questões às quais nos compete providenciar. Se quisermos, faremos até o impossível, como Paulo, como Pedro, como todos os santos; e é impossível que eles sejam castigados. Na verdade, se o quisermos, ser-nos-á igualmente impossível sofrer algum mal. Com efeito, mesmo se formos culpados de inúmeros crimes, podemos entretanto recuperar a salvação, enquanto estamos na terra. Convertamo-nos, portanto. Até o ancião pense que em breve partirá, que lhe basta ter vivido nos prazeres – qual o prazer de passar a vida nos vícios? Adapto-me de certo modo à opinião deles –, pense, apesar de tudo, que é possível apagar em pouco tempo todas as máculas. O jovem reflita que incerto é o fim da vida e frequentemente acontece permanecerem na terra muitos velhos, enquanto antes deles muitos jovens são arrebatados pela morte. Nossa saída da vida é incerta, não adiemos a conversão. Em consequência o Sábio nos adverte: “Não demores a voltar para o Senhor e não adies de um dia para o outro” (Eclo 5,8); não sabes o que o amanhã vai gerar” (Pr 27,1). O perigo e o medo

nascem das contemporizações; ao invés, certa e evidente salvação alcançará quem foge das delongas. Abraça a virtude, portanto. Assim, quer partas da terra ainda jovem, partirás com segurança, quer chegues à velhice, sairás com vastas riquezas, e será dupla festividade toda a tua vida, a saber, através da abstenção dos vícios e a prática da virtude. Acautela-te de dizer: Chegará o dia da conversão. Essas palavras excitam grandemente a ira de Deus. Por quê, afinal? Porque, apesar de ter ele prometido infinitos séculos, tu, ao contrário, na presente vida que é breve e transitória, não queres assumir labor algum, mas és tão dissoluto e covarde que desejas maior brevidade. As iguarias diariamente talvez não são iguais? As mesmas mesas? As mesmas prostitutas? Os mesmos teatros? O mesmo dinheiro? Até quando amarás como se fossem reais? Até quando terás o insaciável desejo do mal? Lembra-te de que tantas vezes te condenaste a ti mesmo quantas fornicaste. O pecado é tal: apenas perpetrado, o juiz profere a sentença. Tu te embriagaste, te saturaste, roubaste? Levanta-te, ingressa no caminho oposto, reconhece a graça de Deus que não te arrebatou enquanto pecavas; não procures outra ocasião para praticares o mal. Muitos, quando se entregavam à avareza, foram arrebatados da terra, e partiram ao encontro de manifesto castigo. Atemoriza-te. Não te suceda o mesmo, quando não tens mais desculpas. Ora, replicas, Deus concedeu a muitos na extrema velhice um prazo para se confessarem. E daí? Será que te concederá? Talvez, respondes. Por que dizes: Talvez, algumas vezes, frequentemente? Reconheces que o conselho é para o bem da tua alma e fazes o contrário. Reflete e dize: O que será se não conceder? Tu, ao invés, dizes: E se conceder? Ele, de fato, concede, mas a primeira resolução é mais segura e útil. Com efeito, lucrarás tudo se já começares a viver bem, quer tenhas ou não determinado prazo; se adiares sempre, muitas vezes não o terás. Efetivamente, ao partires para a guerra, não dizes: Não é preciso fazer testamento, porque talvez voltarei. Nem, ao consultares a respeito do matrimônio, dizes: Casar-me-ei com uma mulher pobre, pois muitos, contra toda expectativa, assim se enriqueceram. Nem, estando para construir uma casa: Lançarei alicerces fracos, porque muitas casas assim ficam de pé. Ora, ao te aconselhares a respeito da alma, apoias-te nas razões mais fracas, a saber: talvez, frequentemente, às vezes. Não são incertas, replicas, mas apoio-me na bondade de Deus, pois Deus é benigno. Estou bem ciente disso; mas este Deus benigno arrebatou também da terra os supramencionados. O que será, se, tendo recebido um prazo, continuas a ser o mesmo? Pois quem é tal, mesmo na velhice, será negligente. Não, respondes. Mas quem reflete desta forma, mesmo depois de oitenta anos, reclama noventa, e depois de noventa, cem, e completados os cem anos, será ainda mais indolente; e assim consumirá a vida inteira em vão, e suceder-lhe-á o mesmo que foi dito sobre os judeus e de ti: “Ele consumiu seus dias num sopro” (Sl 78,33). Mas é preferível que fosse apenas em vão e não na maldade. Ao partirmos daqui, assaz onerados pelos pecados (isto é, pelo mal), seremos alimento do fogo, levados à grande mesa de um verme. Por isso suplico e exorto, enfim sejamos fortes, afastemo-nos do vício, a fim de conseguirmos os bens prometidos. Seja-nos dado a todos consegui-los, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA TERCEIRA HOMILIA

Paulo se vê constrangido a fazer o elogio próprio

11,1. *Oxalá pudésseis suportar um pouco de loucura da minha parte! Mas, não há dúvida, vós me suportais.*

Prestes a louvá-los, previamente emprega grande exortação. E não uma ou duas vezes, embora a necessidade do assunto e suas frequentes repetições bastassem para justificá-lo. Pois, quem tinha lembrança de pecados dos quais Deus não se recordava e por conseguinte dizia-se indigno do nome de

apóstolo, é evidente, até aos mais insensíveis, que não era por ambição de glória que diria o que estava por dizer. De fato, paradoxalmente, era de grande desvantagem à boa fama o fato de proclamar ele próprio seus louvores, porque a maioria dos ouvintes ficava ofendida. E, contudo, nem isso deixava de fazer, levando em conta apenas a salvação dos ouvintes. De resto, para não prejudicar os estultos por causa das palavras a si próprio elogiosas, utilizou excessivas precauções, dizendo: *"Oxalá pudésseis suportar um pouco de loucura da minha parte! Mas, não há dúvida, vós me suportais"*. Vês sua prudência? De fato, ao dizer: *"Oxalá"*, deixa ao arbítrio deles; ao afirmar, porém, faz o que é próprio de quem confia inteiramente na caridade deles, demonstra que os ama e reciprocamente é amado por eles. Ou antes, deviam suportá-lo até quando se comportava loucamente, não apenas com simples e vulgar amizade, mas com amor ardente e de certo modo insano. Por isso, acrescentou:

2. *Experimento por vós um zelo semelhante ao de Deus.*

Não disse: Eu também vos amo, mas o que é muito mais forte. Têm ciúme aqueles que amam com maior ardor. O ciúme só se origina de intenso amor. Em seguida, para que não julguem que deseja o amor deles por causa de domínio, honra, dinheiro ou coisa semelhante, acrescentou: "*Com zelo semelhante ao de Deus*". Diz-se que Deus é zeloso, mas não suspeites que tenha alguma paixão, pois a divindade não sofre alteração. Entendam todos que Paulo não age por outro motivo senão por causa daqueles pelos quais tem zelo, e não para sua própria vantagem, e sim para a salvação deles. Entre os homens o ciúme não tem este efeito, mas trata-se da felicidade pessoal; não existe para infligir opróbrio ao seres amados, mas para não serem feridos os que amam, nem vencidos, ou ficarem em piores condições junto dos seus queridos. Aqui, porém, acontece diversamente. Não me importa, diz ele, que fique em situação pior junto de vós, e sim que não vos veja corrompidos. Tal é o zelo da parte de Deus, tal é também o meu, simultaneamente forte e puro. Em seguida, o motivo também é forçoso:

Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura.

Zelo, portanto, não por mim, mas por causa daquele ao qual vos desposei. O tempo presente é dos esponsais, outro o das núpcias, quando se dirá: Vem o esposo! Ó novidade! No mundo as jovens são virgens antes do matrimônio, não depois. Aqui não é assim, mas embora não sejam virgens antes deste matrimônio, depois se tornam virgens. É desta forma que a Igreja inteira é virgem. Paulo, efetivamente, fala a todos, casados e casadas. Vejamos, contudo o que traz consigo ao desposar-nos, qual o dote. Não é ouro, nem prata, mas o reino dos céus e por isso também dizia: "*Em nome de Cristo, exercemos a função de embaixadores*" (2Cor 5,20); e exorta quando vem receber a esposa. Figura disso foram os acontecimentos na vida de Abraão. De fato, ele enviou um servo fiel para procurar uma esposa pagã. Para requerer a esposa de seu Filho, a Igreja, Deus também enviou os seus servos e os profetas, que outrora empregaram estas palavras: "Ouve, ó filha, vê, inclina o teu ouvido, esquece o teu povo e a casa do teu pai, que o rei se apaixone por tua beleza" (Sl 45,11-12). Viste o profeta solicitando a esposa? Viste também o Apóstolo com grande confiança a proferir a palavra: *"Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura"*? Viste mais uma vez a sua prudência? Após dizer: Deveis suportar-me, não afirmou: Sou vosso mestre, nem: Digo isso por minha causa, mas menciona o que mais lhes conferia dignidade, a saber, que ele tratara do casamento e eles faziam as vezes da esposa. Em seguida, acrescenta:

Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo.

Pois, embora o prejuízo seja vosso, sinto, contudo, pesar em comum convosco. E observa sua prudência! Não o indica claramente, embora eles estivessem corrompidos e o manifesta nesses termos: *"Desde que vossa obediência seja perfeita"*, e: *"Eu tenha de prantear muitos daqueles que*

pecaram” (2Cor 10,6; 12,21). Ao mesmo tempo não deixa que eles se tornem insolentes e declara em consequência: “*Receio”*. Nem condena, portanto, nem se cala; nem uma, nem outra atitude era garantida, a saber, falar às claras ou esconder continuamente. Por isso toma a posição intermédia, dizendo: “*Receio”*. Não é peculiar de quem condenava, nem de quem confiava muito, e sim de quem se mantinha entre as duas posições. Desta forma os consolou. Ao mencionar a história, incutiu-lhes incrível temor, e eliminou qualquer desculpa. Pois, apesar de ser a serpente astuta, e Eva estulta, nenhum destes motivos isentou do castigo a mulher.

Acautelai-vos, portanto, diz ele, para não vos suceder o mesmo, sem possibilidade de socorro. Pois a serpente com a promessa de bens maiores introduziu a fraude. Daí se deduz que foram enganados também os que se gabavam e orgulhavam. E é lícito conjecturá-lo aqui não só por isso, mas ainda pelas palavras subsequentes:

4. *Com efeito, se vem alguém e vos prega um Jesus diferente daquele que vos pregamos, ou se acolheis um espírito diverso do que recebestes ou um evangelho diverso daquele que abraçastes, vós o suportais de bom grado.*

E não diz: Não seja seduzido como Adão, mas afirma que as mulheres sofrem deste mal, pois é próprio das mulheres serem seduzidas. E não disse: Assim também vós sois seduzidos, mas insistindo na metáfora afirma: *"Vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo"*. Da simplicidade, digo, não da astúcia; não da astúcia, nem da falta de fé, mas da simplicidade. Certamente nem a este título os seduzidos merecem perdão. Demonstrou-o Eva. Se não mereceu absolutamente perdão, muito menos alguém que por vanglória cai em tal fraude. *"Se vem alguém e vos prega um Jesus diferente daquele que vos pregamos"*. Com isso, mostra que os coríntios não se corromperam por si, mas os sedutores de outra parte se insinuaram, e por isso diz: *"Se vem alguém. Um espírito diverso do que recebestes, um evangelho diverso daquele que abraçastes, vós o suportais de bom grado"*. O que dizes? Tu que dizias aos gálatas: "Se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema" (Gl 1,9), agora assegurais: *"Vós o suportais de bom grado"*? De fato, não se devia suportar, mas afastar-se; se, porém, dizem o mesmo, deve-se aceitar. Dizes: Uma vez que dizem o mesmo, não se deve suportar? Se dissessem outras coisas, seria justo aceitar? Notemos, portanto. É iminente o perigo e o precipício profundo, se passarmos de leve sobre este assunto; o que foi dito oferece acesso a todas as heresias. Qual então o sentido dessa frase? Eles se gabavam de que os apóstolos não ensinavam integralmente a fé, e eles conferiam algo a mais. É provável, portanto, que, multiloquentes, inserissem determinadas misturas estultas em tais ensinamentos. Daí também fazer ele menção da serpente e de Eva, que fora seduzida com a expectativa de bem maior. O Apóstolo, sugerindo isso, na primeira carta, dizia: "Já estais ricos! Sem nós, vós vos tornastes reis", e ainda: "Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém, sois prudentes em Cristo" (1Cor 4,8.10). Uma vez que eles, como é verossímil, utilizando a sabedoria pagã, diziam muitas bagatelas, ele afirma: Se além disso disserem algo e pregarem um Cristo diferente, que não devia ser anunciado e do qual tivéssemos descurado, de bom grado suportaríeis, por isso acrescentou: *"Diferente daquele que vos pregamos"*. Se forem os mesmos artigos de fé, por que um suplemento? Seja o que for que disserem, nada mais dirão do que nós. E vê sua exatidão. Não disse: Se aquele que vem disser algo a mais, porque falavam com acréscimos, discursando com maior autoridade e eloquência. Por isso, não falou assim; mas, o que disse? *"Com efeito, se vem alguém e vos prega um Jesus diferente"*, palavras que não reclamavam comprovação. *"Ou se acolheis um espírito diverso do que recebestes"*, nem isso exigia explicações, isto é, tornar-vos mais ricos, no atinente à graça. *"Ou um evangelho diverso daquele que abraçastes"*, nem isso precisava de eloquência; *"Vós o suportais de bom grado"*. Mas, por favor, considera que sempre distinguiu que em nada contribuíram a mais e com maior abundância. Após ter dito: *"Se vem alguém e vos prega um Jesus diferente"* acrescentou: *"daquele que vos pregamos, ou se acolheis um espírito diverso do que recebestes ou um evangelho diverso"*, adicionou: *"daquele que abraçastes"*. É bem claro que não deviam suportar simplesmente se disseram mais, mas se acrescentaram algo do que é conveniente e que nós omitimos. Se não era conveniente, e por isso não o proferimos, qual o motivo de vós os admirardes?

Mas, dirá alguém, se falam as mesmas coisas, por que os proíbes? Porque hipocritamente introduzem outros ensinamentos. Mas ainda não o diz; enuncia-o posteriormente, ao afirmar: Eles se disfarçam em apóstolos de Cristo; provisoriamente, por meio do que é menos desagradável, afasta os discípulos da autoridade deles, não por inveja, mas por querer que eles progridam. Aliás, porque não impede a Apolo, tão eloquente, que se destacava no conhecimento das Escrituras, e até promete enviá-lo? Porque ele, com a erudição, conservava a integridade da doutrina; enquanto os hereges faziam o

oposto. Por este motivo os combate, e ataca os discípulos que aderiam a eles, dizendo: Pois, se eles tivessem completado a pregação com algo de proveitoso, que nós realmente omitimos, não impediríamos; do contrário, se prestamos todo o conjunto e nada foi omitido, por que eles vos capturaram? Em consequência acrescentou:

5. *Todavia julgo não ser inferior, em coisa alguma, a esses "eminentes apóstolos"!*

A comparação já não é feita com eles, mas com Pedro e outros semelhantes. Por conseguinte, se estes me superam em ciência, também a eles. E vê como também neste trecho atenua a palavra. Não disse: Os apóstolos nada mais disseram do que eu. Como se exprimiu? *Julgo*, isto é, considero que em nada sou inferior aos eminentes apóstolos. Pois, a esse título, parecia ser de condição inferior porque eles o antecederam, tinham maior fama e maior celebridade, enquanto os outros se preparavam para se introduzir; por isso convenientemente ele se compara àqueles. Daí também vem que os mencione com elogios. Não os denomina apóstolos simplesmente, e sim que são eminentes, a saber, Pedro, Tiago e João.

6. *Ainda que seja imperito no falar, não o sou no saber*.

Visto que neste ponto eram superiores os que corrompiam os coríntios, porque não eram indoutos, manifesta também que por isso de modo algum se envergonhava, mas até se gloriava. E não disse: Se sou imperito no falar, eles também; teria parecido condenar a uns e exaltar a outros, mas na realidade, rebaixa a sabedoria pagã. Ora, na primeira carta, entregou-se à luta com vigor, mostrando que não trazia vantagens à pregação, mas ainda obscurecia a glória da cruz, nesses termos: "Eu mesmo, quando fui ter convosco, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo" (1Cor 2,1; 1,17), e muitas outras palavras semelhantes. Eram imperitos na ciência, o que constitui a máxima imperícia.

Por conseguinte, quando se trata de fazer comparação com os grandes, é com os apóstolos que se compara; e quando quer mostrar o que parecia fraqueza, não age desta forma, mas a aceita, declarando que se torna proveitosa. E quando não urgia a necessidade, afirmava ser o mínimo dos apóstolos, indigno até do nome de apóstolo. Ao invés, se a ocasião o exigia, asseverava em nada ser inferior aos mais importantes dos apóstolos. Pois sabia que reverteria em grande utilidade para os discípulos e por isso acrescentou:

"*Em tudo e de todos os modos, vo-lo mostramos*".

Efetivamente, nesta passagem também reprime os falsos apóstolos, porque se comportavam com astúcia. A respeito de si próprio, anteriormente proclamava que não fazia acepção de pessoas, nem pregava com ânimo fraudulento, visando ao lucro. Eles, porém, eram uma coisa e manifestavam outra; ele, não. Com isso, considera sempre agir bem, porque nada fazia em vista da glória humana, nem ocultava seu modo de proceder. Era o que declarava anteriormente: *"Pela manifestação da verdade, recomendamo-nos à consciência de cada homem"* (2Cor 4,3). E agora: *"Em tudo e de todos os modos, vo-lo mostramos"*. Qual o significado desta locução? Somos imperitos e não o escondemos; recebemos de alguns e não o calamos. De vós, portanto, recebemos e não dissimulamos o que recebemos, como eles fazem, mas vos manifestamos tudo. Sua atitude era de quem muito confiava nos coríntios, e referia tudo com veracidade. Por isso também os cita por testemunhas: Agora ao dizer: *"Em tudo, vo-lo"*, e anteriormente: *"Nada há em nossas cartas a não ser o que nelas ledes e compreendeis"* (2Cor 1,13). Após ter se justificado, acrescentou mais severamente:

7. *Terá sido falta minha, humilhando-me a mim mesmo para vos exaltar?*

E explica-o nesses termos:

8. *Despojei outras Igrejas, delas recebendo salário a fim de vos servir.*

Isto é, vivi em extrema penúria. Tal é o sentido das palavras: *"Humilhando-me a mim mesmo"*. É esta, portanto, a razão de me censurardes? E estais contra mim porque me humilhei mendigando, sofrendo penúria e fome, de sorte que vos exaltais? E de que modo podiam se enaltecer, enquanto ele vivia angustiado? Mais ficavam edificados, e não se escandalizavam. Constituía máxima censura para eles e prova de fraqueza, que ele não podia de outro modo guiá-los, se primeiro não se humilhasse. Vós me incriminais porque me humilhei? Ora, vós por isso vos exaltastes. Uma vez que disse mais acima que o incriminavam de ser humilde quando presente, enquanto ausente era cheio de ousadia, justifica-se e novamente os ataca, dizendo: Por vossa causa, agi assim. *"Despojei outras Igrejas"*. Aqui já utiliza a repreensão, mas o precedente não permite que ela pareça incômoda. Dissera: Suportai um pouco a minha insipiência; e mais do que das boas ações, gloria-se primeiramente disso. É o que primeiro buscam os mundanos; e nisto os adversários também se exaltavam. Por isso, não trata primeiro dos perigos nem dos milagres, mas do desprezo do dinheiro, porque por isso eles se enalteciam. Simultaneamente indica de maneira tácita que eles possuíam riquezas.

É admirável, contudo, que ele, podendo dizer que havia adquirido a própria subsistência com o trabalho das mãos, não o diz, e prefere referir o que lhes incutia pudor e não o exalta, a saber: Recebi de outros. E não disse: Recebi, e sim: *"Despojei"*, isto é, tirei, empobreci-os. Mais ainda. Não foi para gastos extraordinários, mas para o indispensável; entende por salário o alimento necessário. E mais grave ainda: *"Para vos servir"*. Nós vos anunciamos a palavra, e quando devíeis nutrir-me, de outros recebia o sustento. Duas culpas, ou antes três: achava-se entre eles, a serviço deles, e a fim de obter o necessário alimento, tinha de recorrer a outros. Na verdade, estes últimos os venciam. Uns eram negligentes e os outros, zelosos. Uns não sustentavam nem mesmo a quem estava entre eles, outros lhe enviavam o indispensável, apesar da distância. Em seguida, visto que os reprimira com vigor, aos poucos atenua a severidade da repreensão, dizendo:

9. *E, quando presente entre vós sofri necessidade, a ninguém fui pesado,*

Não disse: Não me destes, e sim: Não recebi. Ainda quer poupá-los, mas, com termos discretos tacitamente, os ataca de novo. Pois o vocábulo: *"presente"* é assaz enfático, e também: *"Sofri necessidade"*. No intuito de evitar que dissessem: Mas, então, não tinhas? acrescentou: *"Sofri necessidade, a ninguém fui pesado"*. Aqui de novo os toca de leve, porque era com indolência que cumpriam o dever de dar, que achavam pesado. Segue-se o motivo, cheio de acusações e repleto de emulação. Por essa razão também não o apresenta especialmente, mas de certo modo informa de onde e por quem foi nutrido, a fim de estimulá-los, de forma insuspeita, a dar esmolas, pois os irmãos que vieram da Macedônia supriram a minha penúria. Vês de que maneira novamente os excita, destacando os que lhe prestaram auxílio? De fato, primeiro os deixou com curiosidade de saber quais eram, ao dizer: *"Despojei outras Igrejas"*, por fim cita-os nominalmente, o que os estimulava a dar esmola. Visto que, na questão de sustentar o Apóstolo, ficaram em piores condições, ele os persuade a não se deixarem vencer quanto ao socorro aos pobres. Escrevia também o mesmo aos próprios macedônios: "Mais uma vez me enviastes com que suprir às minhas necessidades, e no início da pregação do evangelho" (Fl 4,16.15). Era o máximo elogio terem brilhado em virtudes, logo no início do evangelho. E vê como sempre se refere às necessidades, e em parte alguma à fartura. E na verdade, ao dizer: *"Presente"* e: *"Quando sofri necessidade"* acentuou que devia ter sido sustentado pelos coríntios. Ao afirmar: *"Supriram a minha penúria"*, demonstra que nem assim ele havia pedido. E não diz qual o motivo. Enfim, qual era? Que havia recebido de outros. *"Os irmãos que vieram supriram a minha penúria"*, por conseguinte, *"a ninguém fui pesado"*, não porque desconfiasse de vós. Manifesta

por que assim agiu na sequência; não o formula claramente, mas sugere, apelando para a consciência dos ouvintes. Mostra-o tacitamente nas palavras subsequentes: em tudo evitei ser-vos pesado, e continuarei a evitá-lo.

Não quero que penseis que assim falo com o desejo de receber algo. A locução: *"Continuarei a evitá-lo"* é mais severa. Nem então confiava neles, mas perdera totalmente a esperança de receber algo da parte deles. Manifesta que a consideravam ação pesada, por isso dissera: *"Em tudo evitei ser-vos pesado, e continuarei a evitá-lo"*. Igualmente o dizia na primeira carta: "Nem escrevo estas coisas no intuito de reclamá-lo em meu favor. Antes morrer que... Não! Ninguém me arrebatará esse título de glória!" (1Cor 9,15). E aqui, novamente: *"Em tudo evitei ser-vos pesado, e continuarei a evitá-lo"*. Em seguida, a fim de não parecer exprimir-se desta forma para obter melhor o favor deles, disse:

10. *Pela verdade de Cristo que está em mim,*

Não julgues que disse isso para receber algo e mais vos atrair a mim: Pela verdade de Cristo que está em mim, declaro que este título de glória não me será arrebatado nas regiões da Acaia.

De fato, a fim de que ninguém julgue que por isso ele se atormente ou mencione tais fatos com ânimo irado, denomina-os *"Título de glória"*. E na primeira carta utiliza idêntica fórmula. Com efeito, naquele trecho evitando feri-los, diz: "Qual é então o meu salário? É que, pregando o evangelho de Cristo, eu o prego gratuitamente" (ib. 18). Ora, ali dá-lhe o nome de salário, aqui chama de título de glória, para não envergonhá-los demais com a asserção de que não deram ao que pedia. E se derdes? Mas eu não aceito. A expressão: *"Não me será arrebatado"* é uma metáfora tirada dos rios; corria em todas as partes a fama de que ele nada receberia. Não queria, diz ele, que pela doação me roubásseis minha liberdade. Mas não disse: Não me arrebateis, o que seria muito amargo, e sim: *"Não me será arrebatado nas regi õ es da Acaia"*. Na verdade, infligia profunda ferida, e bastava assaz para abatê-los e entristecê-los, se repudiasse somente a eles. Efetivamente, se ele se gloriava, devia gloriar-se em toda parte; se, porém, somente junto de vós, assim agia talvez por causa de vossa fraqueza. Por isso, a fim de evitar que se afligissem refletindo sobre isso, vê de que modo o emenda:

11. *E por quê? Porque não vos amo? Deus o sabe!*

Rapidamente acrescenta a solução que mais facilmente os libertaria, embora nem assim os livrasse de culpa. Pois não disse: Não sois fracos, nem: Não sois fortes, e sim: Porque vos amo, o que antes acentuava a acusação. Seu imenso amor para com eles ocasionava que nada deles recebesse, e portanto mais severamente os atacava.

Consequentemente, fazia por amor duas coisas contrárias, isto é, aceitava e não aceitava; a oposição provinha do afeto dos doadores. E não disse: Não aceito porque vos amo intensamente, uma vez que acusara a fraqueza deles, e os lançara na ansiedade, mas dirige o discurso para outro motivo. Qual?

12. *O que faço, continuarei a fazê-lo a fim de tirar todo pretexto àqueles que procuram algum para se gloriar dos mesmos títulos que nós!*

Como eles se esforçavam por encontrar pretexto, era preciso cortar também isso. Havia um só motivo de que se gloriavam. Como, de fato, em nada eram superiores, era preciso também corrigir esta opinião, porque na verdade eram inferiores aos outros. Com efeito, conforme já disse, nada a tal ponto edifica os mundanos como não aceitar coisa alguma. Por isso, o diabo, em sua malignidade, lançara principalmente este ludíbrio, querendo que eles prejudicassem os outros. A meu ver, provém igualmente da hipocrisia. Por isso não disse: Agiram bem. Mas, o que disse? *"Para se gloriarem"*. Nesses termos atacava a arrogância fraudulenta, pois se gabavam do que não eram. Aliás, ao homem honesto não convém gloriar-se não só do que lhe falta, mas nem mesmo do que possui, segundo fazia

o bem-aventurado Apóstolo, e dizia o patriarca Abraão: “Sou poeira e cinza” (Gn 18,27). Uma vez que não tinha pecado a mencionar, mas brilhava em virtudes, e, depois de examinar-se, não tendo encontrado falta grave a repreender, recorreu à natureza; e como o nome de terra é de certo modo honroso, acrescentou o de cinza. Daí também dizer um outro: “De que se orgulha quem é terra e cinza?” (Eclo 10,9). Não menciona o aspecto viçoso, nem a cerviz ereta, nem a veste de gala, o cavalo e os satélites, mas considera onde termina tudo isso e o acrescenta. Se aludes às realidades visíveis, hei de citar os quadros pintados, mais esplendorosos do que elas. Ora, não os admiramos pelo aspecto, porque consideramos que relativamente à substância nada mais são do que lodo; assim também nesse caso. Com efeito, elas são lodo; ou melhor, até antes que se desfaçam e se tornem pó. Mostra-me um homem orgulhoso com febre, que dá o último suspiro; e então te falarei e perguntarei como terminou todo aquele ornato, para onde foram a imensa adulação e o obséquio dos escravos, a abundância das riquezas e de propriedades, e que vento soprou carregando tudo. Ora, respondes, no leito cercam-no as riquezas e sinais de luxo, tem uma veste brilhante, pobres e ricos acompanham o enterro, e o povo formula votos de felicidade. Estas coisas são especialmente ridículas, e seja como for, à semelhança das flores, logo fenecem. Quando sairmos das portas da cidade, e entregarmos o cadáver aos vermes, perguntar-te-ei novamente para onde vai aquela turba imensa, onde se extinguiu aquele tumulto, onde as lâmpadas, onde o coro das mulheres? Não são um sonho? Para onde se retiraram os clamores? Onde as inúmeras bocas a gritarem e exortarem à confiança, porque não há morte? Não é agora que se deve dizer tais coisas a quem não ouve, e sim quando roubava e ambicionava o alheio, alterando um pouco as expressões: Não se deve confiar, ninguém é imortal; reprime a loucura, extingue a ambição, não confies no que aflige. Dizer-lhe tais coisas agora é próprio de quem poupa e zomba; nem por isso deve confiar, mas temer e tremer. Na verdade, se a este, que já saiu do estádio, são inúteis, ouçam os ricos que padecem da mesma doença e acompanham o corpo. Quando anteriormente por causa da embriaguez das riquezas nada disso pensavam, certamente na ocasião em que a visão do morto dá crédito às palavras, emendem-se e aprendam, refletindo que mais um pouco e eles terão quem os transfira para estes horríveis lugares, onde deverão prestar contas, sofrer as penas por aquilo que roubaram e usurparam. E o que interessa isto aos pobres? perguntas. Na verdade, a muitos causa prazer ver os tormentos dos que lhes fizeram injustiça. Ao contrário, respondes, para nós não é agradável, e sim que não soframos. Eu vos louvo e abraço fortemente, porque não vos regozijais com a infelicidade alheia, mas procurais a própria segurança. Vamos, pois. Também eu o aprovo. Com efeito, ao sofrermos da parte dos homens, solvemos uma parte não pequena do débito, se suportamos com ânimo generoso o que nos advém. Daí provém que não sofremos dano: pois Deus conta o ultraje como débito em nosso favor, não segundo o direito, mas de acordo com a sua bondade. Por isso, não defende logo o injuriado. Donde isso se comprova? – perguntas. Os judeus outrora foram afligidos pelos babilônios e Deus não o impediu, mas até as crianças e as mulheres foram levadas à escravidão; mas depois este cativeiro relativo aos pecados transformou-se-lhes em consolo. Por esta causa dizia Isaías: “Consolai, consolai o meu povo, sacerdotes, falai ao coração de Jerusalém que ela recebeu da mão do Senhor paga dobrada por todos os seus pecados” (Is 40,1-2); e ainda: “Senhor, tu nos assegurarás a paz; na verdade, todas as nossas obras tu as realizarás para nós” (Is 28,12). E Davi disse: “Vê meus inimigos que se multiplicam e perdoa meus pecados todos” (Sl 24,19.18). E quando suportou as pragas que Semei lhe imprecava, dizia: “Deixai que amaldiçoe. Talvez o Senhor considere a minha miséria, e me restitua o bem pelas maldições de hoje” (2Sm 16,11-12). Efetivamente, se ao sermos injuriados não nos defende, então percebemos maior vantagem; em nosso favor inclui entre as boas ações a injúria recebida, quando a suportamos com ações de graças.

Por isso, se vires um pobre ser espoliado por um rico, deixa de lado o que sofre a injustiça e deplora

com lágrimas o ladrão. Ele, de fato, sacode as imundícies, e este se cobre delas. Assim também sucedeu ao servo de Eliseu no caso de Naaman. Embora não tenha roubado, o que ele adquiriu fraudulentamente tinha a característica de injustiça. O que, portanto, aconteceu? Com a injustiça contraiu a lepra. Quem sofrera a injustiça foi socorrido, o que a infligia foi prejudicado. O mesmo atualmente acontece à alma. E isso tem tanta força que muitas vezes basta para aplacar a Deus. Se o que padece o mal é indigno de auxílio, só por ser afligido além da medida concilia o perdão de Deus que o defende contra o que causa a injustiça. Daí provém que Deus outrora dizia aos bárbaros: "Eu apenas um pouco os entreguei; mas eles acrescentaram males" (Zc 1,15), e por esta razão foram castigados com atrozes suplícios. Não há, diria, não há o que mais provoca a ira de Deus do que roubar, usar de violência, ambicionar o alheio. Por quê? Porque é muito fácil abster-se deste crime. Não é ambição natural que envolva, mas origina-se da indolência.

Por quê, interrogas, o Apóstolo a denomina raiz dos males? Eu certamente afirmo o mesmo, mas em nós acha-se a raiz por nossa culpa, não, contudo, devido à natureza. Ora, se te apraz, façamos uma comparação e vejamos qual a mais violenta, a cobiça do dinheiro ou a concupiscência corporal. Enfim, é a mais grave a que se verificar que prostrou grandes homens. Vejamos, portanto, a que grande homem a cobiça de riquezas invadiu. A nenhum, de fato, e sim, a miseráveis e vis, por exemplo, a Giezi, a Acab, a Judas, aos sacerdotes judaicos. Mas a concupiscência dominou o grande profeta Davi. Não digo isso para desculpar os vinculados a tal concupiscência, mas para que sejam vigilantes. Pois, ao mostrar que se trata de grande mal, especialmente assinalo que não lhes resta qualquer desculpa. Com efeito, se não conhecesses esta fera, poderias recorrer a ela; agora, porém que estás ciente, entretanto cais, não há escusa. Além disso, este vício venceu ainda mais o filho de Davi. Embora ninguém jamais o ultrapassara em sabedoria e era dotado de todas as outras virtudes, contudo, esteve de tal modo cativo deste vício que recebeu um ferimento mortal. Ora o pai se arrependeu, curou a ferida e recuperou a coroa; o filho, porém, nada disso. Por conseguinte, também Paulo dizia: "É melhor casar-se do que arder" (1Cor 7,9); e Cristo: "Quem tiver capacidade para compreender, compreenda!" (Mt 19,12). A respeito das riquezas, não acontece o mesmo, e sim: "Quem renunciar a seus bens, receberá o cêntuplo" (cf. ib. 29). Como, então, replicas, assegurou que os que possuem copiosas riquezas dificilmente obterão o reino dos céus (cf. ib. 29)? Com estas palavras mais uma vez alude à indolência deles; não à tirania das riquezas, mas à pesada escravidão. Evidencia-se igualmente nos conselhos de Paulo. Aparta da cobiça, dizendo: "Os que querem se enriquecer caem em tentação" (1Tm 6,9). A respeito da outra, porém, não é o mesmo; depois de se separarem os esposos por algum tempo, e com consenso mútuo, aconselha a de novo se unirem. Temia o fruto da concupiscência, um grave naufrágio. Esta paixão é mais aguda e forte do que a ira. Ninguém se ira senão excitado por outrem; mas a concupiscência nasce, mesmo sem que o aspecto insinuante apareça. Por isso, não a cortou inteiramente, mas acrescentou: Sem motivo; não eliminou todo desejo, mas somente o iníquo. "Todavia, para evitar a fornicação, tenha cada homem a sua mulher" (1Cor 7,2). Ora, não concedeu acumular riquezas, nem com motivo, nem sem ele. Na verdade, aquela paixão foi inserta por necessidade, a saber, para procriar filhos; a ira, porém, para darmos auxílio aos que são lesados; a cobiça das riquezas, não absolutamente, nem é natural. Por conseguinte, se deixas que ela te capture e vença, sofrerás o que é mais abjeto. Por isso Paulo, que permite as segundas núpcias, requer mais cuidado relativamente ao dinheiro e às riquezas, dizendo: "Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça? Por que não vos deixais antes defraudar?" (1Cor 6,7). E ao dissertar sobre a virgindade, disse: "Não tenho preceito do Senhor", e: "Digo-vos isto em vosso próprio interesse, não para vos armar cilada" (1Cor 7,25.35). Ora, ao tratar das riquezas, diz: "Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso" (1Tm 6,8). Qual a causa, então, perguntas, por que muitos estão sujeitos a

esta paixão? Porque não estão tão prevenidos contra ela como contra a impureza e a fornicação, pois se lhes parecesse ser mal tão grave, não seriam apreendidos tão depressa. As virgens imprudentes também foram excluídas das núpcias, porque, havendo abatido o inimigo maior, foram prostradas pelo mais fraco e sem força alguma. Acontece que, se alguém domina a concupiscência, e é vencido pelo dinheiro, frequentemente nem à concupiscência doma. De fato, é natural que esta paixão não envolva tanto, pois nem todos igualmente têm tal propensão. Em consideração de tudo isso, e tendo sempre na mente o exemplo das virgens, fujamos desta maligna fera. Pois se a virgindade não foi de utilidade, mas depois de infinitos labores e suores por causa da solicitude pelo dinheiro as virgens se arruinaram, quem nos livrará dos suplícios, se incidirmos nesta paixão? Por isso, suplico, tudo façamos para não sermos capturados, nem permanecermos presos, e sim rompermos estes pesados vínculos. Assim, pois, poderemos chegar ao céu, e alcançar inúmeros bens. Seja-nos dado a todos consegui-los, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA QUARTA HOMILIA

11,13. *Esses tais são falsos apóstolos, operários enganadores, camuflados em apóstolos de Cristo.*

O que dizes? Os pregadores de Cristo, que não recebem dinheiro, não introduzem outro evangelho são falsos apóstolos? Sim, diz ele; e principalmente porque agem falsamente no intuito de enganar. *"Operários enganadores"*. Trabalham, de fato, mas arrancam o que foi plantado. Uma vez descoberto que não seriam gratos se não disfarçassem a verdade, contam fábulas enganosas. Na verdade, diz ele, não recebem dinheiro, querendo receber mais, e perderem as almas. Ou antes, é falso ainda isto, porque recebiam, mas às ocultas.

Ele o demonstra no que se segue. Já o indicara implicitamente, nesses termos: *"Visto que muitos se gloriam de seus títulos humanos, também eu me gloriarei"*. De resto, mais claramente depois o assinalou: *"Suportais que vos devorem, que vos despojem, que vos tratem com soberba"*. Agora por outro motivo se lhes opõe, dizendo: *"Camuflados"*. Só externamente, sob a pele de ovelhas.

14. *E não é de estranhar! Pois o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz.*

15. *Por conseguinte, não é surpreendente que os seus anjos se transfigurem em servidores da justiça.*

Se, portanto, existe algo de causar admiração é isso, não o que eles fazem. Se não há o que seu mestre não ouse, não é espantoso que os discípulos o sigam. O que significa: *"Anjo de luz"*? Aquele que tem liberdade de falar, que está diante de Deus. Pois existem também os anjos das trevas, os do diabo, tenebrosos e ferozes. E o diabo desta forma seduziu a muitos, transfigurando-se em anjo de luz, sem se transformar num deles. De igual modo estes apresentam aparência de apóstolos, não, contudo, o vigor; nem é possível.

Nada existe de mais diabólico do que agir por ostentação. Qual o sentido da expressão: *"Servidores da justiça"*? O que nós somos, anunciando-vos o evangelho que encerra a justiça. Ou é o que diz, ou o que angariou fama aos justos. Por qual sinal os reconheceremos? Pelas obras, segundo Cristo afirmou. Por isso, deve-se pôr em paralelo as boas obras de uns e o vício de outros, a fim de que, por meio desta comparação, torne-se evidente que são espúrios. E prestes a louvá-los outra vez, primeiro os critica, a fim de demonstrar que é preciso tratar deste assunto, e que ninguém o censure por falar em favor de si próprio; e diz:

16. *Repito.*

Com efeito, já utilizara muitas exortações prévias. Mas assegura: Não estou satisfeito com o que

disse e repito para que ninguém me julgue insensato. Seria o caso de quem se gloria sem necessidade. Considera, por favor, como cada vez que está prestes a se elogiar, faz uma introdução. Assevera: É estulto gloriar-se, eu, porém, não o faço por insensatez, e sim coagido. Se não vos deixais persuadir, e me condenais, apesar da verificação de que o faço por necessidade, nem assim desisto. Vês como manifesta ser grande a necessidade de falar? Visto que nem diante desta suspeita hesita, quero que reflitas a quanta oposição se submetia, e que falava com violentas dores. Mas ainda assim empregou moderação. Não disse: Para me gloriar. E como havia de se gloriar um pouco, repete a prévia exortação:

17. *O que vou dizer, não o direi conforme o Senhor, mas como insensato, certo que estou de ter motivo de me*
gloriar.

Vês que gloriar-se não é *"conforme o Senhor"*? "Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos servos inúteis" (Lc 17,10). Efetivamente, por si não é de acordo com o Senhor, mas se transforma em tal pela disposição da vontade. Por isso disse: *"O que vou dizer"*, censurando não a causa, mas as palavras. Com efeito, o escopo era exímio de sorte a dignificar também as palavras. Com efeito, tirar a vida, embora tal crime seja inteiramente interdito, muitas vezes devido à intenção, tornou-se louvável; e a circuncisão, embora não seja *"conforme o Senhor"*, todavia pela disposição do ânimo torna-se tal; igualmente o caso de alguém se gloriar. Por que, então, não utilizou diligência assaz cuidadosa na escolha das palavras? Porque tinha excessiva pressa de tratar de outro assunto para dizer o que era proveitoso, e é indulgente apenas em relação aos que queriam atacá-lo; com efeito, o que dissera era suficiente para afastar qualquer dúvida. *"Como insensato."* Dissera primeiro: *"Oxalá pudésseis suportar um pouco de loucura da minha parte!"* E agora: *"Como insensato"*. Quanto mais se eleva, tanto mais depura a palavra. Em seguida, para não julgares que sempre é insensato, acrescentou: *"Certo que estou de ter motivo de me gloriar"*. Isto é, o referente a este assunto, conforme dizia em outra passagem: *"Eu não me envergonharia por isso"*, e acrescentou: *"Certo que estou de ter motivo de me gloriar"*. E em outro trecho: *"Ou meus planos seriam apenas inspirados pela carne, de modo que haja em mim simultaneamente o sim e o não"* (2Cor 1,17)? E tendo declarado que não podia sempre cumprir o que prometia, porque não planejava segundo a carne, para que alguns não estendessem esta suspeita também à doutrina, disse: *"Deus é testemunha fiel de que a nossa palavra a vós dirigida não é sim e não"* (ib. 18).

E apesar de tudo quanto falou anteriormente, ainda profere explicações, propondo-as do seguinte modo:

18. *Visto que alguns se gloriam de seus títulos humanos, também eu me gloriarei.*

O que quer dizer: *"títulos humanos"?* Isto é, das coisas exteriores, da nobreza, das riquezas, da erudição, da circuncisão, dos ancestrais hebreus, da fama entre muitos. E vê a prudência de Paulo! Primeiro apresenta o que ele mostra nada valer, e por fim a exaltação de si como insensatez. De fato, se é estultice gloriar-se do que é verdadeiramente bom, muito mais do que nada vale. E isso é o que denomina: *"Não conforme o Senhor"*. De nada serve ser hebreu etc. Por conseguinte, não julgueis que coloco estas coisas no nível da virtude; mas porque eles se gloriam, sou obrigado a fazer comparações. É o que sucede em outro lugar: "Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais" (Fl 3,4). Ora, ali age assim por causa daqueles que nisto confiavam. Se alguém de família ilustre, que opta pela vida de um filósofo, vê que outros assaz estimam a nobreza, e deseja eliminar-lhes o orgulho, é obrigado a relembrar o esplendor de sua estirpe, não para se enaltecer, mas para torná-los humildes. Assim age Paulo. Após, deixando-os de lado, joga toda a culpa nos coríntios, dizendo:

19. *De boa vontade suportais os insensatos,*

Por conseguinte, vós sois mais culpados do que eles próprios. De fato, nada diria no caso de não os suportardes, e sofrêsseis detrimento da parte deles, mas preocupo-me com vossa salvação e sou indulgente para convosco. E vê como une censura e louvor. Após declarar: *"De boa vontade suportais os insensatos"*, adita: vós que sois tão sensatos!

É próprio do insensato gloriar-se de tais coisas. E na verdade devia repreender e dizer: Não deveis suportar os insensatos, mas ele faz muito mais. Pois da maneira acima parecia tê-los repreendido porque precisavam destas coisas; agora, porém, declarando que era superior, e que as considerava como nada, corrige-os melhor. De resto, antes de começar os elogios e a comparação, converte em vergonha o servilismo dos coríntios, porque se sujeitaram a eles muito mais. E vê como os ridiculariza.

20. *Suportais que vos devorem.*

De que modo dizia: *"Visto que muitos se gloriam de seus títulos humanos, também eu me gloriarei"*. Vês como mostra que eles aceitavam e não simplesmente, mas de modo excessivo? Indica-o o vocábulo: *"Devorem", que vos escravizem,*

Cedestes vosso dinheiro, vossos corpos e vossa liberdade. É mais do que suportar, porque eles têm em seu poder não só o dinheiro, mas também a vós mesmos. Acima o demonstrava nesses termos: "Se outros exercem esse direito sobre vós, por que não o poderíamos nós com mais razão?" (1Cor 9,12). Em seguida acrescentou o que é mais grave:

que vos tratem com soberba,

Não é uma servidão branda, nem os senhores são mansos, mas severos e incômodos.

que vos esbofeteiem.

Vês nova prova de tirania? Assim se exprimia certamente, não porque batiam no rosto, mas porque cuspiam e desrespeitavam. Por isso acrescenta:

21. *Digo-vos para vergonha vossa:*

Não sofreis menos do que os que são esbofeteados. O que pode ser pior? Ou que domínio mais cruel, se perdido o dinheiro, a liberdade e a honra, nem assim se mostram mansos e não vos permitem ocupar o lugar de servos, mas vos tratam de modo mais injurioso do que um escravo comprado por dinheiro?

Poder-se-ia crer que nós é que fomos fracos...

É obscuro. Formula-o assim porque era pesado, para disfarçar um pouco a crueldade. Significa: Talvez nós próprios não podemos também agir assim? Mas não o fazemos. Por que suportais da parte deles, se nós não podemos agir desta maneira? Ora, merece também repreensão o fato de suportardes os que se comportam estultamente. Não tendes desculpa, nem razão alguma de acolher os que vos desprezam, roubam, se exaltam, vos batem. É nova espécie de sedução. Pois os outros sedutores costumam dar e adular; estes ao contrário enganam, recebem e infligem ignomínia. Por conseguinte, nem sombra de desculpa existe para vós, porque repelis aqueles que se humilham por vossa causa a fim de vos exaltar, e ao contrário, admirais os que se exaltam para vos oprimir. Talvez não poderíamos fazer o mesmo? Mas não queremos, porque nos propusemos cuidar de vosso bem. Aqueles que vos danificam, buscam os próprios interesses. Vês como sempre atemorizam por meio do que lhes falam livremente? De fato, se os reverenciais, diz ele, porque vos ferem e injuriam, nós também

poderíamos agir assim, escravizar-vos, flagelar e exaltar-nos contra vós.

Vês como atribui aos coríntios a culpa tanto da arrogância deles quanto de sua própria presumida loucura? De fato, não é para me mostrar mais ilustre, mas para vos livrar de uma cruel servidão que sou obrigado a um tanto me enaltecer. É importante não mencionar simplesmente estas palavras, mas também em alto grau, ao ungir Saul, dizendo: “A quem tomei o boi e a quem tomei o jumento? A quem defraudei? (1Sm 12,3). No entanto, ninguém o acusava. Afirmava-o, não para captar aplausos, mas porque estava para estabelecer o rei, e quis instruí-lo sob a forma de uma apologia, para torná-lo manso e plácido. Mas desejo que notes a prudência do profeta ou antes a benignidade de Deus. Pois como desejava fazer com que o povo desistisse, coligiu muita coisa desagradável a respeito do futuro reinado, a saber, que o rei faria de suas mulheres moleiras, dos homens pastores e guardas dos jumentos (na verdade, enumerava minuciosamente os obséquios prestados ao rei). Visto que nenhum deles desistia, mas sofriam de doença incurável, age com indulgência, e instrui o rei sobre a mansidão. Para tal toma-o por testemunha. Ninguém então o chamava a juízo, nem acusava reclamando que se justificasse, mas assim se exprimia para que o rei melhorasse. Também visando reprimir-lhe o orgulho, acrescentou: “Se todos vós e o rei” (ib. 14) ouvirdes, acontecer-vos-á isto e isto de bom; do contrário, se não ouvirdes, tereis o oposto. E ainda Amós dizia: “Não sou um profeta, nem filho de profeta, eu sou um vaqueiro e um cultivador de sicômoros. Mas o Senhor tirou-me...” (Am 7,14-15). Certamente não se exprimia assim para se exaltar, mas para conter aqueles que não o consideravam profeta, e revelar que não enganava, nem provinha de si o que dizia. E outro ainda acentuando o mesmo, proferia: “Eu, contudo, estou cheio da força do Senhor, do espírito e de poder” (Mq 3,8). Davi igualmente, ao falar sobre o urso e o leão (1Sm 17), não os menciona para obter aplauso, e sim algo de grande e admirável. Pois visto que ninguém acreditava que ele venceria o bárbaro, porque despido e desarmado, foi constrangido a comprovar sua fortaleza. E ao cortar a orla do manto de Saul (1Sm 24), não dizia o que dizia por ostentação, mas para apartar a suspeita difundida contra ele de que queria matar o rei. Por isso sempre a causa deve ser examinada. Pois, quem visa à utilidade dos ouvintes, embora elogie-se a si mesmo, não somente não merece repreensão, mas é digno de ser coroado; ou antes, será digno de censura no caso de se calar. Se Davi, ao empreender a luta com Golias, se calasse, não lhe teria sido permitido combater, nem erigir aquele esplêndido troféu. Impelido pela necessidade, o declarou, e não a seus irmãos, mas ao rei, pois os irmãos não teriam acreditado, visto que a inveja lhes tapava os ouvidos. Por isso, deixando-os de lado, fala àquele que ainda não o invejara.

Péssima coisa é a inveja, digo, péssima e leva à convicção de desprezar a própria salvação. Assim Caim arruinou-se, e antes dele o diabo, que levara o pai, Adão, à morte. Assim, Saul invocara o demônio maligno contra sua alma; e depois de chamá-lo, invejava o médico (cf. 1Sm 18). Tal é a natureza da inveja. Ele sabia que seria salvo por Davi, mas preferia perecer do que ver progredir quem o salvara. O que pode haver de mais grave do que esta paixão? Não errará quem afirmar que é filha do diabo; e é o fruto da vanglória, ou antes a raiz; estes dois vícios costumam corroborar-se mutuamente. Assim, outrora Saul tinha inveja porque se dizia: “Davi matou dez mil” (ib. 7). O que imaginar de mais estulto? Por que invejas? – dize-me. Talvez porque um outro foi elogiado? Ora, era motivo de te alegrares. Aliás, não sabes se este elogio é verdadeiro. Lastimas o fato de que ele, em nada digno de admiração, conseguiu enfim louvores? Ora, devias antes ter pena. Com efeito, se é bom, ninguém o invejará ao ser louvado, e sim aumentar-lhe-á a boa fama; se não é tal, por que te atormentas? Por que voltas o gládio contra ti? Seria porque diante dos homens é tido por homem ilustre? Ora, os homens de hoje já não existem amanhã. Seria por que obtém glória? Qual, afinal? – dize-me. Aquela da qual diz o profeta que é flor do campo (cf. Is 40,6)? Por conseguinte, invejas esta denominação, porque não carregas o fardo, nem transportas o peso deste feno? Se esta denominação te parece invejável, por que

não o é também a dos lenhadores que diariamente entram na cidade carregando pesos? Este fardo não é melhor do que o da glória, ou até pior.

Só oprime o corpo; o outro causa dano muitas vezes à própria alma, e traz mais ansiedade do que prazer. Mesmo que alguém tenha fama de eloquente, o temor é maior do que a alegria por causa da fama; ou antes ela é breve, o temor é perpétuo. Mas ele, diante dos príncipes, resplandece? Daí surgem invejas e perigos. Muitos têm idênticos sentimentos aos teus acerca deles. Mas recebem contínuos elogios? De fato, trata-se de cruel servidão. Ele não ousará fazer coisa alguma com liberdade, segundo seu modo de pensar, a fim de não incorrer em ofensa àqueles que o enaltecem; é pesada cadeia ter um nome ilustre. Por conseguinte, quanto mais for conhecido, tanto mais senhores terá, e acentuar-se-á a escravidão, porque aparecem senhores de toda parte. Ora, o escravo, quando longe dos olhares de seu dono, respira e goza de toda liberdade; este, porém, em toda parte encontra senhores; é escravo de todos os que encontra na praça. Se acaso urgir uma necessidade, não ousará entrar na praça, a não ser que os servos também o sigam, a cavalo, e cercado de toda a pompa, para que os senhores não o reprovem. Se vir um amigo sincero, não ousa falar-lhe familiarmente; tem medo de que os seus senhores o privem de sua glória. Daí se origina que quanto mais ilustre, tanto maior a servidão que o oprime. Se sofre algo de desagradável, a ofensa é mais aguda por ser maior o número das testemunhas, e o fato parece ser contra sua dignidade. Não é apenas injúria, mas calamidade. Com efeito, se muitos são os que simultaneamente se alegram com ele, ao fruir de algum bem são muitos os que o invejam, sentem ciúmes, e procuram prostrá-lo. Por conseguinte, pergunto, tratar-se-ia de um bem? De glória? Absolutamente não, mas seria ignomínia, servidão, vínculos, e o que de mais pesado se possa dizer. Se a glória da parte dos homens te parece tão apetecível, e mais te perturba o aplauso de muitos, ao vires alguém ser aplaudido, transfere-te em pensamento à glória do século futuro, e assim apressando-te a fugir como que de uma fera ameaçadora, entra no teu quarto, fecha a porta e assim agora refugia-te na vida futura e na glória indizível. Desta forma também calcarás aos pés a glória presente, facilmente conseguirás a futura, e gozarás da verdadeira liberdade e dos bens eternos. Seja-nos dado a todos alcançá-los, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA QUINTA HOMILIA

21. *Aquilo que os outros ousam apresentar – falo como insensato – ouso também eu.*

Vê como retrocede, e de novo faz pedidos e prévia admoestação, apesar de tudo o que já dissera, a saber: *“Oxalá pudésseis suportar um pouco de loucura de minha parte!”* e ainda: *“Que ninguém me considere insensato! Ou então suportai-me como insensato”*, e: *“O que vou dizer, não o direi conforme o Senhor, mas como insensato”*, e: *“Visto que muitos se gloriam de seus títulos humanos, também eu me gloriarei”*, e ainda: *“Aquilo que os outros ousam apresentar – falo como insensato – ouso também eu”*. Denomina audácia e insensatez proclamar algo de grande a respeito de si mesmo, e isso por urgente necessidade, ensinando-nos a fugir sumamente de tal atitude. De fato, mesmo que tenhamos cumprido todos os deveres, devemos denominar-nos inúteis (cf. Lc 17,10). Que perdão merece aquele que, sem coação alguma, a si próprio exalta e enaltece? Por isso o fariseu sofreu o que sofreu, e naufragou no porto, porque encalhou neste escolho. Por este motivo Paulo igualmente, apesar de se encontrar em suma necessidade, entretanto retrocede e admoesta continuamente que isso não carece da nota de insensatez. Finalmente, adiantando a desculpa de necessidade, ousa dizer:

22. *São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu.*

Nem todos os hebreus eram israelitas, visto que também os amonitas e moabitas eram hebreus. Por essa razão, para apurar a nobreza, acrescentou:

São descendentes de Abraão? Também eu.

23. *São ministros de Cristo? Como insensato digo: muito mais eu.*

Não considerou suficiente ter empregado previamente uma admoestação, mas a repetiu: "*Como insensato digo: muito mais eu*".

Sou melhor e mais importante. E desta notável preeminência teria provas, contudo denomina-a insensatez. Ora, se eles eram falsos apóstolos, não devia estabelecer por comparação esta preeminência, mas completamente eliminar a asserção de serem ministros. Refuta-o ao dizer: *"Esses tais são falsos apóstolos, operários enganadores, camuflados em apóstolos de Cristo"*. Mas agora não age assim; o discurso avança para pesquisar. Ninguém, de fato, sem examinar uma causa, simplesmente pronuncia a sentença; mas primeiro por uma comparação, refuta o que não é real, e aponta para o mais firme. Aliás, repete a opinião dos adversários, não o seu próprio julgamento, dizendo: *"São ministros de Cristo"*. E acrescentando: *"Muito mais eu"*, alarga a comparação e mostra que não se trata de um pronunciamento, mas duma demonstração do que realmente retém a nota peculiar ao múnus apostólico.

E deixando de lado os milagres todos, começa pelas provações, dizendo o seguinte:

Muito mais pelas fadigas, infinitamente mais pelos açoites, é muito mais ser flagelado e açoitado, muito mais, pelas prisões. Constitui ainda um suplemento.

Muitas vezes, vi-me em perigo de morte.

"Diariamente estou exposto à morte", diz ele (1Cor 15, 31). Aqui também na realidade. *Muitas vezes fui lançado em perigo mortal.*

24. *Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um.*

Por que: "*Menos um*"? A Antiga Lei promulgara que se alguém recebesse mais de quarenta golpes estaria infamado diante deles. Por isso, para que o ímpeto do carrasco não excedesse este número ao infligir a pena, e o réu incorresse na nota de ignomínia, foi prescrito que o carrasco infligisse "*menos um*"; e no intuito de não desonrar o réu, ninguém ao bater se excedesse, não ultrapassasse o número quarenta, mas interrompesse abaixo do número estabelecido.

25. *Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei.*

E o que importa isto ao evangelho? Enfrentou longas viagens a pé e até por mar.

Passei uma noite e um dia no abismo.

Alguns dizem que ele esteve em alto-mar, outros que boiou, o que, na verdade, assemelha-se mais à verdade. O primeiro caso não é espantoso; nem o diria mais difícil do que o naufrágio.

Sofri perigos nos rios.

De fato, teve de atravessar rios.

Perigos por parte dos ladrões, perigos na cidade, perigos no deserto,

Eram-me propostos combates por toda parte, nos lugares, nas regiões, nas cidades, nos desertos.

perigos por parte dos gentios, perigos por parte dos falsos irmãos!

Vê outra espécie de lutas. Era atacado não somente pelos inimigos, mas também por aqueles que fingiam fraternidade, e o Apóstolo precisava de grande autodomínio e prudência.

27. *Fadigas e duros trabalhos,*

Os perigos acarretavam trabalhos, e por sua vez os trabalhos traziam frequentes perigos, que não lhe permitiam respirar nem um pouco.

numerosas vigílias, fome e sede, desnudamento.

28. *e isto sem contar a minha preocupação com as coisas externas,*

Mais foram as coisas omitidas do que as enumeradas, ou melhor, nem se pode dizer quantas eram as que julgou que devia mencionar. Não as citou especialmente, mas citou as mais compreensíveis e em pequeno número, dizendo três e três e uma vez; quanto às outras, não agiu desta forma porque eram frequentes. Nem refere qual o resultado destas operações, por exemplo, qual a multidão de homens que converteu a Cristo, mas somente o que sofreu por causa da pregação. Simultaneamente é comedido e assegura que mesmo se nada se realizasse, nem por isso os trabalhos seriam mais penosos; assim a recompensa seria plena.

a minha preocupação cotidiana,

Tumultos, abalos, oposição popular, ataques das cidades. Os judeus sobretudo contra ele guerreavam, porque ele os confundia mais do que a todos, e lhes ocasionava furor maior quando se convertera tão repentinamente. Aliás, intensa luta era excitada contra ele da parte dos seus, dos estranhos, dos hipócritas; em toda parte vagas, precipícios, no orbe inteiro, nos desertos, na terra, no mar, por dentro, por fora. E não lhe era fornecido o alimento indispensável, nem mesmo uma leve vestimenta. Mas ele, combatente despojado, lutava com todo o orbe, e pelejava oprimido pela fome, longe da preocupação de acumular riquezas. Nem por isso se afligia, mas agradecia ao presidente dos certamens por estes acontecimentos.

a solicitude que tenho por todas as Igrejas!

Era o principal, que o atormentava e que ele revolvia no pensamento. Pois, embora nada de exterior o atacasse, eram suficientes a guerra intestina, as ondas sucessivas, as nevadas das preocupações, o conflito dos pensamentos. Pois, se alguém que provê somente a uma casa com escravos, procuradores e administradores, muitas vezes mal pode respirar pela quantidade de preocupações, mesmo que não haja quem lhe cause dificuldades, pondera a que cuidados se submetia o Apóstolo, não apenas por uma só casa, mas por cidades, povos e nações, por todo o orbe, por tantas questões, por quantos o afligiam estando ele sozinho, sofrendo tais tribulações, solícito como nenhum pai pelos filhos.

E para não replicares: E se fosse solícito, mas levemente? Ele acrescentou qual a intensidade dos cuidados, dizendo:

29. *Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco?*

Não disse: Não participe de sua tristeza, e sim: Sem que sinta idêntico padecimento, a mesma enfermidade. É assim que me perturbo e agito.

Quem se escandaliza, sem que eu também me abrase?

Vê novamente a grande intensidade da dor, que ele define com o vocábulo de queimadura. Pego fogo, diz ele, estou ardendo, o que, evidentemente, era o pior de tudo. As outras coisas, embora violentas, no entanto logo passavam e traziam um prazer imarcescível; esta, porém, era premente, angustiante, e triturava-lhe a mente, porque sofria tanto pela fraqueza de cada irmão, fosse quem fosse. De fato, não se referia aos maiores e desprezava os menores, mas colocava entre os amigos até mesmo os mais humildes. Daí dizer: “*Quem fraqueja?*”, fosse quem fosse. E como se abrangesse a Igreja universal, atormentava-se por qualquer um dos membros.

30. *Se é preciso gloriar-se, de minha fraqueza é que me gloriarei.*

Vês que em parte alguma se gloria dos milagres, e sim das perseguições e tentações? Isto, afirma, é *"minha fraqueza"*. E assinala que os combates são múltiplos. Com efeito, os judeus o guerreavam, os gentios estavam contra ele, os falsos irmãos lutavam com ele, e os irmãos fracos e escandalizados entristeciam-no; de todos os lados, tumulto e perturbação, da parte dos seus e dos estranhos. É nota peculiar ao múnus apostólico; por meio disso se tece o evangelho.

31. *O Deus e Pai do Senhor Jesus sabe que não minto.*

32. *Em Damasco, o etnarca do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos no intuito de me prender.*

Por que nesta passagem confirma e atesta, se anteriormente jamais o fizera? Talvez porque o evento era mais antigo e menos conhecido; os outros, porém, eram mais notórios, isto é, a solicitude por todas as Igrejas etc. Observa a guerra que lhe era feita, uma vez que por causa dele a cidade estava sendo guardada! Certamente, quando falo em guerra, refiro-me ao zelo de Paulo; se não expirasse força, não inflamaria tamanho furor no etnarca. É próprio do ânimo apostólico sofrer tantas adversidades, sem hesitar de forma alguma, mas suportar com ânimo forte e generoso os acontecimentos, sem ir ao encontro de perigos, nem se precipitar contra eles. Vê de que modo conseguiu fugir deste cerco.

33. *Pela muralha fizeram-me descer numa cesta,*

Embora desejasse partir desta vida, igualmente anelava pela salvação dos homens. Por conseguinte, a tal ponto era prudente e vigilante que muitas vezes e de tal forma planejava sua preservação em vista do anúncio do evangelho e não recusava utilizar recursos humanos, se a ocasião o exigisse. Efetivamente, quando os males eram por natureza inevitáveis, precisava somente do auxílio da graça; quando, porém, determinada provação era moderada, excogitava meios engenhosos, e ainda assim atribuía tudo a Deus. Como uma centelha inextinguível que cai no mar, furando muitas ondas, submerge e logo esplêndida emerge, assim também o bem-aventurado Paulo ora mergulhava nos perigos, ora escapava e emergia mais esplêndido, e pelo fato mesmo das aflições, alcançava a vitória.

Eis, portanto, a excelente vitória, o troféu da Igreja! O diabo é prostrado quando nós padecemos. Nossos sofrimentos o vencem e sobre ele recai o mal que nos quer fazer. É isso que costumava suceder a Paulo. O diabo tanto mais sofria derrota quanto maiores eram os perigos por ele provocados. E não preparava só uma só espécie de provações; eram múltiplas e variegadas. Infligia-lhe ora labor, ou tristeza, medo, dor, preocupações, infâmia, ora tudo isso simultaneamente. Todavia ele tudo superava. À semelhança de um soldado sozinho que, tendo de guerrear com o orbe inteiro, atravessasse as fileiras dos inimigos sem nada sofrer, assim também Paulo isolado no meio dos bárbaros, dos gregos, e após ter estado em todas as partes da terra e do mar, continuou invencível. E como uma centelha que cai sobre a palha e o feno, transforma em sua natureza os objetos queimados, assim ele, invadindo todas as coisas, transfere-as para a verdade; desta sorte é Paulo qual torrente que percorre tudo e derruba os obstáculos. E como um atleta que é simultaneamente lutador, corredor e pugilista ou um soldado que ataca uma muralha, combate na infantaria e na marinha, o Apóstolo enfrentava toda espécie de luta, expirava fogo e era inabordável. Possuía um só corpo e abrangia toda a terra, com uma só língua a todos persuadia. As múltiplas trombetas que fizeram cair as muralhas da cidade de Jericó e as arruinou (Js 6,20), não operaram o mesmo que a voz de Paulo que, ao ressoar, arrasava as fortalezas diabólicas, e atraía os inimigos para seu partido. E depois de congregar imensa multidão de cativos, muniu-os de armamentos, reuniu seu exército e por meio dele fez maravilhas. Davi, com uma só pedrada, derrubou Golias (1Sm 17); mas se ponderares os feitos de Paulo, aquilo parecerá feito infantil. Entre os dois existe a mesma diferença que observarás entre um pastor e um

general. Paulo não prostrou Golias com uma pedrada, mas somente com a voz oprimiu toda a falange do diabo; e qual leão rugidor, a expirar fogo pela boca, resistia a todos, e continuamente suplantava os gentios, acorria a uns, ia para junto de outros; partia para ir ter com alguns, passava a outros, era mais ligeiro do que o vento e governava toda a terra como se fosse uma só casa ou um navio, retirava das águas os que afundavam, apoiava os que sofriam vertigens, exortava os marinheiros, sentado na popa, inspecionava a proa, estendia as cordas, movia os remos, expandia as velas, levantava os olhos para o céu, desempenhava todas as funções: de nauta, comandante, piloto secundário, velas, navio. Sofria qualquer mal para aliviar o próximo. Pondera o seguinte. Sofreu naufrágio para fazer cessar o naufrágio de toda a terra; noite e dia esteve no abismo, para extrair os homens das profundezas do erro. Sofreu trabalhos para aliviar os trabalhadores. Suportou chagas para curar aqueles aos quais o diabo infligira feridas. Esteve mais tempo no cárcere para reconduzir à luz aqueles que nas cadeias estavam sentados nas trevas. Frequentemente em perigo de morte para libertar os homens sujeitos a mortes cruéis. Cinco vezes recebeu quarenta golpes menos um para livrar dos golpes do diabo os que cometiam tal crime. Foi batido com varas a fim de submetê-los sob a vara e o báculo de Cristo. Foi apedrejado para remover o coração de pedras dos insensíveis. Esteve na solidão para retirar do isolamento. Em viagens para reprimir os errantes e abrir o caminho do céu. Periclitou nas cidades para mostrar a cidade do alto. Com fome e sede para subtrair fome pior. Em desnudamento para revestir da veste de Cristo os que se comportavam sem decoro. Na violência popular para apartar as tribulações da parte dos demônios. Foi queimado para extinguir os dardos inflamados do diabo. Fez-se descer por uma janela na muralha a fim de transferir para as alturas os prostrados por terra. Ainda falaremos, embora não saibamos, do que Paulo sofreu? Ainda pensaríamos em dinheiro, mulher, cidade, liberdade, verificando que ele desprezava mil vezes até a própria vida? O mártir morre uma só vez; aquele bem-aventurado varão num corpo só e numa só alma foi submetido a tantos perigos e tão graves, que poderiam abater até um espírito adamantino. Ora, o que os santos todos toleraram em seus corpos, ele num corpo único suportou tudo; e de certo modo ingressando no estádio, onde todos combatiam contra ele, mantinha-se com valor contra todo o orbe. De fato, conhecia os demônios que contra ele lutavam. Logo no início, portanto, a sua virtude brilhou e desde o próprio cárcere até o fim, permanece sempre igual a si mesmo; ou antes, ainda quando já se achava perto da palma, intensifica-se a perseguição. E o que é maravilhoso, ao fazer ou sofrer tanto, mantém modéstia extrema. Pois, tendo incidido na necessidade de narrar o bem que operara, passa de leve por tudo. Com efeito, poderia encher inúmeros volumes, se quisesse explicar cada ponto a que se referiu, se enumerasse as Igrejas pelas quais tinha solicitude, se mencionasse os cárceres e o que neles realizou; se expusesse as tribulações e os ataques de cada um. Mas não quis. Cientes também nós destas coisas, aprendamos a discrição, sem jamais nos gloriarmos de riquezas ou outros bens, e sim dos opróbrios por causa de Cristo, e apenas se houver necessidade. Sem motivo premente, para não nos exaltarmos nem as mencionemos, mas apenas os pecados. Desta forma nos libertaremos facilmente, Deus nos será propício e conseguiremos a vida eterna. Possamos obtê-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, honra, império, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SEXTA HOMILIA

12,1. *É preciso gloriar-se? Por certo, não me convém. Todavia mencionarei as visões e revelações do Senhor.*

Que sentido têm estas palavras? Aquele que proferiu tais coisas, interroga: *“É preciso gloriar-se?”*, como se nada houvesse contado. Não age assim como se nada tivesse dito, mas porque tenciona passar

a outra espécie de glorificação. Embora não tenha tão grande recompensa, no entanto parece mais importante a muitos, não, porém, àqueles que raciocinarem melhor. Por isso diz: *“Por certo, não me convém”*. Era grande a exaltação proveniente das provações, anteriormente enumeradas. Mas tem fatos diversos a narrar, as revelações e mistérios ocultos. Por que, então diz: *“Por certo, não me convém”*? A fim de não me enaltecer. O que dizes? Acaso as desconheces se não falares? Mas nosso espírito não se exalta de igual maneira quando somente nós as conhecemos ou quando as transmitimos ao próximo. De fato, não costuma provocar arrogância a natureza das boas ações, e sim o testemunho e conhecimento generalizado. Por isso diz: *“Por certo, não me convém”*. Não vou insinuar *“a meu respeito um conceito superior”* na mente dos ouvintes. De fato, os falsos apóstolos proclamavam acerca de si próprios o que não possuíam; Paulo, ao contrário, oculta o que há em si, mesmo quando há grande necessidade. E afirma: *“Por certo, não me convém”*, ensinando a todos que fujam inteiramente deste procedimento. Não há lucro algum, antes prejuízo, a não ser que as circunstâncias e a utilidade a tal obriguem. Após ter enumerado, portanto, os perigos, as provações, as insídias, as tristezas, os naufrágios, passa a outra espécie de exaltação, nesses termos:

2. *Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu – se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei. Deus o sabe! –*

3. *E sei que esse homem – se no corpo ou fora do corpo, não sei –*

4. *foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir.*

5. *No tocante a esse homem, eu me gloriarei; mas no tocante a mim, não me gloriarei.*
Certamente constitui revelação grandiosa, mas não a única; houve várias. Ele, contudo, menciona somente uma entre as demais. Escuta o que diz para saberes que foram muitas:

7. *Uma vez que as revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba.*
Ora, dirá alguém, se desejava ocultá-las, de modo algum devia elaborar um enigma, nem algo de semelhante; se, porém, queria dizê-lo, que as proferisse claramente. Por que, então, nem quis expô-las expressamente, nem calou? A fim de revelar que tratava do assunto a contragosto. Por isso também aludiu ao prazo de quatorze anos. Não foi inutilmente que mencionou o tempo decorrido; visava demonstrar que, havendo calado durante tantos anos, não o narraria então a não ser forçado pela necessidade; silenciaria, se não constatasse que os irmãos se achavam em perigo de perder-se. Se desde os primórdios Paulo foi considerado digno de tal revelação, quando ainda não havia praticado tão grandes feitos, pondera quanto se transformou nesses quatorze anos. E vê que também aqui se porta modestamente ao narrar certos acontecimentos, e a respeito de outros confessar que ignora. Declara que foi arrebatado, mas que não sabe se no corpo ou fora do corpo. E bastava calar-se depois de dizer que fora raptado, mas o acrescenta, por modéstia. Como? De tal modo a mente e a alma foram raptadas que o corpo estivera morto? Ou foi também arrebatado? Não é possível afirmá-lo. Pois, se o ignora o próprio Paulo, que foi arrebatado e que fruiu de tantos e tão grandes mistérios, com maior razão nos é desconhecido. Sabia que estava no paraíso e não ignorava estar no terceiro céu, mas evidentemente desconhecia a modalidade. Considera ainda por outra passagem como era alheio ao orgulho. Efetivamente, ao falar da cidade de Damasco, dá crédito à sua palavra; aqui, porém, não o faz, não queria confirmar demais, apenas diz e insinua. E por isto acrescenta:
“No tocante a esse homem, eu me gloriarei”. Não pretendia indicar que um outro tivesse sido raptado, mas que dizia de si quanto era possível e que tardava falar abertamente, e em consequência elaborou a frase desta forma. Aliás, seria consequente enquanto falava de si, apresentar um outro? Por que compôs assim o discurso? Não era a mesma coisa dizer: Fui arrebatado, e: Conheço um homem

que foi arrebatado; ou: Glorio-me de mim mesmo, e: *“No tocante a esse homem, eu me gloriarei”*. Se alguém disse: Como pode ter sido arrebatado sem o corpo? Por minha vez, perguntarei: Como pode ser ter sido arrebatado com o corpo? Mais dificilmente o explicarás, se raciocinares, sem concessões relativamente à fé. Por que foi raptado? A meu ver, para não parecer inferior aos outros apóstolos. Efetivamente, estes haviam convivido com Cristo, ele, não; por isso, foi arrebatado à glória, ao paraíso. De fato, este nome era muito importante e em toda parte celebrado.

Por esta razão, também Cristo dizia: “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23,4). *“No tocante a esse homem, eu me gloriarei”*. Por quê? Se um outro foi raptado, porque tu te glorias? Dá a entender que o proclama a respeito de si mesmo. Se acrescentou: No tocante a mim, não me gloriarei, com tais palavras não assinala senão que sem premente necessidade, nada disso falaria simplesmente e em vão; ou, sem dúvida, para matizar o que dissera, à medida do possível. Evidencia-se pelo que se segue que todo este discurso é referente a si mesmo, pois acrescenta:

6. *Se quisesse gloriar-me, não seria louco, pois só diria a verdade.*

Por que então dissera: *“Oxalá pudésseis suportar um pouco de loucura da minha parte”*; e: *“O que vou dizer, não o direi conforme o Senhor, mas como insensato”* (2Cor 11,1.17); entretanto aqui: *“Se quisesse gloriar-me, não seria louco”*? Não se reporta à exaltação, mas à mentira, porque se é loucura gloriar-se, certamente mentir é ainda mais. Por esta razão afirma: *“Não seria louco”*. Por isso acrescentou: *“Pois só diria a verdade”*.

Mas não o faço, a fim de que ninguém tenha a meu respeito um conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer.

O motivo é indubitável, pois devido à grandeza do milagre foram tidos por deuses (cf. At 14,10). Por conseguinte, como Deus fez ambas as espécies de elementos, a saber, criou fracos e fortes, tanto no intuito de proclamar seu poder, quanto de impedir erros humanos, assim também aqui simultaneamente havia seres admiráveis e fracos a fim de serem os incrédulos instruídos pelas obras que eles operassem. Efetivamente, se fossem apenas homens admiráveis, sem qualquer sinal de fraqueza, e se empenhassem por meio da palavra por impedir que o povo suspeitasse algo de maior do que realmente possuíam, não somente nada conseguiriam, mas fariam o oposto. De fato, aquela recusa de louvores, pareceria antes humildade e produziria admiração maior. Por isso sua fraqueza se manifestou por obras e ações. Tal se verifica no Antigo Testamento em alguns homens. Com efeito, Elias era ilustre, mas por vezes acusado de timidez; e Moisés igualmente era grande, entretanto fugiu por medo. Certamente tal coisa sucedia porque Deus se afastava e deixava que se acusasse a fraqueza humana. De fato, quando retirava os israelitas do Egito, foi interrogado: Onde está, Moisés? Se também os introduzisse na Palestina, o que não haveriam de dizer? Por conseguinte, diz também o Apóstolo: *“Mas não o faço, a fim de que ninguém tenha a meu respeito um conceito superior”*. Não declara: Diga, e sim: Para que ninguém tenha de mim conceito superior ao que mereço. Consequentemente, torna-se evidente que no discurso inteiro trata de si próprio. Por isso dizia no começo: *“É preciso gloriar-se? Por certo, não me convém”*. Não utilizaria tais expressões se falasse de um outro; por que não convém gloriar-se de um outro? Mas era ele próprio que o merecera. Usa, portanto, palavras suplementares:

7. *Uma vez que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne – um anjo de Satanás que me espanca.*

O que ouço? Aquele que devido ao amor a Cristo tinha por nada o reino dos céus e a geena, julgaria de algum valor a fama, a ponto de se exaltar e precisar de freio contínuo? Não disse: Para me espancar, e sim: *Que me espanca”*. Quem o diria? Qual o sentido da locução? Além disso, após termos

revelado que aguilhão é este, quem é o anjo de Satanás, explicá-la-emos. Alguns julgaram que aguilhão seria certa dor de cabeça, que o diabo lhe causara. De nenhum modo é isto. Nem o corpo de Paulo esteve nas mãos do diabo, porque ele próprio obedecia às ordens de Paulo, que lhe prescrevia leis e limites, ao entregar-lhe para a perda da carne aquele fornicador (cf. 1Cor 5,5), e ele não ousara transgredi-los. O que significam, portanto, estas palavras? Satanás, na língua hebraica, quer dizer adversário; a Escritura no terceiro livro dos Reis denomina os adversários com este termo. Em referência a Salomão, assim se exprime: "Não havia mais nos seus dias satanás" (cf. 1Rs 5,4), quer dizer, adversário que lhe fizesse guerra ou molestasse. Tem o seguinte sentido o que o Apóstolo diz: Deus não permitiu que a pregação progredisse bastante, para nos humilhar, mas consentiu que os adversários se nos opusessem. Era, pois, adequado a reprimir o orgulho, não o outro caso, o da dor de cabeça. Por isso ele entende por anjo de Satanás o ferreiro Alexandre, Hymeneu, Fileto e enfim todos os que se opunham à doutrina, e disputavam com ele fazendo-lhe guerra, lançavam-no no cárcere, batiam e arrastavam, porque praticavam obras próprias de Satanás. Como ele chama os judeus de filhos do diabo, porque imitadores das obras dele, assim também denomina anjo de Satanás todos os que lhe resistiam. Disse, portanto: *"Foi-me dado um aguilhão na carne que me espanca"*. Não quer dizer que Deus armasse tais homens, de forma alguma, mas que não os coibia nem castigava, e durante certo tempo permitia e deixava.

8. *A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor* quer dizer, muitas vezes.

É próprio de humildade extrema não disfarçar a incapacidade de suportar as insídias e as orações de que precisava para ser libertado.

9. *Respondeu-me, porém: "Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder".*

Isto é, basta que ressuscites os mortos, cures os cegos, limpes os leprosos, operes outros milagres; não procures além disso ficar imune dos perigos, viver tranquilamente e praticar o ofício da pregação sem aflições. Mas sentes dor e tristeza? Não atribuas a uma fraqueza de minha parte o fato de que muitos são os que te armem insídias, batam, angustiem e flagelem, pois isso antes assinala meu poder: *"Pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder"*. Perseguidos, venceis os vossos perseguidores, atribulados, superais os que vos afligem; presos em cadeias, converteis os que vos prendem. Por isso, não peças coisas supérfluas. Vês como uma é a sua causa, e a de Deus é diferente? Com efeito, Paulo diz: *"Para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne"*. Deus, contudo, assegura que o permitia com o desígnio de mostrar seu poder. Não buscas um supérfluo, entretanto este constitui obscurecimento da glória do meu poder. As palavras: *"Basta-te"* indica-o. Nada se há de acrescentar, mas tudo está perfeitamente consumado. Por conseguinte, é evidente que não fala de dor de cabeça. Os doentes não anunciavam o evangelho; detidos pela doença não podiam pregar, mas os angustiados e perseguidos superavam tudo. Depois, portanto, que ouvi isso, diz ele, de boa vontade me gloriarei de minhas fraquezas. Explica, portanto, a fim de não desanimarem quando os falsos apóstolos se gloriassem do oposto, e eles vivessem no meio das perseguições, uma vez que por isso se tornavam mais ilustres, e mais brilhava o poder de Deus, e o que lhes acontecia acarretava merecida glória. Por isso disse:

Por conseguinte, com todo o ânimo prefiro gloriar-me.

Não foi com tristeza que enumerei o supramencionado, ou o que agora declarei, a saber, que me foi dado um aguilhão, mas de certo modo estou me gloriando, e haurindo maior força. Por isso acrescenta: *para que pouse sobre mim a força de Cristo.*

Nesta passagem implicitamente insinua que à medida que aumentavam as tentações, mais crescia e

permanecia a graça.

10. *Por isso, eu me comprazo nas fraquezas*

Quais? – dize-me. *Nos opróbrios, nas perseguições, nas necessidades, nas angústias*

Vês de que modo agora abertamente o manifesta? Mencionando a espécie de fraqueza, não fala de febre, ou qualquer mal-estar periódico, ou diversa doença corporal, mas de "*opróbrios, perseguições, necessidades, angústias*". Percebes sua probidade? Desejava libertar-se das aflições. Ao ouvir da parte de Deus que tal fato não devia suceder, não se entristeceu por não alcançar o objeto de seus votos, mas até se regozijou. Por isso dizia: "*Eu me comprazo*", sinto alegria e por Cristo desejo ser injuriado, perseguido, estar angustiado. Certamente assim se exprime tanto para reprimir-lhes o orgulho, quanto para animá-los a não se envergonharem dos sofrimentos de Paulo. Estas coisas, afirma, podem mais ilustrar-nos. E em seguida, apresenta outra causa: *Pois, quando sou fraco, então é que sou forte.*

Por que admirar se então se mostra o poder de Deus? "*Então é que sou forte*"; de fato, então acedia a graça de modo especial.

Abundam os sofrimentos dele, portanto, igualmente é abundante nossa consolação. Onde há aflição também há consolo; onde há consolo, ali se acha a graça. Ao ser lançado nos vínculos, então fazia milagres; ao naufragar, e ser levado à região dos bárbaros, especialmente foi glorificado. Ao entrar algemado no tribunal, superou o próprio juiz. Assim também acontecia no Antigo Testamento. Nas tribulações os justos floresciam. Assim sucedeu aos três jovens, a Daniel, Moisés e José. Todos delas extraíram esplendor e belas coroas. De fato, a alma se purifica ao sofrer tribulações por causa de Deus. Então dispõe de maior auxílio e, precisada de maior subsídio, torna-se digna de graça mais extensa. Antes do prêmio proposto por Deus, percebe imensos bens, tendo-se portado com sabedoria. Efetivamente, a aflição corta o orgulho, expulsa qualquer preguiça, instrui na paciência e de certo modo unge; descobre a insignificância das realidades humanas e introduz imensa sabedoria. Cedem todos os turbulentos movimentos da alma, a inveja, a emulação, a concupiscência, o poder, o amor das riquezas e dos corpos, a arrogância, o orgulho, a ira e a restante turba destes males. Se queres ver a realidade, num particular e em todo o povo, poderei apontar-te quem viveu entre sofrimentos e ensinar qual o proveito dali promanado, e que licenciosidade produziu o repouso.

Com efeito, os hebreus, afligidos e atribulados, gemiam perante Deus e o invocavam, e atraíam do céu muito auxílio; obesos, recalcitravam. Ainda os ninivitas, quando gozavam de sossego, irritavam a Deus, de sorte que ele ameaçou arrasar inteiramente a cidade; ora, após a pregação de Jonas, humilharam-se e mostraram-se exemplares em sabedoria. Se vos apraz contemplar um só homem, proponho a pessoa de Salomão. De fato, enquanto vivia cheio de cuidados e agitação no governo do povo, teve uma visão; ao se entregar aos prazeres, foi arrastado na voragem do vício. E o que sucedeu a seu pai? Por quanto tempo mostrou-se admirável e singular? Não foi, acaso, enquanto vivia no meio de provações? Absalão não era prudente durante a fuga? Depois que voltou, não se tornou tirano e parricida? E Jó? Era ilustre na prosperidade; mais ilustre se tornou depois da tribulação. O que importa relembrar fatos antigos, de outrora? Se alguém perscrutar nosso estado atual, verá o resultado da aflição. Agora, na verdade, que gozamos de paz, enlanguescemos e afrouxamos, e enchemos a Igreja de mil males; quando, porém, estávamos aflitos, éramos mais comedidos e discretos, mais diligentes, mais propensos à presença nesta assembleia e à audição da palavra. A aflição para as almas assemelha-se ao que o fogo é em relação ao ouro; expurga as escórias, depura, torna-o brilhante e esplêndido. A tribulação leva ao reino, e ao invés, o prazer conduz à geena. Por isso, aquela via é estreita; esta é larga. Daí a palavra de Cristo: "No mundo tereis tribulações" (Jo 16,33), como se estivesse nos remetendo um imenso bem. Por conseguinte, se te consideras do número dos discípulos,

ingressa pelo caminho estreito e apertado, sem indignação nem desânimo. De fato, se não fores afligido desta forma, será absolutamente necessária uma tribulação por motivo infrutuoso. Com efeito, também o invejoso, o ávido de riquezas, o amante ardoroso de uma meretriz, o ambicioso de vanglória e qualquer um dos que buscam a maldade se sujeitam a muitas tristezas e calamidades, e não se angustiam menos do que os que choram. Se não lacrimeja nem chora, é por pudor e insensibilidade. Se te informares de seu estado de espírito, verás que está coberto por milhares de vagalhões. Se, portanto, tanto o que segue este tipo de vida quanto o que vive de forma diversa forçosamente serão afligidos, porque não assumimos de preferência a vida que juntamente com as inúmeras aflições traz consigo coroas? Com efeito, Deus conduziu os santos todos através de aflições e ansiedades, simultaneamente ajudando-os e protegendo os demais, para não conceberem a seu respeito uma opinião superior a que era condizente.

Assim também o culto dos ídolos no princípio obteve o domínio, porque os homens os admiravam mais do que convém; igualmente o senado romano julgou que Alexandre era o décimo terceiro deus. Pois o senado tinha o poder de criar deuses e inscrevê-los. Quando todas as ações de Cristo foram propagadas, o procurador da nação judaica mandou carta a Roma, perguntando se lhes agradava fazer dele também um deus. Eles recusaram, aborrecidos e irritados, porque antes de decretarem e proferirem a sentença, o poder do Crucificado brilhara, tendo atraído a seu culto todo o orbe. Tratava-se, certamente, do plano de Deus, independente da vontade deles, a fim de que não se promulgasse por sufrágios humanos a divindade de Cristo, nem fosse contado entre os muitos que haviam sido designados por eles. Na verdade, consideraram deuses até os pugilistas e aquele favorito de Adriano, que deu o nome de Antinou a uma cidade. Como a morte dá contratestemunho acerca da natureza mortal, o diabo excogitou outro caminho, isto é, tendo mesclado desmedidas lisonjas à imortalidade da alma, a muitos conduziu à impiedade. Considera sua astúcia! De fato, quando salutarmente apresentamos esta doutrina, ele perverte o ensinamento; quando deseja, porém, elaborá-la para a ruína, emprega-a com grande zelo. Ora, se alguém disser: Como é possível que Alexandre seja deus? Acaso não morreu, e de forma infeliz? Ora, a alma é imortal, diz ele. Agora falas de imortalidade e raciocinas, a fim de nos afastares do Deus do universo; mas se nós asseguramos que é imenso benefício de Deus, persuades, como aos que seduzes, que são humildes e rasteiras, em nada melhores do que os irracionais. E se afirmamos que o Crucificado vive, logo surgem os risos, não obstante outrora e ainda agora o proclame todo o orbe, antigamente pelos milagres e agora através dos convertidos. Estas ações não são próprias de um morto. Se, ao invés, alguém afirmar que Alexandre vive, acreditas, apesar de não ter a mencionar milagre algum. Mas, respondes, durante a vida foram muitos e grandes os seus feitos, porque submeteu povos e cidades ao seu império, obteve vitória em muitas guerras e combates e erigiu troféus.

Mas se eu demonstrar o que nem ele enquanto vivia, nem jamais homem algum pensou, que prova ainda desejas da ressurreição? Que um homem durante a vida tenha sido feliz na guerra e haja conquistado vitórias, visto que era rei e dispunha de um exército, não é maravilha, nem coisa extraordinária, nem novidade; mas realizar, após a morte e a sepultura, tantos prodígios e tão grandes em toda a terra e no mar, é imensamente estupendo, e proclama o misterioso poder de Deus. Mas, de fato, Alexandre não instaurou um império, visto que, após sua morte, o império foi dividido e quase inteiramente arruinado. Como poderia instaurá-lo um morto? Entretanto, Cristo estabeleceu o seu principalmente após a morte. Por que falar de Cristo, se também concedeu a seus discípulos tornarem-se ilustres depois da morte? Onde está, pergunto, o túmulo de Alexandre? Mostra-mo e dize em que dia morreu. Ora, os sepulcros dos servos de Cristo são esplêndidos, de sorte que se encontram na mais importante cidade imperial, e o dia da morte é notório, celebrado em festa por todo o orbe. O túmulo

de Alexandre até os seus o ignoram; dos servos, porém, mesmo os bárbaros têm conhecimento.

E os sepulcros dos servos do Crucificado vencem em esplendor os palácios reais, não somente pelo tamanho e beleza das construções, uma vez que também nisto os superam, porém o que é muito mais, pelo zelo dos que aí se reúnem. Efetivamente, até quem está revestido da púrpura, visita aqueles sepulcros para beijá-los; renuncia ao fausto e de pé suplica aos santos que o protejam diante de Deus; cingido do diadema, postula por patronos o fabricante de tendas e o pescador, há muito tempo mortos. Por conseguinte, pergunto, ousarás dizer que é senhor dos mortos aquele, cujos servos, apesar de defuntos, são patronos dos imperadores da terra? Aliás, não é apenas em Roma que se pode ver tal evento, mas também em Constantinopla. Também aqui o filho de Constantino Magno julgou que seria para o pai imensa honra ser sepultado no vestíbulo do pescador e o que são os porteiros nos palácios imperiais, são os imperadores no sepulcro dos pescadores. E estes últimos, quais senhores, ocupam o interior, enquanto os outros, estrangeiros e próximos, consideraram agir bem designar para si a porta do vestíbulo; por estes fatos mostram até aos incrédulos que os pescadores na ressurreição terão grau mais elevado. Uma vez que nos sepulcros são tão superiores, muito mais na ressurreição. Trocadas as posições, os imperadores serão servos e ministros, os súditos, porém, possuirão a dignidade dos imperadores, ou antes mais esplêndidas. E a realidade manifesta que isto não procede de lisonja; eles já se tornaram mais esplêndidos. Estes sepulcros fizeram-se muito mais veneráveis do que alguns túmulos imperiais, que se encontram em espantosa solidão, ao passo que estes têm imensa afluência de povo. Se forem comparados com os palácios dos imperadores, estes sepulcros obterão a vitória. De lá muitos são os que afastam as turbas; a estes, ao contrário, muitos convidam, e atraem ricos e pobres, homens e mulheres, servos e livres; lá grande temor, e ao invés, aqui alegria inenarrável. Efetivamente, será belo espetáculo ver o imperador revestido de ouro e cingido da coroa, cercado dos generais, prefeitos, tribunos, centuriões, pretores? Mas isto de tal modo incute respeito e tremor que em comparação com aquela cena pode ser tido por mero jogo.

Logo que atravessares o limiar, o próprio lugar eleva o pensamento ao céu, ao Rei do alto, ao exército dos anjos, ao trono sublime, à glória inacessível. Na terra, de fato, o imperador sujeita os súditos ao prefeito, que a uns liberta e a outros prende; ao invés, os ossos dos santos não têm esse infeliz e vil poder, mas outro muito diferente. Os demônios comparecem, atormentam e solvem os vínculos cruéis dos possessos. O que imaginar de mais terrível do que este tribunal? A ninguém se vê, ninguém toca o demônio, contudo, ouvem-se vozes e dilacerações, açoites e tormentos, línguas contradizentes, e o demônio de forma alguma suporta aquele admirável poder. Ora os santos têm um corpo, e dominam aquelas virtudes incorpóreas; o pó, os ossos e a cinza estraçalham aquelas naturezas invisíveis. Não há quem empreenda viagem para ver o palácio do imperador; ao contrário, muitas vezes imperadores partiram em peregrinação para fruírem deste espetáculo. De fato, os templos dos santos mártires exibem vestígios e sinais do futuro juízo, enquanto torturam os demônios, castigam e livram os homens. Vês que força possui a vida santa até depois da morte? Vês a fraqueza dos pecadores, mesmo em vida? Por conseguinte, foge do vício, a fim de superá-lo, e segue com todo o zelo a virtude. Se no presente já é assim, pensa quanto será no futuro. E animado continuamente por este amor, arrebata a vida eterna. Possamos obtê-lo todos nós pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SÉTIMA HOMILIA

11. *Procedi como insensato! Vós me constrangestes a isto. A vós é que tocava recomendar-me.*

Terminado o discurso sobre o louvor de si próprio, o Apóstolo não se detém, mas novamente se

escusa, e pede desculpas, dizendo que agiu induzido pela necessidade, não por vontade própria. Todavia, apesar de obrigado, denomina-se insensato. Ora, quando elaborava o discurso, dizia: *“Suportai-me como insensato”* e: *“como insensato”*; agora, omite a partícula*: “como”* e simplesmente denomina-se insensato. Após proferir o que queria, destaca livre e audaciosamente este vício, instruindo a todos que, exceto por extrema necessidade, não se elogiem, visto que Paulo, apesar de o fazer por necessidade, denomina-se insensato. Em seguida, passa a atribuir a causa aos discípulos e não aos falsos apóstolos: *“Vós me constrangestes”*. Se eles se jactassem sem vos defraudar, nem levar à perdição, não teria me rebaixado a tais palavras; uma vez, contudo, que prejudicam a toda a Igreja, fui obrigado, visando ao bem, a incidir no vício da insipiência. E não disse: Receei que se obtivessem a primazia entre vós, implantassem seus dogmas; ele o fez mais acima, nesses termos: *“Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam”*; agora, contudo, não age de forma idêntica, mas com maior autoridade e poder, de sorte que, em vista dos antecedentes, tivesse a faculdade de falar mais livremente: *“A vós é que tocava recomendar-me”*. Depois, apresenta a causa. E mais uma vez não menciona apenas as revelações e milagres, mas também as provações.

Pois em nada fui inferior a esses eminentes apóstolos, Vê como fala com maior liberdade e autoridade. Antes dizia: *“Julgo não ser inferior”*. Aqui, porém, pronunciando de modo absoluto, conforme disse, depois de apresentar as provas, fala livremente, mas nem assim se aparta de seus hábitos modestos. Por conseguinte, como se tivesse dito algo de grandioso e excedido os limites da dignidade por se ter agregado ao número dos apóstolos, de novo suaviza o discurso: *se bem que eu nada seja.*

12. *Os sinais que distinguem o apóstolo realizaram-se entre vós.*

Diz ele: Não consideres se sou insignificante e de pequeno valor; mas se não recebes o que se deve esperar de um apóstolo. Nem disse: Insignificante, mas o que era bem menos: *“Nada”*. Que importa seres grande, se a ninguém és útil? Nada vale ser médico perito, se não cura doente algum. Não ponderes, portanto, que nada sou, mas consideres que a fim de prestar benefícios adequados nada me faltou, mas ofereci minha experiência de apóstolo. Não importava, portanto, recomendar-me. Certamente não o dizia porque precisasse de recomendação. Como precisaria, se menosprezava até o céu por amor a Cristo? Mas desejava a salvação deles. Em seguida, para que não dissessem: O que nos importa seres em nada inferior aos mais ilustres apóstolos? Por isso acrescentou:

Os sinais que distinguem o apóstolo realizaram-se entre vós: paciência a toda prova, sinais milagrosos, prodígios e atos portentosos.

Ah! Em poucas palavras atravessou um oceano, uma quantidade de boas obras! E vê o que coloca em primeiro lugar: a paciência. É sinal característico do apóstolo: Suportar tudo com fortaleza. Incluiu-o brevemente nesta palavrinha; ao contrário, os milagres, que não praticava por próprio poder, enumerou de modo extenso. Pondera quantos cárceres, quantas chagas, quantos perigos, quantas insídias, quantas nevadas de provações implicitamente assinala, quantas guerras intestinas, quantas exteriores, quantas dores, quantos ataques classifica sob um vocábulo único: paciência. Entre os milagres apontou quantos mortos ressuscitados, quantos cegos curados, quantos leprosos purificados, quantos demônios expulsos.

Ao ouvi-lo, aprendamos que, se determinada necessidade surgir, obrigando-nos a narrar nossas boas obras, brevemente as enunciemos, conforme Paulo fez.

Logo, a fim de que ninguém replique: Embora sejas grande e operaste muitas obras, entretanto não tantas nem tão grandes como os apóstolos nas demais Igrejas; por isso acrescentou:

Que tivestes a menos do que as outras Igrejas

Não recebestes graça menor que as demais. Ora, retrucará talvez alguém, por que, abandonando a discussão com os falsos apóstolos, volta-se para os apóstolos? Quer principalmente animá-los, e mostrar não só que é mais importante do que os falsos apóstolos, mas que nem mesmo aos grandes é inferior. Por isso, na verdade, ao dissertar sobre eles, diz: “*Muito mais eu*”. Ao se comparar com os apóstolos, contentou-se com dizer que de forma alguma é inferior a eles, e até trabalhou mais. Ora, assim também indica que os injuraria se, apesar de ser igual, se colocasse abaixo de tais apóstolos.

senão o fato de que não vos fui pesado?

Novamente admoesta com grande vigor. E o que se segue ainda é mais áspero:

Perdoai-me esta injustiça!

E todavia esta aspereza contém palavras de benevolência e louvor relativamente aos coríntios. Consideravam injusto que o Apóstolo não se deixasse convencer de receber algo da parte deles, nem depositava neles tanta confiança a ponto de aceitar a subsistência. Se por isso, diz ele, me acusais. Não disse: Vós me acusais, e sim com grande suavidade: Perdoai-me. E nota sua prudência! Uma vez que assiduamente os envergonhava a respeito deste assunto, assiduamente o mitiga. Mais acima dissera: *“Pela verdade de Cristo que está em mim, declaro que este título de glória não me será arrebatado”*. Ainda profere: “*Por que não vos amo? Deus o sabe! A fim de tirar todo pretexto àqueles que procuram algum para se gloriar dos mesmos títulos que nós!*” (2Cor 11,10-12). E na primeira carta: “Qual é então o meu salário? É que, pregando o evangelho, eu o prego gratuitamente” (1Cor 9,18). E aqui novamente: “*Perdoai-me essa injustiça!*” Sempre toma a precaução de não pôr em evidência que é por causa da fraqueza deles que nada aceita. Por isso aqui se expressa: Se o considerais uma culpa, peço perdão. Assim se exprimira para simultaneamente feri-los e curá-los. E não me digas: Se desejas ferir, porque empregas desculpas? Se curas, por que feres? É próprio de um espírito prudente cortar e fazer um curativo no lugar ferido. Depois, conforme dizia anteriormente, para não parecer que sempre insistia no fato de ter recebido de outros, elimina esta suspeita como na primeira carta, ao dizer: “Nem escrevo estas coisas no intuito de reclamá-las em meu favor. Antes morrer que... Não! Ninguém me arrebatará esse título de glória!” (1Cor 9,15). Aqui, na verdade, ele o faz com mais suavidade e brandura. De que modo?

14. *Eis que estou pronto a ir ter convosco pela terceira vez, e não vos serei pesado; pois não procuro os vossos bens, mas a vós mesmos. Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas os pais para os filhos.*

O sentido é o seguinte: Não é porque nada recebo que não vou vos ver; fui uma segunda vez, e estou pronto a ir visitar-vos pela terceira, sem vos ser pesado. E a causa é grave. Com efeito, não disse: Porque sois avaros, porque estais ofendidos, porque sois fracos. Mas, qual é? *“Pois não procuro os vossos bens, mas a vós mesmos”*. Peço algo de maior, as almas em vez de riquezas, a salvação em vez de ouro. Em seguida, porque era duvidoso se ele ainda estava aborrecido, explica também o motivo. Uma vez que era provável que dissessem: Acaso não nos é lícito possuir o que é nosso? com muita suavidade acrescenta uma defesa nos seguintes termos: *“Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas os pais para os filhos”*. Coloca pais e filhos em vez de mestres e discípulos, e demonstra que ele cumpre determinado ofício, apesar de ser facultativo. Pois Cristo não o ordenou, mas, poupando-os, emprega estas palavras e acrescenta algo. Não disse apenas: Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas ainda que é dever dos pais acumular para os filhos. Por conseguinte, sendo preciso dar...

15. *Quanto a mim, de bom grado despenderei, e me despenderei todo inteiro, em favor de vossas almas.*

De fato, a lei natural ordena que os pais acumulem bens para os filhos; eu, porém, não contente com isto, me despenderei por vós. E é incrível que não somente não receba, mas ainda por cima despende; e não simplesmente, mas com grande magnanimidade e tira do que lhe falta. A locução: *"Me despenderei todo inteiro"* o sugere. Pois, mesmo que seja preciso dar da própria carne, não recusarei em prol de vossa salvação. E prossegue, unindo ao amor uma acusação:

Será que, dedicando-vos mais amor, serei, por isto, menos amado?

Faço-o por aqueles que amo, apesar de ser menos amado. Considera os graus da questão. Devia receber e não recebia: primeira bela ação. Oprimido pela penúria: segunda. E anunciava-lhes a palavra: terceira. Além disso despende: quarta. Não só despende, mas com largueza: quinta. Não apenas dinheiro, mas a si próprio: sexta. E em favor daqueles que não o amavam muito: sétima. Finalmente por aqueles que amava mais intensamente: oitava.

Imitemo-lo. É grande pecado (invejar e) não amar; é maior não retribuir. De fato, quem só retribui o amor não é melhor do que os publicanos e aquele que nem isto faz é pior que as próprias feras. O que dizes? Não retribuis a quem te ama? Por que vives? Para que serves? Com que finalidade? Política ou particular? Não, absolutamente. Nada mais inútil do que o homem que não sabe amar. Aceitaram esta lei muitas vezes os ladrões, os assassinos, os ladrões, e os que comeram sal em comum, transformaram-se, mudaram de costumes devido à participação da mesa em comum; tu, contudo, tens em comum com o próximo não só o sal, mas as palavras e as obras, entradas e saídas e não o amas? Mas, os amantes torpes gastam tudo com meretrizes; tu, contudo, cujo amor é honesto, de tal forma és frio, fraco e covarde que não podes amar mesmo sem dispêndio? Mas quem é tão miserável, de costumes tão selvagens que tenha aversão e ódio a quem o ama? Fazes bem em não crer em tal absurdo; e se eu demonstrar que há muitos desta espécie, seria tolerável tal vergonha? Pois, se falas mal de quem te ama, ou não o defendes diante de um detrator, e o invejas na prosperidade, que amor é este? Não é suficiente comprovação de amizade estar isento de inveja, não odiar a quem ama, não combatê-lo, mas é preciso protegê-lo e promovê-lo. O que há de mais miserável do que fazer e falar o possível para rebaixar o próximo? Ontem, no passado eras amigo, participavas do diálogo e da mesa; logo, porém, que prospera um membro de teu corpo, rejeitas a falsa amizade e te revestes de inimizade, ou antes, de furor. De fato, é evidente furor afligir-se diante da prosperidade do próximo; é furor de cães raivosos. À semelhança deles, estes também, no auge da inveja, saltam em cima. É melhor ter lombrigas enroladas nas vísceras do que sentir a inveja a rastejar interiormente. De fato, muitas vezes é possível expelir a lombriga por meio de medicamentos e aquietá-la com alimentos; a inveja, contudo, não se revolve nas vísceras, mas penetra no íntimo da alma e é vício que dificilmente se extirpa. A lombriga dentro do corpo humano não o toca, se lhe for fornecido alimento; ao invés, a inveja, mesmo se lhe forem postas inúmeras mesas, corrói a alma, mordendo de todos os lados, despedaçando, arrastando; não é possível achar alívio que lhe diminua o furor, exceto um, a saber, sobrevir uma tribulação ao homem feliz. Deste modo a doença decresce, ou antes, nem assim. Até mesmo que ao primeiro atinja alguma aflição, o invejoso, diante da alegria e felicidade de um outro, sente as mesmas dores; em toda parte traumas, em toda parte feridas. E não é possível aos que vivem na terra não encontrar homens felizes. Tão grande é a intensidade da moléstia que mesmo se o invejoso ficar trancado dentro de casa, invejará os antigos já falecidos. Ora, são duros estes padecimentos para os que vivem entre os homens, mas não são graves; quanto aos que se libertaram dos tumultos contrair esta doença, é o que há de mais doloroso. Preferia passar estes fatos em silêncio. Seria vantajoso nada dizer se o silêncio apartasse esta vergonha. Se me calar, porém, os

acontecimentos haverão de clamar mais alto do que minha língua; portanto, minhas palavras não vos causarão dano por revelação dos vícios, e talvez conseguirão produzir fruto e proveito. Esta doença atinge também a Igreja, e tudo revoluciona, rompendo a unidade do corpo; e nós nos combatemos mutuamente, com a arma da inveja. Por isso existe enorme depravação. Pois há grande progresso à medida que todos edificam e os discípulos se mantêm eretos; se todos buscamos destruir, qual será o fim?

O que fazes, ó homem? Julgas ser útil derrocar os bens do próximo; mas antes de destruí-lo, abates o que é teu. Não entre os que plantam, os agricultores, como todos concorrem para um único fim? Um cava, outro planta, outro cobre as raízes, outro rega o que foi plantado, outro cerca com sebe e muro, outro afasta os animais; todos visam a idêntica meta: conservar incólume a planta. Em nosso caso, porém, tal não acontece; eu planto, e outro abala e sacode. Deixe ao menos que ela se consolide para adquirir maior vigor antes do golpe hostil. Não arruínas minha obra, e sim aniquilas a tua. Eu plantei, tu devias regar. Se a sacodes, arrancas inteiramente a raiz, nem terás o que irrigar. Acaso vês ser elogiado aquele que planta? Não temas! Nem eu sou alguma coisa, nem tu: “Aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é” (1Cor 3,7); é inteiramente obra de Deus. Lutas e guerreias contra ele quando arrancas o que foi plantado. Por conseguinte, enfim devemos nos arrepender e estar vigilantes. Não tanto receio a guerra externa quanto a luta intestina. De fato, a raiz, firmada na terra, nada sofre da parte dos ventos; ao invés, se um verme a corrói internamente, abala-se, e cai sem que ninguém lhe faça mal. Até quando a raiz da Igreja será corroída por vermes? Tais vermes nascem também da terra, ou antes, não da terra, mas do esterco, porque saem da podridão; e nem se abstêm dos abomináveis curativos das mulheres. Enfim, mostremo-nos homens fortes; tornemo-nos pugilistas da sabedoria, extirpemos o acúmulo de males. Com efeito, vejo agora a multidão da Igreja, qual um corpo exânime, prostrado no chão. E num cadáver recente, veem-se olhos, mãos, pés, pescoço e cabeça, mas nenhum membro exerce sua função; igualmente em nosso caso todos os presentes têm fé, contudo, não atuante, porque extinguimos o fervor, e fizemos do corpo de Cristo um cadáver. Se é horripilante de se dizer, muito mais horrível, na verdade, é vê-lo realmente. De fato, temos o nome de irmãos, mas na realidade somos inimigos; e todos nos denominamos membros, e à guisa de feras, dissentimos entre nós. Não proferi essas coisas no intuito de ridicularizar o que é nosso, mas para vos incutir pudor e vos converterdes. Determinada pessoa foi a uma casa e foi recebida com honras. Devias dar graças a Deus, porque um membro teu é respeitado e Deus é glorificado; tu fazes o oposto. Tu o deprecias junto daquele que o honrou; desta forma simultaneamente suplantas os dois e te marcas com uma nota ignominiosa. Qual o motivo, ó miserável e infeliz, de te entristeceres, ao ouvires um irmão ser louvado por homens ou mulheres? Acresce os elogios e igualmente obterás louvores. Se diminuíres os louvores, primeiro terás falado mal de ti mesmo, adquirindo má fama e além disso elevando-o ainda mais. Ao ouvires elogiar o próximo, procura participar do que se diz, se não pela vida e virtude, ao menos por te alegrares com as virtudes alheias. Alguém o louvou? Admira também tu; assim ele te elogiará como a um homem honesto e benigno. Não temas que, pela proclamação das virtudes alheias, as tuas fiquem diminuídas; isto só acontece nas delações. O gênero humano por natureza ama as disputas. Ao verificar que falas mal, aumenta os louvores para desta forma te excitar e serem repreensíveis os acusadores diante de si mesmos e condenados pelos demais. Vês quanta torpeza causamos? De que modo perdemos e dispersamos o rebanho? Enfim tornemo-nos membros, enfim um só corpo. E quando a alguém se conferem louvores, rejeite-os e transfira os elogios para o irmão; quem, porém, escuta louvores a um outro, congratule-se com ele. Unidos deste modo entre nós, conciliaremos a propiciação de nossa Cabeça; do contrário, se entre nós estivermos divididos, apartaremos o auxílio de Deus; por esta privação, o corpo contrai imenso mal porque tem a união

estreita que vem de cima. Abracemos, portanto, o amor e a concórdia, expelindo qualquer ciúme e inveja, e desprezando a opinião do povo, a fim de não nos advirem estes males. Deste modo conseguiremos os bens presentes e futuros. Possamos obtê-los pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA OITAVA HOMILIA

16. *Seja! dirão. Não vos fui pesado. Mas, astuto como sou, conquistei-vos fraudulentamente!*

17. *Porventura vos explorei por algum daqueles que vos enviei?*

18. *Pedi a Tito que fosse ter convosco e com ele enviei o irmão. Será que Tito vos explorou? Não caminhamos no mesmo espírito? Não seguimos os mesmos passos?*

Estas palavras de Paulo são obscuras, mas não inúteis nem ociosas. Pois, estando prestes a explicar e apresentar justificação a respeito de dinheiro, é razoável que a palavra esteja envolvida em certa obscuridade. O que quer dizer? Assegurara: Nada tomei, mas estou pronto além disso a despender e gastar; e dissertou longamente neste sentido, tanto na primeira quanto nesta carta. Agora enuncia outro aspecto, como se lhe ocorresse uma objeção e a resolvesse de antemão. Diz o seguinte: De fato, não vos escrevi de forma alguma por avareza; mas alguém talvez possa dizer que, embora nada tenha recebido, no entanto, sendo astuto, cuidei de que os legados vos pedissem algo em seu próprio nome, e assim por meio deles receberia e portar-me-ia como quem aceita através de mãos alheias, ficando de fora da questão. Ora, nem isso alguém pode afirmar; vós mesmos sois testemunhas. Por isso fala por meio de interrogações: *"Pedi a Tito que fosse ter convosco e com ele enviei o irmão. Será que Tito vos explorou? Não caminhamos no mesmo espírito?"* Isto é, nem ele recebeu. Vês o cuidadoso aumento de sinceridade. Não apenas a si próprio se isentou de ter obtido algum lucro, mas orientou também os que enviara de tal modo que não oferecessem o menor pretexto àqueles que se esforçavam por captar algum? É bem maior do que a ação do patriarca Abraão (Gn 14). Pois ele, ao voltar depois da vitória, e quando o próprio rei lhe ofereceu despojos, recusou aceitar qualquer coisa além do que comessem seus companheiros. Paulo, contudo, não quis receber nem o alimento indispensável, nem quis que os companheiros nisso tivessem parte; acima de tudo fez calar a boca dos impudentes. No entanto, nem afirma, nem diz que eles nada aceitaram, mas sobretudo aduz os próprios coríntios por testemunhas de que nada haviam recebido, a fim de não parecer atestar por si, mas por sufrágio alheio. É desta maneira que costumamos agir em questões bem evidentes e acerca das quais confiamos sem dúvida alguma. Dizei-me, replica, se algum dos meus enviados vos explorou? Não pergunta: Quem recebeu algo de vossa parte? Mas denomina o problema *pleonexia*, isto é, fraude, constrangendo-os, incutindo-lhes grande pudor e declarando que é fraude receber algo contra a vontade do doador. E não perguntou: Acaso Tito, e sim: *"Porventura algum*"? Nem podeis dizer, declara, que um não aceitou e outro sim. Nenhum dos vossos visitantes recebeu algo. *"Pedi a Tito"*. Declara-o com força. E não disse: Enviei a Tito, e sim: *"Pedi"*, manifestando que no caso de que ele algo tivesse recebido, aceitara-o por próprio arbítrio; no entanto, neste caso também ficou imune. Ainda os interroga: *"Será que Tito vos explorou? Não caminhamos no mesmo espírito?"* O que significa: *"No mesmo espírito*"? Atribui tudo à graça divina e revela que não merecemos louvor por nossos esforços, e sim que resulta de dom e graça do Espírito. Com efeito, isto se realizara por imensa graça de Deus, de sorte que, apesar da penúria e fome, nada recebessem em vista da edificação daqueles cuja instrução eles assumiram. *"Não caminhamos no mesmo espírito?"* Isto é, não mudaram nem um pouquinho esta sinceridade, mas mantiveram a mesma norma.

Apreensões e inquietudes de Paulo

19. *Novamente julgais que nós nos queremos justificar diante de vós?*

Vês como sempre receia adquirir fama de adulação? Vês como inculca assiduamente a prudência apostólica? Pois dizia anteriormente: *“Não nos recomendamos de novo junto a vós, mas desejamos dar-vos a ocasião de vos gloriardes”* (2Cor 5,12); e no começo da carta: *“Ou será que precisamos de cartas de recomendação?”* (2Cor 3,1). *“E tudo para a vossa edificação”*.

Mais uma vez os corrige; nem aqui fala abertamente: Não aceitamos por causa de vossa fraqueza, e sim: Para vos edificarmos. Fala um pouco mais claramente do que antes, descobrindo o que concebia com dor, não, porém, com amargura. Com efeito, não afirma: Por causa de vossa fraqueza, e sim: Para vos edificarmos.

20. *Com efeito, receio que, quando aí chegar, não vos encontre tais como vos quero encontrar e que, por conseguinte, me encontreis tal como não quereis.*

Ia dizer algo de molesto, e por isso desculpa-se ora pelo que disse: *“E tudo para a vossa edificação”*, ora pelo acréscimo: *“Receio”*, a fim de mitigar a severidade do que estava disposto a dizer. Não se tratava de certa arrogância, nem de autoridade de um mestre, e sim de solicitude paterna; era mais pesado prontificar-se a corrigir os pecadores do que abalá-los pelo medo e tremor. Nem assim os agita, nem enuncia afirmativamente, mas fala em forma duvidosa: *“Quando aí chegar, não vos encontre tais como vos quero encontrar”*. Não disse: Virtuosos, e sim: *“Não vos encontre tais como vos quero encontrar”*, sempre utilizando vocábulos amáveis. Esta palavra: *“Encontre”* indica o que não se espera, como também: *“Me encontreis”*. Não é questão de vontade, mas de necessidade da parte de vós. Por isso diz: *“Me encontreis tais como não quereis”*. Aqui não afirma: Quais não quero, mas de modo mais adaptado a atingi-los: *“Tais como não quereis”*. Doravante já era de sua vontade, não precedente, de fato, contudo agia voluntariamente. Na verdade, poderia dizer: Quais não quero, e assim revelar seu amor; mas não desejava tornar o ouvinte mais relaxado. Ao invés, incluiria o discurso mais severidade; agora, porém, fere com mais vigor e mostra-se mais manso. É próprio da sabedoria que possuía, de tal sorte que, ao cortar mais fundo, golpeia com maior brandura. Depois, como havia falado mais obscuramente, revela qual o sentido nestas palavras:

Tenho receio de que haja entre vós discórdia, inveja, animosidades, maledicências, falsas acusações, arrogância.

E coloca no fim o que deveria colocar no começo, porque eles se tornaram arrogantes contra ele. Mas para que não parecesse procurar principalmente seus interesses, antepõe o que era comum.

Tudo isso se originava da inveja, a saber, as calúnias, as acusações, os dissídios. De fato, a inveja, raiz perniciosa, gerava raiva, acusação, arrogância etc. e aumentava largamente.

21. *Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, novamente o meu Deus me humilhe em relação a vós*

Esta palavra: *“Novamente”* era peculiar a quem feria. Bastam as anteriores, diz ele, conforme dizia também no início: *“Foi para vos poupar que não voltei a Corinto”*. Vês como simultaneamente manifesta indignação e benevolência? O que significa: *“Humilhe”*? Efetivamente, sua glória consistia em exercer a função de juiz, sentado no tribunal, acusar, impor a pena, exigir prestação de contas; todavia ele a denomina humilhação. Estava tão longe de se envergonhar desta humilhação, embora fosse fraco uma vez presente corporalmente, e sua linguagem fosse desprezível (2Cor 10,10), que desejava ficar continuamente neste estado e suplicava que não acontecesse o contrário. Além disso, depois o declara abertamente e considera principalmente ser humilhação, ser forçado a infligir pena e

castigo. Por que não disse: Não aconteça que, por ocasião de minha vinda, seja humilhado, e sim: *“Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, novamente o meu Deus me humilhe em relação a vós”*? Porque, se não fosse por Deus, não me voltaria a coisa alguma, de nada me preocuparia. Nem me comporto com autoridade e arrogância ao impor as penas, mas atuo segundo ele próprio determinou. Mais acima, na verdade, o declarou: *“Me encontreis tal como não quereis”*. Aqui, porém, exprime-se mais humildemente, com mansidão e suavidade, nesses termos: *e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente,* não simplesmente: *“que pecaram”*, mas e não se terão convertido

Não disse: Todos, e sim: *“Muitos”*. Nem a estes assinala claramente, oferecendo-lhes fácil retorno à penitência. Manifesta que é possível através da penitência corrigir os erros, e lastima os que não eram de forma alguma inclinados à penitência, padecendo de mal incurável, e continuando feridos. Observa a virtude do Apóstolo que, apesar de não estar consciente de ter praticado mal algum, gemia por causa dos males alheios e sente-se humilhado por causa daqueles que cometeram crimes. É o principal dever do mestre deplorar as tribulações dos discípulos, e comover-se e chorar diante dos males dos subordinados. Em seguida, expõe de que espécie de pecado se trata: *da fornicação, da impureza que cometeram.*

Aqui também alude à fornicação. Um exame atento, contudo, revela que toda espécie de pecado pode ter este nome. Pois, se é principalmente o fornicador e o adúltero que se denominam imundos, no entanto, os demais pecados também causam imundície na alma. Por isso, Cristo chama os judeus de imundos, não só acusando-os de fornicação, mas dos demais gêneros de maldade. Por isso também diz que eles limpam apenas o exterior; e: “Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai” (Mt 23,25; 15,11). E em outra passagem: “Abominação para o Senhor: todo coração altivo” (Pr 16,5). E com razão. Assim como nada existe de mais puro do que a virtude, nada é mais torpe do que o pecado; aquela é mais esplêndida que o sol, este mais fétido que o lodo. Ora, isso podem comprovar com o próprio testemunho os que se revolvem na lama, e vivem nas trevas, se consentirem em ver ao menos um pouquinho. Enquanto eles se concentram em si mesmos e inebriam-se com esta paixão, indecorosamente e com suma torpeza de certo modo jazem nas trevas, embora percebam por vezes em que estado estão, mas não inteiramente; outras vezes encontram um homem virtuoso que os censura, ou mal aparece, reconhecem mais claramente a própria miséria, como diante de um relâmpago; procuram encobrir a própria ignomínia, e envergonham-se perante os que estão cientes, o livre diante do escravo, o rei diante do súdito. Assim Acab sentiu vergonha diante de Elias, antes que ele houvesse emitido alguma palavra, convicto apenas ao vê-lo. E enquanto o acusador se calava, proferia a sentença que o condenava, proferindo palavras de quem fora convencido: “Então me apanhaste, meu inimigo!” (1Rs 21,20). Tão grande era a liberdade e confiança com que Elias então se dirigia àquele tirano! Assim também Herodes, que não podia suportar a vergonha da repreensão (na verdade, grande e preclaro era o esplendor da palavra do profeta), lançou João no cárcere. Achava-se de certo modo desnudo, e tentava extinguir a lâmpada, para de novo encontrar-se em trevas. Ou antes, ele não ousou extingui-la, mas colocou-a em casa, debaixo do alqueire. Aquela infeliz e miserável, contudo, extorquiu dele a execução. Nem assim conseguiram encobrir a condenação do crime, mas tornaram a chama mais acesa. Pois os que perguntavam por que João estava preso, vinham ao conhecimento da verdadeira causa e os pósteros na terra ou no mar, contemporâneos ou futuros, mais claramente entenderam e haverão de entender esta malvada tragédia, isto é, tanto a impureza quanto o assassinato abominável perpetrado por eles; nem o tempo jamais apagará a lembrança destes fatos.

Tão preclara é a virtude, e imortal é a sua memória; desta forma, só com as palavras amedronta os adversários! Por que, então, o rei lançou-o no cárcere? Por que não o desprezou? Acaso João o

arrastaria ao tribunal? Talvez tenha exigido penas para o adultério? Suas palavras não eram só uma repreensão? Por que o rei temeu e tremeu? Não eram apenas palavras e um simples sermão? Mas essas palavras atingiam mais do que se fossem ações. Não o arrastavam a juízo, mas ao tribunal da consciência; constituíam juízes todos os que livremente davam seu sufrágio. Tremia o tirano por não tolerar o brilho da virtude. Vês como é forte a sabedoria? Fez o encarcerado mais ilustre do que o tirano, que temia e tremia. O rei, contudo, só o lançou no cárcere; foi aquela malvada que o impeliu a matá-lo, embora o mais incriminado tivesse sido o rei. João não foi ao encontro daquela malvada para lhe dizer: Por que moras com o tirano? Não que fosse inocente (seria possível?), mas queria deste modo corrigir tudo. Por isso repreendeu o rei, embora não severamente. De fato, não disse: Ó malvado, supermalvado, transgressor da lei e ímpio, pisoteaste a lei de Deus, desprezaste seus mandamentos, fizeste da violência a tua lei. Nada disto, mas na condenação do crime empregou muita discrição e brandura, dizendo: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão”, Filipe (Mc 6,18). São palavras mais de ensino do que de repreensão, de educação do que de castigo, de instrução antes do que de repúdio, de correção mais do que de insulto. Mas, conforme disse, a luz é inimiga do ladrão. Só o aspecto do justo é incômodo para os pecadores: “Basta vê-lo para nos importunar” (Sb 2,14). Não toleram seu brilho, à semelhança dos olhos doentes relativamente aos raios do sol. A muitos maus é pesado não só ver os justos, mas também ouvi-los. E por isso aquela malvada, supermalvada, intermediária da filha, ou antes assassina da filha, embora não o visse, nem ouvisse sua voz, teve a intenção de matá-lo e levou a efeito o assassinato que a despudorada alimentou. A tal ponto tinha medo dele! E o que disse? “Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista” (Mt 14,8). Para onde te precipitas miserável e infeliz? Talvez esteja presente João, o acusador? Acaso o vês e te aflige? Outros diziam: “Basta vê-lo para nos importunar” (Sb 2,24); a esta, segundo já disse, era pesado até ouvi-lo e por isso disse: “Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João”. Mas, por tua causa está no cárcere e é mantido em vínculos, e a ti é possível te jactares acerca do amor e exprimir-te da seguinte forma: Dominei o Rei! Não cedeu nem mesmo diante das censuras do povo, nem desistiu do amor, nem pôs um termo ao adultério; ao contrário, prendeu João, que o havia censurado por este motivo. Por que estás louca e irada, se mesmo depois da condenação do pecado, ainda conservas o esposo? Por que procuras a mesa das fúrias e te tornas conviva dos demônios carnífices? Vês que nada é mais mesquinho, pior e covarde do que o vício, que se torna mais fraco especialmente quando vence? De fato, ela não estava tão angustiada antes de encerrar João no cárcere quanto depois de estar preso se perturbava e insistia: “Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João”. E por que: “*aqui*”? Temo que o assassinato seja perpetrado no escuro e alguns o livrem do perigo. E por que não pedes o cadáver inteiro, mas a cabeça? Quero, diz, ver calada aquela língua que me importunou. Mas, ó infeliz e miserável, aconteceu justamente o contrário: depois de cortada, mais alto há de clamar. Então ressoava apenas na Judeia; agora, porém, atinge os confins da terra e em qualquer Igreja em que entrares, seja junto dos mouros, dos persas, até mesmo das ilhas Britânicas, ouves João a clamar: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão, Filipe”. Ela, de fato, totalmente insipiente e ignorante insiste, preme e impele o tirano insensato a perpetrar o homicídio, receosa de que altere a sentença. Mas nisso ainda se percebe a força da virtude. Não se tolera o justo, nem mesmo preso, carregado de cadeias e calado. Vês quanto é fraco e imundo o vício? Com efeito, em vez de iguarias traz a cabeça de um homem num prato. O que há de mais malvado, libidinoso, vergonhoso do que aquela moça? Que palavras emitiu no teatro do diabo e no convívio dos demônios? Vês a diferença entre uma língua e outra, uma portadora de remédios salutares, outra repleta de veneno a preparar banquetes diabólicos? Por que não mandou decapitá-lo dentro do próprio banquete, onde era maior o prazer? Tinha medo de que, se ele se aproximasse e aparecesse, pelo próprio aspecto e a linguagem destemida convertesse a

todos. Por isso pede a cabeça, desejando erigir o ilustre troféu da luxúria; e deu-o a sua mãe.

Vês o prêmio da dança? Vês os despojos das insídias diabólicas? Não digo acerca da cabeça de João, mas do próprio cônjuge. Com efeito, de um exame atento resulta que o troféu é erguido contra o rei; a vencedora foi vencida, e o decapitado foi coroado e proclamado vencedor, de sorte que, mesmo após a morte, abalou vigorosamente o ânimo dos criminosos. E para saberes que essas palavras não são boatos, interroga o próprio Herodes. De fato, ele, depois de ouvir a narração dos milagres de Cristo, dizia: “Certamente se trata de João Batista; ele foi ressuscitado dos mortos e é por isso que os poderes operam através dele!” (Mt 14,2). Tinha vigente o medo e angústia contínua; ninguém o livrava do terror da consciência, que, juiz implacável, seguidamente o sufocava, e reclamava cada dia o castigo do homicídio. Cientes disso, não tenhamos medo do sofrimento, e sim do pecado. O primeiro caso é vitória, o segundo, derrota. Por esta razão dizia Paulo: “Por que não preferis, antes, padecer, uma injustiça? Entretanto, sois vós que cometeis injustiça e defraudais – e isto contra vossos irmãos!” (1Cor 6,7-8). Ao suportar os males, adquirem-se coroas, prêmios e louvores. Evidenciam-no os santos. Uma vez que foram coroados e proclamados vencedores, ingressemos pelo mesmo caminho e supliquemos não cairmos em tentação; se esta advier, porém, sejamos bem fortes com a devida prontidão de ânimo e alcançaremos os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA NONA HOMILIA

13,1. *Eis a terceira vez que vou ter convosco. Toda questão será decidida sobre a palavra de duas ou três testemunhas.*

À semelhança de outras passagens e por muitos meios, aqui principalmente é possível verificar a sabedoria de Paulo e seu afeto paterno, a saber, é forte ao dar ordens, lento e contemporizador em aplicar castigo. Não impõe penas imediatamente aos pecadores, mas avisa uma, duas vezes; e nem assim ameaça os contumazes, mas novamente admoesta, dizendo: *“Eis a terceira vez que vou ter convosco”*, e, antes de ir, mais uma vez escrevo. Em seguida, para que a demora não os faça negligentes, vê de que forma os corrige, assiduamente ameaçando e tentando atingi-los, nesses termos: *“Se voltar, não usarei de meias medidas”*, e: *“Quando voltar, eu tenha de prantear a muitos”*. De fato, assim faz e fala, imitando também nisto o Senhor do universo. Com efeito, Deus às vezes ameaça e não raro avisa, mas não pune e inflige castigo frequentemente. Por conseguinte, Paulo também o faz e dizia anteriormente: *“Foi para vos poupar que não voltei a Corinto”*. O que significa: *“Para vos poupar”*? Isto é, para não acontecer que vos encontre culpados, sem emenda, e vos inflija penas e castigo. E nesta passagem: *“Eis a terceira vez que vou ter convosco. Toda questão será decidida sobre a palavra de duas ou três testemunhas”*. Adapta o que não está escrito ao que escreve. Faz o mesmo noutro lugar, ao dizer: “Não sabeis que aquele que se une a uma prostituta constitui com ele um só corpo? Pois está dito: Serão dois em uma só carne?” (1Cor 6,16). E, na verdade, nesta passagem se trata do legítimo matrimônio; mas aplicou convenientemente a palavra, para incutir maior temor. O mesmo faz aqui, isto é, em vez de atestar sua visita, dá avisos. É o seguinte o sentido do que declara: Afirmei uma, duas vezes quando estive convosco, e agora novamente asseguro por carta. Se me ouvirdes, acontece o que desejava; do contrário, se desprezardes as minhas palavras, em seguida serei obrigado a fazer o que disse e a aplicar o castigo. Por isso declara:

2. *Já o disse e, como por ocasião da minha segunda visita, torno a dizer hoje, estando ausente, àqueles que pecaram anteriormente, e a todos os outros: Se voltar, não usarei de meias medidas,*

Pois, se *“toda questão será decidida sobre a palavra de duas ou três testemunhas”*, estive duas vezes e disse, e agora ainda o asseguro por carta; já é necessário, portanto, que minhas palavras tenham efeito. Não há motivo de julgardes que minhas cartas têm menor força do que a presença, pois agora ausente escrevo o que dizia quando estava presente. Vês a solicitude paterna? Vês o mestre tomar adequadas providências? Não se cala, nem castiga, mas muitas vezes previamente enuncia, permanece firme na determinação e difere o castigo. Se continuarem obstinados, por fim ameaça aplicar a pena. O que predisseste quando presente, e escreves agora estando ausente? *“Se voltar, não usarei de meias medidas”*. Após demonstrar mais acima que só obrigado poderia fazê-lo, denominou pesar e humilhação este feito: *“Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha de prantear a muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido”*; e desculpando-se, afirma ter predito uma, duas, três vezes que fará o possível e esforçar-se-á por afastar o castigo e melhorá-los por medo das palavras; então faz a ameaça grave e temível: *“Se voltar, não usarei de meias medidas”*. Não disse: Punirei e vingar-me-ei, imporei penas, mas ainda com palavras paternas menciona o castigo, manifestando o coração e o ânimo compadecido, porque por indulgência sempre adia a punição. Após, contudo, para que não julgassem que só ameaçava em palavras e com delongas, tendo dito: *“Toda questão será decidida sobre a palavra de duas ou três testemunhas”*, e: *“Se voltar, não usarei de meias medidas”*. É o seguinte que ele quer dizer: Já não hesitarei, se, o que Deus não permita, vos encontrar sem emenda, mas sem dúvida infligirei penas e farei o que disse. Logo com grande comoção e indignação ataca-os, porque zombavam de sua pretendida fraqueza e murmuravam a respeito de sua presença: *“Uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível”* (2Cor 10,10), e contra eles acentua:

3. *pois procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim?*

Com estas palavras simultaneamente os fere e reprime. Tem o seguinte sentido o que diz: Se quereis experimentar se Cristo habita em mim, exigis prestação de contas, e zombais de mim, propagando que sou vil e desprezível, sem vigor, ficai sabendo que de forma alguma falharei se me oferecerdes oportunidade, o que não desejo. O que dizes? – pergunto. Castigas porque procuram provas? Absolutamente, não, responde, pois se as procurassem, logo que pecassem, tê-los-ia advertido, sem demora alguma. Indicou claramente depois que não o queria, nesses termos:

7. *Pedimos a Deus, não cometais mal algum. Nosso desejo não é parecer aprovados, mas que pratiqueis o bem, ainda que devamos passar por não aprovados.*

Não coloca assim o problema motivando-o, mas antes irritado ataca-os porque eles o menosprezaram. Com efeito, diz, não quero vos dar tal oportunidade de experimentar; se vós mesmos apresentardes a causa, e quiserdes me irritar, entendereis pelos fatos. E vê que palavras exasperadas! Pois não disse: Pedis comprovação de minha parte, e sim: *“De que é Cristo que fala em mim”*. Estas palavras demonstram que eles cometeram pecado contra Cristo. E não diz simplesmente: Que habita em mim, mas: *“Que fala”*, mostrando que as palavras são espirituais. O Apóstolo não manifesta força, nem castiga, e passa a discursar sobre Cristo, fazendo mais terríveis as ameaças. Não é por fraqueza que não age, porque tem poder, mas por mansidão. Por isso ninguém atribua a tolerância à fraqueza. Por que te admiras se por tolerância Cristo não castiga logo os pecadores nem reclama penas para eles, se também se submeteu a ser crucificado e sofrendo tal suplício, não aplicou o castigo? Por isso o Apóstolo acrescentou: *ele que não é fraco em relação a vós, mostra, porém, o seu poder em vós.*

4. *Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus.*

Estas palavras são muito obscuras e causam perturbação nos mais fracos. Por isso é preciso explicá-las mais claramente e expor o significado dos sinais obscuros, de sorte que nem mesmo os

mais simples se escandalizem.

Por conseguinte, é importante saber o que ele disse, o que designa sob o vocábulo de *"fraqueza"*, e qual o sentido neste trecho. Efetivamente, a palavra é uma só, mas assinala várias realidades. De fato, a doença corporal denomina-se fraqueza e por isso foi dito no evangelho a respeito de Lázaro: "Aquele que amas está enfermo", e Cristo dizia: "Esta enfermidade não é mortal" (Jo 11,3-4). E Paulo, ao falar de Epafrodito: "De fato esteve enfermo, às portas da morte, mas Deus se apiedou dele" (Fl 2,27); e sobre Timóteo: "Toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas frequentes fraquezas" (1Tm 5,23).

Em todas estas passagens, fraqueza significa doença corporal. Mais uma vez atribui-se fraqueza a alguém que não está firme na fé, nem perfeitamente consumado. Paulo o assinala, dizendo: "Acolhei o fraco na fé sem querer discutir suas opiniões". E ainda: "Um acha que pode comer de tudo, ao passo que o fraco só come verdura" (Rm 14,1-2). Refere-se ao fraco na fé. Eis dois significados de fraqueza. Existe um terceiro sentido da palavra. Qual? O de perseguições, insídias, ofensas, tentações, ataques. Paulo também o manifestava nesses termos: *"A esse respeito três vezes pedi ao Senhor. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder"* (2Cor 12,8-9). O que quer dizer: *"Na fraqueza"*? Nas perseguições, nos perigos, nas tentações, nas insídias, na morte iminente. Ele o apontava ao dizer: *"Por isso, eu me comprazo nas fraquezas"* (ib. 10). E após, expondo de que fraqueza falava, não disse febre ou certa dúvida acerca da fé, mas o quê? *"Nos opróbrios, nas perseguições, nas necessidades, nas angústias, nos golpes, nos cárceres. Para que habite em mim a força de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte."* Isto é, quando sou afligido, estou agitado, cercado de insídias, então sou forte, então venço melhor e supero os que me armam ciladas, porque a graça é mais copiosa em mim. De acordo com este terceiro gênero de significado, Paulo empregou o vocábulo. Mais uma vez disputa contra o que já foi mencionado, isto é, que ele lhes parecia vil e desprezível. Não queria jactar-se do que era realmente, nem ostentar a autoridade que tinha para punir e aplicar castigo; e por isso também era tido por desprezível. Uma vez que, seguindo essa opinião, eles viviam com grande indolência e insensibilidade, e não se arrependiam dos pecados, ele aproveita a ocasião oportuna e disserta com maior veemência, demonstrando que não era a fraqueza que estava em causa para que nada fizesse, mas a mansidão. E em seguida, conforme já disse, desvia o discurso de si para Cristo, aumenta o medo e amplia as ameaças. Diz o seguinte: Pois, se fizer alguma coisa, e castigar e punir os que pecaram, sou eu quem pune e castiga? Ao invés, é o próprio Cristo que em mim habita. Se não acreditais, mas quereis experimentar, logo o verificareis, por obra daquele que em mim habita, que em vós não é fraco, mas poderoso. Por que, contudo, acrescenta: *"Em vós"*, se ele sempre é poderoso? Pois se quiser infligir castigo aos incrédulos, ou aos demônios, ou a quem quer que seja, tem poder. O que significa este suplemento? A expressão incute-lhes vergonha, por causa do que já experimentaram. Ou então: Neste ínterim mostra seu poder em vós, precisados de emenda. O mesmo dizia noutra parte: "Acaso compete-me julgar os que estão de fora?" (1Cor 5,12).

Com efeito, aos de fora, diz ele, ele aplicará penas no dia do juízo; a vós, porém, mesmo agora, a fim de vos isentar do suplício. Todavia, considera com que temor e indignação emprega esta solicitude e cuidado oriundos do amor, dizendo: *"Ele que não é fraco em relação a vós, mostra, porém, o seu poder em vós. Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus"*. O que significa: *"Se foi crucificado em fraqueza"*? Embora tenha querido, diz ele, submeter-se ao que aparenta fraqueza, certamente em nada diminui seu poder. Aquele poder, na verdade, permanece inexpugnável, e o que parece fraqueza, em nada o prejudica, ou antes, demonstra principalmente sua força, porque se submeteu tanto, sem que sua força tenha diminuído. Não te perturbe, portanto, a

palavra fraqueza, pois em outra passagem também diz: “Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 1,25), embora Deus nada tenha de louco, nada de fraco; mas assim denominou a cruz, expondo a opinião dos incrédulos. Escuta o Apóstolo a interpretar: “Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus” (ib. 18), e ainda: “Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que, para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (ib. 23-24); e ainda: “O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus. É loucura para ele” (1Cor 2,14). Vê o modo como sempre interpreta a suspeita dos incrédulos, que julgavam a cruz loucura e fraqueza. Assim também neste trecho, não menciona a fraqueza verdadeira, e sim aquela que os incrédulos imaginavam. Não afirma que, sendo fraco, Cristo foi crucificado. De forma alguma. Comprovou inteiramente que poderia não ser crucificado. Ora jogava os adversários ao chão, ora extinguia os raios do sol, secava a figueira, cegava os que dele se aproximavam e realizava inúmeros outros milagres. O que significa, portanto: *“Em fraqueza”*? Que apesar de ter sido crucificado, sujeito a perigos e insídias (mostramos, na verdade, que perigo e insídias se chamam fraqueza), no entanto, em nada foi lesado. Assim se exprimia para servir de exemplo. Como os coríntios viam os apóstolos perseguidos, expulsos, desprezados, sem repelirem nem se vingarem, a fim de ensinar-lhes que não era por fraqueza que passavam por tais padecimentos, nem porque não conseguiam repeli-los, passa a dissertar sobre o caso do Senhor. Se ele, de fato, foi crucificado, preso com vínculos, suportou inúmeros sofrimentos, e não repeliu os atacantes, mas ficou firme, submetendo-se ao que parecia fraqueza e desta maneira demonstrou força, porque nem os repeliu nem se vingou, mas em nada absolutamente foi lesado. A cruz não lhe cortou o fio da vida, nem impediu a ressurreição, mas ele ressuscitou e vive. Ao ouvires falar de cruz e vida, do plano de salvação, aceita a palavra; o sermão inteiro trata deste assunto. Se ele diz: *“Pelo poder de Deus”* [como se ele não pudesse vivificar a carne, mas fala sem diferença do Pai e do Filho], entende que fala do poder do próprio Cristo. Escuta o que ele diz para perceber que ele próprio a ressuscitou e sobre ela tem domínio: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19). Se, contudo, afirma que o que é seu é do Pai, não te perturbes. Diz ele: “Tudo o que o Pai tem é meu”, e ainda: “E tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu” (Jo 16,15; 17,10). Como, portanto, aquele que foi crucificado, em nada foi lesado, nem nós, ao sermos perseguidos e combatidos; por isso acrescenta:

Também nós somos fracos nele, todavia com ele viveremos pelo poder de Deus

Qual o sentido da locução: *“Somos fracos nele”*? Sofremos perseguição, somos expulsos, passamos por extremos padecimentos. Mas, o que significa: *“Nele”*? Por meio da pregação, da fé nele. Se somos sujeitos por causa dele a acontecimentos tristes e molestos, é claro que também temos eventos felizes; por isso acrescenta: *todavia somos salvos nele pelo poder de Deus.*

5. *Examinai-vos a vós mesmos, e vede se estais na fé; provai-vos. Ou não reconheceis que Cristo está em vós? A menos que não sejais aprovados no exame.*

6. *Espero reconheçais que somos aprovados.*

Uma vez que manifestara por palavras que embora não os atacasse, não se comportava desta forma por não ter Cristo em si, mas para imitar a mansidão daquele que, crucificado, não se vingava, de outra maneira ele faz o mesmo. Ora, tira da parte dos discípulos maior comprovante. Por que, pergunta, falo de mim enquanto mestre, tão preocupado, encarregado de todo o orbe, e que operei tantos e tão grandes milagres? Pois se vós, que sois do número dos discípulos, quiserdes vos examinar, vereis que Cristo também em vós habita; e se em vós, muito mais no mestre. Pois se tendes fé, Cristo

também habita em vós. Foi dito acerca dos fiéis que faziam milagres e na verdade outrora os realizavam; por isso acrescentou: *"Examinai-vos a vós mesmos, e vede se estais na fé; provai-vos. Ou não reconheceis que Cristo está em vós? A menos que não sejais aprovados no exame"*. Se habita em vós, muito mais no mestre. A meu ver, estas palavras se referem à fé, que se manifesta em milagres. Se sois dotados desta fé, Cristo habita em vós, *"a menos que não sejais aprovados"*.

Vês que mais uma vez os atemoriza, e demonstra que Cristo está especialmente em si? Aqui, a meu ver, sugere também a vida. De fato, a fé não basta para atrair a atuante força espiritual. Se estais no âmbito da fé, Cristo está em vós. Acontecia que muitos que tinham a fé, não possuíam tal força, e por isso resolve a dúvida, dizendo: *"A menos que não sejais aprovados"*, isto é, a não ser que tenhais uma vida corrupta. *"Espero reconheçais que somos aprovados."* Seria consentâneo dizer: *"A menos que não sejais aprovados"*. Nós, contudo, somos. Mas não o declara para não ferir, e só de modo obscuro o insinua, sem dizer: Sois uns réprobos, nem o propõe de outra forma por uma interrogação: Será *"que não sejais aprovados?"*, mas omite e sugere de modo enigmático, acrescentando: *"Espero reconheçais que somos aprovados"*. Nova ameaça, grande terror! Se quereis, por causa do castigo, daí obter provas de que somos aprovados, não nos faltam comprovações para vos apresentar. De resto, não o diz, mas fala com maior severidade e ameaças: *"Espero reconheçais que somos aprovados"*. Resolvido isso, devíeis considerar clara a nossa situação e que temos em nós Cristo a falar e operar; mas como quereis provas através das obras, descobrireis que não somos réprobos. Em seguida, depois de acentuar as ameaças, e colocar, por assim dizer, o castigo às portas, e atemorizá-los em extremo, leva-os a aguardar o suplício. Vê como no discurso espalha certa suavidade, mitiga o medo, mostra que está longe de qualquer ambição, e que é grande a solicitude pelos discípulos, que possui espírito sábio, excelso, isento de vanglória. Demonstra-o pelos termos subsequentes:

7. *Pedimos a Deus, não cometais mal algum. Nosso desejo não é aparecer como aprovados, mas que pratiqueis o bem, ainda que devamos passar por não aprovados.*

8. *Nada podemos contra a verdade, mas só temos poder em favor da verdade.*

9. *Alegramo-nos todas as vezes que somos fracos, e vós fortes. E o que pedimos em nossas orações é o vosso aperfeiçoamento.*

O que há de comparável a este espírito? É desprezado, cuspido, ridicularizado, escarnecido, como se fosse vil, desprezível, arrogante, com ostentação, e diante da realidade sem vigor algum; entretanto não somente difere e evita, mas ainda faz votos de que não incidam em falta: *"Pedimos a Deus, não cometais mal algum. Nosso desejo não é aparecer como aprovados, mas que pratiqueis o bem, ainda que devamos passar por não aprovados"*. O que está dizendo? Peço a Deus, diz ele, insisto, que não encontre alguém merecedor de emenda, não encontre impenitente; ou antes, não só, mas que de modo algum pequeis: *"Não cometais mal algum"*. Se acontecer que tenhais cometido pecado, arrependei-vos, antecipai-vos em emendar-vos e rejeitai qualquer espécie de ira. Não nos esforçamos por ser aprovados, mas, ao contrário, para não parecermos aprovados. Com efeito, se perseverais nos pecados, sem vos arrependerdes, teremos de aplicar penas, castigar-vos e mutilar-vos corporalmente, conforme aconteceu a Safira e ao mago, e apresentar provas de nosso poder. Não o desejamos absolutamente; antes, não nos mostremos aprovados, isto é, não demos um exemplo do poder que temos, a saber, de vos castigar, de punir os pecadores e os doentes incuráveis. Mas, o que queremos? *"Nosso desejo é que pratiqueis o bem"*, isto é, que sempre tenhais virtude e integridade, e nós sejamos como se não fôssemos aprovados, sem exibir o poder de castigar. Não disse: Réprobos, pois não seriam réprobos mesmo se não aplicasse a pena, ou antes por isso mesmo probo. Mas, embora alguns nos considerem suspeitos e nos julguem abjetos e desprezíveis porque não exibimos nosso poder, não dou importância.

É melhor para nós sermos assim julgados por eles do que mostrar o poder que nos foi concedido da parte de Deus em castigos, e correção dos rebeldes. *"Nada podemos contra a verdade, mas só temos poder em favor da verdade."* Visando evitar (segundo é próprio de quem está isento de vanglória) a aparência de agir desta forma para prestar-lhes favor, e porque a própria natureza da questão o exigia, acrescentou estas palavras: *"Nada podemos contra a verdade"*. Se vos encontrarmos virtuosos, apagando os pecados pela penitência, com confiança em Deus, já não nos será lícito, mesmo se o quisermos, aplicar-vos o castigo, e se o tentarmos, não teremos o auxílio de Deus. Ele nos concedeu poder para proferir sentença verdadeira e justa, que não repugne à verdade. Vês como sempre faz o discurso agradável, e suaviza a aspereza das ameaças? Mas, como se empenhou nisto, assim também quer revelar que lhes dedicava muita amizade; por isso acrescenta: *"Alegramo-nos todas as vezes que somos fracos, e vós fortes. E o que pedimos em nossas orações é o vosso aperfeiçoamento"*. Principalmente, afirma, nada podemos contra a verdade, isto é, castigar-vos quando sois do agrado de Deus. Além de não podermos, não o queremos, e desejamos o oposto. Ou antes, especialmente nos alegramos se não encontramos ocasião alguma de demonstrar nosso poder de castigar. Embora por esta ação pareceremos ilustres, aprovados e fortes, contudo queremos o oposto, isto é, que sejais aprovados, isentos de qualquer repreensão, e que nós jamais alcancemos glória com isso. Assegura, portanto: *"Alegramo-nos todas as vezes que somos fracos"*. O que quer dizer: *todas as vezes que somos fracos"*? Quando somos considerados fracos, não quando somos fracos, mas quando somos tidos por fracos. Com efeito, assim era julgado pelos inimigos, porque não exercia seu poder vindicativo. No entanto alegramo-nos, afirma, quando viveis de tal maneira que não nos ofereçais ocasião de vos punir; é um prazer sermos julgados fracos, contanto que não mereçais repreensão alguma. Por isso acrescentou: *"E vós fortes"*, isto é, aprovados, virtuosos. Mas não só o queremos, mas suplicamos que fiqueis isentos de repreensão e perfeitos, sem nos oferecer pretexto algum de censura.

É próprio do afeto paterno antepor a salvação dos discípulos à própria glória. É peculiar ao espírito isento de vanglória. Principalmente isenta a alma dos vínculos corporais e a eleva da terra ao céu, livre de vanglória; do contrário, cairia em muitos pecados. Nem é possível que alguém se torne excelso, grande e valoroso se não for imune da vanglória. De fato, forçosamente arrasta-se pelo chão e arruína muitas coisas, estando a serviço de sua senhora, malvada e mais cruel do que qualquer bárbaro. Na verdade, é possível ser mais cruel do que aquela que tanto mais se encarniça quanto mais é respeitada? Ora nem as feras assim procedem, mas se amansam diante de determinados obséquios. A vanglória faz o oposto. Desprezada, amansa; honrada se exaspera e contra aquele que a honra toma armas. Os judeus, honrando-a, foram torturados com intensas penas; desprezando-a, os discípulos obtiveram a coroa. Por que aludo a pena e coroas? Pois principalmente é o fato de desprezar a glória que nos leva a nos tornarmos ilustres. E verás também aqueles que a respeitam, sofrerem detrimento e, ao invés, aqueles que a desprezam alcançarem vantagens. De fato, os discípulos que a tiveram por insignificante (nada impede que novamente empreguemos o mesmo exemplo), mais cultuaram a Deus, superam o sol em esplendor, e conseguiram, mesmo depois da morte, fama imortal. Os judeus, porém, que a ela se sujeitaram, perderam a cidadania, o lar, tornaram-se infames, exilados, expulsos de suas sedes, vis e desprezados.

Por esta razão, tu também, se queres conquistar glória, repele a glória. Se a persegues, tu a perdes. E, se te apraz, exerçamos a palavra sobre questões seculares. Quais são os que vemos escarnecidos? Não são talvez os que a buscam? Por conseguinte, são especialmente os que dela carecem que têm inúmeros acusadores e são desprezados por todos. E quais, pergunto, os que admiramos? Não são aqueles que a desprezam? São estes, portanto, os gloriosos. Como não é rico quem precisa de muitos

bens, mas quem de nada necessita, assim não é ilustre quem se enche da cupidez da glória, mas quem a despreza. A própria glória é apenas uma sombra. Ninguém, ao contemplar um pão em pintura, mesmo se morre de fome, toca na pintura. Tu igualmente não persigas sombras; é uma sombra da glória, não é glória. Ora, para entenderes que assim é, reflete sobre o seguinte: essa atitude é condenada pelos homens, todos a querem evitar, mesmo aqueles que desejam a glória, e se envergonha de ser assim classificado quem a tem ou procura ter. De onde, portanto, procede essa ambição? – perguntas. De onde esse sentimento? De fraqueza da alma (não se deve só acusá-la, mas também corrigi-la); de uma mente imperfeita, de uma opinião pueril. Por isso, deponhamos a puerícia e sejamos viris e sempre sigamos a realidade e não as sombras nas riquezas, nos prazeres, nas delícias, na glória, no poder. Assim sucederá que curemos esta doença e muitas outras. Seguir as sombras é peculiar ao louco. Por isso Paulo dizia: "Tornai-vos sóbrios, como é necessário, e não pequeis!" (1Cor 15,34).

Existe outra espécie de loucura pior do que a acima mencionada, proveniente dos demônios ou do frenesi. A primeira loucura tem desculpa; a segunda carece de defesa, porque a própria alma está corrompida e perdido foi o reto juízo. Quanto ao frenesi, é uma afecção corpórea; a outra, porém, promana da mente. Como da febre pior e incurável é a que atinge as partes sólidas do corpo, e interiormente grassa nos nervos e percorre as veias, assim também tal loucura propaga-se interiormente na própria mente, e a perverte e arruína. Como não seria evidente, loucura certa e doença pior que toda loucura desprezar os bens que perpetuamente permanecem, e aderir com suma diligência aos bens transitórios e perecíveis? Dize-me, por favor. Se alguém perseguir o vento ou tentar captá-lo, não diremos que está louco? Se alguém, descuidando o que é real, agarrasse a sombra, se odiasse a sua mulher e abraçasse a sombra, ou se tivesse aversão ao filho e amasse a sombra, procurarias comprovante mais claro de loucura? Tais são os que ambicionam intensamente os bens presentes. Todos, na verdade, são sombra, a saber, a glória, o poder, a boa fama, as riquezas, os prazeres, ou qualquer outra coisa dessa vida. Por isso dizia o profeta: "Apenas uma sombra o homem que caminha", ele se perturba em vão; e ainda: "Pois meus dias se consomem em fumaça" (Sl 39,7; 102,4). E em outra passagem denomina as coisas humanas fumaça e flor do campo. E não apenas os acontecimentos alegres são sombra, mas também os tristes, quer seja a morte, a pobreza, a doença etc. Quais, portanto, são permanentes, tanto dentre os alegres quanto dentre os tristes? O reino eterno, e a geena perpétua. Pois nem o verme morre, nem o fogo se extingue. E ressuscitarão uns para a vida eterna, outros para o castigo sempiterno. Assim sendo, escapemos deste, gozemos daquela, e, abandonando as sombras, abracemos com séria e suma diligência as realidades verdadeiras. Desta maneira conseguiremos o reino dos céus. Possamos todos alcançá-lo pela graça e amor aos homens etc.

TRIGÉSIMA HOMILIA

10. *Eu vos escrevo estas coisas, estando ausente, para que, quando aí chegar, não tenha de recorrer à severidade, conforme o poder que o Senhor me deu para construir, e não para destruir.*

O Apóstolo percebera que empregara uma palavra dura, principalmente no fim da carta. De fato, anteriormente dizia: "*Eu mesmo, Paulo, vos exorto pela mansidão e a bondade de Cristo – eu tão humilde quando estou entre vós face a face, mas tão ousado quando estou longe. Rogo-vos, não me obrigueis, quando estiver presente, a mostrar-me ousado, recorrendo à audácia com que tenciono agir contra aqueles que nos julgam como se nos comportássemos segundo critérios carnais*" (2Cor 10,1-2); e: "*E estamos prontos a punir toda desobediência desde que a vossa obediência seja perfeita*" (2Cor 10,6); e mais uma vez: "*Com efeito, receio que, quando aí chegar, não vos encontre tais como quero*

encontrar e que, por conseguinte, me encontreis tal como não quereis” e: *“Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha de prantear a muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da fornicação e da impureza que cometeram”* (2Cor 12,20-21); e depois: *“Já o disse e, como por ocasião da minha segunda visita, escrevo hoje, estando ausente: Se voltar, não usarei de meias medidas, pois procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim”* (2Cor 13,2-3). Visto que tais palavras e até mais dissera, a incutir medo e pudor, repreender, atacar, a fim de se desculpar de tudo, disse: *“Eu vos escrevo estas coisas, estando ausente, para que, quando aí chegar, não tenha de recorrer à severidade”* (2Cor 13,10). Desejo, pois, que minha severidade conste somente em cartas e não em atos; desejo que as cartas sejam duras para que as ameaças perdurem e não cheguem a concretizar-se. Com tal desculpa, mete mais medo, mostrando que não era ele, mas seria Deus quem aplicaria a pena: *“Conforme o poder que o Senhor me deu”* e novamente indica que de forma alguma deseja empregar sua autoridade para castigá-los, pois acrescenta: *“para construir, e não para destruir”*. E isso, conforme já disse, insinua agora, mas deixa que reflitam, se aderirem obstinados ao pecado, que serve para edificação castigar os que assim permanecerem. Com efeito, a realidade era esta, e ele o sabia e demonstrou-lhes em obras.

CONCLUSÃO

Recomendações. Saudações. Augúrio final

11. *De resto, irmãos, alegrai-vos, procurai a perfeição, encorajai-vos. Permanecei em concórdia, vivei em paz, e o Deus de amor e de paz estará convosco.*

Qual o sentido da frase: *“De resto, irmãos, alegrai-vos”*? Vós nos entristecestes, amedrontastes, lançastes na ansiedade, causastes tremor; e como nos ordenas, perguntam eles, que nos alegremos? Por isso mesmo ordeno-vos que vos alegreis. Pois, se o que vos compete corresponder ao que me cabe, nada haverá que traga impedimento a vossa alegria. Pois dei o que se podia esperar de mim: Tive paciência, hesitei, não me excedi, exortei, aconselhei, atemorizei, ameacei, a fim de colher algum fruto de penitência de vossa parte. Já importa que se realize o que vos compete e assim vossa alegria será imarcescível. *“Procurai a perfeição”*. O que significa: *“Procurai a perfeição”*? Tornai-vos perfeitos, cumpri o que falta. *“Encorajai-vos”*. Visto que as tentações eram muitas e os perigos imensos, diz ele: *“Encorajai-vos”*, tanto por parte de outros quanto de nós, e ainda devido à própria conversão. Pois se a alegria brota da consciência, e fordes perfeitos, nada vos faltará em tranquilidade e alívio. Nada contribui tanto para consolar quanto a consciência limpa, mesmo se grassarem inúmeras tentações. *“Permanecei em concórdia, vivei em paz”*. Foi também o que pediu no começo da primeira carta. Com efeito, pode suceder que alguns, apesar da concórdia, não tenham paz entre si. Por exemplo, tenham consenso relativamente à doutrina da fé, mas discordem nos mútuos negócios. Ora, Paulo exige ambas as coisas. *“E o Deus de amor e de paz estará convosco”*. Não só exorta e aconselha, mas ainda implora. Na verdade, deseja e pede isto ou prediz o futuro; ou melhor, faz simultaneamente as duas coisas. Se, pois, assim agirdes, declara, isto é, se permanecerdes na concórdia e viverdes em paz, Deus também estará convosco. Efetivamente, Deus é de amor e de paz e nisto se alegra e se compraz. Daí igualmente haverá paz para vós, proveniente da caridade dele e todos os males serão eliminados. Ela trouxe a salvação ao orbe, desfez a guerra diuturna, uniu terra e céu, transformou os homens em anjos. Por conseguinte, amemos a caridade também nós; ela é mãe de infinitos bens. Por meio dela recebemos a salvação, adquirimos todos os bens secretos. Em seguida, estimulando-os, disse:

12. *Saudai-vos mutuamente com o ósculo santo.*

O que quer dizer: *“Santo”*? Não fingido, não doloso, como o beijo de Judas a Cristo. O ósculo foi dado para fomentar a caridade, inflamar o afeto, o amor mútuo, como os irmãos reciprocamente se amam, e os filhos amam os pais e o pai por sua vez aos filhos. Ou melhor, muito mais, porque este amor origina-se da natureza, aquele é oriundo da graça. Desta forma, as almas se unem entre si. Por isso também, ao voltarmos de uma viagem, nos osculamos uns aos outros, e as almas aderem à mútua união. É este membro principalmente que nos anuncia a afeição.

A respeito deste ósculo santo é possível aduzir ainda algo. O quê, enfim? Somos templo de Cristo (cf. 2Cor 6,16); portanto, osculamos os vestíbulos e o adro do templo ao oscularmo-nos mutuamente. Não vedes quantos homens beijam até os vestíbulos deste templo, uns inclinam a cabeça, outros apoiam as mãos no chão e levam-nas à boca? Por esses pórticos e portas Cristo entrou e acerca-se de nós, todas as vezes que comungamos. Sabeis o que digo, vós que sois partícipes dos mistérios. Não é uma honra banal para nossa boca receber o corpo do Senhor. É por isso principalmente que beijamos. Ouçam os que falam palavras obscenas, que proferem ultrajes e sintam horror, pensando a que boca desonram; ouçam os que beijam de modo obsceno; ouve quais os oráculos que Deus proferiu por tua boca, e conserva-a pura de toda mácula. Falou sobre a vida futura, a ressurreição, a imortalidade, que a morte não é absolutamente morte, e inúmeros outros segredos. De fato, quem vai ser iniciado, aproxima-se da boca do sacerdote como de um oráculo. Ouçamos com qual tremor! Com efeito, perdera a sua vida desde o tempo dos progenitores e veio para buscá-la, e deves interrogar de que modo é possível encontrá-la e recuperá-la. Então o próprio Deus, como por um oráculo, indica de que modo encontrá-la; e esta boca se torna mais augusta e terrível do que o próprio propiciatório. Com efeito, o propiciatório antigo não emitia tal palavra, mas tratava de questões de menor importância, a respeito de guerras e da paz terrena; este trata do céu e da vida futura, de coisas novas que excedem a compreensão.

O Apóstolo, depois de dizer: *“Saudai-vos mutuamente com o ósculo santo”*, acrescentou:

Saúdam-vos todos os santos.

Com isto transmite-lhes uma alegre esperança. Escreveu assim em vez do ósculo, unindo-os a todos entre si pela palavra de saudação; de fato, da mesma boca donde mana o ósculo fluem também as palavras. Vês que reúne a todos quais vizinhos, até os distantes entre si corporalmente, a uns pelo ósculo, a outros pela carta?

13. *A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós. Amém.*

Após congregá-los ora pela saudação, ora pelos ósculos, mais uma vez conclui o discurso com a oração, ainda unindo-os com muita diligência a Deus.

Onde estão os que disputam que o Espírito Santo, uma vez que não foi colocado no início das cartas, não é da mesma essência? Eis que agora menciona-o com o Pai e o Filho. Além disso, pode-se alegar também que na Carta aos Colossenses, tendo dito: “A vós graça e paz da parte de Deus, nosso Pai” (Cl 1,2), omite o Filho, sem acrescentar, segundo faz em todas as cartas: E o Senhor Jesus Cristo. Acaso, nem mesmo o Filho é da mesma essência? Mas seria extrema demência afirmá-lo. E o próprio fato de Paulo empregar vários modos demonstra melhor que o Filho é da mesma essência. Mas, para assegurar que não é conjectura o que eu disse, escuta como menciona o Filho e o Espírito, silenciando o nome do Pai. Escrevendo aos coríntios, emprega esses termos: “Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus” (1Cor 6,11). O que dizes? Acaso estes não foram batizados em nome do Pai? Por conseguinte, não foram lavados, nem santificados. Ora, foram verdadeiramente batizados. Por que, então não disse:

Fostes lavados em nome do Pai? Porque ele podia indiferentemente mencionar ora uma, ora outra pessoa; e encontrarás que em vários lugares das cartas costumava fazê-lo. Com efeito, na Carta aos Romanos, diz: "Exorto-vos, portanto, pela misericórdia de Deus" (Rm 2,1), apesar de serem igualmente do Filho as comiserações. E: "Eu peço pelo amor do Espírito" (ib. 15,30), embora a caridade seja também do Pai. Por que então não fez menção do Filho, ao falar das comiserações, nem do Pai, a respeito da caridade. Omitiu porque era evidente e indubitável. Encontram-se ainda invertidas estas graças. Após também dizer: *"A graça de Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo"*, em outra passagem fala em comunhão do Filho e amor do Espírito: "Eu vos peço pelo amor do Espírito"; e na Carta aos Coríntios: "É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com o seu Filho" (1Cor 1,9). Assim o que pertence à Trindade, recusa qualquer divisão, e onde se encontra que a comunhão é do Espírito, acha-se também que é do Filho, e a graça, ora é do Filho, ora do Pai, ora do Espírito Santo: "A vós graça da parte de Deus, nosso Pai".

E noutro trecho, tendo enumerado muitas coisas desta espécie, acrescenta: "Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz" (1Cor 12,11). Assim me exprimo não para confundir as pessoas, de forma alguma, mas porque reconheço as distintas propriedades, e a unidade de natureza.

Por conseguinte, permaneçamos assim de sorte a mantermos a exatidão acerca destes dogmas e atrairmos o amor de Deus.

Com efeito, ele primeiro nos amou quando o odiávamos, e quando éramos seus inimigos reconciliou-se conosco; finalmente, quis amar os que já o amavam. Por conseguinte, persistamos em amá-lo, para também sermos amados por ele. Efetivamente, se somos amados por potentados, seremos geralmente respeitados; muito mais, se formos amados por Deus. E se por causa deste amor, precisarmos dar as riquezas e até o corpo e a própria vida, não hesitemos. Não basta atestar com palavras nosso amor, mas deve ser demonstrado por ações, visto que ele não demonstrou seu amor para conosco por palavras, e sim por obras. Tu, portanto, manifesta-o por obras e opera o que lhe apraz. Desta maneira hás de auferir lucro novamente. De fato, ele não precisa de coisa alguma que é nossa. É indício de amor verdadeiro que ele, apesar de não precisar de coisa alguma, nem viver na penúria, no entanto faça o possível a fim de ser amado por nós. Por isso, dizia Moisés: "E agora, Israel, que é que o Senhor teu Deus te pede? Apenas que o ames andando em seus caminhos" (Dt 10,12). Por conseguinte, ao ordenar que o ames, então mostra especialmente que te ama. Nada melhor para alcançarmos a salvação do que amá-lo. Observa, portanto, que todos os seus preceitos tendem a obter-nos repouso, salvação e glória. Pois, ao dizer: "Bem-aventurados os misericordiosos, bem-aventurados os puros de coração, bem-aventurados os mansos, bem-aventurados os pobres em espírito, bem-aventurados os que promovem a paz (Mt 5,3-9), ele nada recolhe para si, mas preceitua o que nos adorna e educa. E ao dizer: "Tive fome", não o profere porque precise de nosso serviço, mas para nos estimular a termos sentimentos humanos. Poderia, efetivamente, mesmo sem teu auxílio, alimentar o pobre; mas, para te conceder um imenso tesouro, emitiu este preceito. De fato, o sol, criatura sua, não precisa de nossos olhos (permanece brilhante, mesmo se ninguém o contemplar); mas somos nós que obtemos vantagens ao fruirmos de seus raios; quanto mais isso se aplica a Deus? Ora, para o aprenderes de outra maneira, escuta. Queres saber qual a distância entre nós e Deus? Tal qual entre nós e as moscas, ou muito mais? É claro que é mais, infinitamente mais. Se nós, portanto, que nos vangloriamos, não precisamos do ministério nem da glória das moscas, quanto mais Deus, isento das paixões e da penúria? Por conseguinte, ele em nós se compraz enquanto nos beneficia, e se alegra com a nossa salvação. Assim acontece que até muitas vezes deixa o que é seu, e procura o que é teu. "Se algum irmão tem esposa não cristã e esta consente em habitar com ele, não a repudie" (1Cor 7,11).

“Todo aquele que repudia a sua mulher, a não ser por motivo de fornicação, faz com que ela adultere” (Mt 5,32). Vês a bondade indizível? Se a mulher for adúltera, assegura, não te obrigo a habitares com ela; se, porém, é infiel, não proíbo. Ainda: Se tens dificuldade com alguém, ordeno que aquele que te molestou, deixe a minha oblação e acorra para junto de ti: “Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mt 5,23-24). O que exige esta parábola? Não indica a mesma coisa? Com efeito, o patrão teve compaixão do servo que consumiu dez mil talentos e lhe perdoou; e, ao exigir estes cem denários de seu companheiro de serviço, ele o denominou malvado e o entregou ao suplício (cf. Mt 18,24ss.); de tal modo cuida de teu repouso! Um estrangeiro estava para cometer um crime contra a esposa do justo, e o Senhor disse: “Fui eu quem te impediu de pecar contra mim” (Gn 20,6). Paulo, apóstolo, perseguia, e ele lhe disse: “Por que me persegues?” (At 9,4)? Outros estavam com fome; e assegura que é ele próprio que tem fome, e erra nu e forasteiro (cf. Mt 25,35), a fim de te envergonhar e induzir a dar esmolas. Ponderando, portanto, o principal de todos os bens, luz da alma e doutrina da virtude, a grande caridade que nos manifestou e manifesta, e que se dignou fazer-nos conhecida, promulgou uma lei de vida de seu agrado, fez tudo para nosso bem, deu-nos seu Filho, prometeu-nos o reino, chamou-nos aos bens ocultos, preparou-nos uma vida muito feliz, façamos e digamos tudo a fim de nos mostrarmos dignos de seu amor e benevolência e conseguirmos os bens futuros. Possamos obtê-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

1 Engano no original. Trata-se na verdade dos tessalonicenses.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué

2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias

3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Ireneu de Lião

5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, S. Agostinho

8. O livre-arbítrio, S. Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho

10. Confissões, S. Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho

12. A Graça (I), S. Agostinho

13. A Graça (II), S. Agostinho

14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia

15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia

16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho

17. A doutrina cristã, S. Agostinho

18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio

19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho

20. Contra Celso, Orígenes

21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers

23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo

24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho